A portrait of Fyodor Dostoevsky, wearing a dark hat and coat, looking slightly to the left. The background is a textured, light-colored wall.

FIÓDOR
DOSTOIÉVSKI

OS DEMÔNIOS

TRADUÇÃO DE
NINA GUERRA E FILIPE GUERRA



SÉTIMO
SELO

FIÓDOR
DOSTOIEVSKI

OS DEMÔNIOS



SÉTIMO
SELO

FIÓDOR
DOSTOIEVSKI

OS DEMÔNIOS



TRADUÇÃO DE
NINA GUERRA E FILIPE GUERRA

INTRODUÇÃO DE
NIKOLAI BERDIAEV



SÉTIMO
SELO

Os demônios

Fiódor Dostoiévski

1ª edição — abril de 2023 — CEDET

Título original: *Béssi*

Tradução do romance © Editorial Presença | Nina Guerra e Filipe Guerra

Tradução publicada por acordo com Editorial Presença, Portugal.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Av. Comendador Aladino Selmi, 4630 Condomínio GR Campinas 2, módulo 8

CEP: 13069-096 — Vila San Martin, Campinas/SP

Telefone: (19) 3249-0580

E-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

EDITOR:

Ulisses Trevisan Palhavan

TRADUÇÃO DO ROMANCE:

Nina Guerra e Filipe Guerra

TRADUÇÃO DA INTRODUÇÃO:

Christian Lesage

PREPARAÇÃO DE TEXTO:

Juliana Tessari Coralli

DIAGRAMAÇÃO:

Virgínia Morais

CAPA:

Nelson Provazi

LEITURA DE PROVA:

Mariana Souto Figueiredo

Paulo Bonafina

Flávia Regina Theodoro

CONSELHO EDITORIAL:

Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Silvio Grimaldo de Camargo

IMAGEM DA CAPA:

O estudante (1881), de Mykola Yaroshenko (1846–1898).

FICHA CATALOGRÁFICA

Dostoiévski, Fiódor (1821–1881).

Os demônios / Fiódor Dostoiévski; tradução de Nina Guerra e Filipe Guerra; introdução de Nikolai Berdiaev — 1ª ed. — Campinas, sp: Editora Sétimo Selo, 2023.

ISBN 978-65-88732-61-8

1. Literatura russa 2. Romance

I. Autor II. Título

CDD 891.7 / 891.73

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura russa — 891.7

2. Romance — 891.73



SÉTIMO
SELO

www.editorasetimoselo.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

Sumário

CRONOLOGIA

HISTÓRIA DO ROMANCE

CARTA DE DOSTOIÉVSKI AO GRÃO-DUQUE HERDEIRO A PROPÓSITO DE OS DEMÔNIOS

INTRODUÇÃO: O ASPECTO ESPIRITUAL DE DOSTOIÉVSKI

PRIMEIRA PARTE

1 - Em vez de introdução: alguns pormenores da biografia do estimadíssimo Stepan Trofímovitch Verkhovênski

2 - O Príncipe Harry. Pedido de casamento.

3 - Pecados alheios

4 - A menina coxa

5 - A serpente sábia

SEGUNDA PARTE

1 - A noite

2 - A noite (continuação)

3 - O duelo

4 - Todos à espera

5 - Na véspera da festa

6 - Piotr Stepánovitch atarefado

7 - Entre os nossos

8 - O príncipe encantado

9 - Stepan Trofímovitch sequestrado

10 - Flibusteiros. A manhã fatal

TERCEIRA PARTE

1 - A festa. O início

2 - O fim da festa

3 - O fim de um romance

4 - A última decisão

5 - A viajante

6 - Uma noite trabalhosa

7 - A última viagem de Stepan Trofímovitch

8 - Conclusão

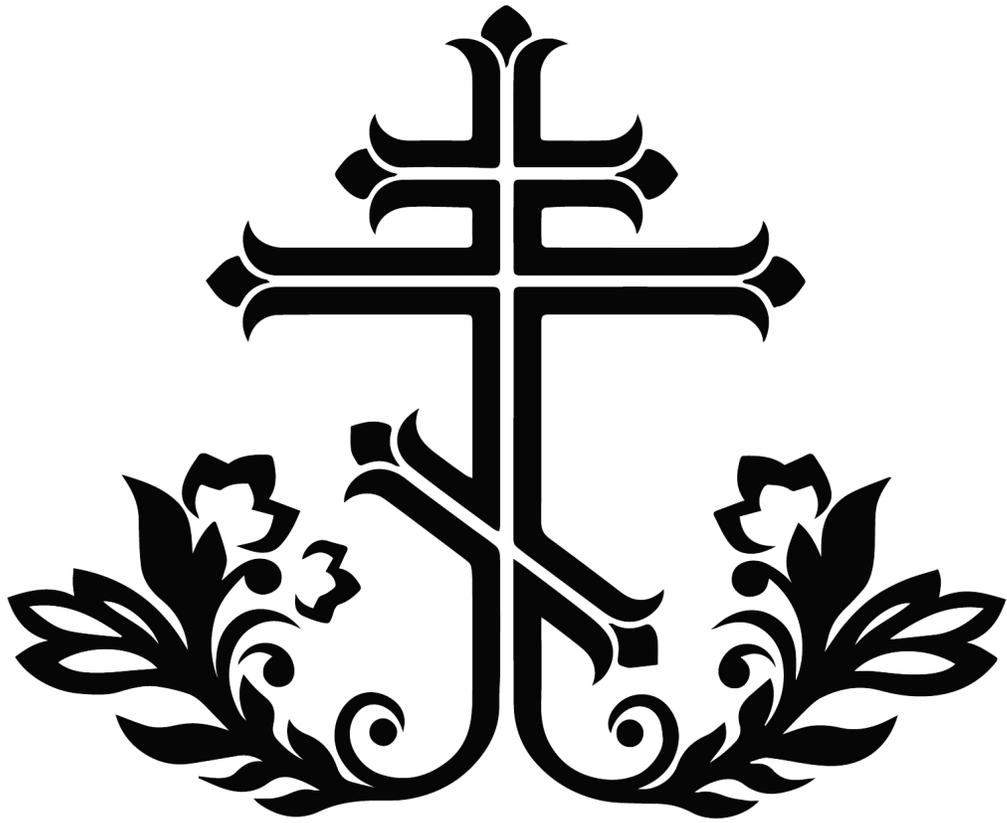
APÊNDICE

[Nota prévia](#)

[Com Tikhon](#)

[Lista de personagens](#)

[NOTAS DE RODAPÉ](#)





Fiódor Dostoiévski. Gravura em aço de autor desconhecido, 1877.

Cronologia

1821. Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski nasce a 30 de outubro¹ em Moscou, segundo de sete filhos de Mikhail Andréievitch Dostoiévski (1787–1839),² médico, e Maria Fiódorovna Netcháieva (1800–1837), proveniente de uma família de comerciantes. É batizado cinco dias após seu nascimento na Igreja de Pedro e Paulo. Transcorre a infância com a família no pavilhão do Hospital Mariínski para os Pobres, localizado nos arredores de Moscou, onde o pai, uma vez reformado, trabalha.

1831. Seu pai, o médico Mikhail Andréievitch, realizando velha aspiração, compra as propriedades rurais de Daravóie, na província de Tula, distante 150 quilômetros de Moscou, e um ano depois a propriedade adjacente, a aldeia de Tcheremóchnia, afundando a família em dívidas. A vida rural compensa, em certa medida, a melancolia da vida na cidade. Inicia as primeiras letras sob os cuidados maternos.

1834. Em Moscou, Fiódor e o irmão mais velho, Mikhail, são matriculados no Liceu Tchermák, onde o futuro romancista começará a revelar os primeiros entusiasmos pela literatura, dedicando-se principalmente ao conhecimento de autores russos e ocidentais mais em voga: os ingleses Walter Scott e Dickens; os franceses George Sand e Victor Hugo; os russos Púchkin e Jukóvski, entre outros.

1837. Em fevereiro, a mãe de Dostoiévski, Maria Fiódorovna, morre de tuberculose em Daravóie.

1838. É admitido na Academia de Engenharia Militar de São Petersburgo. No ambiente militar, onde predomina a matemática, o

entusiasmo literário de Dostoiévski adquire novo impulso: lê intensamente Balzac, Hoffman, Goethe, Victor Hugo, Shakespeare, Schiller e Racine.

1839. Seu pai, alcoólatra e tirânico, morre misteriosamente, assassinado talvez pelos servos de sua propriedade rural em Daravóie. Após receber a notícia da morte do pai, Dostoiévski tem seu primeiro ataque de epilepsia, doença que o atormentará pelo resto da vida.

1840. Em novembro, é promovido a suboficial.

1842. Em agosto, passa a subtenente. Muda-se para São Petersburgo.

1843. Em julho, chega a São Petersburgo um dos seus grandes heróis literários: Honoré de Balzac. Sob efeito dessa inesperada visita, Dostoiévski resolve traduzir *Eugénie Grandet* para o russo. Em agosto, conclui seus estudos de engenharia militar, passando para o serviço ativo.

1844. Em agosto, abandona a carreira militar, na qual tinha o cargo de engenheiro desenhista. Traduz *La dernière Aldini* de George Sand.

1846. Em janeiro, publica o primeiro romance, *Gente pobre*, cujo manuscrito, pouco meses antes, entusiasmou dois dos maiores críticos literários russos do século XIX, Vissarion Belínski (1811–1848) e Nikolai Nekrássov (1821–1878). Imprevista e repentina fama do escritor, que é comparado a Gógol. Em fevereiro, publica *O duplo*. Conhece Mikhail Petrachévski, defensor ferrenho do socialismo utópico de Fourier.

1847. Começa a frequentar o círculo Petratchévski, nome de um grupo secreto de socialistas utópicos, fundado em 1845, cujos membros se reuniam em casa de Mikhail Butachévitch-Petrachévski, a fim de discutir problemas políticos e ler literatura socialista proibida. Publica *A senhoria e Romance em nove cartas*. Em julho, sofre a primeira crise violenta de epilepsia.

1848. Publica *Coração fraco, Polzunkov, Noites brancas, Uma árvore de Natal e um casamento, O marido ciumento e O ladrão honesto*. Aproxima-se de Petrachévski e assiste, em dezembro, em casa deste, a uma conferência sobre fourierismo e comunismo.

1849. Começa a publicar em capítulos o romance *Niétotchka Niezvânova: história de uma mulher*, mas é preso em 23 de abril, na Fortaleza Pedro e Paulo,³ sob acusação de conspirar contra o governo juntamente com os membros do círculo Petratchévski. Na prisão, escreve a história infantil *Um pequeno herói*. Em decorrência de sua ousada confissão, na qual não faz questão de negar a própria simpatia pela doutrina do círculo, é destituído de todos os títulos e direitos de propriedade e condenado à execução por fuzilamento. Em 22 de dezembro, já diante do pelotão de fuzilamento na praça Semenóvski, recebe a notícia de que o Czar Nicolau I comutara a pena de morte em cassação dos direitos civis, 8 anos de trabalhos forçados na Sibéria — “teatro” sádico montado pelas autoridades, que esperaram o momento da execução para anunciar o perdão. Em 24 de dezembro, inicia a longa viagem (a pé) para a Sibéria; destinação final: a fortaleza de Omsk. O romance *Niétotchka Niezvânovanão* terá prosseguimento.

1850. Em 23 de janeiro, chega à pequena e miserável cidade de Omsk.

1854. Em fevereiro, deixa a chamada “casa dos mortos”, presídio de regime especial de Omsk, depois de quatro anos de trabalhos forçados. Serve como soldado o 7º Batalhão do Corpo de Exército Siberiano em Semipalátinsk, no Cazaquistão (servirá mais tarde como suboficial e, após a morte do Czar Nicolau I, como oficial). Começa a dar aulas particulares ao filho de um pequeno funcionário alfandegário, Aleksandr Ivánovitch Issáiev, por cuja esposa, Maria Dmítrievna Issáieva, se apaixonará. Estreita laços de amizade com o jovem Barão Aleksandr Iegórovitch Wrangel, enviado a Semipalátinsk como procurador, que o ajudará material e moralmente a reentrar no mundo literário.

1855. Em fevereiro, morre Nicolau I, sucedido pelo filho Alexandre I. A censura diminui. Começa a reunir apontamentos para seu futuro livro: *Recordações da casa dos mortos*. Em agosto, morre Aleksandr Ivánovitch Issáiev.

1857. Casa-se em Semipalátinsk com a viúva Maria Dmítrievna Issáieva, tuberculosa e de temperamento difícil. Na noite de núpcias sofre violento ataque epilético. Em abril, restituem-lhe os direitos nobiliários. Em agosto, publica sob pseudônimo *Um pequeno herói*.

1859. É dispensado por motivos de saúde: em julho, muda-se para Tver', ainda exiliado porém em liberdade relativa. Em dezembro, finalmente autorizado pelo imperador, regressa a São Petersburgo. Publica *O sonho do titio* e *A aldeia de Stepántchikovo*.

1860. Começa a publicar na revista *O Mundo Russo* (Russkii Mir) o romance *Recordações da casa dos mortos*, que marca a sua volta à literatura e à vida, depois de dez anos de exílio na Sibéria.

1861. Funda com o irmão Mikhail a revista literária *O Tempo* (Vremia), que publica, na estreia, a primeira parte de *Humilhados e ofendidos*. Publica também *O sonho de Petersburgo em verso e prosa*.

1862. Primeira viagem ao exterior (Paris, Londres, Suíça e Itália). Em Londres, encontra-se com o famoso escritor russo em exílio, Aleksandr Herzen (1812– 1870). Apaixona-se por Apollinária Súslova, aspirante a escritora, com a qual trará uma tormentosa relação por vários anos. Em agosto, regressa a São Petersburgo. Publica *Uma história desagradável*.

1863. Publica o livro *Notas de inverno sobre impressões de verão*, no qual conta, desiludido, a experiência no exterior. Em maio, a censura proíbe *O Tempo* por causa de um artigo sobre a questão polonesa. Em agosto, valendo-se de um empréstimo concedido pela Sociedade de Auxílio aos Escritores, parte novamente para o Ocidente. Em Wiesbaden, Alemanha, assalta-o a tentação do jogo. Encontra Apollinária Súslova, jovem estudante por quem se apaixonara, e

juntos, apesar de ela ter se envolvido com um estudante espanhol, partem para a Itália.

1864. É publicada a primeira edição da nova revista dos irmãos Dostoiévski, *Época* (Epocha), na qual aparecem as primeiras partes de *Memórias do subsolo*. Morrem a esposa (15 de abril), o irmão mais velho e seu melhor amigo (10 julho) e o poeta e jornalista Apollon Grigóriev (25 de setembro), um dos seus amigos mais leais e compreensivos; enfrenta graves dificuldades financeiras para a edição da revista. A última edição sairá em 22 março de 1865, na qual sairá o conto humorístico *O crocodilo*. Escreve o primeiro esboço de *Crime e castigo*, mas depois queima o manuscrito.

1865. Desesperado pelas dívidas assumidas no jogo. Apollinária Súslova rejeita sua proposta de casamento. Em julho, assina um contrato com o editor F. T. Stellóvski, mal afamado pela dureza de suas negociações, dando-lhe exclusividade de suas obras já publicadas e comprometendo-se a entregar-lhe um trabalho até novembro, sob pena de perder por nove anos os direitos sobre a obra. Em fins de julho, faz sua terceira viagem ao estrangeiro. Em Wiesbaden, outra vez perde tudo no jogo. Desesperado, pede auxílio financeiro a Aleksandr Herzen e Apollinária Súslova, confessando passar fome no hotel e alimentar-se exclusivamente de chá. Em outubro, regressa a São Petersburgo graças ao auxílio do Barão de Wrangel.

1866. Publica em capítulos *Crime e Castigo* na revista *Mensageiro Russo* (Rússki Véstnik), com entusiasmo do público. Promete continuação, mas não cumpre, pois recebe a encomenda de um novo romance e contrata a estenógrafa Anna Grigórievna Snítkina, para o auxiliá-lo a entregar a Stellóvski *O jogador* no prazo previsto.

1867. Viagem ao exterior, marcada pelas dificuldades financeiras devido a perdas no jogo, vício que carregará até os cinquenta anos. Casa-se com Anna Grigórievna de apenas 19 anos e, para escapar dos credores, vagueia com ela quatro anos pela Europa, começando por Berlim, Dresden, Frankfurt, Baden, Basileia e Genebra.

1868. Começa a publicar em capítulos *O idiota* em *Mensageiro Russo*. Sua filha Sófia nasce em fevereiro, mas morre três meses depois. O casal visita Vevey, Milão, Florença. Em dezembro, inicia um novo romance: *Ateísmo*.

1869. O casal visita Veneza, Bolonha, Trieste, Viena, Praga e Dresden. Em setembro, nasce sua filha Liubóva. Em dezembro, o projeto de *Ateísmo* se converte em uma série de cinco romances chamada *A vida de um grande pecador*, que permaneceria apenas uma pilha de notas sem ordem e nexos, mas que seria reaproveitado para a elaboração de *Os demônios* (1872), *O adolescente* (1875) e *Os irmãos Karamázov* (1881).

1870. Publica *O eterno marido*.

1871. Em janeiro, *Mensageiro Russo* começa a publicar os capítulos de *Os demônios*. Em abril, novamente seduzido pela roleta, volta a perder em Wiesbaden: desta vez se arrepende. Em julho, volta para São Petersburgo, onde nasce seu filho Fiódor. Cura-se do vício do jogo.

1872. Começa a sofrer de catarro e de um enfisema.

1873. Torna-se redator-chefe da revista conservadora *O cidadão* (Grazdanin), na qual publica sua coluna chamada *Diário de um escritor*.

1875. Em agosto, nasce seu filho Aleksei. Publica *O adolescente*, mal recebido pela crítica.

1876. Retornado como publicação independente, lança a revista *Diário de um escritor*. Publica *O mujique Marei*.

1878. Seu filho Aleksei morre após crise de epilepsia. Escreve *Os irmãos Karamázov*. Dostoiévski começa a frequentar o filósofo místico Vladimir Soloviov.

1879. Em janeiro, começa a publicar em capítulos *Os irmãos Karamázov*, publicado na íntegra somente no próximo ano.

1880. Em ocasião da inauguração do monumento a Aleksandr Púchkin, em 8 de junho pronuncia o famoso discurso sobre o poeta e sobre o destino da Rússia no mundo.

1881. Morre em São Petersburgo na noite de 28 de janeiro⁴ de hemorragia pulmonar associada com enfisema. Houve procissão fúnebre de aproximadamente 30.000 pessoas até o cemitério do Mosteiro Aleksandr Niévski, onde o corpo foi velado.

História do romance

Os demônios, cujo título original em russo é *Béssi* (Бесы), foi escrito a partir de 1870 e concluído entre 26 de novembro e 5 de dezembro de 1872. As primeiras partes foram publicadas em *Mensageiro Russo* em 1871 e a última em 1872 na mesma revista. A edição definitiva foi publicada em 1873 (3 mil exemplares) custeada pelo próprio casal Dostoiévski, especialmente por iniciativa da esposa Anna Grigórievna Dostoiévskaja, que não apenas corrigiu as provas, mas também tomou as decisões práticas para a publicação: comprou papel, lidou com o impressor, negociou com os representantes de livreiros (negando-lhes, por exemplo, um desconto superior a 20%).

A gênese

No outono de 1869, Dostoiévski se encontrava fora da Rússia e trabalhava naquele que considerava o projeto mais importante de sua carreira criativa: uma série de romances que se chamaria *A vida de um grande pecador*.⁵ Esta grande obra, planejada em escala tão vasta quanto *Guerra e paz*, dividir-se-ia em cinco volumes: “Infância”, “O convento”, “Antes do exílio” e outros dois que, ainda rascunhos, permaneceram sem título. Embora tenha se tornado apenas uma pilha de notas sem ordem e nexos, trata-se de uma obra de concepção magistral que, segundo o crítico literário Konstantin Motchoulski (1892–1948), representa o centro espiritual da obra do escritor, “como uma fonte subterrânea que alimenta com as suas águas os grandes romances das décadas de 1870 e 1880”. Com efeito, este projeto contra o ateísmo, que jamais foi concluído, seria mais tarde reaproveitado para a elaboração de *Os demônios* (1872), *O adolescente* (1875) e *Os irmãos Karamázov* (1881).

Nessa época ocorreu um fato que muito havia chocado e empolgado a imaginação de Dostoiévski, e que serviria, por fim, de base para *Os demônios*: o “caso Nietcháiev”. Trata-se do assassinato de um jovem estudante chamado Ivan Ivánov perpetrado por estudantes de um grupo revolucionário secreto liderado por Serguei Nietcháiev (1847–1882). Esse agitador sem escrúpulo algum, e com uma vontade de ferro, já havia redigido o *Catecismo de um revolucionário*, “cuja adesão utilitarista ao uso de quaisquer meios para obter fins sociais supostamente benéficos faz Maquiavel parecer um coroinha”;⁶ sob pretexto de insubmissão, esse agitador levou no dia 21 de novembro de 1869 seus companheiros do Instituto Agrônomo a assassinar o colega Ivanov e jogar seu cadáver em um açude.

Elaborando a ideia central

Desde então, referências a Nietcháiev, às proclamações e ao assassinato começam a surgir nas notas de Dostoiévski. Por experiência própria, ele sabia o que era uma sociedade revolucionária, pois também ele, até certo ponto, conspirara ao participar das reuniões do “Círculo Petratchévski”, onde socialistas utópicos, reunidos em casa de Mikhail Butachévitch-Petrachévski, discutiam problemas políticos, como o fourierismo e comunismo, e liam

literatura socialista proibida. Ele mesmo, nessas reuniões, lera a famosa carta que Belínski, do exterior, dirigira a Gógol, e na qual o renomado crítico literário acusa o autor de *Almas mortas* de se ter passado repentinamente para o campo da reação, abraçando a causa da monarquia absoluta, e na qual afirma ainda que o povo russo era profundamente ateu. E isso no ano de 1849, em pleno regime reacionário de Nicolau I. Em 23 de abril do mesmo ano, ele, junto com os membros do círculo Petratchévski, seria preso sob acusação de conspirar contra o governo. Dostoiévski foi agraciado pelo Czar Nicolau I: sua condenação à morte foi comutada em prisão na Sibéria, com trabalhos forçados. Ali, ao contato diário com os castigos e a miséria dos companheiros da “casa dos mortos”, seu interesse pelas ideias socialistas foi se diluindo, para transformar-se num profundo sentimento religioso (com efeito, a Bíblia que ganhara na prisão nunca mais deixaria o escritor).

Reunindo então a memória da juventude exaltada e da prisão na Sibéria, com as enxurradas de boatos e especulações que lia diariamente sobre o “caso Nietcháiev”, Dostoiévski desenvolveu a trama e traçou os caracteres de *Os demônios*. Assim Nietcháiev serve de modelo para Verkhovênski, líder também ele de um grupo revolucionário; Ivanov e o próprio Dostoiévski fundem-se no retrato do estudante Chátov, e assim por diante. Outros personagens também são tirados da vida real, porém são mais uma caricatura que propriamente um retrato, como o caso de Stepan Trofímovitch, cujo modelo é o liberal e livre-pensador russo Timofei Granóvski (1813–1855). Era este um personagem necessário “para estabelecer a filiação desses niilistas que iam atuar agora em sua obra; precisava fazer crer que eram os filhos de geração anterior, que haviam sido engendrados pelos racionalistas e céticos dos últimos anos, pelos homens amamentados pela Revolução Francesa, e que falavam francês, preferindo a linguagem da ama de leite à materna”.² Stepan Trofímovitch, pai de Verkhovênski, o “demônio” principal, representa os Belínskis e Granóvskis, ao passo que seu filho e o grupo que lidera são uma réplica, em termos de arte, dos Nietcháiev e suas sociedades revolucionárias, de “um dos mais perigosos males de nossa civilização atual”, como diz o autor na sua carta ao grão-duque herdeiro a propósito de *Os demônios*.

Afinal, não havia praticamente previsto essa consequência das ideias radicais quando criou Raskólnikov? Nietcháiev e seu grupo tinham apenas tirado as conclusões e cometido as ações que, em *Crime e castigo* (1866), Dostoiévski havia imaginado somente como possibilidades extremas e “fantásticas”. E quem, em última análise, era responsável por essa perversão da juventude russa, capaz agora dos crimes mais atrozes em nome da revolução, senão a geração dos anos 1840, a geração do próprio Dostoiévski e de luminares como Belínski, Herzen, Bakúnin e Turguêniev.

Tendo concebido o romance como um panfleto político sobre os modernos Nietcháiev e seus “pais” — os liberais ocidentais da década de 1840 —, levantando assim questões sobre as origens e causas do niilismo moderno, sobre a relação entre representantes de diferentes gerações na sociedade, Dostoiévski voltou-se para a experiência de seus predecessores literários e, antes de tudo, para a experiência de Turguêniev, o descobridor artístico do niilismo, e seu já célebre *Pais e filhos*.

O segredo da genialidade

Dostoiévski sempre encontrou sua inspiração nos acontecimentos mais imediatos e sensacionais do dia — acontecimentos muitas vezes banais e até mesmo sórdidos — para

depois elevar esse material, em suas melhores obras, ao nível do genuinamente trágico. Essa união do contemporâneo e do trágico era o verdadeiro segredo de sua genialidade, e ele descobriu por fim que era impossível manter a disjunção forçada e artificial entre um e outro que pensava poder impor. A grande obra que chamava de seu “poema” não podia ser dissociada do “panfleto” sociopolítico no qual havia se jogado, e os dois acabaram misturados em seu romance-tragédia sem precedentes, *Os demônios*.

Escrevendo a Máikov um dia depois de despachar os primeiros capítulos, Dostoiévski explica como via o livro que estava começando a escrever (ou reescrever):

É verdade que os fatos também nos provaram que a doença que afligiu os russos esclarecidos foi muito mais virulenta do que nós mesmos tínhamos imaginado, e que não terminou com os Belínskis e os Kraiévskis e sua laia. Mas, naquele momento, o que aconteceu foi atestado por São Lucas: os demônios entraram em um homem e seu nome era Legião, e pediram-Lhe: “Permita-nos entrar nos porcos”, e Ele lhes permitiu. Os demônios entraram nos porcos, e toda a vara se precipitou por um despenhadeiro ao mar e se afogou. Quando as pessoas saíram para ver o que acontecera, encontraram o homem que tinha sido possuído agora sentado aos pés de Jesus vestido e em perfeito juízo, e aqueles que testemunharam isso contaram por que meios aquele que estava possuído por demônios foi curado.⁸

Joseph Frank, biógrafo do autor, observa que Dostoiévski desejava acreditar que a Rússia também seria por sua vez curada dessa maneira; contudo, sabia que tais esperanças continuavam sendo uma mera possibilidade remota, visível, se tanto, somente aos olhos “perspicazes de profetas”, como Máikov e ele próprio. O que Dostoiévski via por toda parte — e retrataria em seu romance — era o processo de contaminação e autodestruição, e não o resultado final da purificação. A carta continua:

A mesma coisa aconteceu em nosso país: os demônios saíram do homem russo e entraram numa vara de porcos, isto é, nos Nietcháievs e Sierno-Solovióvitches *et al.* Estes se afogaram ou se afogarão, e o homem curado, de quem os demônios já saíram, senta-se aos pés de Jesus. [...] E tenha isso em mente, meu caro amigo, que um homem que perde seu povo e suas raízes nacionais também perde a fé de seus pais e seu Deus. Bem, se você quer mesmo saber — esse é, em essência, o tema de meu romance. Ele se chama *Os demônios* e descreve como os demônios entraram na vara de porcos.

São esta e outras considerações que levaram Henri Troyat a considerar *Os demônios*

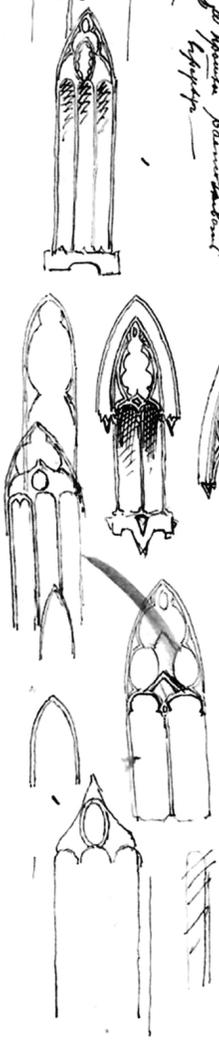
uma antecipação brilhante, uma profecia terrível, cujo alcance o público não pôde avaliar quando a obra apareceu. Dostoiévski só viu nela uma caricatura da época. Não foi capaz de discernir neste romance a promessa atroz de uma outra era. Tampouco percebeu que essa “caricatura” logo se tornaria um retrato assustadoramente parecido. A tragédia da Revolução Russa deu um desfecho sinistro a este grande livro que a anunciou.

O resultado é uma obra-prima, uma obra profética ambientada na Rússia pré-revolução, que antevê o pesadelo comunista. Assim Joseph Frank resume a importância de *Os demônios*:

O alcance de seu quadro, a brilhante ferocidade de seu engenho, a força e a percepção profética de sua sátira, sua capacidade incomparável de dar vida e encarnar em personagens as mais profundas e complexas questões morais e filosóficas e ideias sociais — tudo se combina para fazer desse ‘poema-panfleto’ talvez a criação mais deslumbrante de Dostoiévski. Trata-se de um drama histórico-simbólico sem precedentes que pretende abranger todas as forças da cultura russa do século XIX até o seu tempo, e distinta de qualquer outra obra no período na literatura russa ou europeia. Mesmo com a enxurrada de romances desse tipo no século XX, *Os demônios* continua insuperável como retrato espantosamente presciente dos atoleiros morais — e da possibilidade de os mais elevados princípios traírem a si mesmos — que continuaram a perseguir o ideal revolucionário desde a época de Dostoiévski até (e de maneira ainda mais espetacular) os nossos dias.⁹

Еще богаче и еще выше, но не так
 широкая как у нас, и еще
 выше и шире, но не так

Полуарка.



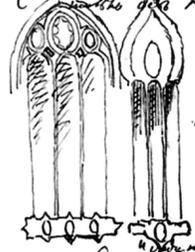
Нарядно и просто
 и просто и нарядно

Воспоминание о Крестовых, а не о Крестовых
 Идея Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых

Воспоминание о Крестовых, а не о Крестовых
 Идея Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых
 Идея Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых
 Идея Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых

Идея Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых
 Идея Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых

(Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых)

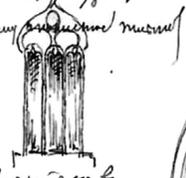


Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых
 Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых

Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых
 Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых

Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых
 Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых

Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых
 Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых



Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых
 Крестовых в Крестовых, а не о Крестовых

Carta de Dostoiévski ao grão-duque herdeiro a propósito de *Os demônios*

Tendo o Czarevich¹⁰ Alexander Alexandrovich (1845–1894), futuro Alexander III, manifestado durante uma conversa com o procurador-geral do Santo Sínodo, K. P. Pobedonóstsev (1827–1907), o desejo de saber como o autor de *Os demônios* interpretava sua própria obra, Dostoiévski enviou-lhe, em janeiro de 1873, um exemplar do romance, que acabava de editar por conta própria, acompanhado da carta que a seguir transcrevemos e na qual expõe sua opinião sobre as causas do movimento revolucionário russo.

Vossa Alteza Imperial,

Senhor mui gracioso,

Concedei-me a honra e a alegria de apresentar à atenção de Vossa Alteza o meu trabalho. É quase um estudo histórico, pelo qual pretendi explicar a possibilidade de fenômenos tão monstruosos em nossa estranha sociedade como o movimento Nietcháiev. Minha opinião é que esse fenômeno não é fortuito ou isolado, mas antes uma consequência direta da imensa ruptura entre toda a nossa formação intelectual e os fundamentos primitivos e originais da vida russa. Mesmo os representantes mais talentosos de nossa civilização pseudoeuropeia há muito estão convencidos de que é absolutamente criminoso para nós, russos, sonhar com nossa originalidade. O mais espantoso de tudo é que eles estão absolutamente certos, pois, no momento em que nos declaramos arrogantemente europeus, renunciamos a ser russos. Preocupados e apavorados pela distância que, em nosso desenvolvimento intelectual e científico, nos separa da Europa, esquecemos que, nas profundezas e nas aspirações do espírito russo, encerramos dentro de nós mesmos, enquanto russos, e com a condição de que nossa civilização permaneça original, a faculdade de talvez levar ao mundo uma nova luz. Na embriaguez de nossa humilhação, esquecemos essa lei histórica imutável, isto é, que sem o orgulho de nosso próprio significado mundial, enquanto nação, nunca poderemos ser uma grande país nem deixar em nosso rastro a menor contribuição original para o benefício da humanidade. Esquecemos que todas as grandes nações manifestaram suas forças imensas precisamente porque eram tão “orgulhosas” de si mesmas e porque foram úteis ao mundo; que cada uma delas lhe emprestou a sua contribuição, ainda que fosse um raio de luz, e isso precisamente porque se mantiveram altiva, inabalavelmente — e sempre com orgulho — elas próprias.

Ter e expressar tais ideias significa condenar-se a um papel de pária. E, no entanto, os mais importantes propagadores de nossa não-originalidade nacional foram os primeiros, e com horror, a se afastar do caso Nietcháiev. Nossos Belínskise nossos Granóvski não acreditariam, se lhes dissessem, que são os terríveis pais dos Nietcháievs. Foi este parentesco, esta permanência da ideia que se desenvolve passando de pais para filhos, que eu procurei exprimir em minha obra. Nem de longe fui bem sucedido, mas trabalhei diligentemente.

Lisonjeia-me e infunde-me ânimo a esperança de que vós, senhor, herdeiro de um dos mais elevados tronos do mundo, chamado para ser o guia e senhor da terra russa, vós talvez tereis considerado com alguma atenção a minha tentativa — hesitante, fraca, eu bem sei, mas conscienciosa — de representar, por meio da arte, um dos mais perigosos males de nossa civilização atual, uma estranha civilização, sem caráter ou originalidade, mas que, até o presente momento, dirige a vida russa.

Com meus sentimentos de infinito respeito e gratidão, permiti-me, gracioso senhor, declarar-me vosso mui fiel e mui devotado servo,

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Introdução:

O aspecto espiritual de Dostoiévski

O que eu me proponho a escrever aqui não é um ensaio de história literária; não pretendo dar nem uma biografia nem um retrato de Dostoiévski, e ainda menos fazer crítica literária. Por outro lado, não se poderá dizer que eu esteja abordando o tema do ponto de vista psicológico, ou que me proponha a fazer revelações de ordem psicológica. Não, o problema para mim é bem diferente: meu trabalho se refere à *pneumatologia*,¹¹ e não à psicologia. Meu objetivo é revelar a parte espiritual de Dostoiévski. Eu gostaria de penetrar até às profundezas na sua maneira de sentir o universo, e com estes elementos reconstruir por intuição toda sua visão do mundo.

Dostoiévski não foi apenas um grande artista, foi um grande pensador e visionário, além de um dialético genial e o maior metafísico da Rússia. As ideias desempenham um papel predominante em seu trabalho, e sua admirável dialética ocupa nele uma posição igual à de sua extraordinária psicologia. Esta dialética faz parte da própria natureza de sua arte: é pela arte que Dostoiévski penetra no mundo das ideias até seus fundamentos, e o mundo das ideias, por sua vez, permeia sua arte. Pois as ideias vivem nele uma vida orgânica, têm um destino vivo e inelutável. Uma existência dinâmica no grau mais elevado. Nada é estático: não há paralisação, não há esclerose. Dostoiévski estudou exclusivamente o processo vivo deste dinamismo, levantou ideias em sua obra como redemoinhos de fogo, e as envolveu numa atmosfera ardente. Conceitos arrefecidos não lhe interessam. Ele traz em si um sopro do espírito de Heráclito: tudo é fogo e movimento, oposição e combate. As ideias são ondas de chamas, nunca categorias estáticas. Toda ideia, em Dostoiévski, está ligada ao destino do

homem, ao destino do mundo, ao destino de Deus. As ideias determinam esses destinos. Ontológicas, isto é, encerrando nelas a própria substância do ser, elas guardam oculta, em estado latente, a energia destruidora da dinamite. Dostoiévski nos mostra que sua explosão espalha ruínas ao redor. Mas elas também possuem a energia capaz de devolver a vida. O mundo das ideias, como Dostoiévski o concebe, é inteiramente original, e difere inteiramente daquele de Platão. Para ele, as ideias não são os protótipos do Ser, entidades primevas, muito menos normas: são o destino do ser vivo, a energia de fogo que o impulsiona. De forma tão ampla quanto Platão, Dostoiévski reconhece às ideias um valor próprio: a despeito da moda atual que tende a negar este valor autônomo das ideias e a ignorar seu valor em cada escritor, Dostoiévski não pode ser compreendido — na verdade, nem sequer discutido — sem que se mergulhe totalmente no universo das ideias, tão vasto e original em sua obra. A obra de Dostoiévski é um verdadeiro banquete do pensamento. E aqueles que se negam a participar, e cujas reflexões céticas negam a eficácia de todo pensamento, condenam-se a uma existência espiritualmente reduzida e monótona.

Dostoiévski descobriu novos mundos, mundos em movimento, somente através dos quais os destinos humanos são inteligíveis. Não podemos acessá-los enquanto limitarmos nossas pesquisas ao aspecto formal da arte ou à psicologia. É este universo que eu quis penetrar até suas profundezas a fim de nele capturar o que chamarei de “concepção do mundo” de Dostoiévski. O que é exatamente a visão de mundo de um escritor, senão sua penetração completamente intuitiva na essência mais íntima deste mundo, tudo que o criador descobre no universo e na vida? Não se trata aqui de um sistema abstrato, como não se pode pedir, ao menos, a um artista, mas, em Dostoiévski, de uma intuição genial da existência humana e universal. Intuição artística, mas não exclusivamente: intuição intelectual, também, filosófica, verdadeiramente uma “gnose”. Em um sentido particular da palavra, Dostoiévski foi um gnóstico. Sua obra é um conhecimento, uma ciência do espírito. Ele teve do mundo uma concepção altamente dinâmica, e é como tal que tentaremos captá-la. De fato, se

considerarmos as coisas do ponto de vista dinâmico, deixa de haver contradição em sua obra. Ele comprova o princípio da *coincidentia oppositorum*.¹² Extrai-se da leitura de Dostoiévski um novo saber. E é este ensinamento que procurarei salientar integralmente

Muito foi escrito sobre Dostoiévski, coisas verdadeiras e interessantes. Ninguém, no entanto, soube abraçar o conjunto de sua personalidade. Todos que o abordaram o fizeram de um ponto de vista limitado, e estudaram apenas o que se enquadrava no âmbito de suas pesquisas.

Assim, para alguns, Dostoiévski foi o defensor dos “humilhados e ofendidos”; para outros, “um talento cruel”; para outros ainda, o profeta do novo cristianismo; foi quem descobriu o “homem subterrâneo”; e foi, finalmente, o protótipo do ortodoxo e o arauto da ideia messiânica russa. Mas ninguém se aventurou a fazer a síntese de todos esses diferentes aspectos, muito menos a crítica russa tradicional, à qual Dostoiévski se manteve completamente fechado, como todos os outros grandes fenômenos da literatura russa. Mikhailóvski,¹³ por exemplo, era organicamente incapaz de compreendê-lo. É porque, para entender realmente o autor dos *Karamázov*, é preciso uma alma talhada de certa maneira, uma alma de alguma forma próxima à de Dostoiévski: e será preciso aguardar o início do século xx, e o movimento espiritual e intelectual que o marcou, para encontrar precisamente essas almas. Data também desta época o prodigioso interesse dedicado à obra de Dostoiévski.

Deve ser citado, sobretudo, o livro de Merejkovski¹⁴ intitulado *Lev Tolstói e Dostoiévski*, o melhor de todos os que foram escritos até agora. O erro do autor foi ter se preocupado demasiado exclusivamente com a exposição das teorias religiosas de Dostoiévski, paralelamente às de Tolstói. Para ele, Dostoiévski não foi senão o instrumento de doutrina da ressurreição da carne, e ele não percebeu a singular originalidade deste espírito. E, embora ele tenha aberto sobre Dostoiévski horizontes ainda desconhecidos, seu livro se mostra falso em seu princípio. Um grande escritor é uma manifestação completa do espírito e, como tal, deve ser considerado em sua unidade. Esta

unidade só pode ser penetrada intuitivamente, incorporando-se a ela, “vivendo-a”. De nada adiantaria analisá-la de fora, para tentar em seguida recompor seus fragmentos. Ela morreria antes, sob a faca de quem empreendeu a vivisseção. Diante deste elevado fenômeno espiritual que é um homem de gênio, é preciso comportar-se com a alma de um crente. Não seguiremos o exemplo de muitos de nossos contemporâneos, sempre inclinados a tratar com bisturi o escritor que amam, suspeitando de alguma enfermidade oculta, algum câncer secreto: iremos a Dostoiévski pelo caminho dos crentes, mergulhando sem segundas intenções no mundo de suas ideias dinâmicas, a fim de penetrar o segredo de sua concepção fundamental do mundo.

•

Já se disse que todo gênio é nacional, mesmo e sobretudo na medida em que é humano: isso é incontestavelmente verdadeiro quando se trata de Dostoiévski. Ele é especificamente russo, russo até o fundo, o mais russo de todos os escritores da Rússia; e ao mesmo tempo o mais humano, tanto por si mesmo quanto pelos assuntos que escolheu. “Sempre fui verdadeiramente russo”, escreveu ele a Máikov.¹⁵ A obra de Dostoiévski é uma interpretação russa do Universal. Eis por que desperta tanto interesse entre os ocidentais. Eles procuram nele ao mesmo tempo uma revelação de ordem geral sobre as questões que os assombram, e a revelação daquele mundo diferente, para eles enigmático, o mundo oriental russo. Compreender plenamente Dostoiévski é assimilar uma parte essencial da alma russa, decifrar parcialmente o segredo da Rússia.

Outro grande gênio russo, Tiútchev,¹⁶ disse:

*Não se pode compreender a Rússia pela inteligência,
Não se podemedi-la com um metro comum.*

Dostoiévski reflete todas as contradições do espírito russo, todas as suas antinomias, que por sua vez provocaram tantos julgamentos contraditórios sobre a Rússia e seu povo. A arquitetura espiritual deste

povo pode ser nele seguida e estudada. Os russos dividem a si próprios entre “apocalípticos” e “niilistas”, o que significa que não suportam um clima psíquico mediano, e que seu temperamento os leva irresistivelmente aos extremos. “Apocaliptismo”, niilismo, a mesma tendência ao excesso, e a mesma necessidade de levar as coisas ao limite, os arrastam em direção a estes dois polos. A estrutura da alma do russo difere aqui profundamente da do alemão ou do francês; o alemão é um místico ou um criticista, o francês um cético ou um dogmático. De todos, o russo é o mais inadequado a desenvolver uma cultura, a traçar para si um caminho histórico. Um tal povo poderá um dia ser feliz em sua história? Dos termos opostos a que chegaram, nos extremos da religião e do ateísmo, apocaliptismo e niilismo destroem também a cultura e a história que ocupam o meio do caminho. E se o russo está em revolta contra esta cultura e esta história, se suprime todos os valores e faz tábula rasa, é difícil discernir se está agindo como niilista ou como apocalíptico, convencido de que o mundo será tragado por um vasto desenlace religioso. “O niilismo surgiu entre nós”, escreve Dostoiévski em seu *Diário*, “porque somos todos niilistas”. É este niilismo que ele estuda até o fundo, um niilismo que, mais uma vez, nada mais é do que um apocaliptismo invertido.

Pode-se ver como essa disposição de espírito dificulta o trabalho histórico de um povo e a elaboração de seus valores culturais, e como é desfavorável a qualquer disciplina espiritual. Foi o que Leontiev¹⁷ quis expressar dizendo que o russo pode ser um santo, mas não um homem honesto. A honestidade é uma espécie de meio-termo moral, uma virtude burguesa que não interessa aos extremistas, convencidos de que este mundo vai acabar. Característica fatal ao povo russo, de resto, pois os santos são exceções, ea grande maioria está fadada à desonestidade. Para alguns poucos que alcançam uma vida espiritual mais elevada, a maioria permanece muito abaixo da média educada de outros povos. É por isso que entre os russos é tão marcante o contraste entre uma elite que atingiu o nível espiritual mais perfeito e a massa analfabeta. Não há cultura média na Rússia, não há um meio cultural, e quase nenhuma tradição cultural. Neste aspecto, quase todos os russos são niilistas. Por quê? Porque a cultura não resolve os

problemas definitivos, a evasão do processo terreno; pelo contrário, fortalece o meio humano. Para o “rapaz russo” (uma expressão cara a Dostoiévski) absorvido pela resolução das questões metafísicas, por Deus e pela imortalidade, ou pela organização da humanidade de acordo com um novo regramento, tanto para o ateu, quanto para o socialista ou para o anarquista, a cultura representa um obstáculo no caminho de seu movimento impetuoso rumo a um desenlace. Enquanto o povo do Ocidente se esforça para organizar o mundo historicamente, os russos querem encontrar imediatamente sua saída, por um formidável salto. Daí sua antipatia pelo elemento formal, seja no direito, na soberania, na arte, na filosofia ou na religião. Pois forma pressupõe medida e estabelece limites, ou seja, tudo o que o niilista e o apocalíptico rejeitam, em sua revolta. Em seu interessante livro *Prussianismo e socialismo*, Spengler¹⁸ escreve que a Rússia é um mundo à parte, ininteligível e misterioso para o europeu, e descobre nela “uma revolta apocalíptica contra a antiguidade”. Os apocalípticos e os niilistas russos se postam nos confins extremos da alma. Dostoiévski levou a fundo o estudo desta dupla tendência, tendo sido o primeiro a denunciar esta espécie de histeria metafísica da alma russa, sua inclinação excessiva para a obsessão e o arrebatamento. Ele estudou suas faculdades revolucionárias, tão intimamente ligadas às suas faculdades de reação, ao movimento das Centenas Negras,¹⁹ como se dizia então. O destino histórico da Rússia confirmou a profecia de Dostoiévski: a Revolução se deu em grande parte *como previu Dostoiévski*. E por mais destrutiva e assassina que se mostre, não deve por isso ser considerada menos russa, e nacional. Autodestruição e autoconsumição são traços nacionais da Rússia.

Profundamente afetado por esta disposição de sua raça, Dostoiévski cruzou os limites da vida psíquica revelando, no plano mais distante, profundidades espirituais. Sob as camadas já exploradas pelo psicólogo, iluminadas por uma luz racional, submetidas às normas da razão, ele desvenda em cada ser um foco vulcânico: vulcões subterrâneos cuja erupção preencherá sua obra. Esta força latente, esta energia espiritual revolucionária, levará um longo tempo para ser

forjada. O solo que a encerra se tornará cada vez mais vulcânico, enquanto na superfície a alma permanece, em seu equilíbrio antigo, sujeita às antigas leis. E então, subitamente, o estouro, a explosão da dinamite. Dostoiévski foi o arauto do espírito revolucionário que se formava. Ele não expressou nada em sua obra, senão o dinamismo apaixonado e tumultuado da natureza humana. O homem, neste momento, se afasta da ordem social, deixa de obedecer às regras, penetra um universo de outra dimensão. Com Dostoiévski, nasce de fato uma nova alma, uma nova percepção do mundo. De resto, este dinamismo exclusivo do espírito, esta mobilidade que é da natureza do fogo, ele os carregava no fundo de si mesmo. “O pior de tudo”, escreveu ele a Máikov, “é que a minha natureza é vil, e excessivamente apaixonada. Em tudo, vou aos extremos: toda minha vida eu fui além das medidas”. Devorado, consumido pela paixão interior, sua alma estava sempre em chamas. Chamas infernais, das quais ele escapava para alcançar a luz. Todos os heróis de Dostoiévski são, na verdade, ele mesmo. Seguem o caminho que ele tomou; são deles os diferentes aspectos de seu ser, seus tormentos, sua ansiedade, sua dolorosa experiência. E é por isso que sua obra não contém nenhuma parte épica, nenhuma reprodução de um meio objetivo, de um modo de vida objetivo, nenhum dom de ressurreição do mundo exterior em sua diversidade, nada, em suma, do que constitui a parte mais forte do trabalho de Lev Tolstói. Os romances de Dostoiévski não são, a rigor, romances: constituem uma tragédia, a tragédia interior do destino humano único, do espírito humano único que se revela em seus diferentes aspectos e em diferentes etapas da sua jornada.

Dostoiévski teve o dom de capturar o homem em sua tumultuada, apaixonada e exaltada mobilidade. O próprio leitor se sente arrastado por este furacão, que percorre toda a sua obra. Esses movimentos tumultuosos, o homem os esconde nas regiões mais profundas de seu ser: a grande arte de Dostoiévski teria sido expressar os movimentos ocultos que agitam o subsolo da natureza humana. Ímpeto dinâmico, que perturba perpetuamente todas as coisas existentes. De nada serve voltar-se para a ordem estabelecida, sancionada pelo passado, como faz Tolstói, é unicamente para o desconhecido Porvir que se deve

olhar. Pode-se ver como esta arte é profética. Ela desvenda o segredo do homem. E para isso, ela o estuda, não em seu meio estável, em sua vida social cotidiana, nas formas normais e racionais de sua existência, mas no inconsciente, na loucura e no crime. Pois é na loucura e não na sanidade, no crime e não na legalidade, nas correntes obscuras, inconscientes e não nas práticas cotidianas, nas partes da alma iluminada pela grande luz da consciência, que se pode sondar as profundezas da natureza humana e tocar os seus limites. A obra de Dostoiévski é dionisiaca ao máximo. Dionisismo que engendra tragédia, pois não pode nos mostrar senão a natureza exaltada do homem, de modo que diante de semelhante pintura todo o resto nos parece insípido. É como se, tendo visitado outros universos e outros planos, voltássemos ao nosso mundo medido e organizado, ao nosso espaço tridimensional. Uma leitura aprofundada de Dostoiévski é um evento na vida que proporciona à alma algo como um batismo ardente. O homem que viveu no universo que ele forjou retém verdadeiramente, deste universo, a revelação de formas inéditas do ser, pois Dostoiévski é antes de tudo um grande revolucionário do espírito, erigido contra todas as formas de estagnação e esclerose.

Há um contraste marcante entre Dostoiévski e Lev Tolstói. Dostoiévski, o arauto do espírito revolucionário em formação, a natureza prodigiosamente dinâmica, voltada para o Porvir, é aquele que se declara ligado ao solo nativo, que afirma a virtude das tradições da história, do legado das coisas sagradas, que reconhece o governo e a Igreja oficial da Rússia. Tolstói, ao contrário, nunca foi um revolucionário de espírito; ele é pintor da matéria estática, do meio social tal como existiu e existe; ele olha ainda para o passado, não para o futuro. Entretanto, é ele quem se revolta contra todas as tradições históricas e religiosas, é ele quem, na sua intransigência sem precedentes, nega a Ortodoxia e nega o Império, e não quer nem mesmo aceitar a primazia da cultura. Dostoiévski demonstra a natureza profunda do niilismo russo. Tolstói declara a si próprio niilista, destruidor de relíquias e de todos os valores. Dostoiévski sabe da revolução que está prestes a acontecer, e que se elabora nas regiões subterrâneas do espírito. Ele prevê os caminhos que ela tomará e os

frutos que dará. Tolstói, por sua vez, não sabe que a revolução está sendo elaborada, não a prevê, mas ele mesmo está preso, como um cego, às engrenagens deste processo revolucionário em andamento. Dostoiévski se movimenta no espiritual, e daí percebe tudo. Tolstói se mantém no reino psíquico e carnal, de onde não pode entender o que se realiza em profundidade. É possível, de resto, que Tolstói tenha sido um artista mais perfeito do que foi Dostoiévski, que seus romances sejam melhores enquanto romances. Ele foi o grande retratista daquilo que é; Dostoiévski ocupou-se somente com o Porvir. Ora, é mais fácil alcançar a perfeição na matéria estática do que na matéria em evolução. Mas Dostoiévski é maior pensador que Tolstói; é iniciado em mais coisas, e, enquanto este segue adiante sem virar a cabeça, aquele conhece a eterna contradição humana que o força a retroceder a cada passo. A própria vida é concebida por Dostoiévski em relação ao espírito do homem, e, por isso, ele sabe que será realizada a revolução, que ruge no fundo deste espírito. Mas para Tolstói, a vida é uma emanção da natureza; ele não vê nela senão o fluido vital que circula perpetuamente através de plantas e animais; ele só observa um processo biológico contra cujas leis ele se revolta. A moral unilateral de um Tolstói não poderia nunca ter sido a deste vidente do coração humano que foi Dostoiévski. E, se for repetido que o primeiro emprestou às formas do passado a inquestionável perfeição de sua arte, perfeição que o segundo sabia que não poderia alcançar em seu domínio, ainda não fixado, do Porvir, pode-se concluir que a arte de Tolstói é a arte de Apolo; a de Dostoiévski, a arte de Dionísio.

Sob outro aspecto, é curioso prosseguir no paralelo. Durante toda a vida, Tolstói procurou por Deus, como o faz o pagão, o homem próximo da natureza, que está, por essência, muito afastado dele. Sua mente é assombrada pela teologia, e ele é um mau teólogo. Ao contrário, Dostoiévski se preocupa muito menos com Deus do que com o homem e seu destino, com o enigma do espírito. É a antropologia que o assombra, não a teologia. Não é o problema divino que ele tem de resolver, como o pagão, o homem que se manteve próximo à natureza, mas como o homem espiritual, como o cristão, é, ao contrário, o problema do homem. Pois a questão de Deus é a

questão que se coloca o homem. A questão do homem, é a questão que Deus se coloca, e talvez seja precisamente por intermédio do enigma humano que melhor poderemos nos aproximar dele. Dostoiévski não foi teólogo, e entretanto esteve mais próximo do Deus vivo que Tolstói, pois Deus se revela a ele no destino do homem. Ser teólogo pode ser menos conveniente do que ser antropólogo.

•

Dostoiévski foi um realista? Antes de esclarecer esta questão, cabe perguntar em que medida uma arte original e grandiosa pode ser realista. Sem dúvida, o próprio Dostoiévski gostava de designar-se como tal, e considerava que seu realismo era o próprio realismo da vida. Ele certamente não atribuía a esta palavra o mesmo sentido que a crítica oficial, ao afirmar a existência de uma escola realista, cujo líder seria Gógol: nada daquilo a que ela confere este rótulo existiu jamais na obra de Gógol, e menos ainda na de Dostoiévski. A verdade é que toda arte original é simbólica: é uma ponte entre dois mundos, o signo sob o qual se expressa uma realidade profunda, a autêntica realidade.

O objetivo da arte é, indo além da realidade empírica, expressar a realidade oculta, mas ela não pode nunca reproduzi-la diretamente, e sim por meio de símbolos, de sombras projetadas. Ninguém menos do que Dostoiévski se preocupou com o mundo empírico. Sua arte está inteiramente imersa nessa realidade profunda, nesse universo espiritual. A própria construção de seus romances não lembra em nada a dos chamados romances “realistas”. Pela fabulação exterior, relatando algum inverossímil romance criminal, sente-se por toda parte a presença desta realidade interna, diferente, mais real que a outra. Pois, em Dostoiévski, o mundo empírico, as formas exteriores da vida, o homem de carne e osso, não são as realidades definitivas. Realidade, para ele, é a profundidade espiritual do homem, o destino do espírito humano. A realidade é a relação do homem com Deus, do homem com o Diabo; a realidade são as ideias pelas quais vive o homem.

O desdobramento do espírito, tema essencial de todos os romances de Dostoiévski, não se presta à arte realista. Como chamar de realista o quadro genial das relações entre Ivan Karamázov e Smerdiakov, que tornam sensível a própria divisão de Ivan? Ainda menos realista é a imagem das relações entre Ivan e o Diabo. Não se pode fazer de Dostoiévski um psicólogo realista; ele não é psicólogo, e sim pneumatologista e metafísico simbolista. Em sua obra, sob a vida consciente há sempre dissimulado um universo inconsciente, ao qual estão ligados seus pressentimentos de visionário. Eos seres não se comunicam apenas através dos fios visíveis à luz da consciência, mas sobretudo através daqueles misteriosos laços que mergulham nas profundezas de suas vidas inconscientes. Laços ocultos que ligam Míchkin a Nastássia Filíppovna e Rogójin, Raskólnikov a Svidrigáilov, Ivan Karamázov a Smerdiakov, Stavróguin à menina coxa e a Chátov. Dostoiévski nos mostra todos eles presos uns aos outros por elos que não são deste mundo. Não há, de fato, nada de fortuito em seu relacionamento, nem espaço para o acaso de um realismo empírico. É como se o encontro entre estes seres estivesse determinado desde toda a eternidade por uma vontade superior; eles carregam a marca de um destino que se cumpre. Todos os seus conflitos e reações recíprocas expressam, não a falsa realidade objetiva, mas a realidade interna, o destino interior dos humanos. É neles que se expressa verdadeiramente a grande “ideia” do universo, que se resolve o enigma do homem e do caminho que ele segue. Tudo isso tem muito pouca semelhança com o que se costuma chamar de romance “realista”. Mas se for absolutamente necessário chamar Dostoiévski de realista, diríamos um realista místico.

Os historiadores da literatura e críticos literários, sempre prontos a encontrar influências e empréstimos recíprocos entre os autores, apontaram que Dostoiévski, especialmente no primeiro período de sua criação, foi influenciado por Victor Hugo, George Sand, Dickens e até mesmo por Hoffmann. Entretanto, a única proximidade evidente de Dostoiévski foi com um dos maiores escritores ocidentais, Balzac, tão pouco realista quanto ele. Entre os grandes russos, Dostoiévski se liga imediatamente a Gógol, sobretudo nos seus primeiros romances. Mas

ele trata a natureza humana de maneira muito diferente. Gógol viu a figura humana que se dissolvia, e tudo que fixou dela foi uma máscara simiesca e grotesca: é a arte de um André Biely que lhe é mais próxima. Ao contrário, para Dostoiévski, a personalidade humana é inalienável, e ele foi capaz de resgatá-la mesmo nos indivíduos mais degradados. De resto, a partir do momento em que Dostoiévski está em plena posse de si, em que lança sua nova fórmula, ele se situamuito acima de todas as influências, muito acima de todos os empréstimos: ele representa uma manifestação criativa sem precedentes.

Memórias do subsolo divide a obra de Dostoiévski em dois períodos. Até então, Dostoiévski ainda era apenas um psicólogo, sem dúvida original, mas também um humanitário, solidário com “gente pobre”, com os “humilhados e ofendidos”, com os heróis da “casa dos mortos”. *Memórias do subsolo* inaugura a genial dialética de Dostoiévski. Ele deixa de ser apenas um psicólogo para tornar-se um metafísico que acompanha a tragédia do espírito humano até seu fim. Ele não é mais humanitário de acordo com a antiga fórmula, e não tem quase nada em comum com Victor Hugo, George Sand, Dickens, etc. Ele romperá definitivamente com as teorias de Belínski. Se ele ainda é um humanitário, seu amor pela humanidade é algo novo e trágico. O homem, ainda mais do que antes, ocupa o centro de sua obra, e o destino humano é o tema exclusivo que desperta seu interesse. Mas o homem não é mais tratado como uma criatura superficial, ele é tomado em sua profundidade, naqueles abismos espirituais recentemente descobertos. Pois foi um novo reino humano que surgiu, um reino inteiramente “dostoiévskiano”. Dostoiévski é um escritor trágico: a inquietude latente em toda a literatura russa atinge em sua obra o grau de tensão mais elevado. A ferida deixada pelo destino doloroso do mundo, o destino doloroso do homem, encontra-se nela aberta.

Aqui, é preciso abrir um parêntese e lembrar que os russos não tiveram uma Renascença. Um destino infeliz os privou da alegria que foi para os outros povos este grande despertar. Talvez uma luz comparável tenha brilhado para eles no início do século XIX, na época

de Alexandre I — o auge da cultura russa — quando a poesia russa irrompeu com uma exuberância que espargiu ao seu redor uma espécie de exaltação. Alegria de uma criação feliz que logo se extinguiria: mesmo durante a vida de Púchkin, ela já estava envenenada. A grande literatura russa do século XIX, de fato, não seguiu o caminho traçado por Púchkin: sofrendo pela salvação do mundo, toda feita de tormentos, de angústia, como se alguma culpa fosse expiada através dela. A figura sombria de Tchaadáev,²⁰ tão tragicamente aflita, originou o movimento em que o pensamento russo do século XIX irá encontrar sua maturidade. Lermontov,²¹ Gógol e Tiútchev não produzirão no espírito da Renascença, mas na ansiedade e no sofrimento. Depois deles, ao contrário, a estranha figura de Konstantin Leontiev surge para nós como a de um homem do Renascimento, do século XVI, perdido nesta Rússia do século XIX, tão hostil ao seu espírito, e nela sofrendo o mais triste e desolador destino. Finalmente, eis os expoentes da literatura russa, Tolstói e Dostoiévski. Nada neles evoca a Renascença. São tomados pelo tormento religioso, buscam a salvação. Esta é a característica dos criadores russos, eles buscam a salvação, têm sede de expiação, sofrem pelo mundo. A obra de Dostoiévski, apogeu da literatura russa, é também a melhor expressão do caráter sério, religioso e atormentado dessa literatura. Assim, o rumo da angústia por onde se encaminhou a literatura russa terminaria por levar a Dostoiévski. Todas as trevas da vida russa, da existência russa, se tornam nele mais densas, mas uma luz começa a brilhar. Produz-se uma fissura no velho mundo, por onde passa a nova luz. A tragédia de Dostoiévski, como todas as verdadeiras tragédias, envolve purificação e livramento. Há quem não o compreenda, os que ele mantém na treva inextricável, que ele torna tristes sem os alegrar. A leitura de Dostoiévski traz também um júbilo, uma libertação do espírito. Júbilo que se obtém pelo sofrimento. É o caminho percorrido pelo cristão. Dostoiévski ressuscita a fé no homem, na noção de sua profundidade, ignorada pelo humanismo.²² O homem renasce se crê em Deus, e esta é a condição para que possa crer em si mesmo. Dostoiévski não separa a fé no homem da fé em Cristo, no Deus-Homem. Por toda a sua vida, aliás, ele manteve um sentimento

exclusivo, uma espécie de amor exaltado pelo seu rosto divino. Foi em nome do Cristo, por amor infinito a Cristo, que ele rompeu com o mundo humanitário cujo profeta era Belínski. Essa fé, ele a havia fundido no cadinho de suas dúvidas, temperada pelo fogo. Em um de seus cadernos ele escreveu: “Nenhuma expressão do ateísmo jamais teve tanta força na Europa. Aparentemente não foi na minha infância que passei a acreditar em Cristo, a professar sua fé. Foi de uma vasta fornalha de dúvidas que jorrou meu hosana”. Dostoiévski havia perdido sua crença juvenil no schillerismo (por esta palavra ele designava tudo o que era “belo e grande”, o humanitarismo idealista). O schillerismo, aos seus olhos, não havia resistido a um teste, e sua fé em Cristo tinha superado a todos eles. Assim, ele havia deixado de acreditar no homem do modo humanitário, mas acreditava nele como cristão, aprofundando e fortalecendo esta fé. É por este motivo que Dostoiévski não pode ser um escritor pessimista e sem esperança. Uma luz brilha sempre nas trevas; para ele, é a luz do Cristo. Dostoiévski, sem dúvida, conduz o homem pelos abismos do desdobramento (o desdobramento é um tema fundamental em seu trabalho), mas este desdobramento não irá finalmente destruir o indivíduo. Através do Deus-Homem, a imagem do homem se reconstituirá.

•

Dostoiévski pertence a essa raça de escritores a quem foi dado entregar-se na sua obra. Ele expressou todas as dúvidas e contradições de seu espírito, e talvez seja por não ter ocultado nada do que acontecia no seu íntimo que ele pôde fazer descobertas tão surpreendentes sobre o homem em geral. O destino de seus heróis é o seu próprio destino, suas dúvidas e desdobramentos são os dele, suas tentativas criminosas são os crimes ocultos do seu espírito. A biografia de Dostoiévski apresenta para nós, portanto, muito menos interesse do que a sua obra, e sua correspondência é menos instrutiva do que seus romances. Ele se desvendou por inteiro em sua obra romanesca, e graças a esta confissão, ele se mantém para nós muito menos enigmático do que outros escritores, como Gógol, por exemplo, uma

das figuras literárias mais misteriosas da Rússia. Com efeito, não há nada no trabalho de Gógol que revele o que foi seu próprio ser: ele parece ter levado consigo seu segredo. Este também foi o caso, mais recente, do filósofo Vladimir Soloviev. O conjunto dos seus tratados filosóficos e teológicos não traz nenhum vestígio de seus conflitos ou abalos pessoais; no máximo, ele deixa escapar alguma nota mais íntima em seus versos esparsos.

É bem diferente com Dostoiévski. A originalidade de seu gênio era tal que ele foi capaz, ao analisar seu próprio destino até o fim, de expressar simultaneamente o destino universal do homem. Ele não nos escondeu nada de seu duplo ideal: o ideal do Mal, de Sodoma, e, no topo, a Madona, o ideal do Bem. Dilaceração perpétua, a grande descoberta de Dostoiévski. Mesmo a epilepsia, para ele, não é uma doença acidental: é nela que se revelam as profundezas da mente.

Dostoiévski insistiu em afirmar-se um “autóctone”, em professar uma ideologia que fosse exclusivamente de sua raça. Nunca cortou as raízes que o prendiam aopróprio solo nativo. Entretanto, seria um erro assimilá-lo aos eslavófilos, classificá-lo como um deles: ele pertence a uma outra época. Perto deles, passa por vagabundo, um russo errante no mundo do espírito. Não possui terras, não tem morada, nem mesmo ninho confortável de alguma casa de campo senhorial. Não está ligado a nenhuma forma estável da existência: tudo em sua natureza é dinamismo, inquietação, espírito de revolução. É o homem do Apocalipse. Mas o mal apocalíptico não afetou os eslavófilos. Dostoiévski encarna acima de tudo o destino do nômade e do revoltado, destino que ele considerava altamente característico de sua raça. Ao contrário, os eslavos são arraigados ao solo em que nasceram, onde cresceram; dele retiram sua força. Enquanto a terra sob seus pés lhes parece inabalável, Dostoiévski é o homem dos subterrâneos movediços; seu elemento é o fogo, sua posição, o movimento. De resto, sua atitude difere, em qualquer aspecto, da atitude dos eslavos. Diante desses inimigos do Ocidente, ele é o defensor da Europa; diante desses campeões da velha Moscou, o admirador da era de Pedro e de São Petersburgo. Veremos mais adiante o quanto ele difere deles pelas suas

ideias sobre a Rússia em geral. O que era preciso demonstrar, antes de tudo, é que Dostoiévski não era um deles, de sua raça. O que ele representa, aliás, com perfeição, é o escritor de seu país, o literato que vive do seu trabalho. Fora da literatura, ele não produz nada. Espiritual e materialmente, ele vive dela. Seu destino melancólico encarna o destino dos escritores da Rússia.

A inteligência de Dostoiévski é extraordinária. Ele figura entre as mentes mais aguçadas e deslumbrantes de todos os tempos. Sua inteligência não só iguala seu dom artístico, mas talvez até o supere. Nisso ele difere muito de Tolstói, que é seguramente mais artista do que grande pensador, e cujas opiniões são às vezes surpreendentemente estreitas. Entre os dois, é Dostoiévski o maior pensador. Ninguém pode ser comparado a ele neste campo, exceto Shakespeare, a grande luz da Renascença. Mesmo o espírito de Goethe, grande entre os maiores, não possui a mesma agudeza, a mesma profundidade dialética. E isto é ainda mais surpreendente na medida em que Dostoiévski se move dentro de uma corrente dionisiaca, orgiástica, pouco propícia à clareza, e que costuma turvar a lucidez da inteligência. Mas nele, vemos que o delírio orgíaco, longe de excluir o pensamento, é exercido sobre ele, que são as ideias e sua dialética que seguem um ritmo dionisiaco. Dostoiévski se inebria com as ideias, pois em sua obra as ideias inebriam; mas em meio a esta embriaguez, seu espírito não perde a agudeza. Os que não se interessam por esta dialética, pelo encadeamento trágico do pensamento genial de Dostoiévski, os que vêem nele apenas um artista ou um psicólogo, certamente não o compreendem. Pois sua obra inteira é a solução de um vasto problema de ideias. O herói de *Memórias do subsolo* é uma ideia; Raskólnikov é uma ideia; Stavróguin é uma ideia; Kiríllov, Chátov, Verkhovênski — todos ideias. Ivan Karamázov é uma ideia. Todos esses heróis são, literalmente, tragados pelas ideias; são embriagados por elas. Eles não falam senão para desenvolver sua dialética ideológica. Tudo gira em torno destas “malditas questões eternas”. O que não significa que Dostoiévski tenha escrito romances de tendência ou *à thèse*²³ para a propagação desta ou daquela ideia específica. Não, as ideias são imanentes a sua arte, ele

descobre sua existência de uma forma puramente artística. É um escritor “idealista”, no sentido platônico da palavra, e não na acepção pouco simpática em que geralmente é empregada pela crítica. Dostoiévski concebe as ideias originais, mas ele as concebe sempre em movimento, dinâmicas, em seu trágico destino. Recordemos estas linhas que ele escreveu, modestamente, sobre si mesmo: “Sou bastante fraco em filosofia (mas não em meu amor por ela, em meu amor por ela sou forte)”. Fraco para a filosofia acadêmica, que não lhe convinha, pois seu gênio intuitivo conhecia os verdadeiros caminhos neste campo. Ele foi um verdadeiro filósofo, o maior filósofo russo. Contribuiu infinitamente para a filosofia, e se considera que a especulação filosófica seja penetrada por suas concepções. A obra de Dostoiévski traz uma contribuição considerável para a antropologia filosófica, para a filosofia da história e da religião, e para a moral. A filosofia pode ter lhe ensinado pouco, mas recebeu muito dele; se ele deixa a cargo dela as questões provisórias, no que diz respeito às coisas *definitivas* é a filosofia que tem vivido, há muitos anos, sob o signo de Dostoiévski.

•

Dostoiévski descobriu, portanto, um novo mundo espiritual: ele restituiu ao homem a profundidade espiritual que lhe havia sido tirada para transportá-la a um plano transcendente, a alturas que lhe eram inacessíveis. Tudo o que restava ao homem era o envoltório do seu corpo e as regiões médias da sua alma: ele havia deixado de perceber a dimensão da profundidade. Ablação cuja iniciativa havia sido da Igreja, ao relegar a vida espiritual a outro mundo, transcendente a este, e criar uma religião para a alma que carrega a nostalgia desta vida espiritual perdida. Este processo levaria necessariamente ao positivismo, ao agnosticismo e ao materialismo, ou seja, à completa desespiritualização do homem e do universo. O próprio mundo transcendente viu-se relegado ao incognoscível, todos os caminhos que levavam a ele foram cortados, até que finalmente sua própria existência foi negada. Assim, a hostilidade do cristianismo oficial a todo gnosticismo levaria ao fortalecimento do agnosticismo; seu

esforço para tornar a profundidade espiritual exterior ao homem resultaria na negação de qualquer experiência espiritual no enclausuramento do homem na realidade “material” e “psicológica”. Dostoiévski, como portador de uma grande mensagem do Espírito, está em reação contra todas essas tendências. Ele traz a vida espiritual de volta para dentro do homem, ele o faz evadir-se das realidades superficiais às quais ele estava confinado. Com ele, o homem volta a ser uma criatura espiritual. Ele declara a experiência do espírito sem limites, remove todos os marcos, todas as fronteiras. Os espaços espirituais se revelam na imanência do seu movimento interior. É no homem e pelo homem que se alcança Deus.

Eis, portanto, o caminho para a liberdade, como descoberto por Dostoiévski. No fim deste caminho, na profundeza do homem, está o Cristo. Fica claro que a religião de Dostoiévski é oposta, por seu próprio tipo, ao tipo da religião autoritária. Sua religião é a mais livre de todas, a que se mostra ao mundo imbuída da noção de liberdade. Em suas concepções religiosas, Dostoiévski não alcançou nunca a unidade total, e nunca superou completamente suas contradições; pelo contrário, este amor, esta religião ainda inédita da liberdade, representa nele algo de absoluto. Sem dúvida, há passagens no *Diário de um escritor* que mostram que, mesmo a este respeito, o pensamento de Dostoiévski continha contradições. Mas no *Diário de um escritor*, Dostoiévski expôs em bloco todas as suas ideias fundamentais, dispersas ao longo de sua obra. Essas ideias, ele as desenvolveu com mais força em seus romances. É aí que se encontra sua dialética ideológica da “Legenda do Grande Inquisidor”, na qual, precisamente, ele afirma esta religião da liberdade. Contradizendo uma opinião muito difundida, nunca será demais repetir que o espírito de Dostoiévski era voltado a construir e não a destruir, e que sua disposição de alma o incitava à afirmação, não à negação. Mas ele concebia Deus, ao homem e ao mundo por entre todas as ansiedades do desdobramento e das trevas. Tendo compreendido a fundo a natureza do niilismo russo, era ele mesmo um antiniilista. Isto é o que o distingue de Lev Tolstói, tomado pelo contágio niilista. Hoje, Dostoiévski está mais próximo de nós do que nunca esteve. Estamos

mais próximos dele. E novas partes de sua obra se iluminam, à luz do trágico destino que viriam a conhecer os russos de hoje.

NIKOLAI BERDIAEV

*Mato-me e não vejo o carreiro;
Desespero! Vamos à tonta!
Estou que nos leva o Diabo
Faz-nos dar volta atrás volta!
[...]*

*Tantos! Por que vão espantados
E choram lastimosamente?
Será que se casa uma bruxa
Ou enterram algum duende?*

— A. Púchkin

E andava ali pastando no monte uma vara de muitos porcos; e rogaram-Lhe que lhes concedesse entrar neles; e concedeu-lho. E, tendo saído os demônios do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se de um despenhadeiro no lago, e afogou-se. E aqueles que os guardavam, vendo o que acontecera, fugiram, e foram anunciá-lo na cidade e nos campos. E saíram a ver o que tinha acontecido, e vieram tercom Jesus. Acharam então o homem, de quem haviam saído os demônios, vestido, e em seu juízo, assentado aos pés de Jesus; e temeram. E os que tinham visto contaram-lhes, também, como fora salvo aquele endemoninhado.

— Evangelho segundo São Lucas 8, 32–7



PRIMEIRA PARTE

1 - Em vez de introdução: alguns pormenores da biografia do estimadíssimo Stepan Trofímovitch Verkhovênski

I

Ao iniciar a descrição dos acontecimentos recentes e bastante estranhos que se deram na nossa cidade, cidade que, antes deles, nada tinha de notável, sou obrigado, vista a minha inépcia, a começar um pouco de longe, ou seja, por alguns pormenores biográficos da vida do talentoso e estimadíssimo Stepan Trofímovitch Verkhovênski. Que estes pormenores sirvam apenas de preâmbulo à crônica aqui apresentada, uma vez que a história em si será contada mais adiante.

Direi frontalmente: Stepan Trofímovitch sempre desempenhou entre nós um papel especial e, por assim dizer, cívico, gostando deste papel até à paixão — a tal ponto que, segundo me parece, não podia viver sem ele. Não significa que eu o compare a um ator teatral: Deus me livre de semelhante coisa, até porque o respeito muito. Neste caso, tratava-se por certo de um hábito, ou melhor, de uma propensão imutável e nobre, desde os anos da infância, para o deleitoso sonho da sua bela posição cívica. Por exemplo, agradava-lhe muitíssimo a sua situação de “perseguido” e, por assim dizer, de “deportado”. Existe em ambos os termos uma espécie de brilho clássico que o seduziu de uma vez por todas e que, elevando-o paulatinamente a seus próprios olhos, durante muitos anos, o içou a um pedestal bem alto e muito gratificante para o seu amor-próprio. Num romance satírico inglês do

século passado, um tal Gulliver, no seu regresso do país dos liliputianos, onde as pessoas não tinham mais do que umas quatro polegadas de estatura, como se habituara tanto a considerar-se a si mesmo um gigante, andava pelas ruas de Londres gritando involuntariamente aos transeuntes e às carruagens que se afastassem, que tivessem cuidado ou ele as pisaria, continuando a imaginar que era gigante e os outros todos pequeninos. Riam-se dele e insultavam-no, e os cocheiros malcriados chegavam mesmo a dar-lhe com os chicotes; no entanto, seria isso justo? O que não faz o hábito? Pois bem, o hábito levou quase à mesma situação o nosso Stepan Trofímovitch, porém de uma forma mais inocente e inofensiva, se me é permitida a expressão, já que ele era uma excelentíssima pessoa.

Acho mesmo que ele, por fim, foi esquecido por todos e por todo o lado; mas não se pode dizer que dantes também ninguém o conhecia. Também ele, durante algum tempo, pertenceu incontestavelmente à famosa plêiade das nossas personalidades famosas do passado, e durante algum tempo — embora curtíssimo — o seu nome era pronunciado por muita gente apressada daquela época quase ao lado dos nomes de Tchaadáev, Belínski, Granóvski e Herzen (este no começo da sua atividade no estrangeiro).²⁴ A atividade de Stepan Trofímovitch, porém, acabou quase no mesmo momento em que começou — acabou, por assim dizer, na “tempestade das circunstâncias coincidentes”. E então? Mais tarde descobriu-se que não só não houvera “tempestade” como nem sequer “circunstâncias”. Só agora, há alguns dias, fiquei sabendo, para meu enorme espanto, mas de fonte absolutamente fidedigna, que Stepan Trofímovitch não só não vivia entre nós, na nossa província, como deportado, como nos acostumáramos a pensar, mas nem sequer estava sob vigilância. Veja-se lá a força da imaginação! Ele próprio acreditava sinceramente, e durante toda a vida, que tinham um medo constante dele em certas esferas, que os seus passos eram devassados em permanência e registrados, e que cada um dos três governadores que tivemos, um atrás do outro, ao chegar à província para a administrar já trazia uma ideia formada, e preocupada, em relação a ele, Stepan Trofímovitch, ideia muito especial que lhe teria sido incutida de cima antes da sua

tomada de posse do cargo. Se, na altura, alguém tentasse convencer Stepan Trofímovitch, com provas irrefutáveis, de que ele não tinha nada a rezear, com certeza se ofenderia. Entretanto, era um homem inteligentíssimo e talentosíssimo, um homem, pode mesmo dizer-se, de ciência, embora aliás, na ciência... enfim, na ciência não fez grande coisa, ou seja, parece que nem fez nada. Mas na Rússia, com os homens de ciência, isto acontece a cada passo.

Voltou do estrangeiro e brilhou, mesmo em finais dos anos quarenta, como conferencista na sua cátedra universitária. Realizou tão só algumas poucas conferências sobre a Arábia, salvo erro; chegou também a defender uma tese brilhante sobre a prestes importância civil e hanseática da cidadezinha alemã de Hanau, no período entre 1413 e 1428, e também sobre as causas especiais e nebulosas pelas quais tal importância não chegou a acontecer. Esta tese alfinetou dolorosamente, de forma hábil, os eslavófilos daqueles tempos, e granjeou-lhe logo, entre eles, muitos e enfurecidos inimigos. A seguir — já depois de ter perdido a cátedra, aliás —, conseguiu publicar (à laia de desforra, por assim dizer, e para mostrar a todos o que haviam perdido) numa revista mensal progressista, que traduzia obras de Dickens e apregoava George Sand, a introdução de um profundíssimo estudo — se não me engano sobre as causas da extraordinária nobreza moral de uns quaisquer cavalheiros numa época qualquer, ou coisa do género. Pelo menos, a ideia promovida era sublime e nobilíssima. Correu mais tarde que a continuação do estudo tinha sido apressadamente proibida e que a própria revista progressista teve problemas por causa da publicação daquela primeira parte. É muito possível que isto seja verdade porque: que coisas não aconteciam naquela época? Neste caso, porém, o mais provável foi que não tivesse sido nada assim e que, pura e simplesmente, o autor teve preguiça de acabar o trabalho. Quanto às conferências sobre a Arábia, foram interrompidas porque alguém arranjou maneira de interceptar (qualquer retrógrado inimigo de Stepan Trofímovitch, pelos vistos) uma carta dele endereçada a certa pessoa, carta essa que continha determinadas “circunstâncias”, pelo que alguém lhe pediu umas explicações quaisquer. Não sei se foi verdade, mas também se afirmava

à boca cheia que em Petersburgo tinha sido descoberta, na mesma altura, uma organização gigantesca, antinatural e antiestatal, composta, ao que parece, por treze pessoas, e que por pouco não abalou os alicerces de tudo. Dizia-se que eles, supostamente, se preparavam para traduzir o próprio Fourier.²⁵ Nem de propósito, na mesma altura, em Moscou, foi descoberto também um poema de Stepan Trofímovitch, escrito em Berlim seis anos antes, na sua primeira juventude, e que corria de mão em mão em cópias manuscritas entre dois amadores e um estudante universitário. Também este poema está agora na gaveta da minha secretária; recebi-o, apenas no ano passado, numa cópia recente feita pelo próprio Stepan Trofímovitch, com uma dedicatória e uma magnífica encadernação de marroquim vermelho. Por acaso, até é de certo modo poético e revela algum talento; é estranho, mas naqueles tempos (ou seja, nos anos trinta) escrevia-se muito assim. Quanto ao argumento, é-me difícil contá-lo porque, na verdade, não percebo nada. É uma alegoria, numa forma lírico-dramática que nos faz lembrar a segunda parte do *Fausto*. Começa com um coro de mulheres, depois vem um coro de homens, depois umas forças quaisquer e, por fim, o coro das almas que ainda não viveram mas têm grande vontade de viver. Todos estes coros cantam sobre qualquer coisa muito indefinida, principalmente sobre a maldição de alguém, mas com uns toques de humor sublime. De repente, o cenário muda e começa uma “Festa da Vida” em que cantam todos, até os insetos, aparece uma tartaruga que diz palavras latinas sacramentais, e, inclusive, se a memória não me engana, também um mineral, ou seja, um objeto perfeitamente inanimado, cantou qualquer coisa. De uma maneira geral, todos cantam sem parar, e quando falam um pouco fazem-no altercando de forma indefinida, mas com um toque de sublime ainda e sempre. Finalmente, o cenário volta a mudar e surge um lugar selvagem onde, no meio das rochas, vagueia um jovem civilizado que arranca e chupa umas ervas e, à pergunta de uma fada: “Por que chupas estas ervas?”, responde que, sentindo em si a vida a transbordar, procura o esquecimento e encontra-o no suco destas ervas; mas que o seu desejo principal era perder o mais depressa possível a inteligência (um desejo

quicá supérfluo). A seguir entra de repente um jovem de beleza indescritível, montado num cavalo preto, e atrás dele a quantidade terrível de todos os povos. O jovem representa a morte em pessoa, e todos os povos a anseiam. E, já na cena final, aparece de chofre a Torre de Babel, e uns atletas, ao som da canção da nova esperança, constroem-na até à última pedra e, já chegados ao cume, o potentado do, digamos, Olimpo, foge de uma forma cômica, e a humanidade, esperta, apoderando-se do lugar dele, começa de imediato uma vida nova com uma nova percepção das coisas. Pois bem, foi este poema que acharam perigoso. No ano passado sugeri a Stepan Trofímovitch que o publicasse, porque era, nos nossos tempos, um poema absolutamente inocente, mas declinou a minha proposta com visível descontentamento. Não gostou da minha opinião sobre a inocência absoluta do poema, e atribuo mesmo a este fato uma certa frieza com que me tratou durante dois meses seguidos. Então, o que acontece? De repente, quase na mesma altura em que eu lhe fazia a minha proposta, publicam o poema lá, isto é, no estrangeiro, numa das coletâneas revolucionárias que lá existem, sem qualquer aviso a Stepan Trofímovitch. De início ficou assustado, correu ao gabinete do governador e escreveu uma nobilíssima carta de justificação para Petersburgo, carta que me leu duas vezes mas não chegou a enviar, pois não sabia a quem tinha de endereçá-la. Resumindo, andou nervoso durante um mês; mas estou convencido de que, nas sinuosidades secretas do seu coração, se sentia profundamente lisonjeado. Quase dormia com o exemplar da coletânea que lhe fora enviado e, de dia, guardava-o debaixo do colchão e nem sequer deixava que a criada lhe mudasse a roupa da cama; e, embora temesse todos os dias a chegada de um telegrama de qualquer lado, olhava com altivez. Não chegou telegrama nenhum. Por esses dias reconciliou-se comigo, o que só testemunha a extrema bondade do seu coração meigo e sem rancor.

Estou longe de afirmar que não sofreu nada; apenas estou agora plenamente convencido de que ele poderia ter continuado com as suas Arábias tanto quanto quisesse se desse as explicações necessárias. Mas não, mostrou-se arrogante e, com uma pressa exagerada, preferiu convencer-se, de uma vez por todas, de que a “tempestade de circunstâncias” lhe tinha arruinado a carreira. Ora, para dizer toda a verdade, a causa genuína da reviravolta na sua carreira foi a delicadíssima proposta, já antes feita e depois reiterada, por parte de Varvara Petrovna Stavróguina, esposa de tenente-general e grande ricaça, de colocar nas mãos de Stepan Trofímovitch a educação e todo o desenvolvimento intelectual do filho único dela, na qualidade de sumo pedagogo e amigo, já sem falar dos excelentes honorários. Tal proposta fora-lhe feita pela primeira vez ainda em Berlim, precisamente na altura em que ele enviuvou pela primeira vez. A sua primeira esposa era uma jovem leviana da nossa província com quem casara quando era ainda muito novo e insensato, e, segundo parece, ele sofreu muito com essa senhora, aliás bastante atraente, por falta de meios para o mantimento dela e, principalmente, por outras razões, de certo modo delicadas. Ela faleceu em Paris, depois de ter vivido separada do marido os últimos três anos de vida, deixando-lhe um filho de cinco anos, “fruto do feliz e ainda não anuviado primeiro amor”, como deixou escapar uma vez na minha presença o entristecido Stepan Trofímovitch. O pequeno foi mandado ainda pequenino para a Rússia, para a casa de umas tias afastadas, algures na província, que o educaram. Stepan Trofímovitch declinou então a proposta de Varvara Petrovna e, sem grande necessidade, curiosamente, não tardou a casar-se de novo, passado menos de um ano, com uma taciturna alemã berlinense. De resto, além deste, havia outros motivos para ele rejeitar o cargo de preceptor: seduzia-o a glória ribombante de um inolvidável professor catedrático daquela época, e, por sua vez, correu a agarrar uma cátedra, para a qual se preparara, determinado, também ele, a experimentar as suas asas aquilinas. Depois, já com as asas chamuscadas, lembrou-se naturalmente da proposta que antes tanto o fizera hesitar. Ora, a morte súbita também da sua segunda esposa, que viveu com ele menos de um ano, levou-o a tomar uma resolução definitiva. Digo sem rodeios: foram decisivas a atenção calorosa de

Varvara Petrovna e também a sua preciosa amizade, por assim dizer clássica, se me for permitida esta expressão relativamente à amizade. Stepan Trofímovitch atirou-se aos braços desta amizade, e o assunto ficou resolvido e consolidado para mais de vinte anos. Usei a expressão “atirou-se aos braços”, mas que Deus vos livre de pensardes qualquer coisa vã e leviana; falo destes braços apenas num sentido altamente moral. O que ligou estas duas criaturas notáveis foi a mais fina e delicada relação — e para sempre.

Aceitou o lugar de preceptor, também, porque a minúscula propriedade herdada por Stepan Trofímovitch da sua primeira mulher era a dois passos de Skvoréchniki, a magnífica propriedade dos Stavróguin nos arredores do nosso centro provincial. Além disso, no sossego do gabinete e já sem se distrair com a envergadura dos trabalhos universitários, era-lhe sempre possível dedicar-se à ciência e enriquecer as letras pátrias com profundíssimos estudos. Afinal, não houve estudos; foi possível, porém, erguer-sedurante mais de vinte anos da sua vida como um “vitupério encarnado”, por assim dizer, perante a pátria, como reza a expressão do poeta nacional:

Como um vitupério encarnado
Erguias-te perante a pátria,
*Oh, idealista liberal.*²⁶

Ora, a pessoa a que se referia o poeta nacional talvez tivesse o direito de, querendo, assumir durante toda a vida esta pose, embora fosse entediante. Quanto ao nosso Stepan Trofímovitch, verdade seja dita que não passava de um imitador comparado com tais pessoas, até porque se cansava de estar de pé e preguiçava muitas vezes deitado. Mesmo assim, deitado, a sua encarnação de vitupério mantinha-se — há que fazer-lhe justiça e, além disso, para a província era suficiente. Era vê-lo no nosso clube quando se sentava para jogar cartas. Todo o seu ar como que dizia: “Cartas! Eis-me sentado a jogar convosco ao *whist!* Será concebível? Quem é o responsável por isto? Quem destruiu a minha atividade e a transformou em *whist?* Eh, a Rússia que se amole!” — e trunfava, solene, com as copas.

Na verdade, gostava imenso do joguinho das cartas e, por causa disso, sobretudo nos últimos tempos, tinha mesmo altercações frequentes e desagradáveis com Varvara Petrovna porque perdia constantemente. Mas disto falaremos mais adiante. Apenas farei notar que era um homem de certo modo consciencioso (ou seja, às vezes), logo triste muitas vezes. No decurso de toda a sua amizade de vinte anos com Varvara Petrovna, três ou quatro vezes por ano caía, por sistema, naquilo que entre nós se chama “melancolia cívica”, ou seja, na hipocondria pura e simples, mas a expressão agradava muito à estimadíssima Varvara Petrovna. Mais tarde, além da melancolia cívica, começou a cair também no champanhe; no entanto, a atenciosa Varvara Petrovna toda a vida o protegeu das inclinações triviais. Na verdade, ele precisava mesmo de uma ama-seca porque, às vezes, tornava-se muito esquisito: no meio da mais sublime melancolia começava de súbito a rir-se de forma extremamente plebeia. Havia momentos em que começava a referir-se a si mesmo num sentido humorístico. Ora, não havia coisa de que Varvara Petrovna tivesse tanto medo do que do sentido humorístico. Era uma mulher clássica, uma mulher mecenas que agia exclusivamente com vista a considerações sublimes. A influência de vinte anos desta senhora sublime sobre o seu pobre amigo foi capital. Enfim, é necessário falar de Varvara Petrovna à parte, o que vou fazer exatamente agora.

III

Há amizades estranhas: amigos prontos para se despedaçarem um ao outro, e isto durante toda uma vida; no entanto, não conseguem separar-se. Nem a separação é sequer possível: o primeiro dos amigos que, por teimosia, corte a relação de amizade, será o primeiro a adoecer e, talvez, a morrer. Sei de fonte segura que Stepan Trofímovitch, por várias vezes, depois dos mais íntimos desabafos a sós com Varvara Petrovna, se levantava de um pulo, depois de esta sair, e esmurrava a parede com os punhos.

Era assim mesmo, sem o mínimo de alegoria, a ponto de uma vez ter mesmo partido o estuque da parede. Talvez me perguntem: como posso eu saber um pormenor tão fino? E se, em certas ocasiões, eu próprio fui a testemunha? E se era o próprio Stepan Trofímovitch a desfazer-se em pranto sobre o meu ombro e a pintar-me em cores vivas todos os seus pensamentos mais íntimos? (O que ele me dizia!) No entanto, eis o que acontecia sempre depois destes choros: no dia seguinte já estava pronto a crucificar-se pela sua ingratidão; apressava-se a chamar-me, ou vinha ele mesmo ter comigo, unicamente para me anunciar que Varvara Petrovna era “um anjo de honra e de delicadeza” e que ele próprio era “a coisa contrária”. E não recorria só a mim, muitas vezes descrevia estas coisas a ela própria, em cartas eloquentes que firmava com a sua assinatura completa; que, por exemplo, ainda na véspera ele contara a um estranho que Varvara Petrovna o tinha em sua casa por vaidade, que invejava a cultura e os talentos dele, que o odiava mas tinha simplesmente medo de revelar abertamente o seu ódio, com medo de ele se ir embora e, com isso, prejudicar a reputação literária dela; que, em consequência, ele tinha desprezo por si próprio e decidira morrer por recurso ao suicídio, mas que ainda assim esperava dela a última palavra que tudo decidiria, etc., etc., sempre no mesmo espírito. A partir daqui é fácil imaginar até que histeria podiam chegar às vezes as explosões nervosas deste homem, o mais inocente de todos os bebês quinquagenários! Eu próprio li uma vez uma destas suas cartas, depois de uma discussão entre eles que, apesar do motivo ser dos mais insignificantes, assumira a mais venenosa das formas. Fiquei aterrorizado e implorei-lhe que não mandasse a carta.

— Não... é o mais honesto... é meu dever... morro se não lhe confessar tudo, tudo!— respondeu ele, quase febril, e acabou por mandar a carta.

A diferença entre eles consistia precisamente em que Varvara Petrovna nunca mandaria uma carta assim. Também é verdade que Stepan Trofímovitch gostava loucamente de escrever, que, mesmo vivendo sob o mesmo teto que ela, lhe escrevia e, nos casos mais histéricos, chegava a redigir duas missivas diárias. Sei de certeza sabida

que ela lia sempre com extrema atenção as cartas dele, mesmo no caso das duas cartas perdidas, e que, depois de as ler, as guardava numa caixinha, marcadas e classificadas; além do mais, guardava-as no coração. Sem lhe responder, mantinha-o um dia inteiro em suspensão e depois encontrava-se com ele como se nada fosse. Pouco a pouco, Varvara Petrovna adestrou-o de tal maneira que ele já não se atrevia a lembrar-lhe aquilo da véspera, apenas lhe espreitando durante algum tempo para os olhos. Ela, no entanto, não se esquecia de nada; ele sim, esquecia-se demasiado cedo e, animado pela calma de Varvara Petrovna, no próprio dia brincava e ria como um garoto, bebendo champanhe com os amigos que o visitavam. Com que veneno o deveria olhar Varvara Petrovna nestes momentos, enquanto o homem não reparava em nada! Uma semana, um mês, ou mesmo meio ano depois é que Stepan Trofímovitch, num qualquer momento especial, recordava como que por acaso uma expressão desta ou daquela carta e, depois, a carta inteira com todas as minúcias, e então ardia de vergonha e atormentava-se tanto que chegava a ter ataques de colerina. Estes ataques, a que era muito achacado, do gênero da colerina, eram o desfecho quase habitual das suas comoções nervosas e constituíam uma peculiaridade curiosa da sua constituição.

De fato, Varvara Petrovna muitas vezes o odiava; no entanto, Stepan Trofímovitch nunca chegou a reparar numa coisa: que se tornara afinal numa espécie de filho dela, numa criação dela, ou mesmo, quiçá, numa invenção dela; que se tornara carne da sua carne e que Varvara Petrovna não o tinha e mantinha em sua casa só por “inveja dos talentos dele”, longe disso. E como deviam ser insultuosas para Varvara Petrovna estas suposições! No meio do ódio infinito, dos ciúmes e do desprezo, Varvara Petrovna guardava no seu íntimo um amor insuportável por ele. Protegia-o do mais ínfimo grão de pó, cuidou dele como de uma criança durante vinte e dois anos, não dormiria de noite, preocupada, se visse que estava em perigo a reputação dele como poeta, cientista, personalidade civil. Varvara Petrovna inventou-o e foi a primeira a ganhar fé na sua invenção. Stepan Trofímovitch era para ela uma espécie de sonho... Em compensação, exigia realmente dele

muita coisa, às vezes a escravidão. Era incrível, também, como ela sabia guardar rancor. A este propósito contarei dois casos.

IV

Uma ocasião, na altura em que começavam a correr os primeiros rumores sobre a abolição da servidão dos camponeses, quando toda a Rússia rejubilava e se preparava para renascer, fez uma visita a Varvara Petrovna um barão petersburguense que andava em viagem, homem com relações muito importantes na sociedade e que estava ligado diretamente ao assunto. Varvara Petrovna apreciava muito semelhantes visitas porque as suas ligações à alta sociedade, com a morte do marido, foram esmorecendo e, por fim, desapareceram por completo. O barão ficou em casa dela durante uma hora, tomou chá. Não estava mais ninguém em casa, mas Varvara Petrovna convidou Stepan Trofímovitch e apresentou-o à visita. O barão já ouvira falar qualquer coisa dele, ou fingia que já ouvira; porém, durante o chá, pouco se dirigiu a ele. Era evidente que Stepan Trofímovitch desejava sair-se com honra daquela situação, até porque os modos dele eram dos mais elegantes. Embora não fosse de alta origem, ao que parece, acontecera que tinha sido educado desde a tenra infância numa casa aristocrática de Moscou e, logo, o tinha sido convenientemente; falava francês como um parisiense. Assim, o barão deveria perceber à primeira vista de que pessoas se rodeava Varvara Petrovna, apesar do seu retiro provinciano. Porém, sucedeu coisa diferente. Quando o barão confirmou que os primeiros rumores sobre a grande reforma eram fidedignos, Stepan Trofímovitch não se conteve e gritou “hurra!”, fazendo mesmo um gesto de entusiasmo com a mão. Não o gritou alto e fê-lo até com uma certa elegância; é mesmo possível que o seu entusiasmo fosse premeditado e, meia hora antes do chá, tivesse ensaiado o gesto previamente diante do espelho; mas qualquer coisa não deve ter resultado bem, porque o barão se permitiu um ligeiro sorriso, embora, logo a seguir, introduzisse uma frase sobre o enternecimento, geral e condigno, de todos os corações russos perante o magno acontecimento. Não tardou a despedir-se e não se esqueceu

de, à saída, estender dois dedos também a Stepan Trofímovitch. Quando voltou à sala de estar, Varvara Petrovna, primeiro, guardou um silêncio de três minutos, fingindo que procurava alguma coisa em cima da mesa; mas, de repente, virou-se para Stepan Trofímovitch e, pálida, com os olhos a chispar, sussurrou entre dentes:

— Nunca esquecerei!

No dia seguinte encontrou-se com o amigo como se nada tivesse acontecido; nunca mais lhe lembrou o incidente. Transcorridos treze anos, porém, num minuto trágico, lembrou-se e censurou-o, empalidecendo da mesma maneira que treze anos atrás. Em toda a vida, apenas duas vezes lhe disse: “Nunca esquecerei!”. Este caso do barão era já o segundo, porque antes já houvera o primeiro, igualmente tão característico e com tanto significado na vida de Stepan Trofímovitch que resolvi mencioná-lo também.

Corria o ano de cinquenta e cinco, era primavera, mês de maio, logo após ter sido recebida a notícia, em Skvoréchniki, do falecimento do Tenente-general Stavróguin, um velho leviano que se finara por causa de um desarranjo intestinal quando ia a caminho da Crimeia, com a ordem de se juntar ao exército em operações. Varvara Petrovna enviuvou e vestiu-se de luto carregado. Na verdade, não podia entristecer-se muito porque nos últimos quatro anos de casamento vivia separada do marido, por incompatibilidade de caracteres, e dava-lhe uma pensão. (O general possuía apenas cento e cinquenta almas²⁷ e o seu vencimento, além da origem fidalga e das relações na sociedade; ora, toda a riqueza e a propriedade de Skvoréchniki pertenciam a Varvara Petrovna, filha única de um rico concessionário do Estado). Apesar disso, a notícia inesperada abalou-a e recolheu-se a uma solidão total. Evidentemente, Stepan Trofímovitch acompanhava-a permanentemente nesta solidão.

Maiο atingira o seu auge, os anoiteceres eram espantosos. O sabugueiro estava em flor. Os dois amigos encontravam-se todos os fins de tarde no jardim e ficavam até à noite no pavilhão, expondo

mutuamente sentimentos e ideias, desabafando um com o outro. Havia momentos poéticos. Varvara Petrovna, sob a influência da mudança do seu destino, falava mais do que de costume. Parecia procurar apoio no coração do amigo, e assim continuou várias noites seguidas. Uma ideia estranha iluminou de repente Stepan Trofímovitch: “Não poderia ser que a viúva inconsolável contasse com ele e aguardasse que, ao fim do ano de luto, ele a pedisse em casamento?”. O pensamento era cínico, mas o certo é que os caracteres sublimes propiciam por vezes tendências para os pensamentos cínicos, uma vez que são de desenvolvimento multilateral. Pôs-se a pensar: “A fortuna dela é enorme, é verdade, mas...”. De fato, Varvara Petrovna não era propriamente uma beldade: era uma mulher alta, amarelada, ossuda, de rosto exageradamente comprido, com algo de cavalariço. Stepan Trofímovitch hesitava cada vez mais, as dúvidas atormentavam-no, chegou mesmo a derramar lágrimas, por duas vezes, por estar tão indeciso (de uma forma geral, chorava com frequência). O certo foi que, à noite, no pavilhão, o rosto dele passou a mostrar involuntariamente uma expressão de certo modo caprichosa e irônica, com alguma garridice e, ao mesmo tempo, alguma altivez. É uma coisa que acontece involuntariamente, por acaso, e manifesta-se com mais visibilidade quanto mais a pessoa é nobre. Só Deus sabe que juízo se poderá fazer daquela situação, mas o mais provável era que no coração de Varvara Petrovna nada crescesse que pudesse justificar plenamente as suspeitas de Stepan Trofímovitch. Além disso, ela nunca trocaria o seu nome de Stavróguina pelo nome dele, apesar de tão glorioso. Talvez houvesse apenas um jogo feminino da parte dela, a manifestação inconsciente de uma necessidade feminina, tão natural nalgumas situações extremamente femininas. De resto, não posso estar certo de nada: mesmo nos nossos tempos, a profundidade do coração feminino é uma incógnita! Mas continuemos.

É de pensar que Varvara Petrovna não tenha tardado a decifrar a estranha expressão do rosto do seu amigo; era uma senhora atenta e perspicaz, e ele era, às vezes, demasiado ingênuo. Os encontros, porém, continuaram como dantes, e as conversas, como dantes, eram poéticas e interessantes. Uma vez, então, caiu a noite e, depois de uma

conversa muito animada e poética, despediram-se, cordiais, apertando-se calorosamente as mãos à porta do anexo da casa em que se alojava Stepan Trofímovitch. Todos os verões ele se mudava do enorme solar de Skvoréchniki para este pequeno anexo, que ficava quase no meio do jardim. Mal entrou, pegou num charuto e, sem o acender, refletindo com preocupação, foi pôr-se à janela aberta, a olhar para as nuvenzinhas brancas e leves como penas que deslizavam à volta da Lua clara, quando um ligeiro roçar o fez estremecer e voltar a cara. Diante dele estava Varvara Petrovna, de quem se despedira havia uns quatro minutos. O rosto amarelo da senhora estava quase azulado, os seus lábios cerrados estremeciam nas commissuras. Durante dez segundos completos ela fitou-o na cara, com um olhar firme e implacável, e de chofre sussurrou-lhe rapidamente:

— Nunca esquecerei!

Quando Stepan Trofímovitch, dez anos mais tarde, num sussurro, me veio contar esta história triste, fechando primeiro a porta, jurou que ficara de tal modo petrificado quando ela lhe disse aquilo que não viu nem ouviu Varvara Petrovna indo-se embora. Como ela nunca mais lhe viria a tocar no assunto e as coisas fossem correndo como dantes, Stepan Trofímovitch toda a vida preferiu pensar que aquilo tinha sido apenas uma daquelas alucinações que se têm antes das doenças, até porque, nessa mesma noite, ele adoeceu realmente, por duas semanas, fato que, a propósito, acabou com os encontros no pavilhão.

No entanto, apesar da hipótese da alucinação, todos os dias, durante toda a sua vida, Stepan Trofímovitch como que esperava por uma continuação e, por assim dizer, por um desfecho do acontecimento. Não acreditava que tivesse podido acabar daquele modo. Sendo assim, que olhares estranhos ele devia lançar por vezes à sua amiga!

V

Ela própria lhe inventou também o terno com que ele andaria toda a vida. Era um traje elegante e característico: sobrecasaca preta

comprida. Abotoada até ao pescoço mas de corte janota; um chapéu macio (e um chapéu de palha no verão) de abas largas; gravata de cambráia branca, com o nó grande e as pontas pendentes; bengala com castão de prata; para completar, cabelos compridos até aos ombros. Stepan Trofímovitch tinha cabelo ruço que só nos últimos tempos começara a grisalhar. Rapava a barba e o bigode. Dizem que na juventude era muitíssimo bem apessoado. A meu ver, mesmo na velhice tinha uma aparência muito imponente. Além disso, que velhice é a dos cinquenta e três anos? Porém, por uma espécie de picardia cívica, não só não se fazia de jovem como parecia exibir a maturidade dos seus anos e, com o seu terno, alto e magro, com o cabelo até aos ombros, parecia um patriarca, ou melhor, o retrato do poeta Kúkolnik,²⁸ numa qualquer litografia dos anos trinta, sobretudo quando, no verão, se sentava no banco do jardim ao pôr do Sol, poeticamente pensativo, debaixo dos lilaseiros em flor, apoiando-se com ambas as mãos na bengala, com um livro aberto ao lado. Quanto aos livros, direi que nos últimos tempos começara a afastar-se da leitura. Mas só recentemente, aliás. Ora, os jornais e as revistas que Varvara Petrovna recebia por assinatura em grandes quantidades lia-os constantemente. Também se interessava sempre pelos êxitos da literatura russa, sem no entanto perder a sua dignidade. Houve um momento em que se entusiasmou pelo estudo da moderna política externa e interna a alto nível, mas rapidamente desistiu. Acontecia levar também o Tocqueville²⁹ para o jardim, mas no bolso escondia o Paul de Kock.³⁰ Aliás, não interessa.

Entre parênteses, farei também uma observação sobre o retrato de Kúkolnik: foi descoberto por Varvara Petrovna quando, ainda criança, estava no internato das meninas nobres em Moscou. Apaixonou-se de imediato pelo retrato, como é hábito de todas as meninas dos internatos apaixonarem-se pela primeira coisa que lhes cai debaixo de olho, incluindo professores, preponderantemente de caligrafia e desenho. Porém, o curioso não é esta característica de menina mas o fato de, mesmo aos cinquenta anos, Varvara Petrovna guardar este desenho entre as suas preciosidades mais íntimas, e talvez tenha sido

somente por isso que inventou para Stepan Trofímovitch um traje parecido com o do desenho. Mas também isto não passa de uma insignificância.

Nos primeiros anos, ou seja, na primeira metade da sua vida em casa de Varvara Petrovna, Stepan Trofímovitch ainda planejava escrever uma obra e todos os dias se preparava a sério para começar. Ora, na segunda metade, já nem se lembrava por certo de nada do que outrora dominava. Dizia-nos cada vez com mais frequência: “Parece que estou pronto para me lançar ao trabalho, os materiais estão preparados, mas não sou capaz! Não me sai nada” — e, tristonho, baixava a cabeça. Sem dúvida que isso, precisamente, devia atribuir-lhe, aos nossos olhos, ainda maior grandeza como mártir da ciência; porém, o que a ele apetecia era qualquer outra coisa. “Esqueceram-se de mim, ninguém precisa de mim!”, escapava-lhe muitas vezes. Esta forte hipocondria apoderou-se dele sobretudo em finais dos anos cinquenta. Por fim, Varvara Petrovna compreendeu que se tratava de uma coisa séria. Também não podia resignar-se com a ideia de que o amigo tivesse sido esquecido e tornado desnecessário. Para o distrair e, ao mesmo tempo, restaurar a sua glória, levou-o então a Moscou, onde tinha alguns conhecimentos elegantes nos círculos literários e científicos; verificou-se no entanto que nem a cidade de Moscou lhe dava satisfação.

Era uma época muito especial: qualquer coisa nova chegara, pouco semelhante à acalmia anterior, e muito estranha, mas sentida por todo o lado, inclusive em Skvoréchniki. Corriam muitos rumores. Os fatos, de uma maneira geral, eram mais ou menos conhecidos, mas tornava-se evidente que, além dos fatos, apareciam as ideias que os acompanhavam e, o mais importante, em quantidades extraordinárias. Era esse o embaraço: tornava-se perfeitamente impossível saber-se com certeza o significado de tais ideias. Varvara Petrovna, em consequência da organização feminina da sua natureza, queria ver nelas, obrigatoriamente, um segredo. Começou mesmo a ler, ela própria, os jornais, as revistas, as publicações estrangeiras proibidas e, inclusive, as proclamações que começaram a aparecer (mandavam-lhe tudo), mas tudo isso apenas lhe dava voltas à cabeça. Deu-lhe para

escrever cartas: respondiam-lhe pouco e de modo cada vez menos compreensível. Convidou solenemente Stepan Trofímovitch a explicar-lhe “todas essas ideias” de uma vez por todas; Varvara Petrovna, porém, ficou claramente insatisfeita com os esclarecimentos dele. A opinião de Stepan Trofímovitch relativamente ao movimento geral era extremamente arrogante; tudo se resumia a que ele tinha sido votado ao esquecimento por todos e se tornara desnecessário para todos. Mas eis que, finalmente, se lembraram também dele, primeiro na qualidade de mártir deportado nas publicações estrangeiras, e logo a seguir em Petersburgo, na qualidade de uma antiga estrela de determinada constelação; chegaram a compará-lo, sabe-se lá por quê, a Radíchev.³¹ Depois, alguém publicou a notícia de que ele morrera e prometeu um necrológio. Stepan Trofímovitch ressuscitou num instante e deu-se ares importantes. Toda a sua altivez em relação aos contemporâneos desapareceu num ápice e acendeu-se nele um sonho: juntar-se ao movimento e mostrar as suas forças. Varvara Petrovna voltou de imediato a acreditar em tudo e a afadigar-se terrivelmente. Foi decidido ir a Petersburgo sem demora, informarem-se de tudo a sério, terem uma visão pessoal das coisas e, se fosse possível, entrarem na nova atividade de corpo inteiro e sem reservas. A este propósito, Varvara Petrovna anunciou que estava pronta a fundar a sua própria revista e a dedicar-lhe toda a sua vida. Ao ver o ponto a que as coisas tinham chegado, Stepan Trofímovitch tornou-se ainda mais arrogante e, ainda pelo caminho, começou a tratá-la de modo quase protetor — o que ela guardou de imediato no coração. Entretanto, Varvara Petrovna tinha mais uma razão importante para empreender esta viagem, nomeadamente restabelecer as antigas relações importantes. Era necessário, na medida do possível, fazer-se lembrar à alta sociedade, pelo menos tentar fazê-lo. Ora, o pretexto formal para a viagem era o de visitar o seu filho único que, naquela altura, estava acabando o curso num colégio de Petersburgo.

Foram para Petersburgo e permaneceram lá quase toda a temporada de inverno. No entanto, por alturas da Quaresma, tudo fracassou, tudorebentou como uma bola de sabão irisada. Desvaneceram-se os sonhos, a confusão não só não se dissipou como se tornou ainda mais abominável. Em primeiro lugar, as relações mundanas de Varvara Petrovna quase não foram conseguidas, a não ser em forma microscópica e, de tão forçadas, humilhante. Insultada, Varvara Petrovna tentou então precipitar-se para as “ideias novas” e abriu serões em sua casa. Convidou os literatos, e trouxeram-lhos em grande número. Depois até já apareciam sozinhos, sem seremconvidados; um chamava outro. Nunca antes Varvara Petrovna vira literatos como eles. Eram incrivelmente vaidosos, sem o esconderem, como se cumprissem uma missão. Alguns (não todos, longe disso) apareciam bêbados, mas como se achassem nisso uma especial beleza, uma descoberta de ontem. Todos eles arvoravam um estranho orgulho nalguma coisa. De todas as caras transparecia a convicção de terem acabado de descobrir um segredo qualquer, de extrema importância. Altercavam a torto e a direito, vendo grande honra nisso. Era bastante difícil descobrir-se qual era exatamente a literatura destes literatos, e no entanto estavam sempre presentes críticos, romancistas, dramaturgos, satíricos, invectivadores. Stepan Trofímovitch furou até ao círculo superior deles, de onde era dirigido o movimento. Os dirigentes estavam numas alturas inatingíveis, mas receberam-no com hospitalidade, embora nenhum deles soubesse ou tivesse ouvido nada sobre ele, a não ser que “apresentava a ideia”. Tantas manobras fez à volta deles que conseguiu atraí-los por duas vezes ao salão de Varvara Petrovna, apesar da condição olímpica deles. Eram muito sérios e muito bem-educados, tinham boas maneiras; os outros tinham-lhes um medo visível; era também evidente que não tinham tempo, que estavam muito ocupados. Apareceram também duas ou três antigas celebridades literárias que estavam de passagem por Petersburgo e com quem Varvara Petrovna, havia muito, mantinha relações elegantes. Porém, para seu espanto, estas celebridades, verdadeiras e indubitáveis, mantinham-se quietinhas e caladinhas, havendo mesmo um ou outro que procurava, pura e simplesmente, a amizade de toda esta nova escumalha e a bajulava vergonhosamente. De início, Stepan

Trofímovitch teve sorte — agarraram-se a ele e começaram a expô-lo nas reuniões literárias públicas. Quando apareceu pela primeira vez no palco, num dos recitais literários públicos, onde também atuavam outros declamadores, rebentaram aplausos frenéticos que se prolongaram por cinco minutos. Stepan Trofímovitch recordava-o com lágrimas nos olhos ainda nove anos depois — mais pelo pendor artístico do seu caráter do que por gratidão.

— Juro-lhe e posso apostar — dizia-me ele (mas só a mim, em segredo) — que nem uma pessoa do público sabia nadinha de mim!

Confissão notável: significa que, na verdade, ele possuía um intelecto perspicaz, uma vez que, apesar do seu enlevo, deu conta com clareza da sua situação, logo ali, no palco; e significa também que não tinha um intelecto assim tão perspicaz, uma vez que, nove anos depois, não podia recordar isso sem ressentimento. Obrigaram-no a assinar dois ou três protestos coletivos (contra o quê? Ele próprio não sabia); assinou. Varvara Petrovna também foi instada a assinar contra um “comportamento monstruoso” qualquer; assinou. Esta nova gente, aliás, embora visitasse Varvara Petrovna, achava por qualquer razão que tinha o dever de olhar para ela com desprezo e ironia aberta. Num momento de amargura, Stepan Trofímovitch viria a insinuar-me, mais tarde, que foi por esse tempo que ela começou a ter-lhe inveja. Sem dúvida que Varvara Petrovna sabia que nem sequer devia travar conhecimento com tal gente, mas recebia-a avidamente, com toda a histérica impaciência feminina; acima de tudo, ela estava sempre à espera de qualquer coisa. Nos serões falava pouco, embora pudesse falar; preferia escutar. Falava-se da liquidação da censura e da liquidação da letra “ier”,³² da substituição das letras cirílicas pelas latinas, da deportação de alguém que tinha acontecido na véspera, de um qualquer escândalo no Passage,³³ da utilidade da fragmentação da Rússia em territórios étnicos com uma ligação federativa livre entre eles, da eliminação do exército e da marinha, da restauração da Polónia até ao Dniepre, da reforma camponesa e das proclamações, da liquidação das heranças, das famílias, dos filhos e dos padres, dos direitos da mulher, da casa de Kraévski, casa que jamais ninguém

poderia perdoar ao Senhor Kraévski, etc. Era claro que nesta amálgama de gente nova havia muitos vigaristas, mas era indubitável que havia também bastantes pessoas honestas e mesmo simpáticas, apesar de abundarem entre elas uns matizes verdadeiramente curiosos. Os honestos eram muito mais incompreensíveis do que os desonestos e os grosseiros; não se percebia, contudo, quem dominava. Quando Varvara Petrovna anunciou a sua ideia de publicação da revista, ainda afluiu mais gente a sua casa, mas para lhe atirar à cara acusações de capitalista e exploradora do trabalho alheio. A falta de cerimônias nas acusações só era comparável ao seu imprevisto. O velho General Ivan Ivánovitch Drozdov, antigo amigo e colega do General Stavróguin, muito conhecido por todos aqui, um homem digníssimo (mas *sui generis*), extremamente rebelde e irritadiço, um glutão terrível e com um medo terrível do ateísmo, num dos serões de Varvara Petrovna entrou em discussão com um jovem famoso. Este disse-lhe logo: “O senhor, para falar assim, deve ser general”, e disse-lho no sentido de que não podia encontrar pior insulto do que “general”. A reação de Ivan Ivánovitch foi uma tremenda explosão: “Sim, caro senhor, sou general, e mesmo tenente-general, e servi o meu imperador. E tu, caro senhor, és um incrédulo moncoso!”. O escândalo foi inadmissível. No dia seguinte, o caso foi divulgado na imprensa e deu-se início à recolha de assinaturas contra o “comportamento monstruoso” de Varvara Petrovna por não ter expulsado imediatamente o general. Numa revista ilustrada saiu uma caricatura em que eram representados no mesmo desenho, com sarcasmo e como três amigos retrógrados, Varvara Petrovna, o general e Stepan Trofímovitch; o desenho era acompanhado por versos do poeta nacional compostos propositadamente para a ocasião. Notarei da minha parte que, efetivamente, muitas pessoas com a patente de general têm o hábito de dizer com muita comicidade: “Servi o meu imperador”, como se o imperador deles não fosse o mesmo que o nosso, o dos simples súditos, mas um especial, à parte.

Continuar vivendo em Petersburgo era, evidentemente, impossível, até porque também Stepan Trofímovitch tivera um fiasco definitivo. Não aguentou e começou a declarar os direitos da arte, o que levou a

que ainda se rissem mais dele. No seu último recital lembrou-se de impressionar os ouvintes deitando mão a uma eloquência cívica, imaginando comover assim os corações e esperando que houvesse respeito pelo seu “exílio”. Concordou sem discutir com a inutilidade e a comicidade da palavra “pátria”; concordou também com a ideia da nocividade da religião, mas declarou em alto e bom som que as botas eram inferiores a Púchkin e até bastante inferiores.³⁴ Foi tão implacavelmente apupado que mesmo ali, no palco, desatou a chorar. Varvara Petrovna levou-o meio morto para casa. “On m’a traité comme un vieux bonnet de coton!”³⁵ balbuciava ele absurdamente. Varvara Petrovna cuidou dele durante toda a noite, deu-lhe gotas de louro-cerejo, repetindo-lhe até ao amanhecer: “Ainda é útil; ainda há de vir ao de cima; ainda hão de vir a dar-lhe valor... noutra lugar”.

No dia seguinte, de manhã cedo, chegaram à casa de Varvara Petrovna cinco literatos, três dos quais nunca vira na vida e que desconhecia totalmente mesmo de ouvir falar. Com um ar severo, anunciaram-lhe que tinham discutido a questão da revista de Varvara Petrovna e tinham chegado a uma decisão. Varvara Petrovna nunca tinha encarregado ninguém de discutir e decidir fosse o que fosse sobre a sua revista. A decisão deles consistia em que ela, depois de fundar a revista, deveria entregá-la imediatamente a eles, organizados em livre associação, juntamente com os capitais; quanto a ela, que se fosse embora para Skvoréchniki, não se esquecendo de levar o Stepan Trofímovitch, “que tinha caducado”. Por delicadeza, concordavam em reconhecer os direitos de propriedade dela e enviar-lhe todos os anos uma sexta parte do lucro líquido. O mais comovente era o fato de que, entre aquelas cinco pessoas, quatro estavam de certeza isentos de qualquer cobiça, afadigando-se apenas em nome da “causa comum”.

— Partimos em estado como que de atordoamento — contou-me depois Stepan Trofímovitch. — Eu não conseguia perceber nada do que se estava passando e só me lembro de ir todo o caminho a murmurar, ao ritmo do trem:

Vek e Vek e Lev Kambek

Lev Kambek e Vek e Vek...³⁶

e só o Diabo sabe que mais, até chegarmos a Moscou. Só em Moscou voltei a mim... Como se pudesse encontrar em Moscou alguma coisa diferente! Oh, meus amigos! — exclamava para nós, às vezes, numa inspiração. — Os senhores não podem imaginar que tristeza e que raiva invadem toda a nossa alma quando uma grande ideia, que acalentamos há muito e que veneramos religiosamente, é apanhada por ineptos e arrastada para a rua, para junto dos mesmos parvos que eles, e quando depois a encontramos de repente na feira, irreconhecível, coberta de lama, apresentada de maneira absurda, sem proporção, sem harmonia, como um brinquedo para crianças estúpidas! Não! Nos nossos tempos não era assim, e não era por isto que ansiávamos. Não, não era por isto. Não estou reconhecendo nada... O nosso tempo voltará e de novo guiará para um caminho firme tudo o que está desequilibrado, tudo o que é moderno. Senão, quem sabe o que vai acontecer?...

VII

L logo depois de terem voltado de Petersburgo, Varvara Petrovna mandou o seu amigo para o estrangeiro: “Para descansar”; também precisava de se separar dele por uns tempos, sentia-o. Stepan Trofímovitch aceitou com entusiasmo. “Lá, vou ressuscitar!”, exclamava. “Lá, finalmente, vou dedicar-me à ciência!”. Porém, mesmo nas primeiras cartas que remeteu de Berlim, continuava a cantar a mesma cantiga. “O meu coração está partido”, escrevia a Varvara Petrovna. “Não consigo esquecer nada! Aqui, em Berlim, tudo me lembra o meu passado, os meus primeiros encantamentos e os meus primeiros tormentos. Onde está ela? Onde estão agora elas ambas? Onde estão os dois anjos de quem nunca fui digno? Onde está o meu filho, o meu querido filho? Finalmente, onde estou eu, eu próprio, o antigo eu, o da força férrea, inabalável como uma rocha, se agora *un Andrejeff* qualquer, *un* palhaço ortodoxo com barbas, *peut briser mon*

existence en deux”,³⁷ etc. Quanto ao filho de Stepan Trofímovitch, viu-o apenas duas vezes na vida, primeiro quando nasceu, depois em Petersburgo, recentemente, onde o jovem se preparava para entrar na universidade. Durante toda a vida, o menino, como já referi antes, foi educado em casa das tias na província de O... (às custas de Varvara Petrovna), a setecentas verstas³⁸ de Skvoréchniki. Quanto a *Andrejeff*, ou seja, Andréev, era simplesmente um comerciante nosso, lojista, um grande esquisitão, arqueólogo autodidata, colecionador apaixonado de antiguidades russas, que às vezes discutia com Stepan Trofímovitch, alardeando os seus conhecimentos e, sobretudo, esgrimindo questões ideológicas. Este respeitável comerciante, de barbas brancas e grandes óculos de prata, ficou devendo a Stepan Trofímovitch quatrocentos rublos por várias jeiras de bosque compradas para corte na sua pequena propriedade (perto de Skvoréchniki). Embora Varvara Petrovna tenha posto ao dispor do seu amigo recursos luxuosos quando o mandou para Berlim, Stepan Trofímovitch, antes de partir, contava com aquele dinheiro, pelos vistos para as suas despesas secretas, e por pouco não chorou quando *Andrejeff* lhe pediu que esperasse mais um mês (tendo direito a esse adiamento, aliás, uma vez que lhe tinha pago as primeiras prestações com um adiantamento de meio ano, a pedido e por necessidade de Stepan Trofímovitch). Varvara Petrovna leu a primeira carta do amigo com avidez e, depois de sublinhar a lápis a exclamação: “Onde estão ambas?”, marcou a data e fechou a carta no escrínio. Stepan Trofímovitch, é claro, recordava assim as suas mulheres falecidas. Na segunda carta recebida de Berlim a cantiga era outra: “Trabalho doze horas por dia (‘andaria melhor se escrevesse onze’, resmungou Varvara Petrovna), revolvo os livros nas bibliotecas, verifico, copio extratos, corro. Visitei professores catedráticos. Reatei conhecimento com a excelente família Dundássov. Que encantadora é a Nadejda Nikoláevna, mesmo hoje! Manda-lhe cumprimentos. O jovem marido dela e todos os três sobrinhos estão em Berlim. Ao serão, converso com os jovens até de madrugada, fazemos quase umas noites atenienses, mas unicamente quanto ao esmero e à elegância; tudo é nobre: muita música, motivos espanhóis, sonhos de renovação universal, a ideia da beleza eterna, a Virgem

Sistina, a luz com cortes de trevas, mas também o Sol tem manchas! Oh, minha amiga, nobre e fiel amiga! O meu coração está com a senhora e pertence-lhe para sempre, só asi, *en tout pays*,³⁹ nem que seja *dans le pays de Makar et de ses veaux*,⁴⁰ de que tanto falávamos a tremer, lembra-se?, em Petersburgo antes da partida. Recordo isso com um sorriso. Ao atravessar a fronteira senti-me em segurança, tive uma sensação estranha, nova, pela primeira vez depois de tantos anos...”, etc.

“Pois é, tudo bobagem!”, concluiu Varvara Petrovna, guardando a carta. “Se tem noites atenienses até de madrugada, não pode passar doze horas nos estudos. Estava bêbado quando escreveu isto, ou o quê? E esta Dundássova, como se atreve a mandar-me cumprimentos? Aliás, que se divirta...”

A frase “*dans le pays de Makar et de ses veaux*” era a nossa expressão “aonde Makar levava os vitelos”. Stepan Trofímovitch gostava de traduzir os provérbios e as expressões populares russos para a língua francesa de forma propositadamente estúpida, sabendo sem dúvida traduzi-las melhor; mas fazia-o por *chic*, achava isso espirituoso.

Não se divertiu porém durante muito tempo: não aguentou mais e, ao fim de quatro meses, voltou a correr para Skvoréchniki. As suas últimas cartas já só continham desabafos do mais sentimental amor pela sua amiga tão longínqua e chegavam literalmente embebidas em lágrimas de saudade. Há naturezas que se afeiçoam tanto à casa que parecem cãezinhos de companhia. O encontro dos amigos foi exaltado. Dois dias depois as coisas corriam como dantes, até de modo mais enfadonho do que antes. “Meu amigo”, dizia-me Stepan Trofímovitch, em grande segredo. “Meu amigo, descobri uma... coisa terrível: *je suis un simples comensal et rien de plus! Mais r-r-rien de plus!*”⁴¹

Depois seguiu-se uma acalmia que durou quase ininterruptamente estes últimos nove anos. As explosões histéricas e os soluços sobre o meu ombro, que ocorriam sistematicamente, em nada prejudicavam a nossa prosperidade. Admira-me que Stepan Trofímovitch não tenha engordado durante todo este tempo. Apenas o nariz lhe ficou um pouco mais vermelho e a placidez se lhe tornou maior. Pouco a pouco estabeleceu-se à volta dele um círculo de companheiros, de resto sempre pequeno. Embora Varvara Petrovna não entrasse muito nos assuntos do nosso círculo, reconhecíamos-la como a nossa padroeira. Depois da lição petersburguense, Varvara Petrovna instalou-se definitivamente na nossa cidade: no inverno vivia na sua casa urbana; no verão, na sua propriedade rural. Até ser nomeado o nosso atual governador, nunca Varvara Petrovna teve tanta importância nem exerceu tanta influência na nossa sociedade provinciana. O antigo governador, o nosso inesquecível e brando Ivan Ossipovitch, era um parente próximo dela e, em tempos, fora beneficiado por ela. A esposa de Ivan Ossipovitch tremia com medo de não agradar a Varvara Petrovna, e a veneração que lhe tinha a sociedade da província chegava ao ponto de lembrar qualquer coisa pecaminosa. A partir de então, também Stepan Trofímovitch se sentia bem. Era membro do clube, perdia no jogo com toda a solenidade e ganhava o respeito das pessoas, embora muita gente o visse apenas como um “cientista”. Mais tarde, quando Varvara Petrovna o autorizou a viver na outra casa, passamos a ter ainda mais liberdade. Reuníamos-nos em casa dele duas vezes por semana; o ambiente era animado, sobretudo quando ele não poupava no champanhe. A bebida era comprada na loja do tal Andréev. Varvara Petrovna pagava a conta duas vezes por ano, e o dia de pagamento era quase sempre o dia de colerina.

Um dos mais antigos membros do círculo era Lipútin, funcionário provincial, homem já de certa idade, grande liberal, com fama de ateu na cidade. Casara em segundas núpcias com uma jovem bonitinha, recebera dote pelo casamento, tinha três filhas já crescidas. Mantinha toda a família fechada em casa e em estado de intimidação, era extremamente avarento e, só no serviço, acumulou dinheiro para uma

casa e constituiu ainda um bom pecúlio. Era um homem inquieto, de baixa graduação; na cidade tinham-lhe pouco respeito, nos círculos mais altos não o recebiam. Além disso era um mexeriqueiro notório e por mais de uma ocasião tinha sido castigado, e castigado dolorosamente: uma vez por um oficial, outra vez por um respeitável pai de família, proprietário rural. No entanto, gostávamos da sua inteligência aguda, da sua curiosidade e, sobretudo, da sua alegria maldosa. Varvara Petrovna não gostava dele, mas o homem sempre soube comprazer-lhe.

Varvara Petrovna também não gostava de Chátov, que se tornou membro do círculo apenas no último ano. Chátov tinha sido outrora um universitário, expulso em consequência de uma qualquer história estudantil. Na infância tinha sido aluno de Stepan Trofímovitch; nascera servo da gleba de Varvara Petrovna, filho do seu defunto criado grave Pável Fiódorov e tendo sido beneficiado por ela. Varvara Petrovna não gostava dele pelo seu orgulho e ingratidão, e nunca lhe perdoou que, depois da expulsão da universidade, ele não tivesse ido ter com ela de imediato; pelo contrário, nem sequer respondeu à sua carta e preferiu a escravidão de preceptor dos filhos de um comerciante civilizado. Acompanhou a família deste comerciante ao estrangeiro, mais como aio do que como preceptor: apetecia-lhe muito ir ao estrangeiro. Com as crianças estava ainda uma preceptora, uma desenvolta menina russa que entrou em casa também pouco tempo antes da partida e contratada sobretudo por ser barata. Cerca de dois meses depois, o comerciante expulsou-a por “livre pensamento”. Chátov arrastou-se atrás da expulsa e breve se casou com ela em Genebra. Viveram juntos umas três semanas e separaram-se como pessoas livres e não obrigadas a nada; é claro que foi também por causa da pobreza. Chátov, depois da separação, vagueou muito tempo sozinho pela Europa, sustentando-se sabe Deus de quê; dizem que limpava botas nas ruas e era estivador num porto. Havia um ano que voltara à nossa terra, ao ninho materno, instalando-se cá com a velha tia, que enterrou passado um ano. Tinha uma irmã, Dacha, também protegida de Varvara Petrovna, vivendo em casa desta numa situação muito nobre, como favorita da senhora, mas Chátov raramente se

encontrava com ela. Entre nós, mantinha-se sempre sorumbático e taciturno; às vezes, porém, se alguém mexia com as suas convicções, irritava-se doentamente e não se refreava nas palavras. “O Chátov, primeiro é preciso atá-lo, depois discutir com ele”, brincava às vezes Stepan Trofímovitch; contudo, gostava dele. No estrangeiro, Chátov mudara radicalmente algumas das suas convicções socialistas e virara para o extremo oposto. Era uma daquelas criaturas russas idealistas a quem, de chofre, uma ideia forte impressiona tanto que as avassala de uma vez e, às vezes, de uma vez por todas. Tais criaturas nunca têm forças para superar a ideia e acreditam nela com paixão; passam então o resto da vida como que nas últimas convulsões sob o peso da pedra que lhes caiu em cima e quase as esmagou. Pela aparência, Chátov correspondia por completo às suas convicções: era desajeitado, de cabelo loiro desgrenhado, baixote, espadaúdo, com os lábios grossos, as sobrancelhas espessas e hirsutas, o cenho carregado, um olhar antipático e teimoso, como que sempre envergonhado por alguma coisa. Por mais que fizesse, exibia sempre um topete na cabeleira, um tufo de cabelo que porfiava em estar sempre em pé. Teria uns vinte e sete ou vinte e oito anos. “Agora não me admira que a mulher tenha fugido dele”, observou uma vez Varvara Petrovna, depois de o examinar fixamente. Esforçava-se por se vestir com asseio, apesar da sua extrema pobreza. Mais uma vez, escolhera não recorrer à ajuda de Varvara Petrovna, ganhando o seu pão ao deus-dará; trabalhava também para os comerciantes. Aconteceu-lhe mesmo trabalhar numa venda e já estava destinado a partir de vapor como ajudante do empregado, mas adoeceu antes da partida. Era inimaginável quanta miséria ele era capaz de suportar sem pensar sequer nela. Depois da sua doença, Varvara Petrovna mandou-lhe anonimamente cem rublos, muito em segredo. Mas Chátov descobriu o segredo, refletiu, aceitou o dinheiro e foi à casa de Varvara Petrovna para lhe agradecer. Esta recebeu-o calorosamente, mas também aqui ele desiludiu todas as esperanças dela: ficou apenas cinco minutos, em silêncio, com um olhar lorpa espetado no chão e sorrindo estupidamente; de súbito, não a deixando acabar de falar quando ela estava no mais interessante da conversa, levantou-se, fez uma vênica canhestra, muito tímido, e, para cúmulo, derrubou uma valiosa mesinha de trabalho incrustada, que se

partiu, e saiu, meio morto de vergonha. Lipútin, mais tarde, viria a censurá-lo muito por ele ter aceitado aqueles cem rublos da parte da sua ex-ama despótica e por, ainda por cima, se ter arrastado até ela para lhos agradecer. Chátov vivia sozinho, no extremo da cidade, e não gostava de visitas, mesmo que fosse a de algum de nós. Mas era constante nos serões de Stepan Trofímovitch e pedia-lhe emprestados jornais e revistas.

Aparecia nos serões mais um jovem, um tal Virguínski, funcionário local, que tinha alguma semelhança com Chátov, embora fosse pessoa absolutamente diferente de Chátov em todos os sentidos; mas também era um “homem de família”. Humilde, muito apagado, já tinha os seus trinta anos e, embora autodidata, possuía uma instrução muito razoável. Era pobre, casado, trabalhava no serviço público e tinha a seu cargo uma tia e uma cunhada. A esposa e as outras senhoras também defendiam as convicções mais modernas, mas as coisas saíam-lhes um pouco grosseiras, ou seja, do gênero de “uma ideia tinha ido parar à rua”, como se exprimira Stepan Trofímovitch noutra ocasião. Tiravam tudo dos livros e, ao primeiro rumor dos círculos progressistas das nossas capitais, ficavam prontas para atirar tudo pela janela fora, bastava receberem o primeiro sinal parao fazerem. Madame Virguínskaia exercia a profissão de parteira na nossa cidade; em solteira vivera muito tempo em Petersburgo. Quanto a Virguínski, possuía um coração de rara pureza, e poucas vezes me calhou, em toda a minha vida, encontrar uma alma onde ardesse fogo mais honesto. “Nunca, nunca desistirei destas esperanças luminosas”, dizia-me, por vezes com os olhos radiantes. Sobre as “esperanças luminosas” falava sempre em voz baixa, num meio sussurro, com deleite e como que em segredo. Era alto e magríssimo, de ombros estreitos, com um cabelo muito ralo, um pouco arruivado. Aturava com resignação todos os sarcasmos arrogantes de Stepan Trofímovitch relativos a algumas das suas opiniões, mas sabia argumentar de modo muito sério e chegava apôr Stepan Trofímovitch, em muitos casos, num beco sem saída. Stepan Trofímovitch tratava-o com carinho e, de uma maneira geral, tinha uma atitude paternal para com todos nós.

— Sois todos umas “crias prematuras” — observava ele a Virguínski em tom de brincadeira —, todos semelhantes uns aos outros, embora no senhor, Virguínski, não veja aquele espírito li-mi-ta-do que encontrei em Petersburgo *chez ces séminaristes*;⁴² mesmo assim, sois prematuros. Chátov gostaria muito de ter sido procriado até ao fim, mas também ele é um prematuro.

— E eu? — perguntou Lipútin.

— O senhor é simplesmente *aurea mediocritas*, que se amolda a qualquer lado... à sua maneira.

Lipútin ofendia-se.

Contava-se de Virguínski, infelizmente com toda a veracidade, que a sua esposa, antes de completar um ano de casamento legítimo, lhe anunciou bruscamente que o rejeitava, preferindo-lhe o Lebiádkin. Este Lebiádkin, um forasteiro, revelou-se mais tarde pessoa bastante suspeita e não era capitão do exército, patente que ele próprio se atribuía. Sabia apenas torcer o bigode, beber e dizer os piores disparates que imaginar se possa. Este homem, de uma forma indelicadíssima, mudou-se imediatamente para o lar do casal, muito contente por comer o pão alheio; comia e dormia lá e, por fim, começou a tratar o dono da casa com altivez. Afirmava-se que Virguínski, ouvida a declaração de rejeição da boca da mulher, lhe disse: “Minha amiga, até hoje apenas te amava, agora também te respeito”; é pouco provável, no entanto, que a clássica máxima latina tenha sido pronunciada; pelo contrário, dizem que se desfez em pranto. Um dia, duas semanas após a rejeição, foram todos — toda a “família” — até fora das portas da cidade, tomar chá num bosquezinho, na companhia de alguns amigos. Virguínski caiu num estado de ânimo febrilmente alegre e entrou no baile; de repente, sem ter havido qualquer altercação prévia, agarrou pelos cabelos o gigante Lebiádkin, que executava um solo de cançã, dobrou-o e pôs-se a arrastá-lo aos guinchos, berros e lágrimas. O gigante acovardou-se de tal modo, que nem se defendeu e se manteve calado o tempo quase

todo; terminada a sova, porém, ofendeu-se com todo o ardor do homem nobre. Virguínski passou depois a noite de joelhos aos pés da mulher, implorando-lhe perdão; mas não o conseguiu porque se recusou, afinal, a pedir perdão também a Lebiádkin; além disso, foi acusado de pobreza de convicções e de estupidez; esta última acusação foi porque, para esclarecer as coisas com a senhora, se pôs de joelhos. O capitão, pouco tempo depois, desapareceu da cidade e só regressaria recentemente, com a irmã e novos objetivos; mas dele falaremos mais adiante. Não é de admirar que o pobre “homem de família” aliviasse a alma conosco e precisasse da nossa companhia. De resto, nunca se pronunciou sobre os assuntos de sua casa. Só uma vez, quando voltávamos os dois para casa depois de uma sessão com Stepan Trofímovitch, se pôs a falar comigo da sua situação de modo indireto, mas logo a seguir, agarrando-me na mão, exclamou com ardor:

— Não faz mal, é apenas um caso particular; não mexerá em nada, em nada, com a “causa comum”!

Apareciam no nosso círculo também as visitas ocasionais; aparecia o judeu Liámchin, aparecia o Capitão Kartúzov. Durante algum tempo visitava-nos também um velhinho curioso, mas morreu. Lipútin trouxe uma vez um padre polaco, de nome Sloncewski, que foi recebido durante algum tempo, por força dos princípios, mas depois deixamos de o receber.

IX

Houve uma altura em que se falava na cidade que o nosso círculo era um foco de livre-pensamento, de depravação e de descrença; aliás, este rumor foi sempre persistente. No entanto, o que se praticava entre nós era apenas a mais inocente, simpática e alegre tagarelice liberal, tipicamente russa. O “liberalismosublime” e o respectivo “liberal sublime”, ou seja, um liberal sem qualquer objetivo, são possíveis apenas na Rússia. Stepan Trofímovitch, como qualquer homem espirituoso, precisava de ouvintes, e precisava, além disso, de

ter a consciência de que cumpria o alto dever de propaganda das ideias. Por último, era mesmo necessário beber champanhe com alguém e, ao mesmo tempo, trocar determinadas ideias engraçadinhas sobre a Rússia e o “espírito russo”, sobre Deus e sobre o “Deus russo” particularmente; repetir, pela centésima vez, as escandalosas anedotas russas, conhecidas e decoradas por toda a gente. Também não éramos contra os mexericos da cidade e, sobre isso, chegávamos a pronunciar sentenças severas e altamente morais. Entrávamos também nas questões universais da humanidade, raciocinávamos seriamente sobre o futuro da Europa e da humanidade; predizíamos doutrinalmente que a França, depois do cesarismo, cairia de vez para a condição de Estado secundário, e estávamos absolutamente convencidos de que isso poderia acontecer com muita facilidade e muito em breve. Para o Papa de Roma vaticinávamos havia muito o papel de simples metropolita numa Itália unificada e estávamos certos de que toda esta questão milenar, no nosso século de humanismo, de indústria e de estradas de ferro, era coisa resolvida. Pois bem, é que o “liberalismo sublime russo” não pode ter outra atitude. Stepan Trofímovitch falava às vezes de arte, e bastante bem, mas de forma um pouco abstrata. Recordava às vezes os amigos da sua juventude — tudo pessoas notáveis na história do nosso desenvolvimento —, lembrava-os com enternecimento e veneração, mas também com alguma inveja. Se as coisas começavam a ficar demasiado enfadonhas, o judeu Liámchin (pequeno funcionário dos correios), um mestre no piano, sentava-se a tocar e, nos intervalos, imitava o porco, as trovoadas, o parto com o primeiro grito do bebê, etc.; era só para isso que o convidavam. Quando nos embebedávamos demais — o que, embora raramente, acontecia — o entusiasmo era maior e uma ocasião chegamos mesmo a cantar em coro a “Marselhesa”, acompanhados pelo piano de Liámchin; só que não sei se resultou bem. Celebramos o grande dia 19 de fevereiro⁴³ com entusiasmo, e já tínhamos começado a brindar por ele com muita antecedência. Foi já há muito tempo, ainda não estavam entre nós o Chátov nem o Virguínski, ainda Stepan Trofímovitch vivia no solar de Varvara Petrovna. Faltavam apenas alguns dias para a grande data quando deu a Stepan Trofímovitch para repetir, num

murmúrio para si mesmo, uns versos famosos embora antinaturais, compostos talvez por algum dos antigos proprietários rurais liberais:

*Vêm os mujiques,⁴⁴ trazem machados,
Será um terror.*

Era qualquer coisa deste gênero, não me lembro bem. Uma ocasião, Varvara Petrovna ouviu-o e gritou-lhe:

— Disparate, disparate! — e saiu, furiosa. Lipútin, que por acaso estava presente, observou causticamente:

— Realmente seria uma pena se os antigos servos causassem certos desgostos aos senhores proprietários rurais.

E traçou um corte, com o dedo indicador, em torno do seu pescoço.

— *Cher ami* — observou-lhe Stepan Trofímovitch com benevolência —, acredite que isto (repetiu o gesto em volta do pescoço) não trará proveito nenhum aos nossos proprietários nem a todos nós. Mesmo com as cabeças cortadas, não conseguiremos construir nada, apesar de serem precisamente as cabeças que não nos deixam perceber as coisas.

É de observar que muitos achavam que no Dia do Manifesto aconteceria qualquer coisa extraordinária, do gênero da previsão de Lipútin, e era precisamente esta a opinião dos assim chamados conhecedores do povo e do Estado. Parece que Stepan Trofímovitch também partilhava destas ideias, e a tal ponto que, nas vésperas do grande dia, começou a pedir a Varvara Petrovna que o mandasse para o estrangeiro; numa palavra, começou a enervar-se. Mas passou o grande dia, passou mais algum tempo, e o sorriso altivo reapareceu nos lábios de Stepan Trofímovitch. Expôs-nos então as suas grandes ideias sobre o caráter do homem russo de uma forma geral e do mujique russo particularmente.

— Nós, gente apressada que somos, tivemos pressa demais com os nossos mujiques — concluiu a sua série de ideias notáveis —,

introduzimo-los na moda, e toda uma parte da nossa literatura, durante vários anos, tem andado obcecada com eles, tratando-os como uma preciosidade recém-descoberta. Pusemos coroas de louro nas suas cabeças piolhosas. A aldeia russa, em mil anos, apenas nos deu a “komárinskaia”.⁴⁵ O poeta russo, que além de excelente tem ainda um bom sentido de humor, ao ver pela primeira vez no palco a grande Rachel,⁴⁶ exclamou enlevado: “Não trocarei Rachel pelomujiue!”. Estou pronto a ir ainda mais longe: não trocarei todos os mujiues russos por uma Rachel. Já é tempo de ver as coisas com sensatez e deixar de misturar o nosso breu campônio com o *bouquet de l'impératrice*.⁴⁷

Lipútin concordou com ele de imediato, mas observou que a hipocrisia de louvar os mujiues era, em qualquer caso, necessária para a ideologia; que mesmo as senhoras da alta sociedade se banhavam em lágrimas ao lerem *Anton, o Infortunado*,⁴⁸ e algumas delas até escreviam de Paris aos seus feitores para que começassem a tratar os camponeses com o maior humanismo possível.

Aconteceu um incidente também na nossa província, apenas a quinze verstas de Skvoréchniki, e nem de propósito depois das notícias sobre Anton Petrov,⁴⁹ e foram mandados rapidamente soldados para lá. Desta vez, Stepan Trofímovitch alarmou-se tanto que também a nós assustou. Gritava no clube que eram necessárias mais tropas, que as chamassem por telégrafo de outra província; correu ao governador para lhe garantir que não tinha nada que ver com aquilo; pediu que não lhe atribuíssem, fosse de que maneira fosse, por causa do seu passado, a responsabilidade pelo que estava acontecendo, e propunha que enviassem a sua declaração a Petersburgo, para as instâncias competentes, e de imediato. Ainda bem que tudo acabou rapidamente e sem quaisquer problemas; mas, daquela vez, fiquei espantado com Stepan Trofímovitch.

Três anos depois, como se sabe, começaram as conversas sobre a nação e nasceu a “opinião pública”. Stepan Trofímovitch ria muito.

— Meus amigos — doutrinava ele —, a nossa nação, mesmo que “tenha nascido”, como afirmam por aí nos jornais, ainda anda na escola, numa qualquer Peterschule⁵⁰ alemã, a estudar num livro alemão, a decorar a sua eterna lição de alemão, e o professor alemão, quando é preciso, põe-na ajoelhada de castigo. Os meus parabéns por termos um professor alemão; mas o mais provável é que não tenha nascido nada de especial e que tudo ande como dantes, ou seja, sob a proteção da divina providência. A meu ver, isso é quanto basta para a Rússia, *pour notre sainte Russie*.⁵¹ Além disso, todos esses pan-eslavismos e todas essas nacionalidades são coisas demasiado velhas para serem novas. O nacional, se quiserem, nunca apareceu entre nós a não ser na forma de uma birra senhorial de clube, ainda por cima de Moscou. É claro que não estou falando dos tempos do Príncipe Ígor.⁵² E, por último, direi que a causa de tudo isto é a ociosidade. Entre nós, tudo acontece por ociosidade, inclusive o que é bom. Tudo por causa da nossa ociosidade senhoril, tão querida, tão culta, tão esmerada! Ando a repetir isto já lá vão trinta mil anos. Não sabemos viver do nosso trabalho. E se eles agora fazem este barulho todo por causa de uma qualquer opinião pública “recém-nascida” entre nós... como é? Caiu do céu, assim sem mais nem menos? Será que não percebem que, para se adquirir opinião, é preciso em primeiro lugar o trabalho, o trabalho próprio, de cada um, a iniciativa própria, uma prática própria! Nada se alcança gratuitamente. Quando trabalharmos, poderemos ter a nossa opinião própria. Mas, como nunca iremos trabalhar, vão ter opinião por nós aqueles que trabalham por nós até hoje, isto é, sempre a mesma Europa, os mesmo alemães, que têm sido os nossos mestres de há duzentos anos a esta parte. Além disso, a Rússia é um absurdo demasiado grande para sermos capazes de acabar com ele sozinhos, sem alemães e sem trabalho. Há já vinte anos que ando a tocar a rebate e a chamar as pessoas para o trabalho! Entreguei a minha vida a este clamor e, como sou louco, acreditei! Agora já perdi a fé, mas continuo a tocar a rebate e continuarei até ao fim, até ao túmulo; hei de puxar a corda do sino até começarem a dobrar os sinos para a missa por minha alma!

Nós, infelizmente, fazíamos coro com ele. Aplaudíamos o nosso mestre, e com que ardor! A propósito, meus senhores, não se ouve ainda hoje, a cada passo, esta velha tagarelice russa, “querida”, “inteligente”, “liberal”?

O nosso mestre tinha fé em Deus.

— Não compreendo por que toda a gente aqui me considera um descrente! — dizia às vezes. — Tenho fé em Deus, *mais distinguons*,⁵³ tenho fé como numa criatura cuja consciência de si existe apenas em mim. Têm de concordar que não posso ter fé como a minha criada Nastássia, ou como um qualquer senhor que é crente “para o que der e vier”... ou como o nosso querido Chátov... aliás, não, o Chátov não conta, o Chátov tem fé *à força*, como um eslavófilo moscovita. Quanto ao cristianismo, com todo o meu sincero respeito por ele, não sou cristão. Sou antes um pagão antigo, como o grande Goethe, ou como um grego antigo. Basta o próprio fato de o cristianismo não compreender a mulher (uma ideia desenvolvida com excelência por George Sand num dos seus romances geniais). Quanto aos rituais, abstinências e assim por diante, não compreendo como é que alguém se há de meter na minha vida pessoal! Por mais que os nossos delatores se afadiguem aqui, recuso-me a ser jesuíta. Em 1847, Belínski, que estava no estrangeiro, mandou a Gógol a sua famosa carta, censurando-o com veemência por ele ter fé “num Deus qualquer”.⁵⁴ *Entre nous soit dit*,⁵⁵ não posso imaginar nada de mais cômico do que o momento em que Gógol (o Gógol daquele tempo!) leu esta expressão e... e o resto da carta! Mas, deixando o cômico de lado, e já que eu, em todo o caso, estou de acordo com a essência da questão, direi e registrarei: aqueles eram homens de verdade! Porque souberam amar o seu povo, souberam sofrer por ele, souberam sacrificar tudo por ele e souberam, ao mesmo tempo e quando foi preciso, não se fundir com ele, nem ser complacentes com ele em determinados conceitos. Realmente, era impensável o Belínski procurar a salvação no óleo vegetal ou no nabo com ervilhas...

Aqui, intrometia-se o Chátov.

— Estes seus homens nunca gostaram do povo, nunca sofreram por ele nem lhe sacrificaram coisíssima nenhuma, por mais que o fantasiassem, para se consolarem!— resmungava sombriamente, baixando os olhos e mexendo-se com impaciência nacadeira.

— Eles não gostavam do povo?! — vociferava Stepan Trofímovitch.
— Oh, como eles gostavam da Rússia!

— Nem da Rússia nem do povo! — berrava também Chátov, com os olhos a chispar. — Não se pode amar o que não se conhece; ora, eles não percebiam nada do povo russo! Todos eles, e o senhor juntamente com eles, sempre fizeram vista grossa ao povo russo, sobretudo Belínski; já nessa carta a Gógol se vê isso. Belínski, tal qual o Curioso da fábula de Krilov,⁵⁶ não reparou no elefante no museu, concentrando toda a sua atenção nos bichinhos sociais franceses,⁵⁷ e não foi mais longe. Ora, se calhar, eleera mais esperto do que os senhores todos! Os senhores não só não conheceram o povo como ainda tiveram por ele um desprezo abominável; basta dizer que, falando em povo, tinham em mente apenas o povo francês, e apenas o parisiense, ainda por cima, e tinham vergonha por o povo russo não ser igual a ele. Esta é a verdade nua e crua! Ora, quem não tem povo também não tem Deus! Fiquem sabendo que todos os que vão deixando de compreender o seu povo e perdem as ligações com ele vão também perdendo, em igual medida, a fé dos seus pais e, ou se tornam ateus, ou indiferentes. É assim! E é um fato que será confirmado. É por isso que os senhores, e nós todos, agora, ou somos uns ateus nojentos, ou somos uns inúteis indiferentes e depravados, e mais nada! Também não o excluo da série, Stepan Trofímovitch, e foi mesmo ao senhor que quis visar com as minhas palavras, fique sabendo!

Normalmente, depois de semelhantes monólogos (o que lhe acontecia muitas vezes), Chátov pegava no boné e precipitava-se para a porta, tendo a certeza de que desta vez estava tudo acabado e que rompera por completo e para sempre a amizade com Stepan Trofímovitch. Ora, este conseguia sempre detê-lo a tempo.

— Não será melhor fazer as pazes, depois de todas essas lindas palavras? — dizia ele, estendendo-lhe uma mão benévola sem se levantar da cadeira.

Chátov, desajeitado e envergonhado, não gostava de meiguices. Era aparentemente um grosseirão, mas no fundo era um homem delicadíssimo. Embora passasse muitas vezes das marcas, era o primeiro a sofrer com isso. Como resposta às palavras apaziguadoras de Stepan Trofímovitch, resmungava qualquer coisa para si mesmo e, depois de marcar passo durante algum tempo, como um urso, soltava uma risada repentina, punha o boné no lugar e sentava-se na mesma cadeira, fitando teimosamente o chão. Era evidente que seria servido depois o vinho e que Stepan Trofímovitch faria o brinde apropriado, por exemplo, em memória de algumas personalidades do passado.

2 - O Príncipe Harry. Pedido de casamento.

I

Existia no mundo mais uma pessoa a quem Varvara Petrovna estava afeiçoada não menos do que a Stepan Trofímovitch — o seu filho único Nikolai Vsevolodovitch Stavróguin. Tinha sido para ele que Varvara Petrovna convidara Stepan Trofímovitch como preceptor. O menino tinha naquela altura oito anos, e o General Stavróguin, seu leviano pai, já vivia separado da mãezinha, de maneira que o rapazinho cresceu sob os cuidados apenas dela. Há que fazer justiça a Stepan Trofímovitch, pois soube captar a amizade do seu discípulo. O segredo consistia em ele próprio ser uma criança. Eu ainda não estava lá, e Stepan Trofímovitch tinha a necessidade permanente de um amigo verdadeiro junto dele. Mal a criança cresceu um pouquinho, não hesitou em fazer seu amigo uma criatura tão pequena. Acontecia, de forma natural, que não havia distância alguma entre eles. Muitas vezes, Stepan Trofímovitch acordava à noite o seu amigo de dez ou onze anos unicamente para lhe contar, com as lágrimas nos olhos, os seus sentimentos ofendidos, ou para lhe revelar um qualquer segredo de família, sem reparar que tal coisa era absolutamente inadmissível. Atiravam-se então aos braços um do outro e choravam. O menino sabia que a mãe o amava muito, mas era pouco provável que ele também a amasse em igual medida. Varvara Petrovna falava pouco com ele e raramente lhe limitava a liberdade, mas o pequeno sentia sempre, dolorosamente, o olhar dela a segui-lo com atenção. Aliás, a mãe confiava inteiramente a Stepan Trofímovitch todo o trabalho de educação e de desenvolvimento moral do filho. Naquela altura tinha uma confiança absoluta em Stepan Trofímovitch. É de pensar que o

pedagogo tenha desarranjado um pouco os nervos do seu discípulo. Quando, aos quinze anos, levaram o menino para o colégio, estava fraco e pálido, estranhamente acanhado e pensativo. (Mais tarde viria a destacar-se por uma força física extraordinária). É de supor também que os amigos choravam, quando se atiravam aos braços um do outro, não só por causa de pequenos incidentes de família. Stepan Trofímovitch conseguiu tocar no coração do seu amigo profundíssimas cordas e despertar nele a primeira sensação, ainda indefinida, daquele tédio secular e sagrado, que uma alma eleita, depois de a saborear uma vez, nunca trocará por uma qualquer satisfação barata. (Há amadores que dão a este tédio um valor mais alto do que à mais radical satisfação, se tal satisfação fosse possível). Em todo o caso, ainda bem que, embora tarde, discípulo e mestre foram separados.

Durante os dois primeiros anos do colégio, o jovem vinha a casa nas férias. Durante a estada em Petersburgo de Varvara Petrovna e Stepan Trofímovitch, assistia às vezes aos serões literários da sua mãezinha, ouvia e observava. Falava pouco e, como antes, era acanhado, tímido. Tratava Stepan Trofímovitch com a mesma atenção carinhosa, mas já de maneira mais reservada: evitava visivelmente falar com ele de matérias sublimes e recordar o passado. Quando acabou o curso, acedeu ao desejo da mãezinha e entrou para o serviço militar, sendo a muito breve prazo inscrito num dos mais notáveis regimentos de cavalaria da guarda imperial. Pois bem, nem sequer apareceu para mostrar a farda à mãezinha e, agora, raramente escrevia de Petersburgo. Varvara Petrovna enviava-lhe somas generosas, apesar de que, depois da reforma política, o rendimento das suas propriedades tenha decaído tanto que, nos primeiros tempos, nem metade das antigas rendas recebia. No entanto, mercê das longas poupanças, acumulara um capital bastante razoável. Interessavam-lhe muito os êxitos do filho na alta sociedade petersburguense. O filho, jovem oficial rico e prometedor, alcançou o que ela própria não conseguiu. Restabeleceu relações com que a mãe nem podia sonhar, era recebido em toda a parte com agrado. Transcorrido algum tempo, porém, começaram a chegar até Varvara Petrovna rumores bastante estranhos:

o jovem metera-se numa pândega inesperada e louca. Não que jogasse ou bebesse muito, falava-se apenas de um desenfreno selvagem, de umas pessoas atropeladas pelos trotadores, de um procedimento animalesco da parte dele para com uma senhora da boa sociedade, senhora essa com quem tinha um caso mas a quem depois insultou publicamente. Havia algo de excessivo e escancaradamente sujo neste caso. Acrescentavam que ele era uma espécie de espadachim, que se agarrava às pessoas e as insultava por puro gozo. Varvara Petrovna preocupava-se, afligia-se. Stepan Trofímovitch assegurava-lhe que eram apenas os primeiros ímpetos fortes de uma natureza demasiado rica, que o mar se acalma sempre e que tudo aquilo se assemelhavamuito à juventude do Príncipe Harry pandegando com Falstaff, Poins e *mistress Quickly*,⁵⁸ descrita por Shakespeare. Desta vez, Varvara Petrovna não gritou: “Disparate, disparate!”, como ultimamente se acostumara a gritar a Stepan Trofímovitch; pelo contrário, deu-lhe ouvidos, pediu que ele explicasse melhor, pegou no livro de Shakespeare e leu, com extrema atenção, a crônica imortal. Porém, a crônica não a tranquilizou, uma vez que não achou nela grandes semelhanças. Esperava febrilmente as respostas a algumas das suas cartas. As respostas não demoraram a chegar: breve foi recebida a notícia fatídica de que o Príncipe Harry travara quase ao mesmo tempo dois duelos, sendo inteiramente culpado de ambos, matara um dos seus adversários e mutilara o outro; em consequência, fora entregue ao tribunal. Acabou por ser despromovido a soldado, com privação de direitos e deportação para um dos regimentos de infantaria, o que era ainda um grande favor.

No ano de sessenta e três conseguiu de algum modo destacar-se; condecoraram-no com uma cruzinha e promoveram-no a oficial inferior e depois, muito rapidamente, a oficial subalterno. Neste espaço de tempo, Varvara Petrovna enviou talvez uma centena de cartas para a capital, com petições e súplicas. Neste caso extraordinário, autorizou a si mesma uma certa dose de humilhação. Ora, o jovem, depois da promoção, pediu subitamente a passagem à reserva e, mais uma vez, não pôs os pés em Skvoréchniki, deixando definitivamente de escrever à mãe. Veio por fim a saber-se, por terceiros, que voltara para

Petersburgo mas que já não aparecia na sociedade que frequentava antes; parecia esconder-se. Veio também a descobrir-se que vivia no meio de uma companhia estranha, que se juntara sabe-se lá a que escumalha petersburguense, a uns quaisquer funcionários de pé-descalço e militares na reserva que praticavam a mendicidade nobre, bêbados, e que visitava as suas famílias sórdidas, que passava as noites em bairros degradados e sabe Deus que vielas, que se rebaixara, se esfarrapara; por todos os indícios, gostava daquela vida. Não pedia dinheiro à mãe; tinha a sua pequena propriedade — uma antiga aldeola do General Stavróguin que, pelo menos, dava algum lucro e que ele arrendaraa um alemão da Saxônia, segundo os rumores. A mãe, à força de tanto lhe suplicar, acabou por convencê-lo a visitá-la, e foi assim que o Príncipe Harry apareceu na cidade. Vi-o então pela primeira vez.

Era um jovem muito bem-parecido, dos seus vinte e cinco anos; confesso que me impressionou. Esperava ver um maltrapilho sujo, mirrado da depravação, tresandando a vodca. Pelo contrário, apareceu-me à frente o mais elegante cavalheiro que alguma vez eu já encontrara, excelentemente vestido, com as maneiras de um senhor habituado ao mais elegante esmero. Não fui eu só a ficar espantado: toda a cidade pasmou, até porque já estava por certo ao corrente de toda a biografia do Senhor Stavróguin, e com tantos pormenores que era impossível imaginar-se onde poderiam tê-los arranjado; o mais admirável era o fato de, afinal, metade deles ser verídica. Todas as nossas senhoras estavam loucas pelo recém-chegado. Dividiram-se em duas partes: numa, adoravam-no; na outra, odiavam-no ensandecidamente; porém, ambas as partes estavam loucas por ele. Algumas eram sobretudo atraídas pela suposição de que ele talvez guardasse na alma um segredo fatal; outras gostavam do fato de ele poder ser um assassino. Verificou-se também que era bastante culto, que tinha alguns conhecimentos. Evidentemente, não eram necessários muitos conhecimentos para nos impressionar; mas ele sabia raciocinar também sobre temas muito interessantes e atuais, e com grande sensatez, o que era o mais precioso. Quero referir aqui uma estranha coisa: todos nós, praticamente desdeo primeiro dia,

achamos o homem extremamente sensato. Não era muito loquaz, era elegante sem preciosismo, incrivelmente modesto e, ao mesmo tempo, ousado e seguro de si como ninguém o era entre nós. Os nossos janotas olhavam para ele com inveja, diante dele, apagavam-se completamente. Impressionou-me também o rosto dele: o cabelo era demasiado negro, os olhos claros demasiado calmos e límpidos, a tez demasiado suave e branca, o vermelho das faces demasiado vivo e limpo, os dentes como pérolas, os lábios como corais — parecia perfeitamente belo, mas ao mesmo tempo era como que repugnante. Diziam que a cara dele lembrava uma máscara; aliás, diziam muita coisa, inclusive que era dotado de uma extraordinária força física. Era de estatura bastante grande. Varvara Petrovna olhava para ele com orgulho, mas também com permanente preocupação. Viveu entre nós durante meio ano — mole, calmo, bastante sombrio; aparecia em sociedade e cumpria com rigor imutável a nossa etiqueta provinciana. Por parte do pai, era parente do governador que, por isso, o recebia em sua casa como membro da família. Porém, uns meses depois, a fera mostrou as garras.

Observo de passagem que o nosso querido e brando Ivan Ossipovitch, o antigo governador, era de aparência um pouco efeminada, mas pertencia a uma boa família, com relações importantes — é esta a explicação de se ter mantido no cargo durante vários anos, esquivando-se a todos os problemas. Pela sua simpatia e hospitalidade, devia ser um decano da fidalguia dos bons velhos tempos, em vez de governador numa época tão inquieta como a nossa. Dizia-se na cidade que não era ele quem governava, mas Varvara Petrovna. Tratava-se de uma ironia mordaz, é claro, e também de uma mentira absoluta; mas não faltavam brincadeiras a este respeito. Era o contrário: nos últimos anos Varvara Petrovna afastara-se, inteira e conscientemente, de quaisquer funções de alta importância, apesar do respeito que toda a sociedade nutria por ela, e demarcara para si limites rigorosos. Começou outrossim a dedicar-se à gestão da sua propriedade e, em dois ou três anos, elevou os seus rendimentos quase para o nível do passado. Em vez de seguir os impulsos poéticos de outrora (viagens a Petersburgo, projetos de editar uma revista),

começou a acumular dinheiro e a poupar. Até afastou de si Stepan Trofímovitch, dando-lhe licença para arrendar casa noutra parte (o que ele lhe pedia havia muito tempo sob vários pretextos). Pouco a pouco, Stepan Trofímovitch começou a chamar-lhe mulher prosaica, ou, de modo mais irônico, “a minha amiga prosaica”. Obviamente, permitia-se estas brincadeiras apenas numa forma muito respeitosa e escolhendo com cuidado a ocasião conveniente.

Todos nós, os amigos chegados, compreendíamos — e Stepan Trofímovitch com mais sensibilidade do que todos — que o filho passara a representar para ela uma espécie de nova esperança, ou, mesmo, de novo sonho. A paixão dela pelo filho surgira no tempo dos êxitos do jovem na sociedade petersburguense e aumentou especialmente depois da notícia de que tinha sido despromovido a soldado. Entretanto, tinha-lhe um medo evidente e, diante dele, parecia uma escrava. Via-se que o medo dela assentava em qualquer coisa indefinida, enigmática, que ela própria não sabia explicar, e olhava muitas vezes e à socapa para *Nicolas*, atentamente, tentando perceber e adivinhar... até que, de repente, a fera mostrou as suas garras.

II

O nosso príncipe, sem mais nem menos, cometeu de súbito duas ou três insolências inimagináveis na intenção de outras tantas pessoas; o principal foi que tais insolências, de inéditas, não se pareciam com nada, eram absolutamentediferentes daquelas que é costume a gente fazer, sem qualquer sentido nem motivo, isto é, garotices que só o Diabo sabe por que são feitas. Um dos mais respeitáveis decanos do nosso clube, Pável Pávlovitch Gagánov, senhor idoso e mesmo emérito, ganhara o hábito inocente de acrescentar a cada passo da sua conversa, com ardor: “Não, ninguém me leva pelo beijo!”. Que mal tinha isso? Mas um dia, no clube, quando ele, por qualquer motivo veemente, pronunciou este aforismo diante de um grupo de membros do clube (tudo gente de certa importância!),

Nikolai Vsevolodovitch, que estava afastado, sozinho, e a quem ninguém se dirigira sequer, aproximou-se de rompante de Pável Pávlovitch e agarrou-o com dois dedos pelo beijo, com força, conseguindo depois arrastá-lo dois ou três passos pela sala. Quanto a ter algum rancor guardado contra o senhor Gagánov, não podia ser. Podia supor-se que aquilo era uma traquinice puramente escolar, sem dúvida imperdoável; no entanto viria a dizer-se mais tarde que, durante a facécia, Stavróguin estava como que absorto, “como se tivesse enlouquecido”; isto, porém, só passado muito tempo viria a ser recordado e percebido. Em cima do acontecimento, no meio daquela confusão toda, apenas se fixou na memória dos presentes o segundo momento, em que ele, por certo já com toda a consciência da realidade, não só não se confundiu como, pelo contrário, sorriu maldosa e alegremente, “sem qualquer sinal de arrependimento”. Levantou-se um alarido terrível, rodearam-no. Nikolai Vsevolodovitch virava-se e olhava à sua volta sem responder a ninguém e observando com curiosidade as pessoas. Por fim, ficou de novo como que absorto — pelo menos assim se contava —, carregou o sobrolho, aproximou-se numa passada firme do ofendido Pável Pávlovitch e murmurou rapidamente, com visível repulsa:

— Bem, desculpe-me... Francamente, não sei como me deu para... que estupidez...

A forma indiferente da sua desculpa mais se assemelhava a um novo insulto. O alarido cresceu. Nikolai Vsevolodovitch encolheu os ombros e saiu.

Tudo aquilo era muito estúpido, já sem falar da inconveniência — uma inconveniência calculada e premeditada, como parecia à primeira vista e daí que constituísse um insulto intencional e descaradíssimo a toda a nossa sociedade. Foi assim que todos o entenderam. Em primeiro lugar, por unanimidade, excluíram de imediato o senhor Stavróguin do nosso clube; em segundo lugar, decidiram dirigir-se ao governador, da parte do nosso clube, com o pedido de ser posto um freio (sem esperar pela ação formal do tribunal) ao desordeiro nocivo,

“espadachim da capital, usando o governador do seu poder administrativo para com isso proteger a paz e o sossego de todo o círculo decente da nossa sociedade contra estas afrontas nocivas”. Acrescentavam também, com ingenuidade maldosa, que “talvez possa ser encontrada uma lei para manietar até o senhor Stavróguin”. Esta frase foi composta precisamente para alfinetar o governador, com a insinuação de sua ligação a Varvara Petrovna. Remoíam a história com deleite. Nem de propósito, naquele momento o governador não estava na cidade: tinha ido ao batizado da criança de uma viúva recente e atraente que, quando o marido lhe morreu, estava grávida. Sabia-se no entanto que o governador em breve voltaria. Enquanto esperavam, organizaram na intenção do ofendido Pável Pávlovitch verdadeiras orações de desagravo: abraçavam-no e beijavam-no; toda a cidade o visitava. Surgiu até o projeto de organizarem um almoço em sua honra, mas, a seu insistente pedido, desistiram — talvez tenham finalmente compreendido que o homem, fosse como fosse, tinha sido arrastado pelo beijo e, por conseguinte, não havia motivo para rejubilar.

Entretanto, como é que isto aconteceu? Como foi possível acontecer? O mais curioso era que ninguém, em toda a nossa cidade, atribuía esta ação louca à loucura. Parecia que todos estavam prontos a esperar de Nikolai Vsevolodovitch, mesmo de mente sã, semelhantes procedimentos. Quanto a mim, apesar de um acontecimento que se deu pouco tempo depois e que, aparentemente, esclareceu tudo e apaziguou toda a gente, até hoje não sei que explicação possa adiantar. Acrescento também que, passados quatro anos, Nikolai Vsevolodovitch, respondendo à minha pergunta cautelosa sobre o incidente no clube, disse, carregando o sobrolho: “Naquele tempo eu não estava muito bem de saúde”. Mas não vale a pena anteciparmos.

Também foi uma coisa curiosa para mim aquela explosão de ódio geral com que a cidade inteira se atirou então ao “desordeiro e espadachim da capital”. A nossa cidade queria ver naquilo, obrigatoriamente, uma intenção bem calculada e insolente de ofender toda a sociedade. Ficou claro que o homem não agradou a ninguém,

pelo contrário, indispôs toda a gente contra ele — e com quê? Antes deste incidente nunca se zangara com ninguém, nunca insultara ninguém e era tão educado como um figurino de moda, se este pudesse falar. Acho que o odiavam por causa do seu orgulho. Mesmo as nossas damas, que de início o adoravam, vociferavam agora contra ele ainda mais do que os homens.

Varvara Petrovna estava terrivelmente abalada. Confessou depois a Stepan Trofímovitch que previra tudo havia muito, que durante o último meio ano pensava todos os dias numa coisa “precisamente deste gênero” — confissão notável por parte de uma mãe. “Começou!”, pensou ela, a tremer. Na manhã seguinte ao serão fatídico no clube tentou, cautelosa mas resolutamente, um esclarecimento com o filho, toda a tremer, coitada, apesar da sua firmeza. Não dormira toda a noite e, de manhã cedo, fora mesmo aconselhar-se com Stepan Trofímovitch e chorara, o que nunca lhe tinha acontecido na presença de pessoas. Queria que o *Nicolas* ao menos lhe dissesse alguma coisa, que se dignasse pelo menos dar-lhe uma explicação. O *Nicolas*, sempre muitoeducado e respeitoso para com a mãe, ouviu-a durante algum tempo, carrancudo e muito sério; de repente, sem responder nada, levantou-se, beijou-lhe a mão e saiu. Ora, nessa mesma noite, nem de propósito, rebentou outro escândalo, embora muito mais débil e vulgar do que o primeiro, mas que, graças ao estado de ânimo geral, intensificou ainda mais os brados que corriam na cidade.

Desta vez, foi ao nosso companheiro Lipútin que o Nikolai Vsevolodovitch calhou. Lipútin foi ter com Nikolai Vsevolodovitch logo depois da conversa deste com a mãe e pediu-lhe encarecidamente que, nessa noite, aparecesse na festa de aniversário da sua mulher. Havia muito tempo que Varvara Petrovna olhava com arrepios para estabaixa tendência de Nikolai Vsevolodovitch na escolha dos seus conhecidos, mas não se atrevia a fazer-lhe observações a este respeito. Com efeito, Nikolai Vsevolodovitch já arranjava conhecimentos vários na camada de terceira categoria da nossa sociedade, e até em meios ainda mais baixos; pois, tinha esta tendência. Ora, à casa de Lipútin é que ainda não tinha ido nunca, embora já se encontrasse com ele

noutros lugares. Percebeu que Lipútin o convidava em consequência do escândalo no clube e que o homem, na sua condição de liberal local, estava entusiasmadíssimo com o escândalo, que pensava sinceramente que era assim que deviam ser tratados os decanos do clube e que tinha sido ótimo o que sucedera. Nikolai Vsevolodovitch riu-se e prometeu aparecer.

Os convidados eram muitos — gente desinteressante mas expedita. O Lipútin, vaidoso e invejoso, só convidava pessoas duas vezes por ano, mas quando convidava não olhava a poupanças. O mais emérito convidado, Stepan Trofímovitch, não comparecera por motivo de doença. Eram servidos chá, petiscos e vodca em abundância; jogava-se em três mesas; os jovens, enquanto esperavam pelo jantar, organizaram um baile ao som do piano. Nikolai Vsevolodovitch convidou Madame Lipúтина — uma senhora muito bonitinha e que se intimidava muito com ele —, dançou duas voltas com ela, sentou-se ao lado dela e fê-la falar e rir. Finalmente, ao reparar que ela era de fato muito linda quando se ria, abraçou-a num repente pela cintura e beijou-a na boca três vezes seguidas, com mostras de pleno prazer. A pobre, assustada, desmaiou. Nikolai Vsevolodovitch pegou no chapéu, aproximou-se do esposo aturdido no meio do pânico geral que se gerou, e, murmurando apressadamente: “Não se zangue”, saiu. Lipútin correu atrás dele para o vestibulo, ele próprio lhe entregou a peliça e, com vênias, acompanhou-o até às escadas. No dia seguinte deu-se um acrescento bastante cômico a esta história, um acrescento no fundo inocente, em comparação com os acontecimentos anteriores — um acrescento que passou a aureolar Lipútin de uma certa honra, honra que ele soube aproveitar plenamente em seu favor.

Cerca das dez da manhã chegou a casa da Senhora Stavróguina a criada dos Lipútin, Agáfia, uma mulherzinha desembaraçada, ágil e corada, dos seus trinta anos, mandada com um recado para Nikolai Vsevolodovitch e pretendendo, sem falta, “ver o próprio”. A Nikolai Vsevolodovitch doía muito a cabeça, mas saiu: Varvara Petrovna conseguiu estar presente quando da transmissão do recado.

— Serguei Vassílitch (ou seja, Lipútin) — pôs-se Agáfia a metralhar — em primeiro lugar manda-lhe muitos cumprimentos, pergunta pela sua saúde e, também, se dormiu bem depois daquilo de ontem e como se sente depois daquilo de ontem.

Nikolai Vsevolodovitch soltou uma risada.

— Apresenta-lhe cumprimentos e agradecimentos da minha parte, e diz ao teu amo, Agáfia, que ele é a pessoa mais inteligente de toda a cidade.

— Pois, a isso o meu amo mandou que lhe responda — replicou Agáfia com ainda maior agilidade — que ele próprio já o sabia e que faz votos de que o senhor também o seja.

— Ora essa! Como é que ele podia saber o que eu ia te responder?

— Não sei, francamente, como é que o meu amo sabia, mas quando eu já tinha saído e já estava na viela, ouvi ele correndo atrás de mim sem o boné: “Ouve, Agáfiuchka”, disse ele, “se por acaso ele te disser: ‘Diz ao teu amo que ele é o mais inteligente da cidade’, não te esqueças de lhe responder: ‘Sabemos isso muito bem e fazemos votos de que o senhor também o seja’...”

III

Aconteceu, finalmente, o esclarecimento com o governador. O nosso querido e brando Ivan Ossipovitch acabara de voltar e de ouvir a veemente queixa do clube. Era sem dúvida necessário fazer alguma coisa, mas era um embaraço para ele. O nosso hospitaleiro velhote também parecia temer um pouquinho o seu jovem parente. Resolveu no entanto convencê-lo a apresentar desculpas ao clube e ao ofendido, de uma forma satisfatória e, se fosse preciso, por escrito; a seguir, convencê-lo de modo delicado a abandonar-nos, para satisfazer a sua curiosidade na Itália, por exemplo, ou algures no estrangeiro. Na sala onde entrou para receber desta vez Nikolai Vsevolodovitch (porque

das outras vezes este passeava por toda a casa como pessoa defamília) estava numa mesa a um canto, a deslacrar sobrescritos, o Aliocha Teliátnikov, homem educado, funcionário permanente em casa do governador; na sala contígua, junto à janela mais próxima da porta, acomodava-se um coronel, vindo de fora, gordo e corpulento, amigo e antigo colega de Ivan Ossipovitch, lendo o jornal *Góloss*⁵⁹ e, evidentemente, não prestando qualquer atenção ao que se passava na outra sala; até estava de costas. Ivan Ossipovitch começou de longe, quase num sussurro, mas sem parar de se atrapalhar. *Nicolas*, com muita antipatia, numa atitude nada própria de um familiar, pálido, cabisbaixo, ouvia carregando o sobrolho, como se tentasse ultrapassar uma dor forte.

— O *Nicolas* tem um coração bondoso e nobre — introduziu oportunamente o velho —, é um homem muito culto, frequentou círculos muito altos e, até hoje, também aqui se tem portado de modo exemplar, sossegando com isso o coração da sua mãezinha, tão querida para todos nós... Mas agora, de repente, tudo se apresenta com umas cores tão enigmáticas e perigosas para todos! Estou falando como amigo da sua casa, como homem maduro que gosta sinceramente de vós e é vosso familiar, pelo que não pode ofender-se comigo... Diga-me, o que o leva a cometer atos tão desenfreados, fora de todas as convenções e de todos os limites? O que significam estas afrontas, que parecem feitas em delírio?

Nicolas ouvia com desagrado e impaciência. De súbito, relanceou-lhe no olhar um brilho malicioso e irônico.

— Está bem, vou dizer-lhe o que me impele — pronunciou, sombrio, e lançando um olhar em volta inclinou-se para o ouvido de Ivan Ossipovitch. O educado Aliocha Teliátnikov afastou-se mais três passos, até à janela, e o coronel que lia o *Góloss* tossicou. O pobre Ivan Ossipovitch, pressurosa e confiadamente, pôs-lhe o ouvido à disposição; era extremamente curioso. Foi então que aconteceu o inconcebível, em certo sentido, já que noutra sentido a coisa foi até demasiado clara. O velho sentiu de repente que *Nicolas*, em vez de lhe

cochichar um segredo interessante, lhe ferrou os dentes com bastante força na parte superior da orelha. Ivan Ossipovitch tremeu, cortou-se-lhe a respiração.

— *Nicolas*, que brincadeiras são essas? — gemeu involuntariamente, com avoz alterada.

Aliocha e o coronel ainda não tinham tido tempo de perceber o que se passava, até porque não podiam ver nada e pensaram, até ao fim, que os dois estavam cochichando; no entanto, o rosto desesperado do velho deixou-os preocupados. Esbugalharam os olhos um para o outro sem saberem se haviam de acudir ao velho, como fora combinado, ou esperar mais. *Nicolas* deve ter reparado nisso porque cerrou os dentes na orelha do governador ainda mais.

— *Nicolas*, *Nicolas*! — voltou a vítima a gemer. — Bem... já brincaste... chega...

Mais um pouco e, de certeza, o pobre morreria de susto; porém, o facínora condescendeu e largou-lhe a orelha. Toda esta cena de terror mortal durou um minuto, e o velho, depois disso, teve um ataque qualquer. Meia hora depois, *Nicolas* era detido e levado, até o momento, para a prisão militar, onde foi fechado num cubículo, com uma sentinela à porta. A decisão era brusca, mas o nosso brando chefe tinha ficado tão zangado que decidira tomar essa responsabilidade, mesmo perante Varvara Petrovna. À senhora, que aparecera irritada e apressadamente em casa do governador para exigiresclarecimentos imediatos, foi negada a recepção logo à porta de entrada; assim, sem acreditar nos seus ouvidos, voltou para casa sem sair do coche.

Mas por fim lá se esclareceu tudo! Às duas da tarde, o detido, antes disso espantosamente calmo — até adormeceu —, começou de repente a fazer uma barulheira enorme, a bater furiosamente com os punhos na porta; com uma força sobrenatural, arrancou a grade de ferro da abertura da porta, partiu o vidro e cortou-se nas mãos. Quando chegou o graduado com os seus homens e as chaves, e mandou abrir a

cela para manietar o enfurecido, descobriu-se que este se encontrava num estado de delírio agudo; levaram-no para casa da mãezinha. E foi aí que tudo se esclareceu de uma vez. Os nossos três médicos exprimiram a opinião de que já três dias antes o doente poderia estar com uma espécie de delírio e, embora guardasse a consciência e a astúcia, ficara privado da razão e da vontade, o que, de resto, era confirmado pelos fatos. Donde resultava que Lipútin tinha sido o primeiro a adivinhar. Ivan Ossipovitch, homem delicado e sensível, ficou envergonhadíssimo; é no entanto curioso que também ele tenha acreditado que Nikolai Vsevolodovitch era capaz de cometer uma loucura estando no seu perfeito juízo. Também no clube as pessoas ficaram envergonhadas, sem compreenderem como fora possível não terem reparado numa coisa que saltava à vista e terem passado ao lado da única explicação viável de todos aqueles mistérios. Havia também, naturalmente, alguns cétricos, mas não resistiram muito.

Nicolas ficou acamado mais de dois meses. Foi chamado de Moscou um médico famoso, para consultas; toda a cidade visitou Varvara Petrovna. Ela perdoou a toda a gente. Quando, pelo início da primavera, ele melhorou e, sem quaisquer objeções, aceitou a proposta da mãe de ir à Itália, ela própria o convenceu a fazer as habituais visitas de despedida a toda a gente e, na medida do possível e onde era necessário, a apresentar desculpas. *Nicolas* concordou com todo o gosto. Veio a saber-se, no clube, que Nikolai Vsevolodovitch teve um esclarecimento delicadíssimo com Pável Pávlovitch Gagánov em casa deste, o que deixou Pável Pávlovitch muito agradado. No périplo das visitas, *Nicolas* manteve-se sempre muito sério, até um pouco sombrio. Todos o receberam, pelos vistos, com muita compreensão, embora continuassem um tanto confusos e tivessem ficado contentes com a sua partida para a Itália. Ivan Ossipovitch chegou mesmo a verter uma lágrima, mas, sabe-se lá por quê, não se atreveu a abraçá-lo, mesmo à despedida. Palavra de honra, havia ainda quem estivesse convencido de que o canalha gozara pura e simplesmente com as pessoas e que a sua doença era só conversa fiada. Passou também pela casa de Lipútin.

— Diga-me uma coisa — perguntou-lhe. — Como é que o senhor previu que eu iria dizer aquilo sobre a sua inteligência e já tinha a resposta preparada que mandou por Agáfia?

— Da seguinte maneira: porque eu também considero o senhor um homem inteligente, e foi por isso que previ o que iria dizer — riu-se Lipútin.

— Mesmo assim, é uma coincidência impressionante. Aliás, espere lá: então o senhor, quando me mandou Agáfia, achava-me um homem inteligente e não um louco?

— Considerava-o um homem inteligentíssimo e muito sensato, apenas fingi que acreditava que perdera o juízo... O senhor mesmo, de resto, descobriu de imediato qual era a minha ideia e passou-me logo a patente de homem de espírito, que me mandou pela Agáfia.

— Pois bem, nisso está um pouco enganado; na verdade, estava adoentado... — murmurou Nikolai Vsevolodovitch, carregando o sobrolho. — Irra! — gritou. — Será que o senhor pensa realmente que eu sou capaz de me atirar às pessoas estando no meu perfeito juízo? Mas para que o faria?

Lipútin curvou-se e não soube o que responder. *Nicolas* empalideceu um pouco, ou talvez fosse apenas impressão de Lipútin.

— Em qualquer caso, a ordenação das suas ideias é muito cômica — continuou *Nicolas* — e, quanto à Agáfia, acho que a mandou para me insultar.

— Queria que o desafiasse para duelo ou o quê?

— Ah, pois! Já ouvi dizer que o senhor não aprecia muito os duelos...

— Para que precisamos de traduções do francês? — voltou Lipútin a curvar-se.

— É adepto do nacional?

Lipútin curvou-se ainda mais.

— Ora, ora, o que estou vendo! — gritou *Nicolas* ao reparar, no lugar mais à vista, em cima da mesa, um tomo de *Considérant*.⁶⁰ — O senhor por acaso não é fourierista?⁶¹ É possível! Então, e isso, não será também uma tradução do francês? — riu-se ele, tamborilando com os dedos no livro.

— Não, não é tradução do francês! — disse Lipútin, até com uma certa raiva. — É tradução da língua universal humana, e não apenas do francês! Da língua da república social humana, universal e harmônica, é isso! E não só do francês!...

— Irra, que raio, mas essa língua nem sequer existe! — continuou *Nicolas* arir-se.

Às vezes até um pequeno pormenor nos espanta extraordinariamente e por muito tempo. O principal sobre o Senhor Stavróguin será dito mais adiante; por agora anotarei, como curiosidade, que de todas as impressões de Nikolai Vsevolodovitch Stavróguin gravou-se-lhe com maior nitidez na memória e perdurou a figurinha desinteressante e quase ignóbil do pequeno funcionário provinciano, ciumento e déspota grosseiro da família, forreta e agiota que fechava à chave os restos do almoço e os cotos das velas, e, ao mesmo tempo, fanático só Deus sabia de que futura “harmonia social”, deleitando-se à noite com os seus próprios entusiasmos perante cenários fantásticos do futuro falanstério, em cuja realização próxima na Rússia e na nossa província acreditava tão cegamente como na sua própria vida. E seria fundado no mesmo lugar onde ele próprio acumulou dinheiro para a sua “casinha”, onde se casou pela segunda vez e recebeu o dote da mulher, onde, a cem verstas em redor, não houvesse ninguém, nem ele próprio, que se assemelhasse minimamente a um futuro membro “da república e da harmonia humana universal”.

“Só Deus sabe como se fabricam pessoas destas!”, pensava *Nicolas*, perplexo, quando às vezes recordava o inesperado fourierista.

IV

O nosso príncipe andou em viagem mais de três anos, pelo que na cidade quase se esqueceram dele. Mas os nossos, por intermédio de Stepan Trofímovitch, sabiam que Nikolai Vsevolodovitch tinha percorrido toda a Europa, tinha ido também ao Egito e, de passagem, a Jerusalém; depois, aderiu algures a uma expedição científica de partida para a Islândia, e pronto, foi à Islândia. Contava-se também que assistira durante um inverno inteiro a conferências numa universidade alemã. Escrevia pouco à mãe — uma vez por ano, ou até menos; mas Varvara Petrovna não se zangavam se ofendia. Aceitava, submissa e resignada, a sua relação com o filho, tal como fora estabelecida de uma vez por todas; mas sonhava constantemente com o seu *Nicolas*, tinha saudades dele. Não dava conta dos seus queixumes a ninguém nem partilhava os seus sonhos com os outros. Talvez se tenha mesmo afastado um poucode Stepan Trofímovitch. Criara no seu íntimo uns quaisquer projetos, ao que parecia; tornara-se ainda mais avarenta do que antes, poupava ainda mais e irritava-se ainda mais com as perdas de Stepan Trofímovitch ao jogo.

Finalmente, em abril deste ano, recebeu uma carta de Paris remetida pela Generala Praskóvia Ivánovna Drozdova, sua amiga de infância. Na sua carta, Praskóvia Ivánovna — que já não via Varvara Petrovna nem trocava correspondência com ela havia oito anos — comunicava-lhe que Nikolai Vsevolodovitch ficara íntimo da sua família e fizera amizade com Lisa (filha única de Drozdova), e que planejava acompanhá-las no verão na sua viagem à Suíça, a Vernex-Montreux, apesar de Nikolai Vsevolodovitch ser recebido como verdadeiro filho na família do Conde K... (personalidade muito influente em Petersburgo) que estava atualmente em Paris; estava quase alojado em casa do conde. A missiva era curta e revelava claramente o seu objetivo embora mencionasse apenas os fatos acima referidos e não contivesse

quaisquer conclusões. Varvara Petrovna, sem pensar duas vezes, fez as malas num instante, pegou na sua protegida Dacha (irmã de Chátov) e, nos meados de abril, partiu para Paris e seguiu, depois, para a Suíça. Em julho regressou sozinha, deixando Dacha com os Drozdov; quanto aos Drozdov, prometeram vir à nossa terra em finais de agosto.

Os Drozdov também eram proprietários rurais na nossa província, mas o serviço do General Ivan Ivánovitch (velho amigo de Varvara Petrovna e colega do seu marido) impedia-os sempre de visitarem a sua magnífica herdade. Ora, depois da morte do General Ivan Ivánovitch, no ano passado, a inconsolável Praskóvia Ivánovna resolveu ir coma filha para o estrangeiro, na segunda metade do verão, com a finalidade, entre outras coisas, de fazer um tratamento à base de uvas em Vernex-Montreux. Planejava também, quando voltasse à pátria, instalar-se na nossa província para sempre. Praskóvia Ivánovna possuía uma casa enorme na nossa cidade, vazia há muitos anos, com as janelas entaipadas. Era gente rica. Praskóvia Ivánovna, Senhora Túchina pelo primeiro casamento, era, tal como a sua colega no internato Varvara Petrovna, filha de um concessionário do Estado dos velhos tempos e também se casou dispondo de um grande dote. O capitão de cavalaria na reserva Túchin, por sua vez, também era homem abastado e com algumas capacidades. Antes de morrer, legou à sua filha única Lisaveta Nikoláevna, então com sete anos, um belo capital. Era ponto assente que esta Lisa, agora com vinte e dois anos, possuía à vontade duzentos mil rublos próprios, fora a fortuna que, a seu tempo, herdaria da mãe, que não tinha filhos do seu segundo casamento. Varvara Petrovna, pelos vistos, regressou bastante contente da viagem. No seu entender, o acordo a que tinha chegado com Praskóvia Ivánovna era satisfatório. Mal chegou contou tudo a Stepan Trofímovitch e até se mostrou muito expansiva na conversa que teve com ele, o que não acontecia havia muito.

— Hurra! — gritou Stepan Trofímovitch, e fez estalar os dedos.

Estava entusiasmadíssimo, até porque passara todo o tempo de separação da sua amiga numa grande tristeza. Antes da sua partida

para o estrangeiro, Varvara Petrovna nem sequer se despedira dele como era devido e nem contara nada ao “bisbilhoteiro” com receio de que ele desse com a língua nos dentes. Naquela altura estava desavindacom ele por causa da súbita descoberta de uma perda considerável deste ao jogo. Porém, ainda na Suíça, o coração de Varvara Petrovna sentiu que era necessário compensar o amigo abandonado, até porque havia muito tempo já que o tratava com excessiva severidade. A despedida rápida e misteriosa abalou e martirizou o tímido coração de Stepan Trofímovitch; nem de propósito, assediaram-no ao mesmo tempo outros problemas. Atormentava-o uma dívida antiga e considerável que de modo nenhum poderia ser paga sem a ajuda de Varvara Petrovna. Além disso, em maio deste ano acabou finalmente a governação do nosso bondoso e meigo Ivan Ossipovitch; foi substituído, e até de modo bastante desagradável. Depois, na ausência de Varvara Petrovna, tomou posse do cargo o nosso novo chefe, Andrei Antónovitch von Lembke; quase imediatamente, começou visível mudança de atitude de quase toda a nossa sociedade provinciana para com Varvara Petrovna e, logo, para com Stepan Trofímovitch também. Pelo menos, Stepan Trofímovitch teve ocasião de colecionar várias observações desagradáveis, embora preciosas, e por certo se intimidou muito sozinho, sem Varvara Petrovna presente. Desconfiava, preocupado, que já tinham sido feitas denúncias ao novo governador sobre ele como homem perigoso. Veio a ter a informação fidedigna de que algumas das nossas damas tencionavam acabar com as suas visitas a Varvara Petrovna. Quanto à futura governadora (esperava-se a chegada dela apenas nos inícios de outono), diziam as senhoras que, embora pelos rumores fosse orgulhosa, era uma verdadeira aristocrata, nada que se comparasse com “esta nossa Varvara Petrovna, coitada”. Toda a gente já sabia, de fontes desconhecidas mas fidedignas, e com pormenores, que a nova governadora e Varvara Petrovna já se tinham encontrado outrora na alta sociedade e se tinham separado como inimigas, pelo que a simples recordação da Senhora Von Lembke causava em Varvara Petrovna, supostamente, um efeito doloroso. O ar enérgico e vitorioso de Varvara Petrovna e a indiferença desdenhosa com que ouviu o relato das opiniões das nossas damas e das emoções da nossa

sociedade levantaram o espírito esmorecido do nosso Stepan Trofímovitch e animaram-no num instante. Com um humor muito especial, alegremente servil, pôs-se a descrever a Varvara Petrovna a chegada do novo governador.

— Sabe sem qualquer dúvida, *excellente amie*⁶² — dizia ele, amaneirado, esticando com esmero as palavras —, o que significa o administrador russo geral e o que significa o administrador russo recente, ou seja, recém-cozinhado, recém-nomeado... *Ces interminables mots russes!*⁶³ ... Mas acho que a senhora não poderia conhecer na prática o que significa o êxtase administrativo, que coisa é esta!

— Êxtase administrativo? Não sei o que é.

— Ou seja... *Vous savez, chez nous... En un mot*,⁶⁴ coloque uma insignificância das mais imprestáveis no simples posto de venda de passagens ferroviárias, e esta insignificância logo se achará no direito de olhar para a senhora armada em Júpiter quando lhe for comprar passagens, *pour vous montrer son pouvoir*.⁶⁵ “Espera, vou mostrar-te o meu poder...”. Este desejo, neles, chega até ao êxtase administrativo... *En un mot*, li que um sacristão numa das nossas igrejas no estrangeiro... *mais c’est très curieux...*⁶⁶ expulsou, expulsou literalmente da igreja uma notável família inglesa, *les dames charmantes*,⁶⁷ mesmo antes do início do ofício da Quaresma... *vous savez, ces chants et le livre de Job...*⁶⁸ unicamente sob o pretexto de que “é violação da ordem que os estrangeiros vagueiem pelas igrejas russas; que venham quando lhes for permitido...”. Levou as senhoras ao desmaio... Portanto, este sacristão teve um acesso de êxtase administrativo *et il a montré son pouvoir...*⁶⁹

— Abrevie, se puder, Stepan Trofímovitch.

— O Senhor Von Lembke anda agora dando uma volta pela província. *En un mot*, este Andrei Antónovitch, embora seja alemão

russo de crença cristã ortodoxa, e até seja (faço-lhe justiça) um homem notavelmente bonito, daqueles quarentões...

— Quem lhe disse que é bonito? Tem olhos de carneiro.

— Exatamente. Mas eu cedo, por assim dizer, à opinião das nossas damas...

— Adiante, Stepan Trofímovitch, peço-lhe! A propósito, agora usa gravatas vermelhas? Desde quando?

— Eu... apenas hoje...

— E tem feito o seu exercício? Dá um passeio de seis verstas, todos os dias, como lhe foi prescrito pelo doutor?

— Não... Nem sempre.

— Eu já sabia! Na Suíça já desconfiava disso! — levantou a voz, irritada. — Agora vai fazer dez verstas em vez de seis! O senhor desleixou-se terrivelmente, ter-ri-vel-mente! Não só envelheceu como ficou decrépito... o senhor impressionou-me há pouco, apesar da sua gravata vermelha... *quelle idée rouge!*⁷⁰ Continue com o seu Von Lembke, se tem de fato alguma coisa para dizer e termine depressa, peço-lhe; estou cansada.

— *En un mot*, queria apenas dizer que é um daqueles administradores novatos que até aos quarenta anos vegetam em estado de humildade e, depois, sobem bruscamente na vida por meio da aquisição de uma esposa, ou por qualquer outro meio, não menos desesperado... Ou seja, ele agora partiu... ou seja, quero eu dizer que lhe cochicharam aos dois ouvidos que eu era um depravador de jovens e um semeador do ateísmo na província... E ele pôs-se de imediato à cata de mais informações.

— Tem a certeza de que isso é verdade?

— Até já tomei as minhas precauções. Quando lhe “de-nun-ci-a-ram” que a senhora “mandava na província”, *vous savez...*⁷¹ ele permitiu-se a liberdade de declarar que “tais coisas não iam acontecer mais”.

— Disse mesmo assim?

— Que “não iam acontecer...”, *et avec cette morgue...*⁷² Quanto à esposa, Iúlia Mikháilovna, vê-la-emos por aqui em finais de agosto, vinda diretamente de Petersburgo.

— Do estrangeiro. Encontramo-nos lá.

— *Vraiment?*⁷³

— Em Paris e na Suíça. É parente dos Drozdov.

— Parente? Que coincidência notável! É verdade o que dizem, que é vaidosa e... muito bem relacionada?

— Disparate, nada de importante! Ficou para tia até aos quarenta e cinco anos e sem um tostão; agora casou-se com o seu Von Lembke e, é claro, tudo o que ela quer é fazer dele alguém. São ambos uns intriguistas.

— É verdade o que dizem, que é dois anos mais velha do que ele?

— Cinco. A mãe dela, em Moscou, fartou-se de bater à minha porta; fazia-se convidada para os meus bailes, no tempo de Vsévolod Nikoláevitch, como se pedisse por amor de Deus. E a filha ficava toda a noite sentada num canto sem dançar, sozinha, coma sua mosca turquesa na testa; às vezes já passava das duas quando eu lhe mandava, por piedade, o primeiro cavalheiro. Naquela altura já tinha vinte e cinco anos, mas levavam-na à sociedade de vestidinho curto, como uma menina. Começou a ficar inconveniente recebê-las.

— Estou vendo a mosca na sua testa como ao vivo.

— Ouça, cheguei lá e esbarrei logo com uma intriga. O senhor não leu agora a carta da Drozdova? O que poderia ser mais claro do que aquilo? Pois bem, chego lá, e o que me espera? A própria parvalhona da Drozdova (sempre foi uma parva), põe-se a olhar para mim com ares interrogativos: o que é que eu tinha lá ido fazer?, queria ela dizer. Pode imaginar o meu espanto! Então, vejo que está lá nas suas manobras esta Lembke e, com ela, aquele primo, sobrinho do velho Drozdov... e tornou-se tudo claro para mim! É evidente que dei volta àquilo tudo num instante e a Praskóvia pôs-se logo do meu lado. Mas veja a intriga, a intriga!

— Que a senhora, no entanto, venceu! Oh, é uma autêntica Bismarck!

— Não sou Bismarck, mas sou capaz de descobrir a falsidade e a estupidez. A Lembke é falsidade, e a Praskóvia é estupidez. Poucas vezes vi uma mulher mais molengona, ainda por cima tem as pernas inchadas, e ainda por cima é toda bondosa. O que pode haver de mais estúpido do que um ser bonacheirão estúpido?

— Um parvalhão maldoso, *ma bonne amie*,⁷⁴ é ainda mais estúpido — objetou Stepan Trofímovitch nobremente.

— Talvez tenha razão... Lembra-se de Lisa?

— *Charmante enfant!*⁷⁵

— Agora já não é *enfant*, mas uma mulher, e uma mulher de caráter. Nobre e impetuosa, e agrada-me muito que ela não faça a vontade à mãe, que é uma parva confiante. Por causa desse primo, por pouco não aconteceu uma história.

— Bem, mas ele, na verdade, não é parente de Lisaveta Nikoláevna... Não será um pretendente?

— É um jovem oficial, está vendo, muito taciturno, até modesto. Gosto de ser justa seja em que caso for. Parece-me que ele próprio estava contra esta intriga toda e não queria nada, aquilo eram apenas

manhas da Lembke. Ele tinha muito respeito por *Nicolas*. Tudo depende de Lisa, está vendo, mas eu deixei-a num ótimo relacionamento com *Nicolas*. Ele próprio prometeu que nos visitava em novembro, sem falta. Portanto, quem está intrigando é só a Lembke, e a Praskóvia é apenas uma cega. De repente, diz-me que todas as minhas suspeitas são fantasias; e eu respondo-lhe na cara que ela é parva. Estou pronta a confirmá-lo até no Juízo Final. Se não fossem os pedidos de *Nicolas* para eu deixar tudo isto por enquanto, não sairia de lá sem desmascarar essa falsa. Em casa do Conde K. era toda obséquios para o *Nicolas*, queria separar o filho da própria mãe. Mas a Lisa está do nosso lado e, com a Praskóvia, tenho tudo combinado. Sabia que o Karmazínov é parente dela?

— Como? Parente de Madame Von Lembke?

— Sim, dela, parente afastado.

— Karmazínov, o novelista?

— Sim, o escritor. Por que se admira tanto? É claro que ele se considera um gênio. Criatura presunçosa! Ela vem com o Karmazínov, anda alardeando isso por lá. Tenciona organizar aqui qualquer coisa, uns colóquios literários quaisquer. Ele vem por um mês, quer vender a última herdade que tem aqui. Por pouco não me encontrei com elena Suíça, e olhe que não tinha vontade nenhuma de o ver. Aliás, espero bem que ele se dignará reconhecer-me. Antigamente escrevia-me cartas, visitava a nossa casa. Gostava muito que o Stepan Trofímovitch se vestisse melhor, a cada dia que passa torna-se mais desleixado... Oh, que desgosto me dá! O que está lendo agora?

— Eu... eu...

— Compreendo. Os amigos, como sempre, as bebedeiras, como sempre, o clube e as cartas, e, como sempre, essa reputação de ateu. Não me agrada essa reputação, Stepan Trofímovitch. Não quero que passe por ateu, sobretudo agora. Já antes não queria, porque isso é apenas tagarelice oca. É preciso dizê-lo finalmente...

— *Mais, ma chère...*

— Ouça, Stepan Trofímovitch, em tudo o que é cultura, eu sou sem dúvida uma ignorante em comparação ao senhor, mas quando vinha para cá pensei muito no senhor. Cheguei a uma conclusão.

— Que conclusão?

— À conclusão de que nós dois somos os mais inteligentes do mundo, tenho esta convicção, mas que há sempre alguém mais inteligente.

— O que diz é espirituoso e é certo. Há sempre alguém mais inteligente, portanto há quem tenha mais razão do que nós, portanto também podemos enganar-nos, não é? *Mais, ma bonne amie*, digamos que sim, que me engano; mas não será verdade que tenho o meu direito universalmente humano, eterno e superior da livre consciência? Tenho o direito de não ser hipócrita nem fanático se o desejar e, por isso, é natural que seja odiado, até ao fim dos séculos, por certos senhores. *Et plus, comme on trouve toujours plus de moines que de raison*,⁷⁶ e como estou absolutamente de acordo com isso...

— Como, como é?

— Digo: *on trouve toujours plus de moines que de raison*, e como estou...

— Com certeza não são palavras suas; tirou isso de algum lado?

— Foi Pascal quem o disse.

— Já sabia... que não era seu! Por que é que o senhor nunca diz nada assim, lacônico e certo, mas estica tudo até mais não poder? É muito melhor do que aquilo que disse há pouco sobre o êxtase administrativo...

— *Ma foi, chère...*^{zz} por quê? Em primeiro lugar, pelos vistos, porque não sou nenhum Pascal, *et puis...* em segundo lugar, nós, os russos, não sabemos dizer nada na nossa língua... Pelo menos, até hoje ainda não dissemos nada...

— Humm! Se calhar não é verdade. Ao menos podia apontar e decorar essas palavras, para o caso... sabe... de uma conversa... Ah, Stepan Trofímovitch, preciso de falar a sério, muito a sério com o senhor!

— *Chère, chère amie!*

— Agora, com todos esses Lembke, com todos esses Karmazínov... Oh, meu Deus, como o senhor se desleixou! Oh, como o senhor me atormenta!... Pois eu gostaria que essas pessoas sentissem respeito pelo senhor, porque elas não valem o seu dedo, o seu dedo mindinho; e como se porta o senhor? O que é que eles vão ver? O que lhes vou apresentar? Em vez de se erguer nobremente como um testemunho, em vez de fazer da sua pessoa um exemplo, o senhor rodeia-se de escumalha, adquiriu hábitos inconcebíveis, ficou decrépito, não pode passar sem álcool e sem as cartas, lê apenas o Paul deKock e não escreve nada, ao passo que eles, lá, todos escrevem; desperdiça todo o seu tempo com a tagarelice. Acha possível, acha admissível manter a amizade com o seu inseparável Lipútín?

— Por que *meu e inseparável?* — protestou Stepan Trofímovitch timidamente.

— Onde está ele agora? — continuou Varvara Petrovna, severa, ríspida.

— Ele... ele respeita-a infinitamente. Foi a S. para tomar posse da herança da mãe.

— Parece que ele não faz outra coisa senão receber dinheiro. E o Chátov? Está na mesma?

— *Irascible, mais bon.*⁷⁸

— Detesto esse seu Chátov; é maldoso e imagina-se um grande portento!

— Como está Dária Pávlovna?

— A Dacha? Por que se lembrou dela? — Varvara Petrovna olhou para ele com curiosidade. — Deixei-a em casa dos Drozdov... Na Suíça ouvi qualquer coisa sobre o seu filho, qualquer coisa má...

— *Oh, c'est une histoire bien bête! Je vous attendais, ma bonne amie, pour vous raconter...*⁷⁹

— Chega, Stepan Trofímovitch, deixe-me descansar, estou extenuada. Ainda vamos ter tempo de falar à vontade, sobretudo das coisas más. O senhor deita perdigotos quando se ri, está mesmo caduco! Que estranha maneira de se rir o senhor arranjou... Meu Deus, que maus hábitos acumulou! O Karmazínov, assim, não vai visitá-lo! Isto aqui já está bonito assim, com as pessoas todas contentes... Pois, o senhor agora mostra-se tal como é. Mas chega, chega, estou cansada! Tem de me poupar, também sou um ser humano!

Stepan Trofímovitch “poupou o ser humano”, mas foi-se embora confuso.

De fato, o nosso amigo ganhara bastantes maus hábitos, sobretudo nos últimos tempos. Degradou-se visível e rapidamente, e era verdade que se tornou desleixado. Bebia mais, ficou mais lacrimejante e de nervos mais frágeis; tornou-se demasiado sensível à elegância e ao esmero. O seu rosto adquiriu a estranha capacidade de se alterar muito rapidamente, trocando num instante, por exemplo, a mais solene expressão pela mais cômica e até estúpida. Não aguentava a solidão e era constante a sua ânsia de o divertirem. Sentia a necessidade de que lhe contassem sempre algum mexerico, alguma anedota da cidade, para ele todos os dias deviam ser novos. Ora, se se passasse muito

tempo sem aparecer ninguém, vagueava tristonho pelas salas, espreitava pela janela, mexia os lábios pensativo, suspirava fundo e, por fim, quase choramingava. Não parava de ter pressentimentos, de ter medo de qualquer coisa inesperada e iminente; tornou-se assustadiço, começou a prestar muita atenção aos sonhos.

Passou toda esta manhã e toda esta tarde mergulhado em tristeza, mandou-me chamar. Emocionava-se muito, falava sem parar, sempre a contar-me coisas, mas tudo de maneira bastante desconexa. Varvara Petrovna sabia há muito tempo que ele não me escondia nada. Pareceu-me, por fim, que tinha uma razão qualquer particular para estar preocupado, mas que ele próprio talvez não conseguisse especificar. Dantes, quando nos encontrávamos a sós e ele começava a queixar-se, não tardava que fosse buscar uma garrafinha, o que era muito mais consolador. Desta vez não houve garrafa e notava-se que Stepan Trofímovitch reprimia dentro de si o desejo de a mandar buscar.

— Por que está ela zangada comigo? — queixava-se a cada instante, como uma criança. — *Tous les hommes de génie et de progrès en Russie étaient, sont et seront toujours des jogadores de cartas et des bêbados, qui boivent en zapoï...*⁸⁰ mas eu não sou ainda um jogador e um bêbado tão empedernido... Ela censura-me por eu não escrever nada. Que ideia estranha!... Por que estou sempre deitado? O senhor, diz ela, tem de erguer-se como “um exemplo e uma censura”. *Mais, entre nous soit dit*, o que mais pode fazer uma pessoa a quem é destinado erguer-se “como uma censura” senão ficar deitado?... Será que ela o sabe?

E, finalmente, foi-me esclarecida aquela tristeza específica, aquela tristeza principal que, de momento, o atormentava tão obsessivamente. Nessa tarde aproximava-se muitas vezes do espelho e demorava-se à frente dele. Por fim, voltou-se para mim e, com um estranho desespero, disse:

— *Mon cher, je suis un*⁸¹ *homem degradado!*

Sim, realmente, até agora, até precisamente este dia, ele tinha uma única certeza, constante, apesar de todas as “opiniões novas” e de todas as “mudanças de ideias” de Varvara Petrovna, a saber: era ainda encantador para o coração feminino dela, não só como um exilado ou um bom literato, mas também como homem bem apessoado. Durante vinte anos viveu com esta convicção lisonjeira e apaziguadora enraizada nele, e talvez fosse esta convicção, mais do que todas as outras, que lhe custava mais abandonar. Esta noite, pressentiria ele a provação gigantesca que o esperava num futuro muito próximo?

VI

Passarei agora a descrever o caso, em parte engraçado, com que na verdade começa a minha crônica.

Terminava agosto quando voltaram finalmente as Drozdov. O aparecimento delas deu-se um pouco antes da chegada da sua parente, a nossa nova governadora, há tanto tempo esperada em toda a cidade, e, de uma maneira geral, causou uma impressão maravilhosa na sociedade. De todos estes curiosos acontecimentos, porém, falarei mais tarde; por agora limitar-me-ei a dizer que Praskóvia Ivánovna trouxe a Varvara Petrovna, que a esperava com tanta impaciência, um enigma muito preocupante: *Nicolas* despedira-se delas ainda em julho e, encontrando-se no Reno com o Conde K., tinha ido com ele e com a família dele para Petersburgo. (*Nota bene*: todas as três filhas do conde eram casaduras).

— Da Lisaveta, que é orgulhosa e teimosa, não consegui explicação nenhuma — concluiu Praskóvia Ivánovna —, mas vi com os meus próprios olhos que entre ela e Nikolai Vsevolodovitch tinha acontecido alguma coisa. Não sei o que foi, mas por favor, minha amiga Varvara Petrovna, pergunte à sua Dária Pávlovna quais foram as causas disso. A meu ver, a Lisa estava ofendida. Estou contentíssima por lhe trazer finalmente a sua favorita e lha poder entregar: tiro este peso de cima de mim.

Estas palavras mordazes foram pronunciadas com notória irritação. Era visível que a “mulher molengona” as preparara de véspera e se deliciava de antemão com os efeitos que produziriam. Porém, Varvara Petrovna não era daquelas a quem se pudesse espantar com efeitos sentimentais e com enigmas. Exigiu com severidade as mais exatas e satisfatórias explicações. Praskóvia Ivánovna baixou logo de tom e acabou mesmo por chorar e por desabafar da forma mais amigável. Esta senhora irritadiça, mas sentimental, tinha a necessidade permanente, tal como Stepan Trofímovitch, de uma verdadeira amizade, e a sua queixa principal consistia precisamente em a sua filha Lisaveta Nikoláevna “não ser uma amiga para ela”.

Porém, entre todas as suas explicações e desabafos, a única coisa certa era ter acontecido entre Lisa e *Nicolas* uma desavença, mas que gênero de desavença — disso Praskóvia Ivánovna não conseguia formar uma ideia definida. Quanto às acusações contra Dária Pávlovna, não só acabou por desistir delas como até pediu a Varvara Petrovna que não desse qualquer importância às suas palavras sobre o caso porque haviam sido proferidas “por irritação”. Em resumo, era tudo muito confuso, quiçá suspeito. Nas palavras de Praskóvia Ivánovna, a desavença começara por causa do caráter “irônico e caprichoso” de Lisa; “ora, o orgulhoso Nikolai Vsevolodovitch, embora perdidamente apaixonado, não pôde suportar as ironias dela e tornou-se ele próprio irônico”.

— Depois, passado pouco tempo, travamos conhecimento com um jovem que, ao que parece, é sobrinho do seu “professor”; aliás, tem o mesmo sobrenome...

— Não é sobrinho, é filho — corrigiu-a Varvara Petrovna. Praskóvia Ivánovna já antes nunca conseguia também lembrar-se do nome de Stepan Trofímovitch e referia-se sempre a ele como o “professor”.

— Que seja filho, até é melhor, para mim tanto faz. Um jovem normal, muito vivo, muito livre, mas sem nada de especial. Neste aspecto, a própria Lisa procedeu mal ao aproximar de si o jovem com a

intenção de fazer ciúmes a Nikolai Vsevolodovitch. Mas não vou censurá-la muito: é próprio das moças, uma coisa normal, até é engraçado. Só que Nikolai Vsevolodovitch, em vez de ter ciúmes, pelo contrário, fez amizade com o jovem, como se não percebesse nada ou como se não se importasse. Foi isso que fez Lisa explodir. O jovem partiu muito depressa (tinha qualquer assunto urgente para tratar); a partir daí, a Lisa não deixava fugir nenhuma ocasião para implicar com Nikolai Vsevolodovitch. Reparou que ele às vezes falava com Dacha e começou a enfurecer-se; nisto, mãezinha, também a mim começou a fazer a vida negra. Os doutores proibiram-me que me irritasse, além disso já estava farta daquele lago lá deles, tão apregoado, que até começaram a doer-me os dentes e fiquei com um reumatismo terrível no corpo por causa da porcaria do lago. Sim, até há coisas publicadas que provam que o lago de Genebra faz doer os dentes; é uma das suas particularidades. Nisto, de repente, Nikolai Vsevolodovitch recebeu uma carta da condessa e, logo a seguir, toca a despedir-se de nós, fez as malas num dia. Pois bem, eles despediram-se muito cordialmente, e a Lisa, à despedida, tornou-se muito alegre e leviana, ria-se muito. Mas era tudo fingido. Quando ele partiu, a Lisa ficou muito pensativa e deixou de falar nele, nem admitia que eu falasse. A propósito, querida Varvara Petrovna, aconselho-a a não abordar também este assunto com a Lisa, pode piorar as coisas. Ora, se a senhora se calar, a Lisa vai ser a primeira a falar disso, e a senhora fica logo a saber mais alguma coisa. A meu ver, eles vão fazer as pazes quando Nikolai Vsevolodovitch chegar, se vier depressa, como prometeu.

— Vou escrever-lhe imediatamente. Se tudo se passou como diz, foi uma discussão sem importância, não é para alarme! Também conheço bem a Dária; aquilo não foi nada.

— Quanto à Dáchenka, até estou arrependida: *mea culpa*. Aquilo eram só conversas normais, não havia nada às escondidas. Mas é que este assunto todo, mãezinha, desorientou-me completamente. E a Lisa também... eu vi... ficou outra vez amiga dela, com o mesmo carinho...

Varvara Petrovna, no mesmo dia, escreveu uma carta a *Nicolas* implorando-lhe que viesse pelo menos um mês antes da data que ele marcara. Fosse como fosse, para ela havia no meio daquilo tudo qualquer coisa pouco clara e que desconhecia. Todo o fim de tarde e toda a noite pensou no assunto. A opinião de Praskóvia parecia-lhe demasiado ingênua e sentimental. “A Praskóvia toda a vida foi sensível demais, desde a escola”, pensava ela. “O *Nicolas* não é dos que fogem por causa das ironias de uma garota. Há aqui outra coisa, isto no caso de ter havido mesmo uma desavença entre eles. A propósito, aquele oficial está aqui, trouxeram-no com elas, instalou-se lá em casa como um parente. Além disso, quanto à Dária, a Praskóvia arrependeu-se depressa demais: de certeza que calou qualquer coisa no seu íntimo, qualquer coisa de que não quis falar...”

De manhã, Varvara Petrovna já tinha um projeto que visava acabar pelo menos com um problema — um projeto notável pelo que teria de inesperado. É difícil perceber-se o que lhe ia no coração quando o elaborava; também não quero interpretar antecipadamente todas as contradições que o enformavam. Como cronista, limito-me a apresentar os acontecimentos tal como se vão sucedendo, de forma exata, e não tenho culpa se parecerem inverossímeis. No entanto, terei de assinalar que, no que acontecesse no dia seguinte, não entrava o fator suspeita quanto à Dacha; aliás, suspeitas dela nunca teve, confiava muito nela. Além disso, não podia aceitar a ideia de que o seu *Nicolas* pudesse apaixonar-se pela sua... “Dária”. De manhã, quando Dária Pávlovna servia o chá, Varvara Petrovna perscrutava-a com um olhar longo e fixo e, talvez pela vigésima vez desde a véspera, pronunciou mentalmente, com toda a segurança:

— Não houve nada!

Reparou apenas que Dacha tinha um ar mais cansado do que nunca, que estava ainda mais apática. Depois do chá, pelo seu costume, ambas se sentaram com os seus trabalhos de mão. Varvara Petrovna mandou que a protegida lhe fizesse um relatório completo sobre as suas impressões do estrangeiro, em primeiro lugar sobre a natureza, as

populações, as cidades, os costumes, a arte e a indústria — de tudo o que ela tivera tempo de ver. Não lhe fez qualquer pergunta sobre as Drozdov e sobre a sua vida em casa das Drozdov. Dacha, sentada ao lado dela, à sua mesinha de trabalho, ajudando-a a bordar, falou durante quase meia hora, relatando tudo na sua voz regular, monótona e um pouco fraca.

— Dária — interrompeu-a de repente Varvara Petrovna —, não tens nada especial que me queiras contar?

— Não, nada — disse Dacha depois de pensar um pouquinho e olhando para Varvara Petrovna com os seus olhos claros.

— Na alma, no coração, na consciência?

— Nada — repetiu Dacha, baixinho mas com uma firmeza sombria.

— Já sabia! Quero que saibas, Dacha, que nunca duvidarei de ti. Agora, ouve-me. Passa para esta cadeira, à minha frente, para eu te ver bem. Isso, assim. Ouve: queres casar-te?

Dacha respondeu-lhe com um olhar longo e interrogativo, porém de pouca surpresa.

— Espera, não digas nada. Primeiro, há uma diferença de idades muito grande, mas tu sabes melhor do que ninguém que isso não tem grande importância. És sensata e não pode haver erros na tua vida. Aliás, o homem ainda é atraente... Numa palavra, é StepanTrofímovitch, por quem sempre tiveste respeito. Então?

Dacha olhou de modo ainda mais interrogativo e não só se mostrou espantada como ainda corou visivelmente.

— Espera, não digas ainda nada, não tenhas pressa! Embora, pelo meu testamento, venhas a ter dinheiro quando eu morrer, o que será de ti, mesmo com dinheiro? Vão enganar-te e tirar-te o dinheiro, será a tua perdição. Ora, com ele ficas esposa de um homem conhecido. Vê

as coisas também do lado dele: se eu morrer agora, mesmo que lhe deixe o mantimento assegurado, o que será dele? Mas contigo posso contar. Espera, ainda não acabei: ele é leviano, molengão, cruel, egoísta, tem uns hábitos ignóbeis, mas tens de lhe dar valor, mesmo assim, porque há outros piores. Que não te passe pela cabeça que te quero entregar a um canalha qualquer só para me ver livre de ti, não penses assim! Mas tens de lhe dar valor, sobretudo, porque eu te peço — afirmou de repente, com irritação —, ouviste? Por que estás teimando?

Dacha continuava calada, a ouvir.

— Espera, mais uma coisa. Ele é um maricas... mas para ti ainda é melhor. Aliás, é um maricas miserável... não merece ser amado por uma mulher. Mas vale a pena amá-lo por ser indefeso, então ama-o por ser indefeso. Estás compreendendo-me? Estás?

Dacha acenou afirmativamente com a cabeça.

— Já sabia, nem outra coisa esperava de ti. Ele vai amar-te porque tem esse dever, ele deve, deve adorar-te! — gritou Varvara Petrovna com uma irritação notável na voz.— De resto, ele vai apaixonar-se por ti mesmo sem obrigação, conheço-o bem. Além disso, eu própria estarei por perto. Não te preocupes, estarei sempre aqui. Vai queixar-se de ti, vai caluniar-te, vai cochichar contra ti com a primeira pessoa que lhe aparecer à frente, vai lamuriar-se, não vai parar de se lamuriar; vai escrever-te cartas de uma sala para outra, duas vezes por dia, e mesmo assim não poderá viver sem ti, e isto é que é o principal. Obriga-o a obedecer; se não o obrigares, serás estúpida. Ele vai dizer que se quer enforcar, vai fazer essa ameaça... não acredites, são só disparates! Não acredites, mas mesmo assim fica alerta, não vá ele enforcar-se por descuido; com esta gente tudo pode acontecer; não é por serem fortes que as pessoas se enforcam, mas por serem fracas; por isso, nunca o leves até ao último limite... é a regra número um da vida matrimonial. Lembra-te também que ele é poeta. Ouve, Dária: não há maior felicidade do que o autossacrifício. Além disso, dás-me um grande

prazer, e isso é o principal. Não penses que acabei de dizer uma asneira; sei bem o que digo. Sou egoísta, sê também egoísta. É que eu não te obrigo, a escolha é tua: faz como entenderes. Então, por que te calas? Diz alguma coisa!

— Tanto me faz, Varvara Petrovna, se é tão necessário a senhora casar-me, caso-me— disse Dacha com firmeza.

— Tão necessário? O que queres insinuar com isso? — Varvara Petrovna olhou para ela com atenção, severamente.

Dacha calava-se, espetando a agulha no bordado.

— És esperta, mas disseste uma parvoíce. Por mais verdade que seja que só agora me lembrei de te casar, sem falta, não foi por necessidade, mas simplesmente porque tive esta ideia, e só por causa de Stepan Trofímovitch. Se não existisse o Stepan Trofímovitch, nem me lembraria de te casar, embora já tenhas vinte anos... Então?

— Faça o que a senhora quiser, Varvara Petrovna.

— Portanto, estás de acordo! Espera, não digas nada ainda, não tenhas pressa, ainda não acabei: pelo meu testamento, herdas quinze mil rublos. Dou-tos agora mesmo, depois do casamento. Dos quinze mil entregas oito mil a Stepan Trofímovitch, ou seja, não a ele, mas a mim. Ele tem uma dívida de oito mil e eu pago-lha, mas é preciso que ele saiba que foi paga com o teu dinheiro. Sete mil ficarão nas tuas mãos e, desse dinheiro, não lhe dês nem mais um rublo. Nunca pagues as dívidas dele. Se pagares uma vez, ficas presa para sempre. De resto, eu estarei sempre por perto. Além disto, o casal receberá de mim, todos os anos, mil e duzentos rublos, que subirão aos mil e quinhentos com os extras, além da casa e da mesa que também serão por minha conta, tal como ele já tem agora. Só os criados é que serão por vossa conta, tendes de os arranjar. O dinheiro anual entrego-o a ti, todo de uma vez. Mas também tens de ser bondosa: dá-lhe alguma coisa de vez em quando e autoriza que os amigos o visitem uma vez por semana; se aparecerem mais vezes, põe-nos na rua. Aliás, eu estarei por perto.

Quando eu morrer, a vossa pensão continuará até à morte dele, ouviste? Até à morte dele, apenas, porque se trata da pensão dele e não da tua. Para ti, além destes sete mil, por junto, se não fores parva deixo-te mais oito mil em testamento. E não haverá mais nada para ti, é preciso que o saibas. Então, estás de acordo? Tu dizes-me alguma coisa, finalmente?

— Já disse, Varvara Petrovna.

— Lembra-te que tens a inteira liberdade de decidir, será feito segundo a tua vontade.

— Só uma coisa, Varvara Petrovna, Stepan Trofímovitch já se pronunciou?

— Não, não disse nada, nem está ao corrente, mas... vai dizer agora mesmo!

Saltou do lugar e lançou pelos ombros o seu xale preto. Dacha voltou a corar um pouco e seguiu-a com um olhar interrogativo. Varvara Petrovna, de repente, voltou-se para ela com o rosto a arder de cólera.

— Parva! — atirou-se a ela como um falcão. — Parva ingrata! O que te vai na cabeça? Achas que eu te vou comprometer de alguma maneira, pouco que seja? Ele próprio é que há de rastejar de joelhos aos teus pés, morto de felicidade; é assim que tudo vai ser arranjado! Sabes bem que eu não te deixava ficar mal! Ou pensas que ele te vai querer por causa dos oito mil rublos e que eu vou agora correndo ter com ele para te vender? Parva, parva, sois todas umas parvas ingratas! Passe-me o guarda-chuva!

E deitou a correr pelas calçadas molhadas de tijolo e madeira até à casa de Stepan Trofímovitch.

Era verdade que ela não deixaria ficar mal a sua “Dária”; pelo contrário, neste transe é que ela se considerava a sua verdadeira benfeitora. A mais nobre e pura indignação tinha incendiado a sua alma quando, ao pôr o xale, apanhou o olhar confuso e desconfiado da sua protegida. Desde a infância da moça que gostava sinceramente dela. Praskóvia Ivánovna tinha razão quando se referiu a Dária Pávlovna como a favorita de Varvara Petrovna. Havia muito que Varvara Petrovna decidira uma vez por todas que “o caráter de Dária não era nada parecido com o do irmão” (isto é, do seu irmão Ivan Chátov), que ela era calma e meiguinha, capaz de um grande autossacrifício, abnegada, modestíssima, menina de rara sensatez e, sobretudo, de uma gratidão rara. Até ao momento, Dacha tinha correspondido por certo às suas expectativas. “Na tua vida não vai haver erros”, dissera Varvara Petrovna quando a menina tinha os seus doze anos, e como Varvara Petrovna tinha a particularidade de se aferrar com persistência e paixão a cada sonho que a encantasse, a cada nova predestinação que imaginasse, a cada ideia sua que lhe parecesse luminosa, resolveu educar Dacha como sua própria filha. Separou de imediato um capital para ela e chamou para sua casa uma preceptora, Miss Kriegs, que viveu lá em casa até a protegida fazer dezesseis anos; então, de repente e por razões desconhecidas, foi despedida. Iam professores do colégio lá a casa, entre os quais um verdadeiro francês que ensinou Dacha a falar francês. Também este foi despedido, tão de repente como se fosse expulso. Uma senhora pobre, forasteira, viúva, de família fidalga, ensinou-a a tocar piano. Porém, o seu pedagogo principal sempre foi Stepan Trofímovitch. Na verdade, foi ele o primeiro a descobrir Dacha: começou a educá-la quando ela era ainda criança pequena e quieta e quando Varvara Petrovna ainda nem pensava nela. Repito: era espantoso como as crianças se afeiçoavam a ele! Lisaveta Nikoláevna Túchina foi sua aluna dos oito aos onze anos (é evidente que Stepan Trofímovitch lhe dava aulas sem cobrar honorários, coisa que ele nunca aceitaria dos Drozdov). Mas ele próprio se afeiçoou à criança encantadora que era Lisa e recitava-lhe uns poemas quaisquer sobre a estrutura do universo, sobre a Terra, sobre a história da humanidade. As suas aulas sobre os povos pré-históricos e sobre os homens das cavernas eram, na boca dele, mais

arrebadoras do que histórias das mil e uma noites. Lisa, que ficava enlevada ouvindo estas histórias, depois, em casa, imitava Stepan Trofímovitch de maneira muito cômica. Este soube disso e uma vez apanhou-a em flagrante. A envergonhada Lisa atirou-se-lhe aos braços e chorou. Stepan Trofímovitch, arrebatado, também. Mas Lisa foi-se embora muito depressa e apenas ficou com ele a Dacha. Quando começaram a chegar preceptores para lhe dar as aulas, Stepan Trofímovitch deixou de educá-la e, pouco a pouco, deixou também de lhe prestar qualquer atenção. E tudo continuou assim durante muito tempo. Uma vez, já Dacha tinha dezessete anos, Stepan Trofímovitch ficou de súbito pasmado com a cara bonita dela. Aconteceu à mesa de Varvara Petrovna. Stepan Trofímovitch pôs-se então a falar com a jovem, ficou muito agradado com as respostas dela e propôs-lhe, por fim, ministrar-lhe um curso sério e vasto de história da literatura russa. Varvara Petrovna louvou a iniciativa e agradeceu-lhe a excelente ideia; Dacha ficou entusiasmada. Stepan Trofímovitch preparou cuidadosamente as aulas e, finalmente, começaram, partindo do período mais antigo. A primeira aula, com Varvara Petrovna presente, foi interessante. Quando Stepan Trofímovitch acabou e, à saída, informou a aluna de que na próxima aula abordaria o *Canto das Hostes de Ígor*, Varvara Petrovna levantou-se de rompante e declarou que não haveria mais aulas. Stepan Trofímovitch franziu a cara mas calou-se; Dacha corou; e assim acabou a história. Acontecera três anos antes da atual fantasia de Varvara Petrovna.

O pobre do Stepan Trofímovitch estava sozinho, sem suspeitar de nada. Triste e pensativo, havia muito que espreitava pela janela, a ver se aparecia algum companheiro seu. Mas ninguém queria aparecer. Na rua chuviscava, em casa estava ficando frio, era preciso acender o fogão; Stepan Trofímovitch suspirou. De súbito surgiu-lhe diante dos olhos uma visão terrível: Varvara Petrovna, com este tempo e a esta hora insólita! E a pé! Ficou tão espantado que se esqueceu de mudar de roupa e a recebeu tal como andava pela casa, com o seu habitual casaquinho cor-de-rosa forrado de algodão.

— *Ma bonne amie!*... — exclamou em voz fraca, indo ao encontro dela.

— Ainda bem que está sozinho: detesto os seus amigos! Fuma demais; meu Deus, que ar se respira nesta casa! Ainda não acabou o seu chá e já passa das onze! O seu prazer é a desordem! O seu deleite é a casa toda emporcalhada! Que papel rasgado é este aqui no chão? Nastássia, Nastássia! O que anda fazendo a sua Nastássia? Abre as janelas, mãezinha, os postigos, as portas, abre tudo de par em par. E nós vamos para a sala de estar, tenho um assunto a tratar com o senhor. E varre o chão uma vez na vida, mãezinha!

— O senhor espeta com tudo no chão! — piou Nastássia numa voz queixosa e irritada.

— Então não varras uma, varre quinze vezes ao dia! Que sala de estar mais imprestável — disse quando entraram na sala. — Feche bem a porta, ela é capaz de se pôr a escutar. É preciso mudar este papel de parede sem falta. Eu não lhe mandei o homem com as amostras do papel de parede? Por que não escolheu? Sente-se e ouça. Mas sente-se, peço-lhe. Aonde vai? Aonde vai?

— Eu... é só um momento — gritou Stepan Trofímovitch da outra sala —, já vou!

— Ah, foi mudar de terno! — Varvara Petrovna observava-o ironicamente (Stepan Trofímovitch vestira a sobrecasaca por cima do casaquinho). — Assim, de fato, será mais conveniente para esta nossa conversa. Mas sente-se, finalmente, peço-lhe.

Explicou-lhe tudo de rompante, brusca, convincente. Insinuou, inclusive, os oito mil rublos de que ele precisava com urgência. Explicou em pormenor sobre o dote. Stepan Trofímovitch esbugalhava os olhos e tremia. Escutava mas não conseguia compreender claramente. Queria falar, mas a voz entrecortava-se-lhe. Sabia apenas que tudo se iria passar tal como ela dizia, que argumentar e recusar-se era inútil, que já devia considerar-se irremediavelmente casado.

— *Mais, ma bonne amie*, pela terceira vez, na minha idade... e com uma criança! — acabou por articular. — *Mais c'est une enfant!*⁸²

— Uma criança já com vinte anos, graças a Deus! Por favor, não revire os olhos, não está no teatro! É muito inteligente e culto, mas não entende nada da vida, precisa de uma ama-seca permanente. Se eu morrer, o que será do senhor? Ora, ela será uma boa ama-seca para o senhor. É uma moça modesta, firme, sensata; além disso, eu própria estarei por perto, não vou morrer já. Ela não sai de casa, é um anjo de meiguice. Tive esta ideia feliz ainda na Suíça. Está entendendo? Eu própria estou dizendo-lhe que ela é um anjo de meiguice! — gritou de repente e com fúria. — O senhor tem esta casa numa porcaria, e com ela vai haver asseio, ordem, tudo vai brilhar... Eh, imagina o senhor que eu ainda lhe vou implorar que aceite este tesouro, que lhe vou enumerar todas as vantagens? O senhor é que tinha de implorar de joelhos... Oh, homem inútil, inútil, homem pusilânime!

— Mas... já estou velho!

— Que velhice é essa aos cinquenta e três anos? Cinquenta anos não é o fim da vida, é metade da vida. O senhor é um homem bem-posto, sabe-o muito bem. E sabe também que ela lhe tem respeito. Se eu morrer, o que será dela? Ora, casada com o senhor, ficará tranquila, e eu também viverei tranquila. O senhor tem prestígio, tem nome, um coração cheio de amor; recebe uma pensão que eu considero minha obrigação dar-lhe. Se calhar vai ser a salvação dela, a salvação! Em qualquer caso, dá-lhe honra. Educa-a para a vida, desenvolve-lhe o coração, orienta-lhe as ideias! Hoje em dia há tantas pessoas que se perdem por causa das ideias mal orientadas! Além disso, pode acabar finalmente a sua obra e fará com que as pessoas se lembrem do senhor.

— Exatamente — murmurou ele, aliciado pela bajulação hábil de Varvara Petrovna—, tenciono começar precisamente agora as minhas *Novelas da história espanhola*...

— Está vendo, coincide tudo.

— Mas... ela? Já falou com ela?

— Com ela não se preocupe, e deixe de ser curioso. É claro que deve ser o senhor mesmo a fazer-lhe o pedido, a implorar-lhe que lhe dê esta honra, está entendendo? Mas não se preocupe, eu estarei presente. Além disso, o senhor gosta dela...

A cabeça de Stepan Trofímovitch começou a andar à roda, as paredes a girar. Havia naquilo uma ideia terrível que não conseguia dominar.

— *Excellent amie!* — A voz dele tremia. — Nunca imaginei que a senhora quisesse dar-me em casamento... a uma... a outra mulher!

— O Stepan Trofímovitch não é uma menina; só as meninas é que se dão em casamento, e o senhor está casando-se — sibilou causticamente Varvara Petrovna.

— *Oui, j'ai pris un mot pour un autre. Mais... c'est égal*⁸³ — e fitou nela os olhos, com um ar perdido.

— Eu bem vejo que *c'est égal* — disse ela com desprezo, entredentes. — Meu Deus, desmaiou! Nastássia, Nastássia! Água!

Mas não foi precisa a água. Stepan Trofímovitch recuperou os sentidos. Varvara Petrovna pegou no seu guarda-chuva.

— Estou vendo que é inútil falar agora com o senhor.

— *Oui, oui, je suis incapable.*⁸⁴

— Até amanhã o senhor tem tempo de descansar e de refletir nisto. Fique em casa, se tiver algum problema dê-mo a saber, nem que seja de noite. Não me escreva cartas, não as vou ler. Amanhã, à mesma hora, virei aqui pessoalmente, sozinha, e quero uma resposta definitiva; satisfatória, espero. Faça com que não esteja aqui ninguém e com que a casa não esteja nesta porcaria, é inconcebível! Nastássia, Nastássia!

É evidente que, no dia seguinte, ele deu o sim; de resto, não tinha outra saída. Houve aqui uma circunstância muito especial...

VIII

A propriedade que, entre nós, era conhecida por herdade de Stepan Trofímovitch (de cinquenta almas, pela contagem antiga, e contígua a Skvoréchniki), na realidade não era dele mas pertencia à sua primeira esposa e agora, portanto, ao filho desse matrimônio, Piotr Stepánovitch Verkhovênski. Stepan Trofímovitch era apenas o tutor, por isso, quando a cria emplumou, agiu de acordo com a procuração formal do filho para administrar a herdade. Era um negócio vantajoso para o jovem: recebia do pai até mil rublos anuais como suposto rendimento da herdade, enquanto esta, na nova situação, não rendia sequer quinhentos (ou menos). Só Deus sabe como se estabeleceu esta relação. De resto, era Varvara Petrovna quem mandava ao rapaz a totalidade destes mil rublos, já que Stepan Trofímovitch não contribuía com um rublo sequer. Pelo contrário, todas as receitas da terra ficavam no bolso dele; ainda por cima, arruinou a herdade definitivamente porque a arrendou a um indivíduo fura-vidas e, às escondidas de Varvara Petrovna, vendeu para corte o bosque, ou seja, a parte mais valiosa da propriedade. Havia muito que ia vendendo o bosque por partes. No seu conjunto, o bosque valia à vontade oito mil rublos, mas Stepan Trofímovitch não recebera por ele mais do que cinco mil. Entretanto, perdia por vezes muito ao jogo, no clube, e tinha medo de pedir dinheiro a Varvara Petrovna. Esta até rangeu os dentes quando, por fim, veio a saber de tudo. Agora, de súbito, o filho avisava que viria pessoalmente vender a sua propriedade e encarregou o pai de tratar da venda. É claro que, pela sua nobreza e caráter desinteressado, Stepan Trofímovitch sentia vergonha do filho, *ce cher enfant*⁸⁵ a quem ele vira pela última vez nove anos antes em Petersburgo, como estudante universitário. Inicialmente, toda a herdade poderia valer treze ou catorze mil rublos, mas agora era pouco provável que alguém desse por ela mais do que cinco mil. Sem dúvida que Stepan Trofímovitch tinha plenos poderes, de acordo com a procuração

formal, quando vendeu a floresta e, metendo nas contas o impossível rendimento anual de mil rublos que sistematicamente era enviado ao filho, poderia muito bem fazer as respectivas deduções e justificar-se assim no acerto de contas. Porém, Stepan Trofímovitch era nobre, tinha aspirações sublimes. Relanceou-lhe na cabeça uma ideia muito bonita: quando chegasse o filho Petrucha, pôr-lhe nobremente em cima da mesa o preço máximo, ou seja, quinze mil rublos, sem qualquer insinuação quanto às importâncias enviadas até ao momento, e apertar com força contra o peito *ce cher fils*,⁸⁶ selando assim o acerto de contas. Começando de longe e cautelosamente, tentou desenrolar este cenário perante Varvara Petrovna. Insinuou que isso podia conferir um toque de especial nobreza à amizade deles... à “ideia” deles, que este gesto poderia representar o aspecto desinteressado e magnânimo dos pais da geração anterior e, de uma forma geral, das pessoas desse tempo, em comparação com a nova juventude leviana e social. Falou ainda muito, mas Varvara Petrovna ia ouvindo e calando. Por fim, declarou-lhe secamente que estava pronta a comprar a propriedade deles e que dava por ela o máximo do seu valor, ou seja, seis ou sete mil rublos (quando a podia comprar por quatro mil). Sobre os restantes oito mil, que se evaporaram juntamente com o bosque, não disse uma palavra.

Tudo isto aconteceu um mês antes do projeto de casamento. Stepan Trofímovitch ficou abalado e pensativo. Antes ainda havia a esperança de o filho nunca mais aparecer — ou seja, uma esperança que só cabia na cabeça de uma pessoa alheia, porque Stepan Trofímovitch, como pai, rejeitaria com indignação a própria ideia de alimentar semelhante esperança. Fosse como fosse, até aos últimos tempos iam chegando rumores muito estranhos sobre Petrucha. Primeiro, quando acabou o curso na universidade, uns seis anos atrás, vagueou por Petersburgo sem fazer nada. De repente, recebemos a notícia de que ele participara da redação de uma proclamação ilegal e fora chamado à responsabilidade. Depois, que fora parar repentinamente no estrangeiro (Genebra, na Suíça) porque talvez fugisse.

— Tudo isso me surpreende — pregava-nos na altura Stepan Trofímovitch, muito confuso. — O Petrucha *c'est une si pauvre tête!*⁸⁷ É bondoso, nobre, muito sensível, e eu, em Petersburgo, fiquei muito satisfeito quando me pus a compará-lo com os jovens modernos, mas *c'est un pauvre sire tout de même...*⁸⁸ E, sabem, isso tudo é por causa, precisamente, da imaturidade e sentimentalismo! Não os seduz o realismo mas o lado sentimental, ideal do socialismo, o seu matiz religioso, por assim dizer, a sua poesia... parafraseando palavras alheias, evidentemente! Entretanto, vejam a minha situação! Como tenho cá tantos inimigos, e lá ainda mais, vão atribuir isso à influência do pai... Meu Deus! O Petrucha propagandista! Que tempos nós vivemos!

No entanto, o Petrucha mandou rapidamente o seu endereço da Suíça, para que lhe fosse enviado o dinheiro que era norma enviar-lhe: portanto, não era um emigradopropriamente dito. Depois de ter passado quatro anos no estrangeiro, voltou de repente à terra pátria e avisou da sua visita próxima ao pai: portanto, não era culpado de nada. Mais ainda, parecia que alguém o ajudava e protegia. A sua carta fora remetida do sul da Rússia, onde estava em missão, encarregado por uma pessoa particular, mas tratava-se de uma missão importante. Tudo isso era ótimo mas, entretanto, aonde poderia Stepan Trofímovitch ir desencantar os restantes sete ou oito mil rublos que faltavam para entregar ao filho o preço conveniente da herdade? O que seria se se levantasse celeuma e, em vez de uma cena majestosa, houvesse um processo em tribunal? O instinto sugeria a Stepan Trofímovitch que o sensível Petrucha não desistiria dos seus interesses. “Por que será, e digo-o de acordo com as minhas observações”, sussurrou-me Stepan Trofímovitch uma ocasião, por aquela altura, “por que será que todos estes socialistas e comunistas convictos são, ao mesmo tempo, uns forretas e uns proprietários incríveis, ávidos pela aquisição, e, ainda por cima, quanto mais socialistas são, quanto mais longe vão nisso, mais paixão têm pela propriedade... Por que será? Não me diga que também é por sentimentalismo!”. Não sei se haveria alguma verdade nesta observação de Stepan Trofímovitch; sei apenas

que Petrucha tinha alguma informação sobre a venda do bosque e sobre outras coisas, e que Stepan Trofímovitch sabia que o filho estava em posse de tal informação. Acontecia-me, também, ler as cartas de Petrucha ao pai; raramente escrevia, uma vez por ano, ou ainda menos. Apenas ultimamente enviara duas cartas com um intervalo muito curto entre elas, avisando sobre a sua chegada próxima. Todas as suas cartas eram secas e breves, contendo apenas ordens, e como o pai e o filho, já desde Petersburgo, se tratavam por “tu”, as cartas de Petrucha tinham todo o aspecto daquelas disposições que, antigamente, os senhores mandavam das capitais aos seus servos caseiros encarregados da gestão das suas propriedades. Então, resumindo e concluindo, os tais oito mil rublos que resolviam o problema caíam-lhe de repente nas mãos em resultado da proposta de Varvara Petrovna e, ao mesmo tempo, ela dava a entender claramente que não poderiam cair de mais lado nenhum. Evidentemente, Stepan Trofímovitch concordou.

Logo depois de Varvara Petrovna ter saído, Stepan Trofímovitch mandou chamar-me e, fechando-se à chave comigo, isolou-se de todos os outros durante o dia inteiro. É claro que chorou, que falou muito e bem, que também se atrapalhou muito, que lhe saiu um trocadilho sem querer e que ficou muito contente com ele; depois, foi acometido por uma ligeira colerina — em suma, decorreu tudo na ordem habitual. A seguir pegou no retrato da sua alemãzinha, falecida vinte anos atrás, e pôs-se a clamar lamentosamente: “Alguma vez me perdoarás?”. Em suma, perdeu o tino. Para matar a amargura, bebemos um pouco. Aliás, adormeceu rápida e placidamente. De manhã, atou artisticamente a gravata, vestiu-se com muitos cuidados, mirou-se muitas vezes ao espelho. Borrifou o lenço com perfume, ligeiramente, aliás, e, mal viu Varvara Petrovna pela janela, pegou muito depressa noutro lenço, guardando o perfumado debaixo da almofada.

— Ótimo! — elogiou-o Varvara Petrovna ao ouvir as suas palavras de consentimento. — Em primeiro lugar, trata-se de uma nobre determinação; em segundo lugar, o senhor obedeceu à voz da razão, a que tão poucas vezes tem obedecido nos seus assuntos pessoais. Mas

não há pressa — acrescentou, examinando o nó da gravata branca de Stepan Trofímovitch —, por enquanto cale-se, que eu também fico calada. Dentro de pouco tempo é o seu aniversário; virei a sua casa e trago-a comigo. Prepare o chá datarde e, por favor, sem vinho e sem petiscos; aliás, eu própria organizo tudo. Convide os seus amigos... ou antes, escolheremos os convidados juntos. Na véspera, se for preciso, converse com ela; ora, durante a sua festa, não vamos anunciar nada oficialmente, faremos apenas uma alusão, ou falaremos disso de maneira indireta, sem qualquer pompa. Passadas duas semanas será o casamento, sem grande alarde, na medida do possível... Até poderiam sair daqui por algum tempo logo a seguir à cerimônia, irem até Moscou, por exemplo. Se calhar, vou convosco... O principal é guardar silêncio até essa altura.

Stepan Trofímovitch estava surpreso. Tentou replicar que, para ele, assim era impossível, que tinha de falar com a noiva, mas Varvara Petrovna atirou-se a ele com irritação:

— Para quê? Primeiro, ainda não sabe se vai acontecer alguma coisa...

— Como é que não vai acontecer? — murmurou o noivo, ainda mais aturdido.

— Pois. Ainda vou ver... Aliás, será tudo como eu disse, e não se preocupe, eu própria vou prepará-la. Não tem nada que se meter nisso. Tudo o que for necessário será dito e feito, e o senhor não se meta. Para quê? Para desempenhar que papel? Não vávê-la nem lhe escreva cartinhas. E bico calado, peço-lhe. Eu também fico calada.

Varvara Petrovna, definitivamente, não queria dar mais esclarecimentos e foi-se embora de mau humor. Parecia que a excessiva prontidão de Stepan Trofímovitch lhe desagradara. Infelizmente, o homem não compreendia nada da sua situação e ainda não ponderara o problema de outros pontos de vista. Pelo contrário,

nascera nele um tom novo, qualquer coisa de vitorioso e leviano. Fanfarronava.

— Veja só! — exclamou ele, parando à minha frente e abrindo os braços. — Já ouviu uma coisa assim? Ela quer levar-me a desistir. Também eu posso perder a paciência e... repensar! “Fique quieto, não tem nada que ir lá”... Mas por que raio, afinal, é que eu tenho de me casar? Só porque lhe veio à cabeça esta fantasia ridícula? Mas eu sou um homem sério e posso recusar-me a obedecer às fantasias ocas de uma mulher caprichosa! Tenho obrigações para com o meu filho e... para comigo mesmo! Estou sacrificando-me... será que ela o compreende? Se calhar dei o meu consentimento porque me aborreci com a vida e agora tanto me faz. Mas atenção, ela pode irritar-me e, então, já não me será indiferente; posso ficar ofendido e recusar-me. *Et, enfin le ridicule...*⁸⁹ O que vão dizer no clube? O que dirá... Lipútin? “Ainda não se sabe se vai acontecer alguma coisa”... Veja só! É o cúmulo! É... o que é isto, afinal?... *Je suis un forçat, un Badinguet, un*⁹⁰ homem encurralado!...

Simultaneamente, no meio de todas estas exclamações lamentosas, transparecia uma certa autossatisfação caprichosa, qualquer coisa de burlesco e leviano. À noite, voltamos a beber.

3 - Pecados alheios

I

Passou uma semana e as coisas, pouco a pouco, começaram a andar.

Menciono de passagem que, durante esta desgraçada semana, suportei muita amargura do meu pobre amigo noivo, mantendo-me quase permanentemente ao lado dele, na qualidade de confidente. O homem atormentava-se, sobretudo por causa da vergonha, embora durante toda esta semana não víssemos ninguém e estivéssemos sempre sozinhos; mas Stepan Trofímovitch tinha vergonha até de mim, e a um ponto tal que, quanto mais me confessava as coisas mais descontente ficava comigo. Sendo desconfiado, suspeitava que todos, toda a cidade, já sabiam de tudo, e tinha medo de aparecer não só no clube mas também no círculo dos seus amigos. Até fazia o seu passeio, um exercício indispensável, apenas quando caía completamente o crepúsculo.

Passou uma semana mas ele ainda não sabia se era noivo ou não, e não conseguia informar-se disso, por mais que se esforçasse. Ainda não se encontrara com a noiva nem, aliás, tinha a certeza de que ela fosse sua noiva; não sabia sequer se havia alguma coisa de sério naquilo tudo! Varvara Petrovna, por qualquer razão, opunha-lhe uma recusa categórica a que ele a visitasse. A uma das primeiras cartas dele (escreveu uma infinidade delas) respondeu frontalmente com o pedido de que a poupasse por algum tempo de qualquer contato com ele porque estava muito ocupada; mas dizia também que, como tinha coisas muito importantes a comunicar-lhe, esperava expressamente por um minuto mais desafogado para lhe dar a saber, *a seu devido tempo*, quando Stepan Trofímovitch poderia visitá-la. Quanto às

outras cartas, prometeu mandar-lhas de volta sem as abrir, porque não “passavam de um disparate”. Eu próprio li este bilhete dela, Stepan Trofímovitch mostrou-mo.

No entanto, todas estas grosserias e incertezas eram uma insignificância comparadas com a principal preocupação de Stepan Trofímovitch. Esta preocupação atormentava-o constante e imutavelmente; por causa dela emagrecia a olhos vistos, desanimava. Era uma coisa de que tinha a maior das vergonhas e de que não queria falar nem comigo; pelo contrário, às vezes mentia-me e esquivava-se como um garoto; entretanto, ele próprio me mandava chamar, todos os dias, não conseguia ficar sem mim duas horas seguidas, tendo necessidade de mim como da água ou do ar.

Este comportamento ofendia, de certo modo, o meu amor-próprio. É óbvio que eu já descobrira, havia muito, qual era este seu segredo capital e estava vendo tudo como à transparência. Na minha profundíssima convicção, a revelação deste segredo, desta preocupação capital de Stepan Trofímovitch, não seria honrosa para ele, por isso eu, como homem ainda jovem, de algum modo indignava-me com a grosseria dos seus sentimentos e com a monstruosidade de algumas das suas suspeitas. De afogadilho — e, confesso, pelo tédio de ser confidente —, talvez o acusasse injustamente. Por crueldade, tentava conseguir a sua confissão de tudo, embora admitisse que havia coisas que era difícil para ele confessar. Ele via-me também a mim como à transparência, ou seja, via claramente que eu o lia como a um livro aberto e que estava irritado com ele, e ele próprio se irritava comigo por causa da minha zanga e por estar percebendo-o tão bem. Admito que a minha irritação era mesquinha e estúpida; entretanto, estar muito tempo a sós prejudica muitas vezes a verdadeira amizade. De certo ponto de vista, ele compreendia corretamente algumas facetas da sua situação e até as definia certeira­mente naqueles pontos de que não achava necessário fazer segredo.

— Oh, ela dantes não era assim! — deixava escapar às vezes, quando falava de Varvara Petrovna. — Noutros tempos não era assim, quando

conversávamos... O senhor sabia que ela, naquela altura, ainda era capaz de falar? O senhor será capaz de acreditar que ela, então, tinha ideias, as suas próprias ideias? Agora tudo mudou! Diz ela que tudo isso é apenas uma tagarelice antiquada! Despreza o passado... Tornou-se numa espécie de feitor, de ecônoma, de pessoa encarniçada, está sempre zangada...

— Mas que motivos tem ela agora para se zangar se o senhor cumpriu a sua exigência?

Olhou para mim com ar perspicaz.

— *Cher ami*, se eu não concordasse ela ficava numa fúria terrível, terrível! Mas agora, que concordei, já não será tão terrível.

Ficou contente com este seu *mot e*, naquela noite, esvaziamos mais uma garrafinha. Mas aquilo durou só um instante; no dia seguinte estava mais sombrio do que nunca.

Porém, o que me irritava mais era o fato de Stepan Trofímovitch não ter ousado fazer uma visita, necessária, às recém-chegadas Drozdovs, para reatar as relações de amizade que, segundo ouvi dizer, elas próprias desejavam, até porque já tinham perguntado por ele; Stepan Trofímovitch também se amargurava muito, por causa disso, todos os dias. Falava de Lisaveta Nikoláevna com uma admiração que, para mim, era incompreensível. Sem dúvida que a recordava em criança, criança de quem gostava tanto; mas, além disso, e sabe-se lá por quê, imaginava que encontraria de imediato junto dela o alívio para todos os seus reais sofrimentos e resolveria mesmo as mais importantes das suas dúvidas. Supunha encontrar em Lisaveta Nikoláevna uma criatura extraordinária. Mesmo assim, não ia visitá-la, embora planejasse fazê-lo todos os dias. Reparem que eu próprio, naquela altura, queria muito ser-lhe apresentado e recomendado, e nisso podia contar apenas com Stepan Trofímovitch. De cada vez que passava por ela na rua— quando ela passeava a cavalo, trajando à amazona, e o cavalo era excelente — dominava-me uma sensação fortíssima;

acompanhava-a o assim chamado seu parente, um oficial bonito, sobrinho do defunto General Drozdov. O meu deslumbramento, porém, não durava mais do que um instante, porque logo compreendia toda a impossibilidade do meu sonho — mas, mesmo por um instante, o encantamento existia, por isso é fácil imaginar-se como a clausura do meu pobre amigo me indignava.

Desde o princípio, todos os nossos foram avisados oficialmente de que Stepan Trofimovitch não receberia ninguém durante algum tempo e que pedia para o deixarem em paz absoluta. Insistiu no aviso por meio de uma circular, embora eu tentasse dissuadi-lo. Fui eu próprio quem passou pelas casas de todos, a pedido dele, e contei a toda a gente que Varvara Petrovna encarregara o nosso “velho” (Stepan Trofímovitch era assim chamado entre nós) de um qualquer trabalho especial — ordenar e classificar correspondência de vários anos; que ele se fechara e que eu o ajudava, etc. Só não tive tempo de passar pela casa de Lipútin, adiando sempre esta visita — ou antes, tinha medo de ir lá. Sabia de antemão que ele não acreditaria numa única palavra da nossa história, que imaginaria que havia nisso um segredo que queriam esconder dele, apenas dele, e que, mal eu saísse de sua casa, correria por toda a cidade a indagar e a bisbilhotar. Enquanto eu cogitava em tudo isso, calhou esbarrar com ele na rua. Afinal, ele já sabia tudo pelos nossos, a quem eu acabara de avisar. Porém, coisa estranha: não se mostrou curioso nem me fez perguntas sobre Stepan Trofímovitch; pelo contrário — ele próprio me interrompeu quando comecei a desculpar-me por não ter ido visitá-lo antes, e desviou a conversa para outro assunto. Na verdade, o homem tinha um montão de coisas acumuladas para contar e, muito excitado, ficou contente por ter apanhado um ouvinte. Começou pelas novidades da cidade, passou ao tema da chegada da governadora “com novas conversas”, da oposição que já se formara no clube, das ideias novas que já andavam na boca de todos, do interesse que toda a gente manifestava, etc. Falou cerca de meia hora, e com tanto espírito que eu o ouvi com enorme interesse. Embora o detestasse, tenho de reconhecer que o homem possuía o dom de se fazer ouvir, sobretudo quando se enraivecia com alguma coisa. Este indivíduo, a meu ver, era um espião

autêntico einato. Conhecía, a toda a hora, as novidades mais recentes e todos os segredos da nossa cidade, sobretudo no que respeitava às ignomínias, e era espantoso até que ponto levava a peito coisas que, às vezes, não tinham nada que ver com ele. Sempre me pareceu que o principal traço característico de Lipútin era a inveja. Quando eu, logo nessa noite, transmiti a Stepan Trofímovitch a minha conversa com Lipútin, vi, para meu espanto, que ficara extremamente preocupado e fez-me uma pergunta louca de todo: “O Lipútin sabe ou não sabe?”. Tentei provar-lhe que não havia qualquer possibilidade de ele se ter inteirado tão depressa e que, além disso, não havia por quem; mas Stepan Trofímovitch insistia.

— acredite ou não — concluiu ele inesperadamente —, tenho a certeza de que não só ele já está a par da nossa situação com todos os pormenores, mas que sabe ainda mais coisas, coisas que nem eu nem o senhor sabemos ainda, ou que talvez nunca venhamos a saber, ou então que saberemos quando já for tarde demais, quando já não houver possibilidade de voltar atrás!...

Nada lhe respondi, mas as suas palavras insinuavam muita coisa. Depois, durante cinco dias, não mencionamos Lipútin nem com uma palavrinha mais: para mim era claro que Stepan Trofímovitch lamentava profundamente ter-me revelado as suas suspeitas, ter dado com a língua nos dentes.

II

Uma vez, de manhã — ou seja, no sétimo ou oitavo dia depois de Stepan Trofímovitch ter concordado com o noivado —, cerca das onze horas, quando eu, como de costume, ia à pressa para casa do meu amargurado amigo, aconteceu-me uma aventura pelo caminho.

Vi Karmazínov, o “grande escritor”, como o denominava Lipútin. Eu lia-o desde a infância. Os seus contos e as suas novelas são conhecidos pela geração anterior à nossa e até pela nossa; quanto a mim, deliciava-me com os seus livros, prazer da minha adolescência e juventude. Mais

tarde, a sua pena já me deixava mais frio: as obras com tendência para as ideias modernas que escrevia nos últimos tempos entusiasmavam-me menos do que as primeiras, repletas de tanta poesia natural; ora, quanto aos seus escritos mais recentes, não me agradavam mesmo nada.

Em traços gerais, tomando eu a liberdade de exprimir a minha opinião relativamente a um assunto tão delicado como este de todos os nossos senhores escritores medianamente talentosos, mas que é costume serem vistos, em vida, quase como gênios, direi que não só desaparecem subitamente da nossa memória quase sem deixarem rastro logo que morrem como, mesmo durante as suas vidas, basta amadurecer um pouco a nova geração que reveza a deles para serem esquecidos e menosprezados com uma rapidez incrível. Este fenômeno, entre nós, acontece de repente, como quem muda um cenário no teatro. Oh, não é nada que se assemelhe a um Púchkin, a um Gógol, a um Molière, a um Voltaire, a todas aquelas personalidades que vieram ao mundo para dizerem uma palavra nova! É também verdade que tais senhores de talento mediano, no ocaso das suas vidas, se esgotam normalmente da maneira mais miserável, sem darem por isso. Não raro, verifica-se que um escritor a quem durante muito tempo era atribuída uma profundidade extraordinária e uma séria influência no movimento social revela, afinal, uma ideiazinha de base tão rarefeita e minúscula que ninguém lamenta sequer que o homem se tenha esgotado tão cedo. Porém, estes esgotados e encanecidos velinhos não reparam nisso e zangam-se. Têm um amor-próprio que, precisamente em fim de carreira, assume às vezes envergaduras dignas de espanto. Sabe-se lá por quem é que eles se tomam — por deuses, no mínimo. Contava-se que Karmazínov dava um valor quase maior do que à própria alma às suas relações com os grandes deste mundo e com a alta sociedade. Contava-se que recebia, acarinhava, seduzia, encantava as pessoas com o seu trato simples e ingênuo, sobretudo se, por qualquer razão, precisasse destas pessoas e, é claro, se lhe fossem previamente recomendadas. Porém, na presença de qualquer príncipe, de qualquer condessa, de qualquer um de quem tivesse medo, acharia seu dever sagrado esquecer aquelas pessoas com o mais insultuoso

desdém, como cavacos, como moscas, de imediato, sem lhes dar tempo sequer de virarem as costas e saírem de sua casa; considerava este seu tom, seriamente, o mais elevado e belo de todos. Apesar de um pleno autodomínio e de praticar na perfeição as boas maneiras, dizem que tem tanto amor-próprio, até à histeria, que nunca consegue esconder a sua irritação de autor mesmo nos círculos da sociedade onde as pessoas se interessam pouco pela literatura. Assim, se por acaso alguém se mostra indiferente, ele, perplexo, ofende-se doentamente e tenta vingar-se.

Há um ano li numa revista um artigo dele, escrito com uma terrível pretensão à mais ingênua poesia e, ainda, à psicologia. Descrevia o naufrágio de um barco a vapor algures perto das costas inglesas, de que ele foi testemunha ocular, tendo assistido ao salvamento das pessoas e ao resgate dos afogados. Todo o artigo, bastante comprido e multíloquo, foi escrito com o único objetivo de se exhibir. Lia-se claramente nas entrelinhas: “Interessem-se por mim, vejam como eu fui naqueles momentos. Para que querem saber do mar, da tempestade, dos rochedos e dos destroços do navio? Já vos descrevi suficientemente tudo isso com a minha pena poderosa. Para que olhar para aquela afogada com a criança morta apertada nos braços mortos? Olhem antes para mim, para a forma como não suportei o espetáculo e desviei os olhos dele. Eis-me virado de costas; eis-me cheio de terror e incapaz de voltar a cabeça; eis-me a cerrar os olhos... é muito interessante, não é verdade?”. Quando exprimi a minha opinião sobre o artigo de Karmazínov a Stepan Trofímovitch, este concordou comigo.

Quando, recentemente, começaram a correr rumores de que ia aparecer na nossa cidade o Karmazínov, eu, evidentemente, fiquei desejoso de o ver e, se fosse possível, de o conhecer. Sabia que podia fazê-lo por intermédio de Stepan Trofímovitch: outrora, tinham sido amigos. Mas, de repente, deparei com ele num cruzamento. Reconheci-o de imediato: tinham-mo mostrado três dias antes, quando ele passava de caleche por nós, com a governadora.

Era um velhote (aliás, tinha apenas cinquenta e cinco anos) de pequena estatura com ares de gravidade afetada, com uma carinha bastante vermelhusca, com uns caracolinhos espessos e grisalhos, que assomavam por debaixo do chapéu cilíndrico arredondado e ornamentavam as suas orelhas asseadas, cor-de-rosa e pequeninas. Asua carinha lavada não era lá muito bonita, tinha uns lábios finos e extensos, apertados numa expressão manhosa; o nariz era um pouco carnudo, os olhos pequeninos, inteligentes e penetrantes. Estava vestido de forma algo caduca, com um capote lançado sobre os ombros, capote que, nesta época do ano, poderia ser usado algures na Suíça ou na Itália do Norte. Mas, pelo menos, todos os pequenos atributos do seu traje — botões de punho, colarinhos, lornhão de tartaruga pendurado em fitinha preta, um anel — eram indiscutivelmente os usados pelas pessoas de bom-tom. Tenho a certeza de que no verão ele usava botinhas de cor viva com botõezinhos de madrepérola de lado. Quando nos cruzamos, ele parou por um instante à esquina da rua e pôs-se a olhar em redor com atenção. Vendo que eu estava olhando para ele com curiosidade, perguntou-me em voz suave embora um pouco estridente:

— Diga-me, por favor, como posso ir melhor para a Rua Bíkova?

— Rua Bíkova? Mas é aqui perto! — exclamei com grande emoção.
— Siga sempre em frente por esta rua e depois vire na segunda à esquerda.

— Muito obrigado.

Maldita aquela hora: tenho ainda a sensação de que me acanhei, fiquei olhando servilmente e, claro, Karmazínov reparou nisso num instante e percebeu tudo, ou seja, que eu já sabia quem ele era, que já lera os livros dele e o venerava desde a infância, que me acanhara e ficara a olhar para ele com um ar servil! Sorriu, acenou mais uma vez com a cabeça e seguiu em frente, tal como eu lhe indicara. Não sei o que me deu para me voltar e ir atrás dele; não sei por que corri ao lado dele uns dez passos. Karmazínov, bruscamente, parou de novo.

— O senhor não me poderia indicar onde param aqui os cocheiros?
— voltou a gritar-me.

Um grito feio, uma voz feia!

— Cocheiros? Os cocheiros mais próximos... param ao lado da catedral, estão sempre lá — e por pouco não corri a buscar-lhe um cocheiro. Desconfio que era precisamente isso que ele esperava de mim. É evidente que caí em mim de imediato e me refreei, mas vi que ele reparara no meu impulso e me observava com o mesmo sorriso feio. Nisto, aconteceu uma coisa que nunca esquecerei.

Karmazínov deixou cair o pequeno saco que segurava na mão esquerda. Aliás, não era um saco, mas uma caixinha, ou antes, uma pequena pasta, ou, melhor ainda, um indispensável, do gênero dos antigos indispensáveis que as senhoras usavam; bem, não sei o que era aquilo, sei apenas que me precipitei para o apanhar.

Estou absolutamente convencido de que não cheguei a apanhá-lo, mas o meu primeiro movimento tinha sido irremediável; já não podia escondê-lo e corei como um parvo. O espertalhão, de imediato, tirou desta circunstância todo o proveito que podia tirar.

— Não se preocupe, eu apanho — disse ele num tom encantador, e disse-o já quando viu claramente que eu não lhe apanharia o indispensável; mas apanhou-o como se se adiantasse a mim e, depois, voltou a acenar-me com a cabeça e seguiu o seu caminho, deixando-me ali com cara de parvo. Resultou tudo como se eu tivesse apanhado a coisa na mesma. Durante cinco minutos considerei-me coberto de opróbrio para todo o sempre; mas, quando me aproximava já da casa de Stepan Trofímovitch, ri-me às gargalhadas. Aquele encontro estava parecendo-me tão engraçado que decidi contá-lo imediatamente a Stepan Trofímovitch e representar-lhe toda a cena como no palco.

Desta vez, no entanto, para minha surpresa, encontrei-o muitíssimo mudado. Embora, mal me viu, se atirasse a mim com avidez e começasse a ouvir-me, tinha um ar tão confuso que, de início, vi que não estava entendendo o que eu dizia. Contudo, bastou-me pronunciar o nome de Karmazínov para ele perder de repente as estribeiras.

— Não me fale dele, não pronuncie esse nome! — exclamou quase em fúria. — Olhe aqui, olhe, leia, leia!

Abriu a gaveta e atirou para cima da mesa três pedacinhos de papel, escritos a lápis, todos de Varvara Petrovna. O primeiro bilhete era de dois dias atrás, o segundo do dia anterior, o terceiro chegara havia apenas uma hora; o conteúdo era muito insignificante, versando sempre Karmazínov, mas revelador da inquietude vaidosa e oca de Varvara Petrovna e o medo de que Karmazínov se esquecesse de lhe fazer uma visita. Eis o primeiro bilhete, de dois dias antes (pelos vistos também existiam bilhetes de três e até de quatro dias antes):

Se ele, finalmente, honrar o senhor com a sua visita hoje, peço que não lhe diga de mim nem uma palavra. Nem uma insinuação. Não se ponha a falar-lhe de mim, nem a lembrar-lhe a minha pessoa.

V. S.

O bilhete do dia anterior:

Se ele resolver, finalmente, fazer-lhe uma visita hoje de manhã, o mais nobre, na minha opinião, será o senhor não o receber. É esta a minha opinião, não sei qual é a sua.

V. S.

O último bilhete:

Tenho a certeza de que tem a casa abarrotada de lixo e o ar empestado de tabaco. Mandar-lhe-ei a Mária e o Fómuchka;

arrumam tudo em meia hora. E o senhor não estorve e deixe-se ficar na cozinha enquanto eles fazem a limpeza. Mando-lheum tapete de Bucará e dois vasos chineses, há muito tempo que queria oferecer-lhos; mando-lhe também o meu Teniers⁹¹ (emprestado). Os vasos, pode pô-los no peitoril da janela; quanto ao Teniers, pendure-o na parede à direita, por cima do retrato de Goethe, lá estará mais à vista e mais bem iluminado de manhã. Se ele, finalmente, aparecer, receba-o de maneira esmeradamente educada mas, na medida do possível, fale de insignificâncias, de coisas eruditas e com o ar de se terem despedido um do outro ainda ontem. De mim, nem uma palavra. Talvez eu vá ver o senhor hoje ao fim da tarde.

V. S.

p.s.: Se ele não aparecer também hoje, já não vai aparecer nunca.

Li e surpreendi-me por aquelas ninharias o emocionarem tanto. Olhei para ele, com interrogação, e reparei logo que, enquanto eu lera os bilhetes, ele tinha trocado a sua habitual gravata branca por uma vermelha. O chapéu e a bengala estavam em cima da mesa. Estava muito pálido, tremiam-lhe as mãos.

— Não quero saber das emoções dela! — gritou Stepan Trofímovitch num frenesi, respondendo ao meu olhar interrogativo. — *Je m'en fiche!*⁹² Tem ânimo para se preocupar com o Karmazínov, mas às minhas cartas não responde! Está aqui, está aqui a minha carta que ela me devolveu ontem e nem deslacrrou, aqui, em cima da mesa, debaixo deste livro, debaixo de *L'homme qui rit*. Quero lá saber que ela se amargura com o Ni-kó-len-ka! *Je m'en fiche et je proclame ma liberté. Au diable le Karmazinoff! Au diable la Lembke!*⁹³ Escondi os vasos no vestíbulo, meti o Teniers na gaveta da cômoda e exigi que ela me recebesse de imediato. Ouviu? Exigi! Mande-lhe uma tira de papel igual a estas, escrita a lápis e sem sobrescrito, pela Nastássia, e agora estou à espera. Quero que a Dária Pávlovna me declare tudo pessoalmente e perante Deus, ou pelo menos perante o senhor. *Vous me seconderez, n'est-ce pas, comme ami et témoin.*⁹⁴ Não quero corar,

não quero mentir, não quero segredos, não admito segredos neste assunto. Que me confessem tudo, com sinceridade e simplicidade, nobremente, e então... então talvez eu surpreenda toda a gente com a minha magnanimidade!... Sou algum canalha, meu caro senhor? — concluiu bruscamente, olhando para mim com ar de ameaça, como se fosse eu quem o considerasse um canalha.

Pedi-lhe que bebesse água; nunca antes o vira neste estado. Enquanto falava, corria pela sala, de um canto ao outro, mas de súbito parou diante de mim numa pose insólita.

— Será que o senhor pensa — recomeçou com uma sobranceira mórbida, medindo-me dos pés à cabeça com os olhos —, será que o senhor se atreve a supor que eu, Stepan Trofímovitch Verkhovênski, não acharei em mim a suficiente força moral para pegar na minha caixa... na minha caixa de pobre miserável!... pô-la aos meus ombros fracos, sair por aquele portão e desaparecer daqui para todo o sempre quando assim o exige a honra e o grande princípio da independência? Não é a primeira vez que o Stepan Trofímovitch Verkhovênski repele o despotismo com a magnanimidade, nem que esse despotismo seja o de uma mulher louca, ou seja, o mais ofensivo e cruel despotismo que pode existir à face da Terra, apesar de o meu amigo, ao que parece, se permitir agora a liberdade de sorrir às minhas palavras, meu caro senhor! Oh, o senhor não acredita que eu possa encontrar em mim suficiente magnanimidade para acabar os meus dias como preceptor em casa de algum comerciante, ou morrer de fome debaixo de uma cerca! Responda, responda-me já: acredita ou não?

Mas não lhe respondi, intencionalmente. Fingi mesmo que não queria ofendê-lo com uma resposta negativa, mas que também não podia responder com uma positiva. Em toda aquela irritação dele havia alguma coisa que me ofendia muito, mas não pessoalmente, oh não! Era mais... explico isto mais tarde.

Stepan Trofímovitch empalideceu ainda mais.

— Talvez esteja aborrecendo-se comigo, G...v (é o meu nome), e deseje... deixar de visitar-me? — disse no mesmo tom de tranquilidade pálida que, normalmente, antecede uma explosão tremenda. Saltei do lugar, assustado; no mesmo momento entrou Nastássia e entregou em silêncio um papelinho a Stepan Trofímovitch, escrito a lápis. Ele leu-o e atirou-mo. Do papelinho apenas constavam três palavras: “Fique em casa”.

Stepan Trofímovitch, em silêncio, pegou no chapéu e na bengala e dirigiu-se rapidamente para a saída; eu fui maquinalmente atrás dele. De repente, ouviram-se vozes no corredor e o barulho de passos apressados. Stepan Trofímovitch estacou, como que atingido por um raio.

— É Lipútin, estou perdido! — sussurrou ele, agarrando-se-me ao braço.

No mesmo momento entrou Lipútin na sala.

IV

Por que estaria ele perdido por causa do Lipútin, isso eu não sabia, e também não dei grande importância a estas palavras, atribuindo-as ao estado dos seus nervos. Mesmo assim, aquele seu medo era insólito, pelo que decidi observar com atenção.

O próprio ar de Lipútin ao entrar revelava que ele tinha o direito especial de entrar, apesar de todas as proibições. Trazia com ele um senhor desconhecido, por certo forasteiro. Em resposta ao olhar absurdo do aturdido Stepan Trofímovitch, exclamou em alto e bom som:

— Trago-lhe uma visita, uma visita muito especial! Atrevo-me a violar a sua solidão. Apresento-lhe o Senhor Kiríllov, notável engenheiro de construção. O mais curioso é que ele conhece o seu

querido filho, o estimadíssimo Piotr Stepánovitch, é seu amigo íntimo; e veio com um recado dele. Acabado de chegar.

— Sobre o recado, sua invenção — observou o visitante com rispidez. — Recado não há, mas Verkhovênski bem conheço. Despedi-me dele na província de Kh...sk, há dez dias.

Stepan Trofímovitch estendeu-lhe maquinalmente a mão e convidou-o a sentar-se; olhou para mim, olhou para Lipútin e, de repente, como se caísse em si, também se sentou apressadamente, continuando a segurar nas mãos o chapéu e a bengala, sem dar conta disso.

— Ah, o senhor estava de saída! Mas a mim disseram-me que, depois de um trabalho cansativo, ficara adoentado.

— Sim, estou doente, e agora preparava-me para ir dar um passeio, eu... — Stepan Trofímovitch calou-se, atirou para cima do divã o chapéu e a bengala e... corou.

Entretanto, eu examinava o visitante. Era um homem jovem, dos seus vinte e sete anos, vestido convenientemente, moreno, esbelto e magro, com um rosto pálido e a tez de matiz um pouco sujo, os olhos negros sem brilho. Parecia um pouco pensativo edistraído, falava aos sacões e, por assim dizer, sem gramática, invertia palavras de modo estranho e atrapalhava-se quando tinha necessidade de compor uma frase um pouco mais comprida. Lipútin reparara perfeitamente no grande susto de Stepan Trofímovitch e estava contentíssimo com isso. Sentou-se numa cadeira de vime que arrastou até quase ao centro da sala, para ficar a igual distância do dono da casa e do visitante, que se tinham acomodado frente a frente em dois divãs opostos. Os olhos agudos de Lipútin espionavam com curiosidade todos os cantos.

— Eu... há muito que não vejo o Petrucha... O senhor encontrou-o no estrangeiro?— murmurou Stepan Trofímovitch a custo.

— Aqui e no estrangeiro.

— Aleksei Nílitch acaba de chegar, ele próprio, do estrangeiro, esteve lá quatro anos— intrometeu-se Lipútin. — Foi para lá aperfeiçoar-se na sua profissão e chegou agora. Tem todas as razões para pretender um cargo na construção da nossa ponte ferroviária, está agora à espera da resposta. Travou conhecimento com as senhoras Drozdov, com Lisaveta Nikoláevna, por intermédio de Piotr Stepánovitch.

O engenheiro, macambúzio, escutava com uma impaciência desajeitada. Pareceu-me zangado.

— Ele também conhece o Nikolai Vsevolodovitch.

— Também conhece Nikolai Vsevolodovitch? — quis confirmar Stepan Trofímovitch.

— Conheço.

— Eu... não vejo o Petrucha há muitíssimo tempo e... acho-me com pouco direito de me intitular pai... *c'est le mot*,⁹⁵ eu... como estava ele quando se despediram?

— Estava... vem depois, sozinho — o Senhor Kiríllov esquivava-se de novo. Mostrava-se definitivamente zangado.

— Há de vir! Finalmente, eu... está vendo, há muito tempo que não vejo o Petrucha! — Stepan Trofímovitch atolara-se nesta frase. — Estou agora à espera dele, do meu pobre menino, perante o qual... oh, perante o qual me sinto culpado! Ou seja, quero eu dizer que, quando o deixei naquela altura em Petersburgo, eu... numa palavra, não lhe dava importância, *quelque chose dans ce genre*.⁹⁶ É um rapaz nervoso, sabe como é? Muito sensível e... medroso. Antes de ir para a cama fazia reverências e benzia a almofada para não morrer de noite... *je m'en souviens. Enfin*,⁹⁷ não tem qualquer sentido artístico, isto é, a noção do sublime, do fundamental, de algum embrião da futura ideia... *c'était comme un petit idiot*.⁹⁸ Aliás, eu próprio, ao que parece, atrapalhei-me, desculpe, eu... o senhor apanhou-me...

— Benzia a almofada, fala sério? — quis saber repentinamente o engenheiro, com uma curiosidade muito especial.

— Sim, benzia...

— Bem, não interessa, continue.

Stepan Trofímovitch olhou interrogativamente para Lipútin.

— Estou-vos muito grato pela visita mas, francamente, neste momento... não posso... Permita que lhe pergunte: onde está alojado?

— Rua Bogoiavlênskaia, prédio Filíppov.

— Ah, é onde mora o Chátov — observei involuntariamente.

— Exatamente, no mesmo prédio — exclamou Lipútin —, só que o Chátov vive em cima, no mezanino, e o Senhor Kirílov instalou-se embaixo, no apartamento do Capitão Lebiádkin. O Senhor Kirílov conhece Chátov e a esposa de Chátov. Fez com ela um conhecimento muito chegado no estrangeiro.

— *Comment!*⁹⁹ Então o senhor sabe alguma coisa sobre este casamento infeliz *de ce pauvre ami*¹⁰⁰ e sobre esta mulher?! — exclamou de repente Stepan Trofímovitch, levado pelo sentimento. — É a primeira pessoa que a conhece pessoalmente, e se...

— Quanta bobagem! — cortou o engenheiro, corando todo. — Deturpa por quê, tudo, Lipútin? Nunca vi a mulher de Chátov, uma vez só de longe, não tenho conhecimento com ela nenhum. Conheço Chátov. Para que acrescenta coisas?

Virou-se bruscamente no divã, pegou no chapéu, depois largou-o e, voltando a sentar-se como estava antes, fitou os olhos negros, chispando, em Stepan Trofímovitch, com uma espécie de desafio. Eu não conseguia entender tão estranha irritação.

— Desculpe-me — observou Stepan Trofímovitch gravemente —, compreendo que este assunto possa ser delicadíssimo...

— Assunto nada delicadíssimo, vergonhoso até dizer assim, não foi para o senhor que gritei “bobagem”, para Lipútin sim, porque acrescenta coisas. Conheço Chátov, mulher dele nenhuma não conheço... não conheço!

— Entendi, entendi, e se eu insisti neste ponto foi apenas porque gosto muito do nosso pobre amigo, *notre irascible ami*,¹⁰¹ e sempre me interessei... Este homem, a meu ver, mudou demasiado bruscamente as suas antigas ideias, ideias talvez muito novas, sim, mas corretas. Agora desata a gritar sobre *notre sainte Russie*, e diz coisas de tal calibre que eu, há muito tempo, atribuo esta reviravolta no seu organismo (não posso chamar isto de outro modo) a um qualquer abalo pessoal forte, nomeadamente ao seu casamento malsucedido. Eu, que conheço a minha pobre Rússia como as palmas das minhas mãos, que dei ao povo russo toda a minha vida, posso assegurar-vos de que ele não conhece o povo russo, e ainda por cima...

— Povo russo nenhum também não conheço nada e... e para estudá-lo não há tempo! — voltou a interromper o engenheiro e, de novo, virou-se bruscamente no divã. Stepan Trofímovitch atrapalhou-se.

— Mas está estudando-o, está — intrometeu-se Lipútin —, o Senhor Kiríllov já iniciou o seu estudo e está escrevendo um curiosíssimo artigo sobre as causas dos cada vez mais frequentes casos de suicídio na Rússia e, de uma maneira geral, sobre os fatores que aumentam ou refreiam a propagação de suicídios na sociedade, chegou a conclusões impressionantes.

O engenheiro emocionou-se terrivelmente.

— Não tem direito nenhum — pôs-se a sibilar, irado —, artigo nenhum. Não vou... bobagens. Disse-lhe uma coisa confidencial, por

acaso. Não é artigo, eu não publico, o senhor não tem direito nenhum...

Lipútin, visivelmente, deliciava-se.

— Desculpe, se calhar equivoquei-me ao designar a sua obra literária por artigo. Está apenas colecionando fatos, sem tocar na essência da questão ou, por assim dizer, o lado moral da questão, mas até já nega a própria existência da moral, acatando o princípio moderno da destruição total em prol dos bons objetivos finais. O senhor já exige mais de cem milhões de cabeças para instalar a racionalidade na Europa, muito mais do que foi pedido no último congresso da paz.¹⁰² Neste sentido, o Aleksei Níltch foi mais longe do que todos os outros.

O engenheiro ouvia com um sorriso amarelo e desdenhoso. Toda a gente se calou por meio minuto.

— Tudo estupidez, Lipútin — pronunciou finalmente o Senhor Kirílov com dignidade. — Se lhe falei de uns pontos, sem querer, e se se agarrou a eles, é problema seu. Mas não tem direito nenhum, o senhor, porque nunca falo nada disso com ninguém. Desprezo falar disso... Tenho convicções, para mim são claras... e o senhor fez grossa asneira. Não discutir nunca pontos onde tudo está definido. Detesto discutir. Não quero discutir...

— E talvez faça bem — não se conteve Stepan Trofímovitch.

— Peço desculpa-lhe, mas aqui nada me zango com ninguém — continuou o visitante com uma rapidez ferosa. — Quatro anos não vi pessoas quase. Durante quatro anos, pouca conversa, evitação de encontrar-me com quem tem nada que ver, por causa dos meus objetivos, durante quatro anos. Lipútin encontrou e ri-se. Compreendo e não olho. Eu nada suscetível, apenas irrita-me a liberdade dele. E se não exponho-lhe ideias — concluiu subitamente, passando por todos nós o olhar firme —, não porque tenho medo de

denúncia ao governo; isso não; por favor, não pensem disparates neste sentido...

A estas palavras já ninguém respondeu nada, houve apenas troca de olhares. O próprio Lipútin se esqueceu de soltar um risinho.

— Meus senhores, lamento muito — Stepan Trofímovitch levantou-se, resoluto, do divã —, mas sinto-me indisposto e desorientado. Desculpem.

— Ah, quer que nos vamos embora — afadigou-se o Senhor Kiríllov, pegando no boné —, ainda bem que disse-o, sou esquecido.

Levantou-se e, com um ar ingênuo, aproximou-se de Stepan Trofímovitch, estendendo-lhe a mão.

— É pena que vim, o senhor está adoentado.

— Desejo-lhe toda a felicidade aqui — respondeu Stepan Trofímovitch, apertando-lhe a mão com vagar e benevolência. — Compreendo que, se passou muito tempo no estrangeiro, como acaba de dizer, retirando-se do convívio das pessoas em prol dos seus objetivos e... esqueceu a Rússia, deve olhar sem dúvida com um espanto involuntário para nós, russos de raiz, e nós, reciprocamente, para o senhor. *Mais cela passera.*¹⁰³ Só uma coisa me faz confusão: o senhor pretende construir a nossa ponte e, ao mesmo tempo, defende o princípio da destruição universal. Não o deixarão construir a nossa ponte!

— Como? Como é que disse o senhor... ah, diabo! — exclamou Kiríllov, espantado, e de repente riu-se alegre e sinceramente. Por um instante, o seu rosto tomou uma expressão absolutamente infantil que, pareceu-me, lhe ficava muito bem. Lipútin, entusiasmado, esfregava as mãos: tinha gostado da saída espirituosa e certa de Stepan Trofímovitch. Quanto a mim, continuava espantado: por que razão Stepan Trofímovitch se assustara tanto com o aparecimento de Lipútin e até exclamara “estou perdido”?

E stávamos todos parados à saída. Era aquele momento em que os donos da casa e os convidados trocam à pressa as últimas palavras de amabilidade e depois se despedem.

— Ele está muito sombrio hoje — disse de fugida Lipútin, já saindo da sala — porque teve uma discussão com o Capitão Lebiádkin. O Capitão Lebiádkin chicoteia todos os dias a sua bela irmã, a maluca, de manhã à noite, com o azorrague, um verdadeiro azorrague de cossaco. O Aleksei Nílitch, para não assistir, passou então a viver no anexo da casa. Ora bem, até breve.

— A irmã? Doente? Com o azorrague? — gritou Stepan Trofímovitch, como se estivesse ele próprio sendo zurzido. — Que irmã? Que Lebiádkin?

O ar de susto inicial de Stepan Trofímovitch voltou-lhe num instante.

— Lebiádkin? É um capitão na reserva...

— Irra, quero lá saber da patente do homem! Que irmã? Meu Deus... está falando do “Lebiádkin”? Mas nós tínhamos cá um Lebiádkin...

— É esse mesmo, o nosso Lebiádkin, lembra-se, em casa de Virguínski?

— Mas esse não foi apanhado na falsificação de notas?

— Mas agora voltou, há já quase três semanas, e em circunstâncias muito especiais.

— Mas ele é um canalha!

— E então, não pode haver um canalha entre nós? — E Lipútin esboçou um sorriso, como se apalpassse Stepan Trofímovitch com os seus olhinhos manhosos.

— Ah, santo Deus, não estou falando disso... embora, quanto a canalhas, esteja absolutamente de acordo com o senhor. Mas... e depois? O que quis o senhor dizer com isso?... É que o senhor de certeza que quis dizer alguma coisa com isso!

— Ora, são coisas sem importância... ou seja, este capitão, pelos vistos, saiu cá da cidade não por falsificar moeda mas unicamente para encontrar a irmã que, supostamente, se escondia dele em parte incerta; agora trouxe-a, e acabou-se a história. Por que parece tão assustado, Stepan Trofímovitch? Aliás, estou só reproduzindo a tagarelice bêbada dele, porque quando não está bêbado cala-se sobre isso. É um homem irritadiço e, por assim dizer, de estética militar, mas de mau gosto. Ora, esta maninha dele não só é maluca como ainda por cima é coxa. Supostamente, foi desonrada por um sedutor qualquer, na sua juventude, e o Senhor Lebiádkin cobra todos os anos um tributo ao sedutor como compensação nobre pela ofensa; pelo menos é isso que se deduz da sua tagarelice... mas, a meu ver, não passam de palavras bêbadas. De gabarolice. Sim, porque estas coisas, normalmente, saem muito mais baratas. Ora, que ele tem dinheirinho, lá isso tem, ainda há uma semana e meia andava descalço mas agora, com os meus próprios olhos, vi-lhe centenas de rublos nas unhas. Sua irmãzinha tem todos os dias uns ataques quaisquer. Guincha, e ele “mete-a na ordem” com o azorrague. É preciso impor respeito às mulheres, diz ele. Não compreendo como é que o Chátov aguenta viver mesmo por cima deles. O Aleksei Nílitch só aguentou três dias, e já os conhecia de Petersburgo; agora, para sossego dele, alugou o anexo.

— Isto é tudo verdade? — Stepan Trofímovitch dirigiu-se ao engenheiro.

— Está dando com a língua nos dentes, Lipútin — resmungou o engenheiro com raiva.

— Mistérios, segredos! Donde raio é que apareceram tantos mistérios e tantos segredos aqui? — não se conteve Stepan Trofímovitch.

O engenheiro carregou o sobrolho, corou, encolheu os ombros e dirigiu-se para a saída.

— O Aleksei Nílitch até lhe arrancou o azorrague das mãos, partiu-o e atirou-o pela janela. Zangaram-se muito um com o outro — acrescentou Lipútin.

— Por que tanto tagarela, Lipútin, que estupidez, por quê? — virou-se Aleksei Nílitch para ele.

— Por que quer esconder isso? Por modéstia, por nobilíssimos impulsos de alma? Da sua alma, não estou falando da minha.

— Estupidez... não necessário... Lebiádkin é um parvo inútil completamente... e inútil para o movimento e... muito nocivo. Para que essa língua nos dentes? Vou-me embora.

— Ah, que pena! — exclamou Lipútin com um sorriso radioso. — Senão ainda o fazia rir com mais uma historieta, Stepan Trofímovitch. Até vinha cá com a intenção de lha contar, embora o senhor com certeza já a conheça. Paciência, fica para outra ocasião, o Aleksei Nílitch está com muita pressa... Até loguinho. A história foi com a Varvara Petrovna, anteontem. Ela fez-me rir, mandou-me chamar de propósito. Até loguinho.

Então, Stepan Trofímovitch aferrou-se literalmente a ele: agarrou-o pelos ombros, rodou-o e sentou-o na cadeira. Lipútin até se encolheu.

— Foi, foi — começou ele, olhando cautelosamente para Stepan Trofímovitch —, mandou-me chamar e perguntou-me “confidencialmente” qual era a minha opinião: Nikolai Vsevolodovitch está louco ou está no seu perfeito juízo? Não é surpreendente?

— O senhor é doido! — murmurou Stepan Trofímovitch e, de repente, foi como se ficasse fora de si. — Lipútin, o senhor mesmo sabe muito bem que veio aqui precisamente para me contar uma

porcaria qualquer deste gênero, ou... ou qualquer outra coisa ainda pior!

Num instante, ressurgiu na minha memória a sua suposição de que Lipútin conhecia a situação não só melhor do que nós próprios mas ainda algumas coisas que nós nunca viríamos a saber.

— Por amor de Deus, Stepan Trofímovitch! — murmurou Lipútin, fingindo-se terrivelmente assustado. — Por amor de Deus...

— Cale-se e diga! Peço-lhe encarecidamente, Senhor Kirílov, que volte e assista, peço-lhe! Sente-se. E o senhor, Lipútin, comece a falar com frontalidade, simplesmente e... sem quaisquer rodeios!

— Se soubesse que o senhor ficava tão *frappé*,¹⁰⁴ não diria nada... Porque pensava que o senhor já sabia tudo pela própria Varvara Petrovna!

— Não pensava nada! Comece a falar, comece, ouviu?

— Pronto, mas, por favor, sente-se também. Como é que eu posso ficar aqui sentado e o senhor, nesse estado... a correr pela sala. Assim não convém.

Stepan Trofímovitch conteve-se e sentou-se na cadeira com um ar grave. O engenheiro espetou sombriamente os olhos no chão. Lipútin olhava para eles com um deleite extraordinário.

— Começar... pois... o senhor embaraçou-me...

VI

— **A**nteontem, Varvara Petrovna manda um criado dela a minha casa, assim sem mais nem menos: a senhora pede, diz ele, que a vá ver amanhã ao meio-dia. Pode imaginar? Pus o trabalho de parte e, ontem, ao meio-dia em ponto bato-lhe à porta. Levam-me

diretamente para a sala de estar; nem um minuto esperei, aparece ela; mandou-me sentar, sentou-se também, à minha frente. Estou ali sentado e nem posso acreditar; o senhor sabe muito bem que Varvara Petrovna sempre me tratou mal. Começa frontalmente, sem rodeios, na sua maneira de sempre: “O senhor lembra-se”, diz ela, “que há quatro anos Nikolai Vsevolodovitch, doente, fez várias coisas estranhas e deixou toda a cidade de boca aberta enquanto as coisas não se esclareceram. Um dos atos dele atingiu o senhor pessoalmente. Quando melhorou, Nikolai Vsevolodovitch foi a sua casa, a meu pedido. Sei também que, já antes, ele falou com o senhor várias vezes. Diga-me, com toda a sinceridade, o que pensava o senhor... (aqui, ela atrapalhou-se um pouco) o que pensava, então, de Nikolai Vsevolodovitch?... Como o achava... que opinião tinha dele e... que opinião tem agora?”. Aqui, ela atrapalhou-se completamente, de maneira que até se calou por um minuto e, de repente, corou. Assustei-me. Recomeçou a falar, mas não num tom comovedor, coisa que não é própria dela, mas num tom muito grave:

“Desejo que o senhor me compreenda bem e sem mal-entendidos. Mandei chamá-lo porque o considero um homem perspicaz e espirituoso, capaz de uma observação certa’. (Veja só, que elogios!) ‘Compreenderá’, dizia ela, ‘sem dúvida que é a mãe que fala com o senhor... Nikolai Vsevolodovitch passou na vida por algumas desgraças e por muitas reviravoltas. Tudo isso pode ter influenciado o estado mental dele’, dizia ela. ‘Evidentemente, não falo da loucura, é absolutamente impensável!’ (Isto disse-o com firmeza e orgulho!). ‘Mas podia haver qualquer coisa esquisita, especial, um desvio de ideias, a propensão para uma mentalidade invulgar’ (isto são tudo palavras exatas dela, Stepan Trofímovitch, e admirou-me muito a precisão com que Varvara Petrovna sabia tratar o assunto. É uma senhora de elevado intelecto!). ‘Pelo menos’, diz ela, ‘eu própria notei nele uma certa inquietação permanente e tendências insólitas. Mas eu sou mãe, e o senhor, como é um estranho, com o intelecto que tem pode formar uma opinião mais independente. O que eu lhe imploro, afinal’ (expressiu-se mesmo assim: imploro) ‘é que me diga toda a verdade, sem quaisquer evasivas, e se além disso me fizer a promessa

de que nunca se esquecerá de que eu falei consigo confidencialmente, podeesperar de mim, daqui para o futuro, a minha absoluta disponibilidade para o recompensar sempre que for possível. Então, Stepan Trofímovitch, está vendo?”

— O senhor... o senhor deixou-me tão *frappé*... — balbuciou Stepan Trofímovitch — que não acredito no que diz...

— Não, repare, repare — continuou Lipútin, como se não tivesse ouvido Stepan Trofímovitch —, repare que tem de ser muito grande a preocupação e a angústia para que uma pessoa de posição tão alta se dirija com esta questão a uma pessoa como eu, e ainda por cima se rebaixa ao ponto de pedir segredo. O que significa isso? Terá ela recebido notícias inesperadas sobre o Nikolai Vsevolodovitch?

— Não sei... não tive notícias... já não a vejo há vários dias, mas... note... — balbuciou Stepan Trofímovitch, por certo sem poder pôr ordem nas suas ideias —, mas repare, Lipútin, que se aquilo foi confidencial, e agora o senhor, na presença de todos...

— Sim, foi absolutamente confidencial! Raios me partam se eu... E se eu falei, aqui... que mal é que isto tem? Não somos todos amigos, incluindo o Aleksei Nílitch?

— Não partilho da sua opinião. Sem dúvida que nós três vamos guardar segredo, mas quanto ao quarto, o senhor, tenho dúvidas e não acredito em si!

— Mas o que está dizendo aí? Estou mais interessado nisto do que os outros, porque foi a mim que ela prometeu eterna gratidão! A este propósito eu queria, precisamente, abordar um caso estranhíssimo, aliás, mais psicológico do que estranho. Ontem à noite, por influência da conversa com Varvara Petrovna (o senhor pode imaginar o efeito que aquela conversa teve em mim), dirigi uma pergunta indireta a Aleksei Nílitch: “O senhor”, disse-lhe eu, “que já conhece há mais tempo o Nikolai Vsevolodovitch, tanto do estrangeiro como de Petersburgo, o que acha da inteligência e das capacidades dele?”. O

Senhor Kiríllov respondeu-me laconicamente, no estilo dele, que o homem era possuidor de fino intelecto e de grande senso comum. “Mas o senhor não reparou”, insisti eu, “num certo desvio de ideias, por assim dizer, ou nalguma estranheza de pensamento, ou nalguma, por assim dizer, loucura?”. Em resumo, repeti-lhe a pergunta da própria Varvara Petrovna. Então, imagine: o Aleksei Nílitch, de repente, ficou pensativo e franziu a cara tal qual está franzindo agora: “Sim”, disse ele, “às vezes me parecia estranha alguma coisa”. Note que, se ao próprio Aleksei Nílitch alguma coisa podia parecer estranha, o que pode verificar-se na realidade, há?

— É verdade? — Stepan Trofímovitch dirigiu-se a Aleksei Nílitch.

— Falar disso não, não me apetece — respondeu Aleksei Nílitch erguendo de repente a cabeça, com os olhos a cintilar —, direito nenhum, Lipútin, quero contestar. O senhor não tem direito nenhum sobre mim para falar. Não lhe disse toda a minha opinião. Em Petersburgo conheci, mas há muito tempo, e se voltei a conhecer agora, conheço muito mal Nikolai Vsevolodovitch. Peço que me isentem... isso tudo parece um mexerico.

Lipútin abriu os braços, num gesto de inocência ofendida.

— Um mexerico! Talvez espionagem, não? Para o senhor, Aleksei Nílitch, como se esquiva a tudo, é fácil criticar. Nem vai acreditar, Stepan Trofímovitch: por mais estúpido que seja o Capitão Lebiádkin, que é mesmo estúpido como... até é vergonha dizer... há uma comparação na língua russa que significa o grau máximo da estupidez, pois, mas por mais estúpido que seja acho que ele se considera ofendido por Nikolai Vsevolodovitch, embora se inclinasse perante a inteligência dele. Diz ele: “Fico espantado diante deste homem: uma víbora sábia” (as palavras são dele próprio). E digo eu para ele (sempre sob o efeito daquilo de ontem e já depois da conversa com Aleksei Nílitch): “Como é, capitão, o senhor, por seu lado, acha que a sua víbora sábia é maluca ou não?”. Então, acredite, parece que o chicoteei de surpresa por trás; saltou do lugar: “Sim”, disse ele, “só que isso não

pode influenciar...”. Influenciar o quê? Não disse. Depois ficou muito pensativo e triste, tão pensativo que lhe passou completamente a bebedeira. Estávamos no restaurante de Filíppov. Só meia hora depois é que bateu com o punho na mesa: “Sim, acho que ele é mesmo louco, só que isso não pode influenciar...”. É claro que lhe estou transmitindo apenas a essência da conversa, mas a ideia é clara; a qualquer pessoa que se faça a pergunta, passa pela cabeça a mesma ideia, embora antes nunca a tivesse tido: “Sim”, dizem todos, “é louco; é muito inteligente mas talvez também seja louco”.

Stepan Trofímovitch ficou-se pensativo, num grande esforço mental.

— Mas como é que o Lebiádkin o sabia?

— Faça o favor de perguntar a Aleksei Nílitch, que acabou de chamar-me espião. Sou espião, mas não sei; mas o Aleksei Nílitch conhece todos os segredos e cala-se.

— Sei nada, ou muito pouco — respondeu o engenheiro com a mesma irritação. — O senhor é que embebeda Lebiádkin para sacar a ele informação. A mim trouxe aqui para informação, fazer falar-me. Portanto, é espião!

— Ainda nunca o embebedei, nem sequer ele vale o gasto de uma bebedeira, ele e mais todos os seus segredos juntos; os segredos dele não me interessam nada, não sei se interessam ao senhor. Pelo contrário, ele próprio anda agora esbanjando dinheiro quando, há doze dias, vinha pedir-me quinze copeques, e é ele quem me oferece champanhe, e não eu a ele. No entanto, o senhor deu-me uma boa ideia e, se for necessário, vou embebedá-lo, precisamente para me inteirar... e, se calhar, vou ficar sabendo... todos os vossos segredinhos — replicou raivosamente Lipútin.

Stepan Trofímovitch olhava, perplexo, para os dois altercantes. Ambos se revelavam tal como eram e, curiosamente, não faziam cerimônias. Passou-me pela cabeça que Lipútin nos trouxera este

Aleksei Nílitch precisamente para o envolver numa conversa que necessitava de terceiros, o que era a sua manobra preferida.

— Aleksei Nílitch conhece muito bem Nikolai Vsevolodovitch — continuou ele com irritação —, mas quer esconder o fato. Quanto ao Capitão Lebiádkin, conheceu o Nikolai Vsevolodovitch antes de nós todos o conhecermos, em Petersburgo, há cinco ou seis anos, numa época pouco conhecida da vida de Nikolai Vsevolodovitch, permitam-me a expressão, quando ele nem sequer pensava ainda em agradecer-nos com a sua visita. É de concluir que o nosso príncipe arranjou em Petersburgo um círculo de conhecimentos bastante estranho. Foi então, ao que parece, que conheceu também Aleksei Nílitch.

— Cuidado, Lipútin, Nikolai Vsevolodovitch chega em breve e aviso que ele sabe defender-se.

— Mas o que pode ele ter contra mim? Sou o primeiro a apregoar que ele é um homem de mente finíssima e elegantíssima, e ainda ontem acalmei Varvara Petrovna neste sentido. “Apenas não posso dar garantias relativamente ao caráter dele”. Lebiádkin, ontem, disse a mesmíssima coisa: “Sofri o caráter dele”. Eh, Stepan Trofímovitch, é fácil para si gritar sobre a mexeriquice e a espionagem, ainda por cima agora que o senhorme arrancou toda a informação, e com uma extraordinária curiosidade, aliás. Quanto a Varvara Petrovna, acertou em cheio, ontem: “O senhor”, disse ela, “é parte interessada porque foi atingido pessoalmente, por isso me dirijo ao senhor”. Eu, parte interessada? De que objetivos pessoais se pode tratar se eu, na presença de toda a gente, engoli uma ofensa pessoal da parte de Sua Excelência?! Parece-me que tenho razões para me interessar por isso, e não só por mexeriquice. Hoje ele aperta-nos a mão, e amanhã, em paga da nossa hospitalidade, prega-nos duas bofetadas na presença de toda a sociedade, se lhe der esse capricho. É um mimado! E o principal, para ele, é o sexo feminino: borboletas e galos valentes! Senhores da Terra com asinhas como as dos Cupidos antigos, os Petchórin¹⁰⁵ conquistadores de corações! É fácil para o senhor, Stepan Trofímovitch, solteirão empedernido, falar assim e, por causa de Sua

Excelência, chamar-me bisbilhoteiro. Mas se casasse com uma jovem bonitinha, aliás o senhor é ainda um homem casadouro, talvez trancasse as portas e construísse barricadas na sua própria casa para barrar o caminho ao nosso príncipe! Palavras para quê? Se esta Mademoiselle Lebiádkina, a quem chicoteiam com o azorrague, não fosse louca nem tivesse uma perna torta, juro por Deus que pensaria que era ela a vítima das paixões de Sua Excelência e que foi com isso que lesaram o Capitão Lebiádkin “na dignidade da sua família”, como ele próprio se exprime. Só que está em contradição com o gosto esmerado de Sua Excelência, embora isso para ele também não importe muito. O que vier à rede... desde que esteja na disposição certa para isso. Dizem-me os senhores: mexericos... Mas será só um que o grita? Toda a cidade grita, e eu apenas ouço e concordo: não é proibido concordar.

— A cidade grita? Grita o quê?

— Ou seja, é o Capitão Lebiádkin quem grita quando se encontra no estado de embriaguez, e grita para toda a cidade ouvir; então isso não é a mesma coisa que estar toda a praça gritando? Qual é então a minha culpa? Aliás, só me mostro interessado entreos amigos, porque, de qualquer maneira, acho que aqui estou entre amigos — passou o olhar por todos nós com um ar inocente. — Houve um caso, vejam só: acontece que, supostamente, Sua Excelência mandou da Suíça por mão de uma nobilíssima menina e, por assim dizer, órfã modesta que tenho a honra de conhecer, a quantia de trezentos rublos para serem entregues ao Capitão Lebiádkin. Ora, o Lebiádkin, pouco tempo depois recebe a notícia (de quem não digo), mas também da parte de uma nobilíssima e, portanto, honestíssima pessoa, de que não tinham sido mandados trezentos mas mil rublos!... “Quer-se dizer”, gritou o Lebiádkin, “a menina roubou setecentos rublos!”. Pois bem, agora quer recebê-los, recorrendo à polícia, se necessário; pelo menos ameaça e faz barulho, para toda a cidade ouvir...

— É ignóbil, o senhor faz uma coisa ignóbil! — e o engenheiro saltou de rompanteda cadeira.

— Mas se o senhor é precisamente a pessoa que confirmou, ao falar com Lebiádkin, em nome de Nikolai Vsevolodovitch, que não foram enviados trezentos mas mil rublos! Foi o que o próprio capitão me disse no estado de embriaguez.

— É... é mal-entendido infeliz. Alguém se enganou e resultou... É mentira, e ignomínia é que o senhor faz!...

— Também eu quero acreditar que é mentira e ouço isso com amargura porque, estão vendo, está implicada nestes setecentos rublos uma nobilíssima menina, em primeiro lugar, e, em segundo lugar, está implicada numa intimidade evidente com Nikolai Vsevolodovitch. É que não custa nada a Sua Excelência desonrar uma nobilíssima menina, ou difamar a mulher alheia, à semelhança daquele caso comigo! Talvez ele obrigue até algum homem magnânimo a encobrir com o seu nome honesto os pecados alheios. Também passei por isso; estou falando de mim...

— Cuidado, Lipútin! — Stepan Trofímovitch soergueu-se na cadeira e empalideceu.

— Não acredite, não acredite! Alguém se enganou, e o Lebiádkin é um bêbado...— exclamou o engenheiro, presa de uma emoção indescritível. — Esclarecido, tudo esclarecido, vai ser, e eu mais não posso... e acho ignomínia... e chega, chega!

Saiu correndo.

— Aonde vai? Espere, eu vou junto! — apressou-se Lipútin, saltando do lugar e correndo atrás de Aleksei Nílitch.

VII

Stepan Trofímovitch ficou uns instantes pensativo, olhou para mim sem me ver, pegou no chapéu e na bengala e dirigiu-se devagar para

a saída. Fui atrás dele, como havia pouco. Ao passar o portão, ele, vendo que eu o acompanhava, disse:

— Ah, sim, o senhor pode ser testemunha... *de l'accident. Vous m'accompagnez, n'est-ce pas?*¹⁰⁶

— Será que vai lá outra vez, Stepan Trofímovitch? Já pensou no que pode acontecer?

Com um sorriso humilde e embaraçado — um sorriso envergonhado e de completo desespero, e ao mesmo tempo de um arrebatamento estranho — sussurrou-me, parando por um instante:

— Não posso casar-me para remir “pecados dos outros”!

Eu esperava apenas por esta palavra. Até que enfim esta palavra tão bem escondida, e de mim também, foi pronunciada depois de uma semana de subterfúgios e rodeios. Fiquei fora de mim:

— Como foi que um tal pensamento... tão baixo numa pessoa como o senhor, Stepan Verkhovênski, pôde surgir na sua mente clara, no seu coração bondoso, e... ainda antes de Lipútin!

Olhou para mim, não respondeu e seguiu o seu caminho. Eu não queria deixá-lo ir sozinho. Queria ser testemunha perante Varvara Petrovna. Perdoaria a Stepan Trofímovitch se ele, movido pela sua pusilanimidade efeminada, tivesse acreditado apenas em Lipútin, mas agora ficava claro que fantasiara ele próprio o mesmo, muito antes de Lipútin, tendo este apenas confirmado as suas suspeitas e deitado uma acha para a fogueira. Sem pensar duas vezes, desconfiou da moça desde o primeiro dia, ainda sem fundamentos, nem sequer os de Lipútin. O comportamento despótico de Varvara Petrovna sempre teve para Stepan Trofímovitch, como explicação, unicamente o desesperado desejo dela de encobrir o mais depressa possível, casando a moça com um respeitável senhor, os pecadilhos aristocráticos do seu inapreciável filhinho Nikolai! Eu alimentava agora o grande desejo de o ver castigado por isso.

— *Oh! Dieu qui est si grand et si bon!*¹⁰⁷ Oh, quem me sossegará?! — exclamou ele, depois de ter dado mais uma centena de passos e parado de repente.

— Vamos para casa, e explico-lhe tudo! — gritei, virando-o à força na direção da casa.

— É ele! Stepan Trofímovitch, é o senhor? É o senhor? — ouviu-se ao nosso lado uma voz fresca, animada e jovem como música.

Tínhamos reparado que, a dois passos de nós, aparecera uma amazona, Lisaveta Nikoláevna, com o seu acompanhante habitual. Parou o cavalo.

— Venha, venha cá depressa! — chamava-o alta e alegremente. — Não o via há doze anos, mas reconheci-o logo, mas o senhor... Será que não me reconhece?

Stepan Trofímovitch pegou na mão que ela lhe estendia e beijou-lha com veneração. Olhava para ela como se rezasse e não conseguia pronunciar uma palavra.

— Afinal reconhece-me e está contente por me ver! Mavríki Nikoláevitch, ele está entusiasmado por me ver! Por que esteve duas semanas sem aparecer? A minha tia afirmava que o senhor estava doente e que não se podia incomodá-lo; mas eu sei que a minha tia não falava verdade. E eu a bater o pé e a descompô-lo, mas queria que o senhor aparecesse obrigatoriamente por sua livre vontade, sim, obrigatoriamente, por isso não lhe mandei convite nenhum. Meu Deus, não mudou nada! — examinava-o, inclinando-se na sela. — Até é engraçado ver como não mudou! Ah, não, vejo umas rugazinhas, vejo que tem muitas rugas finas na comissura dos olhos e nas faces, e cabelos brancos, mas os olhos são os mesmos! E eu, mudei? Acha-me diferente? Mas por que não diz nada?

Lembrei-me neste momento do que me haviam contado: que ela quase adoecera quando, aos onze anos, a levaram para Petersburgo;

que chorava muito e perguntava por Stepan Trofímovitch.

— A menina... eu... — balbuciava ele com a voz embargada de alegria — tinha acabado de gritar “quem me sossegará!” e ouvi de repente a sua voz... Acho que foi milagre *et je commence à croire*.¹⁰⁸

— *En Dieu? En Dieu, qui est là-haut et qui est si grand et si bon?*¹⁰⁹ Está vendo, lembro-me de cor de todas as suas lições. Mavríki Nikoláevitch, que fé ele me incutia *en Dieu qui est si grand et si bon!* E lembra-se das suas histórias do Colombo a descobrir a América e toda a gente a gritar: “Terra, terra!”? A ama Aliona Frólovna conta que eu, depois disso, delirava a dormir e gritava: “Terra, terra!”. E lembra-se de como me contava a história do Príncipe Hamlet? E lembra-se como me descrevia as condições em que transportavam os pobres emigrados da Europa para a América? E era tudo mentira, mais tarde vim a saber de que maneira os transportavam, mas foi tão bom que ele me tivesse mentido assim naquela altura, quase melhor do que se fosse verdade! Por que olha dessa maneira para Mavríki Nikoláevitch? É o homem melhor e mais fiel que existe em todo o globo terrestre, e o senhor tem de gostar dele como gosta de mim! *Il fait tout ce que je veux*.¹¹⁰ Mas então, querido Stepan Trofímovitch, se o senhor se põe a gritar no meio da rua “quem me sossega?”, isso significa que está outra vez infeliz. Está infeliz, é? É verdade?

— Agora já estou feliz...

— A minha tia trata-o mal? — continuava ela sem o ouvir. — Sempre a mesma tia maldosa, injusta e inapreciável para nós! Lembra-se de como se atirava aos meus braços no jardim e eu chorava e o consolava?... Mas deixe de ter medo do Mavríki Nikoláevitch, ele sabe tudo sobre o senhor há muito, Stepan Trofímovitch. Pode chorar no ombro dele quanto quiser, que ele fica assim disponível o tempo que for preciso!... Tire o chapéu por um instante, dê cá a sua cabeça, levante-se nas pontas dos pés, quero beijá-lo na testa como o beijei da última vez, quando nos despedimos. Está vendo aquela menina que

nos admira da janela?... Venha cá então, mais perto, mais perto. Meu Deus, oscabelos brancos que já tem!

E ela, dobrando-se na sela, deu-lhe um beijo na testa.

— Agora vamos a sua casa! Sei onde o senhor mora. Eu própria quero ser a primeira a visitá-lo, seu teimoso, e depois levo-o para minha casa para todo o dia. Vá lá, então, e prepare-se para me receber.

E foi-se embora, a trote, com o seu cavaleiro. Voltamos à casa. Stepan Trofímovitch sentou-se no divã e desfez-se em lágrimas.

— *Dieu! Dieu!* — exclamava ele. — *Enfin une minute de bonheur!*¹¹¹

Não se tinham passado ainda dez minutos quando ela apareceu, como prometera, acompanhada pelo seu Mavríki Nikoláevitch.

— *Vous et le bonheur, vous arrivez en même temps!*¹¹² — Stepan Trofímovitch levantou-se e foi ao seu encontro.

— Tome este ramo de flores; acabei de passar pela loja de Madame Chevalier, que terá flores durante todo o inverno para as senhoras aniversariantes. Este é Mavríki Nikoláevitch, apresento-lho. Queria comprar um bolo em vez das flores, mas Mavríki Nikoláevitch afirma que isso não corresponde ao espírito russo.

Este Mavríki Nikoláevitch era um capitão de artilharia, dos seus trinta e três anos, um senhor alto, bem apessoado e de aparência impecavelmente “bem”, com uma fisionomia solene e, à primeira vista, mesmo severa, apesar de se lhe notar logo, ao primeiro contato com ele, uma espantosa e delicadíssima bondade. De resto, era um homem calado e parecia senhor de grande sangue-frio. Não impunha a sua amizade. Mais tarde, entre nós cá na cidade, muitos diziam que era um homem de poucas luzes, o que não era completamente justo.

Não descreverei a beleza de Lisaveta Nikoláevna. Já bastava toda a cidade apregoar a beleza dela, embora algumas das nossas meninas e

senhoras não concordassem, com indignação, com quem assim apregoava. Entre elas havia mesmo algumas que já tinham ganhado ódio a Lisaveta Nikoláevna, por causa do orgulho dela em primeiro lugar: as Drozdov, praticamente, quase não faziam visitas, com o pretexto do estado adoentado de Praskóvia Ivánovna, o que era considerado insultuoso. Em segundo lugar, odiavam-na por ser parente da governadora; em terceiro lugar, porque todos os dias se passeava a cavalo. Na nossa cidade, até ao momento, nunca houvera amazonas; era natural que o aparecimento de Lisaveta Nikoláevna passeando-se a cavalo, sem ainda ter feito sequer as devidas visitas, ofendia a sociedade. Aliás, já todos sabiam que ela cavalgava por prescrição médica, por isso, ao falarem disso, referiam-se causticamente ao seu estado de saúde. De fato, estava doente. Uma coisa que se lhe notava ao primeiro olhar era a sua inquietude doentia, nervosa e permanente. A verdade era que a pobrezinha sofria muito, como mais tarde se viria a esclarecer. Agora, recordando o passado, já não posso dizer que fosse uma beldade, como naquela altura me pareceu. Talvez fosse mesmo desengraçada. Alta, magrinha, mas flexível e forte, chegava a impressionar pela irregularidade dos traços do rosto. Os seus olhos tinham uns contornos que lembravam os calmuques,¹¹³ tortos; era pálida e morena, de rosto magro com maçãs salientes; ao mesmo tempo, havia sem dúvida naquele rosto alguma coisa de cativante! Transparecia-lhedo ardor dos olhos escuros um qualquer poder; apresentava-se sempre num jeito “de vencedora e para voltar a vencer”. Parecia orgulhosa, até ousada às vezes; não sei se chegava a ser bondosa; mas sei que queria muito sê-lo e se esforçava, se atormentavaneste sentido. Havia na sua natureza, sem dúvida, muitas aspirações maravilhosas e os desejos mais justos; mas era como se tudo nela andasse eternamente à procura da sua medida, sem a encontrar, como se tudo fosse caótico, emocionado, inquieto. Talvez tivesse exigências demasiado rigorosas para consigo mesma e nunca encontrasse forças interiores para satisfazer tais exigências.

Sentou-se no divã e pôs-se a observar a sala.

— É capaz de descobrir, homem sábio, por que é que em momentos destes me sinto sempre triste? Passei o tempo todo a pensar que ficaria loucamente feliz quando finalmente o visse e que me lembraria de tudo, mas parece que não estou nada feliz, embora o ame... Ah, meu Deus, ele tem aqui o meu retrato! Mostre-mo cá, lembro-me dele, lembro-me!

Era um excelente retrato de Lisa na idade de doze anos, uma aquarela em miniatura, que tinha sido mandado a Stepan Trofímovitch pelas Drozdov, de Petersburgo, havia já nove anos. Desde então, estava na parede de sua casa.

— É possível que eu tenha sido uma criança tão bonitinha? Isto é mesmo o meu rosto?

Levantou-se e, com o retrato nas mãos, olhou-se ao espelho.

— Pegue nele, depressa! — exclamou, devolvendo o retrato a Stepan Trofímovitch. — Não o pendure agora, não quero olhar para ele. — Voltou a sentar-se no divã. — Passou uma vida, começou outra, depois passou a outra... começou a terceira, e assim indefinidamente. É como se se cortassem os finais à tesoura. Está vendo como eu digo coisas velhas e relhas e, no entanto, quanta verdade há nelas!

Soltou um risinho e olhou para mim; já me lançara olhares várias vezes, mas Stepan Trofímovitch, com a emoção, tinha-se esquecido de que prometera apresentar-me.

— Ora, mas por que está o meu retrato aqui debaixo dos punhais? E por que é que tem tantos punhais e sabres?

De fato, não se sabe por quê, Stepan Trofímovitch tinha na parede dois iatagãs cruzados e, por cima deles, um verdadeiro sabre circassiano. Ao perguntar aquilo, ela olhou para mim tão frontalmente que eu quis responder qualquer coisa, mas atrapalhei-me. Por fim, Stepan Trofímovitch lá se lembrou e apresentou-me.

— Eu sei, eu sei — disse ela —, e tenho muito prazer. A mamãe também ouviu falar muito a seu respeito. Apresento-lhe também o Mavríki Nikoláevitch, é uma excelente pessoa. Já formei uma ideia cômica a seu respeito: o senhor é confidente de Stepan Trofímovitch, não é?

Corei.

— Ah, desculpe, por favor, disse a palavra errada; não é uma ideia cômica, mas...— Corou por sua vez, envergonhada. — De resto, por que é que o senhor havia de ter vergonha de ser boa pessoa? Bem, temos de ir, Mavríki Nikoláevitch! Stepan Trofímovitch, veja lá se dentro de meia hora está em nossa casa. Meu Deus, temos tanto que falar! Agora vou ser eu a sua confidente, em tudo, *em tudo*, está entendendo?

Stepan Trofímovitch assustou-se.

— Oh, o Mavríki Nikoláevitch sabe tudo, não tenha vergonha dele!

— Sabe o quê?

— O que tem o senhor?! — exclamou ela, espantada. — Ih, então é mesmo verdade que eles estão mantendo-o em segredo! E eu que não queria acreditar! Também escondem a Dacha. Há pouco, a minha tia não me deixou ver a Dacha, disse que lhe doía a cabeça.

— Mas... mas como é que a menina soube?

— Ah, meu Deus, da mesma maneira que todos! Que grande problema!

— Será que todos...?

— Mas claro! A mãezinha, na verdade, soube disso primeiro por Aliona Frólovna, a minha ama: a sua Nastássia ia contar-lhe tudo. O

senhor não falou com a Nastássia? Ela jura que foi o senhor mesmo quem lhe disse.

— Eu... eu disse-lhe uma vez — balbuciou Stepan Trofímovitch, corando muito —, mas... foi apenas uma insinuação... *j'étais si nerveux et malade et puis...*¹¹⁴

Lisa riu-se à gargalhada.

— O confidente não estava à mão, calhou-lhe a Nastássia... e pronto! E a Nastássia tem comadres por toda a cidade! Mas não fique assim, não tem importância; que saibam, ainda melhor. Vá depressa para nossa casa, almoçamos cedo... Ah, ia-me esquecendo — voltou a sentar-se —, ouça, como é esse Chátov?

— Chátov? É irmão de Dária Pávlovna...

— Bem sei que é irmão, mas que coisa, francamente! — interrompeu-o com impaciência. — Quero saber como é ele, que gênero de pessoa.

— *C'est un pense-creux d'ici. C'est le meilleur et le plus irascible homme du monde...*¹¹⁵

— Também ouvi dizer que era esquisito. Aliás, isso não interessa. Dizem que fala três línguas estrangeiras, inclusive o inglês, e que pode fazer trabalho literário. Neste caso, tenho muito trabalho para ele; preciso de um ajudante, quanto mais depressa melhor. Ele aceitará o trabalho ou não? Recomendaram-mo...

— Oh, sem dúvida, *et vous ferez un bienfait...*¹¹⁶

— Não é para fazer *bienfait*, eu própria preciso...

— Conheço o Chátov bastante bem — disse eu —, e se quiser encarregar-me de lhe transmitir a proposta, vou ter com ele de imediato.

— Diga-lhe que vá a minha casa amanhã ao meio-dia. Ótimo! Obrigada! Mavríki Nikoláevitch, está pronto?

Foram-se embora. Eu, é claro, fui de imediato procurar o Chátov.

— *Mon ami!* — Stepan Trofímovitch fez-me parar no umbral da porta. — Venha cá sem falta às dez ou às onze da noite, quando eu voltar. Oh, sinto-me demasiado culpado para com o senhor e... para com todos, todos.

VIII

Não apanhei Chátov em casa; duas horas depois voltei a passar por lá — mais uma vez, ninguém. Por fim, já perto das oito, voltei lá: ou o encontrava ou lhe deixava um bilhete; de novo sem resultado, a casa continuava fechada; ora, ele vivia sozinho, sem criados. Lembrei-me de bater à porta da casa de baixo, a do Capitão Lebiádkin, para perguntar por Chátov: também a casa de Lebiádkin estava fechada, sem luz, sem se ouvir qualquer barulho, parecia um lugar abandonado. Passei à porta de Lebiádkin, cheio de curiosidade, sob a influência das histórias que ouvira havia pouco tempo. Por fim, resolvi que tentaria mais uma vez a minha sorte no dia seguinte de manhã cedo. É que também não podia depositar grandes esperanças no bilhete: Chátov era homem para o menosprezar, já que era muito teimoso e tímido. Amaldiçoando o meu azar, ia já saindo pelo portão quando esbarrei subitamente com o Senhor Kiríllov; estava de regresso à casa e foi o primeiro a reconhecer-me. Como ele próprio começou com as perguntas, contei-lhe tudo em traços gerais e disse que tinha um bilhete para deixar.

— Vamos — disse ele —, eu ajudo.

Lembrei-me de que Kiríllov, como dissera Lipútin, ocupara naquela manhã o anexo de madeira no terreiro da casa. Neste anexo, demasiado espaçoso para ele, vivia também uma velha surda qualquer, e era esta que lhe servia de criada. O senhorio morava noutra prédio,

noutra rua, onde tinha uma taverna; e a velha, pelos vistos parente do senhorio, tinha ficado a tomar conta da casa velha. Os quartos do anexo estavam bastante bem arrumados, embora o papel de parede já estivesse velho e sujo. Na sala para onde entramos, os móveis eram heterogêneos e de péssima qualidade, cada qual de sua nação: duas mesas de jogo, uma cômoda de amieiro, uma grande mesa de tábuas provinda de qualquer isbá¹¹⁷ ou cozinha, cadeiras e um divã com espaldar gradeado e duras almofadas de couro. Num canto estava um ícone antigo, diante do qual a velha pusera uma lamparina acesa, ainda antes da nossa chegada; nas paredes havia uns retratos a óleo, grandes e baços: um era o do falecido Imperador Nikolai Pávlovitch, pintado, a julgar pelo seu aspecto, ainda nos anos vinte; o outro era o de um prelado qualquer.

O Senhor Kiríllov, mal entrou, acendeu uma vela e tirou da sua mala, que estava num canto ainda por desfazer, um sobrescrito, lacre e um sinete de cristal.

— Sele o seu bilhete e ponha o nome no sobrescrito.

Protestei, mas ele insistiu. Depois de ter escrito o nome, peguei no boné.

— Pensava que o senhor tomava chá — disse ele. — Comprei chá. Quer?

Não recusei. A velha, passado pouco tempo, trouxe o chá, ou seja, uma enorme chaleira com água quente, um bule com chá preparado, duas gigantescas xícaras de grés, com toscos ornamentos, um *kalatch*¹¹⁸ e um prato de sopa cheio de açúcar partido.

— Gosto de chá — disse ele — de noite; tomo muito, ando e tomo; até amanhecer. No estrangeiro, chá de noite não dá.

— Deita-se ao amanhecer?

— Sempre, há muito. Como pouco; só chá. Lipútin astuto mas impaciente.

Fiquei surpreendido por lhe ter dado para falar; resolvi aproveitar a ocasião.

— Daquela vez houve uns mal-entendidos desagradáveis — observei.

Carregou o sobrolho.

— Disparate, mesmo tolice. Nisso tudo tolices, porque Lebiádkin... bêbado. Não disse nada a Lipútin, apenas que era tolice, porque o outro mentiu. Lipútin tem muita fantasia, constrói de nada montanhas. Ontem ainda acreditava em Lipútin, eu.

— E hoje acredita em mim? — ri-me.

— O senhor sabe tudo desde aquela vez. Lipútin fraco, ou impaciente, ou nocivo, ou... tem inveja.

A última palavra espantou-me.

— De resto, o senhor sugeriu tantas características de Lipútin que não será de admirar que alguma delas lhe seja adequada.

— Ou todas.

— De acordo, também é verdade. Lipútin é o caos! Também mentiu quando disse que o senhor estava planejando escrever qualquer coisa, não foi?

— Mentiu por quê? — voltou a carregar o sobrolho, fitando o chão.

Pedi desculpa e comecei por lhe assegurar que não tentava arrancar-lhe nada que ele não quisesse dizer. Kirílov corou.

— Lipútin falou verdade: estou escrevendo. Mas não interessa.

Calamo-nos por um momento; Kirílov, de repente, esboçou o seu sorriso infantil.

— Aquilo das cabeças, inventou, tirou de um livro, já antes falou, compreende mal. Eu apenas procuro as razões pelas quais não ousam matar-se as pessoas; nada mais. E não interessa.

— Como é que não ousam? Acha que há poucos suicídios?

— Muito poucos.

— É esta realmente a sua opinião?

Não respondeu, levantou-se e, pensativo, pôs-se a andar de um lado ao outro dasala.

— Então, a seu ver, o que detém as pessoas, o que não as deixa matar-se? — perguntei.

Olhou para mim, distraído, como que tentando lembrar-se do que estávamos falando.

— Eu... ainda sei pouco... dois preconceitos as impedem; duas coisas; só duas; uma muito pequena, outra muito grande. Mas a pequena muito grande também.

— Qual é então a pequena?

— A dor.

— A dor? Será assim tão importante... neste caso?

— É principal. Dois gêneros: os que se matam por grande tristeza, ou raiva, ou loucos, ou não sei quê... estes, de repente. Pensam pouco na dor, fazem de repente. Os que fazem por raciocínio pensam muito porém.

— Será que existem racionalistas assim?

— Muitos. Sem preconceito, haveria ainda mais; muitíssimos; todos.

— Ora essa, todos?

Kiríllov não respondeu.

— Mas acha que não há métodos de morrer sem dor?

— Imagine — Kiríllov parou à minha frente —, imagine rocha do tamanho de casa grande; pendurada, o senhor debaixo dela; cai em cima do senhor, na cabeça... dói?

— Uma rocha do tamanho de uma casa? É claro que mete medo.

— Não falo medo; dói?

— Uma pedra como uma montanha, de um milhão de arrobas? Evidentemente, não iria doer.

— Debaixo dela de verdade e, enquanto suspensa, o senhor tem muito medo da dor. Qualquer cientista, médico famoso, todos, muito medo. Cada um sabe: não dói; mas cada um: muito medo da dor.

— Então, e a segunda causa, a grande?

— Outro mundo.

— Ou seja, o castigo?

— Tanto faz. Outro mundo; só outro mundo.

— Mas então não haverá ateus que não acreditam, absolutamente, no outro mundo?

Mais uma vez, não respondeu.

— Se calhar, o senhor julga por si mesmo, não é?

— Ninguém julga a não ser por si mesmo — proferiu ele, corando. — Plena liberdade quando indiferente viver ou não viver. Objetivo de tudo.

— O objetivo? Mas então, se calhar, ninguém quererá viver?

— Ninguém — proferiu resolutamente.

— O homem tem medo da morte porque gosta da vida, é assim que eu entendo — observei —, e é assim que manda a natureza.

— É ignomínia, é isso todo o engano! — E os olhos dele chisparam. — Vida é dor, vida é medo, homem é infeliz. Agora, tudo dor e medo. Agora, homem gosta da vida porque gosta de dor e medo. Fizeram a coisa assim. Vida é dada agora em troca de dor e medo, aí o engano. Agora, o homem não como deve ser o homem. Homem novo haverá, feliz, orgulhoso. Indiferente viver ou não viver: só para homem novo. Quem vencer dor e medo, ele próprio Deus. E aquele Deus não existirá.

— Portanto, na sua opinião, aquele Deus existe?

— Não existe mas existe. Na pedra não há dor, mas no medo da pedra há dor. Deus é a dor do medo da morte. Quem vence dor e medo fica Deus. Então, nova vida, novo homem, tudo novo... Então, vai dividir história em duas partes: do gorila à liquidação de Deus, da liquidação de Deus até...

— Até ao gorila?

— ...até mudança do homem e da Terra, fisicamente. Homem será Deus e, fisicamente, mudará. Também: mudará mundo, mudarão também ações, pensamentos, sentimentos. O que acha, mudará então homem fisicamente?

— Se for indiferente viver ou não, todos se matarão, e é nisto, talvez, que consistirá a mudança.

— Tanto faz. Será eliminado engano. Quem deseje liberdade principal, tem de ousar matar-se. Quem ousar matar-se sabe segredo do engano. Fora disso, não há liberdade; tudo aqui, fora não há nada. Quem ousar matar-se é Deus. Agora, cada homem pode fazer com que não haja Deus e não haja nada. Mas ninguém nunca o fez.

— Já houve milhões de suicidas.

— Não para isso, tudo por medo, não para isso. Não para matar medo. Quem sematar apenas para matar medo, torna-se Deus, logo.

— Talvez não tenha tempo — observei.

— Tanto faz — respondeu ele baixinho, com um orgulho tranquilo, quase com desprezo. — Lamento o senhor se ri, parece — acrescentou meio minuto depois.

— E para mim é estranho que o senhor, daquela vez, estivesse tão irritadiço e agora esteja tão calmo, embora fale com ardor.

— Daquela vez? Daquela vez, ridículo — respondeu com um sorriso —, não gostode censura e nunca rio — acrescentou com tristeza.

— Pois, não devem ser muito alegres as suas noites com o chá. — Levantei-me epeguei no boné.

— Acha? — sorriu ele um pouco surpreendido. — Por quê? Não, eu... olhe, não sei — embarçou-se de repente —, como são os outros, não sei, e sinto que não posso como os outros. Os outros pensam, a seguir passam a pensar noutras coisas. Não posso pensar noutras coisas, toda a vida penso no mesmo. Toda a vida Deus me atormenta — concluiu, surpreendentemente expansivo.

— Desculpe-me a pergunta: por que é que o seu russo é assim um pouco incorreto?Desaprendeu durante os cinco anos que estive no estrangeiro?

— Incorreto? Não sei. Não, não é por isso, não é por causa de estrangeiro. Sempre assim falei... indiferente para mim.

— Mais uma pergunta delicada: tenho a firme convicção de que o senhor não gosta de se encontrar com as pessoas e fala pouco com elas. Então, por que quis conversar comigo?

— Com o senhor? Porque foi simpático daquela vez e... aliás, não interessa... é parecido com meu irmão, muito, extremamente — disse, corando. — Ele morreu, sete anos que morreu, meu irmão mais velho... muito, muito.

— Com certeza que ele teve grande influência na sua mentalidade.

— N-não, falava pouco; nunca falava. Entrego o seu bilhete.

Acompanhou-me com a lanterna até ao portão, para depois o trancar.

“É óbvio que o homem é maluco”, concluí para comigo. Ao portão, aconteceu mais um encontro.

IX

Mal tivera tempo de passar a perna para o outro lado da altacancela do portão e já uma mão forte me filava pelos colarinhos.

— Quem é este? — rugiu uma voz. — Amigo ou inimigo? Confessa!

— É nosso, é nosso! — guinchou ao lado a vozinha de Lipútin. — É o nosso caro Senhor G...v, jovem de educação clássica e com relações na mais alta sociedade.

— Agrada-me quando é na sociedade, clássi... portanto ins-tru-i-dís-si-mo... Capitão na reserva Ignat Lebiádkin, ao serviço da sociedade e dos amigos... se forem fiéis, se forem fiéis, canalhas!

O Capitão Lebiádkin, com os seus oito palmos¹¹⁹ de altura, gordo, carnudo, de cabelo encaracolado, cara vermelhusca, extremamente bêbado, mal se aguentava nas pernas e articulava com dificuldade. De resto, já antes me acontecera vê-lo de longe.

— Ah, ah, este também! — estrondeou ao reparar em Kirílov, que ainda não se fora embora com a sua lanterna. Lebiádkin levantou o punho, mas logo a seguir baixou-o.

— Perdoo-lhe por respeito à cultura! Ignat Lebiádkin é ins-tru-i-dís-si-mo...

*A ele, Ignat, rebentou
No peito a granada do amor,
Lembrando Sevastópol voltou,
Já maneta, a chorar de dor.*

— Embora não tenha estado na guerra de Sevastópol e nem sequer seja maneta, que lindas rimas! — assediava-me com o seu focinho bêbado.

— Este senhor agora não tem tempo, tem de ir para casa — tentava convencê-lo Lipútin. — Amanhã é capaz de contar tudo a Lisaveta Nikoláevna.

— A Lisaveta!... — voltou a vociferar Lebiádkin. — Alto, não vás!
Variante:

*Esvoaça a estrela a cavalo,
Na roda de amazonas domina;
Sorri-me de cima do cavalo
A aris-to-crá-ti-ca menina.*

— *Para a estrela-amazona...* É um hino! É um hino, se não fores um burro! Os inúteis não compreendem! Alto! — agarrou-se ao meu sobretudo, enquanto eu me esforçava por passar a cancela. — A

Dachka... posso esmagá-la com dois dedos... é escrava da gleba e não se atreve...

Caiu porque me arranquei das mãos dele e deitei a correr pela rua. Lipútin correu atrás de mim.

— O Aleksei Nílitch levanta-o. Ouça o que acabei de saber... — tagarelava Lipútin, ofegante. — Ouviu os versinhos dele? Pois bem, meteu estes versinhos para a “estrela-amazona” num sobrescrito e amanhã vai enviá-los a Lisaveta Nikoláevna com a sua assinatura completa. Está vendo que homem é este?

— Posso apostar que foi o senhor quem lhe deu a ideia.

— Perderia a aposta! — riu-se Lipútin. — Está apaixonado, apaixonado como um gato, e curiosamente, tudo começou pelo ódio. Logo no princípio ganhou tanto ódio a Lisaveta Nikoláevna por ela andar a cavalo que quase a insultava em voz alta no meio da rua; na verdade, chegou mesmo a insultá-la! Ainda anteontem, ia ela a passar... Felizmente, ela não o ouviu... e de repente, hoje, uma poesia! Sabe uma coisa? Quer até arriscar e pedi-la em casamento! A sério, a sério!

— Admiro-o, Lipútin, basta surgir uma porcaria qualquer em qualquer lado e, já está, o senhor mete-se logo a dirigir! — disse eu com fúria.

— Olhe que está indo longe demais, Senhor G...v; isso não será um aperto de coração, assustado por ter um rival... hã?

— O quê-ê-ê? — gritei, parando.

— Para o castigar não lhe digo mais nada, mais nada! Queria ouvir mais, não queria? O próprio fato de este parvalhão já não ser um simples capitão mas um respeitável proprietário rural da nossa província, ainda por cima bastante importante, porque há dias o Nikolai Vsevolodovitch lhe vendeu toda a sua herdade, todas as

duzentas almas dos seus ex-servos! Juro por Deus que não estou mentindo! Acabei de receber esta informação, mas da mais fidedigna das fontes! Pois é, agora adivinhe o resto sozinho, porque eu não lhe digo mais nada... Adeus!

X

Stepan Trofímovitch esperava-me num estado de impaciência histérica. Já voltara a casa havia uma hora. Fui encontrá-lo como que embriagado; pelo menos, durante os primeiros cinco minutos, eu pensava que o homem estava bêbado. É que, infelizmente, a visita às Drozdov fizera-lhe perder o último tino que lhe restava.

— *Mon ami*, perdi definitivamente o fio à meada... *A Lise*... eu amo e respeito este anjo como dantes, exatamente como dantes; mas parece-me que estavam ambas à minha espera para me arrancarem uma certa informação, isto é, para se aproveitarem de mim, e depois, que vá com Deus, já não interessa... É assim.

— Não tem vergonha?! — exclamei, não conseguindo conter-me.

— Meu amigo, agora estou absolutamente sozinho. *Enfin, c'est ridicule.*¹²⁰ Imagine que aquilo, lá, também está cheio de segredos. Atiraram-se literalmente a mim a interrogarem-me sobre esses beiços e orelhas, e mais não sei quê sobre não sei quais mistérios petersburguenses. É que, ambas, só aqui, pela primeira vez, ficaram a par das histórias locais do *Nicolas* de quatro anos atrás: “O senhor estava aqui, assistiu a tudo, é verdade que ele é louco?”. Donde jorrou tal ideia, isso não compreendo. Por que é que a Praskóvia quer tanto que o *Nicolas* seja obrigatoriamente louco? Ela quer que seja assim, quer mesmo! *Ce Maurice*, ou, como é?, Mavríki Nikoláevitch, *brave homme tout de même*, mas será realmente a favor dele? E isso depois de ela própria ter escrito de Paris, a *cette pauvre amie*... *Enfin*, esta Praskóvia, como lhe chama *cette chère amie*,¹²¹ é uma figura típica, a

Koróbotchka do Gógol,¹²² de glória imortal, só que uma Koróbotchka maldosa, provocadora e numa dimensão infinitamente aumentada.

— Mas assim será uma arca;¹²³ tem a certeza de que é aumentada?

— Bem, que seja diminuída, mas não me interrompa, porque tudo isto me põe a cabeça a andar à roda. Lá, elas zangaram-se de vez; com exceção de *Lise*, que ainda disse: “Tia, tia”... Mas a *Lise* é manhosa, e há mais qualquer coisa nisto. Segredos. O certo é que Varvara Petrovna se zangou com a velha. *Cette pauvre* tia, de fato, é despótica para toda a gente... e ainda por cima, no meio disto tudo, a nova governadora, a falta de respeito por parte da sociedade, e a “falta de respeito” por parte de Karmazínov; e, de repente, ainda mais isto, esta ideia sobre a loucura, *ce Liputine, ce que je ne comprends pas*,¹²⁴ e... dizem que ela encharcou a cabeça em vinagre, e no meio disto ainda mais eu e o senhor, com as nossas queixas e as nossas cartas... Oh, como eu a atormentei, ainda por cima nesta altura! *Je suis un ingrat!*¹²⁵ Imagine, volto e encontro uma carta dela; leia, leia! Oh, foi tão ignóbil da minha parte!

Passou-me para as mãos a carta que acabara de receber de Varvara Petrovna. Ela parecia ter-se arrependido daquele “fique em casa” que escrevera de manhã. A carta era educada, mas mesmo assim resoluta e lacônica. Pedia que, dali a dois dias, no domingo, Stepan Trofímovitch a visitasse ao meio-dia em ponto e aconselhava-o a levar consigo um amigo (entre parênteses estava o meu nome). Pelo seu lado, prometia convidar Chátov, na sua qualidade de irmão de Dária Pávlovna. “O senhor poderá receber a resposta definitiva dela. Ficará então satisfeito? Não é esta formalidade que o senhor anda exigindo há tanto tempo?”.

— Repare nesta frase irritada, aqui no fim, sobre a formalidade. Pobre coitada, amiga de toda a minha vida! A sério, esta decisão inesperada do destino pareceu esmagar-me... Confesso que ainda tinha esperança, mas agora *tout est dit*,¹²⁶ já sei que está decidido; *c'est*

terrible. Oh, se esse domingo não existisse, se estivesse tudo como dantes, o senhor a visitar-me, e eu aqui...

— O senhor deixou-se desconcertar com todas aquelas porcarias, com todos esses mexericos do Lipútin.

— Meu amigo, acaba de espetar o seu dedo amigável noutra ferida sensível. Esses dedos amigáveis são, habitualmente, implacáveis, e às vezes atoleimados, *pardon*, mas não sei se acredita: quase me esqueci de tudo isso, das porcarias, ou seja, não me esqueci, mas, de tão parvo que sou, durante toda a minha visita a *Lise* tentei ser feliz e tentei convencer-me de que era feliz. Mas agora... oh, agora falo desta mulher magnânima, humana, paciente, contrapondo-a aos meus defeitos ignóbeis...ou seja, apesar de ela não ser um modelo de paciência, mas... como sou eu próprio, com o meu feitio inútil, imprestável? É que eu sou uma criança caprichosa, com todo o egoísmo da criança mas sem a sua inocência. Durante vinte anos ela cuidou de mim como uma ama-seca, *cette pauvre* tia, como a *Lise* lhe chama tão graciosamente... Então, de repente, depois desses vinte anos, à criança apeteceu casar-se: casa-me, casa-me, uma carta atrás da outra, enquanto ela tem a cabeça encharcada em vinagre e... ei-lo, conseguiu, no domingo já será um homem casado, não é brincadeiranenhuma... Por que insistia eu nisso, por que escrevia eu aquelas cartas? Ah, sim, já me esquecia: a *Lise* diviniza a Dária Pávlovna, pelo menos assim o diz. Fala assim dela: “*C’est un ange*,¹²⁷ só que é um pouco fechada”. Ambas me aconselharam a fazê-lo, mesmo a Praskóvia... Aliás, a Praskóvia não, essa não mo aconselhou. Oh, quanto veneno se esconde nesta Koróbotchka! De resto, a *Lise* também não mo aconselhou: “Para que se quer casar? Bastam-lhe as delícias da ciência”. E ria-se. Perdoei-lhe as gargalhadas porque ela própria também tem dor no coração. E no entanto, dizem elas, o senhor não pode viver sem uma mulher. Aproximam-se as suas maleitas senis e vai precisar de uma mulher para o agasalhar, ou lá como é isso... *Ma foi*,¹²⁸ eu próprio, durante todo este tempo que tenho passado ao lado do senhor, pensava que era a própria Providência a mandar-me no ocaso dos meus dias tumultuosos, e que ela me agasalharia, ou lá

como é... *Enfin*, será útil em casa. Olhe que porcaria está esta casa, olhe, tudo espalhado, e ainda ontem mandei arrumar... um livro no chão. *La pauvre amie* sempre se zangou porque a casa estava sempre uma porcaria... Oh, agora deixará de se ouvir a voz dela! *Vingt ans!*¹²⁹ E... e elas parece que recebem cartas anônimas; imagine que o *Nicolas*, supostamente, vendeu a herdade a Lebiádkin. *C'est un monstre; et enfin,*¹³⁰ quem é este Lebiádkin? A *Lise* sabe ouvir, ela ouve, ui, ui, como ela ouve! Perdoei-lhe as gargalhadas porque vi com que rosto ela ouvia, e *ce Maurice*... eu não gostaria de ter o papel dele, *brave homme tout de même*, mas um pouco tímido; aliás, não interessa...

Calou-se; ficara cansado, baralhado e cabisbaixo, deixava-se ficar sentado, imóvel, com os olhos cravados no chão. Aproveitei a pausa e contei-lhe sobre a minha visita ao prédio de Filíppov, exprimindo seca e rispidamente a minha opinião de que a irmã de Lebiádkin (a quem eu não vira), podia realmente ter sido outrora uma vítima do *Nicolas*, numa época misteriosa da vida dele, como se exprimia Lipútin, e que era bem possível que Lebiádkin recebesse, de fato, dinheiro da parte de *Nicolas*, mas que não havia mais nada. Quanto aos mexericos sobre a Dária Pávlovna, eram absurdos, eram invencionices do velhaco Lipútin, coisa que, pelo menos, o Aleksei Nílitch afirmava com ardor, não havendo razões para não se acreditar nele. Stepan Trofímovitch ouvia as minhas observações com um ar distraído, como se tudo isso não tivesse nada que ver com ele. Mencionei também a minha conversa com Kiríllov, acrescentei que talvez ele fosse louco.

— Não é louco, há pessoas assim que, simplesmente, têm ideias curtas — balbuciou Stepan Trofímovitch com moleza e como que a contragosto. — *Ces gens-là supposent la nature et la société humaine autres que Dieu ne les a faites et qu'elles ne sont réellement.*¹³¹ Há quem procure a amizade desta gente, mas cá o Stepan Verkhovênski nunca. Encontrava-os outrora em Petersburgo, *avec cette chère amie* (oh, de que maneira eu a insultava naqueles tempos!) e não só não temia os insultos da parte deles como também não lhes temia os

louvores. Também hoje não me assustarei, *mais parlons d'autre chose...*

¹³² Parece que fiz montões de coisas terríveis; imagine, ontem escrevi e mandei uma carta a Dária Pávlovna e... como me amaldiçoo por causa disso!

— E o que lhe escreveu?

— Oh, meu amigo, acredite, escrevi de forma muito nobre. Avisei-a de que escrevera uma carta a *Nicolas*, havia já cinco dias, e também com muita nobreza.

— Agora compreendo! — exclamei com força. — Mas que direito tinha o senhor de fazer esta suposta ligação?

— Mas, *mon cher*, não me esmague de uma vez, não me grite; já sem isso eu estou esmagado, como... como uma barata, e, ao fim e ao cabo, até acho que agi de uma forma muito nobre. Suponha que houve realmente qualquer coisa lá... *enSuisse...*¹³³ ou estava começando a haver. Em qualquer dos casos, devo interrogar os corações deles para... *enfin...* para não me tornar num obstáculo no caminho deles... Fi-lo unicamente por nobreza.

— Oh, meu Deus, que estupidez o senhor cometeu! — escapou-me involuntariamente.

— Estupidez, estupidez! — concordou ele, com veemência. — O senhor nunca disse coisa mais inteligente, *c'était bête, mais que faire, tout est dit.*¹³⁴ Em qualquer caso vou casar-me, nem que seja com os “pecados dos outros”; se é assim, então por que escrevi? Não é verdade?

— Sempre a mesma coisa!

— Oh, já não me consegue assustar com os seus gritos, agora já não é o velho Stepan Verkhovênski quem tem à sua frente; esse está morto e enterrado; *enfin tout est dit*. Afinal, por que está gritando? Unicamente

porque não é o senhor quem se casa e não é o senhor quem se verá obrigado a transportar na cabeça aquele enfeite bem conhecido. Está outra vez escandalizado? Meu pobre amigo, o senhor não conhece a mulher, e eu, durante toda a minha vida, não fiz outra coisa senão estudá-la. “Se quiseres vencer o mundo, vence primeiro a ti próprio”... Eis a única boa coisa que consegui dizer um romântico semelhante ao senhor, o Chátov, irmão da minha esposa. Faço minha esta máxima dele, com todo o à vontade. Estou então pronto a vencer-me a mim próprio e a casar-me; entretanto, em vez de conquistar o mundo, o que vou conquistar? Oh, meu amigo, o matrimônio é a morte moral de qualquer alma orgulhosa, de qualquer independência. A vida de casado vai depravar-me, sugar-me as energias, a coragem de servir a causa, nascerão filhos, que ainda por cima não serão provavelmente meus, ou seja, que não serão meus de certeza; o homem sábio não deve ter medo de olhar a verdade na cara... Lipútin, há pouco tempo, propunha-me que me protegesse de *Nicolas* com barricadas; este Lipútin é estúpido. A mulher é capaz de enganar o próprio olho onividente. *Le bon Dieu*, ao criar a mulher, sabia com certeza ao que se expunha, mas tenho a certeza de que ela própria O confundiu e O obrigou a criá-la desta forma e... com estes atributos; de outro modo, quem quererá arranjar estas preocupações de propósito? A Nastássia, eu sei, é capaz de se zangar comigo por causa deste meu livre-pensamento, mas... *Enfin tout est dit.*¹³⁵

Stepan Trofímovitch não seria Stepan Trofímovitch se passasse sem um livre-pensamento barato, do gênero trocadilho, que tinha sido muito florescente na sua época; pelo menos, de momento, consolou-se com o trocadilho, embora por pouco tempo.

— Oh, por que não é possível não haver este dia, este domingo! — exclamou de rompante, já num desespero absoluto. — Por que não pode haver pelo menos uma semana sem domingo... *si le miracle existe?*¹³⁶ O que custaria à Providência barrar do calendário só um domingo, pelo menos para provar ao ateu o seu poder *et que tout soit*

*dit!*¹³⁷ Oh, como eu a amava! Durante vinte anos, vinte anos, mas ela nunca me compreendeu!

— Não compreendo, de quem está falando? — perguntei, espantado.

— *Vingt ans!* E nem uma única vez me compreendeu! Oh, é uma crueldade! E pensará ela que eu me caso por medo, por necessidade? Oh, que opróbrio! Tia, tia, sou teu!... Oh, que ela saiba, esta tia, que foi a única mulher que adorei durante vinte anos! Tem de sabê-lo, tem de ser, senão só à força me arrastarão para *ce qu'on appelle le*¹³⁸ casamento!

Ouvia pela primeira vez tal confissão, ainda por cima expressa de forma tão enérgica. Não escondo que estava com grande vontade de rir. Mas não tinha razão.

— Resta-me só ele, o único, a minha única esperança! — Stepan Trofímovitch levantou bruscamente os braços, como se o atacasse de súbito uma nova ideia. — Agora só ele, o meu pobre rapaz, me pode salvar, e... oh, por que é que ele nunca mais chega? Oh, meu filho, oh, meu Petrucha... embora eu não mereça o nome de pai, mas antes o de tigre... *laissez-moi, mon ami,*¹³⁹ vou deitar-me um pouco, para pôr as ideias em ordem. Estou tão cansado, tão cansado, e além disso, para o senhor, também devem ser horas, *voyez-vous,*¹⁴⁰ é meia-noite...

4 - A menina coxa

I

Chátov, quando leu o meu bilhete, não se fez rogado e, ao meio-dia, compareceu em casa de Lisaveta Nikoláevna. Entramos quase ao mesmo tempo, e também eu ia lá na minha primeira visita. Todos eles, ou seja, Lisa, a mãe e Mavríki Nikoláevitch, estavam na sala grande e discutiam. A mãe exigia que Lisa lhe tocasse uma valsa no piano, mas, quando Lisa iniciou a valsa exigida, a mãe asseverou que não, que era outra a valsa. Mavríki Nikoláevitch, por ingenuidade, apoiava Lisa, afirmando que aquela era a valsa certa; a velha, por raiva, desatou a chorar. Estava doente, tinham-lhe inchado as pernas, andava a grande custo. Havia já vários dias que não fazia outra coisa senão ter birras e implicar com toda a gente, apesar de ter sempre algum medo de Lisa. Ficaram contentes com a nossa chegada. Lisa corou de prazer, tendo-me dito *merci*, porque eu lhe trouxera o Chátov, aproximou-se dele e examinou-o com curiosidade.

Chátov tinha parado à porta, desajeitado. Lisa agradeceu-lhe a visita e levou-o até junto da mãe.

— É o Senhor Chátov, de que já lhe falei, e este é o Senhor G...v, grande amigo meu e de Stepan Trofímovitch. Mavríki Nikoláevitch também o conheceu ontem.

— Qual deles é o professor?

— Não há aqui nenhum professor, mamãe.

— Não, tem de haver, tu própria disseste que haveria um professor; deve ser este — e apontou, com repulsa, para Chátov.

— Nunca lhe disse que haveria um professor. O Senhor G...v está no serviço público, e o Senhor Chátov é ex-estudante universitário.

— Estudante, professor, é tudo da universidade. Gosta muito de discutir. O da Suíçatinha barbicha e bigode.

— A mamãe chama professor ao filho de Stepan Trofímovitch — disse Lisa e levou Chátov para o outro extremo da sala; sentou-o no divã.

— Quando lhe incham as pernas fica sempre assim, doente, está compreendendo?— sussurrou a Chátov, continuando a examiná-lo com a mesma invulgar curiosidade, sobretudo o topete que ele tinha na cabeça.

— O senhor é militar? — A velha, com quem a Lisa tão impiedosamente me deixou, dirigia-se a mim.

— Não, estou ao serviço...

— O Senhor G...v é grande amigo de Stepan Trofímovitch — intrometeu-se imediatamente Lisa.

— Está ao serviço de Stepan Trofímovitch? Então ele também é professor?

— Ah, mamãe, pelos vistos sonha de noite com professores — disse Lisa com desgosto.

— Bastam-me os que existem na realidade. E tu contradizes sempre a tua mãe. O senhor estava aqui quando cá veio o Nikolai Vsevolodovitch, há quatro anos?

Respondi que estava.

— E havia cá convosco algum inglês?

— Não, não havia.

Lisa riu-se.

— Ah, ah, não havia inglês nenhum, portanto é mentira. Mentem ambos, Stepan Trofímovitch e Varvara Petrovna. Aliás, mentem todos.

— É que a tia e Stepan Trofímovitch, ontem, acharam parecenças entre Nikolai Vsevolodovitch e o Príncipe Harry, de *Henry IV* de Shakespeare, e agora a mãe diz que não havia nenhum inglês — explicou-nos Lisa.

— Não havia Harry, logo não havia inglês. Havia só o Nikolai Vsevolodovitch a fazer das suas.

— A minha mãe diz estas coisas de propósito, pode acreditar — Lisa achou necessário explicá-lo a Chátov. — Ela conhece muito bem Shakespeare. Eu própria lhe li o primeiro ato de *Otelo*; só que agora sofre muito. Mamãe, ouve o relógio dando o meio-dia? São horas de tomar o medicamento.

— Chegou o doutor — anunciou à porta a criada de quartos.

A velha soergueu-se e pôs-se a chamar a cadelinha: “*Zemirka, Zemirka, vem ao menos tu comigo*”.

Zemirka, uma cadelinha feia, velha e pequena, não quis obedecer e escondeu-se debaixo do divã em que estava sentada Lisa.

— Não queres? Então também não te quero. Adeus, paizinho, não sei como se chama — dirigiu-se a mim.

— Anton Lavrêntievitch...

— De resto, não interessa, entra-me por um ouvido e sai pelo outro. Não me acompanhe, Mavríki Nikoláevitch, chamei só a *Zemirka*. Graças a Deus, ainda sei andar sozinha e amanhã vou passear de coche.

E saiu da sala, zangada.

— Anton Lavrêntievitch, entretanto fique conversando com Mavríki Nikoláevitch, garanto que ganham ambos em se conhecerem melhor — disse Lisa e sorriu com simpatia a Mavríki Nikoláevitch que, ao apanhar o olhar dela, ficou literalmente radiante. Nada a fazer, tive de ficar conversando com Mavríki Nikoláevitch.

II

O trabalho que Lisaveta Nikoláevna queria propor a Chátov era, afinal, e para minha surpresa, estritamente literário. É que, não sei por quê, sempre me tinha parecido que ela o convidara por qualquer outra razão. Nós, ou seja, eu e Mavríki Nikoláevitch, vendo que não se escondiam de nós e falavam muito alto, começamos a escutar a conversa; depois fomos também convidados a participar. O assunto consistia em que Lisaveta Nikoláevna, havia já muito tempo, planejava a edição de um livro, na sua opinião um livro útil, mas, como não tinha experiência no assunto, precisava de um colaborador. A seriedade com que começou a explicar a Chátov o seu projeto até me espantou. “Deve pertencer àquela nova gente”, pensei, “não foi por acaso que viveu na Suíça”. Chátov, de olhos no chão, ouvia atentamente e sem se mostrar admirado com o fato de uma menina despreocupada da alta sociedade se meter em coisas que, na aparência, não eram próprias dela.

O empreendimento literário consistia nisto: na Rússia editam-se numerosos jornais e revistas, tanto nas capitais como na província, e neles se publicam notícias sobre muitíssimos acontecimentos. Passa o ano, e os jornais, por todo o lado, ou são arrumados nos armários, ou são destruídos, ou são utilizados para embrulhar coisas, para tapar coisas. Muitos dos fatos publicados nos jornais causam sensação e o público guarda-os na memória; mas, com a passagem dos anos, acabam por cair no esquecimento. Ora, há sempre muitas pessoas interessadas em, mais tarde, obterem esta ou aquela informação, mas

dá um trabalho terrível procurar neste mar de folhas, muitas vezes sem se conhecer as datas, os locais, sequer o ano em que se deu o acontecimento! No entanto, se fosse possível reunir num livro todos os fatos acontecidos no espaço de um ano, seguindo um qualquer plano ou esquema, com títulos, indicações, separação por datas, por meses, seria possível delinear uma caracterização da vida russa durante um ano, apesar de os fatos publicados constituírem apenas uma pequena parte dos acontecimentos reais.

— Em vez de montões de folhas, o resultado seria vários livros grossos, mais nada— observou Chátov.

Porém, Lisaveta Nikoláevna defendia ardorosamente a sua ideia, apesar das suas dificuldades na argumentação e da sua falta de jeito para a exprimir. O livro deve ser só um e nem sequer deve ser grosso, afirmava ela. Está bem, digamos que terá de ser volumoso, mas o principal está no plano e no modo de apresentação dos fatos. É claro que não se trata de juntar e de reimprimir tudo. Os decretos e as medidas do governo, as ordens locais, as leis — tudo isto, embora matéria importante, deve ser omitido numa edição deste tipo. É possível deixar-se de lado muita coisa, limitando-se apenas aos acontecimentos que exprimam mais ou menos a vida moral e pessoal do povo, a individualidade do povo russo no momento decorrente. É claro que pode entrar de tudo: curiosidades, incêndios, atos de beneficência, ações boas e ações más, palavras e discursos, talvez também as notícias das cheias, talvez também alguns decretos do governo, mas escolhendo apenas aquilo que retrate a época; tudo o que entrar deverá sê-lo sob determinado ponto de vista, determinada indicação, determinada intenção e ideia que lancem luz sobre todo o conjunto. Por fim, o livro tem de ser curioso, de leitura fácil, já sem falar de que será um livro necessário quanto a obtenção de informações! Seria, por assim dizer, um quadro da vida russa espiritual, moral e interior durante um ano inteiro. “É preciso que todos o comprem, que se torne num livro de cabeceira”, afirmava Lisa. “Entendo que o principal é o plano, por isso me dirijo ao senhor”, concluiu Lisaveta Nikoláevna. Estava muito animada e, apesar de os

seus esclarecimentos serem confusos e incompletos, Chátov começava a perceber.

— Portanto, o resultado final terá de ser uma coisa com uma tendência ideológica, uma seleção de fatos em correspondência com determinada ideologia — murmurou sem levantar a cabeça.

— Nada disso, não é necessário selecionar tendenciosamente, não é necessária tendência nenhuma. A imparcialidade será a única tendência.

— Uma certa tendência também não faz mal nenhum — reagiu Chátov. — Além disso, também é impossível evitá-la numa seleção. É na seleção dos fatos que residirá a indicação da maneira como são entendidos. A sua ideia não é má.

— Então? É possível um livro assim? — alegrou-se Lisa.

— É preciso ver e pensar melhor. É um trabalho enorme. É impossível concebê-lo de uma vez. É necessário adquirir primeiro uma certa experiência. Mesmo quando editarmos um livro, será pouco provável que saibamos como deve ser editado. Só depois de muitas experiências; mas a sua ideia já desponta. É uma ideia útil.

Ergueu finalmente os olhos e até lhe brilhavam, de tal modo tinha ficado interessado.

— A ideia foi sua? — perguntou a Lisa, muito meigo e como que envergonhado.

— Ter uma ideia é fácil, o difícil é traçar um plano — sorria Lisa. — A minha compreensão é limitada, não sou muito esperta, e apenas persigo aquilo que para mim é claro...

— Persegue?

— A palavra não é apropriada? — perguntou Lisa muito depressa.

— Não é isso; não estou contra a palavra.

— Já no estrangeiro me parecia que era possível eu fazer alguma coisa útil. Tenho o meu próprio dinheiro, que não está sendo utilizado; então, por que não posso também eu trabalhar pela causa comum? Além disso, a ideia nasceu-me espontaneamente, não precisei elaborá-la, e fiquei muito contente com ela; mas percebi de imediato que não poderia fazer nada sem um colaborador, porque no fundo não sei fazer nada. O meu colaborador, evidentemente, tornar-se-á também coeditor do livro. Metade para cada: o plano e o trabalho serão seus; a ideia original e os meios para a edição serão meus. O livro compensará?

— Se acharmos o plano certo, o livro vai andar.

— Aviso-o de que não o faço para obter lucros, mas gostaria muito que o livro tivesse saída e, se houvesse lucros, dar-me-iam muito orgulho.

— Bem, mas o que tenho eu que ver com isso?

— Mas... é o senhor a quem eu estou convidando para ser o meu colaborador... meio a meio. O senhor é que irá conceber o plano.

— Como sabe se eu sou capaz de conceber um plano?

— Lá, falaram-me do senhor, e aqui também ouvi... sei que é muito inteligente e... trabalha e... pensa muito. Quem me falou do senhor na Suíça foi o Piotr Stepánovitch Verkhovênski — acrescentou apressadamente. — É um homem muito inteligente, não é verdade?

Chátov fez deslizar pela cara dela um olhar de relance e baixou logo os olhos.

— Também Nikolai Vsevolodovitch me falou muito a seu respeito...

Chátov, de repente, corou.

— Olhe, até tenho aqui os meus jornais — e Lisa pegou, apressada, num maço de jornais que estavam em cima de uma cadeira. — Tentei marcar aqui alguns fatos escolhidos, enfim, tentei selecionar, e pus os números... o senhor verá.

Chátov pegou no maço de jornais.

— Leve-os para casa e veja... onde é que mora?

— Na Rua Bogoiavlênskaia, prédio de Filíppov.

— Conheço. Ao que dizem também lá vive um capitão qualquer, seu vizinho, o Senhor Lebiádkin, não? — continuava Lisa a falar com muita afobação.

Chátov, com o maço de jornais nas mãos, ficou um minuto inteiro sem responder, de olhos no chão.

— Para estas coisas deveria escolher outro, eu não lhe convenho — disse por fim, baixando a voz de modo muito estranho, quase até ao sussurro.

Lisa corou.

— De que coisas está falando? Mavríki Nikoláevitch! — gritou ela. — Por favor, chegue-me aquela carta.

Atrás de Mavríki Nikoláevitch, aproximei-me da mesa.

— Olhe para isto — dirigiu-se de rompante a mim, abrindo a carta com muita emoção. — Alguma vez viu coisa parecida? Por favor, leia em voz alta, quero que o Senhor Chátov também ouça.

Com grande espanto, li em voz alta a seguinte epístola:

Para a perfeição da menina Túchina.

Excelentíssima senhora

Elisaveta Nikoláevna!

Oh, querida e bonita é ela,
Túchina Lisaveta, a bela,
Quando cavalga na feminil sela, o parente ao lado,
E o caracol do cabelo lhe voa, pelo vento agitado,
Ou quando com a mãe se ajoelha na igreja
Com as faces coradase pias, assim eu sempre a veja!
Anseio então pelo legítimo e matrimonial deleite
E a minha lágrima mandada à mãe e à filha espero que ela aceite.

Compôs isto um ignorante durante uma discussão.

Excelentíssima senhora:

Lamento mais que tudo que não tenha perdido, para minha glória, a minha mão em Sevastópol, mas servi durante toda a campanha no aprovisionamento ignóbil considerando-o baixeza. A senhora é deusa na Antiguidade, e eu sou nulo e adivinhei o infinito. Veja isto como uma poesia, mas não mais, porque poesia é uma bobagem e justifica o que em prosa é considerado atrevimento. Poderá o Sol zangar-se com um infusório se este versificar para ele, na sua gota de água, onde são numerosos vistos ao microscópio? O próprio clube de humanidade para com o gado graúdo juntamente com a alta sociedade em Petersburgo, tendo compaixão do direito do cão ou do cavalo, despreza o curto infusório, passando-o por alto porque não cresceu o bastante. Também eu não cresci. A ideia do casamento poderia parecer cômica; mas em breve possuirei as antigas duzentas almas, por via de um misantropo a quem a senhora tem de desprezar. Posso comunicar muito e vejo-me chamado, pelos documentos, inclusivamente à Sibéria. Não despreze a proposta. Entenda a carta do infusório como poesia.

*Capitão Lebiádkin, seu amigo obediente,
em lazer cotidianamente.*

— Isso foi escrito por um canalha e em estado de embriaguez! —
gritei, indignado.— Conheço-o!

— Recebi esta carta ontem — começou Lisa a explicar-nos, corada, apressada. — Percebi de imediato que era de algum imbecil e até ao momento não a mostrei à *maman* para não a desconcertar ainda mais. Mas se ele continuar, não sei o que fazer. O Mavríki Nikoláevitch até já quer ir ter com ele para lho proibir. Como já considerava o senhor meu colaborador — dirigiu-se a Chátov — e como o senhor mora lá, queria consultá-lo para saber o que mais se pode esperar daquele homem.

— Um bêbado e um velhaco — murmurou Chátov como a contragosto.

— E é mesmo estúpido, não?

— De modo algum, estúpido é que ele não é... quando está sóbrio.

— Conheci um general que escrevia versos tal qual — observei, rindo.

— Já por esta carta se vê que ele não dá ponto sem nó — intrometeu-se subitamente Mavríki Nikoláevitch.

— Dizem que tem uma irmã a viver com ele, não? — perguntou Lisa.

— Sim, uma irmã.

— Também dizem que a tiraniza, não é verdade?

Chátov voltou a olhar para Lisa, ficou carrancudo e, resmungando “o que tenho eu que ver com isso?”, avançou para a saída.

— Ah, espere — gritou Lisa, preocupada —, aonde vai? Temos ainda tanta coisa para falar...

— Falar de quê? Amanhã já lhe digo alguma coisa...

— Mas falar do mais importante, da tipografia! Creia que não estou brincando, quero fazê-lo muito seriamente — afirmava Lisa com

crescente preocupação. — Se decidirmos editar, onde vamos imprimir? A questão mais importante é que não poderemos ir a Moscou para o fazer e, na tipografia local, é impossível fazer este tipo de edição. Há muito que quero abrir a minha própria tipografia, em seu nome, por exemplo, e a mamãe de certeza que me dará autorização se ficar em nome do senhor...

— Como é que sabe que eu tenho capacidade para ser tipógrafo? — perguntou sombriamente Chátov.

— Foi o próprio Piotr Stepánovitch, na Suíça, quem mo indicou, dizendo que o senhor era capaz de dirigir uma tipografia e que conhecia o ofício. Até me quis dar um bilhete para o senhor, mas esqueci-me.

Tal como agora recordo, Chátov ficou de cara transfigurada. Durante alguns minutos não se mexeu e, de repente, saiu da sala.

Lisa irritou-se.

— Ele faz sempre estas saídas? — virou-se para mim.

Encolhi os ombros, mas já Chátov, subitamente, dava meia-volta, se aproximava da mesa e aí pousava o embrulho dos jornais:

— Não vou ser seu colaborador, não tenho tempo...

— Mas por quê, por quê? Parece-me zangado, não? — perguntava Lisa numa voz triste e suplicante.

O tom da sua voz pareceu espantá-lo; durante alguns instantes perscrutou-a com o olhar, como se quisesse entrar-lhe no fundo da alma.

— Mesmo assim — murmurou baixinho —, não quero...

E foi-se embora. Lisa estava absolutamente abalada, até em excesso; assim mepareceu.

— É um homem estranho! — observou em voz alta Mavríki Nikoláevitch.

III

Sim, era efetivamente um homem estranho, mas em tudo aquilo havia muito de incompreensível. Havia qualquer coisa por trás. Eu não acreditava, definitivamente, na tal edição; depois veio à baila aquela carta estúpida, mas em que transparecia de forma bastante clara uma qualquer denúncia sobre “documentos”, a propósito da qual todos se calaram, continuando a falar de outras coisas; por fim, essa tipografia e a saída intempestiva de Chátov exatamente no momento em que era encetada a conversa sobre a tipografia. Tudo aquilo me sugeriu a ideia de que acontecera já antes alguma coisa que eu desconhecia; que, por conseguinte, estava ali a mais e nada daquilo tinha que ver comigo. Também já eram horas de eu me despedir, já tinha estado ali otempo suficiente para uma primeira visita. Aproximei-me de Lisaveta Nikoláevna parame despedir.

Ela, pelo que me pareceu, até já se tinha esquecido de que eu estava na sala e continuava especada no mesmo lugar junto à mesa, muito pensativa, cabisbaixa, olhando imóvel para um ponto fixo no tapete.

— Ah, o senhor também se vai, então até breve — balbuciou no tom que, por hábito, era nela carinhoso. — Dê os meus cumprimentos a Stepan Trofímovitch e convença-o a vir cá o mais depressa possível. Mavríki Nikoláevitch, o Anton Lavrêntievitch já se vai embora. Desculpe, a mamãe não pode sair para se despedir do senhor.

Saí e já tinha mesmo descido a escada quando um criado me apanhou subitamente na soleira da porta.

— A minha ama pede muito que o senhor volte...

— A ama ou Lisaveta Nikoláevna?

— Lisaveta Nikoláevna.

Fui ter com Lisa, mas já não à sala onde estivéramos antes, mas sim numa salinha de visitas mais próxima. A porta que dava para a outra sala, grande, onde Lisaveta Nikoláevna deixara sozinho Mavríki Nikoláevitch, estava bem fechada.

Lisa, muito pálida, sorriu-me. Estava no meio da sala, visivelmente indecisa, numavisível luta interior; de repente pegou-me na mão e levou-me à janela.

— Quero vê-*la* imediatamente — sussurrou, lançando-me um olhar incendiado, forte, impaciente, que não admitia a sombra de uma objeção — tenho de . ver com os meus próprios olhos e peço a sua ajuda.

Estava em absoluto frenesi e... em desespero.

— A quem deseja ver, Lisaveta Nikoláevna? — quis eu saber, assustado.

— A essa Lebiádkina, essa coxa... É verdade que ela é coxa?

Fiquei aturdido.

— Nunca a vi, mas ouvi dizer que era coxa, ainda ontem o ouvi — balbuciei com uma prontidão nervosa, também em sussurro.

— Tenho de a ver sem falta. O senhor poderia arranjar-me um encontro com ela ainda hoje?

Tive muita pena dela.

— É impossível, além disso não vejo como poderia fazê-lo — tentei convencê-la.— Mas vou falar com Chátov...

— Se não me arranjar o encontro para antes de manhã, eu própria vou ter com ela sozinha, porque o Mavríki Nikoláevitch se recusa a acompanhar-me. Depositava a minha única esperança no senhor, não tenho mais ninguém. Abordei o Chátov de uma maneira estúpida... Tenho a certeza de que o senhor é um homem absolutamente honesto e que até me possa ser leal; arranje-me isso.

Surgiu-me o forte desejo de a ajudar em tudo.

— Farei o seguinte: vou lá e ainda hoje a vejo — disse eu, depois de refletir um pouco —, *de certeza absoluta!* Farei tudo para a ver, dou-lhe a minha palavra de honra; só que... permita que me fie em Chátov.

— Diga-lhe que é este o meu desejo e que não posso esperar mais, mas também que, há pouco, não o estava enganando. Ele talvez se tenha ido embora por ser muito honesto e não ter gostado que eu, supostamente, o enganasse. Não o enganei: quero realmente editar livros e montar uma tipografia...

— É honesto, sim, é honesto — confirmei com ardor.

— De resto, se até amanhã não se conseguir nada, eu própria vou lá, aconteça o que acontecer e mesmo que toda a gente fique sabendo.

— Amanhã não posso vir cá antes das três horas — observei, já mais calmo.

— Portanto, às três. Então, não foi por acaso que eu supus, em casa de Stepan Trofímovitch, que o senhor era um homem leal? — sorriu ela, apertando-me rapidamente a mão à despedida, para voltar à pressa para junto do abandonado Mavríki Nikoláevitch.

Saí oprimido pela minha promessa, sem compreender ainda o que acontecera. Via nela uma mulher em verdadeiro desespero que não temia comprometer-se ao confiar num homem que lhe era quase desconhecido. O seu tão feminino sorriso, num momento tão difícil, e a insinuação de que já na véspera ela tinha reparado na minha

maneira de ser, era como se me atravessasse o coração. Entretanto, tinha pena, tinha muita pena dela — e mais nada! Os segredos dela tornavam-se de repente numa coisa sagrada para mim, e se agora tentassem que eu os revelasse, fecharia os ouvidos e recusar-me-ia a ouvir. Pressentia apenas uma coisa... O que não sabia, absolutamente, era como poderia arranjar fosse o que fosse para a ajudar neste caso. Mais ainda: não sabia exatamente o que era preciso fazer: um encontro, mas que encontro? E de que modo elas se poderiam encontrar? A única esperança era Chátov, embora eu soubesse de antemão que Chátov não ajudaria. Mesmo assim, corri até casa dele.

IV

Só à noite o apanhei em casa, cerca das oito. Para minha surpresa, tinha convidados — Aleksei Nílitch e mais um senhor que eu mal conhecia, um tal Chigaliov, cunhado de Virguínski.

Este Chigaliov estava de visita à nossa cidade há cerca de dois meses; não sei donde viera, apenas ouvi dizer que tinha publicado um artigo qualquer numa revista progressista de Petersburgo. Virguínski apresentara-mo por acaso, na rua. Nunca na minha vida eu tinha visto na cara de ninguém uma expressão tão sombria, carrancuda e sorumbática. Tinha o ar de quem esperava ver o mundo ruir, não num futuro indefinido, mas já, com data marcada, digamos que dentro de dois dias, às dez e vinte e cinco da manhã. De resto, daquela vez nem sequer trocáramos duas palavras, limitando-nos a uns apertos de mãos com ares de conspiradores. Mais do que tudo, espantaram-me as orelhas dele — de um tamanho sobrenatural, compridas, largas e grossas, espetadas para os lados. Os movimentos dele eram desajeitados e lentos. Se o Lipútin sonhava que alguma vez se haveria de realizar o falanstério na nossa província, Chigaliov conhecia o dia e a hora exata do acontecimento. O homem causou-me uma impressão sinistra; ora, encontrá-lo em casa de Chátov deixou-me ainda mais surpreendido, até porque Chátov, por costume, não gostava muito de visitas.

Já nas escadas se ouviam as vozes altas, as três ao mesmo tempo, ao que parecia discutindo; porém, mal entrei, calaram-se todos. Discutiam de pé, mas de repente sentaram-se, sendo eu obrigado a sentar-me também. Durante uns três minutos instalou-se um ininterrupto e estúpido silêncio. Chigaliov, embora me tivesse reconhecido, fingia que nunca me tinha visto, e por certo que não o fazia por inimizade mas porque sim. Eu e Aleksei Nílitch trocamos vênias ligeiras, mas em silêncio e sem apertarmos as mãos, não sei por quê. De repente, Chigaliov pôs-se a olhar para mim, severo, carrancudo, com a ingênua convicção de que eu me levantaria e me iria embora. Por fim, Chátovsoergueu-se na cadeira, e logo os outros saltaram dos lugares. Saíram sem se despedir, limitando-se o Chigaliov, já à porta, a dizer a Chátov:

— Lembre-se de que tem a obrigação de me prestar contas.

— Pouco me importam as vossas contas, não presto contas a diabo nenhum. — Despedindo-o deste modo, Chátov fechou a porta com o gancho.

— Imbecis! — disse ele, lançando-me um olhar rápido e esboçando um sorriso amarelo.

Via-se-lhe a irritação na cara, e pareceu-me estranho que fosse ele o primeiro a falar. Antes, quando eu passava por sua casa (raramente), Chátov, normalmente, sentava-se a um canto, carrancudo e respondendo com irritação, e só passado bastante tempo se animava e começava a falar com prazer. Depois, no momento da despedida, voltava sempre e infalivelmente a carregar o sobrolho e via-me sair como se tivesse posto no olho da rua um seu inimigo pessoal.

— Ontem bebi chá em casa deste Aleksei Nílitch — observei. — Parece-me que tem a mania do ateísmo.

— O ateísmo russo nunca foi mais longe do que o trocadilho — resmungou Chátov, tirando o coto da vela e pondo uma nova.

— Não, este não me pareceu homem de trocadilhos; nem sequer sabe utilizar a fala simples, quanto mais o trocadilho.

— Gente livresca; são tudo ideias oriundas do lacaísmo — observou calmamente Chátov, sentando-se numa cadeira do canto e apoiando as mãos nos joelhos.

— Há também ódio nisso — continuou, passado um minuto. — Eles seriam os primeiros a ficar terrivelmente infelizes se a Rússia de algum modo se reconstruísse de repente, nem que fosse à maneira deles, e se se tornasse rica e feliz. Então já não teriam ninguém para odiar, para desprezar, para escarnecer! O que existe aqui é apenas um ódio animalesco e infinito para com a Rússia, um ódio arraigado no próprio organismo... E por trás do riso visível não há quaisquer lágrimas invisíveis! Nunca na Rússia se disse nada mais falso do que isso das lágrimas invisíveis!¹⁴¹ — gritou ele quase em fúria.

— Está exagerando! — ri-me.

— O senhor é um liberal moderado — sorriu também Chátov. — Sabe uma coisa? — animou-se repentinamente. — Talvez eu tivesse dito uma asneira quando falei em “lacaísmo das ideias”; o senhor, com certeza, vai replicar: “Foste tu quem nasceu lacaio, eu não”.

— Nunca tive a intenção de dizer isso... por amor de Deus!

— Não se desculpe, porque eu não tenho medo. Primeiro, apenas sou filho de lacaio, mas agora eu próprio me tornei lacaio, o mesmo que o senhor. O nosso liberal russo é antes de mais um lacaio e só procura lambar as botas de alguém.

— Quais botas? Que alegoria é essa?

— Qual alegoria, qual quê! Vejo que o senhor se ri... Stepan Trofímovitch falou verdade quando disse que eu estou prostrado debaixo de uma pedra, oprimido mas não esmagado, apenas a estorcer-me; boa comparação.

— Stepan Trofímovitch afirma que o senhor tem a mania dos alemães — ri-me eu.— Afinal sempre conseguimos sacar alguma coisa do bolso dos alemães para o nosso.

— Sacamos vinte copeques mas pagamos cem rublos.

Houve um silêncio de um minuto.

— Foi na América que ele chegou a essas ideias, deitado.

— Quem? Quem chegou a quê, deitado?

— Falo de Kiríllov. Eu e ele ficamos lá deitados durante quatro meses no chão de uma cabana.

— Foram à América? — espantei-me. — Nunca me contou.

— Não há nada para contar. Fomos os três aos Estados Unidos, há dois anos, num vapor de emigrados, com o último dinheiro que tínhamos, para “experimentar na própria pele a vida do operário americano e, desse modo, experimentar pessoalmente o estado do homem na mais grave situação social”. Foi com este objetivo que fomos para lá.

— Meu Deus! — ri-me. — Para isso, não teria sido melhor irem para um qualquer lugar da nossa província em tempo de colheitas, “para experimentarem pessoalmente”, em vez de irem para a América?

— Arranjamos lá trabalho com um explorador; éramos seis russos ao todo... estudantes, proprietários rurais, até oficiais, todos com o mesmo objetivo majestoso. Trabalhávamos, ficávamos encharcados, cansávamo-nos; por fim, eu e o Kiríllov desistimos porque adoecemos e já não aguentávamos mais. O patrão-explorador enganou-nos no pagamento e, em vez de pagar trinta dólares a cada um, pagou-me oito a mim e quinze a Kiríllov; também nos espancavam muitas vezes. Então, eu e o Kiríllov, desempregados, deixamo-nos ficar naquela

cidadezinha, deitados no chão, lado a lado, durante quatro meses; ele a pensar numa coisa, e eu noutra.

— O patrão batia-vos? Na América? Posso imaginar como o descompunham!

— Nada disso. Pelo contrário, eu e o Kirílov decidimos que “nós, os russos, em comparação com os americanos, somos crianças pequenas, e que é preciso a pessoa nascer na América ou, pelo menos, ter muitos anos de adaptação aos americanos para ficar ao nível deles”. Palavras para quê? Quando, por um artigo de um tostão, nos levavam um dólar, nós pagávamos não só com prazer mas com um verdadeiro entusiasmo. Louvávamos tudo: o espiritismo, a lei de Lynch, os revólveres, os vagabundos. Uma vez, num transporte público, um homem tirou-me a escova do cabelo do bolso e pôs-se a pentear-se; eu e o Kirílov apenas trocamos olhares, e decidimos que era assim que estava bem e que nós gostávamos disso...

— É estranho como estas coisas, entre nós, não só se nos metem na cabeça como ainda se põem em prática — observei.

— Gente livresca — repetiu Chátov.

— Bem, atravessar o oceano num vapor de emigrados, até uma terra desconhecida, mesmo que com o objetivo de “experimentar pessoalmente”, etc., tem qualquer coisa de firmeza magnânima... Mas como saíram de lá?

— Escrevi uma carta a uma pessoa na Europa, que me mandou cem rublos.

Enquanto falava, Chátov olhava sempre para o chão, segundo o seu hábito, mesmo quando se exaltava. Nisto, ergueu de repente a cabeça:

— Quer saber o nome dessa pessoa?

— Quem é?

— Nikolai Vsevolodovitch Stavróguin.

Levantou-se de rompante, virou-se para a sua secretária de madeira de tília e, remexendo em revistas e papéis, pôs-se à procura de qualquer coisa em cima dela. Entre nós corria o rumor vago, mas fidedigno, de que a sua mulher, durante algum tempo, tivera um caso com Nikolai Vsevolodovitch em Paris e que isso acontecera precisamente hádois anos, logo quando Chátov estava na América; também é verdade que tal aconteceu muito tempo depois de a mulher ter abandonado Chátov em Genebra. “Se assim foi, para que deu agora com a língua nos dentes, mencionando o nome dele?”, pensei.

— Ainda não lhe paguei a dívida — voltou-se de repente para mim e, perscrutando-me com atenção, sentou-se no seu canto e perguntou numa voz muito diferente, entrecortada: — O senhor, com certeza, veio aqui por alguma razão... O que deseja?

Contei-lhe logo tudo, na exata ordem cronológica, e acrescentei que, embora já tivesse tido tempo de pôr em ordem as minhas ideias depois do primeiro entusiasmo febril, me sentia ainda muito confuso e que só uma coisa tinha percebido: que havia algo de muito importante naquilo para Lisaveta Nikoláevna e que eu queria muito ajudá-la, mas o meu problema era não só desconhecer a maneira de cumprir a minha promessa como, ainda por cima, nem sequer compreender agora o que, concretamente, lhe prometera. Depois confirmei-lhe com veemência que ela nunca quisera nem pensara enganá-lo, que houvera um mal-entendido qualquer e que Lisaveta Nikoláevna ficara muito abalada com a fuga dele de sua casa, uma fuga tão estranha.

Chátov ouviu-me com muita atenção.

— Talvez eu, há pouco, tenha feito mais uma asneira, como sempre faço, uma autêntica asneira... Bem, se ela própria não percebeu por que foi que eu saí daquela maneira... ainda bem para ela.

Levantou-se, aproximou-se da porta, entreabriu-a e pôs-se à escuta.

— O senhor deseja ver essa senhora pessoalmente?

— Tem de ser; mas como é que faço? — e saltei logo do lugar, todo contente.

— É fácil, vamos lá, enquanto está sozinha. Quando ele voltar, vai espancá-la cruelmente se souber que nós fomos visitá-la. Eu estou com ela muitas vezes, às escondidas. Há pouco tempo, quando apanhei o sujeito a bater-lhe, dei-lhe uma sova.

— Não me diga?!

— É verdade; agarrei-lhe pelo cabelo e separei-o dela; ele virou-se contra mim e queria bater-me, por vingança, mas eu assustei-o e tudo ficou por ali. Tenho medo de que ele volte bêbado, se lembre daquilo e a espanque por causa do sucedido.

Descemos as escadas.

V

A porta dos Lebiádkin não estava fechada à chave e entramos sem problemas. Dois pequenos quartos, sórdidos, eram toda a casa deles. Das paredes fuliginosas pendiam restos de papel de parede sujos. Estas instalações tinham sido dantes uma taverna, até Filíppov, o senhorio, a transferir para o prédio novo. As restantes salas da taverna estavam fechadas, exceto a parte que fora alugada a Lebiádkin. A mobília consistia em bancos rústicos, mesas de tábuas e uma poltrona velha sem um braço, filha única. No segundo quarto havia uma cama a um canto — a cama de Mademoiselle Lebiádkina — tapada com um cobertor de chita; quanto ao capitão, dormia em qualquer lado: muitas vezes deixava-se cair de borco no soalho e ali ficava dormindo, tal como estava vestido. Por todo o lado havia migalhas, pequenos charcos, lixo; um trapo grande, grosso e todo encharcado estava no centro do primeiro quarto e, no mesmo charco, jazia um sapato velho e gasto. Via-se que ninguém tratava ali de nada, que os fógões não

eram acesos, que ninguém cozinhava; nem sequer havia um samovar, como me contou Chátov. O capitão, quando chegara com a irmã, estava numa miséria absoluta e, como dissera Lipútin, nos primeiros tempos bateu de fato às portas de algumas casas a pedir esmola; porém, mal recebeu inesperadamente dinheiro, meteu-se numa bebedeira constante e andava tão intoxicado pelo álcool que já era incapaz de tratar da casa.

Mademoiselle Lebiádkina, a quem eu tanto desejava ver, estava num canto, acanhada e silenciosa, sentada a uma mesa de cozinha de tábuas. Não perguntou nada quando entramos, nem sequer se mexeu. Chátov dissera-me que a porta deles não tinha fechadura e que, uma vez, ficara aberta de par em par uma noite inteira. À luz de uma vela fininha e fraca, metida num castiçal de ferro, vi uma mulher dos seus trinta anos, pelos vistos, doentamente magra, envergando um vestido velho de chita escura; o seu pescoço nu era delgadinho, o cabelo ralo e escuro enrolado na nuca num puxo da grossura de um punho de criança de dois anos. Lançou-nos um olhar bastante alegre; diante dela, além do castiçal, estava um pequeno espelho, um velho baralho de cartas, um livro surrado — uma coletânea de cantigas — e um pãozinho branco alemão já com uma ou duas mordidas. Via-se que Mademoiselle Lebiádkina punha pó-de-arroz e carmim na cara e que pintava os lábios. Pintava também as sobrancelhas, já sem isso longas, finas e escuras. Na sua fronte achatada e alta, viam-se nitidamente três rugas compridas, apesar da maquiagem. Eu já sabia que ela era coxa, mas não a vimos coxear, porque não se levantou nem andou. Talvez, dantes, o seu rosto magro não tenha sido nada feio, mas, quanto aos olhos eram serenos, meigos, cinzentos, ainda maravilhosos; qualquer coisa de sonhador e sincero reluzia no seu olhar calmo e alegre. A alegria branda que o seu sorriso também exprimia surpreendeu-me, depois de tudo o que ouvira dos desvarios do seu irmãozinho ao aplicar-lhe o azorrague. O curioso foi que, em vez de uma certa repulsa penosa que se sente sempre quando estamos na presença das pessoas que Deus assinalou com algum defeito físico, senti quase prazer ao olhar para ela, desde o primeiro momento; mais tarde talvez tenha sentido também pena dela, mas nunca repugnância.

— Fica sentada assim, dias a fio, literalmente, sozinha, sem se mexer. Deita sortes com as cartas ou vê-se ao espelho — dissera-me Chátov logo à entrada, apontando para ela. — Ele nem sequer a alimenta. A velha do anexo é que lhe traz às vezes alguma coisa, por amor de Deus. Não percebo como se pode deixá-la sozinha com a vela!

Para meu espanto, Chátov falava alto, como se ela não estivesse no quarto.

— Boa noite, Chátuchka! — disse com simpatia Mademoiselle Lebiádkina.

— Trouxe-te uma visita, Mária Timoféevna — disse Chátov.

— Seja bem-vinda também a visita. Não sei quem me trouxeste, não me lembro dele — olhou para mim com atenção, por detrás da vela, e logo a seguir voltou a dirigir-se a Chátov (sem me prestar mais atenção durante toda a conversa, como se eu não estivesse ali junto dela).

— Se calhar já estavas aborrecido de andares sozinho para trás e para diante no teu quarto, não? — riu-se ela, mostrando duas filas de dentes maravilhosos.

— Foi isso, e também me apeteceu visitar-te.

Chátov aproximou um banco da mesa, sentou-se e disse para eu me sentar a seu lado.

— Gosto sempre de uma boa conversa, Chátuchka, só que me parece muito cômico, como um monge. Quando foi que te penteaste pela última vez? Deixa-me pentear-te — tirou um pente do bolso. — Se calhar, desde que te pentei da última vez, nunca mais te lembraste disso, não foi?

— Nem sequer tenho pente — riu-se Chátov.

— É verdade? Então ofereço-te o meu, o outro. Lembra-me disso depois.

Começou a penteá-lo com um ar muito sério, fez-lhe risca ao lado, reclinou-se para trás para ver se tinha ficado bem e, depois, guardou o pente no bolso.

— Sabes uma coisa, Chátuchka? — meneou a cabeça. — Talvez sejas um homem sensato, mas aborreces-te. Para mim é estranho olhar para vós todos; não percebo como é que as pessoas podem aborrecer-se. A tristeza não é aborrecimento. Eu não me aborreço.

— E com o teu irmão também não te aborreces?

— Estás falando de Lebiádkin? É o meu criado. Que ele esteja cá ou não, para mim é igual. Grito-lhe: “Lebiádkin, traz-me água, Lebiádkin, dá cá os sapatos”, e ele corre a cumprir as minhas ordens; às vezes dá-me para rir, Deus me perdoe.

— É exatamente assim — Chátov voltou a dirigir-se a mim em voz alta e sem cerimônias com ela. — Ela trata-o precisamente como a um criado; eu próprio a ouvi gritar-lhe: “Lebiádkin, traz-me água” e a rir-se às gargalhadas; com a única diferença de que ele não lhe vai buscar a água mas lhe bate por isso. Mas ela não lhe tem medo nenhum. Tem uns ataques nervosos quaisquer, quase diários, que lhe destrambelham a memória e, depois dos ataques, esquece-se de tudo o que acontece e confunde as coisas. Acha que ela se lembra de como entramos? Bem, se calhar até se lembra, só que já refez tudo à sua maneira e toma-nos por quaisquer outras pessoas, apesar de saber que eusou o Chátuchka. Não faz mal nenhum que eu esteja falando dela em voz alta, porque deixa de ouvir, mergulha em sonho de imediato quando não falam diretamente com ela. Mergulha, literalmente. É uma sonhadora extraordinária, capaz de ficar no mesmo lugar oito horas seguidas, todo o dia. Tem aqui o pão mas, se calhar, desde manhã só deu uma beliscada e só amanhã o acabará de comer. Olhe, agora começou a deitar as cartas...

— Deito as cartas, deito, Chátuchka, mas não sai nada certo — disse de rompante Mária Timoféevna, como um eco, ao ouvir a última palavra e, sem olhar, estendeu a mão para o pãozinho (pelos vistos por ter ouvido também a palavra pão). Pegou no pão mas, tendo-o segurado um pouco na mão e entusiasmando-se com a nova conversa, largou-o automaticamente sem o morder.

— Sai sempre a mesma coisa: viagem, homem mau, uma perfídia, o leito da morte, uma carta não sei donde, uma notícia inesperada... tudo patranhas, acho eu. E tu, Chátuchka, o que achas? Se as pessoas mentem, por que não podem as cartas mentir?— De súbito confundiu as cartas. — Foi isto mesmo que eu disse à Irmã Praskóvia, uma senhora respeitável... Ia muitas vezes à minha cela para eu lhe deitar as sortes, às escondidas da madre superiora. E não era só ela que ia lá. Surpreendiam-se, abanavam as cabeças, como é, como vai ser, e eu ria-me: “Que carta é que a Irmã Praskóvia pode receber, se já há doze anos não recebe carta nenhuma?”. O marido dela levou-lhe a filha para a Turquia, e há doze anos que não tem notícias dela. Só que, no dia seguinte, estava eu a tomar chá nos aposentos da madre superiora (ela é de uma família de príncipes) e estava também presente uma senhora que tinha vindo de longe, uma grande sonhadora, e mais um monge de Atos, bastante cômico, a meu ver. E então, o que achas que aconteceu, Chátuchka? Aquele mesmo monge, naquela mesma manhã, tinha trazido à madre Praskóvia uma carta da Turquia, da filha dela (o valete de ouros!), a carta inesperada!Bebemos chá, e o monge de Atos diz à madre superiora: “O mais importante, benditamadre superiora, foi que Deus Nosso Senhor abençoou-lhe o convento com um tesouro precioso que está guardado dentro destas quatro paredes”. “Que tesouro?”, perguntou a madre superiora. “A pobre de espírito Irmã Lisaveta”. Esta Irmã Lisaveta, a pobre de espírito, estava numa jaula construída no nosso muro de pedra, de uma braça de comprido por dois côvados de altura,¹⁴² e já ia no décimo sétimo ano que lá estava, atrás das grades, vestida de verão e de inverno apenas com um camisão grosseiro, e sempre a espetar uma folhinha ou um raminho no seu camisão, sem dizer nada, sem se pentear e sem se lavar havia dezessete anos. No inverno, enfiavam para lá uma samarra, e todos os

dias uma côdea de pão e uma caneca de água. Os peregrinos olhavam, admiravam-se, suspiravam, deixavam dinheiro. “Belo tesouro!”, respondeu a madre superiora (zangada, porque não gostava nada de Lisaveta), “a Lisaveta só lá está metida por raiva, por teimosia dela, e tudo aquilo é fingido”. Não gostei daquilo; eu própria queria ser eremita. Disse: “A meu ver, Deus e a natureza são a mesma coisa”. E eles, em coro: “Essa agora!”. A madre superiora riu-se, cochichou com a senhora que estava de visita, acariciou-me, a senhora ofereceu-me um lacinho cor-de-rosa, queres que to mostre? O monginho, esse, começou a pregar-me um sermão, e falava com tanto carinho e com tanta humildade, e, pelo visto, com tanta sabedoria... e eu ali a ouvido. “Compreendeste?”, perguntou. “Não compreendi nada, e deixe-me em paz”, disse eu. Desde então deixaram-me em paz, Chátuchka. Entretanto, uma peregrina que vivia no nosso convento em retiro de penitência, por ter feito profecias, sussurrou-me ao ouvido: “Quem é a mãe de Deus, quem achas que é?”. “A grande mãe, esperança do gênero humano”, respondi. “Pois”, disse ela, “a mãe de Deus é a nossa grande terra-mãe, e nisso reside a grande alegria do homem. E qualquer amargura terrena, e qualquer lágrima terrena são um grande júbilo para nós. E quando saturares de lágrimas a terra sob os teus pés e meio côvado para baixo, ficarás imediatamente feliz com tudo. E não mais existirá para ti qualquer tristeza. É esta a profecia”. Aquilo gravou-se-me tão fundo na alma! Desde então, quando rezo, beijo a terra e choro. Ouve o que te digo, Chátuchka: não há mal nenhum nestas lágrimas; e mesmo que não estejas passando por qualquer infortúnio, as tuas lágrimas correrão, já por alegria. As lágrimas correm sozinhas, é verdade. Às vezes, eu ia para a margem do lago: de um lado ficava o nosso mosteiro, do outro a nossa montanha aguda, assim lhe chamavam, montanha aguda. Eu subia a montanha, virava-me para o levante, deixava-me cair por terra, chorava, chorava, até perdia a noção de quanto tempo chorava, e não me lembrava de nada, não sabia de nada. Depois levantava-me, voltava-me para trás, e já o Sol se punha, e era tão grande e tão majestoso, e tão querido... Gostas de olhar parao Sol, Chátuchka? Faz-nos sentir bem, mas também é triste. Virava-me de novo parao levante, e a sombra da nossa montanha corria até longe pelo lago como uma flecha estreita e muito comprida,

até mais de uma versta, até à ilha no meio do lago, e cortava a ilha de pedra a meio e, mal cortava a ilha a meio, o Sol punha-se e tudo se apagava. Então, começava eu a amargurar-me, voltava-me a memória, tinha medo do crepúsculo, Chátuchka. E choro sobretudo pela minha criancinha...

— Será que tiveste alguma criança? — e Chátov, que ouvia com atenção, deu-me uma cotovelada.

— É claro que tive: pequenina, cor-de-rosa, com umas unhinhas tão pequeninas, mas a minha maior aflição é que não me lembro se era menino ou menina. Ora me lembro da criança como menino, ora como menina. Quando a dei à luz, envolvi-a em cambraia e em rendas, atei-a com fitinhas cor-de-rosa, espalhei florinhas por cima dela, preparei-a, fiz-lhe a minha reza e, ainda sem estar batizada, levei-a através da floresta, e tinha tanto medo da floresta, e sinto tanto terror e choro tanto porque a dei à luz mas não conheci marido.

— Se calhar houve um marido, não? — perguntou cautelosamente Chátov.

— És cômico, Chátuchka, com esse teu raciocínio. Se calhar houve de fato um marido, mas que importância tem se houve ou não houve se as coisas são como se não tivesse havido? Esta é uma adivinha fácil, descobre! — sorriu ela.

— E então, para onde levaste a criança?

— Para o lago — suspirou ela.

Chátov voltou a acotovelar-me.

— E se nunca tiveste filho nenhum e isso tudo é apenas um delírio, hã?

— Fizeste-me uma pergunta difícil, Chátuchka — respondeu ela, pensativa e sem se admirar com a pergunta. — Quanto a isso, não te

direi nada, talvez não houvesse criança, deixo-te com a tua curiosidade. Mesmo assim, não deixarei de chorar por ela, pois não terá sido em sonho que a vi? — E as lágrimas luziram-lhe nos olhos. — Chátuchka, Chátuchka, é verdade que a tua mulher te fugiu? — pousou-lhe as mãos nos ombros e olhou para ele com piedade. — Não fiques zangado, eu também me amarguro. Sabes, Chátuchka, que sonho eu tive? Ele apareceu de novo e chamou-me: “Gatinha”, disse ele, “minha gatinha, sai, vem ter comigo!”. Fiquei sobretudo contente com a “gatinha”: ele ama-me, penso eu.

— Se calhar há de vir mesmo, de verdade — murmurou Chátov a meia-voz.

— Não, Chátuchka, é apenas um sonho... não virá na realidade. Conheces a canção:

*Não preciso de alto palácio novo,
Ficarei a viver nesta cela,
Vou viver e salvar minha alma,
Rezarei por ti ao Senhor.*

Oh, Chátuchka, meu querido, por que nunca me perguntas nada?

— Não me dizes, por isso é que não te pergunto.

— Não digo, não digo, nem que me mates, não digo — disse ela rapidamente —, queima-me mas não digo. Por mais que tenha sofrido, não digo, ninguém há de saber!

— Portanto, como vês, cada qual sabe da sua vida — disse Chátov ainda mais baixinho, inclinando cada vez mais a cabeça.

— Mas se me pedisses muito, talvez eu te dissesse, talvez te dissesse! — repetiu ela, extasiada. — Por que não pedes? Pede-me, pede-me muito, Chátuchka, e talvez eu te diga; suplica-me, Chátuchka, para eu te dizer... Chátuchka, Chátuchka!

Mas o Chátuchka calava-se; o silêncio durou um minuto. As lágrimas corriam silenciosamente pelas faces cobertas de branco de Mária Timoféevna; estava sentada, com as mãos esquecidas nos ombros de Chátuchka, mas já sem olhar para ele.

— Eh, o que tenho que ver contigo... Também é pecado — Chátov levantou-se de rompante. — Levanta-te! — puxou bruscamente o banco em que eu estava sentado e, pegando nele, pô-lo no lugar.

— Para ele não desconfiar de nada quando chegar. Temos de ir.

— Estás falando outra vez do meu criado! — riu-se de repente Mária Timoféevna.— Tens medo! Então adeus, queridos convidados; mas espera só um instante, ouve o que te digo. No outro dia, veio cá esse Aleksei Nílitch e mais o Filíppov, o senhorio, o das grandes barbas ruivas, no momento em que o meu criado se atirava a mim. Pois o senhorio agarrou-o pelo cabelo e arrastou-o pelo quarto, com ele a gritar: “Não tenho culpa, sofro pela culpa dos outros!”. Então, acredita, o que nós nos rimos todos, como doidos...

— Eh, Mária Timoféevna, era eu, não era o barba ruiva. Fui eu quem o puxou pelo cabelo; ora, o senhorio esteve cá mas foi anteontem, para vos armar um escândalo. Confundiste tudo.

— Espera, de fato confundi, talvez fosses tu. Irra, para que estamos discutindo ninharias? Para ele, qual é a diferença de quem lhe vai dar uma sova? — riu-se ela.

— Vamos! — puxou-me Chátov com brusquidão. — O portão rangeu; se ele nosapanha, espanca-a.

Mal tivéramos tempo de subir as escadas correndo e já se ouvia ao portão um berro de bêbado e uma chuva de pragas. Chátov mandou-me entrar para o seu quarto e fechou a porta à chave.

— Tem de ficar aqui um bocado se quiser evitar um escândalo. Irra, berra como um porco, pelos vistos tropeçou outra vez à entrada; cai

sempre naquele lugar.

Porém, a coisa não passou sem escândalo.

VI

Chátov encostava-se à porta e escutava o que se passava nas escadas; de repente, deu um salto para trás.

— Ele vem aqui, eu já sabia! — sussurrou, furioso. — É capaz de não me largar até à meia-noite.

Soaram pancadas fortes na porta.

— Chátov, Chátov, abre! — berrou o capitão. — Chátov, amigo!

*Vim dar-te vivas, amigo,
Contar-te que o Sol nasceu,
Que a sua luz calor-r-rosa
Pelos... bosques... tr-remeluziu
P'ra te dizer que acordei, c'os diabos,
Acor-rdei debaixo dos r-ramos.*

Como debaixo das vergastas, ah, ah, ah!

*Cada passarinho... pede sede.
Para contar-te que vou beber,
Que vou beber... não sei o quê.¹⁴³*

E que o Diabo carregue a estúpida curiosidade! Chátov, será que não percebes como é bom viver no mundo?

— Não lhe responda — voltou a sussurrar-me Chátov.

— Abre, vá lá! Será que não compreendes que existe uma coisa superior à briga... no meio da humanidade, que há momentos de per-

so-na-li-dade nobre?... Chátov, eu sou um bondoso, peço-te... Chátov, para o raio que as partam, às proclamações, há?

Silêncio.

— Será que não compreendes, seu burro, que estou apaixonado, que comprei uma casaca, olha, uma casaca de amor, quinze rublos; o amor do capitão exige conveniências mundanas... Abre! — rugiu selvaticamente e pôs-se, furioso, às punhadas à porta.

— Vai p'ro diabo! — rugiu também Chátov, bruscamente.

— Escr-ravo! Escr-ravo da gleba, e a tua irmã também é serva e escrava, e... ladra!

— E tu vendeste a tua irmã.

— Mentira! Aturo calúnias, quando com uma só palavra eu podia... compreendes quem é ela?

— Quem é? — Chátov, com curiosidade, aproximou-se logo da porta.

— Compreendes?

— Hei de compreender, diz lá quem é ela!

— E eu encho-me de coragem e digo! Sempre ousei dizer tudo publicamente!...

— Duvido que te atrevas — provocou-o Chátov e fez-me com a cabeça um gesto para que eu ouvisse também.

— Não me atrevo?

— Acho que não.

— Não me atrevo?

— Vá, diz lá, se por acaso não tiveres medo das vergastas do senhor... Apesar de capitão, és um covarde!

— Eu... eu... ela... ela é... — balbuciou o capitão numa voz trêmula e emocionada.

— Então? — Chátov apurou o ouvido.

Houve um silêncio de, pelo menos, meio minuto.

— Ca-na-lha! — ribombou finalmente do outro lado da porta, e o capitão retirou-se rapidamente pelas escadas abaixo, fungando como um samovar, dando passos em falso de degrau em degrau.

— Não, ele é manhoso, nem bêbado dará com a língua nos dentes — e Chátov afastou-se da porta.

— Mas afinal o que é isto? — perguntei.

Chátov abanou a mão, abriu a porta e voltou a escutar; escutava com muita atenção, chegou a descer devagarinho alguns degraus da escada. Por fim, voltou.

— Não se ouve nada, portanto não a agrediu; significa que, mal caiu em qualquer lado, adormeceu como uma pedra. São horas de o senhor se ir embora.

— Ouça, Chátov, que conclusão é que eu devo tirar de tudo isto?

— Olhe, tire a conclusão que quiser! — respondeu numa voz cansada e enjoada, esentou-se à secretária.

Saí. Cada vez se firmava mais na minha imaginação uma ideia inverossímil. Pensava com angústia no dia seguinte...

O “dia seguinte”, ou seja, aquele mesmo domingo em que deveria ser resolvido inelutavelmente o destino de Stepan Trofímovitch, foi um dos mais memoráveis da minha crônica. Foi um dia de incidentes inesperados, o dia dos desenlaces das coisas do passado e dos pontos de partida para o futuro, de bruscos esclarecimentos e de uma embrulhada ainda maior. De manhã, como o leitor já sabe, eu tinha de acompanhar o meu amigo na sua visita a Varvara Petrovna, tal como ela própria determinara, e às três da tarde tinha de estar em casa de Lisaveta Nikoláevna para lhe contar... o quê? — eu próprio não sabia — e para a ajudar... em quê? — também não sabia. Entretanto, tudo viria a resolver-se de uma maneira que jamais alguém seria capaz de prever. Em resumo, foi um dia de espantosas coincidências casuais.

Para começar, eu e Stepan Trofímovitch, ao chegarmos à casa de Varvara Petrovna ao meio-dia em ponto, tal como havia sido marcado, não a achamos em casa: ainda não voltara da missa. O meu pobre amigo estava numa disposição, ou melhor, numa indisposição tal que este percalço o abalou de imediato: quase sem forças, deixou-se cair numa poltrona da sala de estar. Propus-lhe um copo de água; mas, apesar da sua palidez e até do tremor das mãos, rejeitou-o com dignidade. Direi, a propósito, que desta vez ele se distinguiu por um esmero extraordinário: camisa quase de baile, de cambraia e bordada, gravata branca, chapéu novo na mão, luvas frescas cor de palha e, até, um pouquinho de perfume. Mal nos sentamos entrou Chátov, introduzido pelo criado grave, também de acordo com o convite oficial, é claro. Stepan Trofímovitch já se soerguia para lhe estender a mão mas Chátov, olhando com atenção para nós dois, curvou para um canto, instalou-se lá e nem sequer nos acenou com a cabeça. De novo Stepan Trofímovitch me lançou um olhar assustado.

Assim permanecemos sentados mais alguns minutos, num silêncio absoluto. De repente, Stepan Trofímovitch começou a sussurrar-me muito depressa qualquer coisa, mas não entendi nada; ele, de resto, dominado por tanta emoção, não acabou e calou-se. De novo entrou o criado grave, desta vez para ajeitar qualquer coisa em cima da mesa;

ou antes — para olhar para nós. Inesperadamente, Chátov dirigiu-se-lhe com uma pergunta em voz muito alta:

— Aleksei Egóritch, não sabe se a Dária Pávlovna foi com a senhora?

— Varvara Petrovna decidiu ir à catedral sozinha, e Dária Pávlovna desejou ficar lá em cima, nos seus aposentos, porque está um nadinha maldisposta — relatou Aleksei Egóritch sentenciosa e imponentemente.

O meu pobre amigo, mais uma vez, lançou-me o seu inquieto olhar de relance; por fim, comecei a desviar os meus olhos dos dele. De súbito ribombou o coche à entrada do prédio, e um certo movimento dentro de casa indicou-nos que a senhora estava de volta. Todos nós saltamos das cadeiras, mas uma nova surpresa aconteceu: ouviu-se o barulho de muitos passos, o que significava que a dona da casa não voltava sozinha, o que erade fato um pouco estranho, uma vez que fora ela própria a marcar a hora do encontro. Tornaram-se tão apressados os passos ouvidos que pareciam quase de corrida; ora, Varvara Petrovna não podia entrar assim. Mas quase irrompeu pela sala adentro, ofegando e numa emoção extraordinária. Atrás dela, num passo bastante mais lento, entrou Lisaveta Nikoláevna e, com Lisaveta Nikoláevna, de mãos dadas, Mária Timoféevna Lebiádkina! Se o visse num sonho, também não acreditaria.

Para esclarecer esta grande surpresa é necessário retrocedermos uma hora e contarmos em pormenor a incrível aventura por que passara Varvara Petrovna na catedral.

Em primeiro lugar, para a missa da manhã reuniu-se quase toda a cidade, isto é, o estrato superior da nossa cidade. Sabia-se que compareceria a própria governadora, pela primeira vez desde a sua chegada à nossa cidade. Direi de passagem que, entre nós, já corriam rumores de que a dita senhora era livre-pensadora e que seguia “regras novas”. Todas as senhoras sabiam também que ela se vestiria magnificamente e com supina elegância; por isso, os trajés das nossas

damas distinguiam-se desta vez pela pompa e pelo esmero. A única que estava vestida modestamente era Varvara Petrovna, como sempre de preto: assim se vestia invariavelmente nos últimos quatro anos. Quando chegou à catedral foi instalar-se no seu lugar do costume, à esquerda, na primeira fila, tendo o lacaios de libré posto no chão, à frente dela, uma almofada de veludo para as genuflexões; enfim, tudo o que era habitual. Não passaria no entanto despercebido que, no ofício que se seguiu, ela rezou muito; viria a afirmar-se mais tarde, quando as pessoas começaram a lembrar-se de tudo, que até os olhos dela estiveram sempre marejados de lágrimas. A missa, finalmente, acabou, e o nosso arcebispo, Padre Pável, pôs-se a fazer o sermão solene. Os sermões dele eram muito apreciados na nossa cidade; eram tidos em tão alto valor que havia até quem tentasse convencê-lo a editá-los, mas ele nunca mais ousava fazê-lo. Desta vez, o sermão foi especialmente longo.

Já durante a leitura do sermão, parou em frente da catedral uma senhora, transportada numa charrete alugada, de modelo antigo, daquelas em que as senhoras só podiam sentar-se de lado, segurando-se à faixa da cintura do cocheiro e, aos solavancos da charrete, balançando tanto como as ervinhas do campo ao sopro do vento. Ainda hoje estes carros com cocheiro circulam na nossa cidade. Parando na esquina da catedral — porque à porta havia tantas carruagens, e até guardas-civis, que não se podia estacionar —, a senhora apeou-se da charrete e deu ao cocheiro quatro copeques de prata.

— Será pouco, Vânia? — exclamou, vendo que o cocheiro torcia o nariz. — Não tenho mais — acrescentou em voz de súplica.

— Vá com Deus, não foi combinado preço — o cocheiro abanou a mão e olhou para ela, como se pensasse: “Também é pecado ofender-te”. Depois, tendo metido sob a roupa o porta-moedas de couro pendurado ao pescoço, mandou o cavalo para a frente e foi-se embora, acompanhado pelas troças dos cocheiros mais próximos. Troças, e até espantos, acompanharam, até à porta da catedral, também a senhora

quando ela passava pelo meio das carruagens e dos lacaios que esperavam a saída dos respectivos amos. De fato, havia qualquer coisa de invulgar e de inesperado para todos no aparecimento, na rua, no meio do povo, de uma pessoa como esta, vinda sabe-se lá donde. Era doentivamente magra e coxeava, tinha o rosto caiado com uma camada grossa de branco e pintado de carmesim, o pescoço comprido e nu, sem mantilha, sem casaco, apenas com um velho vestido escuro, apesar do dia frio e ventoso, embora ensolarado, de setembro; com a cabeça descoberta e o cabelo apanhado num minúsculo puxo acima da nuca e uma rosa artificial espetada no lado direito da cabeça, uma daquelas rosas com que se enfeitam os querubins no Domingo de Ramos. Reparei num querubim desses, ostentando uma coroa de rosas de papel, no dia anterior, no canto dos ícones, quando estava de visita a Mária Timoféevna. Para cúmulo, enquanto andava, a senhora, embora baixasse modestamente os olhos, sorria ao mesmo tempo com alegria e manha. Se ela demorasse um pouquinho mais, talvez nem sequer a deixassem entrar na catedral... Mas teve tempo de se esgueirar lá para dentro e, logo que entrou, de se enfiar imperceptivelmente até às primeiras filas.

Embora o sermão estivesse apenas a meio e toda a multidão que enchia a catedral o ouvisse com uma atenção silenciosa e plena, vários olhos olharam de soslaio para a recém-chegada, curiosos e perplexos. Ela deixou-se cair no chão da igreja, cosendo contra ele o seu rosto alvacentos, e assim ficou deitada muito tempo, a chorar, pelos vistos; porém, quando ergueu a cabeça e quando, logo depois, se pôs de pé, já estava calma e com um ar distraído. Alegrementemente, com um visível e grande prazer, começou a passar o olhar pelos rostos e pelas paredes da catedral; perscrutava com uma curiosidade especial algumas senhoras, chegando a levantar-se na ponta dos pés para ver melhor, e por duas vezes até soltou uns risinhos estranhos. Acabado o sermão, trouxeram a cruz. A governadora foi a primeira a ir beijá-la, mas, a dois passos dela, parou, desejando por certo ceder o passo a Varvara Petrovna que, por sua vez, se dirigia a direito para a cruz, como se não visse ninguém à sua frente. A extraordinária delicadeza da governadora sem dúvida tinha segundas intenções, era uma alfinetada

evidente e, no seu gênero, espirituosa; assim o perceberam todos; assim o percebeu também Varvara Petrovna, pelos vistos; contudo, continuando a não prestar atenção a ninguém e com o ar da mais inabalável dignidade, beijou a cruz e, logo após, dirigiu-se para a saída. O lacaios de libré abria-lhe caminho, embora já sem isso toda a gente se afastasse. Porém, mesmo à saída, na escadaria, um grupinho apertado de pessoas barrou-lhe por uns instantes a passagem. Varvara Petrovna parou e, de chofre, a estranha e invulgar criatura, a mulher com a rosa de papel no cabelo, rompendo através da multidão, ajoelhou-se-lhe aos pés. Varvara Petrovna, pessoa a quem era difícil surpreender fosse com o que fosse, sobretudo em público, olhou para ela com imponência e severidade.

Apresso-me a anotar aqui, do modo mais sucinto possível, que, embora se tivesse tornado nos últimos anos demasiado calculista, como se dizia, e até avarenta, Varvara Petrovna por vezes não olhava a gastos quando se tratava de caridade. Era membro de uma sociedade de beneficência da capital. Havia pouco, no ano da fome, enviara para Petersburgo, para o comitê central de subsídios às vítimas da fome, a quantia de quinhentos rublos, e toda a gente falava ainda disso na nossa cidade. Em tempos mais recentes, mesmo antes da nomeação do novo governador, Varvara Petrovna quase fundara um comitê feminino local para assistência às parturientes mais pobres da cidade e da província. Entre nós, era muito censurada pela sua vaidade; porém, a famosa impetuosidade de caráter de Varvara Petrovna, em combinação com a sua persistência, quase triunfaram sobre os obstáculos; a sociedade estivera quase, quase a ser fundada, e a ideia inicial ia amadurando cada vez mais na mente entusiasmada da fundadora: já sonhava com a organização de um comitê idêntico em Moscou e com a propagação paulatina da sua ação por todas as províncias. Entretanto, com a súbita substituição do governador, tudo ficara suspenso; ora, a nova governadora já tivera tempo, ao que diziam, de exprimir em sociedade algumas objeções mordazes e, sobretudo, certeiras e sensatas relativamente à suposta falta de sentido prático da ideia central de semelhante comitê, objeções que, evidentemente com os respectivos acrescentos, já tinham chegado aos

ouvidos de Varvara Petrovna. Só Deus conhece as profundezas das almas, mas suponho que até foi com um certo prazer que Varvara Petrovna parou agora à porta da catedral, sabendo que não tardaria a passar ao seu lado a governadora e, a seguir, todos os outros; então “que ela própria veja como me é indiferente o que ela pensa ou a maneira como troça da vaidade com que faço a minha caridade. Tomai lá, vós todos!”.

— O que deseja, minha cara, o que me pede? — e Varvara Petrovna olhou com atenção para a solicitante ajoelhada diante dela. Esta dirigiu-lhe um olhar muito tímido, envergonhado, mas cheio de quase veneração; de repente sorriu e soltou os mesmos risinhos estranhos. — O que é isto? Quem é ela? — Varvara Petrovna passou pelos presentes um olhar autoritário e interrogativo. Todos ficaram calados. — A senhora sente-se infeliz? Precisa de ajuda?

— Preciso... vim... — balbuciava a “infeliz” com a voz entrecortada de emoção.— Vim apenas para lhe beijar a mãozinha... — e voltou a soltar o seu risinho. Com o mais infantil dos olhares, aquele olhar com que as crianças acariciam os adultos quando pedem alguma coisa, estendeu as mãos para agarrar na de Varvara Petrovna mas, como que assustada, retirou-as logo.

— Veio só para isso? — sorriu Varvara Petrovna com compaixão, mas logo tirou rapidamente do bolso o seu porta-moedas de madreperla e, dele, uma nota de dez rublos, dando-a à desconhecida. Esta aceitou. Varvara Petrovna mostrava grande interesse e, pelos vistos, não considerava a desconhecida uma pedinte qualquer do povo simples.

— Olha, deu-lhe dez rublos — disse alguém do meio da multidão.

— A sua mãozinha, por favor — balbuciava a “infeliz”, apertando fortemente com os dedos da mão esquerda, pelo canto, a nota que o vento enrolava. Varvara Petrovna, por qualquer razão, carregou um pouco o sobrolho e estendeu-lhe a mão com ar sério, quase severo; a outra beijou-lha com veneração. O seu olhar agradecido brilhava

numa espécie de enlevo. Foi neste mesmo momento que se aproximou delas a governadora e afluiu toda uma chusma das nossas damas e dos dignitários superiores. No aperto que se gerou, a governadora viu-se obrigada a parar por um instante; muitos pararam também.

— Está tremendo, tem frio? — percebeu de repente Varvara Petrovna e, tirando dos ombros o casaco, que o laçao apanhou no ar, tirou a seguir o seu xale preto (nada barato) e, com as suas próprias mãos, agasalhou com ele o pescoço nu da solicitante, ainda ajoelhada.

— Mas levante-se, peço-lhe, não fique assim de joelhos!

Ela levantou-se.

— Onde mora a senhora? Francamente, será que ninguém sabe onde ela mora? — Varvara Petrovna de novo olhou em volta com impaciência. Porém, já não estava junto dela o grupo anterior; agora eram rostos conhecidos, mundanos, que observavam a cena, alguns com um espanto severo, outros com uma curiosidade manhosa e, ao mesmo tempo, com a ânsia inocente de escândalo; outros já começavam a rir-se baixinho.

— Parece que é da família Lebiádkin — apareceu finalmente um senhor benevolente que respondeu a Varvara Petrovna; era o nosso respeitável e por muitos estimado comerciante Andréev, de óculos, com a barba encanecida, de traje russo e um chapéu cilíndrico nas mãos. — Moram no prédio de Filíppov, na Rua Bogoiavlênskaia.

— Lebiádkin? Prédio de Filíppov? Parece que já ouvi alguma coisa... obrigada, Níkon Semiónitch, mas quem é este Lebiádkin?

— Diz-se capitão, e é um homem, por assim dizer, imprudente. E esta é com certeza a irmã dele. É de supor que se furtou agora à vigilância — disse Níkon Semiónitch, baixando a voz e dirigindo um olhar significativo a Varvara Petrovna.

— Compreendo; obrigada, Níkon Semiónitch. Minha querida, é a Senhora Lebiádkina?

— Não, não sou Lebiádkina.

— Talvez o seu irmão seja então Lebiádkin, não?

— O meu irmão é Lebiádkin.

— Faço o seguinte, minha querida: levo-a comigo e, de minha casa, levam-na para a sua família; quer ir comigo?

— Ah, quero! — bateu as palmas a Senhora Lebiádkina.

— Tia, tia! Leve-me também a sua casa! — ouviu-se a voz de Lisaveta Nikoláevna. Repare-se que Lisaveta Nikoláevna chegara à missa na companhia da governadora, enquanto Praskóvia Ivánovna, por prescrição do médico, fora entretanto dar uma volta de coche e, para não se aborrecer, levara consigo Mavríki Nikoláevitch. Lisa, de repente, abandonara a governadora e, de um salto, aproximara-se de Varvara Petrovna.

— Minha querida, sabes bem que tenho sempre prazer em ver-te, mas o que dirá a tua mãe? — começou Varvara Petrovna com ar importante, mas, ao ver a insólita emoção de Lisa, embaraçou-se.

— Tia, tia, eu quero mesmo ir com a senhora — implorava Lisa, beijando Varvara Petrovna.

— *Mais qu'avez-vous donc, Lise?*¹⁴⁴ — pronunciou a governadora com um espanto expressivo.

— Ah, desculpe, alminha, *chère cousine*,¹⁴⁵ vou à casa da minha tia — Lisa virou-se para a sua *chère cousine* desagradavelmente surpreendida e beijou-a duas vezes. — E diga à *maman* que me vá buscar, imediatamente, a casa da tia; a *maman* queria passar por lá

sem falta, há pouco falou-me disso, esqueci-me de a avisar — metralhava Lisa.

— Desculpe, não se zangue, *Julie... chère cousine...* Oh, tia, estou pronta!... Mas, tia, se não me levar, vou correndo atrás do coche e gritando — sussurrou rápida e desesperadamente ao ouvido de Varvara Petrovna, e ainda bem que ninguém ouviu. Varvara Petrovna até recuou um passo e lançou um olhar penetrante à moça maluca. Este olhar decidiu tudo: era preciso levá-la sem falta a sua casa!

— É preciso pôr um termo a isto — escapou-lhe. — Está bem, Lisa, levo-te comigo com prazer — acrescentou em voz alta — se, evidentemente, Iúlia Mikháilovna der o seu consentimento — voltou-se com um ar aberto e de sincera dignidade para a governadora.

— Oh, sem dúvida, não quero privar Lisa deste prazer, ainda por cima porque eu própria... — pôs-se a tagarelar de repente Iúlia Mikháilovna, com uma espantosa amabilidade — eu própria sei bem que cabecinha autoritária e fantástica é a dela... — Iúlia Mikháilovna sorriu encantadoramente.

— Agradeço-lhe encarecidamente — Varvara Petrovna fez-lhe uma vênia educada esolene.

— E tenho ainda maior prazer — continuava Iúlia Mikháilovna a tagarelar, já quase num enleio, corando até de agradável emoção — porque, além da felicidade de visitar a sua casa, Lisa é movida por um sentimento maravilhoso, sublime, diria eu... de compaixão... — olhou para a “infeliz” — e... e no átrio deste templo...

— Esta atitude só a honra — aprovou magnificamente Varvara Petrovna. Iúlia Mikháilovna estendeu-lhe a mão num impulso, mão que Varvara Petrovna aflorou com os dedos. A sensação geral foi excelente, os rostos de alguns dos presentes brilharam de prazer, esboçaram-se alguns sorrisos doces e lisonjeiros.

Em suma, ficou repentinamente claro para toda a cidade que não era Iúlia Mikháilovna quem até ao momento menosprezava Varvara Petrovna e não a visitava, mas que era Varvara Petrovna quem “mantinha no seu lugar Iúlia Mikháilovna, pressupondo-se que esta até correria a pé para fazer uma visita a Varvara Petrovna se tivesse a certeza de que esta não correria com ela”. A autoridade de Varvara Petrovna subiu abruptamente.

— Sente-se, querida — Varvara Petrovna apontou a Mademoiselle Lebiádkina o coche que se aproximava; a “infeliz” correu alegremente para as portinholas, sendo prontamente ajudada pelo lacaio.

— Como?! A senhora coxeia! — exclamou Varvara Petrovna como que assustada, e empalideceu. (Toda a gente reparou nisso, mas não compreendeu a razão...).

O coche arrancou. A casa de Varvara Petrovna ficava muito perto da catedral. Lisa contar-me-ia mais tarde que a Lebiádkina se rira histericamente durante os três minutos que durara a viagem, enquanto Varvara Petrovna se mantivera sentada “como que num sonho magnético”, segundo a expressão da própria Lisa.

5 - A serpente sábia

I

Varvara Petrovna fez soar a campainha e deixou-se cair napoltrona junto à janela.

— Sente-se aqui, minha querida — indicou a Mária Timoféevna um lugar no centro da sala, à grande mesa redonda. — Stepan Trofímovitch, o que é isto? Olhe, olhe para esta senhora, mas o que é isto?

— Eu... eu... — tartamudeou Stepan Trofímovitch.

Mas apareceu o criado.

— Uma xícara de café, imediatamente, o mais depressa possível! E não desatrele ocoche.

— *Mais, ma chère et excellente amie, dans quelle inquiétude...*¹⁴⁶ — exclamou Stepan Trofímovitch num tom de voz esmorecido.

— Ah, em francês, em francês! Vê-se logo que é alta sociedade! — Mária Timoféevna bateu as palmas, preparando-se, deliciada, para assistir a uma conversa em francês. Varvara Petrovna fitou-a, quase assustada.

Todos continuávamos calados, à espera de um qualquer desfecho. Chátov não levantava a cabeça, e Stepan Trofímovitch estava em pânico, como se fosse o culpado de tudo; tinha as têmporas peroladas de suor. Olhei para Lisa (estava no canto, muito perto de Chátov). Os olhos dela corriam, atentos, de Varvara Petrovna para a senhora coxa,

da senhora coxa para Varvara Petrovna; os seus lábios torciam-se num sorriso, um sorriso nada bom. Via-se que Varvara Petrovna notava aquele sorriso. Entretanto, Mária Timoféevna estava perfeitamente entusiasmada: observava com deleite e sem qualquer embaraço a maravilhosa sala de estar de Varvara Petrovna — mobília, tapetes, quadros nas paredes, o teto antigo ornamentado, um grande crucifixo de bronze num canto, um candelabro de porcelana, álbuns, bugigangas em cima da mesa.

— Também estás aqui, Chátuchka? — exclamou Mária Timoféevna de rompante.— Imagina, há muito que estou te vendo, mas penso: não é ele! Como é que ele podia estar aqui?! — e riu-se alegremente.

— Conhece esta senhora? — virou-se logo para ele Varvara Petrovna.

— Conheço — murmurou Chátov, mexendo-se na cadeira mas continuando sentado.

— Então, o que sabe? Depressa, por favor!

— Mas... — Chátov esboçou um sorriso inútil e titubeou —, a senhora vê por si.

— Vejo o quê? Vá, diga alguma coisa!

— Mora no mesmo prédio que eu... com o irmão... é um oficial.

— E depois?

Chátov voltou a titubear.

— Não vale a pena... — murmurou e calou-se definitivamente. A sua firmeza até o levou a corar.

— Pois claro, o que mais se poderia esperar do senhor? — interrompeu-o Varvara Petrovna com indignação. Era agora claro para ela que toda a gente sabia alguma coisa mas que, por um qualquer

medo, todos se esquivavam, pretendendo esconder-lhe sabe Deus o quê.

Entrou o criado e trouxe-lhe a xícara de café pedida numa pequena bandeja de prata,mas, obedecendo ao gesto dela, foi servi-la a Mária Timoféevna.

— Minha querida, apanhou muito frio há pouco, tome o cafezinho depressa, que aquece.

— *Merci* — disse Mária Timoféevna pegando na xícara, mas de repente começou a rir-se por ter dito “merci” ao criado. Logo a seguir, tendo apanhado o olhar terrível de Varvara Petrovna, acanhou-se e pousou a xícara em cima da mesa.

— Não fica zangada, tia? — balbuciou com uma espécie de jocosidade leviana.

— O quêêê? — Varvara Petrovna estremeceu e endireitou-se na poltrona. — Que tia sou eu para vossemecê? O que está insinuando?

Mária Timoféevna, que não esperava semelhante cólera, tremeu toda com um tremor miudinho e convulso, como num ataque de nervos, e encostou-se toda ao espaldar da poltrona.

— Eu... eu pensava que era preciso dizer assim — balbuciou para Varvara Petrovna, com os olhos redondos muito abertos. — A Lisa chama-lhe assim.

— Qual Lisa?

— Esta menina — Mária Timoféevna apontou com o dedo.

— Com que então, já a trata por Lisa?

— Foi a senhora mesma que lhe chamou assim há pouco — animou-se um pouco Mária Timoféevna. — Num sonho, vi uma beldade tal e

qual ela — e sorriu, como que involuntariamente.

Varvara Petrovna entendeu e acalmou-se um pouco; até sorriu levemente ao ouvir as últimas palavras de Mária Timoféevna. Esta, mal apanhou este sorriso, levantou-se da poltrona e, claudicando, aproximou-se timidamente de Varvara Petrovna.

— Tome, esqueci-me de lho devolver, não se zangue por causa da minha indelicadeza — e tirou dos ombros o xale preto que Varvara Petrovna lhe pusera havia pouco.

— Volte a pô-lo imediatamente e fique com ele para sempre. Vá sentar-se, tome o seu café e, por favor, não tenha medo de mim, querida, acalme-se. Começo a compreendê-la.

— *Chère amie...* — de novo se permitiu Stepan Trofímovitch.

— Ah, Stepan Trofímovitch, aqui já sem as suas conversas se perde o tino, poupe-me, ao menos o senhor... Por favor, toque essa campainha que está aí a seu lado, para o quarto das criadas.

Instalou-se o silêncio. O olhar de Varvara Petrovna, desconfiado e irritado, deslizava por todos os nossos rostos. Chegou Agacha, a criada de quartos preferida de Varvara Petrovna.

— Traz-me o lenço de xadrez que comprei em Genebra. O que está fazendo Dária Pávlovna?

— Não está lá muito bem-disposta.

— Vai chamá-la. Diz-lhe que lhe peço muito, mesmo que esteja adoentada.

Neste momento, ouviu-se de novo nas salas vizinhas um barulho estranho de passos e vozes e, de repente, apareceu à porta Praskóvia Ivánovna, ofegante e “desconcertada”. Mavríki Nikoláevitch apoiava-a pelo braço.

— Oh, meu Deus, o que me custou a chegar aqui! Lisa, o que fazes à tua mãe, sua doida?! — guinchou, carregando neste guincho, como é hábito de todas as pessoas fracas mas irritadiças, toda a irritação acumulada.

— Mãezinha Varvara Petrovna, vim aqui buscar a minha filha!

Varvara Petrovna olhou para ela de soslaio, soergueu-se e, mal escondendo a repulsa, disse:

— Como passas, Praskóvia Ivánovna? Fazes favor, senta-te. Já sabia que vinhas.

II

Para Praskóvia Ivánovna, nada havia de inesperado nesta recepção. Desde sempre, desde a infância, que Varvara Petrovna tratava despoticamente a sua amiga e colega de escola e, sob a capa da amizade, quase com desprezo. No presente caso, porém, a situação era especial. Nos últimos dias, como eu já tinha mencionado de passagem, as relações entre as duas casas tinham tendência para a ruptura completa. As causas da iminente ruptura eram, por enquanto, misteriosas para Varvara Petrovna, logo ainda mais ofensivas; mas o principal de tudo era que Praskóvia Ivánovna tomara uma atitude extremamente altiva para com Varvara Petrovna, e esta, como é evidente, sentia-se melindrada; além do mais, começaram a chegar-lhe alguns rumores estranhos que também a irritavam sobremaneira, precisamente por serem indefinidos. O caráter de Varvara Petrovna era frontal e orgulhosamente aberto, atacante, se me é permitida a expressão. Não suportava, sobretudo, acusações secretas, escondidas, preferindo sempre uma guerra aberta. Fosse como fosse, havia já cinco dias que as duas senhoras não se encontravam. A última visita tinha sido da parte de Varvara Petrovna, que saiu de casa da “Drozdeca” ofendida e confusa. Posso dizer sem medo de errar que Praskóvia Ivánovna entrara agora em casa da outra com a convicção ingênua de que Varvara Petrovna tinha de acovardar-se diante dela; isso via-se

pelo rosto de Drozdova. Precisamente nesta altura, desconfiando de que a pudessem considerar minimamente humilhada, Varvara Petrovna parece ter-se deixado apossar pelo demônio do mais arrogante orgulho. Ora, quanto a Praskóvia Ivánovna, como acontece com outras pessoas fracas que, durante muito tempo, permitem sem protesto que as ofendam, distinguia-se por uma ofensiva de invulgar impulsividade logo que se lhe apresentava uma situação vantajosa. É verdade também que estava doente e, na doença, Praskóvia Ivánovna tornava-se sempre mais irritadiça. Acrescento, por último, que não poderíamos nunca incomodar com a nossa presença as duas amigas de infância, todos nós, uma vez que éramos considerados da família, quase uns subordinados. Naquele momento eu percebi isso, com algum medo. Stepan Trofímovitch, que não se sentava desde que chegara Varvara Petrovna, deixou-se cair numa cadeira, extenuado, quando ouviu o guincho de Praskóvia Ivánovna e, desesperado, pôs-se à procura do meu olhar. Chátov virou-se bruscamente na cadeira e até murmurou qualquer coisa para si mesmo. Parece-me que queria levantar-se e sair. Lisa soergueu-se um pouco, mas logo voltou a sentar-se, sem prestar sequer grande atenção ao guincho da mãe, mas não por “rebeldia” de caráter, antes por estar toda ela sob o poder de uma qualquer sensação forte. Olhava agora vagamente para o espaço, quase distraída, e deixou de dar atenção até a Mária Timoféevna.

III

— Oh, aqui! — Praskóvia Ivánovna apontou para uma poltrona junto à mesa e sentou-se nela pesadamente com a ajuda de Mavríki Nikoláevitch.— Não me sentaria em sua casa, mãezinha, se não fossem as minhas pernas! — acrescentou numa voz queixosa.

Varvara Petrovna levantou um pouco a cabeça e levou os dedos da mão direita à sua têmpora do mesmo lado, com ar sofredor, sentindo pelos vistos uma dor aguda na cabeça (*tic douloureux*).¹⁴⁷

— Que queres dizer com isso, Praskóvia Ivánovna, por que não podes sentar-te em minha casa? Pois olha que eu gozava de uma grande e sincera simpatia do teu defunto marido, e nós duas brincávamos juntas com as bonecas ainda no internato.

Praskóvia Ivánovna abanou as mãos.

— Já sabia! Ela recorda sempre a escola quando me prepara uma reprimenda... é a artimanha dela. A meu ver, é apenas retórica. Detesto esse seu internato.

— Parece-me que vieste cá de muito mau humor... Como estão as tuas pernas? Já está aqui o teu café; faz favor, toma-o e não te zangues.

— Varvara Petrovna, mãezinha, trata-me como a uma menina pequena. Não quero café, não quero!

E despachou o criado que lhe servia o café com um gesto de mão irritado. (Aliás, os outros também recusaram o café, exceto eu e Mavríki Nikoláevitch. Stepan Trofímovitch pegou na xícara mas pousou-a em cima da mesa sem beber. Mária Timoféevna, embora lhe apetecesse muito tomar mais um café e já estendesse a mão, repensou e recusou-o com toda a educação, gesto que a deixou visivelmente satisfeita consigo própria).

Varvara Petrovna esboçou um sorriso amarelo.

— Praskóvia Ivánovna, acho que tu, amiga, voltaste a fantasiar qualquer coisa e entraste aqui com isso na cabeça. Viveste durante toda a vida a imaginar coisas. Ficas raivosa quando te lembram a escola, mas não te lembras como, quando chegaste, tentaste convencer toda a turma de que o hussardo Chablíkin te pedira em casamento, e como Madame Lefebure desmascarou de imediato a tua mentira. Aliás, nem sequer mentiste, apenas fantasiaste aquilo para teu próprio prazer. Diz-me lá então: com que vieste aqui na cabecinha, agora? O que foi que imaginaste, com que é que estás descontente?

— E a senhora, na mesma escola, apaixonou-se pelo padre que dava as aulas de catecismo... Ora então tome lá, se até hoje guarda assim tanto rancor... ah, ah, ah!

Desatou às gargalhadas biliosas, o que lhe provocou um ataque de tosse.

— Ah, não te esqueceste do padre... — Varvara Petrovna olhou para ela comódio.

O rosto dela ficara esverdeado. Praskóvia Ivánovna, de repente, tomou um ar soberbo.

— Eu agora não estou para risos, mãezinha. Para que meteram a minha filha no vosso escândalo, à vista de toda a gente?... Foi por isso que eu vim aqui!

— No meu escândalo? — Varvara Petrovna também se entesou autoritariamente.

— Mamãe, peço-lhe que seja mais moderada — intrometeu-se bruscamente Lisaveta Nikoláevna.

— O que disseste? — Praskóvia Ivánovna já se preparava para desatar de novo aos berros mas, fulminada pelo olhar cintilante da filha, como que se apagou.

— Como é que pode falar de escândalo, mamãe? — explodiu Lisa. — Vim por minha própria vontade e com autorização de Iúlia Mikháilovna, porque queria saber a história desta desgraçada para lhe poder ser útil.

— A história desta desgraçada! — repetiu Praskóvia Ivánovna com um riso maldoso e esticando as palavras. — Terás tu as condições para te meteres nessas “histórias”? Oh, mãezinha! O seu despotismo, para nós, chega! — virou-se furiosamente para VarvaraPetrovna. — Não sei

se é verdade, mas dizem que se fartou de domesticar toda a cidade, mas agora, pelos vistos, o seu reinado chegou ao fim!

Varvara Petrovna estava sentada, direita como uma flecha pronta a sair do arco. Durante dez segundos olhou severa e fixamente para Praskóvia Ivánovna.

— Olha, dá graças a Deus, Praskóvia, por estarmos aqui entre amigos — pronunciou finalmente, com uma calma sinistra —, já disseste muita coisa a mais.

— Não sou como alguns, que têm medo da opinião mundana; é a senhora, sob a aparência do orgulho, que treme perante a opinião da sociedade. Quanto a isso de estarmos aqui entre amigos, para a senhora é que é mais conveniente do que sermos ouvidos por estranhos.

— Ficaste mais esperta esta semana ou o quê?

— Não fiquei mais esperta esta semana, a verdade é que, pelos vistos, veio à tona esta semana.

— Que verdade é que veio à tona? Ouve, Praskóvia Ivánovna, não me irrites, explica-te imediatamente, peço-te em nome da honra: que verdade é que veio à tona e o que queres insinuar com isso?

— Esta verdade, inteirinha, está aqui sentada! — Praskóvia Ivánovna apontou de imediato o dedo para Mária Timoféevna, com aquele atrevimento desesperado que já não se preocupa com as consequências, não desejando mais do que impressionar. Mária Timoféevna, que, com uma alegre curiosidade, não tirava os olhos dela, riu-se, toda contente, ao ver aquele dedo da senhora tão zangada apontado para ela e mexeu-se na poltrona.

— Nosso Senhor Jesus Cristo, estão todos malucos ou o quê? — exclamou Varvara Petrovna e, empalidecendo, encostou-se ao espaldar da sua poltrona.

Empalidecera tanto que se instalou o pânico. Stepan Trofímovitch foi o primeiro a precipitar-se para ela; eu também me aproximei; até a Lisa se levantou, embora se deixasse ficar, de pé, junto à sua poltrona; mas quem mais se assustou foi a própria Praskóvia Ivánovna: lançando um grito, soergueu-se com esforço e quase vociferou, quase, numa voz lamuriosa:

— Mãezinha, Varvara Petrovna, desculpe a minha estupidez maldosa! Alguém lhe dê água!

— Por favor, Praskóvia Ivánovna, não te ponhas a choramingar, peço-te, e afastem-se de mim, meus senhores, façam-me esse favor, não quero água nenhuma! — disse com firmeza Varvara Petrovna, embora baixinho, mexendo os lábios brancos.

— Mãezinha — continuou Praskóvia Ivánovna, já um pouco mais calma. — Varvara Petrovna, minha amiga, embora assumo a culpa pelas minhas palavras imprudentes, digo-te que a minha irritação é por causa daquelas cartas anônimas com que me bombardeia sei lá que gentalha; poderiam, então, escrever à senhora, já que as cartas falam de si, e eu, mãezinha, tenho uma filha!

Varvara Petrovna olhava para ela em silêncio, com os olhos muito abertos, ouvindo-a com espanto. Neste momento abriu-se sem barulho a porta lateral e apareceu Dária Pávlovna. Parou e olhou em volta; pasmou-a o pânico a que assistia. Pelos vistos, não reparou logo em Mária Timoféevna, de cuja presença não tinha sido avisada. Stepan Trofímovitch foi o primeiro a ver Dacha, corou, fez um movimento rápido e, sabe-selá por quê, clamou em alta voz: “Dária Pávlovna!”, o que levou todos os presentes a virar-se e a olhar para ela.

— Como? Então esta é que é a vossa Dária Pávlovna?! — exclamou Mária Timoféevna. — Credo, Chátuchka, a tua irmãzinha não se parece nada contigo! Como é que o meu irmão se atreve a chamar “serva da gleba Dachka”¹⁴⁸ a esta beldade?!

Dária Pávlovna, entretanto, já se aproximara de Varvara Petrovna; porém, espantada com a exclamação de Mária Timoféevna, voltou-se rapidamente e, sem desviar os olhos da pobre de espírito, ficou espedada junto à cadeira de Varvara Petrovna.

— Senta-te, Dacha — disse Varvara Petrovna com uma calma assustadora —, maisperto, isso, assim; também sentada podes olhar para esta senhora. Conhece-la?

— Nunca a tinha visto — respondeu Dacha baixinho e, depois de uma pausa, acrescentou: — Deve ser a irmã doente do tal Senhor Lebiádkin.

— Também eu a vejo agora pela primeira vez, minha alminha, embora há muito tenha grande curiosidade em conhecê-la porque em cada seu gesto vejo grande educação— gritou Mária Timoféevna, entusiasmada. — Ora, o meu criado ficou raivoso consigo, mas... seria possível que uma menina tão educada se apropriasse do dinheiro dele? Porque, da minha parte, só lhe digo: a menina é querida, querida, querida! — concluiu num arrebatamento, abanando a mão.

— Compreendes alguma coisa? — perguntou Varvara Petrovna com uma dignidadeorgulhosa.

— Compreendo tudo...

— Ouviste isso do dinheiro?

— Pelos vistos, trata-se daquele dinheiro que eu, ainda na Suíça, a pedido de Nikolai Vsevolodovitch, me encarreguei de entregar a este Senhor Lebiádkin, irmão dela.

Silêncio.

— Foi o próprio Nikolai Vsevolodovitch quem te pediu que lhe entregasses o dinheiro?

— Ele queria muito mandar aquele dinheiro ao Senhor Lebiádkin, trezentos rublos. Mas como não sabia o endereço dele, sabia apenas que este senhor viria para a nossa cidade, encarregou-me de lhe fazer a entrega, caso o senhor Lebiádkin entretanto chegasse.

— Então, que dinheiro foi esse... que desapareceu? A que dinheiro se referia esta mulher?

— Disso não sei nada, apenas me chegaram aos ouvidos uns rumores de que o Senhor Lebiádkin andava a falar de mim, em voz alta, dizendo que eu não lhe entreguei o dinheiro todo; mas não compreendo do que se trata. Deram-me trezentos rublos para trazer, foram trezentos rublos que entreguei.

Dária Pávlovna já estava quase calma. De uma maneira geral, era difícil espantar e fazer perder o tino a esta moça por muito tempo — independentemente do que ela, no seu fundo, sentisse. Nesta circunstância, todas as suas respostas foram dadas sem pressa; respondia a cada pergunta com exatidão, em voz baixa e regular, sem qualquer vestígio da sua repentina emoção inicial, e sem qualquer embaraço que pudesse revelar consciência de culpa. Varvara Petrovna não desviava os olhos de Dacha enquanto esta falava e, quando ela acabou, ficou pensativa um bom minuto.

— Uma vez que — disse por fim, com firmeza, e dirigindo-se visivelmente a todos os presentes, embora só olhasse para Dacha —, uma vez que Nikolai Vsevolodovitch nem sequer se dirigiu a mim com esse pedido, mas a ti, tinha com certeza as suas razões para o fazer. Não me acho no direito de as devassar, já que são um segredo que não me querem revelar. Porém, basta a tua participação pessoal neste assunto para me deixar perfeitamente descansada, quero que o saibas antes de mais. No entanto, bem vês, mesmo com a consciência tranquila, podes ter sido capaz de cometer alguma imprudência, pelo fato de não conheceres as relações em sociedade; na verdade, foi o que fizeste ao aceitares entrar em contato com um canalha. Os boatos postos a correr por este pulha confirmam o teu erro. Mas eu vou descobrir quem ele é

e, como sou a tua protetora, saberei defender-te. E agora é preciso acabar com isto.

— Será melhor que a senhora, quando ele vier, o mande para o quarto dos criados— intrometeu-se de rompante Mária Timoféevna, soerguendo-se na sua poltrona. — Que jogue lá cartas com eles, e nós tomamos café aqui. Ainda se lhe pode mandar uma xícara de café, vá lá, mas desprezo-o profundamente.

E abanou expressivamente a cabeça.

— É preciso acabar com isto — repetiu Varvara Petrovna, depois de ouvir com atenção Mária Timoféevna. — Peço-lhe que toque a campainha, Stepan Trofímovitch.

Stepan Trofímovitch tocou e logo deu um passo em frente, cheio de emoção.

— Eu... eu... — balbuciou, febril, corando, titubeando e gaguejando — eu também ouvi uma história abominável, ou, melhor dizendo, uma calúnia, e então... estou indignadíssimo... *enfin, c'est un homme perdu et quelque chose comme un forçat évadé...*¹⁴⁹

Não acabou; Varvara Petrovna, cerrando os olhos, observou-o dos pés à cabeça. Entrou o cerimonioso Aleksei Egóritch.

— Coche — ordenou-lhe Varvara Petrovna —, e tu, Aleksei Egóritch, prepara-te:levas a Senhora Lebiádkina a casa, ela própria te indica aonde.

— O Senhor Lebiádkin, ele próprio, há já algum tempo que está à espera dela lá embaixo e tem insistido para que eu o anuncie.

— Isso é impensável, Varvara Petrovna — intrometeu Mavríki Nikoláevitch, preocupado. — Se a senhora me permite, direi que ele não é pessoa que possa ser recebida em sociedade, é... é... um homem impossível, Varvara Petrovna.

— Aguardar — dirigiu-se Varvara Petrovna a Aleksei Egóritch, que desapareceu.

— *C'est un homme malhonnête et je crois même que c'est un forçat évadé ou quelque chose dans ce genre*¹⁵⁰ — voltou a murmurar Stepan Trofímovitch, corou de novo e calou-se.

— Lisa, são horas de irmos embora — disse Praskóvia Ivánovna com repulsa e soergueu-se do seu lugar. Parecia já lamentar que, havia pouco, tivesse chamado estúpida a si mesma. Quando Dária Pávlovna falava, ela ouvia-a com um trejeito arrogante nos lábios. Entretanto, o que mais me espantava era o ar de Lisaveta Nikoláevna desde a entrada de Dária Pávlovna; brilhavam-lhe nos olhos um ódio e um desprezo bem evidentes.

— Espera mais um minutinho, Praskóvia Ivánovna, peço-te — deteve-a Varvara Petrovna com a mesma calma extraordinária —, faz-me o favor de te sentares, quero dizer tudo, e tu tens as pernas doentes. Isso, assim, obrigada. Há pouco saí das marcas e disse-te algumas palavras impacientes. Perdoa-me, por favor; fui estúpida e arrependo-me, porque gosto de justiça em tudo. Mencionaste um anônimo qualquer e estavas forade ti quando o fizeste. Qualquer calúnia anônima apenas merece desprezo, até pelo fato de não ter assinatura. Se, no teu entender, não é assim, lamento. Em todo o caso, no teu lugar eu não meteria a mão no bolso para tirar essa porcaria para fora, evitaria sujar-me. Mas tu sujaste-te. Mas, já que começaste, devo dizer-te que também recebi uma carta anônima há seis dias. Uma carta zombeteira. Nessa carta, um canalha qualquer tenta convencer-me de que Nikolai Vsevolodovitch enlouqueceu e que tenho de ter cuidado com uma mulher coxa qualquer que “vai desempenhar no meu destino um papel extraordinário”, decorei a expressão. Depois de refletir, e sabendo eu que Nikolai Vsevolodovitch tem muitos inimigos, mandei imediatamente chamar uma pessoa, um dos seus inimigos secretos dos mais vingativos e, pela conversa com ele, fiquei conhecendo a origem desprezível do anônimo. Se também a ti, minha pobre Praskóvia Ivánovna, te incomodaram *por minha causa* com

semelhantes cartas desprezíveis e, como disseste, te “bombardearam” com elas, é evidente que lamento ser a causa disso, sem ter qualquer culpa. É tudo o que te queria dizer como esclarecimento. Tenho pena de te ver tão cansada e tão fora de ti. Além disso, resolvi definitivamente deixar entrar esse homem suspeito, a propósito do qual Mavríki Nikoláevitch utilizou uma expressão pouco adequada: que é impossível *recebê-lo*. A Lisa, sobretudo, não tem nada que ficar aqui. Anda cá, Lisa, minha amiga, deixa-me beijar-te mais uma vez.

Lisa atravessou a sala e parou, em silêncio, em frente de Varvara Petrovna. Esta deu-lhe um beijo, pegou-lhe nas mãos, afastou-a um pouco de si e olhou para ela com profundo sentimento, depois benzeu-a e beijou-a de novo.

— Então, adeus, Lisa — a voz de Varvara Petrovna parecia embargada pelas lágrimas —, acredita que nunca deixarei de gostar de ti, seja qual for o teu destino a partir de hoje... Vai com Deus. Sempre dei graças pela mão santa d’Ele...

Queria acrescentar qualquer coisa, mas conteve-se e calou-se. Lisa foi para o seu lugar, sempre silenciosa e como que absorta, mas de repente parou diante da mãe.

— Não me vou embora ainda, mamãe, fico aqui com a tia mais algum tempo — disse em voz baixa, mas soava nas palavras dela uma férrea determinação.

— Meu Deus, o que é isto?! — vociferou Praskóvia Ivánovna, erguendo as mãos sem forças. Mas Lisa não respondeu e pareceu nem sequer ter ouvido; sentou-se no mesmo canto e pôs-se a olhar sem ver nada.

O rosto de Varvara Petrovna iluminou-se com uma expressão de triunfo e orgulho.

— Mavríki Nikoláevitch, tenho um grande pedido a fazer-lhe: faça-me o favor de ir lá embaixo, de olhar para aquele homem e, se houver

alguma possibilidade de o deixar entrar, traga-o cá.

Mavríki Nikoláevitch fez-lhe uma vênia e saiu. Um minuto depois trazia o SenhorLebiádkin.

IV

J á tive ocasião de falar uma vez do aspecto físico deste senhor: alto, de cabelo encaracolado, robusto, dos seus quarenta anos, com a cara rubra e um pouco entumecida e balofa, com as bochechas a estremecerem a cada movimento da cabeça, os olhinhos pequenos, raiados de sangue, às vezes bastante manhosos, com bigode, suíças e um pomo-de-Adão carnudo bastante repugnante. Porém, o que mais espantava nele era o fato de aparecer agora de casaca e camisa limpa. “Há pessoas para quem vestir uma camisa limpa chega a ser indecoroso”, replicara uma vez Lipútin quando Stepan Trofímovitch, por brincadeira, o censurou por ele andar tão desleixado. O capitão tinha trazido, inclusivamente, as luvas pretas: segurava numa mão a direita, ainda por estrear; a esquerda, enfiada a custo e sem possibilidade de ser abotoada, cobria apenas metade da sua mãozorra carnuda com que, por sua vez, segurava um chapéu redondo, absolutamente novo e reluzente. Daí que a “casaca de amor” de que o Chátov falava na véspera existia realmente. Tudo isto, ou seja, a casaca e a camisa, fora adquirido a conselho de Lipútin (como eu viria a saber depois), para quaisquer fins misteriosos. Não havia dúvidas também de que se deslocara agora (em coche alugado) por incitação de uma qualquer pessoa e com a ajuda dela; sozinho não se lembraria disso, tal como não conseguiria vestir-se, preparar-se e ousar aparecer em apenas três quartos de hora, mesmo supondo que tivesse sabido de imediato da cena no átrio da catedral. Não estava bêbado, mas naquele estado penoso, pesado, enevoado da pessoa que acaba de acordar depois de muitíssimos dias de bebedeira. Parecia que bastaria deitar-lhe a mão ao ombro e fazê-lo oscilar duas vezes para ficar bêbado outra vez.

Queria irromper na sala de cabeça erguida, mas tropeçou logo à entrada no tapete. Mária Timoféevna desfez-se em riso. O homem lançou-lhe um olhar feroz e, com brusquidão, deu alguns passos na direção de Varvara Petrovna.

— Vim cá, minha senhora... — ribombou como de dentro de um tubo.

— Faça o obséquio, excelentíssimo senhor — endireitou-se Varvara Petrovna —, de se sentar naquele lugar, naquela cadeira. Se falar de lá ouvi-lo-ei na mesma, além de que me será mais fácil vê-lo.

O capitão estacou, ficando a olhar em frente como um lorpa, mas lá deu meia-volta e foi sentar-se no lugar indicado, junto à porta. A sua fisionomia revelava uma falta de confiança em si próprio muito forte e, ao mesmo tempo, um descaramento e uma espécie de irritação permanente. Era evidente que estava terrivelmente intimidado, mas, picado no seu amor-próprio, era possível adivinhar-se que, apesar da sua covardia, elese poderia decidir por uma qualquer afronta descarada. Para já, parecia ter medo de cada desajeitado movimento do seu corpo. É sabido que o maior tormento de semelhantes indivíduos, quando, por milagre, aparecem em sociedade, são as próprias mãos e a impossibilidade, a cada instante consciente, de saberem onde metê-las de modo conveniente. O capitão imobilizou-se na cadeira com o seu chapéu e as suas luvas nas mãos, sem desviar o olhar atônito do rosto severo de Varvara Petrovna. Talvez a sua vontade fosse observar melhor tudo à sua volta, mas por enquanto não ousava. A sua irmã Mária Timoféevna, voltando talvez a considerar que a figura dele era extremamente cômica, de novo se riu, mas ele nem se mexeu. Varvara Petrovna, cruel, demorou-o um minuto inteiro nesta situação, examinando-o implacavelmente.

— Primeiro, permita que eu me inteire do seu nome pela sua própria boca — pronunciou Varvara Petrovna, pausada e expressivamente.

— Capitão Lebiádkin — ribombou o capitão. — Vim cá, minha senhora... — começou a remexer-se.

— Perdão! — voltou a interrompê-lo Varvara Petrovna. — Esta humilde criatura, por quem tenho grande interesse, é realmente sua irmã?

— É minha irmã, minha senhora, e iludiu a vigilância que se lhe faz, porque o estado dela...

De repente, enrubescou e titubeou.

— Não o entenda erradamente, minha senhora — atrapalhou-se muito —, como irmão eu não conspiraria... quando digo o estado dela não me refiro àquele estado... que no fim do estado... mancha as reputações...

Interrompeu-se bruscamente.

— Excelentíssimo senhor! — Varvara Petrovna ergueu a cabeça.

— Neste estado! — concluiu de súbito o capitão, espetando o dedo no meio da sua própria testa. Seguiu-se um momento de silêncio.

— E então, há muito tempo que ela sofre disso? — perguntou Varvara Petrovna, esticando um pouco as palavras.

— Minha senhora, vim cá para lhe agradecer, à russa, fraternalmente, a magnanimidade de que deu provas no átrio da igreja...

— Fraternalmente?

— Quer-se dizer, fraternalmente não, apenas no sentido de que sou irmão da minha irmã, minha senhora, e acredite, minha senhora — metralhou ele, voltando a enrubescer —, que não sou tão inculto como possa parecer à primeira vista nesta sua sala. Eu e a minha irmã não somos nada, minha senhora, em comparação com o luxo que vemos

aqui. Ainda por cima, vítimas de caluniadores. Mas quanto à reputação, Lebiádkin orgulha-se, minha senhora, e... e... veio cá para agradecer... Aqui está o dinheiro, minha senhora!

Tirou a carteira do bolso, arrancou de lá um maço de notas e começou a revirá-las com os dedos num acesso frenético de impaciência. Via-se que tinha grande vontade de esclarecer qualquer coisa o mais depressa possível e que precisava muito disso; mas, sentindo por certo que aquele seu afobamento com o dinheiro lhe dava um ar ainda mais estúpido, perdeu o derradeiro autodomínio que ainda tinha; o dinheiro nunca maisqueria deixar-se contar, os dedos atrapalhavam-se e, para cúmulo da vergonha, uma nota verde, deslizando da carteira, caiu esvoaçando no tapete.

— Vinte rublos, minha senhora — saltou bruscamente do lugar, com o maço de notas na mão e a cara coberta pelo suor do sofrimento; dobrou-se para apanhar a nota do chão mas, envergonhado, desistiu e abanou a mão.

— Esta fica para os seus criados, minha senhora, fica para o criado que a vai apanhar; para que se lembre da Lebiádkina!

— Não o posso permitir de modo algum — disse Varvara Petrovna muito rapidamente e com ar de algum susto.

— Nesse caso...

Inclinou-se, apanhou a nota, pôs-se muito vermelho e, aproximando-se de repente Varvara Petrovna, estendeu-lhe o dinheiro já contado.

— O que é isto? — assustou-se ela definitivamente e até recuou o tronco para o espaldar da poltrona. Mavríki Nikoláevitch e Stepan Trofímovitch deram um passo em frente.

— Tenham calma, tenham calma, eu não sou louco, juro por Deus que não sou! — garantia o capitão, emocionado, virando-se para todos os lados.

— Não, caríssimo, o senhor endoideceu.

— Minha senhora, não é nada do que pensa! Eu sou sem dúvida um elo insignificante... Oh, minha senhora, os seus aposentos são ricos, mas são pobres os da Maria Desconhecida, minha irmã, com nome de solteira Lebiádkina, mas a quem, de momento, vamos chamar Maria Desconhecida, de momento, minha senhora, apenas *de momento*, porque o próprio Deus não deixará que ela o seja para sempre! Minhasenhora, deu-lhe dez rublos, e ela aceitou mas só porque vieram de *si*, minha senhora! Está ouvindo, minha senhora? Esta Desconhecida Maria de mais ninguém no mundo aceitará dinheiro, quando não tremerá no túmulo o seu avô, capitão do exército morto no Cáucaso, aos olhos do próprio Ermólov,¹⁵¹ mas de si, minha senhora, ela aceitará tudo. Mas, ao aceitar dez com uma mão, com a outra logo lhe entregará vinte como doação para um dos comitês de caridade da capital de que a minha senhora é um dos membros... porque a senhora mesma, minha senhora, mandou publicar no *Notícias de Moscou* que mantém um livro de beneficência onde cada qual pode subscrever...

O capitão, de repente, fez um corte no seu discurso; respirava a custo, como depois de uma façanha difícil. Tinha por certo preparado de antemão todo o discurso sobre o comitê de beneficência, talvez também sob a supervisão de Lipútin. Transpirava ainda mais, formaram-se-lhe gotas de suor nas têmporas. Varvara Petrovna penetrava-o com o olhar.

— Esse livro — disse ela com severidade — está sempre lá embaixo, com o porteiro da minha casa, e lá, se quiser, pode fazer a sua subscrição. Por isso, peço-lhe que guarde o seu dinheiro e deixe de o abanar. Assim mesmo. Peço-lhe também que volte a ocupar o seu lugar. Assim mesmo. Lamento muito, excelentíssimo senhor, que me tenha enganado relativamente à sua irmã e que lhe tenha dado uma esmola quando ela é tão rica. Só não compreendo por que é que ela apenas a pode aceitar vinda de mim e dos outros já não. O senhor

insistiu tanto nisso que gostaria de ouvir uma explicação muito cabal da sua parte.

— Minha senhora, é um segredo que apenas pode ser guardado no túmulo! — respondeu o capitão.

— Por quê? — perguntou Varvara Petrovna, mas já com menos firmeza.

— Minha senhora, minha senhora!...

E calou-se sombriamente, olhando para o chão e pondo a mão direita no coração. Varvara Petrovna continuava à espera, sem desviar os olhos dele.

— Minha senhora! — rugiu ele de repente. — Permitirá a senhora que eu lhe faça uma pergunta, só uma, mas abertamente, com frontalidade, à russa, do fundo da alma?

— Faça o favor.

— A senhora já alguma vez sofreu?

— O senhor quer, simplesmente, dizer que alguém o fez sofrer, ou que está sofrendo.

— Minha senhora, minha senhora! — de novo saiu bruscamente do lugar, pelos vistos sem ele próprio reparar nisso, batendo com o punho no peito. — Aqui, neste coração, acumulou-se tanta coisa, mas tanta, que o próprio Deus vai ficar espantado quando descobrir isso no Juízo Final!

— Humm, esta foi forte.

— Minha senhora, talvez eu me exprima numa linguagem irritadiça...

— Não se preocupe, sei quando é preciso fazê-lo parar.

— Posso propor-lhe mais uma pergunta, minha senhora?

— Proponha.

— É possível morreremos unicamente por nobreza de alma?

— Não sei, nunca fiz a mim mesma tal pergunta.

— Não sabe! Nunca fez a si mesma esta pergunta! — gritou ele com uma raiva patética. — Mas se for, se for assim...

Cala-te, coração desesperado!

E bateu freneticamente com o punho no peito.

Voltou a andar pela sala. Uma das características desta gente é a incapacidade total que tem de conter os seus desejos; pelo contrário, tem uma ânsia irrefreável de os revelar imediatamente, sem qualquer controle, mal eles nasçam. Quando calha a um senhor destes entrar num ambiente que lhe é estranho, começa por se comportar, normalmente, com timidez, mas, se lhe cedermos um pouco que seja, passa de imediato para o descaramento. O capitão já começava a aquecer, já andava, já abanava as mãos, já não ouvia as perguntas, falava já só a seu respeito, às vezes enredava-se-lhe a língua ao não acabar uma frase e ao saltar logo para outra. Na verdade, era pouco provável que estivesse completamente sóbrio; além disso, estava também presente Lisaveta Nikoláevna, para quem não olhou uma única vez, mas a presença dela dava-lhe voltas à cabeça. Aliás, isto são apenas especulações. Mas devia com certeza haver alguma razão para Varvara Petrovna ter resolvido ouvir semelhante criatura. Praskóvia Ivánovna tremia, literalmente, de medo, mesmo sem perceber o que se passava. Stepan Trofímovitch também tremia, mas este pela razão contrária, por ter sempre tendência para compreender excessivamente. Mavríki Nikoláevitch arvorava a sua pose de protetor geral. Lisa estava caladinha e, sem desviar os olhos, observava o selvagem capitão. Chátov mantinha a mesma posição. O mais curioso, porém, era o fato de Mária Timoféevna não só ter deixado de rir mas de ter ficado de

repente muito triste. Apoiava o cotovelo direito na mesa e seguia com um olhar longo e triste as declamações do seu irmãozinho. Dária Pávlovna era a única que me parecia calma.

— Tudo isso são alegorias absurdas — irritou-se finalmente Varvara Petrovna. — Perguntei-lhe: “Por quê?” e o senhor não respondeu à minha pergunta. Estou à espera da resposta e insisto em que ma dê.

— Não respondi ao seu “por quê”? Está à espera da minha resposta ao seu “por quê”? — repetiu o capitão, piscando o olho. — Esta pequenina palavra “por quê” está diluída no universo desde o primeiro dia da criação, minha senhora, e toda a gente grita, a cada instante, ao seu Criador: “Por quê?”... e há já sete mil anos que não recebe a resposta. Será que deve ser o Capitão Lebiádkin, sozinho, a dar a resposta? E será isto justo, minha senhora?

— São disparates, nada disso me interessa! — Varvara Petrovna indignou-se e perdeu a paciência. — São alegorias; além disso, o senhor permite-se falar com demasiada pompa, o que considero um atrevimento.

— Minha senhora — o capitão não a ouvia —, talvez eu desejasse chamar-me Ernest, mas sou obrigado a carregar com o grosseiro nome de Ignat... Por que, o que acha a senhora? Bem gostaria de me chamar Príncipe de Monbart, e no entanto sou apenas Lebiádkin... Por quê? Sou poeta, minha senhora, no fundo da minha alma sou poeta e poderia receber mil rublos do editor, e no entanto sou obrigado a viver num comedouro de animais. Por quê, por quê? Minha senhora! A meu ver, a Rússia é apenas um jogo da natureza, nada mais!

— O senhor é mesmo incapaz de dizer alguma coisa concreta?

— Posso recitar-lhe a peça “A barata”, minha senhora!

— O quêêê?

— Minha senhora, ainda não estou louco! Hei de ficar louco, de certeza, mas por enquanto não! Minha senhora, um amigo meu... uma no-bi-lís-si-ma pessoa!... escreveu uma fábula de Krilov¹⁵² com o título de “A barata”. Posso recitar-lha?

— O senhor diz que quer recitar uma fábula de Krilov?

— Não, não é uma fábula de Krilov que desejo recitar, mas a minha própria fábula, de minha própria autoria! Acredite, minha senhora, sem qualquer ofensa para si, que não sou a tal ponto inculto e depravado, que não perceba que a Rússia possui um grande fabulista chamado Krilov a quem o ministro da educação ergueu um monumento no Jardim de Verão para as brincadeiras próprias da idade infantil. A senhora pergunta-me: “Por quê?”. A resposta reside no âmago desta fábula, escrita a letras de fogo!

— Diga lá a sua fábula.

— Digo.

*Era uma vez uma barata,
Por nascimento e decreto,
Que um dia foi parar a um copo,
De moscas gulosas repleto...*

— Meu Deus, o que é isto? — exclamou Varvara Petrovna.

— Ou seja, quando chega o verão — impacientou-se o capitão, abanando as mãos com a irritação do autor a quem interrompem a leitura —, quando chega o verão, as moscas metem-se no copo, as moscas tornam-se gulosas, qualquer parvo sabe isso, não me interrompa, não me interrompa, já vai ver, já vai ver... — Continuava a gesticular com as mãos. — Portanto,

*Como a barata ocupou o lugar delas,
As moscas muito se indignaram:
“Está cheio demais o nosso copo”,*

*A Júpiter elas clamaram.
Mas, enquanto erguiam tal alarido,
Aproximou-se Nikífor despercebido,
Era umno-bi-lís-si-mo velho...*

Pronto, a coisa ainda não acaba aqui, mas não interessa, continuarei em prosa! — disse o capitão. — O Nikífor pega no copo e, apesar do alarido, despeja toda aquela comédia na selha, moscas e barata, coisa que era preciso já ter feito há muito. Mas note, minha senhora, note, a barata não se queixa! E aqui está a resposta ao seu “por quê” — gritou ele, triunfante. — “A barata não se queixa!”. Quanto a Nikífor, ele representa a natureza — acrescentou rapidamente e pôs-se a andar pela sala, muito contente consigo próprio.

Varvara Petrovna ficou terrivelmente zangada.

— Que acusação é essa, se me permite a pergunta, que o senhor se atreveu a fazer a uma pessoa que pertence à minha casa, sobre uns dinheiros que supostamente terá recebido de Nikolai Vsevolodovitch e dos quais uma parte não lhe teria sido entregue?

— Calúnia! — rugiu Lebiádkin, levantando tragicamente a mão direita.

— Não, não é calúnia.

— Minha senhora, há circunstâncias que antes nos obrigam a suportar a desonra do que a proclamar a verdade em voz alta. Lebiádkin não dará com a língua nos dentes, minha senhora!

Parecia deslumbrado, estava inspirado, sentia a sua importância. Era uma coisa assim que, certamente, tinha imaginado. Já lhe apetecia ofender, fazer qualquer porcaria, mostrar o seu poder.

— Toque a campainha, por favor, Stepan Trofímovitch — pediu Varvara Petrovna.

— O Lebiádkin é manhoso, minha senhora! — o capitão piscou o olho e fez um sorriso repugnante. — É manhoso, mas também tem um senão, tem também preliminares das paixões! Estes preliminares são a garrafa guerreira dos hussardos, cantada por Denis Davíдов.¹⁵³ Então, quando o Lebiádkin se mete nestes preliminares, minha senhora, acontece que manda uma carta em verso a alguém, uma excelentíssima carta, mas que, depois, deseja recuperar essa carta que contém as lágrimas de toda a sua vida, porque foi violado o sentido do belo. Mas o passarinho voou, não se pode apanhá-lo! Foi sob o efeito de tais preliminares, minha senhora, que Lebiádkin deixou escapar palavras sobre uma menina nobre, em forma de nobre indignação da alma revoltada com as ofensas, o que foi aproveitado pelos caluniadores. Mas Lebiádkin é manhoso, minha senhora! E é em vão que se coloca por cima dele o lobo sinistro, enchendo-lhe a cada instante o copo e esperando pelo fim: Lebiádkin não dará com a língua nos dentes e, no fundo da garrafa, cada vez aparece mais, em vez do esperado, a Astúcia de Lebiádkin! Mas chega, oh, chega! Minha senhora, os seus magníficos aposentos poderiam pertencer à mais nobilíssima das pessoas, mas a barata não se revolta! Note, minha senhora, note finalmente que ela não se revolta e conheça o seu grande espírito!

Neste momento, embaixo, na portaria, soou a campainha e quase de imediato apareceu Aleksei Egóritch, embora não fosse suficientemente rápido a reagir ao toque de campainha de Stepan Trofímovitch. O velho criado apresentou-se num estado de invulgar excitação.

— Nikolai Vsevolodovitch acaba de chegar e vem para cá — pronunciou em resposta ao olhar interrogativo de Varvara Petrovna.

Lembro-me bem dela naquele momento: primeiro empalideceu, mas de repente os seus olhos cintilaram. Endireitou-se na poltrona com um ar de determinação invulgar. Todos os outros se mostraram também espantados. A chegada absolutamente inesperada de Nikolai Vsevolodovitch (contava-se com ele para daí a um mês, na melhor das hipóteses) era estranha não porque era súbita mas porque havia nela

uma coincidência fatal com o presente momento. Até o capitão ficou espedado como um poste no meio da sala, boquiaberto e olhando com um ar muito estúpido para a porta.

Então, na grande e comprida sala contígua soaram uns passos rápidos a aproximarem-se, uns passos miúdos e sem pausas; parecia alguém a rolar, e esse alguém irrompeu de repente pela sala de estar adentro — não era Nikolai Vsevolodovitch, mas um jovem por todos nós desconhecido.

V

Tomo a liberdade de parar um pouco e, nem que seja em traços breves, descrever esta pessoa tão subitamente aparecida.

Era um jovem dos seus vinte e sete anos, com uma altura um pouco acima da média, com o cabelo ralo, loiro e bastante comprido, um bigodinho quase indistinto e uma barbicha. Vestido asseadamente, mesmo à moda, mas sem janotice; à primeira vista parecia um pouco curvado e desajeitado, mas não o era: tinha um à vontade desembaraçado. Aparentemente, era um tanto esquisito, mas depois logo se ficava sabendo que as maneiras dele eram bastante decorosas e que a sua conversação era muito conveniente.

Ninguém dirá que seja feio, mas a sua fisionomia também não agrada. A forma da sua cabeça é alongada no sentido da nuca e como que aplainada dos lados, pelo queo seu rosto parece aguçado. A fronte é alta e estreita, mas os traços do rosto são miúdos; tem uns olhos penetrantes, um nariz pequeno e afiadinho, os lábios são uma linha comprida e fina. A expressão do seu rosto parece doentia, mas apenas parece. Tem umenrugamento seco nas faces, junto às maçãs do rosto, o que lhe dá o aspecto de alguém que se recupera de uma doença grave. No entanto, é perfeitamente saudável, forte e nem sequer alguma vez esteve doente.

Anda e mexe-se com muita rapidez, mas não tem pressa nenhuma. Parece que nada é capaz de o embarçar; em todas as circunstâncias e em qualquer sociedade será igual a si próprio. Respira autossatisfação, mas ele próprio não repara nisso.

Fala rápida, mesmo apressadamente, sem papas na língua, mas ao mesmo tempo num tom convencido. As suas ideias são tranquilas, apesar do seu ar azafamado, precisas e definitivas — o que é claramente manifesto. Tem uma pronúncia espantosamente nítida; as suas palavras caem como sementes regulares e graúdas, sempre selecionadas e prontas para servir. De início, até gostamos disso, mas depois parece-nos abominável, e precisamente por causa dessa pronúncia demasiado clara, dessas miçangas de palavras sempre prontas para o serviço. Começa a parecer-nos que a língua, na boca dele, deve ter uma forma especial, digamos que extremamente comprida e fina, extremamente vermelha e com uma ponta afiadíssima, girando sem parar e por sua própria conta.

Ora bem, foi precisamente este jovem que irrompeu pela sala de estar adentro, e, palavra de honra, pareceu-me que já vinha falando da sala contígua e que entrou assim, falando. Num instante ficou diante de Varvara Petrovna.

— ... imagine então, Varvara Petrovna — metralhava ele, como que espalhando contas de colar —, que entro e penso apanhá-lo já aqui, que já estaria aqui há um quarto de hora; chegou há uma hora e meia, encontramos-nos em casa de Kiríllov; pois já há de haver meia hora que ele partiu para cá e mandou-me vir também quando tivesse passado um quarto de hora...

— Mas quem? Quem o mandou vir cá? — quis saber Varvara Petrovna.

— Nikolai Vsevolodovitch, quem havia de ser? Será que, de fato, a senhora só agora ficou ao corrente disso? Mas a bagagem dele, pelo menos, já deve ter chegado há muito, como é possível não terem dito à

senhora? Portanto, sou o primeiro a informá-la. Aliás, podia-se mandar alguém buscá-lo; bem, na verdade, ele deve estar chegando dentro em breve e, ao que parece, numa altura que corresponde bem às expectativas dele e a alguns dos seus cálculos, pelo menos no meu entender. — Passou então o olhar pela sala e parou-o com especial atenção em Lebiádkin. — Ah, Lisaveta Nikoláevna, estou muito feliz por encontrá-la logo ao primeiro passo, tenho muito prazer em apertar-lhe a mão — voou na direção dela para agarrar a mão que Lisa lhe estendia com um sorriso alegre — e, se bem percebo, Praskóvia Ivánovna também não esqueceu o seu “professor”, nem sequer se zanga com ele como se zangava sempre na Suíça. A propósito, como passa das suas pernas, Praskóvia Ivánovna? A prescrição do clima da pátria que lhe fez a junta de médicos suíços foi correta?... Como?... emplastos?... deve ser muito eficaz. Ora, a pena que eu tive, Varvara Petrovna — já se tinha voltado rapidamente para ela —, de não ter tido tempo de encontrar a senhora naquela altura no estrangeiro para lhe exprimir pessoalmente os meus respetos, tendo ainda por cima tanta coisa para lhe dizer... Mandei para cá um aviso, para o meu velho, mas ele, como é seu costume, parece que...

— Petrucha! — gritou Stepan Trofímovitch, saindo repentinamente do seu torpor; levantou os braços e precipitou-se para o filho. — *Pierre, mon enfant*,¹⁵⁴ vê só, nem te reconheci! — Apertou-o nos braços, corriam-lhe as lágrimas dos olhos.

— Bem, calma, calma, sem tantos gestos, já chega, peço-te — murmurava velozmente Petrucha, tentando libertar-se dos abraços.

— Sou culpado para contigo, desde sempre!

— Já chega, falamos disso depois. Eu já sabia que ias começar a fazer estas cenas. Sê um pouco mais sensato, peço-te.

— Mas se já não te via há dez anos!

— Ainda menos razões para sentimentalismos...

— *Mon enfant!*

— Está bem, está bem, acredito que gostas de mim, mas tira as mãos. Estás estorvando a conversa das pessoas... Ah, chegou o Nikolai Vsevolodovitch... mas está quieto, peço-te!

De fato, Nikolai Vsevolodovitch já estava na sala; entrara sem barulho, tendo parado por um instante à porta, passeando um olhar sereno pela reunião.

Tal como quatro anos atrás, quando o vi pela primeira vez, olhar para ele deu-me um baque de espanto. Não me tinha esquecido de como ele era, nada disso; mas parece que há fisionomias que, de cada vez que aparecem, como que trazem consigo alguma coisa nova, que ainda não tínhamos descoberto, mesmo que já antes nos tivéssemos encontrado cem vezes. Ele era, por certo, o mesmo de quatro anos atrás: a mesma elegância, a mesma imponência, a mesma entrada com o mesmo ar importante; quase tão jovem, até, como antes. O sorriso ligeiro que trazia era o mesmo, oficialmente carinhoso e autossuficiente; o olhar era o mesmo, na mesma sério, na mesma ponderado e como que distraído. Em resumo, parecia que nos tínhamos despedido apenas na véspera. Porém, uma coisa me espantou: dantes, embora fosse considerado um bonitão, a sua cara tinha realmente “semelhanças com uma máscara”, como se exprimia a má-língua de algumas das nossas damas. Mas agora... agora, não sei por quê, ele pareceu-me logo à primeira vista um bonitão perfeito, incontestável e de modo nenhum se poderia afirmar que o rosto dele se assemelhava a uma máscara. Não seria porque emagrecera um pouco mais e se tornara talvez um pouco mais pálido? Ou seria uma ideia nova que luzia agora no seu olhar?

— Nikolai Vsevolodovitch! — gritou Varvara Petrovna, endireitando-se muito e sem se levantar da poltrona, fazendo-o parar com um gesto autoritário. — Pare aí, por um minuto!

Para esclarecer a terrível pergunta que, sem pausa, se seguirá a este gesto e a esta exclamação — pergunta que eu seria incapaz de imaginar vinda de Varvara Petrovna— peço ao leitor que recorde o caráter de Varvara Petrovna ao longo de toda a sua vida e a incrível impetuosidade de tal caráter em alguns momentos extraordinários. Peço também que se tenha em consideração que, apesar da invulgar firmeza de ânimo e da grande percentagem de sensatez e de delicadeza prática que ela possuía, na sua vida não foram raros os momentos em que se entregou toda, na íntegra e, se me é permitida a expressão, irrefreavelmente. Peço que, por último, se preste atenção ao fato de o presente momento poder efetivamente ser para ela um momento de tal gênero que, de súbito, como que num foco, se concentre toda a essência da vida — de tudo o que foi vivido, de todo o presente e, talvez, de todo o passado. Lembrarei também, a propósito, uma carta anônima por ela recebida, sobre a qual, havia pouco, ela, por irritação, deixara escapar algumas palavras na sua conversa com Praskóvia Ivánovna, calando porém, ao que parece, o mais de que rezava a carta; ora, era talvez nessa omissão que residia o segredo da possibilidade da tal pergunta terrível com que Varvara Petrovna se dirigiu de chofre ao seu filho.

— Nikolai Vsevolodovitch — repetiu ela, escandindo as palavras numa voz firme em que soava um terrível desafio —, peço-lhe que me diga agora mesmo, neste mesmo lugar: é verdade que esta desgraçada senhora coxa... esta, esta, olhe bem para ela!... É verdade que ela é... sua legítima mulher?

Lembro-me deste momento com nitidez; ele nem pestanejou, olhando com uma fixidez perscrutadora para a sua mãe; não aconteceu a mínima alteração no rosto dele. Por fim, esboçou um sorriso vagaroso e como que condescendente e, sem responder nada, aproximou-se sem pressa da mãe, pegou na mão dela, levou-a aos lábios e beijou-a. Então, tão forte era a sua eterna e irresistível influência sobre a mãe, que esta, também desta vez, não se atreveu a furtar-lhe a mão. Apenas olhava para ele, muito interrogativa, e todo o seu ar dizia que, mais um instante, e ela não aguentaria a incerteza.

Porém, Nikolai Vsevolodovitch continuava calado. Depois de lhe beijar a mão, voltou a passar o olhar por toda a sala e, sem pressa como antes, foi direto a Mária Timoféevna. É muito difícil descrever uma fisionomia humana em certos momentos. Ficou gravado na minha memória, por exemplo, que Mária Timoféevna, desfalecida de medo, se levantou e foi ao encontro dele de mãos juntas, como que a implorar-lhe alguma coisa; lembro-me do arrebatamento que, ao mesmo tempo, havia no olhar dela, um arrebatamento louco que quase lhe desfigurava as feições — um arrebatamento que é difícil de suportar. Talvez coexistissem nela ambas as coisas, o medo e o arrebatamento; lembro-me apenas de que me acerquei rapidamente de Mária Timoféevna (estava muito perto): pareceu-me que ela ia desmaiar.

— A senhora não pode estar aqui — disse-lhe Nikolai Vsevolodovitch num tom de voz carinhoso e melódico, ao mesmo tempo que lhe luzia nos olhos uma ternura extraordinária. Estava diante dela numa pose muito delicada, em cada gesto dele havia o mais sincero respeito. A pobre coitada balbuciou-lhe num meio sussurro ansioso, ofegante:

— Posso... agora mesmo... pôr-me de joelhos diante do senhor?

— Não, não pode de maneira alguma — esboçou um sorriso tão magnífico que ela também sorriu logo, alegremente. Na mesma voz melodiosa e convencendo-a com ternura, como a uma criança, ele acrescentou, solene: — Lembre-se de que é uma menina, e eu, embora seja seu fiel amigo, não sou seu marido nem seu pai, nem seu noivo. Dê-me a sua mão e vamos; vou acompanhá-la até ao coche e, se mo permitir, eu próprio a levo a casa.

Ela ouvia-o e, pensativa, inclinava a cabeça.

— Vamos — disse ela, suspirando e dando-lhe a mão.

Ao levantar-se, aconteceu-lhe porém uma pequena desgraça. Mária Timoféevna, com a sua perna mais curta, deve ter-se descuidado ao

pôr o pé doente no chão e caiu em cima da poltrona — se a poltrona não estivesse ali cairia redonda no chão. Num instante, Nikolai Vsevolodovitch deitou-lhe a mão e segurou-a; depois pegou-lhe firmemente pelo braço e, com uma cuidadosa atenção, conduziu-a para a saída. Mária Timoféevna, por certo amargurada pela queda, embarçou-se, corou, ficou muito envergonhada. Olhando em silêncio para o chão, coxeando muito, arrastou-se pela sala quase pendurada ao braço dele. Foi assim que saíram. Lisa — eu vi —, sabe-se lá por quê, levantou-se bruscamente da poltrona e ficou seguindo-os com um olhar imóvel enquanto eles saíam. Depois voltou a sentar-se, mas no rosto dela tinha ficado um qualquer movimento convulsivo, como se tivesse tocado num réptil.

Durante toda esta cena entre Nikolai Vsevolodovitch e Mária Timoféevna toda a gente, pasmada, se manteve em silêncio; era possível ouvir-se uma mosca a voar; porém, mal eles saíram, todos desataram a falar.

VI

Falar, aliás, pouco falavam, antes exclamavam. Estou um pouco esquecido da ordem em que tudo aconteceu, porque era uma balbúrdia. Stepan Trofímovitch ergueu os braços e exclamou qualquer coisa em francês, mas Varvara Petrovna não estava para lhe dar atenção. Até Mavríki Nikoláevitch murmurava qualquer coisa, entrecortada e rapidamente. Mas o mais exaltado de todos era sem dúvida Piotr Stepánovitch; tentava desesperadamente convencer Varvara Petrovna de qualquer coisa, com grandes gestos, mas eu tardei a perceber do que se tratava. Também a Praskóvia Ivánovna e a Lisaveta Nikoláevna se dirigia Piotr Stepánovitch e, de passagem, gritou também qualquer coisa ao seu pai — enfim, o jovem girava e girava pela sala. Varvara Petrovna, toda vermelha, saiu com brusquidão do seu lugar e gritou a Praskóvia Ivánovna: “Ouviste, ouviste o que ele acabou de lhe dizer ainda agora?”. Praskóvia Ivánovna, porém, já estava incapaz de falar e apenas murmurou umas

palavras, abanando a mão. A pobre tinha a sua própria preocupação; virava a cada instante a cabeça para Lisa e lançava-lhe olhares de medo inconsciente, mas já nem ousava pensar em levantar-se e ir-se embora antes que se levantasse a filha. Entretanto, também o capitão tinha vontade de se fisgar dali, nisso eu reparei. Ficara visivelmente assustado a partir do momento em que Nikolai Vsevolodovitch aparecera; Piotr Stepánovitch, porém, agarrou-lhe na mão e impediu-lhe a fuga.

— É necessário, necessário — vertia Piotr Stepánovitch as suas miçangas, dirigindo-se a Varvara Petrovna e não parando de tentar convencê-la. Postava-se em frente dela, enquanto a senhora, novamente sentada, o ouvia, lembro-me, com avidez; Piotr Stepánovitch conseguira finalmente apoderar-se da atenção dela. — É necessário, Varvara Petrovna. Está vendo, há aqui um mal-entendido, e há também aqui, aparentemente, muita coisa esquisita; não obstante, o caso é claro como uma vela e simples como um dedo. Compreendo perfeitamente que não fui autorizado por ninguém a falar e talvez esteja fazendo uma figura ridícula ao querer impor-me. Mas, em primeiro lugar, o próprio Nikolai Vsevolodovitch não dá qualquer importância a este assunto; além disso, há casos em que é difícil a uma pessoa dar pessoalmente os devidos esclarecimentos, precisando de encarregar terceiros da tarefa, porque é mais fácil a terceiros exporem os pormenores delicados. Acredite, Varvara Petrovna, que Nikolai Vsevolodovitch não tem culpa nenhuma de, há pouco, não ter respondido de imediato à sua pergunta, com um esclarecimento radical, apesar de o caso não passar de uma ninharia, já o conheço desde Petersburgo. Além disso, toda esta história apenas honra Nikolai Vsevolodovitch, se for obrigatório utilizar esta palavra indefinida “honra”...

— Quer o senhor dizer que foi testemunha de algum caso que deu origem a... esta confusão? — perguntou Varvara Petrovna.

— Testemunha e participante — apressou-se a confirmar Piotr Stepánovitch.

— Se me der a sua palavra de honra de que isso não atinge a delicadeza de Nikolai Vsevolodovitch no tocante aos seus sentimentos por mim, de quem ele nunca esconde na-da... e se, além disso, o senhor tiver a certeza absoluta de que, com isso, lhe dará prazer...

— Prazer dará com certeza, por isso eu próprio tenho grande prazer em fazê-lo. Estou mesmo convencido de que ele me teria pedido isso...

Era bastante estranho, mesmo fora de uma situação normal, o desejo obsessivo deste senhor caído do céu em se meter em histórias alheias. No entanto, conseguiu que Varvara Petrovna mordesse a isca ao tocá-lo num qualquer ponto sensível. Naquele momento eu ainda não conhecia bem este homem, quanto mais as intenções dele.

— Somos todos ouvidos — disse Varvara Petrovna com reserva e prudência, pouco à vontade com a sua própria condescendência.

— A história é curta, ou, se quiserem, nem sequer é uma história — começou ele a despejar as suas miçangas. — Aliás, um romancista, se não tivesse mais nada que fazer, poderia fabricar um romance a partir disto. É uma coisinha bastante interessante, Praskóvia Ivánovna, e tenho a certeza de que Lisaveta Nikoláevna ouvirá com curiosidade, porque há nisto muitos pormenores, senão estranhos, pelo menos extravagantes. Há cinco anos, em Petersburgo, Nikolai Vsevolodovitch conheceu este senhor, sim, este mesmo, o Senhor Lebiádkin, que está agora aqui boquiaberto e, ao que parece, tentou esgueirar-se. Peço desculpa, Varvara Petrovna. Aliás, aconselho-o a não fugir, senhor funcionário despedido do antigo departamento de aprovisionamento (como vê, lembro-me perfeitamente do senhor). Tanto eu quanto Nikolai Vsevolodovitch estamos a par das suas tramoias nesta cidade e, lembre-se, o senhor terá de prestar contas por elas. Peço mais uma vez desculpa, Varvara Petrovna. Nikolai Vsevolodovitch chamava naquela altura a este senhor o seu Falstaff; deve ser — esclareceu — uma qualquer personagem *burlésque* de que todos se riem e que permite que se riem dele, se lhe pagarem. Nikolai Vsevolodovitch, naqueles tempos, levava em Petersburgo uma vida por assim dizer

irônica... não posso defini-la com outra palavra, porque Nikolai Vsevolodovitch é um homem que nunca entra em desespero e, quanto ao trabalho, tinha desdém por ele. Falo apenas daquela altura, Varvara Petrovna. Este Lebiádkin tinha uma irmã, aquela mesma que ainda há pouco estava aqui. Os irmãos não tinham o seu próprio pouso e vagueavam pelas casas alheias. Ele andava debaixo das arcadas de Gostíni Dvor,¹⁵⁵ sempre com o seu antigo uniforme, e fazia parar as pessoas que lhe pareciam mais decentes; o que lhe davam de esmola gastava ele na bebedeira. A irmã, essa, vivia como um passarinho de Deus. Ajudava e servia nos quartos alugados pela côdea de pão. Aquilo era um manicômio terrível, e vou omitir as cenas daquela vida nos quartos... uma vida a que, por excentricidade, se dedicava naquela altura Nikolai Vsevolodovitch. Falo apenas daqueles tempos, Varvara Petrovna; quanto à “excentricidade”, é um termo do próprio Nikolai Vsevolodovitch. Ele é franco comigo em muitos aspectos. Mademoiselle Lebiádkina, a quem calhava muitas vezes encontrar-se com Nikolai Vsevolodovitch, ficou impressionada com a aparência dele. Ele era, por assim dizer, um diamante no pano de fundo sujo da sua vida. Sou fraco a descrever sentimentos, por isso vou omiti-los; direi apenas que a gentalha reles começou de imediato a gozar com ela, e a menina ficou angustiada. Lá, faziam sempre troça dela, mas até àquela ocorrência ela não reparava nisso. Já naquele tempo a cabeça dela não estava muito bem, mas não tanto quanto agora. Há razões para supor que na infância, graças a uma benfeitora, ela por pouco não recebeu alguma educação. Nikolai Vsevolodovitch nunca lhe prestava a mínima atenção, passando o seu tempo, principalmente, a jogar cartas com funcionários, com umas cartas velhas e ensebadas, com apostas de um quarto de copeque. Uma ocasião, porém, quando viu que a ofendiam, Nikolai Vsevolodovitch (sem querer saber do motivo) agarrou num funcionário pelos colarinhos e defenestrou-o de um primeiro andar. Não houve naquilo quaisquer indignações cavalheirescas em defesa da inocência ofendida; toda a operação foi acompanhada por uma risota geral, e o próprio Nikolai Vsevolodovitch era quem mais ria; quando tudo acabou em bem, fizeram as pazes e puseram-se a beber ponche. Ora, a inocência

ofendida é que não se esqueceu disso. Evidentemente, o resultado foi o desconchavo definitivo das suas faculdades mentais. Repito que não tenho jeito para descrever sentimentos, mas o essencial no meio daquilo tudo era o sonho. Ora, Nikolai Vsevolodovitch, nem de propósito, incitava ao sonho ainda mais; em vez de levar as coisas para a brincadeira, começou a tratar Mademoiselle Lebiádkina com um respeito inesperado. Kirílov, que assistira a tudo (um grande original, Varvara Petrovna, um homem muito brusco; talvez a senhora ainda o encontre um dia, ele está aqui agora), pois bem, o tal Kirílov, que por norma é taciturno, exaltou-se de repente e observou a Nikolai Vsevolodovitch que, ao tratar a senhora como uma marquesa, estava dando definitivamente cabo dela. É de notar que Nikolai Vsevolodovitch tinha um certo respeito por este Kirílov. E o que acha então que ele lhe respondeu? “O Senhor Kirílov supõe que eu estou rindo-me dela; pois está enganado, porque eu respeito-a de verdade, porque ela é melhor do que nós todos juntos”. Note-se que ele disse aquilo com um ar muito sério. Entretanto, durante aqueles dois ou três meses, ele, além de “como está?” e “adeus!”, não lhe disse praticamente mais nada. Eu, que estava presente, lembro-me de que a menina, por fim, chegou a um ponto tal, que já o considerava uma espécie de noivo que não se atrevia a “raptá-la” unicamente porque tinha muitos inimigos e enfrentava grandes obstáculos levantados pela família, ou qualquer coisa do gênero. A risota que isto provocava! Finalmente, quando Nikolai Vsevolodovitch já tinha de partir para aqui, deu ordens quanto a assegurar o sustento dela e, ao que parece, quanto a uma pensão anual que lhe concedia, uma pensão bastante considerável, de trezentos rublos ou mais. Enfim, digamos que da parte dele era apenas um capricho, uma fantasia de um homem precocemente cansado... podendo mesmo supor-se, como dizia o Senhor Kirílov, que aquilo era mais uma experiência de um homem farto de tudo que apenas queria saber até onde podia chegar uma aleijada louca. “O senhor”, disse Kirílov “escolheu de propósito a mais desgraçada das criaturas, uma aleijada, sujeita a espancamentos e a opróbrios constantes e, sabendo ainda por cima que, embora seja cômico, esta criatura morre de amor por si, o senhor começa intencionalmente a baralhar-lhe a cabeça, unicamente para ver o que

vai resultar daí!”. Que culpa tem um homem das fantasias de uma mulher maluca, com quem, notem, é pouco provável que tenha trocado duas frases durante aquele tempo todo?! Há coisas, Varvara Petrovna, de que não só não se pode falar de modo inteligente como até, inclusive, é uma estupidez começar a falar. Pronto, seja, era uma excentricidade... mas não se pode falar em mais nada. No entanto, agora fazem disto toda uma história... Eu estou parcialmente a par do que se passa aqui.

O narrador calou-se repentinamente e voltou-se para Lebiádkin, mas Varvara Petrovna deteve-o; a senhora estava numa fortíssima exaltação.

— Já acabou? — perguntou-lhe.

— Ainda não; para terminar, teria, se me desse licença, de interrogar este senhor sobre certas coisas... Já vai ver do que se trata, Varvara Petrovna.

— Depois; agora sossegue por um minuto, peço-lhe. Oh, como eu fiz bem em deixá-lo falar!

— E repare, Varvara Petrovna — introduziu com agilidade Piotr Stepánovitch —,será que Nikolai Vsevolodovitch podia explicar-lhe tudo isto há pouco, em resposta à pergunta da senhora... uma pergunta que foi, talvez, demasiado categórica?

— Oh, sim, demasiado!

— E não tive razão quando disse que, em certos casos, é muito mais fácil a terceiros esclarecer as coisas do que à pessoa interessada?

— Sim, sim, mas numa coisa o senhor se enganou e, lamentavelmente, vejo que continua a enganar-se.

— A sério? Em quê?

— Está vendo... Mas, não quereria o senhor sentar-se, Piotr Stepánovitch?

— Oh, se assim o deseja; eu próprio estou cansado, obrigado.

Arrastou prontamente uma poltrona e colocou-a de tal modo que ficou entre Varvara Petrovna e Praskóvia Ivánovna, sentada à mesa, e o Senhor Lebiádkin mesmo defronte de Piotr Stepánovitch, que não desviava dele os olhos nem por um instante.

— O senhor está enganado ao chamar a tudo isso “excentricidade”...

— Oh, se for apenas isso...

— Não, não, não, espere — interrompeu-o Varvara Petrovna, preparando-se por certo para falar longa e enlevadamente. Piotr Stepánovitch, mal reparou nisso, tornou-se todo ouvidos.

— Não, trata-se de uma coisa superior à excentricidade e, garanto-lhe, trata-se mesmo de uma coisa sagrada! Um homem orgulhoso e precocemente ofendido, que chegou àquela “ironia” que o senhor mencionou tão acertadamente... numa palavra, o Príncipe Harry, segundo a excelente comparação de Stepan Trofímovitch e que seria ainda mais certa se não se assemelhasse ao Hamlet, pelo menos no meu entender.

— *Et vous avez raison*¹⁵⁶ — concordou Stepan Trofímovitch com emoção e gravidade.

— Agradeço-lhe, Stepan Trofímovitch, agradeço sobretudo a si, precisamente pela sua fé inabalável em *Nicolas*, na grandeza de alma e da vocação dele. O senhor até em mim consolidou essa fé quando eu desanimei.

— *Chère, chère...* — Stepan Trofímovitch já ensaiava um passo em frente mas parou, percebendo que era perigoso interrompê-la.

— E se, ao lado de *Nicolas* — quase cantava já Varvara Petrovna — se encontrasse sempre um Horácio sereno e grande na sua resignação (esta é mais uma excelente expressão sua, Stepan Trofímovitch), então, talvez há muito ele se tivesse salvado do triste e “súbito demônio da ironia” que toda a vida o atormentou (esta do demônio da ironia é, mais uma vez, uma espantosa expressão sua, Stepan Trofímovitch). Porém, *Nicolas* nunca teve um Horácio nem uma Ofélia. Teve apenas a mãe dele, mas o que pode uma mãe, sozinha e nestas circunstâncias? Veja, Piotr Stepánovitch, para mim torna-se até muitíssimo compreensível que uma criatura como *Nicolas* possa aparecer inclusivamente naquelas espeluncas sórdidas de que o senhor falou. Agora, afigura-se-me com muita nitidez essa “ironia” da vida (é surpreendentemente certa esta sua expressão!), esta insaciável sede do contraste, este sombrio pano de fundo do cenário, em que ele surge como um diamante, de acordo com a sua expressão, Piotr Stepánovitch. Então, encontra lá uma criatura ofendida por todos, aleijada e meio louca, mas talvez, ao mesmo tempo, possuidora dos mais nobilíssimos sentimentos!

— Humm, pois... digamos que sim.

— E o senhor, depois disso, não compreende por que é que ele não goza com ela como goza com os outros todos! Oh, as pessoas! Não compreendem por que é que ele a defende dos ofensores, rodeando-a de respeito “como a uma marquesa” (este Kiríllov, pelos vistos, tem uma compreensão insolitamente profunda das pessoas, embora não tenha compreendido *Nicolas*!). Se querem saber, o que aconteceu foi uma desgraça, devida precisamente a este contraste; se a desgraçada estivesse noutra ambiente talvez não chegasse a sonhar o seu sonho desvairado. Só uma mulher, só uma mulher pode compreender isto, Piotr Stepánovitch, e que pena o senhor... isto é, não é pena que não seja mulher, mas pelo menos que não esteja em condições de o compreender desta vez!

— Ou seja, no sentido de quanto pior, melhor... compreendo, compreendo, Varvara Petrovna. É a mesma coisa que na religião:

quanto pior for a vida de um homem, ou quanto mais embrutecido ou pobre for todo o povo, com tanto maior persistência sonha com a recompensa no Paraíso, e se, ao mesmo tempo, cem mil sacerdotes se atarefarem nisso, incitando ao sonho e especulando com ele, então... compreendo-a, Varvara Petrovna, esteja descansada.

— Digamos que não é propriamente assim, mas diga-me uma coisa: será que *Nicolas*, para apagar o sonho naquele organismo desgraçado (a razão por que Varvara Petrovna utilizou, neste caso, a palavra “organismo” é-me de todo incompreensível), deveria também rir-se dela e tratá-la como a tratavam aqueles funcionários? Negaráo senhor aquela alta compaixão, aquele nobre tremor de todo o organismo com que *Nicolas*, espontaneamente, responde com toda a seriedade a Kiríllov: “Não estou gozando com ela”. Que excelsa, que santa resposta!

— *Sublime* — murmurou Stepan Trofímovitch.

— Além disso, repare: ele não é tão rico como o senhor pensa; eu é que sou rica, não ele, e naquela altura *Nicolas* não recebia quase nada de mim.

— Compreendo, compreendo tudo isso, Varvara Petrovna. — Piotr Stepánovitch mexeu-se com certa impaciência na poltrona.

— Oh, tem o meu caráter! Estou reconhecendo-me em *Nicolas*. Estou reconhecendo esta juventude, esta abertura aos ímpetos tempestuosos e terríveis... E se alguma vez o senhor e eu ficarmos amigos, Piotr Stepánovitch, o que por mim desejo com toda a sinceridade, até porque já lhe devo um grande favor, então talvez o senhor vá compreender...

— Oh, creia que, da minha parte, também o desejo muito — murmurou Piotr Stepánovitch com a voz embargada.

— Compreenderá então o impulso que, nesta nobre cegueira, nos leva mesmo a escolher uma pessoa indigna de nós em todos os aspectos, uma pessoa que não nos compreende em todos os sentidos,

pronta a martirizar-nos na primeira ocasião, e é esta pessoa, contra tudo e contra todos, que elevamos a uma espécie de ideal, de sonho, concentrando nela todas as nossas esperanças, venerando-a, amando-a durante toda a nossa vida, sem sabermos absolutamente por quê... Oh, o que eu sofri em toda a minha vida, Piotr Stepánovitch!

Stepan Trofímovitch pôs-se a procurar doentiamente o meu olhar; esquivei-me atempo.

— E ainda há pouco, há pouco... oh, como me sinto culpada para com *Nicolas!*... Pode não acreditar, mas olhe que me atormentaram de todos os lados, todos, toda a gente, os inimigos, a gentalha, os amigos; os amigos talvez mais do que os inimigos. Quando me mandaram aquela desprezível primeira carta anônima, eu (não sei se vai acreditar) não arranjei em mim o desprezo suficiente como resposta a toda esta maldade raivosa... Nunca, nunca me perdoarei esta minha fraqueza!

— Já ouvi qualquer coisa sobre essas cartas anônimas que circulam por aí — animou-se de repente Piotr Stepánovitch —, e encontrarei os autores, fique descansada.

— O senhor não imagina as intrigas que começaram a armar-se aqui!... Até a nossa pobre Praskóvia Ivánovna atormentaram... e por que terá ela de sofrer? Talvez eu seja muito culpada para contigo, minha pobre Praskóvia Ivánovna — acrescentou Varvara Petrovna num magnânimo impulso de ternura, se bem que com uma certa dose de ironia triunfante.

— Deixe lá isso, mãezinha — murmurou esta a contragosto. — A meu ver, seria melhor acabar com tudo isto; já foram ditas coisas demais... — e voltou a olhar timidamente para Lisa; mas esta não desviava os olhos de Piotr Stepánovitch.

— Ora, quanto a esta criatura desgraçada, a esta pobre coitada, a esta louca que perdeu tudo e apenas conservou o coração, tenho agora a intenção de a perfilhar — exclamou de chofre Varvara Petrovna. — É

um dever meu e vou cumpri-lo religiosamente. A partir de hoje tomo-a sob a minha proteção!

— O que será ótimo, em certo sentido — animou-se por completo Piotr Stepánovitch. — Desculpe, há pouco não acabei. Refiro-me precisamente à proteção. Podem imaginar que, quando Nikolai Vsevolodovitch partiu (recomeço exatamente no ponto em que tinha parado, Varvara Petrovna), este senhor, este mesmo Senhor Lebiádkin, achou num ápice que tinha o direito de dispor da pensão atribuída, na íntegra, à sua irmã; foi o que fez. Não sei exatamente como, naquela altura, aquilo tinha sido organizado por Nikolai Vsevolodovitch, mas, passado um ano, estando ele já no estrangeiro, ao saber que passava, viu-se obrigado a alterar as disposições. Contudo, sobre isto, ignoro os pormenores, ele próprio poderá esclarecer tudo; sei apenas que a extravagante senhora foi colocada num mosteiro longínquo, com bastante conforto mas também sob uma vigilância amigável... está entendendo? Então, o que ousa fazer o Senhor Lebiádkin? O que acha? Primeiro, aplica todos os esforços para encontrar o lugar onde escondem dele a fonte tributária, ou seja, a irmã; só há pouco tempo conseguiu o seu objetivo, e então que faz? Tira-a do mosteiro, alegando um pretense direito que teria para o fazer, e trá-la diretamente para aqui. Aqui, não lhe dá de comer, espanca-a, tiraniza-a... Por último, recebe da parte de Nikolai Vsevolodovitch uma importância considerável, entra imediatamente em estado de bebedeira e, em vez de agradecimento, acaba por lançar um desafio descarado a Nikolai Vsevolodovitch, apresentando exigências absurdas e, caso lhe fosse negado um pagamento fixo de futuro, ameaçando Nikolai Vsevolodovitch com um processo em tribunal. Assim, tomou a doação voluntária de Nikolai Vsevolodovitch como um tributo... podem imaginar? Senhor Lebiádkin, é verdade tudo o que acabo de dizer nesta sala?

O capitão, que até ao momento estivera calado e de olhos baixos, deu rapidamente dois passos em frente e enrubesceu.

— Piotr Stepánovitch, o senhor procedeu comigo de forma muito cruel — dissebruscamente.

— Cruel por quê? Desculpe, mas de crueldade e de meiguice falaremos mais tarde; por agora, peço apenas que responda à minha pergunta: é verdade *tudo* o que eudisse ou não? Se achar que não é verdade, pode fazer de imediato a sua alegação.

— Eu... o Piotr Stepánovitch sabe muito bem... — murmurou o capitão, titubeante, e calou-se. É de mencionar que Piotr Stepánovitch estava sentado na poltrona, de perna cruzada, enquanto o capitão estava de pé diante dele, na mais respeitável das poses.

As hesitações do Senhor Lebiádkin, pelos vistos, não agradaram nada a Piotr Stepánovitch; a cara dele torceu-se num esgar maldoso.

— Será que o senhor deseja realmente alegar alguma coisa? — olhou significativamente para o capitão. — Nesse caso, faça o favor, está toda a gente à espera.

— O senhor sabe muito bem que eu não posso alegar nada.

— Não, não sei nada disso, ouço isso pela primeira vez; por que é que o senhor não pode, então, alegar coisa nenhuma?

O capitão calava-se, sempre a olhar para o chão.

— Permita que me retire, Piotr Stepánovitch — acabou por dizer, resolutivo.

— Não sai daqui sem dar uma resposta à minha pergunta: é verdade *tudo* o que eu disse?

— É verdade — pronunciou Lebiádkin numa voz abafada e levantou os olhos para o seu carrasco. Brotavam-lhe até da testa pérolas de suor.

— É *tudo* verdade?

— Tudo.

— Não tem nada a acrescentar ou qualquer observação a fazer? Se sentir que estamos sendo injustos, declare-o; proteste, declare em voz alta o seu descontentamento.

— Não, não tenho mais nada a dizer.

— É verdade que, há algum tempo, o senhor ameaçou Nikolai Vsevolodovitch?

— Foi... foi mais por causa da bebida, Piotr Stepánovitch... — Ergueu de repente a cabeça. — Piotr Stepánovitch! Se a honra da família e a desonra não merecida do coração vociferarem entre as pessoas, será que neste caso também a pessoa terá culpa?— rugiu ele, perdendo mais uma vez o controle.

— Mas agora, está sóbrio, Senhor Lebiádkin? — Piotr Stepánovitch espetou os seus olhos nos dele.

— Estou... sóbrio.

— Que raio significará essa honra da família e essa desonra não merecida do coração?

— Não me referia a ninguém particularmente, não queria referir ninguém... Falava de mim... — voltou a apagar-se o capitão.

— O senhor, ao que parece, ofendeu-se muito com as minhas expressões referentes à sua pessoa e à sua conduta, não é? É muito irritadiço, Senhor Lebiádkin. Desculpe, mas ainda não comecei a falar da sua conduta na sua verdadeira forma. Ainda terei de falar da sua conduta na sua verdadeira forma. Ainda falarei, sim, pode acontecer, mas para já ainda nem sequer comecei.

Lebiádkin estremeceu e cravou um olhar louco em Piotr Stepánovitch.

— Piotr Stepánovitch, só agora começo a acordar!

— Humm. Fui eu que o acordei?

— Sim, foi o senhor, Piotr Stepánovitch, dormi durante quatro anos com uma nuvem densa por cima de mim. Posso agora ir-me embora, Piotr Stepánovitch?

— Agora pode, salvo se Varvara Petrovna achar necessário...

Mas esta abanou as mãos.

O capitão fez uma vênia, depois deu dois passos na direção da porta, parou de repente, levou a mão ao coração, quis dizer qualquer coisa, não disse, precipitou-se para a saída, mas, à porta, esbarrou com Nikolai Vsevolodovitch; este afastou-se; o capitão encolheu-se todo diante dele e ficou imóvel, sem desviar os olhos dele, como um coelho olha para uma cobra. Nikolai Vsevolodovitch esperou um pouco, afastou-o brandamente com a mão e entrou na sala de estar.

VII

E stava alegre e calmo. Talvez tivesse acabado de lhe acontecer alguma coisa muito boa, ainda ignorada por nós; em qualquer caso, parecia muito contente.

— Poderás perdoar-me, *Nicolas*? — não aguentou Varvara Petrovna e levantou-se pressurosamente para ir ao encontro dele.

Mas *Nicolas* soltou uma risada sincera.

— Já sabia! — exclamou, benévolo e em tom de brincadeira. — Vejo que os senhores já estão a par de tudo. Ora, eu, depois de ter saído daqui, pus-me a pensar: “Deveria ter contado ao menos uma anedota. Porque... como é que se pode sair assim?”. Mas lembrei-me de que ficara convosco o Piotr Stepánovitch e deixei de me preocupar.

Enquanto falava, ia olhando rapidamente em volta.

— Piotr Stepánovitch contou-nos uma velha história petersburguense sobre a vida de um excêntrico — disse com arrebatamento Varvara Petrovna —, sobre um homem caprichoso e doido mas sempre com pensamentos elevados, sempre cavalheiresco e nobre...

— Cavalheiresco? Chegaram a um tal ponto? — riu *Nicolas*. — De resto, agradeço muito, desta vez, a prontidão de Piotr Stepánovitch. — Aqui, trocou um rápido olhar com ele. — *Maman*, deve ser informada de que Piotr Stepánovitch é um apaziguador universal; é o papel dele, o seu cavalo de batalha e, sob este aspecto, recomendo-lho vivamente. Estou já a imaginar o que foi que ele vos escreveu aqui. Exatamente: ele, quando fala, escrevinha; na cabeça dele há todo um escritório. Reparem os senhores que, sendo ele realista, é incapaz de mentir, e a verdade, para ele, é mais valiosa do que o êxito... excluindo, evidentemente, aqueles casos especiais em que o êxito vale mais do que a verdade. — Ao dizer isto, Nikolai Vsevolodovitch continuava a olhar à sua volta. — Sendo assim, *maman*, bem vê que não é a senhora quem me deve desculpas e que, a haver aqui alguma loucura, será sem dúvida e antes de mais da minha parte, porque afinal de contas eu sou maluco... uma vez que é preciso fazer jus à minha reputação local...

Neste ponto, abraçou a mãe com ternura.

— Em todo o caso, este assunto já está resolvido e explicado, pelo que podemos deixar de falar nele — acrescentou e, na sua voz, soou uma nota firme e seca. Varvara Petrovna apanhou esta nota; porém, a exaltação dela não diminuía, antes pelo contrário.

— Só te esperava daqui a um mês, *Nicolas*.

— É evidente que lhe explicarei tudo, *maman*, mas antes disso...

E dirigiu-se a Praskóvia Ivánovna.

Esta, porém, mal voltou a cabeça para ele, apesar de, meia hora antes, ter ficado aturdida com a primeira chegada dele. A senhora, de momento, tinha outras preocupações: a partir do momento em que o capitão, à saída, esbarrara com Nikolai Vsevolodovitch, Lisa tinha começado primeiro a rir-se, baixinho, impulsivamente, mas depois o riso dela foi crescendo, crescendo, tornando-se cada vez mais alto e distinto. Ficou toda corada. O contraste com o seu anterior ar sombrio era extraordinário. Enquanto Nikolai Vsevolodovitch falava com Varvara Petrovna, Lisa, por duas vezes, chamou Mavríki Nikoláevitch com um gesto de mão, como que para lhe sussurrar qualquer coisa; mas bastou ele inclinar-se para Lisa e logo esta desatou a rir-se. Era possível que se risse precisamente do pobre Mavríki Nikoláevitch. De resto, ela tentava visivelmente conter-se, apertando o lenço contra a boca. Com o ar mais inocente e ingênuo deste mundo, Nikolai Vsevolodovitch dirigiu-se a ela para a cumprimentar.

— O senhor desculpe — disse ela muito depressa —, o senhor... o senhor por certo viu Mavríki Nikoláevitch... Meu Deus, que estatura impressionante o senhor tem, Mavríki Nikoláevitch!

E de novo foi acometida pelo riso. Mavríki Nikoláevitch era de fato um homem alto, mas nada de impressionante.

— O senhor... chegou há muito? — murmurou ela, mal contendo o riso, envergonhando-se até, mas de olhos cintilantes.

— Há mais de duas horas — respondeu *Nicolas*, observando-a com atenção. É de notar que ele se mantinha extremamente reservado e educado, mas, tirando a educação, tinha um ar de perfeita indiferença e até de moleza.

— E onde vai o senhor instalar-se?

— Aqui.

Varvara Petrovna também observava Lisa mas, de súbito, veio-lhe à cabeça uma ideia que a espantou.

— Mas... *Nicolas*, onde estiveste então até agora, estas duas horas e tal? — aproximou-se dele. — O trem chega às dez.

— Primeiro, levei Piotr Stepánovitch à casa de Kiríllov, porque encontrei Piotr Stepánovitch a três estações daqui, em Matvéevo, de maneira que viemos no mesmo vagão.

— Fiquei à espera em Matvéevo desde madrugada — apoiou Piotr Stepánovitch. — De noite, os últimos vagões do nosso trem tinham descarrilhado, por pouco não quebrávamos as pernas.

— Podiam ter quebrado as pernas! — gritou Lisa. — Mamãe, mamãe, e nós que queríamos ir a Matvéevo na semana passada! Podíamos quebrar também as pernas!

— Deus nos valha! — benzeu-se Praskóvia Ivánovna.

— Mamãe, mamãe, querida mamãe, não se assuste se eu quebrar de verdade as duas pernas, porque, comigo, isso pode acontecer com toda a facilidade, a própria mamãe diz que eu ando todo o dia a galopar como uma maluca. O Mavríki Nikoláevitch acompanha-me e ampara-me, se eu ficar coxa? — De novo se desfez em gargalhadas. — Setal acontecer, não deixarei mais ninguém cumprir essa tarefa a não ser o senhor, pode contar com isso. Pois bem, digamos que quebro só uma perna... Vá lá, seja gentil, diga que isso será uma felicidade para o senhor.

— Que felicidade é viver apenas com uma perna? — carregou o sobrolho MavríkiNicoláevitch.

— Em compensação, leva-me para todo o lado, só o senhor e mais ninguém!

— Já assim a Lisaveta Nikoláevna é que me leva sempre — resmungou MavríkiNicoláevitch, ainda mais sério.

— Meu Deus, ele quis fazer um trocadilho! — exclamou Lisa, fingendo-se aterrorizada. — Mavríki Nikoláevitch, não se atreva nunca a ir por esse caminho! E... até que ponto o senhor é egoísta! Estou convencida, para bem da sua honra, que o senhor está caluniando-se a si mesmo. Pelo contrário: o senhor tentaria convencer-me, de manhã à noite, que sem uma perna me tinha tornado mais interessante! Só uma coisa é irremediável: o senhor é extremamente alto, e eu, sem perna, ficarei muito baixa... Como me levará pelo braço? Não faremos um par lá muito bonito!

E soltou um riso malsão. As piadas e as insinuações eram triviais, mas ela, pelos vistos, também não queria mostrar brilhantismo.

— Um ataque de histeria! — cochichou-me Piotr Stepánovitch. — Um copo de água já, é disso que ela precisa.

Tinha razão; um minuto depois toda a gente se afadigava em volta dela. Deram-lhe um copo de água. Lisa abraçava a mãe, beijava-a sofregamente, chorava no ombro dela; logo a seguir endireitava-se e, perscrutando o rosto da mãe, recomeçava com o riso. Por fim, a mãe começou a choramingar. Varvara Petrovna apressou-se a levar ambas para o seu quarto, saindo pela mesma porta por onde tinha entrado Dária Pávlovna havia pouco. Mas ficaram lá pouco tempo, quatro minutos, não mais...

Estou tentando recordar agora cada pedacinho dos últimos momentos daquela manhã memorável. Lembro-me de que, quando ficamos sozinhos (sem as senhoras, excetuando Dária Pávlovna, que não se mexera do lugar), Nikolai Vsevolodovitch deu a volta por todos nós cumprimentando-nos, menos a Chátov, que continuava sentado no seu canto, cada vez mais dobrado para o chão. Stepan Trofímovitch já encetava com Nikolai Vsevolodovitch uma conversa muito espirituosa, mas este dirigiu-se apressadamente a Dária Pávlovna. Porém, pelo caminho, Piotr Stepánovitch interceptou-o quase à força e levou-o até à janela, onde começou a sussurrar-lhe qualquer coisa muito rapidamente, falando-lhe por certo de um assunto muito

importante, a julgar pela expressão do seu rosto e pelos gestos que acompanhavam os seus cochichos. Quanto a Nikolai Vsevolodovitch, ouvia-o com muita preguiça e distração, com o seu sorriso oficial, e para o fim já mostrava mesmo alguma impaciência, dando ares de que queria afastar-se. Arredou-se da janela logo que chegaram as senhoras. Varvara Petrovna sentou Lisa no mesmo lugar, assegurando que mãe e filha ficassem ainda mais dez minutos, pelo menos, a descansar, já que era pouco provável que o ar puro fosse benéfico para os seus nervos destrambelhados. Tratava Lisa com um cuidado exagerado e sentou-se ao lado dela. Também Piotr Stepánovitch, já disponível, foi ter com as senhoras imediatamente, e deu início a uma conversa ágil e divertida. Nikolai Vsevolodovitch, então, conseguiu aproximar-se finalmente de Dária Pávlovna, no seu passo vagaroso; Dacha como que balançou e saltitou no assento, visivelmente confusa, o rosto todo corado.

— Parece que posso dar-lhe os parabéns... ou ainda não? — disse ele com um certotrejeito na cara.

Dacha respondeu-lhe qualquer coisa, mas era difícil ouvir o quê.

— Desculpe-me a indelicadeza — Nikolai Vsevolodovitch levantou a voz —, mas amenina deve saber que eu fui expressamente avisado. Sabe disso ou não?

— Sim, sei que o senhor foi avisado...

— Espero bem não me ter precipitado em nada com as minhas felicitações — riu-se ele. — E se Stepan Trofímovitch...

— Os parabéns por quê, por quê? — precipitou-se de rompante Piotr Stepánovitch. — De que é que se pode felicitá-la, Dária Pávlovna? Ora, ora! Será aquilo? Cora tanto que é mais do que certo que adivinhei. Na verdade, de que mais se pode felicitar as meninas belas e decorosas e que felicitações as podem fazer corar mais? Pois bem, receba também as minhas, se for verdade que acertei, e pague a aposta: a menina lembra-se de que, na Suíça, fez uma aposta em que nunca se casaria?... Ah, sim, a propósito da Suíça... ai de mim! Imagine, foi quase por

causa disso que eu vim cá, mas ia-me esquecendo... Diz-me — virou-se rapidamente para Stepan Trofímovitch. —, quando é que vais à Suíça?

— Eu... à Suíça? — Stepan Trofímovitch ficou surpreso e embaraçado.

— O quê? Será que já não vais? Mas se tu também vais casar... não foi isso que me escreveste?

— *Pierre!* — exclamou Stepan Trofímovitch.

— *Pierre* o quê?... Como vês, já que isso te pode dar prazer, eu corri para cá para te declarar que não tenho nada contra, já que desejas ouvir a minha opinião o mais depressa possível; mas — metralhava ele — se for preciso “salvar-te”, como logo a seguir escreves e imploras na mesma carta, estou igualmente ao teu serviço. É verdade que ele se casa, Varvara Petrovna? — virou-se agilmente para ela. — Esperem que não esteja sendo indelicado; ele próprio escreve que toda a cidade já sabe e que todos lhe dão os parabéns, e que, para evitar isso, sai apenas à noite. A carta está aqui no meu bolso. Mas creia-me, Varvara Petrovna, não compreendo nada desta carta. Diz-me só uma coisa, Stepan Trofímovitch, é preciso felicitar-te ou “salvar-te”? É que não dá para acreditar: ao lado das linhas mais felizes tem outras que são mesmo desesperadas. Em primeiro lugar, pede-me desculpa; isso está bem, é próprio dele... Aliás, não posso deixar de dizer: imaginem que o homem me viu duas vezes em toda a nossa vida, e mesmo assim por acaso, e agora, de repente, ao contrair o seu terceiro matrimônio, mete-se-lhe na cabeça que está violando umas quaisquer obrigações paternas em relação a mim, implorando-me, à distância de mil verstas, que eu não me zangue com ele e lhe dê a minha autorização! Não te ofendas, por favor, Stepan Trofímovitch, é um sinal dos tempos, tenho uma visão ampla das coisas e não te censuro, e acho que isso até te honra muito, etc., etc., mas, mais uma vez, considero que o essencial consiste em que não compreendo o essencial. Há aqui uma coisa sobre uns quaisquer “pecados na Suíça”. Caso-me, diz ele, pelos pecados, ou

por causa dos pecados dos outros, já não sei bem como está isso escrito... numa palavra, “pecados”. Diz ele que “a moça é uma pérola e um diamante” e que, obviamente, ele “não é digno dela” (estilo típico); mas, por causa de uns pecados ou de quaisquer outras circunstâncias, “é obrigado a casar-se e a ir para a Suíça”, por isso, escreve ele, “por favor larga tudo e vem salvar-me”. Depois disto, será que se entende alguma coisa? Aliás... aliás, vejo pela expressão dos rostos — virava-se para todos os lados com a carta na mão, perscrutando os rostos com um sorriso inocente — que, como é habitual, acabei de cometer uma gafe... apenas por ser sincero, ou, como diz Nikolai Vsevolodovitch, por ser precipitado. É que eu pensava que aqui somos todos cá dos nossos, ou seja, dos nossos teus, Stepan Trofímovitch, dos nossos teus, porque eu, no fundo, sou um estranho, e vejo... e estou vendo que toda a gente sabe alguma coisa, e precisamente alguma coisa que eu não sei.

Continuava a olhar em volta.

— Stepan Trofímovitch escreveu-lhe exatamente que se casava “pelos pecados dos outros, cometidos na Suíça” e que o senhor corresse para cá para “o salvar”? São mesmo estas as expressões dele? — Varvara Petrovna aproximara-se de rompante de Piotr Stepánovitch, toda amarela, com o rosto desfigurado, os lábios trementes.

— Quero eu dizer... se não compreendi alguma coisa — Piotr Stepánovitch, aparentemente, assustou-se e tornou-se ainda mais frenético —, então a culpa, evidentemente, é dele, porque foi exatamente assim que escreveu. Eis a carta! Sabe, Varvara Petrovna, foi um sem-fim de cartas que ele me escreveu, e com muita frequência; nos últimos dois ou três meses era uma carta atrás de outra, e confesso que às vezes nem as lia até ao fim. Perdoa a minha estúpida confissão, Stepan Trofímovitch, mas, por favor, tens de concordar: embora as tuas cartas me fossem endereçadas, acho que escrevias mais para as gerações futuras, portanto não te deves importar... Vá lá, vá lá, não te ofendas; seja como for, tu e eu somos família! Mas, Varvara Petrovna, quanto a esta carta, a esta, li-a até ao fim. Estes “pecados” (estes

“pecados dos outros”) talvez sejam pecadinhos dele próprio e (posso apostar) dos mais inocentes, mas passou-lhe pela cabeça armar uma história terrível de contornos sublimes... e foi precisamente por causa dos contornos sublimes que tal história foi armada. Deve haver aqui um qualquer problema com as contas... há que confessá-lo, afinal de contas. O senhor, vejamos, tem um fraquinho pelo jogo das cartas... aliás, isto já vem a mais, perfeitamente a mais, peço desculpa, sou demasiado loquaz, mas juro por Deus, Varvara Petrovna, que ele me assustou e que eu, em parte, me preparei realmente para o “salvar”. Afinal, eu próprio estou envergonhado. Estarei atacando-o de faca em punho, como um credor implacável? Ele escreve aqui qualquer coisa sobre o dote... Afinal, será mesmo verdade que vais casar, Stepan Trofímovitch? Porque também és capaz disso, falas, falas, sabe-se lá o quê, mas é apenas literatura... Ah, Varvara Petrovna, tenho a certeza de que a senhora agora também me censura, e também precisamente por causa da literatura...

— Pelo contrário, pelo contrário, vejo que o senhor perdeu a paciência e, é claro, tinha razões para isso — respondeu Varvara Petrovna raivosamente.

Ouvira com um prazer maldoso toda a “verídica” erupção verbal de Piotr Stepánovitch, o qual estava claramente fazendo teatro (na altura, eu não sabia exatamente qual era o papel dele, mas que representava um papel, e até de modo bastante grosseiro, disso não tinha dúvidas).

— Pelo contrário — continuou Varvara Petrovna — agradeço-lhe muito ter falado; não saberia de nada se não fosse o senhor. Estou agora a abrir os olhos, pela primeira vez em vinte anos. Nikolai Vsevolodovitch, acaba de dizer que também foi notificado: talvez Stepan Trofímovitch também lhe tenha escrito nos mesmos moldes, não?

— Recebi dele uma carta inocentíssima e... e... muito nobre...

— Está titubeando, custa-lhe encontrar as palavras... chega! Stepan Trofímovitch, espero do senhor um enorme favor — dirigiu-se-lhe de chofre, com os olhos a chispar.— Faça-me o favor de nos livrar imediatamente da sua presença e, no futuro, nunca ultrapasse os umbrais da minha casa.

Peço ao leitor que se lembre da recente “exaltação” dela, ainda não dissipada. Também é verdade que Stepan Trofímovitch era o grande culpado! No entanto, aqui vai o que então me espantou, e muito: Stepan Trofímovitch permaneceu inabalável, com surpreendente dignidade, tanto sob o fogo do “desmascaramento” de Petrucha, sem pensar sequer em interrompê-lo, como sob a “maldição” de Varvara Petrovna. Donde lhe veio tanto ânimo? Viria a saber mais tarde que Stepan Trofímovitch estava indubitável e profundamente ofendido com o encontro que acabara de ter com o seu Petrucha, ou seja, com aqueles abraços negados. Aquilo sim, tinha sido uma profunda e *verdadeira* amargura para o seu coração, pelo menos no seu entender. Pesava também sobre ele, naquele momento, mais uma desgraça, isto é, a consciência mordente de que tinha cometido uma ignomínia — ele próprio mo viria a confessar mais tarde com toda a sinceridade. Ora, uma indubitável, uma *verdadeira* desgraça, mesmo num homem extremamente leviano como ele, é capaz de o tornar às vezes resistente e orgulhoso, pelo menos por algum tempo; mais ainda: por vezes, uma autêntica, uma verdadeira desgraça torna inteligentes até os imbecis, também provisoriamente, é claro; a desgraça tem esta particularidade. Sendo assim, o que não poderia acontecer com um homem como Stepan Trofímovitch? Uma verdadeira reviravolta — também provisória, é claro.

Com muita dignidade, Stepan Trofímovitch fez uma vênia a Varvara Petrovna, sem pronunciar uma única palavra (na verdade, não lhe restava mais nada). Estava já para sair mas não se conteve e aproximou-se de Dária Pávlovna. Esta por certo já tinha pressentido tal coisa porque, assustada, antecipou-se e começou de imediato a falar:

— Por favor, Stepan Trofímovitch, por amor de Deus, não diga nada — começou, rápida e veemente, com uma expressão sofredora no rosto e estendendo-lhe apressadamente a mão —, pode ter a certeza de que continuo a ter respeito pelo senhor como dantes... e tenho-o em alto apreço, e... pense bem de mim igualmente, Stepan Trofímovitch, que eu apreciarei muito isso, muito...

Stepan Trofímovitch fez-lhe uma vênia profundíssima.

— Está à vontade, Dária Pávlovna, sabes bem que estás absolutamente à vontade em tudo! Estavas e estás, agora e no futuro — concluiu gravemente Varvara Petrovna.

— Ah! Já estou entendendo tudo! — Piotr Stepánovitch deu uma pancada na testa com a mão. — Mas... em que situação me puseram, então? Dária Pávlovna, por favor, desculpe-me!... O que é que me fizeste, hã? — dirigiu-se ao pai.

— *Pierre*, poderias utilizar outras expressões comigo, não é verdade, meu amigo? — disse Stepan Trofímovitch em voz muito baixa.

— Não grites, por favor — abanou *Pierre* as mãos. — Isso é tudo uma questão dos teus nervos velhos e doentes, e não te servirá de nada gritares. Diz-me antes: não poderias desconfiar que eu começaria logo a falar? Por que não me avisaste?

Stepan Trofímovitch lançou ao filho um olhar perspicaz.

— *Pierre*, tu, que sabes tão bem o que se passa aqui, será que sobre este assunto não sabias nada, nadinha, será que não ouviste nada?

— O quê? Oh, gente! Então não te basta seres uma criança velha e, ainda por cima, és uma criança maldosa? Varvara Petrovna, ouviu o que ele disse?

Levantou-se um burburinho; mas aconteceu de súbito uma coisa, e de tal ordem que ninguém poderia esperar que acontecesse.

VIII

Em primeiro lugar, direi que naqueles últimos dois ou três minutos se tinham apoderado de Lisa novos impulsos; cochichava velozmente sobre qualquer coisa com a mãe e com Mavríki Nikoláevitch, que se inclinava para ela. O rosto dela revelava preocupação, mas, ao mesmo tempo, mostrava-se determinado. Por fim, levantou-se, com pressa de se ir embora e apressando a mãe, a quem Mavríki Nikoláevitch começou a levantar da poltrona. Mas o destino, pelos vistos, não queria que elas se fossem sem assistirem a tudo até ao fim.

Chátov, esquecido por todos no seu canto (perto de Lisaveta Nikoláevna) e que por certo nem saberia o que estava fazendo ali sentado e por que não se ia embora, levantou-se de rompante da cadeira e, atravessando toda a sala, num passo lento mas firme, dirigiu-se a Nikolai Vsevolodovitch, olhando-o frontalmente na cara. Já de longe, Nikolai Vsevolodovitch reparara no movimento dele e engatilhara um esboço de sorriso; porém, quando Chátov se pôs bem junto dele, deixou de sorrir.

Quando Chátov, silencioso, parou em frente dele, sem desviar os olhos, toda a gente notou isso e se calou; o último a calar-se foi Piotr Stepánovitch; Lisa e sua mãe pararam a meio da sala. Assim se passaram uns cinco segundos; à expressão de perplexidade atrevida do rosto de Nikolai Vsevolodovitch substituíra-se um trejeito de ira; carregou o sobrolho e, de repente...

E de repente Chátov ergueu o seu braço comprido e pesado e deu-lhe uma bofetada com toda a força. Nikolai Vsevolodovitch cambaleou fortemente.

Chátov, aliás, bateu-lhe de uma maneira muito especial, diferente da maneira habitual de dar bofetadas (se me é permitida a expressão): não foi bem com a palma da mão, mas com todo o punho; ora, o punho dele era grande, pesado e ossudo, sardento, com uma penugem

ruiva. Se o golpe tivesse sido dado no nariz, partia-lho de certeza. Mas acertou-lhe na face, atingindo também a comissura esquerda do lábio e os dentes superiores desse lado, dos quais correu imediatamente o sangue.

Pareceu ouvir-se um grito breve, de Varvara Petrovna, talvez — não me lembro, porque logo a seguir foi de novo o silêncio total. De resto, toda a cena não durou mais do que dez segundos. Mas muitíssima coisa aconteceu naqueles dez segundos.

Lembrarei de novo ao leitor que Nikolai Vsevolodovitch pertencia àquele gênero de caracteres que não sabem o que é o medo. No duelo, permanecia diante da pistola do adversário com todo o sangue-frio e era capaz de apontar e matar com uma calma animal. Se alguém lhe desse uma bofetada, parece-me que nem sequer o desafiaria para duelo, mas mataria de imediato o ofensor; ele era precisamente o gênero de pessoa que mata com a plena consciência de matar, sem estar fora de si. Parece-me até que nunca conheceu aqueles deslumbrantes impulsos da ira que não nos deixam raciocinar. Mesmo na raiva infinita que às vezes se apoderava dele, conseguia manter sempre um pleno autodomínio e, por essa razão, compreendia também que, se matasse fora de um duelo, seria inevitavelmente condenado a trabalhos forçados; mesmo assim, mataria o seu ofensor, e sem quaisquer hesitações.

Estudei Nikolai Vsevolodovitch ao longo dos últimos tempos e, graças a algumas circunstâncias especiais, conheço dele, agora que escrevo esta história, muitíssimas coisas. Estou talvez propenso a compará-lo a alguns senhores do passado de quem se guardam, na nossa sociedade atual, certas lembranças lendárias. Falava-se, por exemplo, do deembrista¹⁵⁷ L...n, contando-se que ele, durante toda a sua vida, procurava propositadamente o perigo e se deliciava com a sensação que o perigo lhe dava, transformando o risco numa necessidade da sua natureza; na juventude, ia para duelo pelas razões mais insignificantes; na Sibéria ia caçar o urso armado apenas de uma faca, gostava de se encontrar nas florestas siberianas com os grilhetas

foragidos que, diga-se de passagem, são mais perigosos do que os ursos. Não há dúvida de que estes senhores lendários também experimentavam o sentimento de medo, talvez mesmo de uma maneira forte — de outro modo seriam muito mais calmos e não transformariam a sensação de perigo numa necessidade da sua natureza. O que os impelia era precisamente a superação da covardia que havia neles. O que os motivava era o deleite permanente da vitória e a consciência de que não existia ninguém capaz de os vencer. O tal L...n, já antes da deportação, estava a braços com a fome e ganhava o seu pão com um trabalho duro, unicamente para não obedecer às exigências do seu pai rico, considerando-as injustas. Portanto, entendia a luta de forma multilateral; não era só nos duelos e nos combates com ursos que valorizava a sua firmeza e a sua força de caráter.

Muitos anos se passaram desde então, e a natureza nervosa, extenuada e bifurcada das pessoas de hoje não admite de modo algum a necessidade daquelas sensações espontâneas e íntegras que, outrora, alguns senhores inquietos procuravam. Pois bem, Nikolai Vsevolodovitch talvez olhasse L...n com altivez e até o considerasse um covardola fanfarrão, um galarispo — embora lhe exprimisse por certo a sua opinião em voz alta. Mataria o adversário em duelo, se necessário fosse investiria contra o urso edaria cabo de um energúmeno foragido na floresta — com o mesmo êxito e de modo tão destemido quanto L...n, mas sem qualquer sensação de prazer, unicamente por desagradável necessidade, com moleza e preguiça, até com aborrecimento. No que toca à raiva, era evidente que havia nele uma progressão, um crescendo, em comparação com L...n, até em comparação com Lérmonov.¹⁵⁸ Talvez em Nikolai Vsevolodovitch houvesse mais raiva do que naqueles dois juntos, mas era uma raiva fria e, se for possível exprimir-me assim, uma raiva calma e *razoável*, isto é, a mais abominável e terrível que pode existir. Repito: tanto naqueles tempos como agora (que já tudo acabou), sempre considerei um homem que, se recebesse um murro na cara, ou sofresse uma ofensa equivalente, mataria de imediato o seu adversário, no mesmo instante, no próprio local e sem o desafiar para duelo.

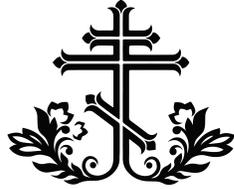
No entanto, o que aconteceu no presente caso foi diferente e estranho.

Mal endireitou o corpo, depois de ter cambaleado tão ampla e vergonhosamente por força do bofetão e quando parecia não se ter dissipado ainda o som feio, como que molhado, da punhada no seu rosto, Nikolai Vsevolodovitch agarrou Chátov pelos ombros com ambas as mãos; porém, logo a seguir, quase no mesmo instante, retirou bruscamente as mãos e cruzou-as atrás das costas. Calado e branco como uma camisa, olhava para Chátov. Mas, coisa estranha: o olhar dele parecia apagado. Uns dez segundos depois já os seus olhos estavam de novo frios e — tenho a certeza de que não minto — calmos. Apenas continuava terrivelmente pálido. É claro que não sei o que lhe ia no fundo da alma, via somente o que a aparência me deixava ver. Parece-me que se algum homem agarrasse numa barra de ferro incandescente e a apertasse na mão, com a intenção de avaliar a sua firmeza, e depois, durante dez segundos, se mantivesse assim, vencendo a dor insuportável, acabando por ultrapassá-la, um tal homem, acho eu, sofreria o mesmo que sofreu Nikolai Vsevolodovitch naqueles dez segundos.

O primeiro dos dois a baixar os olhos foi Chátov, pelos vistos porque foi obrigado a baixá-los. Depois virou-se lentamente e saiu da sala, mas não com o mesmo andar com que se aproximara do outro havia pouco. Saiu devagarinho, levantando os ombros de uma maneira muito desajeitada, cabisbaixo e como que a falar consigo mesmo mentalmente. Parecia sussurrar. Foi até à porta com muito cuidado, sem ficar preso em nada e sem derrubar nada, entreabriu a porta só um bocadinho e, para se enfiar na abertura, teve de o fazer de lado. Quando passava pela porta, o puxo de cabelo que tinha na nuca ficou mais visível.

Depois, antes de toda a gritaria, ouviu-se um grito isolado e terrível: Lisaveta Nikoláevna agarrou a mãe pelo ombro e Mavríki Nikoláevitch pela mão, deu-lhes dois ou três puxões, arrastando-os atrás de si na direção da saída, mas, de repente, soltou um grito e caiu redonda no

chão, desmaiada. Parece-me que ainda hoje ouço o barulho da sua nuca a bater no chão.



SEGUNDA PARTE

1 - A noite

I

Passaram oito dias. Agora que já tudo acabou e estou escrevendo a crônica, sabemos o que aconteceu; mas na altura ainda não sabíamos nada, e é natural que nos parecessem estranhas certas coisas. Pelo menos, eu e Stepan Trofímovitch, nos primeiros tempos, encafuamo-nos e, assustados, observávamos de longe. Eu, aliás, de vez em quando ainda saía e, como antes, levava-lhe as notícias, sem as quais ele não podia viver.

Escusado será dizer que corria pela cidade todo o gênero de boatos sobre a bofetada, o desmaio de Lisaveta Nikoláevna e os outros incidentes daquele domingo. O que mais nos espantava era o seguinte: quem poderia ter feito sair tudo isso cá para fora tão depressa e com tanto pormenor? Ao que parecia, nenhum dos que então se encontravam lá em casa tinha qualquer necessidade ou vantagem em violar o segredo do que sucedera. A criadagem não estava presente; o único que poderia ter dado com a língua nos dentes era Lebiádkin, não tanto por maldade — já que saíra de casa assustadíssimo (e sabe-se como o medo do inimigo apaga a raiva contra o mesmo inimigo) — mas, pura e exclusivamente, por incontinência. Porém, Lebiádkin, juntamente com a irmã, desapareceu de circulação logo no dia seguinte: não foi encontrado no prédio de Filíppov, tinha-se mudado para parte incerta sem deixar rastro. Quanto a Chátov, a quem eu queria pedir informações sobre Mária Timoféevna, fechou-se no seu quarto e, tudo indica, passou todos esses oito dias em casa, interrompendo os seus afazeres na cidade. Não me recebeu. Passei pela casa dele na terça-feira, bati à porta, mas não obtive resposta. Alguns incontestáveis sinais, porém, deram-me a certeza de que ele estava em

casa, pelo que voltei a bater. Então, o próprio Chátov, tendo pelos vistos saltado da cama, aproximou-se a passos largos da porta e gritou-me em alta voz: “Chátov não está!”. Posto isso, dei meia-volta e fui-me embora.

Eu e Stepan Trofímovitch, com um certo medo pela ousadia da nossa suposição, mas animando-nos um ao outro, chegamos por fim a esta conclusão: o responsável pelos boatos propagados só podia ser Piotr Stepánovitch, embora ele mesmo, passado algum tempo, viesse a afirmar numa conversa com o pai que deparara com a história já a correr em todas as bocas, sobretudo no clube, afirmando ainda que já era conhecida nos mínimos pormenores pela governadora e seu esposo. Mais uma coisa curiosa: logo no dia seguinte, segunda-feira, ao princípio da noite, encontrei Lipútin; pois bem, este já sabia tudo até à última palavra, tendo sido indubitavelmente um dos primeiros a inteirar-se.

Muitas das nossas damas (entre as mais mundanas) mostravam também curiosidade pela “manca enigmática” — assim chamavam a Mária Timoféevna. Algumas manifestaram até o desejo de se encontrarem sem falta com ela e a conhecerem pessoalmente; portanto, os senhores que se haviam apressado a esconder os Lebiádkin tinham por certo agido da maneira mais adequada. Fosse como fosse, no meio disto tudo, estava em primeiro plano o desmaio de Lisaveta Nikoláevna, no qual “toda a sociedade” mostrava o máximo interesse, até porque o caso dizia diretamente respeito a Iúlia Mikháilovna, na sua qualidade de parente e protetora de Lisaveta Nikoláevna. Tanto que se bisbilhotava! Para o mexerico contribuía também o clima enigmático do ambiente: ambas as casas estavam rigorosamente fechadas; Lisaveta Nikoláevna, ao que se dizia, estava de cama, num estado de delírio agudo; o mesmo se afirmava em relação a Nikolai Vsevolodovitch, com o acrescento de abomináveis pormenores sobre um dente partido e uma bochecha inchada. Falava-se também pelos cantos que ia haver assassinio, que Nikolai Vsevolodovitch Stavróguin não era dos que toleravam um insulto daquele gênero e que mataria Chátov, porém, de modo misterioso,

como na *vendetta* corsa. A ideia agradava; mas a maioria dos nossos jovens da boa sociedade ouvia tudo aquilo com desprezo e com a mais desdenhosa indiferença, fingida, obviamente. De uma maneira geral, a antiga inimizade da nossa sociedade em relação a Nikolai Vsevolodovitch claramente se mostrava. Mesmo as pessoas respeitáveis aspiravam a acusá-lo, embora não soubessem de quê. Murmuravam que ele teria supostamente desonrado Lisaveta Nikoláevna, que teria havido um caso entre eles na Suíça. É claro que as pessoas mais prudentes se mostravam reservadas, o que não impedia que ouvissem tudo aquilo com apetite. Havia também outras conversas, mas que não eram públicas, antes particulares, raras e quase secretas, estranhíssimas, e que eu menciono apenas para prevenir o leitor, tendo em conta unicamente os futuros acontecimentos constantes da minha narração. Ou seja: havia quem dissesse, carregando o sobrolho e sabe Deus com que fundamento, que Nikolai Vsevolodovitch tinha sido encarregado de uma missão especial na nossa província, que, por intermédio do Conde K..., estabelecera umas relações superiores em Petersburgo, que era possível até que estivesse no serviço público e tivesse sido encarregado de um certo trabalho por alguém. Quando as pessoas muito respeitáveis e muito reservadas sorriam ao ouvirem semelhante rumor, e observavam sensatamente que um homem que passava a vida a provocar escândalos e que começava a sua vida entre nós com um inchaço na bochecha em nada se assemelhava a um funcionário, diziam-lhes em sussurro que ele não servia oficialmente na coisa pública, mas antes, por assim dizer, confidencialmente, e que, por isso mesmo, o próprio serviço exigia que o homem se assemelhasse o menos possível a um funcionário. Esta observação surtia efeito; sabia-se, entre nós, que na capital olhavam para a nossa administração rural com particular atenção. Repito que tais boatos surgiram apenas de relance e pouco tempo duraram — apenas até ao primeiro aparecimento de Nikolai Vsevolodovitch na sociedade, tendo-se depois dissipado sem deixar vestígios; reparei, entretanto, que a causa de muitos dos rumores provinha das palavras breves e vagas, mas maldosas, atiradas para o ar no clube pelo capitão da guarda imperial na reserva Artémi Pávlovitch Gagánov, recém-chegado de Petersburgo, grande proprietário rural do

nosso distrito e da nossa província, homem da alta sociedade da capital e filho do defunto Pável Pávlovitch Gagánov, aquele respeitável decano com quem Nikolai Vsevolodovitch, mais de quatro anos atrás, tivera aquele episódio invulgar pela grosseria e pelo inesperado que já mencionei no início da minha narração.

Toda a gente, num instante, ficou sabendo que Iúlia Mikháilovna fez a Varvara Petrovna uma visita extraordinária e que, à entrada da casa, lhe comunicaram que “não podiam recebê-la por motivo de doença”. E também que, dois dias após a sua visita, Iúlia Mikháilovna mandou um estafeta perguntar pela saúde de Varvara Petrovna. E, por último, que lhe deu para “defender” Varvara Petrovna por todo o lado, no sentido superior, é claro, ou seja, no mais indefinido. E ouviu severa e friamente as apressadas insinuações iniciais sobre aquela história de domingo, pelo que, nos dias seguintes, tais histórias não mais foram repetidas na presença dela. Desta feita se reafirmou por todo o lado a ideia de que Iúlia Mikháilovna não só estava a par de toda esta história misteriosa, mas também de todo o sentido misterioso da história até ao mais ínfimo pormenor, e não na qualidade de pessoa estranha mas na de participante. Observarei, a propósito, que Iúlia Mikháilovna já começara a adquirir entre nós, pouco a pouco, aquela alta influência que ela ansiava sem dúvida por adquirir, e já começava a ver-se “rodeada”. Uma parte da boa sociedade reconhecera-lhe a inteligência prática e a delicadeza... mas disso falaremos depois. Era a proteção dela que explicava também, em parte, o êxito fulminante de Piotr Stepánovitch na nossa sociedade — êxito que, naquela altura, impressionou sobremaneira Stepan Trofímovitch.

Talvez eu e Stepan Trofímovitch exagerássemos. Em primeiro lugar, Piotr Stepánovitch, nos primeiros quatro dias após a sua chegada, travou conhecimento, quase instantâneo, com toda a cidade. Chegou no domingo e, logo na terça-feira, já o encontrei a andar de caleche com Artémi Pávlovitch Gagánov, homem orgulhoso, irritadiço e arrogante, apesar de todas as suas boas maneiras mundanas, com um carácter que o tornava de difícil convívio. Também em casa do governador Piotr Stepánovitch foi excelentemente recebido, ao ponto

de conquistar de imediato a situação de jovem amigo da família e de ser acarinhado como tal pelos donos da casa; quase todos os dias almoçava em casa de Iúlia Mikháilovna. Conhecera-a ainda na Suíça, mas era outra coisa, muito curiosa, que estava na base do seu êxito na casa de Sua Excelência. Fosse como fosse, ele tinha fama de, no estrangeiro, ter sido — verdade ou não — um revolucionário, tendo participado de algumas edições e congressos estrangeiros, “o que era possível provar até com jornais”, como, ao encontrar-se uma vez comigo, seexpressiu maldosamente Aliocha Teliátnikov, agora um pequeno funcionário na reforma, infelizmente, mas dantes também um jovem acarinhado em casa do antigo governador. Quanto a isto, porém, um fato ficou visível: o antigo revolucionário apareceu na pátria amada e não só não foi de modo algum incomodado como quase foi alvo de louvores; logo, não deve ter acontecido nada do que se dizia sobre ele. Uma ocasião, Lipútin sussurrou-me ao ouvido que Piotr Stepánovitch tinha supostamente jurado algures o seu arrependimento e obtido o perdão e redimido a sua culpa mediante a denúncia que fizera de alguns nomes, prometendo ainda que, também de futuro, seria útil à pátria. Transmiti esta frase venenosa a Stepan Trofímovitch, e este, apesar de se encontrar quase incapaz de raciocinar, ficou profundamente pensativo. Mais tarde, veio a descobrir-se que Piotr Stepánovitch chegara à nossa cidade com cartas de recomendação extremamente respeitáveis; pelo menos, entregou uma à governadora, assinada por uma velha importantíssima de Petersburgo cujo marido era um dos velhinhos mais importantes da capital. Esta velhota, madrinha de batismo de Iúlia Mikháilovna, mencionava na sua carta que também o Conde K... conhecia bem Piotr Stepánovitch, através de Nikolai Vsevolodovitch, que era carinhoso com ele e que o achava “um jovem digno, apesar dos seus erros de outrora”. Iúlia Mikháilovna dava muitíssimo valor às suas relações com a “alta sociedade”, tão escassas e mantidas a tanto custo, ficando pois claramente agradada com a carta da velhota importante; havia porém, no meio disto, qualquer coisa mais especial. Chegou, inclusive, a impor ao marido um convívio quase familiar com Piotr Stepánovitch, a ponto de o Senhor Von Lembke se queixar... mas disto também falaremos mais tarde. Mencionei também, para que não

fique esquecido, que o próprio grande escritor se mostrou muito benévolo para com Piotr Stepánovitch e o convidou de imediato para sua casa. Foi esta atitude pressurosa de um homem tão arrogante que alfinetou dolorosamente, mais do que tudo, Stepan Trofímovitch; mas a minha explicação para o fato é outra: ao atrair para junto de si o niilista, o Senhor Karmazínov tinha sem dúvida em conta os conhecimentos daquele com os jovens progressistas de ambas as capitais. O grande escritor tremia doentamente diante da novíssima juventude revolucionária, e imaginando, por ignorância, que era nas mãos de tal juventude que estavam as chaves do futuro da Rússia, bajulava-a até à humilhação, sobretudo porque estes jovens não lhe prestavam a mínima atenção.

II

Piotr Stepánovitch passou duas vezes também pela casa do seu progenitor, e, para meu azar, de ambas as vezes eu estava ausente. Visitou-o a primeira vez na quarta-feira, isto é, já no quarto dia seguinte ao primeiro encontro, e fê-lo por causa de um assunto prático. A este propósito, direi que o acerto de contas entre eles, relativas à herdade, foi feito de uma maneira invisível e imperceptível: Varvara Petrovna arcou com tudo e pagou tudo na íntegra, ficando na posse da terra, limitando-se, evidentemente, a informar Stepan Trofímovitch de que estava tudo resolvido pelo seu procurador, o criado grave Aleksei Egórovitch, com um papel qualquer para Stepan Trofímovitch assinar, formalidade que ele cumpriu em silêncio e com grande dignidade. A propósito de dignidade, notarei que, nestes dias, o nosso velhote mudara a ponto de eu quase não o reconhecer. O seu comportamento era outro, tornou-se surpreendentemente taciturno, desde domingo que nem uma carta escreveu a Varvara Petrovna, o que considero um milagre; mas, acima de tudo, tornou-se tranquilo. Consolidara-se nele uma qualquer extraordinária e definitiva ideia que lhe dava tranquilidade — isso era visível. Sim, alcançara essa ideia e estava à espera de qualquer coisa. No princípio, aliás, esteve doente, sobretudo na segunda-feira: teve colerina. Também não conseguia

estar sem notícias durante todo este tempo; porém, mal eu deixava de lado os fatos e passava à essência da questão, expondo algumas hipóteses, punha-se logo a abanar as mãos e a dizer que parasse. Os dois encontros com o filhinho impressionaram-no muito doentiamente, embora não chegassem a abalá-lo. Naqueles dois dias, depois dos encontros, deixava-se ficar deitado no divã com um lenço molhado em vinagre a envolver-lhe a cabeça; no entanto, no sentido sublime, continuava a manter a calma.

Às vezes, aliás, não abanava as mãos quando me ouvia. Outras vezes, parecia-me também que a firmeza misteriosa que alardeava como que o tinha abandonado e que lutava contra uma nova afluência sedutora de ideias. Isto passava-se por instantes, mas também o registro aqui. Eu desconfiava que lhe estava apeteecendo muito exhibir-se de novo, dar uma saltada para fora do seu retiro, lançar um desafio, travar a última batalha.

— *Cher*,¹⁵⁹ eu derrotá-los-ia! — deixou escapar na quinta-feira à noite, depois do segundo encontro com Piotr Stepánovitch, estendido no divã com a cabeça embrulhada numa toalha.

Até àquele momento não tivera para mim uma única palavra.

— “Fils, fils chéri”,¹⁶⁰ e mais isto, e mais aquilo, concordo que todas estas expressões são uma léria, mas pronto, agora já percebo. É que não o alimentei, mandei-o de Berlim para a província... uma criança de peito, pelo correio, e assim por diante, de acordo... Diz ele: “Tu não me alimentaste, expediste-me pela mala-posta, e aqui, ainda por cima, roubaste-me”. Mas, seu desgraçado, grito-lhe eu, sofria por ti com todo o meu coração durante toda a minha vida, apesar da mala-posta! *Il rit!*¹⁶¹ Mas estou de acordo, de acordo... mesmo pelo correio — rematou como que em delírio.

— *Passons*¹⁶² — recomeçou, cinco minutos depois. — Não compreendo o Turguénev.¹⁶³ O Bazárov dele é uma pessoa fictícia, que não existe; eles próprios o rejeitaram como uma coisa que não tem

nada que ver com nada. Este Bazárov é uma vaga mistela de Nozdriov¹⁶⁴ e Byron, *c'est le mot*.¹⁶⁵ Olhe para eles com atenção: dão cambalhotas e guincham de alegria como os cachorros ao Sol, estão felizes, são vencedores! Qual Byron?... Além disso, que prosa cotidiana! Que irritação de amor-próprio à maneira das cozinheiras, que sede mesquinha e vulgar de *faire du bruit autour de son nom*,¹⁶⁶ sem reparar que *son nom*... Oh, que caricatura! Por amor de Deus, grito-lhe, será que queres impor-te às pessoas, tal como és, em substituição de Jesus Cristo? *Il rit. Il rit beaucoup, il rit trop*.¹⁶⁷ Tem um sorriso esquisito. A mãe dele não tinha este sorriso. *Il rit toujours*.¹⁶⁸

Caiu de novo o silêncio.

— São astutos; no domingo tinham tudo combinado... — disparou de repente.

— Oh, sem dúvida — exclamei eu, de ouvido aguçado —, é uma conspiração e está tudo muito mal alinhavado, aquilo no domingo foi uma farsa muito mal feita.

— Não falo disso. Fique sabendo que foi tudo mal alinhavado de propósito, para que aqueles reparassem nisso... para que reparasse quem eles queriam que reparasse. Está entendendo?

— Não, não estou.

— *Tant mieux. Passons*.¹⁶⁹ Hoje estou muito irritado.

— Mas por que discutiu com ele, Stepan Trofímovitch? — perguntei eu com censura.

— *Je voulais convertir*.¹⁷⁰ Ria-se, ria-se. *Cette pauvre tia, elle entendra de belles choses!*¹⁷¹ Aliás, eu sempre tive consciência de ser russo... até porque um russo não pode ser uma pessoa diferente de mim e do senhor. *Il y a là dedans quelque chose d'aveugle et de louche*.¹⁷²

— Sem dúvida — respondi.

— Meu amigo, a verdade verdadeira é sempre inverossímil, sabia? Para tornar a verdade um pouco mais verossímil é preciso misturar-lhe um pouco de mentira. As pessoas sempre procederam desta maneira, precisamente desta. Talvez haja nisto qualquer coisa que não percebemos. O que acha? Haverá nestes guinchos triunfantes qualquer coisa que não entendemos? Eu desejaria que houvesse. Desejaria mesmo.

Não respondi. Ele também ficou muito tempo calado.

— Dizem que o intelecto francês... — balbuciou ele de repente, como que febril — é mentira, foi sempre assim, precisamente assim. Que necessidade temos de caluniar o intelecto francês? Trata-se pura e simplesmente da preguiça russa, da nossa humilhante impotência de produzirmos uma ideia, o nosso abominável parasitismo entre os outros povos. *Ils sont tous simplement des paresseux*,¹⁷³ o intelecto francês não tem culpa nenhuma. Oh, para bem da humanidade, os russos deveriam ser exterminados, como se faz aos parasitas nocivos! Nunca tivemos tais aspirações; não compreendo nada. Deixei de compreender! Será que não compreendes, grito-lhe eu, será que não compreendes que, se vocês põem em primeiro plano a guilhotina, e com tanto entusiasmo, é porque cortar cabeças é mais fácil e ter uma ideia é mais difícil! *Vous êtes des paresseux! Votre drapeau est une guénille, une impuissance*.¹⁷⁴ Essas carroças, ou... como é que era?... “o estrondo das carroças que trazem pão à humanidade” e que são mais úteis do que a Madona Sistina,¹⁷⁵ ou lá como eles dizem... *une bêtise dans ce genre*.¹⁷⁶ Mas será que não compreendes, grito-lhe eu, será que não compreendes que o homem, além da felicidade, necessita em igual medida da desgraça?! *Il rit!* Tu, diz ele, dizes os teus *bons mots*,¹⁷⁷ “deleitando os teus membros (expressiu-se de maneira mais porca) no divã de veludo...”. E repare neste nosso hábito de nos tratarmos por tu um ao outro, pai e filho; não há mal nenhum nisso quando se está em concórdia, mas... e se houver altercação?

Calamo-nos por mais um minuto.

— *Cher* — concluiu de súbito, soerguendo-se rapidamente —, sabe que isto vai acabar de certeza nalguma coisa?

— De certeza — disse eu.

— *Vous ne comprenez pas. Passons.*¹⁷⁸ Mas... normalmente, neste mundo, acaba em nada; mas aqui vai haver um desfecho qualquer, sem falta, sem falta!

Levantou-se, passeou pela sala, em fortíssima emoção e, chegando de novo ao divã, deixou-se cair sem forças em cima dele.

Na sexta-feira de manhã, Piotr Stepánovitch partiu para qualquer lado do nosso distrito e ficou até segunda-feira. Soube da partida dele por Lipútin; além disso, no meio da conversa, fiquei sabendo que os irmãos Lebiádkin estavam ambos algures na outra banda do rio, no Casal Gorchétchnaia. “Fui eu quem os levou lá”, acrescentou Lipútin e, interrompendo o tema dos Lebiádkin, anunciou-me bruscamente que Lisaveta Nikoláevna se ia casar com Mavríki Nikoláevitch e que, embora ainda não tivesse sido anunciado oficialmente, os esponsais já tinham sido feitos e já estava tudo decidido. No dia seguinte, encontrei Lisaveta Nikoláevna, a cavalo, na sua primeira saída depois da doença, acompanhada por Mavríki Nikoláevitch. Quando me viu, brilharam-lhe os olhos, riu-se e acenou-me amigavelmente com a cabeça. Informei Stepan Trofímovitch de tudo isto; apenas mostrou algum interesse pela notícia sobre os Lebiádkin.

Agora, descrita que está a nossa situação enigmática durante estes oito dias, em que ainda não sabíamos de nada, passo a descrever os acontecimentos seguintes da minha crônica, já com conhecimento de causa, por assim dizer, na forma em que tudo se revelou e, agora, se esclareceu. Começo exatamente pelo oitavo dia após aquele domingo, ou seja, pela segunda-feira à noite — porque, na essência, foi a partir do início daquela noite que começou a “nova história”.

III

Er am sete horas da tarde, Nikolai Vsevolodovitch estava sozinho no seu gabinete — uma sala, que já antes era a sua preferida, de teto alto, coberta de tapetes e com uns móveis de modelo antigo bastante pesados. Estava sentado no canto do divã, vestido como se fosse sair, embora, tudo indicava, não tencionasse ir a lado nenhum. Diante dele, em cima da mesa, estava um candeeiro com quebra-luz. As paredes e os cantos da grande sala mergulhavam na penumbra. O seu olhar era pensativo e concentrado, não muito calmo; o rosto cansado e um pouco emagrecido. Tinha defato um inchaço numa das gengivas, mas o rumor sobre um dente partido era exagerado. O dente estivera para cair, mas já se mostrava estável; tinha também um corte no lábio superior, por dentro, mas também isso estava sarando. O inchaço na gengiva não desapareceu durante toda a semana apenas porque Nikolai Vsevolodovitch não quis chamar o médico para lhe lancetar o abcesso, preferindo que rebentasse por si. Nikolai Vsevolodovitch recusava receber não só o médico, mas também a mãe quase não podia entrar, fazendo-lhe apenas uma rápida visita diária de um minuto, obrigatoriamente ao crepúsculo e antes de se terem acendido as luzes. Também não recebia Piotr Stepánovitch, o qual, no entanto, durante o tempo que esteve na cidade, passava por casa de Varvara Petrovna duas ou três vezes por dia. Finalmente, Piotr Stepánovitch, depois da sua ausência de três dias, regressou na segunda-feira de manhã, correu toda a cidade, almoçou em casa de Iúlia Mikháilovna e só à noite visitou Varvara Petrovna, que o esperava com impaciência. A proibição fora revogada, Nikolai Vsevolodovitch já recebia. A própria Varvara Petrovna acompanhou a visita até às portas do gabinete; havia muito que desejava que os dois homens se encontrassem: é que Piotr Stepánovitch dera-lhea palavra de que iria ter com ela depois da visita e lhe contaria tudo. Varvara Petrovna bateu timidamente à porta de Nikolai Vsevolodovitch e, como não recebesse resposta, atreveu-se a entreabrir a porta uns três dedos.

— *Nicolas*, posso deixar entrar Piotr Stepánovitch? — perguntou em vozbaixa e reservada, tentando enxergar Nikolai Vsevolodovitch por

trás do candeeiro.

— Pode-se, pode-se, é claro! — gritou alto e alegremente o próprio Piotr Stepánovitch, abrindo a porta e entrando.

Nikolai Vsevolodovitch não ouvira o frouxo bater à porta, mas tão só a pergunta tímida da mãezinha, e nem teve tempo de responder. Tinha diante dele uma carta, acabada de ler e que o deixara muito pensativo. Estremeceu ao ouvir o grito de Piotr Stepánovitch e apressou-se a cobrir a carta com o pesa-papéis que tinha ali à mão, mas a operação não foi bem-sucedida: um canto da carta e quase todo o sobrescrito estavam à vista.

— Foi de propósito que eu gritei a plenos pulmões, para que o senhor tivesse tempo de se preparar — sussurrou Piotr Stepánovitch, muito ingênuo e pressuroso, correndo até à mesa e cravando de imediato os olhos no pesa-papéis e no canto da carta que dele sobressaía.

— E, é claro, teve tempo de me ver esconder a carta acabada de receber debaixo do pesa-papéis — pronunciou calmamente Nikolai Vsevolodovitch sem se mexer.

— A carta? Por amor de Deus, o que é que me interessa o senhor e a sua carta? — exclamou o visitante. — Mas... o principal — voltou a sussurrar, virando-se para a porta, já fechada, e indicando-a com a cabeça.

— Ela nunca escuta às portas — observou com frieza Nikolai Vsevolodovitch.

— Mesmo que escutasse! — ecoou logo, alegre e elevada, a voz de Piotr Stepánovitch. — Não tenho nada contra, mas é que eu vim aqui para falarmos a sós... Até que enfim consigo vê-lo! Antes de mais, como é que vai essa saúde? Tem um aspecto excelente, e amanhã, se calhar, já vai sair... não?

— Talvez.

— Resolva o problema deles, finalmente, e o meu também! — gesticulou freneticamente, com um ar brincalhão e afável. — Se soubesse as coisas que fui obrigado a tagarelar-lhes! Aliás, o senhor sabe. — E riu-se.

— Não sei tudo. Apenas ouvi a minha mãe dizer que o senhor... estava muito remexido.

— Ou seja, não disse nada de definido — acudiu de repente Piotr Stepánovitch, como que a defender-se de um terrível ataque. — Pois, trouxe à baila a mulher do Chátov, isto é, os rumores sobre as vossas relações em Paris, o que explicava, é claro, aquele incidente de domingo... Não fica zangado comigo?

— Tenho a certeza de que se empenhou muito.

— Bem, era só disto que eu tinha medo. O que significa “empenhou-se muito”? É uma acusação, claro. Aliás, o senhor coloca a questão frontalmente, e o meu medo, quando vinha para cá, era que o senhor não quisesse colocar a questão frontalmente.

— Não quero colocar nada frontalmente — disse Nikolai Vsevolodovitch com alguma irritação, mas logo a seguir soltou uma casquinada de riso.

— Não falo disso; não se trata disso, nada de confusões, não é isso! — abanou Piotr Stepánovitch as mãos, vertendo as palavras como se fossem ervilhas e muito contente com o estado irritadiço do dono da casa. — Não o vou irritar com o *nosso* assunto, sobretudo na sua situação atual. Vim aqui só para falar do incidente de domingo, e mesmo isso apenas na medida do aceitável, porque não se pode exagerar. Vim cá na mira dos esclarecimentos mais abertos, e sou eu quem necessita desses esclarecimentos em primeiro lugar, e não o senhor... e digo isto tendo em conta não só o seu amor-próprio mas porque, ao mesmo tempo, é verdade. Vim aqui para, a partir de agora, sersincero.

— Quer então dizer que, dantes, não estava sendo sincero?

— O senhor sabe-o muito bem. Usei de manhas muitas vezes... Vejo que o senhor sorri, fico muito contente com o seu sorriso, como oportunidade para os tais esclarecimentos; é que foi intencionalmente que eu lhe provoquei o sorriso com a minha expressão jactanciosa “usei de manhas”, que tinha a finalidade de lhe provocar uma irritação imediata: como me atrevia eu a pensar que podia ser manhoso?... Mas fi-lo com a intenção de o esclarecer imediatamente. Está vendo, está vendo que sincero eu fiquei! Vai então fazer o favor de me ouvir?

No rosto de Nikolai Vsevolodovitch, até então desdenhosamente calmo e até irônico, apesar do desejo evidente da visita de o irritar com o descaramento daquelas grosseiras ingenuidades, por certo intencionais e preparadas de antemão, acabou por desenhar-se uma expressão de curiosidade, de algum modo preocupada.

— Ouça então — remexeu-se Piotr Stepánovitch ainda mais. — Quando, há dez dias, eu vim para esta cidade, resolvi desempenhar um papel, isso é claro. O melhor seria não fazer papel nenhum, ter a minha própria cara, não é verdade? Não há nada mais manhoso do que a nossa própria fisionomia, porque ninguém acredita nela. Para lhe falar com franqueza, eu pensei primeiro em escolher o papel de um parvinho, pois é mais fácil fazer de parvinho do que fazer o papel da nossa própria cara; mas como o parvinho, de qualquer modo, é um exagero, e como o exagero provoca a curiosidade, acabei por escolher a minha própria fisionomia. E como é a minha própria fisionomia? Pois bem, é assim uma espécie de *aurea mediocritas*: nem estúpido nem esperto, bastante medíocre e, como quem diz, como se tivesse caído da Lua no meio destas pessoas sensatas daqui, não é verdade?

— Bem, é possível que seja — sorriu ao de leve Nikolai Vsevolodovitch.

— Ah, ah, folgo em saber que o senhor está de acordo. Eu já sabia que estas ideias também eram as suas... Não se preocupe, não se preocupe,

não estou zangado; quando me pinteí desta maneira não foi para provocar os seus louvores em resposta, do gênero: “Não, o senhor não é medíocre, não, o senhor é inteligente”... Pois, está sorrindo outra vez!... Voltei a ser apanhado. O senhor não diria “é inteligente”... Por mim, tudo bem, admito tudo. *Passons*, como diz o meu paizinho, e, entre parênteses, não se amofine com a minha loquacidade. A este propósito, eis um exemplo: eu falo sempre muito, ou seja, abuso das palavras e nunca me saio bem. Mas por que é que eu digo tantas palavras e a coisa não resulta? Porque não sei falar. Quem sabe falar bem é lacônico. Portanto, é esta a minha mediocridade... não está de acordo? Porém, como este dom da mediocridade é natural em mim, por que não o aproveitaria eu de modo artificial? Pois, aproveito-o, efetivamente. Na verdade, quando me preparava para vir cá, tinha pensado a princípio em calar-me; mas, calar é um grande talento, logo, inconveniente para mim; em segundo lugar, calar é sempre perigoso; por isso, acabei por decidir que o melhor era falar, mas falar de forma medíocre, precisamente, ou seja, muito, muito, muito, com muita pressa de argumentar e, afinal, enredando-me nos argumentos, para que o ouvintese afaste de mim sem ouvir o final e abrindo os braços ou, o que seria ainda melhor, cuspidando. Significaria que tinha conseguido convencer o interlocutor da minha ingenuidade, o tinha aborrecido imenso e tinha ficado incompreendido... todas as três vantagens de uma vez! Por amor de Deus, quem, depois disso, iria suspeitar que eu tinha intenções secretas? Qualquer um deles ficaria pessoalmente ofendido se lhe dissessem que eu tinha intenções secretas. Além disso, às vezes faço rir as pessoas, o que é mesmo precioso. Perdoar-me-ão tudo só por verem que o sabichão, que lá fora editava proclamações, afinal é mais parvo do que eles mesmos, não é verdade? Vejo pelo seu sorriso que tenho a sua aprovação.

Nikolai Vsevolodovitch, aliás, já não sorria absolutamente nada, antes ouvia carrancudo e com uma certa impaciência.

— Hã? Como é? O senhor parece que disse “tanto faz”? — metralhou Piotr Stepánovitch (Nikolai Vsevolodovitch não tinha dito nada). — É claro, é claro. Garanto-lhe que não falei com a intenção de o

comprometer, com o companheirismo, numa possível colaboração. Sabe uma coisa? O senhor, hoje, está muito irritadiço; eu corri para aqui de alma aberta e alegre, mas o senhor leva a mal cada palavra que eu digo; asseguro-lhe que hoje não abordarei qualquer matéria delicada, dou-lhe a minha palavra de honra, e concordo, desde já, com todas as suas condições.

Nikolai Vsevolodovitch continuava em silêncio.

— Hã? O quê? O senhor disse alguma coisa? Estou vendo, estou vendo que, pelos vistos, disse alguma inconveniência; o senhor não me impôs condições nem vai fazê-lo, acredito, acredito, acalme-se; eu próprio sei que não vale a pena propor-mas, não é verdade? Eu próprio dou a resposta pelo senhor... por mediocridade, é claro; mediocridade, sempre a mediocridade... Está rindo-se? Hã? Como?

— Nada — sorriu, agora sim, Nikolai Vsevolodovitch. — Acabei de me lembrar de que, numa ocasião, lhe chamei efetivamente medíocre, mas, como o senhor não estava presente, alguém lhe terá contado... Peço-lhe que passe ao que importa...

— Mas eu estou precisamente falando do que mais importa, no que se refere àquele domingo! — balbuciou Piotr Stepánovitch. — Que papel, que papel acha o senhor que eu desempenhei no domingo? Pois foi precisamente o papel de uma mediocridade acelerada e foi da maneira mais medíocre que me apoderei da conversa à força. Mas perdoaram-me tudo, porque, em primeiro lugar, tinha caído da Lua... pelos vistos, é essa agora a opinião geral; em segundo lugar, porque contei uma historieta linda e vos salvei a todos, não é verdade? Não é?

— Ou seja, contou a historieta de modo que lhes incutisse dúvidas e que os levasse a pensar que tínhamos combinado e mistificado tudo, quando não tinha sido combinada coisa nenhuma e eu não lhe tinha pedido nada de nada.

— Exatamente, exatamente! — concordou Piotr Stepánovitch, como que entusiasmado. — Eu fiz tudo exatamente assim para que o senhor

reparasse em toda a tramaioia; o meu desempenho foi em sua intenção, para o apanhar e comprometer. Eu queria saber, principalmente, até que ponto o senhor tem medo.

— Gostaria de saber por que é que o senhor está sendo tão sincero agora.

— Não se zangue, não se zangue, não deite chispas pelos olhos... Aliás, não deite chispas nenhuma. Está com curiosidade em saber por que estou sendo tão sincero? Pois bem, precisamente porque agora mudou tudo, está tudo acabado e coberto de areia. De repente, mudei de opinião a seu respeito. O velho rumo acabou de vez, a partir de agora não vou desacreditá-lo à velha maneira, agora a maneira será nova.

— Mudou de tática?

— Não há tática. Agora a sua vontade é livre em tudo, isto é, se quiser dizer “sim” pode dizê-lo, se quiser dizer “não” também. É esta a minha nova tática. Quanto ao *nosso* assunto, não abrirei a boca até que o senhor mande. Está rindo-se? À vontade; eu próprio me rio. Mas agora estou falando a sério, a sério, a sério, embora quem se apressa tanto seja medíocre, não é? Não interessa que seja medíocre, o que interessa é que falo a sério, a sério.

De fato, pronunciou aquilo com muita seriedade e num tom muito diferente do habitual, com uma emoção particular, pelo que Nikolai Vsevolodovitch olhou para ele com curiosidade.

— Diz que mudou de opinião a meu respeito? — perguntou.

— Mudei de opinião a seu respeito no momento em que o senhor, depois daquilo do Chátov, meteu as mãos atrás das costas, mas chega, chega, por favor não me faça perguntas, não lhe vou dizer mais nada.

Saltou do lugar a abanar as mãos, como se enxotasse as perguntas; mas como não houve mais perguntas e também não valia a pena ir-se

embora, voltou a sentar-se na poltrona, um pouco mais calmo.

— A propósito e entre parênteses — voltou a metralhar —, há quem ande por aí a badalar que o senhor vai matá-lo e até já se fazem apostas sobre isso, a ponto de o Lembke já ter pensado em avisar a polícia, mas Iúlia Mikháilovna proibiu-o... Mas já chega, chega de falar nisto, queria apenas informá-lo. A propósito, mais uma vez: transferi os Lebiádkin no próprio dia, o senhor sabe; recebeu o meu bilhete com o endereço deles?

— Recebi-o logo.

— Neste caso, não agi com mediocridade, mas sinceramente, com prontidão. Mesmo que o resultado tivesse sido medíocre, foi uma coisa sincera.

— Sim, não foi mau, talvez até conviesse... — disse Nikolai Vsevolodovitch pensativamente. — Mas, por favor, não me escreva mais bilhetinhos, peço-lhe.

— Foi só um, e era inevitável.

— Então o Lipútin sabe?

— Era inevitável; mas o senhor bem sabe que o Lipútin não se atreve... A propósito, seria necessário visitar os *nossos*, ou seja aqueles, não os *nossos*, não volte o senhor a ficar ressentido com as palavras. Mas fique descansado, não é para já, mais tarde. Está chovendo. Aviso-os, eles reúnem-se e vamos lá à noite. Estão mesmo à espera, com os bicos abertos, como crias de gralha no ninho: que presentes lhes levamos? Aquilo é gente esquentada. Têm os livros preparados, querem discutir. O Virguínski é um homem universal, o Lipútin é fourierista com grande tendência policial; é um homem precioso num certo sentido, diria eu, mas em todos os outros precisa de ser tratado com rigor; por fim, aquele, o das orelhas compridas, vai ler o seu próprio sistema. Fique sabendo que estão ofendidos por eu

estar despejando-lhes água fria em cima e tratando-os com desdém, eh-eh! Mas é preciso fazer-lhes sem falta uma visita.

— O senhor apresentou-me lá como chefe de qualquer coisa, não foi?
— soltou Nikolai Vsevolodovitch com uma indiferença forçada. Piotr Stepánovitch lançou-lhe um olhar rápido.

— A propósito — continuou, como se não tivesse ouvido a pergunta e apressando-se a abafar o tema —, fique sabendo que visitei Varvara Petrovna duas ou três vezes e que também me vi obrigado a falar muito.

— Estou vendo.

— Não, não fique assim, disse-lhe simplesmente que o senhor não mataria ninguém e outras coisas melífluas. Imagine que ela, logo no dia seguinte, já sabia que eu tinha mandado Mária Timoféevna para a outra banda; foi o senhor quem lhe disse?

— Nem me passou pela cabeça.

— Já sabia que não tinha sido o senhor. Mas quem terá sido, então? É curioso.

— O Lipútin, evidentemente.

— N-não, não foi o Lipútin — murmurou Piotr Stepánovitch, carregando o sobrolho. — Ainda hei de vir a saber quem foi. É muito possível que tenha sido o Chátov... Aliás, não importa, deixemos isso! No entanto, é terrivelmente importante... Aliás, eu estava sempre à espera que a sua mãezinha me desferisse a pergunta capital... Ah, outra coisa: nos primeiros dias ela andava muitíssimo sombria, mas hoje cheguei aqui e encontrei-a toda radiante. Por quê?

— Porque hoje lhe dei a minha palavra de honra de pedir a Lisaveta Nikoláevna em casamento dentro de cinco dias — disparou Nikolai Vsevolodovitch abruptamente e com uma sinceridade inesperada.

— Ah, pois... bem, está certo — balbuciou Piotr Stepánovitch como que atrapalhado. — Já correm rumores sobre os esponsais, o senhor sabe? E são certos. Mas tem razão, ela própria virá ter com o senhor, nem que fuja da igreja no dia do casamento, basta o senhor chamá-la. Não está zangado por eu falar assim?

— Não, não estou.

— Reparo que hoje é muito difícil enraivecer o senhor e começo a ter medo de si. Estou com muita curiosidade de saber como é que o senhor vai aparecer lá amanhã. Por certo, já tem umas coisinhas preparadas. Não se zanga por eu falar assim?

Nikolai Vsevolodovitch não respondeu, o que enervou por completo Piotr Stepánovitch.

— A propósito, foi a sério que disse à sua mãezinha aquilo da Lisaveta Nikoláevna?— perguntou.

Nikolai Vsevolodovitch olhou para ele perscrutadora e friamente.

— Hum... compreendo, foi só para a sossegar, pois.

— E se fosse a sério? — perguntou Nikolai Vsevolodovitch em tom firme.

— Por que não?, queira Deus, como se diz nestes casos; isso não vai prejudicar a causa (como vê, não digo a nossa causa, o senhor não aprecia a palavra “nossa”), e eu... bem, sempre às ordens, o senhor sabe.

— Acha?

— Não acho nada, nada — apressou-se a dizer Piotr Stepánovitch, rindo —, porque sei que o senhor já refletiu sobre os seus problemas e planejou tudo. Quero apenas dizer que estou sempre às suas ordens, a

sério, sempre e por todo o lado, seja qual for o caso, seja qual for, está entendendo?

Nikolai Vsevolodovitch bocejou.

— Está farto de mim — e Piotr Stepánovitch saltou repentinamente do seu lugar, agarrando no chapéu, novinho em folha, e, como se tencionasse ir-se embora, mas continuando no lugar, recomeçou a falar ininterruptamente, de pé, pondo-se às voltas pela sala de vez em quando e, nos momentos mais animados da conversa, batendo com o chapéu no joelho.

— Mas ainda queria animá-lo, contando-lhe umas coisas sobre os Lembke — gritou alegremente.

— Não vale a pena, fica para a próxima. Diga-me antes: como vai a saúde de Iúlia Mikháilovna?

— Que maneiras de alta sociedade têm vocês todos: interessa-o tanto a saúde de Iúlia Mikháilovna como a do gato cinzento, e mesmo assim pergunta. Por mim, é um gesto louvável. Pois bem, ela está boa, e tem um respeito pelo senhor que roça a superstição e, também supersticiosamente, espera muito de si. Sobre o caso de domingo está calada e tem a certeza de que o senhor ultrapassará tudo com o simples fato de aparecer lá. Francamente, ela imagina que o senhor é capaz de coisas incríveis. Aliás, o senhor agora tornou-se mais do que nunca numa pessoa enigmática e romântica... o que é uma situação extremamente vantajosa. Toda a gente está à sua espera com impaciência. Quando saí estavam muito excitados, mas agora devem estar ainda mais. A propósito, mais uma vez obrigado pela carta. Todos eles têm medo do Conde K... O Nikolai Vsevolodovitch sabia que, pelos vistos, eles o tomam por espião? Pois eu tenho andado a alimentar este boato. Não fica zangado?

— Não faz mal.

— Não faz mal... isso será útil no futuro. Eles, aqui, têm as suas regras. É claro que eu apoio; Iúlia Mikháilovna lidera, Gagánov também... Está rindo-se? Mas eu tenho a minha tática: é só disparatar, disparatar, mas, de repente, digo a minha palavrinha inteligente, precisamente no momento em que eles a procuram. Então fazem roda à minha volta, e eu recomeço a disparatar. Já toda a gente se conformou: “É um homem com capacidades, mas parece que caiu da Lua”, dizem. O Lembke convida-me a entrar no serviço público, para ver se eu me corrijo. Sabia que eu o trato muito mal, ou seja, que o comprometo? Ele fica de olhos esbugalhados. A Iúlia Mikháilovna apoia-me. A propósito, o Gagánov está muito zangado com o senhor. Ontem, em Dúkhovo, falou-me muito mal a seu respeito. Eu, de imediato, disse-lhe toda a verdade, ou seja, nem toda, obviamente. Passei o dia inteiro na casa dele, em Dúkhovo. Linda herdade, boa casa.

— Então ele ainda está em Dúkhovo? — estremeceu de súbito Nikolai Vsevolodovitch, quase saltando do lugar e fazendo um forte movimento para a frente.

— Não, ele próprio trouxe-me para cá de manhã, viemos juntos — disse Piotr Stepánovitch, sem reparar, aparentemente, na emoção momentânea de Nikolai Vsevolodovitch. — O que é isto? Parece que atirei com um livro ao chão — e baixou-se para apanhar um *keepsake*¹⁷⁹ que atirara ao chão. — *As mulheres* de Balzac, com ilustrações... — Abriu-o bruscamente. — Não li. O Lembke também escreve romances.

— Ah sim? — perguntou Nikolai Vsevolodovitch, aparentemente interessado.

— Em russo, às escondidas, como é evidente. A Iúlia Mikháilovna sabe e não protesta. É um simplório, mas tem maneiras; eles têm estas coisas bem elaboradas. Que rigor nas formas, que autodomínio! Seria bom termos qualquer coisa do gênero.

— Está louvando a administração?

— Pudera! É a única coisa na Rússia que é natural e conseguida... mas calo-me, calo-me — azafamou-se de repente —, não falo disso, quanto às coisas delicadas não digo nada. Bem, adeus, o senhor está quase esverdeado.

— Tenho febre.

— Parece que sim, deite-se. A propósito: há aqui *skoptsi*¹⁸⁰ no distrito, gentecuriosa... Mas fica para depois. No entanto, aqui vai mais uma peripécia: está aqui no distrito um regimento de infantaria. Na sexta-feira à noite, estive bebendo com os oficiais em B...tsi. É que temos lá três companheiros, *vous comprenez*? Pusemo-nos a falar de ateísmo e, evidentemente, arrasamos Deus. Eles ficaram contentes, a guinchar... A propósito, o Chátov afirma que, se há que começar um motim na Rússia, é preciso fazê-lo em nome do ateísmo. Talvez seja verdade. Estava lá sentado um capitão-*bourbon* grisalho, sempre calado, que de repente se pôs de pé no meio da sala e, veja só, disse em voz alta, como que falando consigo mesmo: “Se Deus não existe, que capitão serei eu?”. Pegou no boné, abriu os braços e saiu.

— Expressiu uma ideia bastante completa — bocejou Nikolai Vsevolodovitch pela terceira vez.

— Acha que sim? Eu não entendi, queria perguntar ao senhor. Então, o que posso dizer-lhe mais? Uma fábrica interessante, a dos Chpigúlin; como sabe, quinhentos operários, um foco de cólera, não limpam aquilo, enganam os trabalhadores nas contas durante quinze anos; os proprietários são milionários. Asseguro-lhe de que, entre os operários, há quem conheça a *Internationale*.¹⁸¹ Ah, o senhor sorriu? Mas vai ver, dê-me só algum tempo, pouquíssimo tempo! Já lhe pedi tempo, agora volto a pedir, e depois... aliás, desculpe, não falo mais nisso, não se trata disso, não franza a cara. Bem, adeus... Mas que cabeça a minha! — voltou de repente. — Já me esquecia do essencial: acabaram de me dizer que chegou de Petersburgo o nosso caixote.

— Ou seja? — Nikolai Vsevolodovitch olhou para ele sem entender.

— Ou seja, o seu caixote, as suas coisas, casacas, calças e roupa interior. Chegou mesmo, é verdade?

— Sim, disseram-me ontem qualquer coisa.

— Ah, então não poderia, já agora...?

— Pergunte ao Aleksei.

— Pode ser amanhã, amanhã? É que lá, juntamente com as suas coisas, vem também o meu casaco, a casaca e três pares de calças, da casa Charmer, foi o senhor mesmo quem ma recomendou, não se lembra?

— Segundo ouvi dizer, o senhor anda aqui armado em cavaleiro fidalgo? — sorriu Nikolai Vsevolodovitch. — É verdade que quer ter aulas de equitação?

Piotr Stepánovitch esboçou um sorriso torto.

— Ouça — agitou-se de repente, com uma voz tremente e entrecortada —, ouça, Nikolai Vsevolodovitch, deixemo-nos de ofensas pessoais, está bem? De uma vez por todas. É claro que o senhor tem todo o direito de me desprezar, já que lhe pareço tão ridículo, mas seria melhor abstermo-nos disso durante algum tempo, não?

— Está bem, vou abster-me — respondeu Nikolai Vsevolodovitch. Piotr Stepánovitch sorriu para si mesmo, bateu com o chapéu no joelho, marcou passo e voltou a assumir o seu ar anterior.

— Há aqui, até, quem me considere seu rival em relação a Lisaveta Nikoláevna, por isso como posso não cuidar do meu aspecto físico? — riu-se ele. — A propósito, quem é que lhe faz a denúncia destas coisas? Humm, são oito em ponto, vou-me embora; prometi a Varvara

Petrovna que ainda iria ter com ela, mas já não vou, e o senhor deite-se, amanhã vai sentir-se melhor. Lá fora está chovendo, está escuro; aliás, tenho um coche alugado, porque à noite as ruas não são seguras... Muito a propósito: aqui, na cidadee arredores, anda agora um tal Fedka Grilheta, fugido da Sibéria, imagine só que o homem é um antigo servo meu, um servo doméstico que o meu paizinho mandou para a tropa como recruta, cobrando dinheiro por isso. É um indivíduo muito curioso.

— O senhor... já falou com ele? — Nikolai Vsevolodovitch levantou bruscamenteos olhos.

— Falei. Não se esconde de mim. É um indivíduo pronto para tudo, para tudo; por dinheiro, é claro, mas também tem as suas convicções, umas convicções *sui generis*, evidentemente. Ah, sim, mais uma vez a propósito: se o senhor há pouco estava falando a sério sobre aquela sua intenção... lembra-se?... relativa a Lisaveta Nikoláevna, repito-lhe que eu também sou um indivíduo pronto para tudo, em todos os sentidos, sejam eles quais forem, e estou completamente às suas ordens... O que se passa?, o senhor agarra-se à bengala? Ah, não, não se agarra... Imagine, pareceu-me que estava à procura da bengala...

Nikolai Vsevolodovitch não procurava nem dizia nada, mas a verdade é que se tinhasoerguido de repente, com um trejeito estranho na cara.

— Se precisar de alguma coisa em relação também ao Senhor Gagánov — disparou de chofre Piotr Stepánovitch, apontando abertamente para o pesa-papéis —, é claro que posso organizar tudo e tenho a certeza de que o senhor não vai poder passar sem mim.

Saiu de repente, sem esperar pela resposta, mas voltou a assomar a cabeça do outrolado da porta.

— Falo assim — gritou rapidamente — porque o Chátov, por exemplo, também não tinha qualquer direito de arriscar a vida naquele

domingo em que abordou o senhor, não é verdade? Gostaria muito de que o senhor reparasse nesse ponto.

E voltou a desaparecer sem esperar pela resposta.

IV

Talvez pensasse, quando saía, que Nikolai Vsevolodovitch, ao ficar sozinho, se poria a dar socos na parede, coisa que, é claro, ele gostaria muito de espreitar se fosse possível. Pois bem, enganar-se-ia redondamente: Nikolai Vsevolodovitch continuava calmo. Ficou de pé junto à mesa uns dois minutos, sem mudar de posição, por certo muito pensativo; mas rapidamente os seus lábios espremeram um sorriso mole e frio. Sentou-se devagar no divã, no mesmo lugar, ao canto, e fechou os olhos como se fosse de cansaço. Um canto da carta sob o pesa-papéis continuava à vista, mas Nikolai Vsevolodovitch nem sequer se mexeu para o tapar.

Não tardou muito a adormecer. Varvara Petrovna, que nos últimos dias se extenuava em preocupações, não aguentou e, quando Piotr Stepánovitch saiu sem ir ter com ela como tinha prometido, arriscou visitar *Nicolas*, apesar de a hora não ser apropriada. Não parava de imaginar que ele lhe diria qualquer coisa de definitivo. Bateu de leve à porta, como fizera havia pouco, e como, mais uma vez, não recebesse resposta, abriu-a. Vendo *Nicolas* sentado numa pose tão imóvel, aproximou-se do divã com o coração a bater. Impressionou-a que ele tivesse adormecido tão depressa e conseguisse dormir assim, com as costas muito direitas e como que hirto; nem se lhe notava a respiração. O rosto estava pálido e severo, mas parecendo absolutamente petrificado, estático; as sobrancelhas um pouco carregadas; enfim, assemelhava-se a uma inanimada figura de cera. A mãe ficou debruçada sobre ele uns três minutos, quase sem respirar, e de súbito o medo dominou-a; saiu na ponta dos pés, parou por um instante à porta, deu-lhe uma bênção rápida e retirou-se, sem que ninguém a

visse, com uma nova e penosa sensação, com uma mágoa nova na alma.

Mergulhado naquele torpor, ele dormiu muito, mais de uma hora; nem um músculo se mexia no seu rosto, nem o mínimo estremeção em todo o corpo; as suas sobrancelhas continuavam severamente carregadas. Se Varvara Petrovna tivesse ficado mais três minutos, por certo não suportaria a sensação opressiva desta imobilidade letárgica e acordá-lo-ia. Mas, de repente, ele próprio abriu os olhos e, continuando imóvel, ficou ainda sentado mais dez minutos, como se perscrutasse com insistência e curiosidade um qualquer objeto no canto da sala que o pasmava, embora naquele canto não houvesse nada de novo nem de especial.

Por fim, ouviu-se o som baixo e espesso do grande relógio de parede que tocou uma vez. Com certa inquietação, virou a cabeça para o mostrador e, quase no mesmo instante, abriu-se a porta que dava para o corredor, atrás dele, e apareceu o criado grave Aleksei Egórovitch. Trazia um sobretudo quente, um cachecol e um chapéu, e, na outra mão, uma pequena bandeja de prata com um bilhetinho.

— São nove e meia — disse baixinho e, depois de pousar a roupa em cima de uma cadeira, a um canto, entregou ao amo o bilhetinho na bandeja, um papelinho pequeno, sem estar lacrado, com duas linhas a lápis. Ao percorrer as linhas do bilhete com os olhos, Nikolai Vsevolodovitch pegou num lápis de cima da mesa, rabiscou no bilhetinho duas palavras e pô-lo de novo na bandeja.

— Entregar isso logo que eu saia; agora, vestir — disse, levantando-se do divã.

Reparando que trazia vestido um leve casaco de veludo, pensou e mandou que lhe dessem outro, uma sobrecasaca de lã, usada para as visitas noturnas de cerimônia. Por último, já completamente trajado e com o chapéu posto, fechou à chave a porta por onde entrava habitualmente Varvara Petrovna, e, retirando de baixo do pesa-papéis

a carta escondida, saiu em silêncio para o corredor, acompanhado por Aleksei Egórovitch. Passado o corredor, meteram pela escada estreita de pedra, a das traseiras, e desceram para o vestíbulo que dava para o jardim. No vestíbulo, a um canto, tinham sido postos de antemão um guarda-chuva grande e uma lanterna.

— Com estas chuvadas, a lama nas ruas tornou-se insuportável — informou Aleksei Egórovitch, numa fraca tentativa de dissuadir o amo de sair. O amo, porém, abriu o guarda-chuva e entrou no velho jardim úmido e escuro como uma cave. O vento fazia ramalhar e balançar as copas das árvores seminuas, os estreitos caminhos de areia estavam ensopados de água e escorregadios. Aleksei Egórovitch andava como em casa, de casaca e sem chapéu, alumando à frente do amo três passos de caminho com a lanterna.

— Ninguém nos vê? — perguntou bruscamente Nikolai Vsevolodovitch.

— Das janelas ninguém nos vê, e além disso foram tomadas todas as precauções — respondeu o criado em voz baixa e compassada.

— A minha mãe está dormindo?

— Fechou a porta dela à chave às nove em ponto, como tem feito nos últimos dias, de maneira que não pode descobrir nada. A que horas o devo esperar? — atreveu-se a perguntar.

— À uma, uma e meia, o mais tardar às duas horas.

— Sim, meu amo.

Atravessando pelos caminhos sinuosos todo o jardim, que ambos conheciam de cor, chegaram ao muro de pedra onde, numa ponta, encontraram a pequena porta que dava para uma viela estreita e deserta; a portinha estava quase sempre fechada, mas desta vez Aleksei Egórovitch trazia a chave.

— A porta não vai ranger? — quis saber Nikolai Vsevolodovitch.

A isto respondeu Aleksei Egórovitch que a porta ainda na véspera tinha sido oleada, “e hoje também”. Já estava todo encharcado. Depois de abrir a porta, entregou a chave a Nikolai Vsevolodovitch.

— Se o senhor tenciona fazer um passeio longo, aviso-o de que a gentalha daqui não é de confiança, sobretudo nas vielas desertas, e na outra banda ainda é pior — não se conteve mais uma vez. Era um velho criado, antigo aio de Nikolai Vsevolodovitch, que andara com ele ao colo, um homem grave e severo que gostava de ler e ouvir textos religiosos.

— Não te preocupes, Aleksei Egórovitch.

— Deus o abençoe, meu senhor, mas só nas ações do bem.

— Como? — parou Nikolai Vsevolodovitch, que já tinha dado um passo para aviela.

Aleksei Egórovitch repetiu com firmeza o seu voto; dantes nunca se atreveria a exprimir-se nestes termos diante do amo.

Nikolai Vsevolodovitch fechou a porta, guardou a chave no bolso e meteu pela viela, atolando-se a cada passo na lama umas boas cinco polegadas. Por fim desembocou numa rua calcetada, comprida e deserta. Conhecia a cidade como a palma das mãos; mas a Rua Bogoiavlênskaia estava ainda longe. Já passava das dez quando finalmente parou diante do portão fechado do prédio escuro e velho dos Filíppov. O rés do chão, com a partida dos Lebiádkin, ficara vago, com as janelas entaipadas, mas no mezanino de Chátov ardia a luz. Como não havia campainha, Nikolai Vsevolodovitch bateu ao portão com os punhos. Abriu-se uma janelinha e apareceu Chátov a espreitar para a rua; a escuridão era terrível, não havia meio de se enxergar fosse o que fosse; Chátov ficou muito tempo a espreitar, um minuto inteiro.

— É o senhor? — perguntou de repente.

— Sou — respondeu o inesperado visitante.

Chátov fechou a janela, desceu e abriu o portão. Nikolai Vsevolodovitch franqueou a soleira alta e, sem dizer palavra, passou ao lado de Chátov e dirigiu-se para o anexo de Kiríllov.

v

Aqui estava tudo aberto, nem sequer tinham encostado as portas. O vestibulo e as primeiras duas salas estavam escuros, mas na última, em que Kiríllov vivia e tomava os seus chás, havia luzes, ouviam-se risos e uns gritinhos um tanto estranhos. Nikolai Vsevolodovitch foi na direção da luz, mas parou à porta sem entrar. Na mesa estava servido o chá. No meio da sala estava a velha, parente dosenhario, com a cabeça descoberta, de sapatos, calçados sem meias, e de casaquinho de pele de lebre. Tinha ao colo um bebê de ano e meio, vestido apenas com uma pequena camisa, com as pernas nuas, as bochechas coradas e o cabelinho loiro desgrenhado, acabado de tirar do berço. Tinha chorado há pouco tempo, pelos vistos, porque ainda tinha os olhos molhados de lágrimas; mas já estendia as mãozinhas, batia as palmas e ria, aos soluços, como costumam rir as crianças pequenas. À frente dele, Kiríllov batia com uma grande bola vermelha no chão; a bola saltava até ao teto, voltava a cair; a criança gritava: “Bó, bó!”. Kiríllov apanhava a “bó” e dava-lha, a criança atirava a bola com as suas mãozinhas desajeitadas e Kiríllov de novo se precipitava para a apanhar. Por fim, a “bó” rolou para debaixo do armário. “Bó, bó”, gritava a criança. Kiríllov estendeu-se no chão, tentando tirar a “bó” debaixo do armário. Nikolai Vsevolodovitch entrou na sala; a criança, ao vê-lo, apertou-se contra a velha e desatou num longo choro infantil; a velha saiu de imediato com ela.

— Stavróguin? — disse Kiríllov, soerguendo-se com a bola nas mãos, sem qualquer espanto pela inesperada visita. — Toma chá?

E levantou-se.

— Gostaria muito, se estiver quente — aceitou Nikolai Vsevolodovitch —, estoutodo encharcado.

— Quente, mesmo a esaldar — confirmou Kiríllov com prazer. — Senta; o senhor enlameado, mas não faz mal, depois limpo o chão com trapo molhado.

Nikolai Vsevolodovitch sentou-se e emborcou a xícara de chá quase de um trago.

— Mais? — perguntou Kiríllov.

— Obrigado.

Kiríllov, que ainda estava de pé, sentou-se de imediato em frente dele e perguntou:

— O que o traz?

— Um assunto. Leia esta carta de Gagánov; se bem se lembra, falei-lhe disto aindaem Petersburgo.

Kiríllov pegou na carta, leu-a, pô-la em cima da mesa e pôs-se a olhar para Stavróguin, à espera.

— Como sabe — começou a explicar Nikolai Vsevolodovitch —, encontrei este Gagánov em Petersburgo, pela primeira vez na vida, há um mês. Esbarrei com ele por três vezes, em público. Sem se apresentar e sem tentar meter conversa, arranjou maneira de me tratar descaradamente. Já naquela altura eu lhe tinha contado isto, mas ainda não sabe uma coisa: quando Gagánov partiu de Petersburgo, antes de mim, mandou-me inesperadamente uma carta que, apesar de não ser como esta, era extremamente indecente eesquisita, até pelo fato de não trazer qualquer explicação do motivo por que fora escrita. Respondi-lhe de imediato, também por carta, onde lhe dizia com toda a sinceridade que, pelos vistos, ele estava zangado comigo por causa do incidente com o pai dele, quatro anos atrás, no clube aqui da cidade, e

que da minha parte estava pronto a apresentar-lhe todo o gênero de desculpas, alegando que o meu procedimento não tinha sido premeditado e apenas tivera como causa a minha doença. Pedia-lhe que tomasse em consideração as minhas desculpas. Ele não me respondeu e, entretanto, saiu de Petersburgo. Agora encontro-o aqui, furioso de todo. Transmitiram-me algumas referências que ele fez a meu respeito, em público; são perfeitamente insultuosas e contêm acusações espantosas. Finalmente, chegou-me hoje esta carta, e nunca alguém terá recebido, por certo, nada de semelhante, com pragas e expressões do gênero “seu focinho esmurrado”. Vim cá com a esperança de o senhor não se recusar a ser meu padrinho de duelo.

— Ninguém nunca recebeu semelhante, o senhor diz — observou Kiríllov —, mas de uma pessoa furiosa, possível tudo; não raro se escreve assim. Púchkin escreveu a Heeckeren.¹⁸² Está bem, aceito. Diga como.

Nikolai Vsevolodovitch explicou que desejava resolver tudo já no dia seguinte, começando obrigatoriamente com a reiteração das suas desculpas e, até, com a promessa de mais uma carta de desculpas, mas sob a condição de Gagánov, por seu lado, prometer deixar de escrever semelhantes cartas. Quanto à carta recebida, seria considerada inexistente.

— Cedências a mais, ele não aceita — disse Kiríllov.

— Antes de mais nada, vim aqui para saber se o senhor aceita transmitir-lhe estas condições.

— Transmito. O senhor é que sabe. Mas ele não aceita.

— Sei que não aceita.

— Ele quer duelo. Diga, duelo é como?

— Trata-se precisamente de que eu gostaria de resolver tudo amanhã mesmo. O senhor vai ter com ele por volta das nove. Ele vai ouvi-lo,

não vai aceitar, mas apresenta-lhe o padrinho dele... digamos, cerca das onze. O senhor combina então tudo com este, e depois, à uma ou duas da tarde, que estejamos todos no lugar combinado. Por favor, faça como eu digo. A arma, é claro, será a pistola, e, sobretudo, peço-lhe que organize as coisas da seguinte maneira: dez passos entre as barreiras; depois, cada um de nós vaipôr-se a dez passos da respectiva barreira e, quando for dado o sinal, começamos a aproximar-nos. Cada um tem de se aproximar, obrigatoriamente, da sua barreira, mas tem o direito de disparar ainda antes, em movimento. Só isso, acho eu.

— Dez passos entre barreiras, pouco — observou Kiríllov.

— Que sejam doze, mas não mais, o senhor tem de perceber que ele quer um duelo a sério. Sabe carregar a pistola?

— Sei. Tenho pistolas. Que o senhor nunca utilizou pistolas aquelas, darei palavra de honra minha. Padrinho dele dará palavra de honra quanto a pistolas dele. Dois pares de pistolas haverá, tirar à sorte escolha do par, nosso ou deles.

— Ótimo.

— Quer ver pistolas?

— Pode ser.

Kiríllov sentou-se de cócoras num canto, diante da sua mala ainda não completamente desfeita mas da qual ia tirando as coisas à medida que precisava delas. Extraiu do fundo uma caixa de palmeira, forrada por dentro de veludo vermelho, e tirou da caixa duas pistolas elegantes, extremamente caras.

— Tudo: pólvora, balas, cartuchos. Ainda tenho revólver, espere.

Voltou a procurar na mala e tirou outra caixa com um revólver americano de seiscâmaras.

— Tem bastantes armas, e muito caras.

— Muito caras. Extremamente.

Kiríllov, um pobre, quase na miséria, e que, aliás, quase não se dava conta da sua pobreza, mostrava agora com visível gabarolice as suas preciosidades, adquiridas sem dúvida com enormes sacrifícios.

— Ainda tem as mesmas ideias? — perguntou Stavróguin com muita prudência, após uma pausa de um minuto.

— Mesmas — respondeu brevemente Kiríllov, adivinhando pelo tom de voz do interlocutor qual era o fundo da sua pergunta, e começou a tirar as armas de cima da mesa e a arrumá-las.

— Quando será? — perguntou Nikolai Vsevolodovitch ainda com maior cautela, denovo após uma pausa.

Kiríllov, entretanto, meteu ambas as caixas na mala e sentou-se no mesmo lugar.

— Não depende de mim, já sabe; quando mandarem — murmurou, como se a pergunta lhe fosse pesadosa, mas ao mesmo tempo com a prontidão evidente de responder a todas as perguntas. Olhava para Stavróguin sem desviar os olhos negros e sem brilho, com um sentimento calmo, bondoso e simpático.

— É claro, eu sei o que é uma pessoa matar-se à pistola — recomeçou Nikolai Vsevolodovitch, um pouco carrancudo, depois de um silêncio pensativo e longo, de três minutos —, às vezes eu próprio o imagino, e nisso está sempre envolvida uma qualquer ideia nova: se cometermos uma infâmia, ou, ainda pior, se nos cobrirmos de vergonha, de um opróbrio muito vil... e ridículo, de modo que as pessoas se lembrem disso durante mil anos e cusparam de desprezo durante mil anos, então surge a ideia: “Um tiro na têtpora e já não haverá nada”. Quero lá saber, então, das pessoas e das suas cuspidelas de mil anos, não é verdade?

— Ideia nova, acha? — respondeu Kirílov depois de pensar um pouco.

— Eu... não acho... mas quando o pensei uma vez, senti uma ideia absolutamentenova.

— “Senti uma ideia?” — repetiu Kirílov. — Assim, bem. Muitas ideias de sempre, de repente ficam novas. Certo. Agora, muitas coisas vejo como primeira vez.

— Digamos que o senhor vivia na Lua — interrompeu-o Stavróguin, sem o ouvir, e continuando a explicitar a sua ideia —, e digamos que, lá na Lua, o senhor fazia toda a espécie de porcarias ridículas... Tem a certeza absoluta de que, lá, por toda a Lua, vão rir-se do senhor e cuspir no seu nome durante mil anos, eternamente. Mas agora está aqui e olha para a Lua do lado de cá: que importância tem para o senhor, do lado de cá, tudo o que cometeu do lado de lá e que toda a gente de lá lhe cuspa em cima durante mil anos, não é verdade?

— Não sei — respondeu Kirílov —, nunca fui à Lua — acrescentou sem qualquer ironia, unicamente para reconhecer o fato.

— A quem pertence aquela criança?

— Veio sogra da velha... não, nora... tanto faz. Há três dias. Acamada, doente, com criança; de noite berra, muito, dores de ventre. Depois mãe dorme, velha traz criança; e eu com bola. Bola de Hamburgo. Comprei em Hamburgo, para atirar e apanhar: para as costas, bom. Menina.

— Gosta de crianças?

— Gosto — respondeu Kirílov, de resto com bastante indiferença.

— Portanto, também gosta da vida?

— Também da vida, por quê?

— Mas decidiu matar-se a tiro.

— E depois? Contradição onde? Vida à parte, aquilo à parte. Vida existe, morte não existe.

— Começou a ter fé na vida futura, na vida eterna?

— Não na futura eterna, mas na vida eterna daqui. Há momentos, chegamos a momento, e o tempo de repente para e é eterno.

— Tem esperanças de alcançar um momento assim?

— Tenho.

— É pouco possível nos nossos tempos — replicou Nikolai Vsevolodovitch, também sem qualquer ironia, muito devagar e como que pensativamente. — No Apocalipse, o anjo jura que o tempo não existirá mais.

— Sei. Muito certo, lá. Claro e exato. Quando o homem, todo ele, alcançar felicidade, tempo não existirá mais, porque não necessário. Ideia muito certa.

— Mas onde vão metê-lo?

— Lado nenhum. Tempo não objeto, ideia. Apaga-se na mente.

— Lugares-comuns filosóficos, velhos e revelhos, os mesmos desde o princípio dos tempos — murmurou Stavróguin com uma espécie de desilusão desdenhosa.

— Os mesmos! Mesmos desde princípio dos tempos, e nenhuns outros nunca! — ecoou Kiríllov com os olhos cintilantes, como se em tal ideia residisse praticamente a vitória.

— Parece muito feliz, Kiríllov?

— Sim, muito feliz — respondeu este, como se a sua resposta fosse perfeitamentevulgar.

— Mas ainda há pouco tempo o senhor estava ressentido e zangado com Lipútin?

— Humm... agora não ralho já. Naquele momento, ainda não sabia que era feliz. Já viu folha, folha de árvore?

— Já.

— Há pouco vi amarela, com pouco de verde, podre nas bordas. Vento levava. Eu, tinha dez anos, fechava os olhos, imaginava folha... verde viva, veias, Sol brilha nela. Abria olhos e não acreditava, porque era muito bem, e voltava a fechar.

— Isso é o quê, uma alegoria?

— N-não... para quê? Alegoria nenhuma, simplesmente folha, folha. Folha é boa.Tudo é bom.

— Tudo?

— Tudo. Homem infeliz porque não sabe que é feliz, só isso. Só isso, só isso! Quem sabe, feliz de imediato, mesmo instante. Sogra vai morrer, mas menina vai viver... tudo bem. Descobri-o de repente.

— E se alguém morrer de fome, e se alguém ofender e desonrar a menina... isso também será bom?

— Sim. E alguém parte cabeça a outro pela criança, também bom; e se alguém não parte, também. Tudo bom, tudo. Estão bem todos quem sabe que está tudo bem. Se soubessem que estão bem, estariam bem, mas enquanto não sabem, estão mal. Eis ideia, esta, toda inteira, mais nada não há!

— Então, quando foi que o senhor soube que era tão feliz?

— Semana passada, terça-feira, não, quarta-feira, porque já madrugada.

— E o motivo, qual foi?

— Não me lembro; andava no quarto, simplesmente... não interessa. Parei relógio, duas horas e trinta e sete minutos.

— Como símbolo de que o tempo tem de parar?

Kiríllov não respondeu.

— São maus — recomeçou de repente — porque não sabem que são bons... quando souberem, não violam menina. Precisam de se inteirar de que são bons, e serão todos bons, todos, até ao último.

— O senhor inteirou-se disso, logo é bom?

— Sou.

— Quanto a isso, aliás, estou de acordo — murmurou Stavróguin, carrancudo.

— Quem ensinar que são todos bons endireita o mundo.

— Quem ensinava isso foi crucificado.

— Voltará, e nome dele é Homem Deus.

— Deus Homem?

— Homem Deus, há aqui diferença.

— E a lamparina, é o senhor quem a acende?

— Acendi-a, sim.

— Começou a ter fé?

— Velha gosta de lamparina... mas hoje não tem tempo — murmurou Kiríllov.

— E o senhor ainda não reza?

— Rezo a tudo. Está vendo, aranha rasteja na parede, olho e agradeço que rasteje.

Os olhos incendiaram-se-lhe. Olhava a direito para Stavróguin, com um olhar firme e inquebrantável. Stavróguin seguia-o, carrancudo e com repugnância, mas sem ironia nos olhos.

— Posso apostar, quando o visitar da próxima vez, que o senhor já terá fé em Deus— disse, levantando-se e pegando no chapéu.

— Por quê? — soergueu-se Kiríllov.

— Se o senhor soubesse que tem fé em Deus, teria fé; mas, como ainda não sabe, não tem fé — sorriu Nikolai Vsevolodovitch.

— Não é assim — replicou Kiríllov, após reflexão. — Virou ideia do avesso. Piada mundana. Lembre-se do que o senhor significou na minha vida.

— Adeus, Kiríllov.

— Venha à noite. Quando?

— Já se esqueceu daquilo de amanhã?

— Ah, esqueci-me. Descansado, eu acordo a tempo. Às nove. Sei acordar quando quero. Deito-me e digo: às sete... e acordo às sete; às dez, e acordo às dez.

— Tem umas capacidades notáveis — olhou-lhe para o rosto pálido Stavróguin.

— Abro-lhe o portão.

— Não se preocupe, Chátov vai abrir-mo.

— Ah, Chátov. Está bem, adeus.

VI

A entrada do prédio vazio em que Chátov alugava um quarto não estava fechada; porém, ao entrar no vestíbulo, Stavróguin ficou numa escuridão de breu e, às apalpadelas, começou a procurar as escadas para o mezanino. De repente, abriu-se em cima uma porta e cintilou a luz, mas Chátov não saiu, limitou-se a abrir a porta. Quando Nikolai Vsevolodovitch chegou à entrada do seu quarto, enxergou Chátov num canto, junto à mesa; estava de pé, à espera.

— Pode receber-me para tratarmos de um problema? — perguntou Stavróguin.

— Entre e sente-se — respondeu Chátov —, feche a porta... espere, eu fecho.

Fechou a porta à chave, voltou para a mesa e sentou-se em frente de Nikolai Vsevolodovitch. Tinha emagrecido durante a semana que passara e parecia febril.

— O senhor extenuou-me — disse, cabisbaixo, falando num meio sussurro. — Por que é que nunca mais vinha?

— Tinha assim tanta certeza de que eu viria?

— Sim, espere, eu delirava... se calhar, agora também estou delirando... Espere.

Soergueu-se e, de uma das três prateleiras com livros, tirou, de uma ponta, um objeto. Era um revólver.

— Numa das minhas noites de delírio, imaginei que o senhor viria matar-me; então, de manhã cedo, comprei ao inútil do Liámchin este

revólver, com o meu último dinheiro; não queria entregar-me sem resistência. Depois caí em mim... Não tenho pólvora nem balas; a partir de então, o revólver tem estado ali, na prateleira. Espere...

Levantou-se e abriu o postigo.

— Não o deite fora, para quê? — deteve-o Nikolai Vsevolodovitch. — Vale dinheiro e, além disso, amanhã vão dizer que debaixo da janela de Chátov há revólveres perdidos. Ponha-o lá, isso mesmo, e sente-se. Diga-me: o senhor como que se arrepende perante mim por ter tido a ideia de que o quero matar; por quê? Diga-se que também não vim cá para fazer as pazes, mas para abordar um assunto de que é necessário falar. Esclareça-me, em primeiro lugar: quando me bateu, não foi pelo meu caso com a sua mulher?

— Bem sabe que não — e Chátov voltou a baixar a cabeça.

— E também não foi por ter acreditado no boato estúpido sobre a Dária Pávlovna?

— Não, não, é claro que não! Disparate! A minha irmã disse-me desde o princípio...— disse Chátov rispidamente e com impaciência, batendo mesmo com o pé no chão.

— Portanto, adivinhei, e o senhor também adivinhou — continuou Stavróguin em tom calmo —, e está certo: Mária Timoféevna Lebiádkina é minha legítima mulher, casada comigo pela igreja, em Petersburgo, há quatro anos e meio. Foi por causa dela que me bateu?

Chátov, estupefato, ouvia e calava-se.

— Adivinhei, mas não podia acreditar — murmurou por fim, fitando em Stavróguin um olhar estranho.

— Mesmo assim bateu-me?

Chátov corou e pôs-se a balbuciar desconcertadamente:

— Foi pela sua depravação... pela mentira. Não me aproximei do senhor para o castigar; quando ia a andar, ainda não sabia que lhe ia bater... Foi porque o senhor tinha significado muito na minha vida... Eu...

— Compreendo, compreendo, poupe as palavras. Lamento que esteja com febre;tenho um assunto muito importante para tratar com o senhor.

— Tenho estado à sua espera há demasiado tempo... — Chátov quase estremeceu todo e levantou-se. — Diga lá qual é o assunto, e eu também falarei... depois...

Sentou-se.

— Não se trata de um assunto daquele gênero — começou Nikolai Vsevolodovitch, observando-o com curiosidade —, certas circunstâncias obrigaram-me, hoje mesmo, a escolher esta hora para vir cá e o avisar de que talvez queiram matá-lo.

Chátov lançou-lhe um olhar enlouquecido.

— Sei que corro perigo — articulou compassadamente —, mas como é que o senhor pode sabê-lo?

— Porque também pertenço a eles, tal como o senhor, porque também sou membro da organização deles, tal como o senhor.

— É... é membro da organização?

— Vejo pelos seus olhos que o senhor esperava tudo de mim menos isso — sorriu ligeiramente Nikolai Vsevolodovitch —, mas, espere, quer dizer que já sabia que estão preparando um atentado contra o senhor?

— De modo algum. Nem agora penso, apesar das suas palavras, embora... embora... quem pode garantir alguma coisa quando se trata

desses imbecis?! — gritou de súbito, com fúria, batendo com o punho na mesa. — Não tenho medo deles! Rompi com eles. Aquele veio cá quatro vezes e dizia que era possível... mas... — olhou para Stavróguin — o que sabe o senhor disso, concretamente?

— Não se preocupe, não estou enganando-o — continuou Stavróguin com bastante frieza e o ar de pessoa que apenas cumpre a sua obrigação. — Quer interrogar-me, para ver o que eu sei? Sei que o senhor entrou para a organização no estrangeiro, há dois anos, ainda quando o grupo tinha outras estruturas, precisamente antes da sua viagem à América e, parece, logo depois da nossa última conversa, de que me falava muito naquela sua carta da América. A propósito, perdoe-me por não lhe ter respondido com outra carta mas ter-me limitado a...

— Mandar-me dinheiro. Espere — interrompeu-o Chátov, abrindo apressadamente uma gaveta da mesa e tirando dela uma cédula bancária —, tome-a lá, são os cem rublos que me mandou; sem a sua ajuda, ter-me-ia afundado lá. Ainda demoraria muito a pagar-lhe, se não fosse a sua mãezinha: ofereceu-me estes cem rublos, faz nove meses, como esmola, depois da minha doença. Mas continue, por favor...

Estava sufocando.

— Na América, o senhor mudou de ideias e, quando voltou de lá para a Suíça, quis afastar-se. Eles não lhe responderam nada, mas encarregaram-no de receber da parte de alguém, aqui na Rússia, uma tipografia que deveria guardar até que fosse ter com o senhor determinada pessoa, da parte deles, a quem deveria entregá-la. Não conheço todos os fatos com exatidão, mas o principal deve ser isso, não é? O senhor, então, com a esperança, ou sob a condição, de que seria a última exigência deles e de que, depois disso, o deixariam em paz, aceitou. Vim a saber isto tudo, seja verdade ou não, por puro acaso, e não por eles. Só que o senhor parece ignorar, até hoje, uma coisa: esses senhores não têm qualquer intenção de se ver livres de si.

— É um absurdo! — berrou Chátov. — Declarei-lhes abertamente que estou em desacordo com eles, em tudo! É um direito meu, um direito da minha consciência e do meu pensamento... Não admito isso! Não há força que possa...

— Ouça, não grite — conteve-o Nikolai Vsevolodovitch com ar muito sério. — Este Verkhovênski é um indivíduo de tal gênero, que é capaz de estar agora no vestibulo a escutar a nossa conversa, com os seus próprios ouvidos ou com ouvidos alheios. Até o bebedolas do Lebiádkin tinha quase a obrigação de espiar o senhor; e o senhor, talvez, a obrigação de espiar o Lebiádkin, não era? Diga-me antes: o Verkhovênski acabou por aceitar os seus argumentos ou não?

— Aceitou. Disse-me que posso e que tenho o direito...

— Fique então a saber que ele está enganando-o. Sei que o próprio Kiríllov, que praticamente não pertence à organização deles, lhes forneceu informações sobre o senhor; têm muitos agentes, inclusive aqueles que não sabem sequer que estão ao serviço deles. O senhor tem sido vigiado desde sempre. O Piotr Verkhovênski, a propósito, veio cá expressamente com o objetivo de resolver o seu caso definitivamente, e tem prerrogativas para isso: liquidá-lo num momento propício, como pessoa que sabe demais e pode denunciar. Repito-lhe que isto é certo; permita-me também acrescentar que eles, por qualquer motivo, têm a convicção absoluta de que o senhor é espião e, se ainda não os denunciou, irá denunciá-los sem falta. Será verdade?

Chátov torceu a boca ao ouvir semelhante pergunta, pronunciada em tom tão imperturbável.

— Mesmo que eu fosse espião, a quem poderia denunciá-los? — disse com raiva, sem responder diretamente. — Não, deixe-me, mande-me prò diabo! — gritou ele, agarrando-se de súbito à ideia inicial que, por todos os sinais, o abalara incomparavelmente mais do que a notícia do perigo que a sua própria vida corria. — Mas, Stavróguin, como foi que

o senhor, o Stavróguin, se deixou envolver neste absurdo tão desavergonhado, tão medíocre, tão lacaio! Membro da organização deles! Grande façanha de Nikolai Stavróguin! — gritou quase em desespero.

Até levantou os braços, como se para ele nada houvesse de mais amargo e desolador do que esta descoberta.

— Desculpe — surpreendeu-se sinceramente Nikolai Vsevolodovitch —, o senhor, ao que parece, considera-me uma espécie de Sol e, a si mesmo, um verme qualquer em comparação comigo. Já tinha notado isso ao ler a sua carta da América.

— O senhor... o senhor sabe que... Ah, não falemos de mim, basta! — cortou de repente Chátov. — Se puder explicar alguma coisa sobre si mesmo, explique... Responda à minha pergunta! — repetiu febrilmente.

— Com todo o gosto. Pergunta-me como fui capaz de me envolver nesta espelunca? Depois da notícia que lhe dei, até me vejo na obrigação de lhe dizer sinceramente algumas coisas a este respeito. Ouça: em rigor, eu não pertenço à organização, nem pertenci antes e tenho muito mais direito de os abandonar do que o senhor, porque nunca entrei nela. Pelo contrário, desde o início declarei que não sou companheiro deles e, se por acaso os ajudei, foi porque não tinha mais nada que fazer. Participei um pouco da sua reorganização, de acordo com um plano novo, mas nada mais. Porém, eles agora mudaram de ideias e decidiram entre si que era perigoso deixarem-me ir, a mim também, e, ao que parece, também eu estou condenado.

— Oh, para eles, em primeiro lugar, vem a condenação à morte, e tudo por meio de disposições em papel selado e carimbado, assinado por três homens e meio. E acredita o senhor que eles são capazes disso!

— Nisso, o senhor, em parte, tem razão, mas em parte não tem — continuou Stavróguin com a mesma indiferença, mesmo com moleza. — Sem dúvida que há no meio disto tudo muita fantasia, como sempre

nestes casos: um grupinho que exagera a sua dimensão e a sua importância. Se quer saber, digo-lhe que, na minha opinião, eles resumem-se apenas à pessoa de Piotr Verkhovênski, e ele é demasiado modesto ao considerar-se a si mesmo apenas um agente da sua organização. De resto, as ideias fundamentais deles não são mais estúpidas do que as dos outros do mesmo gênero. Têm contatos com a *Internationale*; conseguiram arranjar agentes na Rússia, até acharam um método bastante original... mas, é claro, apenas teoricamente. Ora, quanto às suas intenções aqui, repare que o movimento da nossa organização russa é uma coisa tão obscura e, quase sempre, tão inesperada que, de fato, entre nós é possível experimentar tudo. Note também que Verkhovênski é um homem persistente.

— Esse percevejo ignorante, um imbecil que não sabe nada da Rússia! — gritou Chátov com raiva.

— Conhece-o mal. É verdade que eles todos, em traços gerais, sabem pouco da Rússia, mas apenas um pouco menos do que eu e o senhor; além disso, o Verkhovênski é um entusiasta.

— Verkhovênski é entusiasta?

— Oh, sim. Há um ponto em que ele deixa de ser palhaço e se torna... semilouco. Lembre-se, por favor, de uma expressão da sua própria autoria: “Sabem que forte pode ser um homem sozinho?”. Por favor, não se ria, ele é muito capaz de premir o gatilho. Eles têm a convicção de que também eu sou espião. Todos eles, por incapacidade de trabalharem como é devido, gostam muito de acusar os outros de espionagem.

— E o senhor não tem medo?

— Não... Não tenho muito medo... Mas o seu caso é bem diferente. Avisei-o para que tivesse isso em conta. Na minha opinião, não faz sentido a gente ofender-se pelo fato de o perigo provir de imbecis; não interessa o intelecto deles: já atentaram contra pessoas mais importantes do que nós. Aliás, já são onze e um quarto. — Olhou

para o relógio e levantou-se. — Gostaria de fazer-lhe uma pergunta sobre outro assunto.

— Por amor de Deus! — exclamou Chátov, saltando impetuosamente do lugar.

— Em que sentido? — Nikolai Vsevolodovitch olhou para ele interrogativamente.

— Faça a sua pergunta, por amor de Deus — repetiu Chátov numa emoção inexprimível —, mas depois também terei de lhe fazer uma pergunta. Imploro que mo permita... não posso... faça lá a sua pergunta!

Stavróguin demorou um pouco e começou:

— Ouvi dizer aqui que o senhor tinha uma certa influência sobre Mária Timoféevna e que ela gostava de o ver e ouvir. É verdade?

— Sim... ouvia-me... — Chátov embarçou-se um pouco.

— Tenho a intenção, nos próximos dias, de anunciar publicamente, aqui na cidade, o fato do meu casamento com ela.

— Será possível? — sussurrou Chátov quase aterrorizado.

— Por quê? Não existem quaisquer obstáculos a isso e há testemunhas do casamento. Tudo isso aconteceu em Petersburgo, de forma perfeitamente legal e calma, e não foi revelado até ao momento porque as duas únicas testemunhas do casamento, Kiríllov e Piotr Verkhovênski, e finalmente o próprio Lebiádkin (a quem tenho agora o prazer de considerar meu parente) deram, naquela altura, a sua palavra de honra de guardarem silêncio.

— Não estou falando disso... O senhor fala com tanta calma... mas continue! Ouça, não foi obrigado a casar-se com ela à força, pois não?

— Não, ninguém me obrigou — sorriu Nikolai Vsevolodovitch, vendo a pressaexcitada de Chátov.

— E o que ela diz sobre o filho dela? — exaltava-se Chátov, febril e incoerentemente.

— O filho dela? Céus! É a primeira vez que ouço falar disso. Ela não teve filho nenhum nem podia tê-lo: Mária Timoféevna é virgem.

— Era o que eu pensava! Ouça!

— O que tem, Chátov?

Chátov tapou a cara com as mãos, virou-se, mas de repente agarrou com força Stavróguin pelo ombro.

— O senhor sabe ao menos, ou não, por que fez tudo isso e por que decide agora sujeitar-se a este castigo?

— A sua pergunta é inteligente e mordaz, mas também quero espantá-lo: sim, acho que sei por que me casei e por que decidi agora sujeitar-me a este “castigo”, como o senhor diz.

— Deixemos isso... falamos disso depois, espere, não fale; vamos ao essencial, aoessencial: estive dois anos à sua espera.

— Sim?

— Esperei demasiado tempo, a pensar em si constantemente. O senhor é o único que poderá... Já quando lhe escrevi da América referi isto.

— Lembro-me bem da sua longa carta.

— Longa para ser lida? De acordo: seis folhas de papel de carta. Cale-se, cale-se! Diga: pode conceder-me ainda mais dez minutos, mas agora mesmo, aqui?... Estive tanto tempo à sua espera!

— Faça o favor, dou-lhe até meia hora, mas não mais, se lhe for possível.

— Mas com a condição — continuou Chátov furiosamente — de o senhor mudar de tom. Está ouvindo? Eu exijo, quando deveria implorar... Será que entende o que significa exigir quando se deveria implorar?

— Compreendo que, assim, o senhor, com vista aos fins supremos, se eleva acima de tudo o que é vulgar — sorriu ligeiramente Nikolai Vsevolodovitch —, e também verifico, com muita pena minha, que o senhor está com febre.

— Peço respeito por mim, exijo-o! — gritou Chátov. — Não pela minha pessoa, que a minha pessoa vá pr'ò diabo, mas por outra coisa, apenas por este tempo, apenas por estas poucas palavras... Somos duas criaturas que se encontraram no infinito... pela última vez neste mundo. Largue esse tom e assumo um tom humano! Ao menos umavez na vida, fale numa voz humana. Não lho peço por mim, mas por si mesmo. Não compreende que tem de me perdoar aquele murro na cara, até pelo fato de que lhe dei oportunidade, naquele momento, de conhecer a sua própria força infinita... Agora volta a esboçar o seu sorriso mundano e desdenhoso. Oh, quando me compreenderá? Deite fora o fidalgote! Veja se compreende que eu o exijo, exijo, de outra maneira não quero falar, não vou falar!

O seu frenesi atingiu o ponto do delírio; Nikolai Vsevolodovitch carregou o sobrolho e, aparentemente, tornou-se mais cauteloso.

— Já que fiquei aqui por mais meia hora — disse Nikolai Vsevolodovitch, grave e sério — quando o tempo é agora tão precioso para mim, creia-me que tenciono ouvi-lo pelo menos com interesse e... tenho a certeza de que irei ouvir muita coisa nova.

Sentou-se na cadeira.

— Sente-se! — gritou Chátov e, de repente, ele mesmo se sentou.

— Deixe que lhe lembre, entretanto — apressou-se a dizer Stavróguin —, que tinha começado por lhe fazer um pedido importante relativamente a Mária Timoféevna, importante, pelo menos, para ela...

— Então? — Chátov carregou o sobrolho com ar de pessoa a quem interromperam no momento mais importante e que, embora esteja olhando para o interlocutor, ainda não compreendeu a pergunta.

— E o senhor não me deixou acabar — rematou Nikolai Vsevolodovitch com um sorriso.

— Ora, grande coisa! Depois! — E Chátov abanou a mão num gesto de repugnância, percebendo finalmente a censura, e passou ao que lhe era essencial.

VII

— **S**aberá o senhor — começou, quase numa ameaça, curvando-se por cima da mesa, com os olhos cintilantes e erguendo diante de si o indicador da mão direita (pelos vistos sem dar por isso) —, saberá o senhor quem é, neste momento, em toda a Terra, o único povo “portador de Deus”, que vem renovar e salvar o mundo com o nome do novo Deus, o único a quem foram dadas as chaves da vida e do novo Verbo?... Sabe que povo é este e qual é o seu nome?

— Pelo seu estilo tenho de concluir obrigatoriamente e o mais depressa possível que é o povo russo...

— Já está gozando, oh, que raça! — exaltou-se Chátov.

— Acalme-se, por favor; pelo contrário, eu já estava à espera de alguma coisa deste gênero.

— Estava à espera? Será que não conhece estas palavras?!

— Conheço muito bem, pressinto aonde o senhor quer chegar. Toda a sua frase e a própria expressão “povo portador de Deus” são apenas a conclusão de uma conversa entre nós dois, há mais de dois anos, no estrangeiro, pouco antes da sua ida para a América... Pelo menos, se a memória não me falha.

— A frase, na íntegra, é sua, não é minha. Propriamente sua, e não apenas a conclusão da nossa conversa. “A nossa conversa” nem sequer existiu: houve um mestre que proferiu estas palavras gigantescas e um discípulo ressuscitado dos mortos. Eu sou aquele discípulo, o senhor é aquele mestre.

— Mas, se recordarmos bem, foi precisamente depois das minhas palavras que o senhor entrou naquela organização e só depois embarcou para a América.

— Foi, e escrevi-lhe sobre isso da América, escrevi-lhe sobre tudo isso. Sim, não conseguia arrancar de mim o que fazia parte da minha carne desde a infância, tudo a que dedicara todo o entusiasmo das minhas esperanças e todas as lágrimas do meu ódio... É difícil mudar os deuses. Não acreditei no senhor naquela altura porque não queria acreditar e agarrei-me pela última vez a esta cloaca imunda... Mas a semente sobreviveu e germinou. A sério, diga-me a sério: o senhor não leu até ao fim a minha carta da América? Talvez nem sequer tenha lido a carta?

— Li três páginas, as duas primeiras e a última, e passei os olhos pelas outras, superficialmente. Aliás, mais tarde eu queria...

— Eh, tanto faz, esqueça, c'os diabos! — Chátov abanou a mão. — Se o senhor renuncia agora àquelas suas palavras sobre o povo, como foi capaz de pronunciar-las naquela altura?... É isso que agora me oprime.

— Naquela altura eu também não estava brincando com o senhor. Quando tentava convencê-lo, talvez estivesse mais preocupado comigo mesmo do que consigo — disse Stavróguin enigmaticamente.

— Não estava brincando! Na América, passei três meses deitado em cima da palha, na companhia de um... desgraçado, e soube por ele que, durante aquele mesmo tempo em que o senhor semeava no meu coração Deus e a pátria... durante aquele mesmo tempo, aqueles mesmos dias, o senhor enchia talvez o coração deste desgraçado, deste maníaco, o Kirílov, com um veneno... Construía nele a mentira e a calúnia, levando a mente dele até ao delírio... Veja-o agora, é obra sua... Aliás, já o viu.

— Em primeiro lugar, permita que lhe observe que o próprio Kirílov acabou de me declarar que era feliz e que se achava maravilhoso. A sua suposição de que tudo isso aconteceu na mesma altura é quase certa; e depois? Repito que não o mistifiquei, nem ao senhor, nem a ele.

— O senhor é ateu? Agora é ateu?

— Sou.

— E naquela altura?

— Naquela altura também.

— Não foi por mim que lhe pedi respeito quando comecei esta conversa; com a sua inteligência, esperava que o senhor pudesse entendê-lo — murmurou Chátov com indignação.

— Quando ouvi a sua primeira palavra, não me levantei, não acabei com a conversa, não me fui embora, estou aqui sentado e respondo com resignação às suas perguntas e... gritos; portanto, não lhe faltei ainda ao respeito.

Chátov interrompeu-o, abanando a mão:

— Lembra-se da sua expressão: “O ateu não pode ser russo, o ateu deixa de ser russo imediatamente”? Lembra-se disso?

— Ah, sim? — disse Nikolai Vsevolodovitch como que em tom interrogativo.

— Está perguntando? Esqueceu-se? No entanto, este é um dos indícios mais certos de uma das principais particularidades do espírito russo, e que o senhor adivinhou. Não podia esquecer-lo, pois não? Vou lembrar-lhe ainda mais... O senhor disse também: “Quem não for cristão ortodoxo não pode ser russo”.

— Acho que é uma ideia eslavófila.

— Não, os eslavófilos modernos renegá-la-ão. Hoje em dia toda a gente é mais esperta. Mas o senhor foi ainda mais longe: acreditava que o catolicismo romano já não era cristianismo; afirmava que Roma proclamou um Cristo que cedera à terceira tentação do Diabo e que, ao anunciar a todo o mundo que Cristo não podia manter-se no mundo sem o reino terreno, o catolicismo proclamou por essa via o Anticristo e levou à perdição todo o mundo ocidental. O senhor afirmava que, se a França estava sofrendo, tal acontecia unicamente por culpa do catolicismo, já que a França rejeitara o fétido deus romano mas não tinha encontrado um novo. Foi isso o que o senhor ousou dizer naquela altura! Lembro-me bem das nossas conversas.

— Se eu fosse crente, sem dúvida que o repetiria também hoje; não menti porque falava como um crente — disse Nikolai Vsevolodovitch, muito sério. — Mas asseguro-lhe que me causa uma sensação muito desagradável esta repetição das minhas antigas ideias. Não poderia parar com isso?

— Se o senhor fosse crente? — exclamou Chátov sem dar a mínima atenção ao pedido de Nikolai Vsevolodovitch. — Mas não foi o senhor quem me disse que, se lhe provassem matematicamente que a verdade está fora de Cristo, preferia ficar com Cristo e não com a verdade? Disse ou não disse?

— Ouça, deixe-me finalmente fazer-lhe também uma pergunta — levantou a voz Stavróguin. — Qual é a finalidade deste interrogatório

impaciente e... maldoso?

— Este interrogatório cairá no esquecimento e nunca mais lhe será lembrado.

— O senhor não para de insistir em que estamos fora do espaço e do tempo...

— Cale-se! — gritou bruscamente Chátov. — Sou estúpido e inepto, está bem, que o meu nome se afunde no ridículo! Mas dê-me licença que lhe repita toda a sua ideia essencial... Oh, apenas dez linhas, apenas a conclusão.

— Já que é apenas a conclusão, repita lá...

Stavróguin fez um movimento, como quem vai olhar para o relógio, mas conteve-se e não olhou.

Chátov voltou a curvar-se na cadeira e, por um instante, ergueu de novo o dedo em riste.

— Nenhum povo — começou ele, como se lesse um texto e, ao mesmo tempo, continuando a olhar com fúria para Stavróguin —, nenhum povo ainda se organizou com base na ciência e na razão; nunca houve exemplo disso, a não ser por um instante, por asneira. O socialismo, pela sua essência, tem de ser um ateísmo, porque proclama precisamente, desde as primeiras palavras, que é um sistema ateísta e tenciona organizar-se exclusivamente com base na ciência e na razão. A razão e a ciência na vida dos povos, tanto na atualidade como desde o princípio dos tempos, desempenham apenas um papel secundário e de serviço; e terão este papel até ao fim dos tempos. Os povos constituem-se e movem-se por outra força, uma força que governa e impera mas cuja origem é desconhecida e inexplicável. Esta força é a força do desejo incansável de ir até ao fim e, ao mesmo tempo, a força que nega o fim. É uma força de confirmação ininterrupta e incansável da existência e de negação da morte. O espírito da vida, como rezam as Sagradas Escrituras, é “rios de água viva”, que o Apocalipse ameaça de

esgotamento. É o princípio estético, como dizem os filósofos, e o princípio moral, com que eles também o identificam. A “procura de Deus”, como lhe chamo eu, de modo mais simples. O objetivo de todo o movimento do povo, válido para qualquer povo e para qualquer período da sua existência, é unicamente a procura de Deus, do seu Deus próprio, é a fé n’Ele como único verdadeiro. Deus é a personalidade sintética de todo o povo, desde o seu início até ao seu fim. Nunca aconteceu que todos os povos, ou muitos povos juntos, tivessem um deus comum, mas cada povo teve sempre o seu deus particular. O sinal do desaparecimento das etnias é a unificação de deuses. Quando os deuses se tornam comuns, morrem esses deuses e a fé neles juntamente com os próprios povos. Quanto mais forte é o povo, mais individual é o seu deus. Ainda nunca existiu um povo sem religião, ou seja, sem o conceito do bem e do mal. Cada povo tem o seu próprio conceito do bem e do mal e, por consequência, o seu próprio bem e o seu próprio mal. Quando, entre muitos povos, os conceitos do bem e do mal começam a tornar-se comuns, extinguem-se esses povos, e a própria diferença entre o bem e o mal começa a desvanecer-se até desaparecer. Nunca a razão foi capaz de definir o mal e o bem, nem sequer separar o mal do bem, nem mesmo por aproximação; pelo contrário, sempre os confundiu vergonhosamente e miseravelmente; quanto à ciência, as soluções que apresenta assentam nos punhos. Assim se tem caracterizado, sobretudo, a meia ciência, o mais terrível flagelo da humanidade, pior do que a peste, a fome e a guerra; ora, ela era desconhecida até ao século atual. A meia ciência é um déspota que até ao momento nunca tinha aparecido. Um déspota que tem os seus sacerdotes e escravos, um déspota diante do qual tudo e todos se prostraram com um amor e uma superstição impensáveis até este momento, diante do qual a própria ciência treme, apoiando-o vergonhosamente. Tudo isto são palavras suas, Stavróguin, exceto o que eu disse sobre a meia ciência... que são palavras minhas, uma vez que eu próprio não sou mais do que meia ciência, por isso a odeio até ao extremo. Quanto às palavras da sua autoria, não mudei nada, nem uma letra.

— Não acho que não tenha mudado — observou Stavróguin, com cautela. — Aceitou-as com ardor, mas também as transfigurou com ardor, sem reparar nisso. Até pelo fato de o senhor reduzir Deus ao simples atributo da nacionalidade...

Pôs-se então a observar Chátov com uma atenção redobrada, não tanto pelas palavras que dizia mas para o perscrutar a ele mesmo.

— Reduzo Deus ao atributo nacional? — gritou Chátov. — Pelo contrário, elevo o povo até Deus. E alguma vez foi diferente? O povo é o corpo de Deus. Qualquer povo é povo apenas enquanto tem o seu deus particular, excluindo implacavelmente todos os outros deuses do mundo; enquanto tem a fé de que, com o seu deus, vencerá, expulsando do mundo todos os outros deuses. Todos os povos tiveram esta fé desde o princípio dos tempos, pelo menos todos os grandes povos, todos os povos de algum modo assinalados, todos os povos que lideraram a humanidade. Não há oposição possível a este fato. Os judeus apenas viveram para chegarem a ver o verdadeiro Deus e legaram ao mundo o verdadeiro Deus. Os gregos divinizavam a natureza e legaram ao mundo a suareligião, ou seja, a filosofia e a arte. Roma divinizou o povo no Estado e legou aos povos o Estado. A França, no decorrer de toda a sua longa história, foi apenas a encarnação e o desenvolvimento da ideia do deus romano e se, por fim, lançou ao abismo o seu deus romano e caiu no ateísmo (que eles por enquanto chamam de socialismo), foi unicamente porque o ateísmo é mais saudável do que o catolicismo romano. Se um grande povo não tiver a fé de ser o único portador da verdade (precisamente o único, exclusivo), se não tiver a fé de que só ele é capaz e tem a missão de ressuscitar e salvar todos com a sua verdade, transformar-se-á de imediato em material etnográfico, deixando de ser grande povo. Um verdadeiro grande povo não pode resignar-se a um papel secundário entre a humanidade, nem sequer apenas ao papel principal, mas deverá desempenhar obrigatória e exclusivamente o primeiro e único papel. Quem perder esta fé deixa de ser povo. Mas a verdade é única, logo só um dos povos pode ter o verdadeiro Deus, mesmo que os outros povos tenham os seus grandes deuses particulares. O único

povo “portador de Deus” é o povo russo, e... e... e será que o Senhor Stavróguin me toma por um imbecil tal — vociferou de repente com fúria — que não sabe distinguir se as minhas palavras, neste momento, são um farelório velho e caduco, moído em todos os moinhos eslavófilos de Moscou, ou uma palavra nova, a última, a única palavra de renovação e de ressurreição, e... o que me interessa o seu riso neste instante?! O que me interessa que o senhor não me compreenda absolutamente nada, absolutamente, nem uma palavra, nem um som!... Oh, como eu desprezo neste instante o seu riso e o seu olhar orgulhosos!

Saltou do lugar, apareceu-lhe espuma nos lábios.

— Pelo contrário, Chátov, pelo contrário — disse Stavróguin com muita seriedade e reserva, sem se levantar do lugar —, pelo contrário, as suas palavras fogosas despertaram em mim muitas recordações fortíssimas. Nas suas palavras reconheço o meu estado de espírito de há dois anos, e já não vou dizer-lhe, como há pouco, que está exagerando as minhas ideias daqueles tempos. Parece-me até que eram ainda mais peremptórias e autoritárias, e asseguro-lhe pela terceira vez que desejaria muito confirmar tudo o que o senhor disse, até à última palavra, mas...

— Mas precisa da lebre?

— O quêêê?

— É a sua própria expressão ignóbil — riu-se Chátov com maldade, voltando a sentar-se. — “Para fazer um molho de lebre, é preciso ter uma lebre; para acreditar em Deus, é preciso que haja Deus”. Dizem que o senhor gostava de a proferir, em Petersburgo, armado em Nozdriov,¹⁸³ que pretendia apanhar uma lebre pelas patas traseiras.

— Não, esse gabava-se de a ter apanhado. A propósito, permita-me, finalmente, que também o incomode com uma pergunta, até porque

considero que já tenho o pleno direito de a fazer. Diga-me: a sua lebre já foi apanhada, ou ainda corre em liberdade?

— Não se atreva a usar essas palavras para me fazer perguntas, use outras, outras!— pôs-se Chátov a tremer, de repente.

— Com certeza, serão outras. — E Nikolai Vsevolodovitch olhou severamente para ele. — Queria apenas saber: o senhor, pessoalmente, tem fé em Deus ou não?

— Tenho fé na Rússia, na sua crença ortodoxa... Tenho fé no corpo de Cristo... Tenho fé em que o novo advento será na Rússia... Tenho fé... — balbuciava Chátov em frenesi.

— E em Deus? Em Deus?

— Eu... eu terei fé em Deus.

Nem um músculo se mexeu no rosto de Stavróguin. Chátov olhava para ele com ardor e desafio, como se quisesse fulminá-lo com o olhar.

— Não lhe disse que não tenho qualquer fé! — gritou por fim. — Apenas lhe dou a saber que sou como um livro desgraçado e enfadonho, e por enquanto, por enquanto nada mais... Mas... pr'ò diabo o meu nome! O que interessa é o senhor e não eu... Sou um homem sem talento e posso dar apenas o meu sangue, nada mais, como qualquer um que não tem talento. Pr'ò diabo também o meu sangue! Estou falando do senhor, estive aqui dois anos à espera... É para o senhor que agora, durante meia hora, danço nu. O senhor é o único que poderia levantar esta bandeira!...

Não acabou o que queria dizer e, como que em desespero, fincando os cotovelos na mesa, apoiou a cabeça nas mãos.

— Só uma observação, porque se trata de uma coisa estranha — interrompeu-o Stavróguin bruscamente —: por que razão todos me impõem uma bandeira qualquer? Piotr Verkhovênski também está

convencido de que eu poderia “erguer a bandeira deles”, pelo menos foi assim que me transmitiram as suas palavras. Meteu-se-lhe na cabeça a ideia de que eu poderia fazer para eles o papel de Stenka Rázin,¹⁸⁴ “por ter uma extraordinária capacidade para cometer crimes”, segundo as palavras dele também.

— Como? — perguntou Chátov. — “Por ter uma extraordinária capacidade para cometer crimes”?

— Exatamente.

— Humm. Ouça, é verdade que o senhor — sorriu maldosamente —, é verdade que o senhor, em Petersburgo, pertencia a uma sociedade secreta de porcalhões voluptuosos? É verdade que o Marquês de Sade podia aprender com o senhor? É verdade que atraíam e depravavam crianças? Diga, não se atreva a mentir! — gritou, fora de si. — O Nikolai Stavróguin não pode mentir ao Chátov que lhe bateu na cara! Diga-me tudo e, se for verdade, mate-o já, imediatamente, neste mesmo lugar!

— Dizia as palavras que me atribui, mas não magoava as crianças — respondeu Stavróguin, mas só depois de um silêncio muito longo. Tinha empalidecido, tinham-se-lhe incendiado os olhos.

— Mas dizia! — continuou Chátov, autoritário, sem desviar de Stavróguin os seus olhos cintilantes. — É verdade que o senhor afirmava que não via em que era diferente, em beleza, um qualquer ato animalesco e voluptuoso de um alto feito, fosse ele qual fosse, mesmo que se tratasse do sacrifício da vida em prol da humanidade? É verdade que nestes dois polos o senhor achou uma coincidência de beleza e um prazer igual?

— Assim é impossível responder... não quero responder — murmurou Stavróguin, que bem podia levantar-se e ir-se embora, mas não se levantava nem se ia embora.

— Também não sei por que é que o mal é abominável e o bem é belo, mas sei por que é que a sensação desta diferença se apaga e se perde para senhores como osStavróguin. — Chátov, todo a tremer, não o largava. — Sabe então por que se casou de maneira tão ignóbil e vergonhosa? Porque, precisamente nisso, a vergonha e o absurdo atingiam a genialidade! Oh, o senhor não está à beira do abismo, o senhor precipita-se nele de cabeça. Casou-se por ter a paixão de martirizar, a paixão dos remorsos, por causa da volúpia moral. Havia nisso uma exaltação nervosa... Era demasiado sedutor o desafio ao senso comum! Stavróguin com uma manca mirrada, uma pobre de espírito, uma miserável! Quando o senhor mordida a orelha do governador, sentia volúpia? Sentia? O senhor, fidalgo ocioso e inútil, sentiu a volúpia?

— O senhor é psicólogo... — Stavróguin empalidecia cada vez mais — embora, em parte, se engane nas razões do meu casamento... Aliás, quem poderia ter-lhe fornecido toda esta informação? — sorriu com esforço. — O Kiríllov? Mas ele não participou...

— Está ficando branco?

— No fundo, o que pretende o senhor? — Nikolai Vsevolodovitch levantou finalmente a voz. — Aguentei meia hora sob o seu chicote, poderia ao menos deixar-me ir embora de modo educado... se não tem realmente qualquer objetivo razoável para me tratar desta maneira.

— Um objetivo razoável?

— Sim, exatamente. O senhor tinha a obrigação, pelo menos, de me informar sobre o seu objetivo. Estive sempre à espera que o senhor o fizesse, mas encontrei apenas uma raiva frenética. Por favor, abra-me o portão.

Levantou-se da cadeira. Chátov precipitou-se furiosamente atrás dele.

— Beije a terra, molhe-a de lágrimas, peça perdão! — gritou ele, agarrando-o pelo ombro.

— Note que eu não o matei... naquela manhã... pus as mãos atrás das costas... — pronunciou Stavróguin quase com dor, baixando os olhos.

— Diga tudo até ao fim, até ao fim! Veio avisar-me do perigo, deixou-me falar, amanhã quer anunciar publicamente o seu casamento!... Acha que eu não vejo pela sua cara que o domina uma nova ideia terrível?... Stavróguin, por que estou condenado a acreditar no senhor para todo o sempre? Poderia eu falar assim com qualquer outra pessoa? Tenho pudor, mas não tive medo de me despir porque estava falando com Stavróguin. Não tive medo de caricaturar a grande ideia com o toque da minha mão porque quem estava ouvindo era Stavróguin... Não irei eu beijar as suas pegadas quando o senhor sair? Não consigo arrancá-lo do meu coração, Nikolai Stavróguin!

— Lamento não poder gostar do senhor, Chátov — disse com frieza Nikolai Vsevolodovitch.

— Sei que não pode e sei que não está mentindo. Ouça, posso emendar tudo: arranjo-lhe a lebre!

Stavróguin ficou calado.

— O senhor é ateu porque é um fidalgote, o último dos fidalgotes. Perdeu a noção da diferença entre o bem e o mal porque deixou de reconhecer o seu povo. Está chegando uma nova geração, diretamente do coração do povo, que o senhor nunca reconhecerá, nem os Verkhovênski, pai e filho, nem eu, porque também sou um fidalgote, eu, filho do seu servo doméstico Pachka... Ouça, ganhe Deus com o trabalho; é isso o essencial, de outro modo vai desaparecer como um bolor ignóbil; ganhe-O com o trabalho.

— Ganhar Deus com o trabalho? Qual trabalho?

— O de mujique. Vá lá, largue as suas riquezas... Ah! O senhor ri-se, tem medo de que isso descambe numa palhaçada?

Mas Stavróguin não se ria.

— Acha que é possível ganhar Deus com o trabalho, e concretamente com o trabalho de mujique? — repetiu, pensativo, como se na verdade deparasse com uma coisa nova e séria, digna de ser analisada. — A propósito — desviou-se de repente para outra ideia —, o senhor acaba de me recordar: sabe que não sou rico, que não tenho nada para largar? Sou quase incapaz de assegurar até o futuro de Mária Timoféevna. Mais uma coisa: na verdade vim aqui para lhe pedir, se for possível, que também no futuro não abandone Mária Timoféevna, porque só o senhor pode ter alguma influência na sua pobre mente... Falo assim para o que der e vier.

— Está bem, está bem, quanto à Mária Timoféevna... — Chátov abanou uma mão, segurando na outra a vela —, está bem, é natural, depois... Ouça, vá ter com o Tíkhon.

— Com quem?

— Com o Tíkhon. Tíkhon é um antigo prelado, vive retirado por causa da doença, aqui na cidade, no nosso Mosteiro Bogoródski.

— Para já, quem é esse?

— Ninguém. Vão vê-lo pessoas de perto e de longe. Vá lá, qual é o problema? Há algum problema?

— É que ouço falar dele pela primeira vez e... nunca lidei com pessoas desta espécie. Obrigado, um dia destes vou lá.

— É por ali... — Chátov alumiava a escada. — Vá. — E abriu a cancela para arua.

— Nunca mais virei visitá-lo, Chátov — disse baixinho Stavróguin, passando pela cancela.

Estava a mesma escuridão e a mesma chuva.

2 - A noite (continuação)

I

Passou toda a Rua Bogoiavlênskaia; depois passou um declive onde os pés lhe escorregavam na lama e, de repente, abriu-se à sua frente um espaço largo, nebuloso, como que vazio — o rio. Já não havia casas, mas choupanas, da rua dispersavam-se numerosas vielas desordenadas. Nikolai Vsevolodovitch caminhou durante muito tempo ao longo dos tapumes, sem se afastar da margem do rio, mas encontrando com segurança o seu caminho, pelos vistos sem pensar muito nisso. Tinha a mente ocupada com outras coisas, por isso, quando caiu em si, despertando bruscamente do seu estado contemplativo, viu-se quase no meio da nossa comprida e molhada ponte de barcas. Não havia viva alma, por isso lhe pareceu estranho quando, quase a seu lado, se ouviu uma voz bem-educada e familiar, bastante agradável, aliás, e com aquela pronúncia melíflua e escandida que exibem os nossos populares¹⁸⁵ demasiado civilizados, ou os jovens empregados de balcão de cabelo frisado nos grandes armazéns.

— Não me daria vossa mercê licença para me abrigar debaixo do seu guarda-chuva?

De fato, uma vaga figura enfiou-se, ou apenas fingiu enfiar-se, debaixo do seu guarda-chuva. O vagabundo caminhava agora a seu lado e quase “sentia o cotovelo” de Nikolai Vsevolodovitch, como se exprimem os soldadinhos. Refreando o passo, Nikolai Vsevolodovitch inclinou-se para ver melhor, na medida do possível no meio de tal escuridão: o homem, de pequena estatura, lembrava um popular na sua pândega; mal agasalhado, envergando umas roupas deselegantes e sem graça nenhuma; sobre o cabelo encaracolado e desgrenhado trazia

um boné de pano todo empapado e com a pala meio rasgada. Ao que parecia, era moreno, robusto e magro; os olhos eram grandes, por certo negros, com um brilho forte e uns lábios de amarelo, como os de um cigano — até na escuridão se adivinhava isso. Teria os seus quarenta anos e não estava bêbado.

— Conheces-me? — perguntou Nikolai Vsevolodovitch.

— É o Senhor Stavróguin, Nikolai Vsevolodovitch; mostraram-me o senhor na estação dos trens, mal a locomotiva parou, faz agora dois domingos. Além disso, já antes tínhamos ouvido falar a seu respeito.

— Por parte de Piotr Stepánovitch? És... és o Fedka Grilheta?

— Fui batizado como Fiódor Fiodorovitch, e até ao momento ainda temos a nossa progenitora a viver aqui na Terra, uma velhinha de Deus, curvada até ao chão, rezando por nós dia e noite, para não perder em vão o seu tempo de velhice, deitada no catre do fogão.

— Andas fugido dos trabalhos forçados?

— Mudei o destino.¹⁸⁶ Entreguei livros e sinos, e os papéis da igreja, pois fui condenado a ser forçado para sempre, pelo que demoraria muito a esperar pelo fim.

— O que fazes aqui?

— Passo o tempo, dia e noite, noite e dia. O meu tio, na semana passada, faleceu na cadeia local, onde estava retido como falsificador de moeda; então, em memória dele, atirei duas dezenas de pedras aos cães... eis todas as nossas ocupações, por enquanto... Além disso, Piotr Stepánovitch está preparando-me um passaporte seguro e válido para toda a Rússia, como se eu fosse, digamos, um comerciante, pelo que também estou à espera desse favor da parte dele. Porque, diz ele, o meu paizinho, em tempos, perdeu-te às cartas no clube inglês; ora, diz ele, acho esse fato injusto e desumano. O senhor não me oferece três rublozinhos para o chá, para me aquecer?

— Estavas então aqui à minha espera, às escondidas; não gosto disso. Quem te mandou?

— Não recebi ordens de ninguém, estou aqui porque toda a gente conhece a misericórdia de vossa senhoria, e eu também. As nossas receitas, o senhor bem sabe, são um pão reles ou uma forquilha nas costelas. Aqui estou, depois de me ter empanturrado de bolo na sexta-feira, como Martin de sabão, sem ter comido num dia, ter jejuado no seguinte, e sem ter comido mais uma vez no terceiro. Água do rio não falta, faço criação de carpas na barriga... Então, não fará o obséquio de me dar alguma coisinha? Tenho aqui por perto uma comadre à espera, só que ela não me deixa entrar sem rublos.

— Que promessas te fez Piotr Stepánovitch em meu nome?

— Não direi que promettesse, mas disse-me que talvez eu pudesse ser útil a vossa mercê, se se apresentasse, digamos, uma circunstância para tal, mas não me explicou do que se tratava, nada de certo, porque Piotr Stepánovitch põe à prova a minha paciência e não me alimenta confiança nenhuma.

— E por que será?

— Piotr Stepánovitch é *astrólogo* e conhece todos os planetas de Deus, mas também não foge à crítica. Estou falando consigo, meu senhor, como diante de Deus, porque ouvimos falar muito a seu respeito. Piotr Stepánovitch é uma coisa, o senhoré outra, acho eu. Para ele, se alguém for chamado canalha uma vez, será canalha para sempre, não quer saber de mais nada. Ou, se for dito desse alguém que é “parvo”, não encontrará para esse homem outro título além deste. Mas eu, se calhar, sou parvo apenas às terças e às quartas-feiras, e na quinta sou mais esperto do que ele. Agora, está vendo o senhor, ele sabe que eu necessito muito de passaporte... porque na Rússia não se pode viver sem papéis... e então acha que já escravizou a minha alma. Para Piotr Stepánovitch, meu senhor, é muito fácil viver no mundo porque imagina como as pessoas são e não passa disso. Além disso, é

um grande forreta. Está convencido de que eu não me atreverei a incomodar o senhor passando por cima dele, mas eu, à sua frente, meu senhor, estou como que perante Deus... Já vai na quarta noite que espero por vossa mercê nesta ponte, pois acho que, sem ele, também sou capaz de encontrar, devagarinho, o meu caminho. É melhor curvar-me diante da bota, pensei eu, do que diante da alpargata.

— Mas quem te disse que eu passaria na ponte de noite?

— Esse pormenor, confesso, soube-o de outra fonte, principalmente por via da estupidez do Capitão Lebiádkin, já que é um homem que não consegue manter o bico calado... Pois bem, três rublos da parte de vossa mercê, que mos deve, digamos, portrês dias e três noites, e pela mágoa. Quanto à roupa encharcada, sinto-me tão ofendido que me calo.

— A esquerda para mim, a direita para ti e está a ponte passada. Ouve, Fiódor, gosto de que a minha palavra seja entendida de uma vez por todas: não te dou um copeque, e de futuro não me apareças à frente, nem na ponte nem noutro lado qualquer, não preciso nem vou precisar de ti, e, se não me obedeceres, amarro-te e levo-te à polícia. Fora!

— Irra! Dê-me alguma coisinha ao menos por lhe ter feito companhia e ter tornado o seu caminho mais animado.

— Fora!

— Mas o senhor conhece estes caminhos daqui? É que vão aparecer umas vielas tais que... Eu poderia guiá-lo, porque esta cidade é, como quem diz, o que o Diabo levava no cesto mas sacudiu e espalhou.

— Cuidado, olha que eu amarro-te! — virou-se para ele Nikolai Vsevolodovitch, ameaçadoramente.

— Se calhar ainda vai mudar de opinião, senhor; e olhe que ofender um órfão não é difícil.

— Irra, parece que estás muito seguro de ti!

— Estou seguro do senhor, de mim nem por isso.

— Não preciso de ti, já te disse!

— Mas eu preciso do senhor, é este o caso. Está bem, fico à sua espera até voltar.

— Dou-te a minha palavra: se me apareceres à frente, amarro-te.

— Então, vou já preparar as cordas. Bom caminho para si, meu senhor, porque, seja como for, abrigou o órfão debaixo do seu guarda-chuva, e fico-lhe agradecido por isso até ao fim da vida.

Deixou de o seguir. Até chegar ao seu destino, não largou Nikolai Vsevolodovitch um aperto na alma. Este homem, caído do céu, mostrava-se absolutamente convencido de que Stavróguin precisava dele e, de uma forma demasiado atrevida, apressava-se a declará-lo. Geralmente, ninguém fazia cerimônias com ele. Porém, também era possível que nem tudo fosse mentira e que o vagabundo propusesse efetivamente os seus serviços por sua própria iniciativa, ou seja, à revelia de Piotr Stepánovitch, o que era bastante curioso.

II

A casa a que chegou Nikolai Vsevolodovitch ficava numa viela deserta ladeada de tapumes, por trás dos quais começavam as hortas, ou seja, situava-se mesmo no extremo da cidade. Era uma casinha de madeira pequena e solitária, recém-construída e ainda não forrada de ripas. Os contraventos de uma das janelas não estavam fechados, de propósito, e no peitoril ardia uma vela, por certo para servir de farol ao visitante tardio de quem estavam à espera. A trinta passos da casa já Nikolai Vsevolodovitch distinguia um vulto alto, pelos vistos o dono da casa que, impaciente, saíra à soleira para olhar

para o caminho. Ouviu-se a sua voz, impaciente também, mas tímida, aparentemente:

— É o senhor? É o senhor?

— Sou — respondeu Nikolai Vsevolodovitch, mas apenas quando chegou ao pé da porta e depois de ter fechado o guarda-chuva.

— Até que enfim! — remexeu-se, pressuroso, o Capitão Lebiádkin (era ele). — Dê-me o seu guarda-chuva, está todo molhado, eu ponho-o aqui aberto no chão, num cantinho; bem-vindo, bem-vindo...

A porta do vestíbulo, que dava para uma sala alumiada por duas velas, estava abertade par em par.

— Se não fosse a sua palavra de honra, já tinha deixado de acreditar que o senhorvinha.

— É um quarto para a uma — disse Nikolai Vsevolodovitch, olhando para o relógio e entrando na sala.

— Além disso, está chovendo muito e a distância é impressionante... Não tenho relógio e da janela veem-se apenas as hortas, por isso... perdemos a noção das coisas... mas não digo isto como queixume, porque a isso não me atrevo, não me atrevo; digo-o exclusivamente por impaciência, pela impaciência que me tem atormentado toda a semana... a impaciência de resolver tudo, finalmente.

— Como?

— Saber qual é o meu destino, Nikolai Vsevolodovitch. Bem-vindo, sente-se.

Dobrou-se, apontando para um lugar junto da mesinha em frente do divã.

Nikolai Vsevolodovitch olhou em volta; a sala era minúscula, de teto baixo; os móveis eram os mais indispensáveis: cadeiras e um divã de madeira, recém-fabricados, sem forros nem almofadas, duas mesinhas de tília — uma ao pé do divã, a outra num canto, coberta com uma toalha e atulhada de coisas tapadas por um pano impecavelmente limpo. Toda a sala mostrava por certo um grande asseio. O Capitão Lebiádkin não estava bêbado havia já oito dias; tinha a cara entumecida e amarelada, e o olhar inquieto, curioso e visivelmente perplexo: era notório que ainda não sabia em que tom poderia falar e que tom lhe seria mais vantajoso.

— Aqui estou — disse, apontando para tudo à sua volta —, vivo como o eremita Zossima.¹⁸⁷ Sobriedade, retiro e miséria: a promessa dos cavaleiros antigos.

— O senhor acha que, antigamente, os cavaleiros faziam estas promessas?

— Terei confundido as coisas? Infelizmente, não tenho instrução nenhuma! Para mim tem sido tudo uma perdição! Acredite, Nikolai Vsevolodovitch, mas foi aqui que pela primeira vez caí em mim e abandonei os vícios vergonhosos: nem um copo... nem uma gota! Neste abrigo, durante seis dias, senti a minha consciência desenvolver-se. Até as paredes cheiram a resina, lembrando a natureza. O que era eu, o quê?

De noite corro sem dormir,

*De dia, com a língua de fora...*¹⁸⁸

De acordo com a expressão genial do poeta! Mas... o senhor está todo encharcado... Não quer um chazinho?

— Não se preocupe.

— O samovar estava fervendo desde as sete mas... apagou-se... como tudo no mundo. Dizem que também o Sol se apagará algum dia...

Aliás, se for preciso, arranjo chá. A Agáfia ainda não está dormindo.

— Diga-me, Mária Timoféevna...

— Está aqui, está — interrompeu-o Lebiádkin num sussurro —, deseja vê-la? — apontou para a porta, fechada, que dava para outra divisão.

— Não está dormindo?

— Oh, não, não, como seria possível? Pelo contrário, está à espera desde o fim da tarde e, quando soube da sua visita, foi logo arranjar-se... — Lebiádkin entortou a bocanum sorriso irônico, mas encolheu-se de imediato.

— De uma maneira geral, como está ela? — perguntou Nikolai Vsevolodovitch, carregando o sobrolho.

— De uma maneira geral? O senhor sabe como é — (levantou os ombros, como que lamentando) —; agora... agora está deitando as cartas...

— Está bem, depois; para já, antes de mais nada, é preciso resolver tudo com o senhor.

Nikolai Vsevolodovitch sentou-se na cadeira.

O capitão não se atreveu a sentar-se no divã, mas pegou noutra cadeira e, numa expectativa trêmula, inclinou-se para ouvir.

— O que tem, ali no canto, debaixo do guardanapo? — reparou de súbito Nikolai Vsevolodovitch.

— Aquilo? — virou-se também Lebiádkin. — É fruto da sua própria generosidade, à laia, por assim dizer, da festa de mudança para a nova casa, tendo em consideração, além disso, o seu caminho de volta que tem pela frente e o natural cansaço — soltou um risinho enternecido,

depois levantou-se e, na ponta dos pés, com respeito e cuidado, tirou o guardanapo da mesinha. Debaixo dele estavam os petiscos: fiambre, carne de vitela, sardinhas, queijo, um pequeno jarro verde e uma garrafa alta de Bordéus; tudo servido com muito asseio, com saber, quase com elegância.

— Foi o senhor quem tratou disso?

— Fui. Já ontem, na medida das minhas possibilidades, e para prestar honra... Mária Timoféevna, em relação a isso, mostra-se indiferente, como o senhor sabe. O principal é que tudo isto é fruto da sua própria generosidade, é seu, porque o senhor é que é dono disto e não eu, fazendo eu, por assim dizer, o papel de seu feitor, porque, em todo o caso, em todo o caso, Nikolai Vsevolodovitch, eu tenho um espírito independente! Não me prive desta minha derradeira fortuna! — concluiu com emoção enternecida.

— Humm!... Volte a sentar-se.

— Obri-ga-a-do, agradecido e independente! — (Sentou-se). — Ah, Nikolai Vsevolodovitch, este meu coração acumulou tanta coisa que eu já não sabia como aguentar a espera! Agora é o momento de o senhor decidir o destino meu e... o desta desgraçada, e depois... depois, como outrora, como antigamente, como quatro anos atrás, desabafarei perante o senhor! Porque naquele tempo o senhor se dignava honrar-me com a sua atenção, lia as minhas estrofes... Embora me chamasse então o seu Falstaff de Shakespeare, aquilo significou tanto no meu destino!... Neste momento, experimento grandes medos, e só do senhor espero conselho e luz. Piotr Stepánovitch trata-me de forma terrível!

Nikolai Vsevolodovitch ouvia-o com curiosidade e perscrutava-o com atenção. Pelos vistos, o Capitão Lebiádkin, embora tivesse deixado de se embebedar, estava longe de uma disposição de espírito harmoniosa. Em semelhantes bêbados de longa data acaba por instalar-se, e para sempre, um qualquer estado de espírito

desequilibrado, brumoso, qualquer coisa de deformado e louco, embora mantenham, quando querem, enada pior do que os outros, a capacidade de enganarem, usarem de astúcia e vigarizaremos próximo.

— Vejo que o capitão não mudou nada nestes quatro anos e tal — disse Nikolai Vsevolodovitch, num tom um pouco mais carinhoso. — Afinal, é verdade que toda a segunda metade da vida humana se compõe tão só de hábitos adquiridos durante a primeira metade.

— Palavras sublimes! O senhor decifra o enigma da vida! — exclamou o capitão, em parte com manha, em parte com um entusiasmo verdadeiro e sincero, porque era grande amante de *mots*. — De todas as suas palavras, Nikolai Vsevolodovitch, guardo sobretudo na memória uma expressão que o senhor proferiu ainda em Petersburgo: “É preciso ser-se um autêntico grande homem para se poder resistir ao senso comum”. É isso!

— E também um parvo.

— Pois, que seja, que seja também um parvo, mas o senhor tem disparado coisas espirituosas durante toda a vida, e eles? Que o Lipútin ou o Piotr Stepánovitch tentem exprimir alguma coisa mais ou menos semelhante! Oh, que cruel foi comigo o Piotr Stepánovitch!...

— Pois, mas como se portou o senhor capitão?

— A bebedeira, meu senhor, e, além disso, a legião dos meus inimigos! Mas agora acabou, já passou tudo, estou renovando-me como uma cobra. O Nikolai Vsevolodovitch sabe que estou escrevendo o meu testamento e que até já o escrevi?

— Interessante. E então, o que é que o senhor lega e a quem?

— À pátria, à humanidade e aos estudantes. Nikolai Vsevolodovitch, li num jornal a biografia de um americano. Deixou toda a sua fortuna colossal às fábricas e às ciências positivas, deixou o seu esqueleto aos estudantes, ou seja, à Academia americana, e da sua pele mandou que

fosse feito um tambor em que se tocasse dia e noite o hino nacional. Infelizmente, somos uns pigmeus em comparação com o voo do pensamento dos Estados Unidos da América; a Rússia é um jogo de natureza, e não de intelecto. Se eu tentar legar a minha pele para um tambor, digamos, ao regimento de infantaria de Akmólink, em que tive a honra de encetar o meu serviço militar, para que, todos os dias e diante de todo o regimento, seja tocado nele o hino nacional russo, tomarão isso por liberalismo, proibirão a minha pele... Por isso limitei-me a fazer o meu testamento a favor dos estudantes. Quero legar o meu esqueleto à Academia, mas sob a condição, obrigatória, de que seja colada na caveira, para todo o sempre, uma inscrição com as palavras: “O livre-pensador arrependido”. É assim!

O capitão falava com ardor e, evidentemente, já acreditava sinceramente na beleza do testamento americano, mas também usava de manha, pois queria muito fazer rir Nikolai Vsevolodovitch, para quem tinha feito de bobo durante muito tempo. Nikolai Vsevolodovitch, porém, nem sorriu; pelo contrário, perguntou com desconfiança:

— Quer o senhor dizer que tenciona tornar público o seu testamento ainda em vida e receber um prêmio por ele?

— Por que não, Nikolai Vsevolodovitch, por que não? — e Lebiádkin espreitou-lhe com atenção para a cara. — Veja só o meu destino! Até deixei de escrever poesias, e note que, em tempos, também o senhor se divertia com os meus versinhos... lembra-se, Nikolai Vsevolodovitch, quando tomávamos um copinho? No entanto, chegou o fim para a minha pena. Escrevi apenas um poema, tal como Gógol “O último conto”;¹⁸⁹ lembra-se de como ele anunciava à Rússia que “brotara do peito como um canto”? Assim cantei eu, e basta.

— Então, como é esse poema?

— “No caso de ela quebrar uma perna”!

— O quê?

Era isso que o capitão esperava. Era certo que respeitava enormemente as suas próprias poesias, atribuindo-lhes grande valor, mas também, devido a uma certa ambiguidade de alma, gostava também que, primeiro, Nikolai Vsevolodovitch se divertisse com os versinhos dele e se risse às gargalhadas: desta forma, eram conseguidos dois objetivos de uma cajadada — o poético e o de serviço; mas agora havia também um terceiro objetivo, muito especial e delicado: o capitão, avançando com a poesia, tinha a esperança de se justificar em determinado ponto que, por alguma razão, lhe provocava os maiores receios e em que se sentia mais culpado do que em outras coisas.

— “No caso de ela quebrar uma perna”, ou seja, durante a equitação. Uma fantasia, Nikolai Vsevolodovitch, um delírio, mas um delírio poético: uma ocasião fiquei impressionado ao ver de passagem a amazona e fiz a mim mesmo uma pergunta material: “O que aconteceria?”, isto é, no caso de... Fica claro o que aconteceria: todos os pretendentes dela desistiam, todos os noivos desapareciam, acabava-se tudo, e apenas o poeta continuaria fiel com o coração esmagado no peito. Nikolai Vsevolodovitch, até um piolho poderia apaixonar-se, a lei não o proíbe. No entanto, a respectiva senhora sentiu-se ofendida, tanto pela carta como pela poesia. Até o senhor ficou zangado, ao que dizem, não sei se é verdade; é uma tristeza; eu nem quis acreditar. A quem poderia eu fazer mal com a minha imaginação? Além disso, juro pela minha honra que foi culpa do Lipútin: “Manda, manda isso, qualquer pessoa tem o direito de enviar correspondência”... e eu, então, mandei.

— Parece que o senhor se propunha como noivo?

— Inimigos, inimigos, inimigos!

— Diga a poesia — interrompeu-o severamente Nikolai Vsevolodovitch.

— Delírio, delírio em primeiro lugar.

Porém, Lebiádkin lá se endireitou, estendeu o braço e começou:

*Um membro partiu a minha beldade,
Tornando-se duas vezes mais bela,
E duas vezes mais apaixonado
Quem já morria de amores por ela.*

— Bem, chega — abanou a mão Nikolai Vsevolodovitch.

— Sonho com Petersburgo — saltou velozmente para outro tema o capitão, como se nunca ali se tivesse falado de poesia —, sonho com a ressurreição... Meu benfeitor! Posso ter a esperança de que o senhor não me recusa os meios para a viagem? Tenho esperado pelo senhor toda esta semana como quem espera pelo Sol.

— Isso não, desculpe, já quase não tenho dinheiro; além disso, por que razão lho havia de dar?...

Parece que Nikolai Vsevolodovitch tinha ficado repentinamente zangado. Num tom seco e sucinto, enumerou todos os crimes do capitão: bebedeira, mentiras, desbaratamento do dinheiro destinado a Mária Timoféevna, o tê-la tirado do mosteiro, as cartas descaradas com ameaças de divulgar o segredo, a calúnia contra Dária Pávlovna, etc., etc. O capitão agitava-se, gesticulava, tentava desmentir, mas Nikolai Vsevolodovitch, de cada vez, fazia-o calar com autoridade.

— Além disso — observou por último —, o senhor está sempre falando do “opróbrio da família”. Que opróbrio é para o senhor o fato de a sua irmã ter casado com um Stavróguin?

— É que o casamento continua a ser escondido, Nikolai Vsevolodovitch, é um segredo fatídico. Recebo dinheiro do senhor, e perguntam-me logo: por que recebeu estedinheiro? E eu atado de pés e mãos, não posso responder, em prejuízo da minha irmã, em prejuízo da dignidade da família.

O capitão subiu de tom: gostava deste tema e esperava grandes vantagens dele. Infelizmente, nem sequer pressentia como ia ser aturdido. De maneira calma e precisa, como se se tratasse de uma decisão cotidiana e vulgar, Nikolai Vsevolodovitch anunciou-lhe que, nos dias mais próximos, talvez já no dia seguinte ou dentro de dois dias, tencionava divulgar por todo o lado o fato do seu casamento, “comunicando-o tanto à polícia como à sociedade”, pelo que faria assim resolvido, naturalmente, o problema da dignidade familiar e, conjuntamente, a questão dos subsídios. O capitão esbugalhou os olhos; nem percebeu, foi preciso explicar-lhe melhor.

— Mas ela é... maluca!

— Vou dar as ordens adequadas.

— Mas... a sua mãezinha?

— O problema é dela.

— Quer então dizer que o senhor meterá a sua esposa em sua casa?

— Talvez. Aliás, o senhor não tem nada que ver com isso, está de fora.

— Como é que estou de fora? — gritou o capitão. — E o que vai ser de mim?

— O senhor, obviamente, não entrará em minha casa.

— Mas sou seu parente!

— De parentes deste gênero é preciso fugir a sete pés. Por que haveria de lhe dar dinheiro? Pense por si mesmo.

— Nikolai Vsevolodovitch, Nikolai Vsevolodovitch, é impossível, talvez o senhor ainda reconsidere, talvez não queira ainda dar cabo da sua vida... O que vão pensar, o que vão dizer na sociedade?

— Ai que medo eu tenho desta sua sociedade! Já que me casei com a sua irmã quando me apeteceu, depois de um almoço de bebedeira, por causa de uma aposta de vinho, por que não o hei de agora divulgar... se é este o meu capricho?

Tudo isto foi dito com uma tal irritação que Lebiádkin, aterrorizado, começou a acreditar.

— Mas o que vai acontecer comigo, comigo? O principal interessado nisto sou eu!... Deve estar brincando, não, Nikolai Vsevolodovitch?

— Não, não estou.

— Como queira, Nikolai Vsevolodovitch, mas não acredito... vou apresentar queixa.

— É muito estúpido, capitão.

— Que seja, mas não tenho outra saída! — voltou a embaraçar-se o capitão. — Dantes, lá nos quartos alugados, davam-nos ao menos um alojamento pelo serviço dela, mas o que será agora se o senhor me abandonar?

— Parece que o senhor queria ir para Petersburgo, mudar de carreira. A propósito, é verdade o que ouvi dizer, que o senhor tenciona ir lá fazer uma denúncia, com a esperança de obter o perdão, delatando todos os outros?

O capitão abriu a boca, esbugalhou os olhos e não respondeu.

— Ouça, capitão — recomeçou Stavróguin, muito sério, inclinándose sobre a mesa. Até ao momento falara um tanto ambiguamente, pelo que Lebiádkin, bobo experiente, até ao último minuto não tinha a certeza absoluta de que o amo estava realmente zangado ou se apenas brincava com ele; se tinha a ideia louca de anunciar o seu casamento ou se apenas fazia teatro. Mas agora o olhar invulgarmente severo de Nikolai Vsevolodovitch era tão convincente que passou um calafrio

pelas costas do capitão. — Ouça, Lebiádkin, e diga-me a verdade: já denunciou alguma coisa ou ainda não? Já chegou de fato a fazer alguma coisa? Não terá mandado, por estupidez, alguma carta?

— Não, ainda não fiz nada nem... pensava fazer... — o olhar do capitão estava parado.

— Que não pensava, isso é mentira. É para isso que quer ir para Petersburgo. Mesmo que não tenha escrito nada, não terá dado com a língua nos dentes e falado com alguém daqui? Diga-me a verdade, porque eu já ouvi umas coisas.

— Disse a Lipútin, quando estava bêbado. Lipútin é um traidor. Abri-lhe o meu coração — sussurrou o pobre capitão.

— Sim, o coração, mas é que não se pode ser tão imbecil. Se tinha uma ideia, devia guardá-la bem guardada; hoje em dia as pessoas inteligentes calam-se, não tagarelam.

— Nikolai Vsevolodovitch! — tremeu o capitão. — É que o senhor, pessoalmente, não participou de nada, não foi ao senhor que eu...

— É lógico que não se atreveria a denunciar a sua própria vaca leiteira.

— Nikolai Vsevolodovitch, tente compreender, veja!... — E o capitão, com lágrimas de desespero nos olhos, apressou-se a contar a história dos últimos quatro anos da sua vida. Era a estupidíssima história de um imbecil que se metera onde não fora chamado e que, no meio da pândega e bebedeira constantes, não se dera conta da gravidade do assunto. Contou que, ainda em Petersburgo, “de início tinha ficado entusiasmado, simplesmente por amizade, por solidariedade estudantil”, embora não fosse estudante e, sem saber de nada, “sem ter qualquer culpa”, espalhou vários papéis pelas escadas dos prédios, deixou dezenas deles ao pé das portas, das campainhas, metia-os nos patamares de entrada, em vez dos jornais, levava-os para os teatros e metia-os nos chapéus e nos bolsos das pessoas. Depois começou a

receber dinheiro dos outros, “porque, que recursos é que eu tenho, que recursos?”. Espalhou “aquela porcaria” pelos distritos de duas províncias. — Oh, Nikolai Vsevolodovitch — exclamava ele —, o que mais me indignava era o fato de isso contradizer as leis civis e sobretudo as nacionais! Estavalá impresso, por exemplo, que as pessoas deviam sair à rua com forquilhas, e que se lembrassem de que quem saísse pobre de manhã poderia voltar à noite para casa já rico... veja só! Eu tremia todo, mas espalhava aquilo. Ou então, sem mais nem menos, cinco ou seis linhas dirigidas a toda a Rússia: “Fechai as igrejas, liquidai Deus, violai o casamento, destruí o direito de propriedade, pegai em facas”... assim, sem mais nem menos, e a seguir só o Diabo sabe o quê. Pois foi por causa de um papelinho desses, de cinco linhas, que eu ia sendo tramado: os oficiais do regimento espancaram-me, mas deixaram-me ir, Deus lhes dê saúde. E no ano passado por pouco não me apanharam quando fui entregar notas falsas de cinquenta, feitas em França, ao Korováev; graças a Deus que o Korováev, bêbado, se afogou no lago, e não chegaram a desmascarar-me. Aqui, em casa de Virguínski, proclamava eu a emancipação social da mulher. Em junho, recomecei a distribuir panfletos no distrito de N... Dizem que me vão obrigar a continuar com isso... Piotr Stepánovitch, de repente, dá-me a entender que tenho de obedecer; há muito que me ameaça. Olhe como me tratou no domingo! Nikolai Vsevolodovitch, sou escravo, um verme, mas não sou Deus, é esta a diferença entre mim e Derjávin.¹⁹⁰ Mas que recursos, que recursos tenho eu?

Nikolai Vsevolodovitch ouvia tudo com curiosidade.

— Não sabia muitas dessas coisas — observou. — É evidente que ao senhor podia acontecer tudo... Ouça — disse depois de pensar um pouco —, se quiser, diga-lhes, o senhor sabe a quem, que Lipútin mentiu e que você apenas queria intimidar-me com a denúncia, pensando que eu também estava metido nisso, e extorquir-me, dessa maneira, ainda mais dinheiro... Está entendendo?

— Nikolai Vsevolodovitch, meu querido, ameça-me um grande perigo? Espereitanto pelo senhor para lho perguntar.

Nikolai Vsevolodovitch sorriu.

— Não o deixarão ir para Petersburgo, é claro, mesmo que eu lhe desse o dinheiro para a viagem... aliás, já são horas de eu ir ver Mária Timoféevna. — E levantou-se da cadeira.

— Nikolai Vsevolodovitch... mas como será com Mária Timoféevna?

— Será como lhe disse.

— É verdade, também isso?

— Continua a não acreditar?

— Então vai deitar-me fora como uma bota velha e gasta?

— Vou ver — riu-se Nikolai Vsevolodovitch. — Bem, tenho de ir.

— Não quer que eu vá lá para fora, para a entrada... para não ouvir alguma coisa sem querer? Porque os quartos são minúsculos.

— Está bem, fique à entrada. Leve o guarda-chuva.

— O guarda-chuva, o seu... serei digno? — O capitão adocicou mais o seu servilismo.

— Qualquer pessoa é digna de guarda-chuva.

— O senhor define de uma penada o mínimo dos direitos humanos...

Balbuciu isto maquinalmente; estava demasiado oprimido pelas notícias e muito desconcertado. Porém, mal saiu para a soleira e abriu o guarda-chuva sobre a sua cabeça leviana e manhosa, começou a brotar dela a habitual ideia sossegadora de que estavam mentindo-lhe

e tentando enganá-lo, pelo que não devia ter medo uma vez que era dele, pelo contrário, que tinham medo.

“Se estão enganando-me, o que estará por trás disso?”, comichava-lhe na cabeça. Tornar público o casamento parecia-lhe um absurdo: “Aliás, um feiticeiro destes é capaz de tudo; vive para fazer mal aos outros... Mas... e se ele mesmo é que tem medo, depois da afronta que sofreu no domingo, e agora mais do que nunca? Por isso veio aqui a correr dizendo que ia revelar tudo, com medo de que fosse eu a revelá-lo. Cautela, Lebiádkin, não te deixes levar! Se ele próprio quer tanto a divulgação, então por que foi preciso vir de noite, sorrateiramente? Ora, se tem medo, é agora que o tem, precisamente agora, nestes últimos dias... Cuidado, Lebiádkin, não meta o bedelho!...”

“Assusta-me com Piotr Stepánovitch. Oh, é de ter medo, isso é realmente terrível! Quem me mandou badalar com Lipútin? Só o Diabo sabe o que esses demônios estão tramando, porque eu nunca consegui entender. Voltaram a mexer-se como há cinco anos. É verdade, a quem poderia eu denunciá-los? ‘Não escreveu a ninguém, por estupidez?’. Humm. Significa que é possível escrever, sob a aparência da estupidez? Não estará dando-me um conselho? ‘É para isso que vai para Petersburgo’. Malandro, eu apenas sonhei, mas ele já adivinhou o meu sonho! Parece que está empurrando-me para que eu vá lá. Das duas, uma: ou ele próprio tem medo porque errou feio, ou... ou não tem medo de nada e apenas me incita a denunciá-los a todos! Oh, é de ter medo, Lebiádkin, oh, não me venha errar o alvo!...”

Estava tão mergulhado nos seus pensamentos que se esqueceu de escutar. Aliás, seria difícil: a porta era grossa, de um batente, eles falavam baixinho; chegavam até ele apenas uns sons incompreensíveis. O capitão cuspiu e voltou, pensativo, para a soleira, assobiando.

III

O quarto de Mária Timoféevna era duas vezes maior do que o do capitão, mas os móveis eram igualmente toscos; porém, a mesa ao

lado do divã estava coberta com uma bonita toalha às cores; em cima dela, ardia um candeeiro; um excelente tapete cobria todo o chão; a cama estava isolada por um reposteiro verde comprido, através de todo o quarto; além disso, junto à mesa havia uma grande poltrona estofada em que, de resto, Mária Timoféevna não se sentava. A um canto, tal como na casa anterior, estava um ícone com uma lamparina acesa debaixo dele; por cima da mesa espalhavam-se os mesmos imprescindíveis objetos: um baralho de cartas, um espelhinho, uma coletânea de canções e, até, um pãozinho amanteigado. E também dois livros com ilustrações a cores: um deles com extratos de um relato de viagem famoso, adaptados à idade infantil; outro era uma coletânea de contos ligeiros, didáticos, na sua maioria sobre cavaleiros medievais, destinado às festas de Natal e aos internatos. Havia ainda um álbum de fotografias. Mária Timoféevna, é claro, estava à espera da visita de Nikolai Vsevolodovitch, tal como dissera o capitão; no entanto, quando Nikolai Vsevolodovitch entrou no quarto, ela dormia, semideitada no divã, com a cabeça apoiada na almofada com bordados a lã. O visitante fechou a porta sem barulho e, sem se aproximar, pôs-se a observar a adormecida.

O capitão mentiu quando disse que ela se tinha arranjado para o receber. Não, Mária Timoféevna estava com o mesmo vestidinho escuro que trazia no domingo, em casa de Varvara Petrovna. Tinha o cabelo apanhado na nuca num puxo minúsculo, exatamente da mesma maneira; o seu pescoço comprido e seco estava desnudo, como antes. O xale preto, oferta de Varvara Petrovna, estava cuidadosamente dobrado em cima do divã. A senhora, tal como antes, tinha o rosto grosseiramente caiado de branco e carmesim. Nikolai Vsevolodovitch não ficou assim parado a olhar para ela mais de um minuto porque Mária Timoféevna acordou de repente, como se sentisse o olhar dele, abriu os olhos e endireitou-se rapidamente. Também com o visitante se passou algo de estranho: continuava especado à entrada da porta; perscrutava o rosto dela com um olhar imóvel e penetrante, num silêncio pertinaz. Talvez fosse um olhar demasiado severo, talvez exprimisse repugnância, talvez até um prazer maldoso ao ver o ar assustado dela; ou talvez não, talvez fosse apenas a sensação de uma

Mária Timoféevna mal acordada — o certo foi que, bruscamente, depois do preâmbulo de um minuto, pintou-se-lhe um verdadeiro terror no rosto, agitado pelas convulsões da pobre mulher. Levantou as mãos, sacudiu-as, desatou a chorar de rompante, como uma criança assustada. Mais um instante e começaria a gritar. Mas o visitante caiu em si: a cara dele mudou num ápice e foi com o mais afável e carinhoso sorriso que se aproximou da mesa.

— Desculpe, assustei-a, Mária Timoféevna, estava dormindo e eu entrei de rompante — disse ele, estendendo-lhe a mão.

A toada das palavras carinhosas produziu o seu efeito, o susto dela desapareceu, embora continuasse com um olhar de medo, mas esforçando-se já por compreender alguma coisa. Estendeu-lhe a mão, também a medo. Finalmente, um sorriso aflorou-lhe com timidez aos lábios.

— Boa noite, príncipe — sussurrou, perscrutando-o de maneira estranha.

— Pelos vistos, teve um sonho mau? — continuou ele a sorrir, cada vez com maior carinho e simpatia.

— Como é que o senhor soube que eu tive um sonho sobre isso?...

Subitamente, voltou a tremer e afastou-se com brusquidão para trás, levantando uma mão, como que a defender-se, e preparando-se mais uma vez para chorar.

— Acalme-se, deixe isso, por que tem medo, não me reconhece? — tentava convencê-la Nikolai Vsevolodovitch, mas não o conseguindo desta vez durante muito tempo; ela olhava em silêncio, com a mesma perplexidade dolorosa, com um pensamento penoso cravado na sua desgraçada cabeça e continuando a esforçar-se por entender alguma coisa. Ora baixava os olhos, ora, de rompante, passava por ele um olhar rápido, abrangente. Não se acalmou mas, por fim, como que tomou uma decisão.

— Sente-se a meu lado, peço-lhe, para que depois eu possa vê-lo melhor — disse ela num tom bastante firme, com um qualquer propósito novo. — Por enquanto, não se preocupe, não vou olhar para o senhor, vou olhar para o chão. E também não olhe para mim, até que eu lho peça. Sente-se, então — acrescentou com uma certa impaciência.

Era evidente que uma nova sensação a dominava cada vez mais.

Nikolai Vsevolodovitch sentou-se, à espera; instalou-se um silêncio bastante longo.

— Humm! Parece-me estranho tudo isto — murmurou, com ar quase enojado. — É claro que me atormentam os pesadelos, mas por que foi que o senhor me apareceu no sonho naquele preparo?

— Bem, deixemos lá os sonhos — disse ele com impaciência, voltando-se para ela, apesar da proibição, e talvez a sua anterior expressão lhe voltasse a relancear nos olhos. Dava conta de que ela gostaria muito de olhar para ele, mas que resistia com todas as forças e continuava de olhos baixos.

— Ouça, príncipe — levantou de repente a voz —, ouça, príncipe...

— Por que não se vira para mim, por que não olha para mim, por que toda esta comédia? — exclamou Stavróguin, não aguentando mais.

Mas foi como se Mária Timoféevna não o ouvisse.

— Ouça, príncipe — repetiu pela terceira vez em voz firme, com uma careta desagradável e agitada. — Quando o senhor me disse então, no coche, que o casamento seria anunciado, eu assustei-me muito porque isso era o fim do segredo. Agora já não sei; tenho pensado muito e vejo claramente que não presto para essas coisas. Acho que também posso arranjar-me e receber visitas: não há problema em convidar as pessoas para uma xícara de chá, sobretudo se houver criados. Mesmo assim, o que vão pensar os estranhos? Naquele domingo, naquela casa, percebi

muita coisa. Aquela menina bonita estava sempre olhando para mim, sobretudo quando o senhor entrou. Porque foi o senhor que entrou, não foi? A mãe dela é simplesmente uma velhota engraçada da alta sociedade. O meu Lebiádkin também se destacou; e eu, para não me rir, estava sempre olhando para o teto, têm lá um teto muito bem decorado. A mãe *dele* deveriaser madre superiora; tenho medo dela, embora me oferecesse um xale preto. Acho que todos eles, então, me qualificaram de um ponto de vista inesperado; eu não me zango, sóque estava ali sentada e pensava: que parente posso eu ser para eles? É claro que a uma condessa se exigem apenas qualidades espirituais, porque para os problemas práticos ela tem muitos criados... e também uma certa coquetaria mundana, para estar apta a receber os estrangeiros. Mesmo assim, naquele domingo, eles olhavam para mim com desespero. Só a Dacha é que é um anjo. Tenho muito medo de que eles . amargurem com uma qualquer opinião imprudente a meu respeito.

— Não tenha medo nem se preocupe — torceu a boca Nikolai Vsevolodovitch.

— Aliás, a mim não custa nada que *ele* se envergonhe um pouco de mim, porque nisso há sempre mais piedade do que vergonha, consoante a pessoa que for, é claro. Porque ele sabe que eu posso ter pena deles, mais do que eles de mim.

— Parece que está muito ressentida com eles, Mária Timoféevna?

— Quem, eu? Não — sorriu ela com ingenuidade. — Nada disso. Então, olhei para vós todos: sempre zangados, sempre a discutir; reúnem-se e não sabem rir-se do fundo do coração. Tanta riqueza e tão pouca alegria... mete-me nojo. Aliás, agora não tenho pena de ninguém, apenas de mim própria.

— Ouvi dizer que era duro viver com o seu irmão quando eu estive fora?

— Quem lhe disse? É um disparate; agora é muito pior; agora os sonhos são maus e ficaram maus porque o senhor veio. Por que apareceu o senhor? Diga-me, por favor.

— Não quer voltar para o mosteiro?

— Oh, já pressentia que iam voltar a propor-me o mosteiro! Grande coisa, aquele seu mosteiro! Além disso, o que vou para lá fazer, com quem entro lá? Agora estou absolutamente sozinha! Já é tarde para começar uma terceira vida!

— Por qualquer razão, está muito zangada. Não será porque tem medo de que eu já não goste da senhora?

— Não me preocupo nada com o senhor. Tenho medo por mim: medo de deixar de amar alguém.

E sorriu com desprezo.

— Eu tenho com certeza uma culpa qualquer para com *ele*, uma culpa muito grande — acrescentou de repente, como que falando para si mesma —, só que não sei que culpa é, e essa é para sempre a minha desgraça. Durante estes cinco anos, sempre, mas sempre, me tenho sentido culpada para com ele e tenho tido medo dia e noite. Às vezes rezo, rezo, sempre a pensar na minha grande culpa. E olhe que se verificou que era verdade.

— Verificou-se o quê?

— Aliás, tenho medo de que haja qualquer coisa da parte *dele* — continuou Mária Timoféevna sem lhe responder, ou nem sequer o tendo ouvido. — Mas ele não podia juntar-se a gentalha como aquela. A condessa gostaria de me devorar, embora me sentasse no coche consigo. Andam todos a conspirar... será que *ele* também? Será que também me traiu? — (O queixo e os lábios dela tremeram). — Ouça, o senhor leu aquilo sobre o Grichka Otrépiev¹⁹¹ que foi amaldiçoado em sete concílios?

Nikolai Vsevolodovitch não respondeu.

— Então, agora vou virar-me e olhar para o senhor — disse ela, no jeito de quem toma uma decisão. — Vire-se também e olhe para mim, mas com mais atenção. Quero convencer-me pela última vez.

— Há muito que estou olhando para a senhora.

— Hum — fez Mária Timoféevna, perscrutando-o —, ficou muito mais gordo...

Quis dizer mais qualquer coisa mas, subitamente, e pela terceira vez, o mesmo medo voltou a desfigurar-lhe a cara, e voltou a afastar-se, com a mão à sua frente como que a defender-se.

— Mas... que tem? — gritou Nikolai Vsevolodovitch, quase enfurecido.

O susto dela, porém, não durou mais do que um instante; esboçou-se-lhe nos lábios um sorriso torcido e estranho, desconfiado, desagradável.

— Peço-lhe, príncipe, que se levante e que entre — disse ela de rompante, num tom premente e firme.

— Que entre, como? Vou entrar onde?

— Durante estes cinco anos imaginei como *ele* entraria. Levante-se e saia para aquele quarto. Eu ficarei aqui sentada, como se não estivesse à espera de ninguém, pegarei num livro e, de repente, o senhor entrará depois de cinco anos de viagem. Quero ver como é.

Nikolai Vsevolodovitch rangeu os dentes e resmungou qualquer coisa para si mesmo.

— Chega — disse ele, batendo na mesa com a palma da mão. — Ouça-me, Mária Timoféevna, por favor. Faça-me o favor de, se puder,

se concentrar com toda a sua atenção. Não pode ser que seja absolutamente doida! — escapou-lhe, no meio de toda a sua impaciência. — Amanhã, vou tornar público o nosso casamento. A senhora nunca irá viver num palácio, esqueça-se disso. Quer viver comigo para o resto da vida, mas muito longe daqui? É nas montanhas, na Suíça, há lá um lugar... Não se preocupe, nunca a abandonarei nem mandarei para o manicômio. Tenho bastante dinheiro para viver sem pedir nada a ninguém. Teremos uma criada, a senhora não terá de fazer qualquer trabalho doméstico. Ser-lhe-á assegurado tudo o que desejar, na medida do possível. Pode rezar, pode ir aonde lhe apetecer e fazer tudo o que lhe apetecer. Eu não lhe tocarei. Também não sairei daquele lugar, nunca mais. Se quiser, não falarei mais consigo o resto da vida, mas, se preferir, a senhora pode contar-me todos os dias as suas histórias, como dantes em Petersburgo, naqueles quartos alugados. Leio-lhe livros, se desejar. Mas sempre naquele lugar, toda a vida, e aquele é um lugar sombrio. Quer? Ousará? Não se vai arrepender, não me vai atormentar com lágrimas e maldições?

Mária Timoféevna ouviu-o com extrema curiosidade e ficou muito tempo calada, apensar.

— Isso é tudo incrível para mim — disse finalmente, num tom misto de ironia e repulsa. — Com que então vou viver quarenta anos naqueles montes. — E riu-se.

— É verdade, pode acontecer que vivamos lá quarenta anos — respondeu Nikolai Vsevolodovitch, carregando o sobrolho.

— Hum. Não vou, nunca na vida.

— Nem comigo?

— E quem é o senhor, para eu ir consigo? Para ficar quarenta anos seguidos sentada no monte consigo... Irra, com o que me quer aliciar! Com franqueza, que gente paciente apareceu ultimamente! Não, não é possível que o gavião se tenha transformado em mocho! Não, o meu príncipe não é assim! — E ergueu a cabeça, solene e orgulhosamente.

De súbito, fez-se luz na cabeça dele.

— Por que me chama príncipe e... por quem me está tomando? — perguntou muito depressa.

— Como? O senhor não é príncipe?

— Não sou nem nunca fui.

— Com que então confessa-me na cara que não é príncipe!

— Repito que nunca o fui.

— Meu Deus! — Mária Timoféevna levantou os braços. — Esperava tudo dos inimigos *dele*, mas tal descaramento, isso nunca! Será que ele ainda é vivo? — gritou, frenética, avançando contra Nikolai Vsevolodovitch. — Mataste-o ou não? Confessa!

— Por quem me estás tomando? — Nikolai Vsevolodovitch saltou do lugar com o rosto desfigurado; mas já era difícil assustá-la, ela rejubilava.

— Quem sabe quem tu és e donde vieste? O meu coração, durante estes cinco anos, já pressentia toda esta intriga! E eu aqui muito admirada: quem será este mocho que apareceu aqui? Não, querido, és um ator muito fraco, ainda és pior do que o Lebiádkin. Faz uma vênia profunda à condessa da minha parte e diz-lhe que mande alguém melhor do que tu. Foste recrutado por ela, foi? Deixa-te viver na cozinha por amor de Deus? Já vi toda a vossa mentira, compreendo-vos todos, até o derradeiro!

Nikolai Vsevolodovitch agarrou-a com força pelo braço, acima do cotovelo; eladesatou às gargalhadas na cara dele:

— És parecido com ele, e muito, se calhar até és parente dele... gente manhosa! Só que o meu é príncipe e é um belo gavião, e tu és um comerciantezeco e um mocho! O meu inclina-se perante Deus quando

quer e, quando não quer, não se inclina, e a ti esbofeteia-te o Chátuchka (o meu pombinho querido!), sim, o Lebiádkin contou-me. Senão, por que te acovardaste, naquele dia, quando entraste? Quem te assustou? Bastou olhar para a tua cara ignóbil quando caí e tu me seguraste, e foi como se um verme me entrasse no coração: não é *ele*, pensei, não é *ele*! O meu gavião nunca teria vergonha de mim diante de uma menina da sociedade! Oh, meu Deus! E eu que era feliz estes cinco anos só com o pensamento de que o meu gavião vivia e voava e além, algures por trás dos montes, olhava para o Sol... Diz, usurpador, quanto cobraste por isso? Muito dinheiro? Por mim, não te dava um tostão. Ah, ah, ah! Ah, ah, ah!...

— Uui, raio da idiota! — rangeu os dentes Nikolai Vsevolodovitch, segurando-lhe ainda pelo braço.

— Afasta-te de mim, usurpador! — exclamou Mária Timoféevna em tom autoritário. — Sou mulher do meu príncipe, não tenho medo da tua faca!

— Faca?!

— Sim, faca! Tens uma faca no bolso. Pensavas que eu estava dormindo, mas eu vi: quando entraste, tiraste uma faca!

— O que dizes, desgraçada? Que raios de sonhos é que tens?! — berrou ele e empurrou-a com toda a força, o que a fez bater violentamente com a cabeça e os ombros contra o divã. Stavróguin correu dali para fora; mas ela levantou-se de imediato e foi atrás dele, coxeando e saltitando, e, já na soleira, agarrada pelo assustado Lebiádkin, ainda lhe gritou, entre guinchos e gargalhadas, para a escuridão:

— Grichka Ot-ré-piev, anátema!

“Faca, faca!” repetia ele, presa de uma raiva inextinguível, andando a passos largos pela lama e pelos charcos, sem ver o caminho. Na verdade, por instantes, ainda lhe apetecia muito desfazer-se em gargalhadas, altas, loucas; mas, sabe-se lá por quê, reprimia esse desejo e continha o riso. Só na ponte caiu em si, no mesmo lugar onde, um pouco antes, encontrara o Fedka, Fedka esse que, mais uma vez, ali estava à sua espera e, ao ver Stavróguin, tirou o boné, arreganhou alegremente os dentes e, logo à partida, se pôs a taramelar ágil e animadamente. Primeiro, Nikolai Vsevolodovitch passou por ele sem parar e, durante algum tempo, não prestou atenção ao vagabundo, que não o largava. A ideia de se ter esquecido completamente de Fedka pasmou de chofre Stavróguin, e esquecera-se dele precisamente no momento em que repetia para si mesmo: “Faca, faca...”. Agarrou o vagabundo pelos colarinhos e, com toda a sua raiva acumulada e com toda a força, bateu com ele contra a ponte. No primeiro instante, Fedka tentou debater-se, mas, ao perceber quase logo que não passava de uma palhinha frente àquele adversário, que ainda por cima o atacara de surpresa, ficou quedo e calado, sem oferecer qualquer resistência. De joelhos, colado ao chão, com os cotovelos torcidos para trás, o manhoso vagabundo esperou calmamente pelo desfecho daquilo, não acreditando minimamente que houvesse perigo.

Não se enganava. Nikolai Vsevolodovitch, que já tirara com a mão esquerda o cachecol quente do pescoço, para lhe atar as mãos, largou-o de repente e, com um empurrão, repeliu-o. O outro levantou-se de um salto, virou-se e, surgida sabe-se lá donde, brilhou-lhe na mão uma faca de sapateiro curta e larga.

— A faca não, guarda-a, guarda-a já! — ordenou Nikolai Vsevolodovitch com um gesto impaciente. A faca desapareceu com a mesma rapidez com que aparecera.

Nikolai Vsevolodovitch, de novo em silêncio e sem olhar para trás, seguiu o seu caminho; o velhaco teimoso, porém, não o largava, embora desta vez o seguisse sem tagarelar e mantendo até uma distância respeitosa de um passo de Nikolai Vsevolodovitch. Assim,

atravessaram a ponte e saíram para a margem, virando desta vez à esquerda, metendo para uma viela também comprida e deserta mas que era um caminho para o centro da cidade mais curto do que se metessem pela Rua Bogoiavlênskaia.

— É verdade o que dizem, que assaltaste há dias uma igreja neste distrito? — perguntou-lhe de rompante Nikolai Vsevolodovitch.

— Para falar verdade, a princípio fui lá para rezar — respondeu o vagabundo num tom sério e educado, como se não tivesse acontecido nada; o seu tom não só era sério mas quase cheio de dignidade. Já não alardeava a sua recente familiaridade “amigável”. Estava à frente de Nikolai Vsevolodovitch um homem prático e sério que, embora ofendido por nada, sabia perdoar as ofensas.

— Mas quando Nosso Senhor me puxou para lá — continuou —, pensei para comigo: ora, isto aqui é um paraíso bem-aventurado! Tudo aconteceu por causa da minha orfandade, porque na nossa vida não sobrevivemos sem subvenção. Mas, meu senhor, juro por Deus que o resultado daquilo foi um prejuízo, Nosso Senhor castigou-me pelos meus pecados: pelo abanador e pela solicitadora, e mais o ventrilho do diácono, recebi apenas doze rublos. Pela barbeta de São Nicolau, de pura prata, não me deram nada, disseram que era de pechisbeque.¹⁹²

— Esfaqueaste o guarda?

— Ou seja, nós trabalhamos lá juntos a apanhar as coisas, só que depois, de madrugada, tivemos uma discussão mútua à beira do rio sobre quem levaria o saco pesado. Pequei, aliviei-lhe um pouco o fardo.

— Mata mais, rouba mais.

— O Piotr Stepánovitch aconselha-me a mesma coisa, utilizando as mesmas palavras que o senhor, porque ele é um homem muitíssimo avarento e impiedoso no que diz respeito às subvenções. Além de não acreditar nem um bocadinho no Criador celeste, que nos criou do pó da terra, dizendo que tudo foi feito unicamente pela natureza, tudo até

ao último bicho, ainda por cima não compreende que no meu destino não há maneira de se viver sem a esmola misericordiosa. Eu ponho-me a explicar-lhe e ele põe-se a olhar como um carneiro para a cancela nova, até me causa admiração. Olhe que em casa do Capitão Lebiádkin, que o senhor acaba de visitar, quando ele ainda morava no prédio de Filíppov, a porta às vezes ficava escancarada toda a noite, com o capitão morto de bêbado a dormir e com o dinheiro a cair-lhe de todos os bolsos para o chão. Calhou eu vê-lo com os meus próprios olhos, porque, nas nossas circunstâncias, sem a subvenção não se pode de maneira alguma...

— Como é que viste com os teus próprios olhos? Passaste por lá de noite?

— Talvez tenha passado, só que ninguém sabe.

— Então, por que não o mataste?

— Depois de fazer contas, reprimi a tentação. É que, uma vez que tive o conhecimento certo de que poderia sempre sacar-lhe cento e cinquenta rublos, por que haveria de o fazer se posso sacar todos os mil e quinhentos, bastando-me aguardar um pouco? É que o Capitão Lebiádkin (ouvi-o com os meus próprios ouvidos) sempre contou muito com o senhor e, no seu estado de bêbado, não há aqui taverna ou bodega miserável onde ele não tivesse anunciado isso com todas as letras. Por isso, tendo eu ouvido tal coisade muitas bocas, comecei também a depositar as minhas esperanças em vossa alteza. Digo-lhe isto, meu senhor, como se fosse meu pai ou meu irmão, porque por mim nunca o Piotr Stepánovitch saberá de nada, nem ele nem outro qualquer. Portanto, fará vossa alteza o obséquio de me conceder três rublozinhos? Resolva-me este problema, meu senhor, ou seja, dê-me a conhecer a verdade verdadeira, porque nós sem a subvençãozinha não podemos subsistir de maneira nenhuma.

Nikolai Vsevolodovitch riu-se alto, às gargalhadas, e tirando do bolso o porta-moedas, onde haveria uns cinquenta rublos em notas

pequenas, tirou uma do maço e atirou-lha, depois outra, depois a terceira, depois a quarta. Fedka apanhava-as no ar, na lama, e quando as apanhava gritava: “Eh, eh!”. Nikolai Vsevolodovitch acabou por lhe atirar todo o maço e, continuando a rir-se, meteu sozinho pela viela adiante. O vagabundo, de joelhos na lama, rastejando à procura das notas espalhadas pelo vento e afundadas nos charcos, deixou ouvir ainda na escuridão, por mais de uma hora, os seus gritos espaçados: “Eh, eh!”.

3 - O duelo

I

No dia seguinte, às duas da tarde, realizou-se o duelo planejado. Para o seu rápido desfecho contribuiu o desejo irrefreável de Artémi Pávlovitch Gagánov de se apresentar no duelo custasse o que custasse. Não compreendia o comportamento do seu adversário e estava furioso. Durante um mês inteiro andou a insultar Stavróguin impunemente e não conseguiu fazê-lo perder a paciência. Artémi Pávlovitch precisava de ser desafiado por Nikolai Vsevolodovitch, uma vez que não tinha qualquer pretexto direto para ser ele próprio a lançar o desafio. É que, por qualquer razão, tinha vergonha de confessar o seu móbil secreto, ou seja, o ódio doentio que alimentava por Stavróguin por causa do insulto à sua família de quatro anos atrás. Além disso, considerava este pretexto impossível, uma vez que Nikolai Vsevolodovitch já por duas vezes tinha apresentado desculpas resignadas. Artémi Pávlovitch formou na sua alma a opinião de que este era um covarde desavergonhado; não alcançava compreender como Stavróguin podia ter deixado sem consequências a bofetada de Chátov; foi assim que, finalmente, resolveu enviar aquela carta invulgarmente grosseira, carta que, por fim, acabaria por levar Nikolai Vsevolodovitch a desafiá-lo para o duelo. Depois de, na véspera, ter enviado a carta, ficou à espera do desafio com uma impaciência febril, calculando doentamente, ora com esperança, ora com desespero, as probabilidades de receber tal desafio. Para o que desse e viesse, arranjou ainda à noite um padrinho de duelo, Mavríki Nikoláevitch Drozdov, seu amigo, ex-colega de escola e homem que muito respeitava. Assim, quando Kiríllov apareceu na casa dele no dia seguinte às nove da manhã com a sua missão, encontrou o terreno já preparado. Todas as inauditas desculpas e cedências de Nikolai

Vsevolodovitch foram rejeitadas com uma ousadia extraordinária logo à primeira palavra. Mavríki Nikoláevitch que, apenas na véspera, ficara a par da situação, ao ouvir, espantado, as inauditas propostas da outra parte, já abria a boca para insistir no apaziguamento, mas, notando que Artémi Pávlovitch, ao perceber as suas intenções, quase tremeu de indignação na sua cadeira, conteve-se e não disse nada. Não fora a palavra de honra dada ao amigo, ter-se-ia ido embora de imediato; ficou com a única esperança de poder prestar alguma assistência no momento do desfecho. Kiríllov transmitiu o desafio; todas as condições do duelo, precisadas por Stavróguin, foram aceitas de imediato, sem quaisquer objeções. Apenas foi feito um acrescento, muito cruel, aliás: se, aos primeiros tiros, nada acontecesse de decisivo, recomeçar-se-ia; se voltasse a não acontecer nada da segunda vez, haveria uma terceira. Kiríllov carregou o sobrolho, regateou um pouco no tocante à terceira vez mas, não conseguindo nada, concordou, sob a condição, no entanto, de que “três vezes seriam aceitáveis, mas quatro já não”. Neste ponto, a outra parte cedeu. Assim, às duas da tarde, realizou-se o duelo em Bríkovo, ou seja, num pequeno bosquedo fora de portas, num lugar entre Skvoréchniki, de um lado, e a fábrica dos Chpigúlin, do outro. A chuva da véspera tinha parado de cair, mas o tempo ainda estava úmido e ventoso. As nuvens baixas, turvas e rasgadas corriam velozmente pelo céu frio; as copas das árvores ramalhavam estrondosamente, as raízes rangiam, era uma manhã muito triste.

Gagánov e Mavríki Nikoláevitch chegaram ao local num charabã elegante, atrelado a uma parelha de cavalos; conduzia o próprio Artémi Pávlovitch; acompanhava-os um criado. Quase no mesmo minuto chegaram Nikolai Vsevolodovitch e Kiríllov, mas não de carruagem — montavam os cavalos, também com um criado a cavalo. Kiríllov, que nunca antes tinha montado, mantinha-se corajosamente na sela, de costas direitas, segurando com a destra a caixa pesada com as pistolas, que não confiava ao criado, e com a esquerda, inexperiente como era, não parava de torcer e puxar as rédeas, o que incomodava o cavalo que já sacudia a cabeça e mostrava vontade de se empinar, o que de resto em nada assustava o cavaleiro. Gagánov, desconfiado e

melindroso, considerou a chegada dos cavaleiros como mais um insulto à sua pessoa, já que a ausência de carruagem para o eventual transporte do ferido significava uma certeza demasiado grande na vitória. Saiu do seu charabã com a cara amarela de raiva e sentindo que tinha as mãos a tremer, fato que comunicou a Mavríki Nikoláevitch. Não respondeu à vênia de Nikolai Vsevolodovitch e virou-lhe as costas. Os padrinhos tiraram à sorte: calharam as pistolas de Kiríllov. Mediram as distâncias para as barreiras, colocaram os adversários nos respectivos lugares, mandaram que a carruagem, os cavalos e os criados se afastassem para trezentos metros de distância. As armas foram carregadas e entregues aos adversários.

É pena que seja preciso contar isto depressa e que não haja tempo para as descrições; é-nos impossível, porém, prescindir de algumas observações. Mavríki Nikoláevitch estava triste e preocupado. Kiríllov, pelo contrário, mantinha uma calma e uma indiferença absolutas e, embora pontualíssimo nas suas obrigações, não revelava o mínimo afobamento e quase não mostrava curiosidade pelo desfecho tão próximo e fatídico do duelo. Nikolai Vsevolodovitch estava mais pálido do que o costume e vestia coisas bastante leves — sobretudo e chapéu branco de penugem. Parecia muito cansado, de vez em quando carregava o sobrolho e de modo nenhum achava necessário esconder a sua má disposição. Entretanto, a pessoa que mais se notabilizava neste momento era Artémi Pávlovitch, pelo que nos é imprescindível dizer algumas palavras a seu respeito.

II

Ainda não tivemos ocasião de mencionar o aspecto físico dele. Era um homem de grande estatura, branco, cevado — como diz o povo —, ou seja, quase gordo, com o cabelo ralo e loiro, dos seus trinta e três anos, e com os traços do rosto, pode dizer-se, bastante bonitos. Tinha passado à reserva com a patente de coronel, mas se tivesse continuado ao serviço até chegar a general pensamos que teria um ar

ainda mais imponente e que haveria mesmo grandes possibilidades de ser um bom general no campo de batalha.

Para caracterizar tal pessoa não podemos omitir o fato de que o motivo principal da sua passagem à reserva foi a ideia, que o perseguia havia muito tempo e tanto o atormentava, do opróbrio da sua família resultante da ofensa perpetrada quatro anos atrás no clube por Nikolai Stavróguin. Artémi Pávlovitch achava ignóbil continuar ao serviço e, no fundo, tinha a convicção de que, se continuasse, estaria sujando o nome do seu regimento e o dos seus camaradas, embora nenhum deles estivesse a par do incidente. Na verdade, já antes queria abandonar o serviço, ainda muito antes da ofensa e por um motivo completamente diverso, tendo no entanto hesitado muito. Por mais estranho que seja escrevê-lo, esse motivo inicial, ou melhor, esse estímulo para passar à reserva, era o manifesto de 19 de fevereiro sobre a abolição da servidão. Artémi Pávlovitch, riquíssimo proprietário rural da nossa província, que nem sequer perdeu muito em consequência do manifesto e, ainda por cima, era homem para compreender o humanismo de tal medida e compreender minimamente as vantagens econômicas da reforma, com a publicação do manifesto, sentiu-se como que ofendido pessoalmente. Era uma coisa inconsciente, do foro sentimental, mas tanto mais forte quanto menos consciente. Antes da morte do pai, no entanto, não ousou empreender nada de decisivo; mas, em Petersburgo, no seio dos notáveis com quem mantinha relações permanentes, tornou-se conhecido pelo seu modo de pensar “nobre”. Era um indivíduo introvertido, fechado. Outra característica sua: pertencia àquele gênero estranho de fidalguia, mas que ainda persiste na Rússia, que dá alto valor à antiguidade e à pureza da linhagem, interessando-se exageradamente pelo assunto. Ao mesmo tempo, detestava a história da Rússia e considerava praticamente todas as tradições russas quase uma porcaria. Já na infância, no colégio militar para os educandos das mais ilustres e ricas famílias onde ele tinha a honra de fazer o seu curso, se enraizaram nele alguns conceitos poéticos: ganhou o gosto pelos castelos, pela vida medieval e por toda a faceta teatral dessa vida, pelos cavaleiros; já naquela altura quase chorava de vergonha ao ouvir que, nos tempos do Reino de Moscou, o

czar podia aplicar um castigo corporal a um boiardo russo; fazia comparações e corava. Este homem rijo, extremamente rigoroso, que conhecia o seu serviço na excelência, no fundo da sua alma era um sonhador. Afirmava-se que ele poderia discursar em reuniões públicas e que tinha o dom da palavra; no entanto, manteve-se calado durante os trinta e três anos da sua vida. Mesmo nos importantes meios petersburgueses em que nos últimos tempos circulava ele mantinha um ar altivo ao extremo. O encontro em Petersburgo com Nikolai Vsevolodovitch, acabado de chegar do estrangeiro, quase o enlouqueceu. No presente momento, na barreira, sentia uma terrível inquietação. Continuava a ter a sensação de que, por qualquer motivo, o duelo não chegaria a realizar-se, e a mais pequena demora punha-o todo a tremer. O seu rosto exprimiu uma impressão dolorosa quando Kiríllov, em vez de dar o sinal para o duelo começar, se pôs a falar, embora *pro forma*, como ele declarou em alto e bom som:

— Apenas *pro forma*: senhores, agora, já pistolas nas mãos e basta apenas sinal, pela última vez pergunta-se: não desejam reconciliação? Obrigação de padrinho.

Nem de propósito, Mavríki Nikoláevitch, que até ao momento guardava um silêncio obstinado, mas sofria desde a véspera por causa da sua transigência e complacência, secundou de repente a ideia de Kiríllov e falou também:

— Faço minhas as palavras do Senhor Kiríllov... A ideia de que já não se pode fazer as pazes na barreira é um preconceito, válido apenas para os franceses... Além disso, por amor de Deus, eu não compreendo em que consiste a ofensa e há muito que quero dizê-lo... porque foram apresentadas várias desculpas, não foram?

Corou muito. Raramente lhe acontecia falar tanto e com tanta emoção.

— Reitero a minha proposta de apresentação de todo o tipo de desculpas — apressou-se a apoiá-lo Nikolai Vsevolodovitch.

— Será possível? — gritou furiosamente Gagánov, dirigindo-se a Mavríki Nikoláevitch e batendo com o pé no chão num frenesi. — Se o Mavríki Nikoláevitch for meu padrinho e não meu inimigo, explique a este senhor — (e apontou a pistola na direção de Nikolai Vsevolodovitch) — que as suas cedências apenas reforçam a ofensa! Ele não acha possível ofender-se comigo! Não acha vergonhoso ir-se embora da barreira sem travar duelo comigo! Por quem me toma ele então, na sua opinião... E o senhor ainda se diz meu padrinho! O senhor está apenas irritando-me para que eu falhe o tiro. — E voltou a bater o pé, lançando perdigotos pela boca.

— Fim de conversações. Peço atenção ao sinal! — gritou Kiríllov a plenos pulmões.— Um! Dois! Três!

À palavra “três”, os adversários começaram a avançar um para o outro. Gagánov levantou imediatamente a pistola e, ao quinto ou sexto passo, disparou. Parou por um momento e, descobrindo que falhara, acercou-se rapidamente da barreira. Nikolai Vsevolodovitch fez o mesmo, levantou a pistola, mas alto demais, e disparou sem fazer pontaria. Depois tirou o lenço do bolso e enrolou com ele o mindinho da mão direita. Só por isso se viu que Artémi Pávlovitch não falhara completamente, que a sua bala aflorara o dedo do outro junto da articulação, sem atingir o osso; era um arranhão insignificante. Kiríllov declarou imediatamente que, se os adversários não estivessem satisfeitos, o duelo continuava.

— Declaro — disse Gagánov com a voz rouca (secava-se-lhe a garganta), dirigindo-se a Mavríki Nikoláevitch — que este homem — (apontou na direção de Stavróguin)— disparou propositadamente para o ar... premeditadamente... É mais uma ofensa! Quer inviabilizar o duelo!

— Tenho o direito de disparar como me apetecer, o principal é que tudo seja feito de acordo com as regras — declarou com firmeza Nikolai Vsevolodovitch.

— Não, não tem! Explique-lhe, explique-lhe! — gritava Gagánov.

— De acordo absolutamente com opinião de Nikolai Vsevolodovitch — declarou Kiríllov.

— Por que é que ele me poupa? — Gagánov, sem ouvir nada, enfurecia-se como um possesso. — Desprezo a piedade dele... Cuspo nela... Eu...

— Juro que a minha intenção não foi ofendê-lo — disse Nikolai Vsevolodovitch com impaciência. — Disparei para o ar porque não quero matar mais ninguém, seja o senhor, seja outro qualquer, não tem nada que ver consigo pessoalmente. Também é verdade que não me considero ofendido, e lamento que o senhor se irrite com isso. Mas não deixarei que alguém conteste o meu direito.

— Se ele tem tanto medo do sangue, por que me desafiou para duelo? Pergunte-lhe — berrou Gagánov, dirigindo-se sempre a Mavríki Nikoláevitch.

— Como podia ele evitar desafio? — intrometeu-se Kiríllov. — O senhor não quis ouvir nada, como podia fazê-lo deixar pessoa em paz doutra maneira?

— Farei apenas uma observação — disse Mavríki Nikoláevitch que, visivelmente sofredor, participava da discussão a contragosto. — Se o adversário declarar antecipadamente que vai atirar para o ar, o duelo não poderá realmente continuar... por razões delicadas e... claras...

— Nunca declarei que ia atirar sempre para o ar! — gritou Stavróguin, perdendo definitivamente a paciência. — Os senhores não podem saber o que me vai na alma e de que maneira vou agora atirar... não estou prejudicando em nada o duelo.

— Se é assim, o duelo pode continuar — dirigiu-se Mavríki Nikoláevitch a Gagánov.

— Meus senhores, aos seus lugares! — mandou Kiríllov.

Repetiram; Gagánov voltou a falhar o tiro, Stavróguin voltou a atirar para o ar. Quanto a estes tiros para o ar era possível discutir: Nikolai Vsevolodovitch podia alegar que disparava como era devido, se não confessasse que falhava premeditadamente. Não apontava a pistola para o céu ou para uma árvore mas, aparentemente, para o adversário, embora a bala passasse a um côvado do chapéu deste. Da segunda vez, visou ainda mais baixo, parecendo mais verossímil; no entanto, era impossível convencer Gagánov.

— Outra vez! — rangeu ele os dentes. — Mas não interessa! Fui desafiado para um duelo e aproveito os meus direitos. Quero atirar a terceira vez... dê o que der.

— Tem todo o direito — atalhou Kiríllov. Mavríki Nikoláevitch não disse nada. Colocaram os adversários nos lugares pela terceira vez, deram a voz de comando; desta feita, Gagánov chegou até à barreira e de lá, a doze passos, fez pontaria. As mãos tremiam-lhe demais para que pudesse fazer um bom tiro. Stavróguin estava parado, com a pistola para baixo, esperando o tiro sem se mexer.

— Demora a apontar, muito, demais! — gritou Kiríllov. — Dispare, dis-pa-re! — Soou o tiro e, desta vez, o chapéu branco de penugem de Nikolai Vsevolodovitch caiu-lhe da cabeça. O tiro tinha sido bastante certo, tendo varado a copa do chapéu num ponto bastante baixo: se fosse meia polegada mais abaixo seria o fim. Kiríllov apanhou chapéu e entregou-o a Nikolai Vsevolodovitch.

— Atire, não empate o adversário! — gritou Mavríki Nikoláevitch com grande emoção ao ver que Stavróguin como que se esquecia de atirar, examinando com Kiríllovo seu chapéu. Stavróguin estremeceu, olhou para Gagánov, virou dele a cara e, desta vez já sem qualquer delicadeza, atirou para o lado, na direção do bosquezinho. O duelo acabou. Gagánov parecia esmagado. Mavríki Nikoláevitch aproximou-se dele e pôs-se-lhe a dizer qualquer coisa, mas este parecia não

entender. Kiríllov, antes de se ir embora, tirou o chapéu e fez uma vênia a Mavríki Nikoláevitch; quanto a Stavróguin, esqueceu a sua cortesia anterior; depois de ter disparado para o bosquedo, nem sequer se virou para a barreira, meteu a pistola nas mãos de Kiríllov e dirigiu-se rapidamente para os cavalos. Calado, com a cara a transpirar de raiva. Também Kiríllov se calava. Montaram nos cavalos e mandaram-nos a galope.

III

— **P**or que está tão calado? — perguntou Stavróguin a Kiríllov, com impaciência, já perto de casa.

— Que quer? — respondeu este, quase deslizando do cavalo que se empinou.

Stavróguin conteve-se.

— Eu não queria ofender este... parvo, mas voltei a ofendê-lo — disse baixinho.

— Voltou a ofendê-lo — atalhou Kiríllov —, e, além disso, ele não é parvo.

— E no entanto fiz tudo o que podia.

— Não.

— O que era então preciso fazer?

— Não o desafiar.

— Aguentar mais umas bofetadas?

— Sim, mais umas bofetadas.

— Já não entendo nada! — disse Stavróguin com raiva. — Por que é que toda a gente espera de mim qualquer coisa que não espera dos outros? Por que terei a obrigação de suportar aquilo que mais ninguém suporta e carregar um fardo que mais ninguém aguenta?

— Pensava que senhor é que procura fardo.

— Eu procuro um fardo?

— Exatamente.

— O senhor... reparou nisso?

— Reparei.

— É assim tão visível?

— É.

Ficaram uns momentos calados. Stavróguin ia com um ar muito preocupado, quasede pasmo.

— Não disparei contra ele porque não queria matar, acredite — disse muito depressa e num tom preocupado, como que a desculpar-se.

— Não era preciso ofender.

— Então o que é que deveria ter feito?

— Matá-lo.

— Lamenta que não o tenha matado?

— Lamento nada. Pensava que queria matá-lo mesmo. Não sabe o que procura.

— Procuro um fardo — riu-se Stavróguin.

- Se não queria sangue, para que se deixava matar?
- Se não o desafiasse, matava-me sem duelo.
- Não é problema seu. Talvez não matasse.
- Apenas me espancaria?
- Não é problema seu. Carregue o seu fardo. Senão, mérito nenhum.
- Pouco me importa o mérito, não o procuro!
- Pensava que sim — concluiu Kiríllov com grande sangue-frio.

Entraram no pátio da casa.

- Quer entrar? — convidou Nikolai Vsevolodovitch.

— Não, vou para casa, adeus. — Kiríllov desmontou e pegou na sua caixa, debaixo do braço.

— Pelo menos, o senhor não está zangado comigo? — Stavróguin estendeu-lhe a mão.

— Não, nada disso! — E Kiríllov voltou atrás para lhe apertar a mão.
— Se para mim fardo é fácil, por natureza simplesmente, para o senhor é difícil, porque sua natureza é diferente. Não tem de ter muita vergonha disso, alguma só.

— Sei que sou um caráter miserável, mas também não pretendo passar por forte.

- Faz bem. Homem forte não, não é. Apareça, um dia, tomar chá.

Nikolai Vsevolodovitch entrou em sua casa muito confuso.

Mal entrou foi imediatamente informado por Aleksei Egórovitch que Varvara Petrovna, muito contente por o seu filho ter saído de passeio a cavalo— pela primeira vez em oito dias —, mandou atrelar o coche e, “como nos velhos tempos”, foi sozinha “respirar o ar puro, porque já não se lembrava o que era respirar ar puro havia oito dias”.

— Foi sozinha ou foi com Dária Pávlovna? — Nikolai Vsevolodovitch interrompeu com esta pergunta rápida o velho criado e franziu o sobrolho ao ouvir como resposta que Dária Pávlovna “recusou-se a acompanhar a senhora dizendo que estava maldisposta, e agora está nos seus aposentos”.

— Ouve, meu velho — disse Stavróguin, como que a tomar uma decisão —, vigia-a hoje todo o dia e, se reparares que ela vai ter comigo, detém-na e diz-lhe que não a posso receber, pelo menos durante alguns dias... que é um pedido meu... e que, quando chegar a altura, eu próprio a chamarei... ouviste?

— Eu digo-lhe isso — disse Aleksei Egórovitch com amargura, baixando os olhos.

— Mas só se vires claramente que ela vai ter comigo, não antes.

— Não se preocupe, meu senhor, não haverá erro. Até agora era por meu intermédio que ela o visitava sempre; o senhor sempre me pediu ajuda para isso.

— Eu sei. Mesmo assim, só se for ela a tomar a iniciativa é que a impedes. Traz-me chá o mais depressa possível, se puderes.

Mal o velho saiu, quase no mesmo instante, abriu-se a porta e apareceu à entrada Dária Pávlovna. Tinha o olhar calmo mas o rosto pálido.

— Onde vem? — exclamou Stavróguin.

— Estava à porta, à espera de ele sair. Ouvi o que o senhor lhe disse e, quando ele saiu, escondi-me atrás da saliência da parede, e ele não me viu.

— Há muito que eu queria interromper isto... consigo, Dacha... por enquanto. Esta noite não podia recebê-la, apesar do seu bilhete. Eu também lhe queria escrever, mas não sei fazê-lo — acrescentou com desgosto, quase com repugnância.

— Eu própria pensei nisso, que era preciso interromper. Varvara Petrovna tem muitas suspeitas das nossas relações.

— Pois que tenha.

— Não vale a pena preocupá-la. Então, agora é até ao fim?

— Ainda está à espera do fim?

— Estou, tenho a certeza.

— Neste mundo nada tem fim.

— Isso vai ter. Quando acontecer, chame-me, que eu venho. Agora, adeus.

— E qual vai ser o fim? — sorriu Nikolai Vsevolodovitch.

— O senhor não está ferido nem... derramou sangue? — perguntou Dacha, sem nada responder sobre o fim.

— Foi uma estupidez. Não matei ninguém, não se preocupe. De resto, a menina vai inteirar-se de tudo hoje mesmo, da boca de toda a gente. Estou um pouco adoentado.

— Vou-me embora já. Não vai anunciar o casamento hoje? — perguntou, indecisa.

— Hoje não; amanhã também não; depois de amanhã não sei, se calhar morremos todos, e será ainda melhor assim. Deixe-me, deixe-me em paz, finalmente.

— O senhor não fará mal àquela... louca?

— Não farei mal às malucas, nem a uma, nem a outra; mas parece que levarei a lúcida à perdição. Sou tão ignóbil e abominável, Dacha, que é mesmo possível que eu a chame “no fim dos fins”, como a menina se exprime; e então virá, apesar de toda a sua lucidez. Por que procura a desgraça?

— Sei que, afinal, só eu ficarei com o senhor, mais ninguém, e... estou à esperadiço.

— E se eu não a chamar, se fugir da senhora?

— É impossível, vai chamar-me.

— Há nisso muito desprezo por mim.

— O senhor sabe bem que não é só desprezo.

— Portanto, sempre existe o desprezo, não é?

— Exprimi-me mal. Deus é testemunha, eu desejaria muito que o senhor nuncativasse necessidade de mim.

— Uma frase vale a outra. Eu também, também desejaria não a levar à perdição.

— O senhor não me pode levar à perdição nunca e com nada, e sabe-o melhor do que ninguém — disse Dária Pávlovna, rápida e firmemente. — Se não ficar com o senhor, serei irmã de caridade, enfermeira, vou tratar dos doentes e andarei a vender o Evangelho. É esta a minha decisão. Não posso ser mulher de ninguém; não posso viver numa casa como esta. Quero outra coisa... O senhor sabe.

— Não, nunca cheguei a saber o que a menina queria; parece-me que o seu interesse por mim é o mesmo que a preferência de certas enfermeiras velhas por um doente entretodos os outros, ou, melhor ainda, a preferência que aquelas velhotas beatas que vão a todos os funerais têm por certos cadáveres, os mais jeitosos. Por que olha para mim de uma maneira tão estranha?

— Está muito doente? — perguntou ela com piedade, olhando para ele com atenção. — Meu Deus, e quer este homem passar sem mim!

— Ouça, Dacha, aparecem-me agora fantasmas a cada passo. Ontem, na ponte, um diabrete sugeriu-me que podia encarregar-se de matar Lebiádkin e Mária Timoféevna, para pôr fim ao meu casamento legítimo, e que ninguém ficaria sabendo de nada. Pedi um sinal de três rublos, mas deu-me a saber claramente que toda a operação não custaria menos de mil e quinhentos rublos. Veja só que calculista é aquele diabo! Um verdadeiro contabilista! Ah, ah!

— Tem a certeza absoluta de que era um fantasma?

— Oh, não, fantasma nenhum! Era simplesmente o Fedka Grillheta, um bandido que fugiu dos trabalhos forçados. Mas não é isso que importa. Sabe o que eu fiz? Dei-lhe todo o dinheiro do meu porta-moedas, e assim ele ficou com toda a certeza de que recebeu o sinal...

— O senhor encontrou-o de noite e ele fez-lhe esta proposta? Não vê que está emaranhado nas redes deles?

— Que se amolem. Sabe uma coisa? Vejo pelos seus olhos que quer muito fazer-me uma pergunta — acrescentou Stavróguin com um sorriso maldoso e irritado.

Dacha assustou-se.

— Não há pergunta nenhuma nem dúvidas nenhuma, cale-se! — gritou, alarmada, como que para evitar a pergunta.

— Ou seja, tem a certeza de que não vou recorrer aos serviços de Fedka?

— Oh, meu Deus! — Dária Pávlovna levantou as mãos. — Por que me atormenta tanto?

— Está bem, desculpe a minha brincadeira estúpida, são as más maneiras deles que pelos vistos se me pegaram. Sabe, desde a noite passada que me apetece terrivelmente rir, rir sempre, sem parar, rir muito, muito. É como se estivesse carregado de riso... Ouça! A minha mãe voltou, ouvi o barulho do coche à entrada.

Dacha agarrou-lhe na mão.

— Deus o guarde do seu demônio... e chame-me, chame-me o mais depressa possível!

— Oh, grande demônio o meu! É apenas um diabrete pequenito, nojento, escrofuloso e constipado, um falhado. Dacha, tem outra vez uma coisa que não se atreve a dizer-me, não é?

Dacha olhou para ele com dor e censura e voltou-se para a porta.

— Ouça! — gritou-lhe Stavróguin às costas, com um sorriso torto, maldoso. — Se... digamos... numa palavra, se... está compreendendo? Se aceitasse mesmo os serviços, esses tais, e se depois a chamasse... viria, mesmo depois dos serviços?

Dacha saiu sem olhar para trás e sem responder, tapando o rosto com as mãos.

— Sim, apesar dos serviços, virá! — sussurrou Stavróguin depois de ter pensado um pouco, pintando-se-lhe na cara um desprezo enojado. — Enfermeira! Hum!... De resto, talvez seja disso que eu preciso.

4 - Todos à espera

I

A sensação que na nossa sociedade causou a história do duelo, espalhada rapidamente, era notável sobretudo pela unanimidade com que toda a gente se apressou a colocar-se, incondicionalmente, do lado de Nikolai Vsevolodovitch. Muitos dos seus inimigos logo se declararam amigos. A principal causa desta reviravolta inesperada na opinião pública deveu-se a algumas palavras, ditas em voz alta e de modo extremamente certo, por uma pessoa que até ao momento nunca exprimira a sua opinião, palavras essas que deram ao incidente uma importância que despertou o grande interesse da maioria das nossas pessoas importantes. Foi assim: precisamente no dia seguinte ao sucedido, a esposa do decano da nobreza da nossa província recebia em casa convidados de toda a cidade para festejarem o dia da sua santa. Estava também presente, ou melhor, primava pela sua presença, Iúlia Mikháilovna, que chegou acompanhada por Lisaveta Nikoláevna; esta irradiava uma beleza e uma alegria invulgares, o que imediatamente pareceu suspeito a muitas das nossas damas. A propósito: o seu noivado com Mavríki Nikoláevitch já não deixava dúvidas. A uma pergunta feita em tom de brincadeira por um general, na reserva mais importante, de quem falaremos mais tarde, a própria Lisaveta Nikoláevna respondeu naquela noite que estava noiva. E então? Pois bem, nenhuma das nossas damas quis acreditar em tal noivado. Todas persistiam em acreditar num caso amoroso qualquer, num fatal segredo de família acontecido na Suíça e, sabe-se lá por quê, com a indubitável participação de Iúlia Mikháilovna. É difícil uma explicação para estes boatos ou, digamos, sonhos, e para a insistência com que Iúlia Mikháilovna era metida neles. Mal entrou, assestaram-se nela de imediato estranhos olhares, cheios de expectativa. É de

notar que, por se tratar de um acontecimento ainda fresco e devido a certas circunstâncias concomitantes, falava-se dele no serão com alguma prudência, em voz baixa. Além disso, ainda nada se sabia da reação das autoridades. Os duelistas, ao que constava, não tinham sido incomodados. Todos sabiam, por exemplo, que Artémi Pávlovitch partira de manhã cedo para a sua herdade de Dúkhovo sem quaisquer obstáculos. Entretanto, todos, como é evidente, ansiavam pelo primeiro que começasse a falar em voz alta, abrindo deste modo a porta à opinião pública. Depositavam grandes esperanças precisamente no general atrás referido, e não se enganavam.

Este general, um dos mais imponentes membros do nosso clube, proprietário rural dos menos ricos, mas com um modo de pensar incomparável, galanteador das meninas à moda antiga, nas grandes reuniões adorava dizer em voz alta, com autoridade de general, precisamente aquilo que os outros ainda apenas pronunciavam num sussurro prudente. Era nisto que, por assim dizer, consistia o seu papel específico na nossa sociedade. Ao fazê-lo, o general esticava as palavras e pronunciava-as de forma particularmente melíflua, tendo por certo assimilado este hábito junto dos russos em viagem pelo estrangeiro, ou, então, junto dos latifundiários outrora ricos mas que tinham ficado arruinados com a reforma camponesa. Um dia, Stepan Trofímovitch fez até a observação de que o proprietário rural tanto mais doçura punha na fala e tanto mais esticava as palavras quanto mais tinha ficado arruinado. O próprio Stepan Trofímovitch, aliás, também falava deste jeito mas não dava conta disso.

O general, quando falou, fê-lo como homem habilitado para tal. Além de ser um parente afastado de Artémi Pávlovitch, embora estivessem zangados e tivessem mesmo em curso um processo litigioso, o general entrara antigamente em dois duelos e, por causa de um deles, tinha até sido despromovido a soldado raso e mandado para a guerrado Cáucaso. Alguém, de passagem, mencionou também Varvara Petrovna, que já no dia anterior começara a sair “depois da doença”, e não falou propriamente dela, mas sim dos seus quatro cavalos cinzentos atrelados ao coche, cavalos oriundos da

própriacoudelaria dos Stavróguin. O general observou, de rompante, que encontrara no próprio dia o “jovem Stavróguin” a cavalo... Toda a gente se calou. O general estalou os lábios e, girando entre os dedos uma tabaqueira de ouro, prenda real, perorou:

— Lamento não ter estado cá alguns anos... ou seja, estava em Carlsbad... Hum. Interessa-me muito este jovem sobre quem ouvi aqui muitos rumores quando cheguei. Hum. Será verdade que é louco? Naquela altura alguém falou disso. Agora ouvi dizer que um estudante qualquer o insultou, aqui, na presença das primas, e que ele se escondeu debaixo da mesa; por outro lado, ouvi da boca de Stepan Vissótski que Stavróguin teve um duelo com esse... Gagánov. E fê-lo com o único e elegante objetivo de expor a sua frente ao homem enfurecido; apenas para se ver livre dele. Hum. São costumes da guarda imperial dos anos vinte. Ele, aqui, visita alguém?

O general calou-se, como que à espera de uma resposta. A porta da impaciênciasocial estava aberta.

— É muito simples! — ergueu logo a voz Iúlia Mikháilovna, irritada porque toda a gente, como a uma voz de comando, virou os olhos para ela. — Será possível admirar o fato de Stavróguin ter desafiado Gagánov para duelo e não ter ripostado ao estudante? Será que ele poderia ter desafiado para duelo o seu ex-servo?

Palavras significativas! Uma ideia simples e clara mas que, no entanto, ainda não passara pela cabeça de ninguém. Palavras que tiveram extraordinárias consequências. Todo o lado escandaloso, bisbilhoteiro, mesquinho e anedótico da questão passou para segundo plano de uma vez por todas; para primeiro plano subiu um renovado entendimento da coisa. Ali estava uma nova pessoa, sobre a qual quase todos estavam enganados, uma pessoa com um rigor de conceitos quase ideal. Mortalmente ofendida por um estudante, enfim, por um homem culto que já não era servo, tal pessoa despreza a ofensa porque o ofensor é um seu ex-servo. Tinha havido barulho e mexericos na sociedade, a sociedade leviana tinha olhado com desprezo para a

pessoa esbofetada; mas tal pessoa desprezava a opinião de uma sociedade que não tinha chegado ainda a conceitos de verdade e, no entanto, se permitia falar deles.

— E nós, veja só, Ivan Aleksândrovitch, aqui falando dos conceitos de direita — observou, com nobre entusiasmo autocrítico, um velho do clube para outro.

— Pois é, Piotr Mikháilovitch, pois é — apoiou com agrado o outro —, e ainda falam mal da juventude.

— Não se trata de juventude, Ivan Aleksândrovitch — opinou um terceiro —, não é um problema de juventude; trata-se aqui de uma estrela, e não de um jovem qualquer entre muitos; assim é que deve ser vista a coisa.

— É disto que precisamos, já há poucos homens de verdade.

O principal consistia em que o “novo homem”, além de se ter mostrado “um fidalgo incontestável”, era, além do mais, um riquíssimo proprietário rural da província, pelo que não deixaria de ser um apoiante e um ativista. De resto, já aqui foi mencionado de raspão o estado de espírito dos nossos senhores da terra.

Chegaram a exaltar-se:

— Não só não desafiou o estudante como ainda pôs as mãos atrás das costas, note bem, Excelência — sublinhou um senhor.

— Nem sequer o levou a tribunal — acrescentou outro.

— Se bem que no novo tribunal sentenciariam a multa de quinze rublos por ofensa *pessoal* a um fidalgo, eh, eh, eh!

— Não, ouçam, vou contar-lhes um segredo dos novos tribunais — entrou em frenesi um terceiro. — Se alguém roubar ou fizer uma vigarice e for apanhado em flagrante e desmascarado, o que tem a

fazer é correr depressa para casa e matar a mãe. Então, será absolvido num instante em todos os sentidos, e as senhoras das galerias vão abanar os lencinhos de cambraia; é uma verdade incontestável!

— É verdade, é verdade!

A coisa não passou também sem as anedotas. Lembraram-se das relações de Nikolai Vsevolodovitch com o Conde K... Eram do conhecimento geral as opiniões particulares e severas do Conde K... sobre as últimas reformas. Era também conhecida a sua notável atividade que, no entanto, nos últimos tempos, suspendera. Então, ficou de repente claro que Nikolai Vsevolodovitch estava noivo de uma das filhas do Conde K..., embora não houvesse qualquer fundamento para tal rumor. Quanto às aventuras enigmáticas na Suíça e à Lisaveta Nikoláevna, as senhoras deixaram de mencioná-las. Digamos a propósito que, nesta altura, já as Drozdov tinham tido tempo de fazer todas as visitas que faltavam. Lisaveta Nikoláevna já era considerada, unanimemente, uma menina com nadade especial que “alardeava” os seus nervos doentes. O seu desmaio no dia da chegada de Nikolai Vsevolodovitch era explicado, agora, pelo mero susto de ver o ato monstruoso do estudante. Salientavam mesmo o sentido prosaico das coisas a que antes tentavam dar um colorido fantástico; esqueceram mesmo, definitivamente, uma tal manca; tinham mesmo vergonha de a recordar. “Nem que fossem cem mancadas... quem não foi jovem?”. Punham em relevo o respeito de Nikolai Vsevolodovitch pela mãe, viam nele todo o gênero de virtudes, falavam positivamente da cultura que adquirira em quatro anos de frequência das universidades alemãs. O procedimento de Artémi Pávlovitch foi declarado, de uma vez por todas, indelicado: “Não percebeu que estava lidando com uma pessoa igual a ele”; quanto a Iúlia Mikháilovna, reconheceram que era uma senhora de superior perspicácia.

Deste modo, quando finalmente apareceu o próprio Nikolai Vsevolodovitch, toda a gente o recebeu com a mais ingênua seriedade, e em todos os olhares cravados nele se lia a mais impaciente expectativa. Nikolai Vsevolodovitch fechou-se de imediato num

silêncio rigoroso, o que deixou as pessoas mais satisfeitas, evidentemente, do que se desse com a língua nos dentes. Em suma, estava sendo bem-sucedido, estava na moda. Na sociedade provinciana, se alguém aparece uma vez, já não pode esconder-se. Nikolai Vsevolodovitch voltou a cumprir todas as regras da província até ao esmero. Não o achavam animado: “A pessoa sofreu, não é como as outras, tem mais em que refletir”. Mesmo aquele seu orgulho e aquela sua inacessibilidade enjoada, pelos quais tinha sido tão odiado entre nós quatro anos antes, eram agora respeitados e agradavam.

Entre todos, quem mais rejubilava era Varvara Petrovna. Não sei dizer se ela se amargurava muito por causa dos sonhos em relação a Lisaveta Nikoláevna que se desmoronavam. Sobre isso, ajudou, sem dúvida, o orgulho da linhagem. Há uma coisa estranha: Varvara Petrovna, um belo momento, acreditou mesmo que *Nicolas* tinha efetivamente “feito a sua escolha” na família do Conde K... e, o que é ainda mais estranho, acreditou nisso com base nos boatos que, a ela como a todos os outros, chegaram trazidos pelo vento; é que tinha medo de perguntar diretamente a Nikolai Vsevolodovitch. Por duas ou três vezes, contudo, não se conteve e censurou o filho, alegre e ligeiramente, por não estar sendo sincero com ela; Nikolai Vsevolodovitch sorriu e permaneceu calado. O silêncio dele era visto como sinal de consentimento. Apesar de tudo, Varvara Petrovna nunca se esquecia da manca. Jazia-lhe no coração um certo pensamento sobre ela, como uma pedra, um pesadelo, que a atormentava com fantasmas e estranhas especulações, tudo isso de modo simultâneo e em combinação com os seus sonhos sobre as filhas do Conde K... Disto, porém, falar-se-á depois. Na sociedade, evidentemente, voltou a haver para com Varvara Petrovna uma atitude de extremo e atencioso respeito, de que ela pouco se aproveitava, uma vez que saía raramente.

Fez, no entanto, uma visita solene à governadora. É claro que, no serão da esposa do decano, ninguém mais do que ela se mostrou encantado e fascinado com as palavras de Iúlia Mikháilovna: libertaram-lhe assim o coração de muita mágoa e resolveram-lhe muitas questões que a atormentavam desde aquele desgraçado

domingo. “Eu dantes não compreendia esta mulher!”, disse e, de imediato, naquele ímpeto tão próprio dela, declarou a Iúlia Mikháilovna que a tinha visitado para *lhe agradecer*. Iúlia Mikháilovna sentiu-se lisonjeada, mas manteve o seu ar independente. Estava começando, naquela altura, a sentir o seu valor, talvez exagerando-o até um pouco. Disse no meio de uma conversa, por exemplo, que nunca tinha ouvido dizer nada sobre a atividade e a sabedoria de Stepan Trofímovitch.

— Quanto ao jovem Verkhovênski, é claro que o recebo e o trato com carinho. É insensato, mas é ainda jovem; de resto, possui conhecimentos de peso. Seja como for, não é nenhum ex-crítico reformado.

Varvara Petrovna apressou-se a observar que Stepan Trofímovitch nunca tinha sido um crítico, mas que, pelo contrário, toda a vida vivera em sua casa. E que era famoso pelas circunstâncias que envolviam o seu princípio de carreira, “demasiado conhecidas de toda a gente”, e, nos últimos tempos, pelos seus estudos em história espanhola; planejava também escrever sobre a situação moderna das universidades alemãs e, pelos vistos, qualquer coisa sobre a Virgem de Dresden. Em suma, Varvara Petrovna não quis ceder a Iúlia Mikháilovna o seu Stepan Trofímovitch.

— Sobre a Virgem de Dresden? A Sistina? *Chère* Varvara Petrovna, fiquei duas horas sentada em frente desse quadro e fui-me embora desiludida. Não compreendi nada e estava muito desiludida. Karmazínov também diz que é difícil compreender aquilo. Hoje em dia já ninguém vê nada nela, nem os russos nem os ingleses. Toda essa glória não passou de um alarido feito pelos velhos.

— Defende então uma moda nova?

— Acho que não vale a pena desprezar também os nossos jovens. Grita-se por aí que os jovens são comunistas, mas, na minha opinião, é necessário poupá-los e dar-lhes o devido valor. Eu agora leio tudo,

todos os jornais, o que se escreve sobre as comunas e as ciências naturais, recebo tudo, porque afinal é preciso sabermos em que mundo vivemos e com quem lidamos. É impossível passarmos toda a vida nas alturas das nossas fantasias. Cheguei a esta conclusão e estabeleci a regra de acarinhar a juventude e, com esta atitude, não a deixar cair do precipício. Acredite, Varvara Petrovna, que só nós, a sociedade, com uma influência benéfica e, justamente, carinhosa, podemos detê-los à beira do abismo, para onde a intolerância de todos esses velhinhos os empurra. Aliás, fico contente pelo que a senhora disse de Stepan Trofímovitch. A senhora deu-me uma ideia: ele pode ser útil no nosso recital literário. Trata-se de um dia de divertimentos que eu estou organizando, por inscrições, a favor das preceptoras pobres da nossa província. Elas estão espalhadas pela Rússia e, segundo os cálculos, seis delas são originárias do nosso distrito; além disso, há duas telegrafistas, duas estudantes da Academia e há as restantes, que também gostariam de estudar mas não têm recursos. O destino da mulher russa é terrível, Varvara Petrovna! Hoje em dia, já se faz do assunto um problema universitário e houve mesmo uma reunião do Conselho de Estado a este propósito. Na nossa estranha Rússia tudo é possível. É por isso que, mais uma vez, eu digo que com o carinho e o apoio cordial e direto de toda a sociedade poderíamos encarregar esta grande causa comum para o rumo certo. Oh, meu Deus, será que temos muitas personalidades luminosas? É claro que temos, mas estão dispersas. Então, unamo-nos e sejamos mais fortes. Em resumo, vou fazer primeiro a *matinée* literária, depois um almoço ligeiro, depois um intervalo e, no mesmo dia, à noite, um baile. Queríamos começar o serão com quadros vivos, mas, ao que parece, fica dispendioso, por isso, para o público, haverá uma ou duas quadrilhas com máscaras e ternos característicos, simbolizando as correntes literárias mais conhecidas. Esta ideia brincalhona é de Karmazínov; ele ajuda-me muito. Sabe uma coisa? Ele vai ler a sua última obra, ainda completamente inédita. Depois abandona a pena e não escreverá mais; este último artigo é a sua despedida do público. É uma coisinha encantadora, com o título *Merci*. Ele considera o título em francês mais engraçado e, até, mais fino. Eu também acho, até fui eu quem lho aconselhou. Penso que Stepan Trofímovitch também poderá ler

alguma coisa, se for mais ou menos curta e... menos científica. Parece que Piotr Stepánovitch e mais alguém também vão ler não sei o quê. Piotr Stepánovitch passa por sua casa e leva-lhe o programa, ou antes, permita que eu própria lho leve.

— E a senhora permite que eu assine também a sua folha. Falarei com Stepan Trofímovitch e pedir-lhe-ei pessoalmente que participe.

Varvara Petrovna voltou para casa definitivamente encantada; passou a defender Iúlia Mikháilovna com unhas e dentes e, por misteriosa razão, ficou muito zangada com Stepan Trofímovitch, embora este, coitado, sempre metido em casa, não estivesse ao corrente de nada.

— Apaixonei-me por ela e não compreendo como pude enganar-me desta maneira na opinião que tinha formado sobre ela — disse Varvara Petrovna a Nikolai Vsevolodovitch e também a Piotr Stepánovitch que tinha aparecido em sua casa.

— Em qualquer caso, a senhora tem de fazer as pazes também com o velho — sugeriu Piotr Stepánovitch. — Está desesperado. A senhora mandou-o definitivamente para a cozinha. Ontem viu a sua caleche na rua, fez-lhe uma vênha, mas a senhora virou-lhe a cara. Sabe uma coisa? Vamos promovê-lo; tenho alguns planos em relação a ele, ainda pode ser útil.

— Oh, ele vai ler.

— Não se trata só disso. Eu quero visitá-lo hoje. Como é, digo-lhe?

— Se quiser. Aliás, não sei como é que o senhor pode resolver isso — disse ela, indecisa. — Eu tinha a intenção de esclarecer as coisas com ele pessoalmente e marcar-lhe o dia e o lugar. — Varvara Petrovna carregou o sobrolho.

— Não vale a pena marcar o dia. Eu digo-lhe e pronto.

— Talvez... diga-lhe. Aliás diga-lhe mesmo que eu vou marcar uma data para ele. Acrescente isto sem falta.

Piotr Stepánovitch, rindo-se perfidamente, saiu correndo. Recordo o Piotr Stepánovitch desta época, de uma maneira geral, como mais maldoso do que nunca, permitindo-se mesmo a liberdade de tratar quase toda a gente com atrevimento. E era estranho que todos lhe perdoassem. Tinha-se estabelecido a opinião geral de que se devia vê-lo como um caso de exceção. Note-se que ele recebeu a notícia do duelo de Nikolai Vsevolodovitch com muita raiva. A notícia tinha-o apanhado de surpresa e, quando lha deram, ficou esverdeado. Talvez o seu amor-próprio se tenha ressentido: ficou sabendo do acontecimento apenas no dia seguinte, quando toda a gente já sabia.

— A propósito, o senhor não tinha o direito de travar esse duelo — sussurrou a Stavróguin já no quinto dia, ao encontrar-se com ele por acaso no clube. É de notar que, nesses cinco dias, ainda não se tinham encontrado vez alguma, embora Piotr Stepánovitch passasse pela casa de Varvara Petrovna quase todos os dias.

Nikolai Vsevolodovitch olhou para ele em silêncio, distraidamente, como se não compreendesse do que se tratava, e passou-lhe ao lado sem parar. Estava atravessando o grande salão do clube, dirigindo-se para o bufê.

— O senhor foi à casa de Chátov... o senhor quer tornar público isso da Mária Timoféevna — corria o outro atrás dele e, como que por distração, deitou-lhe a mão ao ombro.

Nikolai Vsevolodovitch, então, sacudiu-lhe a mão do ombro e, virando-se com brusquidão para ele, carregou o sobrolho numa ameaça. Piotr Stepánovitch olhou para ele com um sorriso longo, estranho. Tudo se passou num instante. Nikolai Vsevolodovitch seguiu o seu caminho.

Correu direto à casa do velho e, se se apressava desta maneira, era unicamente por raiva, para se vingar de uma ofensa de que eu, até àquele momento, não fazia a mínima ideia. Tinha acontecido que, no último encontro entre eles, ou seja, na quinta-feira da semana anterior, Stepan Trofímovitch, que tinha sido quem começara a discussão, acabara por pôr na rua Piotr Stepánovitch, ameaçando-o com a bengala. Stepan Trofímovitch escondera-me o fato. Agora, mal Piotr Stepánovitch irrompeu pela casa adentro, com o seu sorriso irônico e ingenuamente arrogante de sempre, e com o seu olhar curioso e desagradável, saltando por todos os cantos, Stepan Trofímovitch fez-me um sinal discreto para que eu não saísse da sala. Assim, foram-me reveladas as verdadeiras relações entre eles, uma vez que pude assistir a toda a conversa entre os dois.

Stepan Trofímovitch estava meio sentado no sofá, de pernas esticadas. Desde a última quinta-feira, tinha emagrecido e amarelecido. Piotr Stepánovitch, com uns modos muito familiares, sentou-se ao lado dele, sem cerimônias, ocupando muito mais espaço no sofá do que o exigia o respeito pelo pai. Stepan Trofímovitch, em silêncio e com dignidade, afastou-se para lhe dar lugar.

Em cima da mesa estava um livro aberto. Era o romance *Que fazer?*²⁹³ É de lamentar, mas tenho de reconhecer um estranho momento de fraqueza do meu amigo: o sonho de que tinha de sair do seu retiro e travar a sua última batalha apoderava-se cada vez mais da sua imaginação seduzida. Percebi que ele arranjava e estava *estudando* o romance com o único intento, no caso iminente de combate com os “guinchadores”, de conhecer de antemão as suas táticas e os seus argumentos, de acordo com a “catequese” deles, e, assim preparado, os refutar a todos *aos olhos dela*. Oh, como o atormentava este livro! De vez em quando, em desespero, largava-o e, saltando do lugar, punha-se a andar pela sala quase frenético.

— Concorde que a ideia principal do autor é correta — dizia-me febrilmente —, mas isso é ainda mais terrível! É a mesma ideia de todos nós; fomos nós, nós, os primeiros a semeá-la, a cultivá-la, a prepará-

la... aliás, depois de nós, o que teriam eles de novo para dizer?! Mas, meu Deus, de que forma tudo isso é exprimido, deformado, desfigurado! — exclamava, tamborilando no livro com os dedos. — Poderiam ser estas as conclusões a que aspirávamos? Quem poderá reconhecer aqui a ideia inicial?

— Estás iluminando-te? — esboçou Piotr Stepánovitch um sorriso, tendo pegado no livro e lendo o título. — Já não é sem tempo. Eu trago-te ainda melhores, se quiseres.

Stepan Trofímovitch continuou mantendo um silêncio digno. Eu estava a um canto, sentado no divã.

Piotr Stepánovitch explicou rapidamente o motivo da sua visita. Como é evidente, Stepan Trofímovitch ficou estupefato e ouviu tudo com um ar de susto e indignação.

— Essa Iúlia Mikháilovna ainda imagina que eu irei à casa dela fazer uma leitura!

— Ou antes, eles não têm grande necessidade de ti. Pelo contrário, é uma maneira de te mostrarem respeito e, com isso, lisonjearem Varvara Petrovna. Aliás, é evidente que não te atreverás a recusar o convite. Acho até que te apetece muito ir — sorriu Piotr Stepánovitch. — Todos vós, os velhotes, tendes ambições infernais. Bem, escuta, é necessário que não seja uma coisa muito enfadonha. O que é que tens aí, a história espanhola ou o quê? Emprста-me com três dias de antecedência para eu folhear, senão ainda vais para lá pegar o sono a toda a gente.

A brutalidade apressada e demasiado crua destas alfinetadas era sem dúvida premeditada. Fingia que, com Stepan Trofímovitch, não se podia sequer falar outra linguagem mais educada ou utilizar outros conceitos. Stepan Trofímovitch persistia em não dar atenção aos insultos. Estas novidades, no entanto, cada vez o mergulhavam mais num estado de pasmo.

— Foi ela, *ela própria*, quem te mandou transmitir-me isso... que te pediu que o fizesses? — perguntou, empalidecendo.

— Bem, vejamos, ela quer também marcar-te um dia e uma hora para um esclarecimento mútuo das vossas relações; acho que são os resquícios do vosso sentimentalismo. Passaste vinte anos a coquetear a senhora e ganhaste o hábito dessas maneiras cômicas ao máximo. Deixa lá, agora a coisa é outra; ela mesma repete a cada instante que só agora começou a “abrir os olhos”. Eu expliquei-lhe na cara que esta vossa amizade não passa de um despejar de água suja recíproco. Ela contou-me muitas coisas, meu amigo. Irra, que serviço de laçao tens cumprido durante este tempo todo. Até eu corava por ti.

— Serviço de laçao, eu? — não se aguentou Stepan Trofímovitch.

— Pior ainda, eras um comensal, ou seja, um laçao voluntário. Tens preguiça de trabalhar, mas tens um grande apetite pelo dinheirinho. Ela agora também já compreende tudo isso, e contou-me coisas terríveis a teu respeito. Ora, meu amigo, como eu me escaqueirei a rir ao ler as tuas cartas para ela! Aquilo é uma vergonha, mete nojo. Mas vocês são todos uns depravados, uns depravados! Na esmola, há sempre um elemento de depravação... de que tu és um exemplo eloquente!

— Ela mostrou-te as minhas cartas!

— Todas. Ou seja, não me foi possível ler aquilo tudo. Credo, o papel que tu gastaste, acho que ela tem lá mais de duas mil cartas... A propósito, sabes, meu velho, acho que houve um momento em que ela estava pronta a casar-se contigo. Perdeste estupidamente a oportunidade! É claro que estou falando do teu ponto de vista, mas, em qualquer caso, seria melhor do que agora, em que por pouco não te casaram com os “pecados dos outros”, como um palhaço, por dinheiro.

— Por dinheiro! E é ela, é ela quem diz que era por dinheiro! — vociferou Stepan Trofímovitch num tom doentio.

— Pois claro! E depois? Eu próprio te defendi. É que essa é a única maneira de te justificar. Ela própria percebeu que precisavas de dinheiro como outro qualquer e que tu, desse ponto de vista, talvez tivesses razão. Provei-lhe, como dois mais dois são quatro, que vocês viviam na base da vantagem mútua: ela como capitalista e tu como o seu bobo sentimental. Aliás, ela não guarda rancor pelo dinheiro, embora a tivesses ordenhado como a uma cabra. Apenas se irrita por ter acreditado em ti durante vinte anos e porque a enganaste daquela maneira com a tua “nobreza” e a obrigaste a mentir durante tanto tempo. Nunca confessará o fato de ela mesma ter mentido, e é precisamente por isso que vais ter de pagar uma fatura dupla. Não percebo, como é que não adivinhaste que um dia terias de prestar contas? É que tu eras, pelo menos, minimamente inteligente. Ontem, dei-lhe o conselho de te meter num asilo, um asilo diferente, não te preocupes, não te sentirás ofendido; parece que vai ser isso mesmo que ela vai fazer. Lembras-te da tua última carta para mim, enviada para a província de Kh..., há três semanas?

— Mostraste-lha? — Stepan Trofímovitch saltou do lugar, horrorizado.

— Mostrei, é claro! Foi a primeira coisa que fiz. Aquela mesma carta em que me informavas de que ela te explorava, por inveja do teu talento, e também aquelas coisas dos “pecados dos outros”. A propósito, amigo, o amor-próprio que tu tens! Eu ri-me como um perdido. De uma maneira geral, as tuas cartas são um tédio, tens um estilo monstruoso. Muitas das vezes nem as lia; uma delas ficou sem ser aberta até hoje, amanhã mando-ta de volta... mas aquela, aquela tua última carta... é o cúmulo da perfeição! Fartei-me de rir, à gargalhada!

— Facínora, facínora! — berrou Stepan Trofímovitch.

— Eh, raios partam o Diabo, é impossível falar contigo. Ouve, está ficando outra vez ofendido, como na última quinta-feira?

Stepan Trofímovitch endireitou-se numa ameaça.

— Como te atreves a usar essa linguagem comigo?

— Que linguagem? A simples e clara?

— Diz-me de uma vez por todas, facínora: és meu filho ou não?

— Quanto a isso, tu é que sabes. É claro que, nestes casos, qualquer pai tem tendência para ser iludido...

— Cala-te, cala-te! — tremeu todo Stepan Trofímovitch.

— Estás vendo, gritas e pestanejas como na quinta-feira, quando quiseste pegar na bengala, mas fica sabendo que encontrei o tal documento. Só por curiosidade, passei todo o fim de tarde a remexer na mala. Na verdade, não há nada de certo, podes ficar descansado. É apenas um bilhete da minha mãe para aquele polacozinho. Mas, a julgar pelo caráter dela...

— Mais uma palavra e dou-te uma bofetada.

— Que gente! — Piotr Stepánovitch dirigiu-se de repente a mim. — Está vendo o que se passa entre nós desde quinta-feira? Estou contente por o senhor estar aqui hoje, ao menos pode servir de árbitro. Em primeiro lugar, um fato: ele censura-me por eu falar assim da minha mãe, mas não terá sido ele mesmo quem me iludiu sobre esta coisa? Em Petersburgo, quando eu ainda andava no colégio, não era ele quem me acordava duas vezes por noite, me abraçava e chorava como uma fêmea?... E o que acha o senhor que ele me contava naquelas noites? Estas mesmas anedotas obscenas sobre a minha mãe! Foi da parte dele que as ouvi primeiro.

— Oh, eu dizia-to no sentido sublime! Oh, não me compreendeste! Não entendestenada, nada.

— Mesmo assim, foste mais ignóbil do que eu, reconhece que foste. Nota que, para mim, é indiferente. Vejo o caso do teu ponto de vista. Quanto ao meu ponto de vista, não te preocupes: não acuso a minha mãe; que tenhas sido tu, que tenha sido o polaco, é-me indiferente. Não tenho culpa de que, lá em Berlim, as coisas entre vós tenham resultado de maneira tão estúpida. Além disso, como é que poderia ter resultado qualquer coisa de razoável entre vós? Depois disso, não sereis gente ridícula? E para ti, também, que diferença faz que eu seja teu filho ou não? Ouça — voltou a dirigir-se a mim —, não gastou um rublo comigo em toda a vida dele, até aos meus dezesseis anos não me conhecia, depois, aqui, roubou-me, e agora grita que durante toda a vida lhe doía o coração por causa de mim e requebra-se à minha frente como um ator. Mas, francamente, eu não sou a Varvara Petrovna!

Levantou-se e pegou no chapéu.

— A partir de hoje deixas de ser meu filho, rejeito-te! — Stepan Trofímovitch, pálido como a morte, ergueu a mão estendida por cima do filho.

— Irra, até que grau de estupidez chegou o homem! — espantou-se Piotr Stepánovitch. — Bem, adeus, meu velho, nunca mais te visitarei. Manda o artigo com antecedência, não te esqueças, e, se puderes, tenta não escrever muitos disparates: fatos, fatos e só fatos, e sobretudo que seja curto. Adeus.

III

A liás, havia no meio disto tudo outras circunstâncias. Efetivamente, Piotr Stepánovitch tinha alguns planos em relação ao seu progenitor. Na minha opinião, contava levar o velho ao desespero e, com isso, provocá-lo até que ele fizesse algum escândalo aberto, um escândalo de certo gênero, diga-se. Precisava disso para fins ulteriores, particulares, de que se falará mais adiante. Naquela altura, Piotr Stepánovitch tinha muitos planos e propósitos semelhantes — quase todos fantásticos, é claro. Além de Stepan Trofímovitch, tinha em vista

mais uma vítima. De uma maneira geral, como se viria a verificar mais tarde, tais vítimas eram muitas; mas com quem contava em primeiro lugar era com o próprio Senhor Lembke.

Andrei Antónovitch von Lembke pertencia àquela etnia privilegiada (pela natureza) que, na Rússia, segundo as estatísticas, contava com várias centenas de milhares de representantes e constituía, talvez sem o saber, uma união rigorosamente organizada. Trata-se, evidentemente, de uma união não premeditada nem elaborada de maneira alguma, mas que existe em qualquer tribo, tácita e espontaneamente, como prescrição moral obrigatória, e consiste no apoio mútuo e constante entre os membros da etnia, por todoo lado e em quaisquer circunstâncias: Andrei Antónovitch tivera a honra de ser educadonuma das instituições de ensino privilegiadas para onde só entram os jovens das famílias possuidoras das melhores relações sociais ou das maiores fortunas. Os educandos desta instituição, quase imediatamente após o fim do curso, eram chamados a ocupar os cargos mais importantes num dos departamentos do serviço público. Andrei Antónovitch tinha um tio tenente-coronel de engenharia e outro padeiro; porém, conseguiu entrar na escola privilegiada e foi lá encontrar bastantes rapazes da sua tribo. Era um companheiro divertido, bastante lorpa nos estudos, e conquistou o amor de todos. Quando, nos últimos anos, muitos dos jovens, sobretudo russos, aprendiam a raciocinar sobre as muito sublimes questões modernas com o ar de quem insinuava que, mal acabassem a escola, resolveriam de imediato todos os problemas, Andrei Antónovitch ainda continuava a dedicar-se às suas mais inocentes traquinices escolares. Fazia rir toda a gente com as suas brincadeiras bastante simplórias, embora cínicas, mas era esse o objetivo dele. Ora assoava o nariz de maneira esquisita quando um professor, a meio da aula, se lhe dirigia com uma pergunta, o que fazia rir tanto os colegas quanto o professor; ora, no dormitório, representava “quadro vivo” cínico, aplaudido por todos; ora tocava, unicamente com o nariz (e com bastante habilidade), a abertura da “Fra Diavolo”.¹⁹⁴ Distinguia-se também pelo seu desleixo propositado, considerando-o, por qualquer razão, espirituoso. No último ano da escola, começou a escrever versículos

em russo. Na sua própria língua materna dominava mal a gramática, como muitos representantes desta etnia na Rússia. Esta propensão para a versificação aproximou-o de um seu colega sombrio e como que embrutecido, filho de um general russo pobre, rapaz que era considerado na instituição um futuro grande literato. Este passou a tomar uma atitude protecionista em relação a Lembke. Entretanto, aconteceu que, três anos depois do fim do curso, este colega sombrio que já abandonara o serviço público em benefício da literatura russa e, em consequência, andava de botas rotas e a bater os dentes do frio outonal com um sobretudo de verão, encontrou por acaso, perto da Ponte Ánitchkov,¹⁹⁵ o seu antigo *protégé* “Lembka”, como todos lhe chamavam na escola. E então? Nem sequer o reconheceu à primeira vista e, surpreendido, parou. Diante dele estava um jovem senhor impecavelmente vestido, com suíças de um matiz arruivado espantosamente cuidadas, com um lornhão, com botas envernizadas, com luvas fresquíssimas, com um amplo sobretudo da casa Charmer e com uma pasta debaixo do braço. Lembke tratou o antigo companheiro com carinho, deu-lhe o seu endereço e instou-o a que alguma vez o visitasse, à noite. Verificou-se também que já não era o “Lembka”, mas Von Lembke. Pois bem, o companheiro foi visitá-lo, talvez apenas por raiva. Na escada, bastante feia e nada de gala, mas atapetada de encarnado, foi recebido pelo porteiro. Puxou com força a campainha. Porém, em vez do luxo em que esperava encontrar “Lembka”, viu-o numa sala lateral muito pequenina, muito escura e decrépita, dividida em duas partes por um grande reposteiro verde-escuro; via-se que os móveis, embora estofados, eram muito velhos, tal como os estores nas janelas altas e estreitas. Von Lembke alojava-se na casa de um parente muito afastado, um general que era também seu protetor. Recebeu o convidado com simpatia, seriedade e elegância educada. Falaram de literatura, mas dentro dos limites convenientes. Um criado de gravata branca serviu um chá fraquinho com bolachas secas e pequeninas. O companheiro, por maldade, pediu água mineral. Serviram-lha, mas com algum atraso, tendo Lembke ficado um tanto confuso quando chamou o criado uma segunda vez e lhe repetiu a ordem. Ele mesmo perguntou ao convidado se queria petiscar alguma

coisa e ficou visivelmente satisfeito quando este recusou e, finalmente, se foi embora. Lembke, pura e simplesmente, estava em início de carreira e vivia como comensal na casa de um general da mesma etnia, mas importante.

Naquele tempo estava apaixonado pela quinta filha do general e, segundo parece, o seu amor era correspondido. Porém, em determinada altura, casaram a sua Amália com um velho fabricante alemão, antigo amigo do general. Andrei Antónovitch não chorou muito, preferiu montar um teatro de brinquedo em cartão. Erguia-se o pano, saíam os atores, faziam gestos com as mãos; nos camarotes estava o público, a orquestra passava os arcos pelos violinos, o maestro abanava a batuta, na plateia os cavalheiros e os oficiais batiam palmas. Tudo de papel, tudo inventado e fabricado pelo próprio Von Lembke; demorou um ano a fazer o teatro. O general organizou, para demonstração, uma pequena festa em família, o teatro foi trazido para a sala, todas as cinco filhas do general, inclusive a recém-casada Amália com o seu marido-fabricante, e muitas meninas e senhoras com os seus alemães observaram com atenção o teatro e louvaram-no; depois, foram às danças. Lembke sentiu-se muito feliz e rapidamente se consolou.

Passaram os anos, fez a sua carreira. Prestou sempre serviço em lugares importantes, sempre sob a chefia dos seus consanguíneos, e acabou por atingir uma alta graduação para a sua idade. Havia muito que desejava casar-se e andava procurando com cuidado. Às escondidas dos chefes, mandou um conto para a redação de um jornal, mas não foi publicado. Em compensação, fabricou em cartão todo um trem da estrada de ferro e de novo resultou uma coisinha muito bem-sucedida: o público a sair da estação, com as malas e sacos, as crianças e os cãesinhos, e a entrar nos vagões. Os ferroviários na plataforma a tocarem a campainha, a darem o sinal, o trem a partir. Trabalhou um ano inteiro neste engenho sofisticado. Mesmo assim, necessitava casar-se. O seu círculo de conhecimentos era bastante amplo, mas todo no meio alemão; também circulava, porém, nas esferas russas, obviamente entre as chefias. Por fim, já com trinta e oito anos, recebeu

uma herança. Morreram um tio dele, o padeiro, deixando-lhe treze mil rublos no testamento. Faltava-lhe arranjar um cargo. O Senhor Von Lembke, apesar do nível bastante alto da sua esfera de serviço, era um homem muito modesto. Já ficaria absolutamente satisfeito com um lugarzinho independente no serviço público, como responsável do armazenamento da lenha, por exemplo, ou qualquer coisa apetitosa do gênero, mas vitalício. Quanto a casamento, em vez de uma qualquer Minna ou Ernestina, calhou-lhe Iúlia Mikháilovna. A sua carreira deu um salto, subiu em grau de importância. O modesto e pontual Von Lembke sentiu que também ele podia ter ambições.

Iúlia Mikháilovna possuía, pela contagem antiga, algumas duzentas almas; além disso, trazia consigo protetores importantes. Por outro lado, se Von Lembke era um bonitão, Iúlia Mikháilovna já passava dos quarenta. O mais curioso foi que Von Lembke, pouco a pouco, acabou por se apaixonar por ela de verdade, à medida que se ia sentindo cada vez mais seu noivo. No dia do casamento, de manhã, mandou-lhe uma poesia. Tudo isso agradou muito à noiva, inclusive a poesia: quarenta anos não são brincadeira. Muito em breve ele receberia uma graduação importante e uma condecoração importante; depois foi nomeado governador da nossa província.

Quando se preparava para vir para a nossa cidade, Iúlia Mikháilovna trabalhou minuciosamente sobre o seu esposo. Na opinião dela, ele tinha capacidades, sabia entrar e mostrar a sua pessoa em sociedade, sabia ouvir com ar compenetrado e guardar silêncio, aprendeu algumas poses bastante convenientes, sabia mesmo fazer um discurso, tinha até alguns pedaços e tiras de ideias, assimilara o lustro do mais moderno liberalismo. Porém, preocupava-a muito o fato de o marido ser pouco ativo e de, após a longa, a eterna procura de carreira, ele sentir visivelmente a necessidade de descanso. O que Iúlia Mikháilovna queria era transmitir-lhe as suas ambições, mas a ele, de súbito, dava-lhe para fazer uma *Kirche*¹⁹⁶ de cartão: o pastor a entrar para dizer o sermão, os paroquianos a ouvirem, de mãos piedosamente juntas, uma senhora a limpar as lágrimas com o lenço, um velhote a assoar o nariz; no fim, tilintava o pequeno órgão, encomendado da

Suíça e já recebido, um ror de despesas. Iúlia Mikháilovna, mal soube da *Kirche*, até se assustou e confiscou o trabalho manual, fechando-o numa gaveta; em vez disso, deu-lhe autorização para escrever um romance, mas às escondidas. Desde então, Iúlia Mikháilovna passou a contar exclusivamente consigo mesma. Infelizmente, havia nela bastante leviandade e pouco sentido da medida. O destino mantivera-a tempo demais na situação de solteirona. Uma ideia atrás de outra relampejavam agora na sua mente ambiciosa e um pouco irritada. Elaborava projetos, desejava governar a província, sonhava estar no centro das atenções, escolheu um rumo. Tudo isto chegou mesmo a assustar um pouco Von Lembke, mas depressa compreendeu, com o seu instinto de funcionário, que não tinha nada a temer quanto ao cargo de governador propriamente dito. Os primeiros dois ou três meses decorreram satisfatoriamente. Mas depois apareceu Piotr Stepánovitch e qualquer coisa de estranho começou a acontecer.

É que o jovem Verkhovênski, desde logo, começou a manifestar um frontal desrespeito por Andrei Antónovitch e a exhibir o estranho direito de o tratar assim; ora, Iúlia Mikháilovna, sempre tão zelosa no respeitante ao prestígio do seu marido, parecia nem querer reparar nisso; pelo menos, não dava qualquer importância a isso. O jovem tornara-se seu favorito, comia, bebia, por pouco não dormia lá em casa. Von Lembke começou por defender-se, chamava-lhe publicamente “meu jovem”, dava-lhe palmadinhas protetoras no ombro. Mas não conseguia nada: Piotr Stepánovitch parecia rir-se-lhe sempre na cara, mesmo quando aparentemente falava a sério; na presença de outros, dizia-lhe coisas muito inesperadas. Uma ocasião, Von Lembke voltou a casa e foi encontrar o jovem a dormir no seu gabinete, no divã, sem ter sido convidado. Este explicou que tinha chegado e, como não o encontrou em casa, “achou por bem dormir um pouco”. Von Lembke ficou ressentido e voltou a queixar-se à esposa; esta ainda gozou com a irritabilidade dele e fez-lhe a mordaz observação de que era ele, Andrei Antónovitch, que não sabia dar-se ao respeito e que, com ela, nunca “esse garoto” se permitiria tais familiaridades... e que o jovem, aliás, “era ingênuo e tinha frescura, embora fugisse aos moldes da sociedade”. Von Lembke tomou o ar de

ofendido. Dessa vez, porém, foi possível fazer-se as pazes. Não que Piotr Stepánovitch pedisse desculpa, limitando-se a dizer uma piada grosseira que podia ser considerada mais um insulto, mas que, no entanto, foi tomada como sinal de arrependimento. O ponto fraco da situação consistia em que Andrei Antónovitch tinha errado desde o início, ou seja, contara a Piotr Stepánovitch que andava escrevendo um romance. Imaginando que estava lidando com um jovem entusiasta com a poesia na alma e ansiando, havia muito, encontrar um ouvinte, logo num dos primeiros dias em que se conheceram, ao princípio da noite, leu-lhe dois capítulos. O jovem ouviu a leitura sem esconder o tédio, bocejando indelicadamente e sem qualquer palavra de louvor, mas, à saída, pediu-lhe o manuscrito para ler em casa e poder formar uma opinião; Andrei Antónovitch entregou-lho. Pois nunca mais lhe devolveu o manuscrito, embora visitasse os Lembke quase todos os dias, e quando lhe perguntavam pelo manuscrito a sua resposta eram risadinhas; acabou por dizer que operdera na rua, naquele mesmo dia. Quando Iúlia Mikháilovna soube, ficou muitíssimo zangada com o seu esposo.

— Não me digas que também lhe contaste da *Kirche*? — alarmou-se, quase assustada.

Von Lembke começou a ficar muito pensativo, o que lhe fazia mal e lhe tinha sido proibido pelos médicos. Descobriu-se, além disso, que havia muitos problemas na governação da província, assunto de que se falará mais adiante, sobressaindo nele uma matéria especial que fazia doer o coração, e não só o amor-próprio, da autoridade. Quando se casou, Andrei Antónovitch não imaginava que poderia vir a ter desavenças no seio da família. Tinha tido toda a vida esta ilusão, quando sonhava com Minnas e Ernestinas. Agora sentia-se incapaz de suportar tempestades na família. Por fim, Iúlia Mikháilovna falou com ele abertamente.

— Não podes abespinhar-te por causa disso — disse ela —, porque és três vezes mais sensato do que ele e incomensuravelmente superior a ele na hierarquia social. Este garoto ainda tem muitos vestígios de

livre-pensador, mas isso, na minha opinião, é apenas uma espécie de traquinice; não se pode acabar com a traquinice de vez, tem de ser gradualmente. É preciso tratar com cuidado a nossa juventude; eu uso de carinho e deito-lhes a mão à beira do abismo.

— Mas ele diz coisas inimagináveis — replicou Von Lembke. — Não posso ser tolerante quando ele diz publicamente, e na minha presença, que o governo alcooliza o povo de propósito para o embrutecer e, com isso, impedir que se amotine. Imagina o meu papel quando sou obrigado a ouvir isto na presença de todos.

Ao dizer isto, Von Lembke lembrou-se de uma conversa recente com Piotr Stepánovitch. Com o objetivo inocente de o desarmar com o seu liberalismo, mostrou-lhe a sua coleção pessoal de todo o gênero de panfletos, russos e estrangeiros, que vinha fazendo desde o ano cinquenta e nove, não tanto como amador, mas por benéfica curiosidade. Piotr Stepánovitch, adivinhando o propósito do outro, disse-lhe com grosseria que numa só linha de alguns panfletos havia mais sentido do que em toda uma repartição pública, “sem excluir talvez a do senhor”.

Lembke ficou ressentido.

— Mas é cedo para isto entre nós, demasiado cedo — disse num tom quase suplicante, apontando para os panfletos.

— Não, não é cedo; o senhor, por exemplo, tem medo, portanto não é cedo.

— Note que um destes folhetos, por exemplo, apela à destruição das igrejas.

— E por que não? O senhor, como pessoa inteligente, é com certeza um descrente, mas compreende muito bem que precisa da fé para embrutecer o povo. A verdade é mais honesta do que a mentira.

— De acordo, de acordo, estou absolutamente de acordo com o senhor, mas é cedo demais, é cedo... — disse Lembke de cara franzida.

— Então, que funcionário público e que representante do governo é o senhor se está de acordo com a destruição das igrejas e com o assalto de Petersburgo com porrete nas mãos, fazendo apenas a ressalva dos prazos?

Apanhado desta forma grosseira, Von Lembke ficou muito melindrado.

— Não é isso, não é isso — exaltou-se, com a irritação do amor-próprio cada vez mais ferido —, o senhor, sendo jovem e, sobretudo, ignorando os nossos objetivos, está enganado. Está vendo, meu caro Piotr Stepánovitch, o senhor chama-nos funcionários do governo, não é? Pois. Funcionários independentes? Pois. Mas, por favor, veja como agimos! Temos responsabilidades e, em consequência, servimos a causa comum do mesmo modo que os senhores. Apenas não deixamos ruir o que os senhores abalam e que, sem nós, se desfaria em pedaços. Não somos vossos inimigos, nada disso, até vos dizemos: ide em frente, fazei o progresso, abalai o que é preciso abalar, mas atenção, abalai tudo o que é caduco e que necessita de reconstrução; no entanto, quando for preciso, saberemos deter-vos dentro dos limites necessários e será com isso que vos salvaremos, a vós mesmos, porque, sem nós, os senhores apenas esfrangalhariam a Rússia, privando-a do seu aspecto decente; ora, o nosso objetivo constante consiste precisamente em cuidar do aspecto decente. O senhor tem de compreender que nós precisamos mutuamente uns dos outros. Na Inglaterra, os *tories* e os *whigs*¹⁹⁷ também são mutuamente necessários. Pois bem: nós somos *tories*, vós sois *whigs*, é assim que eu vejo o problema.

Até se exaltara, Andrei Antónovitch. Se já em Petersburgo gostava de falar de maneira inteligente e liberal, aqui, onde ninguém os ouvia, ainda mais. Piotr Stepánovitch, contra o seu hábito, mantinha-se calado e sério, o que estimulava ainda mais o orador.

— O senhor sabe que eu, “senhor da província” — continuou Andrei Antónovitch, passeando pelo gabinete —, sabe que eu, tendo um excesso de obrigações, não consigo cumprir nenhuma delas e, por esta ordem de ideias, posso dizer com toda a convicção que não tenho nada que fazer aqui. Todo o segredo consiste em que tudo depende da atitude do governo. Que o governo instale nem que seja uma república, por razões políticas ou, digamos, para acalmar os ânimos, e que, por outro lado, paralelamente, reforce o poder dos governadores; então, nós, governadores, assimilaremos a república... e não só a república: tudo o que for preciso; eu, pelo menos, sinto-me preparado... Enfim, que o governo me mande, por telégrafo, a ordem de desenvolver *activité dévorante*¹⁹⁸ e eu farei *activité dévorante*. Eu, aqui, já disse abertamente: “Meus excelentíssimos senhores, para equilíbrio e estabilidade de todas as instituições da província, é necessária uma única coisa: o reforço do poder do governador”. Bem vê, é preciso que todas estas instituições (sejam da administração rural, sejam judiciais) tenham, por assim dizer, uma vida ambígua, ou seja, é preciso que existam (aceito que isso é necessário), mas, por outro lado, é preciso que não existam. Tudo em conformidade com a atitude do governo. Se a conjuntura exigir que as instituições sejam necessárias, eu, de imediato, tenho-as todas. Se a necessidade desaparecer, ninguém as encontrará na minha província. É assim que eu compreendo a *activité dévorante*, que não pode acontecer sem o reforço do poder do governador. Estamos falando sem testemunhas, eu e o senhor. Saiba que já mandei para Petersburgo a declaração sobre a necessidade de uma sentinela própria à porta da casa do governador. Estou à espera da resposta.

— O senhor precisa de duas — replicou Piotr Stepánovitch.

— Duas para quê? — Von Lembke parou à sua frente.

— Talvez uma sentinela seja pouco para que lhe guardem respeito. Precisa obrigatoriamente de duas.

Andrei Antónovitch torceu a cara.

— O senhor... o senhor concede a si mesmo liberdade a mais, sim, Piotr Stepánovitch. Aproveita-se da minha bondade, espeta alfinetadas e faz figura de um *bourru bienfaisant*...¹⁹⁹

— Como queira — murmurou Piotr Stepánovitch. — De qualquer modo, está abrindo-nos o caminho e assegurando-nos o êxito.

— O caminho a quem? E qual êxito? — Von Lembke fitou os olhos nele, surpreso, mas não recebeu resposta.

Iúlia Mikháilovna, ao ouvir o relato desta conversa, ficou muito descontente.

— É porque não posso — defendia-se Von Lembke — tratar autoritariamente o teu favorito, ainda por cima a sós... Podia dar com a língua nos dentes... por bondade do coração.

— Bondade a mais. Eu não sabia que tinhas uma coleção de panfletos, faz favor demos mostrar.

— Mas... ele pediu-os emprestados por um dia.

— E o senhor, mais uma vez, deu-lhos! — zangou-se Iúlia Mikháilovna. — Que indelicadeza!

— Vou mandar imediatamente buscá-los!

— Ele não lhos devolve.

— Vou exigir! — explodiu Von Lembke, saltando mesmo do lugar. — Quem é ele para eu lhe ter tanto medo e quem sou eu se não ousar fazer nada?

— Sente-se e acalme-se — interrompeu-o Iúlia Mikháilovna. — Vou responder à sua primeira pergunta: foram-me apresentadas excelentes recomendações a respeito dele. O moço tem capacidades e, às vezes, diz coisas muito inteligentes. Karmazínov assegurou-me de que este

jovem tem boas relações quase por todo o lado e que tem uma grande influência sobre a juventude da capital. Se eu, através dele, conseguir atraí-los a todos, agrupando-os à minha volta, poderei desviá-los da perdição, indicando um novo caminho para as ambições deles. Ele é-me fiel do fundo do coração e obedece-me em tudo.

— Mas... enquanto os acarinhas, eles podem fazer, só o Diabo sabe o quê. É claro que são apenas ideias — dizia Von Lembke confusamente —, mas... mas já ouvi falar que no distrito de N... apareceram uns panfletos quaisquer...

— Já no verão corria esse boato: panfletos, notas falsas, não sei que mais; mas até hoje ainda não encontraram nada. Quem lhe disse?

— Foi o Von Blum.

— Ah, poupe-me com o seu Von Blum e nunca mais se atreva a mencioná-lo!

Esta explosão de Iúlia Mikháilovna impediu-a até de falar durante um minuto. Von Blum era um funcionário do gabinete do governador por quem ela nutria um ódio especial. Mas disto falaremos depois.

— Por favor, não te preocupes com o Verkhovênski — concluiu ela a conversa. — Se ele participasse de alguma coisa, não falaria da maneira como fala contigo e com os outros daqui. Os falastrões não são perigosos e posso até dizer que, se acontecer alguma coisa, serei a primeira a sabê-lo, por ele. Ele é-me fiel até ao fanatismo, até ao fanatismo.

Observarei aqui, antecipando os acontecimentos, que, se Iúlia Mikháilovna não fosse tão convencida e tão vaidosa, não teria acontecido o que essa gentalha maldosa perpetrou. É dela uma grande parte da responsabilidade!

5 - Na véspera da festa

I

O dia da festa por inscrições planejada por Iúlia Mikháilovna, a favor das preceptoras da nossa província, já tinha sido várias vezes marcado e várias vezes adiado. À volta de Iúlia Mikháilovna giravam permanentemente Piotr Stepánovitch, o pequeno funcionário Liámchin, com o papel de moço de recados, homem que outrora visitava Stepan Trofímovitch e que, de repente, ganhou favores em casa do governador por saber tocar piano; e também, em parte, Lipútin, para quem Iúlia Mikháilovna planejava o cargo de diretor do futuro jornal independente da província; além deles, várias senhoras e meninas e, finalmente, o próprio Karmazínov que, embora não girasse, declarara em alto e bom som, com um ar alegre, que espantaria com agrado toda a gente quando chegasse o momento da “quadrilha literária”. Apareceram muitos assinantes e patrocinadores, toda a sociedade elitária da cidade; porém, eram aceites também os menos eleitos, caso trouxessem dinheiro. Observou Iúlia Mikháilovna que, por vezes, era mister admitir a mistura das classes sociais, pois “de outro modo quem vai iluminá-las”? Foi constituída uma comissão informal da família, que tomou a decisão de que a festa seria democrática. O grande número de inscrições provocou a tentação de grandes despesas; apetecia fazer qualquer coisa de maravilhoso, por isso se ia adiando a festa. Ainda não estava decidido onde se faria o baile noturno: na casa enorme da mulher do decano da nobreza, que a cedia, ou no solar de Varvara Petrovna em Skvoréchniki? Até Skvoréchniki seria um caminho bastante longo, mas muita gente da comissão argumentava que, lá, “estariam mais à vontade”. A própria Varvara Petrovna queria muito que fosse em casa dela. É difícil entender por que razão esta mulher orgulhosa quase bajulava Iúlia

Mikháilovna. Por certo, agradava-lhe que esta, por sua vez, quase se humilhasse diante de Nikolai Vsevolodovitch, sendo amável com ele mais do que com qualquer outro. Volto a repetir: Piotr Stepánovitch, permanentemente, em sussurro, continuava a enraizar em casa do governador a ideia, que já antes lançara, de que Nikolai Vsevolodovitch era um homem com relações misteriosas no mais misterioso dos mundos e que estava na nossa cidade, de certeza, com uma missão qualquer.

Eram estranhos os estados de espírito naquela altura. Revelava-se, sobretudo entre as senhoras, uma espécie de leviandade, e não se pode dizer que tal tenha acontecido pouco a pouco. Foram lançadas de rajada, como que pelo vento, algumas noções bastante desembaraçadas. Instalou-se um ambiente descontraído, alegre, e não diria que sempre agradável. Entrou na moda uma certa desordem nas mentalidades. Mais tarde, quando tudo se vier a desmoronar, acusarão disso Iúlia Mikháilovna, o círculo de Iúlia Mikháilovna e a influência de Iúlia Mikháilovna no seu círculo: porém, é pouco provável que tudo tivesse provindo apenas de Iúlia Mikháilovna. Pelo contrário, no início muitos louvavam em coro a nova governadora por ela saber unir a sociedade e porque, de repente, o ambiente se tornara mais animado. Houve mesmo vários incidentes escandalosos em que Iúlia Mikháilovna não foi tida nem achada; entretanto, toda a gente apenas folgava e se divertia, não havendo ninguém que pretendesse fazê-la parar. É certo que se mantinha de lado um considerável número de resistentes, mas nem estes ainda resmungavam, antes sorriam.

Lembro-me de que se formou espontaneamente um círculo bastante alargado no centro do qual, na verdade, se encontrava o salão de Iúlia Mikháilovna. Neste círculo íntimo concentrado em volta dela, era permitido à juventude (e até se tornou regra) fazer tropelias várias — às vezes muito desenvoltas, diga-se. Faziam parte do círculo várias senhoras muito queridas. Os jovens organizavam piqueniques, serões, às vezes passeavam pela cidade em cavalgada, nas montadas e em carruagens. Procuravam aventuras, e até as inventavam, para poderem contar anedotas sobre elas. Tratavam a nossa cidade com sarcasmo,

como se fosse uma qualquer cidade de Glúpov.²⁰⁰ Tinham apelidado estes jovens de zombadores: não perdiam qualquer oportunidade de gozo. Sucedeu, por exemplo, que a mulher de um tenente, uma morena ainda muito jovem, embora com um ar extenuado por causa da vida dura que tinha, num serão, sentou-se por leviandade a jogar cartas numa mesa em que as apostas eram elevadas, com a esperança de ganhar alguma coisa e comprar uma mantilha, mas, em vez disso, perdeu quinze rublos. Sem dinheiro para pagar e com medo do marido, atreveu-se, como noutros tempos, a pedir emprestado, sorratamente, no decurso do mesmo serão, ao filho do nosso presidente do conselho municipal, um rapaz sem préstimo e precocemente depravado. Este não só lhe recusou o empréstimo como, a rir-se, foi contar ao marido dela. O tenente que, de fato, mal ganhava para sobreviver, tendo apenas como recursos o seu vencimento, quando levou a esposa para casa deu-lhe uma grande sova, apesar de ela se ter ajoelhado aos seus pés aos gritos, gemidos e súplicas de perdão. Esta história revoltante apenas provocou risos na cidade e, embora a coitada da mulher do tenente não pertencesse à sociedade que rodeava Iúlia Mikháilovna, uma das senhoras da “cavalgada”, excêntrica e remexida, e que em tempos conhecera a mulher do tenente, passou pela casa desta e, pura e simplesmente, levou-a para sua casa. Ali, foi imediatamente rodeada pelos nossos pândegos, que a acarinharam, lhe deram muitas prendas e que, durante quatro dias, não a deixaram voltar para casa. A jovem senhora vivia em casa da dama remexida e passava os dias a passear com ela pela cidade e em festas e bailes, juntamente com toda a divertida companhia. Toda a gente a tentava convencer a apresentar queixa no tribunal contra o marido, a armar escândalo. Garantiam-lhe que a apoiariam, que iriam ao tribunal depor como testemunhas. O marido não se manifestava, com medo de lutar. A pobre percebeu finalmente que se metera numa alhada e, ao quarto dia, meio morta de medo, ao crepúsculo fugiu dos seus protetores e foi para casa. Desconhece-se o que aconteceu exatamente entre o casal, o certo é que as portadas da casinha baixa de madeira, em que o tenente tomara de aluguel um apartamento, não se abriram durante duas semanas. Durante algum

tempo, Iúlia Mikháilovna mostrou-se desagradada com o comportamento dos pândegos e mesmo muito descontente com a dama remexida, embora esta lhe tivesse apresentado a mulher do tenente logo no primeiro dia do rapto. Depois, o incidente foi rapidamente esquecido.

Noutra ocasião, um jovem de outro distrito, pequeno funcionário, pediu em casamento a filha de outro pequeno funcionário, pai de família aparentemente respeitável, filha esta que tinha dezessete anos, era bonita e que toda a gente conhecia na nossa cidade. De repente, veio a saber-se que, na noite de núpcias, o jovem esposo tratou a bela noiva de maneira muito mal-educada para se vingar da sua honra ofendida. Liámchin, que foi quase testemunha do caso, uma vez que se embebedou no dia do casamento e ficou dormindo na casa deles, correu de manhã cedo por todas as casas com a notícia alegre. Num instante, formou-se uma companhia de dez pessoas, todas a cavalo, algumas com cavalos alugados aos cossacos, como, por exemplo, Piotr Stepánovitch e Lipútin (Lipútin que, apesar do seu cabelo branco, participava então de quase todas as aventuras da nossa juventude leviana). Quando os recém-casados apareceram na rua, de charrete atrelada a uma parelha, para fazerem as visitas obrigatórias do dia a seguir ao casamento, como manda a nossa tradição, independentemente de toda e qualquer casualidade, pois bem, toda a cavalgada, aos risos alegres, rodeou a charrete e, depois, acompanhou-a durante toda a manhã pela cidade. Na verdade, não entravam nas casas, esperando ao portão sem se apearem; abstiveram-se também de grandes insultos ao jovem casal, mas, mesmo assim, causaram escândalo. Toda a cidade falava disso e, evidentemente, toda a cidade ria disso. Von Lembke, porém, indignou-se e teve com Iúlia Mikháilovna uma cena muito agitada. Iúlia Mikháilovna também se indignou e quis recusar aos desordeiros as visitas a sua casa. Porém, no dia seguinte, perdoou a todos, em consequência das exortações de Piotr Stepánovitch e de algumas palavras de Karmazínov. Este achou a “brincadeira” bastante espirituosa.

— Corresponde aos costumes locais — disse —, pelo menos é típico e... ousado; e, repare: toda a gente se ri, apenas a senhora se indigna.

Entretanto, houve também “traquinices” perfeitamente insuportáveis, com uma orientação determinada.

Na cidade, apareceu uma vendedora ambulante a vender os Evangelhos, uma mulher respeitável, embora de origem popular. Chamou as atenções porque nos jornais da capital tinham acabado de sair uns artigos curiosos sobre os vendedores ambulantes de livros. O mesmo malandro do Liámchin, com a ajuda de um seminarista que andava sem nada que fazer à espera da vaga de mestre-escola, meteu sorratamente no saco da vendedora, enquanto fingia querer comprar-lhe livros, um maço inteiro de abomináveis fotografias obscenas de fabrico estrangeiro, que lhe tinham sido dadas expressamente para a ocasião, como viria a saber-se mais tarde, por um velhote muito respeitável, cujo nome vou omitir, que ostentava ao pescoço uma importante condecoração e que gostava, segundo a sua própria expressão, do “riso saudável e da brincadeira alegre”. Quando a pobre da mulher começou a tirar os livros sagrados em plenas galerias comerciais, as fotografias caíram do saco. Ergueu-se um alarido, os risos, as palavras de indignação; a multidão que se apertava em volta dela começou a praguejar e podia mesmo chegar ao espancamento se a polícia não aparecesse a tempo. A vendedora foi metida nos calabouços e apenas à noite, graças a Mavríki Nikoláevitch, que entretanto se inteirara dos pormenores desta história repugnante, a vendedora foi libertada e expulsa da cidade. Aqui, sem dúvida que Iúlia Mikháilovna expulsaria Liámchin de sua casa, mas na mesma noite os nossos pândegos, em chusma, levaram-no à casa dela com a notícia de que ele tinha inventado uma coisinha especial no piano e convenceram-na, pelo menos, a ouvir. A coisinha pareceu de fato engraçada, com o título cômico de “Guerra Franco-Prussiana”. Começava com as severas notas da *Marselhesa*:

*Qu'un sang impur abreuve nos sillons!*²⁰¹

Ouvia-se o desafio pomposo, o enlevo pelas futuras vitórias. Mas, de repente, a par das variações virtuosas dos compassos do hino, algures ao lado, baixinho, num canto, mas muito perto, ouviram-se os sons nojentos de *Mein lieber Augustin*. A *Marselhesa* nem repara neles, a *Marselhesa* está no ponto alto do enlevo com toda a sua grandeza; mas *Augustin* consolida-se, *Augustin* torna-se mais descarado e, então, inesperadamente, os compassos de *Augustin* começam a coincidir com os compassos da *Marselhesa*. Esta parece começar a irritar-se, repara finalmente em *Augustin*, quer sacudi-lo de si, enxotá-lo como a uma mosca miserável e impertinente, mas a *Mein lieber Augustin* agarrou-se bem; é alegre e convencida; é feliz e descarada; e a *Marselhesa*, de súbito, torna-se terrivelmente estúpida: já não esconde que está irritada e ofendida; solta berros de indignação, lágrimas e juramentos com as mãos estendidas para a Providência:

*Pas un pouce de notre terrain, pas une pierre de nos forteresses!*²⁰²

Mas já se vê obrigada a cantar no mesmo compasso da *Mein lieber Augustin*. Os sons da *Marselhesa*, estupidamente, transformam-se em *Augustin*, a *Marselhesa* dobra-se, apaga-se. Só de vez em quando, como que conseguindo irromper, se ouvia de novo “qu’un sang impur...”, mas logo a seguir saltava para a insultuosa valsa nojenta. O hino resigna-se por completo: Jules Favre a soluçar no peito de Bismarck e a entregar-lhe tudo, tudo... Mas, nisto, enfurece-se a *Augustin*: ouvem-se uns sons roucos, sente-se a imensa cerveja emborcada, a fúria da fanfarronice, da exigência de milhares de milhões, de charutos finos, de champanhe e de reféns; a *Augustin* transforma-se em rugido desenfreado... A Guerra Franco-Prussiana acaba. Os nossos pândegos batem palmas, Iúlia Mikháilovna sorri e diz: “Pois, como posso pô-lo na rua?”. O acordo de paz está assinado. O canalha, de fato, tinha cá um talentozinho! Stepan Trofímovitch tentava convencer-me uma vez de que os maiores talentos artísticos podiam ser uns canalhas terríveis e que uma coisa não impedia a outra. Correu depois o rumor de que Liámchin tinha roubado esta peça a um jovem talentoso e modesto de passagem pela nossa cidade, conhecido dele, e que ficou desconhecido dos outros para todo o

sempre; mas não interessa. Este canalha, que durante vários anos se requebrou perante Stepan Trofímovitch e, nos seus serões, imitava a pedido vários judeus, a confissão de uma campônia surda ou o nascimento de uma criança, fazia agora em casa de Iúlia Mikháilovna paródias cômicas do próprio Stepan Trofímovitch sob o título de *Um liberal dos anos quarenta*. Todos se riam desenfreadamente, pelo que, afinal, era mesmo impossível pô-lo na rua: tornara-se num homem demasiado necessário. Além disso, bajulava servilmente Piotr Stepánovitch que, naquele momento, já tinha adquirido uma influência estranhamente forte sobre Iúlia Mikháilovna...

Eu não teria falado tanto sobre este canalha, nem ele mereceria tanta atenção, não fora uma história revoltante que aconteceu, e de que ele também participou, ao que agora afirmam, e não posso de modo algum omitir esta história na minha crônica.

Uma bela manhã, correu pela cidade a notícia de um sacrilégio monstruoso e revoltante. À entrada da nossa enorme praça do mercado está a Igreja do Nascimento da Virgem, uma igreja velha, notável relíquia antiga da nossa vetusta cidade. Junto ao portão da cerca está desde os tempos mais antigos um grande ícone da Virgem, encaixado na parede e protegido por uma grade. Então, uma noite, destruíram a grade, partiram o vidro e vandalizaram o ícone, tendo roubado da coroa e do adorno metálico várias pedras e pérolas, não sei se muito preciosas. O principal, no entanto, foi que, além do roubo, se cometeu um sacrilégio absurdo e escarnecedor: por trás do vidro partido do ícone encontraram de manhã, segundo dizem, um rato vivo. Agora, passados quatro meses, sabe-se com certeza que o crime foi cometido por Fedka Grillheta, mas afirma-se também, por quaisquer indícios, que Liámchin também participou. Na altura, ninguém apontava o nome de Liámchin nem suspeitava dele, mas agora toda a gente garante que foi ele quem pôs lá o rato. Lembro-me de que todos os nossos superiores ficaram, então, muito embaraçados. O povo juntou-se no local do crime logo desde manhãzinha. Estava lá sempre uma multidão que, embora não fosse enorme, chegava sempre à centenade pessoas. Iam-se embora uns, vinham outros. Quem

chegava benzia-se, beijava o ícone. O povo começou a dar dinheiro, foi lá posta a bandeja da igreja, com um monge ao lado. Só às três da tarde as autoridades perceberam que era preferível ordenar que o povo não se acumulasse ali e que, depois de beijar o ícone, rezar e dar a esmóltula, se fosse embora. O sucedido causou a Von Lembke uma demorada sensação sinistra. Iúlia Mikháilovna, ao que me contaram, diria depois que, desde essa manhã macabra, começara a notar uma tristeza estranha no seu marido, tristeza que não se lhe dissipou até dois meses depois do sucedido, altura da sua partida da cidade, por doença; ao que parece, a doença não o largou até hoje, na Suíça, onde continua a descansar da sua curta carreira na nossa província.

Lembro-me de que, naquele dia, entrei na praça já depois do meio-dia e deparei com a multidão silenciosa, as caras sérias e sombrias. Chegou um comerciante de charrete, um homem gordo e de tez amarela, apeou-se, fez uma vênua até ao chão, beijou o ícone, deu um rublo, subiu a gemer para a charrete e partiu. Chegou também uma caleche com duas das nossas damas acompanhadas por dois dos nossos pândegos. Os dois jovens (um deles até já nem era nada jovem) também saíram da carruagem e furaram por entre a multidão, até ao ícone, arredando sem qualquer respeito as pessoas. Não tiraram os chapéus, e um deles pôs a luneta no nariz. Passou um rumor pelo povo, abafado mas descontente. O jovem da luneta tirou do porta-moedas, cheio de notas bancárias, um copeque de cobre e atirou-o para o prato; ambos, rindo e falando alto, voltaram-se para a caleche. Neste momento, chegou abruptamente a cavalo, acompanhada por Mavríki Nikoláevitch, Lisaveta Nikoláevna. Saltou do cavalo, atirou as rédeas ao seu companheiro que, por sua ordem, não se apeou, e aproximou-se do ícone precisamente no momento em que era atirado o copeque. Afluiu-lhe às faces o vermelho da indignação; tirou o chapéu redondo, as luvas, caiu de joelhos diante do ícone, na calçada suja, e por três vezes se dobrou, com veneração, até ao chão. Depois tirou o seu porta-moedas, mas, como apenas encontrasse algumas moedas de dez copeques, despreendeu das orelhas os brincos de diamantes e pô-los na bandeja.

— Pode ser? Para adornar o caixilho? — perguntou ao monge com emoção.

— Sim, é permitido — respondeu este —, qualquer doação é um bem.

O povo mantinha-se em silêncio, sem exprimir censura nem aprovação; Lisaveta Nikoláevna, com o vestido sujo, montou no seu cavalo e foi-se embora.

II

Dois dias depois do caso acima descrito, encontrei-a no meio de um rancho que ia a qualquer lado em três caleches, rodeado por cavaleiros. Acenou-me com a mão, mandou parar a caleche e pediu com insistência que eu me juntasse a eles. Arranjaram-me lugar na caleche, e Lisaveta Nikoláevna, rindo, apresentou-me às suas companheiras, senhoras suntuosamente vestidas, e explicou-me que iam em expedição, uma expedição interessantíssima. Ria-se às gargalhadas e parecia exageradamente feliz. Nos últimos tempos, ela andava demasiado alegre. De fato, a viagem era excêntrica: iam à outra banda do rio, a casa do comerciante Sevostiánov, onde, no anexo de sua casa, morava havia já dez anos, em sossego, conforto e prosperidade, o nosso profeta Semion Iakovlevitch, um pobre de espírito bem-aventurado, famoso não só entre nós mas também nas províncias vizinhas e mesmo nas capitais. Era visitado por muita gente, sobretudo forasteiros, que buscavam a palavra do bem-aventurado, venerando-o e fazendo donativos, por vezes consideráveis. Se Semion Iakovlevitch não lhes desse uso imediato, tais donativos eram religiosamente enviados para o templo de Deus, de preferência para o nosso Mosteiro Bogoródski; com este propósito, estava sempre de serviço, junto de Semion Iakovlevitch, um monge deste mosteiro. Todos estavam à espera de um grande divertimento. Ninguém daquele grupo tinha ainda visto Semion Iakovlevitch. O único que o visitou uma vez foi Liámchin e afirmava agora que o profeta o mandara correr

à vassourada e que lhe atirara às costas, com a sua própria mão, duas grandesbatatas cozidas. Entre os cavaleiros distingui Piotr Stepánovitch, mais uma vez montado num cavalo alugado aos cossacos, que montava desajeitadamente, e Nikolai Vsevolodovitch. Este, às vezes, não se recusava a participar de divertimentos e, quando o fazia, arvorava a conveniente expressão de alegria, embora raramente falasse, e pouco, como sempre. Quando a expedição, descendo para a ponte, passava ao lado do hotel urbano, alguém disse que num dos quartos do hotel tinham acabado de encontrar um viajante que se suicidara a tiro, e que estavam à espera da polícia. Logo surgiu a ideia de irem ver o suicida. A ideia foi apoiada: as nossas damas nunca tinham visto um suicida. Lembro-me de que uma delas disse, alto e bom som, que “estavam tão fartos de tudo que não valia a pena fazer cerimônias com a escolha dos divertimentos, bastava ser curioso, e pronto”. Poucos ficaram à porta; a maioria entrou, em chusma, para o corredor sujo, e entre eles vi, para meu espanto, Lisaveta Nikoláevna. O quarto do suicida estava aberto e, evidentemente, não se atreveram a proibir-nos a entrada. Era um rapaz ainda novinho, muito bonito, o cabelo loiro e espesso, os contornos do rosto ovalados e regulares, a fronte limpa e bela. Já estava hirto, e o seu rosto branco parecia de mármore. Em cima da mesa estava a carta dele, pedindo que não acusassem ninguém da sua morte e dizendo que punha fim à vida porque “esbanjara na pândega” quatrocentos rublos. Era isto que, literalmente, estava escrito. Em quatro linhas havia três erros gramaticais. Quem mais o lamentava no hotel era um latifundiário gordo alojado no quarto contíguo e que, pelos vistos, viera à cidade tratar dos seus assuntos. Segundo as suas palavras, o rapaz fora mandado da aldeia à cidade pela família — a mãe viúva, as irmãs e as tias— para, com a orientação de uma tia cidadina, fazer várias compras para o dote da irmã mais velha, que preparava o casamento, e levar as compras para casa. Confiaram-lhe esses quatrocentos rublos, acumulados durante dezenas de anos, suspirando de medo e fazendo-lhe infinitas recomendações à despedida, com rezas e persignações. Até ao momento, o rapaz tinha sido modesto e sensato. Ao chegar à cidade, três dias antes, não foi a casa da parente, alojou-se no hotel e foi direto ao clube, com a esperança de encontrar

numa sala dos fundos a banca de jogo de algum forasteiro. Nessa noite, porém, não a encontrou. Quando voltou ao quarto, cerca da meia-noite, pediu champanhe, charutos de Havana e encomendou uma ceia de seis ou sete pratos. Ficou logo bêbado com o champanhe, vomitou ao fumar um charuto, pelo que não tocou nas iguarias que lhe trouxeram, caindo na cama quase inconsciente. Acordou no dia seguinte fresco como uma maçã e dirigiu-se de imediato ao acampamento cigano montado num casal do outro lado do rio, de que na véspera ouvira falar no clube, e durante dois dias não apareceu no hotel. Finalmente, no dia anterior, voltou cerca das cinco da tarde, bêbado, deitou-se e dormiu até às dez da noite. Quando acordou pediu uma costeleta, uma garrafa de Château d'Iquem, uvas, papel, tinta e a conta. Ninguém notou nada de especial nele: estava calmo, quieto e carinhoso. Pelos vistos, matou-se por volta da meia-noite, embora, estranhamente, ninguém ouvisse o tiro, e as pessoas só se alarmaram à uma da tarde e, depois de terem batido em vão à porta, arrombaram-na. A garrafa de Château d'Iquem estava meio vazia, das uvas restava meio prato. O tiro partira de um pequeno revólver de três canos, direto ao coração. Derramou-se pouco sangue; o revólver caíra-lhe damão para o tapete. O corpo estava semideitado a um canto do divã. A morte tinha sido por certo instantânea; não mostrava qualquer sofrimento na cara de expressão calma, quase feliz, boa para viver. Todos os nossos pândegos o examinaram com ávida curiosidade. De uma maneira geral, em cada desgraça do próximo há sempre alguma coisa que alegra os vivos — independentemente de quem sejam. As nossas damas olhavam em silêncio, os seus acompanhantes destacavam-se por um espírito e por um sangue-frio extraordinários. Um deles observou que aquele era o melhor desfecho e que o rapaz não poderia ter inventado nada melhor; outro concluiu que, pelo menos, vivera à grande, nem que fosse só por um instante. Um terceiro disparou de rompante: por que será que se enforcam e se matam a tiro tantas pessoas, ultimamente, como se se arrancassem das raízes, ou se o chão lhes fugisse debaixo dos pés? Olharam para o arrazoador com antipatia. Então, Liámchin, que considerava uma honra fazer o papel de bobo, tirou do prato um cachinho de uvas, a seguir outro senhor fez o mesmo, e um terceiro estendeu a mão para o

Château d'Iquem. Porém, foi impedido pelo chefe da polícia que chegara e que, inclusive, pediu que “abandonassem o quarto”. Como já toda a gente estava farta, a companhia saiu imediatamente sem discutir, embora Liámchin ainda tentasse incomodar com qualquer coisa o polícia. A alegria geral, os risos e as conversas excitadas durante o resto do caminho tornaram-se ainda mais animados.

Chegaram ao pé de Semion Iakovlevitch à uma hora em ponto. O portão da casa do comerciante, uma casa bastante espaçosa, estava escancarado e o acesso ao anexo livre. Ficaram logo a saber que Semion Iakovlevitch estava almoçando mas recebia. Asala em que recebia e almoçava o bem-aventurado era bastante ampla, com três janelas, e atravessada a meio por uma divisória de madeira gradeada, de uma parede à outra e com altura até à cintura. As visitas normais ficavam atrás da grade e os felizardos, por ordem do bem-aventurado, eram autorizados a franquear a portinha na grade, para a parte dele; se lhe apetecesse, mandava-as sentar nas suas velhas poltronas e no divã, forrados de pele; quanto a si mesmo, imperava invariavelmente no seu trono, um antigo e gasto cadeirão à Voltaire. Era um homem bastante grande, balofo, de cara amarelada, cinquenta e cinco anos, cabelo loiro e ralo, com uma calva, a cara rapada, a face direita inchada, a boca dava a impressão de ser um pouco torta, tinha uma verruga grande junto à narina esquerda, os olhinhos estreitos e uma expressão fisionômica calma, imponente e sonolenta. Vestia-se à alemã, de sobrecasaca preta, mas sem colete nem gravata. Da sobrecasaca assomava-se uma camisa grossa mas branca; os pés, pelos vistos doentes, estavam metidos em pantufas. Ouvi dizer que, dantes, tinha sido funcionário público e tinha uma graduação. Acabara de comer uma sopa de peixinho magro e passou para o segundo prato: batatas cozidas com casca, salgadas. Nunca comia outra coisa; apenas bebia muito chá, de que era grande amante. Ao pé dele azafamavam-se três criados, do pessoal do comerciante; um deles vestia casaca, outro parecia membro de uma cooperativa, o terceiro parecia um sacristão. Também andava por ali um garoto de dezesseis anos, bastante desembaraçado. Além da criadagem, estava presente um monge com a caneca, homem exageradamente corpulento. Numa das mesas fervia

um enorme samovar e repousava uma bandeja com quase duas dúzias de copos. Noutra mesa, oposta, estavam os donativos: vários pães de açúcar e cartuchos com açúcar, duas libras de chá, um par de pantufas bordadas, um lenço de seda, um corte de pano, um rolo de linho, etc. Os donativos monetários eram quase todos postos na caneca do monge. A sala estava cheia — uma boa dúzia de visitantes, dois dos quais estavam dentro da grade de Semion Iakovlevitch; eram um velhinho encanecido, romeiro do “povo simples”, e um monginho pequeno e seco, sentado com um ar muito sério e de olhos baixos. Os outros visitantes estavam do outro lado da grade e eram, na sua maioria, também do “povo simples”, menos um comerciante gordo, vindo de uma cidade vizinha, barbudo, vestido à russa, de quem se dizia ter uma fortuna de cem mil rublos; e também uma fidalga idosa e pobre, e também um proprietário rural. Toda a gente esperava a sua sorte e não se atrevia a começar a falar. Quatro pessoas estavam de joelhos, mas quem mais atraía as atenções era o proprietário rural, um homem gordo, dos seus quarenta e cinco anos, ajoelhado muito perto da grade, aguardando com veneração um olhar ou uma palavra benévola de Semion Iakovlevitch. Estava assim havia quase uma hora, mas o bem-aventurado nunca mais reparava nele.

As nossas damas apertaram-se junto à grade, alegres e risonhas. Empurraram os ajoelhados e os outros para trás, ou puseram-se à frente deles; ficou apenas o proprietário, agarrando-se com persistência à grade e continuando bem à vista. A nossa gente dirigia olhares alegres e avidamente curiosos a Semion Iakovlevitch, assim como lornhões, lunetas e até binóculos; pelo menos o Liámchin observava-o com um binóculo. Semion Iakovlevitch, calma e preguiçosamente, passou os seus olhinhos pequenos por toda a gente.

— Casquilhos! Casquilhos! — dignou-se pronunciar numa voz de baixo rouco, pontuada por uma ligeira exclamação.

Todos os nossos se riram: “O que é isso de casquilhos?”. Mas Semion Iakovlevitch mergulhou no silêncio, acabando de comer as suas batatas. No fim, limpou a boca com o guardanapo e serviram-lhe chá.

Normalmente, não tomava chá sozinho, servia-o também aos visitantes, mas não a qualquer um, indicando ele mesmo os felizes contemplados. Esta sua escolha espantava sempre pelo inesperado. Desdenhando os ricos e os dignitários, mandava às vezes que servissem chá a algum mujique ou a uma velhota decrépita; outras vezes, pelo contrário, desprezava os miseráveis e mandava servir o chá apenas a algum comerciante rico e gordo. Também o serviço não era o mesmo para todos — a uns era posto o açúcar no copo, a outros era dado para morder, outros ainda bebiam o chá sem açúcar. Desta vez foram agraciados o monginho forasteiro — uma xícara de chá açucarado — e o romeiro velhinho — sem açúcar. Ao monge gordo com a caneca, por qualquer razão, desta feita não deram nada, embora até ao dia de hoje ele nunca tivesse deixado de receber todos os dias o seu copo de chá.

— Semion Iakovlevitch, diga-me alguma coisa, há já tanto tempo que quero conhecê-lo — cantarolou com um sorriso e cerrando os olhos a senhora luxuosamente ataviada da nossa caleche que, havia pouco, fizera a observação de que não valia a pena fazer cerimônias com a escolha dos divertimentos desde que fossem alegres. Semion Iakovlevitch nem olhou para ela. O proprietário rural ajoelhado suspirou fundo e ruidosamente, e foi como se um fole grande se enchesse e esvaziasse.

— Açúcar dentro do copo! — Semion Iakovlevitch apontou de repente para o comerciante rico; este avançou e foi pôr-se ao lado do proprietário rural.

— Mais açúcar para ele! — mandou Semion Iakovlevitch, quando já tinham enchido o copo de chá; puseram mais uma dose. — Mais, mais para ele! — Puseram açúcar pela terceira vez, depois pela quarta. O comerciante pôs-se a beber o seu xarope, submisso.

— Deus nosso Senhor! — sussurrou e benzeu-se o povo. O proprietário rural voltou a suspirar fundo e ruidosamente.

— Paizinho! Semion Iakovlevitch! — ouviu-se de súbito a voz amarga mas inesperadamente aguda da senhora pobre que os nossos tinham empurrado até à parede. — Há já uma hora que espero a tua benevolência, queridinho. Diz-me uma palavra, salva-me, coitada de mim.

— Pergunta-lhe — ordenou Semion Iakovlevitch ao sacristão. Este aproximou-se da grade.

— Cumpriu o que Semion Iakovlevitch lhe mandou fazer da última vez? — perguntou à viúva em voz baixa e compassada.

— Como podia cumpri-lo, paizinho Semion Iakovlevitch, será que é possível com eles? — vociferou a viúva. — Canibais, puseram-me uma queixa no tribunal de comarca, ameaçam fazer queixa de mim ao senado, de mim, a própria mãe deles!...

— Dá-lho!... — apontou Semion Iakovlevitch para um pão de açúcar. O garoto pegou no pão de açúcar e levou-o à viúva.

— Oh, paizinho, é grande o teu favor. Para que preciso de tanto? — proferiu a viúva em alta voz.

— Mais, mais! — de novo a presenteou Semion Iakovlevitch.

Levaram à viúva mais um pão de açúcar. “Mais, mais”, mandava o bem-aventurado, e levaram-lhe o terceiro e, por fim, o quarto. A viúva viu-se rodeada de açúcar por todos os lados. O monge do mosteiro suspirou: tudo isto poderia ter ido para o mosteiro, como acontecia antes.

— Mas para que preciso de tanto? — gemia com humildade a viúva. — A comer isto sozinha fico enjoada!... Mas isto não será um sinal qualquer, paizinho?

— É isso, é sinal, profecia — disse alguém do meio da multidão.

— Mais uma libra para ela, mais! — não parava Semion Iakovlevitch.

Em cima da mesa havia ainda um pão de açúcar inteiro, mas Semion Iakovlevitch tinha mandado que lhe dessem uma libra e foi isso que lhe deram.

— Deus nosso Senhor! — suspirava e benzia-se o povo. — Certo e sabido que é uma profecia.

— Adoce primeiro o seu coração com a bondade e a misericórdia, e só depois venha queixar-se dos seus próprios filhos, sangue do seu sangue, é isto que significa esta parábola — disse baixinho mas com altivez o monge gordo do mosteiro, privado do chá, encarregando-se da interpretação, num acesso de amor-próprio irritado.

— Mas como, paizinho? — enraiveceu-se de repente a viúva. — Se eles me arrastaram à corda para o fogo quando a casa dos Verkhíchín estava ardendo! Meteram-me o gato morto no baú, estão prontos para qualquer desmando...

— Fora, fora! — agitou as mãos Semion Iakovlevitch.

O sacristão e o garoto precipitaram-se para o outro lado da grade. O sacristão pegou na viúva pelo braço, e ela, ficando quieta, deixou-se arrastar até à saída, lançando olhadas para trás, para os pães de açúcar oferecidos que o garoto carregava atrás dela.

— Tira-lha um, tira-lho! — ordenou Semion Iakovlevitch ao homem da cooperativa. Este precipitou-se atrás dos que saíam; uns momentos depois todos os três criados regressaram, trazendo de volta um pão de açúcar oferecido e tirado; a viúva, no entanto, levou consigo os outros três.

— Semion Iakovlevitch — ouviu-se uma voz vinda do lado da porta —, sonheicom uma ave, uma gralha, que saiu da água e voou para o fogo. O que significa este sonho?

— Vai fazer um frio de rachar — disse Semion Iakovlevitch.

— Semion Iakovlevitch, por que não me respondeu? Há tanto tempo que tenho interesse pelo senhor — recomeçou uma das nossas damas.

— Pergunta-lhe! — Sem lhe dar ouvidos, Semion Iakovlevitch apontou para o proprietário rural ajoelhado.

O monge do mosteiro, a quem foi dada a ordem, aproximou-se com solenidade do proprietário.

— Qual é o seu pecado? Não lhe foi dado um mandamento?

— Não brigar, deixar de fazer a vontade às mãos — respondeu o proprietário rural em voz rouca.

— Cumpriu? — perguntou o monge.

— Não posso cumprir, estou dominado pela minha própria força.

— Fora, fora! À vassourada! — abanou Semion Iakovlevitch as mãos. O homem, sem esperar pelo castigo, levantou-se de um salto e fugiu da sala.

— Deixou o ouro no lugar — proclamou o monge, apanhando do chão a moeda de cinco rublos.

— Para este! — Semion Iakovlevitch apontou com o dedo para o comerciante rico. Este não se atreveu a recusar, pegou na moeda.

— Ouro atrai ouro — não se conteve o monge.

— Para este, pôr no copo — Semion Iakovlevitch apontou de repente para Mavríki Nikoláevitch. O criado encheu o copo e entregou-o, por engano, ao janota de luneta.

— Ao esgrouviado, ao esgrouviado — corrigiu Semion Iakovlevitch.

Mavríki Nikoláevitch pegou no copo, fez uma vênha curta à maneira militar e começou a beber. Não sei por quê, todos os nossos desataram a rir-se.

— Mavríki Nikoláevitch! — disse-lhe Lisa. — O senhor que estava lá ajoelhado foi-se embora; ajoelhe-se no lugar dele.

Mavríki Nikoláevitch olhou, perplexo, para ela.

— Peço-lhe, era um grande prazer que me dava. Ouça, Mavríki Nikoláevitch — pôs-se a falar com rapidez, teimosa e exaltadamente —, ponha-se lá de joelhos, quero ver como fica, ou então nunca mais põe os pés em minha casa. Quero que faça isso, sem falta!...

Não sei o que ela queria dizer com isso, mas dizia-o com insistência, implacável, como se estivesse à beira de um ataque de histeria. Mavríki Nikoláevitch, como veremos mais adiante, explicava estes impulsos caprichosos, muito frequentes nela ultimamente, pelas explosões de ódio cego que tinha por ele, não por maldade — pelo contrário, Lisa respeitava-o e gostava dele, o que Mavríki Nikoláevitch sabia muito bem—, mas pelo ódio inconsciente que ela, em certos momentos, não conseguia dominar.

Mavríki Nikoláevitch, em silêncio, entregou o copo a uma velhota que estava atrás dele, abriu a porta da grade, entrou, sem ser convidado, no espaço íntimo de Semion Iakovlevitch e ajoelhou-se lá, à vista de todos. Penso que, com a sua alma delicada e simples, estava muitíssimo consternado com a afronta grosseira e escarninha de Lisa, diante de toda a sociedade. Talvez ele pensasse que Lisa, ao ver a humilhação em quem tanta insistência o fizera cair, sentisse vergonha por si mesma. É claro que ninguém, só ele, se atreveria a reeducar uma mulher com este método ingênuo e arriscado. Desajeitado, esgrouviado, cômico, ali ficou de joelhos, com a sua imperturbável seriedade estampada no rosto. Mas, neste caso, os nossos não se riram; a inesperada afronta causou um efeito doloroso. Todos voltaram os olhos para Lisa.

— Santos óleos, santos óleos! — murmurou Semion Iakovlevitch.

Lisa, de repente, empalideceu, soltou um grito e precipitou-se para dentro da grade. A cena que se seguiu foi rápida e histérica: ela tentava, com todas as forças, levantar Mavríki Nikoláevitch, puxando-o com as duas mãos pelo cotovelo.

— Levante-se, levante-se! — gritava, fora de si. — Levante-se já, já! Como se atreveu a ajoelhar-se?

Mavríki Nikoláevitch soergueu-se. Lisa fincou-lhe as mãos nos braços, acima dos cotovelos, e pôs-se a perscrutar-lhe a cara atentamente. Havia medo no olhar dela.

— Casquilhos, casquilhos! — repetiu mais uma vez Semion Iakovlevitch.

Lisa arrastou finalmente Mavríki Nikoláevitch para trás da grade; todos os nossos se achavam em grande emoção. A senhora da nossa caleche, desejando por certo dissipar a má impressão do incidente, perguntou pela terceira vez a Semion Iakovlevitch, num tom alto e guinchado, com um sorriso dengoso:

— Então, Semion Iakovlevitch, será que não me dá uma atençãozinha? Contavatanto consigo.

— ...da mãe, ...da mãe! — Semion Iakovlevitch proferiu, de rompante, esta expressão extremamente obscena. Disse-a com ferocidade, com uma nitidez terrível. As nossas damas, aos guinchos, precipitaram-se para a saída, os cavaleiros desataram num riso homérico. Assim acabou a nossa visita excursionista a Semion Iakovlevitch.

Entretanto, dizem que aconteceu mais uma coisa, muitíssimo enigmática, e confesso que, para mim, é este o principal motivo para descrever com tanto pormenor a nossa excursão.

Dizem que, quando toda a chusma se precipitou para a saída, Lisa, apoiada por Mavríki Nikoláevitch, no meio do aperto, à porta, esbarrou de frente contra Nikolai Vsevolodovitch. É de mencionar que, desde aquele domingo e daquele seu desmaio, Lisaveta Nikoláevna nunca mais falou com Nikolai Vsevolodovitch e, embora os dois se tivessem encontrado por mais de uma vez, não se aproximavam um do outro nem se cumprimentavam. Vi como eles esbarraram à porta; pareceu-me que ambos estacaram por um instante e olharam um para o outro de modo estranho. No entanto, posso não ter visto bem no meio da confusão. O certo é que se afirmava, e com toda a seriedade, que Lisa, ao olhar para Nikolai Vsevolodovitch, levantou rapidamente a mão, ao nível do rosto dele, e de certeza lhe daria uma bofetada se ele não se afastasse a tempo. Talvez não tivesse agradado a Lisa a expressão dele, ou um certo sorriso dele, sobretudo depois da peripécia com Mavríki Nikoláevitch. Confesso que eu próprio não vi nada disso, mas os outros juraram que viram, embora, naquela confusão, isso não fosse possível a todos, apenas a alguns, poucos. Só que eu, naquela altura, não acreditei. Mas lembro-me de que, durante todo o caminho de volta, Nikolai Vsevolodovitch estava um poucopálido.

III

Precisamente no mesmo dia e quase à mesma hora, realizou-se finalmente o encontro de Stepan Trofímovitch com Varvara Petrovna, encontroem que Varvara Petrovna nunca deixara de pensar e anunciara-o havia muito ao seu ex-amigo mas que, por qualquer razão, ia sempre adiando. O encontro foi em Skvoréchniki. Varvara Petrovna chegou à sua casa dos arredores cheia de preocupações; na véspera, tinha sido decidido definitivamente que a festa seria em casa da mulher do decano. Porém, com a sua mente ágil, percebeu num instante que ninguém a impediria de, a seguir, dar a sua festa particular, já em Skvoréchniki, convidando toda a cidade. Então, toda a gente poderia verificar na prática quem tinha a casa melhor e quem sabia receber melhor e dar um baile com melhor gosto. À primeira

vista, Varvara Petrovna estava irreconhecível. Parecia ter mudado por completo, parecia ter-se transformado, de antiga “dama superior” inacessível (a expressão é de Stepan Trofímovitch), numa vulgar e estouvada senhora da sociedade. De resto, pode tratar-se apenas de aparências.

Chegada à casa vazia, percorreu todas as salas, acompanhada pelo velho e fiel Aleksei Egórovitch e por Fómuchka, homem experiente e perito em decorações. Começaram a aconselhar-se, a refletir: que móveis era preciso trazer da casa da cidade; que objetos, que quadros; onde colocá-los; qual a maneira mais cômoda de aproveitar a estufa e as flores; onde encomendar as cortinas novas e onde instalar o bufê — um ou dois?, etc. De repente, no meio da mais acalorada azáfama, Varvara Petrovna lembrou-se de mandar um coche buscar Stepan Trofímovitch.

Stepan Trofímovitch estava avisado havia muito, preparado e à espera, todos os dias, de um convite assim repentino. Ao entrar no coche, benzeu-se: era o destino dele que se decidia. Foi encontrar a amiga na sala grande, sentada no divã posto num recanto, diante de uma mesinha de mármore, de lápis na mão e papel na mesa; Fómuchka media a altura das galerias e das janelas, Varvara Petrovna apontava os números e escrevia notas nas margens. Sem interromper o trabalho, acenou com a cabeça a Stepan Trofímovitch e, quando este murmurou qualquer cumprimento, apertou-lhe apressadamente a mão e, sem olhar, indicou-lhe um lugar a seu lado.

— Eu estava ali sentado, já há cinco minutos à espera, “a contragosto” — viria ele a contar-me mais tarde. — Via uma mulher diferente, não aquela que tinha conhecido durante vinte anos. A perfeita convicção de que tudo acabara deu-me umas forças que a espantaram a ela própria. Juro que ela estava surpreendida com a minha firmeza de última hora.

Varvara Petrovna, bruscamente, pousou o lápis em cima da mesinha e virou-se rapidamente para Stepan Trofímovitch.

— Stepan Trofímovitch, precisamos falar de um assunto importante. Tenho a certeza de que o senhor já preparou todas as suas palavras pomposas e todos os seus *mots*, mas é melhor passarmos diretamente ao que interessa, não é verdade?

Ele estremeceu de desgosto. Se Varvara Petrovna se apressava tanto a impor o seu tom... o que estaria então para vir?

— Espere, cale-se, deixe-me falar, depois fala o senhor, embora, francamente, não sei o que poderá responder! — continuou, metralhando. — Considero minha obrigação sagrada pagar-lhe mil e duzentos rublos como pensão, até ao fim da sua vida; ou seja, por que uma obrigação sagrada? É simplesmente um acordo, e assim será muito mais realista, não é verdade? Se quiser, fazemo-lo por escrito. Em caso de morte, da minha morte, já foram dadas ordens específicas. Mas atualmente, além de tudo isso, o senhor está recebendo de mim a casa, a criadagem e todo o mantimento. Quanto a valores, serão mil e quinhentos rublos, não é? Acrescento ainda trezentos rublos extras, o que perfaz três mil no total. Basta-lhe para um ano? Não lhe parece pouco? Posso acrescentar mais algum, em caso extremo. Portanto, tome lá o dinheiro, mande-me de volta os meus criados e viva sozinho onde quiser, em Petersburgo, em Moscou, no estrangeiro ou aqui, mas em minha casa não. Está ouvindo?

— Há pouco foi-me transmitida, com a mesma premência e rapidez, e da mesma boca, outra exigência — proferiu Stepan Trofímovitch lentamente e com uma triste clareza. — Resignei-me e... dancei o “Kazatchok” diante da senhora, para lhe agradar. *Oui, la comparaison peut être permise. C’était comme un petit cozak du Don, quisautait sur sa propre tombe.*²⁰³ Agora...

— Pare, Stepan Trofímovitch. É demasiado loquaz. O senhor não dançou, mas saiu ao meu encontro de gravata, camisa e luvas novas, com o cabelo untado de pomada e perfumado. Asseguro-lhe que o senhor mesmo queria muito casar-se, estava-lhe escrito na cara e, acredite, era uma expressão muito deselegante. Se não lhe fiz esta

observação na altura, foi apenas por delicadeza. Mas o senhor queria, desejava mesmo casar-se, apesar das ignomínias sobre mim e sobre a sua noiva que escreveu em cartas íntimas. Agora é outra coisa. E o que tem isso que ver com o *cozak du Don* a saltar sobre um próprio túmulo qualquer? Não compreendo que comparação é esta. Pelo contrário, não morra, viva; viva o mais possível, ficarei muito contente.

— Num asilo?

— Num asilo? Não se vai para um asilo com três mil rublos anuais. Ah, pois, lembro-me — sorriu ela —, de fato Piotr Stepánovitch, uma vez, pôs-se a dizer piadas sobre o asilo. Aliás, trata-se de um asilo deveras especial, vale a pena pensar nele. É para as pessoas mais respeitáveis, há lá coronéis, até há agora um general que quer ser internado lá. Se o senhor, com todo o seu dinheiro, entrar lá, vai encontrar sossego, conforto, uma boa assistência. Poderá dedicar-se à ciência e terá sempre a possibilidade de arranjar parceiros para as cartas...

— *Passons.*

— *Passons?* — repetiu Varvara Petrovna, ressentida. — Nesse caso, está tudo dito, considere-se avisado. A partir deste momento, viveremos absolutamente separados.

— É tudo? Tudo o que resta de vinte anos? É assim o nosso último adeus?

— O Stepan Trofímovitch adora exclamações. Hoje em dia, isso já passou de moda. Agora, fala-se de modo grosseiro, mas simples. Que mania essa dos vinte anos! Vinte anos de conflito entre o amor-próprio de cada um de nós, nada mais. Cada carta que me enviou não foi escrita para mim, mas para as gerações futuras. O senhor é mestre de estilo e não um amigo; ora, a amizade é apenas uma palavra bonita, mas, no fundo, é o arrastar recíproco na lama...

— Meu Deus, quantas palavras que não são suas! Lições decoradas! Conseguiram enfiar a farda deles também à senhora! Também é feliz, também se sente ao Sol! *Chère, chère*, por que guisado de lentilhas lhes vendeu a sua liberdade!

— Não sou papagaio para repetir as palavras alheias — explodiu Varvara Petrovna.— Pode ter a certeza de que tenho as minhas próprias palavras de reserva. O que fez o senhor por mim nestes vinte anos? Recusava-se, inclusivamente, a emprestar-me os livros que eu própria encomendava para o senhor e que, se não fossem entregues ao encadernador, ficariam com as páginas por cortar. O que me dava o senhor para ler quando eu, nos primeiros anos, pedia a sua orientação? O Caefigue,²⁰⁴ sempre o Caefigue. Até tinha inveja do meu desenvolvimento e tomava as suas medidas. Entretanto, toda a gente goza com o senhor. Confesso que eu sempre o considerei apenas um crítico; o senhor não passa de um crítico literário. Quando, durante a viagem a Petersburgo, lhe anunciei pelo caminho que tinha a intenção de editar uma revista e lhe dedicar toda a minha vida, o senhor olhou para mim com ironia e armou-se logo em terrivelmente presunçoso.

— Não, não foi nada disso... naquela altura, estávamos com medo das perseguições.

— Pois foi isso mesmo, até porque o senhor não tinha motivos para ter medo das perseguições. Lembra-se, em fevereiro, quando surgiu aquele rumor, como o senhor veio ter comigo correndo, assustado, e se pôs a exigir que eu lhe passasse uma declaração, em forma de carta, dizendo que a revista não tinha nada que ver consigo, que os jovens era a mim que visitavam e não ao senhor, que o senhor era um simples preceptor que vivia em minha casa apenas porque não lhe fora pago ainda todo o salário... não foi? Lembra-se disso? O senhor sempre se destacou pela sua grandeza, durante toda a sua vida, Stepan Trofímovitch.

— Foi apenas um momento de fraqueza, um momento a que só a senhora assistiu— exclamou Stepan Trofímovitch com amargura —, mas será que se acaba tudo por causa dessas impressões insignificantes? Será que, durante tantos anos, não ficou mais nada entre nós que tenha valido a pena?

— O senhor é um calculista terrível, quer apresentar as coisas de modo que eu pareça sua devedora. Quando voltou do estrangeiro, olhava-me de alto e não me deixava dizer uma palavra, mas quando eu própria fui viajar e depois quis falar consigo sobre a impressão que me causou a Madona, o senhor nem quis ouvir e sorriu para si mesmo, como se não fosse possível eu ter os mesmos sentimentos que o senhor.

— Não foi nada disso, de certeza... *J'ai oublié.*²⁰⁵

— Não, foi isso mesmo, e também o senhor não tinha nada de que se gabar diante de mim, porque isso é tudo um disparate, uma fantasia do senhor. Hoje em dia, ninguém, mas ninguém, admira a Madona, nem perde tempo com isso, a não ser os velhos empedernidos. Está provado.

— Estará mesmo provado?

— A Madona não serve para nada. Esta caneca é útil porque se pode enchê-la de água; este lápis é útil porque se pode apontar tudo com ele; mas aquilo é um rosto feminino pior do que todos os outros na natureza. Tente desenhar uma maçã e ponha ao lado dela uma maçã verdadeira... Qual delas vai escolher? De certeza que não se vai enganar. É a isto que se resumem agora todas as suas teorias, basta alumiá-las com um raio de estudo livre.

— Pois, pois.

— Está sorrindo ironicamente. E o que o senhor dizia, por exemplo, sobre a esmola? No entanto, o prazer de dar esmola é um prazer arrogante e imoral, o prazer do ricoço pela sua riqueza, o seu poder e a

comparação da sua importância com a insignificância do pobre. A esmola deprava tanto quem dá quanto quem recebe e, ainda por cima, não alcança o seu objetivo porque apenas faz aumentar o número de pedintes. Os mandriões, os que não querem trabalhar, amontoam-se à volta dos benfeitores como os jogadores à volta da mesa de jogo, com a esperança de ganharem. Entretanto, os tostões miseráveis que lhes atiram não cobrem nem a centésima parte das suas necessidades. Foi muita a esmola que o senhor distribuiu durante a sua vida? Oitenta copeques, não mais, tente recordar-se. Tente lembrar-se da última vez que deu uma esmola; foi há dois anos, ou se calhar há quatro. O senhor não faz mais do que gritar e estorvar o verdadeiro trabalho. A esmola tem de ser proibida por lei já na sociedade atual. Na nova sociedade não haverá pobres.

— Oh, que erupção de palavras alheias! As coisas já chegaram à nova sociedade? Desgraçada, que Deus a ajude!

— Sim, já chegaram, Stepan Trofímovitch. O senhor tem-me escondido zelosamente todas as ideias novas, ideias que agora já toda a gente conhece, e fê-lo unicamente por inveja, para manter o seu ascendente sobre mim. Agora, até esta Iúlia está cem *verstas*²⁰⁶ à minha frente. Só que, agora, também os meus olhos se abriram. E eu ainda o defendo, Stepan Trofímovitch, na medida do possível; agora que toda a gente o acusa.

— Chega! — E Stepan Trofímovitch levantou-se do lugar. — Chega! O que mais posso desejar-lhe? O arrependimento?

— Sente-se por um momento, Stepan Trofímovitch, preciso de lhe perguntar mais umas coisas. Foi-lhe transmitido um convite para ler alguma coisa no recital literário. Fui eu que lhe arranjei o convite. Diga-me, o que vai ler?

— Uma coisa precisamente sobre esta rainha das rainhas, este ideal da humanidade, a Madona Sistina que, na opinião da senhora, não vale um copo ou um lápis.

— Não vai ser, então, uma coisa histórica? — espantou-se Varvara Petrovna com tristeza. — Mas ninguém o vai ouvir. Que mania a sua por essa Madona! Que desejo é esse de pôr toda a gente a dormir? Pode ter a certeza, Stepan Trofímovitch, que neste momento estou defendendo os seus interesses. Seria preferível que escolhesse uma história da vida medieval da corte, curta mas engraçada, qualquer coisa da história espanhola, por exemplo; ou melhor, uma historieta, e se a enchesse com outras anedotas e *mots* espirituosos da sua lavra, ainda melhor. Com cortes luxuosas, senhoras, envenenamentos. Karmazínov diz que seria muito estranho não se arranjar nada divertido, mesmo da história espanhola.

— Karmazínov, este parvalhão caduco, procura um tema para mim!

— Karmazínov, este intelecto quase de homem de Estado! O senhor tem uma língua muito atrevida, Stepan Trofímovitch.

— O seu Karmazínov é uma fêmea velha, esgotada e enfurecida! *Chère, chère*, há quanto tempo se tornou escrava deles? Oh, meu Deus!

— Eu continuo a detestar Karmazínov pela presunção, mas faço-lhe justiça ao intelecto. Repito que o tenho defendido com todas as forças, Stepan Trofímovitch, na medida das minhas possibilidades. Por que terá, necessariamente, de passar por ridículo e enfadonho? Pelo contrário, entre no palco com um sorriso respeitável, como um representante do século passado, e conte três anedotas, com todo o seu sentido de humor, como só o senhor sabe às vezes contar. Pode ser velho, pode ser do século que já pertence ao passado, pode ser atrasado em relação a eles; mas o próprio Stepan Trofímovitch deve reconhecer isso com um sorriso, nas suas palavras preliminares, e toda a gente verá que o senhor é um fragmento do passado querido, bondoso e espirituoso... Em resumo, um homem da velha guarda e de tal modo progressista que é capaz, até ele, de avaliar devidamente a monstruosidade de certos conceitos que vem defendendo até hoje. Faça-me este favor, peço-lhe.

— *Chère*, basta! Não me peça isso, não posso. Vou escrever e ler sobre a Madona, mas sementearei uma tempestade que, ou os esmaga a todos, ou se abate apenas sobre mim!

— Com certeza que será apenas sobre si, Stepan Trofímovitch.

— É o meu fado. Vou contar a história daquele escravo ignóbil, daquele laçao depravado e malcheiroso que será o primeiro a trepar pelo escadote com a tesoura na mão e rasgará o rosto divino do grande ideal, em prol da igualdade, da inveja e... da digestão. Que ribombe a minha maldição, e então, então...

— Irá para o manicômio?

— Talvez. Em qualquer caso, na mesma noite pegarei o meu saco, meu saco de pedinte, deixarei todos os meus bens, todas as prendas da senhora, todas as pensões e promessas de bens futuros, e partirei, a pé, para passar o resto da minha vida como preceptor na casa de um comerciante ou, então, para morrer de fome na rua. *Dixi. Alea jacta est!*²⁰⁷

Voltou a levantar-se.

— Eu tinha a certeza — levantou-se também Varvara Petrovna, com os olhos a chispar —, eu tinha a certeza de que o senhor, durante muitos anos, viveu apenas para, no fim, me cobrir de calúnia, a mim e à minha casa! O que quer o senhor dizer com o resto da sua vida como preceptor de um comerciante, ou com a sua morte na rua? Isso é raiva, é calúnia e mais nada!

— A senhora sempre me desprezou, mas eu acabarei como um cavalheiro, fiel à minha dama, porque a sua opinião sempre foi para mim a mais valiosa. A partir deste momento, não aceito nada da senhora e respeito-a desinteressadamente.

— Que estupidez!

— Sempre teve desdém por mim. É possível que eu tenha muitas fraquezas. Sim, eu comi à sua conta (estou utilizando a linguagem do niilismo); mas comer à sua conta nunca foi o princípio superior da minha conduta. Aconteceu sem eu querer, espontaneamente, não sei como... Eu sempre pensei que houvesse entre nós qualquer coisa superior à comida e... nunca, nunca fui um canalha! Portanto, a caminho, para corrigir os meus erros! Meto-me ao caminho já tarde, lá fora já é o outono tardio, o nevoeiro paira sobre os campos, a geada fria, branca como uma anciã, cobre o meu futuro caminho e o vento uiva sobre a proximidade do túmulo... Mas, a caminho, a caminho, caminho novo:

*Cheio de pura paixão,
Fiel ao seu terno sonho...*²⁰⁸

Oh, adeus, sonhos meus! Vinte anos! *Alea jacta est.*

Umás lágrimas repentinas banhavam-lhe a cara, pegou no chapéu.

— De latim, não entendo nada — disse Varvara Petrovna, fazendo um esforço para continuar firme.

Quem sabe, talvez lhe apetecesse chorar também, mas a indignação e o capricho voltaram a levar a melhor.

— Sei apenas uma coisa, ou seja, que tudo isso não passa de cenas. O senhor nunca foi capaz de cumprir as suas ameaças egoístas. Não irá para lado nenhum, para nenhuma casa de comerciante, vai acabar a sua vida calmamente nas minhas mãos, recebendo a pensão e reunindo os seus amigos sem préstimo, às terças-feiras. Adeus, Stepan Trofímovitch.

— *Alea jacta est!* — E Stepan Trofímovitch fez-lhe uma vênica profunda; voltou para casa meio morto de emoção.

6 - Piotr Stepánovitch atarefado

I

O dia da festa foi marcado definitivamente; entretanto, Von Lembke ficava cada vez mais triste e pensativo, cheio de pressentimentos estranhos e sinistros, o que preocupava sobremaneira Iúlia Mikháilovna. Na verdade, nem tudo estava bem. O nosso brando governador precedente tinha deixado a província numa certa desordem; no momento atual, estava iminente uma epidemia de cólera; nalguns lugares, grassava a mortandade no gado; durante todo o verão, lavravam os incêndios em cidades e aldeias, e cada vez se espalhavam mais entre o povo os estúpidos rumores sobre os incendiários. O número de assaltos cresceu para o dobro. Tudo isto, porém, seria bastante habitual, evidentemente, se não existissem ao mesmo tempo razões de muito maior peso que perturbavam a tranquilidade de Andrei Antónovitch, até há pouco um homem muito feliz.

O que mais espantava Iúlia Mikháilovna era o fato de ele se tornar mais taciturno a cada dia que passava e, coisa estranha, mais fechado. Aparentemente, o que teria ele para esconder? Na verdade, era raro discutir com ela e, na maioria das vezes, obedecia-lhe cegamente. Por exemplo, por insistência dela foram tomadas duas ou três medidas extremamente arriscadas e quase ilegais, visando o reforço do poder do governador. Houve complacências várias e de caráter bastante sinistro como, por exemplo, as que incidiram sobre certas pessoas merecedoras de julgamento em tribunal e da Sibéria, mas que, por mera exigência dela, foram recomendadas para receberem condecorações. Foi decidido deixar sistematicamente sem resposta algumas queixas e denúncias. Tudo isto viria a ser descoberto mais

tarde. Von Lembke não só assinava tudo de cruz como nem sequer punha em causa a questão da participação da sua esposa no cumprimento das obrigações dele. Em compensação, de vez em quando rebelava-se por causa de “absolutas insignificâncias”, para surpresa de Iúlia Mikháilovna. É claro que sentia a necessidade de compensar os muitos dias de obediência por alguns curtos momentos demotim. Infelizmente, Iúlia Mikháilovna, apesar de toda a sua perspicácia, era incapaz de compreender tão nobre sutileza de tão nobre carácter. Por desgraça, ela não estava por aí virada, o que levou a muitos mal-entendidos.

Não é nada comigo e, além disso, também não possuo a capacidade de relatar certas coisas. Conjecturar sobre as faltas administrativas também não é comigo, e eu, de resto, omito por completo todo o lado administrativo. Ao iniciar a redação das minhas crônicas, coloquei a mim mesmo um objetivo muito diferente. Além disso, muitas coisas serão descobertas pela instrução do processo agora aberto na nossa província, bastando esperar um pouco. É, no entanto, impossível evitarmos alguns esclarecimentos.

Pois bem, continuarei a falar de Iúlia Mikháilovna. Coitada da senhora (tenho muita pena dela), que bem poderia conseguir tudo o que a atraía e seduzia (a fama e o resto), sem necessitar de todas aquelas grandes e enérgicas iniciativas que empreendeu na nossa cidade desde o primeiro passo. Porém, fosse por excesso de poesia, fosse por causa dos tristes azares da sua primeira juventude, Iúlia Mikháilovna, com a mudança do seu destino, sentiu-se súbita e exageradamente portadora de uma missão, quase uma unguida, a pessoa sob a qual “se acendeu aquela chama”,²⁰⁹ e a desgraça residia precisamente naquela chama, já que não se tratava de coifa que pudesse servir para a cabeça de qualquer mulher. Porém, é mesmo difícil convencer uma mulher desta verdade; pelo contrário, só terá êxito quem quiser fazer coro com ela; ora bem, não faltava quem quisesse fazer coro com Iúlia Mikháilovna. A coitada tornou-se num instante objeto de todo o gênero de influências, imaginando-se ao mesmo tempo muito original. Durante a sua curta governação, muitos

espertalhões se aproveitaram dela para as suas negociatas, à custa da sua ingenuidade. De sob a capa do espírito de independência, que misturada ressaltou! É que tanto lhe agradavam os grandes latifundiários, o elemento aristocrático, o reforço dos poderes do governador, como o elemento democrático e as novas instituições; tanto lhe agradava a ordem como o livre-pensamento e as ideias sociais, tanto o jeito sisudo do salão aristocrático como o desembaraço quase de taberna da juventude que a rodeava. Iúlia Mikháilovna sonhava *dar felicidade* e reconciliar o irreconciliável, ou melhor, unir tudo e todos na adoração à sua pessoa. Mas tinha também os seus favoritos; a este propósito, Piotr Stepánovitch, por força da mais grosseira bajulação a que recorria, agradava-lhe muito; mas gostava dele, também, por outra razão bem diferente e tão fantástica que caracteriza perfeitamente a pobre senhora: sempre teve a esperança de que ele lhe denunciaria toda uma conspiração contra o Estado! Por mais difícil que seja imaginá-lo, era isso mesmo que ela esperava. Por qualquer razão, sempre se afigurou Iúlia Mikháilovna que estava em curso na nossa província uma conspiração secreta contra o Estado. Ora, Piotr Stepánovitch, com o silêncio nalguns casos e com insinuações noutros, contribuía para que tal estranha ideia se enraizasse nela. Iúlia Mikháilovna imaginava-o ligado a tudo o que houvesse de revolucionário na Rússia, mas, ao mesmo tempo, pensava que ele lhe era abnegado até à adoração. A descoberta da conspiração, os agradecimentos de Petersburgo, a futura carreira, a influência que exerceria pelo “carinho” sobre a juventude para a deter à beira do abismo — tudo isto convivia bem na fantástica cabeça da senhora. Já que tinha conseguido salvar e cativar Piotr Stepánovitch (sabe-se lá por quê, tinha metido isto na cabeça), salvaria também os outros. Nenhum, nenhum deles pereceria, salvá-los-ia a todos; separá-los-ia por categorias e faria nesta base o seu relatório; procederia de acordo com a justiça superior e, quem sabe, toda a história e todo o liberalismo russo abençoariam o seu nome; em todo o caso, a conspiração seria desmascarada. Todas as vantagens de uma vez.

Fosse como fosse, era necessário que, pelo menos na altura da festa, Andrei Antónovitch estivesse mais desanuviado. Era preciso,

obrigatoriamente, animá-lo e sossegá-lo. Foi com esta finalidade que encarregou Piotr Stepánovitch de tratar do marido, com a esperança de que o jovem conhecesse algum método para dispersar a tristeza do governador, talvez algumas notícias em primeira mão. Depositava grandes esperanças na habilidade de Piotr Stepánovitch. Este não passava pelo gabinete de Von Lembke havia já muito tempo. Pois bem, irrompeu por lá adentro num momento em que o paciente estava numa disposição de ânimo muitíssimo tensa.

II

Criara-se uma situação que o Senhor Von Lembke não conseguia resolver de maneira alguma. Num distrito (o mesmo em que Piotr Stepánovitch se banqueteara havia pouco), um segundo-tenente tinha sido sujeito a repreensão por parte do seu comandante direto. A repreensão foi dada perante toda a companhia. O segundo-tenente era ainda jovem, chegado recentemente de Petersburgo, sempre taciturno e sorumbático, com um ar muito imponente, embora fosse pequenino, gordo e de bochechas coradas. Não suportou a repreensão e, de rompante, espantando toda a gente, atirou-se ao comandante com um guincho e um gesto de cabeça disparatado, bateu-lhee ferrou-lhe os dentes no ombro com toda a força; foi a custo que o arrancaram do comandante. Não havia dúvidas de que o homem tinha enlouquecido, pelo menos assim se depreendia das estranhezas inverossímeis que nos últimos tempos se notavam nele. Por exemplo, atirou para fora da casa do senhorio dois ícones e despedaçou um deles à machadada; no seu quarto dispôs em três suportes, como em facistóis, as obras de Vogt, Moleschott e Büchner²¹⁰ e, diante de cada facistol, acendia velas de cera da igreja. Pelo número de livros encontrados em sua casa era possível concluir que era um grande leitor. Se tivesse cinquenta mil francos, partiria de barco para o Arquipélago das Marquesas, como aquele “cadete” que o Senhor Herzen menciona com tanto humor numa das suas obras.²¹¹ Quando o segundo-tenente foi preso, encontraram-lhe nos bolsos e em casa um maço de panfletos dos mais arrojados.

Os panfletos em si são uma coisa insignificante e, na minha opinião, não valem grandes preocupações. Já vimos muitos. Além disso, como panfletos, não eram nada de novo: panfletos iguais, como viria a dizer-se mais tarde, tinham sido espalhados havia pouco pela província de Kh...; também Lipútin, que um mês e meio antes fora a um distrito e a uma província vizinhos, afirmara que tinha visto lá umas folhas iguaizinhas. Mas o que mais abalou Andrei Antónovitch foi o fato de o encarregado da fábrica dos Chpigúlin levar à polícia, precisamente naquela altura, dois ou três maços de folhas iguais às do segundo-tenente, que tinham sido propositadamente deixadas na fábrica, de noite. Os maços ainda não estavam desembulhados, pelo que nenhum operário tinha lido os panfletos. Aquilo não passava de um fato estúpido, mas deixou Andrei Antónovitch muito pensativo. O caso afigurava-se-lhe desagradavelmente complicado.

Naquela fábrica dos Chpigúlin passara-se havia pouco a chamada “história dos Chpigúlin”, de que tanto se gritava entre nós e que, nas suas muitas variantes, chegou aos periódicos das capitais. Havia três semanas, tinha lá adoecido e morrido de cólera asiática um operário; a seguir, mais algumas pessoas ficaram doentes. Toda a cidade entrou em pânico, uma vez que a cólera se aproximava, vinda da província vizinha. Devo notar que, entre nós, enquanto se esperava pela visitante indesejável, foram tomadas medidas sanitárias satisfatórias, na medida do possível. Por qualquer razão, porém, não deram atenção à fábrica dos Chpigúlin, milionários e pessoas influentes. Então, de repente, toda a gente começou a gritar que era na fábrica que estava a raiz do mal e o caldo de cultura da doença, que nas instalações da fábrica e nas casas dos operários a imundície enraizada era tal, que mesmo que não houvesse uma epidemia de cólera, ela nasceria lá por si só. Foram tomadas medidas imediatas, evidentemente, e Andrei Antónovitch, com toda a energia, conseguiu que elas fossem cumpridas com urgência. A fábrica foi desinfetada em três semanas, mas os Chpigúlin, por razões desconhecidas, fecharam-na. Um dos irmãos Chpigúlin morava permanentemente em Petersburgo, e o outro, após ter recebido a ordem das autoridades sobre as limpezas, foi para Moscou. O encarregado fez as contas aos operários e, como veio agora

a saber-se, vigarizou-os descaradamente. Os operários protestaram, exigindo um acerto de contas justo, e, por estupidez, foram à polícia, aliás sem grande alarido nem grandes emoções. Foi nesta altura que Andrei Antónovitch recebeu os panfletos trazidos pelo encarregado.

Piotr Stepánovitch irrompeu no gabinete sem ser anunciado, como um bom amigo, como homem da família, até porque vinha investido de uma missão que lhe dera Iúlia Mikháilovna. Ao vê-lo, Andrei Antónovitch carregou sombriamente o sobrolho e parou junto à mesa com um ar antipático. Antes disso, passeava pelo gabinete e falava com ofuncionário do seu escritório, Blum, um alemão extremamente desajeitado e sorumbático, trazido por ele de Petersburgo apesar de grande oposição por parte de Iúlia Mikháilovna. O funcionário, quando viu Piotr Stepánovitch, recuou até à porta mas não saiu. Pareceu mesmo a Piotr Stepánovitch que o homem trocara olhares significativos com o seu chefe.

— Oh, consegui finalmente apanhá-lo, autarca cheio de segredos! — disse Piotr Stepánovitch, rindo alto e assentando a mão num panfleto que estava em cima da mesa.— Mais um objeto para a sua coleção, hã?

Andrei Antónovitch corou. Foi como se alguma coisa se lhe entortasse na cara.

— Largue, largue isso imediatamente! — gritou, estremecendo de cólera. — E não se atreva... meu caro senhor...

— O que tem? Parece que está zangado?

— Permita que lhe observe, excelentíssimo senhor, que não estou disposto a aturar mais o seu *sans façon*,²¹² e peço-lhe que se lembre...

— Fu, còs diabos, ele está de fato...

— Cale-se, cale-se! — Von Lembke batia com o pé no tapete. — E não se atreva...

Só Deus sabe até que ponto a cena podia chegar. Infelizmente, havia aqui mais uma circunstância, de modo nenhum ignorada por Piotr Stepánovitch e mesmo por Iúlia Mikháilovna. É que o desgraçado Andrei Antónovitch chegara ao ponto e ao desconcerto de, nos últimos dias, ter ciúmes de Piotr Stepánovitch pela esposa. Quando estava sozinho, sobretudo à noite, passava minutos de um sofrimento muito desagradável.

— Ouça, eu pensava que uma pessoa, ao ler-nos a sós o seu romance dois dias seguidos, até alta noite, em busca da nossa opinião, já tinha abandonado estas maneiras oficiais, pelo menos da sua parte... já que Iúlia Mikháilovna me recebe em pé de amizade. Assim, como posso compreender o que o senhor deseja? — pronunciou Piotr Stepánovitch com certa dignidade. — A propósito, aqui está o seu romance. — E pôs em cima da mesa um caderno grande, pesado, feito num rolo e embrulhado em papel azul.

Lembke corou e atrapalhou-se.

— Onde o encontrou? — perguntou com cautela e num acesso de alegria contida que, porém, não conseguia esconder.

— Imagine, rebolou para trás da cômoda, assim como estava, num rolo. Pelos vistos, quando entrei, atirei-o descuidadamente para cima da cômoda. Só anteontem o encontraram, quando lavavam o chão... O trabalho que o senhor me deu, francamente!

Lembke, severo, baixou os olhos.

— Não dormi duas noites seguidas por sua causa. Foi encontrado já anteontem, mas não lho devolvi logo porque estive a lê-lo; como de dia não tenho tempo, li-o à noite. Pois, e não fiquei nada satisfeito: não concordo com a ideia. Mas não interessa, nunca fui um crítico; o certo é que, entretanto, não conseguia parar de ler, meu paizinho, embora isto me deixasse descontente. O quarto e o quinto capítulos são... são... são... só o Diabo sabe o que são! Mas o sentido de humor que o senhor meteu aqui... ri-me à gargalhada. Como o senhor sabe satirizar

*sans que cela paraisse!*²¹³ No nono e no décimo, em que é tudo amor, perdi o interesse, diga-se, embora admita que o efeito é grande; ao ler a carta do Igreniov, por pouco não comecei a choramingar, embora odesscreva com muito esmero... Sentimentos, pois, mas ao mesmo tempo parece querer mostrar o seu lado falso, não é verdade? Acertei, não? Pois é, mas quanto ao final, merece ser mesmo espancado. Por quê? Qual é a sua ideia? É a velha divinização da felicidade familiar, da procriação, da multiplicação dos capitais... as pessoas viviam bem e prosperavam... por amor de Deus! E isso vai fascinar o leitor, porque até eu não consegui parar de ler, mas tanto pior. Tal como antes, o leitor é estúpido, o que seriapreciso era dar-lhe uns abanões, mas o senhor... Mas chega, adeus. Para a próxima, veja se não vai estar tão zangado. Vim cá só para lhe dizer duas palavrinhas necessárias, mas o senhor está... por assim dizer...

Andrei Antónovitch pegou no seu romance e fechou-o à chave num grande armário de livros, tendo entretanto piscado o olho a Blum para que este desaparecesse. Blum, de fisionomia murcha e triste, obedeceu.

— Não estou coisíssima nenhuma... simplesmente, há muitas preocupações — murmurou, de sobrolho carregado mas já sem cólera e sentando-se à mesa. — Sente-se e diga lá as suas duas palavrinhas. Há muito que não o vejo, Piotr Stepánovitch... e não volte a interromper-me com estes seus modos... às vezes, quando estamos trabalhando, isto...

— Os meus modos são sempre os mesmos...

— Eu sei, e acredito que não o faz por mal, mas às vezes estou nesta azáfama... Sente-se, então.

Piotr Stepánovitch refestelou-se no divã, sentado sobre os pés cruzados.

— Então, que azáfama é a sua? Não me diga que é por causa destas ninharias! — apontou com a cabeça para o panfleto. — Posso trazer-lhe quantas folhas destas quiser, já as tinha visto na província de Kh...

— Ou seja, quando vivia lá?

— Evidentemente, não foi quando estava ausente de lá. Têm uma vinheta, com um machado em cima. Com licença — (pegou no panfleto) —; pois, cá está o machado; tal e qual.

— Pois, o machado. É como diz, o machado.

— E então? É o machado que o assusta?

— Não, o machado não... e nem sequer me assustei, mas é um caso... um caso especial, há aqui certas circunstâncias...

— Quais? O fato de terem sido trazidos da fábrica? Eh, eh! Sabe uma coisa? Daqui a nada são os próprios operários desta vossa fábrica que vão escrever os panfletos.

— Como? — fitou-o severamente Von Lembke.

— É simples. Olhe para eles. O senhor é um homem demasiado brando, Andrei Antónovitch, escreve romances. Mas aqui seria preciso agir à moda antiga.

— O que quer dizer com moda antiga? Que conselhos são esses? Limpam a fábrica; eu dei ordens e eles limpam-na.

— Mas os operários revoltam-se. Era passá-los pelo chicote a todos e acabou-se.

— Revoltam-se? Disparate! Eu dei ordens e eles cumpriram, fizeram a limpeza.

— Eh, Andrei Antónovitch, que brando é o senhor!

— Em primeiro lugar, não sou tão brando como isso, e em segundo...
— de novo Von Lembke se mostrou ressentido. Falava com o jovem a contragosto, mas com curiosidade, à espera que este lhe revelasse algo de novo.

— Ah, ah, outra vez o velho amigo! — interrompeu-o Piotr Stepánovitch, lançando o olhar para outro papel que estava sob o pesa-papéis, semelhante também a um panfleto, pelos vistos de impressão estrangeira, mas em verso. — Bem, este sei-o de cor: *Alma luminosa!* vejamos... é isso, *Alma luminosa!* conheço esta alma já do estrangeiro. Onde a desencantou?

— Diz-me que viu isto ainda no estrangeiro? — preocupou-se Von Lembke.

— Pois vi, quatro meses atrás, ou mesmo cinco.

— Quantas coisas o senhor viu no estrangeiro, francamente! — Von Lembke lançou-lhe um olhar perspicaz. Piotr Stepánovitch, sem o ouvir, desdobrou o papel e leu em voz alta:

Alma luminosa

Não era de estirpe nobre,
Cresceu entre o povo pobre,
Pela vindita acochado
Do czar e do boiardo,
Todo entregue ao sofrimento,
À tortura e ao tormento,
Clamando fraternidade,
Igualdade e liberdade.

Preparando a rebeldia,
Pr'a longes terras fugia
Das masmorras do czar
E os algozes evitar.
E o povo preparado

Para abolir seu cruel fado,
De Smolensk a Tachkent
Esperava impaciente.

Esperava pelo estudante
Para avançar de rompante,
P'ra acabar com a boiardia,
Com a própria monarquia
E com a propriedade,
E, pr'a toda a eternidade,
Se vingar das malfazejas
Famílias, casas, igrejas!

— Às tantas obtive isso daquele oficial? — perguntou Piotr Stepánovitch.

— O senhor conhece também aquele oficial?

— Pudera! Banqueteamo-nos juntos durante dois dias. Era natural que ele tivesse enlouquecido.

— Talvez não esteja louco.

— Então por que morde as pessoas?

— Desculpe, se o senhor viu estes versos no estrangeiro, e depois, ao que diz, os viu nas mãos deste oficial...

— O que é isso? A coisa complica-se! Parece que o Andrei Antónovitch está querendo interrogar-me, não? É o seguinte — começou ele, com um ar importante —: o que vi no estrangeiro já o expliquei no lugar devido, e os meus esclarecimentos foram considerados satisfatórios, de outro modo não agraciaria esta cidade com a minha presença. Acho que este meu problema já está resolvido e que não devo mais explicações a ninguém. E está resolvido, não pelo fato de eu ser delator, mas porque não podia agir de outra maneira. As pessoas que estavam a par do assunto e escreviam a Iúlia Mikháilovna

referiam-se a mim como sendo um homem honesto... De resto, nada disto interessa, vim cá para lhe dizer uma coisa importante, e ainda bem que o senhor mandou embora este seu limpa-chaminés. É um assunto muito importante para mim, Andrei Antónovitch, e tenho a fazer-lhe um pedido fora do vulgar.

— Um pedido? Hum, faça o favor, estou à espera, e com curiosidade, confesso. Aliás, devo dizer-lhe que, de uma maneira geral, o Piotr Stepánovitch me surpreende bastante.

Von Lembke estava bastante emocionado. Piotr Stepánovitch cruzou as pernas.

— Em Petersburgo — começou ele — eu fui sincero em muitos sentidos, mas em relação a essas coisas ou, por exemplo, a isto — (tamborilou com o dedo na *Alma luminosa*) — calei-me. Em primeiro lugar, porque não valia a pena falar, em segundo lugar, porque respondi apenas àquilo que me perguntaram. Não gosto de me antecipar, é nisso que vejo a diferença entre um canalha e um homem honesto que, simplesmente, tenha ficado apertado nas malhas das circunstâncias... Bem, numa palavra, não interessa. Ora, hoje... hoje, quando todos esses parvos... digamos, quando tudo veio à superfície e o senhor mesmo já tem tudo nas mãos e, pelo que vejo, já não se pode esconder-lhe tudo isso... porque o senhor tem olhos para ver e é daqueles cujos desígnios não se podem adivinhar... mas é que esses parvalhões continuam com a sua... eu... eu... bem, em resumo, vim aqui para pedir ao senhor que salve uma pessoa, um desses parvos, também, ou talvez um louco, tendo em conta a juventude dele, as desgraças dele, em nome do seu humanismo... Porque é impossível que o senhor apenas seja tão humano nos romances da sua própria lavra! — Aqui, Piotr Stepánovitch mudou o rumo do seu discurso, introduzindo de repente um sarcasmo grosseiro e a impaciência.

Em resumo, queria revelar-se um homem frontal, mas desajeitado e pouco diplomático por causa do excesso dos seus sentimentos humanistas e por ser talvez exageradamente escrupuloso e, sobretudo,

por ser pouco inteligente, como deduziu logo Von Lembke, com grande perspicácia; aliás, Von Lembke já pensava isso dele havia muito tempo, especialmente quando, na última semana, sozinho no gabinete, sobretudo à noite, o descompunha mental e implacavelmente pelos seus êxitos junto de Iúlia Mikháilovna.

— Por quem é que me está pedindo e o que significa tudo isto? — perguntou Andrei Antónovitch num tom imponente, tentando esconder a sua curiosidade.

— É... é... raios... Não tenho culpa de confiar no senhor! Que culpa tenho eu de o considerar um homem nobilíssimo e, sobretudo, um homem inteligentíssimo... ou seja, capaz de perceber... raios...

O pobre coitado, pelos vistos, não conseguia dominar-se.

— O senhor tem de compreender, afinal — continuou Piotr Stepánovitch —, tem de compreender que se eu pronunciar o nome dele estou entregando-lho; não é verdade que assim lho entrego? Não é verdade?

— Mas, desculpe, como posso adivinhar se o senhor não se atreve a dizer de quem se trata?

— Cá está, o senhor leva sempre a melhor com esta sua lógica, raios... bem, raios... esta “alma luminosa”, este “estudante”... é Chátov... pronto, já está!

— Chátov? Chátov como?

— Chátov é o “estudante” de que se fala aqui. Vive cá, é um ex-servo, enfim, foi ele quem deu a bofetada...

— Eu sei, eu sei! — franziu os olhos Von Lembke. — Mas, desculpe, de que é ele acusado concretamente e, antes de mais, sobre que fatos concretos incide o seu pedido?

— Peço-lhe que o salve, tente compreender! É que eu já o conheci há oito anos e talvez tenha sido mesmo amigo dele — excitava-se Piotr Stepánovitch. — Bem, não tenho obrigação de lhe dar conta da minha vida passada — abanou a mão. — Tudo isso são insignificâncias, são três homens e meio, com os do estrangeiro não serão mais do que dez, mas, em primeiro lugar, deposito as minhas esperanças no humanismo do senhor, na sua inteligência. O senhor vai compreender e apresentará o caso tal como ele é, e não como uma coisa de grande envergadura... Como o sonho estúpido de um homem voluntarioso... por causa das desgraças, repare, desgraças de longa data, e não como uma conspiração qualquer ao nível do Estado!...

Estava quase ofegante.

— Hum. Vejo que ele é culpado de fazer panfletos com o símbolo do machado— concluiu Von Lembke, com um ar quase majestoso —, mas, desculpe, se fosse ele sozinho a atuar, como poderia espalhá-los por aqui e em outras províncias, e até na província de Kh... e... e, antes de mais, onde foi que ele os arranjou?

— Já lhe disse que eles não são mais do que cinco, no máximo dez pessoas, como é que posso saber?

— O senhor não sabe?

— Mas como, c'os diabos?

— Mas sabia que o Chátov era um dos cúmplices, não?

— Eh! — Piotr Stepánovitch abanou a mão, como que a lutar com a perspicácia esmagadora do interrogador. — Ouça, vou dizer-lhe toda a verdade: não sei nada sobre os panfletos, nadinha, c'os diabos, percebe o que significa nadinha?... Claro que estava metido aquele segundo-tenente, mais alguém, mais outro aqui... e também, se calhar, o Chátov; e ainda mais alguém, ou mais ninguém, enfim, ninharia, insignificâncias... mas eu vim cá para pedir pelo Chátov, é preciso salvá-lo, porque esta poesia é dele, composta por ele e impressa por ele

no estrangeiro, é isso que eu sei com certeza, mas sobre os panfletos não sei nada.

— Se os versos são dele, os panfletos com certeza também. Mas que provas tem para suspeitar do Senhor Chátov?

Com ar de pessoa que perdeu definitivamente a paciência, Piotr Stepánovitch tirou do bolso uma carteira e, dela, um bilhete.

— Eis as provas! — gritou, atirando-o para cima da mesa. Lembke desdobrou-o; o bilhete tinha sido escrito cerca de meio ano antes, aqui, e endereçado para um qualquer lugar no estrangeiro; era curto e rezava, em meia dúzia de palavras:

Não posso imprimir cá a *Alma luminosa*, nem outras coisas; imprimam no estrangeiro.

Ivan Chátov.

Lembke fixou o olhar em Piotr Stepánovitch. Varvara Petrovna dissera verdade quando chamara ao olhar dele “olhar de carneiro”, às vezes muito acentuado.

— Ou seja, significa isto — excitou-se Piotr Stepánovitch — que ele escreveu estes versos aqui, há meio ano, mas não pôde imprimi-los cá, nalguma tipografia secreta... por isso pediu que os imprimissem no estrangeiro... Parece-lhe claro?

— Pois, mas a quem pede ele este serviço? É isso que não está claro — observou Von Lembke com uma ironia muito astuta.

— A Kiríllov, é claro; o bilhete foi endereçado a Kiríllov, que estava no estrangeiro... O senhor não sabia? O que não me agrada nada é que o senhor talvez esteja simplesmente a fingir e que já saiba destes versos e do resto há muito tempo! Como foram parar à sua secretária? Eles vieram parar à sua secretária! Nesse caso, por que me está torturando?

Limpou espasmodicamente o suor da testa com o lenço.

— Sim, talvez eu saiba de fato algumas coisas... — esquivou-se Von Lembke comastúcia —, mas quem é este Kiríllov?

— Bem, é um engenheiro vindo de fora, foi padrinho do duelo de Stavróguin, é um maníaco, um maluco; o segundo-tenente talvez sofra apenas de um delírio agudo, mas este é um autêntico louco... autêntico, garanto. Eh, Andrei Antónovitch, se o governo soubesse que espécie de pessoas são todos eles nem sequer teria vontade de os castigar. O que eles merecem todos é ser internados no manicômio; já na Suíça e nos congressos me fartei deles.

— Lá, donde dirigem o movimento daqui?

— Mas quem o dirige? Três homens e meio. É que, só de olharmos para eles, dá-nos o tédio. E que movimento é este aqui? Os panfletos? E quem foi recrutado? Um segundo-tenente em delírio e mais dois ou três estudantes! O senhor, que é um homem inteligente, responda-me à pergunta: por que não recrutam para o lado deles pessoas mais importantes, por que só recrutam estudantes e adolescentes de vinte e dois anos? E serão muitos? Anda um milhão de cães à procura deles, e quantos encontraram? Sete pessoas. Repito, isto dá-me tédio.

Lembke ouvia com atenção, com ar de quem diz: “Não se fazem omeletes sem ovos”.

— Desculpe, o senhor afirma que o bilhete foi endereçado ao estrangeiro, mas aqui não consta endereço nenhum; como sabe o senhor que o bilhete foi enviado ao Senhor Kiríllov, e para o estrangeiro e... e... que foi escrito efetivamente pelo Senhor Chátov?

— Quanto a isso, arranje qualquer coisa escrita por Chátov e compare. No seu escritório há de haver qualquer coisa com a assinatura dele. Quanto à questão de saber se foi para Kiríllov que escreveu, digo-lhe que foi o próprio Kiríllov quem, naquela mesma altura, mo mostrou.

— Portanto, o senhor mesmo...

— Sim, portanto, eu mesmo. E não foi a única coisa que me foi mostrada. Quanto a estes versos, dizem que foi o próprio falecido Herzen²¹⁴ quem os escreveu para Chátov quando este vagueava pelo estrangeiro, supostamente como uma lembrança do encontro, como louvor, ou como recomendação, sei lá, c'os diabos... e agora o Chátov divulga os versos entre os jovens. Como quem diz: “Olhai, é a opinião do próprio Herzen a meu respeito”.

— É isso mesmo — entendeu tudo, finalmente, o Senhor Von Lembke —, e eu que pensava: quanto aos panfletos, compreende-se; mas os versos, são para quê?

— Como pode não entender? E por que diabo é que eu dei com a língua nos dentes? Ouça, deixe o Chátov comigo, e os restantes que se amolem, juntamente com o próprio Kiríllov, que se fechou agora em casa de Filíppov, onde mora também o Chátov, e que não assoma o nariz fora da porta. Não gostam de mim porque eu voltei... mas prometa-me o Chátov, e então eu próprio lhos sirvo a todos no mesmo prato. Serei útil, Andrei Antónovitch! Este grupinho miserável, no total, é de nove ou dez pessoas. Eu próprio estou vigiando-os, por minha iniciativa. Já conhecemos três deles: Chátov, Kiríllove aquele segundo-tenente. Quanto aos outros, ainda ando a *observá-los...* edigo-lhe que não sou míope de todo. É como na província de Kh...; lá, foram apanhados com panfletos dois estudantes, um colegial, dois fidalgos de vinte anos, um mestre-escola e um major na reserva, de sessenta anos, desvairado por causa da bebedeira, só isso, acredite que não há mais. Até ficaram espantados por serem tão poucos. Mas precisode seis dias. Já fiz as contas e são seis dias, antes não. Se o senhor quiser obter algum resultado, não os incomode durante mais seis dias, e então eu próprio os ato para si no mesmo molho; se os incomodar antes, fugirão todos. Mas deixe o Chátov para mim. Torço pelo Chátov... O melhor, aliás, seria chamá-lo secreta e amigavelmente, nem que fosse a este gabinete, e puxar por ele, levantar a cortina diante dele... Acho que ele próprio se atiraria aos seus pés a

chorar! É um homem nervoso, um desgraçado, a mulher dele tem um caso com Stavróguin. Acarinhe-o, que ele próprio lhe revela tudo, mas é preciso esperar seis dias... Mas, acima de tudo, é preciso não dizer rigorosamente nada a Iúlia Mikháilovna. É segredo. Pode ser segredo?

— Como? — Von Lembke esbugalhou os olhos. — Quer dizer que não... disse nada a Iúlia Mikháilovna?

— A ela? Deus me livre! Eeh, Andrei Antónovitch! Veja bem: tenho em alto apreço a amizade dela e respeito-a muito... e assim por diante... mas nisso não posso falhar. Não a contradigo, porque contradizê-la, como o senhor sabe, é perigoso. Talvez lhe tenha dito uma meia palavra porque ela gosta disso, mas revelar-lhe os nomes ou outra coisa, como revelei ao senhor... não, paizinho! Por que me dirijo ao senhor, agora? Porque, em qualquer caso, o senhor é homem, uma pessoa séria, com uma experiência de serviço antiga e sólida. O senhor conhece a vida. Para o senhor, acho eu, cada passo num caso destes é bem conhecido, já desde os tempos de Petersburgo. Se eu revelasse a Iúlia Mikháilovna estes dois nomes, por exemplo, faria logo soar trombetas... É que ela quer espantar Petersburgo. Não, é demasiado fogosa, é isso.

— Sim, há nela uma certa *fuga* — murmurou Andrei Antónovitch com algum espanto, lamentando ao mesmo tempo que este grosseirão se atrevesse a exprimir-se com tanta liberdade sobre Iúlia Mikháilovna. Para Piotr Stepánovitch, no entanto, aquilo ainda parecia pouco e achava que era necessário deitar mais lenha na fogueira para que pudesse lisonjear e dominar por completo o Lembke.

— Fuga, precisamente — secundou. — Talvez seja uma mulher genial, literária, mas... é capaz de espantar os pardais. Não aguentava seis horas, quanto mais seis dias! Eeh, Andrei Antónovitch, nunca imponha a uma mulher um prazo de seis dias! É que o senhor deve reconhecer que eu tenho alguma experiência, isto é, nestes assuntos; é que eu sei algumas coisas, e o senhor também sabe que eu posso saber

algumas coisas. Não lhe peço seis dias aereamente, mas para coisas sérias.

— Ouvi dizer... — hesitava Von Lembke em exprimir a sua ideia —, ouvi dizer que o senhor, quando voltou do estrangeiro, apresentou, em certos lugares... uma espécie de arrependimento?

— Bem, fosse como fosse...

— Eu, evidentemente, também não quero entrar em pormenores... mas pareceu-me que aqui, até agora, o senhor tem falado sempre num estilo muito diferente da fé cristã, por exemplo, da ordem social e, finalmente, do governo...

— Não interessa o que eu tenho dito. Aliás, continuo a falar assim, só que essas ideias não são para ser aplicadas, como querem aqueles parvalhões, é isso. Que sentido tem morder uma pessoa no ombro? O senhor mesmo concordava comigo, apenas achava que ainda era cedo.

— Não tinha em mente essas coisas quando concordava e dizia que era cedo.

— Irra, saca cada palavra do seu arsenal, eh, eh! Homem prudente! — observou alegremente Piotr Stepánovitch. — Ouça, paizinho, eu precisava de conhecê-lo melhor, por isso falava no estilo em que falava. Falava assim não só com o senhor, mas com muitos outros, para travar conhecimento com eles. Se calhar, precisava de compreender o seu caráter.

— Para que precisava o senhor do meu caráter?

— Como posso saber para quê? — Riu-se de novo. — Bem vê, meu caro e estimadíssimo Andrei Antónovitch, o senhor é manhoso, mas as coisas ainda não chegaram *tal ponto* e, com certeza, não vão chegar, está entendendo? Talvez entenda, não? Embora eu, quando voltei do estrangeiro, tivesse dado os meus esclarecimentos em certo lugar e, francamente, não vejo por que é que um homem com certas

convicções não há de agir de acordo com as suas convicções sinceras... ninguém *lá* me encomendou ainda o serviço de descobrir o seu carácter e nem eu me encarreguei de quaisquer encomendas *de lá*. Tente entender: eu podia muito bem não revelar ao senhor estes dois nomes, mas ir diretamente *lá*, ou seja, onde dei os primeiros esclarecimentos; e se andasse à procura de dinheiro ou, digamos, de outro proveito, então isto teria sido muito mal pensado da minha parte, uma vez que eles agora vão agradecer ao senhor e não a mim. É unicamente pelo Chátov — acrescentou Piotr Stepánovitch com nobreza —, apenas pelo Chátov, pela nossa antiga amizade... Mas agora, está bem, quando o senhor pegar na pena para escrever *para lá*, pode louvar-me, se quiser... não estou contra, eh, eh! Bem, *adieu*, já estou aqui há demasiado tempo, e não valia a pena ter tagarelado tanto — acrescentou com amabilidade e levantou-se do divã.

— Pelo contrário, fico muito contente pelo assunto estar, por assim dizer, se definindo — levantou-se por sua vez Von Lembke, também com ar amável, por certo sob a influência das últimas palavras do diálogo. — Aceito com gratidão os seus serviços e pode ter a certeza de que tudo o que estiver dentro das minhas possibilidades relativamente ao seu zelo...

— Seis dias, o principal são os seis dias, e que o senhor não faça nada durante este prazo, é disso que eu preciso!

— Está bem.

— É evidente que não lhe imponho nada, nem a isso me atreveria. É impossível que o senhor não fique atento, mas só lhe peço que não levante a lebre antes do tempo, e, em relação a isto, deposito as minhas esperanças no seu intelecto e na sua experiência. A este propósito, suponho que ao senhor não faltam os seus cães de busca e de fila, eh, eh— disparou Piotr Stepánovitch alegre e levianamente (na sua condição de jovem).

— Não é bem assim — esquivou-se afavelmente Von Lembke. — É um preconceito da juventude, essa coisa dos cães de busca... A propósito, permita-me apenas mais uma palavrinha: se esse Kiríllov foi padrinho de duelo de Stavróguin, significa que também o Senhor Stavróguin...

— Stavróguin o quê?

— Ou seja, se são tão grandes amigos...

— Oh, não, não! Nisso, embora o senhor seja manhoso, está muito enganado. Até me espanta. Pensava que o senhor, neste sentido, estivesse informado... Hum, Stavróguin é absolutamente o oposto, absolutamente... *Avis au lecteur.*²¹⁵

— Será? Poderá ser? — disse Von Lembke com desconfiança. — Iúlia Mikháilovna comunicou-me que, de acordo com a informação que tem de Petersburgo, ele é um homem encarregado, digamos, de uma certa missão...

— Não sei nada disso, nada, nada de nada. *Adieu. Avis au lecteur!* — esquivou-se logo Piotr Stepánovitch, evidentemente.

Apressou-se a ir para a porta.

— Espere, Piotr Stepánovitch, espere — gritou-lhe Lembke. — Só mais uma coisinha, e não o demoro mais.

Tirou um sobrescrito da gaveta da mesa.

— Aqui está um exemplar da mesma categoria, e ao mostrar-lho provo que confio completamente no senhor. Aqui está, e dê-me a sua opinião!

O sobrescrito continha uma carta — estranha, anônima, endereçada a Von Lembke e por ele recebida no dia anterior. Piotr Stepánovitch, para seu grande desgosto, leu o seguinte:

Excelência,

porque corresponde à sua graduação. Por meio desta carta venho denunciar um atentado contra a vida das personalidades dos generais e contra a pátria, porque tudo leva diretamente a isso. Eu próprio andei a distribuir ininterruptamente durante muitos anos. Também a espalhar a descrença. Prepara-se um motim, e os panfletos são aos milhares, e atrás de cada um correrão centenas de pessoas se não forem confiscados a tempo pelas autoridades porque foi prometida muita coisa em recompensa, e o povo simples é estúpido, e há também a vodca. O povo, respeitando o culpado, arruína este aquele, e tendo eu medo de ambas as partes confessei com arrependimento aquilo de que não participei porque são assim as minhas circunstâncias. Se quiser que hajadenúncia para a salvação da pátria tal como das igrejas e dos ícones, só eu é que posso. Mas que me mandem o perdão da terceira repartição²¹⁶ pelo telégrafo imediatamente, só a mim, e os outros que sejam responsáveis. Para me dar o sinal ponha à janela do porteiro uma vela acesa às sete horas todas as noites. Se eu vir isso, acredito e vou beijar a mão misericordiosa da capital, mas sob a condição de uma pensão, porque com que vou viver? Vossa Excelência não se arrependerá porque lhe darão uma condecoração. É preciso fazê-lo com cuidado porque senão arrancam a cabeça.

O homem pronto para tudo de Vossa Excelência.

Roja-se aos pés arrependido livre-pensador

Incógnito.

Von Lembke explicou que a carta aparecera no dia anterior, na sala do porteiro, quando não estava lá ninguém.

— E então, o que acha? — perguntou Piotr Stepánovitch de modo quase mal-educado.

— Suponho que é um pasquim anônimo, só para gozar.

- O mais provável é que seja isso. Ao senhor é difícil enganá-lo.
- Sobretudo porque a escrita é muito estúpida.
- O senhor já recebeu aqui alguns pasquins?
- Sim, duas vezes, anônimos.
- Estas coisas, é óbvio, ninguém as assina. Em estilo diferente? Com uma letra diferente?
- Em estilo e letra diferentes.
- Bufões, como este?
- Sim, bufões, e, sabe... muito repugnantes.
- Bem, uma vez que já aconteceu antes, agora deve ser a mesma coisa.
- Sobretudo porque é muito estúpido. Porque os outros são pessoas cultas, não escreveriam com certeza estas inépcias.
- Pois, pois.
- E se alguém está de fato a querer fazer uma denúncia?
- Improvável — cortou secamente Piotr Stepánovitch. — O que é isso do telegrama da terceira repartição e da pensão? Isto é um pasquim evidente.
- Sim, sim — envergonhou-se Von Lembke.
- Sabe uma coisa? Empréstimo. Encontro-lhe o autor, de certeza. Encontro-o antes deles.
- Leve-o — concordou Von Lembke, mas com alguma hesitação.

— Já o mostrou a alguém?

— Não, por amor de Deus, a ninguém.

— Nem a Iúlia Mikháilovna?

— Ah, Deus me livre, e também nunca lho mostre! — exclamou Von Lembke, assustado. — Seria um abalo para ela... e ficaria muito zangada comigo.

— É verdade, seria o primeiro a apanhar por tabela, diria que o merecia, uma vez que lhe escreviam desta forma. Conhecemos bem a lógica feminina. Então, adeus. Se calhar, dentro de três dias, já lhe trago este escritor. Mas lembre-se do que combinamos!

IV

Piotr Stepánovitch talvez fosse um homem nada parvo, mas o Fedka Grilheta um dia dissera dele uma coisa muito certa: que “inventava uma pessoa e não saía disso”. Saiu de casa de Von Lembke com a absoluta convicção de que, ao menos pelo prazo de seis dias, prazo de que tanto precisava, o acalmara. Porém, tal ideia era errada, baseava-se apenas na imagem de Andrei Antónovitch que ele inventara para si, desde o princípio e de uma vez por todas, a imagem de um perfeito simplório.

Como qualquer pessoa doentamente cismática, Andrei Antónovitch era extraordinária e alegremente crédulo no primeiro momento em que lhe apresentavam soluções para as suas incertezas. Assim, a nova faceta da situação afigurou-se-lhe de início bastante agradável, apesar de algumas complicações e preocupações novas que se tornavam iminentes. Pelo menos, deixaram de subsistir nele as dúvidas anteriores. Além disso, nos últimos dias, ficara tão cansado e sentia-se tão extenuado e impotente que a sua alma apenas ansiava por paz e sossego. Para sua desgraça, porém, tornou-se de novo inquieto. A sua longa vivência em Petersburgo deixara-lhe na alma marcas indeléveis.

Conhecia a história oficial, e mesmo a secreta, da “nova geração” — era um homem curioso, até colecionava panfletos — mas, no fundo, nunca compreendera patavina dela. Agora parecia perdido numa floresta: sentia com todos os seus instintos que nas palavras de Piotr Stepánovitch havia algo de absolutamente incongruente, fora de todas as formas e condições — “embora só o Diabo soubesse o que poderia acontecer nesta ‘nova geração’ e como tudo se processava entre eles!” — cogitava ele, perdido em especulações.

Nisto, nem de propósito, Blum voltou a assomar a cabeça pela porta do gabinete. Durante toda a visita de Piotr Stepánovitch, tinha ficado por perto, a aguardar. Este Blum, por acaso, era parente afastado de Andrei Antónovitch, fato que era mantido em grande e timorato segredo. Peço desculpa ao leitor por dedicar aqui algumas palavras a esta personalidade insignificante. Blum pertencia à estranha categoria dos alemães “desgraçados” — não por causa da sua extrema mediocridade, mas por algo que, precisamente, se desconhece. Os alemães “desgraçados” não são um mito, existem realmente, mesmo na Rússia, e têm o seu tipo próprio. Durante toda a vida, Andrei Antónovitch sentiu sempre a mais comovente compaixão por ele e, por todo o lado por onde passou, na medida das suas possibilidades e dos avanços da sua própria carreira, foi-o promovendo sempre para um lugarzinho mais alto subordinado à sua chefia; Blum, porém, não parava de sofrer azares. Ou era a vaga que nunca mais se tornava disponível, ou era a mudança de chefia, ou, como lhe aconteceu uma vez, quase foi mandado a tribunal juntamente com outros. Era minucioso, mas em excesso, sem necessidade e em prejuízo de si mesmo, e era sombrio; ruivo, alto, curvado, até sensível e, apesar de todo o seu estado de humilhação, teimoso e persistente como um boi, embora sempre a despropósito. Ele, a mulher e os numerosos filhos nutriam por Andrei Antónovitch uma afeição e veneração de longa data. Excetuando Andrei Antónovitch, nunca alguém gostara dele. A própria Iúlia Mikháilovna desaprovava-o logo à primeira vista, mas nunca tinha conseguido ultrapassar a persistência do marido. A primeira discussão entre o casal, logo depois do casamento, nos primeiros dias da lua de mel, aconteceu quando surgiu bruscamente

diante de Iúlia Mikháilovna o Blum, até ao momento bem escondido dela e portador do insultuoso segredo de ser parente dela. Andrei Antónovitch implorou, juntou as mãos, contou comovedoramente toda a história de Blum e da amizade deles desde a infância, mas Iúlia Mikháilovna considerou-se coberta de opróbrio para todoo sempre e até recorreu aos desmaios. Von Lembke, porém, não lhe cedeu nem um passo e declarou que nunca abandonaria Blum e nunca o afastaria de si, o que acabou por deixar espantada a esposa, que se viu obrigada a permitir-lhe o Blum. Foi decidido apenas que se escondesse o fato do parentesco de maneira ainda mais cuidadosa do que até então, na medida do possível, e que, inclusive, fosse mudado o nome e o sobrenome de Blum que, curiosamente, se chamava também Andrei Antónovitch. Na nossa cidade, Blum não fez conhecimento com ninguém a não ser um farmacêutico alemão, nunca fez visitas e, por atavismo do hábito, vivia poupada e solitariamente. Havia muito que ele conhecia os peca-dilhos literários de Andrei Antónovitch. Era chamado, sobretudo, para ouvir e ler o romance de Von Lembke, em segredo e a sós; ficava sentado sem se mexer, ouvindo durante seis horas seguidas; suava, esforçava-se incrivelmente por não adormecer e por sorrir; ao voltar a casa gemia, juntamente com a esposa magricela e pernilonga, queixando-se do infeliz fraco pela literatura russa do seu benfeitor.

Andrei Antónovitch olhou com ar sofredor para Blum que entrava.

— Blum, deixa-me em paz, peço-te — começou apressadamente, inquieto, desejando por certo declinar o recomeço da conversa que estavam tendo quando da chegada de Piotr Stepánovitch.

— Entretanto, esta coisa pode ser organizada do modo mais delicado, tacitamente; o senhor tem plenos poderes para isso — insistia em qualquer coisa o Blum, respeitoso mas com teimosia, curvando as costas e aproximando-se cada vez mais de Andrei Antónovitch, num passo miudinho.

— Blum, és-me tão fiel e tão solícito que eu, de cada vez que olho para ti, o faço com muitíssimo medo.

— O senhor diz sempre coisas espirituosas e adormece sossegadamente com o prazer que sente dos seus ditos de espírito, mas com isso só se prejudica a si mesmo.

— Blum, acabei de me convencer de que aquilo era outra coisa, outra coisa.

— Não terá sido depois de ouvir este jovem falso e depravado que o senhor mesmoacha suspeito? Ele deu-lhe a volta com palavras lisonjeiras a propósito do seu talentoliterário.

— Blum, não entendes nada; o teu projeto é absurdo, digo-to eu. Não iríamos encontrar nada e só se levantaria um alarido terrível, e depois as risotas, e depois Iúlia Mikháilovna...

— Encontraremos tudo o que precisamos, sem dúvida — Blum deu um passo em frente, com firmeza, apertando a mão direita contra o coração. — Faremos a busca inesperadamente, de manhã cedo, observando todas as regras da delicadeza para com a pessoa em questão e cumprindo todas as formalidades prescritas pela lei. Os jovens, Liámchin e Teliátnikov, afirmam que encontraremos tudo o que pretendemos. Eles fizeram lá numerosas visitas. O Senhor Verkhovênski já não é tratado com atenção por ninguém. A Generala Stavróguina recusou-lhe os seus favores, e qualquer pessoa honesta, se houver ao menos uma pessoa honesta nesta cidade grosseira, está convencida de que ali sempre se escondeu uma fonte de descrença e da doutrina social. Ele tem lá guardados todos os livros proibidos, as reflexões de Riléev,²¹⁷ todas as obras de Herzen... Para o que der e vier, tenho um catálogo aproximativo...

— Oh, meu Deus, toda a gente tem estes livros; que ingênuo tu és, meu pobre Blum!

— E muitos panfletos — continuou Blum sem atentar às observações.
— Acabaremos por encontrar a pista dos verdadeiros panfletos locais. Este jovem Verkhovênski provoca-me grandes suspeitas.

— Estás confundindo pai e filho. Eles não se dão bem, e o filho goza abertamentecom o pai.

— É apenas um disfarce.

— Blum, pelos vistos juraste dar cabo de mim! Pensa só: apesar de tudo, ele é uma pessoa conhecida aqui. Foi professor catedrático, um homem famoso, armaria umescândalo e, logo a seguir, começariam os gozos por toda a cidade, e isso seria erro... E pensa no que se passaria com Iúlia Mikháilovna!

Blum avançava para ele e não o ouvia.

— Era apenas um conferencista livre, apenas, e pela graduação apenas um assessor de colégio à data da reforma — Blum batia com a mão no peito —, não tem condecorações, foi despedido do serviço público por suspeita de conspiração contra o governo. Estava sob vigilância secreta e sem dúvida que continua a ser vigiado. Tendo em vista as desordens agora verificadas, o senhor tem o dever... Ora, em vez disso, o senhor, por essa conivência com o verdadeiro culpado, perde a possibilidade de se destacar.

— Iúlia Mikháilovna! For-r-ra daqui, Blum! — gritou de rompante Von Lembke aoouvir a voz da esposa na sala vizinha.

Blum estremeceu mas não se rendeu.

— Dê-me autorização, dê-ma — continuava ele a avançar para Von Lembke, com ambas as mãos apertadas contra o peito.

— For-r-ra! — rangeu os dentes Andrei Antónovitch. — Faz o que quiseres... depois... Oh, meu Deus!

Ergueu-se o reposteiro e apareceu Iúlia Mikháilovna. À vista de Blum, parou, majestosa, passou um olhar altivo e ofendido por ele, como se a simples presença daquela pessoa ali lhe fosse insultuosa. Blum, tácita e respeitosamente, fez-lhe uma vênia profunda e, curvando-se com respeito, dirigiu-se na ponta dos pés para a porta, com os braços um pouco afastados do corpo.

Blum talvez tenha entendido efetivamente a última exclamação histérica de Andrei Antónovitch como uma autorização direta para proceder da maneira que desejasse, ou então cedeu à consciência em proveito do seu benfeitor, com a certeza de que os fins justificariam tudo — mas o certo foi que, como veremos mais adiante, desta conversa do chefe com o seu subordinado viria a resultar algo de inesperado que faria rir muita gente, que teria grande divulgação, que provocaria a fúria violenta de Iúlia Mikháilovna e que, finalmente, baralharia em definitivo Andrei Antónovitch, lançando-o, no momento mais quente, no mais lamentável estado de indecisão.

V

O dia estava sendo de grande azáfama para Piotr Stepánovitch. Saindo de casa de Von Lembke, correu rapidamente para a Rua Bogoiavlênskaia mas, ao passar pela Rua Bíkova, ao lado da casa onde morava Karmazínov, parou de repente, sorriu e entrou. Responderam-lhe: “Estão à sua espera”, o que lhe provocou grande curiosidade porque não avisara da sua visita.

De fato, o grande escritor estava à espera dele, já desde a véspera, já desde a antevéspera. Três dias atrás entregara-lhe o seu manuscrito de *Merci* (que pretendia ler na *matinée* literária da festa de Iúlia Mikháilovna), gesto que fizera por amabilidade, plenamente convencido de que com isso lisonjeava o amor-próprio do jovem ao dar-lhe a possibilidade de conhecer a obra-prima com antecipação. Havia muito que Piotr Stepánovitch reparara que o senhor, vaidoso, mimado e insultuosamente inacessível para os não eleitos, este

“intelecto quase estatal”, estava pura e simplesmente procurando a simpatia dele, até avidamente. Parece-me que o jovem acabou por perceber que, mesmo que o outro não o considerasse o líder de tudo o que havia de clandestino e revolucionário na Rússia, tomava-o pelo menos por uma das pessoas que mais estavam ao corrente dos segredos da Revolução Russa e que tinham uma influência incontestável sobre a juventude. O estado dos pensamentos do “homem mais inteligente da Rússia” interessava muito a Piotr Stepánovitch, mas, de momento, por uma razão qualquer, esquivava-se dos esclarecimentos.

O grande escritor estava hospedado em casa de sua irmã, mulher de um *Kammerherr*²¹⁸ e proprietário rural; ambos os esposos veneravam o seu famoso parente, mas no momento desta sua visita estavam em Moscou, o que lamentavam; portanto, cabia a honra de receber Karmazínov a uma velhinha, parente pobre e muito afastada do *Kammerherr*, que vivia em casa deste e, fazia muito tempo, tratava da casa. Com a chegada do Senhor Karmazínov, toda a gente lá em casa começou a andar na ponta dos pés. A velhinha mandava quase todos os dias relatórios para Moscou, comunicando como ele tinha comido, como tinha dormido, chegando a expedir um telegrama com a notícia de que, depois de um banquete em casa do burgomestre, ele fora obrigado a tomar uma colher de determinado medicamento. Raramente se atrevia a entrar no quarto dele, embora Karmazínov, apesar de lhe falar com modos secos e só à medida das necessidades, a tratasse com educação. Quando Piotr Stepánovitch entrou, estava ele papando a sua costeleta matinal, empurrada por meio copo de vinho tinto. Já antes Piotr Stepánovitch o visitara e sempre o apanhara com esta costeleta matinal que o escritor comia na presença dele, sem no entanto alguma vez o convidar a partilhar do seu café da manhã. Depois da costeleta era servida ainda uma pequena xícara de café. O criado que trouxera a refeição estava de casaca, de botas macias que não faziam barulho de luvas.

— Ah, ah! — soergueu-se Karmazínov do divã, limpando a boca com o guardanapo e, com a mais pura das alegrias, avançou para Piotr

Stepánovitch com os beijos (hábito característico dos russos quando são muito famosos). Piotr Stepánovitch, porém, sabia por experiência que Karmazínov, embora fizesse tenção de beijar, apenas oferecia a bochecha; por isso, desta vez, fez a mesma coisa que ele, chocando-se assim as duas bochechas. Fingindo não ter reparado nisso, Karmazínov sentou-se no divã e apontou com toda a gentileza para uma poltrona em frente, onde Piotr Stepánovitch se repimpou de imediato.

— O senhor não... Não quer tomar o café da manhã? — perguntou o anfitrião, traindo desta vez o hábito, mas com o ar, evidentemente, de quem sugeria uma resposta negativa educada. Mas Piotr Stepánovitch aceitou logo o convite para o café da manhã. Uma sombra de espanto ofendido caiu sobre o rosto do anfitrião, mas apenas por um instante; chamou nervosamente o criado e, apesar de toda a sua boa educação, levantou irritadamente a voz ao mandar servir mais um café da manhã.

— O que deseja, uma costeleta ou café? — perguntou.

— Uma costeleta e um café, e mande trazer também vinho, estou com fome — respondeu Piotr Stepánovitch, observando com uma atenção tranquila o traje do anfitrião. O Senhor Karmazínov vestia um casaquinho forrado de algodão, parecido com uma jaqueta, com botões de madrepérola, mas curtinho demais, o que não ligava muito bem com a sua barriguinha bastante farta e com as suas coxas bem arredondadas; de resto, gostos há muitos. Sobre os joelhos, tinha uma manta de viagem axadrezada que roçava pelo chão, embora estivesse calor no compartimento.

— Está doente ou o quê? — observou Piotr Stepánovitch.

— Não, não estou, mas, neste clima, tenho medo de adoecer — respondeu o escritor na sua voz gritante mas, ao mesmo tempo, escandindo cada palavra com suavidade e ciciando de modo afável, senhoril. — Já ontem fiquei à sua espera.

— Por quê? Não lhe prometi nada.

— Pois, mas tem o meu manuscrito. O senhor... já o leu?

— Manuscrito? Que manuscrito?

Karmazínov espantou-se.

— Com certeza que o senhor o trouxe, não? — Karmazínov ficou de tal maneira alarmado, que parou de comer e ficou olhando para Piotr Stepánovitch com um ar assustado.

— Ah, aquele, o *Bonjour*, ou lá o que é...

— O título é *Merci*.

— Ou isso. Esqueci-me e não o li, não tenho tido tempo. E, francamente, não sei, no bolso não o trago... deve ter ficado em casa, em cima da minha mesa. Não se preocupe, ele aparece.

— Não, é melhor mandar alguém agora mesmo a sua casa. Pode desaparecer, podem até roubá-lo.

— Quem precisa dele? Por que ficou tão assustado, se o senhor, segundo disse Iúlia Mikháilovna, prepara sempre vários exemplares, um no estrangeiro guardado pelo notário, outro em Petersburgo, um terceiro em Moscou, e também manda um para o banco, ao que parece?

— Mas também a cidade de Moscou pode arder, e o meu manuscrito com ela. Não, é melhor mandar buscá-lo já.

— Espere, está aqui! — e Piotr Stepánovitch extraiu do bolso traseiro um maço de folhas de carta amarrotadas. — Amarrotou-se um pouco. Imagine que, desde que mo emprestou, andou sempre no bolso de trás junto ao lenço; esqueci-me dele.

Karmazínov pegou avidamente no manuscrito, examinou-o com cuidado, contou as folhas e pousou-o respeitosamente a seu lado, numa mesinha à parte, para tê-lo sempre debaixo de olho.

— Parece que o senhor não lê muito? — sibilou, incapaz de se conter.

— Não, não leio muito.

— E quanto às obras artísticas russas, nada?

— Obras artísticas russas? Espere, li qualquer coisa... *Pelo caminho...* ou *Para o caminho...* ou *Na encruzilhada*, não me lembro. Há muito que o li, há uns cinco anos. Não tenho tempo.

Seguiu-se uma pausa.

— Quando cá cheguei, convenci-os a todos de que o senhor era um homem extremamente inteligente, e agora, ao que parece, toda a gente aqui está louca pelo senhor.

— Obrigado — respondeu calmamente Piotr Stepánovitch.

Trouxeram o café da manhã. Piotr Stepánovitch atirou-se com grande apetite à costeleta, comeu-a num instante, bebeu o vinho e o café, de duas goladas.

“Este ignorante”, refletia Karmazínov, observando-o de soslaio, mastigando o último pedacinho de carne e engolindo as últimas gotas de vinho, “este ignorante agora já percebeu, pelos vistos, toda a mordacidade da minha frase... Além disso, de certeza que leu avidamente o manuscrito, mas mente de propósito. Mas também é possível que não minta, que seja sinceramente estúpido. Gosto que o homem genial seja um pouco estúpido. Não será ele um gênio entre eles? Aliás, que vá pr’o diabo”.

Levantou-se do divã e pôs-se a passear pelo quarto, de um canto ao outro, à laia de exercício, coisa que fazia sempre depois do café da

manhã.

— Até quando vai ficar cá? — perguntou Piotr Stepánovitch, sentado na poltrona, aacender o cigarro.

— Na verdade, vim apenas para vender a minha herdade e dependo agora do meufeitor.

— Parece que o senhor veio porque, lá, havia o perigo de uma epidemia depois da guerra, não?

— N-não, não foi por isso — continuou o Senhor Karmazínov, espaçando com benevolência as suas frases e, a cada viragem de um canto para o outro, escouceando agilmente com o pezinho direito, só um pouquinho, aliás. — Na verdade — sorriu venenosamente —, tenho a intenção de viver o mais possível. Na fidalguia russa, há a peculiaridade da decrepitude extremamente rápida, em todos os sentidos. Eu, porém, pretendo tornar-me decrépito o mais tarde possível e vou mudar-me para o estrangeiro definitivamente; lá, o clima é melhor, os edifícios são de pedra e é tudo mais sólido. Acho que a Europa se manterá de pé até ao fim da minha vida. O que acha?

— Sei lá.

— Humm. Se, lá, na realidade, Babilônia se desmoronar e a sua queda for grande (nisso estou em perfeito acordo consigo, embora pense que ainda fique de pé durante a minha vida), na nossa Rússia nem sequer temos nada para ruir, comparativamente falando. Não são pedras que vão cair, ficará tudo desfeito em lama. A Santa Rússia é a coisa menos capaz de oferecer resistência seja ao que for. O povo simples ainda está mais ou menos a sobreviver, agarrado ao Deus russo; porém, o Deus russo, de acordo com os últimos dados, é pouco seguro, basta ver-se que mal aguentou a reforma camponesa, ou, pelo menos, cambaleou muito. E depois as estradas de ferro, e depois vocês... Não tenho fé nenhuma no Deus russo.

— E no Deus europeu?

— Em nenhum. Fui caluniado perante a juventude russa. Sempre simpatizei com todos os movimentos da juventude. Mostraram-me os panfletos locais. As pessoas olham para eles com perplexidade, porque se assustam com a sua forma, e no entanto estão convencidas do poder destes panfletos, mesmo inconscientemente. Há muito que todos estão em queda e há muito que sabem que não têm onde se agarrar. Tenho a certeza do êxito desta propaganda misteriosa pelo fato de a Rússia ser agora o lugar do mundo onde tudo pode acontecer, e sem qualquer resistência. Compreendo muito bem por que é que os russos abastados fogem para o estrangeiro, e isso vai aumentando a cada ano que passa. Fazem-no simplesmente por instinto. Quando o naufrágio está iminente, os ratos são os primeiros a fugir do barco. A Santa Rússia é um país de madeira, de miséria e... de perigo, um país que, nas suas camadas superiores, é composto de pobretões vaidosos, e que, na sua maioria esmagadora, vive em isbás de contos de fadas. A Rússia ficará entusiasmada com qualquer saída, seja ela qual for, basta dizer-lhe qual é. Apenas o governo quer ainda resistir, mas brande a clava no escuro e atinge os que lhe são leais. Está tudo condenado, aqui. A Rússia, tal como está, não tem futuro. Tornei-me alemão e considero isso uma honra.

— Não, o senhor começou por falar dos panfletos; então, diga tudo: o que pensa deles?

— Toda a gente tem medo deles, logo são poderosos. Desmascaram frontalmente as mentiras e provam o fato de que aqui, entre nós, não temos a que agarrar-nos e em que apoiar-nos. Quando está tudo calado, os panfletos falam alto. A característica mais esmagadora deles (apesar da forma) é esta coragem, inédita até hoje, de olhar frontalmente para a cara da verdade. Esta capacidade de olhar de frente para a verdade é própria apenas de uma geração russa. Na Europa ainda não existe esta coragem: lá, é o reino da pedra, lá ainda há em que apoiar-se. Pelo que vejo e posso julgar, toda a essência da ideia revolucionária russa consiste na negação da honra. Agrada-me que isso seja expresso com tanta ousadia, tanto destemor. Não, na Europa não vão ainda compreendê-lo, mas entre nós vão agarrar-se

precisamente a isso. Para o homem russo a honra é apenas um fardo inútil. Aliás, sempre foi um fardo, durante toda a sua história. É mais provável atrair o homem russo com o direito aberto à desonra. Pertencço à velha geração e, confesso, ainda defendo a honra, mas apenas por hábito. Gosto tão só das velhas formas, digamos que por pusilanimidade; porque preciso de viver o resto da minha vida de alguma maneira.

De repente, parou.

“Falo, falo...”, pensou, “mas ele fica calado e de atalaia. Veio aqui para que eu lhe fizesse a pergunta direta. Então, faça-lha”.

— Iúlia Mikháilovna pediu-me que, usando de manha, eu o levasse a revelar qual é a surpresa que o senhor está preparando para o baile de depois de amanhã — disse de repente Piotr Stepánovitch.

— Sim, será realmente uma surpresa, vou mesmo espantar toda a gente... — Karmazínov tomou um ar importante. — Mas não lhe direi, é segredo.

Piotr Stepánovitch não insistiu.

— Há aqui um Chátov qualquer? — quis saber o grande escritor. — Imagine, ainda não o vi.

— Uma personalidade excelente. Por quê?

— Por nada, ele fala não sei de quê... Foi ele quem deu a bofetada a Stavróguin?

— Foi.

— E o que pensa o senhor de Stavróguin?

— Não sei; um mulherengo qualquer.

Karmazínov ganhara ódio a Stavróguin porque este tinha o hábito de não lhe prestar qualquer atenção.

— Se alguma vez se realizar aquilo que pregam os panfletos — disse Karmazínov entre risinhos —, esse mulherengo será o primeiro a ser enforcado numa árvore.

— Talvez ainda antes — disse de rompante Piotr Stepánovitch.

— Ainda bem — apoiou Karmazínov, já sem se rir, antes com um ar demasiadosério.

— O senhor já disse isso uma vez, e eu, por acaso, transmiti-lho.

— Como? É verdade que lho transmitiu? — voltou a rir-se Karmazínov.

— Respondeu que, se ele merecia ser enforcado, para o Senhor Karmazínov bastava ser açoitado, não formalmente, mas com dor física, como se açoitam os mujiques.

Piotr Stepánovitch pegou no chapéu e levantou-se. Karmazínov, à despedida, estendeu-lhe ambas as mãos.

— E se — piou de repente, com voz melíflua e uma entoação muito especial, segurando ainda as mãos do outro nas suas —, e se se realizar de fato aquilo... que estão planejando... quando poderá ser?

— Sei lá quando — respondeu Piotr Stepánovitch num tom um pouco grosseiro. Olhavam-se fixamente nos olhos.

— Mais ou menos. Quando, aproximadamente? — O piar de Karmazínov era ainda mais melífluo.

— Ainda vai ter tempo de vender a herdade e de se esgueirar daqui — murmurou Piotr Stepánovitch ainda com mais grosseria. Eram ainda mais penetrantes os olhares que cravavam um no outro.

Um minuto de silêncio.

— Começará no início de maio próximo e acabará no princípio de outubro — dissede rompante Piotr Stepánovitch.

— Agradeço-lhe encarecidamente — disse Karmazínov em voz sentida, apertando-lhe as mãos.

“Ainda terás tempo de fugir do barco, sua ratazana!”, pensava Piotr Stepánovitch quando saía para a rua. “Bem, se este ‘intelecto quase estatal’ pergunta com tantaconvicção sobre o dia e a hora, e agradece com tanto respeito a informação, então e nós? Neste caso, como podemos duvidar de nós mesmos? — (Sorriu). — Hum. Realmente, o homem não é bobo e... não passa de uma ratazana a mudar de casa; não fará denúncias!”.

E correu para a Rua Bogoiavlênskaia, para o prédio de Filíppov.

VI

E ntrou primeiro no apartamento de Kiríllov. Kiríllov estava sozinho e fazia ginástica no meio do quarto, ou seja, de pernas afastadas, girava os braços por cima da cabeça de forma especial. No chão, uma bola. Na mesa, por levantar, estava o chá matinal, já frio. Piotr Stepánovitch ficou um minuto à porta a olhar.

— O senhor cuida bem da sua saúde — disse alto e alegremente, entrando. — Que linda bola! E como salta! Também é para a ginástica?

Kiríllov vestiu a sobrecasaca.

— Sim, também para saúde — murmurou secamente. — Sente-se.

— Vim só por um minuto. Ou antes, vou sentar-me. Saúde é saúde, mas vim cá para lhe recordar o nosso acordo. Aproxima-se, “em certo sentido”, a hora — concluiu sem jeito.

— Qual acordo?

— Qual acordo como? — agitou-se Piotr Stepánovitch, até assustado.

— Nem acordo nem obrigação, com nada não me comprometi, o senhor está enganado.

— Ouça, o que pensa que está fazendo? — Piotr Stepánovitch saltou do lugar.

— Faço de acordo com minha vontade.

— Como?

— A anterior.

— Como devo entender isso? Significa que o senhor mantém a mesma ideia?

— Significa. Só que acordo nenhum não há nem houve, não me comprometi com nada. Foi apenas minha vontade e continua a ser.

Kiríllov falava bruscamente, como que repugnado.

— De acordo, de acordo, que seja a sua vontade a mandar, mas seria bom que essa vontade não mudasse. — Piotr Stepánovitch voltou a sentar-se, já com um ar satisfeito.— O senhor zanga-se por causa das palavras. Nos últimos tempos, tem estado zangado demais, e é por isso que tenho evitado visitá-lo. No entanto, sempre tive a certeza de que não nos trairia.

— Não gosto nada do senhor, mas pode estar seguro. Embora eu não reconheça traição e não traição.

— Entretanto, ouça — precipitou-se de novo Piotr Stepánovitch —, devemos falar a sério para não haver confusões. O assunto precisa de exatidão, mas o senhor não deixa de me espantar. Posso falar?

— Fale — cortou Kiríllov, olhando para um canto.

— Há muito que o senhor decidiu suicidar-se... ou seja, que tem essa ideia. Exprimi-me bem? Não errei?

— Continuo a ter esta ideia.

— Ótimo. Repare que ninguém o constrangeu.

— Claro. Estúpido o que diz.

— Seja, seja, exprimi-me de forma muito estúpida. Sem dúvida que seria uma estupidez forçá-lo a fazer isso. Continuo: o senhor era membro da organização ainda no tempo das velhas estruturas e, naquela altura, fez confidências a um dos membros.

— Confidências não, disse-lhe simplesmente.

— Seja. Também seria ridícula uma confissão neste caso. Que confissão? Simplesmente, disse-lhe; ótimo.

— Não, ótimo não, porque o senhor não fala, mastiga palavras. Contas nenhuma não lhe devo, não pode compreender minhas ideias. Quero acabar com minha vida porque tenho a ideia, porque não quero ter medo da morte, porque... porque neste assunto o senhor não tem nada que saber... O quê? Quer chá? Está frio. Trago outro copo.

Efetivamente, Piotr Stepánovitch pegara no bule e procurava uma xícara vazia. Kiríllov foi ao armário e tirou um copo limpo.

— Acabei de tomar o café da manhã com Karmazínov — observou o visitante —, depois fiquei ouvindo-o falar e transpirei, depois vim correndo até aqui e também transpirei, tenho muita sede.

— Beba. Chá frio bom.

Kiríllov voltou a sentar-se na cadeira e a espetar o olhar num canto.

— Na organização surgiu ideia — continuou ele no mesmo tom — de minha morte poder ser útil e, quando aqui vocês fizerem asneira e forem procurados os culpados, eu mato-me e deixo carta dizendo que fiz tudo sozinho e, durante um ano inteiro, não suspeitará de vocês ninguém.

— Nem que sejam alguns dias; mesmo um só dia já é valioso.

— Está bem. Neste sentido, que eu esperasse se estivesse de acordo, disseram-me. Disse que esperava até a organização dizer prazo porque para mim é igual.

— Pois, mas lembre-se de que o senhor assumiu a obrigação de, ao redigir a sua carta final, o fazer apenas comigo e que, chegado à Rússia, ficaria ao meu... enfim, às minhas ordens, apenas no que diz respeito a essa ocasião, evidentemente, já que em tudo o resto o senhor é livre — acrescentou Piotr Stepánovitch quase amavelmente.

— Obrigação nenhuma. Concordei apenas porque me é indiferente.

— Excelente, excelente, não tenho qualquer intenção de ferir o seu amor-próprio, mas...

— Não é amor-próprio.

— Mas lembre-se de que fizeram uma coleta de cento e vinte táleres²¹⁹ para a suaviagem, o que significa que o senhor cobrou dinheiro.

— Nada disso — corou Kiríllov —, dinheiro não foi para isso. Para isso não se cobra dinheiro.

— Às vezes, cobra-se.

— Mente. Fiz declaração em carta que mandei de Petersburgo, e em Petersburgo paguei-lhe cento e vinte táleres, em mão... para serem enviados, só se o senhor não os mandou...

— Está bem, está bem, não vou discutir, foram enviados. O principal é que o senhormantenha as mesmas ideias.

— As mesmas. O senhor vem e diz “é hora”, e eu cumpro. Será em breve?

— Dentro de poucos dias... Mas, lembre-se, temos de fazer a carta juntos, na própria noite.

— Nem que seja de dia. O senhor disse que devo assumir responsabilidade por panfletos?

— E por mais algumas coisas.

— Não me responsabilizo por tudo.

— E por que não se responsabiliza? — alarmou-se de novo Piotr Stepánovitch.

— Pelo que não quero, não me responsabilizo; e chega. Não falo mais disso, nãoquero.

Piotr Stepánovitch conteve-se e mudou de conversa.

— Outra coisa — informou —, hoje à noite reunirá com os nossos. É o dia do santo de Virguínski, e a reunião é sob este pretexto.

— Não quero.

— Por favor, vá. É preciso. É preciso impressionar pelo número dos presentes e pelas caras... O senhor tem... numa palavra, tem um rosto fatal.

— Acha? — riu-se Kirílov. — Está bem, vou; mas não para mostrar cara. Quando?

— Oh, o mais cedo possível, às seis e meia. Sabe, pode entrar, sentar-se e não falar com ninguém, esteja lá quem estiver. Mas não se esqueça

de levar papel e lápis.

— Para quê?

— Não lhe custa nada, é um pedido meu especial. Fica lá sentadinho, sem falar com ninguém e, de vez em quando, escreve qualquer coisa, como se tirasse apontamentos; ou então, pura e simplesmente, desenha qualquer coisa.

— Absurdo. Para quê?

— Já que não lhe faz diferença; não disse que lhe era indiferente?

— Não, mas para quê?

— Porque o inspetor da organização não sai de Moscou; mas eu, entretanto, anunciei, apenas a algumas pessoas, que talvez o inspetor viesse; então, vão pensar que o senhor é o inspetor e, como já está cá há três semanas, ficarão ainda mais surpreendidos.

— Malabarismos. Não há nenhum inspetor em Moscou.

— Bem, mesmo que não haja, que se amole, o que é que isso lhe importa e que trabalho lhe dá? O senhor mesmo é membro da organização.

— Diga-lhes que sou inspetor; fico lá sentado e calado, mas não quero papel e lápis.

— Mas por quê?

— Não quero.

Piotr Stepánovitch enraiveceu-se a ponto de ficar esverdeado, mas de novo se conteve. Levantou-se e pegou no chapéu.

— *Aquele* está cá consigo? — perguntou a meia-voz.

— Está.

— Ótimo. Em breve tiro-o daqui, fique descansado.

— Estou descansado. Apenas dorme cá. A velha no hospital, a nora morreu; há dois dias sozinho, eu. Mostrei-lhe um lugar na cerca onde se tira tábua; entra por lá, ninguém vê.

— Em breve o tirarei daqui.

— Tem muitos lugares para pernoitar, diz ele.

— Mentira, andam atrás dele, mas, por enquanto, aqui ninguém o encontra. Conversa com ele?

— Sim, noites a fio. Fala muito mal a seu respeito. Apocalipse, à noite, li eu para ele, e chá. Ouviu com atenção, muita, toda a noite.

— Oh, diabo, vai convertê-lo ao cristianismo!

— Ele já cristão. Não se preocupe, ele matará. O senhor quem quer matar?

— Não, não é para isso que preciso dele, é para outra coisa... O Chátov sabe doFedka?

— Não falo com Chátov nem vejo.

— Zangados?

— Não, zangados não, apenas costas viradas. Muito tempo juntos deitados no chão, na América.

— Vou vê-lo agora.

— Como queira.

— Eu e o Stavróguin talvez passemos por sua casa depois, por volta das dez...

— Venham.

— Preciso de falar com ele de uma coisa importante... Ouça, ofereça-me a sua bola; aliás, para que precisa dela agora? Também vou fazer ginástica. Se quiser, pago-lha.

— Não é preciso, leve.

Piotr Stepánovitch meteu a bola no bolso de trás.

— Não lhe darei nada contra Stavróguin — sussurrou Kiríllov para as costas do visitante que saía. Este olhou para ele com espanto, mas não respondeu.

As últimas palavras de Kiríllov deixaram Piotr Stepánovitch sobremaneira confuso; ainda não tivera tempo de as analisar mas, ao subir para a casa de Chátov, conseguiu substituir a expressão desagradada da sua fisionomia por uma carinhosa. Chátov estava em casa, adoentado. Estava deitado, mas vestido.

— Que azar! — exclamou Piotr Stepánovitch ainda à porta. — Está muito doente?

Desapareceu-lhe subitamente do rosto a expressão carinhosa; qualquer coisa demaldoso lhe cintilou nos olhos.

— Nada disso — soergueu-se Chátov muito depressa, nervoso. — Não estou doente, só a cabeça...

Estava até confuso; o aparecimento inesperado do visitante assustou-o.

— Vim tratar de um assunto em que a doença é um empecilho — começou Piotr Stepánovitch muito rapidamente e num tom como que

autoritário. — Permita que me sente — (sentou-se) —, e o senhor volte a sentar-se também na sua cama, assim mesmo. Hoje, sob o pretexto do aniversário de Virguínski, os nossos reúnem-se em casa dele; aliás, foram tomadas medidas para que não sejam necessários outros cuidados. Eu também vou, com Nikolai Stavróguin. Quanto ao senhor, não o obrigaria a ir, tendo em conta o seu modo de pensar atual... ou seja, no sentido de não o atormentar obrigando-o a ir, e não porque pensemos que possa denunciar-nos. Mas acontece que tem de ir. Encontrará lá pessoas com quem teremos de, definitivamente, decidir de que maneira o senhor poderá abandonar a organização e a quem entregará aquilo que tem em sua posse. Faremos tudo de maneira imperceptível. Eu ponho o senhor num canto; vai estar lá muita gente, não vale a pena que todos saibam. Confesso que foi difícil assumir a sua defesa; mas agora parece que estão todos de acordo, com a condição, evidentemente, de o senhor entregar a tipografia e todos os papéis. Depois pode ir para onde muito bem entender.

Chátov ouvia-o, carrancudo e raivoso. O susto recente já o abandonara por completo.

— Não reconheço como minha obrigação prestar contas a ninguém — disse, resoluto —, ninguém tem direito de me conceder, ou não, a liberdade.

— Não é bem assim. Foi-lhe confiada muita coisa. Não tem o direito de romper assim, sem mais nem menos. Além disso, nunca o declarou claramente, criando uma situação que, para eles, é ambígua.

— Mal cheguei cá, declarei-o por carta, claramente.

— Não foi assim tão claramente — replicou com calma Piotr Stepánovitch. — Por exemplo, mandei-lhe a *Alma luminosa* para que a imprimisse aqui e guardasse os exemplares algures em sua casa; e também dois panfletos. Devolveu tudo com uma carta ambígua e sem significado.

— Recusei frontalmente imprimi-los.

— Recusou-se, mas não frontalmente. Escreveu: “Não posso”, mas não explicou a razão. “Não posso” não significa “não quero”. Dava a ideia de que não podia por razões simplesmente materiais. Foi assim que eles o entenderam, e acharam que o senhor estava de acordo em continuar colaborando com a organização, e assim, se eles lhe confiassem mais qualquer tarefa, podiam comprometer-se. Eles pensam que o senhor, pura e simplesmente, queria enganá-los, obter qualquer informação importante para depois fazer a denúncia. Eu defendi-o com unhas e dentes e mostrei-lhes as duas linhas da sua resposta por escrito como um documento a seu favor. Mas tenho de confessar que agora, ao relê-las, as suas duas linhas parecem vagas e induzem em erro.

— Guardou essa carta assim com tanto cuidado?

— Não faz mal que a tenha guardado e que continue a tê-la em minha posse.

— Que seja assim, còs diabos!... — gritou Chátov com fúria. — Que os seus imbecis achem que fiz uma denúncia, quero lá saber! Gostaria de saber o que senhores podem fazer-me!

— Ficaria marcado e, com o primeiro êxito da revolução, enforcado.

— Quando conquistarem o poder supremo e dominarem a Rússia?

— Não se ria. Eu defendi-o, repito. Seja como for, aconselho a que apareça lá hoje. Para que tantas palavras ocas por um falso orgulho qualquer? Não será melhor despedir-se amigavelmente? De qualquer maneira, terá de entregar a máquina e os papéis, e é disso que falaremos.

— Está bem, eu vou — resmungou Chátov, baixando a cabeça, pensativo. PiotrStepánovitch observava-o de soslaio, continuando sentado.

— Stavróguin vai estar lá? — perguntou bruscamente Chátov, levantando a cabeça.

— Sem falta.

— Eh, eh!

Voltaram ao silêncio por um bom minuto. Chátov sorria para si mesmo com repulsa e irritação.

— E essa vossa *Alma luminosa* ignóbil, que eu não quis imprimir, foi editada?

— Foi.

— Para convencer os colegas de que foi o próprio Herzen quem a escreveu no seu álbum?

— O próprio Herzen.

Voltaram a ficar calados, por mais uns três minutos. Por fim, Chátov levantou-se dacama.

— Vá-se embora daqui, não quero continuar na sua companhia.

— Vou — disse Piotr Stepánovitch numa espécie de tom alegre, levantando-se de imediato. — Só uma coisa: parece que o Kiríllov, agora, está sozinho no seu anexo, sem criada?

— Sozinho, sim. Vá-se embora daqui, não posso estar consigo no mesmo quarto.

“Agora estás como deve ser!”, pensava Piotr Stepánovitch com alegria, ao sair para a rua. “À noite, também estarás como deve ser, tal como eu preciso que estejas, não há nada melhor, nada melhor! O próprio Deus russo está dando uma mãozinha!”

VII

Foi um dia muito atarefado, de correrias de um lado para o outro, e, pelos vistos, um dia coroado de êxito, o que se refletia na expressão alegre da sua fisionomia quando ao fim da tarde, às seis horas em ponto, chegou à casa de Nikolai Vsevolodovitch. Porém, não o deixaram entrar de imediato, porque chegara Mavríki Nikoláevitch, o qual se encontrava, havia pouco, no gabinete de Nikolai Vsevolodovitch, à porta fechada. A situação deixou Piotr Stepánovitch preocupado. Sentou-se perto da porta do gabinete, esperando pela saída do visitante. Ouviam-se uns sons indefinidos, mas não era possível distinguir as palavras. A visita não durou muito; não passou muito tempo e ouviu-se um barulho, uma voz que soava muito alta e brusca e, logo a seguir, abriu-se a porta e saiu Mavríki Nikoláevitch com uma cara muito pálida. Não reparou em Piotr Stepánovitch e passou-lhe apressadamente ao lado. Piotr Stepánovitch entrou logo no gabinete.

Não posso omitir o relato pormenorizado deste encontro, curtíssimo, dos dois “rivais” — encontro que, pelos vistos, era inconcebível nas atuais circunstâncias mas que, no entanto, se realizou.

Aconteceu assim: Nikolai Vsevolodovitch dormitava no seu gabinete, no canapé, depois do almoço, quando Aleksei Egórovitch anunciou a chegada do visitante inesperado. Ao ouvir o nome, Nikolai Vsevolodovitch, não querendo acreditar, até saltou do canapé. Logo a seguir, porém, abriu-se nos seus lábios um sorriso de triunfo altivo e, ao mesmo tempo, de espanto estúpido e desconfiado. Mavríki Nikoláevitch, ao entrar, pareceu ficar espantado com a expressão de tal sorriso; pelo menos, parou de súbito a meio da sala, como que indeciso: avançava ou voltava para trás? O dono da casa mudou num repente de expressão e, com ar de séria perplexidade, deu um passo de encontro ao outro. Este não apertou a mão que lhe era estendida, pegou desajeitadamente numa cadeira e, sem dizer palavra, sentou-se antes do dono da casa e sem esperar pelo convite. Nikolai

Vsevolodovitch sentou-se no sofá e, examinando Mavríki Nikoláevitch, ficou à espera em silêncio.

— Se puder, case-se com Lisaveta Nikoláevna — disparou de repente Mavríki Nikoláevitch, e o mais curioso era ficar perfeitamente incompreensível, pela sua entoação, o que era aquilo: se um pedido, se uma recomendação, se uma cedência, se uma ordem.

Nikolai Vsevolodovitch continuava calado; entretanto, o visitante já dissera pelos vistos o que tinha a dizer e olhava fixamente, à espera da resposta.

— Se não me engano (aliás, é absolutamente certo), Lisaveta Nikoláevna já é sua noiva — disse finalmente Stavróguin.

— É minha noiva e já foram marcadas as núpcias — confirmou clara e firmemente Mavríki Nikoláevitch.

— Vocês... zangaram-se?... Desculpe, Mavríki Nikoláevitch.

— Não, “gosta de mim e respeita-me”, segundo as palavras dela. As palavras dela são as mais preciosas.

— Sem dúvida.

— Mas fique sabendo que, se o senhor a chamar quando ela estiver no altar e já com a coroa sobre a cabeça, abandona-me e abandona toda a gente e vai-se embora consigo.

— Do altar?

— E depois do altar.

— Não estará enganado?

— Não. Por detrás do ódio permanente que ela mostra pelo senhor, um ódio sincero e total, brilha a cada instante o amor e... a loucura... o mais sincero e incomensurável amor e... a loucura! E, pelo contrário,

por detrás do amor que sente por mim, também sincero, brilha a cada instante o ódio... um grande ódio! Nunca antes eu poderia imaginar todas estas... metamorfoses!

— O que me espanta, no entanto, é que o senhor possa vir cá para tomar decisões no que respeita à mão de Lisaveta Nikoláevna. Acha que tem o direito de o fazer? Ou foi ela quem o encarregou disso?

Mavríki Nikoláevitch carregou o sobrolho e, por um instante, baixou a cabeça.

— São apenas palavras ocas da sua parte — disse de repente —, palavras vingativas e triunfais, pois tenho a certeza de que o senhor compreende o que está entre linhas. Haverá aqui lugar para uma vaidade tão mesquinha? Não lhe basta a satisfação? Acha que é preciso continuar mastigando tudo isto, pôr os pingos nos is? Está bem, eu posso pôr pingos nos is, já que o senhor precisa tanto da minha humilhação: não tenho o direito de fazer isto, e ser encarregado disto por ela era impossível; Lisaveta Nikoláevna não sabe nada, e o noivo dela perdeu o que lhe restava de razão e merece ser metido no manicômio e, para cúmulo, vim pessoalmente anunciar-lhe este fato. Em todo o mundo, o senhor é o único que pode fazê-la feliz, e eu sou o único que pode fazê-la desgraçada. O senhor luta por ela, persegue-a, mas, não sei por quê, não se casa com ela. Se se trata de uma zanga de namorados, que aconteceu no estrangeiro, e se, para acabar com esta zanga, for necessário sacrificar-me, pois sacrifique-me. Ela é demasiado infeliz, e eu não posso suportar isso. Estas minhas palavras não são uma autorização nem uma prescrição, por isso não podem ferir o seu amor-próprio. Se o senhor quisesse ocupar o meu lugar no altar, poderia fazê-lo sem qualquer autorização da minha parte, e não haveria com certeza necessidade de eu vir ter consigo com esta loucura. Ainda por cima, depois deste meu gesto, o nosso casamento torna-se absolutamente impossível. Como posso levá-la ao altar sendo um velhaco? O que estou fazendo aqui, o fato de vir aqui entregar-lha, ao senhor, que é talvez o mais irreconciliável inimigo dela, é uma ignomínia tal, na minha opinião, que não a suportarei.

— Vai matar-se a tiro na hora do nosso casamento?

— Não, muito mais tarde. Para que iria sujar com o meu sangue o vestido de noiva dela? Ou talvez nunca me mate, nem agora, nem mais tarde.

— Ao dizer isto, o senhor, pelos vistos, quer acalmar-me, não?

— Acalmá-lo? O que pode significar para o senhor mais um salpico de sangue?

Empalideceu, cintilaram-lhe os olhos. Seguiu-se uma pausa de um minuto.

— Desculpe-me as perguntas que lhe fiz — recomeçou Stavróguin —, não tinha odireito de lhe fazer algumas delas, mas há uma que, parece-me, tenho todo o direito de lhe fazer. Diga-me: que indícios o levaram a tirar a conclusão que tirou sobre os meus sentimentos para com Lisaveta Nikoláevna? Falo daquela força de sentimentos de que o senhor tem tanta certeza que veio cá e... se arriscou a fazer-me esta proposta.

— Como? — Mavríki Nikoláevitch até estremeceu um pouco. — Então o senhor não anseia pela mão dela? Nunca ansiou nem pretende ansiar?

— Tenho como regra não falar com terceiros sobre os meus sentimentos por qualquer mulher; não posso falar disso com ninguém a não ser essa mulher. Desculpe, é uma particularidade do meu organismo. Mas quanto ao restante, digo-lhe toda a verdade: já sou casado, não me é possível “ansiar pela mão” de ninguém ou casar-me.

Mavríki Nikoláevitch ficou tão espantado que recuou as costas, colando-as ao espaldar da poltrona e, durante algum tempo, ficou com os olhos fixos na cara de Stavróguin.

— Imagine, nunca pensei que fosse assim — murmurou. — O senhor, naquela manhã, disse que não era casado... e eu acreditei...

Empalidecia cada vez mais. De repente, bateu com o punho na mesa com toda aforça.

— Se o senhor, depois desta confissão, não deixar Lisaveta Nikoláevna em paz e a fizer infeliz, mato-o à paulada como a um cão vadio!

Saltou do lugar e saiu rapidamente da sala. Piotr Stepánovitch, ao irromper pelogabinete, foi encontrar Stavróguin num estado de espírito muito inesperado.

— Ah, ah, é o senhor! — e Stavróguin desatou às gargalhadas; ao que parecia, era a própria figura de Piotr Stepánovitch, irrompendo com aquela curiosidade vertiginosa, que o fazia rir. — Estava à porta a escutar? Espere, o que o traz cá? Prometi-lhe algumacoisa... Ah, pois! Lembro-me: reunir com “os nossos”! Vamos, com muito prazer, neste momento não podia ter inventado nada mais a propósito.

Pegou no chapéu e saíram ambos de casa.

— Está rindo-se antecipadamente por ir encontrar-se com “os nossos”? — Piotr Stepánovitch rodopiava alegremente, tentando manter-se ao lado do seu companheiro na estreita calçada de tijolo, ora descendo para a calçada, diretamente para a lama, ora subindo, porque o seu companheiro nem reparava que ia pelo meio, ocupando-o sozinho.

— Não me estou rindo disso — respondeu Stavróguin, alto e animadamente —, pelo contrário, estou convencido de que vai lá estar gente muito séria.

— Uns “lorpas sombrios”, como o senhor se exprimiu uma vez.

— Às vezes, não há nada mais divertido do que um lorpa sombrio.

— Ah, ah, está referindo-se a Mavríki Nikoláevitch! Tenho a certeza de que veio cá para ceder-lhe a noiva, não? Fui eu quem, indiretamente, o incitou a isso, pode imaginar? E se não lha ceder, levar-lha-emos nós, não é verdade?

Ao entrar nestes malabarismos, Piotr Stepánovitch sabia certamente que corria um risco, mas, quando se exaltava, antes preferia rebentar com a banca do que ficar na dúvida. Nikolai Vsevolodovitch limitou-se a rir.

— Ainda tenciona ajudar-me? — perguntou.

— Se me chamar. Mas, sabe, há uma maneira que é a melhor.

— Conheço bem a sua maneira melhor.

— Não, ainda é segredo. Mas não se esqueça de que o segredo custa dinheiro.

— Também sei quanto custa — resmungou Stavróguin para os seus botões, mas conteve-se e não continuou.

— Quanto custa? O que disse o senhor? — agitou-se Piotr Stepánovitch.

— Disse: vá pr'o diabo com o seu segredo! Diga-me antes quem é que vai lá estar. Sei que vamos a uma festa de aniversário, mas quem serão os convidados?

— Oh, indivíduos de todo o gênero! Inclusive o Kiríllov.

— Membros das células?

— Diabo, está com demasiada pressa! Aqui, ainda não se formou célula nenhuma.

— Então como conseguiu espalhar tantos panfletos?

— Na casa aonde vamos há apenas quatro membros de uma célula. Os outros estão à espera e espiam-se uns aos outros constantemente e fazem-me relatórios. É gente segura. Tudo material que é preciso organizar, e depois damos o fora. Aliás, foi o senhor quem redigiu os estatutos, não é preciso explicar-lhe nada.

— A coisa não anda bem, é? Marca passo?

— Está tudo correndo muito bem, é fácil. Digo-lhe uma coisa cômica: o que tem maior influência é a farda. Não há nada com mais força do que uma farda. Invento expressamente patentes e cargos: tenho secretários, agentes secretos, tesoureiros, presidentes, registradores, ajudantes de registrador... Eles gostam muito e a coisa pegou muito bem. Outra força é, evidentemente, o sentimentalismo. Fique sabendo que, entre nós, o socialismo se propaga sobretudo por sentimentalismo. Mas há aqui um perigo: esses segundos-tenentes que mordem, de vez em quando também nos calham desses. Depois, há os vigaristas puros e simples; estes, acho eu, são boa gente e às vezes são muito úteis, só que se gasta muito tempo com eles, é preciso vigiarmos constantemente. Finalmente, a força principal, o cimento que liga tudo, e que é a vergonha de ter opinião própria. Esta é uma força maravilhosa! Quem foi o querido que fez isso, quem trabalhou a coisa de tal maneira, que fez com que não ficasse em nenhuma cabeça uma ideia própria? Eles acham vergonhoso alguém ter uma ideia individual.

— Se é assim, por que se atarefa tanto?

— Bem, é que uma coisa, uma vez que está à vista, mesmo à mão, como é possível não ser roubada? Será que o senhor não acredita mesmo que o êxito seja possível? Há fé, mas é preciso ter também a vontade. É precisamente com esta gente que é possível o êxito. Esta gente atirar-se-á para o fogo, digo-lho eu, basta gritar-lhe que é insuficientemente liberal. Os parvalhões censuram-me por eu ter enganado toda a gente local com isto do comitê central e das “inúmeras ramificações”. O senhor mesmo, uma ocasião, criticou-me

por isso. Mas onde está o engano? O comitê central sou eu e o senhor e, quanto às ramificações, havê-las-á, quantas quisermos.

— E à base desses canalhas!

— É o material. Também são úteis.

— Ainda continua a contar comigo?

— O senhor é o chefe, é a força; quanto a mim, fico de lado, como secretário. Sentamo-nos na barca, remos de ácer, velas de seda, na popa está a linda moça, Lisaveta Nikoláevna... ou, como se canta naquela canção lá deles...

— Atrapalhou-se! — riu-se Stavróguin. — Não, vou contar-lhe um adágio ainda melhor. O senhor conta pelos dedos as forças de que se compõem as células? Todas essas patentes e esses sentimentalismos são uma cola nada má, mas existe uma coisa ainda melhor: instigue quatro membros de uma célula a que matem o quinto, sob o pretexto de que ele pode delatar; pois bem, com o sangue derramado ata-os a todos como que num molho. Ficarão seus escravos, não se atreverão a revoltar-se e a pedir contas. Ah, ah, ah!

“Olha, olha... tens de me pagar por essas palavras”, pensou Piotr Stepánovitch, “esta noite mesmo. Estás dando-te liberdade a mais”.

Era assim, ou quase, que devia refletir Piotr Stepánovitch. Entretanto, já se aproximavam da casa de Virguínski.

— O senhor, com certeza, apresentou-me lá como um militante do estrangeiro, ligado à *Internationale*, um inspetor? — perguntou de rompante Stavróguin.

— Inspetor não; o inspetor será outro; o senhor é o membro fundador da organização no estrangeiro que conhece os segredos mais importantes... é esse o seu papel. Vai fazer um discurso, é claro?

— Como assim?

— Tem obrigação de falar.

Stavróguin até parou, espantado, no meio da rua, perto do lampião. Piotr Stepánovitch aguentou o seu olhar com calma e ousadia. Stavróguin cuspiu e seguiu caminho.

— E o senhor também vai falar? — perguntou ele, de repente, a Piotr Stepánovitch.

— Não, vou ouvir o seu discurso.

— Ah, còs diabos! O senhor está, realmente, a dar-me uma ideia!

— Que ideia? — agitou-se Piotr Stepánovitch.

— Eu falo, lá, tudo bem, só que depois dou-lhe uma sova, uma boa sova, fiquesabendo.

— A propósito, há pouco eu disse a Karmazínov que o senhor, supostamente, tinha dito que ele merecia ser açoitado, e não formalmente, mas a sério, como se açoita um mujique.

— Mas eu nunca disse isso, ah, ah!

— Não faz mal. *Se non è vero...*

— Obrigado, agradeço sinceramente.

— Sabe o que disse Karmazínov? Que, na essência, a nossa doutrina é a negação da honra e que com o direito aberto à desonra é mais fácil atrair o homem russo.

— Excelentes palavras! Palavras de ouro! — exclamou Stavróguin. — Em cheio! O direito à desonra... Toda a gente correrá a juntar-se a nós, ninguém ficará do outro lado! Ouça, Verkhovênski, o senhor não é agente da polícia central?

— Quem tem na cabeça estas perguntas não as faz em voz alta.

— Compreendo, mas estamos entre os nossos.

— Não, por enquanto não sou da polícia central. Bem, já chegamos. Crie a sua fisionomia, Stavróguin; eu crio sempre a minha quando entro lá. O máximo de soturnidade, só isso, não é preciso mais nada; é uma coisa muito simples.

7 - Entre os nossos

I

Virguínski vivia em casa própria, ou seja, em casa da sua mulher, na Rua Muraviínaia. A casa era de um piso, de madeira, e não tinha inquilinos. Sob o pretexto do aniversário do dono da casa, reuniram-se lá umas quinze pessoas, mas a festa nada tinha da habitual festinha provinciana de aniversário. Logo no início da sua vida conjugal, o casal Virguínski decidira, de uma vez por todas, que era uma estupidez convidar-se pessoas nos dias de aniversário e que, além disso, “não havia razões de alegria”. Em poucos anos, conseguiram isolar-se por completo da sociedade. O Senhor Virguínski, embora fosse um homem com certas capacidades e não fosse um “pobretão qualquer”, era visto por toda a gente como um esquisito que ganhara o gosto da solidão e que, além disso, falava “com altivez”. A Madame Virguínskaia bastava ter a profissão de parteira para, só por isso, já ocupar o degrau inferior da escada social; estava mais abaixo do que a mulher do pope,²²⁰ apesar de o marido da Virguínskaia ter a patente de oficial. Porém, não se manifestava nela a humildade adequada à sua situação. Ora, depois do caso amoroso, estúpido e imperdoavelmente público com um vigarista qualquer, ou seja, o Capitão Lebiádkin, até as mais condescendentes das nossas damas lhe viraram as costas com um desprezo notório. Madame Virguínskaia, porém, encarou tudo como se fosse exatamente disso que precisava. Era curioso ver como as mesmas senhoras severas, em caso de estado interessante,²²¹ recorriam logo que possível a Arina Prokhorovna (ou seja, à Virguínskaia), contornando as restantes três parteiras da cidade. Chamavam-na até do resto do distrito, para prestar assistência às proprietárias rurais, a tal ponto as pessoas acreditavam na sua perícia, sorte e capacidade nos casos decisivos. Acabou por praticar exclusivamente nas casas ricas:

gostava do dinheiro até à avidez. Ao sentir a plenitude da sua força, deixou de conter o seu caráter. Talvez fosse mesmo de propósito que, nas casas nobres, assustava as parturientes de nervos fracos com um ou outro esquecimento niilista e inédito das conveniências, chegando a gozar com o “sagrado”, e precisamente naqueles momentos em que o “sagrado” poderia ser útil. O nosso médico militar Rózanov, que também era obstetra, testemunhou que uma vez, quando a parturiente vociferava de sofrimento e evocava o todo-poderoso nome de Deus, foi precisamente um dos livres-pensamentos de Arina Prokhorovna, súbito como “um tiro de espingarda”, que, ao pregar um grande susto à parturiente, contribuiu para acelerar o parto. No entanto, embora niilista, Arina Prokhorovna, quando era preciso, não desdenhava os hábitos de sociedade nem os costumes antigos e preconceituosos se isto lhe trouxesse vantagens. Por exemplo, nunca na vida deixaria de presenciar o batismo do bebê a cujo nascimento assistira, aparecendo de vestido verde com cauda, fazendo caracóis e anéis na sua cuia, apesar de, em outras ocasiões, chegar ao ponto de ter prazer no seu próprio desleixo. Também, embora durante o sacramento mantivesse sempre “um ar muito descarado”, para embaraçar o clero, quando o rito terminava não se coibia de servir ela mesma o champanhe (era para isso que ia e se ataviava), e ninguém se atreveria, ao pegar no copo, a esquivar-se a dar-lhe alguma coisa “para as papas”.²²²

Os convidados reunidos em casa de Virguínski tinham um ar casual e como que alheado. Não havia petiscos nem cartas. No meio da grande sala de estar, forrada com um papel de parede azul-claro muito velho, tinham juntado duas mesas cobertas por uma toalha grande, não muito limpa, aliás, e em cima delas ferviam dois samovares. Uma enorme bandeja com vinte e cinco copos e um cesto com pão branco francês normal, cortado em muitas fatias, como nos internatos para educandos nobres do sexo feminino e masculino, ocupavam uma extremidade da mesa. Servia o chá uma menina de trinta anos, irmã da dona da casa, loira e sem sobrancelhas, uma criatura taciturna e venenosa, mas partidária das novas ideias e de quem o próprio Virguínski tinha muito medo na vida doméstica. Havia na sala três senhoras: a dona da casa, a sua irmãzinha sem sobrancelhas e a irmã

de Virguínski, a menina Virguínskaia, acabada de chegar de Petersburgo. Arina Prokhorovna, uma senhora vistosa de vinte e sete anos, de aparência mais ou menos bonita, um pouco desgrenhada, envergando um vestido cotidiano de lã de matiz esverdeado, estava sentada e passava o olhar intemorato pelos convidados, um olhar que parecia dizer: “Estão vendo como não tenho medo de nada?”. A recém-chegada menina Virguínskaia, também nada feia, estudante e niilista, fartinha e redondinha como uma bola, com umas bochechas muito coradas e uma estatura baixinha, acomodou-se ao lado de Arina Prokhorovna, vestindo ainda a sua roupa de viagem, com um embrulho de papéis na mão, observando os convidados com os olhos saltitantes e impacientes. Quanto a Virguínski, estava esta noite um pouco adoentado, mas compareceu e sentou-se na poltrona ao pé da mesa do chá. Todos os outros convidados estavam também sentados, e era na disposição cerimoniosa das cadeiras à volta da mesa que se pressentia uma reunião. Pelos vistos, todos estavam à espera de qualquer coisa, falando no entanto, em voz alta, de coisas alheias à reunião. Quando apareceram Stavróguin e Verkhovênski, toda a gente se calou de repente.

Concedo-me porém a liberdade de dar alguns esclarecimentos.

Penso que todos aqueles senhores se tinham reunido com a agradável expectativa de ouvirem alguma coisa muito curiosa, até porque tinham sido avisados disso. Representavam a mais rubra flor do liberalismo da nossa velha cidade e tinham sido escolhidos criteriosamente por Virguínski para esta “reunião”. Note-se ainda que alguns deles (aliás pouquíssimos) nunca o visitavam antes. Era óbvio que a maioria dos convidados não tinha uma noção muito clara da razão pela qual tinham sido convocados. Na verdade, todos eles tomavam Piotr Stepánovitch por um emissário vindo do estrangeiro, com poderes extraordinários; esta ideia ganhou raízes de imediato e, naturalmente, tinha um cunho lisonjeiro. Entretanto, no grupinho de cidadãos reunidos sob o pretexto de uma festa de aniversário, já havia alguns a quem tinham sido feitas certas propostas. Piotr Stepánovitch já tivera tempo de formar na cidade “um grupo de cinco”, à

semelhança do que já tinha em Moscou, e, como se viria a verificar, ainda outro no nosso distrito, entre os oficiais. Dizem que tinha também um na província de Kh... Os cinco eleitos estavam agora sentados à mesa comum e sabiam, com muita habilidade, ostentar o ar de pessoas vulgaríssimas, pelo que ninguém poderia suspeitar deles. Eram eles (agora já não é segredo) Lipútin, o próprio Virguínski, o Chigaliiov das orelhas longas — irmão da Senhora Virguínskaia —, Liámchin e, finalmente, um tal Tolkatchenko — um indivíduo estranho, dos seus quarenta anos, que tinha fama de haver feito grandes estudos entre o povo, sobretudo entre os vigaristas e os bandidos; andava intencionalmente pelas tabernas (não só para estudar o povo, aliás) e ostentava perante nós uma roupa imprestável e umas botas alcatroadas, um ar manhoso e arrebicadas frases da linguagem popular. Já antes Liámchin o tinha levado, uma ou duas vezes, aos serões de Stepan Trofímovitch, mas lá, de resto, ele não tinha causado qualquer efeito especial. Aparecia de vez em quando na cidade, sobretudo quando não tinha trabalho nas estradas de ferro onde se empregava desde sempre. Todas estas cinco personalidades compunham o seu grupinho com a confortável fé de que era apenas um entre centenas, entre milhares de grupos iguais ao deles, espalhados pela Rússia, e que todos dependiam de um centro enorme, mas secreto, que, por sua vez, estaria organicamente ligado com a revolução europeia. Infelizmente, tenho de reconhecer que entre eles já naquela altura começara a manifestar-se alguma discórdia. Aconteceu que, embora já estivessem à espera de Piotr Stepánovitch desde a primavera, tendo a sua chegada sido anunciada primeiro por Tolkatchenko e depois por Chigaliiov; embora esperassem dele milagres extraordinários e embora fossem de imediato, sem a mínima crítica e à primeira chamada de Piotr Stepánovitch, integrar-se na célula, mal a célula de cinco acabou de se formar, ofenderam-se todos por, na minha opinião, terem dado o seu consentimento depressa demais. Compareceram, evidentemente, em magnânima vergonha, para que não dissessem depois que eles não tinham ousado ir; fosse como fosse, Piotr Verkhovênski deveria ter dado valor à sua nobre façanha e, pelo menos, contar-lhes alguma historieta com grande significado em recompensa. Mas Verkhovênski não quis satisfazer-lhes

a legítima curiosidade e não lhes contou nada de excepcional; por regra geral, tratava-os com uma severidade notória, até com desdém. Este fato provocou a irritação, e o membro Chigaliiov já incitava os outros a “exigir contas”, mas que tal não acontecesse, evidentemente, em casa de Virguínski, onde estavam tantos estranhos.

Quanto aos estranhos, também tenho a minha ideia: os acima mencionados membros da primeira célula de cinco estavam propensos, nesta noite, a suspeitar de que, entre os convidados de Virguínski, havia ainda membros de mais algumas células desconhecidas, também formadas na cidade, no seio da mesma organização secreta e pelo mesmo Verkhovênski, pelo que, afinal, todas as pessoas reunidas suspeitavam umas das outras e tomavam umas perante as outras várias posturas, o que dava à reunião um caráter muito desordenado e, em certa medida, romântico. Aliás, estavam presentes pessoas acima de qualquer suspeita. Por exemplo, um major na ativa, parente próximo de Virguínski, homem inocente de todo que, de resto, nem tinha sido convidado, mas visitava o seu sobrinho por iniciativa própria e seria impossível não o receber. Mesmo assim, o aniversariante estava calmo porque o major “de maneira nenhuma fazia denúncias”, até porque, apesar de ser muito estúpido, toda a vida tinha adorado andar por qualquer lado onde houvesse liberais radicais; não era adepto, mas gostava muito de os ouvir. Mais ainda, estava comprometido: acontecera que, na juventude, lhe tinham passado pelas mãos armazéns inteiros de *Kólokol* e de panfletos, e embora tivesse medo, até, de os abrir, consideraria uma grande ignomínia recusar-se a divulgá-los — são assim alguns russos, mesmo nos nossos dias. Os restantes convidados apresentavam ou um tipo de nobre amor-próprio reprimido até ao estado bilioso, ou o tipo do primeiro impulso nobilíssimo da juventude ferosa. Havia dois ou três professores, um dos quais era coxo, dos seus quarenta e cinco anos, que lecionava no colégio, muito cáustico e visivelmente vaidoso, e dois ou três oficiais. Um deles era um artilheiro muito jovem, saído poucos dias antes de uma escola militar, rapaz taciturno e que ainda não tivera tempo de travar conhecimento com ninguém; e de repente ei-lo indo parar a casa de Virguínski com um lápis na mão e, quase

sem participar da conversa, apontando a cada instante qualquer coisa na sua agenda. Todos viam isso mas, por qualquer razão, fingiam não reparar. Estava lá ainda um seminarista quebra-esquinas, o tal que, juntamente com Liámchin, tinha metido no saco da vendedora de livros as fotografias obscenas, um rapaz corpulento de modos desembaraçados, mas ao mesmo tempo desconfiados, com um permanente sorriso de invectiva na cara e, ao mesmo tempo, com o ar calmo de uma perfeição triunfante residindo dentro dele. Também estava lá, não sei por quê, o filho do nosso burgomestre, aquele garoto repugnante, precocemente depravado, que já mencionei quando contei a história da mulherzinha do tenente. Esteve calado durante todo o serão. Por fim, um colegial, um rapaz muito exaltado e eriçado de cerca de dezoito anos, sentado com um ar sombrio de dignidade ofendida, por certo sofrendo muito por causa dos seus dezoito anos. Este pequerrucho já era chefe de um grupinho independente de conspiradores, formado entre os alunos do último ano do colégio, o que viria a ser descoberto mais tarde, para espanto geral. Ainda não mencionei Chátov. Acomodou-se no extremo mais longínquo da mesa, afastou um pouco para trás a sua cadeira e ali ficou, a olhar para o chão, sombriamente calado, recusando o chá e o pão, não largando seu boné, como se tentasse dizer com isso que não era convidado mas estava ali por causa de qualquer outro assunto e que, quando quisesse, se levantaria e sairia. Bastante perto dele estava Kiríllov, também muito taciturno, mas não olhando para o chão; pelo contrário, examinava com fixidez cada orador com os seus olhos imóveis e sem brilho, ouvindo tudo sem qualquer emoção ou espanto. Alguns dos convidados que nunca antes tinham visto observavam-no sorradeira e pensativamente. Não se sabe se a própria Madame Virguínskaia estava a par da existência do “grupo de cinco”. Suponho que sabia tudo, da parte do esposo, precisamente. Quanto à estudante, não participava de nada, mas tinha a sua preocupação específica: tencionava ficar de visita um ou dois dias e, depois, partir em viagem por todas as cidades universitárias para “assistir aos sofrimentos dos estudantes pobres e incitá-los ao protesto”. Trazia consigo várias centenas de exemplares de um apelo litografado, ao que parece de sua própria lavra. É curioso queo colegial lhe tenha ganhado um ódio à primeira vista, quase até à

vontade de vingança sangrenta, embora a visse pela primeira vez na vida, e vice-versa. O major era tio da estudante e não a tinha visto havia dez anos. Quando entraram Stavróguin e Verkhovênski, as bochechas da menina estavam vermelhas como papoulas: tinha acabado de se zangar com o tio por causa da questão feminina.

II

Verkhovênski repimpou-se com um à vontade maravilhoso numa cadeira, a um canto da mesa, sem cumprimentar quase ninguém. Tinha um ar desdenhoso e até arrogante. Stavróguin ainda fez umas vênias educadas mas, apesar de toda a gente estar à espera destes senhores, todos fingiram não reparar neles. A dona da casa dirigiu-se severamente a Stavróguin mal este se sentou.

— Stavróguin, toma chá?

— Tomo — respondeu este.

— Chá para Stavróguin — ordenou ela à distribuidora do chá. — E o senhor, toma? — (Desta vez perguntou a Verkhovênski).

— Sirva-me chá, é claro, como se pode fazer uma pergunta destas aos convidados? E natas também. Em vossa casa, em vez de chá servem uma beberagem qualquer, quando ainda por cima têm cá um aniversariante.

— Como? O senhor também reconhece os dias dos santos? — riu-se de repente a estudante. — Acabamos de falar disso.

— Isso já é antiquado — resmungou o colegial do outro extremo da mesa.

— Antiquado o quê? Esquecer os preconceitos, inclusive os mais inocentes, não é antiquado, pelo contrário e para vergonha geral é ainda uma coisa recente — declarou velozmente a estudante, aos

sobressaltos na cadeira. — Além disso, não existem preconceitos inocentes — acrescentou com fúria.

— Eu queria apenas declarar — emocionou-se muito o colegial — que, apesar de os preconceitos serem uma coisa antiquada e deverem ser liquidados, em relação aos dias dos santos já toda a gente sabe que são uma estupidez, e isto é uma verdade velha demais para se perder um tempo precioso, já sem isso perdido por todos, pelo que seria melhor usar o seu espírito para um assunto mais necessitado de...

— Demora muito a exprimir-se, não se entende nada — gritou a estudante.

— Acho que cada um tem direito à expressão em pé de igualdade com os outros, e se eu desejo exprimir a minha opinião, como qualquer outro, então...

— Ninguém o priva do seu direito de expressão — interrompeu-o bruscamente a própria dona da casa —, apenas se lhe pede que o senhor não tartamudeie porque assim ninguém o entende.

— Contudo, permita-me observar que a senhora não me respeita; se não consegui acabar a minha ideia, não é porque não tenha ideias, mas porque as tenho em excesso... — murmurou o colegial quase em desespero e definitivamente embaraçado.

— Se não sabe falar, cale-se — disparou a estudante.

O colegial até saltou na cadeira.

— Queria apenas declarar — gritou, ardendo de vergonha e sem coragem para olhar em volta — que a senhora quis exhibir a sua esperteza apenas porque entrou o Senhor Stavróguin... é isso!

— A sua insinuação é porca e imoral, o que denota a mediocridade do seu desenvolvimento. Peço-lhe que não volte a dirigir-me a palavra — metralhou a estudante.

— Stavróguin — começou a dona da casa —, antes de o senhor chegar foi aqui uma gritaria sobre os direitos da família... por parte deste oficial — (apontou para o seuparente, o major). — É claro que não quero incomodar o senhor com estes disparates caducos e ultrapassados há muito. Porém, donde podiam surgir os direitos e as obrigações da família nos termos preconceituosos em que são agora apresentados? Eis a questão. Qual é a sua opinião?

— “Donde podiam surgir”, como? — perguntou Stavróguin.

— Ou seja, sabemos, por exemplo, que o preconceito relativo a Deus proveio da trovoada e do raio — arrancou de novo a estudante, quase com os olhos a saltarem-lhe da cara para Stavróguin. — É sabido que a humanidade primitiva, assustando-se com os trovões e os raios, divinizou o inimigo invisível, sentindo a sua fraqueza perante ele. Mas donde provém o preconceito da família? Donde pode ter surgido a própria família?

— Não é bem a mesma coisa... — quis travá-la a dona da casa.

— Suponho que a resposta a esta pergunta é um pouco indelicada — respondeu Stavróguin.

— Como tal? — voltou a fuzilar a estudante.

No grupo dos professores ouviram-se umas risotas, a que Liámchin e o colegial logo fizeram eco na outra ponta da mesa, e também o parente major, este em forma de gargalhadas roucas.

— O senhor deveria escrever *vaudevilles* — observou a dona da casa, dirigindo-se a Stavróguin.

— Isso em nada honra o senhor, que não sei como se chama — atalhou a estudante cheia de indignação.

— E tu não te ponhas aos saltos como uma doida! — replicou o major. — És uma menina, tens de te portar com modéstia, mas parece

que te sentaste em cima de uma agulha.

— Faça o favor de se calar e não se atreva a dirigir-se a mim nesse tom familiar com as suas comparações porcas. Estou vendo-o pela primeira vez e não quero saber do seu parentesco.

— Mas sou teu tio, andei contigo ao colo quando eras pequena!

— Quero lá saber daquilo com o que o senhor andava ao colo. Eu não lhe pedia que me pegasse ao colo, o que significa, senhor oficial malcriado, que isso lhe dava prazer a si mesmo. E permita que lhe observe que não tem o direito de me tratar por tu, não tem direito civil para isso, proíbo-lho de uma vez por todas!

— São todas assim! — E o major bateu com o punho na mesa, dirigindo-se a Stavróguin, sentado em frente dele. — Não, desculpe, gosto do liberalismo e do que é moderno, e gosto de ouvir conversas inteligentes mas, aviso, entre homens. Conversas de mulheres, destas serigaitas modernas... não, fazem-me doer o coração! Para quieta!— gritou à estudante que não sossegava e se remexia na cadeira. — Não, peço também a palavra, estou ofendido.

— Só estorva a conversa dos outros, mas não sabe dizer nada de jeito — resmungou dona da casa, indignada.

— Não, vou expor a minha opinião — exaltava-se o major, dirigindo-se a Stavróguin. — Conto consigo, Senhor Stavróguin, na sua qualidade de pessoa recém-chegada, embora não tenha a honra de o conhecer. Sem os homens, elas caminham para a perdição, vão perecer como moscas... é esta a minha opinião. Toda a questão feminina delas se resume à falta de originalidade. Asseguro-lhe que toda esta questão feminina foi inventada para elas pelos homens, por estupidez, em seu próprio prejuízo... Graças a Deus não sou casado! São incapazes de uma variação, incapazes de inventar um simples ornamento; até os ornamentos delas são inventados pelos homens! Veja, eu a pegavano colo, era ela uma menina de dez anos e eu dançava a mazurca com ela, mas hoje, quando ela chegou e eu corri para a abraçar, declarou-me de

chofre que Deus não existe. Mesmo que não fosse de chofre, a declaração seria sempre apressada demais! Está bem, digamos que as pessoas inteligentes não têm fé, mas isso provém do intelecto, e tu, minha pirralha, digo-lhe eu, o que entendes tu de Deus? É que foi um estudante qualquer quem te ensinou estas coisas, mas se te ensinasse a acender lamparinas na igreja, também acendias lamparinas.

— Está mentindo, é um homem maldoso, e há pouco provei-lhe irrefutavelmente a sua inconsistência — respondeu a estudante com desdém e como se recusasse discutir muito com uma pessoa de semelhante calibre. — O que eu lhe disse há pouco, precisamente, foi que todos fomos educados pelo catecismo: “Se respeitares o teu pai e os teus pais, viverás muito tempo e receberás uma fortuna”. É dos dez mandamentos. Se Deus acha necessário conceder um prêmio pelo amor, então deve ser um imoral, esse vosso Deus. Foi nestes termos que eu lho provei há pouco, e não foi por minha livre vontade, mas porque o senhor alegou os seus direitos. Ninguém tem culpa de que o senhor seja parvo e até agora não tenha compreendido nada. Ofendem-se e zangam-se... eis toda a explicação da conduta da vossa geração.

— Parvalhona! — disse o major.

— Parvo é o senhor.

— Vá, anda lá, pragueja!

— Desculpe, Kapitón Maksímovitch, mas não foi o senhor mesmo que me disse que não acredita em Deus? — piou Lipútin, do outro extremo da mesa.

— O que importa o que eu disse? O meu caso é outro! Se calhar até tenho fé, mas não por completo. Porém, mesmo não tendo fé por completo, não direi que é necessário fuzilar Deus. Quando eu ainda era hussardo, refletia sobre Deus. Todas as poesias são useiras e vezeiras em dizer que o hussardo bebe e se entrega à pândega; pois bem, talvez eu também bebesse mas, não sei se acreditam: de noite

saltava da cama e, só de meias, punha a benzer-me diante do ícone, pedindo a Deus que me mandasse a fé, porque já naquela altura eu não conseguia estar tranquilo... há Deus, pensava, ou não há? Atormentava-me muito! Mas rompe a manhã e, é claro, distraio-me, a fé volta-me a desaparecer... se reparar, de dia, geralmente a fé desaparece um pouco.

— A senhora não terá por aí umas cartas? — bocejou ostensivamente Verkhovênski, dirigindo-se à dona da casa.

— Estou muito, muito solidária com a sua pergunta! — exaltou-se a estudante, corada de indignação por causa das palavras do major.

— Estamos perdendo um tempo precioso ouvindo conversas estúpidas — disse com brusquidão a dona da casa e olhou significativamente para o marido.

A estudante empinou-se:

— Eu queria comunicar à reunião sobre o sofrimento e o protesto dos estudantes, mas como o tempo é gasto em conversas imorais...

— Não existe nada que seja moral ou imoral! — não se conteve o colegial, logo que a estudante começou a falar.

— Eu já sabia isso, senhor colegial, muito antes de alguém lho ter ensinado.

— E eu afirmo — excedeu-se o colegial — que a senhora é uma criança que caiu aqui vinda de Petersburgo para nos iluminar a todos, quando já sabemos tudo. Quanto ao mandamento “honrar pai e mãe”, que a senhora não foi capaz de citar corretamente, e sobre o caráter imoral dele, já toda a Rússia sabe disso desde o Belínski.

— Quando é que isto vai acabar, finalmente? — perguntou ao marido Madame Virguínskaia num tom resolutivo. Como dona da casa, corava

pela mediocridade das conversas, sobretudo ao reparar nos sorrisos e nos olhares perplexos dos novos convidados.

— Meus senhores — levantou Virguínski a voz, inesperadamente —, se alguém quiser dizer umas palavras sobre alguma coisa de mais interesse, ou se alguém tiver alguma declaração a fazer, proponho que o faça sem mais perda de tempo.

— Atrevo-me a fazer uma pergunta — pronunciou suavemente o professor coxo, que até ao momento estivera calado e sentado com um ar muito formal. — Queria saber se nós, aqui presentes, estamos em reunião formal, ou apenas nos juntamos aqui como simples mortais que vieram de visita? Pergunto isto apenas para que tudo fique claro e eu não continue na ignorância.

A pergunta “manhosa” produziu o seu efeito; todos trocaram olhares, como se esperassem a resposta uns dos outros, e então, à uma, todos os olhares se viraram para Verkhovênski e Stavróguin.

— Proponho a votação da questão: somos ou não uma reunião formal? — disse Madame Virguínskaia.

— Apoio a proposta — secundou Lipútín —, embora seja um pouco indefinida.

— Eu também, eu também — ouviram-se outras vozes.

— A mim também parece que assim haverá mais ordem — concordou Virguínski.

— Então, votemos! — anunciou a dona da casa. — Liámchin, peço-lhe que se sente ao piano: de lá também poderá fazer o seu voto.

— Outra vez! — gritou Liámchin. — Já tamborilei bastante para vocês.

— Peço e insisto: sente-se e toque; não quer ser útil à causa?

— Acredite, Arina Prokhorovna, que ninguém nos escuta. Além disso, as janelas são altas, e ninguém de fora conseguiria entender alguma coisa mesmo que escutasse.

— Nós próprios não entendemos do que se trata — resmungou alguém.

— E eu digo que a precaução é sempre necessária. Falo do caso de poder haver espões — disse ela a Verkhovênski, em tom de esclarecimento. — Na rua, deixa-os ouvir que temos cá uma festa de aniversário e música.

— Eh, diabo! — praguejou Liámchin, sentando-se ao piano e atacando uma valsa, de qualquer maneira, quase com os punhos.

— Quem quiser que seja uma reunião levante o braço direito — propôs Madame Virguínskaia.

Ouve quem levantasse o braço, houve quem não levantasse. Houve também quem levantasse e o baixasse logo, e de novo o levantasse.

— Arre, raios! Não ouço nada — gritou um oficial.

— Eu também não consigo ouvir nada — gritou outro.

— Pois eu ouvi — gritou um terceiro. — Se for “sim”, levantar o braço.

— Mas “sim” para quê?

— “Sim” para reunião.

— Não, não significa isso.

— Votei pela reunião — gritou o colegial, dirigindo-se a Madame Virguínskaia.

— Então por que não levantou o braço?

— Estava olhando para a senhora, vi que não o levantou, e eu então também não.

— Estupidez, não levantei o braço porque a proposta foi minha. Meus senhores, proponho que seja repetida a votação, mas ao contrário: quem quiser a reunião que fique quieto e não levante o braço; quem for contra a reunião que levante o braço direito.

— Quem for contra? — perguntou o colegial.

— Está fazendo de propósito ou o quê? — gritou Madame Virguínskaia com fúria.

— Não, desculpe, quem for contra ou quem for a favor? Porque é preciso determiná-lo com exatidão — ouviram-se duas ou três vozes.

— Quem for contra, quem for *contra*.

— Muito bem, mas o que é preciso fazer, se for contra? Levantar ou não levantar o braço? — gritou o oficial.

— Oh, ainda não estamos habituados à constituição! — observou o major.

— Senhor Liámchin, por favor, o senhor martela tanto no piano que ninguém ouve nada — observou o professor coxo.

— Juro por Deus, Arina Prokhorovna, ninguém está lá fora à escuta! — saltou Liámchin do lugar. — Não quero tocar! Vim cá de visita e não para martelar no piano!

— Meus senhores — propôs Virguínski — respondam todos em voz alta: é reunião ou não é reunião?

— Reunião, reunião! — ouviu-se de todos os lados.

— Neste caso, não vale a pena proceder-se à votação, basta assim. Ficam satisfeitos, meus senhores, ou acham ainda que é necessário

proceder à votação?

— Não, não é preciso, está tudo claro!

— Talvez haja alguém que não queira a reunião?

— Não, não, queremos todos.

— Mas que reunião? — gritou uma voz. Não teve resposta.

— É preciso eleger o presidente da mesa — gritaram de vários lados.

— O dono da casa, evidentemente!

— Se assim é, meus senhores — começou o eleito Virguínski —, repito a minha proposta anterior: se alguém quiser falar sobre algum assunto ou quiser fazer alguma declaração, que comece sem perda de tempo.

Silêncio geral. Todos os olhares se dirigiram de novo para Verkhovênski e Stavróguin.

— Verkhovênski, não deseja fazer nenhuma declaração? — perguntou a dona da casa frontalmente.

— Absolutamente nenhuma — e Piotr Stepánovitch espreguiçou-se, bocejando. — Aliás, o que eu desejaria era um copo de conhaque.

— E o senhor, Stavróguin, não deseja?

— Obrigado, não bebo.

— Não falo de conhaque; deseja ou não falar?

— Falar de quê? Não, não desejo.

— Vou servir-lhe conhaque — disse a dona da casa a Verkhovênski.

A estudante levantou-se. Já por várias vezes tinha pulado na cadeira.

— Vim aqui para falar sobre os sofrimentos dos estudantes desgraçados e sobre a necessidade de os incitar ao protesto...

Porém, calou-se; no outro extremo da mesa surgira um concorrente e todos os olhares se voltaram para ele. O Chigaliiov das orelhas compridas, com um ar sombrio e carrancudo, levantou-se com lentidão e colocou em cima da mesa, melancolicamente, um caderno grosso, todo preenchido com uma letra miudinha. Não se sentava e continuava calado. Muitos olhavam, perturbados, para o caderno, mas Lipútin, Virguínski e o professor coxo pareciam contentes com qualquer coisa.

— Peço a palavra — declarou Chigaliiov, sombria mas firmemente.

— Faça o favor — autorizou Virguínski.

O orador sentou-se, ficou ainda calado cerca de meio minuto e começou com voz solene:

— Meus senhores...

— Aqui tem o conhaque! — interrompeu com desprezo e repulsa a parente que servia o chá e tinha saído em busca do conhaque, pondo-o agora em frente de Verkhovênski, juntamente com um cálice que trazia entre os dedos, sem bandeja nem prato.

O orador interrompido fez uma pausa cheia de dignidade.

— Não se incomode, continue, eu não estou ouvindo-o — gritou-lhe Verkhovênski, enchendo o cálice.

— Meus senhores, pedindo a vossa atenção — recomeçou Chigaliiov — e, como verão pelo seguimento, pedindo também a vossa ajuda num ponto de importância primordial, tenho de fazer uma introdução.

— Arina Prokhorovna, não tem uma tesoura? — perguntou de repente Piotr Stepánovitch.

— Para que quer a tesoura? — Ela esbugalhou os olhos.

— Esqueci-me de cortar as unhas, há já três dias que ando para o fazer — disse Verkhovênski, examinando, imperturbável, as suas unhas compridas e sujas.

Arina Prokhorovna corou, mas, quanto à menina Virguínskaia, houve qualquer coisa nisso que, aparentemente, lhe agradou.

— Parece que a vi ali no peitoril, há pouco — e levantou-se da mesa, foi, encontrou a tesoura e trouxe-a. Piotr Stepánovitch nem sequer olhou para ela, pegou na tesoura e começou a manejá-la. Arina Prokhorovna percebeu que aquilo eram modos realistas e teve vergonha do seu ressentimento. A assembleia trocava olhares em silêncio. O professor coxo observava Verkhovênski com raiva e inveja. Chigaliiov recomeçou:

— Ao dedicar a minha energia ao estudo da organização social da sociedade futura que substituirá a presente, cheguei à convicção de que todos os criadores dos sistemas sociais, desde a Antiguidade até à presente data de 187..., eram uns sonhadores, uns fantasistas e uns tolos que se contradiziam a si mesmos, que não entendiam nada de ciências naturais e daquele estranho animal que se chama homem. Platão, Rousseau, Fourier, as colunas de alumínio, tudo isso talvez seja adequado para os pardais, mas não para a sociedade humana. Mas como a futura forma social é necessária precisamente agora, quando todos nós, finalmente, tencionamos agir para não termos de refletir nunca mais, vou propor o meu próprio sistema de organização do mundo. Ei-lo! — E bateu com a mão no caderno. — Gostaria de expor nesta reunião o conteúdo do meu livro, resumindo-o na medida do possível; mas vejo que será necessário fazer ainda numerosos esclarecimentos verbais, por isso toda a exposição necessitará, pelo menos, de dez sessões, de acordo com o número de capítulos do meu

livro. (Ouviram-se risos). Além disso, declaro antecipadamente que o meu sistema não está concluído. (Mais risos). Confundi os meus próprios dados, e a minha conclusão está em contradição direta com a ideia inicial em que me baseio. Partindo do princípio da liberdade ilimitada, chego à conclusão do despotismo ilimitado. Acrescento no entanto que, fora da minha solução da fórmula social, não pode haver mais nenhuma.

Os risos cresciam cada vez mais, mas riam-se principalmente os convidados jovens e, por assim dizer, praticamente não iniciados. Nos rostos da dona da casa, de Lipútin e do professor coxo exprimia-se um certo desgosto.

— Se o senhor mesmo não consegue elaborar o seu sistema e atingiu o desespero, o que podemos nós fazer? — perguntou cautelosamente um oficial.

— Tem razão, senhor oficial na ativa — virou-se Chigaliiov para ele, bruscamente—, sobretudo porque utiliza a palavra “desespero”. Sim, eu atingi o desespero; no entanto, o que está exposto no meu livro é insubstituível e não há outra saída; não há outra coisa para inventar. Por isso, sem perder tempo, peço que todos os presentes, depois de ouvirem a leitura do meu livro ao longo de dez serões, expressem a sua opinião. Mas se os membros não quiserem ouvir-me, dispersemos-nos já, agora mesmo: os homens para o seu serviço público, as mulheres para as suas cozinhas, porque, ao rejeitarem o meu livro, não encontrarão outra solução. Ne-nhu-ma! E, ao perderem o tempo oportuno, fá-lo-ão em seu próprio prejuízo, porque mais tarde voltarão, inevitavelmente, a istomesmo.

Levantou-se um burburinho: “É maluco ou o quê?”, soltaram algumas vozes.

— Portanto, o problema consiste no desespero de Chigaliiov — concluiu Liámchin—, e a questão premente que se coloca é: ele deve ou não deve estar desesperado?

— O fato de Chigaliiov estar à beira do desespero é um problema pessoal — declarou o colegial.

— Proponho uma votação: até que ponto o desespero de Chigaliiov diz respeito à causa comum? E, ao mesmo tempo: vale ou não vale a pena ouvi-lo? — decidiu alegremente o oficial.

— O problema é outro — intrometeu-se finalmente o coxo. Habitualmente, ele falava como que com um sorriso irônico, pelo que era difícil perceber-se se falava com sinceridade ou se brincava. — O problema é outro, meus senhores. O Senhor Chigaliiov está muito seriamente agarrado ao seu objetivo e, ao mesmo tempo, é modesto demais. Conheço o livro dele. Propõe, como solução final, a divisão da humanidade em duas partes desiguais. Uma décima parte obtém a liberdade pessoal e um poder ilimitado sobre os restantes nove décimos. Estes têm de perder a personalidade e transformar-se numa espécie de gado, e, infinitamente submissos, atingir, mediante uma série de involuções, uma inocência primitiva, uma espécie de estado de paraíso primitivo, embora trabalhem, aliás. As medidas sugeridas pelo autor para se privar de vontade os nove décimos da humanidade e para os transformar em gado por meio da reeducação de gerações inteiras são notáveis e muito lógicas, baseadas nos dados fornecidos pelas ciências naturais. Podemos não concordar com algumas conclusões, mas é difícil duvidar-se do intelecto e dos conhecimentos do autor. Infelizmente, a condição dos dez serões é absolutamente incompatível com as circunstâncias, senão poderíamos ouvir muitas coisas curiosas.

— Será que está falando a sério? — dirigiu-se Madame Virguínskaia ao coxo, com alguma preocupação. — Então este homem, sem saber o que fazer com as pessoas, transforma-as em escravos? Há muito que tenho suspeitas em relação a ele.

— Refere-se ao seu irmãozinho? — perguntou o coxo.

— Parentesco? Está gozando comigo?

— Além disso, trabalhar para aristocratas e obedecer-lhes como a deuses é ignomínia! — observou a estudante com fúria.

— Não proponho a ignomínia mas o paraíso, um paraíso na Terra, já que o outro não pode existir na Terra — concluiu Chigaliiov autoritariamente.

— E eu, em vez do paraíso — gritou Liámchin —, pegava nestes nove décimos e, já que não há onde os meter, fá-los-ia explodir com uma bomba, deixando apenas um grupinho de gente culta que viveria à maneira científica.

— Só um palhaço pode falar assim! — exaltou-se a estudante.

— É palhaço, mas é útil — sussurrou-lhe Madame Virguínskaia.

— Talvez seja a melhor solução do problema! — Chigaliiov virou-se com entusiasmo para Liámchin. — Este divertido senhor nem imagina que ideia profunda conseguiu exprimir. Mas, como a sua ideia é quase impossível de cumprir, temos de nos limitar ao paraíso na Terra, já que lhe demos este nome.

— Que absurdo, francamente! — escapou a Verkhovênski, como que involuntariamente. De resto, continuava a cortar as unhas, sem levantar os olhos, com uma perfeita indiferença.

— Absurdo por quê? — replicou de imediato o coxo, e ficou alerta, como se esperasse pela primeira palavra do outro para se agarrar a ela. — Por que absurdo, precisamente? O Senhor Chigaliiov é quase um fanático do humanismo; lembrem-se de que no Fourier, mas sobretudo no Cabet, e mesmo no próprio Proudhon, há um rol de soluções muito despóticas e até fantásticas do problema. O Senhor Chigaliiov talvez resolva o problema de modo mais sensato do que eles. Garanto que, ao lermos o livro dele, é-nos quase impossível não concordarmos com certas coisas. De todos, talvez tenha sido ele quem menos se afastou da realidade, e o seu paraíso na Terra é quase

verdadeiro, o mesmo de que a humanidade lamenta a perda, no caso de ele alguma vez ter existido, é claro.

— Já sabia que me calharia isto — voltou a murmurar Verkhovênski.

— Desculpe — fervia o coxo cada vez mais —, as conversas e os raciocínios sobre o futuro sistema social são quase uma necessidade indispensável de todas as pessoas pensadoras modernas. Herzen toda a vida se preocupou com isso. Belínski, como sei de fontes fidedignas, passava as noites com os amigos a debater o problema e a resolver antecipadamente os mais ínfimos pormenores, os da cozinha, por assim dizer, do futuro sistema social.

— Alguns até enlouquecem — observou de repente o major.

— Pelo menos é possível chegar-se a uma conclusão, em vez de ficarmos sentados e calados a olharmos para os ditadores — sibilou Lipútín, como se ousasse, finalmente, lançar-se ao ataque.

— Não foi por causa de Chigaliiov que falei em absurdo — observou preguiçosamente Verkhovênski. — É que, meus senhores — ergueu ligeiramente os olhos —, na minha opinião, todos esses livros, os Fourier, os Cabet, todos esses “direitos ao trabalho”, todo esse chigaliovismo não passam de romances que se podem escrever às centenas de milhares. Um passatempo estético. Compreendo que aqui, nesta cidadezinha, os senhores se aborreçam e se atirem ao papel escrito.

— Desculpe — contorceu-se o coxo na sua cadeira —, apesar de sermos provincianos, e por isso mesmo dignos de comiseração, sabemos que no mundo ainda não aconteceu nada de novo de que pudéssemos lamentar não ter reparado. Estão propondo-nos, através de folhas de fabrico estrangeiro, que nos unamos e formemos células com o objetivo único da destruição geral, sob o pretexto de que, por mais que curemos o mundo, ele nunca ficará curado, mas se cortarmos cem milhões de cabeças e ficarmos mais aliviados com isso, poderemos saltar com mais facilidade sobre a fossa. É uma bela ideia,

sem dúvida, mas é pelo menos tão inconciliável com a realidade como o “chigaliovismo” a que o senhor acaba de referir-se com tanto desprezo.

— Bem, não estou aqui para raciocínios. — Verkhovênski deixou escapar esta palavrinha significativa e, sem aparentemente reparar na sua imprudência, aproximou de si uma vela para ter mais luz.

— É pena, é uma grande pena que não tivesse vindo para raciocinar, e é também uma grande pena que o senhor esteja agora tão ocupado com a sua higiene pessoal.

— Por que é que o incomoda a minha higiene?

— É tão difícil concretizar isso dos cem milhões de cabeças como transformar o mundo com a propaganda. Talvez seja até mais difícil, sobretudo na Rússia — arriscou de novo Lipútin.

— É na Rússia que agora se depositam as esperanças — disse o oficial.

— Também já ouvimos dizer que é aqui que se depositam as esperanças — replicou o coxo. — Sabemos que é à nossa bela pátria que está apontado o *index* misterioso, como sendo o país mais capaz de cumprir a grande missão. Só que, no caso da solução paulatina do problema, através da propaganda, eu pessoalmente ganho pelo menos alguma coisa, posso pelo menos travar uma conversinha agradável e até receber uma promoção por parte dos chefes pelos serviços prestados à causa social. Em segundo lugar, no caso da solução rápida, através dos cem milhões de cabeças, que recompensa posso receber pessoalmente? Se começar a fazer propaganda disto, até sou capaz de acabar com a língua cortada.

— Ao senhor cortam-lha, com certeza — disse Verkhovênski.

— Está vendo? E como, mesmo nas circunstâncias mais propícias, nunca poderíamos concluir esta carnificina em menos de cinquenta, ou digamos, trinta anos, porque eles não são carneiros, não se

deixarão abater sem mais nem menos... então, não será melhor, juntando a tralha, mudar algures para umas ilhas sossegadas do outro lado dos mares sossegados e, lá, fechar despreocupadamente os olhos? Acredite — tamborilou significativamente com o dedo na mesa —, com esta propaganda apenas vão provocar a emigração, nada mais!

Acabou, visivelmente triunfante. Era uma cabeça provinciana forte. Lipútin sorria perfidamente, Virguínski ouvia com um ar bastante aborrecido, os outros seguiam o debate com extrema atenção, sobretudo as senhoras e os oficiais. Todos compreendiam que o partidário dos cem milhões de cabeças tinha sido encostado à parede e estavam à espera do que iria sair daquilo.

— O senhor falou muito bem — balbuciou Verkhovênski com uma indiferença ainda maior, como que entediado até. — Emigrar é uma boa ideia. Mesmo assim, apesar de todas as evidentes desvantagens que presente, aparecem cada vez mais combatentes para a causa comum, a cada dia que passa, e que passarão bem sem o senhor. O que se passa, paizinho, é que vem aí uma nova religião para substituir a velha, e é por isso que aparecem tantos combatentes e isto é uma grande causa. Quanto ao senhor, pois emigre! E sabe uma coisa? Aconselho-o a ir para Dresden, e não para umas ilhas sossegadas. Primeiro, é uma cidade que nunca conheceu qualquer epidemia, e o senhor, como homem evoluído, com certeza tem medo da morte; segundo, é perto da fronteira russa, pelo que demoram menos a chegar os rendimentos da querida pátria; terceiro, Dresden tem os chamados tesouros da arte, e o senhor é um homem estético, antigo professor de letras russas, ao que parece; finalmente, Dresden tem a sua própria Suíça de bolso... para as inspirações poéticas, porque de certeza que o senhor rabisca uns versinhos. Numa palavra, é um tesouro na tabaqueira!

Houve um movimento geral, sobretudo entre os oficiais. Mais um instante, e toda a gente começaria a falar ao mesmo tempo. Porém, o coxo, irritado, atirou-se à isca:

— Não, se calhar não partiremos, fugindo da causa comum! É preciso compreender...

— Como? Será que o senhor aceitaria fazer parte de um grupo de cinco, se eu lho sugerisse? — disparou de rompante Verkhovênski e pousou a tesoura em cima da mesa.

Foi como se toda a gente estremecesse ao mesmo tempo. De súbito, o homem enigmático abriu-se demais. Até falou abertamente dos cinco.

— Cada um sente-se homem honesto e não se esquivava da causa comum — torceu a cara o coxo —, mas...

— Não, aqui não há “mas” — interrompeu-o brusca e autoritariamente Verkhovênski. — Declaro, meus senhores, que preciso de uma resposta direta. Compreendo muito bem que, ao reuni-los aqui e ao estar presente, eu tenho a obrigação de lhes dar os devidos esclarecimentos — (mais uma revelação inesperada) —, mas não vo-los posso dar se não souber antes que modo de pensar é o vosso. Omitindo as conversas (porque já não é possível passar mais de trinta anos em conversas ocas, como acontecia dantes), pergunto-vos o que vos parece melhor: o caminho lento, que consiste na composição de romances sociais e na decisão burocrática dos destinos humanos para os mil anos vindouros, tudo feito no papel, enquanto o despotismo engolirá os bocados assados que estão voando diretamente para as vossas bocas mas que deixareis passar ao lado; ou a escolha da solução rápida, seja ela qual for mas que, por fim, desatará as mãos e permitirá que a humanidade se organize socialmente por si mesma e em liberdade, e desta vez na prática, e não no papel? Gritam: “cem milhões de cabeças”. Talvez seja uma metáfora mas, mesmo assim, por que se tem medo delas se, com os lentos sonhos no papel, o despotismo, nuns cem anos, devorará não cem milhões mas quinhentos milhões de cabeças? Notemos também que o doente incurável em nenhum caso se cura, sejam quais forem as receitas que lhe passem no papel, mas, pelo contrário, se tardarmos, apodrecerá de tal maneira, que nos contaminará também, estragará todas as forças

frescas com que ainda possamos contar, pelo que todos nós, afinal, caminharemos para o perecimento. Estou perfeitamente de acordo que é muitíssimo agradável tagarelar à moda liberal e eloquente, e que agir já é custoso... Aliás, não sei discursar; vim aqui para vos comunicar algumas coisas, por isso peço a toda a respeitável assistência que não vote, mas declare frontal e simplesmente o que acha mais divertido: ir a passo de tartaruga para o pântano, ou atravessar o pântano a todo o vapor?

— Sou incondicionalmente pela solução a todo o vapor! — gritou, entusiasmado, ocolegial.

— Também eu — disse Liámchin.

— É evidente que não há dúvida na escolha — murmurou um oficial, depois outro, depois mais alguém. O que mais impressionara tinha sido a notícia de que Verkhovênski comparecera para “comunicar alguma coisa” e ter prometido ser ele próprio a falar.

— Meus senhores, vejo que quase todos tomam uma decisão dentro do espírito dos panfletos — disse ele, passando os olhos pela assistência.

— Todos, todos — respondeu a maioria das vozes.

— Confesso que me inclino mais para a solução humanista — declarou o major —, mas como todos... então, eu estou com todos.

— O senhor, então, também não está contra? — dirigiu-se Verkhovênski ao coxo.

— Não é que... — O coxo corou um pouco. — É que, se eu agora estiver de acordo, é apenas para não perturbar...

— São todos assim! Estão prontos a discutir durante meio ano só para mostrarem uma eloquência liberal, mas afinal de contas votam o mesmo que todos! Meus senhores, pensem, será verdade que estão

todos prontos? — (Prontos para quê?... Questão indefinida mas terrivelmente atraente).

— Todos, é claro... — ouviram-se exclamações. No entanto, olhavam todos desolaio uns para os outros.

— E depois não ficam arrependidos por terem concordado tão rapidamente? É que quase sempre acontece isso entre vós.

A assembleia emocionou-se em vários sentidos, emocionou-se muito. O coxo atacou Verkhovênski.

— Permita-me observar-lhe que as respostas a semelhantes perguntas devem ser condicionadas. Apesar de termos afirmado a nossa decisão, note que a pergunta formulada deste modo estranho...

— Que modo estranho?

— Do modo como semelhantes perguntas não devem ser feitas.

— Então ensine-nos, por favor. Sabe uma coisa? Eu tinha a certeza de que o senhor seria o primeiro a arrepender-se.

— O senhor arrancou-nos a resposta de que estamos prontos para as ações imediatas, mas, no entanto, que direito tinha o senhor de proceder assim? Que prerrogativas tinha para fazer tais perguntas?

— E não lhe passou pela cabeça perguntar isso antes? Por que respondeu, então? Concordou e arrependeu-se.

— Pois a mim parece que o carácter tão levemente direto da sua pergunta principal significa que o senhor não tem quaisquer prerrogativas nem direito para proceder assim, mas que fez a pergunta por curiosidade pessoal.

— De que o senhor está falando, de quê? — exclamou Verkhovênski, como se estivesse começando a ficar preocupado.

— Estou falando de que as filiações, sejam elas quais forem, se fazem pelo menos a sós, e não na presença de vinte pessoas desconhecidas! — disparou o coxo. Disse o que queria dizer, mas estava demasiado irritado. Verkhovênski virou-se rapidamente para a assembleia com um excelente fingimento de ar preocupado.

— Meus senhores, acho meu dever declarar que tudo o que se passou aqui foi um disparate e que a nossa conversa foi longe demais. Ainda não filiei ninguém, e ninguém tem o direito de dizer que eu estou filiando. Discutimos simplesmente opiniões. Não é verdade? Seja como for, o senhor preocupa-me muito — voltou-se de novo para o coxo. — Nunca pensei que aqui fosse preciso falar em privado de coisas tão inocentes. Ou será que o senhor tem medo das denúncias? Será possível que haja entre nós um delator?

Criou-se uma emoção geral extraordinária. Toda a gente falava ao mesmo tempo.

— Meus senhores — continuou Verkhovênski —, se assim fosse, o mais comprometido seria eu, por isso proponho uma pergunta, se quiserem responder, evidentemente. Têm toda a liberdade.

— Que pergunta? Que pergunta? — gritaram todos.

— Uma pergunta de tal ordem que, depois dela, tudo ficará claro e, das duas, uma: ou continuamos aqui juntos ou pegamos em silêncio nos nossos chapéus e vamos embora, cada qual para seu lado.

— A pergunta, a pergunta!

— Se cada um de nós soubesse da preparação de um assassinio político, iria denunciá-lo, prevendo todas as consequências, ou ficaria em casa, à espera do desenrolar dos acontecimentos? Aqui, os pontos de vista podem ser diferentes. A resposta a esta questão mostrará claramente: dispersamo-nos ou ficamos juntos, e não só para este serão. Permita-me que lhe pergunte primeiro ao senhor — virou-se para o coxo.

— Por que a mim?

— Porque foi o senhor que começou tudo. Faça o favor de não se esquivar, as artimanhas não lhe servirão de nada. Aliás, como queira, tem toda a liberdade.

— Desculpe, mas semelhante pergunta é insultuosa.

— Não, responda de modo mais exato.

— Nunca fui agente da polícia secreta — torceu a cara o coxo, ainda mais.

— Faça o favor de responder com exatidão, não nos atrase.

O coxo enraiveceu-se de tal modo, que deixou de responder. Olhava para o seu carrasco com fúria, através dos óculos.

— Sim ou não, denunciaria ou não? — gritou Verkhovênski.

— Obviamente que não, *nunca* denunciarei! — gritou o coxo ainda mais alto.

— E ninguém aqui denunciará, evidentemente — ouviram-se muitas vozes.

— Permita-me que me dirija a si, senhor major: denunciaria ou não?
— continuou Verkhovênski. — Note que me dirijo a si propositadamente.

— Não denunciarei.

— Bem, mas se soubesse que alguém queria roubar e matar uma pessoa, um simples mortal, denunciaria, avisaria?

— É claro, mas seria um caso civil, não seria uma denúncia política. Nunca fui agente da polícia secreta.

— E ninguém aqui o foi — ouviram-se de novo as vozes. — É uma pergunta inútil. Todos temos a mesma resposta. Aqui não há delatores!

— Por que se levanta este senhor? — gritou a estudante.

— É Chátov. Por que se levantou, Chátov? — gritou-lhe a dona da casa.

Chátov, de fato, tinha-se levantado; segurava o chapéu na mão e olhava para Verkhovênski. Parecia querer dizer-lhe qualquer coisa, mas hesitava. O rosto dele estava pálido e raivoso, mas conteve-se, não pronunciou uma única palavra e saiu da sala em silêncio.

— Chátov, isso é desvantajoso para si! — gritou-lhe às costas Verkhovênski, enigmaticamente.

— Em compensação, é vantajoso para ti, como espião e canalha! — gritou-lhe Chátov à saída, e foi-se embora.

De novo os gritos e as exclamações.

— Ei-la, a prova! — gritou alguém.

— Foi útil! — gritou outro.

— Não foi já tarde? — observou um terceiro.

— Quem o convidou? — Quem o recebeu? — Quem é ele? — Quem é este Chátov? — Denunciará ou não? — choveram as perguntas de todos os lados.

— Se fosse um delator, fingiria que não o era, mas ele, simplesmente, cuspiu e saiu— observou alguém.

— O Stavróguin também se levanta, o Stavróguin também não respondeu à pergunta — gritou a estudante.

Efetivamente, Stavróguin levantou-se e, ao mesmo tempo, na outra ponta da mesa, levantou-se Kiríllov.

— Desculpe, Senhor Stavróguin — dirigiu-se a ele, rispidamente, a dona da casa—, todos nós aqui respondemos à pergunta, mas o senhor sai assim, sem dizer nada?

— Não vejo necessidade de responder à pergunta que vos interessa — murmurou Stavróguin.

— Mas nós ficamos comprometidos, e o senhor não — gritaram várias vozes.

— O que me interessa que os senhores se comprometam? — riu-se Stavróguin, mas os olhos dele cintilavam.

— Como é que não lhe interessa? Como pode ser? — ouviram-se exclamações. Muitos saltaram dos lugares.

— Desculpem, meus senhores, desculpem — gritava o coxo —, o senhor Verkhovênski também não respondeu à pergunta, apenas a fez.

A observação produziu um efeito impressionante. Toda a gente trocava olhares. Stavróguin riu-se alto na cara do coxo e saiu, e Kiríllov a seguir. Verkhovênski correu atrás deles para o vestíbulo.

— O que está fazendo comigo? — balbuciou, agarrando na mão de Stavróguin e apertando-lha com muita força. Este arrancou-a, em silêncio.

— Vá agora para a casa de Kiríllov, eu vou lá ter... É necessário, é necessário!

— Pois eu não tenho necessidade disso — replicou bruscamente Stavróguin.

— Stavróguin vai — resolveu Kiríllou. — Stavróguin tem necessidade de ir. Provo-o lá.

Sáiram.

8 - O príncipe encantado

Saíram. Piotr Stepánovitch ainda quis voltar atrás para aquietar o caos da “reunião” mas, concluindo por certo que não valia a pena esforçar-se, abandonou-a e, dois minutos depois, já corria pela rua fora, atrás dos dois homens. Enquanto corria, lembrou-se de um beco por onde poderia encurtar o caminho para o prédio de Filíppov; atolando-se na lama até aos joelhos, meteu pela viela e, de fato, chegou lá no momento em que Stavróguin e Kiríllov entravam pelo portão.

— Já chegou? — observou Kiríllov. — Ainda bem. Passe.

— Dizia que vivia sozinho? — perguntou Stavróguin, passando pelo vestibulo onde já começava a ferver o samovar.

— Já verá com quem eu vivo — murmurou Kiríllov. — Entrem.

Mal entraram, Verkhovênski tirou do bolso a carta anônima que Von Lembke lhe emprestara e pô-la em frente de Stavróguin. Sentaram-se. Stavróguin, em silêncio, leu a carta.

— E agora? — perguntou.

— Este canalha fará como diz na carta — explicou Verkhovênski. — Como é o senhor quem tem poder sobre ele, diga como temos de proceder. Tenho a certeza de que ele, talvez já amanhã, vai falar com Von Lembke.

— Que vá.

— Como é que isso pode ser, sobretudo quando é possível evitá-lo?

— Está enganado, ele não está na minha dependência. Além disso, é-me indiferente; a mim não ameaça com nada, apenas ao senhor.

— Não, ao senhor também.

— Não acho.

— Os outros são capazes de não o poupar, será que não compreende? Ouça, Stavróguin, isto é apenas jogar com as palavras. Importa-se de pagar?

— É preciso pagar?

— Obrigatoriamente, dois mil, ou mil e quinhentos no mínimo. Dê-mos amanhã, ou mesmo hoje, e amanhã à noite já o despacho para Petersburgo, que é o que ele quer. Se quiser, a Mária Timoféevna vai com ele... tenha isso em conta.

Havia em Verkhovênski qualquer coisa de atabalhado, falava com imprudência, escapavam-lhe palavras mal pensadas. Stavróguin observava-o com espanto.

— Não tenho motivos para mandar Mária Timoféevna embora.

— Se calhar nem sequer deseja isso? — sorriu ironicamente Piotr Stepánovitch.

— Se calhar nem o desejo.

— Em resumo, haverá dinheiro ou não? — gritou Verkhovênski com impaciência raivosa e numa espécie de tom autoritário. Muito sério, Stavróguin olhou para ele.

— Não haverá dinheiro.

— Atenção, Stavróguin! O senhor já sabe alguma coisa, ou então já fez alguma coisa! Está permitindo-se coisas demais!

A cara dele torceu-se, as commissuras dos lábios tremeram-lhe e, de repente, desatou a rir-se, sem tino e sem motivo.

— O senhor recebeu do seu pai o dinheiro pela herdade — observou calmamente Nikolai Vsevolodovitch. — A *maman* fez-lhe chegar, via Stepan Trofímovitch, seis, ou mesmo oito mil rublos. Sendo assim, pague mil e quinhentos do seu bolso. Eu, afinal, não estou para pagar pelos outros, já sem isso dei muito dinheiro, sinto-me prejudicado... — e sorriu, ironizando com as suas próprias palavras.

— Ah, o senhor começa a brincar...

Stavróguin levantou-se, Verkhovênski também se precipitou da sua cadeira e, maquinalmente, foi pôr-se de costas para a porta, como que a barrar-lhe o caminho. Nikolai Vsevolodovitch já fazia um gesto para o empurrar e sair, mas parou de súbito.

— Não lhe cedo o Chátov — disse. Piotr Stepánovitch estremeceu; olhavam fixamente um para o outro.

— Ainda há pouco tempo eu lhe disse para que queria o senhor o sangue de Chátov.— Os olhos de Stavróguin brilhavam. — Quer colar os seus grupinhos com essa cola. Há pouco o senhor conseguiu brilhantemente expulsar Chátov: sabia muito bem que ele não diria: “Não denunciarei” e que consideraria uma baixeza mentir ao senhor. Mas eu... por que lhe serei eu tão necessário? Não me tem deixado em paz, quase desde os tempos do estrangeiro. As razões que o senhor tem alegado ainda hoje continuam a ser absurdas. Entretanto, tenta convencer-me a entregar mil e quinhentos rublos a Lebiádkin e a oferecer com isso uma ocasião a Fedka para o matar. Sei que tem na cabeça a ideia de que eu também gostaria de matar a minha mulher. Atando-me ao crime, o senhor pretende obter poder sobre mim, não é? Para que quer o poder? Para que raio precisade mim? Veja de uma vez por todas se eu sou uma pessoa conveniente para o senhor edeixe-me em paz.

— O Fedka, por própria iniciativa dele, foi ter consigo? — resfolegou Verkhovênski.

— Sim, veio ter comigo; o preço dele também é de mil e quinhentos... De resto, ele mesmo pode confirmá-lo, está ali... — Stavróguin apontou com a mão.

Piotr Stepánovitch virou-se rapidamente. Do escuro da entrada saiu uma nova figura — o Fedka, de samarra curta mas sem chapéu, como em casa. Estava ali parado a rir-se, arreganhando os dentes brancos e regulares. Os seus olhos negros, com laivos amarelos, percorriam cuidadosamente a sala, observando os senhores. Havia qualquer coisa que ele não percebia; pelos vistos tinha sido trazido por Kirílov e era a este que o olhar interrogativo de Fedka se dirigia; deixou-se ficar à entrada, não queria passar para a sala.

— Está aqui, preparado pelos senhores, pelos vistos, para ouvir como regateamos, ou até, para ver o dinheiro na mão, não é? — perguntou Stavróguin e, sem esperar pela resposta, saiu da casa. Verkhovênski apanhou-o no portão; estava quase louco.

— Pare! Nem mais um passo! — gritou, agarrando-o pelo cotovelo. Stavróguin puxou o braço mas não conseguiu libertar-se. Dominou-o a fúria: agarrando Verkhovênski pelo cabelo, atirou-o com toda a força para o chão e saiu pelo portão. Mas nem dera ainda trinta passos quando o outro o apanhou de novo.

— Vamos fazer as pazes, vamos fazer as pazes — sussurrou-lhe espasmodicamente.

Nikolai Vsevolodovitch sacudiu os ombros, mas não parou nem se voltou.

— Ouça, trago-lhe amanhã mesmo a Lisaveta Nikoláevna, quer? Não? Por que não responde? Diga-me o que quer, faço tudo. Ouça: dou-lhe o Chátov, quer?

— Portanto, é verdade que decidiu matá-lo? — gritou Nikolai Vsevolodovitch.

— Para que precisa do Chátov? Para quê? — continuava Verkhovênski, rápido, ofegante, frenético, ultrapassando Stavróguin a cada instante e agarrando-lhe no braço, sem reparar nisso sequer. — Ouça: dou-lho, mas façamos as pazes. O senhor tem muito por onde se lhe pegue mas... vamos fazer as pazes!

Por fim, Stavróguin olhou para ele e ficou pasmado. Era outra voz, outro olhar, diferentes do habitual e diferentes dos que vira há pouco na sala; era quase outra pessoa que estava diante dele. A entoação era outra: Verkhovênski implorava, suplicava. Era uma pessoa que, ao descobrir que lhe estavam tirando ou já lhe tinham tirado uma coisa preciosa, ainda não caíra em si.

— Mas o que se passa com o senhor? — gritou Stavróguin. O outro não respondeu, mas ia correndo atrás dele e olhando para ele com os mesmos olhos suplicantes mas inexoráveis.

— Vamos fazer as pazes — sussurrou mais uma vez. — Ouça, eu tenho uma faca escondida na bota, como o Fedka, mas farei as pazes com o senhor.

— Mas para que precisa de mim, còs diabos? — gritou-lhe Stavróguin com raiva e espanto. — Há aqui um segredo qualquer ou o quê? Serei um talismã para o senhor?

— Ouça, vamos armar uma desordem — murmurou Verkhovênski, muito depressa e como se delirasse. — Não acredita que a fazemos? Vamos fazer uma desordem tal, que os alicerces serão abalados. Karmazínov tem razão quando diz que as pessoas não têm a que se agarrar. Karmazínov é muito esperto. Bastam dez grupinhos destes espalhados pela Rússia e ninguém me apanha.

— Grupos de estúpidos iguais a estes — escapou involuntariamente a Stavróguin.

— Oh, e o senhor também, Stavróguin, seja mais estúpido, seja mais estúpido! Aliás, se quer saber, o senhor não é inteligente ao ponto de eu lhe desejar mais estupidez. Tem medo, não acredita, está assustado com a envergadura disto. E são estúpidos por quê? Aliás, não são tão estúpidos como isso; hoje em dia, ninguém vive por sua própria cabeça. Hoje em dia, há poucos intelectos originais. Virguínski é um homem dealma pura, dez vezes mais pura do que a nossa; pois bem, que seja, isso não importa. O Lipútin é vigarista, mas conheço um ponto fraco dele. Não existe vigarista sem ponto fraco. Quanto a Liámchin, não tem ponto fraco nenhum, mas está nas minhas mãos. Mais alguns grupinhos como este e terei por todo o lado passaportes e dinheiros, pelo menos isso. Pelo menos isso! E lugares secretos para guardar o que quiser, que procurem. Podem eliminar uma célula, mas falham outra. Instauraremos a desordem... Será que o senhor não acredita que nós dois somos perfeitamente suficientes?

— Pegue no Chigaliiov e deixe-me em paz...

— Chigaliiov é um homem genial! É um gênio ao nível de Fourier... mais atrevido ainda, mais forte do que ele; vou tratar dele. Inventou a “igualdade”!

“Tem febre, está delirando; aconteceu-lhe alguma coisa muito estranha”, voltou a olhar para ele Stavróguin. Os dois caminhavam sem parar.

— O conteúdo do caderno dele é bom — continuou Verkhovênski —, porque contempla a espionagem. Para ele, cada membro da organização vigia o outro e tem a obrigação de fazer denúncias. Cada um pertence a todos, e todos a cada um. Todos são escravos e iguais na sua escravidão. Em casos extremos, há a calúnia e o assassinio, mas o principal é a igualdade. Em primeiro lugar, é preciso diminuir o nível da instrução, das ciências e dos talentos. O alto nível das ciências e dos talentos apenas é acessível a capacidades superiores, mas não precisamos de capacidades superiores! As capacidades superiores sempre se apropriaram do poder e foram déspotas. As capacidades

superiores não podem deixar de ser déspotas e sempre geraram mais depravação do que utilidade; por isso são expulsas ou executadas. A Cícero corta-se a língua, a Copérnico vazam-se os olhos, Shakespeare é lapidado... eis o chigaliovismo! Os escravos devem ser iguais em direitos: sem despotismo nunca houve liberdade nem igualdade, mas dentro do rebanho tem de haver igualdade, eis o chigaliovismo! Ah, ah, ah! Acha esquisito? Eu sou pelo chigaliovismo!

Stavróguin tentava estugar o passo e chegar o mais depressa possível a casa. “Se este homem está bêbado, onde é que teve tempo de se embebedar?”, passava-lhe pela mente. “Terá sido o conhaque?”

— Ouça, Stavróguin: nivelar os montes é uma boa ideia, não é uma ideia ridícula. Sou por Chigaliov! Não precisamos de instrução, basta de ciência. Temos material para mil anos sem precisarmos de qualquer ciência, mas temos de instaurar a obediência. Neste mundo só falta uma coisa, a obediência. A sede de instrução é uma sede aristocrática. Quanto à propriedade, basta surgir uma sombra de família ou de amor, e aí está a ânsia de propriedade. Eliminaremos o desejo: propagaremos o alcoolismo, o mexerico, a denúncia; propagaremos uma depravação inédita; abafaremos no berço qualquer gênio. Reduziremos tudo ao mesmo denominador comum, à plena igualdade. “Aprendemos um ofício e somos gente honesta, não precisamos de mais nada”. É esta a resposta recente dos operários ingleses. É necessário apenas o necessário, eis o lema do globo terrestre a partir de agora. Porém, é também necessária uma convulsão; disso trataremos nós, os governantes. Os escravos devem ter senhores. Obediência total, falta de personalidade total, mas, uma vez em cada trinta anos, Chigaliov lança também uma convulsão, e todos desatam de repente a devorar-se uns aos outros, até certo limite, unicamente para que não haja aborrecimento. O aborrecimento é uma sensação aristocrática; no chigaliovismo não haverá desejos. O desejo e o sofrimento serão para nós, e para os escravos será o chigaliovismo.

— O senhor exclui-se? — escapou mais uma vez a Stavróguin.

— E excludo o senhor também. Sabe uma coisa? Queria entregar o mundo ao meu papai. Que ele apareça, andando a pé, descalço, diante da ralé: “Vejam até que ponto me levaram!”. E todos o seguirão, inclusive as tropas. O papai em cima, nós à volta dele, e por baixo de nós o chigaliovismo. É necessário apenas que a Internationale aceite o papai... e será mesmo assim. E o velhote concordará num instante. Além disso, não terá outra saída, vá por mim, ah, ah, ah! Estupidez? Diga lá, é estupidez, não é estupidez?

— Basta — murmurou Stavróguin com desgosto.

— Basta! Ouça, abandonei o papai! Pr’o diabo o chigaliovismo! Pr’o diabo o papai! Precisamos do cotidiano, e não do chigaliovismo, porque o chigaliovismo é uma obra de joalheiro. É um ideal, acontecerá no futuro. Chigaliov é joalheiro e é estúpido como qualquer filantropo. Precisamos do trabalho negro, mas Chigaliov despreza o trabalho negro. Ouça: o papai será no Ocidente, e nós aqui teremos o senhor!

— Deixe-me em paz, seu bêbado! — murmurou Stavróguin, e acelerou a passada.

— Stavróguin, o senhor é um bonitão! — gritou Piotr Stepánovitch quase enlevado.— Sabia que é um bonitão? O mais precioso no senhor é que, às vezes, não o sabe. Oh, estudei-o bem. Muitas vezes, ponho-me a olhar para o senhor de longe, de um canto! Tem até uma certa ingenuidade e uma certa inocência, sabia? Ainda tem, ainda tem! Pelos vistos sofre, e sofre sinceramente, por causa dessa inocência. Gosto da beleza. Sou niilista, mas gosto da beleza. Será que os niilistas não gostam da beleza? Detestam os ídolos... mas eu gosto do ídolo! O senhor é o meu ídolo! Não insulta ninguém mas todos o odeiam; porta-se como um igual de todos, mas todos têm medo do senhor, e assim é que está bem. Ninguém se aproximará de si para lhe dar palmadinhas no ombro. É um aristocrata terrível. Quando um aristocrata entra na democracia é fascinante! Não lhe custa nada sacrificar a vida, a sua e a alheia. Exatamente como é necessário. Para

mim, precisamente para mim. Não conheço ninguém como o senhor. É líder, é sol, e eu sou o seu verme...

De repente, beijou-lhe a mão. Um calafrio percorreu as costas de Stavróguin, e arrancou, assustado, a mão. Pararam.

— Louco! — sussurrou Stavróguin.

— Se calhar, isto é delírio, estou delirando! — continuou Piotr Stepánovitch muito depressa. — Mas criei o primeiro passo. O Chigaliouv nunca conseguiria criar o primeiro passo. Há muitos Chigaliouvs! Mas só há um, único em toda a Rússia, que criou o primeiro passo e sabe como dá-lo. Sou eu. Por que está olhando para mim? Preciso de si, de si, sem o senhor sou um zero. Sem o senhor sou uma mosca, uma ideia no vidro. Um Colombo sem América.

Stavróguin estava parado, com os olhos fixos nos olhos loucos do outro.

— Ouça, primeiro espalhamos a desordem — apressava-se Verkhovênski, terrivelmente, agarrando-se a cada instante à manga esquerda de Stavróguin. — Já lhe disse: penetraremos no meio do povo. Sabe que já somos muito fortes? Os nossos não são só os que esfaqueiam e incendeiam, que disparam os clássicos tiros ou mordem. Esses apenas estorvam. Não aceito nada sem disciplina. É que eu sou vigarista e não socialista, ah, ah! Ouça, contei-os a todos: o professor que se ri das crianças, do Deus delas e do berço delas é nosso. O advogado que na defesa de um assassino culto alega como argumento que um tal assassino é mais evoluído do que as suas vítimas e que, para arranjar dinheiro, não podia evitar o assassinio, é nosso. Os escolares que matam um mujique para experimentarem a sensação de matar também são nossos. Os jurados que ilibam os criminosos são todos nossos. O acusador que no tribunal tem medo de se mostrar insuficientemente liberal é nosso, nosso. Os administradores, os literatos... oh, os nossos são muitos, muitíssimos, e nem sequer o sabem! Por outro lado, a obediência dos escolares e dos parvinhos

atingiu um grau superior; os mentores têm a vesícula biliar rota; por todo o lado, as ambições são incomensuráveis, o apetite é animalesco, inédito... Sabe quanto vamos ganhar apenas com ideias feitas? Quando parti, triunfava a tese de Littré²²³ de que o crime é loucura; quando voltei, o crime já não era loucura mas, precisamente, senso comum, quase um dever, pelo menos um nobre protesto. “Como é que um assassino evoluído pode não matar se precisar de dinheiro?”. Mas isso são apenas ninharias. O Deus russo já se deixou vencer pela “quinquilharia”. O povo está bêbado, as mães estão bêbadas, os filhos estão bêbados, as igrejas estão vazias, e nos tribunais: “duzentas vergastadas, ou traz um balde cheio”. Oh, deixe esta geração crescer! É pena não termos tempo para esperar, senão deixaríamos que ficassem ainda mais bêbados! Ah, que pena não termos proletários! Mas haverá, haverá, tudo caminha nesse sentido...

— Também é pena termos ficado mais parvos — murmurou Stavróguin, e seguiu o seu caminho.

— Ouça, vi com os meus próprios olhos uma criança de seis anos que levava a mãe bêbada para casa, e a mãe ainda descompunha a criança com palavras obscenas. Acha que estou contente com isso? Quando ficarem nas nossas mãos, se calhar vamos curá-los... se for preciso mandamo-los, por quarenta anos, para o deserto... Mas é preciso ter agora uma ou duas gerações depravadas, de uma depravação inaudita, ignóbil, em que a pessoa se transforma num verme nojento, covarde, cruel e egoísta... é disso que precisamos! E acrescentar “sangue fresquinho”, para que se habitue. Por que se ri? Não me estou contradizendo a mim próprio. Contradigo apenas os filantropos e o chigaliovismo, e não a mim próprio. Sou vigarista, e não socialista. Ah, ah, ah! Só é pena que tenhamos pouco tempo. Prometi a Karmazínov começar em maio e acabar em agosto. Cedo demais? Ah, ah! Sabe o que eu lhe digo, Stavróguin? No povo russo, até hoje, não tem havido cinismo, embora pragueje repugnantemente. Sabe que o servo da gleba tinha mais respeito por si mesmo do que o Karmazínov? Açoitavam-no, mas ele defendia os seus deuses, e o Karmazínov não os defende.

— Pois é, Verkhovênski, é a primeira vez que lhe ouço essas coisas e estou espantado — disse Nikolai Vsevolodovitch. — Portanto, o senhor não é de fato socialista, mas uma espécie de... carreirista político?

— Sou um vigarista, um vigarista. Interessa-lhe quem eu sou? Vou dizer-lhe agora quem eu sou, é aí que eu quero chegar. Não foi por acaso que lhe beijei a mão. Mas é preciso que o povo também acredite que sabemos o que queremos e que os outros apenas “brandem a clava e atingem os seus”. Ah, se houvesse mais tempo! O pior é que não há tempo. Vamos proclamar a destruição... porque, porque... mais uma vez, uma ideiazinha fascinante! É preciso, é preciso desentorpecer os ossos. Atearemos incêndios... Propagaremos mitos... Para isto, qualquer “grupinho” sarnoso será útil. Dentro destes grupinhos encontrar-lhe-ei entusiastas que aceitarão disparar seja contra quem for, e ainda por cima agradecerão a honra. Bem, começará a desordem! Haverá um abalo como o mundo ainda não viu... A Rússia amargurar-se-á, chorará os antigos deuses... E então promoveremos... Quem?

— Quem?

— O príncipe encantado.

— Quem???

— O príncipe... o senhor, o senhor!

Stavróguin pensou um bom minuto.

— Usurpador? — perguntou bruscamente, olhando para o maluco com profundo espanto. — Ah, é este, afinal, o seu plano!

— Diremos que ele “se esconde” — disse Verkhovênski num sussurro baixinho e como que apaixonado, na verdade como o de um bêbado. — Sabe o que significa esta palavrinha: “esconde-se”? Mas depois aparece, há de aparecer. Lançaremos uma lenda melhor que a dos

skoptsi.²²⁴ Ele existe, mas ninguém o viu. Oh, a lenda que se pode espalhar! E o principal é que surge uma força nova. É dela que precisamos, é por ela que eles choram. Que interesse tem o socialismo? Destrói as forças velhas mas não traz forças novas. Ora, aqui há uma força, e que força inaudita! Precisamos só de uma alavanca, e só uma vez, para virar o mundo. Ressurge tudo!

— Então conta a sério comigo? — sorriu raivosamente Stavróguin.

— Por que se ri, e com tanta raiva? Não me assuste! Eu agora estou como uma criança, pode-se assustar-me até à morte com um sorriso assim. Ouça, não o mostro a ninguém, a ninguém: tem de ser assim. Ele existe, mas ninguém o vê, anda escondido. Mas, sabe... não faz mal mostrá-lo a um entre cem mil, por exemplo. Então, correrá por toda a Terra o rumor: “Viram-no, viram-no”. Também viram Ivan Filíppovitch, o deus Sabaoth, quando subiu aos céus no seu carro diante das pessoas, que o viram “com os seus próprios olhos”. Mas o senhor não é Ivan Filíppovitch; é um bonitão, orgulhoso como um deus, sem procurar nada para si, com a auréola de vítima, “escondendo-se”. O principal é criar a lenda e lançá-la. O senhor vence-os, olha e vence. Traz uma verdade nova e esconde-se. Então, espalharemos duas ou três sentenças de Salomão: os grupinhos, os grupinhos dos cinco... com eles nem sequer precisamos dos jornais! Se satisfizermos nem que seja só um entre mil pedidos, todos virão ter conosco com pedidos. Em todo e qualquer distrito, todo e qualquer mujique saberá que existe, segundo se fez constar, um buraco numa árvore em que lhe foi mandado depositar os seus pedidos. Então, toda a Terra gemerá: “Vem aí uma nova lei, a verdadeira”. E levanta-se a procela no mar, e tomba a tenda frágil, e então se pensará em erguer uma construção de pedra. Pela primeira vez! E vamos construí-la *nós*, nós, só nós!

— Um desvario! — desabafou Stavróguin.

— Por quê, por que não quer? Tem medo? É que eu agarrei-me a si porque o senhor, precisamente, é destemido. Acha insensato, é? É que

eu, por enquanto, sou um Colombo sem América; um Colombo sem América poderá ser sensato?

Stavróguin calava-se. Entretanto, tinham chegado à entrada da casa dele e pararam.

— Ouça — inclinou-se Verkhovênski para Stavróguin, falando-lhe ao ouvido —, faça aquilo para o senhor, não precisa de me pagar; amanhã acabo com a Mária Timoféevna... sem dinheiro, e amanhã mesmo lhe trago Lisa. Quer a Lisa, já amanhã?

“Terá mesmo enlouquecido?”, sorriu Stavróguin. Abriram finalmente a porta de entrada.

— Stavróguin, a América é nossa? — Verkhovênski agarrou-lhe a mão uma últimavez.

— Para quê? — perguntou Nikolai Vsevolodovitch, sério e severo.

— Não lhe apetece, já sabia! — gritou Verkhovênski num ataque de fúria. — Mente, seu fidalgote reles, voluptuoso, estragado! Não acredito, tem um apetite de lobo!... Tente compreender que, agora, tem muito por onde se lhe pegue e que eu não posso desistir do senhor! Não há na Terra ninguém como o senhor! Já no estrangeiro eu o fantasiei; fantasiei-o olhando para o senhor. Se não olhasse de um canto, não me passaria nada pela cabeça!...

Stavróguin, sem responder, começou a subir a escada.

— Stavróguin! — gritou-lhe às costas Verkhovênski. — Dou-lhe um dia... bem, dois... pronto, três; mais do que três dias já não posso, e ao cabo deles tem de me dar a resposta!

9 - Stepan Trofímovitch sequestrado

Entretanto aconteceu uma aventura que a mim surpreendeu e a Stepan Trofímovitch abalou. Às oito da manhã, a Nastássia chegou alvoroçada a minha casa com a notícia de que o seu amo tinha sido “sequestrado”. Eu, a princípio, não consegui entender nada: a única coisa que arranquei à mulher foi que apareceram os funcionários que fizeram o “sequestro”, vasculharam os papéis, um soldado fez uma trouxa com os papéis, atou-a e levou-a num carrinho de mão. Era uma notícia louca. Corri imediatamente para a casa de Stepan Trofímovitch.

Encontrei-o num estado espantoso: confuso e em grande emoção, mas ao mesmo tempo com um ar indiscutivelmente triunfante. Em cima da mesa, a meio da sala, fervia o samovar e estava esquecido um copo de chá cheio. Stepan Trofímovitch passeava ao longo da mesa, de uma parede da sala a outra, sem ter a consciência dos seus movimentos. Vestia a sua habitual malha vermelha, mas, ao ver-me, apressou-se a pôr o colete e a enfiar a sobrecasaca, o que antes nunca fazia quando era apanhado por algum amigo com aquela malha. Pegou-me imediata e calorosamente na mão.

— *Enfin un ami!*²²⁵ — (Suspirou do fundo do peito) — *Cher*, só o mandei avisar ao senhor, ninguém sabe nada. É preciso mandar a Nastássia fechar as portas todas, e que não deixe entrar ninguém, a não ser *aqueles*, evidentemente... *Vous comprenez?*²²⁶

Olhava inquieto para mim, como que à espera de uma resposta. É óbvio que comecei logo a perguntar-lhe tudo e fiquei sabendo, mais ou menos, pelo que era possível perceber-se da sua fala desconexa, com interrupções e interpolações inúteis, que às sete horas da manhã

chegara junto dele, “de rompante”, um funcionário da administração provincial...

— *Pardon, j’ai oublié son nom. Il n’est pas du pays, mas ao que parece, foi trazido para aqui pelo Von Lembke, quelque chose de bête et d’allemand dans la physionomie. Il s’appelle Rosenthal.*²²⁷

— Talvez Blum?

— Blum. Foi precisamente assim que se apresentou. *Vous le connaissez? Quelque chose d’hébété et de très content dans la figure, pourtant très sévère, roide et sérieux.* Uma figura de polícia, dos mais obedientes, *je m’y connais.*²²⁸ Eu estava ainda a dormir e, imagine, ele pediu-me licença para “olhar” para os meus livros e manuscritos, *oui, je m’en souviens, il a employé ce mot.*²²⁹ Não me arrestou, apenas aos livros... *Il se tenait à distance* e, quando começou a explicar por que tinha vindo, tinha um ar... *enfin il avait l’air de croire que je tomberai sur lui immédiatement et que je commencerai à le battre comme plâtre. Tous ces gens du bas étage sont comme ça*²³⁰ quando lidam com uma pessoa decente. É óbvio que entendi tudo de imediato. *Voilà vingt ans que je m’y prépare.*²³¹ Abri-lhe todas as gavetas e entreguei-lhe todas as chaves, eu próprio, e dei-lhe tudo. *J’étais digne et calme.*²³² Dos livros, levou as edições estrangeiras de Herzen, um exemplar encadernado do *Kólokol*, quatro exemplares do meu poema, *et enfin tout ça.*²³³ Depois, papéis e cartas *et quelques unes de mes ébauches historiques, critiques et politiques.*²³⁴ Levaram isso tudo. A Nastássia diz que o soldado levou tudo no carrinho, coberto com um avental; *oui, c’est cela,*²³⁵ avental.

Era um absurdo. Quem poderia perceber fosse o que fosse no meio disto tudo? Voltei a inundá-lo de perguntas: o Blum viera sozinho? Em nome de quem? Com que direito? Como se atrevera? Como o justificou?

— *Il était seul, bien seul*, aliás, havia mais alguém *dans l'antichambre, oui, je m'en souviens, et puis...*²³⁶ Aliás, ao que parece havia mais alguém, e no vestíbulo estava um guarda. É preciso perguntar à Nastássia, ela sabe melhor. *J'étais surexcité, voyez-vous. Il parlait, il parlait, un tas de choses;*²³⁷ de resto, ele falava muito pouco, quem falava era eu... Conte-lhe a minha vida, apenas de um certo ponto de vista, evidentemente... *J'étais surexcité, mais digne, je vous l'assure.*²³⁸ Receio, aliás, que tenha chorado. Pediram o carrinho emprestado ao lojista aqui do lado.

— Oh, meu Deus, como é que isto tudo foi possível? Mas, por amor de Deus, fale mais claro, Stepan Trofímovitch, porque o que me está contando é como um sonho irreal!

— *Cher*, também a mim parece que estou sonhando... *Savez-vous, il a prononcé le nom de Teliatnikoff;*²³⁹ e acho que era ele quem se escondia no vestíbulo! Ele propôs chamar o procurador, creio que o Dmítri Mítritch... *qui me doit encore quinze roubles do jogo, soit dit en passant. Enfin, je n'ai pas trop compris.*²⁴⁰ Mas consegui enganá-los, e que raio me interessa o Dmítri Mítritch? Parece que lhe pedi com insistência que abafasse tudo, pedi-lhe muito, tenho medo até de me ter humilhado, *comment croyez-vous? Enfin il a consenti.*²⁴¹ Bem, lembrei-me, foi ele mesmo quem disse que seria melhor que a coisa não fosse divulgada porque ele tinha vindo apenas para “olhar”, *et rien de plus*, e nada mais, nada mais... e que, se não encontrassem nada, não aconteceria nada. Portanto, tudo acabou *en amis, je suis tout-à-fait content.*²⁴²

— Por amor de Deus, mas ele propôs-lhe o cumprimento das formalidades e as garantias normais nestes casos, e o senhor não aceitou! — gritei-lhe com uma indignação amigável.

— Não, assim é melhor, sem garantias. Para que armar um escândalo? Que fique tudo *en amis* por enquanto... Olhe, se na cidade vierem a saber... *mes ennemis... et puis à quoi sert ce procureur, ce*

*cochon de notre procureur, qui deux fois m'a manqué de politesse et qu'on a rossé à plaisir l'autre année chez cette charmante et belle Natália Pávlovna, quand il se cacha dans son boudoir. Et puis, mon ami,*²⁴³ não objete nem me desanime, peço-lhe, porque não há nada mais insuportável para uma pessoa em desgraça do que ouvir da boca de cem amigos que cometeu uma asneira. Sente-se, é melhor, e tome chá, confesso que estou muito cansado... Não acha que seria melhor deitar-me e pôr vinagre na cabeça?

— É claro — exclamei — e também gelo. Está muito desconcertado. Está pálido, as mãos tremem-lhe. Deite-se, descanse e não diga mais nada por enquanto. Eu fico aqui ao seu lado e espero.

Hesitava e não se deitava, mas lá o convenci. Nastássia trouxe vinagre numa tigela, molhei uma toalha nele e pus-lha na cabeça. Depois, Nastássia subiu a uma cadeira e acendeu uma lamparina diante do ícone. Foi com espanto que reparei nisso, até porque dantes não havia ali qualquer lamparina, e eis que, inesperadamente, ali estava uma.

— Fui eu quem a mandou pôr, mal aqueles se foram embora — murmurou Stepan Trofímovitch, lançando-me um olhar manhoso —, *quand on a de ces choses-là dans sa chambre et qu'on vient vous arrêter,*²⁴⁴ estas coisas impressionam, e eles devem ter relatado o que viram...

Quando acabou de acender a lamparina, Nastássia ficou à porta, apoiou a bochecha na mão direita e pôs-se a olhar para ele com ar de comiseração.

— *Eloignez-la,*²⁴⁵ a pretexto de qualquer coisa — acenou-me Stepan Trofímovitch do divã —, detesto esta piedade russa, *et puis ça m'embête.*²⁴⁶

Mas ela saiu sem ser mandada. Reparei que ele estava sempre a deitar olhadelas para a porta e se punha à escuta do que se passava no vestíbulo.

— *Il faut être prêt, voyez-vous* — olhou para mim com um ar significativo— *chaque moment...*²⁴⁷ podem vir, pegam em mim, e zás!... a pessoa desaparece!

— Meu Deus! Quem pode vir? Quem o leva?

— *Voyez-vous, mon cher*, quando ele saía, perguntei-lhe abertamente: o que me farão agora?

— Seria melhor ter-lhe perguntado para onde o deportariam! — gritei-lhe com a mesma indignação.

— Foi isso mesmo que subentendi quando lhe fiz a pergunta, mas ele foi-se embora sem responder. *Voyez-vous*, quanto à roupa interior, ao terno, sobretudo à roupa quente, será como eles entenderem: ou me deixam levar tudo comigo, ou então mandam-me de capote de soldado. Mas — (baixou de repente a voz, lançando olhares para a porta por onde tinha saído Nastássia) — meti à socapa trinta e cinco rublos num fundo falso do bolso do meu colete, aqui, apalpe... Acho que não me vão tirar o colete... e para disfarçar deixei no porta-moedas sete rublos, como se fosse “tudo o que tenho”.Sabe, deixei aqui uns cobres em cima da mesa, e assim eles não vão adivinhar que escondi o dinheiro, vão pensar que não tenho mais. É que só Deus sabe onde é que terei de pernoitar hoje.

À vista desta loucura, baixei a cabeça. Era evidente que não se podia proceder à detenção de uma pessoa ou fazer-lhe uma busca da forma como ele tinha contado; era mais do que certo que ele estava confundindo tudo. Também é verdade que, antes das leis agora vigentes, tudo isto acontecia. É também verdade que lhe propuseram (de acordo com as suas próprias palavras) um procedimento mais correto, mas ele acha que *os levou na conversa* ao recusar... É certo que dantes, ou seja, há pouco tempo, um governador podia, em casos extremos... Mas, por outro lado, que caso extremo poderia haver aqui? Isso é que me confundia.

— Pelos vistos, houve um telegrama de Petersburgo — disse de repente Stepan Trofímovitch.

— Telegrama?! A seu respeito? Por causa das obras de Herzen e do seu poema? Está doído. Que razões podem ser essas para prenderem uma pessoa?

Fiquei irritadíssimo. Ele fez uma careta e ficou visivelmente ofendido — não pela minha réplica, mas pela ideia de que não haveria razões para ser preso.

— Quem pode saber nos nossos tempos por que motivo um homem é preso? — murmurou enigmaticamente. Relanceou-me na cabeça um pensamento louco, até absurdo.

— Stepan Trofímovitch, diga-me, como amigo — gritei —, como verdadeiro amigo, e eu não o trairei: o senhor pertence a alguma sociedade secreta?

Pois bem, para meu espanto, nem mesmo ele tinha a certeza se pertencia ou não pertencia a alguma organização secreta.

— Depende do ponto de vista em que se encare a questão, *voyez-vous...*

— “Do ponto de vista” como?

— Quando nos entregamos de todo o coração ao progresso e... quem pode garantir? Pensamos que não pertencemos mas, de repente, verifica-se que pertencemos a alguma coisa.

— Como é possível? Neste caso, ou sim, ou não...

— *Cela date de Pétersbourg*,²⁴⁸ quando eu e ela queríamos fundar lá uma revista. É aí que está a raiz. Naquela altura escapamos, e eles esqueceram-se de nós, mas agora lembraram-se. *Cher, cher*, será que não sabe? — disse ele em tom doído. — Aqui, eles prendem-nos,

metem-nos num carro celular,²⁴⁹ e vamos parar à Sibéria para sempre, ou ficamos esquecidos numa cadeia...

E, de repente, banhou-se em lágrimas, umas lágrimas quentes, quentes. Corriam-lhe em rios pelas faces. Tapou os olhos com o seu lenço vermelho e soluçou, soluçou convulsamente durante cinco minutos. Fiquei abalado. Este homem, que durante vinte anos nos fez sermões, o nosso pregador, mentor, patriarca, o nosso Kúkolnik,²⁵⁰ que se erguia de modo tão majestoso por cima de nós todos, e diante do qual nos inclinávamos com tanta sinceridade, considerando isso uma honra — pois este homem estava agora chorando como um garoto pequeno que fez uma travessura e que espera as vergastas que o professor foi buscar. Senti muita pena dele. Por certo acreditava que o meteriam num carro celular, tão certo como eu estar sentado ao lado dele, e esperava o carro precisamente agora, nesta manhã, neste mesmo momento, e tudo por causa das obras de Herzen e do seu poema! Esta ignorância completa e absoluta da realidade cotidiana era comovedora e, de certo modo, repulsiva.

Por fim, deixou de chorar, levantou-se do divã e recomeçou a cirandar pela sala, continuando a conversar comigo, mas espreitando volta e meia pela janela e escutando os barulhos no vestíbulo. A nossa conversa, desconexa, continuava. Todas as minhas tentativas de persuasão e de o acalmar eram em vão. Ouvia-me pouco mas, mesmo assim, tinha grande necessidade de que eu não parasse de o acalmar, e, neste sentido, falava sem fim. Eu bem via que, agora, ele não podia passar sem mim e que não me deixaria ir embora. Fiquei então com ele, passamos duas horas juntos. No meio da conversa, lembrou-se de que Blum lhe tinha levado dois panfletos que encontrara.

— Panfletos! — assustei-me estupidamente. — Será que o senhor...

— Eh, eh, puseram-me aqui, furtivamente, dez exemplares — respondeu ele, repugnado (ora falava comigo repugnado e com arrogância, ora num tom muito queixoso e humilhado), — mas já me desfiz de oito, Blum levou os dois que ficaram...

De repente, ficou vermelho de indignação.

— *Vous me mettez avec ces gens-là!*²⁵¹ Supõe por acaso que eu possa estar aliado com esses canalhas, com autores de cartas anônimas, com o meu filhinho Piotr Stepánovitch, *avec ces esprits forts de la lâcheté!*²⁵² Oh, meu Deus!

— Ora, será que arranjam maneira de o confundir com... Não, disparate, não pode ser! — observei.

— *Savez-vous* — disse de repente —, por momentos sinto que *je ferai là-bas quelque esclandre.*²⁵³ Oh, não se vá embora, não me deixe sozinho! *Ma carrière est finie aujourd'hui, je le sens.*²⁵⁴ Sabe uma coisa?... Talvez me atire a alguém e o morda, como aquele segundo-tenente...

Olhou para mim com um olhar estranho — assustado e, ao mesmo tempo, como que desejoso de assustar. Realmente, estava irritando-se cada vez mais com alguém, ou com alguma coisa, à medida que o tempo passava e os “carros celulares” não apareciam. De repente, a Nastássia, que por qualquer motivo entrara no vestibulo, tocou lá em qualquer coisa e fez cair um cabide. Stepan Trofímovitch tremeu e ficou lívido; mas quando a causa do barulho se esclareceu, quase guinchou a Nastássia e, batendo com os pés no chão, enxotou-a para a cozinha. Passado um minuto pronunciou, olhando para mim com desespero:

— Estou perdido! *Cher* — sentou-se de repente a meu lado e olhou com lástima de si mesmo para os meus olhos —, *cher*, não é da Sibéria que eu tenho medo, juro, *oh, je vous jure* — (até lhe vieram as lágrimas aos olhos) —, tenho medo de outra coisa...

Adivinhei, pelo seu tom, que me queria comunicar finalmente qualquer coisa excepcional que nunca se atrevera a dizer.

— Tenho medo do opróbrio — sussurrou enigmaticamente.

— Qual opróbrio? Pelo contrário! Creia-me, Stepan Trofímovitch, tudo isto se vai esclarecer hoje mesmo a seu favor...

— Tem assim tanta certeza de que me perdoam?

— Que quer dizer com “perdoam”? Que palavras são essas? Que mal fez o senhor? Asseguro-lhe que não fez mal nenhum!

— *Qu'en savez-vous*,²⁵⁵ toda a minha vida foi... *cher*... Eles vão lembrar-me tudo... e se não encontrarem nada, *ainda pior* — acrescentou inesperadamente.

— Ainda pior como?

— Ainda pior.

— Não compreendo.

— Meu amigo, meu amigo, que seja a Sibéria, ou Arkhânguelsk,²⁵⁶ a privação dos direitos... a perdição completa, seja! Mas... tenho medo de outra coisa — (voltou a sussurrar, com o ar assustado e enigmático).

— Medo de quê?

— Vão açoitar-me — disse e olhou para mim com desespero.

— Quem o pode açoitar? Onde? Por quê? — gritei, com medo de que o homem tivesse enlouquecido.

— Onde? Pois bem, lá... onde isso se faz.

— Mas onde é que isso se faz?

— Ah, *cher* — quase me sussurrou ao ouvido —, abre-se-nos o chão debaixo dos pés, descemos até à cintura... Toda a gente sabe.

— Fantasias! — gritei, percebendo finalmente. — Velhas fábulas! Será que o senhor ainda acredita nisso até agora?

— Fábulas? Por alguma razão as fábulas aparecem. Quem foi açoitado não conta fábulas. Já imaginei a cena dez mil vezes.

— Mas o senhor, o senhor, por que seria açoitado? Não fez mal nenhum!

— Pior ainda, verão que não fiz nada e passam-me à vergasta.

— E está convencido de que o levam para Petersburgo para isso?!

— Meu amigo, já lhe disse que não lamento nada, *ma carrière est finie*. Desde aquela hora, em Skvoréchniki, em que ela se despediu de mim, não tenho pena da minha vida... mas o opróbrio, o opróbrio, que *dira-t-elle*²⁵⁷ quando souber?

Olhou para mim, cheio de desespero, e corou todo, o pobre. Também baixei os olhos.

— Ela não saberá nada porque não lhe vai acontecer nada. Stepan Trofímovitch, parece que estou falando consigo pela primeira vez na vida, de tal maneira me espanta esta manhã.

— Meu amigo, isto não é medo. Mesmo que me perdoem, mesmo que me voltem a trazer para aqui e não me façam nada... estarei perdido, e precisamente por isso! *Elle me soupçonnera toute sa vie...*²⁵⁸ a mim, poeta, pensador, homem que ela venerou durante vinte e dois anos!

— Nem lhe passará pela cabeça.

— Passará — sussurrou com profunda convicção. — Eu e ela falamos disto várias vezes, em Petersburgo, por alturas da Quaresma, antes da partida, quando ambos tínhamos medo... *Elle me soupçonnera toute la vie...* e como poderei dissuadi-la? Nada será convincente. E, nesta

cidade, quem acreditará? *C'est invraisemblable... Et puis les femmes...*

²⁵⁹ Ela ficará contente. Vai ficar triste, muito triste, sinceramente, como verdadeira amiga que é, mas no fundo estará contente... Dar-lhe-ei uma arma contra mim mesmo para toda a vida. Oh, a minha vida acabou! Vinte anos de felicidade com ela... e olhe!

Cobriu o rosto com as mãos.

— Stepan Trofímovitch, não quer informar imediatamente Varvara Petrovna do sucedido? — sugeri-lhe.

— Deus me livre! — estremeceu e até saltou do lugar. — Nunca, de maneira nenhuma, depois do que foi dito em Skvoréchniki, nun-ca!

Os olhos dele faiscaram.

Ficamos sentados ainda mais uma hora, ou mais, acho eu, à espera de que acontecesse alguma coisa — era esta a sua ideia fixa. Voltou a deitar-se, até fechou os olhos e ficou estendido cerca de vinte minutos sem dizer nada, pelo que pensei que tinha adormecido ou estava amodorrado. Então, de rompante, levantou-se vertiginosamente, arrancou a toalha molhada da cabeça, saltou do divã, precipitou-se para o espelho, atou com as mãos trêmulas a gravata e gritou numa voz estentórea à Nastássia a ordem de lhe trazer o sobretudo, o chapéu novo e a bengala.

— Não aguento mais — disse numa voz entrecortada. — Não posso, não posso!... Vou lá.

— Onde? — e também eu saltei do lugar.

— Ao Lembke. *Cher*, tenho de ir, tenho obrigação de ir lá. É o meu dever. Sou cidadão e sou homem, não sou um cavaco, tenho direitos e exijo os meus direitos... Durante vinte anos não exigi os meus direitos, durante toda a vida esqueci-me criminosamente deles... mas agora vou exigi-los. Ele tem de me dizer tudo, tudo. Ele recebeu um

telegrama. Ele não tem o direito de me atormentar, ou... então que me prenda, que me prenda, que me prenda!

Exclamava isto aos guinchos e batia com os pés no chão.

— Aprovo a sua decisão — disse eu com uma tranquilidade intencional, embora tivesse muito medo por ele. — Realmente, é melhor do que passar o tempo nesta amargura, só que não posso aprovar o seu estado de espírito: olhe para si, como pode ir lá neste preparo? *Il faut être digne et calme avec Lembke.*²⁶⁰ O senhor, na verdade, agora é capaz de se atirar a alguém e até de o morder.

— Vou entregar-me. Vou meter-me diretamente na boca do lobo...

— Eu vou com o senhor.

— Não esperava outra coisa do senhor, aceito o seu sacrifício, um sacrifício de verdadeiro amigo, mas acompanhe-me apenas até à entrada, apenas até lá: o senhor não deve, não tem o direito de se comprometer mais com a minha companhia. *Oh, croyez-moi, je serai calme!* Sinto-me neste momento *à la hauteur de tout ce qu'il y a de plus sacré...*²⁶¹

— Talvez seja melhor entrar com o senhor — interrompi-o. — Ontem, a comissão idiota lá deles mandou-me um recado pelo Vissótski, dizendo que contam comigo e me convidam para a festa deles, que será amanhã, na qualidade de ajudante... ou lá o que é... enfim, para ser um dos seis jovens encarregados de tratar das bandejas, de receber as senhoras, de indicar os lugares aos convidados e andar com um laço de fitas brancas e escarlates no ombro esquerdo. Estava para recusar mas, agora, por que não aproveitar para entrar na casa deles, com o pretexto de explicar a Iúlia Mikháilovna?... Assim, entraremos juntos.

Stepan Trofímovitch ouvia-me, acenando com a cabeça mas, pelos vistos, sem estarentendendo nada. Estávamos à porta.

— *Cher* — estendeu o braço na direção do canto onde ardia a lamparina—, *cher*, eu nunca acreditei naquilo mas... seja, seja! — (Benzeu-se). — *Allons!*²⁶²

“Assim é melhor”, pensei quando saía com ele pela escada exterior. “Pelo caminho, o ar puro vai fazer-lhe bem, e acalma-se, voltaremos para casa e ele deita-se...”.

Porém, enganei-me nos cálculos. Pelo caminho sucedeu uma coisa que abalou ainda mais Stepan Trofímovitch e o incitou ainda mais... e, confesso, não esperava da parte do nosso amigo uma energia como a que mostrou naquela manhã. Pobre amigo, querido amigo!

10 - Flibusteiros. A manhã fatal

I

Foi também insólito o incidente que nos aconteceu pelo caminho. Porém, há que contar tudo por ordem. Uma hora antes de eu e Stepan Trofímovitch termos saído para a rua, passava pela cidade, atraindo a curiosidade de muita gente, uma multidão de operários dos Chpigúlin, cerca de setenta homens ou mais. Iamsérios, quase em silêncio, em ordem, organizados. Afirmava-se mais tarde que os setenta eram os representantes da massa dos operários dos Chpigúlin (cerca de novecentos), mandatados para se encontrarem com o governador e, por ausência dos patrões, pedirem ao governador que os defendesse do feitor que, no fecho da fábrica e quando tratava do despedimento coletivo, os enganara a todos nas contas, descaradamente — fato que agora já é de todo indubitável. Há quem, até hoje, conteste que tenha havido representantes eleitos, afirmando que o número de setenta era exagerado para representar os operários e que os que desfilavam eram os mais ofendidos, que vinham pedir apenas por si, pelo que não teria existido o tal “motim” geral dos operários de que tanto se viria a falar. Há terceiros que afirmam que os setenta não eram simples operários rebeldes mas que eram claramente políticos, ou seja, os de cabeça mais quente, excitados ainda pelos panfletos anônimos. Em resumo, fica-se sem a certeza, até hoje, se existiu na ação influência ou instigação de alguém. Na minha opinião, os operários nem um panfleto leram e, mesmo que lessem, não compreenderiam deles uma palavra, já que os seus autores, na nudez do seu estilo, escrevem com muito pouca clareza. Ora, como os operários estavam de fato numa situação difícil — e a polícia, a quem eles se dirigiram, não lhes quis dar ouvidos quando lhe expuseram a sua ofensa —, o que poderia haver de mais natural do que irem, todos

juntos, “ao próprio general” e, se possível, com o papel da petição por cima da cabeça, especarem-se, sisudos, diante da porta dele e, mal ele aparecesse, caírem todos de joelhos em terra e clamarem como se estivessem diante da divina providência? A meu ver, para isto não é preciso um motim nem representantes eleitos, porque é um método antigo, histórico: o povo russo desde sempre gostou de conversar com “o próprio general”, por puro prazer e indiferentemente do desfecho da conversa.

Por isso, estou absolutamente convencido de que, embora Piotr Stepánovitch, Lipútin e talvez mais alguém, o próprio Fedka, se calhar, se tenham metido entre os operários (existem indícios bastante fortes desta circunstância) e tenham falado com eles, de certeza que não o fizeram com mais de três, ou cinco, digamos, apenas para lançarem barro à parede, e que, a haver conversa, essa conversa não teve qualquer resultado. Quanto ao motim, os operários, mesmo que percebessem alguma coisa de propaganda política, por certo deixaram rapidamente de ouvir os agitadores, por ser conversa estúpida e que não lhes convinha. Quanto ao Fedka, a coisa foi outra: este, ao que parece, teve mais sorte do que Piotr Stepánovitch. No incêndio que aconteceu na cidade passados três dias, como agora se verifica sem sombra de dúvida, participaram juntamente com Fedka dois operários, e depois, um mês mais tarde, foram apanhados no distrito mais três ex-operários da fábrica, como incendiários e assaltantes. Porém, mesmo que tenha sido Fedka a conseguir incitá-los para esta atividade direta, tratou-se apenas de cinco pessoas, pois que dos outros não se ouviu nada de semelhante.

Fosse como fosse, os operários, finalmente, chegaram em chusma ao terreno em frente da casa do governador e formaram lá em filas, com muita seriedade. Depois, de boca aberta, ficaram ali à espera. Ouvi dizer que, supostamente, mal chegaram tiraram os chapéus, ou seja, talvez meia hora antes de ter chegado o chefe da província que, nem de propósito, não estava em casa naquela altura. Quanto à polícia, apareceu de imediato, primeiro um ou dois guardas, depois um destacamento: começaram por atuar com severidade, evidentemente,

mandando as pessoas dispersarem. Mas os operários deixaram-se ficar, com teimosia, como um rebanho de carneiros que tivesse esbarrado contra a cerca, e responderam laconicamente que tinham vindo para falar com o “próprio general”; via-se que estavam resolutos. As ordens ameaçadoras pararam, sendo substituídas pelo ar pensativo, pelas disposições secretas tomadas em sussurro e por uma severa preocupação nos sobrolhos carregados dos chefes. O chefe da polícia decidiu esperar que o próprio Von Lembke aparecesse. É falso que este tivesse chegado a toda a brida na sua *troika*²⁶³ e que, ainda sem se apeiar da caleche, começasse logo a barafustar. O nosso Von Lembke, de fato, andava depressa e gostava de correr veloz na sua charrete de traseira amarela e, à medida que “os cavalos laterais, fustigados até ao desvario”, enlouqueciam cada vez mais, fascinando todos os comerciantes da zona comercial, Von Lembke levantava-se na carruagem, endireitava-se, segurando-se a uma correia lateral, posta ali propositadamente para isso, e, estendendo a mão direita como nos monumentos, observava nesta posição a cidade. Porém, desta vez não barafustava e, embora não pudesse evitar uma palavra mais forte ao saltar da caleche, fê-lo unicamente para não perder a popularidade. Mentira maior ainda é a de que tinham sido chamados soldados com baionetas e de que tinham sido requisitados pelo telégrafo os cossacos e a artilharia: são fantasias em que os seus próprios inventores já não acreditam. Também é mentira que tenham sido trazidas pipas de água dos bombeiros para as despejar por cima do povo. O que tinha acontecido, simplesmente, foi que Iliá Iliitch, de cabeça quente, gritara que nenhum deles “sairia dali seco” e, pelos vistos, logo isso foi transformado em pipas e, nessa forma, passou para os jornais das capitais. A variante mais verídica consiste por certo em a multidão ter sido cercada de início por todos os policiais que estavam à mão enquanto mandavam buscar Von Lembke por um mensageiro, o comissário da primeira esquadra, que deitou a toda a brida na charrete da polícia pelo caminho de Skvoréchniki, sabendo que meia hora antes Von Lembke se dirigira para lá de caleche...

Confesso, no entanto, que, para mim, continua por resolver uma questão: como pode ter acontecido que um ajuntamento normal e

inofensivo de solicitantes, mesmo que em número de setenta pessoas, fosse encarado desde o primeiro momento como um motim que ameaçava abalar os alicerces de tudo? Por que foi que o próprio Von Lembke se agarrou a esta ideia quando, vinte minutos depois, surgiu atrás do mensageiro? Estou inclinado a supor (mas, repito, é a minha opinião pessoal) que para Iliá Iliitch, amigalhaço do feitor, era mais útil pintar a situação a Von Lembke desta maneira, precisamente para se evitar uma investigação séria do caso; ora, quem lhe sugeriu a ideia foi o próprio Von Lembke. Nos últimos dois dias este tivera com Iliá Iliitch duas conversas extraordinárias e secretas, de resto muito confusas, mas a partir das quais Iliá Iliitch acabou por tirar a conclusão de que o seu chefe tinha uma ideia fixa em relação aos panfletos e pensava que alguém estaria por trás da incitação a um motim socialista dos operários dos Chpigúlin; e esta ideia era tão forte que Von Lembke, se calhar, até ficaria desiludido se tal incitação se verificasse ser um disparate. “Ele quer arranjar maneira de se destacar aos olhos de Petersburgo”, pensava o nosso espertalhão Iliá Iliitch ao sair de casa de Von Lembke, “e ainda bem para nós”.

Tenho a certeza, no entanto, de que o pobre Andrei Antónovitch nunca desejaria um motim, nem que fosse para se destacar. Era um funcionário muito cumpridor que até ao casamento permanecera em estado de inocência absoluta. E que culpa tinha ele de que, em vez da inócua lenha pública e de uma Minchen também inocente, uma princesa quarentona o tivesse elevado até à sua condição atual? Sei, quase sem contestação possível, que foi desde esta manhã fatal que começaram as primeiras manifestações do estado que acabaria por levar o pobre Andrei Antónovitch àquela instituição especial onde ele estaria agora recuperando forças. Mas, caso admitamos que foi precisamente a partir de tal manhã que se revelaram fatos evidentes de *certas coisas*, também é possível admitir-se, na minha opinião, que as manifestações de semelhantes fatos possam ter surgido ainda na véspera, embora com menos nitidez. Sei, por rumores do mais íntimo caráter (imaginem, por exemplo, que a própria Iúlia Mikháilovna, mais tarde, já não em estado de triunfo mas antes no de um *quase* arrependimento— porque uma mulher nunca se arrepende por

completo —, me comunicou uma pequena parte desta história), sei pois que Andrei Antónovitch foi ter com a sua esposa na véspera, já a noite ia alta — passava das duas —, a acordou e exigiu que ouvisse o seu “ultimato”. A exigência era tão insistente que Iúlia Mikháilovna se viu obrigada a levantar-se, cheia de indignação e papelotes, e, sentada no sofá, teve de o ouvir, embora com um desprezo sarcástico. Compreendeu pela primeira vez que as coisas tinham chegado longe no que respeitava a Andrei Antónovitch e aterrorizou-se do fundo da alma. Ela deveria, finalmente, cair em si e ceder, mas preferiu esconder o seu medo e tornar-se ainda mais teimosa. Tinha (talvez como qualquer outra esposa) a sua maneira própria de tratar Andrei Antónovitch, já provada em mais de uma ocasião e que, em mais de uma ocasião, o tinha levado ao frenesi. A maneira de Iúlia Mikháilovna consistia num silêncio desdenhoso durante uma hora, duas horas, um dia inteiro, mesmo três dias — um silêncio que, custasse o que custasse, era independente do que ele dissesse ou fizesse, mesmo que subisse à janela para se atirar do segundo andar —, e esta era uma maneira insuportável para um homem sensível! Fosse para castigar o esposo pelas suas falhas nos últimos dias e pela inveja que ele, como governador, tinha das capacidades administrativas dela; fosse porque estava indignada com as críticas do marido ao seu comportamento relativamente à juventude e à sociedade, sem compreender os sofisticados e perspicazes objetivos políticos dela; fosse porque lhe desagradavam os estúpidos ciúmes que Von Lembke tinha de Piotr Stepánovitch por causa dela— fosse o que fosse, o certo foi que, também dessa vez, Iúlia Mikháilovna resolveu não ceder, apesar das três da madrugada e da emoção de Andrei Antónovitch, uma emoção que Iúlia Mikháilovna nunca dantes vira. Fora de si, para trás e para diante em todas as direções pelos tapetes do *boudoir* da esposa, Andrei Antónovitch disse-lhe tudo, tudo, embora sem qualquer nexos, mas tudo o que se lhe acumulara na alma, porque ela “ultrapassou todos os limites”. Começou por dizer que toda a gente gozava com ele e o “levava pela arreata”. “Pouco me importa a expressão!”, guinchou ele ao apanhar o sorriso da mulher. “Pois que seja ‘pela arreata’, porque é verdade!...”. “Não, minha senhora, chegou a hora; fique sabendo que, a partir de agora, não se aceitam risos nem

truques de coqueteria feminina. Não estamos no *boudoir* de uma senhora toda requebrada, mas somos como que duas criaturas abstratas num balão e que se encontraram para dizerem a verdade”. (Confundia-se, sem dúvida, e não encontrava as formas corretas para exprimir as suas ideias, aliás certas). “Foi a senhora, a senhora mesma, quem me tirou do meu estado anterior, foi só pela senhora que aceitei este cargo, para sua vaidade... Está sorrindo sarcasticamente? Não rejubile, não se apresse a rejubilar. Saiba, minha senhora, saiba que eu poderia, que eu seria capaz de trabalhar bem neste cargo, e não só neste, mas em dez cargos como este, porque tenho capacidades; mas consigo, minha senhora, mas na sua presença é impossível, porque na sua presença deixo de ter capacidades. Não podem coexistir dois centros, mas a senhora organizou dois centros... um meu e outro no seu *boudoir*... dois centros do poder, minha senhora, mas eu não o permitirei, não o permitirei!! No serviço, tal como no matrimônio, há um centro, dois é impossível... Como me agradeceu?”, continuou a exclamar. “O nosso matrimônio tem consistido apenas em a senhora me querer provar permanentemente, a toda a hora, que eu sou medíocre, estúpido e até ignóbil, ao passo que eu, permanentemente, a toda a hora, tenho sido obrigado a provar-lhe que não sou medíocre, que não sou nada estúpido e que impressiono toda a gente com a minha nobreza... Ora, isto não será humilhante para ambas as partes?”. Nisto, começou a bater com os pés no tapete, aceleradamente, pelo que Iúlia Mikháilovna foi obrigada a soerguer-se com severa dignidade. Lembke aquietou-se depressa, mas passou para a fase da sensibilidade e começou a chorar (sim, a chorar), batendo com o punho no peito durante quase cinco minutos, cada vez mais fora de si por causa do profundíssimo silêncio de Iúlia Mikháilovna. Por fim, cometeu um deslize, ao deixar escapar que tinha ciúmes de Piotr Stepánovitch. Ao perceber que cometera uma gafe fora de série, enfureceu-se e gritou que “não permitiria a rejeição de Deus”; que “dissolveria o salão descarado e descrente dela”; que um governador tinha mesmo a obrigação de ter fé em Deus, “e a mulher dele também”; que não aturaria os jovens; que “a minha senhora, pela sua própria dignidade, deveria cuidar do marido e defender a sua inteligência, mesmo que ele tivesse fracas capacidades” (mas não era o caso de ter

fracas capacidades!), “mas, no entanto, é a senhora a causa de aqui toda a gente me desprezar, é a senhora quem os incita a isso!...”. Gritava que liquidaria a “questão feminina”, que acabaria com semelhante espírito, que proibiria já no dia seguinte a festa a favor das preceptoras (que vão pr’o diabo!) e que escorraçaria tudo; que expulsaria a primeira preceptora da província que lhe aparecesse à frente, “escoltada por um cossaco”. “Faço-o propositadamente, propositadamente!”, guinchava. “A senhora sabe, a senhora sabe”, gritava “que na fábrica os seus canalhas instigam as pessoas e que eu estou a par disso? Sabe que espalham panfletos intencionalmente, inten-ci-o-nal-mente! A senhora sabe que eu conheço os nomes dos quatro canalhas e que estou enlouquecendo, que estou definitivamente enlouquecendo!!!...”. Aqui, Iúlia Mikháilovna interrompeu bruscamente o seu silêncio e declarou que, havia muito, ela própria sabia da conspiração criminosa e que tudo isso era uma insignificância, que ele tomava tudo demasiado a sério e que, quanto aos traquinas, ela conhecia não só quatro, mas todos (mentia); mas que não tinha qualquer intenção de enlouquecer por causa disso, pelo contrário, confiava ainda mais no seu intelecto e esperava encaminhar tudo para um final harmonioso: animar a juventude, chamá-la à razão, revelar aos jovens, súbita e inesperadamente, que os planos deles eram conhecidos e, depois, indicar-lhes novos objetivos para uma atividade mais sensata e luminosa. Oh, o que se passou com Andrei Antónovitch naquele momento! Ao descobrir que Piotr Stepánovitch voltara a enganá-lo e gozara com ele de modo tão grosseiro, revelando muito antes do que a ele e muito mais a Iúlia Mikháilovna, e que, se calhar, o próprio Piotr Stepánovitch era o principal incitador de todos os planos criminosos, Von Lembke ficou desvairado. “Fica sabendo, mulher insensata e venenosa”, exclamou ele, queimando de vez todas as pontes, “fica sabendo que vou prender de imediato o teu amante ignóbil, vou pô-lo a ferros e mandá-lo para a cadeia... ou eu próprio salto da janela agora mesmo na tua presença!”. Em resposta a esta tirada, Iúlia Mikháilovna, verde de raiva, desatou em gargalhadas longas e sonoras, com ressonâncias e modulações, tal qual como no teatro francês, quando uma atriz parisiense, convidada por cem mil rublos para fazer o papel de *coquette*, se ri na cara do marido que se

atreveu a ter ciúmes dela. Von Lembke, primeiro, precipitou-se para a janela mas, depois, parou de supetão, como que petrificado, cruzou as mãos no peito e, pálido como um morto, fitou um olhar sinistro na mulher que se ria. “Sabias, tu sabias, Iúlia...”, pronunciou numa voz ofegante e suplicante, “sabias que também eu posso fazer alguma coisa?”. Porém com nova explosão de gargalhadas, ainda mais fortes, em resposta às suas últimas palavras, cerrou os dentes, gemeu e, de repente, atirou-se — mas não da janela —, atirou-se à sua esposa, levantando o punho por cima dela! Não o baixou sobre ela — não, de modo algum —, mas, neste transe, ficou desfeito. Sem saber como, correu para o seu gabinete, caiu de bruços sobre a cama tal como estava, vestido, cobriu-se convulsamente com o lençol e ficou assim prostrado durante cerca de duas horas — sem sono, sem pensamento, com um peso no coração e um desespero surdo e parado na alma. De vez em quando, agitava-lhe o corpo todo um tremor doloroso e febril. Vinham-lhe à memória desconcertadas coisas, sem nexos: ora pensava, por exemplo, num belo relógio de parede que tinha em Petersburgo quinze anos atrás e de que perdera o ponteiro dos minutos; ora no brincalhão funcionário Milbois, com quem uma vez apanhara um pardal no parque Aleksândrovski, e como, ao apanharem-no, se lembraram, rindo alto, que um deles já era assessor de colégio. Acho que adormeceu às sete da manhã, sem dar por isso, e que dormiu com prazer e com sonhos encantadores. Ao acordar, cerca das dez horas, saltou da cama como um doido, lembrando-se de repente de tudo, e deu uma palmada forte na testa; rejeitou o café da manhã, não quis receber Blum, nem o chefe da polícia, nem um funcionário que viera lembrar-lhe que os membros da comissão tal contavam com ele para presidir à reunião dessa manhã; não ouviu nem quis ouvir nada e correu como um louco aos aposentos de Iúlia Mikháilovna. Ali, Sófia Antrópovna, uma velhota de origem fidalga que vivia lá em casa havia muito fazendo companhia a Iúlia Mikháilovna, explicou-lhe que a senhora saíra às dez, com muitos acompanhantes, em três carruagens, para casa de Varvara Petrovna Stavróguina em Skvoréchniki, para examinar o local, com vista à futura festa, já a segunda, a ser realizada dentro de duas semanas, combinação que já tinha sido feita três dias antes com Varvara Petrovna. Abalado com a notícia, Andrei

Antónovitch voltou ao seu gabinete e mandou de imediato atrelar. Mal aguentou a espera. A sua alma ansiava por Iúlia Mikháilovna — olhar para ela, ficar cinco minutos ao lado dela; talvez ela olhasse para ele, lhe desse atenção, lhe sorrisse como dantes, lhe perdoasse... oooh! “Então, esses cavalos?”. Abriu maquinalmente um livro grosso que estava em cima da mesa (às vezes adivinhava assim o destino, com um livro, abrindo-o à sorte e lendo três linhas na página da direita, em cima). Saiu-lhe: “Tout est pour le mieux dans le meilleur des mondes possibles”.²⁶⁴ Voltaire, *Candide*. Cuspiu e correu para o coche: “Para Skvoréchniki!”. O cocheiro viria a contar que o amo o apressara durante todo o caminho, mas, mal começaram a aproximar-se da casa senhorial, mandou de súbito dar meia-volta e regressar à cidade: “Depressa, por favor, depressa”. Antes de chegarem ao aterro da cidade, “o amo deu outra vez ordem para parar, saiu da carruagem e, atravessando a estrada, meteu-se nos campos; pensei que era uma necessidade, mas o amo parou e pôs-se a observar as flores, e ficou assim um bom bocado, aquilo era esquisito, francamente, eu nem sabia o que pensar”. Assim depôs o cocheiro. Lembro-me do tempo que estava naquela manhã: era um dia de setembro frio e claro, mas ventoso; diante de Andrei Antónovitch estendia-se a severa paisagem do campo desnudo, onde ascolheitas tinham sido feitas havia muito; o vento uivava e fazia ondular os restos miseráveis de florinhas amarelas moribundas... Desejaria comparar-se, a si e ao seu destino, àquelas flores mirradas e mortificadas pelo outono e pelo frio? Não acho. Tenho até a certeza de que ele nem reparava nas flores, apesar do depoimento do cocheiro e do comissário da primeira esquadra da polícia que, entretanto, chegara na charrete e que viria a afirmar mais tarde que, efetivamente, encontrara o seu chefe com um molho de flores amarelas na mão. Este comissário de esquadra, Vassíli Ivánovitch Flibustiérov, uma personalidade cheia de entusiasmo administrativo, chegara à nossa cidade havia pouco tempo, mas já se tinha destacado e ficado famoso pelo seu zelo incomensurável, pelo seu ímpeto em tudo o que se referisse à atividade executiva e pelo seu estado de embriaguez inato. Saltando da charrete, e sem hesitar à vista do

passatempo do governador, disparou, com um ar amalucado mas convicto, que “na cidade a situação era alarmante”.

— Hã? O quê? — Andrei Antónovitch voltou-se para ele com a cara severa mas sem qualquer espanto, alheado até da sua caleche e do cocheiro, como se estivesse em casa, no seu gabinete.

— Comissário da primeira esquadra Flibustiérov, Excelência. Há um motim nacidade.

— Flibusteiros? — ecoou Andrei Antónovitch, pensativo.

— Exatamente, Excelência. O pessoal da fábrica dos Chpigúlin revoltou-se.

— Pessoal dos Chpigúlin!...

A este nome, qualquer coisa lhe assomou à memória. Até estremeceu, e levou um dedo à testa: “pessoal dos Chpigúlin!”. Taciturno, sentou-se e deu ordem para rumar à cidade. O polícia, na charrete, foi atrás dele.

Afigura-se-me que, pelo caminho, ele tenha imaginado vagamente muitas coisas de interesse, sobre muitos temas, mas é pouco provável que tivesse uma ideia definida ou qualquer intenção determinada quando entrava na praça em frente da casa governamental. Porém, mal deparou com a multidão dos “rebeldes”, firmes e em formação na praça, e com a fila de policiais e o chefe da polícia impotente (ou fingindo-se talvez impotente), e com a expectativa geral centrada precisamente nele, Von Lembke, todo o sangue lhe afluiu ao coração. Pálido, saiu da caleche.

— Tirar os chapéus! — proferiu, ofegante, de forma quase indistinta. — De joelhos! — guinchou inesperadamente, inesperadamente para si mesmo, e foi neste imprevisto que residiu, talvez, o desfecho que se seguiu. É como nas montanhas de gelo: será possível que o trenó, a deslizar lá de cima, pare a meio da montanha? Por azar, Andrei Antónovitch toda a vida possuía um feitio claro e nunca gritava nem

batia com os pés; para pessoas deste gênero, quando acontece o tremó delas arrancar do alto da montanha, as coisas ficam mais perigosas. Tudo começou a andar à roda diante dos seus olhos.

— Flibusteiros! — vociferou com uma estridência ainda maior e de modo ainda mais absurdo, e entrecortou-se-lhe a voz. Parou, sem saber ainda o que faria, mas com a certeza e o sentimento de que faria sem falta alguma coisa.

“Meu Deus!”, ouviu-se do meio da multidão. Um rapaz começou a benzer-se; três ou quatro pessoas quiseram realmente ajoelhar-se, mas os outros avançaram em massa três passos e, de repente, puseram-se a gritar todos juntos: “Vossa Excelência... foi prometido quarenta a cada um... o feitor... nem nos deixa falar”, etc. Não se podia entender nada.

Infelizmente, Andrei Antónovitch, com as flores ainda na mão, era incapaz de compreender. O motim era para ele tão evidente como o eram, havia pouco, os carros celulares²⁶⁵ para Stepan Trofímovitch. E no meio da multidão dos “rebeldes” que o devoravam com os olhos, parecia-lhe serpentear Piotr Stepánovitch a “incitá-los”,

um Piotr Stepánovitch que não o deixava em paz nem por um instante desde o dia anterior — Piotr Stepánovitch, o odioso Piotr Stepánovitch...

— Açoitá-los! — gritou subitamente.

Caiu na praça o silêncio dos mortos.

Era assim no princípio, de acordo com as minhas mais fidedignas informações e pelas minhas suposições. As informações do que aconteceu a seguir, porém, tornaram-se menos certas, tal como as minhas suposições. Existem no entanto alguns fatos.

Em primeiro lugar, as vergastas apareceram de maneira demasiado rápida, tendo por certo sido preparadas, para o que desse e viesse, pelo perspicaz chefe da polícia. De resto, apenas foram castigadas duas

peessoas; não acho sequer que tenham sido três, e insisto neste ponto. É pura fantasia dizer-se que foram castigados todos, ou metade. É mentira também que tivesse sido apanhada e, por algum motivo, vergastada uma senhora pobre, mas da nobreza; no entanto, algum tempo depois, eu próprio li a notícia sobre a senhora num dos jornais petersburguenses. Na nossa cidade falou-se muito de uma internada do asilo junto ao cemitério, de seu nome Avdótia Petrovna Tarapíguina, que, de volta ao seu asilo depois de uma visita e passando pela praça, se teria metido supostamente entre os espectadores, por natural curiosidade, e, vendo o que se passava, teria exclamado: “Que vergonha!”, e depois cuspidado; e que, por causa disso, também ela teria sido detida e açoitada. Sobre este caso, não só publicaram uma notícia na nossa cidade como, inclusivamente, organizaram uma coleta a favor dela. Eu próprio dei vinte copeques. E o que se passou, afinal? Sabe-se agora que nunca existiu cá uma asiladade nome Tarapíguina! Eu próprio fui ao asilo ao pé do cemitério; nunca tinham ouvido falar em nenhuma Tarapíguina e até ficaram ofendidos quando lhes contei o rumor que corria. Ora, menciono aqui esta inexistente Avdótia Petrovna porque a Stepan Trofímovitch quase aconteceu o mesmo que a ela (caso ela existisse de fato); é mesmo possível que tenha sido por causa dele que surgiu este boato absurdo sobre Tarapíguina, ouseja, à medida do desenvolvimento do boato, Stepan Trofímovitch foi transformado de repente na tal Tarapíguina. O que eu acima de tudo não percebo foi como ele conseguiu fugir de mim mal entramos na praça. Pressentindo qualquer coisa de muito mau, eu quis levá-lo a contornar a praça para chegarmos diretamente à entrada da casa do governador, mas distraí-me ao parar, apenas por um momento, para perguntar qualquer coisa a uma pessoa; de repente, descobri que Stepan Trofímovitch já não estava ao meu lado. Levado pelo instinto, apressei-me a procurá-lo no lugar mais perigoso; pressentia, não sei por quê, que também o trenó de Stepan Trofímovitch começava a deslizar montanha abaixo. De fato, fui encontrá-lo mesmo no centro dos acontecimentos. Lembro-me de que o agarrei pela mão, mas ele olhou para mim calma e orgulhosamente, com um ar muito autoritário:

— *Cher* — disse ele numa voz que tremia como uma corda rasgada.
— Já que eles todos, em plena praça, atuam na nossa presença sem quaisquer cerimônias, o que poderemos esperar *deste...* caso ele aja independentemente?

E então, tremendo todo de indignação e com o enorme desejo de lançar um qualquer desafio, num gesto de invectiva, apontou o dedo ameaçador a Flibustiérov, que estava adois passos de nós, olhando-nos com os olhos esbugalhados.

— *Deste!* — exclamou fora de si. — Qual este? Quem és tu? — Avançou para ele, de punho cerrado. — Quem és? — rugiu furiosa, louca, desesperadamente (note-se que Flibustiérov conhecia perfeitamente Stepan Trofímovitch de cara). Mais um instante e agarraria o meu amigo pelos colarinhos; Von Lembke, felizmente, ao ouvir o grito voltou a cabeça. Com perplexidade, mas também com atenção, olhou para Stepan Trofímovitch, como que a matutar em qualquer coisa, e de repente abanou a mão com impaciência. Flibustiérov atrapalhou-se. Arrastei Stepan Trofímovitch para fora da multidão. Aliás, acho que talvez ele também já quisesse recuar.

— Para casa, para casa — insistia eu —, se não nos bateram, foi sem dúvida graças a Von Lembke.

— Vá-se embora daqui, meu amigo, tenho culpa de o expor ao perigo. O senhor tem o futuro à sua frente, a sua carreira, mas eu... *mon heure a sonné.*²⁶⁶

Pousou o pé firme na escadaria de entrada da casa do governador. O porteiro conhecia-me; anunciei-lhe que íamos ambos ver Iúlia Mikháilovna. Na sala de recepção, acomodamo-nos e ficamos à espera. Eu não queria abandonar o meu amigo, mas achava inútil dizer-lhe mais alguma coisa. Ele tinha o ar de homem que, pela pátria, se condenava a uma morte iminente. Não nos sentamos lado a lado mas em cantos diferentes: eu, mais perto da porta de entrada; ele, em frente, longe de mim, com a cabeça pensativamente inclinada e

apoiando-se com ambas as mãos, ao de leve, na bengala. Segurava o chapéu de abas largas com a mão esquerda. Ficamos assim cerca de dez minutos.

II

Lembke entrou de rompante, a passos rápidos, acompanhado pelo chefe da polícia, lançou-nos um olhar distraído e, sem nos prestar a mínima atenção, quis passar logo para o seu gabinete, à direita, mas Stepan Trofímovitch levantou-se e barrou-lhe o caminho. A sua figura alta, diferente de todas as outras que ali estavam, produziu o seu efeito; Von Lembke parou.

— Quem é? — murmurou, sem perceber, como se dirigisse a pergunta ao chefe da polícia, mas sem voltar a cabeça para este e continuando a examinar Stepan Trofímovitch.

— Stepan Trofímov²⁶⁷ Verkhovênski, Excelência, assessor de colégio reformado — respondeu Stepan Trofímovitch, inclinando a cabeça com solenidade. Sua Excelência continuava a observá-lo, de resto com um olhar bastante lorpa.

— O que deseja? — perguntou Andrei Antónovitch com laconismo autoritário, virando a orelha para Stepan Trofímovitch, com impaciência e alguma repulsa, tomando-o afinal por um qualquer solicitante com um pedido por escrito.

— Hoje, fui submetido a uma busca em minha casa, feita por um funcionário que agiu por ordem de Vossa Excelência; por isso desejaria...

— Nome? Nome? — perguntou com impaciência Von Lembke, como que adivinhando qualquer coisa. Stepan Trofímovitch, com ainda maior dignidade, declinou de novo o seu nome. — Hã, hã, hã! É... é aquele caldo de cultura... Excelentíssimosenhor, tem-se mostrado de um ponto de vista tal... É professor catedrático, não é?

— Em tempos tive a honra de fazer algumas conferências para a juventude da universidade de...

— Juventude! — como que estremeceu Von Lembke, embora, posso apostar, ainda percebesse mal do que se tratava e, talvez, com quem estava falando. — Eu, excelentíssimo senhor, não lho admito — zangou-se muito repentinamente. — Não admito a juventude. Eles são os panfletos. São os ataques contra a sociedade, excelentíssimo senhor, os ataques marítimos, flibusteiros... Qual é o seu pedido?

— Não peço nada, pelo contrário, a sua esposa é que me pediu que lesse amanhã qualquer coisa na festa dela. Ora eu não peço nada, venho em demanda dos meus direitos...

— Festa? Não haverá festa. Não permitirei a vossa festa! Conferências? Conferências? — gritou furiosamente Von Lembke.

— Gostaria muito de que me falasse de forma mais educada, que não batesse com os pés no chão e não me gritasse como a um rapaz.

— O senhor sabe com quem está falando? — corou Von Lembke.

— Perfeitamente, Excelência.

— Eu protejo a sociedade, e o senhor anda a destruí-la. A des-tru-í-la! O senhor... Aliás, já me lembro de si: é o cavalheiro que vivia como preceptor em casa da Generala Stavróguina?

— Sim... como preceptor... em casa da Generala Stavróguina.

— E durante vinte anos constituiu o caldo de cultura de tudo o que agora se acumulou... de todos os frutos... Parece que acabei de vê-lo na praça. Cuidado, excelentíssimo senhor, cuidado, a sua tendência ideológica é bem conhecida. Tenha em conta que eu não me esqueço. Não posso admitir as suas conferências, excelentíssimo senhor, não posso. Com pedidos desses não se dirija a mim.

Voltou a fazer um movimento para sair.

— Repito que Vossa Excelência se engana: foi a sua esposa quem me pediu que lesse... mas não que fizesse uma conferência, mas que lesse qualquer coisa literária na festa de amanhã. Porém, eu próprio me recuso agora a entrar em récitas. O meu encarecido pedido é que me explique, se possível, de que modo, por que razão e por que culpa fui sujeito hoje a uma busca! Levaram alguns livros, papéis, cartas pessoais e que me são muito caras, e transportaram tudo pela cidade num carrinho de mão...

— Quem fez a busca? — estremeceu Von Lembke, caindo em si por completo, e de repente corou muito. Virou-se rapidamente para o chefe da polícia. Neste momento, surgiu à porta a figura curvada, esgrouviada e desajeitada de Blum.

— Este funcionário, precisamente — apontou Stepan Trofímovitch para ele. Blum deu um passo em frente com um ar culpado, mas também de quem não quer desistir.

— *Vous ne faites que des bêtises*²⁶⁸ — atirou-lhe Von Lembke com desgosto e raiva, e foi como se de súbito se transfigurasse tudo à sua volta e ele caísse em si. — Desculpe... — balbuciou com ar de grande embaraço e corando a mais não poder ser—, é apenas... foi apenas um mal-entendido, pelos vistos, uma confusão... apenas um mal-entendido.

— Excelência — observou-lhe Stepan Trofímovitch —, na minha juventude fui testemunha de um caso característico. Uma ocasião, no teatro, no corredor, um fulano aproximou-se rapidamente de um sicrano e deu-lhe, diante de todo o público, uma bofetada sonora. Logo a seguir, ao reparar que o esbofeteado não era aquele a quem se destinava a bofetada, mas apenas uma pessoa com alguma aparência, o tal fulano, com raiva e apressadamente, como quem não quer perder um tempo precioso, disse, tal qual Vossa Excelência agora o fez: “Enganei-me... desculpe, foi um mal-entendido, apenas um mal-

entendido”. E como o ofendido continuasse a gritar, o tal fulano observou-lhe com grande desagrado: “Já lhe disse que foi um mal-entendido, por que é que o senhor continua a gritar?”.

— É... é sem dúvida muito engraçado... — Von Lembke esboçou um sorriso amarelo. — Mas... mas será que o senhor não vê como sou infeliz?

Disse-o quase num grito e... até pareceu querer tapar o rosto com as mãos.

Esta exclamação dolorosa e inesperada, quase um soluço, era insuportável. Era, pelos vistos, o momento da primeira consciência clara de tudo o que acontecera desde o dia anterior, e, logo depois, o momento do desespero total, humilhante, da entrega absoluta. Quem sabe? Mais um instante e Von Lembke talvez desatasse a chorar alto. Primeiro, Stepan Trofímovitch olhou para ele terrivelmente espantado, depois inclinou a cabeça muito depressa e disse-lhe numa voz profundamente compenetrada:

— Excelência, não se incomode mais com a minha queixa rabugenta e mande apenas que me devolvam os meus livros e as minhas cartas...

Foi interrompido. No mesmo instante regressava ruidosamente Iúlia Mikháilovna e mais a sua companhia. Mas gostaria de descrever a cena com o máximo de pormenor.

III

Os ocupantes das três caleches, em primeiro lugar, entraram na sala de recepção, todos de uma vez. A propósito, a entrada para os aposentos de Iúlia Mikháilovna era particular, logo a seguir à porta de entrada, à esquerda; mas desta vez todos se dirigiram para lá através da sala de recepção — e suponho que o fizeram porque estava lá Stepan Trofímovitch e porque tudo o que lhe acontecera, tal como tudo o que dizia respeito aos operários de Chpigúlin, já fora

comunicado a Iúlia Mikháilovna, logo à sua entrada na cidade. Quem lhe relatou tudo foi o Liámchin que, por qualquer erro seu, não participara da viagem, tendo sido deixado em casa; desta forma, foi o primeiro a saber. Com uma alegria maldosa, precipitou-se para Skvoréchniki num coche de aluguel, puxado por um rocim, ao encontro da cavalgada que voltava, para lhe dar as notícias engraçadas. Creio que Iúlia Mikháilovna, apesar de toda a sua firmeza superior, ficou um pouco embaraçada ao ouvir as surpreendentes notícias; só por um instante, aliás. O lado político da questão, por exemplo, não podia preocupá-la: Piotr Stepánovitch já por quatro vezes a tentara convencer de que era preciso vergastar todos os desordeiros da fábrica; ora, Piotr Stepánovitch, desde certa altura, tornara-se para ela, efetivamente, numa autoridade incontestável. “Mesmo assim... vai pagar-me caro por isto”, pensava ela, referindo-se, é claro, ao marido. Noto de passagem que Piotr Stepánovitch, nem de propósito, desta vez também não participara da viagem, e que ninguém o tinha visto desde manhã em lado algum. Mencionarei também que Varvara Petrovna, depois de ter recebido os convidados, voltara com eles para a cidade (na caleche de Iúlia Mikháilovna), com a intenção de participar da última reunião da comissão da festa. Com certeza, também deve ter ficado intrigada com as notícias sobre Stepan Trofímovitch trazidas por Liámchin.

A vingança contra Andrei Antónovitch começou de imediato. O pobre sentiu-o desde o primeiro olhar que lançou à bela esposa. Abertamente, com o seu ar mais encantador, Iúlia Mikháilovna aproximou-se rapidamente de Stepan Trofímovitch, estendeu-lhe a mãozinha comprimida dentro da luva apertada e cobriu-o dos mais lisonjeiros cumprimentos, como se a única preocupação dela fosse acarinhar o mais depressa possível Stepan Trofímovitch por, finalmente, o ver em sua casa. Nem uma alusão à busca domiciliária matinal, como se não soubesse de nada. Nem uma palavra dirigida ao marido, nem um olhar, como se ele não estivesse na sala. Mais ainda, apoderou-se de imediato e com autoridade de Stepan Trofímovitch, como se este não estivesse falando com Von Lembke e, mesmo que estivesse, nem valesse a pena continuar. Volto a dizer: parece-me que,

apesar de todo o seu tom sublime, Iúlia Mikháilovna, neste caso, cometeu uma gafe. Contribuíra muito para isso Karmazínov (que participara da viagem a pedido especial de Iúlia Mikháilovna e que assim, embora de forma indireta, fizera por fim uma visita a Varvara Petrovna, o que, por fraqueza sua, a deixara absolutamente fascinada). Logo à porta (foi o último a entrar), ele gritou mal viu Stepan Trofímovitch e foi abraçá-lo, interrompendo a própria Iúlia Mikháilovna.

— Há quanto tempo! Finalmente... *Excellent ami.*²⁶⁹

Atirou-se a ele para o beijo e, obviamente, expôs-lhe a bochecha. Atrapalhado, Stepan Trofímovitch viu-se obrigado a beijar-lha.

— *Cher* — dizia-me ele depois, à noite, recordando aquele dia —, pensei naquele momento: qual de nós dois é mais ignóbil? Será ele, que me abraça para, ao mesmo tempo, me humilhar, ou serei eu, que o desprezo, a ele e à sua bochecha, e no entanto lha beijo, quando podia virar-lhe as costas... fu!

— Vá, conte-me, conte-me tudo — balbuciava e ciciava Karmazínov, como se fosse possível contar-lhe de chofre vinte e cinco anos de uma vida. Esta leviandade estúpida, porém, era de elevado *bon ton*.

— Lembre-se de que a última vez que nos encontramos foi em Moscou, no almoço em honra de Granóvski, e que desde então já passaram vinte e quatro anos... — começou Stepan Trofímovitch muito razoavelmente (logo em menos bom-tom).

— *Ce cher homme*²⁷⁰ — interrompeu-o Karmazínov aos gritos, de modo familiar, apertando o ombro de Stepan Trofímovitch de forma demasiado amigável.— Iúlia Mikháilovna, leve-nos depressa para os seus aposentos, que ele lá conta-nostudo.

— E no entanto, nunca fui amigo daquele efeminado irritante — continuou Stepan Trofímovitch a queixar-se-me, naquela mesma

noite, tremendo de raiva. — Éramos muito jovens, e já naquela altura eu começava a odiá-lo... tal como ele a mim, é claro...

O salão de Iúlia Mikháilovna encheu-se rapidamente. Varvara Petrovna estava invulgarmente excitada, embora tentasse parecer indiferente, e apanhei-lhe dois ou três olhares de ódio lançados a Karmazínov, e de ira, lançados a Stepan Trofímovitch — irados antecipadamente, por ciúmes, por amor: se, desta vez, Stepan Trofímovitch cometesse de algum modo uma gafe e se deixasse envergonhar por Karmazínov na presença de todos, parece-me que ela saltaria do lugar e o espancaria. Esqueci-me de dizer que também lá estava Lisa, e nunca a tinha visto tão feliz, despreocupada, alegre e animada. É evidente que também lá estava Mavríki Nikoláevitch. Além deles, entre a chusma de jovens senhoras e jovens senhores meio desregrados, que constituíam a comitiva habitual de Iúlia Mikháilovna e entre os quais um tal desregramento era considerado espírito divertido, enquanto o cinismo barato era tomado por inteligência, reparei em duas ou três caras novas: um polaco vindo de fora, muito bajulador; um médico alemão, velho muito robusto, que a cada instante se ria alto e com prazer dos seus próprios *Witz*,²⁷¹ e, finalmente, um príncipezeco muito jovem de Petersburgo, uma figura automática com porte de homem de Estado e colarinhos muitíssimo compridos. Via-se, porém, que Iúlia Mikháilovna tinha em alto apreço este seu convidado, o que a levava mesmo a preocupar-se com o seu salão...

— *Cher Monsieur Karmazinoff*— começou Stepan Trofímovitch, sentando-se numa pose enfatuada no divã e, de repente, pondo-se a ciciar não menos que Karmazínov —, *cher Monsieur Karmazinoff*, a vida do homem dos nossos velhos tempos e das nossas convicções, nem que abranja um espaço de vinte e cinco anos, pode afigurar-se monótona...

O alemão desatou às gargalhadas sonoras e entrecortadas, como relinchos, supondo por certo que Stepan Trofímovitch acabara de dizer uma grande piada. Este olhou para ele com acentuado espanto, o

que, aliás, não causou qualquer efeito no alemão. Também o príncipe olhou para o alemão, virando-se com todos os seus colarinhos e apontando-lhe a luneta, embora sem qualquer curiosidade.

— ...pode afigurar-se monótona — repetiu propositadamente Stepan Trofímovitch, esticando o mais possível e sem cerimônias as palavras. — Assim foi também a minha vida neste quarto de século, *et comme on trouve partout plus de moines que de raison*,²⁷² e como estou absolutamente de acordo com esta situação, resulta que eu, durante todo este quarto de século...

— *C'est charmant, les moines*²⁷³ — sussurrou Iúlia Mikháilovna, virando-se para Varvara Petrovna que estava a seu lado.

Varvara Petrovna reagiu com um olhar orgulhoso. Karmazínov, porém, não suportou o êxito da frase francesa e interrompeu Stepan Trofímovitch rápida e esganiçadamente:

— Quanto a mim, estou tranquilo a este respeito e já lá vão sete anos que fico em Karlsruhe. Então, quando no ano passado o conselho municipal decidiu instalar acanalização da água, senti no meu coração que este problema dos esgotos de Karlsruhe era mais importante e precioso para mim do que todos os problemas da minha querida pátria... durante todo o período das chamadas reformas.

— Vejo-me obrigado a concordar, embora contra o coração — suspirou Stepan Trofímovitch, inclinando significativamente a cabeça.

Iúlia Mikháilovna rejubilava: a conversa tornava-se profunda e com um cariz ideológico.

— Uma canalização de esgotos fecais? — perguntou alto o doutor.

— Canalização de água, doutor, de água, e até lhes ajudei a escrever o projeto.

O médico soltou uma gargalhada ribombante. A seguir muitos se riram na cara do médico, que não percebeu e ficou muito contente com tais risos.

— Permita-me que não concorde consigo, Karmazínov — apressou-se a introduzir Iúlia Mikháilovna. — Karlsruhe é à parte, mas o senhor gosta de mistificar, e desta vez não acreditaremos em si. Quem, entre os escritores russos, criou tantos tipos, os mais modernos, descobriu tantos problemas, os mais modernos, apontou precisamente os pontos principais de que se compõe o tipo da personalidade ativa moderna? O senhor, só o senhor e mais ninguém. Depois disto, vá lá tentar convencer-nos da sua indiferença para com a pátria e do seu grande interesse pelos canos de esgotos de Karlsruhe! Ah, ah!

— Sim, sem dúvida — voltou a ciciar Karmazínov —, apresentei no tipo de Pogójev todos os defeitos dos eslavófilos, e no tipo de Nikodímov todos os defeitos dos ocidentalistas...

— *Todos...* querias... — sussurrou Liámchin.

— Mas faça-o de passagem, só para matar o tempo importuno e... satisfazer as exigências importunas dos meus conterrâneos.

— O Stepan Trofímovitch já deve saber — continuou, enlevada, Iúlia Mikháilovna — que amanhã teremos o prazer de ouvir palavras encantadoras... uma das mais recentes e elegantíssimas inspirações das belas letras, de Semion Egórovitch, intitulada *Merci*. Ele anuncia nesta peça que não vai escrever mais, por nada deste mundo, nem que um anjo do Céu, ou, melhor dizendo, toda a sociedade superior lhe peça para mudar de ideias. Em resumo, rejeita a pena para sempre, e este elegante *Merci* é dirigido ao público como agradecimento pela constante admiração com que este público acompanhou durante muitos anos os serviços permanentes que o escritor prestou ao pensamento russo honesto.

Iúlia Mikháilovna estava no auge do deleite.

— Sim, vou despedir-me; digo o meu *Merci* e vou-me embora, e lá... em Karlsruhe... fecho os olhos — começou a enlanguescer Karmazínov, pouco a pouco.

Como muitos dos nossos grandes escritores (pois temos muitíssimos grandes escritores), não aguentava louvores e começava logo a enlanguescer, apesar do seu espírito. Porém, acho isso perdoável. Dizem que um dos nossos Shakespeares disparou, literalmente, numa conversa privada: “Nós, *grandes homens*, não podemos sequer portarmo-nos de outra maneira”, etc., e nem deu conta do que disse.

— Lá, em Karlsruhe, fecharei os meus olhos. A nós, grandes homens, ao terminarmos a nossa obra, só nos resta fechar os olhos, sem procurarmos recompensa. Assim farei eu também.

— Dê-me o endereço, vou a Karlsruhe visitar o seu túmulo — desfez-se o alemão num riso irrefreável.

— Agora já transladam os corpos por estrada de ferro — pronunciou subitamente um dos jovens insignificantes.

Liámchin até guinchou de entusiasmo. Iúlia Mikháilovna carregou o sobrolho. Entrou Nikolai Stavróguin.

— E a mim disseram que o prenderam e levaram à esquadra — disse alto, antes de mais, a Stepan Trofímovitch.

— Não, foi um caso *desprendido* de importância — disse num trocadilho Stepan Trofímovitch.

— Espero, aliás, que este caso não tenha consequências relativamente ao meu pedido — apressou-se a dizer Iúlia Mikháilovna. — Espero que o senhor, apesar deste infeliz incidente, de que eu, aliás, não sei nada até ao momento, não gore as nossas melhores expectativas e não nos prive do prazer de ouvir a sua leitura na *matinée* literária.

— Não sei... eu... agora...

— Francamente, Varvara Petrovna, sou tão infeliz... e, imagine, precisamente agora que tanto desejava conhecer pessoalmente Stepan Trofímovitch, um dos intelectos russos mais notáveis e independentes, ele exprime de repente o desejo de se afastar de nós.

— O louvor foi dito em tão alta voz que eu, é claro, deveria não reparar nele — disse Stepan Trofímovitch —, mas não acredito que a minha modesta pessoa seja assim tão necessária na sua festa de amanhã. Aliás, eu...

— A senhora estraga-o com mimos! — gritou Piotr Stepánovitch, irrompendo na sala. — Mal tive tempo de o tornar controlável e, de repente, na mesma manhã, uma busca, uma detenção, os policiais a agarrarem-no pelos colarinhos, e agora as senhoras a embalarem-no ao colo no salão do governador! Agora, cada ossinho dele está compenetrado de enlevo; nem sonhava com uma homenagem destas! Verão como agora vai começar a denunciar os socialistas!

— É impossível, Piotr Stepánovitch. O socialismo é uma ideia demasiado grande para que Stepan Trofímovitch não tenha consciência disso — defendeu-o energicamente Iúlia Mikháilovna.

— A ideia é grande, mas quem a professa nem sempre é gigante, *et brisons-là, mon cher*²⁷⁴ — concluiu Stepan Trofímovitch, dirigindo-se ao filho e soerguendo-se com elegância no seu lugar.

Nisto, aconteceu uma coisa bastante inesperada. Von Lembke já estava havia algum tempo no salão, mas como que despercebido por todos, embora todos o tivessem visto entrar. Iúlia Mikháilovna, dominada pela mesma ideia, continuava a não lhe prestar atenção. Ele tinha-se acomodado junto à porta e escutava com um ar sombrio e severo as conversas. Ao ouvir as alusões aos acontecimentos da manhã, começou a mexer-se com inquietação, a fitar muito o príncipe, por certo impressionado com os colarinhos dele, espetados para a frente e densamente engomados; depois como que estremeceu ao ouvir a voz de Piotr Stepánovitch e ao vê-lo entrar; e, mal Stepan

Trofímovitch acabou de dizer a sua sentença sobre os socialistas, aproximou-se subitamente dele, tendo empurrado pelo caminho Liámchin, que se afastou de um salto com um gesto e um passo afetados, esfregando o ombro e fingindo que o tinham magoado muito.

— Chega! — proferiu Von Lembke, agarrando energicamente o assustado Stepan Trofímovitch pelo braço e dando-lhe um aperto forte. — Basta, os flibusteiros dos nossos tempos foram descobertos. Nem mais uma palavra. Foram tomadas as medidas...

Proferiu tudo isto em alta voz, para todos ouvirem, concluindo com energia. A impressão causada foi doentia. Todos sentiram que alguma coisa não estava bem. Vi que Iúlia Mikháilovna empalideceu. O efeito foi coroado por uma casualidade estúpida. Ao afirmar que tinham sido tomadas medidas, Von Lembke deu meia-volta brusca e, ia ele saindo rapidamente da sala quando, depois de dar dois passos, tropeçou no tapete e por pouco não caiu. Parou por um instante, olhou para o lugar onde tropeçara e, dizendo em voz alta “substituir isto”, saiu pela porta. Iúlia Mikháilovna correu atrás dele. Depois, criou-se um certo burburinho em que era difícil entender-se alguma coisa. Uns diziam “desconcertado”, outros diziam “já era propenso a isto”. Havia ainda outros que batiam com os dedos na testa; Liámchin, num cantinho, levantou dois dedos em riste por cima da testa. Insinuavam-se uns incidentes domésticos quaisquer, tudo em sussurro, evidentemente. Ninguém pegava nos chapéus, toda a gente esperava. Não sei o que Iúlia Mikháilovna conseguiu fazer, mas cinco minutos depois voltava, esforçando-se por parecer calma. Dizia, evasiva, que Andrei Antónovitch estava um pouco emocionado, mas que não tinha importância de maior porque eram coisas a que era achacado desde pequeno, o que ela “sabia muito bem”, e que a próxima festa com certeza o animaria. Ainda disse mais algumas palavras lisonjeiras a Stepan Trofímovitch, mas de pura circunstância, econvidou os membros da comissão a darem início, de imediato, aos trabalhos. Só então começaram a preparar-se para as despedidas os que não faziam

parte da dita comissão. Porém, as desventuras daquele dia ainda não tinham acabado...

No próprio instante em que Nikolai Vsevolodovitch entrara já eu tinha reparado que Lisa lhe deitara um olhar rápido, mas perscrutante, e que, depois, não tirava os olhos dele, ao ponto de isso atrair as atenções. Vi que Mavríki Nikoláevitch, atrás de Lisa, se inclinou para ela como se lhe quisesse dizer alguma coisa ao ouvido, mas mudou de ideias e endireitou-se rapidamente, passando um olhar culpado por toda a assistência. Também Nikolai Vsevolodovitch provocou a curiosidade: o seu rosto estava mais pálido do que o habitual, o seu olhar distraído. Depois da pergunta que fizera a Stepan Trofímovitch quando entrara, foi como se se tivesse esquecido logo dele e, creio, esqueceu-se também de ir cumprimentar a dona da casa. Nem uma vez olhou para Lisa — não foide propósito que não olhou para Lisa mas, afirmo-o, porque também não reparou nela. De súbito, logo após a pausa que se seguiu ao convite de Iúlia Mikháilovna para que se desse início aos trabalhos, ouviu-se a voz sonora, ostensivamente alta, de Lisa. Dirigia-se a Nikolai Vsevolodovitch.

— Ouça, Nikolai Vsevolodovitch, um capitão qualquer, que se diz seu parente, irmão da sua mulher, de nome Lebiádkin, não para de me escrever cartas indecentes, cartas essas onde faz queixa do senhor e promete revelar-me uns segredos quaisquer. Se ele de fato é seu parente, proíba-lhe que me ofenda e que me livre destes desgostos.

Nestas palavras soava um terrível desafio, isso toda a gente percebeu. A acusação era frontal, embora talvez demasiado súbita, mais do que ela pretenderia. Lembrava o ato da pessoa que, cerrando os olhos, se atira do telhado.

Mas a resposta de Nikolai Vsevolodovitch foi ainda mais espantosa.

Em primeiro lugar, era estranho que ele não ficasse minimamente surpreendido e ouvisse Lisa com a mais tranquila das atenções. Nem uma ponta de confusão, nem uma ponta de cólera se refletiam no seu

rosto. De uma maneira simples e firme, e com uma prontidão absoluta, respondeu assim à pergunta fatal:

— Sim, tenho o azar de ser parente desse homem. Sou marido da irmã dele, Lebiádkina em solteira, há já quase cinco anos. Fique com a certeza de que eu lhe transmitirei as suas exigências na data mais próxima e prometo que ele não voltará a incomodá-la.

Nunca esquecerei o terror que se pintou no rosto de Varvara Petrovna. Com um ar enlouquecido, soergueu-se na cadeira, levantando a mão direita à sua frente, como que para se defender. Nikolai Vsevolodovitch olhou para ela, para Lisa, para a assistência e, de rompante, sorriu com uma infinita altivez; sem pressas, saiu da sala. Todos viram que, mal Nikolai Vsevolodovitch deu meia-volta para sair da sala, Lisa levantou-se de um salto e fez o movimento de correr atrás dele, mas caiu em si e não correu: saiu devagar, também sem dizer palavra e sem olhar para ninguém; é claro que foi acompanhada por Mavríki Nikoláevitch, que se precipitou atrás dela...

Não mencionarei o barulho e as conversas que correram pela cidade naquela noite. Varvara Petrovna fechou-se na sua casa citadina; Nikolai Vsevolodovitch, ao que dizem, foi direto a Skvoréchniki sem ir ver a mãe. À noite, Stepan Trofímovitch mandou-me à casa de “cette chère amie” para lhe suplicar em seu nome a autorização de ele a visitar, mas não me receberam. O velho estava terrivelmente abalado, chorava. “Que casamento! Que casamento! Que horror nesta família!”, repetia a cada passo. Entretanto, ia-selembrando também de Karmazínov e descompunha-o terrivelmente. Preparava-se para o recital do dia seguinte e — natureza artística *oblige!* — fazia-o em frente do espelho, recordando os seus ditos de espírito e os seus trocadilhos de toda uma vida, registrados num canhenho especial; tencionava introduzi-los na sua leitura.

— Meu amigo, faço-o em prol da grande ideia — dizia-me, como que a justificar-se.— *Cher ami*, arranquei do lugar onde estive parado

durante vinte e cinco anos e, de repente, estou avançando, não sei em que direção, mas estou avançando...



TERCEIRA PARTE

1 - A festa. O início

I

A festa foi realizada, apesar de todos os problemas do dia anterior, o “dia dos Chpigúlin”. Nem que Von Lembke morresse naquela mesma noite, penso que a festa se faria, tal o significado especial que Iúlia Mikháilovna atribuía ao evento. Ela, infelizmente, foi cega até ao último momento, não tendo compreendido o estado de espírito da sociedade. Afinal, ninguém acreditava que o dia solene chegasse ao fim sem uma desventura qualquer gigantesca, sem “desenlace”, como se exprimiam certas pessoas esfregando as mãos antecipadamente. Também é verdade que muita gente tentava dar-se um ar sisudo, carregado, mas, acontece, geralmente, que qualquer algazarra social escandalosa diverte muitíssimo o homem russo. Aliás, havia na nossa cidade algo de mais sério do que apenas um desejo de escândalo: havia uma irritação generalizada, qualquer coisa de insaciavelmente maldoso; parecia que toda a gente estava farta de tudo. Instalou-se uma espécie de cinismo geral e confuso, forçado e como que afetado. Apenas as senhoras se não confundiam, e mesmo assim só num aspecto: no ódio encarniçado para com Iúlia Mikháilovna. Sobre isto, todos os partidos femininos coincidiam. Ora, a pobre nem sequer suspeitava disso; teve a certeza, até à última hora, de que estava “bem rodeada” e de que as pessoas lhe eram ainda “fanaticamente abnegadas”.

Insinuei já que na nossa cidade tinham aparecido certos indivíduos. Em tempo de revolta e incerteza, ou de transição, aparecem sempre e em todo o lado certos indivíduos. Não falo dos chamados “homens de vanguarda” que costumam desunhar-se para ultrapassarem toda a gente (sua principal preocupação) e que têm um objetivo mais ou

menos definido, por mais estúpido que seja. Não, falo só da escumalha. Em qualquer período de transição emerge esta escumalha, existente em qualquer sociedade, que não só não tem qualquer objetivo como também não dá qualquer sinal de pensamento, exprimindo apenas, com toda a pujança, a inquietação e a impaciência. Entretanto, esta escumalha, sem o saber, quase sempre cai sob as ordens do pequeno grupo dos “homens de vanguarda” que age com um fim determinado e manipula todo esse lixo onde e como lhe aprouver, quando não se dá o caso de o próprio grupo “de vanguarda” ser composto por idiotas absolutos, o que, de resto, também acontece às vezes. Entre nós, agora que já passou tudo, diz-se que Piotr Stepánovitch foi comandado pela Internationale, que Iúlia Mikháilovna foi comandada por Piotr Stepánovitch, e que esta, por sua vez, de acordo com as ordens dele, regulava todo o gênero de escumalha. As mais sérias das nossas cabeças admiram-se agora consigo mesmas: como foi que puderam cometer semelhante erro naqueles dias? É que não sei — e ninguém o sabe, acho eu — em que consistiam os nossos tempos de revolta e que transição queríamos ter, a não ser que o saibam alguns visitantes de fora. Entretanto, a gentalha sem préstimo obteve de chofrea superioridade, começou a criticar em voz alta tudo o que era sagrado, quando dantes não se atrevia sequer a abrir a boca; ao passo que as pessoas mais importantes, que até então mantinham tranquilamente a preponderância, começaram a dar ouvidos à gentalha e a não ripostar; havia mesmo entre elas quem os apoiasse com risinhos. Gente como Liámchin, Teliátnikov, proprietários rurais à moda de Tentétnikov,²⁷⁵ caseiros moncosos à Radíchev;²⁷⁶ judeuzecos com sorrisos amargos, mas arrogantes; viajantes brincalhões de passagem pela cidade; poetas da poesia ideológica da capital; poetas que, em vez de ideologia e de talento, usavam cafetãs e botas alcatroadas; majores e coronéis gozando do absurdo das suas patentes e que, por um rublo, estavam prontos a depor imediatamente a espada e a tornar-se escrivães das estradas de ferro; generais transformados em advogados; mediadores evoluídos, comerciantes em evolução, inúmeros seminaristas, mulheres representando nas suas pessoas a questão feminina — tudo isto

começou de súbito a preponderar, e sobre quem? Sobre o clube, sobre os respeitadíssimos dignitários, sobre os generais com pernas de pau, sobre a nossa rigorosíssima e inacessível sociedade feminina. Se a própria Varvara Petrovna, até ao momento da catástrofe que envolveu o seu filhinho, fazia quase o papel de ordenança de toda a escumalha, para as nossas outras Minervas aquela loucura é quase perdoável. Agora, como já disse, acusam de tudo a Internationale. Esta ideia afirmou-se de tal forma, que o caso é contado deste ponto de vista até aos visitantes da cidade. Ainda há pouco tempo, o conselheiro Kúbrikov, de sessenta e dois anos, com a ordem de São Estanislau ao pescoço, declarou em tom compenetrado, sem ser chamado, que esteve indubitavelmente sob a influência da Internationale durante três meses. Ora, quando lhe pediram, com todo o respeito devido à sua idade e aos seus méritos, que se explicasse de modo mais satisfatório, ele, embora não pudesse apresentar provas documentais e apenas jurasse que “o sentia com todos os seus sentimentos”, mostrou-se firmemente convicto da veracidade da sua declaração; deixaram de indagar mais sobre o assunto.

Volto a repetir que houve entre nós um pequeno grupo de pessoas prudentes que, no princípio, se retiraram e se fecharam mesmo a cadeado. Porém, que cadeado resiste à lei natural? Também nas famílias mais prudentes crescem meninas que precisam de dançar. Assim, até os prudentes acabaram também por contribuir com os seus donativos para as preceptoras. Entretanto, previa-se que o baile fosse brilhante, enorme; contavam-se milagres, corriam rumores sobre príncipes de lornhão vindos de visita, sobre os dezancaçados da organização (todos eles jovens cavalheiros com laços no ombro esquerdo); sobre uns certos promotores de Petersburgo; sobre Karmazínov que, para aumentar as receitas, concordou em ler o seu *Merci* vestido de preceptora da nossa província; sobre como se planejava uma “quadrilha literária”, também com trajes de fantasia, simbolizando uma tendência literária. Finalmente, que haveria um traje representando o “honesto pensamento russo” que dançaria também — o que, só por si, era uma coisa novíssima. Como poderiam as pessoas recusar-se a participar? Participaram todas.

II

De acordo com o programa, o dia festivo dividia-se em duas partes: uma *matinée* literária, do meio-dia às quatro, e depois o baile, a começar às nove e indo pela noite fora. Pois bem, até na fixação deste horário houve germes de desordem. Em primeiro lugar, desde o princípio que corria entre o público um rumor sobre o almoço, logo a seguir à *matinée* literária, ou mesmo durante a *matinée*, num intervalo que se faria para o efeito — um primeiro almoço evidentemente gratuito, fazendo parte do programa, e com champanhe. O preço de inscrição elevado (três rublos) contribuiu para o enraizamento de tal rumor. “De outro modo, não me inscreveria. Se a festa foi programada para todo o dia, têm de servir uma refeição. As pessoas vão ter fome”. Era assim que se raciocinava. Tenho de reconhecer que a própria Iúlia Mikháilovna, graças à sua leviandade, fez com que tal rumor se arraigasse. Um mês antes, ainda encantada com a ideia inicial do seu grande projeto, tagarelava sobre a sua festa com qualquer um que encontrasse e mandou para um dos jornais da capital a notícia de que haveria brindes. Entusiasmavam-na muito, estes brindes: ela própria queria fazer alguns e, enquanto esperava pela festa, não parava de os redigir. Deveriamos tornar claro qual era a nossa bandeira principal (e qual era? Tenho a certeza de que a pobre não chegou a descobri-lo), e deveriam passar, em forma de correspondência, para os jornais das capitais e, assim, comover e fascinar as autoridades superiores, e a seguir espalhar-se por todas as províncias, provocando admiração e imitação. Porém, para os brindes é necessário haver champanhe e, como não se pode bebê-lo em jejum, impunha-se um almoço. Mais tarde, quando, com os esforços de Iúlia Mikháilovna, foi constituída a comissão da festa e se começou a trabalhar de forma mais séria, foi-lhe demonstrado imediata e incontestavelmente que, se se sonhasse com banquetes, sobejaria muito pouco para as preceptoras, mesmo que a coleta fosse muito rica. Deste modo, a questão punha-se em duas variantes: ou um festim com a abundância de Baltasar e com brindes, e sobriariam uns noventa rublos para as preceptoras, ou então uma receita considerável para as preceptoras mas uma festa apenas *pro forma*. A comissão, de resto, apenas queria assustá-la, já que tinha

inventado uma terceira solução, de compromisso e senso comum, ou seja, uma festa muito grande em todos os sentidos, mas sem champanhe, poupando-se deste modo uma quantia bastante razoável, muito acima de noventa rublos. Iúlia Mikháilovna, porém, não concordou; o seu caráter desprezava a *aurea mediocritas* vulgar. Resolveu logo que, sendo irrealizável a sua primeira ideia, se devia cair de imediato e plenamente no outro extremo, ou seja, conseguir-se uma receita gigantesca, para inveja de todas as outras províncias. “O público tem de perceber, finalmente”, assim concluiu o seu ardoroso discurso na comissão, “que alcançar os objetivos humanitários gerais é incomensuravelmente maior do que os momentâneos prazeres carnais, que a festa, na essência, é apenas a proclamação de uma grande ideia, e, por isso, as pessoas deverão satisfazer-se com um pequeno baile, pouco dispendioso, à alemã, unicamente como alegoria e, isto, apenas no caso de ser de todo impossível prescindir do enfadonho baile!” (até que ponto ela, de repente, ganhou ódio ao baile!). Mas lá conseguiram acalmá-la. Foi então que conceberam e propuseram, por exemplo, a “quadrilha literária” e outras coisas estéticas, em substituição dos prazeres carnais. Foi também então que Karmazínov aceitou definitivamente ler o seu *Merci* (até essa data apenas se exibia) e, com isso, eliminar a própria ideia de comida das mentes do nosso público intemperado. Assim, o baile voltava a ser uma magnífica celebração, embora de outro gênero. Mas, para a coisa não ficar demasiado nas nuvens, resolveram servir no início do baile chá com limão e bolachinhas redondas, depois orchata e limonada e, no fim, até gelado; mas nada mais. Ora, para os que têm fome sempre e em todo o lado, e sobretudo sede, podia abrir-se ao fundo da enfiada de salas um bufê especial, de que trataria Prókhoritch (chefe da cozinha do clube) que, sob o rigorosíssimo controle da comissão, serviria tudo o que se quisesse, mas com pagamento à parte, sendo por isso necessário afixar à porta da sala o anúncio de que o bufê não fazia parte do programa. Porém, de manhã, decidiram não abrir o bufê para não estorvar a leitura, apesar de o bufê ficar à distância de cinco salas da sala branca na qual Karmazínov aceitara ler o *Merci*. É curioso que se tenha atribuído tanta importância a este acontecimento, ou seja, à leitura do *Merci*, mesmo pelas pessoas mais práticas. Quanto às pessoas mais

poéticas, a mulher do decano da nobreza, por exemplo, declarou a Karmazínov que, logo depois da leitura, mandaria incrustar na parede da sua sala branca uma lápide de mármore com letras douradas a assinalar que no dia tal do ano tal, naquele preciso lugar, o grande escritor russo e europeu, na hora de depor a pena, leu o *Merci*, despedindo-se assim pela primeira vez do público russo nas pessoas dos representantes da nossa cidade, e que já durante o baile toda a gente leria a placa, ou seja, apenas cinco horas depois da leitura de *Merci*. Sei, com toda acerteza, que foi precisamente Karmazínov quem exigiu que de modo nenhum houvesse bufê enquanto lia a sua obra, apesar da observação dos membros da comissão de que tal atitude não era muito consentânea com os nossos costumes.

Era esta situação, enquanto na cidade se continuava a acreditar no festim de Baltasar, ou seja, no bufê organizado pela comissão; e acreditou-se nisso até à última hora. Até as meninas, inclusive, sonhavam com montões de confeitos e doces e com outras coisas nunca vistas. Toda a gente sabia que a receita era altíssima, que a cidade inteira se batera para arranjar uma entrada, que chegava gente dos distritos e que não haveria lugar para todos. Sabia-se também que, além do preço estabelecido, tinham sido ainda feitos donativos consideráveis: Varvara Petrovna, por exemplo, pagou trezentos rublos pela sua entrada e, para enfeitar a sala, ofereceu todas as flores da sua estufa. A mulher do decano (membro da comissão) emprestou a sua casa e tomou a seu cargo a iluminação; o clube forneceu a criadagem e cedeu, para todo o dia, o chefe Prókhoritch. Houve também outros donativos, embora menos generosos, pelo que chegou a pensar-se em baixar o preço inicial de entrada para dois rublos. A comissão, com efeito, a princípio receava que, com o preço de três rublos, não aparecessem meninas, sugerindo até que se estabelecessem entradas familiares, ou seja, que cada família pagasse apenas por uma menina, podendo as outras entrar de graça, sendo da mesma família, nem que fossem dez. Receios infundados: pelo contrário, as meninas compareceram todas. Até os mais pobres dos funcionários públicos trouxeram as suas meninas, e era bem claro que, se não fosse pelas filhas, nem lhes passaria pela cabeça gastar aquele dinheiro. Um

miserabilíssimo secretário trouxe todas as suas sete filhas, sem contar com a esposa, é claro, e ainda uma sobrinha, e cada uma delas exibia o seu bilhete de entrada de três rublos. Por aqui se pode avaliar da revolução por que passava a cidade! Tendo ainda em conta que a festa se dividia em duas partes, foi necessário que cada senhora preparasse dois vestidos — um diurno, para a leitura, e outro noturno, para o baile. Muita gente da classe média, como viria a verificar-se mais tarde, alienou para este dia todos os seus bens, incluindo a roupa familiar, incluindo os lençóis e, talvez, incluindo os colchões, empenhando-os aos judeus locais que, nem de propósito, se tinham instalado em grande número na nossa cidade havia dois anos e que continuavam a instalar-se cada vez mais. Quase todos os funcionários pediram o vencimento adiantado, alguns proprietários venderam o imprescindível gado para poderem levar as suas meninas ao baile vestidas como marquesas e para que não ficassem atrás das outras. Desta feita, o luxo dos trajes foi uma coisa inédita na nossa terra. Duas semanas antes do evento já a cidade se preenchia de anedotas sobre as famílias, anedotas que eram imediatamente levadas à corte de Iúlia Mikháilovna pelos nossos zombeteiros. Começaram a aparecer caricaturas das famílias. Eu próprio vi no álbum de Iúlia Mikháilovna alguns desenhos deste gênero. Era, pois, natural, que os alvos das anedotas ficassem a par disto tudo, e suponho que foi essa a causa de, para o fim, se ter acumulado nas famílias tanto ódio por Iúlia Mikháilovna. Hoje, toda a gente pragueja e range os dentes ao lembrar-se disso. Já naquela altura era evidente, por outro lado, que no caso de a comissão, por qualquer motivo, não agradar, e de o baile não correr bem, em qualquer aspecto que fosse, a explosão de indignação seria inédita. Era por isso que cada qual esperava que houvesse escândalo; ora, uma vez que esperavam tanto o escândalo, como poderia ele deixar de acontecer?

Ao meio-dia em ponto atroou a orquestra. Sendo eu um dos “mordomos”, isto é, um dos doze “jovens dos laços”, vi com os meus próprios olhos o dealbar deste dia de vergonhosa memória. Tudo começou com um incrível aperto à entrada. Como pôde acontecer que tudo tenha corrido mal desde o primeiro passo e que a primeira a

falhar tenha sido a polícia? Não acuso de nada o verdadeiro público: os pais de família não só não se acotovelavam no meio da multidão e não empurravam ninguém, apesar das suas altas graduações, como, pelo contrário, segundo dizem, se mostravam embaraçados ainda na rua ao verem a pressão da turba, tão insólita na nossa cidade, que assediava a entrada principal e a tomava de assalto em vez de entrar normalmente. Entretanto, as carruagens não paravam de chegar, acabando por atulhar toda a rua. Agora, ao escrever, tenho firmes razões para declarar que alguns indivíduos, de entre a mais abominável escumalha da nossa cidade, foram simplesmente introduzidos por Liámchin e Lipútin, sem bilhetes, e talvez mais alguém, provavelmente um dos “mordomos” como eu, o tivesse feito. Pelo menos, apareceram lá uns sujeitos desconhecidos de todo, vindos dos distritos ou sabe-se lá donde. Estes selvagens, mal entravam na sala, perguntavam todos, sem exceção (como se tivessem sido ensaiados por alguém), onde era o bufê e, quando os informavam de que não havia bufê, começavam a praguejar de uma forma tão descarada e malcriada como nunca se vira entre nós. Também é verdade que alguns chegaram já bêbados. Alguns pasmavam-se, como bárbaros, perante a magnífica sala da esposa do decano, porque nunca antes tinham visto nada de semelhante, ficando um minuto silenciados e olhando em volta boquiabertos. Esta grande Sala Branca, embora de construção já antiga, era de fato magnífica: um espaço enorme, com dois lustres, com o teto pintado à antiga e ornamentos dourados, com galerias, com espaços espelhados entre as janelas, com desenhos vermelhos sobre fundo branco nas cortinas, com estátuas de mármore (independentemente da qualidade, não deixavam de ser estátuas), com móveis antigos, pesados, à Napoleão, pintados de branco e ouro e forrados de veludo vermelho. No momento que aqui descrevo, erguia-se ao fundo da sala um estrado alto para os literatos que iam ler as suas obras, e todo o espaço da sala estava ocupado por cadeiras, como uma plateia de teatro, com passagens largas para o público. Porém, depois dos primeiros momentos de espanto, começavam as perguntas e afirmações mais absurdas. “Se calhar, não queremos recital nenhum... Pagamos o nosso dinheiro... O público foi descaradamente defraudado... Nós é que somos os donos disto, não são os Lembke!...”. Enfim, como se

fosse para isso que os tinham deixado entrar. A mim gravou-se na memória, sobretudo, um conflito em que se destacou aquele principiezeco de visita que na manhã anterior estava em casa de Iúlia Mikháilovna, o dos colarinhos altos e que parecia um boneco de pau. Também ele, a pedido da senhora, concordou em ser “mordomo” da festa e em prender o lacinho no ombro esquerdo. Descobriu-se então que aquela mudafigura de cera movida a molas sabia, se não falar, agir de certa maneira. Quando foi abordado por um capitão bexigoso de enorme estatura, apoiado por toda uma chusma de escumalha, que lhe perguntou como se ia para o bufê, o príncipe piscou o olho a um polícia. A ordem foi cumprida de imediato: apesar das pragas do capitão bêbado, foi retirado da sala. Entretanto, começou finalmente a aparecer o verdadeiro público, acabando por estender-se em três filas, ao longo das três passagens entre as cadeiras. Os elementos desordeiros começaram a aquietar-se, mas o público, mesmo o mais “limpo”, já tinha um ar descontente e espantado, e algumas senhoras estavam mesmo verdadeiramente assustadas.

Por fim, instalaram-se, a música parou. Começaram a assoar os narizes, a olhar em volta. Aguardavam com um ar demasiado solene — o que em si é sempre um mau sinal. Mas os Lembke nunca mais chegavam. Sedas, veludos, diamantes brilhavam, ardiavam por toda a sala, espalhavam-se no ar as fragrâncias. Os homens abundavam em condecorações, os velhos até envergavam uniforme. Surgiu finalmente a esposa do decano, acompanhada por Lisa. E nunca Lisa estivera tão encantadora, tão deslumbrante como naquela manhã, nem tão luxuosamente trajada. Tinha um penteado aos caracóis, brilhavam-lhe os olhos, um sorriso iluminava-lhe o rosto. Causou grande efeito: olhavam para ela, cochichavam. Diziam que ela procurava Stavróguin com os olhos, mas Stavróguin não havia, nem Varvara Petrovna sua mãe. Na altura, não compreendi aquela expressão do rosto dela: por que havia nele tanta alegria, tanta felicidade, energia, força? Lembrava-me do caso da véspera e isso deixava-me perplexo. Os Lembke é que não chegavam. Foi um grande erro. Viria a saber mais tarde que Iúlia Mikháilovna, até ao último minuto, tinha esperado por Piotr Stepánovitch, sem o qual, ultimamente, não conseguia dar um passo,

apesar de nunca confessar o fato a si mesma. Noto entre parênteses que Piotr Stepánovitch, na véspera, na última reunião da comissão, se recusara a aceitar o laço de “mordomo”, o que entristeceu Iúlia Mikháilovna até às lágrimas. Para surpresa da senhora e, depois, para sua grande consternação (antecipo-me a falar disto), Piotr Stepánovitch desapareceu no dia seguinte e não pôs os pés no recital literário, não tendo sido visto por ninguém até à noite.

Por fim, o público começou a manifestar clara impaciência. No estrado, também não aparecia ninguém. Nas filas de trás, começaram a bater palmas como no teatro. Os velhos e as senhoras carregavam os sobrolhos: “Os Lembke, pelos vistos, consideram-se importantes demais”. Mesmo entre o melhor público começaram os murmúrios absurdos de que a festa seria provavelmente anulada, de que o Lembke estava muito mal, etc. Graças a Deus, finalmente os Lembke apareceram: o governador trazia a esposa pelo braço. Quanto a mim, confesso que tinha grandes receios em relação à chegada deles. O certo, porém, foi que assim se dissiparam os rumores, se instalou a verdade. O público parecia respirar de alívio. Lembke aparentava perfeita saúde, foi o que concluiu toda a gente (evidentemente, eram muitíssimos os olhos cravados nele). Para caracterizar a situação, noto que, de uma maneira geral, havia poucas pessoas da camada superior da nossa sociedade que supusessem em Lembke alguma doença especial: a nata social considerava corretas as medidas por ele tomadas, aprovando inclusivamente a sua atuação na praça. “Devia ter agido assim desde o princípio”, diziam os dignitários. “Apresentam-se como filantropos, mas acabam por tomar as mesmas medidas, verificando que elas são necessárias, para bem da mesma filantropia”, foi esta a conclusão a que se chegou, pelo menos no clube. Apenas censuravam o fato de ele se ter exaltado. “Precisava de mais sangue-frio, mas ainda é inexperiente, compreende-se”, diziam os entendidos. Com a mesma ansiedade se cravaram todos os olhos em Iúlia Mikháilovna. É claro que ninguém tem o direito de me exigir, enquanto narrador, pormenores muito exatos relativamente a um aspecto: das relações íntimas, uma vez que se trata de uma mulher; sei apenas que na noite anterior ela entrou no gabinete de Andrei

Antónovitch e ficou até altas horas. Andrei Antónovitch foi perdoado e consolado. Os esposos alcançaram a concórdia total, tudo foi esquecido, e quando, no final da conversa, Von Lembke acabou por se ajoelhar, recordando com terror o último e principal episódio da noite passada, a mãozinha encantadora e, a seguir, os lábios da esposa, calaram os ardorosos desabafos de arrependimento daquele cavalheiro delicado mas fragilizado pela ternura.

Todos viam felicidade no rosto dela. Com os seus trajes magníficos, caminhava altiva. Parecia encontrar-se no auge de um desejo realizado: concretizava-se a festa, objetivo e coroação da sua política. Enquanto se dirigiam para os seus lugares junto ao estrado, os Lembke faziam vênias e respondiam a vênias. Foram imediatamente rodeados pelos convidados. A esposa do decano levantou-se para os receber... Aqui, porém, deu-se um incidente desagradável: a orquestra, sem mais nem menos, rompeu numa fanfarra — não era uma marcha, mas simplesmente uns acordes de fanfarra, como quando, num almoço social do nosso clube, se brindava à saúde de alguém... Agorasei que aquilo foi obra de Liámchin, na sua qualidade de “mordomo”, como que em honra da entrada dos Lembke. É claro que ele poderia sempre justificar-se, alegando que o fizera por estupidez ou por zelo exagerado... Infelizmente, eu não sabia ainda que aquela gente já não se preocupava com justificações e que naquele dia era o fim de tudo. O incidente não se limitou à música de fanfarra: no meio do desgosto e dos sorrisos perplexos do público, ergueram-se ao fundo da sala e nas galerias gritos de “hurra!”, também como que em honra dos Lembke. As vozes eram poucas, mas tenho de dizer que gritaram durante bastante tempo. Iúlia Mikháilovna corou, os olhos dela chisparam. Von Lembke parou ao lado da sua cadeira e, virando-se para os que gritavam, passou o olhar pela sala com severidade majestosa... Pediram-lhe apressadamente que se sentasse. Eu, assustado, voltei a notar no rosto dele o mesmo sorriso perigoso que tinha no dia anterior na sala de estar de sua esposa ao olhar para Stepan Trofímovitch, antes de se aproximar deste. Pareceu-me vislumbrar-lhe na cara, de novo, uma expressão lúgubree, pior ainda, um pouco cômica — a expressão de uma criatura que está sacrificando-se apenas

em obediência aos objetivos supremos de sua esposa... Iúlia Mikháilovna apressou-se a chamar-me e pediu-me num sussurro que eu fosse correndo procurar Karmazínov e lhe suplicasse que desse início à sessão de imediato. Então, mal eu tivera ainda tempo de me virar e já rebentava outra porcaria, mas muito mais repugnante do que a primeira. No estrado, um estrado vazio, para o qual até ao momento estavam voltados todos os olhares e todas as expectativas, e onde apenas se via uma pequena mesa e uma cadeira, e em cima da mesa um copo de água numa bandeja de prata, pois bem, no estrado vazio surgiu de repente a gigantesca figura do Capitão Lebiádkin, de casaca e gravata branca. Fiquei tão pasmado que nem queria acreditar nos meus próprios olhos. O capitão, aparentemente, embarçou-se e parou ao fundo do estrado. Subitamente, ouviu-se um grito na assistência: “Lebiádkin, tu?”. A cara estúpida e vermelha do capitão (estava completamente bêbado), quando soou o grito, esboçou um largo sorriso imbecil. Levantou uma mão, esfregou a testa com ela, sacudiu a cabeça desgrenhada e, como que pronto para tudo, deu dois passos em frente... e, bruscamente, desatou a rir-se, num riso pouco alto mas bem audível, prolongado, feliz, que lhe franzia os olhos e lhe fazia estremecer toda a figura corpulenta. Quase metade do público se riu, umas vinte pessoas aplaudiram. O público sério trocava olhares sombrios; tudo isto, no entanto, não durou mais do que trinta segundos. Logo subiu ao palco Lipútin, com o seu laço no ombro, acompanhado por dois criados; agarraram delicadamente Lebiádkin pelos braços e Lipútin disse-lhe qualquer coisa ao ouvido. O capitão carregou o sobrolho e murmurou: “Bem, já que é assim...”, e abanou a mão, virou as costas enormes ao público e desapareceu, acompanhado pelos outros. Não tardou muito que Lipútin voltasse a saltar para o estrado. Nos lábios pairava-lhe o mais doce sorriso, um daqueles seus sorrisos que lembravam vinagre com açúcar, e nas mãos segurava uma folha de papel de carta. Num passinho miúdo mas rápido, aproximou-se da beira do estrado.

— Meus senhores — dirigiu-se ele ao público —, por descuido, aconteceu aqui um mal-entendido cômico, já solucionado. Mas tomei a meu cargo cumprir, com esperança, uma missão, acedendo ao

encarecido pedido de um dos nossos poetas locais... Compenetrado de um objetivo sublime e humanista... apesar do aspecto do homem... com tal objetivo que nos reuniu a todos aqui... o de secar as lágrimas das pobres meninas cultas da nossa província... este senhor, ou seja, este poeta da nossa terra... desejando manter o incógnito... gostaria de que a sua poesia fosse lida antes do início do baile... isto é, antes do recital. Embora esta poesia não faça parte do programa... porque nos foi presente apenas há trinta minutos... pareceu-nos — (quem era este “nós”? Limito-me a transcrever, à letra, o discurso entrecortado e confuso de Lipútin) — que, pela sua notável ingenuidade sentimental aliada a uma também notável alegria, esta poesia poderia ser lida, isto é, não como uma coisa séria mas como coisa adequada a esta festa... Isto é, coadunando-se com a ideia... Além disso, trata-se apenas de alguns versos... e, sendo assim, queria pedir a autorização do respeitável público.

— Leia! — disparou uma voz do fundo da sala.

— Então, leio?

— Leia, leia! — ouviram-se muitas vozes.

— Vou então ler, com a autorização do público. — Lipútin voltou a torcer a cara, com o mesmo sorriso açucarado. Estava ainda como que indeciso e, pareceu-me, nervoso. Esta gente, apesar de todo o seu descaramento, às vezes atrapalha-se. Aliás, um seminarista não se atrapalharia, e o Lipútin, fosse como fosse, nunca deixara de pertencer ao seu antigo estrato social.

— Aviso, ou seja, tenho a honra de avisar que isto não é propriamente uma ode, daquelas que antigamente se escreviam por motivo das festas, é antes, por assim dizer, quase uma brincadeira, mas com um indubitável sentimento associado a uma jocosa alegria e a uma verdade muito realista, por assim dizer.

— Lê, lê!

Lipútin desdobrou o papel. É claro que ninguém teve tempo de o travar. Além disso, exibia o laço de “mordomo”. Declamou em voz sonora:

— Do poeta da festa, para a preceptora desta terra.

*Viva, viva, ó preceptora!
Júbilo alegre manifesta!
Sejas de Sand seguidora
Ou retrógrada, é tua a festa!*

— É do Lebiádkin! Do Lebiádkin, de certeza! — soaram várias vozes. Também risos e aplausos, embora poucos.

*Ensinas ao petiz moncoso
O abc francês, pois então,
Mas pr'a casar até piscas o olho,
Se for preciso, ao sacristão!*

— Hurra, hurra!

*Mas neste tempo de reforma,
A menina quer é um dignitário,
Mas nem o sacristão te toma
E lá tens de voltar ao abecedário.*

— Exatamente, isto é que é verdadeiro realismo, sem dignitários, nada feito!

*Neste banquete, no entanto,
Juntamos-te um bom capital
E destas salas nós, dançando,
Mandamos-te o dote, é o principal.*

*Sejas de Sand seguidora,
Ou retrógrada, a festa é tua!*

*Tens um dote, ó preceptora,
Nasceste com o cu para a Lua!*

Eu, francamente, nem queria acreditar nos meus próprios ouvidos. O descaramento era tão óbvio que não havia possibilidade de desculpar Lipútin, mesmo alegando a sua estupidez. De resto, Lipútin não era nada parvo. A intenção era óbvia, pelo menos para mim: parecia que estavam com pressa de propagar a confusão. Alguns versos desta poesia idiota, por exemplo o último, eram de tal gênero que não havia estupidez no mundo que pudesse justificá-los. O próprio Lipútin sentiu que tinha ido longe demais: terminada a sua façanha, ficou tão aturdido com o seu atrevimento que não se mexia do estrado, ali parado, como se quisesse ainda acrescentar alguma coisa. Talvez tenha suposto que aquilo era uma coisa de outro gênero; é que mesmo um grupinho de desordeiros que tinha aplaudido durante a leitura calou-se de repente, como se também estivesse aturdido. A maior imbecilidade foi o fato de muitos deles terem recebido aquilo não como uma afronta, mas com entusiasmo, como se não fosse uma pasquinada, mas uma verdade real dedicada à preceptora, ou seja, como uma poesia de intervenção. Porém, o tom demasiado faceto também os espantou. Quanto à maioria do público, não só ficou escandalizado como se mostrou claramente ofendido. Não me equívoco ao entender assim o efeito dos versos. Iúlia Mikháilovna viria a afirmar mais tarde que, mais um minuto, e cairia desmaiada. Um dos idosos mais respeitáveis da assistência fez levantar a sua idosa e ambos saíram da sala, sob os olhares preocupados do público. Quem sabe, talvez o seu exemplo tivesse sido seguido por muitos se, entretanto, não aparecesse em cima do estrado o próprio Karmazínov, de casaca e gravata branca, sobraçando o seu caderno. Iúlia Mikháilovna dirigiu-lhe um olhar fascinado, como a um salvador... Mas eu já estava nos bastidores: precisava de ver Lipútin.

— Fez de propósito! — disse eu, agarrando-lhe, indignado, na mão.

— Juro por Deus que não, não contava com aquilo — encolheu-se ele, logo a mentir, logo a fingir-se desgraçado —, entregaram-me os

versinhos na hora, e eu pensei que, como brincadeira alegre...

— Não pensou nada. Tem o descaramento de considerar esta porcaria imprestável uma brincadeira alegre?

— Tenho sim, senhor.

— Mente, e não foi na hora que lhos entregaram. Foi o senhor mesmo quem escreveu isso, juntamente com o Lebiádkin, talvez ainda ontem, com o único intento de provocar escândalo. O último verso é de certeza seu, e aquele sobre o sacristão também. Por que foi que ele se apresentou de casaca? Só significa que o senhor o preparou para recitar, só que lhe aconteceu embebedar-se, não?

Lipútin olhou para mim com frieza e sarcasmo.

— E o que lhe importa ao senhor? — perguntou de supetão, com uma calma estranha.

— O que me importa? O senhor usa esse laço, tal como eu... Onde está Piotr Stepánovitch?

— Não sei, anda por aí algures. Por quê?

— Porque agora já vejo tudo claramente. É uma conspiração contra Iúlia Mikháilovna, pura e simplesmente, para lhe estragar o dia com um escândalo...

Lipútin voltou a olhar-me de soslaio.

— O que lhe importa? — sorriu, encolheu os ombros e afastou-se.

Foi como se tivesse sido atingido por um raio. Todas as minhas suspeitas se confirmavam. E eu que ainda tinha a esperança de estar enganado! O que podia fazer? Pensei, primeiro, em pedir conselho a Stepan Trofímovitch, mas este estava em frente do espelho experimentando vários sorrisos e consultando a cada instante o

papelinho com os seus apontamentos. A vez dele era a seguir a Karmazínov; estava, pois, incapaz de falar comigo. Ir ter com Iúlia Mikháilovna? Era ainda cedo para lhe falar: ela precisava de uma lição muito mais contundente para ser curada daquela sua convicção de estar “rodeada” e da “abnegação fanática” dos outros pela sua pessoa. Não acreditaria em mim, pensaria que eu estava doido, com alucinações. Além disso, o que poderia ela fazer? “Bah”, pensava eu, “afinal o que tenho que ver com isto? Tiro o laço e vou para casa *quando tudo rebentar*”. Foi precisamente em “quando rebentar” que eu pensei, lembro-me bem.

Entretanto, era preciso ir ouvir Karmazínov. Olhando à minha volta uma derradeira vez, reparei que circulava pelos bastidores bastante gente estranha, inclusive mulheres, entrando e saindo. Estes “bastidores” consistiam num espaço bastante estreito, separado do público por um reposteiro e, por trás, ligado com um corredor e outras salas. Era aqui que os participantes esperavam a sua vez. Quem mais me espantou foi o orador que se seguiria a Stepan Trofímovitch. Era também uma espécie de professor catedrático (até hoje não sei bem quem ele era) que se despedira voluntariamente de uma instituição de ensino na sequência de uma história com estudantes e que chegara à nossa cidade apenas alguns dias antes. Viera também recomendado a Iúlia Mikháilovna, que o tinha recebido com veneração. Sei agora que o senhor a visitara apenas uma vez antes do recital, à noite, e que ficou calado todo o serão, esboçando tão só uns sorrisos ambíguos, ouvindo as piadas e observando de fora a companhia que rodeava Iúlia Mikháilovna. Com o seu ar arrogante e, ao mesmo tempo, suscetível, quase medroso, causou uma impressão desagradável em todos. Foi a própria Iúlia Mikháilovna quem o convidou para ler. Passeava agora nos bastidores, de um canto para o outro, e, tal como Stepan Trofímovitch, sussurrando para os seus botões, mas com os olhos no chão e não ao espelho. Não ensaiava sorrisos, embora sorrisse muitas vezes e de modo carnívoro. Com ele, evidentemente, também era impossível falar. Era de pequena estatura, aparentava quarenta anos, careca, com uma barbicha grisalha, vestido de maneira conveniente. O mais interessante era que, a cada viragem, erguia o punho direito,

brandia-o por cima da cabeça e, de repente, baixava-o como que a destroçar um adversário. Repetia este gesto em cada instante. Senti-me aterrorizado. Saí rapidamente, correndo, para ouvir Karmazínov.

III

P airava de novo na sala algo de suspeito. Declaro desde já: inclino-me perante a grandeza do gênio, mas por que será que estes nossos senhoresgênios, no fim dos seus dias gloriosos, se comportam às vezes como garotos pequenos? Que lhe vale ser Karmazínov e entrar em palco arvorando o ar de cinco *Kammerherr* juntos? Será possível obrigar um público como o nosso a ouvir um artigo durante uma hora inteira? Fosse ele o gênio dos gênios, mas há uma coisa em que já reparei: num recital literário ligeiro nunca é possível prender-se a atenção do público por mais de vinte minutos. É certo que o grande gênio foi recebido com grande respeito. Até os mais severos dos velinhos manifestaram aprovação e curiosidade, e as senhoras, mesmo algum entusiasmo. Os aplausos, contudo, foram muito curtos, como que pouco unânimes, desordenados. Quanto às filas traseiras, não houve qualquer afronta até ao momento de o Senhor Karmazínov começar a falar, e quase nada de mal aconteceu quando ele se pôs a falar, apenas uma ligeira perplexidade. Já antes mencionei a voz dele, demasiado gritante, mesmo um pouco feminina, mas, acima de tudo, com um ciciar verdadeiramente fidalgo. Mal pronunciou as primeiras palavras, alguém, de imediato, se atreveu a rir — pelos vistos algum parvinho inexperiente que nunca tinha assistido a nada de mundano e, ainda por cima, devia ser grande amigo de rir. Não houve, porém, qualquer outra demonstração; pelo contrário, mandaram o parvo fechar a boca e ele aquietou-se. Eis então o Senhor Karmazínov, requebrando-se e mantendo um constante bom-tom, a declarar que “de início não aceitara de modo algum fazer a leitura” (que necessidade tinha ele de o declarar?). “Há algumas passagens”, disse ele, “de tal modo ditadas pelo coração que são indizíveis, coisas sagradas que nunca podem ser expostas perante o público” (então para que estava expondo-as?); mas, “como lhe imploraram tanto, iria expô-

las”; além disso, “decidira depor a pena para sempre e jurara nunca mais escrever nada”, mas, “como tinha cedido, escrevera ainda a sua última obra”; e, “apesar de ter jurado nunca e de maneira alguma ler nada em público, ia ler a última coisa ao público”, etc., tudo dentro deste gênero.

Quanto a isto, do mal o menos, e quem não conhece os prefácios dos autores? Devo notar, no entanto, que, com a baixa cultura do nosso público e a remexida irritadiça das filas traseiras, tal poderia provocar um certo efeito indesejável. Não seria melhor ter lido uma pequena história, um conto minúsculo do gênero dos que ele escrevia dantes, e que, embora elaborados e cheios de requebros, eram às vezes, pelo menos, espirituosos? Assim, poderia ter-se salvado tudo. Mas não, nada disso! Lançou-se numa autêntica prédica! Meu Deus, o que não havia nela! Afirmo que não só o nosso público, mas até o das capitais seria levado ao aturdimento. Imaginem quase dois cadernos da mais requebrada e inútil tagarelice; ainda por cima, o senhor tinha uma leitura de certo modo altiva, mas tristonha, como se estivesse fazendo um grande favor, o que se tornava insultuoso para o nosso público. O tema... bem, quem poderia perceber qual era o tema? Era um relato qualquer sobre umas impressões quaisquer, sobre umas recordações quaisquer. Mas quais? De quê? Por mais que as nossas testas provincianas se franzissem durante a primeira parte da leitura, não conseguiram perceber nada, pelo que ouviram a segunda metade por mera delicadeza. É certo que falou de amor, do amor do gênio por uma senhora qualquer, mas, com franqueza, a coisa saiu-lhe um pouco inconveniente. A pequena figura gorducha do escritor genial não condizia bem, a meu ver, com a narração do seu primeiro beijo... Também era desagradável que tais beijos, de certo modo, não acontecessem como entre a restante humanidade. Em volta tinha de crescer, obrigatoriamente, a giesta (a infalível giesta ou, então, outra planta sobre a qual era preciso consultar um livro de botânica). Também o céu havia de ter um matiz obrigatoriamente violeta, matizasse em que nenhum dos mortais alguma vez reparou, ou seja, toda a gente o terá visto mas ninguém o sabe distinguir, e então, olhem, “eu olhei e agora descrevo-o para vós, seus parvalhões, como

fenômeno perfeitamente vulgar”. A árvore sob a qual se sentou o interessante casal é obrigatoriamente de uma tonalidade laranja. O casal está sentado, algures na Alemanha. De repente, veem Pompeu ou Cássio na véspera da batalha, e ambos ficam impregnados pelo frio do êxtase. Uma sereia piou nos arbustos. Gluck pôs-se a tocar violino no meio dos juncos. A peça que ele executava é mencionada *en toutes lettres*,²⁷⁷ mas não é conhecida por ninguém, pelo que é preciso ir procurá-la ao dicionário de música. Entretanto, turbilhonou o nevoeiro, turbilhonou tanto, mas tanto, que mais se parece com um milhão de almofadas do que com nevoeiro. De repente, desaparece tudo, e o grande gênio atravessa, no degelo do inverno, o Rio Volga. Duas páginas e meia de travessia, e mesmo assim cai no buraco feito no gelo. O gênio afoga-se... Acham que se afoga? Nem pensar; tudo isso foi apenas para que, quando já se afogava engolindo água, relanceasse diante dele um bocadinho de gelo, minúsculo, do tamanho de uma ervilha, mas limpo e transparente “como uma lágrima congelada”, e neste bocadinho de gelo se refletisse a Alemanha, ou, melhor dizendo, o céu da Alemanha, e com os irisantes laivos seus lhe recordasse aquela mesma lágrima que “lembras-te? Correu dos teus olhos quando estávamos sob a árvore esmeraldina sentados e exclamaste alegremente: ‘Não existe crime!’. ‘Sim’, disse eu com as lágrimas nos olhos, ‘mas, se é assim, também não haverá justos’. Banhamo-nos em pranto e despedimo-nos para sempre”. Ela foi algures para a beira-mar, ele para umas cavernas quaisquer; ei-lo, então, a descer, a descer, a descer durante três anos, em Moscou, sob a Torre Súkharev, e, de repente, nas entranhas profundas da Terra, encontra numa caverna uma lamparina e, diante da lamparina, um eremita. O eremita está rezando. O gênio aperta o rosto contra a minúscula janela gradeada e, subitamente, ouve um suspiro. Pensam que foi o eremita quem suspirou? Quer lá ele saber do eremita! Não, meus senhores, aquele suspiro, pura e simplesmente, lembrou-lhe, “lembrou-lhe o primeiro suspiro dela, trinta e sete anos atrás, quando, ‘lembras-te? Estávamos sentados sob a árvore cor de ágata, e disseste-me: amar para quê? Olha, à nossa volta cresce o ocre, e eu amo, mas quando deixar de crescer o ocre, deixarei de amar’. Nisto, voltou a

turbilhonar o nevoeiro, apareceu Hoffmann, uma sereia assobiou um tema de Chopin e, de rompante, do nevoeiro, com a sua coroa de louros, sob os telhados de Roma, surgiu Anco Márcio.²⁷⁸ Um calafrio de êxtase percorreu-nos as costas e despedimo-nos para sempre”, etc. Talvez eu não transmita tudo aquilo, nem sei transmiti-lo, mas o sentido da tagarelice era este. Por fim, que paixão vergonhosa têm os nossos grandes intelectos pelos paradoxos de sentido sublime! O grande filósofo europeu, o grande cientista, o inventor, o trabalhador, o mártir— todas estas pessoas, que labutam e carregam com um pesado fardo, são, para o nosso grande gênio, uma espécie de cozinheiros da cozinha dele. Ele é o amo, e eles apresentam-se diante dele com os barretes nas mãos e ficam aguardando ordens. Na verdade, ele também troça da Rússia com arrogância, e não há nada mais agradável para ele do que declarar a bancarrota da Rússia em todos os aspectos perante os grandes cérebros da Europa; mas, no que lhe toca, a ele, não senhor, ele está acima desses grandes cérebros; todos eles não são mais do que material para os seus paradoxos. Pega numa ideia alheia, junta-lhe uma antítese e está pronto o paradoxo. Existe o crime, não existe o crime; não há verdade, não há justos; ateísmo, darwinismo, sinos de Moscou (infelizmente, aliás, já não acredita nos sinos de Moscou); Roma, louros... porém, já nem nos louros acredita... No meio disto tudo, um ataque estereotipado de tédio byronesco, um trejeito de Heine, um pouco de Petchórin²⁷⁹ — e já se põe em marcha, já trabalha, já assobia a máquina... “Aliás, louvai, louvai-me, disso é que eu gosto; pois, quando digo que deponho a pena, falo por falar; esperai um pouco, ainda vos aborrecerei mais trezentas vezes, ainda haveis de vos fartar de me ler...”

É evidente que tudo acabou bastante mal. O pior foi que os sarilhos começaram com ele. Havia muito que se ouvia o esfregar dos sapatos no soalho, o assoar dos narizes, o tossir e tudo o que se costuma fazer quando num recital o literato, seja ele qual for, não deixa o público em paz ao cabo de vinte minutos. O escritor genial, porém, não reparou em tal. Continuava a ciciar e a balbuciar, sem se importar com o

público, pelo que toda a gente ia ficando perplexa. Bruscamente, ouviu-se nas filas de trás uma voz solitária, mas bem audível:

— Meu Deus, que absurdo!

Foram palavras saídas involuntariamente e, tenho a certeza, sem qualquer intuito de afronta. Era o desabafo de alguém que, simplesmente, se tinha cansado. Mas o Senhor Karmazínov parou por um momento, olhou com ironia para o público e, de repente, ciciou com o ar de um *Kammerherr* melindrado:

— Parece que estou aborrecendo bastante os senhores, não é verdade?

A culpa era dele, que foi o primeiro a falar; ao provocar deste modo a resposta, deu azo à escumalha de falar, até com certa legitimidade, por assim dizer; ora, se se tivesse contido, a coisa limitar-se-ia às assoadelas de narizes, e tudo correria mais ou menos... Talvez esperasse que a sua pergunta provocasse aplausos, mas aplausos não houve; pelo contrário, toda a gente pareceu ficar intimidada, se encolheu, se calou.

— O senhor nunca viu Anco Márcio, isso são apenas esmeros de estilo — ouviu-se de repente uma voz irritada, ou voz, até, de nervos em franja.

— Exatamente — ecoou de imediato outra voz —, atualmente já não se vai em fantasmas, existem as ciências naturais. Consulte as ciências naturais.

— Meus senhores, a última coisa que eu esperava eram objeções deste gênero — surpreendeu-se muito Karmazínov. O grande gênio, lá em Karlsruhe, desabituara-se por completo da pátria.

— Nos nossos tempos, é vergonhoso ler que o mundo assenta em três peixes — metralhou de rompante uma moça. — O Senhor

Karmazínov não podia descer à caverna do eremita. Além disso, quem é que, hoje em dia, fala de eremitas?

— Meus senhores, espanta-me enormemente que estejam falando a sério. Aliás... aliás, têm toda a razão. Ninguém mais do que eu respeita a verdade real...

Embora sorrisse ironicamente, Karmazínov estava muitíssimo descoroçoado. A sua cara dizia expressamente: “Não sou o que pensais, sou vosso apoiante, mas louvai-me, louvai-me o mais possível, gosto muito disso”...

— Meus senhores! — acabou por gritar, definitivamente melindrado. — Vejo que o meu poemazinho foi parar ao lugar errado. Parece-me até que eu próprio estou no lugar errado.

— Apontou à gralha, acertou na vaca — gritou a plenos pulmões um imbecil, por certo bêbado, e mais valia não lhe ter prestado atenção. Aliás, ergueram-se uns risos pouco respeitosos.

— Na vaca, diz o senhor? — replicou Karmazínov de imediato. A voz tornava-se-lhe cada vez mais gritona. — Relativamente às gralhas e às vacas, tomarei a liberdade de não me pronunciar. Tenho demasiado respeito pelo público, seja ele qual for, para me permitir tais comparações, mesmo inocentes; mas eu pensava...

— Cautela, excelentíssimo senhor... — gritou alguém das filas do fundo.

— Mas eu suponha que, ao depor a pena e ao despedir-me do público, seria ouvido...

— Não, não, mas nós queremos ouvi-lo, queremos — atreveram-se finalmente algumas vozes da primeira fila.

— Leia, leia! — apoiaram várias vozes femininas entusiasmadas e, finalmente, irromperam aplausos, embora miudinhos e ralos.

Karmazínov esboçou um sorriso torto e soergueu-se.

— Creia, Karmazínov, que todos consideramos uma verdadeira honra... — não se conteve a própria esposa do decano.

— Senhor Karmazínov — ouviu-se então uma voz fresca e jovem ao fundo da sala. Era a de um moço, professor de uma escola distrital, excelente homem, calmo e nobre, havia pouco chegado à nossa província. Até se levantou. — Senhor Karmazínov, se eu tivesse a felicidade de me apaixonar da maneira como o senhor descreve, francamente, não incluiria o relato do meu amor num escrito destinado à leitura pública...

Corou todo.

— Meus senhores — gritou Karmazínov —, terminei. Omito o final e saio. Permitam-me apenas que leia as últimas seis linhas.

— “Sim, amigo leitor, adeus!” — recomeçou de imediato, sem se sentar. — “Adeus, leitor. Não vou insistir muito em que nos despeçamos amigavelmente: na verdade, para quê incomodar-te? Podes até criticar-me, oh, critica-me quanto quiseres se isso te der algum prazer. Mas seria melhor que nos esquecêssemos mutuamente para sempre. E se todos os senhores leitores ficarem de repente tão simpáticos que, ajoelhados, me peçam com lágrimas: ‘Escreve, por favor, Karmazínov, escreve para nós... para a pátria, para os descendentes, para as coroas de louro’, mesmo neste caso responder-vos-ei, com um agradecimento educado, evidentemente: ‘Não, já nos fartamos bastante uns dos outros, queridos compatriotas, *merci!* É hora de irmos cada qual para seu lado! *Merci, merci, merci!*”

Karmazínov fez uma vênia cerimoniosa e, vermelho como se tivesse sido cozido, dirigiu-se para os bastidores.

— Ninguém tenciona ajoelhar-se, que fantasia absurda.

— Mas que convencido!

— É apenas humorismo — emendou alguém mais esperto.

— Não, livrai-nos de semelhante humorismo.

— Olhem que atrevimento, senhores...

— Pelo menos, pôs agora um ponto final.

— Irra, que enfadonho!

Porém, todas estas ignorantes exclamações das filas traseiras (apenas das traseiras, note-se) foram abafadas pelos aplausos da outra parte do público. Chamavam Karmazínov ao palco. Várias senhoras, chefiadas por Iúlia Mikháilovna e pela esposa do decano, juntaram-se ao pé do estrado. Nas mãos de Iúlia Mikháilovna surgiu uma luxuosa coroa de louros sobre uma almofada de veludo branco, rodeada por outra coroa, esta de rosas vivas.

— Louros! — pronunciou Karmazínov com um sorriso fino e levemente sarcástico.— Sem dúvida que estou comovido e aceito com grande sentimento esta coroa, preparada antecipadamente mas que ainda não murchou; mas asseguro-lhes, *mesdames*, que me tornei de repente tão realista que considero os louros, no nosso século, muito mais convenientes nas mãos de um hábil cozinheiro do que nas minhas...

— Os cozinheiros são de fato mais úteis — gritou aquele seminarista que estava presente na “reunião” de Virguínski. A ordem estava sendo um tanto violada, em muitas filas as pessoas saltavam de lugar em lugar para verem a cerimônia da entrega dos louros.

— Daria agora outros três rublos pelo cozinheiro — secundou outro, em voz alta, intencional e demasiadamente alta.

— Também eu.

— Também eu.

— Mas será que não há aqui um bufê?

— Senhores, isto é um engodo...

É preciso reconhecer, aliás, que tais descomedidos senhores ainda tinham muito medo dos nossos dignitários e, também, do comissário da polícia presente na sala. Em dez minutos, todos voltaram a sentar-se nos seus lugares, mais ou menos, já que a ordem inicial nunca chegou a ser restabelecida por completo. E foi neste caos que caiu o pobre Stepan Trofímovitch...

IV

Entretanto, corri mais uma vez aos bastidores para o avisar, emocionado, que tudo falhara e que, na minha opinião, seria melhor ele não aparecer no palco e ir-se embora para casa de imediato, alegando, por exemplo, um ataque de colerina, e que então eu tiraria o laço e iria com ele. Entretanto, já Stepan Trofímovitch se dirigia para o estrado; parou por um instante, correu-me da cabeça aos pés com um olhar altivo e disse solenemente:

— Por que me considera, excelentíssimo senhor, capaz de semelhante baixeza?

Desisti. Fiquei convencido, como dois mais dois serem quatro, que ele não sairia dali sem uma catástrofe. Ali estava eu, completamente abalado, quando relanceou de novo à minha frente a figura do tal professor forasteiro que tinha a vez marcada para depois de Stepan Trofímovitch e que, havia pouco, não parava de levantar e de baixar o punho com força. Continuava a andar para a frente e para trás, ensimesmado e a murmurar para os seus botões, com um sorriso mordaz e triunfante. Então, não sei como, quase sem intenção (quem me mandou fazê-lo?), fui ter com ele também.

— Sabe uma coisa? — disse-lhe eu. — Pelos muitos exemplos, se o conferencista se demora diante do público mais de vinte minutos, o

público deixa de o ouvir. Nenhuma celebridade é capaz de aguentar meia hora...

O professor parou de supetão e, de ofendido, quase tremeu. No seu rosto, exprimiu-se uma arrogância infinita.

— Não se preocupe — murmurou com desprezo e afastou-se de mim. Neste momento, ouviu-se na sala a voz de Stepan Trofímovitch.

“Eh, raios que vos partam a todos!”, pensei e corri para a sala.

Ainda no meio da desordem na sala, Stepan Trofímovitch sentou-se no cadeirão. Nas primeiras filas, por certo, foi recebido com olhares de antipatia. (Nos últimos tempos, tinham deixado de gostar dele no clube e respeitavam-no muito menos do que antes). Pelo menos, não resmungavam. Já desde a véspera, eu tinha uma ideia estranha: que o apupariam mal ele aparecesse em palco. Mas, no meio da confusão que ainda reinava, nem repararam nele. Se o próprio Karmazínov tinha sido maltratado, o que poderia esperar este homem? Estava pálido, Stepan Trofímovitch, havia já dez anos que não aparecia diante do público. Por todos os sinais, tão familiares para mim, pela emoção que eu via nele, era claro que Stepan Trofímovitch considerava o seu aparecimento em palco como um passo decisivo no seu destino, ou qualquer coisa deste gênero. Era disso que eu tinha tanto medo. Ele era-me querido. Imaginem como me senti quando abriu a boca e lhe saiu a primeira frase!

— Meus senhores! — disse de rompante, como que decidido a tudo e, ao mesmo tempo, com uma voz algo entrecortada. — Meus senhores! Ainda hoje de manhã tive à minha frente um dos papelinhos ilegais recentemente espalhados por aí, e pela centésima vez fiz a mim mesmo a pergunta: “Em que consiste o segredo disto?”

Um brusco silêncio caiu na sala, todos os olhares se voltaram para ele, alguns assustados. Nada a dizer, ele soube criar o interesse desde a primeira palavra. Até dos bastidores se assomaram cabeças: Lipútin e

Liámchin escutavam com avidez. Iúlia Mikháilovna voltou a acenar-me com a mão:

— Faça-o parar, cale-o, custe o que custar! — sussurrou, alarmada. Limitei-me a encolher os ombros: seria possível calar um homem que se *decidira*? Infelizmente, compreendi Stepan Trofímovitch.

— Eh, está falando dos panfletos! — sussurrava-se no público, toda a sala se agitava.

— Meus senhores, descobri o segredo. Todo o segredo do seu efeito reside na estupidez! — (Os olhos dele cintilavam). — Sim, meus senhores, e se fosse uma estupidez premeditada, fingida com cálculo... oh, então seria genial! Mas é preciso fazer-lhes justiça: eles não fingem nada. A estupidez deles é a mais crua, a mais ingênua, a mais primitiva estupidez... *c'est la bêtise dans son essence la plus pure, quelque chose comme un simple chimique.*²⁸⁰ Se a coisa fosse expressa de forma um tudo-nada mais inteligente, qualquer um veria de imediato toda a miséria desta estupidez primitiva. Mas, assim, todos estão perplexos, ninguém acredita que seja possível tal estupidez na sua forma primeva. “Não pode ser que não haja mais nada por trás disto”, assim pensa cada qual, e procura o segredo, vê mistério nisto, quer ler nas entrelinhas... E, assim, é conseguido o efeito! Oh, nunca antes a estupidez recebeu homenagem tão solene, embora tantas vezes a tenha merecido... Porque, *en parenthèse*, a estupidez é tão útil nos destinos da humanidade como a maior genialidade...

— Paradoxos dos anos quarenta! — ouviu-se uma voz, aliás muito modesta, mas que teve o condão de agitar tudo de novo; recomeçou o barulho, a gritaria.

— Meus senhores, hurra! Proponho um brinde à estupidez! — gritou Stepan Trofímovitch, já frenético de todo, desafiando a sala.

Acerquei-me dele rapidamente, com o pretexto de lhe encher o copo de água.

— Stepan Trofímovitch, pare, Iúlia Mikháilovna suplica-lhe...

— Não, deixe-me também o senhor, jovem ocioso! — atirou-se ele a mim, gritando. Fugi. — *Messieurs!* — continuou. — Por que esta emoção, por que os gritos de indignação que estou ouvindo? Vim aqui empunhando o ramo de oliveira. Vim trazera última palavra, porque neste caso me pertence a última palavra... e assim faremos aspazes.

— Fora! — gritaram alguns.

— Silêncio, deixai o homem falar, deixai-o exprimir-se — vociferava a outra parte. Quem mais se enervava era o jovem professor que, tendo ousado falar uma vez, parecia não poder parar.

— *Messieurs*, a última palavra deste caso é o perdão a todos. Eu, um velho no fim dos meus dias, declaro solenemente que o espírito da vida sopra como antes e a força viva não se esgotou na nova geração. O entusiasmo da juventude moderna é tão límpido e claro como o dos nossos tempos. Eis a única coisa que aconteceu: a mudança dos objetivos, a substituição de uma beleza por outra! Todos os desacordos consistem em definir apenas o que é mais belo: Shakespeare ou as botas, Rafael ou o petróleo?

— É uma denúncia? — resmoneavam alguns.

— Perguntas comprometedoras!

— *Agent-provocateur!*²⁸¹

— Mas eu declaro — guinchou Stepan Trofímovitch no último grau de êxtase —, declaro que Shakespeare e Rafael são superiores à libertação dos camponeses, ao espírito popular, ao socialismo, superiores à jovem geração, à química, superiores a quase toda a humanidade porque são, em si, um fruto, o verdadeiro fruto de toda a humanidade, e talvez o supremo fruto de todos os que possam existir! Uma forma de beleza já conseguida, sem a qual talvez eu nem aceitasse viver... Oh, meu Deus! — levantou as mãos. — Há dez anos, de cima

de um palco, eu gritava da mesma maneira em Petersburgo, gritava a mesma coisa e nos mesmos termos, e, da mesma maneira, também não era compreendido, todos se riam e me apupavam, tal como agora. Homens primitivos, o que vos falta para compreenderdes? Sabeis, será que sabeis, que sem os ingleses a humanidade ainda pode sobreviver, sem a Alemanha também, que sem o homem russo pode sobreviver lindamente, e também sem a ciência, sem o pão, mas que apenas é impossível sobreviver sem a beleza porque, então, não teria sentido viver no mundo! Todo o segredo, toda a história está nisso! A própria ciência não sobreviverá um minuto sem a beleza... sabíeis isso, ó zombadores? Porque a ciência se transformaria em barbárie, e não inventaria sequer o prego!... Não cederei! — gritou absurdamente, em conclusão, e bateu com o punho na mesa com toda a força.

Enquanto assim guinchava, descomedido, acabou por se desmoronar a ordem na sala. Muita gente saltou dos lugares, alguns afluíram para a frente, até junto do estrado... Tudo aconteceu mais depressa do que demoro a descrevê-lo, pelo que não houve tempo de tomar medidas. Ou talvez não se quisesse tomá-las.

— Estais bem, com tudo servidinho, seus mimados — rugiu ao pé do estrado o seminarista, arreganhando os dentes com prazer a Stepan Trofímovitch. Este reparou nele e deu um salto até à beira do estrado:

— Então não fui eu, não fui eu quem acabou de dizer agora mesmo que o entusiasmo da nova geração continua a ser tão limpo e claro como era dantes e que apenas falha ao enganar-se nas formas do belo? Não chega para vós? E se se tiver em conta que quem o proclamou foi um pai mortificado e ofendido, será que (oh, primitivos!), será que pode haver atitude mais imparcial e calma?... Ingratos... injustos... por quê, por que não quereis fazer as pazes?...

E, de repente, desatou num pranto histórico. Limpava com os dedos as lágrimas que corriam. Os soluços sacudiam-lhe os ombros e o peito... Esqueceu-se de tudo no mundo.

Então, atingiu o público um susto terrível e quase toda a gente se levantou. Também Iúlia Mikháilovna saltou do lugar, agarrando o esposo pelo braço e obrigando-o a levantar-se... O escândalo tornava-se incomensurável.

— Stepan Trofímovitch! — rugiu alegremente o seminarista. — Agora anda aqui pela cidade e arredores o Fedka Grilheta, fugido dos trabalhos forçados. Faz assaltos e, há pouco tempo, cometeu mais um assassinio. Permita que lhe pergunte: se, quinzeanos atrás, o senhor não o entregasse como recruta ao exército, como pagamento de uma dívida de jogo, ou, para ser mais claro, se não o tivesse perdido às cartas, será que ele iria parar à prisão? Mataria as pessoas à facada, lutando pela sua sobrevivência? O que me diz a isto, senhor estético?

Recuso-me a descrever a cena que se seguiu. Primeiro, ouviu-se um aplauso desenfreado. Nem todos aplaudiam, talvez um quinto da sala apenas, mas freneticamente. O restante público precipitou-se para a saída mas, como a gente que aplaudia avançava, apertando-se contra o estrado, criou-se a confusão geral. As senhoras soltavam gritos, algumas meninas choravam e pediam que as levassem para casa. Lembke, de pé junto à sua cadeira, olhando à sua volta, girava a cabeça como um louco. Quanto a Iúlia Mikháilovna, achava-se, pela primeira vez no decurso da sua carreira na nossa cidade, num atrapalhamento absoluto. Quanto a Stepan Trofímovitch, no primeiro momento, pareceu literalmente esmagado pelas palavras do seminarista; porém, de repente, levantou ambas as mãos, como que a estendê-las por cima do público, e vozeizou:

— Sacudo o pó das minhas sandálias e amaldiçoo... Acabou-se... acabou-se...

E, virando costas, correu para os bastidores a abanar ameaçadoramente as mãos.

— Insultou a sociedade!... O Verkhovênski! — rugiram os mais enfurecidos. Quiseram mesmo ir em sua perseguição. Era impossível

acalmá-los, pelo menos naquele momento, e... de súbito a catástrofe definitiva rebentou como uma bomba sobre a audiência: o terceiro conferencista, o tal maníaco que abanava as mãos nos bastidores, entrou no palco em passo de corrida.

O seu ar era de louco, completamente. Com um sorriso largo e triunfante, de uma presunção desmedida, observava a audiência emocionada e parecia contente com a confusão. Não o embaraçava minimamente o fato de ter de ler a sua peça no meio de tal balbúrdia, pelo contrário, mostrava-se visivelmente satisfeito. Era tão notório o seu contentamento que atraiu de imediato as atenções.

— O que é isto agora? — ouviu-se a pergunta. — Quem é este agora? Chiu! O que vai ele dizer?

— Meus senhores! — gritou com toda a força o maníaco, postando-se à beira do estrado e com a voz quase tão guinchada e feminina como a de Karmazínov, mas sem o ciciar aristocrático. — Meus senhores! Há vinte anos, em vésperas da guerra contra metade da Europa, a Rússia era um ideal aos olhos de todos os conselheiros de Estado e conselheiros privados. Os literatos prestavam serviço na censura, nas universidades ensinava-se a marchar; o exército transformou-se em bailado e o povo pagava os tributos e calava-se sob o chicote da servidão. O patriotismo transformou-se em extorsão dedinheiro a vivos e mortos. Quem não aceitasse subornos era considerado rebelde porque violava a harmonia. Os bosques de bétulas eram abatidos para ajudar à ordem. A Europa tremia. Mas nunca a Rússia, em todos os mil anos da sua vida atoleimada, desceu a um opróbrio como este...

Levantou o punho, brandindo-o com um êxtase ameaçador acima da cabeça e, brusco, baixou-o com fúria, como que a despedaçar um adversário. Vindo de todos os lados, ouviu-se um berro uníssono e desenfreado, rebentaram aplausos ensurdecedores. Quase metade da sala aplaudia, com ingênuo entusiasmo: estando a Rússia a ser publicamente coberta de desonra, como se podia não rugir de entusiasmo?

— Assim é que é! Assim é que é! Hurra! Não, aqui já não há estética!

O maníaco continuou, entusiasmado:

— Vinte anos se passaram. As universidades estão abertas e multiplicaram-se. O treino da marcha militar tornou-se numa lenda; há falta de milhares de oficiais para preencher as fileiras. As estradas de ferro devoraram todos os capitais e emaranharam a Rússia como uma teia, e assim, daqui a quinze anos talvez seja possível viajarmos para algum lado. As pontes ardem só de vez em quando e as cidades são consumidas pelos incêndios de modo regulamentar, por ordem estabelecida, na temporada dos incêndios. Nos tribunais, lavram-se sentenças à Salomão e os jurados apenas aceitam subornos por razões de sobrevivência, quando correm o risco de morrerem de fome. Os servos são agora livres e açoitam-se uns aos outros em vez de serem açoitados pelos antigos amos. Bebem-se mares e oceanos de vodca para apoiar o orçamento de Estado, e em Nóvgorod, em frente da antiga e inútil Santa Sofia, foi erguida solenemente uma colossal bola de bronze em memória dos mil anos de desordem e inépcia que passaram. A Europa carrega o sobrolho e volta a preocupar-se... Quinze anos de reformas! Entretanto, nunca a Rússia, nem sequer nas épocas mais caricaturais da sua inépcia, chegou a...

No meio do rugido da multidão, já foi impossível ouvir-se as últimas palavras do orador. Viu-se a levantar mais uma vez a mão e a baixá-la triunfalmente. O entusiasmo ultrapassou todos os limites: berrava-se, batia-se palmas, chegando mesmo algumas senhoras a gritar: “Chega! Não dirá nada melhor!”. Estavam todos como bêbados. O orador passava os olhos pela multidão e parecia derreter-se de triunfo. Vi de relance que Lembke, numa emoção inexprimível, dava umas indicações quaisquer. Iúlia Mikháilovna, toda pálida, dizia apressadamente qualquer coisa ao príncipe que, correndo, fora ter com ela... Nisto, um grupo de seis pessoas, mais ou menos oficiais, irrompeu para o estrado, agarrou o orador e arrastou-o para os bastidores. Não sei como ele conseguiu libertar-se, saltar de novo para

a beira do estrado e ainda ter tempo de gritar a plenos pulmões, ameaçando com o punho:

— Mas nunca a Rússia chegou a...

De novo o arrastaram. Vi logo umas quinze pessoas, talvez, que se precipitaram para o libertar dos bastidores, não metendo pelo estrado mas passando de lado, rebentando com a divisória fraca, que acabou por cair... Vi depois, sem acreditar nos meus olhos, que surgiu de qualquer lado e saltou para o estrado a estudante (a parente de Virguínski), com o mesmo embrulho debaixo do braço, vestida da mesma maneira e corada como antes, rechonchuda como antes, rodeada de duas ou três mulheres e dois ou três homens, e seguida de perto pelo colegial, seu inimigo de morte. Consegui até distinguir uma frase dela:

“Meus senhores, vim aqui para denunciar os sofrimentos dos estudantes desgraçados e para os incitar ao protesto em toda a parte”.

Fugi. Guardei o meu laço no bolso e saí do edifício pela porta das traseiras, que conhecia. Antes de mais nada, iria ter com Stepan Trofímovitch, é claro.

2 - O fim da festa

I

Não me recebeu. Fechou-se em casa a escrever. Quando me ouviu batendo à porta e chamando-o, respondeu:

— Meu amigo, acabei com tudo, quem pode exigir-me mais do que isto?

— Não acabou nada, apenas contribuiu para o fracasso de tudo. Por amor de Deus, Stepan Trofímovitch, sem trocadilhos; abra-me a porta. É preciso tomar medidas, ainda podem vir cá insultá-lo...

Pensava estar no meu direito de ser severo e, até, exigente. Tinha medo de que ele se lançasse em qualquer coisa ainda mais louca. Para minha surpresa, encontrei nele uma firmeza extraordinária:

— Não seja então o primeiro a insultar-me. Agradeço-lhe tudo o que fez por mim, mas repito-lhe que acabei com tudo no que toca às pessoas, sejam boas ou más. Estou escrevendo uma carta para Dária Pávlovna, de quem até hoje me tenho esquecido de modo tão imperdoável. Amanhã leve-lha, se quiser, mas, por agora, *merci*.

— Stepan Trofímovitch, acredite que a situação é mais séria do que pensa. O senhor acha que despedaçou alguém, lá? Não despedaçou ninguém, mas espatifou-se todo asi mesmo como um frasco de vidro vazio — (oh, como fui grosseiro e mal-educado, recordo-o com tristeza!). — Não tem nada que escrever a Dária Pávlovna... e, agora, o que iria ser do senhor sem mim? O que sabe o senhor da vida prática? Às tantas, está planejando mais alguma, não? Se está planejando mais alguma, digo-lhe que vai acabar por arranjar mais sarilhos...

Levantou-se e aproximou-se da porta.

— O senhor passou pouco tempo com eles, mas deixou-se contaminar pela linguagem e pelo tom dessa gente, *Dieu vous pardonne, mon ami, et Dieu vous garde.*²⁸² Mas eu sempre distingui em si germes de decência, e talvez o senhor ainda mude de ideias... *après le temps,*²⁸³ evidentemente, como todos nós, os russos. Quanto à sua observação sobre a minha falta de sentido prático, vou lembrar-lhe uma antiga ideia minha: na nossa Rússia há uma legião de pessoas que não faz outra coisa senão atacar a falta de sentido prático dos outros, com fúria e impertinência, como as moscas no verão, acusando disso todos e cada um, menos a si mesmos. *Cher*, tenha em conta que eu estou abalado e não me atormente. Mais uma vez, digo-lhe *merci* por tudo, e vamos despedir-nos um do outro como Karmazínov se despediu do público, isto é, esqueçamo-nos um do outro da forma mais generosa possível. Mas se o Karmazínov estava fazendo uma habilidade quando tentava convencer a todo o custo os seus antigos leitores para se esquecerem dele, *quant à moi,*²⁸⁴ não sou tão vaidoso e acredito acima de tudo na juventude do coração inexperiente do meu amigo: como poderá guardar por muito tempo a memória deste velho inútil? “Viva mais”, meu amigo, como me desejou Nastássia no meu último aniversário (*ces pauvres gens ont quelquefois des mots charmants et pleins de philosophie.*)²⁸⁵ Não lhe desejo muita felicidade (muita felicidade aborrece); também não lhe desejo infelicidade; seguindo a filosofia do povo, vou simplesmente repetir: “viva mais” e, da minha parte, acrescento este voto inútil: tente não se aborrecer muito. Bem, agora adeus, adeus a sério. Não fique mais tempo aí à porta, não lha abro.

Afastou-se da porta, e não conseguiu mais nada. Apesar da “emoção”, falava com fluência, devagar, com peso e medida e, pelos vistos, tentando impor respeito. Era evidente que estava um pouco ressentido comigo e se vingava indiretamente pelos seus “carros da polícia” e “tábuas do soalho a abrir-se” do dia anterior. Ora, as lágrimas públicas deste dia, apesar de lhe darem uma espécie de sentimento de vitória,

punham-no — e ele sabia-o — numa situação um pouco cômica; entretanto, não havia ninguém que se preocupasse tanto com a beleza e o rigor das formas nas relações com os amigos como Stepan Trofímovitch. Oh, não o censuro! O certo foi que este escrúpulo e este sarcasmo que persistiam nele, apesar de todo o seu abalo, me tranquilizaram naquele momento: um homem que mudara tão pouco desde o dia anterior não iria fazer nada de trágico ou extraordinário. Assim raciocinei eu na altura e — meu Deus! — como me enganei! Não tomei em consideração muitas coisas...

Vou adiantar-me aos acontecimentos e citar algumas das primeiras linhas da talcarta para Dária Pávlovna, carta que ela recebeu efetivamente no dia seguinte.

Mon enfant, a minha mão treme mas pus termo a tudo. A menina não presenciou o meu último combate com as pessoas; a menina não compareceu naquele “recital”, e fez bem. Mas vão contar-lhe que na nossa Rússia, tão pobre de caracteres fortes, se ergueu um homem pujante de vida e, apesar das ameaças de morte que caíram sobre ele de todos os lados, disse a verdade a esses tolinhos, ou seja, que eram tolinhos. *O, ce sont des pauvres petits vauriens et rien de plus, des petits* tolinhos, *voilà le mot.*²⁸⁶ Os dados estão lançados; vou-me embora desta cidade para sempre e não sei para onde. Todos aqueles de quem eu gostava me viraram as costas. Mas a menina, a menina é uma criatura ingênua e pura, é uma criatura meiga, cujo destino por pouco não se uniu ao meu por vontade de um coração caprichoso edespótico, é uma menina que talvez tenha olhado com desprezo para as minhas lágrimas pusilânimes na véspera do nosso casamento falhado. A menina não pode — indiferentemente de quem a menina seja — ver-me senão como uma figura cômica, mas é parasi o último grito do meu coração, o meu último dever, só para si! Não posso deixar-lhe ficar para sempre a ideia de um imbecil ingrato, ignorante e egoísta, ideia que por certo lhe dá de mim, todos os dias, esse coração ingrato e cruel que, infelizmente, não consigo esquecer...

E assim por diante, num total de quatro páginas de grande formato.

Depois de bater três vezes à porta com o punho, em resposta ao seu “não abro”, e de lhe gritar três vezes que acabaria por me mandar chamar, no próprio dia, pela Nastássia, abandonei-o e corri para a casa de Iúlia Mikháilovna.

II

A li, fui testemunha de uma cena revoltante: estavam enganando descaradamente a pobre senhora e eu não podia fazer nada. Na verdade, o que lhe podia eu dizer? Já tivera tempo de cair minimamente em mim e de perceber que não tinha mais do que algumas sensações e alguns pressentimentos desconfiados, mais nada. Encontrei-a em lágrimas, quase histérica, com emplastos de água-de-colônia e um copo de água ao lado. Estavam com ela Piotr Stepánovitch, que não parava de falar, e o príncipe, taciturno como se o tivessem fechado à chave. Iúlia Mikháilovna, entre gritinhose lágrimas, acusava Piotr Stepánovitch de “apostasia”. Logo à partida fiquei espantado por ela atribuir toda a responsabilidade do fracasso, toda a vergonha desse dia, enfim, tudo, apenas à ausência de Piotr Stepánovitch.

Quanto a este, notei-lhe uma mudança importante: estava preocupadíssimo com qualquer coisa, parecia quase sério. Normalmente, não parecia sério, mesmo quando se enraivecia, o que calhava com frequência. Oh, agora também estava raivoso, falava com grosseria, com desprezo, repulsa e impaciência. Garantia que tivera dores de cabeça e vômitos em casa de Gagánov, por onde passara por acaso de manhã cedo. Infelizmente, parecia que a pobre senhora desejava muito continuar sendo enganada! A questão principal da ordem do dia que fui encontrar era: devia haver, ou não, o baile, ou seja, toda a segunda parte da festa? Iúlia Mikháilovna não concordava de maneira alguma em comparecer no baile depois dos “insultos recentes”; por outras palavras, desejava com toda a sua alma ser forçada a fazê-lo, mas obrigatoriamente por ele, Piotr Stepánovitch. Olhava para ele como para um oráculo, e por certo cairia doente se ele

se fosse embora neste momento. Mas Piotr Stepánovitch não tencionava ir-se embora: ele próprio necessitava muito que o baile fosse feito e que Iúlia Mikháilovna participasse dele.

— Chorar para quê? É mesmo necessário fazer uma cena? Descarregar a raiva em cima de alguém? Está bem, vá lá, descarregue-a em cima de mim, mas depressa, porque é preciso tomar uma decisão, o tempo urge. Estragaram a festa com o recital, vamos emendá-la com o baile. O príncipe, a propósito, é da mesma opinião. É verdade, se não fosse o príncipe, não se sabe como acabaria aquilo.

O príncipe, de início, estava contra o baile, ou antes, contra o aparecimento público de Iúlia Mikháilovna no baile, achando no entanto que o baile deveria realizar-se; ainda defendeu duas ou três vezes esta opinião, mas acabou por ceder, mugindo em sinal de assentimento.

Espantou-me também a invulgar indelicadeza de tom de Piotr Stepánovitch. Oh, rejeito com indignação o mexerico ignóbil, que se viria a divulgar mais tarde, de umas certas relações íntimas de Iúlia Mikháilovna com Piotr Stepánovitch. Não havia nem podia haver nada disso. Ele apenas a dominou ao alimentar, desde o princípio, os sonhos que ela tinha de influenciar a sociedade e o ministério, ficando a par dos planos dela, inventando-os ele mesmo na intenção dela, usando da mais grosseira lisonja, enredando-a da cabeça aos pés e tornando-se tão necessário para ela como o ar.

Ao ver-me, Iúlia Mikháilovna exclamou com os olhos cintilantes:

— Pergunte-lhe, ele também não me abandonou nem um minuto, tal como o príncipe. Diga: não é mesmo evidente que se trata de uma conspiração, de uma baixa e manhosa conspiração, para nos fazer todo o mal possível e imaginável, a mim e a Andrei Antónovitch? Oh, eles combinaram tudo! Tinham o seu plano. É um partido, todo um partido!

— A senhora, como sempre, exagera. Tem um poema eterno na cabeça. Aliás, tenho prazer de ver aqui o senhor... — (fingiu que se tinha esquecido do meu nome) —, que nos vai dar a sua opinião.

— A minha opinião — apressei-me a dizer — coincide em tudo com a opinião de Iúlia Mikháilovna. A conspiração é sobejamente notória. Aqui lhe devolvo esta fita, Iúlia Mikháilovna. Haver ou não haver baile não me diz respeito, é claro, porque não depende da minha vontade; mas o meu papel como mordomo acabou. Perdoe a minha exasperação, mas não posso agir em detrimento do senso comum e das minhas convicções.

— Está vendo, está vendo! — Iúlia Mikháilovna levantou os braços.

— Estou vendo, e vou dizer-lhe o seguinte — dirigiu-se-me Piotr Stepánovitch—: acho que comeram todos qualquer coisa que os pôs em delírio. Na minha opinião, não aconteceu nada, nada que já não tenha acontecido antes e que é natural acontecer sempre nesta cidade. Que conspiração? Aquilo foi vergonhosamente feio, estúpido até à medula, mas onde está a conspiração? Uma conspiração contra Iúlia Mikháilovna, que os mimava, que os protegia, que lhes perdoava incondicionalmente as garotices? Iúlia Mikháilovna! O que foi que eu lhe repisei durante todo o mês? De que foi que eu a avisei? Para que precisava a senhora de toda esta gente? Com que gentalha se meteu! Para quê, por que razão? Para unir a sociedade? Por amor de Deus, como seriam eles capazes de se unir?

— Avisou-me quando? Pelo contrário, o senhor aprovava, até exigia... Até estou espantada, confesso... O senhor mesmo trazia-me muita gente esquisita.

— Pelo contrário, eu discutia com a senhora, não aprovava; e se os trazia... bem, isso é verdade, mas só quando eles mesmos se impunham às dúzias, e mesmo assim apenas nos últimos tempos, para organizar a “quadrilha literária”, onde não se pode passar sem esta

escumalha. E hoje, posso apostar, introduziram uma ou duas dezenas de uma corja do mesmo gênero sem bilhetes!

— Sem dúvida! — confirmei.

— Vejo que o senhor já está de acordo. Lembra-se do ambiente que reinava aqui nos últimos tempos, isto é, cá na cidade? Pois bem, isso acabou por se transformar em puro descaramento, numa pouca-vergonha, num escândalo permanente e estrondoso. E quem apoiava isto tudo? Quem o cobria com a sua autoridade? Quem deixou toda a gente sem tino? Quem irritou todo o peixe miúdo? No seu álbum está tudo, todos os segredos das famílias. Não era a senhora quem afagava as cabecinhas dos poetas e desenhadores do álbum? Não era a senhora quem estendia a mãozinha para Liámchin lha beijar? Não foi na sua presença que o seminarista insultou o conselheiro de Estado efetivo e emporcalhou o vestido da filha dele com as botas sujas de breu? Então por que se espanta tanto por o público ter antipatia pela senhora?

— Mas a culpa é toda sua, toda sua! Oh, meu Deus!

— Não, minha senhora, eu avisei-a, discutimos o assunto, sempre discutimos, percebe?

— Está mentindo-me na cara.

— É claro, não lhe custa nada dizer isso. Precisa de uma vítima para descarregar a raiva. Pois bem, descarregue em mim à vontade, já lhe disse. É melhor falar consigo, senhor... — (Nunca mais se lembrava do meu nome). — Contemos pelos dedos: eu afirmo que, além do Lipútín, não houve conspiração nenhuma, ne-nhu-ma! Posso prová-lo, mas analisemos primeiro o Lipútín. Avançou com a poesia do parvalhão do Lebiádkin... Isso é uma conspiração, no seu entender? Acho mesmo que o Lipútín foicapaz de achar os versos espirituosos. Entrou em palco com a intenção de animar e fazer rir toda a gente, em primeiro lugar a sua protetora, Iúlia Mikháilovna, e mais nada. Não acredita? E não corresponderá isso ao ambiente geral que se viveu aqui durante um mês inteiro? Digo-lhe mais: noutras circunstâncias,

palavra de honra, aquilo tudo até podia passar por uma coisa normal! A brincadeira foi tosca, digamos que forte, mas engraçada. Não foi engraçada?

— Como? O senhor acha o procedimento de Lipútin espirituoso? — gritou Iúlia Mikháilovna indignada. — Aquela estupidez, aquela indelicadeza, aquela ignomínia, aquela baixeza e má intenção... Oh, o senhor fala assim propositadamente! Só pode significar que está em conluio com eles!

— Sem dúvida, estava nas filas de trás, escondido, a puxar os cordelinhos! Se eu participasse da conspiração (tente entender ao menos isto!), as coisas não se limitariam à afronta de Lipútin! Quer a senhora dizer que, na sua opinião, eu conspirei também com o meu paizinho na provocação dele? Quem tem a culpa de deixar entrar o meu paizinho no palco? E quem tentou dissuadir a senhora ainda ontem, ontem?

— *Oh, hier il avait tant d'esprit,*²⁸⁷ e eu contava tanto com ele... Além disso, tem maneiras: pensava que ele, juntamente com o Karmazínov... e olhe!

— Pois é, e olhe. Apesar de *tant d'esprit*, o paizinho cometeu uma gafe; ora, se eu soubesse antecipadamente que ele ia fazer uma porcaria daquelas, então, fazendo eu parte da tal conspiração contra a sua festa, não teria ontem tentado convencê-la a meter o lobo no redil, não é verdade? No entanto, tentei dissuadi-la... e fi-lo porque tinha os meus pressentimentos. É evidente que não era possível prever tudo: penso que ele próprio, um minuto antes, também não sabia o que iria disparatar. Estes velhadas nervosos não são gente normal! Mas ainda há maneira de salvar as aparências: para dar uma satisfação ao público, mande-lhe já amanhã dois médicos, por ordem administrativa e com todas as honras, para o examinarem, até seria bom fazê-lo hoje ainda, e que o mandem depois para o hospital, para um tratamento com emplastros frios. Pelo menos, toda a gente se rirá e verá que não há motivos para ressentimentos. Como sou filho dele, eu próprio o

anunciarei hoje no baile. Outra coisa é Karmazínov, que se apresentou como um burro verde e arrastou o seu artigo durante uma hora inteira... Este Karmazínov, de certeza, está metido na conspiração comigo! Vou também fazer uma porcaria, pensou ele, para prejudicar Iúlia Mikháilovna!

— Oh, o Karmazínov, *quelle honte!*²⁸⁸ Eu ia morrendo, ia morrendo mesmocom vergonha do público!

— Pois bem, cá por mim, não morreria, dava-lhe antes uma ensinadela. O público tinha razão, sim. E, mais uma vez, de quem é a culpa disso do Karmazínov? Fui eu quem lho impôs? Parece que alinhei na veneração do homem, não? Pois, adiante, mas o pior, o terceiro maníaco, o político, isso é já outra conversa. Aí, todos fizeram uma burrice, não é apenas culpa da minha conspiração!

— Ah, não me diga, é terrível, terrível! Nisso, sou eu a única culpada!

— Exatamente, mas neste caso vou ilibá-la. Quem é capaz de controlar estes franco-atiradores? Nem Petersburgo tem mão neles. É que ele foi-lhe recomendado, e de que maneira! Então, agora tem de concordar que é necessário comparecer no baile. É que isto é mesmo sério, foi a senhora mesma quem o fez subir à tribuna. Pois bem, agora deve declarar publicamente que não se solidariza com ele, que o indivíduo já está nas mãos da polícia e que a senhora foi enganada de forma inexplicável. Tem de declarar com indignação que foi vítima de um louco. Porque ele é um louco, não passa disso. É nestes termos que deve caracterizá-lo. Detesto esta gente que morde. Eu sou capaz de falar de maneira ainda mais forte, mas nunca do alto de uma tribuna. E agora anda por aí toda a gente gritando sobre o senador.

— Que senador? Quem anda gritando?

— Francamente, eu próprio não entendo nada. A Iúlia Mikháilovna não ouviu falar de um senador qualquer?

— Senador?

— Diz-se por aí à descarada que foi nomeado um senador, que Petersburgo decidiu substituir-vos. Ouvi muita gente falando disso.

— Também eu — confirmei.

— Quem disse isso? — corou Iúlia Mikháilovna.

— Quem foi o primeiro a dizê-lo, é isso? Não faço ideia. Diz-se. As massas afirmam-no. Ontem, principalmente. Anda toda a gente muito séria, embora não seja possível perceber-se o que quer que seja. É claro que não são os mais espertos e competentes quem o afirma, mas também entre estes há quem dê ouvidos à coisa.

— Que baixeza! E... que estupidez!

— Portanto, há todas as razões para a senhora comparecer no baile, para provar a esses imbecis...

— Para dizer a verdade, também sinto que devo, que tenho mesmo a obrigação de ir, mas... e se acontece mais uma vergonha? E se ninguém vier? É que ninguém vai aparecer, ninguém!

— Irra, que nervosismo! Não aparecem? E as roupas novas, e os vestidos das meninas? Depois destas suas palavras, até deixo de a reconhecer como mulher! Grande conhecimento da natureza humana!

— A esposa do decano não virá!

— Mas, afinal, o que aconteceu de tão especial? Por que não hão de vir? — gritou ele numa impaciência raivosa.

— Infâmia, opróbrio, foi o que aconteceu. Não sei bem o que foi aquilo, só sei que depois disso não me é possível aparecer diante das pessoas.

— Por quê? Afinal, que culpa tem a senhora? Por que há de responsabilizar-se por aquilo? A culpa não será mais do público, dos

vossos anciãos, dos pais de família? Eles é que deviam refrear os canalhas e os arruaceiros... porque se trata apenas de canalhas e arruaceiros, nada de sério. Em lado nenhum e em nenhuma sociedade se resolvemas coisas apenas com medidas policiais. Entre a nossa gente, cada um que entra num lugar exige que destaquem um guarda pessoal para o proteger. Não compreendem que a sociedade se protege a si mesma. Ora, o que fazem nestas circunstâncias os nossos pais de família, os dignitários, as suas mulheres e filhas? Calam-se e fazem caras de poucos amigos. A iniciativa social é tão fraca que não dá sequer para manter os arruaceiros à distância.

— Ah, é uma verdade de ouro! Calam-se, ofendem-se e... põem-se a olhar à roda.

— Se isto é verdade, tem de a exprimir em voz alta, com orgulho e severidade. Mostrar-lhes precisamente que não está derrotada. A esses velhadas e a essas mãezinhas de família, precisamente. Oh, a senhora vai conseguir, sobra-lhe talento para isso, basta-lhe ter as ideias claras. Reúna-os e diga o que tem a dizer em voz alta, em voz alta. E depois mande uma correspondência para o *Góloss* e para o *Birjeví Vedomosti*.²⁸⁹ Sossegue, eu mesmo me encarrego disso, trato de tudo. Evidentemente, é preciso estarmos muito atentos, o bufê tem de ser vigiado; peça ao príncipe e peça aqui ao senhor... Como pode abandonar-nos agora, *monsieur*, num momento em que é preciso começar tudo de novo? E, por último, a senhora tem de entrar pelo braço de Andrei Antónovitch... Como está Andrei Antónovitch?

— Oh, que injusto, que errado e que ofensivo o senhor tem sido sempre para com este homem angélico! — exclamou Iúlia Mikháilovna de rompante, num impulso inesperado e quase em lágrimas, levando o lenço aos olhos. Piotr Stepánovitch, num primeiro momento, até se atrapalhou:

— Por amor de Deus, eu... o que eu... eu sempre...

— Nunca, nunca! Nunca lhe fez justiça!

— É impossível compreender-se uma mulher! — resmungou Piotr Stepánovitch com um sorriso torto.

— É o mais verdadeiro, o mais delicado, o mais angélico dos homens! O mais bondoso!

— Por amor de Deus, quanto à bondade... eu... eu sempre fui justo no que se refere à bondade...

— Nunca! Mas deixemo-nos disto, estou aqui defendendo-o de maneira desajeitada. Há pouco, essa jesuíta da esposa do decano saiu-se com umas insinuações sarcásticas sobre aquilo de ontem.

— Oh, ela agora não está aqui para fazer insinuações sobre aquilo de ontem, agora há os problemas de hoje. E por que se preocupa tanto com o fato de ela vir ou não ao baile? Depois da escandaleira, é claro que não vem. Talvez a culpa não seja dela, mas já não se livra da reputação de ter as mãozinhas sujas.

— O quê? Não entendo... mãos sujas por quê? — Iúlia Mikháilovna olhou para ele com perplexidade.

— Ou seja, não o afirmo, mas na cidade já corre o rumor de que foi ela quem serviu de alcoviteira.

— O quê? Serviu de alcoviteira a quem?

— Ora, será que ainda não sabe? — gritou Verkhovênski com um espanto excelentemente fingido. — O Stavróguin e a Lisaveta Nikoláevna!!

— Como? O quê? — gritamos todos.

— Será que ninguém sabe? Ora! É que aconteceram aqui uns romances trágicos: Lisaveta Nikoláevna passou diretamente do coche da esposa do decano para o coche de Stavróguin e zarpou com “este

último” para Skvoréchniki à luz do dia. Há coisa de uma hora apenas, ou menos.

Ficamos todos aturdidos. Atiramo-nos a ele com perguntas, evidentemente, mas, para nosso espanto, apesar de testemunha ocular “casual”, não nos pôde contar nada de substancial. Tudo ocorreu, supostamente, da seguinte maneira: quando a esposa dodecano, depois do “recital”, levou consigo Lisa e Mavríki Nikoláevitch até à entrada da casa da mãe daquela (ainda doente das pernas), perto dali, a uns vinte e cinco passos, aguardava um coche. Lisa apeou-se e correu diretamente para esse coche; a portinha abriu-se e logo se fechou; Lisa gritou a Mavríki Nikoláevitch: “Tenha piedade de mim!”, e o coche arrancou a toda a pressa para Skvoréchniki. Às nossas perguntas afobadas de “estava tudo combinado? Quem estava dentro do coche?”, Piotr Stepánovitch respondeu que não sabia; que por certo estava tudo combinado, mas que não distinguiu Stavróguin dentro do coche e que era possível que estivesse lá o criado grave, o velho Aleksei Egórovitch. Às perguntas: “Como é que o senhor estava lá? E como pode ter a certeza de que ela foi para Skvoréchniki?”, respondeu que estava lá porque ia passando no local e, quando viu Lisa, precipitou-se até para junto do coche (e mesmo assim não distinguiu quem estava lá dentro, vejam só, com a curiosidade dele!), e que Mavríki Nikoláevitch não só não se atirou no encalço do coche como nem sequer tentou parar Lisa, tendo mesmo detido com a própria mão a esposa do decano, que gritava a plenos pulmões: “Está fugindo com o Stavróguin, com o Stavróguin!”. Nisto, perdi de repente a paciência e gritei a Piotr Stepánovitch:

— Tu é que organizaste tudo, canalha! Foi a isto que dedicaste a manhã toda! Ajudaste o Stavróguin, tu é que estavas no coche, tu é que a fizeste entrar... tu, tu, tu! Olhe que ele é seu inimigo, Iúlia Mikháilovna, também a há de levar à perdição! Tenhacuidado!

E corri loucamente para fora daquela casa.

Ainda hoje não entendo e me admiro como ousei gritar-lhe aquelas coisas. Mas tinha acertado em cheio: tudo acontecera praticamente da maneira como lho gritei, o que viria a verificar-se mais tarde. Antes de mais, era demasiado evidente a falsidade com que ele relatou o caso. Não deu a notícia de imediato, mal entrou, já que era a mais importante e extraordinária, mas fingiu que nós já devíamos estar ao corrente — o que era impossível num espaço de tempo tão curto. É que, se soubéssemos, não poderíamos ter-nos calado com isso até ele começar a falar. Também não era possível ele ter ouvido que já se “badalava” na cidade sobre a esposa do decano, mais uma vez porque o prazo era demasiado curto. Além disso, ao contá-lo, sorriu duas vezes, num trejeito ignóbile leviano, pelos vistos fazendo de nós estúpidos e considerando-nos já completamente enganados. No entanto, já não era ele quem me interessava; acreditei no fato principal e fugi da casa de Iúlia Mikháilovna fora de mim. A desgraça atingira-me no coração. Era grande a minha dor, até às lágrimas; foi mesmo possível que chorasse. Não sabia o que fazer. Corri à casa de Stepan Trofímovitch, mas este, mais uma vez, não me abriu a porta. Nastássia garantiu-me num sussurro respeitoso que ele se deitara para dormir um pouco, mas não acreditei. Em casa de Lisa, consegui interrogar os criados: confirmaram a fuga, mas não sabiam de mais nada. Na casa, estava toda a gente em pânico: a senhora já doente, caíra desmaiada; estava com ela Mavríki Nikoláevitch. Em resposta às minhas perguntas sobre Piotr Stepánovitch, foi-me confirmado que, nos últimos dias, ele se metia lá na casa, chegando a aparecer duas vezes por dia. Os criados estavam tristes e falavam de Lisa com uma comiseração especial — gostavam dela. Que ela estava perdida, definitivamente perdida, disso eu não duvidava, mas não compreendia nada do lado psicológico desta história, sobretudo depois da cena dela com Stavróguin no dia anterior. Correr pela cidade e pedir informações nas casas dos meus maldosos conhecidos, a quem já chegara de certeza a notícia, pareceu-me repugnante e também humilhante para Lisa. O estranho foi eu ter tentado Dária Pávlovna que, de resto, não me recebeu (em casa dos Stavróguin não recebiam ninguém desde o dia anterior); aliás, não sei o que poderia dizer-lhe e por que raio fui lá. Depois, fui a casa do irmão dela. Foi num silêncio sombrio que Chátov me ouviu. A propósito, fui

encontrá-lo num estado muito soturno, muito pensativo e como se me ouvisse contra vontade. Não disse quase nada e pôs-se a andar de um lado para o outro, batendo com as botas no chão com mais força do que era costume. Ora, já eu descia a escada, gritou-me que passasse pela casa de Lipútin: “Lá, ficará a par de tudo”. Mas não fui. Depois de ter calcorreado durante muito tempo a rua, voltei a casa de Chátov e, entreabrindo a porta dele, sem entrar, fiz-lhe uma proposta breve e sem quaisquer explicações: “O senhor não poderia passar hoje pela casa de Mária Timoféevna?”. Como resposta, Chátov praguejou, e eu fui-me embora. Registro agora aqui, para não me esquecer, que, precisamente na mesma noite, iria ele à zona periférica da cidade visitar Mária Timoféevna, que não via há muito tempo. A ela encontrou-a de boa saúde, na medida do possível, e bem-disposta; e ao Lebiádkin bêbado como um cacho, a dormir no divã da sala da frente. Eram nove da noite em ponto. Assim mo contou ele no dia seguinte, quando nos encontramos de passagem na rua. Quanto a mim, passando já das nove, resolvi ir ao baile, mas não na qualidade de “jovem mordomo” (de resto, já deixara a minha fitinha em casa de Iúlia Mikháilovna), mas pela incontrollável curiosidade de ouvir (sem fazer perguntas) o que se dizia na cidade sobre todos os acontecimentos. Também queria ver Iúlia Mikháilovna, pelo menos de longe. Censurava-me no meu íntimo por ter fugido de casa dela havia pouco.

III

Toda aquela noite, com os seus acontecimentos quase absurdos e o seu terrível “desfecho” ao raiar da manhã, ainda hoje se pinta na minha imaginação como um pesadelo monstruoso e constitui — pelo menos para mim — a parte mais penosa da minha crônica. Embora chegasse atrasado ao baile, ainda lhe apanhei o fim — que lhe estava destinado ser rápido. Passava já das dez quando cheguei à entrada da casa da esposa do decano onde a mesma Sala Branca, em que decorrera o recital, estava já arrumada e preparada, apesar do curto espaço de tempo que passara, para servir de principal sala de baile

para toda a cidade, como estava previsto. Porém, por mais relutante que eu estivesse pouco tempo antes em relação ao baile, nem pressentia a verdade plena: não comparecera qualquer família dos círculos superiores; não apareceram sequer os funcionários de importância média — o que era um sinal muito forte. Quanto a senhoras e meninas, verificou-se que os recentes cálculos de Piotr Stepánovitch (cuja perfídia era agora bem evidente) eram absolutamente errados: havia pouquíssimas; para quatro cavalheiros, mal haveria uma dama... e, também, que damas! Umas mulheres “quaisquer” de oficiais subalternos do regimento, de todo o gênero de gente miúda — funcionários dos correios e pequenos funcionários da administração, três mulheres de médicos com as filhas, duas ou três proprietárias rurais pobres, as sete filhas e uma sobrinha do tal secretário que já mencionei uma vez, umas comerciantes... Seria isso que Iúlia Mikháilovna esperava? Mesmo dos comerciantes previstos, apenas lá estava metade. Quanto aos homens, apesar da total ausência da nossa fidalguia, constituíam uma massa espessa, mas que causava uma impressão ambígua e suspeita. É certo que havia alguns oficiais calmos e respeitáveis com as respectivas esposas, alguns pais de família dos mais obedientes, como, por exemplo, o tal secretário das sete filhas. Toda esta insignificante gente tinha comparecido porque, por assim dizer, “era inevitável”, segundo a expressão de um dos tais senhores. Por outro lado, a quantidade de pessoas desembaraçadas e daquelas que, segundo as minhas suspeitas e as de Piotr Stepánovitch, tinham sido enfiadas lá sem bilhete, parecia ter aumentado ainda mais. Tais indivíduos, mal entravam, passavam logo para o bufê, como se tivessem combinado esse lugar antecipadamente. Pelo menos, foi esta a minha impressão. O bufê situava-se ao fundo da enfiada de salas, numa muito espaçosa, onde se instalara Prókhoritch com todas as iguarias sedutoras da cozinha do clube e com uma exposição apetitosa de petiscos e bebidas. Reparei em vários indivíduos de sobrecasacas no fio, e com outras roupas muito duvidosas, nada que se assemelhasse a ternos de gala, que por certo tinham sido desembriagados a muito custo e por pouco tempo para poderem comparecer, indivíduos esses que surgiram ninguém sabia donde, possivelmente de fora da terra. Eu já sabia que a ideia de Iúlia Mikháilovna era organizar um baile muito

democrático, “sem recusar a entrada, inclusivamente, aos populares, desde que pagassem a entrada”. Não lhe custou nada pronunciar estas palavras na comissão, já que tinha a certeza de que não passaria pela cabeça de nenhum popular, todos pobres, comprar o bilhete de entrada. Fosse como fosse, na altura, eu exprimi as minhas dúvidas de que fosse correto deixar entrar esses tipos sombrios e quase esfarrapados, apesar de todo o democratismo da comissão. Mas quem os deixou entrar e com que propósito? Lipútin e Liámchin já tinham sido privados dos seus laços de mordomos (embora estivessem presentes no baile, participando da “quadrilha literária”); no entanto, quem ocupou o lugar de Lipútin, para meu espanto, foi aquele mesmo seminarista que tornara a *matinée* especialmente escandalosa com o seu embate com Stepan Trofímovitch; quanto ao lugar de Liámchin, foi ocupado pelo próprio Piotr Stepánovitch. Portanto, não se podia esperar nada de bom da situação. Eu estava atento às conversas. Algumas opiniões chocavam pelo seu absurdo. Num grupinho, por exemplo, afirmava-se que toda a história de Stavróguin e Lisa tinha sido organizada por Iúlia Mikháilovna, cobrando dinheiro a Stavróguin pelo serviço. Até se mencionava a quantia. Afirmava-se que ela organizara a própria festa com este objetivo e que tinha sido esse o motivo pelo qual metade da cidade, quando soubera o que se passava, não pusera lá os pés, ficando o próprio Lembke tão escandalizado que “tivera distúrbios mentais”, levando ela o maluco pela arreata. Havia muitos risos — uns risos bárbaros, roucos, cheios de segundas intenções. O baile também era terrivelmente censurado por todos, sendo Iúlia Mikháilovna criticada sem cerimônias. De uma maneira geral, a tagarelice era desgarrada, desconexa, bêbada e desinquieta, pelo que era difícil ordenar as ideias e tirar algumas conclusões. No bufê, acomodava-se também gente simplesmente divertida, como era o caso de várias senhoras daquele gênero que não se espanta nem assusta com nada, muito afáveis e alegres, na sua maioria mulheres de oficiais, com os respectivos maridos. Sentavam-se às mesinhas em grupos animados de amigos, tomando chá. O bufê transformou-se num abrigo acolhedor de quase metade do público. No entanto, não tardaria que toda esta massa compacta afluísse à sala, e era assustador pensar nisso.

Para já, na Sala Branca, com a participação do príncipe, evoluíam três escassas quadrilhas. As meninas dançavam, os pais enterneciam-se e olhavam para elas. Mesmo assim, a gente respeitável já pensava em ir-se embora atempadamente, depois de as filhas se divertirem um pouco, sem esperarem que “aquilo rebentasse”. Todos, absolutamente todos, tinham a convicção de que “aquilo rebentaria”. Ser-me-ia difícil descrever o estado de ânimo de Iúlia Mikháilovna. Eu não tentava meter conversa, embora me aproximasse bastante dela. À entrada, não tinha respondido à minha vênia porque nem reparara em mim (não tinha mesmo reparado). O seu rosto estava doentio, o olhar desdenhoso e altivo, mas ao mesmo tempo vago e inquieto. Ultrapassava-se a si mesma com um esforço doloroso — para quê e para quem? Deveria sair dali e, principalmente, levar o marido, mas ficava! E, até pela cara, se via que ela “já tinha aberto os olhos” por completo e que não tinha mais nada a esperar. Não chamava sequer Piotr Stepánovitch para o seu lado (parecia-me que este também estava evitando-a; antes tinha-o visto no bufê, estava muitíssimo animado). Iúlia Mikháilovna, a despeito de tudo, continuavano baile e não deixava que Andrei Antónovitch se afastasse dela, nem por um instante. Oh, até ao último momento ela rejeitaria, com a mais sincera indignação, qualquer insinuação respeitante à saúde do marido, mesmo naquela manhã. No entanto, os seus olhos deveriam abrir-se também em relação a isso. A mim pareceu, à primeira vista, que Andrei Antónovitch tinha um aspecto pior do que havia pouco, de manhã. Parecia pairar em letargia e não perceber bem onde se encontrava. De vez em quando, olhava subitamente à sua volta com uma expressão de inesperada severidade; por exemplo, olhou-me assim duas vezes. Outra ocasião tentou falar de qualquer coisa, começou em voz alta e não terminou, quase pregando um susto a um funcionário velhinho que por acaso estava ao pé dele. Entretanto, também esta parte submissa do público presente na Sala Branca se afastava medrosa e sombriamente de Iúlia Mikháilovna, lançando ao mesmo tempo olhares de muita estranheza ao marido, olhares que, de tão fixos e ousados, de modo algum estavam em harmonia com o medo dessas pessoas.

— Foi este pormenor que me impressionou e, de repente, comecei a adivinhar o que estava acontecendo a Andrei Antónovitch — confessou-me mais tarde Iúlia Mikháilovna.

Sim, a culpa foi dela, mais uma vez! Pelos vistos, havia pouco, depois da minha fuga, quando fora decidido entre ela e Piotr Stepánovitch que o baile se realizaria e ela estaria presente, foi de novo ao gabinete de Andrei Antónovitch, um Andrei Antónovitch definitivamente “abalado” pelo “recital”, e de novo utilizou todos os seus meios de sedução para o convencer, e convenceu. Mas como devia sofrer no baile! Mesmo assim, não arredou pé. Fosse pelo orgulho ferido, fosse porque ficou confusa — isso não sei. Apesar de toda a sua altivez, Iúlia Mikháilovna, com sorrisos e humilhação, tentava meter conversa com algumas senhoras, mas elas atrapalhavam-se e limitavam-se a dizer, desconfiadas, “sim, senhora” e “não, senhora”, evitando notoriamente falar com ela.

De todos os verdadeiros dignitários da nossa cidade, apareceu no baile apenasum — aquele importante general na reserva de quem já falei e que, em casa da esposa do decano, depois do duelo de Stavróguin com Gagánov, “abriu a porta à impaciência social”. Passeava-se com ar imponente pelas salas, observava e escutava, esforçando-se por dar ares de pessoa que estava ali mais como observador dos costumes do que por verdadeiro prazer. Por fim, foi pôr-se definitivamente ao pé de Iúlia Mikháilovna e não se afastou mais dela nem um passo, tentando por certo animá-la e acalmá-la. Era sem dúvida um homem muito bondoso, muito emérito e tão velho que se podia suportar, sem ressentimento, até a sua compaixão. Porém, confessar a si mesma que o velho tagarela se atrevia a ter pena dela e quase a protegê-la, pensando que a honrava com a sua presença, era um grande desgosto para Iúlia Mikháilovna. Ora, o general não a largava e tagarelava sem parar.

— A cidade, como quem diz, não fica de pé sem sete justos... sete, ao que parece, não me lembro do número ne-ces-sá-rio. Não sei quantos destes sete... justos incontestáveis da nossa cidade... fizeram a honra

de visitar o seu baile, mas, apesar da presença deles, começo a sentir uma certa falta de segurança. *Vous me pardonnerez, charmante dame, n'est-ce pas?*²⁹⁰ Estou falando a-le-go-ri-ca-men-te, mas é que fui ao bufê e estou feliz por ter regressado são e salvo... O nosso inapreciável Prókhoritch, ali, não está no seu lugar apropriado e, pelo que me parece, daqui até de manhã o bufê dele será arrasado. Aliás, estou brincando. Espero apenas por essa tal “quadrilha li-te-rá-ria” e depois vou para a cama. Desculpe este velho gotoso, mas deito-me cedo, e também gostaria de aconselhar a senhora a que fosse “fazer ó-ó”, como se diz *aux enfants*.²⁹¹ É que vim ver as jovens beldades... que, é claro, em mais lado nenhum posso encontrar numa coleção tão rica como neste lugar... São todas da outra banda, e eu nunca vou lá. A mulher de um oficial... parece que é do regimento de caçadores... não está nada mal, é bastante... e ela própria sabe que não é nada má. Falei com a malandrecinha; é ágil e... as meninas também são frescas; aliás, apenas frescas, não têm mais nada. De resto, tenho muito prazer. Há botõezinhos lindos, os lábios é que são grossos. Geralmente, na beleza russa dos rostos femininos há poucos traços regulares e... há uma certa parecença com a panqueca... *Vous me pardonnerez, n'est-ce pas...* com uns olhos, aliás, bonitos... olhos risonhos. Esses botõezinhos, durante dois anos das suas vidas, são en-can-ta-do-res, ou mesmo durante três anos... mas depois engordam para sempre... causando aos maridos aquela in-di-fe-ren-ça triste que contribui sobremaneira para o desenvolvimento da questão feminina... se compreendo corretamente uma tal questão... Hum. A sala é bonita, a casa está bem arranjada. Podia ser pior... A música podia ser muito pior... não digo “devia ser”. Causa má impressão a presença de tão poucas senhoras. Não falo das ves-ti-men-tas. Não é correto que aquele, o das calças cinzentas, se atreva a dançar o canção tão descaradamente. Só acharia perdoável se ele o fizesse por alegria, e como é o farmacêutico local... mas antes das onze até para o farmacêutico é cedo... Lá, no bufê, dois indivíduos armaram uma briga e não foram expulsos. Antes das onze ainda é necessário expulsar os brigões, sejam quais forem os costumes do público... não falo das duas da madrugada, quando já é preciso ceder à opinião pública...

caso este baile sobreviva até às duas. A propósito, Varvara Petrovna não cumpriu a sua palavra de fornecer as flores. Humm, não está para flores, *pauvre mère*.²⁹² E a coitada da Lisa, a senhora já ouviu? Dizem que é uma história misteriosa e... e de novo entrou em cena o Stavróguin... Humm. Gostaria de ir à deita... estou caindo de sono... Então essa “quadrilha li-te-rá-ria” é para quando?

Finalmente, começou a tal “quadrilha literária”. Nos últimos tempos, na cidade, mal começaram as conversas sobre o baile anunciado, logo se começou a falar também dessa “quadrilha literária”, e como ninguém conseguia imaginar sequer como seria umatal quadrilha, a curiosidade era enorme. Pois bem, nada poderia ser mais perigoso para o seu êxito e... em que desilusão se transformaria!

Abriram-se as portas laterais da Sala Branca, antes sempre fechadas, e de lá surgiram várias máscaras. O público rodeou-as com avidez. Todo o bufê, até à última pessoa, irrompeu em massa na sala. As máscaras tomaram as suas posições para a dança. Consegui romper para as filas da frente, pondo-me atrás de Iúlia Mikháilovna, Von Lembke e do general. Nisto, o até então desaparecido Piotr Stepánovitch aproximou-se de um salto de Iúlia Mikháilovna.

— Estou sempre no bufê, a vigiar — sussurrou com ar de aluno da escola culpado, de resto propositadamente afetado para a irritar ainda mais. Iúlia Mikháilovna corou de indignação.

— Pelo menos agora, poderia deixar de me enganar, homem descarado! — deixou escapar, em voz alta o bastante para ser ouvida pelo público. Piotr Stepánovitch deu um salto para trás, contentíssimo.

Era difícil imaginar uma alegoria mais miserável, ordinária, medíocre e insossa do que esta “quadrilha literária”. Não seria possível inventar nada de menos apropriado para o nosso público; no entanto, segundo dizem, a autoria era de Karmazínov. Na verdade, o encenador era Lipútin, aconselhado por aquele professor coxo que estava presente no serão de Virguínski. A ideia, contudo, era sem dúvida de Karmazínov

e, segundo dizem também, ele próprio queria mascarar-se e representar algum papel especial e independente. A quadrilha consistia em seis pares de máscaras miseráveis — não se tratava, aliás, de verdadeiros mascarados, porque estavam vestidos como toda a gente. Por exemplo, um senhor idoso de pequena estatura e de casaca — em suma, como todos — e com uma respeitável barba grisalha (uma barba postiça, e o seu disfarce consistia nisso), não saía do lugar ao dançar, arvorando uma expressão solene na cara e marcando passo (uns passinhos miúdos). Emitia uns sons em voz de baixo moderado, mas rouco, e tal rouquidão devia simbolizar um dos jornais conhecidos. À frente desta máscaradançavam dois gigantes, x e z, como indicavam estas letras presas com alfinetes às casacas, mas o que significavam tais x e z ficou por esclarecer. O “honesto pensamento russo” era representado por um senhor de meia-idade, de óculos, casaca, luvas e... grilhetas (verdadeiras). Debaixo do braço, este pensamento segurava uma pasta com um “caso” qualquer. Do bolso, assomava-lhe uma carta deslacrada, remetida do estrangeiro, confirmando, na intenção de todos os incrédulos, a honestidade do “honesto pensamento russo”. Tudo isto era explicado pelos mordomos em voz alta, já que era impossível ler a carta que sobressaía do bolso. Na mão direita erguida, o “honesto pensamento russo” segurava um copo, como se quisesse fazer um brinde. Ao pé dele, de ambos os lados, dançavam em passo miúdo duas niilistas de cabelo curto e, *vis-à-vis*, dançava um senhor de idade, de casaca mas com uma clava pesada na mão, representando uma publicação que não era petersburguense mas não deixava de ser terrível: “Dou um golpe e não deixo pedra sobre pedra”. Porém, apesar da sua clava, não aguentava o olhar dos óculos do “honesto pensamento russo” que o perscrutavam, desviando os olhos e, quando fazia o *pas de deux*, fletia-se, girava e não sabia onde se meter — a tal ponto, pelos vistos, o atormentavam os remorsos... De resto, não me lembro de todas essas invenções primitivas, mas era tudo do mesmo gênero. Por fim, fui acometido por uma vergonha insuportável. E foi tal sensação de vergonha que, precisamente, se refletiu em todo o público, inclusive nas mais soturnas fisionomias chegadas do bufê. Durante algum tempo, toda a gente aguentou calada e olhando com ar zangado e perplexo. O ser

humano, quando sente vergonha, começa a zangar-se e a inclinar-se para o cinismo. Pouco a pouco, o nosso público pôs-se a rumorejar:

— O que é isto? — murmurou num grupinho um homem vindo do bufê.

— Uma estupidez qualquer.

— Uma literatice qualquer. Estão criticando o *Góloss*.

— Não me interessa.

Noutro grupo:

— Burros!

— Os burros não são eles, somos nós.

— Por que és tão burro?

— Não sou burro.

— Se não és burro, eu ainda menos.

Num terceiro grupo:

— Era corrê-los ao soco a todos e sair daqui!

— Aplicar uma sova à sala toda!

No quarto:

— Como é que os Lembke não têm vergonha disto?

— Vergonha por quê? Se tu não a tens?

— Eu também tenho, mas ele é governador.

— E tu és um porco.

— Nunca na vida vi um baile tão vulgar — opinou causticamente, desejando por certo ser ouvida, uma senhora que estava perto de Iúlia Mikháilovna. Era uma mulher dos seus quarenta anos, corpulenta, com a cara pintada de carmesim e envergando um vestido de seda vistosa; na cidade, quase toda a gente a conhecia, mas ninguém a recebia. Era viúva de um conselheiro de Estado que lhe deixara uma casa de madeira e umamísera pensão, mas vivia bem e tinha cavalos. Dois meses atrás, tinha sido a primeira a querer visitar Iúlia Mikháilovna, mas esta não a recebera. — Já era previsível que fosse assim — acrescentou, olhando com descaro Iúlia Mikháilovna nos olhos.

— Se a senhora já previa, então por que veio? — não se conteve Iúlia Mikháilovna.

— Por ingenuidade — ripostou a ágil senhora e eriçou-se toda (com grande desejo de entrar em altercação); o general, porém, pôs-se no meio delas:

— *Chère dame* — inclinou-se para Iúlia Mikháilovna —, palavra de honra, valeria a pena irmos embora daqui. Estamos só a incomodá-los, sem nós vão divertir-se lindamente. A senhora cumpriu o que tinha a cumprir, fez a abertura do baile, agora deixe-os em paz... Além disso, o Andrei Antónovitch, ao que parece, não está muito bem-disposto... Não vá acontecer uma desgraça!...

Porém, já era tarde.

No decorrer da quadrilha, Andrei Antónovitch olhava para os dançarinos com uma espécie de perplexidade irada, mas quando começaram a ouvir-se os comentários entre o público pôs-se a olhar à roda, inquieto. Foi então, pela primeira vez, que lhe saltaram à vista alguns indivíduos chegados do bufê; exprimiu-se-lhe nos olhos uma surpresa extraordinária. De repente, ouviram-se risos altos por causa de uma facécia na quadrilha: o editor da “terrível edição não petersburguense”, que dançava com a clava na mão, sentiu

definitivamente que não aguentava o olhar dos óculos do “honesto pensamento russo”e, sem saber onde esconder-se dele, na última figura foi repentinamente ao encontro dos óculos de pernas para o ar, o que, a propósito, devia simbolizar a permanente deturpação e o virar de pernas para o ar do senso comum por parte da “terrível edição não petersburguense”. Como Liámchin era o único que sabia andar assim, tinham-lhe dado o papel do editor com clava. Iúlia Mikháilovna ignorava absolutamente que iam andar de pés para o ar. “Esconderam-me isto, esconderam-mo”, repetia-me ela, mais tarde, cheia de desespero e indignação. As gargalhadas da multidão não saudavam, evidentemente, a alegoria, de que ninguém queria saber, mas simplesmente o Liámchin a andar de pernas para o ar, de casaca. Lembke explodiu e tremeu de raiva.

— Canalha! — gritou ele, apontando o dedo para Liámchin. — Prendam este pulha já, ponham-no... virem-no de pés... de cabeça... de cabeça para cima... para cima!

Liámchin assentou os pés no chão. As gargalhadas cresceram.

— Expulsar todos os canalhas que se riem! — ordenou de chofre Von Lembke. A multidão rumorejou, trovejou.

— Não pode fazer isso, Excelência.

— Não se pode insultar assim o público.

— Parvo és tu! — ouviu-se uma voz a um canto.

— Flibusteiros! — gritou alguém na outra ponta da sala.

Lembke virou-se rapidamente na direção do grito e empalideceu.

Fixou-se-lhe nos lábios um sorriso lorpa, como se tivesse compreendido ou recordado de repente alguma coisa.

— Meus senhores — dirigiu-se Iúlia Mikháilovna à multidão, que avançava contra eles; ao mesmo tempo, a governadora tentava arrastar consigo o marido —, meus senhores, perdoem a Andrei Antónovitch. Andrei Antónovitch não está bem... desculpem... perdoem-lhe, meus senhores!

Ouvi-a claramente dizer “perdoem”. A cena foi muito rápida, mas lembro-me muitobem de que uma parte do público já neste momento se precipitava para fora da sala, como que assustada, precisamente depois das palavras de Iúlia Mikháilovna. Lembro-me mesmo de um histérico e lacrimoso grito feminino:

— Ah, outra vez como há pouco!

De repente, nesta confusão e pânico, como se houvesse ali uma bomba, exatamente após o “outra vez como há pouco!”, ouviu-se:

— Fogo! Todo o Trás-do-Rio está ardendo!

Não me lembro donde saiu este grito, que foi terrível da primeira vez que soou: se das salas, se de alguém que entrou pelas escadas e através do vestíbulo. Logo a seguir, criou-se um pânico indescritível. Mais de metade do público reunido no baile era da outra banda do rio — proprietários de casas de madeira ou seus inquilinos. As pessoas atiravam-se às janelas, abriam as cortinas, arrancavam os estores. Trás-do-Rio ardia! Na verdade, o incêndio estava ainda no começo, mas as chamas erguiam-se em três lugares diferentes: era isso que assustava.

— Fogo posto! Foram os da fábrica dos Chpigúlin! — vociferava-se na multidão.

Lembro-me de algumas exclamações muito características:

— O meu coração já pressentia que eles iam pegar fogo a tudo, durante estes dias todos eu já pressentia isto!

— Só pode ser obra dos despedidos da fábrica dos Chpigúlin, de mais ninguém!

— A nós juntaram-nos aqui de propósito para incendiarem lá!

Este último, e mais espantoso, grito era feminino, espontâneo, sem premeditação, um grito à Koróbotchka²⁹³ vítima de incêndio. Toda a gente confluuiu para a saída. Não vou descrever o aperto e a confusão à saída, quando as pessoas agarravam nos casacos, xales, peliças, os guinchos das mulheres assustadas, o choro das meninas. É pouco provável que tenha havido algum roubo, mas não admira que, no meio da confusão, tenha havido alguém que saiu sem os agasalhos por não os ter encontrado, como viria a contar-se depois na cidade, durante muito tempo, com o respectivo acompanhamento de lendas e exageros. À porta, Iúlia Mikháilovna e Von Lembke foram quase esmagados pela multidão.

— Bloquear todos! Não deixar sair ninguém! — berrava Von Lembke, brandindo o punho ameaçador na direção da chusma. — Fazer uma busca rigorosíssima a todos sem exclusão, e imediatamente!

Da sala jorraram impropérios.

— Andrei Antónovitch! Andrei Antónovitch! — gritava Iúlia Mikháilovna num desespero absoluto.

— Ela, a primeira a ser detida! — gritou ele, apontando-lhe o dedo ameaçador. — Revistá-la, ela, a primeira! O baile foi organizado com intenção incendiária!...

Ela soltou um grito e desmaiou (oh, o desmaio foi sem dúvida autêntico). Eu, o príncipe e o general precipitamo-nos em seu socorro; houve outras pessoas que nos ajudaram neste transe difícil, incluindo algumas senhoras. Tiramos a desgraçada daquele inferno e metemo-la no coche; só ao chegar a casa recuperou os sentidos, e o seu primeiro grito foi por Andrei Antónovitch. No desmoronar de todas as suas fantasias, apenas lhe ficara na consciência Andrei Antónovitch.

Mandaram buscar o doutor. Fiquei na casa dela durante uma hora, o príncipe também; o general, num acesso de generosidade (embora estivesse também muito assustado), tencionava não arredar pé durante toda a noite “do leito da desgraçada” mas, transcorridos dez minutos, ainda antes de o médico chegar, adormeceu na poltrona da sala, onde o deixamos dormir.

O chefe da polícia, que correu do baile para o incêndio, conseguira tirar Andrei Antónovitch daquela casa e tentara sentá-lo no coche ao lado de Iúlia Mikháilovna e convencer Sua Excelência com todas as forças de que devia acalmar-se. Não percebo por quê, mas não conseguiu. Andrei Antónovitch, como era evidente, nem queria ouvir falar de descanso e ansiava por ir aos locais do incêndio; não era esta, porém, a verdadeira razão. Por fim, o chefe da polícia lá o levou na sua charrete. Viria a contar mais tarde que Von Lembke gesticulou durante toda a viagem e “gritava umas ideias tão estapafúrdias que era impossível cumpri-las”. Depois, era dito no relatório que, naqueles momentos, Sua Excelência, devido ao “choque repentino”, já estava em delírio agudo.

Nada de novo sobre o fim do baile. Várias dezenas de pândegos, acompanhados por algumas senhoras, ficaram nas salas. Não havia lá polícia. Não deixaram sair os músicos e espancaram-nos. Pela manhã, destruíram toda a “venda de Prókhoritch”, bebendo até à loucura, dançando livremente o *Komárinki*, emporcalhando as salas, e apenas ao amanhecer uma parte desta chusma completamente ébria correu para o incêndio, já quase debelado, para armar lá mais confusão... O resto dos pândegos, bêbados até aos últimos limites, ficaram dormindo nas salas, nos divãs de veludo e no chão, com todas as consequências daí decorrentes. Assim acabou a festa a favor das preceptoras da nossa província.

O incêndio assustou o nosso público precisamente pelo fato de ter sido um fogo posto evidente. É de notar que, depois do primeiro grito de “fogo!”, se ouviu logo a acusação de que “foram os da fábrica dos Chpigúlin”. Sabe-se agora que, efetivamente, participaram disso três operários do Chpigúlin, mas apenas três; todos os outros foram completamente ilibados, tanto aos olhos da opinião pública como oficialmente. Além desses três canalhas (foi apanhado um e os outros dois andam foragidos até hoje), participou do crime, sem sombra de dúvida, o Fedka Grilheta. É tudo o que, para já, se sabe da origem do incêndio; o resto são suposições. O que incentivou os três canalhas? Foram ou não mandados por alguém? Ainda hoje é muito difícil responder cabalmente a estas perguntas.

O fogo, por causa do vento forte e porque aquela zona era quase toda ocupada por construções de madeira, e também porque o incêndio foi ateado em três pontos, propagou-se rapidamente e devastou uma grande área com uma força inimaginável (aliás, o que contou foram dois focos de incêndio, já que o terceiro foi rapidamente controlado e extinto, quase na fase inicial, mas disto falarei mais adiante). Nas publicações das capitais, porém, conseguiram exagerar a nossa desgraça: na realidade, o fogo não devastou mais do que uma quarta parte, aproximadamente, de Trás-do-Rio. O nosso destacamento de bombeiros, embora fraco comparativamente com o território e a população da cidade, agiu de modo bastante disciplinado e deu provas de abnegação. No entanto, não seria tão eficaz, mesmo com o apoio solidário da população, se não fosse a mudança do vento e, pela madrugada, o seu abrandamento. Quando, apenas uma hora depois da minha fuga do baile, cheguei a Trás-do-Rio, o fogo atingia o seu auge. Ardia uma rua inteira, paralela ao rio. Via-se como se fosse dia. Não vou descrever os pormenores do incêndio: quem não conhece este cenário na Rússia? Nas ruelas mais próximas da rua em chamas, a azáfama e a confusão eram terríveis. Ninguém duvidava de que o fogo alastraria e, por isso, as pessoas tiravam de suas casas os bens, mas ainda não se afastavam delas, sentando-se à espera nas arcas e nos colchões postos a salvo, debaixo das respectivas janelas. Uma parte da população masculina trabalhava duramente, cortando sem

contemplações as cercas e, até, choças inteiras mais próximas do fogo e abertas ao vento. Apenas as criancinhas acordadas choravam, e uivavam lamentações as mulheres que já tinham tirado de dentro das casas as suas tralhas, uma vez que as outras continuavam a tirá-las, silenciosa e energicamente. As fagulhas e as brasas espalhavam-se a grande distância e, na medida do possível, eram apagadas. No local do incêndio, apertavam-se os espectadores chegados de todos os cantos da cidade. Alguns ajudavam a apagar, outros limitavam-se a gozar o espetáculo curioso... As grandes labaredas, à noite, causam sempre uma sensação avassaladora e excitante (é nisso que se fundamenta o fogo de artifício; mas, neste, as luzes dispõem-se num desenho elegante e regular, e, sendo inofensivo, produz uma impressão jocosa e leve, como depois de um copo de champanhe). Outra coisa é um verdadeiro incêndio: aqui entra o terror e como que um sentimento de perigo pessoal, acompanhado por uma sensação avassaladora, produzindo o fogo noturno no espectador (não naquele que perdeu no fogo a sua casa, evidentemente) uma certa comoção no cérebro e uma espécie de desafio aos seus instintos destruidores, instintos que, infelizmente, se escondem em qualquer alma, mesmo na alma do mais submisso conselheiro titular, pai de família... Esta negra sensação é quase sempre fascinante. “Palavra de honra, não sei se é possível olhar para um incêndio sem algum prazer!”. Foram estas, literalmente, as palavras de Stepan Trofímovitch quando, uma ocasião, voltou de um incêndio noturno onde tinha ido parar por acaso, palavras que lhe saíram sob a primeira impressão do espetáculo. É evidente que o mesmo amador do fogo noturno é capaz de se atirar às chamas para salvar uma criança ou uma velha; mas isso é outra história.

Furando por entre o aperto da multidão curiosa, cheguei, sem fazer perguntas, ao lugar mais central e perigoso onde, finalmente, vi Von Lembke, a pessoa que eu procurava, a pedido da própria Iúlia Mikháilovna. A situação era espantosa e extraordinária. Estava em cima dos destroços de uma cerca; à sua esquerda, a alguns trinta passos, erguia-se o esqueleto negro de uma casa de dois pisos, de madeira, ardida quase por completo, com buracos em vez de janelas em ambos os pisos, com o telhado destruído e as chamas que ainda

serpenteavam aqui e ali pelas madeiras calcinadas. Ao fundo do quintal, a uns vinte passos desta casa, começava a arder um anexo, também de dois pisos, onde labutavam arduamente os bombeiros. À direita, os bombeiros e o povo tentavam salvar uma construção de madeira bastante grande onde as chamas ainda não se tinham ateado mas que já tinha sido tocada várias vezes pelas línguas de fogo e cujo destino iminente era, finalmente, arder. Lembke, voltado para o anexo, gritava e gesticulava, dava ordens que ninguém cumpria. Pensei que ele tinha sido abandonado ali e esquecido por todos. Pelo menos, a multidão densa e heterogênea que o rodeava e entre a qual, juntamente com os populares, estavam também fidalgos e até o arcipreste, embora o ouvisse com curiosidade e espanto, não lhe prestava atenção, não falando ninguém com ele nem tentando levá-lo dali. Lembke, pálido, com os olhos brilhantes, dizia coisas verdadeiramente estranhas; para cúmulo, estava sem o chapéu, que perdera havia muito.

— Fogo posto! É o niilismo! Quando arde alguma coisa, é o niilismo!
— ouvi, quase horrorizado; embora não fosse para admirar, a realidade concreta provoca sempre grande comoção.

— Excelência — apareceu ao lado dele um guarda policial —, não desejaria Vossa Excelência experimentar o descanso em casa... Porque aqui é mesmo perigoso para Vossa Excelência.

Este guarda, como vim a saber mais tarde, tinha sido deixado expressamente junto de Andrei Antónovitch pelo chefe da polícia, para o vigiar e tentar levar para casa, custasse o que custasse, e em caso de maior perigo agir mesmo pela força — uma ordem que, pelos vistos, estava acima das capacidades do executor.

— As lágrimas dos que perderam as casas serão enxutas, mas a cidade ficará queimada. Isto é obra de quatro canalhas, ou quatro e meio. Prender o canalha! É só ele, porque os quatro e meio são caluniados por ele. Intromete-se na honra das famílias. Utilizaram as preceptoras para queimar as casas. É ignóbil, ignóbil! Ah, o que ele está fazendo?! — gritou ao reparar num bombeiro em cima do telhado

do anexo em chamas, onde o fogo já chegara por todos os lados até em cima. — Tirá-lo de lá, tirá-lo de lá, vai cair, ficar queimado, apagai-o... O que ele está fazendo ali?

— Está apagando o fogo, Excelência.

— Incrível. O fogo está nas mentes, não está nos telhados das casas. Tirá-lo de lá e largar tudo! É melhor largar, largar tudo! As coisas resolvem-se por si! Ah, quem é que está chorando agora? Uma velha! Uma velha está gritando... Por que se esqueceram da velha?

De fato, no rés do chão do anexo a arder gritava uma velha esquecida, uma parente octogenária do dono da casa, um comerciante. Mas não tinha sido esquecida, voltara por sua livre vontade à casa em chamas, quando isso ainda era possível, com a louca intenção de salvar do seu cubículo o colchão. Asfixiada pelo fumo, a gritar por causa do calor, porque o cubículo também já pegara fogo, a velhota tentava, mesmo assim, meter o seu colchão que segurava com os braços mirrados pelo caixilho com os vidros partidos. Lembke precipitou-se para a socorrer. Todos o viram correndo até à janela, agarrar-se a um canto do colchão e a puxá-lo com todas as forças. Por azar, caiu do telhado uma tábua partida e atingiu-o. Não o matou, porque só uma extremidade lhe acertou no pescoço, mas a carreira de Andrei Antónovitch, pelo menos na nossa cidade, tinha acabado; a pancada derrubou-o, e Andrei Antónovitch caiu sem sentidos.

Chegou finalmente o amanhecer sombrio. O incêndio cedia; amainado o vento, caiu de repente o silêncio, depois começou a cair uma chuva miudinha, lenta, como que peneirada. Eu já estava noutra parte de Trás-do-Rio, longe do lugar onde sucumbira Lembke, e ali, no meio da multidão, ouvi conversas muito estranhas. Tinham descoberto que, na periferia do bairro, no descampado para lá das hortas, a não menos do que cinquenta passos das outras casas, havia uma pequena casa de madeira recém-construída e que, supostamente, fora essa a primeira casa a começar a arder, antes das outras, logo no início do incêndio. Pois é, mas mesmo que ardesse toda, não poderia,

vista a distância, pegar o fogo a nenhuma outra casa da cidade, e vice-versa — aliás, podia arder todo o Trás-do-Rio que esta casa seria a única a salvar-se, fosse qual fosse o vento. Concluindo, se ardeu sozinha, independentemente das outras, não foi por acaso. Mas o principal foi que não chegou a arder toda e que, ao raiar da aurora, foram descobertos achados estranhos dentro dela. O dono desta casa nova, um popular que morava num casal vizinho, mal reparou no incêndio na sua casa nova correu para lá e conseguiu salvá-la, afastando dela, com a ajuda dos vizinhos, a lenha encostada à parede lateral. Ora, na casa havia inquilinos — o capitão, bem conhecido na cidade, a irmã deste e uma criada idosa. Aconteceu que todos os inquilinos — o capitão, a irmã e a criada, todos os três, foram mortos à facada nesta noite e, pelos vistos, roubados. (Foi para o local da ocorrência que se ausentou o chefe da polícia enquanto Lembke salvava o colchão da velha). De manhã, a notícia espalhou-se e uma grande massa de povo, incluindo os moradores das casas queimadas de Trás-do-Rio, acorreram à casa nova do descampado. A multidão era tanta que custava passar pelo meio dela. Contaram-me logo que o capitão tinha sido encontrado em cima do banco, degolado, vestido, e que por certo tinha morrido sem dar por nada, por estar completamente bêbado; que a irmã, Mária Timoféevna, estava “coberta de ferimentos” feitos pela faca e deitada no chão, perto da porta, o que significava que lutara com o assassino e se debatera. A criada, que com certeza também estava dormindo e acordara, tinha a cabeça esmagada. De acordo com o relato do senhorio, o capitão ainda na véspera de manhã fora ter com ele, já bebido, e se gabara mostrando-lhe muito dinheiro, uns duzentos rublos. A carteira velha e coçada do capitão, de cor verde, foi encontrada no chão, vazia; mas o baú de Mária Timoféevna não tinha sido tocado, assim como a moldura de prata do ícone; a roupa do capitão também estava no lugar. Via-se que o assaltante tinha pressa e que conhecia bem os pormenores da vida do capitão: apenas lá fora pelo dinheiro e sabia onde estava guardado. Se o senhorio não tivesse chegado no momento certo, a lenha a arder cada vez mais pegaria de certeza fogo à casa, “e com os cadáveres calcinados seria difícil desvendar a verdade”.

Assim se contava o caso. Acrescentava-se ainda que a casa tinha sido arrendada para o capitão e para a irmã pelo Senhor Stavróguin, em pessoa, Nikolai Vsevolodovitch, filho da Generala Stavróguina; ele mesmo tinha tratado do arrendamento, convencendo com grande empenho o proprietário da casa a arrendar, já que este não queria fazê-lo porque tinha a casa destinada para uma taberna que pretendia abrir, mas Nikolai Vsevolodovitch não se importara de pagar uma renda elevada e de lhe entregar logo meio ano adiantado.

— O incêndio não foi por acaso — ouviu-se entre a multidão.

Mas a maioria calava-se. Eu via as caras sombrias, mas não notei grande irritação nas pessoas. À volta, no entanto, continuavam a contar-se histórias sobre Nikolai Vsevolodovitch e sobre o fato de, tendo como mulher legítima a assassinada, na véspera tinha seduzido e levado consigo uma menina de uma das casas mais importantes da cidade, filha da Generala Drozdova, de “modo desonesto”, e que iam apresentar queixa dele em Petersburgo, e que a mulher dele tinha sido degolada expressamente para ele poder casar-se com a menina Drozdova. Como Skvoréchniki se encontrava apenas a duas verstas da cidade, lembro-me que pensei: não seria melhor comunicar a situação a Skvoréchniki? De resto, não quero mentir, não me pareceu que alguém se empenhasse em incitar a multidão, embora me passassem de relance pela frente duas ou três fisionomias dos “do bufê”, vindos de manhã ver o incêndio e que reconheci de imediato. Entretanto, gravou-se-me na memória um rapaz alto e magro, dos populares, murcho, de cabelo encaracolado e que me deu a impressão de estar coberto de fuligem — um serralheiro, como viria a saber depois. Não estava bêbado e, contrariamente a toda a multidão soturna, parecia fora de si. Não parava de se dirigir à multidão, embora não me lembre das palavras dele. A coisa com mais sentido que disse foi: “Amigos, o que é isto? Vai ser sempre assim?”, e abanava as mãos.

3 - O fim de um romance

I

Da grande sala em Skvoréchniki (a mesma em que acontecera o último encontro entre Varvara Petrovna e Stepan Trofímovitch) o incêndio via-se como se fosse a uns palmos do nariz. Ao amanhecer, cerca das seis, junto à última janela à direita, estava Lisa olhando fixamente para as chamas que se extinguíam. Estava sozinha. O seu vestido era o mesmo do dia anterior, o de gala com que aparecera no recital — verde-claro, pomposo, todo às rendas, mas já amarrotado, posto à pressa e com descuido. Ao reparar que o vestido estava mal abotoado no peito, Lisa corou, pôs apressadamente a roupa em ordem, pegou no xale vermelho que arremessara no dia anterior para cima da poltrona e lançou-o ao pescoço. O seu cabelo espesso, de madeixas desgrenhadas, estava caído, saindo do xale sobre o ombro direito. Tinha o rosto cansado, sombrio de preocupação, mas os olhos ardiam-lhe debaixo do sobrolho carregado. Voltou a aproximar-se da janela e encostou a fronte quente ao vidro frio. A porta abriu-se e entrou Nikolai Vsevolodovitch.

— Mandei um homem a cavalo — disse ele —, dentro de dez minutos já ficamos a par de tudo; dizem que ardeu uma parte de Trás-do-Rio, mais perto da zona marginal, à direita da ponte. Começou a arder cerca da meia-noite, mas o fogo já está extinguindo-se.

Não se aproximou da janela, parou atrás de Lisa, a três passos; mas Lisa não se voltou para ele.

— Pelo calendário, há já uma hora que devia amanhecer, mas está escuro como de noite — disse ela com irritação.

— Os calendários mentem todos²⁹⁴ — observou Stavróguin com um sorriso amável mas, envergonhado, apressou-se a acrescentar: — É um tédio viver de acordo com o calendário, Lisa.

E calou-se definitivamente, desgostoso por dizer uma coisa banal; Lisa esboçou um sorriso amarelo.

— Está numa disposição tão triste que não encontra sequer palavras adequadas para mim! Mas fique descansado, pois disse uma coisa certa: vivo sempre de acordo com o calendário, cada passo meu é calculado de acordo com o calendário. Está surpreso?

Ela voltou-se rapidamente e sentou-se na poltrona.

— Sente-se também, por favor. Não vamos estar juntos muito tempo, e quero dizer tudo o que desejar... Por que não quer dizer também tudo o que deseja?

Nikolai Vsevolodovitch sentou-se ao lado dela e pegou-lhe na mão, delicada, quasetimidamente.

— O que significa esta conversa, Lisa? Por que assim, de repente? O que significa “não vamos estar juntos muito tempo”? Desde que acordaste, já é a segunda frase enigmática em meia hora.

— Deu-lhe para contar as minhas frases enigmáticas? — riu-se. — Lembra-se de eu me ter declarado morta quando entrei aqui? Isso é que o senhor achou necessário esquecer. Esquecer ou não reparar nisso.

— Não me lembro, Lisa. Morta por quê? É preciso viver...

— Agora cala-se, não é? Perdeu toda a sua eloquência. Vivi a minha hora, e chega. Lembra-se de Khristofor Ivánovitch?

— Não, não me lembro — carregou ele o sobrolho.

— Khristofor Ivánovitch, em Lausana? Aborreceu-o muito. Abria a porta e dizia sempre: “Vim só por um minuto”; mas ficava todo o dia. Não quero ser como o Khristofor Ivánovitch e ficar todo o dia.

Refletiu-se no rosto dele uma impressão doentia.

— Lisa, dói-me ouvir essa linguagem forçada. Vê-se que essa carranca lhe custa muito, a si mesma. Para que precisa dela? Para quê?

Os olhos dele incendiaram-se.

— Lisa — exclamou —, juro, amo-te ainda mais do que ontem, quando entraste em minha casa!

— Que estranha confissão! Que sentido têm o ontem e o hoje, e estas contas de mais e menos?

— Não me abandones — continuou ele quase com desespero —, partiremos juntos, hoje mesmo, está bem? Sim?

— Ah, não me aperte a mão com tanta dor! Para onde podemos partir hoje mesmo? Para mais algum lado onde “se ressuscita”? Não, basta de experiências... é muito lento para mim; e também não tenho essa capacidade, é demasiado sublime para mim. Se partir, então será para Moscou, e fazer lá visitas, receber visitas... é este o meu ideal, o senhor conhece-o, pois nunca lhe escondi o que sou, ainda na Suíça. Mas como é impossível irmos para Moscou porque o senhor é casado com outra, não vale a pena falar mais disto.

— Lisa! Então, ontem foi o quê?

— Foi o que foi.

— É impossível! É crueldade!

— Que importa que seja crueldade? Aguenta.

— Está vingando-se pela fantasia de ontem... — murmurou ele com um sorrisomaldoso. Lisa corou.

— Que ideia ignóbil!

— Então, por que me deu... “tanta felicidade”? Tenho o direito de saber?

— Não, tente passar sem direitos; não remate a baixeza da sua suposição com uma estupidez. Isso, hoje, não lhe está saindo nada bem. A propósito, por acaso não terá medo também da opinião da sociedade e de ser alvo da censura da sociedade por esta “tanta felicidade”? Oh, se for assim, não se incomode, por amor de Deus. A culpa não é sua, e o senhor não é responsável perante ninguém. Ontem, quando eu abri a sua porta, o senhor não sabia sequer quem estava entrando. Era apenas fantasia minha, como se dignou exprimir-se, e mais nada. Pode olhar toda a gente nos olhos sem medo, triunfalmente.

— Há já uma hora que as tuas palavras e esse teu riso me enregelam de medo. Por esta “felicidade” de que falas com tanta fúria sacrífico... tudo. Será que posso perder-te, agora? Juro, ontem amava-te menos. Por que me tiras tudo hoje? Sabes o que me custou esta nova esperança? Paguei-a com a vida.

— Com a sua vida ou com a vida alheia?

Stavróguin soergueu-se rapidamente.

— O que queres dizer com isso? — perguntou, olhando para ela fixamente.

— Se pagou com a sua vida ou com uma vida alheia, foi isso que quis perguntar. Ou será que o senhor já perdeu por completo a capacidade de compreensão? — explodiu Lisa. — Por que se sobressaltou de repente no seu lugar? Por que me olha com esse ar? Assusta-me. De

que tem medo? Reparo há muito que o senhor anda com medo, e precisamente agora, neste momento... Meu Deus, que pálido ficou!

— Se sabes alguma coisa, Lisa, juro que *eu* não sei nada... e não falava *daquilo* quando disse que paguei com a vida...

— Não estou entendendo absolutamente nada — disse ela, titubeando de medo.

Por fim, um sorriso lento e pensativo esboçou-se nos lábios de Stavróguin. Sentou-se devagar, apoiou os cotovelos nos joelhos e tapou a cara com as mãos.

— Pesadelo e delírio... Estávamos falando de coisas diferentes.

— Não sei do que o senhor estava falando... Será que, ontem, não sabia já que eu o abandonava hoje? Sabia ou não? Não minta, sabia ou não?

— Sabia... — disse ele baixinho.

— Então, o que quer agora? Sabia, mas aproveitou-se do “momento”. Que contas de mais ou menos pode então haver?

— Diz-me toda a verdade — gritou ele com profundo sofrimento. — Ontem, quando abriste a minha porta, já sabias que era só por uma hora?

Lisa olhou-o com ódio:

— É bem verdade que a pessoa mais séria pode fazer as mais esquisitas das perguntas. Por que está tão preocupado? Não me diga que é por amor-próprio, porque uma mulher o abandonou em vez de ser abandonada pelo senhor? A propósito, Nikolai Vsevolodovitch, verifiquei que, no espaço de tempo que estive consigo, o senhor foi muito magnânimo comigo, o que, precisamente, eu não suporto da sua parte.

Stavróguin levantou-se e deu alguns passos pela sala.

— Está bem, acabemos assim... Mas como foi possível tudo isto acontecer?

— Ah, que problema! Em primeiro lugar, o senhor conhece a resposta perfeitamente e compreende estas coisas melhor do que toda a gente, tendo contado já que acontecessem. Eu sou uma menina fidalga, o meu coração foi educado na ópera, foi com isso que tudo começou, é nisso que está todo o enigma.

— Não.

— Aqui não há nada que possa atormentar o seu amor-próprio, esta é uma verdade absoluta. Começou tudo num momento bonito a que eu não resisti. Anteontem, quando “ofendi” o senhor na presença das pessoas e o senhor me respondeu de modo tão cavaleiresco, quando voltei para casa adivinhei de imediato que o senhor me evitava porque era casado, e não porque me desprezava, a coisa de que eu, como menina da sociedade, tinha mais medo. Compreendi que o senhor, ao fugir de mim, me protegia, a mim, a insensata. Bem vê que alto valor eu dou à sua magnanimidade. Entretanto surgiu Piotr Stepánovitch que, num instante, me explicou tudo. Revelou-me que o senhor trazia na alma uma grande ideia, frente à qual eu e ele éramos zero, mas que, mesmo assim, eu me atravessava no caminho de Nikolai Vsevolodovitch. Incluiu-se também a si mesmo: queria que estivéssemos necessariamente os três juntos e disse coisas muitíssimo fantásticas sobre uma barca e sobre os remos de ácer de uma cantiga russa qualquer. Louvei-o, dizendo-lhe que o considerava um poeta, e ele tomou isso como a pura das verdades. Ora, como eu já antes sabia que não ia resistir mais do que um instante, tomei logo a decisão. É tudo, e chega, deixemo-nos de mais esclarecimentos, por favor. Para não nos zangarmos. Não deve ter medo de ninguém, eu assumo toda a responsabilidade. Sou maluca, caprichosa, deixei-me aliciar pela barca da ópera, sou uma menina fidalga... A propósito: seja como for, eu imaginava que o senhor me amava loucamente. Não despreze a

parvinha e não se ria desta lágrima que me caiu. Gosto muito de chorar “por pena de mim”. Bem, chega, chega. Não posso fazer nada e o senhor não pode fazer nada. Dois piparotes de cada lado, e consolemo-nos com isso. Pelo menos, não há amor-próprio ferido.

— Pesadelo e delírio! — gritou Nikolai Vsevolodovitch, a andar pela sala e a torcer as mãos. — Lisa, minha pobre, o que fizeste contigo?

— Queimei-me com uma vela, mais nada. Será que também está chorando? Porte-se com mais conveniência, seja mais insensível...

— Por quê, por que vieste aqui?

— O senhor não percebe, finalmente, em que situação cômica está colocando-se a si mesmo perante a opinião da sociedade com estas perguntas?

— Por que correste para a perdição desta maneira tão estúpida e monstruosa, e o que podemos fazer agora?

— E é o Stavróguin quem o diz, o “vampiro Stavróguin”, como lhe chama uma senhora cá da terra apaixonada pelo senhor! Ouça, já lhe disse: fiz contas à minha vida apenas para o espaço de uma hora e estou calma. Calcule também assim a sua vida... aliás, não tem razões para isso... terá ainda muitas “horas” e muitos “momentos”.

— Tantos quantos os teus; dou-te a minha palavra de honra de que não terei uma hora a mais do que tu!

Continuava a andar e não via o olhar dela, rápido, penetrante e que pareceu, de relâmpago, alumiar-se com uma esperança. O raio de luz, porém, apagou-se no mesmo instante.

— Se soubesses o valor da minha sinceridade *impossível* deste momento, Lisa, se eu pudesse confessar-te...

— Confessar? Quer confessar-me alguma coisa? Que Deus me guarde das suas confissões! — interrompeu-o quase assustada.

Stavróguin parou e ficou à espera, com preocupação.

— Tenho de lhe dizer que, já desde os tempos da Suíça, se firmou em mim a ideia de que o senhor tinha na alma alguma coisa de terrível, suja e sanguinária, e... e ao mesmo tempo de uma natureza que o colocava numa situação muito ridícula. Cuidado, não ma revele, se for verdadeira: eu ridicularizo-o. Rio-me de si o resto da sua vida... Ah, ficou outra vez pálido? Não falo mais disto, pronto, vou-me já embora — e saltou da cadeira, com um gesto de desdém e nojo.

— Atormenta-me, tortura-me, descarrega em mim a tua raiva — exclamou ele com desespero. — Tens todo o direito de o fazer! Eu sabia que não te amava, mas levei-te à perdição. Sim, “proveitei-me do momento”; tinha uma esperança... havia muito... a última... Não pude resistir à luz que me iluminou o coração quando ontem entraste em minha casa, por tua livre vontade, por ti só. Acreditei de repente... Talvez continue a acreditar também agora.

— Por esta sua nobre sinceridade, vou pagar-lhe na mesma moeda: não quero ser a sua enfermeira misericordiosa. Talvez me torne realmente enfermeira de vela se não conseguir morrer atempadamente hoje mesmo; ainda assim, não serei sua enfermeira, embora o senhor valha sem dúvida qualquer aleijado sem braços ou sem pernas. Sempre tive a sensação de que o senhor me levaria para qualquer lugar onde vivesse uma aranha má, enorme, do tamanho de uma pessoa, e que ficaríamos lá toda a vida a olhar para elae a ter medo. Seria esse o decurso do nosso amor recíproco. Vá ter com a Dáchenka, essa irá consigo para onde o senhor quiser.

— Mesmo agora não evitou lembrar-se dela?

— Pobre cadelinha! Apresente-lhe as minhas vênias. Será que ela sabe que o senhor, ainda na Suíça, a escolheu para a sua velhice? Que zelo! Que providência! Ah, quem é?

Ao fundo da sala entreabriu-se um pouquinho a porta; assomou-se e escondeu-se apressadamente uma cabeça.

— És tu, Aleksei Egórovitch? — perguntou Stavróguin.

— Não, sou apenas eu — Piotr Stepánovitch voltou a assomar-se, até à cintura.— Como passa, Lisaveta Nikoláevna? Em qualquer caso, bom dia. Já sabia que vinha encontrar os dois juntos nesta sala. Vim só por um instante, Nikolai Vsevolodovitch... Tinha de dar cá um salto, custasse o que custasse, para lhe dizer duas palavras... imprescindíveis... apenas duas palavras!

Stavróguin dirigiu-se para a porta mas, dados três passos, voltou-se para Lisa.

— Se ouvires agora alguma coisa, Lisa, fica desde já a saber que sou culpado.

Lisa estremeceu e olhou assustada para ele; mas Stavróguin saiu rapidamente.

II

A sala de onde se assomara Piotr Stepánovitch era um espaçoso vestíbulo em forma oval. Era ali o lugar de Aleksei Egórovitch, mas Verkhovênski mandara-o embora. Nikolai Vsevolodovitch fechou a porta e estacou, à espera. Piotr Stepánovitch lançou-lhe um olhar rápido, penetrante.

— Então?

— Se o senhor já sabe... — apressou-se a dizer Piotr Stepánovitch, e parecia que os olhos do outro lhe queriam saltar para dentro da alma. — É evidente que nenhum de nós tem culpa disto, o senhor em primeiro lugar, porque foi tudo mera coincidência... em resumo, juridicamente, isto não o pode atingir, e eu corri para cá a avisá-lo.

— Morreram no fogo? Foram degolados?

— Foram degolados, mas não ficaram carbonizados, e dou-lhe a minha palavra de honra que também não tenho culpa disso, por mais que o senhor suspeite de mim... porque, se calhar, suspeita, não é? Se quer saber toda a verdade, surgiu-me de fato uma ideia... aliás, foi o senhor mesmo quem me sugeriu, não deliberadamente, mas por acaso (porque o senhor nunca me sugeriria a sério, credo!)... Mas eu não me atrevi, e não me atreveria nunca, nem por cem rublos... aliás, não havia qualquer vantagem nisso, isto é, para mim, para mim... — metralhava, acelerado. — Mas, veja-se a coincidência de circunstâncias: entrei com o meu próprio dinheiro (está ouvindo?, o meu próprio, já que, do seu, não havia um único rublo, e o senhor sabe bem que não havia), para esse parvalhão bêbado do Lebiádkin, duzentos e trinta rublos, já anteontem, ao fim da tarde... ouviu? Anteontem, e não ontem, depois do recital, repare bem nisso: é uma coincidência muito importante porque eu, naquele momento, não tinha qualquer certeza de que Lisaveta Nikoláevna viria ou não a sua casa; ora, entrei com o meu dinheiro unicamente porque o senhor, anteontem, lembrou-se de dar nas vistas e anunciar publicamente o seu segredo. Bem, nisso não me meto... o problema é seu... é um cavalheiro... mas, confesso, fiquei espantado, foi como se me dessem uma pancada na cabeça. Mas, como estou *avonde* farto destas tragédias (repare, estou falando a sério, embora utilize este termo antigo) e como tudo isso, afinal, prejudica os meus planos, dei a mim mesmo a palavra de honra de pôr daqui para fora os Lebiádkin, custasse o que custasse e sem avisar o senhor, de os levar para Petersburgo, até porque, ainda por cima, o que ele queria era ir para lá... Apenas um erro: dei-lhe o dinheiro em seu nome. Fiz mal ou não? Talvez não, o que acha? Agora ouça, veja os resultados que isto tudo deu... — Na febre do seu discurso, acercou-se tanto de Stavróguin que quase se encostava a ele, e pôs-se a agarrar-lhe na lapela da sobrecasaca (é muito provável que o fizesse de propósito). Stavróguin, com um movimento brusco, deu-lhe uma palmada na mão.

— Para que foi isso? Caramba... ainda me parte a mão... o principal é o resultado que tudo isto deu — recomeçou a metralhar Verkhovênski, sem se surpreender minimamente com a palmada. — Pois bem, ao fim da tarde entrego-lhe o dinheiro, para que ele e a irmãzinha partam de manhã cedo; encarrego disso o canalha do Lipútin, que deveria metê-los no trem. Só que o canalha do Lipútin lembrou-se de fazer aquela cena com o público (se calhar já ouviu falar, não? No recital, não soube?). Ouça então isto: embebedam-se os dois, fazem os versos, metade são da autoria do Lipútin. O Lipútin arreia o capitão com sobrecasaca, entretanto garante-me que já tinha embarcado os dois de manhã, quando o que ele fez foi esconder o capitão num cubículo dos bastidores, para depois o empurrar para o palco. Mas este embebedou-se a toda a velocidade. A seguir, rebenta o famoso escândalo, levam o capitão para casa meio morto de bêbado, e o Lipútin subtrai-lhe à socapa os duzentos rublos do bolso, deixando-lhe uns cobres. Infelizmente, verifica-se que o capitão já sacara de manhã os duzentos rublos do bolso, gabando-se mostrando-os a quem não devia mostrar. Ora, como o Fedka só estava à espera disso e tinha ouvido umas coisas em casa de Kirílov (lembra-se da insinuação que o senhor fez lá?), decidiu aproveitar-se. Eis toda a verdade. Ao menos fico satisfeito por o Fedka não ter encontrado o dinheiro que queria. Bem feito, contava com mil rublos, o canalha! Mas tinha pressa e, pelos vistos, ele próprio se assustou com o incêndio... Pode não acreditar, mas este incêndio, para mim, foi como uma pancada na cabeça. É uma canalhice diabólica! Uma arbitrariedade... Como vê, eu, agora, esperando tanta coisa do senhor, não lhe escondo nada: é verdade, havia já muito tempo que esta ideiazinha do fogo amadurecia na minha cabeça, por ser tão nacional e popular; mas estava guardando-a para a hora crítica, para o momento precioso em que todos nós nos levantaríamos e... Mas eles lembraram-se espontaneamente e sem esperarem qualquer ordem, precisamente agora, num momento em que era preciso estar-se bem escondido e de respiração suspensa! Não, é uma arbitrariedade incrível!... Resumindo, ainda não sei nada, fala-se aqui de dois operários da fábrica... Mas, se por acaso participou algum dos *nossos*, se ao menos um deles estiver metido nisto... que tenha cuidado! Bem vê no que dá

tolerar a indisciplina, mínima que seja! Não, esta escumalha democrática, com os seus grupinhos de cinco, como apoio não presta para nada. Do que se precisa é de uma vontade única, majestática, carismática, despótica, que se apoie em qualquer coisa que não seja ocasional nem exterior... Então, os grupos de cinco também vão meter o rabo entre as pernas com obediência e, na altura certa, serão servis e úteis. Seja como for, embora andem por aí gritando a plenos pulmões que Stavróguin precisava de queimar a mulher e que, para isso, deitou fogo à cidade...

— Já gritam isso a plenos pulmões?

— Bem, acho que ainda não e, confesso, ainda não ouvi nada nesse sentido, maso que se pode fazer com o povo, sobretudo aquele que perdeu as casas no incêndio? *Vox populi vox dei.*²⁹⁵ Não custa nada espalhar um rumor estúpido pelo vento... Mas, no fundo, o senhor não tem nada a recear. Juridicamente, é inocente; quanto à sua consciência, também está limpa... porque o senhor não desejava uma coisa destas, pois não? Não há quaisquer provas, apenas uma coincidência... A não ser que o Fedka se lembre das suas palavras imprudentes em casa de Kiríllov (por que disse aquilo?), mas isso também não prova absolutamente nada. Quanto ao Fedka, fazemo-lo calar. Hoje mesmo o faço calar...

— Os cadáveres não foram queimados?

— Não, o canalha não soube fazer nada como devia ser. Ora, estou contente por o senhor, pelo menos, estar tão calmo, porque, embora o senhor não seja culpado de nada, nem em pensamento... Além disso, tem de concordar que isto resolve perfeitamente os seus problemas: tornou-se viúvo de repente, livre, e pode casar-se já, se quiser, com uma menina fidalga dotada de enorme fortuna, uma menina que, ainda por cima, já está nas suas mãos. O que uma simples e rude coincidência de circunstâncias pode fazer... não é?

— Está ameaçando-me, cabeça estúpida?

— Calma, calma, já vamos na cabeça estúpida e... que tom é esse? Devia era alegrar-se em vez de... Vim cá correndo propositadamente, para avisar o senhor... Aliás, como poderia eu ameaçá-lo? Para que preciso do senhor com ameaças? Preciso da sua livre vontade e não do seu consentimento por medo. O senhor é a luz e o Sol... Sou eu quem tem um terrível medo de si, e não o senhor de mim! Não sou nenhum Mavríki Nikoláevitch... Imagine, corro aqui de charrete e vejo Mavríki Nikoláevitch ao pé da sebe, no canto traseiro do pomar... de capote, todo encharcado, pelos vistos tem estado lá toda a noite! Incrível! Até que ponto as pessoas podem enlouquecer!

— Mavríki Nikoláevitch? Isso é verdade?

— É verdade, é. Está sentado junto à sebe. É a uns trezentos passos daqui, acho eu. Passei com velocidade ao lado dele, mas ele viu-me. O senhor não sabia? Se não sabia, ainda bem que não me esqueci de lhe contar. Um homem desses, com um revólver na mão, é o mais perigoso que há, e depois, a noite ali ao relento, a chuva, a irritação natural... porque, veja só a situação dele, ah, ah! Por que acha que ele está lá?

— Está à espera de Lisaveta Nikoláevna, evidentemente.

— Irra! Mas por que razão ela iria ter com ele? E... com esta chuva... que parvo!

— Ela vai já ter com ele.

— Oh, oh! Grande notícia! Portanto... Mas ouça, agora a situação dela mudou completamente: agora, para que precisa ela de Mavríki Nikoláevitch? Se o senhor é um viúvo livre e pode casar-se com ela já amanhã? Hã, hã, é porque ela ainda não sabe... deixe isso comigo, arranjo tudo num instante. Onde está ela? Preciso de dar também a ela esta boa notícia.

— Boa notícia?

— Com certeza. Vamos lá.

— Acha que ela não vai desconfiar de nada em relação aos cadáveres?
— Stavróguin cerrou os olhos de maneira muito especial.

— É claro que não vai desconfiar — apressou-se Piotr Stepánovitch a replicar, fingindo-se parvinho —, porque, juridicamente... Eh, homem! Mesmo que desconfie, o que importa isso? Nas mulheres, tudo isso se dissipa perfeitamente, o senhor ainda não conhece as mulheres! Além disso, ela agora tem todo o interesse em se casar com o senhor, porque, seja como for, caiu na desonra, meti-lhe na cabeça aquilo da “barca”... vi logo perfeitamente que era com isso que se podia impressionar a menina, portanto, ela é deste calibre... Não se preocupe, ela passará lindamente por cima desses cadáveres... até porque o senhor é absolutamente, absolutamente inocente, não é verdade? Ela apenas guardará os cadáveres para o alfinetar mais tarde, digamos que no segundo ano do casamento. Qualquer mulher, quando se casa, põe de reserva qualquer coisa do gênero, do passado do marido, mas nessa altura... o que será passado um ano? Ah, ah, ah!

— Se o senhor chegou de charrete, leve-a agora até Mavríki Nikoláevitch. Ela acaba de dizer que me detesta e que me vai abandonar e, obviamente, não aceitará ir na minha carruagem.

— Irra! Será verdade que ela vai mesmo embora? Como pôde acontecer uma coisa destas? — Piotr Stepánovitch ficou com um olhar estúpido.

— Esta noite, por qualquer motivo, ficou sabendo que não a amo... o que, aliás, sempre soube.

— Mas será que não a ama mesmo? — replicou Piotr Stepánovitch com um ar de infinito espanto. — Se é assim, porque foi que ontem, quando ela veio para sua casa, o senhor a reteve aqui e, como homem nobre que é, não a avisou que não gostava dela? É muito ignóbil da sua parte. E a mim, já viu em que situação ignóbil me colocou perante ela?

Stavróguin, de repente, desatou a rir-se.

— Estou rindo-me do meu macaco — esclareceu logo a seguir.

— Hã, hã, percebeu que eu estava na palhaçada — riu-se também Piotr Stepánovitch com muita alegria. — Queria fazê-lo rir! Imagine que eu, mal o senhor veio aqui ter comigo, pela sua cara vi logo tudo, vi logo que lhe tinha acontecido alguma “desgraça”. Ou mesmo um fracasso completo, não? Bem, posso apostar — gritou, transbordante de alegria faceta — que os dois passaram a noite sentadinhos nas cadeiras da sala, discutindo sobre qualquer assunto nobre e sublime, gastando um tempo precioso... Bem, desculpe, desculpe, tanto me faz: já ontem eu tinha a certeza de que a coisa iria acabar nalguma estupidez. Trouxe-lha unicamente para o senhor se divertir e para lhe provar que, comigo, não se ia aborrecer; e posso ser-lhe útil neste gênero de coisas mais trezentas vezes, gosto de agradar às pessoas. Mas se agora o senhor já não precisa dela, coisa com que eu já contava quando vim cá, então...

— Com que então, trouxe-ma apenas para eu me divertir?

— Mas para que mais?

— E não foi para me obrigar a matar a minha mulher?

— Irra, mas o senhor não matou ninguém! Que homem trágico!

— Tanto faz. Nesse caso, foi o senhor quem a matou.

— Eu matei-a? Repito que não tenho nada que ver com isso. Aliás, o senhor começa a preocupar-me...

— Continue. O senhor estava dizendo: “Se agora já não precisa dela, então...”.

— Então, deixe-me tratar disso, evidentemente! Caso-a em beleza com o Mavríki Nikoláevitch, a quem, a propósito, não fui eu que sentei

ali ao fundo do pomar, não se lhe vá meter também isso na cabeça. É que agora estou com medo dele. Diz o senhor: a charrete... mas eu passei ao lado dele como uma lebre... francamente, e se ele tem um revólver?... Ainda bem que trouxe o meu. É este — tirou o revólver do bolso, mostrou-o e voltou a guardá-lo —, trouxe-o comigo porque o caminho era longo... Está bem, eu componho as coisas num instante: neste momento, o coração da menina sofre precisamente pelo Mavríki Nikoláevitch... pelo menos, deve sofrer e... sabe? Juro por Deus que até tenho um pouquinho de pena dela! Levo-a para junto de Mavríki, e logo a menina começará a lembrar-se de Nikolai Vsevolodovitch... a tecer-lhe louvores diante do Mavríki e a descompor o Mavríki na cara... é assim o coração feminino! Ah, está rindo-se outra vez? Folgo muito de o ver tão animado. Vamos lá, então. Começo a conversa diretamente com o Mavríki, e sobre aqueles... assassinados... não acha que é melhor calarmo-nos por enquanto? De qualquer maneira, há de vir a saber tudo depois.

— A saber o quê? Quem foi assassinado? O que estava dizendo sobre o Mavríki Nikoláevitch? — Era Lisa, abrindo de rompante a porta.

— Ah! A menina estava à escuta?

— O que estava dizendo sobre Mavríki Nikoláevitch? Foi morto?

— Hã, hã, então quer dizer que não ouviu bem! Calma, Mavríki Nikoláevitch está são e salvo, o que pode verificar num instante, porque ele está ali, à beira do caminho, junto à sebe... e, ao que parece, passou lá a noite, está todo encharcado, de capote... Quando eu estava chegando, ele viu-me.

— Não é verdade. O senhor disse “assassinado”... Quem foi assassinado? — insistiu ela com uma desconfiança dolorosa.

— Foi assassinada apenas a minha esposa, e também o irmão dela e a criada — declarou Stavróguin com firmeza.

Lisa estremeceu e empalideceu mortalmente.

— Um caso animalesco, estranho, Lisaveta Nikoláevna, um estupidíssimo caso de assalto — pôs-se de imediato a metralhar Piotr Stepánovitch —, aproveitaram-se do incêndio para assaltarem... foi obra do Fedka Grilheta e culpa do parvalhão do Lebiádkin, que andou por aí a mostrar o seu dinheiro a toda a gente... eu vim cá dar a notícia... para mim foi como uma pedrada na testa. Stavróguin mal se aguentou em pé quando lhe contei. Estávamos decidindo: contamos já à menina ou não?

— Nikolai Vsevolodovitch, ele está dizendo a verdade? — perguntou Lisa a grandecusto.

— Não, não é verdade.

— Como é que não é verdade? — estremeceu Piotr Stepánovitch. — O que é isto agora?

— Meu Deus, vou enlouquecer! — gritou Lisa.

— Tente compreender que, neste momento, ele está meio louco! — disse Piotr Stepánovitch num tom gritado. — Ao fim e ao cabo, mataram a mulher dele. Não vê como ele está pálido... Esteve consigo toda a noite, não se afastou um minuto sequer, como se pode suspeitar dele?

— Nikolai Vsevolodovitch, diga-me, como se estivesse perante Deus, se é culpado ou não, e juro que acreditarei religiosamente na sua palavra, e que o seguirei até ao fim do mundo, vou atrás do senhor, oh, vou! Vou como um cãozinho...

— Por que a tortura, sua mente de fantasia? — enfureceu-se Piotr Stepánovitch.— Lisaveta Nikoláevna, palavra de honra, triture-me no almofariz, mas digo-lhe que ele está inocente. Pelo contrário, ele próprio está desfeito e em delírio, não vê? Não é culpado de nada, de nada, nem em pensamento!... Aquilo foi obra de bandidos, que no espaço de uma semana vão ser apanhados e castigados a chicote... Foi

o Fedka Grilheta e os operários dos Chpigúlin, toda a gente fala disso na cidade, e é por isso que eu odigo agora.

— É verdade? É verdade? — Lisa, toda a tremer, esperava a sua última sentença.

— Não matei e fui contra isso, mas sabia que eles seriam mortos e não fiz nada para travar os assassinos. Lisa, vá-se embora para longe de mim — disse Stavróguin e foi para a outra sala.

Lisa tapou o rosto com as mãos e dirigiu-se para a saída. Piotr Stepánovitch precipitou-se atrás dela, mas logo a seguir voltou à sala.

— Então, é assim? É assim, é? Não tem medo de nada? — Piotr Stepánovitch atirou-se a Stavróguin num estado de fúria absoluta, titubeando sem nexo, quase sem encontrar palavras, com a boca a espumar.

Stavróguin, postado no meio da sala, não respondia. Cofiava com a mão esquerda uma madeixa do seu cabelo e sorria com um ar perdido. Piotr Stepánovitch puxou-o com força pela manga.

— Está nas nuvens ou o quê? É nisso que quer entrar? Denunciar toda a gente e depois ir para o mosteiro ou para o raio que o parta... Mas olhe que o mato, pode ter a certeza, mesmo não tendo medo de mim!

— Hã, é o senhor que está grasnando? — Stavróguin reparou finalmente nele.— Corra! — caiu de repente em si. — Corra atrás dela, pegue no coche, não a deixe sozinha... Corra, corra! Leve-a para casa, e que ninguém a veja, e faça com que ela não vá lá... ver os corpos... os corpos... sente-a no coche à força!... Aleksei Egórovitch! Aleksei Egórovitch!

— Espere, não grite! Ela já está nos braços de Mavríki... O Mavríki não vai aceitar entrar no seu coche... Espere! Há uma coisa mais preciosa do que o coche!

Sacou de novo do revólver; Stavróguin olhou para ele muito sério.

— Por que não? Mate — disse baixinho, num tom quase apaziguador.

— Fu, seu diabo, que calúnias o homem inventa contra si mesmo! — tremeu de raiva Piotr Stepánovitch. — É verdade, dá vontade de o matar! É certo que ela deveria cuspir-lhe na cara!... Que “barca” é o senhor? É uma tábua velha e esburacada, boa para deitar fora!... Volte a si nem que seja por raiva, por raiva! Eeh! Agora, que até já pede que lhe metam uma bala na testa, tanto lhe faz!

Stavróguin sorriu estranhamente.

— Se o senhor não fosse um palhaço, eu seria capaz de concordar... Se o senhor fosse um pouquinho mais esperto...

— Sou um palhaço, sim, mas não quero que a minha metade mais importante, o senhor, o seja! Está entendendo?

Stavróguin compreendia, sendo talvez o único capaz de compreender. Não tinha sido por acaso que Chátov se espantara quando Stavróguin lhe dissera que em Piotr Stepánovitch havia entusiasmo.

— Agora vá pr’o diabo, e amanhã talvez eu esprema alguma coisa da minha boca. Venha amanhã.

— Sim? Sim?

— Sei lá!... Pr’o diabo, pr’o diabo!

E saiu da sala.

— Talvez seja ainda melhor assim — murmurou Piotr Stepánovitch, guardando o revólver.

Correu atrás de Lisaveta Nikoláevna. Esta ainda não se afastara muito, estava apenas a alguns passos da casa. Quem a atrasou foi Aleksei Egórovitch, que a seguia à distância de um passo, de casaca, com a cabeça respeitosamente inclinada e sem chapéu. Não se calava, implorando-lhe que esperasse pela carruagem; o velho estava assustado, quase chorava.

— Vai, o teu amo pede chá, não tem ninguém para lho servir. — Era Piotr Stepánovitch, que o afastou e tomou Lisaveta Nikoláevna pelo braço.

Lisaveta Nikoláevna não retirou o braço e, ao que parecia, não estava entendendo tudo, ainda não tinha caído em si.

— Em primeiro lugar, a menina vai no sentido errado — murmurou Piotr Stepánovitch. — É por aqui, e não ao longo do pomar; em segundo lugar, não pode ir a pé, são três verstas até sua casa, e a menina não está com a roupa adequada. Se esperar um pouco... Tenho charrete, está ali no terreiro, trago-a num instante, sento lá a menina e levo-a para casa, ninguém a verá...

— Que bondoso... — disse Lisa carinhosamente.

— Por amor de Deus, num caso destes, qualquer ser humano, no meu lugar...

Lisa olhou para ele e ficou surpreendida.

— Ah, meu Deus, pensava que era aquele velho!

— Ouça, estou muito contente por ver que reage assim a tudo isto, porque se trata de um preconceito terrível e, já que é assim, não será melhor eu mandar o velhote atrelar o coche, demora uns dez minutos e, entretanto, voltamos e esperamos no alpendre, quer?

— Quero antes... Onde estão esses mortos?

— Irra, que fantasia maluca! Era o que eu receava... Não, deixemos de lado esta porcaria, não há lá nada para a menina ver.

— Sei onde estão, conheço a casa.

— Conhece, e depois? Credo, a chuva, o nevoeiro... (Francamente, de que sagrada missão me encarreguei!) Ouça, Lisaveta Nikoláevna, das duas uma: ou vai comigo na charrete, ou então aguarde aqui e não dê nem mais um passo, porque se andar mais vinte passos o Mavríki Nikoláevitch vê-nos...

— Mavríki Nikoláevitch! Onde? Onde?

— Ora bem, se quiser ir com ele acompanho-a mais um pouco e mostro-lhe onde ele está sentado, mas depois, por amor de Deus... não quero aproximar-me dele agora.

— Meu Deus, está à minha espera! — Lisa parou de repente, aflorou-lhe à cara uma vermelhidão.

— Bem, se ele é um homem sem preconceitos! Sabe, Lisaveta Nikoláevna, tudo isto não é da minha conta, e a menina sabe-o perfeitamente; de qualquer maneira, só desejo o seu bem... Se a nossa “barca” não resultou, se se verificou que era um pedaço de madeira velha e podre, boa para deitar fora...

— Ah, maravilhoso! — exclamou Lisa.

— Maravilhoso, mas correm-lhe as lágrimas. É preciso ter coragem. É preciso não deixar que o homem leve a melhor em nada. No nosso século, quando a mulher... fu, raios! — (Piotr Stepánovitch por pouco não cuspiu). — Antes de mais, não há nada a lamentar, e talvez acabe tudo às mil maravilhas. Mavríki Nikoláevitch é um homem... numa palavra, sensível, um homem sensível, embora pouco loquaz, o que, de resto, não é mal nenhum, caso não tenha preconceitos, é claro...

— Maravilhoso, maravilhoso! — Lisa riu-se histericamente.

— Ah, não, còs diabos... Lisaveta Nikoláevna — irritou-se Piotr Stepánovitch subitamente —, só estou aqui por sua causa... para mim tanto faz... Ontem, prestei-lhe um serviço quando a menina mesma o pediu, e hoje... Bem, já se vê daqui o Mavríki Nikoláevitch, está ali, a nós não nos vê. A propósito, Lisaveta Nikoláevna, já leu *Pólinka Sax*?²⁹⁶

— O quê?

— Uma novela, *Pólinka Sax*. Li-a quando ainda era estudante... No livro, um funcionário, Sax, muito abastado, prendeu a mulher na casa de campo por causa de adultério da parte dela... Raios, que se amole! Vai ver que Mavríki Nikoláevitch, ainda antes de chegarem a casa, estará pedindo-a em casamento. Ainda não nos pode ver.

— Ah, que ele não nos veja! — gritou bruscamente Lisa, como uma louca. — Vamos embora, embora! Para a floresta, para os campos!

E correu para trás.

— Lisaveta Nikoláevna, não seja fraca! — Piotr Stepánovitch corria atrás dela.— Por que não quer que ele a veja? Pelo contrário, olhe-o nos olhos, frontal e orgulhosamente... Se é por causa daquilo... da inocência... é um grande preconceito, é um atraso... Mas aonde vai, aonde? Eh, está fugindo! É melhor voltarmos para casa do Stavróguin, pegarmos na minha charrete... Mas para onde é que vai? Para ali é o campo... irra, caiu!...

Parou. Lisa, como um pássaro, parecia voar, sem ver o caminho, e Piotr Stepánovitch já se lhe atrasara uns cinquenta passos. Ela tropeçou num montículo de terra e caiu. No mesmo instante, vindo de trás, ouviu-se um grito terrível, um grito de Mavríki Nikoláevitch, que tinha surpreendido a corrida e a queda de Lisa, e corria na direção dela através do campo. Num ápice, Piotr Stepánovitch retirou-se, entrando pelo portão da casa de Stavróguin e saltando muito depressa para a sua charrete.

Entretanto, Mavríki Nikoláevitch, assustado, já estava junto de Lisa que se levantava, inclinado para ela e segurando-lhe a mão. Todas as incríveis circunstâncias deste encontro abalaram a mente dele, e as lágrimas corriam-lhe pela cara. Via aquela que ele venerava correndo loucamente pelo campo, àquela hora, com aquele tempo, só de vestido, aquele vestido maravilhoso do dia anterior, agora amarrotado, enlameado pela queda... Ele, que não conseguia articular uma única palavra, tirou o capote e, com as mãos trêmulas, pôs-lho sobre os ombros. De repente, soltou um grito ao sentir que Lisa lhe tocava a mão com os lábios.

— Lisa! — exclamou. — Não sei fazer nada, mas não me mande embora!

— Oh, sim, vamo-nos depressa daqui, não me abandone! — E, pegando-lhe na mão, arrastou-o atrás de si. — Mavríki Nikoláevitch — baixou de repente a voz, assustada—, lá, arrei-me em destemida, mas aqui tenho medo da morte. Vou morrer, vou morrer em breve, mas tenho medo, tenho medo de morrer... — sussurrava, apertando com força a mão dele.

— Oh, Deus queira que apareça alguém! — Mavríki Nikoláevitch olhava à volta com desespero. — Algum viajante! Vai molhar os pés, vai... enlouquecer!

— Não faz mal, não faz mal — animava-o Lisa —, assim está bem, consigo tenho menos medo, pegue-me na mão, leve-me... Para onde vamos agora, para casa? Não, primeiro quero ver os mortos. Dizem que degolaram a mulher dele, mas ele afirma que foi ele próprio quem a degolou... Não é verdade, pois não? Quero ver os degolados com os meus próprios olhos... por mim... por causa deles é que ele deixou de me amar esta noite... Vejo-os e fico sabendo tudo. Depressa, depressa, eu conheço a casa... há lá um incêndio... Mavríki Nikoláevitch, meu amigo, não me perdoe, não perdoe à desonesta! Perdoar-me por quê? Por que está chorando? Dê-me uma bofetada e mate-me aqui no campo como a um cão!

— Agora ninguém é seu juiz — disse Mavríki Nikoláevitch com firmeza. — Que Deus lhe perdoe, porque eu, mais do que todos, não posso ser seu juiz!

É uma coisa estranha descrever a conversa deles. Entretanto, lá iam os dois de mãos dadas, muito depressa, sempre a acelerarem, como doidos. Dirigiam-se ao local do incêndio. Mavríki Nikoláevitch não perdera ainda a esperança de encontrar ao menos uma carroça, mas não aparecia ninguém. A chuva miudinha, fina, como que tornava tudo à volta permeável, absorvendo qualquer reflexo, qualquer matiz e transformando tudo numa massa única fumarenta, plúmbea, indiferente. Havia muito que nascera o dia, mas não parecia manhã. De repente, da bruma fumarenta e fria destacou-se uma figura, estranha, absurda, avançando ao encontro deles. Ao imaginá-lo agora, acho que não acreditaria nos meus próprios olhos, mesmo que estivesse no lugar de Lisaveta Nikoláevna; ela, porém, soltou uma exclamação alegre ao reconhecer de imediato o homem que se aproximava deles. Era Stepan Trofímovitch. O modo como ele abandonou a casa, como concretizou a sua ideia louca e afetada de fugir — disso falarei mais adiante. Menciono apenas que, nesta manhã de que falo, ele já estava com as febres, mas nem a doença o deteve: caminhava com firmeza pela terra encharcada; via-se que ele refletira no seu empreendimento da melhor maneira possível, sozinho, na medida de toda a sua inexperiência de homem de gabinete. Estava vestido “de viagem”, ou seja, com as mãos enfiadas nas mangas do capote e cingido por um cinto largo de couro envernizado com uma fivela, de botas altas, novas, com as calças metidas nos canos. Por certo, havia muito que imaginava assim um viajante e arranjava, já uns dias antes, um cinto e umas botas altas com canos brilhantes à hussardo, botas com que não sabia andar. O chapéu de abas largas, um cachecol de lã enrolado firmemente ao pescoço, uma bengala na mão direita e, na esquerda, um saco de viagem muito pequeno mas densamente preenchido completavam o seu equipamento. Também na mão direita, levava ainda o guarda-chuvaaberto. Durante a sua primeira versta de marcha, foi muito incômodo para ele levar estes três

objetos — o guarda-chuva, a bengala e o saco de viagem —, e então, a partir da segunda, foi-lhe mesmo muito penoso.

— É mesmo o senhor? — exclamou Lisa, observando-o com o espanto amargo que substituiu o seu primeiro impulso inconsciente de alegria.

— *Lise!* — gritou também Stepan Trofímovitch, atirando-se ao encontro dela, também quase em delírio. — *Chère, chère*, será mesmo a menina... também... no meio deste nevoeiro? Veja: são as chamas! *Vous êtes malheureuse, n'est-ce pas?*²⁹⁷ Eu bem vejo, eu bem vejo, mas não me conte nada, e também não me faça perguntas. *Nous sommes tous malheureux, mais il faut les pardonner tous. Pardonnions, Lise,*²⁹⁸ e seremos livres para sempre. Para nos desfazermos do mundo e ficarmos completamente livres, *il faut pardonner, pardonner et pardonner!*

— Mas por que se põe de joelhos?

— Porque, ao despedir-me do mundo, quero despedir-me também de todo o meu passado na pessoa da menina! — Stepan Trofímovitch levou as mãos aos olhos donde corriam as lágrimas. — Ajoelho-me diante de tudo o que foi maravilhoso na minha vida, cubro-o de beijos e dou graças! Agora, cindi-me em dois: lá, ficou o maluco que, durante *vingt-deux ans*,²⁹⁹ sonhava voar aos céus! Aqui, está um velho preceptor desfeito e gelado... *chez ce marchand, s'il existe pourtant ce marchand...*³⁰⁰ Mas está toda encharcada, *Lise!* — exclamou ele, levantando-se de um salto, sentindo que também já tinha os joelhos molhados. — E com um vestido destes, como é possível?... E a pé, por estes campos... Está chorando? *Vous êtes malheureuse?* Sim, ouvi qualquer coisa... E donde vem agora? — Não parava de fazer perguntas com timidez, lançando olhares profundamente perplexos a Mavríki Nikoláevitch. — *Mais savez-vous l'heure qu'il est?*³⁰¹

— Stepan Trofímovitch, ouviu alguma coisa sobre as pessoas assassinadas?... É verdade, isso? É verdade?

— Essas pessoas! Vi as chamas da obra delas durante toda a noite. Eles não poderiam acabar de outra maneira... — (Os seus olhos voltaram a brilhar). — Fujo do delírio, do pesadelo febril, corro à procura da Rússia, mas, *existe-t-elle la Russie? Bah, c'est vous, cher capitaine!*³⁰² Nunca duvidei de que o encontraria no momento de uma façanha sublime... Por que vão a pé? Por amor de Deus, levem pelo menos o meu guarda-chuva, porque eu alugarei algures uma carruagem. Eu vou a pé porque a *Stasie* — (ou seja, a Nastássia) — desataria a gritar para toda a rua ouvir se soubesse que eu me vinha embora; então, escapei-me incógnito o mais possível. Não sei, lá no *Góloss* escrevem sobre o banditismo por todo o lado, mas eu acho impossível que uma pessoa que se mete ao caminho encontre de imediato um bandido. *Chère Lise*, parece que acaba de dizer que alguém matou alguém? *O mon Dieu*, a menina vai desmaiar!

— Vamos, vamos! — gritou Lisa como uma histérica, voltando a arrastar consigo Mavríki Nikoláevitch. — Espere, Stepan Trofímovitch — voltou de repente —, espere, coitado, deixe que eu o benza. Se calhar era melhor amarrá-lo, mas prefiro benzê-lo. Reze também pela pobre Lisa... um pouquinho, não se incomode muito. Mavríki Nikoláevitch, devolva o guarda-chuva a esta criança, devolva-lho sem falta. Assim mesmo... Vamos! Vamos!

Chegaram à casa fatídica precisamente na altura em que a multidão que se comprimia em frente do prédio já ouvira o suficiente sobre Stavróguin e sobre as vantagens que lhe trazia o assassinio da mulher. Mesmo assim, repito, a maioria continuava a ouvir sem se mexer e calada. Apenas perdiam as estribeiras os grialhões bêbados e “instáveis”, como aquele popular que abanava as mãos. Toda a gente o conhecia como pessoa calma, mas quando alguma coisa o impressionava ficava desvairado e era como se caísse de um precipício. Não assisti ao momento da chegada de Lisa e Mavríki Nikoláevitch. A primeira vez que, petrificado de pasmo, pus os olhos em Lisa, ela estava longe de mim, já no meio da multidão; quanto a Mavríki Nikoláevitch, a princípio nem reparei nele. Parece que em certo momento se atrasou dois passos de Lisa, por causa do aperto ou

porque foi empurrado para trás. Lisa, que furava através da multidão, sem ver nem reparar em nada à sua volta, febril, como que fugida do hospital, atraiu logo as atenções, evidentemente. As pessoas começaram a falar mais alto e, logo, aos berros. Nisto, alguém gritou: “É ela, a do Stavróguin!”. E de outro lado: “Não lhes basta matar, ainda vêm ver!”. De repente, vi que se levantava e se abatia em cima dela uma mão; Lisa caiu por terra. Soou um grito terrível de Mavríki Nikoláevitch que se precipitou em socorro dela e bateu com toda a força num homem que estava entre ele e Lisa, mas logo o tal popular desvairado o agarrou por trás. Durante algum tempo, no meio daquela escaramuça não se podia distinguir grande coisa. Parece que Lisa se levantou mas que voltaram a derrubá-la com outra pancada. De repente, vi que as pessoas se afastavam e que se abria uma clareira em volta de Lisa prostrada; Mavríki Nikoláevitch, ensanguentado e enlouquecido, estava de pé junto dela e gritava, chorava, torcia as mãos. Não me lembro com exatidão do que aconteceu a seguir, sei apenas que pegaram em Lisa e a levaram. Corri atrás dela: ainda estava viva, e talvez consciente. O tal popular e mais três pessoas foram presos. Os três negaram sempre a sua participação no crime, alegando que tinham sido presos por engano — se calhar têm razão. Quanto ao popular, embora a sua culpa tenha sido provada incontestavelmente, como é homem sem cabeça não consegue esclarecer as circunstâncias do incidente. Também eu, como testemunha ocular, tive de fazer o meu depoimento no decurso da instrução: declarei que tudo acontecera por absoluto acaso, estando a multidão já excitada e os homens, de bêbados e desvairados, já pouco conscientes do que faziam. Continuo a ter esta opinião até hoje.

4 - A última decisão

I

Nessa manhã, muita gente viu Piotr Stepánovitch, e quem o viu viria a recordar que ele estava bastante excitado. Às duas da tarde, passou pela casa de Gagánov, que chegara da aldeia apenas na véspera e tinha a casa cheia de visitas discutindo acaloradamente os acontecimentos recentes. Mais do que todos falava Piotr Stepánovitch, conseguindo fazer com que o ouvissem. Sempre tinha sido considerado entre nós como “um estudante tagarela com um buraco na cabeça”, mas na altura falava de Iúlia Mikháilovna e, no meio daquela azáfama geral, o tema era cativante. Como informação fresca e confidencial, divulgou muitos pormenores novíssimos e inesperados sobre a senhora; por puro acaso (e, é claro, imprudentemente), revelou as opiniões dela sobre várias personalidades conhecidas da cidade, com que acicatou os amores-próprios. Falava de maneira que parecesse que as coisas lhe saíam vagas e desordenadas, como a um ingênuo mas que, sendo honesto, se via perante a necessidade dolorosa de esclarecer de uma vez por todas um montão de dúvidas e que, na sua simplória falta de jeito, não sabia bem por onde tinha de começar e de acabar. Escapou-lhe, também imprudentemente, que Iúlia Mikháilovna estava a par de todo o segredo de Stavróguin e que tinha sido ela a dirigir toda a intriga. Insinuou que ela o pusera numa situação difícil também a ele, Piotr Stepánovitch, porque também ele estava apaixonado pela desgraçada Lisa e, mesmo assim, o “enredaram” de tal maneira na teia, que ele próprio esteve *quase* a acompanhar Lisa, de coche, à casa de Stavróguin. “Pois, pois, os senhores riem-se, mas se eu soubesse... se eu soubesse como isso tudo ia acabar!”, concluiu Verkhovênski. Às perguntas preocupadas relativamente a Stavróguin, declarou abertamente que a catástrofe dos

Lebiádkin, na sua opinião, tinha sido um puro acaso e que a culpa de tudo fora do próprio Lebiádkin por ter andado a mostrar o dinheiro a toda a gente. Este esclarecimento deu-o com muita clareza. Um dos ouvintes observou-lhe que não valia a pena “fingir” tal atitude, uma vez que ele comia, bebia e por pouco não dormia em casa de Iúlia Mikháilovna, e que não era tão bonito como Piotr Stepánovitch imaginava estar denegrindo-a agora. Mas logo Piotr Stepánovitch se justificou:

— Sim, comia e bebia, mas não era porque não tivesse meios; além disso, não tenho culpa de que me convidassem sempre. Permitam que eu próprio ajuíze se tenho de lhe agradecer por isso.

De uma maneira geral, deixou uma impressão a seu favor: “Embora seja um rapaz sem tino e, é claro, um inútil, que culpa pode ele ter das asneiras de Iúlia Mikháilovna? Pelo contrário, ele próprio, afinal, tentou dissuadi-la...”.

Cerca das duas propagou-se de súbito a notícia de que Stavróguin, o homem de quem tanto se falava, partira no trem do meio-dia para Petersburgo. A novidade despertou grande interesse, fazendo carregar o sobrolho a muita gente. Piotr Stepánovitch ficou tão espantado que até se lhe desfigurou a cara, ao que dizem, e exclamou uma coisa estranha: “Mas quem o deixou ir?”. Logo a seguir esgueirou-se da casa de Gagánov. Depois, seria visto em mais duas ou três casas.

Antes do anoitecer ainda arranjou maneira de penetrar em casa de Iúlia Mikháilovna, uma tarefa difícil porque ela, decididamente, não o queria receber. Eu viria a saber deste fato somente três semanas depois, por ela própria, antes da sua partida para Petersburgo. Não entrou em pormenores mas observou-me com um esgar que Verkhovênski a “espantara sobremaneira”. Suponho que ele, simplesmente, a assustou começando a acusá-la de cumplicidade caso ela se lembrasse de “falar”. A necessidade de a intimidar estava intrinsecamente ligada com os seus planos da altura, planos esses de que Iúlia Mikháilovna não sabia nada, evidentemente, e só passados uns cinco dias ela percebeu por

que razão Piotr Stepánovitch duvidava tanto do silêncio dela e receava tanto novas explosões da sua indignação...

Perto das oito, quando já anoitecera por completo, reuniram-se os “nossos”, todos os cinco, na periferia da cidade, ruela Fomin, numa pequena e descambada casinha, o apartamento do alferes Erkel. A reunião geral tinha sido marcada pelo próprio Piotr Stepánovitch que, no entanto, chegou imperdoavelmente atrasado, fazendo os membros esperarem uma hora inteira por ele. O alferes Erkel era aquele mesmo oficialzito forasteiro que, no serão de Virguínski, passara o tempo todo com um lápis e um bloco de notas na mão. Chegara à cidade havia pouco, arrendara uma casa num lugar solitário (uma viela deserta) a duas irmãs, velhas populares, e deveria partir em breve; em sua casa, portanto, podia a gente reunir-se sem dar nas vistas. Este rapaz estranho destacava-se por uma invulgar taciturnidade: podia passar dez serões seguidos numa companhia barulhenta, no meio das mais extraordinárias conversas, sem pronunciar uma palavra; observava tudo com os seus olhos infantis e ouvia os oradores com a máxima atenção. Tinha um rosto bonitinho e um ar inteligente. Não fazia parte do grupo dos cinco, supondo os nossos que ele cumpria umas quaisquer missões especiais a mandado de não se sabe quem, unicamente como executor. Sabe-se agora que, afinal, não estava encarregado de coisíssima nenhuma e que, provavelmente, nem ele mesmo compreendia bem qual eraa sua situação. Apenas se tornara num admirador de Piotr Stepánovitch, que conhecera havia pouco tempo. Se este jovem encontrasse algum monstro prematuramente degradado e se tal monstro, sob um qualquer pretexto social-romântico, o incitasse a formar um bando criminoso e, à experiência, o mandasse matar e roubar o primeiro mujique que lhe aparecesse à frente, Erkel, sem hesitar, obedeceria. Tinha algures uma mãe doentea quem mandava metade do seu vencimento miserável — e como a mãe devia beijar aquela pobre cabecinha loira, como devia tremer por ela e rezar por ela! Estou arengando tanto sobre este rapaz porque tenho muita pena dele.

Os nossos estavam excitados. Os acontecimentos da noite anterior tinham-nos impressionado e, ao que parecia, intimidado. O simples, embora sistemático, escândalo de que até ao momento tinham participado com tanto empenho tivera um desfecho inesperado para eles. O incêndio noturno, o assassinio dos Lebiádkin, Lisa trucidada pela multidão — tudo isso eram surpresas que não estavam previstas no seu programa. Apontavam um dedo acusador contra a mão que os dirigia com despotismo e falta de franqueza. Em resumo, enquanto esperavam por Piotr Stepánovitch, criaram mutuamente uma disposição tal, que decidiram voltar a exigir-lhe um esclarecimento categórico, se ele tornasse a esquivar-se, como já acontecera antes, acabar inclusivamente com a célula, mas com o objetivo de formar, em vez dela, uma nova organização secreta de “propaganda de ideias”, independente, baseada nos princípios democráticos e de igualdade. Lipútin, Chigaliou e o conhecedor do povo eram os principais defensores desta ideia; Liámchin calava-se, embora com um ar de consentimento. Virguínski hesitava e queria ouvir primeiro Piotr Stepánovitch. Resolveram pois ouvir Piotr Stepánovitch, mas este nunca mais chegava; tal desrespeito fez dessorar ainda mais veneno. Erkel, sempre calado, mandou fazer chá, que ele próprio trouxe numa bandeja da cozinha das senhorias, já servido nos copos, sem samovar e sem deixar que a criada entrasse.

Piotr Stepánovitch só às oito e meia apareceu. Aproximou-se a passo rápido da mesa redonda colocada em frente do divã onde estavam sentados todos; não largou o chapéu da mão e recusou-se a tomar chá. Tinha um ar raivoso, severo e altivo. Por certo percebeu logo, pelas caras dos outros, que estavam amotinados.

— Antes de eu abrir a boca, desembuchem, estão agressivos, vê-se — observou, com um sorriso maldoso, passando o olhar pelas caras.

Lipútin, em nome de todos, começou a falar numa voz tremente de ofensa, declarando que “se tudo continuar assim, podemos partir os dentes”. Oh, eles não tinham medo nenhum de partir os dentes, e até estavam prontos a parti-los, mas pela causa comum. (Excitação e

aprovação geral). Por isso, ele que fosse franco com eles, dando-lhes conhecimento de tudo antecipadamente, “senão, o que mais pode ainda acontecer?” (De novo a excitação, alguns sons guturais). Agir assim é humilhante e perigoso... só um é que age, os outros não passam de peões, e então, se o que age comete um deslize, são todos apanhados. (Exclamações: sim, sim! Apoio geral).

— Raios, mas o que é que querem?

— E o que têm que ver com a causa comum as intrigas do Senhor Stavróguin? — ferveu Lipútin. — Que ele pertença ao centro, não sei de que maneira misteriosa, se realmente existe um tal centro fantástico, nós é que não queremos saber disso. Entretanto, foi cometido um triplo homicídio, a polícia foi mobilizada; seguindo o fio, chegarão ao novelo.

— Se o senhor e o Stavróguin forem apanhados, apanham também a nós — acrescentou o conhecedor do povo.

— E isso será de uma inutilidade absoluta para a causa comum — concluiu Virguínski, tristonho.

— Que disparate! O assassinio foi ocasional, cometido por Fedka com intenção doroubo.

— Hum. Uma coincidência muito estranha! — Lipútin torceu o nariz.

— Se quereis saber, aconteceu por culpa vossa.

— Por culpa nossa, como?

— Em primeiro lugar, o senhor, Lipútin, foi participante desta intriga e, em segundo lugar, ou antes de mais, tinha-lhe sido dada a ordem para se ver livre do Lebiádkin, para o que lhe foi entregue o respectivo dinheiro. E o senhor o que fez? Se o tivesse embarcado, não aconteceria nada.

— E não foi o senhor mesmo quem deu a ideia de que era bom pô-lo a ler poesia?

— Uma ideia não é uma ordem. A ordem consistia em pô-lo fora daqui.

— Ordem. Uma palavra bastante estranha... Pelo contrário, o que o senhor mandou, precisamente, foi cancelar a viagem dele.

— O senhor enganou-se e manifestou estupidez e arbitrariedade. Ora, o assassinio é obra de Fedka, que agiu sozinho e unicamente com o objetivo de roubar. Os senhores ouviram os rumores e acreditaram neles. Acovardaram-se. Stavróguin não é nada parvo, e a prova disso é que partiu ao meio-dia, depois de um encontro com o vice-governador; se houvesse qualquer coisa, não o deixariam ir para Petersburgo à luz do dia.

— Não estamos afirmando que o Senhor Stavróguin matou com as suas próprias mãos — replicou Lipútin, em tom cáustico e sem cerimônias. — Era mesmo capaz, inclusivamente, de não saber de nada, tal como eu; o senhor, aliás, sabe muito bem que eu não estava a par de nada, embora me metesse nisso como um carneiro no caldeirão.

— Então, a quem está incriminando? — E Piotr Stepánovitch olhou, soturno, para ele.

— Os que precisam de incendiar cidades.

— O pior de tudo é que o senhor tenta esquivar-se. Aliás, faça o favor de ler e de passar aos outros; apenas à laia de informação.

Tirou do bolso a carta anônima endereçada a Lembke, escrita por Lebiádkin, e entregou-a a Lipútin. Este leu-a, com aparente grande surpresa, e passou-a ao vizinho do lado. A carta depressa correu todo o grupo.

— É realmente a letra de Lebiádkin? — perguntou Chigaliiov.

— É a letra dele — confirmaram Lipútin e Tolkatchenko (ou seja, o conhecedor do povo).

— É apenas para informação e porque os senhores ficaram tão enternecidos com o Lebiádkin — disse Piotr Stepánovitch, pegando de novo na carta. — Deste modo, meus senhores, por puro acaso, um qualquer Fedka livra-nos de um homem perigoso. O que um acaso pode às vezes fazer! Edificante, não é verdade?

O grupo lançou-se numa troca rápida de olhares entre si.

— Agora, meus senhores, chegou a minha vez de fazer perguntas — endireitou-se Piotr Stepánovitch. — Permitam que lhes pergunte: por que razão os senhores incendiaram a cidade sem autorização?

— O quê? Nós? Nós incendiamos a cidade? É o que se chama lançar as próprias culpas para as costas dos outros!

— Compreendo que as brincadeiras dos senhores tenham passado das marcas — continuou Piotr Stepánovitch, persistente —, mas isso já não é o mesmo que os pequenos escândalos com Iúlia Mikháilovna. Reuni-os aqui, meus senhores, para os elucidar sobre o grau do perigo em que se meteram e que põe em risco muita coisa para lá dos senhores.

— Desculpe, é o contrário, nós mesmos tínhamos a intenção de o elucidar sobre o grau de despotismo e desigualdade com que foi tomada esta medida, grave e ao mesmo tempo estranha, sem consulta prévia dos membros — falou Virguínski, que até ao momento guardara silêncio, quase indignado.

— Portanto, negam qualquer culpa? Pois é, mas eu continuo a afirmar que os incendiários foram os senhores e mais ninguém. Meus senhores, não mintam, estou na posse de informações muito fidedignas. Com esse voluntarismo puseram em risco, inclusivamente,

a causa comum. Os senhores não passam de uma pequena malha numa rede infinita de células e têm a obrigação de obedecer cegamente ao centro. No entanto, três dos vossos instigaram os operários dos Chpigúlin a pegarem fogo à cidade, sem terem quaisquer instruções para tal, e foi assim que o incêndio aconteceu.

— Três de nós? Quem são esses três?

— Já anteontem, cerca das quatro da madrugada, o Senhor Tolkatchenko incitava o Fomka Zaviálov na taberna Orelha de Rato.

— Por amor de Deus! — sobressaltou-se este. — Nem meia dúzia de palavras troquei com ele, e mesmo essas sem qualquer intenção, apenas porque ele tinha sido açoitado essa manhã, mas depois, quando vi que ele estava demasiado bêbado, deixei de falar mais com ele. Se o senhor não me tivesse lembrado disso agora, ficava esquecido para sempre. Não é por causa de uma palavra que se ateia um incêndio.

— O senhor faz-me lembrar alguém que se espanta que uma faísca faça explodir uma fábrica de pólvora.

— Mas se eu falei em sussurro com ele, num canto, como é que o senhor soube? — desconfiou Tolkatchenko de repente.

— Estava lá escondido debaixo da mesa. Não pensem que não estou a par de cada passo que dão, meus senhores. Está sorrindo sarcasticamente, Lipútin? Mas olhe que eu sei, por exemplo, que há três dias, à meia-noite, o senhor maltratou a sua esposa, beliscando-a toda, quando se deitavam.

Lipútin abriu a boca e empalideceu.

(Verificou-se, mais tarde, que Verkhovênski soubera da façanha de Lipútin por Agáfia, criada deste, a quem Piotr Stepánovitch, desde o início, pagava pela espionagem).

— Posso também eu comprovar um fato? — levantou-se de rompante Chigaliou.

— Comprove o seu fato.

Chigaliou sentou-se e aprumou-se.

— Se bem compreendi, que aliás era impossível não compreender, o senhor mesmo, no início e depois mais uma vez, com muita eloquência (embora teorizando demais), desenhou um quadro da Rússia coberta por uma infinita rede. Por sua parte, cada um dos grupos funcionais, criando prosélitos e propagando-se com células laterais até ao infinito, tem como objetivo, por meio da propaganda sistemática e invectivadora, desacreditar constantemente as autoridades locais, criar nas localidades a desconfiança, o cinismo e os escândalos, também a descrença em relação seja ao que for e a ânsia de uma vida melhor, e, por fim, recorrendo aos incêndios por ser o método mais tradicional, lançar o país, num momento prescrito, no desespero, se necessário for. Não são estas as suas palavras, palavras que tentei reproduzir literalmente? Não será este o seu programa de ação, que o senhor nos comunicou na sua qualidade de representante do comitê central, embora este comitê nos seja completamente desconhecido até hoje e quase fantástico?

— É verdade, mas o seu discurso é demasiado prolixo.

— Cada um tem o direito à palavra. Dando-nos a entender que o número de células da rede geral que cobria já toda a Rússia atingia atualmente as várias centenas e desenvolvendo a tese de que, se cada uma delas cumprisse com êxito a sua missão, toda a Rússia, num prazo determinado, dado o sinal...

— Não, c'os diabos, agora temos mais que fazer do que perder tempo com essas suas coisas! — agitou-se Piotr Stepánovitch na sua cadeira.

— De acordo, vou abreviar e fazer apenas uma pergunta: já vimos os escândalos, já vimos o descontentamento das populações, estivemos

presentes e participamos da queda da administração local e, finalmente, vimos o incêndio com os nossos próprios olhos. Então, o que desagrada tanto ao senhor? Não foi cumprido o seu próprio programa? De que pode acusar-nos?

— De voluntarismo! — gritou com fúria Piotr Stepánovitch. — Enquanto eu estivesse aqui, não tinham o direito de agir sem a minha autorização. Adiante. Está preparada uma denúncia, e talvez amanhã, ou mesmo hoje à noite, sejam todos presos. Ora tomem lá! A notícia é verídica.

Todos ficaram boquiabertos.

— Serão presos não só como incitadores do incêndio, mas também como “grupo dos cinco”. O delator conhece todo o segredo da rede. Vejam o que arranjam!

— É de certeza o Stavróguin! — gritou Lipútin.

— Como... o Stavróguin por quê? — reagiu Piotr Stepánovitch, como se, de repente, se alarmasse. — Oh, não, còs diabos — apressou-se a dizer —, é Chátov! Parece que todos os senhores já sabem que, em tempos, Chátov fez parte da organização. Devo revelar aos senhores que, mandando-o vigiar por pessoas de quem ele não desconfiava, vim a saber, para minha surpresa, que a estrutura da rede não era segredo para elee também... numa palavra, tudo. Para se salvar da acusação da sua antiga militância, denunciará toda a gente. Como tem hesitado até hoje, eu tenho-o poupado. Agora, com este incêndio, os senhores acabaram com as hesitações dele: está abalado e já não hesita. Amanhã mesmo seremos presos como incendiários e criminosos políticos.

— Será verdade? Mas como é que o Chátov sabe?

A emoção era indescritível.

— Está tudo perfeitamente claro. Não tenho o direito de lhes revelar os meios de que me servi para o descobrir, mas, para já, há uma coisa

que posso fazer: através de uma pessoa, posso influenciar Chátov, de maneira que ele, sem suspeitar de nada, adie a denúncia... mas não mais do que por um dia. Mais do que um dia não posso conseguir. Portanto, podem considerar-se em segurança até à manhã de depois de amanhã.

Todos se mantinham em silêncio.

— É mandá-lo finalmente p'ro Inferno! — gritou, primeiro, Tolkatchenko.

— Há muito que devíamos tê-lo feito — disse Liámchin com raiva, assentando ummurro na mesa.

— Mas como? — murmurou Lipútin.

Piotr Stepánovitch agarrou-se de imediato à pergunta e expôs o seu plano. Consistia em, no dia seguinte ao princípio da noite, atrair Chátov ao lugar solitário onde estava enterrada a tipografia secreta que estava ainda à sua guarda, com o pretexto de a entregar, e, “lá, acabar com o problema”. Entrou em muitos pormenores necessários, que vamos agora omitir, e esclareceu ponto por ponto as verdadeiras relações ambíguas de Chátov com a organização central, assunto que o leitor já conhece.

— Tudo bem — observou indecisamente Lipútin —, mas como... mais uma vez... outra aventura do mesmo gênero... isso vai acirrar demasiado os ânimos.

— Sem dúvida — confirmou Piotr Stepánovitch —, mas também isso foi previsto. Há uma maneira de desviar com segurança as suspeitas.

E, com a mesma precisão, falou de Kirílov, da sua intenção de se matar a tiro, informando também que Kirílov prometera esperar pelo sinal e, antes de morrer, deixar um bilhete, responsabilizando-se por tudo o que lhe fosse ditado. (Resumindo, tudo o que o leitor já sabe).

— A firme intenção de Kiríllov se suicidar, com base filosófica, mas, na minha opinião, maluca, foi conhecida *lá* — (continuou a esclarecer Piotr Stepánovitch).— *Lá* não perdem nem um cabelinho, nem um grão de pó, aproveitam tudo para a causa comum. Prevendo a utilidade disso, depois de se convencerem de que a intenção de Kiríllov era uma coisa absolutamente séria, proporcionaram-lhe meios para ele voltar à Rússia (por qualquer razão, ele queria morrer obrigatoriamente na Rússia), deram-lhe uma missão que ele prometeu cumprir (e efetivamente cumpriu) e, além disso, obrigaram-no a prometer, como já sabem, a suicidar-se apenas quando recebesse a ordem para tal. Kiríllov prometeu tudo. Notem que ele participa da causa em bases especiais e quer mesmo ser útil. E não posso revelar-lhes mais nada. Amanhã, *depois de Chátov*, vou ditar-lhe a carta a revelar que é ele o culpado da morte de Chátov. É uma coisa muito credível: dantes eles eram amigos e foram juntos para a América, zangaram-se lá, tudo fatos que serão confirmados na carta dele... e... e também, em função das circunstâncias, será possível ditar mais algumas coisas a Kiríllov, por exemplo, sobre os panfletos e talvez, em parte, sobre o incêndio. Quanto a isso ainda vou pensar. Fiquem descansados, Kiríllov é um homem sem preconceitos e subscreverá tudo.

Houve dúvidas. A história afigurava-se fantástica. Sobre o Kiríllov, aliás, já todos tinham ouvido qualquer coisa, e Lipútin mais do que os outros.

— Mas se ele mudar de ideias e já não quiser? — perguntou Chigaliou. — De qualquer maneira, o homem é maluco, logo não é muito certo.

— Fiquem descansados, meus senhores, ele fará isso — atalhou Piotr Stepánovitch. — Pelo acordo, tenho de o avisar na véspera, isto é, hoje mesmo. Proponho que o Lipútin vá comigo para confirmar e, então, o Lipútin voltará aqui, se for necessário hoje mesmo, para lhes confirmar se falo verdade ou não. Aliás — abespinhou-se ele, como se, de repente, sentisse que era honra a mais para tal gentalha estar preocupando-se

tanto a convencê-los —, aliás, façam o que quiserem. Se não se decidirem, o grupo fica dissolvido, unicamente pelo fato da vossa desobediência e traição e, a partir desse momento, cada um ficará por sua conta. Mas fiquem sabendo que, nesse caso, além da contrariedade decorrente da denúncia de Chátov e das suas consequências, os senhores ficarão sujeitos a outras coisas um pouco desagradáveis, explicitadas com firmeza no momento da fundação deste coletivo. Quanto a mim, não lhes tenho grande medo, meus senhores... Não pensem que estou muito ligado aos senhores... De resto, não tem importância.

— Não, nós aceitamos.

— Não há outra saída — murmurou Tolkatchenko —, e se o Lipútin confirmar aquilo do Kirílov, então...

— Estou contra. Protesto com todas as forças da minha alma contra esta decisão sangüinária! — levantou-se Virguínski.

— Mas? — quis saber Piotr Stepánovitch.

— Mas o quê?

— O senhor disse *mas...* e eu estou à espera.

— Parece que não disse *mas...* Apenas queria dizer que, se for decidido, então...

— Então?

Virguínski calou-se.

— Acho que se pode menosprezar a segurança da sua própria vida — interveio Erkel —, mas se puder ficar prejudicada a causa comum, então, acho eu, não há o direito de se menosprezar a segurança da própria vida...

Atrapalhou-se e corou. Por mais que estivessem todos absortos nas suas reflexões, olharam para ele com espanto, tão inesperado era o fato de ele também poder falar.

— Sou pela causa comum — pronunciou-se de rompante Virguínski.

Todos se levantaram. Foi decidido trocar notícias no dia seguinte, ao meio-dia, embora sem uma reunião formal, e combinar tudo definitivamente. Foi revelado o lugar onde estava enterrada a tipografia, distribuídas as tarefas e as obrigações. Lipútin e Piotr Stepánovitch, juntos, foram de pronto à casa de Kirílov.

II

Todos os nossos acreditaram que Chátov os denunciaria; porém, também acreditavam que Piotr Stepánovitch os manipulava como a peões de xadrez. Também todos sabiam que, mesmo assim, compareceriam no dia seguinte no local indicado e que o destino de Chátov seria decidido. Sentiam que, de repente, tinham caído como moscas nas teias de uma aranha enorme; estavam raivosos, mas tremiam de medo.

Piotr Stepánovitch era, sem dúvida, culpado para com eles: tudo poderia arranjar-se de maneira muito mais harmoniosa e *fácil* se ele se esforçasse por dourar um bocadinho mais a realidade. Em lugar de apresentar o fato a uma luz decente, como coisa cívico-romana, ou outra do gênero, apenas alegou um bruto medo e a ameaça à própria pele, o que era simplesmente indelicado. É claro que em tudo prima a luta pela existência, e não há outro princípio, toda a gente sabe, mas mesmo assim...

Piotr Stepánovitch, porém, não tinha tempo de evocar os romanos: ele próprio estava fora dos eixos. A fuga de Stavróguin aturdiu-o e esmagou-o. Mentiu ao dizer que Stavróguin se encontrara com o vice-governador; o problema era precisamente o de que Stavróguin partira sem se despedir de ninguém, incluindo a mãezinha; e, na verdade, era

estranho que nem sequer o tivessem incomodado. (Mais tarde, as autoridades foram obrigadas a dar esclarecimentos a este respeito). Piotr Stepánovitch tentou obter informações durante todo o dia, mas ainda não conseguira nada, ficando tão preocupado como nunca estivera antes. Além disso, como poderia ele, assim de chofre, desistir de Stavróguin? Por isso, não conseguia ser suficientemente delicado com os nossos. Além do mais, eles atavam-lhe as mãos: já tomara a decisão de correr imediatamente atrás de Stavróguin, mas o Chátov e a necessidade de consolidar em definitivo o grupo dos cinco, para o que desse e viesse, atrasavam-no. “Não vale a pena perder isto sem mais nem menos, pode ser útil no futuro”. Assim raciocinava Piotr Stepánovitch, acho eu.

Quanto a Chátov, não tinha dúvidas de que ele acabaria por fazer a denúncia. Mentiu em toda a linha quando disse aos nossos que a denúncia já estava preparada: nuncavira nem ouvira falar de tal denúncia, mas tinha a certeza de que ela aconteceria. Intuíu que Chátov não suportaria o momento — a morte de Lisa, a morte de Mária Timoféevna— e que tomaria a decisão precisamente agora. Quem sabe se Verkhovênski não teria razões para pensar assim? Sabe-se também que odiava Chátov pessoalmente: em tempos, houvera uma zanga entre eles, e Piotr Stepánovitch nunca perdoava uma ofensa. Tenho mesmo a certeza de que o motivo principal era este.

As calçadas das nossas ruas são estreitas, de tijolo, às vezes simples tábuas de madeira. Piotr Stepánovitch caminhava pelo meio da calçada, ocupando-o todo, sem prestar a mínima atenção a Lipútin que, assim, não podia andar ao lado dele, mas sim um passo atrás ou, se queria conversar, descer para a rua enlameada. De repente, Piotr Stepánovitch lembrou-se de que, havia pouco tempo ainda, trotava da mesma maneira pela lama, apressando-se atrás de Stavróguin que, como ele agora, seguia pelo meio da calçada, ocupando-o todo. Recordou a cena e a fúria apertou-lhe a garganta.

Mas Lipútin também sufocava de ofendido. Que Piotr Stepánovitch tratasse os outros dos nossos como entendesse, mas a ele? A ele, que

sabia mais do que os outros, que estava mais próximo da causa, iniciado mais profundamente nela e participando em permanência, embora indiretamente. Oh, sabia bem que Piotr Stepánovitch era capaz, mesmo agora, de o levar à perdição *num caso extremo*. Ora, havia muito que ganhara ódio a Piotr Stepánovitch, e não por causa do perigo, mas da arrogância com que ele o tratava. Agora, que era preciso ousar uma coisa destas, estava mais enraivecido do que os outros todos juntos. Irra, sabia que, como um “escravo”, seria o primeiro a estar sem falta no dia seguinte no local marcado, e que ainda por cima levaria consigo todos os outros... Assim, pudesse ele, antes de chegar o dia seguinte, matar Piotr Stepánovitch (saindo impune, evidentemente), que o mataria de certeza.

Mergulhado nas suas sensações, ia calado e trotava atrás do seu carrasco. Este, ao que parecia, esquecera-se dele; só de vez em quando o empurrava, descuidada e indelicadamente, com o cotovelo. Inesperadamente, numa das nossas principais ruas, Piotr Stepánovitch parou e entrou num restaurante.

— Para onde vai? — explodiu Lipútin. — É um restaurante!

— Quero um bife.

— Por amor de Deus, isto está sempre cheio de gente.

— Não interessa.

— Mas... chegamos atrasados. Já são dez.

— Não, não chegamos lá atrasados.

— Eu vou chegar atrasado! Os outros esperam-me de volta.

— Que esperem; e é uma estupidez o senhor voltar lá. Com essa vossa azáfama, não almocei hoje. Ora, no que respeita a Kiríllow, quanto mais tarde, mais certa é a coisa.

Piotr Stepánovitch ocupou um reservado. Lipútin, ressentido e furioso, sentou-se de lado a ver o outro comer. Passou meia hora, passou mais tempo. Piotr Stepánovitch não se apressava, comia com apetite, tocava a campainha, pedia mostarda, depois cerveja, sem dizer uma palavra, mergulhado nos seus pensamentos. Era capaz de fazer duas coisas ao mesmo tempo: comer com apetite e mergulhar nos seus pensamentos. Por fim, o ódio de Lipútin cresceu tanto que já era incapaz de desviar os olhos dele. Era uma espécie de ataque de nervos. Contava os pedaços de bife que o outro metia à boca, detestava-o pela maneira como ele a abria, como mastigava, como chupava, deliciado, umbocado mais gorduroso, odiava o próprio bife. Por fim, como que tudo se lhe começou a turvar diante dos olhos, começou-lhe a cabeça a andar à roda, o frio e o calor, alternadamente, a percorrerem-lhe as costas.

— Já que não faz nada, leia isto. — Piotr Stepánovitch atirou com um papel para diante dele. Lipútin aproximou-se da vela. O papelinho estava preenchido com uma letra minúscula, feia e com emendas em cada linha. Quando acabou de o ler, já Piotr Stepánovitch tinha pago a conta e estava à saída. Na calçada, Lipútin quis devolver-lhe o papelucho.

— Fique com ele, depois digo-lhe. Afinal, o que acha?

Lipútin estremeceu.

— Na minha opinião... um panfleto destes... não passa de um disparate ridículo.

A raiva de Lipútin rebentou, sentiu-se levado numa enxurrada.

— Se decidirmos divulgar panfletos deste gênero — disse com um tremor miúdo na voz —, faremos com que nos desprezem pela nossa estupidez e inépcia.

— Humm! Tenho opinião diferente. — Piotr Stepánovitch caminhava em passo firme.

— Pois a minha é esta. Foi o senhor quem o escreveu?

— Não tem nada com isso.

— Penso também que os versinhos *Alma luminosa* são a coisa mais reles que imaginar se possa e que nunca poderiam ter sido escritos por Herzen.

— Falso, a poesia é boa.

— Espanta-me também o fato — continuou Lipútin, saltitando e extasiando-se no fundo da sua alma — de nos proporem que ajamos de maneira que tudo falhe. Na Europa é que é assim, na Europa é que é natural desejar que falhe tudo, porque lá há proletariado, e nós aqui não passamos de uns amadores e, na minha opinião, a única coisa que fazemos é levantar pó.

— Pensava que o senhor era fourierista.

— Fourier não diz nada disso, nada disso.

— Mas que diz disparates, lá isso diz.

— Não, Fourier não diz disparates... Desculpe, mas não engulo essa de que haverá sublevação em maio.

De tanto calor que tinha, Lipútin até desabotoou o sobretudo.

— Bem, chega, e agora, antes que esqueça — desviou Piotr Stepánovitch o tema, com grande calma —, o senhor deve compor e imprimir pessoalmente esta folha. Desenterramos a tipografia de Chátov e, a partir de amanhã, o senhor encarrega-se dela. O senhor deverá imprimir, o mais rapidamente possível, o maior número de exemplares possível e, depois, distribuí-los durante todo o inverno. Receberá indicações da forma como irá fazê-lo. É necessário que seja o maior número possível de exemplares, porque vão pedi-los de outros lugares.

— Não, desculpe, não posso encarregar-me desta... Recuso-me.

— E, no entanto, vai encarregar-se, vai sim. Estou agindo por instrução do comitê central, e o senhor tem de obedecer.

— E eu acho que os nossos centros estrangeiros esqueceram a realidade russa e perderam toda a ligação com a Rússia, por isso estão apenas delirando. Penso, inclusivamente, que em vez das muitas centenas de grupos de cinco na Rússia, existimos apenas nós e que não há rede nenhuma — disparou Lipútin finalmente, ofegando.

— É tão desprezível da sua parte ter corrido atrás da causa sem acreditar nela... como está correndo atrás de mim como um cãozinho ignóbil.

— Não, senhor, eu não corro. Temos o pleno direito de o abandonar e de criar uma nova organização.

— Par-rvo! — estrondeou Piotr Stepánovitch, ameaçador, com os olhos cintilantes.

Ficaram parados frente a frente durante algum tempo. Depois, Piotr Stepánovitch virou-se e, com um ar convencido, continuou a andar.

Cintilou na cabeça de Lipútin, como um relâmpago: “Dou meia-volta e vou-me embora; se não der agora meia-volta, já nunca mais volto atrás”. Assim pensava ele durante o tempo de dez passadas, mas à décima primeira, acendeu-se-lhe a luz de uma nova e arrojada ideia: não deu meia-volta e não se foi embora.

Já tinham chegado ao prédio de Filíppov mas, ainda assim, meteram por uma viela ou, melhor, por um beco imperceptível ao longo do tapume, escorregando pelo declive abrupto da valeta, pelo que eram obrigados a agarrar-se ao tapume. No lugar mais escuro do tapume decrepito, Piotr Stepánovitch tirou uma tábuia solta: foi por essa passagem que ele se meteu; Lipútin, espantado, por lá se enfiou

também. Depois, puseram a tábua no lugar. Era a passagem secreta por onde o Fedka entrava para a casa de Kiríllov.

— O Chátov não deve saber que estamos cá — sussurrou Piotr Stepánovitch, severo.

III

Kiríllov, como sempre a esta hora, estava sentado no seu divã de couro tomando chá. Nem se soergueu, mas teve um estremecimento brusco e olhou, alarmado, para os visitantes.

— Não está enganado — disse Piotr Stepánovitch —, vim por aquela mesma razão.

— Hoje?

— Não, não, amanhã... mais ou menos a esta hora.

Apressou-se a sentar-se à mesa, lançando miradas inquietas a Kiríllov preocupado. Este, entretanto, acalmou-se e já retomava o seu ar habitual.

— Estes aqui não acreditam. Não está zangado por eu ter trazido o Lipútin?

— Hoje não estou, mas amanhã quero estar sozinho.

— Mas não antes de eu vir, por isso tem de ser na minha presença.

— Na sua presença, não.

— Lembre-se de que prometeu escrever e assinar tudo o que eu lhe ditasse.

— Tanto faz. Ficam muito tempo, agora?

— Tenho de ver uma pessoa dentro de meia hora, por isso tenha paciência, fico aqui esta meia hora.

Kiríllov não disse nada. Lipútin, entretanto, acomodou-se ao lado, debaixo do retrato do prelado. Aquela sua recente e arrojada ideia apoderava-se cada vez mais da sua mente. Kiríllov quase não lhe prestava atenção. Lipútin conhecia a teoria de Kiríllov e, antes, ria-se sempre dele; mas agora calava-se e olhava soturnamente à sua volta.

— Ora bem, eu não me recusaria a tomar um chazinho. — Piotr Stepánovitch aproximou-se da mesa. — Acabei de comer um bife e contava com o chá em sua casa.

— Faça o favor, tome.

— Dantes era o senhor mesmo quem mo oferecia — observou com algum azedume Piotr Stepánovitch.

— Tanto faz. Lipútin também.

— Não, eu... não posso.

— Não posso ou não quero? — Piotr Stepánovitch voltou-se rapidamente para ele.

— Não tomo chá na casa dele — recusou Lipútin com afetação. Piotr Stepánovitch carregou o sobrolho.

— Isso cheira-me a misticismo; que raio de gente são vocês todos, còs diabos!

Ninguém lhe respondeu, o silêncio durou um minuto.

— Mas de uma coisa tenho eu a certeza — acrescentou ele bruscamente —, nenhuns preconceitos impedirão que cada um de nós cumpra as suas obrigações.

— Stavróguin partiu? — perguntou Kiríllov.

— Partiu.

— Fez bem.

Os olhos de Piotr Stepánovitch faiscaram, mas conteve-se.

— Não me interessa o que pensa, o principal é cada um cumprir a sua palavra.

— Cumpro minha palavra.

— De resto, eu sempre tive a certeza de que o senhor cumpriria o seu dever, como homem independente e progressista que é.

— O senhor é ridículo.

— Pois que seja, tenho muito prazer em fazê-lo rir. Tenho sempre o prazer de agradar.

— Eu matar-me, o senhor deseja muito. De repente, medo que eu não o faça?

— Bem, como vê, o senhor mesmo juntou o seu plano com as nossas ações. Dando o seu plano como certo, já empreendemos algumas coisas, portanto o senhor já não pode recuar de maneira alguma porque nos colocaria numa situação difícil.

— Direito nenhum não há.

— Compreendo, compreendo, o senhor tem toda a liberdade, e nós não significamos nada para o senhor, mas é necessário que a sua liberdade de escolha se cumpra.

— E responsabilizar-me por todas porcarias vossas?

— Ouça, Kirílov, não estará já a acovardar-se? Se quer recuar, diga-o já.

— Acovardado não.

— Disse isto porque o senhor está fazendo perguntas a mais.

— Demoram muito aqui?

— Outra vez esta pergunta?

Kiríllov mediu-o com um olhar desdenhoso.

— Bem vê — continuou Piotr Stepánovitch, irritando-se e preocupando-se cada vez mais, o que não o deixava encontrar o tom adequado —, o senhor quer que eu me vá embora para ficar sozinho e se concentrar, mas tudo isso são sinais perigosos, em primeiro lugar para si mesmo. Quer pensar muito. Na minha opinião, é melhor não pensar, deixar correr. Palavra, preocupa-me muito.

— Nojento, para mim, apenas estar perto víbora como o senhor, naquele momento.

— Bem, não interessa. Se calhar, naquele momento, eu saio e fico à entrada do prédio. Se o senhor quer mesmo morrer, mas se isso lhe faz assim tanta diferença...então... é muito perigoso. Pronto, saio para a soleira, e o senhor imagine que eu não compreendo nada e que sou uma pessoa incomensuravelmente inferior ao senhor.

— Não, incomensuravelmente não, capacidades o senhor tem, mas muita coisa não compreende porque é ignóbil.

— Fico muito satisfeito, muito agradado. Já lhe disse que tenho sempre prazer em divertir os outros... num momento destes.

— Não compreende nada.

— Enfim, eu... em qualquer caso, ouço-o com respeito.

— Não pode nada. Mesmo agora, esconder raiva mesquinha não pode, mesmo que mostrá-la traz desvantagem para o senhor. Se me

irritar, posso querer meio ano mais.

Piotr Stepánovitch olhou para o relógio.

— Nunca compreendi nada da sua teoria, mas sei que não foi em nossa intenção que a inventou, portanto, será capaz de a concretizar também sem nós. Sei também que não foi o senhor quem devorou a ideia, mas a ideia que devorou o senhor. Logo, não adiará.

— Como? Ideia devorou-me?

— Sim.

— E não eu quem devorou ideia? Gosto disso. Tem algum pequeno intelecto. Mas quer gozar comigo. Mas eu tenho orgulho.

— Ótimo, ótimo. É disso que precisamos, que se orgulhe.

— Chega. Tomou chá, embora.

— Oh, c'os diabos, lá terá de ser — soergueu-se Piotr Stepánovitch. — Mas ainda é cedo. Ouça, Kirílov, vou encontrar-me com aquele homem em casa da Miasnítkhka, compreende? Ou será que também ela mentiu?

— Não encontra, ele está aqui, não lá.

— Aqui, como? Onde, c'os diabos?

— Na cozinha, a comer e beber.

— Mas como é que ele se atreveu? — Piotr Stepánovitch ficou vermelho de fúria.— Tinha a obrigação de esperar... absurdo! Não tem passaporte nem dinheiro.

— Não sei. Despedir-se, veio. Vestido e pronto. Vai e não volta. O senhor canalha, disse. Não quer esperar pelo dinheiro do senhor.

— Ele é isso! Tem medo de que eu... bem, mas eu posso acabar com ele também agora, se... Onde está ele, na cozinha?

Kirílov abriu a porta lateral que dava para um minúsculo quarto escuro. Era deste quarto, por três degraus, que se descia para a cozinha, diretamente para o cubículo, por trás da divisória, onde se encontrava a cama da cozinheira. Era aqui, num canto debaixo dos ícones, que estava sentado Fedka à mesa de tábuas toscas. Em cima da mesa, à sua frente, havia uma garrafa de meio litro, um prato com pão e uma tigela de barro com carne de vaca fria e batatas. Fedka comia sem pressas, calmamente, já meio embriagado, com a samarra vestida, pelos vistos pronto para partir. Por trás da divisória começava a ferver o samovar, mas não se destinava ao Fedka: o próprio Fedka, havia uma semana, todas as noites sem falhar, aquecia o samovar e fazia chá para Kirílov, porque “Aleksei Nílitich estava muito habituado a tomar chá de noite”. Também estou certo de que Kirílov, como não tinha cozinheira, fritara ainda de manhã a carne com batatas para Fedka.

— O que pensas que estás fazendo? — irrompeu por ali adentro Piotr Stepánovitch, descendo as escadas. — Por que não esperaste onde te mandei esperar?

E deu um murro forte na mesa.

Fedka assumiu um ar importante.

— Espera lá, Piotr Stepánovitch, espera lá — começou a falar, escandindo com garbo cada palavra —, primeiro, tens de perceber que está em honrosa visita em casa do Senhor Kirílov, Aleksei Nílitich, a quem tens de limpar as botas porque ele, em comparação contigo, é uma mente iluminada e tu não passas de um cuspo!

E cuspiu com brio para o lado, uma cuspidela seca. Estava ali à vista uma altivez, uma firmeza e um certo arrazoado afetadamente calmo e, até à primeira explosão, muito perigoso. Piotr Stepánovitch, no entanto, não estava para reparar em perigos, além de que o perigo não se coadunava com o seu modo de ser. Os acontecimentos e os azares

do dia tinham-lhe dado volta à cabeça... Lipútin espreitava com curiosidade do cubículo escuro, do alto dos três degraus.

— Queres ou não queres um passaporte seguro e uma boa maquia para ires para onde te foi dito? Sim ou não?

— Bem vês, Piotr Stepánovitch, andas a enganar-me desde o princípio, por isso, para mim, resulta que és um verdadeiro velhaco. A mesma coisa que um nojento piolho humano... é assim que te considero. Prometeste-me muito dinheiro pelo sangue de inocentes e juraste em nome do Senhor Stavróguin, do que resulta apenas desrespeito da tua parte. Eu não ganhei um tostão com isso, quanto mais mil e quinhentos rublos, e o Senhor Stavróguin ainda há pouco te deu umas bofetadas de que nós já temos aqui conhecimento. Agora voltas a ameaçar-me e a prometer-me dinheiro, mas não me dizes por que gênero de trabalho. Ora, eu desconfio cá na minha cabecinha que estás mandando-me para Petersburgo para te vingares do Senhor Stavróguin, Nikolai Vsevolodovitch, unicamente por raiva tua, contando com a minha credulidade. A partir daí, és tu o primeiro assassino. E sabes tu o que vales, logo por aquela razão de deixares de ter fé no próprio Deus, o Criador verdadeiro, pois és um depravado? És a mesma coisa que um idólatra, igualzinho a um tártaro ou a um mordovo.³⁰³ Aleksei Nílitch, sendo filósofo, muitas vezes te explicou o verdadeiro Deus, o Criador, e também a criação do mundo, e também os futuros destinos e a transformação de cada criatura e de cada bicho do livro do Apocalipse. Mas tu, como um ídolo inepto, persistes na tua surdez e na tua mudez, e aliciaste para isso mesmo o alferes Ertelev,³⁰⁴ como sedutor maldito chamado ateu...

— Seu focinho de bêbado! Descascas os ícones e depois vens pregar a fé em Deus!

— Vê tu, Piotr Stepánovitch, que eu digo-te a verdade e digo-te que sim, que descasquei os ícones; mas apenas lhes retirei as pérolas, e como podes tu saber se, perante o fogo do Todo-Poderoso, também a minha lágrima não se derramou naquele mesmo instante? É ofensa

para mim que sou um autêntico órfão que não tem sequer um abrigo indispensável. Sabias que uma vez, está escrito nos livros, que uma vez nos tempos antigos um comerciante, com o mesmo suspiro e a mesma oração, roubou uma pérola do nimbo da Santa Mãe de Deus, mas depois, ajoelhado e na presença do povo, devolveu toda a soma, depositando-a aos pés da Virgem? E a Mãe Protetora, diante de toda a gente, cobriu-o com o seu manto, pelo que aconteceu um milagre, e as autoridades mandaram inscrevê-lo, tal e qual, nos livros estatais. Mas tu meteste lá dentro o rato, isto é, profanaste o próprio dedo de Deus. Se não fosses o meu amo natural a quem eu, aindarapazola, transporte ao colo, dava agora por finda a tua vida, sem sair deste lugar.

Piotr Stepánovitch entrou numa fúria desmedida:

— Diz, viste hoje o Stavróguin?

— Não tens o direito de me interrogar. O Senhor Stavróguin, de certeza, é um espanto para ti, e não participou nem com o desejo, e ainda menos com uma ordem qualquer ou com dinheiro. Fazeres-me frente, a mim!

— Recebes o dinheiro, e mais dois mil no próprio local, em Petersburgo, todos de uma vez, e ainda mais.

— Estás mentindo, caríssimo, e, mesmo quando vejo a cabeça crédula que tu és, fazes-me rir. O Senhor Stavróguin, à tua beira, é como se estivesse no alto de uma escada, e tu cá embaixo a latires como um cãozinho estúpido, ao passo que ele acha honra demais para ti cuspir-te em cima.

— Sabes uma coisa? — Piotr Stepánovitch perdeu a cabeça. — Não te deixo dar nem mais um passo daqui, seu canalha, e entrego-te diretamente à polícia!

Fedka levantou-se de um salto, com os olhos a faiscarem. Piotr Stepánovitch sacou da pistola. Nisto, aconteceu uma cena rápida e abominável: antes de Piotr Stepánovitch apontar o revólver, Fedka

esquivou-se e bateu-lhe com força na face. Logo se seguiu outro soco terrível, depois um terceiro, um quarto, sempre na face. Piotr Stepánovitch ficou aturdido, esbugalhou os olhos, murmurou qualquer coisa e, de repente, tombou no chão.

— Aqui o têm, tomem-no! — gritou Fedka com um trejeito triunfal; pegou no boné, tirou a trouxa de baixo do banco e desapareceu. Piotr Stepánovitch rouquejava, inconsciente. Lipútin chegou mesmo a pensar que havia ali morte de homem. Kiríllov desceu apressadamente para a cozinha.

— Água! — gritou e, apanhando água do balde com uma concha de ferro, derramou-a sobre a cabeça de Piotr Stepánovitch. Este mexeu-se, levantou a cabeça, sentou-se, olhando em frente sem tino.

— Então, como está? — perguntou Kiríllov.

Verkhovênski olhava para ele fixamente, ainda sem o reconhecer; porém, ao ver Lipútin, que assomava a cabeça da cozinha, fez o seu sorriso nojento, deu um salto repentino, agachou-se e apanhou do chão o revólver.

— Se o senhor amanhã se lembrar de fugir, como o canalha do Stavróguin — atirou-se de súbito a Kiríllov, pálido, titubeando, atrapalhando-se na articulação das palavras —, hei de encontrá-lo nem que seja no fim do mundo... e enforco-o, esmago-o... como a uma mosca... entende?

Apontou o revólver à testa de Kiríllov; quase no mesmo instante, porém, voltou a si por completo, baixou o braço, guardou a arma no bolso e, sem dizer mais nada, correu para fora. Lipútin foi atrás dele. Saíram pela mesma abertura e voltaram a passar por cima da valeta em declive, agarrando-se ao tapume. Piotr Stepánovitch meteu rapidamente pela viela, mal conseguindo Lipútin acompanhá-lo. No primeiro cruzamento, Verkhovênski parou bruscamente.

— O que é? — virou-se, desafiador, para Lipútin.

Lipútin lembrou-se do revólver e ainda tremia da cena recente; porém, a resposta saiu-lhe da boca espontânea, irrefreável:

— Acho... acho que “de Smolensk a Tachkent não se espera com impaciência o tal estudante”.

— Viu o que o Fedka estava bebendo na cozinha?

— O que estava bebendo? Vodca, é claro.

— Fique então sabendo que bebeu vodca pela última vez na vida. Recomendo-lhe que se lembre disto para considerações posteriores. E agora vá pr'ó diabo, até amanhã não preciso do senhor... Mas cuidado: sem asneiras!

Lipútin correu para casa a sete pés.

IV

Havia muito que tinha preparado um passaporte com nome falso. Era incrível imaginar que este homenzinho cuidadoso, tiranete da família, apesar de tudo funcionário público (embora fourierista) e, finalmente e acima de tudo, capitalista e agiota, tivesse havia muitíssimo tempo a ideia fantástica de, para o que desse e viesse, arranjar um passaporte para se escapular para o estrangeiro *se...* admitindo a possibilidade deste *se!*, embora, evidentemente, sem nunca ser capaz de formular o que poderia concretamente significar este *se...*

Este *se*, porém, formulava-se agora por si mesmo e da forma mais inesperada. A tal ideia arrojada com que entrara em casa de Kiríllow, depois de ter ouvido o acinte de “parvo” da boca de Piotr Stepánovitch na calçada, consistia em, logo no dia seguinte, largar e expatriar-se para o estrangeiro! Quem não acredita que estas fantásticas coisas acontecem no nosso cotidiano, mesmo nos nossos tempos, consulte as biografias de todos os atuais emigrados russos. Nenhum deles fugiu de

maneira mais inteligente e sensata. É tudo o mesmo mar desenfreado de fantasmas, mais nada.

Ao chegar a casa, começou por fechar a porta à chave, tirar o saco de viagem e começar a enchê-lo convulsamente. A sua principal preocupação era o dinheiro, quanto poderia e como poderia salvar. Salvar, precisamente, porque, de acordo com as suas considerações, não podia perder nem uma hora e, antes do amanhecer, já devia estar a caminho. Também não sabia de que maneira se meter no trem; decidiu, vagamente, que o apanharia na segunda ou terceira estação grande depois da cidade, nem que tivesse de chegar lá a pé. Assim, instintiva e maquinalmente, com todo um turbilhão de ideias na cabeça, atarefava-se com o saco e... de repente parou, largou tudo e, com um gemido profundo, estendeu-se no divã.

Sentia claramente, e depois tomou a consciência repentina disso, que fugiria, sim, mas também que era incapaz de decidir se o faria *antes* ou *depois* de Chátov. Agora sentia-se apenas um corpo bruto, insensível, uma massa inertes movida por uma terrível força exterior, e que, embora tivesse o passaporte para ir para o estrangeiro, embora pudesse fugir de Chátov (senão, para que precisava de se apressar tanto?), não fugiria com certeza *antes* de Chátov, antes *daquilo* de Chátov, mas *depois* de Chátov, e que isso já estava decidido, assinado e selado. Numa aflição insuportável, tremendo a cada instante e espantando-se consigo mesmo, gemendo e forçando-se a não gemer alternadamente, aguentou sem saber como, fechado no quarto e prostrado no divã, até às onze da manhã do dia seguinte, e foi então, de repente, que lhe deu o impulso tão esperado que dirigiu a sua decisão. Às onze da manhã, mal abriu a porta e se juntou à família, soube por ela que o bandido, o grilheta fugido de nome Fedka, que aterrorizava toda a gente e assaltava igrejas, o recente assassino e incendiário que a nossa polícia procurava e nunca mais apanhava, tinha sido encontrado morto ao amanhecer, a sete verstas da cidade, na viragem da estrada para o caminho vicinal de Zakhárino, e que já se falava disso em toda a cidade. Lipútin saiu de casa precipitadamente para ir indagar sobre os pormenores e soube, em primeiro lugar, que

Fedka tinha sido encontrado com a cabeça esmagada, tudo indicando que houvera assalto; segundo, que a polícia já tinha fortes suspeitas e até algumas provas credíveis para poder concluir que o homicida tinha sido Fomka, operário da fábrica dos Chpigúlin, o mesmo que foi seu cúmplice quando ambos mataram os Lebiádkin e lhes tentaram pegar fogo à casa, e que a dissidência entre eles acontecera já no caminho de volta por causa do muito dinheiro roubado a Lebiádkin, dinheiro que Fedka, supostamente, escondera... Lipútin correu à casa de Piotr Stepánovitch e conseguiu inteirar-se à socapa, na entrada de serviço, que Piotr Stepánovitch voltara a casa cerca de uma da manhã e dormira sossegadamente no seu quarto até às oito. Sem dúvida que na morte do bandido Fedka nada havia de invulgar e que tais fins de carreira são os mais frequentes entre as pessoas que seguem este modo de vida, mas a coincidência das palavras fatais de que Fedka, naquela noite, “bebera a sua última vodca”, com o cumprimento imediato da profecia era tão eloquente que Lipútin, de chofre, deixou de hesitar. O impulso tinha sido dado; era como se um pedregulho lhe caísse em cima e ficasse oprimindo-o para sempre. Voltando a casa, com o pé empurrou silenciosamente o saco para debaixo da cama, e à noite, à hora marcada, foi o primeiro a comparecer no lugar combinado para o encontro com Chátov, embora continuasse com o passaporte no bolso...

5 - A viajante

I

A catástrofe com Lisa e a morte de Mária Timoféevna esmagaram Chátov. Mencionei que o encontrara de passagem naquela manhã e que não me parecera bom da cabeça. Disse-me também, a propósito, que cerca das nove da noite da véspera (três horas antes do incêndio, portanto) visitara Mária Timoféevna. De manhã, fora ver os corpos mas, tanto quanto sei, não prestara qualquer depoimento à polícia. Entretanto, até à noite, rebentou-lhe na alma toda uma tempestade e... acho que posso afirmar que à hora do crepúsculo houve um momento em que ele quis levantar-se, sair e... ir denunciar tudo. O que significava este *tudo* — ele é que sabia. É evidente que não conseguiria nada, apenas se denunciaria a si próprio. Não tinha quaisquer provas para desmascarar o crime recente, mas apenas suposições muito vagas a este respeito que só para ele tinham o caráter de plenas certezas. Estava pronto, no entanto, a cavar a sua própria sepultura e a “esmagar os canalhas” (palavras dele). Piotr Stepánovitch, em parte, pressentiu corretamente este impulso de Chátov e sabia que arriscava muito ao adiar a execução do seu plano sinistro até ao dia seguinte. Da parte de Verkhovênski, neste caso, havia no entanto (como sempre, aliás) muita presunção e muito desprezo por essa “gentalha”, sobretudo pelo Chátov. Havia muito que desprezava Chátov pela sua “idiotice lamuriosa”, como se lhe referia ainda no estrangeiro, e tinha a firme esperança de dominar um homem tão simplório, ou seja, de não o perder de vista durante todo esse dia e de lhe cortar o caminho mal detectasse o primeiro gesto perigoso da parte dele. Entretanto, o que salvou os canalhas por mais algum tempo, curto, foi uma circunstância súbita, de modo algum prevista por eles...

Cerca das oito da tarde (precisamente à hora em que os nossos se reuniam em casa de Erkel e, indignados e nervosos, estavam à espera de Piotr Stepánovitch), Chátov, com dores de cabeça e arrepios ligeiros, estava estendido na sua cama, na escuridão, pois tinha a vela apagada; torturava-o a indecisão, enraivecia-se, encarava várias decisões e nunca mais chegava a nenhuma definitiva, tinha o pressentimento, por entre maldições, de que aquilo não daria qualquer resultado. Pouco a pouco, mergulhou numa modorra ligeira e teve uma espécie de pesadelo: sonhou que, deitado na cama, umas cordas emaranhadas o amarravam e que não conseguia mexer-se, ouvindo-se entretanto por toda a casa as pancadas terríveis que estavam dando na cerca, no portão, na sua porta, no anexo de Kirílov, e que faziam tremer toda a casa, enquanto uma voz longínqua, familiar mas torturante, lastimosa, chamava por ele. Acordou de repente e soergueu-se na cama. Para seu espanto, as pancadas no portão continuavam, e embora não fossem tão fortes como pareciam no sonho, eram persistentes, e a voz estranha e “torturante”, apesar de não ser lastimosa mas impaciente e irritada, continuava a ouvir-se embaixo, ao portão, alternando com outra voz, mais reservada e vulgar. Saltou da cama, abriu a trapeira e assomou a cabeça.

— Quem é? — gritou, gelado de medo.

— Se o senhor for Chátov — responderam-lhe de baixo com firmeza e rispidez —, faça o favor de responder frontal e honestamente se quer deixar-me entrar ou não!

Era verdade: reconheceu a voz!

— *Marie...* És tu?

— Sou, sou Mária Chátova e asseguro-lhe que não posso retardar o cocheiro nem mais um minuto.

— Já vou... só pego numa vela... — gritou Chátov, mas a voz esmorecia-lhe. Depois, atarefou-se à procura de fósforos. Os fósforos, como era costume nestes casos, nunca apareciam. Deixou cair no chão

o castiçal com a vela e, quando voltou a ouvir embaixo a voz impaciente, largou tudo e correu pelas íngremes escadas abaixo para abrir a cancela.

— Faça o favor, segure o saco enquanto pago a este imbecil — assim o recebeu embaixo a Senhora Mária Chátova, metendo-lhe nas mãos um saco bastante leve de lona, barato, com rebites de bronze, fabricado em Dresden. Depois atirou-se com irritação ao cocheiro: — Devo dizer-lhe que o senhor cobra demasiado. Se me arrastou durante uma hora por estas ruas porcas, a culpa é sua, porque não sabia onde ficava esta rua maldita e esta casa idiota. Tome os seus trinta copeques e garanto-lhe que não leva mais.

— Eh, minha ama, a senhora é que me indicou a Rua Voznessênskaia, mas esta é a Bogoiavlênskaia; a ruela Voznessênskaia é muito longe daqui. Só esfalfamos o cavalo.

— Voznessênskaia, Bogoiavlênskaia... tem de conhecer melhor do que eu todos estes nomes estúpidos porque é habitante desta cidade. Além disso, não tem razão: em primeiro lugar, falei-lhe do prédio de Filíppov, e ficou assente que o senhor o conhecia. Em qualquer caso, amanhã pode apresentar queixa contra mim ao juiz de paz, mas agora peço que me deixe em paz.

— Tome lá mais cinco copeques! — Chátov tirou uma moeda do bolso e deu-a ao cocheiro.

— Por favor, peço-lhe, não se atreva a fazer isso! — explodiu Madame Chátova, mas o cocheiro já espicaçava o cavalo, e Chátov, puxando-a pelo braço, fazia-a franquear o portão.

— Depressa, *Marie*, depressa... isso não tem importância e... estás toda encharcada! Cuidado, há aqui uns degraus, a subir... é pena não haver fogo... a escada é íngreme, segura-te bem, segura-te... já chegamos, é aqui o meu cubículo. Desculpa, não tenho luz... Espera!

Apanhou o castiçal do chão, mas demorou a encontrar os fósforos. A Senhora Chátova esperava de pé no meio do quarto, sem se mexer.

— Até que enfim, graças a Deus! — exclamou Chátov com alegria, alumiando o cubículo. Mária Chátova deu uma olhadela rápida pelo local.

— Disseram-me que o senhor vivia pessimamente, mas nunca pensei que fosse tanto — disse ela, enojada, e dirigiu-se à cama. — Oh, estou cansada! — E sentou-se com um ar extenuado em cima da cama dura. — Por favor, pouse o saco e sente-se na cadeira. Aliás, faça o que quiser, mas como está aí especado à minha frente... Fico consigo provisoriamente, até arranjar emprego, porque não conheço nada aqui e não tenho dinheiro. Mas se o incomodo, faça o favor de me dizer imediatamente, é a sua obrigação de homem honesto. Seja como for, amanhã posso vender alguma coisa e pagar o hotel, mas terá de me acompanhar até ao hotel... Oh, estou tão cansada!

Chátov tremeu todo.

— Não é preciso, *Marie*, não é preciso ires para o hotel! Qual hotel? Por quê?

Juntou as mãos numa súplica.

— Bem, se for possível prescindir do hotel, em qualquer caso é necessário esclarecer as coisas. Lembre-se, Chátov, de que vivemos maritalmente em Genebra pouco mais do que duas semanas e que já estamos separados há três anos, sem grande conflito, aliás. Não pense que voltei para recomeçar a fazer alguma das antigas asneiras. Voltei para procurar trabalho, e se vim diretamente para esta cidade, fi-lo apenas porque me é indiferente. Não estou aqui para me arrepender seja do que for, por isso não pense também em semelhante disparate.

— Oh, *Marie*! Não vale a pena, não vale a pena! — murmurava Chátov.

— Se for assim, e se o senhor estiver suficientemente desenvolvido para perceber também isso, tomo a liberdade de acrescentar que, se me dirigi precisamente ao senhor e se vim a sua casa, foi, em parte, porque nunca o considereirei um canalha, ou talvez o tenho mesmo considerado uma pessoa melhor do que os outros... canalhas!...

Os olhos dela faiscaram. Sofrera por certo muita coisa por culpa de alguns “canalhas”.

— E, por favor, pode ter a certeza de que, quando disse que o senhor era bondoso, não estava gozando consigo. Falava com frontalidade, sem retórica, coisa que, aliás, detesto. Mas não interessa. Sempre tive a esperança de que o senhor fosse esperto o bastante para não me incomodar... Oh, chega, estou cansada!

E lançou-lhe um olhar longo, extenuado. Chátov estava postado a cinco passos dela e ouvia-a timidamente, mas com uma esperança nova, com um brilho invulgar na cara. Este homem forte e ríspido, sempre eriçado, desanuviou-se logo, abrandou. Qualquer coisa extraordinária, inesperada, lhe fez estremecer a alma. O casamento destruído eos três anos de separação não lhe desalojaram nada do coração. Talvez, durante os três anos, tivesse sonhado todos os dias com ela, o seu ser querido, que outrora lhe dissera “amo-te” uma vez. Conheço o Chátov e posso garantir com toda a convicção que ele nunca ousaria sequer ter o sonho de alguma mulher lhe dizer “amo-te”. Era casto e pudico até à selvageria, considerava-se monstruosamente feio, odiava o seu rosto e o seu caráter, achava-se um monstro que apenas nas feiras se podia exhibir. Em consequência, apreciava acima de tudo a honestidade e agarrava-se às suas convicções até ao fanatismo, era sombrio, orgulhoso, irritadiço e taciturno. E agora, ei-la — a única criatura que gostou dele durante duas semanas (ele sempre, sempre acreditou nisso!), uma criatura que sempre considerou superior a si mesmo, apesar de perceber nitidamente os erros dela; uma criatura a quem Chátov era capaz de perdoar absolutamente tudo (este problema nem se lhe colocava, existindo mesmo um fenômeno de sinal contrário que fazia com que, no seu entender, ele próprio fosse

culpado para com ela) —, ei-la, esta mulher, esta Mária Chátova, ei-la de novo, subitamente, na casa dele, de novo à frente dele... uma coisa quase impossível de entender! Estava tão emocionado, havia neste acontecimento qualquer coisa de tão terrível significado e, ao mesmo tempo, tanta felicidade que, por certo, ele não podia, ou talvez não quisesse, cair em si. Era um sonho. E quando ela o olhou com aquele longo olhar extenuado, compreendeu de repente que esta criatura tão amada sofria e, se calhar, estava sob o império da ofensa. Esmoreceu-lhe o coração. Perscrutou, em sofrimento, os traços dela: o rosto cansado perdera havia muito o brilho da primeira juventude. Na verdade, ainda era bonita — aos olhos dele, era uma beldade como dantes. (Na realidade, era uma mulher dos seus vinte e cinco anos, de compleição bastante robusta, de estatura acima da média — mais alta do que o próprio Chátov —, com um cabelo espesso de cor ruça carregada, o rosto ovalado, pálido, uns grandes olhos escuros, de momento com um brilho febril). Contudo, à sua antiga energia leviana, ingênua e simplória, tão familiar a Chátov, substituía-se agora por uma irritabilidade soturna, por uma desilusão, por um quase cinismo a que ela própria ainda não se habituara e que lhe era penoso. Mas, antes do mais, estava doente — isso percebeu-o Chátov claramente. Apesar do medo que lhe tinha, aproximou-se dela e pegou-lhe nas mãos:

— *Marie...* sabes... talvez estejas muito cansada, não te zangues... Não gostarias de tomar, digamos, um chá, queres? O chá reconforta muito, não é? Se aceitares!...

— Aceitar... por que não? É evidente que aceito, que criança o senhor continua a ser! Se puder, dê-mo cá. Há aqui tão pouco espaço! Mas que fria é a casa!

— Oh, é para já, eu trago lenha, lenha... tenho lenha! — atarefou-se Chátov. — Lenha... ou seja, mas... aliás, também o chá. — Abanou a mão, como se tivesse tomado uma decisão arrojada, e pegou no boné.

— Aonde vai? Então não tem chá em casa?

— Vai haver, vai haver, agora mesmo, tudo... eu... — Tirou o revólver da prateleira. — Vou vender este revólver... ou empenhá-lo...

— É um disparate! Já viu quanto tempo isso vai demorar?! Tome, pegue lá o meu dinheiro, já que não tem nenhum, são oitenta copeques, parece... é tudo. Isto aqui parece um manicômio.

— Não, não preciso do teu dinheiro, eu já volto, é um instante, também posso arranjar algum sem o revólver...

E correu à casa de Kirílov. Tudo isto se deve ter passado umas duas horas antes da visita de Piotr Stepánovitch e Lipútin a Kirílov. Chátov e Kirílov, vizinhos do mesmo prédio, quase nunca se viam; quando, por acaso, se encontravam, não se cumprimentavam nem falavam um com o outro: tinham passado demasiado tempo “deitados” lado a lado na América.

— Kirílov, o senhor tem sempre chá; tem chá e samovar?

Kirílov, que andava pelo quarto (como era seu hábito, passava a noite a passear de um canto ao outro do quarto), parou bruscamente e pôs-se a olhar com atenção quemassim irrompera por ali adentro, sem grande espanto, aliás.

— Chá, açúcar, também samovar. Samovar não precisa, chá está quente. Sente-se, tome.

— Kirílov, estivemos deitados na América juntos... Chegou a minha mulher a minha casa... Eu... Dê-me chá... Preciso de samovar.

— Veio mulher, necessita samovar. Samovar depois. Tenho dois. Agora, bule, em cima da mesa. Quente, bem quente. Leve tudo. Açúcar, todo. Pão... muito pão, todo. Carne, vitela. Dinheiro, um rublo.

— Dê cá, amigo, amanhã devolvo! Ah, Kirílov!

— Mulher, aquela da Suíça? Bem. Entrar assim, muito bem.

— Kiríllov! — disse Chátov, segurando o bule debaixo do braço e pegando com as mãos no açúcar e no pão. — Kiríllov! Se o senhor... se pudesse desistir das suas fantasias terríveis e abandonar o seu delírio ateísta... oh, que homem seria, Kiríllov!

— Gosta da mulher depois da Suíça, vê-se. Bem, ser depois da Suíça. Necessita chá, venha. Qualquer hora da noite, não durmo. E samovar. Tome rublo. Vá ter com mulher, vou pensar no senhor e na mulher.

Mária Chátova, pelos vistos, ficou contente com a rapidez e pôs-se a beber o chá avidamente, mas não foi preciso ir buscar o samovar: bebeu apenas meia xícara e engoliu um pedacinho minúsculo de pão. Recusou a carne, irritada e enojada.

— Estás doente, *Marie*, tudo o que fazes é da doença... — observou timidamente Chátov, servindo-a com delicadeza.

— Bem sei que estou doente. Sente-se, por favor. Não tinha chá, onde o arranjou?

Chátov contou-lhe do Kiríllov, resumidamente. Mária já ouvira falar um poucodele.

— Sei que ele é maluco, mas agora basta, parvos não faltam. Então, esteve na América? Ouvi falar disso, e o senhor escreveu.

— Sim... escrevi para Paris.

— Basta, fale de outra coisa qualquer. O senhor é partidário dos eslavófilos?

— Eu... não sou bem... Por não ter a possibilidade de ser russo, tornei-me eslavófilo — disse com um sorriso franzido, mais um trejeito de pessoa que tivesse forçado uma piada sem jeito.

— Então, não é russo?

— Não, não sou.

— Disparate. Sente-se, finalmente, peça-lhe. Por que não para quieto? Acha que estou delirando? Bem, talvez ainda comece a delirar. Diz que neste prédio moram apenas vocês dois?

— Os dois... embaixo...

— E ambos muito inteligentes. Embaixo o quê? Disse: embaixo.

— Nada, nada.

— Nada o quê? Quero saber.

— Quis apenas dizer que agora somos só nós dois, mas antes viviam embaixo os Lebiádkin...

— É aquela que foi degolada esta noite? — estremeceu ela repentinamente. — Ouvi falar. Mal cheguei ouvi logo isso. Houve um incêndio, não foi?

— Sim, *Marie*, e talvez eu esteja fazendo agora uma grande ignomínia poupando os canalhas... — Chátov levantou-se bruscamente e pôs-se a andar pelo quarto, levantando as mãos em gestos de fúria.

Marie não o entendeu. Ouvia, distraída, as respostas dele, perguntava mais do que ouvia as respostas.

— Lindas coisas se passam aqui. Oh, é tudo uma canalhice! Que canalhas são todos! Mas sente-se, por fim, peça-lhe, oh, como me irrita! — E, extenuada, reclinou a cabeça sobre a almofada.

— Está bem, *Marie*, está bem... Talvez te queiras deitar, *Marie*?

Ela não respondeu e, sem forças, fechou os olhos. O seu rosto branco parecia o de uma morta. Adormeceu quase num instante. Chátov

olhou à sua volta, endireitou a vela, olhou mais uma vez para o rosto dela, com preocupação, cerrou os punhos e, na ponta dos pés, saiu para o vestíbulo. No alto das escadas, apoiou a cabeça a uma esquina e ficou assim dez minutos, imóvel e silencioso. Ficaria assim mais tempo ainda se, embaixo, não tivesse ouvido passos cautelosos e lentos. Alguém subia a escada. Chátov lembrou-se de que se esquecera de fechar a cancela.

— Quem é? — perguntou num sussurro.

O visitante desconhecido, sem responder e sem pressa, continuava a subir. Quando chegou ao cimo, parou; era impossível distinguir-lhe o rosto na escuridão. De repente, ouviu a sua pergunta cautelosa:

— É Ivan Chátov?

Chátov confirmou, mas estendeu logo o braço para o fazer parar; o homem, porém, agarrou na mão de Chátov e... Chátov estremeceu como se um réptil horrendo lhe tivesse tocado.

— Fique aqui — sussurrou apressadamente —, não entre, não posso recebê-lo agora. A minha mulher voltou. Vou buscar uma vela.

Quando voltou com a vela, viu um jovem oficial; Chátov, embora já o tivesse visto em qualquer lado, não o conhecia pelo nome.

— Erkel — apresentou-se o oficial. — O senhor viu-me em casa de Virguínski.

— Lembro-me, o senhor não parou de escrever. Ouça — explodiu de repente Chátov, avançando com frenesi contra ele, mas continuando a falar em sussurro —, acabou de me dar um sinal quando me agarrou na mão. Mas fique sabendo que eu posso mandar pr'ó diabo todos esses sinais! Não reconheço... não quero... Posso atirá-lo agora pelas escadas abaixo, sabia?

— Não, não sei nada disso nem compreendo de modo algum porque ficou tão zangado — respondeu o visitante sem rancor e quase ingenuamente. — Eu devo apenas transmitir-lhe uma coisa e vim cá apenas para isso. Sobretudo, não quero perder muito tempo. Tem uma máquina tipográfica que não lhe pertence e pela qual é responsável, como sabe. Tenho ordem de exigir que a entregue amanhã mesmo a Lipútin, às seteda tarde em ponto. Além disso, devo comunicar-lhe que nunca mais lhe será exigidonada.

— Nada?

— Absolutamente. O seu pedido será satisfeito: o senhor fica afastado para sempre. Tenho a ordem clara de lhe comunicar isto.

— Ordem de quem?

— Daqueles que me revelaram o sinal.

— O senhor veio do estrangeiro?

— É... é indiferente para si, acho eu.

— Eh, raios! Mas, tendo esta ordem, por que não veio antes?

— Cumpria certas instruções e não estava sozinho.

— Compreendo, compreendo que não estava sozinho. Eh... raios! Mas por que não veio o próprio Lipútin?

— Portanto, venho buscá-lo amanhã às seis em ponto, e iremos lá a pé. Não haverá mais ninguém além de nós três.

— E Verkhovênski?

— Não, não vai estar lá. Verkhovênski vai-se embora amanhã de manhã, às onze.

— Já sabia — sussurrou Chátov com fúria, e bateu na anca com o punho —, foge, o canalha!

Ficou pensativo, emocionado. Erkel olhava fixamente para ele, calado, à espera.

— Mas como é que a levam? Porque é impossível levá-la de uma só vez.

— Nem será necessário. O senhor apenas vai indicar o lugar, e nós apenas verificaremos se, de fato, ela está lá. É que só sabemos vagamente onde ela está, não conhecemos o local exato. Não mostrou o lugar a mais ninguém?

Chátov lançou-lhe cá um olhar.

— O senhor, o senhor, tão garoto ainda... um garoto tão estúpido... também se atirou a isto de cabeça, como um carneiro? Eh, é deste sumo, aliás, que eles precisam! Então ele vai-se embora! Eh! Aquele velhaco enganou-vos todos e fugiu.

Erkel olhava para ele com os olhos límpidos e calmos, como se não percebesse.

— O Verkhovênski fugiu, o Verkhovênski! — Chátov rangeu os dentes com fúria.

— Mas ele ainda cá está, ainda não se foi embora, só parte amanhã — observou Erkel brandamente mas com muita convicção. — Convidei-o com insistência a ser testemunha; as minhas instruções foram endereçadas a ele — confidenciou, como rapaz novinho e inexperiente que era. — Infelizmente, ele não aceitou, com o pretexto da sua partida; de fato, está com muita pressa, não sei por quê.

Chátov voltou a erguer os olhos para o simplório, com compaixão, mas de repente abanou a mão, como se pensasse: “Valerá a pena lamentá-lo?”

— Está bem, eu vou lá — decidiu. — E agora, rua, anda!

— Portanto, estarei aqui às seis em ponto. — Erkel fez-lhe uma vênica educada e começou a descer as escadas, sem pressas.

— Parvinho! — gritou-lhe de cima Chátov, não se contendo.

— O quê? — perguntou o outro, já no fundo das escadas.

— Nada, adeus.

— Pareceu-me que disse alguma coisa.

II

Erkel era daqueles “parvinhos” a quem faltava a inteligência global, sim, mas não deixava de ser dotado da pequena esperteza, de subordinação, que nele chegava até à manha. Fanática e infantilmente abnegado à “causa comum”, mas, no fundo, a Piotr Verkhovênski, agia de acordo com a instrução que este lhe dera na altura da reunião dos *nossos* em que foram distribuídas as tarefas para o dia seguinte. Piotr Stepánovitch, ao reservar-lhe o papel de mensageiro, falou com ele a sósdurante dez minutos. Executar ordens era uma necessidade desta mente estreita, desta natureza insignificante, com a ânsia de se submeter a uma vontade alheia — oh, é claro que julgava fazê-lo apenas em nome da “causa comum”, da “grande causa”. Não que a causa tivesse na verdade qualquer importância, até porque estes pequenos fanáticos são incapazes de compreender o serviço pela ideia, a não ser fundindo-a com uma personalidade que, na percepção deles, exprime tal ideia. O sensível, carinhoso e bondoso Erkel era talvez o mais insensível dos assassinos que conspiravam contra Chátov e, sem qualquer ódio pessoal, presenciaria sem pestanejar a morte de Chátov. Foi-lhe ordenado, a propósito, que ao cumprir a sua missão examinasse também o ambiente em que se encontrava Chátov, e quando Chátov, recebendo-o nas escadas, revelou, febril, que a sua mulher voltara, muito provavelmente sem dar por isso sequer, não

faltou a Erkel a esperteza instintiva de não manifestar a mínima curiosidade, apesar de lhe ter relanceado na mente que o fato de a mulher de Chátov ter regressado podia contribuir muito para o êxito da missão deles...

No fundo, isso foi verdade: só este fato salvou os “canalhas” da intenção de Chátov, ajudando-os ao mesmo tempo a “desfazer-se” dele... Em primeiro lugar, a chegada da mulher emocionou Chátov, desequilibrou-o, privou-o da sua habitual perspicácia e prudência. A última ideia que lhe podia passar pela cabeça, ocupada com outras coisas, era velar, agora, pela sua segurança pessoal. Por outro lado, acreditou de imediato que Piotr Verkhovênski fugiria no dia seguinte, o que coincidia plenamente com as suas suspeitas! Quando voltou ao quarto, sentou-se de novo num canto, apoiou os cotovelos nos joelhos e tapou a cara com as mãos. Atormentavam-no pensamentos amargos...

De vez em quando erguia a cabeça, levantava-se e, na ponta dos pés, aproximava-se dela: “Meu Deus! Amanhã mesmo desencadeiam-se-lhe as febres, logo de manhã, se não as tem já! É claro que apanhou frio. Não está habituada a este clima terrível, e agora o trem, o vagão da terceira classe, o vento, a chuva, e vestida com este casaquinho tão leve, sem roupa nenhuma na bagagem... Como é possível abandoná-la assim, deixá-la sem ajuda? E o saco... um saco tão pequenino, quase vazio, não pesa mais de dez libras! Pobrezinha, como está extenuada, o que ela tem sofrido! É orgulhosa, por isso não se queixa. Mas está irritada, irritada! É por causa da doença: com a doença até os anjos ficam irritadiços. Como a testa dela deve estar seca e quente, que olheiras escuras ela tem e... e, no entanto, como são belos os contornos deste rosto e este cabelo espesso, como...”

Então, apressava-se a desviar os olhos, a afastar-se, como se temesse até a simples ideia de ver nela alguma coisa mais do que uma criatura desgraçada, extenuada, a precisar de ajuda... “Num momento destes, de que *esperanças* se podia pensar? Oh, que vil, que ignóbil é o ser humano!”. E voltava para o seu canto, sentava-se, tapava o rosto com as

mãos e de novo sonhava, recordava... e de novo voltavam à sua mente as esperanças.

“Oh, estou cansada, oh, que cansada!”, recordava as exclamações dela, a voz fraca, quebrada. “Meu Deus! Abandoná-la neste estado... tem apenas oitenta copeques; e ofereceu-me o porta-moedas dela, velhinho, pequenino! Veio para arranjar emprego... o que sabe ela de emprego, o que sabem eles da Rússia? São como crianças caprichosas, tudo o que têm são fantasias criadas por eles próprios; e está zangada, a pobre, por a Rússia não ser parecida aos sonhozinhos estrangeiros deles! Oh, desgraçados, oh, ingênuos!... Mas de fato está muito frio aqui...”

Lembrou-se de que ela se queixara e de que tinha prometido acender o fogão. “A lenha está por aí, posso trazê-la, com cuidado para não acordar. Bem, é possível. E o que faço com a carne de vitela? Quando acordar, talvez queira comer... Mas isso depois, o Kiríllov não dorme toda a noite. Com que poderei agasalhá-la? Dorme profundamente mas deve ter frio, ah, que frio!”

E foi mais uma vez olhar para ela: o vestido arregaçara-se um pouco, a perna direita estava à mostra até ao joelho. Virou-lhe as costas, quase assustado, despiu o seu sobretudo quente e, ficando apenas com a sua sobrecasaca velha no corpo, cobriu-lhe a nudez, tentando não olhar.

Sem fazer barulho, acendeu o fogão, depois ia olhar para a mulher a dormir, sonhava no seu canto, ia olhar mais uma vez para ela — e assim se passou muito tempo, duas ou três horas. Foi neste espaço de tempo que Kiríllov foi visitado por Verkhovênski e Lipútin. Por fim, no seu canto, Chátov também mergulhou na modorra. Ouvia o gemido dela: ela acordava, chamava-o. Deu um salto, sentindo-se um criminoso.

— *Marie!* Adormeci... Ah, que canalha eu sou, *Marie!*

Ela soergueu-se na cama, olhando em volta com espanto, não percebendo logo onde estava e, de repente, arrufou-se toda, com

indignação, com ira:

— Ocupei a sua cama e adormeci por cansaço, sem querer. Como se atreveu a não me acordar? Como se atreveu a pensar que eu quero ser um fardo pesado para o senhor?

— Como podia acordar-te, *Marie*?

— Não podia, devia! Não tem outra cama, e eu ocupei a sua. Não devia pôr-me numa situação falsa. Ou pensa que vim para me aproveitar da sua caridade? Faça o favor de ocupar imediatamente a sua cama, e eu deito-me no canto, faço uma cama com as cadeiras...

— *Marie*, não há tantas cadeiras como isso, e também não há nada para fazer a cama.

— Então, deito-me simplesmente no chão, não quero que seja o senhor a dormir no chão. Quero no chão, já, já!

Levantou-se; quis dar um passo mas, de repente, uma fortíssima dor espasmódica privou-a de uma vez de todas as forças e de toda a firmeza e, com um gemido alto, voltou a tombar para cima da cama. Chátov precipitou-se para ela, e *Marie*, escondendo o rosto na almofada, agarrou-se-lhe à mão e começou a apertá-la e a torcê-la com toda a força. Continuou assim durante um minuto.

— *Marie*, querida, se for preciso, há aqui um médico, o Doutor Frenzel, meu conhecido... Posso ir buscá-lo.

— Disparate!

— Disparate o quê? Diz, *Marie*, o que te dói? Ou umas compressas... talvez na barriga, por exemplo... Posso fazê-lo sem o doutor... Ou emplastos de mostarda.

— O que é isto? — perguntou ela de modo estranho, levantando a cabeça e olhando com susto para ele.

— Isto o quê, *Marie*? — não entendeu Chátov. — De que estás falando? Oh, meu Deus, estou confuso de todo, *Marie*, desculpa não entender nada.

— Eh, deixe-me em paz, não tem nada que entender. Também seria muito ridículo... — sorriu com amargura. — Fale comigo de qualquer coisa. Ande pelo quarto e fale, não fique aqui ao pé de mim olhando, sobretudo isso, peço-lhe pela quingentésima vez!

Chátov pôs-se a andar pelo quarto, com os olhos no chão e tentando, com todas as forças, não olhar para ela.

— Aqui (não te zangues, *Marie*, imploro-te), aqui há carne de vitela, perto, e chá... Comeste tão pouco...

Ela abanou a mão com nojo e raiva. Chátov, desesperado, calou-se.

— Ouça, tenciono abrir aqui uma oficina de encadernação, nos princípios associativos racionais. Como o senhor vive cá, o que acha: será possível?

— Eh, *Marie*, aqui ninguém lê livros, não há livros nenhuns. Além disso, achas que ele vai mandar encadernar um livro?

— Ele, quem?

— O leitor daqui, o habitante local, *Marie*.

— Então fale de modo mais claro, e não assim... Ele, mas quem ele é, não se sabe. Não sabe a gramática.

— Está no espírito da língua, *Marie* — murmurou Chátov.

— Ah, vá pr'ò diabo com o seu espírito, estou farta. Por que é que o leitor ou o habitante local não há de querer encadernar os livros?

— Porque ler o livro e encadernar o livro pertencem a duas etapas de desenvolvimento muito distintas. Primeiro, pouco a pouco, habitua-se

a ler, durante séculos, evidentemente, mas estraga o livro, trata-o mal, considerando-o uma coisa sem importância. A encadernação significa já o respeito pelo livro, significa que a pessoa não só ganhou o gosto pela leitura mas também reconhece o livro como coisa séria. A Rússia ainda não chegou a esta fase. Já a Europa encaderna os livros há muito tempo.

— Isso que diz, embora de forma pedante, não é nada estúpido, e lembra-me como o senhor era três anos atrás: o senhor, há três anos, dizia coisas bastante espirituosas.

Disse isto com o mesmo desdém com que dissera as suas frases caprichosas anteriores.

— *Marie, Marie* — disse Chátov, comovido —, oh, *Marie!* Se soubesses que coisas se viveram nestes últimos três anos! Ouvei dizer que tu, supostamente, me desprezavas por eu ter mudado de convicções. Ora, de quem me desliguei? Dos inimigos da vida, dos liberalzinhos caducos que temem a sua própria independência, dos lacaios do pensamento, dos inimigos da individualidade e da liberdade, dos pregadores decrépitos da carniça e da podridão! Velhice, *aurea mediocritas*, a mais vulgar e ignóbil mediocridade, igualdade ciumenta, igualdade sem dignidade, igualdade conforme às noções de um lacaios ou de um francês do ano noventa e três... Mas, sobretudo, canalhas, canalhas e canalhas por todo o lado!

— Sim, os canalhas são muitos — disse ela, entrecortada, doentamente. Estava estendida, imóvel e como se tivesse medo de se mexer, com a cabeça na almofada, um pouco de lado, olhando para o teto com um olhar cansado mas quente, o rosto muito branco, os lábios secos e gretados.

— Tu tens consciência disso, *Marie*, claro que tens! — exclamou Chátov. Já ela queria fazer um gesto negativo com a cabeça, mas de súbito foi acometida por outro espasmo. Voltou a esconder o rosto na

almofada e de novo, durante um minuto inteiro, apertou a mão de Chátov, que acudira louco de medo, até lhe fazer doer.

— *Marie, Marie!* Mas isso pode ser muito grave, *Marie!*

— Cale-se... Não quero, não quero — exclamava ela quase em fúria virando-se de novo de cara para cima —, não se atreva a olhar para mim com a sua compaixão! Ande pelo quarto, fale de alguma coisa, fale...

Chátov, perdido, tentou murmurar mais qualquer coisa.

— Em que trabalha aqui? — perguntou ela, interrompendo-o com uma impaciência enojada.

— No escritório de um comerciante. Se eu quisesse, *Marie*, também poderia ganhar bom dinheiro aqui.

— Que bom para o senhor...

— Ah, não penses mal, *Marie*, falei por falar...

— E o que faz mais? Que pregações é que faz? É que não pode deixar de pregar, o seu caráter é assim!

— Prego sobre Deus, *Marie*.

— Em quem já não acredita. Nunca consegui entender esta ideia.

— Deixemos isso, *Marie*, fica para depois.

— O que era aquela *Mária Timoféevna* aqui?

— Falamos disso também depois, *Marie*.

— Não se atreva a fazer-me observações destas! É verdade que a morte dela pode ser atribuída às ações facínoras... dessa gente?

— Sem dúvida. — Chátov rangeu os dentes.

Marie, de repente, levantou a cabeça e gritou doentiamente:

— Não se atreva a falar-me mais disso, nunca se atreva, nunca!

E voltou a cair na cama, num acesso da mesma dor espasmódica; era já a terceiravez, mas desta feita os seus gemidos eram mais fortes, tornavam-se gritos.

— Oh, que homem insuportável! Que homem insuportável! — Rebolava-se nacama, sem se poupar a si mesma e repelindo Chátov.

— *Marie*... faço o que tu quiseres... ando... falo...

— Não compreende que já começou?

— O que é que já começou, *Marie*?

— Como posso saber? Eu lá entendo alguma coisa disto?... Oh, maldita eu seja! Maldito seja tudo desde já!

— *Marie*, se me disseres o que já começou... é que, senão... como posso saber?

— O senhor é um tagarela abstrato e inútil. Oh, maldito seja tudo!

— *Marie, Marie!*

Chátov pensou, muito seriamente, que ela estava enlouquecendo.

— Será que não vê, finalmente, que estou com as dores do parto? — Soergueu-se, olhando para Chátov com uma raiva indizível, doentia, que lhe desfigurava o rosto. — Maldita seja desde já esta criança!

— *Marie!* — exclamou Chátov, entendendo finalmente o que se passava.— Mas porque não disseste logo? — Chátov caiu em si num instante e pegou no boné,resoluto e enérgico.

— Quando cheguei aqui, como podia eu saber? Acha que viria cá?... Acha que viria para sua casa? Disseram-me que ainda faltavam dez dias! Aonde vai, aonde? Não se atreva!

— Vou buscar uma parteira! Vender o revólver, o mais importante agora é arranjar dinheiro!

— Não se atreva, não chame parteira nenhuma, procura uma campônia qualquer, uma velha, tenho oitenta copeques no porta-moedas... Na aldeia, as camponesas também dão à luz sem parteiras... E se bater as botas, tanto melhor...

— Sim, arranja-se uma campônia, arranja-se uma velha. Mas como é que eu posso deixar-te sozinha, *Marie*?

Chátov, no entanto, percebendo que, apesar de toda a fúria dela, era melhor deixá-la sozinha de momento do que deixá-la sem ajuda depois, sem ouvir os seus gemidos e as suas imprecações iradas, depositando esperanças apenas na velocidade dos seus pés, correu como um doido pelas escadas abaixo.

III

Primero, foi à casa de Kirílov. Era já perto da uma da manhã. Kirílov estava parado no meio do quarto.

— Kirílov, a minha mulher vai dar à luz!

— Como?

— Dar à luz, um bebê!

— O senhor... não estará enganado?

— Oh, não, não, está com contrações!... É preciso uma comadre, uma velha qualquer, agora mesmo, sem falta... Pode-se arranjar alguma? O senhor conhecia aqui muitas velhas...

— Pena, não sei dar à luz — respondeu Kiríllov pensativamente —, isto é, eu próprio não, mas fazer dar à luz alguém, não sei... ou... Não, exprimi-lo não sei.

— Quer o senhor dizer que não sabe assistir a um parto, mas não é disso que estou falando, refiro-me a uma velha, uma velha, uma comadre, uma enfermeira, uma criada!

— Haverá velha, não de imediato, acho. Quer, eu substituo...

— Oh, é impossível; vou a casa da Virguínskaia, a parteira.

— Gente canalha!

— É verdade, Kiríllov, mas é a melhor! Oh, sim, vai ser uma coisa sem veneração, sem alegria, com nojo, pragas, blasfêmias... no momento do grande mistério, de trazer um novo ser vivo ao mundo!... Oh, ela já o amaldiçoa antes de nascer!...

— Quer, eu...

— Não, não, mas quando eu for (hei de trazer cá a Virguínskaia, juro!), vá de vez em quando à minha escada e escute, mas não entre, pode assustá-la, não entre demaneira nenhuma, escute apenas... não vá acontecer alguma desgraça. Bem, em caso extremo, entre.

— Compreendo. Ainda um rublo. Tome. Galinha, queria amanhã, agora não quero. Vá, corra, depressa, depressa. Samovar, toda a noite.

Kiríllov não sabia da conspiração contra Chátov, e nunca soube antes, nunca fez sequer ideia, do grande perigo que ameaçava Chátov. Sabia apenas que Chátov tinha umas contas antigas com “aquela gente”; e, embora o próprio Kiríllov, de certo modo, estivesse ligado àquela atividade, pois recebia instruções do estrangeiro (muito vagas e superficiais, aliás, pois não participava ativamente de nada), nos últimos tempos tinha abandonado tudo, todas as missões, isto é, afastara-se completamente de tudo e, antes de mais, da “causa comum”,

dedicando-se à vida contemplativa. Piotr Verkhovênski, embora na reunião tivesse convidado Lipútin para o acompanhar à casa de Kirílov a fim de se assegurarem que este se responsabilizaria no “caso Chátov”, na conversa com Kirílov não mencionou vez alguma o nome de Chátov, nem sequer fez qualquer insinuação a seu respeito — por certo achando que isso era má política e que Kirílov era inseguro, adiando assim até ao dia seguinte, quando tudo já estivesse consumado e, portanto, fosse “indiferente” para Kirílov; pelo menos, assim raciocinava Piotr Stepánovitch em relação a Kirílov. Lipútin, por seu lado, também reparou que Chátov, apesar da promessa de Piotr Stepánovitch, não foi mencionado uma única vez, mas Lipútin estava nervoso demais para protestar.

Chátov voava como o vento na direção da Rua Muraviínaia e, nunca mais lhe vendo o fim, amaldiçoava a distância.

Foi preciso bater durante muito tempo à porta de Virguínski: toda a gente dormia havia muito. Então, sem cerimônias e com toda a força, Chátov começou a bater no contravento. No quintal, o cão de guarda ia arrancando a corrente a que estava preso e desfazia-se em latidos raivosos. Por toda a rua, os outros cães secundavam-no, era enorme o alarido canino.

— Por que está batendo dessa maneira e o que deseja? — acabou por ouvir, à janela, a voz branda do próprio Virguínski, em desconformidade com o “insulto”. Entreabriu-se o contravento, abriu-se também o postigo.

— Quem é a esta hora? Quem é o canalha? — guinchou maldosamente uma voz feminina, a da velha solteirona parente de Virguínski; esta voz sim, já estava conforme com o “insulto”.

— Sou eu, Chátov, a minha mulher voltou e está em trabalho de parto...

— Deixa-a estar. E o senhor, fora daqui!

— Vim buscar Arina Prokhorovna, não me vou embora sem Arina Prokhorovna!

— Ela não vai a qualquer pessoa. À noite tem uma agenda especial... Vá ter com a Makchéeva e não se atreva a fazer mais barulho! — metralhou a enfurecida voz feminina. Ouvia-se Virguínski a tentar acalmá-la, mas a solteirona empurrava-o e não cedia.

— Não me vou embora! — voltou a gritar Chátov.

— Espere, espere! — gritou finalmente Virguínski, tendo levado de vencida a solteirona. — Espere cinco minutos, Chátov, peça-lhe, vou acordar Arina Prokhorovna, mas, por favor, deixe de bater e de gritar... Oh, isto é horrível!

Depois de cinco infundáveis minutos apareceu Arina Prokhorovna.

— Chegou a sua mulher? — disse por trás do postigo, num tom nada maldoso, para surpresa de Chátov, mas tão só autoritário, como era timbre de Arina Prokhorovna: não sabia falar de outra maneira.

— Sim, a minha mulher, e está em trabalho de parto.

— Mária Ignátievna?

— Sim, Mária Ignátievna. É claro que é Mária Ignátievna!

Silêncio. Chátov aguardava. Dentro da casa, cochichavam.

— Há muito que ela chegou? — voltou a perguntar Madame Virguínskaia.

— Por volta das oito da noite. Por favor, depressa.

Voltaram a ouvir-se os cochichos, pareciam aconselhar-se.

— Ouça, não estará enganado? Foi ela mesma quem o mandou chamar-me?

— Não, não mandou chamar a senhora, ela quer uma velha qualquer para eu não me meter em despesas, mas não se preocupe, eu pago-lhe.

— Está bem, eu vou, pague ou não pague. Sempre tive em grande consideração os sentimentos de independência de Mária Ignátievna, embora ela talvez nem se lembre de mim. Têm lá o necessário?

— Não temos nada, mas vai aparecer tudo, tudo...

“Esta gente também tem alguma generosidade!”, pensava Chátov a caminho da casa de Liámchin. “Ao que parece, as convicções e o ser humano são coisas bastante diferentes. Talvez, em muitos sentidos, eu seja culpado para com eles!... Somos todos culpados, todos e... e se toda a gente o percebesse!...”

Chegado à casa de Liámchin, não foi obrigado a bater demoradamente; para sua estranheza, Liámchin abriu o postigo num instante, saltando da cama descalço e em roupa interior, com risco de se constipar; no entanto, o homem era hipocondríaco e passava a vida a tratar da saúde. No entanto, havia um motivo muito específico para esta prontidão, este afobamento: Liámchin passara todo o fim de tarde a tremer e, como consequência da reunião dos “nossos”, não conseguia adormecer; não deixava de lhe assombrar a imaginação o possível aparecimento de visitantes inesperados e indesejáveis. A notícia da denúncia iminente preparada por Chátov atormentava-o mais do que tudo... E então, nem de propósito, batiam-lhe assim com toda a força à janela!...

Acovardou-se de tal maneira ao ver Chátov, que fechou de imediato o postigo e correu de volta para a cama. Pois bem, Chátov não parava de gritar e de bater violentamente.

— Como se atreve a fazer este barulho a meio da noite? — gritou Liámchin, tentando ser ameaçador mas desfalecendo de medo, atrevendo-se a ir de novo ao postigo, passados uns dois minutos, e verificando então que, afinal, Chátov estava sozinho.

— Tome lá o revólver, devolvo-lho, e dê cá quinze rublos.

— O que se passa, está bêbado? Isto é banditismo, posso constipar-me. Espere, vou cobrir-me com a manta de viagem.

— Passe já para cá quinze rublos. Se não mos der, fico aqui a gritar e a bater até de manhã; parto-lhe a janela.

— E eu grito por socorro, levam-no preso.

— Acha que eu sou mudo, que não grito também? Quem deve ter medo da polícia, eu ou o senhor?

— Como pode ter umas intenções tão ignóbeis?... Sei o que está insinuando... Espere, espere, não bata na janela, por amor de Deus! Por amor de Deus, quem é que tem dinheiro a meio da noite? Para que precisa do dinheiro, a não ser que esteja bêbado?

— A minha mulher voltou. Já lhe desconto dez rublos do que paguei, e nunca deium tiro com a arma. Tome lá o revólver, pegue nele imediatamente.

Liámchin, maquinalmente, estendeu a mão através do postigo e pegou no revólver; esperou um pouco e, de repente, assomou a cabeça ao postigo e, como se estivesse fora de si, balbuciou, ao mesmo tempo que lhe percorriam as costas arrepios de frio:

— Está mentindo, não é verdade que a sua mulher chegou. O que o senhor quer... é fugir.

— É parvo? Fugir para onde? Quem foge é o vosso Piotr Verkhovênski, não eu. Acabei de passar pela casa da parteira Virguínskaia, e ela aceitou ir a minha casa. Pode perguntar-lhe. A minha mulher está com dores, preciso de dinheiro, dê cá o dinheiro!

Um verdadeiro repuxo de ideias brilhou na mente engenhosa de Liámchin. Tudo tomava então outro aspecto, embora o medo ainda

não o deixasse ordenar bem as ideias.

— Mas como... se o senhor não vive com a sua mulher?

— Parto-lhe a cara se se põe a fazer-me essas perguntas.

— Ah, meu Deus, desculpe, compreendo, é que fiquei um pouco aturdido... Mas compreendo, compreendo. Mas... será certo que Arina Prokhorovna vai mesmo lá? Disse o senhor que ela foi a sua casa? Sabe uma coisa? Não pode ser verdade. Olhe como o senhor não para de mentir.

— Não, já deve estar com a minha mulher, não me atrase, que culpa tenho eu que o senhor seja parvo?

— Isso não é justo, parvo não sou. Desculpe, não posso de maneira nenhuma...

E Liámchin, confuso de todo, ia fechar o postigo pela terceira vez, mas Chátov berrou de tal maneira, que Liámchin, imediatamente, meteu a cabeça para fora.

— Mas isto é um verdadeiro atentado contra a minha vida pessoal! Afinal, o que é que o senhor me exige, o quê? E note, note bem, a meio da noite! Vá lá, diga o que quer.

— Exijo quinze rublos, seu cabeça de carneiro!

— E se eu não quiser o revólver de volta? O senhor não tem esse direito. Comprou o objeto e acabou-se, não tem direito a mais nada. Assim, de noite, não posso arranjar-lhe tanto dinheiro. Onde arranjo tanto dinheiro?

— Tens sempre dinheiro. Já te desconto dez rublos, mas és um judeuzeco bemconhecido.

— Venha depois de amanhã... ouviu?, depois de amanhã. Ao meio-dia em ponto, e eu dou-lhe o dinheiro todo, está bem?

Chátov, pela terceira vez, voltou às pancadas furiosas na janela.

— Dá cá dez rublos, e amanhã, de manhã cedo, mais cinco.

— Não, depois de amanhã, de manhã, leva cinco. Amanhã, juro por Deus, não levanenhum. Nem pense em vir, nem pense.

— Ah, velhaco, passa já dez rublos para cá!

— Por que me insulta? Espere, preciso de luz. Está vendo, já partiu o vidro... Quem se põe a praguejar assim a meio da noite? Tome! — E estendeu-lhe uma nota pelo postigo.

Chátov pegou nela: cinco rublos.

— Juro por Deus, não tenho mais, nem que me mate; depois de amanhã já posso. Agora não posso.

— Não saio daqui! — rugiu Chátov.

— Bem, tome lá mais algum, mas não lhe dou mais nada. Pode berrar quanto quiser, que não lhe dou mais, não dou. Não e não!

Estava frenético, desesperado, a suar. As duas notas que acabara de lhe passar para as mãos eram ambas de rublo. No total, Chátov tinha sete rublos.

— Está bem, c'os diabos, amanhã. Dou-te uma sova, Liámchin, se não tiveres cámais oito rublos.

“Não estarei em casa, seu parvo!”, pensou rapidamente Liámchin.

— Espere, espere! — gritou Liámchin, arrebatado, às costas de Chátov que já corria pela rua adiante. — Espere, volte aqui. Diga-me, por favor, é verdade o que disse, é verdade que a sua mulher voltou?

— Imbecil! — cuspiu Chátov e correu desalmadamente para casa.

IV

Devo notar que Arina Prokhorovna não sabia dos planos aprovados na reunião do dia anterior. Quando Virguínski voltou para casa, abafado e enfraquecido, não teve coragem para lhe contar da decisão que tinha sido tomada; revelou-lhe contudo uma parte — a informação de Verkhovênski sobre a indubitável intenção de Chátov de os denunciar; acrescentou, porém, que não acreditava muito nisso. Arina Prokhorovna assustou-se muito. Por isso, quando Chátov foi chamá-la, resolveu ir imediatamente à casa dele, apesar de cansadíssima, pois fizera um parto complicado durante toda a noite anterior. Sempre tivera a convicção de que “um imprestável como Chátov era capaz de cometer uma ignomínia cívica”; porém, a chegada de Mária Ignátievna dava outro cariz ao caso. O susto de Chátov, o tom desesperado das suas súplicas significavam uma reviravolta nos sentimentos do traidor: um homem que resolve trair-se a si mesmo apenas para levar os outros à perdição deve por certo ter outro ar e outro tom que não o de Chátov. Em poucas palavras: Arina Prokhorovna decidiu ver tudo com os seus próprios olhos. Virguínski ficou contente com a decisão da mulher — saiu-lhe um peso enorme da alma! Nasceu-lhe mesmo uma esperança: o ar de Chátov também lhe pareceu incompatível com a suposição de Verkhovênski...

Chátov não se enganou: chegado a casa, encontrou Arina Prokhorovna junto de *Marie*. Arina Prokhorovna, mal chegou, expulsou com desprezo Kirílov de baixo da escada; travou rapidamente conhecimento com *Marie*, que não a reconhecera; achou a parturiente num “péssimo estado”, ou seja, raivosa, confusa e no “mais covarde desespero”; nuns poucos minutos, levou de vencida todas as objeções de *Marie*.

— Por que não para de repetir que não quer uma parteira cara? — estava ela dizendo-lhe no momento em que Chátov entrou em casa. —

É um absurdo completo, são ideias falsas que se devem à sua situação anormal. Com uma velha a fazer-lhe o parto, uma dessas curandeiras da aldeia, tinha cinquenta por cento de probabilidades de isto correr mal e, nesse caso, as preocupações e as despesas seriam maiores do que com uma parteira cara. E quem lhe disse que eu sou cara? Pague-me mais tarde, e não lhe vou levar muito. E posso garantir-lhe o êxito: comigo não vai morrer, já vi casos piores. Também posso mandar o bebê para o asilo amanhã mesmo e depois para a aldeia, para ser criado lá, e não haverá mais problemas. Depois a senhora convalesce, começa a trabalhar sensatamente e, num prazo muito curto, compensa o Chátov das despesas e do alojamento, e não serão grandes custos...

— Não é isso... É que não tenho o direito de me impor como um fardo...

— Isso são sentimentos muito racionais e cívicos, mas acredite que Chátov, se deixar de ser um fantasista e assentar os pés na terra, nem que seja só um pouquinho, não vai entrar em grandes despesas. Basta-lhe apenas deixar de fazer asneiras, não tocar a rebete, não correr com a língua de fora pela cidade. Se não o agarrarmos, amanhã é capaz de chamar os médicos todos da cidade; para já, na minha rua, já acordou os cães todos. Não precisa de médico, já lhe disse que lhe garanto que vai correr tudo bem. Talvez não seja má ideia arranjar uma velha, sim, mas como criada, não custa nada. Aliás, ele próprio pode ser útil para algumas coisas, e não só para fazer asneiras. Tem mãos e pernas, pode ir à farmácia, e não é com essa caridade que ofende os sentimentos da senhora. Que caridade, c'os diabos? Não foi ele quem a meteu nesta situação? Não foi ele quem lhe arranjou o conflito com aquela família onde a senhora trabalhava como preceptora, com o objetivo egoísta de se casar com a senhora? É que nós já sabemos como se passou... Aliás, ele mesmo apareceu em minha casa como um desvairado e gritou tanto que toda a rua o ouviu. Não imponho os meus serviços a ninguém e vim cá exclusivamente para a senhora, por princípio, já que todos os nossos têm o dever da solidariedade; foi o que lhe disse ainda antes de sair de casa. Se a senhora me achar dispensável, então adeus.

Só espero que não aconteça uma desgraça, num caso em que ela é tão fácil de evitar.

E Arina Prokhorovna chegou mesmo a levantar-se da cadeira.

Marie estava tão indefesa, sofria tanto e, falando verdade, tinha tanto medo do que a esperava que não se atreveu a deixá-la ir-se embora. Aquela mulher, porém, tornou-se-lhe odiosa: o que ela dizia não era justo, não era isso que *Marie* tinha na alma! Porém, o augúrio de uma morte iminente às mãos de uma parteira inexperiente venceu a repugnância. Em compensação, *Mária Ignátievna* tornou-se ainda mais exigente e implacável em relação a *Chátov*. Chegou ao ponto de lhe proibir, não só de olhar para ela, mas de se pôr de frente para ela. As dores aumentavam. As maldições e até as pragas tornavam-se cada vez mais desenfreadas.

— Eh, vamos pô-lo daqui para fora — decidiu Arina Prokhorovna. — Anda aqui com uma cara desfigurada, até a assusta: branco como um morto! Diga lá, seu esquisitão ridículo, o que tem isto que ver consigo? Olha que comédia!

Chátov não respondia, tinha decidido não responder nada.

— Já vi paizinhos estúpidos que, nestes casos, também ficam doidos. Mas esses, ao menos...

— Deixe-se disso, ou largue-me da mão, para eu poder morrer! Não diga mais nada! Não quero, não quero! — gritou-lhe *Marie*.

— Bem sabe que não se pode evitar falar, ou então está louca; aliás, é assim que a vejo nesta situação. É preciso falar pelo menos do que interessa: diga lá, tem alguma coisa preparada? Responda, *Chátov*, já que ela não está para isso.

— Diga o que é preciso.

— Portanto, não tem nada preparado.

Enumerou tudo o que era indispensável e, justiça lhe seja feita, limitou-se mesmo ao indispensável, a um mínimo miserável. Algumas das coisas foram encontradas em casa de Chátov. *Marie* deu-lhe a chave para que procurasse no saco de viagem dela. As mãos de Chátov tremiam, pelo que demorou um pouco a abrir o fecho, que não conhecia. *Marie* ficou fora de si, mas quando Arina Prokhorovna se aproximou de Chátov para lhe tirar a chave, não quis deixar a parteira espreitar para dentro do saco e, aos gritos histéricos e em alto choro, exigiu que fosse Chátov a abrir o saco.

Quanto a outras coisas, foi preciso ir buscá-las à casa de Kiríllov. Mal Chátov saiu, *Marie* desatou aos gritos, desvairada, chamando-o de volta, e só se acalmou quando ele, voltando à pressa das escadas, lhe explicou que saía apenas por um minuto, que ia buscar as coisas necessárias e que voltava num instante.

— É difícil agradar-lhe, minha ama — riu-se Arina Prokhorovna. — Ora quer que ele fique de caras para a parede e não se atreva a fitá-la, ora não quer que ele se atreva a ausentar-se um minuto que seja, senão desata a berrar. O homem, assim, ainda vai imaginar sei lá o quê. Vá lá, vá lá, não berre, não se ofenda, estou brincando.

— Ele não se atreve a imaginar nada.

— Ora, ora, ora, se não estivesse apaixonado pela senhora como um burro, não correria pelas ruas com a língua de fora e não punha a ladrar todos os cães da cidade. A mim escavacou o caixilho da janela.

V

Chátov foi encontrar Kiríllov a andar, como sempre, de um canto ao outro do quarto e tão distraído que já nem se lembrava da chegada da mulher de Chátov; ouvia-o e não percebia.

— Ah, sim — lembrou-se de repente, com ar de quem interrompe com esforço e só por um instante uma ideia que o entusiasma —,

sim... uma velha... Mulher ou velha? Espere: mulher e velha, ambas, não é? Fui lá, velha vem, mas não já. Almofada, tome. Que mais? Sim... Espere, Chátov, experimentou alguma vez momentos de harmonia eterna?

— Sabe, Kiríllov, tem de deixar de fazer estas noitadas sem dormir.

Kiríllov caiu em si e, coisa estranha, começou a falar de maneira mais coerente do que nunca: era evidente que andava havia muito a matutar naquilo, a formulá-lo, e talvez até o apontasse por escrito.

— Há segundos, apenas cinco ou seis de cada vez, em que sentimos de súbito a presença da harmonia eterna, conseguida absolutamente. Não é coisa terrena, também não digo que é celeste, apenas que o homem, na sua forma terrena, é incapaz de a aguentar. Necessário mudar fisicamente, ou morrer. É um sentimento claro e incontestável. É como sentir de repente toda a natureza e dizer: sim, é verdade. Quando Deus criava o mundo, no final de cada dia de criação dizia: “Sim, é verdade, é bom”. É... não ternura, só alegria. Não perdoamos nada porque não há nada a perdoar. Não é o mesmo que amar, oh!... superior ao amor! Tudo tão claro e tanta alegria: isso é o que assusta mais. Mais de cinco segundos, a alma não aguenta, tem de desaparecer. Vivo uma vida em cinco segundos, e por eles dou toda a minha vida, vale a pena. Para aguentar dez segundos já é preciso mudar fisicamente. Deixar de procriar, é isso que homem deve. Crianças para quê, evolução para quê, se objetivo está já alcançado? Depois da ressurreição não se procria, é dito nos Evangelhos, tudo anjos de Deus. Insinuação. A esposa está dando à luz?

— Kiríllov, isso dá-lhe com frequência?

— Cada três dias, ou uma vez por semana.

— Não sofre do mal-caduco?

— Não.

— Então, ainda vai sofrer. Cuidado, Kiríllov, ouvi dizer que é assim mesmo que começa o mal-caduco. Um epiléptico descreveu-me em pormenor esta sensação prévia antes do ataque, tal qual o senhor mo conta agora: cinco segundos e, como ele disse, não se pode aguentar mais. Lembre-se do jarro que não chegou a derramar a sua água durante o tempo em que Maomé percorreu todo o Paraíso. O jarro é como os tais cinco segundos; é uma coisa demasiado parecida à sua harmonia. Ora, Maomé era epiléptico. Cuidado, Kiríllov, não o atinja o mal-caduco.

— Não vai ter tempo — sorriu meigamente Kiríllov.

VI

A noite passava. Ao Chátov mandavam-no fazer coisas, insultavam-no, davam-lhe ordens. *Marie* atingiu o último grau do medo de morrer. Gritava que queria viver “sem falta, sem falta!” e que tinha medo de morrer. “Não quero, não quero!”, repetia. Sem Arina Prokhorovna, teria ficado muito mal. Esta, pouco a pouco, acabou por dominar por completo a paciente; *Marie* obedecia-lhe a cada palavra, a cada grito, como uma criança. Arina Prokhorovna usava da severidade e não do carinho, mas era mestre no seu ofício. Entretanto, rompia a manhã. Arina Prokhorovna, de repente, lançou a atoarda de que Chátov tinha saído para as escadas para rezar a Deus, e isso foi motivo de gozo. *Marie* também se riu, maldosa e causticamente, como se aquele riso de troça a aliviasse. Pois bem, acabaram por expulsar Chátov definitivamente. Despontava uma manhã úmida e fria. Chátov encostou a cara à parede, no canto, tal como na véspera, antes da visita de Erkel. Tremia como uma folha, tinha medo de pensar, mas a sua mente agarrava-se à imaginação, como num sonho. Arrastavam-no consigo os devaneios, e logo se quebravam como fios podres. Ouviam-se, vindos do quarto, já não gemidos, mas gritos, terríveis, puramente animais, insuportáveis, impossíveis. Chátov queria tapar os ouvidos mas não era capaz, e caiu de joelhos, repetindo inconscientemente: “*Marie, Marie!*”. Então, finalmente, ouviu-se um grito, um grito novo,

que o fez estremecer e levantar-se da posição de joelhos, de um salto: o grito do bebê, fraco, trêmulo. Chátov benzeu-se e precipitou-se para o quarto. Nas mãos de Arina Prokhorovna berrava e mexia as mãos e as pernas minúsculas uma criatura pequena, vermelha, enrugada, terrivelmente indefesa e dependente, como um grão de poeira sob um sopro de vento... Mas a criatura berrava e declarava a sua existência, o seu direito à vida... *Marie* estava prostrada, como que inconsciente, mas um minuto depois abriu os olhos e olhou para Chátov: era um olhar muito estranho, muito novo, e Chátov ainda era incapaz de perceber o significado dele, mas nunca antes conhecera um tal olhar em *Marie*.

— É menino? Rapaz? — perguntou ela, em voz fraca, a Arina Prokhorovna.

— Um rapagão! — foi a resposta de Arina Prokhorovna, ao mesmo tempo que embrulhava a criança.

Entrapado o bebê, enquanto ajeitava duas almofadas para o colocar entre elas, passou-o por um instante para os braços de Chátov para que o segurasse. *Marie*, à socapa e como se tivesse medo de Arina Prokhorovna, fez um sinal a Chátov com a cabeça. Este percebeu e aproximou-se dela para lhe mostrar a criança.

— É... bonitinho... — sussurrou ela em voz fraca, sorrindo.

— Arre, como ele olha! — riu-se a triunfante Arina Prokhorovna, espreitando para a cara de Chátov. — Que expressão, vejam só!

— Alegre-se, Arina Prokhorovna... É uma grande alegria... — balbuciou com um ar de bem-aventurança que chegava à idiotia, radiante por ter ouvido aquelas duas palavras de *Marie* sobre a criança.

— Mas que grande felicidade a vossa! — ria-se Arina Prokhorovna, atarefada a arrumar tudo, trabalhando como doida.

— O mistério do nascimento de um novo ser, o grande e inexplicável mistério, Arina Prokhorovna, e é uma pena a senhora não compreender!

Chátov murmurava qualquer coisa incoerente, embriagada e extasiadamente. Como se alguma coisa balançasse, cambaleasse dentro da sua cabeça e, sem querer, se lhe derramasse da alma.

— No princípio eram dois e, de repente, a terceira pessoa, um novo espírito, completo, perfeito, como jamais acontece quando sai de mãos humanas; um novo pensamento e um novo amor, até mete medo... A isto, não há nada superior no mundo!

— Irra, tanto disparate! É simplesmente a continuação do desenvolvimento do organismo, e não há aqui mistério nenhum — ria-se Arina Prokhorovna às gargalhadas sinceras e alegres. — Por essa ordem de ideias, qualquer mosca era um mistério. Mas há aqui uma coisa: as pessoas desnecessárias não deveriam nascer. Primeiro, era preciso fazer tudo para que elas não fossem a mais, e só depois deixá-las nascer. É que, no que diz respeito a este, é preciso levá-lo para o asilo depois de amanhã... De resto, ainda bem.

— Nunca o deixarei levar para o asilo! — declarou Chátov com firmeza, fixando os olhos no chão.

— Vai perfilhá-lo?

— Ele já é meu filho.

— Com certeza, é um Chátov, por lei é Chátov, e o senhor não tem nada que se exhibir como benfeitor do gênero humano. Estes indivíduos não podem passar sem frases afetadas. Está bem, só que é o seguinte, meus senhores — disse, acabando a arrumação—, tenho de me ir embora. Passo por aqui ainda hoje, durante o dia e ao fim da tarde, se for preciso, mas agora, como tudo acabou em bem, tenho de ir visitar as outras paridas, pois há muito que estão à minha espera. Chátov, quanto à tal velha, está algures aqui perto, mesmo no prédio. A velha,

muito bem, mas não deixe a mulher sozinha, querido esposo. Fique ao pé dela, pode precisar do senhor, e parece-me que Mária Ignátievna também já não corre consigo... bem, bem, estou brincando...

À saída do portão, até onde a acompanhou Chátov, Arina Prokhorovna acrescentou:

— Fizeram-me rir, saciei-me de riso para toda a vida. Não lhe levo nada; até durante o sono me vou rir. Nunca vi nada mais cômico do que vocês dois em toda a minha vida.

Foi-se embora muitíssimo satisfeita. Pelo ar e pela conversa de Chátov, para ela ficou claro como a luz do dia que o homem “tencionava ser pai e era o maior dos molengões”. Passou propositadamente por casa, embora lhe ficasse mais perto ir visitar diretamente outra paciente, para contar a Virguínski as suas impressões.

— *Marie*, ela disse para não adormeceres durante algum tempo, embora eu veja que vai ser muito difícil para ti... — disse Chátov timidamente. — Fico aqui ao pé da janela, a vigiar-te, está bem?

E sentou-se perto da janela, atrás do divã, pelo que *Marie* não podia vê-lo. Mas nem um minuto se passara e já ela o chamava e lhe dizia, com desdém, que lhe ajeitasse a almofada. Foi o que Chátov fez. *Marie*, irritada, tinha os olhos fixos na parede.

— Não é assim, oh, não é assim!... Que falta de jeito!

Chátov tentou mais uma vez.

— Incline-se para mim — disse ela de rompante, esforçando-se por não olhar para ele.

Chátov estremeceu e inclinou-se para ela.

— Mais... não... mais perto — e, de repente, envolveu-lhe rapidamente o pescoço com o braço esquerdo e Chátov sentiu na testa um beijo úmido e forte.

— *Marie!*

Os lábios dela tremiam, tentava conter-se mas, num impulso, soergueu-se e, com os olhos faiscantes, declarou:

— Nikolai Stavróguin é um canalha!

E, sem forças, deixou-se cair com a cara contra a almofada, desatando num choro histérico e apertando a mão de Chátov com força.

Desde este momento, já não o deixou afastar-se mais de si, exigindo que se sentasse à sua cabeceira. Ela não tinha forças para falar muito, mas estava sempre olhando para ele e sorrindo-lhe como uma maluquinha. Pareceu ter-se transformado de repente numa parvinha. Como se tudo se tivesse metamorfoseado. Chátov ora chorava como um garoto pequeno, ora falava sem sentido, louca, embriagada, inspiradamente; beijava as mãos dela; *Marie* ouvia-o, enlevada, talvez sem compreender, e com a mão fraca mexia-lhe com carinho no cabelo, alisava-lho, admirava-lho. Chátov contava-lhe coisas de Kiríllov, de como iriam viver agora “de novo e para sempre”, da existência de Deus, de como toda a gente era tão boa... Felizes, pegaram mais uma vez na criancinha.

— *Marie!* — gritou Chátov com a criança ao colo. — Acabou o delírio antigo, acabou o opróbrio e o lixo morto! Vamos trabalhar e seguir pelo caminho novo, todos os três, sim, sim!... Ah, sim: como lhe vamos chamar, *Marie*?

— Como lhe vamos chamar, a ele? — repetiu ela com espanto e logo se lhe pintou no rosto uma terrível amargura.

Levantou as mãos, olhou com censura para Chátov e voltou a esconder a cara na almofada.

— *Marie*, o que tens? — exclamou Chátov, triste e assustado.

— Como pode o senhor, como pode... Oh, ingrato!

— *Marie*, desculpa, *Marie*... Só perguntei que nome lhe havíamos de dar. Não sei...

— Ivan, Ivan. — *Mária Ignátievna* ergueu o rosto ardente e banhado em lágrimas.— Como pode supor que seria outro nome *horrível*?

— *Marie*, acalma-te, oh, como estás desconcertada!

— Mais uma indelicadeza! Atribui isto ao desconcerto? Posso apostar que se eu escolhesse aquele nome... horrível, o senhor concordaria de imediato, nem sequer repararia em nada! Oh, ingratos, ignóbeis, todos, todos!

Passado um minuto fizeram as pazes, evidentemente. Chátov convenceu-a a dormir um pouco. Ela adormeceu e, sem largar a mão dele, acordava muitas vezes, olhava para ele, como se tivesse medo que se fosse embora, e voltava a adormecer.

Kirílov mandou-lhes uma velha para “dar os parabéns” e, também, para oferecer a *Mária Ignátievna* chá quente, costeletas acabadas de fritar e canja com pão branco. A doente bebeu a canja com avidez, a velha mudou as fraldas ao bebê; *Marie* obrigou Chátov a comer também costeletas.

O tempo ia correndo. Chátov, extenuado, também adormeceu sentado na cadeira, deixando cair a cabeça sobre a almofada de *Marie*. Assim os encontrou Arina Prokhorovna, que cumpria a sua palavra. Acordou-os alegremente, falou de certas coisas com *Marie*, examinou a criança e voltou a proibir a Chátov de se afastar da mulher. A seguir, com mais uma piada a respeito dos “esposos”, com algum desprezo e altivez, foi-se embora tão contente como dantes.

Já escurecia muito quando Chátov acordou. Acendeu a vela e apressou-se a ir buscar a velha; porém, mal pôs o pé na escada, espantaram-no os passos imperceptíveis e lentos de alguém que subia ao seu encontro. Era Erkel.

— Não entre! — sussurrou Chátov e, agarrando-lhe na mão, arrastou-o até ao portão. — Espere aqui, saio já, esqueci-me completamente do senhor! Oh, para que me lembrou da sua existência?

Estava com tanta pressa que nem sequer foi ter com Kiríllov, chamando apenas a velha. *Marie* ficou desesperada e indignada por ele “se ter lembrado de a deixar sozinha”.

— Isto — gritou ele com entusiasmo — é o último passo! Depois será o novo caminho, e nunca, nunca mais recordaremos o horror passado!

Conseguiu finalmente acalmá-la e prometeu voltar às nove em ponto; deu-lhe um grande beijo, beijou a criança e desceu correndo para junto de Erkel.

Dirigiram-se os dois para Skvoréchniki, para o jardim de Stavróguin onde, ano e meio atrás, num lugar escondido, no extremo do jardim onde já começava o pinhal, Chátov enterrara a máquina tipográfica que lhe tinham confiado. O local era deserto e selvagem, pouco visível, bastante afastado da casa senhorial de Skvoréchniki. Do prédio de Filíppov até lá distavam cerca de três verstas e meia, talvez quatro.

— Vamos a pé? Prefiro um coche.

— Peço-lhe muito que não o faça — replicou Erkel. — Eles insistiram precisamente nisso. O cocheiro também seria testemunha.

— Irra... que diabo! Está bem, o principal é acabar com isto, acabar!

Apertaram o passo.

— Erkel, rapazinho! — gritou Chátov. — Alguma vez esteve feliz?

— O senhor, ao que parece, está muito feliz — observou Erkel com curiosidade.

6 - Uma noite trabalhosa

I

Neste dia, Virguínski perdeu duas horas para ir ter com os “nossos”, um a um, e lhes dizer que Chátov não faria de certeza a tal denúncia porque a mulher voltara para ele e dera à luz um filho, pelo que, “conhecendo o coração humano”, era impensável supor-se que Chátov, de momento, era perigoso. Porém, para seu desgosto, apenas encontrou nas respectivas casas Erkel e Liámchin. Erkel ouviu-o com ar imperturbável, sem dizer nada; à pergunta direta de Virguínski: “Irá lá às seis horas ou não?”, respondeu, com o sorriso límpido de sempre, que sim, que iria.

Liámchin estava acamado, pelos vistos seriamente doente, e cobria a cabeça com um cobertor. Assustara-se ao ver chegar Virguínski e, mal este começou a falar, abanou as mãos, implorando que o deixasse em paz. Não deixou, porém, de ouvir tudo o que se referia a Chátov; por qualquer motivo, espantou-o muitíssimo a notícia de que os outros não estavam em casa. Verificou-se também que já sabia (por parte de Lipútin) da morte de Fedka e, atabalhoadamente, contou-o a Virguínski, o que, por sua vez, deixou este pasmado. Ora, à pergunta direta de Virguínski: “É preciso ir lá ou não?”, voltou a implorar, abanando as mãos, “que o deixassem em paz porque não sabia de nada e não tinha nada que ver com isso”.

Virguínski voltou para casa desalentado e preocupadíssimo; custava-lhe muito, também, ter de esconder da família o que se passava, habituado que estava a partilhar tudo com a mulher, e se naquele momento não se lhe tivesse acendido na cabeça a luz de uma nova ideia, de um novo e apaziguador plano de ação, por certo se deitaria na

cama como Liámchin. Mas a nova ideia revigorou-o e, mais ainda: ficou até à espera com alguma impaciência da hora marcada e foi com antecedência que se dirigiu para o local do encontro.

Era um lugar muito sombrio ao fundo do parque dos Stavróguin. Mais tarde fui lá de propósito, para ver; que soturno devia parecer aquele lugar naquela severa tarde de outono! Começava aqui a velha floresta coutada onde sobressaíam os enormes pinheiros centenários, em manchas sombrias e incertas no meio da escuridão. Era tal o escuro que se tornava impossível enxergar uma pessoa a dois passos, mas Piotr Stepánovitch, Lipútin e Erkel, que chegou logo a seguir, tinham-se precavido com lanternas. Ninguém sabia por que tinham construído ali com pedras toscas, em tempos remotos, uma gruta muito curiosa. Dentro da gruta, havia muito tempo que tinham apodrecido as mesase os bancos. A uns duzentos passos, à direita, terminava o terceiro lago artificial do parque. Esses três lagos, que começavam junto à casa senhorial, estendiam-se, um atrás do outro, por mais de uma versta, até à extrema do parque. Era impensável imaginar-se sequer que alguém ouvisse da casa senhorial dos Stavróguin, abandonada pelos senhores, qualquer barulho, grito ou mesmo um tiro. Com a partida de Nikolai Vsevolodovitch e, depois, de Aleksei Egórovitch, apenas ficaram no casarão cinco ou seis pessoas, e do gênero inválido, por assim dizer. Podia-se ter a certeza de que tais pessoas, mesmo que ouvissem gritar por socorro, teriam como única reação o medo e nenhuma delas se mexeria dos catres do fogão ou das camas quentes.

Às seis horas e vinte minutos quase todos estavam no lugar combinado — a exceção era Erkel, mandado buscar Chátov. Piotr Stepánovitch, desta vez, não se tinha atrasado, chegara na companhia de Tolkatchenko, um Tolkatchenko carrancudo e preocupado: desaparecera-lhe toda a firmeza afetada e descaradamente jactanciosa. Quase não se afastava um passo de Piotr Stepánovitch e, ao que parecia, tornara-se-lhe ilimitadamente fiel; volta e meia, inquieto, punha-se a segredar-lhe qualquer coisa ao ouvido; Verkhovênski,

porém, quase não lhe respondia, ou murmurava qualquer coisa com ar de repulsa, apenas para se ver livre dele.

Chigaliou e Virguínski tinham chegado um pouco antes de Piotr Stepánovitch e, quando este apareceu, afastaram-se um pouco, num silêncio profundo e claramente premeditado. Piotr Stepánovitch levantou a lanterna e observou-os com uma atenção insultuosa e sem cerimônias. “Querem falar”, relanceou-lhe na cabeça.

— O Liámchin não está? — perguntou a Virguínski. — Quem disse que ele está doente?

— Estou aqui — respondeu Liámchin, saindo de repente de trás de uma árvore. Além do sobretudo quente, agasalhava-se e embiocava-se bem com a manta de viagem, pelo que era difícil divisar-lhe a fisionomia, mesmo à luz da lanterna.

— Portanto, só falta o Lipútin?

Então, silencioso, Lipútin saiu da gruta. Piotr Stepánovitch voltou a levantar a lanterna.

— Por que raio se enfiou ali e não saía cá para fora?

— Presumo que todos nós mantemos o direito à liberdade... dos nossos movimentos — pôs-se a murmurar Lipútin, sem a clara consciência, aliás, do que queria dizer.

— Meus senhores — Piotr Stepánovitch levantou a voz, acabando com os meiossussurros, o que provocou o seu efeito. — Penso que, agora, todos compreendem que não temos nada que continuar com as conversas. Já foi tudo dito e discutido ontem, de um modo frontal e definitivo. Mas como vejo, pelas vossas caras, que há aqui alguém que tem qualquer coisa para dizer, peço que se despache. C'os diabos, temos pouco tempo, o Erkel pode trazê-lo a qualquer momento...

— Sem dúvida, há de trazê-lo — introduziu Tolkatchenko a despropósito.

— Se não estou em erro, primeiro recebe-se a tipografia, não é? — quis saber Lipútin, sem perceber, mais uma vez, por que fazia a pergunta.

— Evidentemente, por que haveríamos de perder os nossos bens? — E Piotr Stepánovitch alumiu com a lanterna a cara de Lipútin. — Mas ontem foi combinado também que, na realidade, não íamos tratar disso agora. Basta que ele indique o lugar onde enterrou a máquina e vamos desenterrá-la mais tarde. Sei que é por aí, a uns dez passos da gruta... Mas, c'os diabos, como foi que o Senhor Lipútin se esqueceu de que devia sair ao encontro dele sozinho e que nós só aparecíamos depois?... É estranho o senhor fazer essa pergunta... ou, então, fala por falar, não?

Lipútin, sombrio, não respondeu. Ficaram todos calados. O vento abanava as copasdos pinheiros.

— Meus senhores, tenho a esperança de que cada um vai cumprir o seu dever — disse Piotr Stepánovitch com impaciência.

— Sei que a mulher de Chátov voltou e deu à luz — disse Virguínski de chofre, presa da comoção, apressado, articulando mal as palavras e gesticulando. — Conhecendo o coração humano... pode concluir-se com certeza que ele já não fará a denúncia... porque agora está feliz... Por isso, há pouco passei pela casa de todos, mas não encontrei ninguém... por isso, talvez agora já não seja necessário...

Calou-se, de respiração cortada.

— Se o Senhor Virguínski em pessoa se tornasse de repente feliz — respondeu Piotr Stepánovitch, avançando um passo para ele —, por certo não adiaría (não se trata de uma denúncia, é claro) qualquer ação cívica arriscada que tivesse planejado antes dessa felicidade e que

considerasse seu dever e sua obrigação levar a cabo, apesar do risco e da perda de felicidade, não é?

— Não, não adiar! Não adiar nunca! — disse Virguínski com um ardor absurdo, agitando-se.

— Preferiria voltar a ser infeliz do que ser um canalha, não é verdade?

— Sim, sim... Pelo contrário... preferia ser um verdadeiro canalha... ou seja, não... um canalha não, mas, pelo contrário, absolutamente infeliz, mas não um canalha.

— Então, fique sabendo que esta denúncia, para Chátov, é considerada o seu feito cívico por excelência, a sua convicção suprema, e a prova disso é que ele, em parte, também corre um risco com as autoridades, embora estas lhe concedam muitas atenuantes pela denúncia. Um homem assim nunca desistirá. Não há felicidade que o leve de vencida; passado um dia, ele cairá em si e cumprirá o que planejou. Além disso, não vejo qualquer felicidade no fato de a mulher, depois de três anos fora dele, ter ido parir a sua casa o filho de Stavróguin.

— Mas ninguém pôs ainda a vista nessa denúncia! — disse de repente Chigaliiov, pesaroso.

— Eu vi a denúncia! — gritou Piotr Stepánovitch. — A denúncia existe, e tudo isso é uma grande estupidez, meus senhores!

— Eu... — explodiu subitamente Virguínski —, eu protesto... protesto com todas as forças... Quero... quero o seguinte: quando ele chegar, aparecemos todos e perguntamos-lhe... se for verdade, exigimos-lhe o arrependimento e, se ele nos der a sua palavra de honra, deixamo-lo ir. De qualquer maneira, tem de haver um julgamento e a sentença tem de ser feita de acordo com esse julgamento, e não assim, escondermo-nos e depois atirarmo-nos ao homem.

— Pôr em risco a causa comum apostando na palavra dele é o cúmulo da estupidez! Raios, que estupidez é esta agora, meus senhores! Que atitude é esta agora, num momento de perigo?

— Protesto, protesto — não se acalmava Virguínski.

— Ao menos não gritem, senão não ouvimos o sinal. O Chátov, meus senhores... (Raios, que estupidez, agora!). Já lhes disse que o Chátov é eslavófilo, ou seja, é um dos homens mais imbecis... De resto, não interessa, que se amole! Os senhores só me fazem perder o tino!... O Chátov, meus senhores, sempre foi um escarnecido, mas como, em qualquer caso, pertencia à organização, quisesse eu ou não, até ao último momento eu tive a esperança de o aproveitar para a causa comum como homem escarnecido queera. Poupei-o sempre, apesar das ordens categóricas... Poupei-o cem vezes mais do que ele merecia! Mas acabou por escrever a denúncia; bem, não é isso que interessa, c'os diabos!... Ai daquele, entre os senhores, que tente agora fugir! Nenhum dos senhores tem o direito de abandonar a causa! Podem dar-lhe os beijinhos que quiserem, mas não têm o direito de trair a causa comum pela garantia de uma palavra de honra! Isso é o que fazem os porcos subornados pelo governo!

— Quem é aqui subornado pelo governo? — quis saber de novo Lipútin.

— Talvez o senhor. Faria melhor se ficasse calado, Lipútin, o senhor fala por falar, fala por hábito. Subornados, meus senhores, são todos os que se acovardam no momento do perigo. Por medo, encontra-se sempre um imbecil que, no último momento, correrá gritando: “Ah, perdoai-me, mas vou trair toda a gente!”. Pois bem, meus senhores, fiquem sabendo que, agora, eles já não perdoam a ninguém, nem à custa de uma denúncia. Mesmo que lhes atenuassem um pouco a pena, juridicamente, a Sibéria estaria garantida para todos. Além disso, não poderiam fugir da outra espada. Ora, a outra espada é mais afiada do que a do governo.

Como estava furioso, Piotr Stepánovitch falou demais. Chigaliou avançou três passos firmes para ele.

— Desde a outra noite que ando a matutar no assunto — começou, com método e convicção, à sua maneira habitual (parece-me até que, se o chão se lhe abrisse debaixo dos pés, nem assim acentuaria a entoação ou mudaria nada ao tom metódico do seu discurso) — e, ao refletir no assunto, concluí que o assassinio planejado não só é uma perda de tempo precioso, que poderia ser utilizado em qualquer outra coisa maissubstancial e premente, mas, ainda por cima, constitui um desvio pernicioso do caminho normal, que sempre tem prejudicado mais a nossa causa e adiado em décadas os seus êxitos, submetendo-a à influência de pessoas levianas e preponderantemente políticas, em vez dos socialistas puros. Vim aqui unicamente para protestar contra a ação planejada, para edificação de todos e para, depois, me afastar do presente momento, a que o senhor, não sei por quê, chama um momento de perigo. Vou-me embora, mas não por medo do dito perigo nem por alimentar quaisquer sentimentos relativamente a Chátov, com quem, aliás, estou longe de querer trocar beijos, mas unicamente porque toda estaconspiração, do princípio ao fim, contradiz literalmente o meu programa. Quanto à denúncia e ao suborno por parte do governo, no que a mim se refere podem ficar perfeitamente descansados: do meu lado não haverá denúncias.

Deu meia-volta e foi-se embora.

— Raios, vai cruzar com eles e avisa o Chátov! — gritou Piotr Stepánovitch e sacou do revólver. Ouviu-se o estalido da arma a engatilhar-se.

— Podem ficar com a certeza de que, se me encontrar com Chátov pelo caminho, faço-lhe uma vênia mas não o aviso — virou-se Chigaliou para eles.

— Sabe que pode pagar muito caro por isso, Senhor Fourier?

— Peço-lhe que note que não sou Fourier. Ao confundir-me com esse molengão melífluo e abstrato, o senhor apenas prova que, embora tivesse o meu manuscrito nas suas mãos, não travou conhecimento com ele. Quanto à sua vingança, só lhe digo que o senhor fez mal em destravar a arma: isso, neste momento, é absolutamente desvantajoso para o senhor. Ora, se está ameaçando-me com a vingança para amanhã ou para depois de amanhã, além dos problemas inúteis, também não ganhará nada com isso: mata-me, mas, mais cedo ou mais tarde, acabará por adotar o meu sistema. Adeus.

Neste comenos, a cerca de duzentos passos das bandas do lago, ouviu-se um assobio. Lipútin respondeu de imediato, como tinha sido combinado na véspera, também com um assobio (para o efeito, uma vez que não podia contar com a sua boca assaz desdentada, tinha comprado já de manhã um apito de barro infantil). Erkel, pelo caminho, avisara Chátov de que haveria troca de assobios, por isso este não desconfiou de nada.

— Não se preocupem, eu passo longe deles, nem me veem — garantiu Chigaliiov num sussurro solene e, sem pressas, sem apertar o passo, foi-se embora através do parque escuro.

Agora já se sabe, até aos mínimos pormenores, como decorreu o acontecimento terrível. Primeiro, Lipútin saiu ao encontro de Erkel e Chátov, perto da gruta; Chátov não lhe fez uma vênia nem lhe apertou a mão, apenas disse logo, em voz alta e apressada:

— Muito bem, onde está uma pá e uma lanterna? Não tenham medo, não há ninguém por perto e em Skvoréchniki não ouvirão nada, nem que seja disparado um canhão. É aqui, precisamente neste lugar...

E bateu com o pé num lugar a dez passos da esquina traseira da gruta, do lado da floresta. Ele a dizer isto e, de trás de uma árvore, atirou-se-lhe às costas Tolkatchenko; Erkel também o agarrou por trás, pelos braços. Lipútin atacou-o de frente. Os três derrubaram-no e apertaram-no contra o chão. Então, aproximou-se Piotr Stepánovitch

com o revólver. Diz-se que Chátov teve tempo de virar a cabeça e de o reconhecer. Três lanternas alumiam a cena. De súbito, Chátov soltou um grito curto e desesperado, mas não o deixaram gritar mais: Piotr Stepánovitch, cuidadosa e firmemente, apontou-lhe o cano da arma à testa e apertou o gatilho. Parece que o estampido do tiro não foi muito alto, pelo menos em Skvoréchniki ninguém ouviu nada. Chigaliiov, que já se tinha afastado uns trezentos passos, não mais, ouviu de certeza — tanto o grito quanto o tiro — mas, como viria a declarar mais tarde, não se virou nem sequer parou. A morte foi quase imediata. Só Piotr Stepánovitch manifestou um perfeito espírito prático — mas já não sangue-frio, parece-me. Pondo-se de cócoras, revistou apressadamente, mas com mão firme, os bolsos do morto. Não encontrou dinheiro — o porta-moedas tinha ficado debaixo da almofada de Mária Ignátievna. Havia dois ou três papelinhos em branco; um bilhete do escritório, o título de um livro apontado, uma conta antiga de um restaurante estrangeiro que, só Deus sabe por quê, Chátov guardava no bolso havia já dois anos. Piotr Stepánovitch meteu os papéis no seu bolso e, ao ver que os outros estavam especados a olhar para o cadáver, sem nenhuma ação, começou, raivoso, a praguejar, a despertá-los. Erkel e Tolkatchenko, voltando a si, correram à gruta e voltaram com duas pedras, postas ali já de manhã, pesando umas vinte libras cada uma, já preparadas, isto é, bem atadas com cordas. Como fora decidido arrastar o cadáver para o lago mais próximo (o terceiro) e afundá-lo ali, começaram a atar-lhe as pedras aos pés e ao pescoço. Quem trabalhava era Piotr Stepánovitch, limitando-se Erkel e Tolkatchenko a segurar o corpo e a chegar as pedras. Erkel foi o primeiro a fazê-lo e, enquanto Piotr Stepánovitch, resmungando e praguejando, atava com a corda os pés do morto e prendia a primeira pedra, Tolkatchenko, durante todo este tempo, bastante prolongado, segurava a sua pedra nas mãos estendidas, muito inclinado, todo dobrado para a frente, como que em postura de respeito, pronto a chegar a pedra a Piotr Stepánovitch mal este lhe pedisse, sem lhe passar sequer pela cabeça que podia pousar a carga enquanto esperava. Quando ambas as pedras ficaram finalmente presas ao cadáver e Piotr Stepánovitch se levantou do chão e olhou

para as caras dos outros, aconteceu uma coisa estranha, perfeitamente inesperada e que os espantou.

Como já foi dito, todos, com exceção de Erkel e Tolkatchenko, ficaram espedados a olhar, sem fazerem nada. Virguínski, embora se tivesse também atirado a Chátov como os outros, não chegou a tocar-lhe nem a segurá-lo. Quanto a Liámchin, foi para junto do grupo somente depois do tiro. A seguir, durante toda aquela azáfama em volta do cadáver, que deve ter durado uns dez minutos, como que perderam a consciência de si. Ficaram parados em círculo e, ao invés de uma preocupação ou inquietude naturais, foram tomados por uma espécie de pasmo. Lipútin estava à frente, perto do corpo. Virguínski atrás dele, espreitando-lhe por cima do ombro, com uma cara de espectador alheio ao caso, levantando-se mesmo nas pontas dos pés para ver melhor. Quanto a Liámchin, escondia-se atrás de Virguínski e só de vez em quando espreitava, assustado, voltando logo a esconder-se. Quando as pedras foram atadas e Piotr Stepánovitch se levantou, Virguínski, de repente, começou todo a tremer, com um tremor miúdo, ergueu os braços e exclamou, alto e com amargura:

— Não está certo, não está certo! Não, isto assim não está certo!

Talvez tivesse ainda acrescentado mais qualquer coisa a esta frase tão tardia, mas Liámchin não o deixou acabar: de repente, agarrou-se a ele com toda a força, por trás, apertando-o, e desatou a berrar com uns guinchos inacreditáveis. Há momentos de medo forte em que uma pessoa grita repentinamente com uma voz alterada, uma voz quase impossível de imaginar nessa pessoa, e isso torna-se por vezes muito assustador. Liámchin não gritou com uma voz humana, berrou como um animal. Enlaçando os braços e apertando-se cada vez mais contra Virguínski, num impulso espasmódico, guinchava sempre, sem pausas, esbugalhando os olhos e abrindo muito a boca, batendo com os pés no chão muito rapidamente, como se rufasse um tambor. Virguínski assustou-se tanto que também gritou; e, desvairado, como um louco, com uma raiva que era impossível esperar-se dele, pôs-se a estrebuchar para se libertar do abraço de Liámchin, arranhando-o e batendo-lhe

tanto quanto lhe era possível para trás. Erkel, por fim, ajudou-o a livrar-se de Liámchin. Mas quando Virguínski, assustado, saltou para o lado dez passos, Liámchin, pondo os olhos em Piotr Stepánovitch, voltou às vociferações e precipitou-se desta vez para ele. Tropeçou no cadáver e caiu em cima de Piotr Stepánovitch; enlaçou-o com tal força nos braços, ficando a cabeça no peito dele, que nem o próprio Piotr Stepánovitch, nem Tolkatchenko, nem Lipútin conseguiram, num primeiro momento, fazer fosse o que fosse. Piotr Stepánovitch gritava, praguejava, matraqueava na cabeça de Liámchin com os punhos; livrando-se finalmente dele, sacou do revólver e apontou-o diretamente à boca aberta de um Liámchin ainda vociferante, mas a quem Tolkatchenko, Erkel e Lipútin já manietavam com firmeza; mas Liámchin, apesar do revólver, continuava a berrar. Por fim, Erkel, fazendo uma bola do seu lenço, enfiou-lho habilmente na boca, assim silenciando os gritos de Liámchin. Entretanto, Tolkatchenko atou-lhe as mãos com um pedaço restante da corda.

— É muito estranho — disse Piotr Stepánovitch, observando o enlouquecido com um espanto preocupado.

Estava visivelmente surpreendido.

— Tinha outra opinião dele — acrescentou pensativamente.

Até ver, deixaram Erkel ao pé dele. Tinham de se despachar com o morto: a gritaria tinha sido tanta que alguém podia tê-los ouvido. Tolkatchenko e Piotr Stepánovitch pegaram nas lanternas e seguraram o corpo ao alto pelo pescoço e ombros; Lipútin e Virguínski pelos pés; levaram-no. Com os dois pedregulhos amarrados, a carga era pesada. Era preciso fazer uns duzentos passos com ela. O mais forte de todos era Tolkatchenko. Aconselhou a que acertassem o passo, mas ninguém seguiu o conselho, andando cada qual como calhava. Piotr Stepánovitch ia à direita, dobrado, com a cabeça do morto assente no seu ombro esquerdo e segurando a pedra, embaixo, com a mão do mesmo lado. Como Tolkatchenko, durante a primeira metade do caminho, não se lembrou de ajudar a levar a pedra, Piotr Stepánovitch

acabou por lhe berrar, praguejando. Gritou-lhe de supetão, um grito solitário. Os outros continuavam a andar em silêncio, quebrado apenas já perto do lago por Virguínski que, sob o peso da carga e como se esta fosse demais para ele, exclamou de repente com a mesma voz alta e chorosa.

— Não está certo, não está certo!

O lugar para onde levaram o morto — no extremo do terceiro lago, bastante grande, de Skvoréchniki — era dos mais desertos e pouco frequentados do parque, sobretudo nesta temporada tardia do ano. Aqui, a margem do lago cobria-se de erva. Pousaram as lanternas no chão e baldearam o cadáver para a água. Fez um som prolongado e surdo. Piotr Stepánovitch ergueu a lanterna e logo os outros, com curiosidade, se puseram a espreitar como imergia o cadáver; mas já não se via nada: o corpo, com o peso das duas pedras, afundou-se de imediato. Os grandes círculos à superfície da água desfizeram-se rapidamente. Acabou.

— Meus senhores — dirigiu-se Piotr Stepánovitch a todos —, agora vamos dispersar. Devem sentir, sem dúvida, o orgulho livre que acompanha o cumprimento do dever livre. Ora, se neste momento, por infelicidade, estiverem demasiado preocupados para terem tais sentimentos, vão tê-los de certeza amanhã, quando já será vergonhoso não os ter. Admito considerar a comoção vergonhosa de Liámchin como um delírio, até porque, segundo dizem, ele ainda de manhã estava doente. Quanto ao senhor, Virguínski, um momento de reflexão livre mostrar-lhe-á que, tendo em conta os interesses da causa comum, era impossível termos apostado numa simples palavra de honra e que era necessário agir precisamente como agimos. O que se vai seguir há de confirmar-lhe que havia uma denúncia. Aceito esquecer as suas exclamações. Quanto a perigos, não se prevê nenhum. Não vai passar pela cabeça de ninguém suspeitar de algum de nós, sobretudo se os senhores conseguirem portar-se como deve ser. Portanto, o principal depende dos senhores e da firmeza que, espero bem, amanhã mesmo se irá consolidar nos senhores. Para esse efeito, e a propósito, direi que

os senhores se juntaram numa organização livre de pessoas com identidade de ideias e que, no presente momento, devem partilhar a energia, na causa comum, e, se for necessário, devem vigiar-se uns aos outros. Cada um tem obrigação de prestar contas, no sentido superior. Foram convocados para renovar a causa, decrépita e fedorenta por motivo de estagnação; mantenham sempre este fato diante dos olhos, para não perderem o ânimo. Toda a atividade consiste, por enquanto, em fazer ruir tudo: o Estado e a sua moral. Ficaremos de pé apenas nós, os predestinados para o poder: adotaremos os inteligentes e cavalgaremos os estúpidos. Não devem ter vergonha disso. É preciso reeducar esta geração, para que se torne digna da liberdade. Ainda temos pela frente muitos milhares de Chátov. Estamos organizando-nos para nos apoderarmos da tendência política: é vergonhoso não apanharmos o que está ao abandono, sem ser utilizado, mesmo à mão. Agora vou ter com Kiríllov e amanhã de manhã já estaremos na posse de um documento em que ele, antes de morrer, assumirá toda a responsabilidade do sucedido, esclarecendo tudo às autoridades. Não há nada de mais provável do que esta combinação. Em primeiro lugar, era inimigo de Chátov: estiveram juntos na América, por isso tiveram tempo de se zangar. Consta que o Chátov já tinha mudado de convicções; portanto, a inimizade era por causa das convicções e do medo da denúncia, ou seja, a mais irreconciliável das inimizades. Será tudo escrito assim, precisamente. Por fim, será declarado que na casa dele, no prédio de Filíppov, se acoitava o Fedka. Assim, tudo isto desviará dos senhores todas as suspeitas, completamente, e confundirá todas essas cabeças de carneiro. Amanhã, meus senhores, já não nos veremos: vou partir, algures para o distrito, por um prazo muito curto. No entanto, depois de amanhã receberão notícias minhas. Aconselho, entretanto, que amanhã fiquem em casa todo o dia. Agora, vamos daqui, aos pares, por caminhos diferentes. Tolkatchenko, peço-lhe que trate do Liámchin, que o leve para casa. Veja se o convence e, sobretudo, explique-lhe que esta fraqueza pode prejudicá-lo a ele próprio. Quanto ao seu parente Chigaliov, Senhor Virguínski, não quero desconfiar dele, tal como não quero desconfiar do senhor: portanto, não denunciá-lo. Resta lamentar o procedimento dele; no entanto, Chigaliov ainda não declarou que abandonava a organização,

por isso ainda é cedo para o enterrar. Muito bem, agora apressemo-nos, meus senhores; embora eles lá sejam todos uns burros, a prudência nunca é demais...

Virguínski foi-se embora com Erkel. Este, antes de entregar Liámchin a Tolkatchenko, aproximou-se com ele de Piotr Stepánovitch e informou que Liámchin caíra em si, se arrependia e pedia desculpa, não se lembrando sequer do que lhe acontecera. Piotr Stepánovitch partiu sozinho, metendo pelo desvio, do outro lado dos lagos, ao longo do parque. Para seu espanto, quase a meio caminho Lipútin apanhou-o.

— Piotr Stepánovitch, acho que o Liámchin vai denunciar!

— Não, cairá em si e perceberá que vai ser o primeiro a ir parar à Sibéria se fizer uma denúncia. Agora já ninguém vai denunciar ninguém. Nem o senhor.

— E o Piotr Stepánovitch?

— É evidente que vos meto a todos atrás das grades ao primeiro sinal de traição, e os senhores sabem isso muito bem. Mas não vão trair. Foi para isso que o senhor correu atrás de mim duas verstas?

— Piotr Stepánovitch, Piotr Stepánovitch, se calhar nunca mais nos veremos, não é?

— Essa agora! Por quê?

— Diga-me só uma coisa.

— O quê? Aliás, o que eu quero é que se vá embora.

— Dê-me uma resposta, mas verdadeira: somos a única célula de cinco que existe, não somos? Ou é verdade que existem várias centenas de células como a nossa? Pergunto-lhe isto no sentido mais elevado, Piotr Stepánovitch.

— Vejo que sim, pelo seu ar frenético. O senhor sabia que é mais perigoso do que o Liámchin?

— Eu sei, eu sei, mas a resposta, dê-me a resposta!

— Seu estúpido! Agora já devia ser indiferente para o senhor que haja uma célula ou que haja milhares de células.

— Portanto, há só uma! Já sabia! — gritou Lipútin. — Sempre soube que havia só uma, até este momento...

E, sem esperar por outra resposta, deu meia-volta e desapareceu na escuridão.

Piotr Stepánovitch ficou um pouco pensativo.

— Não, ninguém vai falar — concluiu, resolutamente —, mas... o grupo vai ter de continuar e obedecer, senão, vão ver... Que gentilha sem préstimo, francamente!

II

Primero, passou por casa e fez a mala, com cuidado, sem pressas. Às seis da manhã, partiria o trem especial, que circulava apenas uma vez por semana e que tinha sido introduzido havia pouco, estando por isso na fase experimental. Embora Piotr Stepánovitch tivesse avisado os *nossos* de que se ia ausentar por pouco tempo para um qualquer lugar do distrito, viria a ser provado mais tarde que as suas intenções eram outras. Depois da mala feita, pagou à senhoria, avisada de antemão e, num carro de praça, mudou-se para a casa de Erkel, perto da estação. Só depois, cerca da uma da manhã, foi à casa de Kiríllov onde penetrou, mais uma vez, pela passagem secreta de Fedka.

O estado de espírito de Piotr Stepánovitch era horrível. Além de outros desgostos de muito peso para ele (ainda não conseguira saber nada de Stavróguin), nesse dia recebera— ao que parece, mas não

posso afirmá-lo com certeza — um aviso secreto (o mais provável de Petersburgo) de certo perigo que o esperava muito em breve. É verdade que, no referente àquele lapso de tempo, correm agora pela cidade muitas lendas; contudo, a haver alguém que possua informação verídica, são apenas aqueles que têm obrigação de a ter. Quanto a mim, suponho que Piotr Stepánovitch também tinha atividades algures fora da nossa cidade, sendo por isso possível que recebesse avisos. Tenho mesmo a certeza, contrariamente à dúvida cínica e desesperada de Lipútin, de que Verkhovênski podia controlar duas ou três células de cinco além da nossa, por exemplo nas capitais; e, se acaso não se tratasse dos tais grupos de cinco, pelo menos tinha contatos e relações — até muito curiosos, possivelmente. Não foram precisos mais de três dias após a sua partida para que as autoridades recebessem da capital a ordem de o deterem imediatamente — por motivo de que atividade, na nossa cidade ou algures, isso não sei. Esta ordem chegou na hora certa para reforçar aquela esmagadora sensação de medo, quase místico, que repentinamente se apoderara das nossas autoridades e da nossa sociedade, até então de uma leviandade persistente, mal tiveram conhecimento do assassinio, misterioso e cheio de significado, do estudante Chátov — assassinio que, na nossa cidade, era o cúmulo do absurdo — e das circunstâncias tão enigmáticas do caso. Por outro lado, a ordem chegou tarde demais: Piotr Stepánovitch já estava em Petersburgo, sob nome falso, e de Petersburgo, ao farejar o perigo, partiria depois para o estrangeiro... Aliás, já estou antecipando-me muito.

Entrou em casa de Kiríllov com um ar raivoso e provocador. Parecia ter vontade, além do principal que pretendia obter de Kiríllov, de descarregar mais qualquer coisa em cima dele. Kiríllov reagiu como se tivesse ficado satisfeito com a chegada de Verkhovênski; via-se que estava à espera dele havia muito, e com uma impaciência doentia. O rosto dele estava mais pálido do que de costume, o olhar pesado e imóvel.

— Pensava que senhor não vinha — disse com esforço, mas sem ir ao encontro do outro, sem sequer se levantar do canto do divã. Piotr

Stepánovitch postou-se em frente dele e, antes de começar a falar, estudou-lhe bem a cara.

— Portanto, parece que está tudo bem e que não vamos desistir da nossa intenção, lindo menino! — E esboçou um sorriso insultuosamente protetor. — Qual é o problema? — acrescentou em tom de brincadeira maldosa. — Mesmo que tenha chegado atrasado, o senhor não tem razões de queixa: ofereci-lhe três horas de vida.

— Não quero que me ofereça horas e não podes fazer prendas... imbecil!

— Como? — estremeceu Piotr Stepánovitch, mas dominou-se num instante. — Que suscetível! Então, parece que estamos furiosos, não? — articulou com o mesmo ar de altivez insultuosa. — Num momento como este, o melhor é ter calma. É melhor que o senhor se considere um Colombo e a mim um rato, e que não se ofenda comigo. Ainda ontem lho recomendei.

— Não quero considerar-te rato.

— Isso é o quê, um cumprimento? Aliás, até o chá está frio... o que significa que está tudo de pernas para o ar. Estou vendo que se passa qualquer coisa suspeita. Caramba! Reparo em qualquer coisinha ali no peitoral, no prato. — (Aproximou-se da janela) — Ooh, frango cozido com arroz!... Mas por que estará intato? Significa que esse estado de espírito era tal, que nem sequer o frango...

— Comi, nada que ver com isso, cale-se!

— Oh, é claro, além disso não tem importância. Aliás, para mim tem alguma: imagine, quase não almocei, e como este frango agora já lhe é desnecessário, suponho eu... não é verdade?

— Se é capaz, coma.

— Agradeço, e depois também quero chá.

Acomodou-se num instante à mesa, na outra ponta do divã, e atirou-se ao frango com extrema avidez; ao mesmo tempo, não parava de observar a sua vítima. Kiríllov, com uma repugnância raivosa, olhava para ele fixamente, como se fosse incapaz de desviar os olhos.

— Bem, ouça — disparou de repente Piotr Stepánovitch, continuando a comer —, vamos ao que interessa, está bem? Então, não desistimos, pois não? E o papel?

— Indiferente, disse na outra noite. Escrevo. Sobre os panfletos?

— Sim, também sobre os panfletos. Aliás, vou ditar-lho. Já que lhe é indiferente. Neste momento, poderia realmente preocupar-se com o conteúdo?

— Não é contigo.

— É claro que não. Aliás, são apenas algumas linhas: que o senhor, juntamente com Chátov, espalhava os panfletos, a propósito, com a ajuda de Fedka, que o senhor escondia em sua casa. Este último ponto sobre o Fedka e a casa é sumamente importante. Está vendo a minha sinceridade absoluta para consigo?

— Chátov? Por que Chátov? De modo algum.

— Essa agora! Que diferença lhe faz? Já não pode prejudicá-lo.

— Voltou mulher dele. Acordou, mandou pessoa perguntar: onde está ele?

— Mandou perguntar? Hum, isso não é nada bom. É capaz de mandar alguém outra vez; ninguém deve saber que eu estou aqui...

Piotr Stepánovitch estava ficando preocupado.

— Ninguém vai saber. Está dormindo, parteira com ela, Arina Virguínskaia.

— Então... não ouve, acho eu, pois não? Sabe uma coisa? É melhor fechar a portade entrada à chave.

— Não ouve. Chátov vier, escondo senhor noutro quarto.

— O Chátov não virá; e o senhor vai escrever que se zangou com ele por causa da traição e da denúncia... hoje à noite... e que é a causa da morte dele.

— Morreu! — gritou Kiríllov, saltando do divã.

— Hoje, cerca das oito da noite, ou melhor, ontem, porque já passa da meia-noite.

— Tu mataste!... Já ontem eu previa!

— E de que maneira! Com este mesmo revólver. — Tirou o revólver, pelos vistos para o mostrar, mas já não o guardou, continuando a segurá-lo na mão direita, como que a significar que o tinha pronto. — É um homem estranho, Kiríllov, pois bem sabia que era assim que esse parvo devia acabar. Não havia nada a prever. Ao senhor eu tinha servido isto já mastigado. O Chátov preparava uma denúncia, eu andava a vigiá-lo; não se podia deixá-lo assim. Foram dadas instruções para ser vigiado também o senhor; o senhor mesmo me disse, há cerca de três semanas, que...

— Cala-te! Mataste-o porque te cuspiu na cara em Genebra!

— Foi por essas e por outras. Por muitas outras coisas; aliás, sem qualquer rancor. Por que é que o senhor tem de saltar assim do lugar? Para que são essas poses? Irra! Agora é assim?...

Saltou do lugar e ergueu a arma. É que Kiríllov, de repente, apanhara do peitoril o seu revólver, preparado e carregado já desde manhã. Piotr Stepánovitch apontou a arma a Kiríllov. Este riu-se maldosamente.

— Confessa, canalha, trouxeste revólver porque eu te matava... Mas não mato... embora... embora...

E apressou-se a apontar o revólver a Piotr Stepánovitch, como que a ensaiar, como que incapaz de recusar a si mesmo o prazer de imaginar como o mataria. Piotr Stepánovitch, sem mudar de posição, esperou, esperou até ao último instante, sem premir o gatilho, correndo o risco de ser o primeiro a receber uma bala na testa: o “maníaco” era homem para isso. Porém, o “maníaco” acabou por baixar o braço, a arfar e a tremer, sem forças para falar.

— Chega, já brincamos. — E Piotr Stepánovitch também baixou a arma. — Eu sabia que o senhor ia fazer teatro; só que, fique sabendo, arriscou muito: eu era mesmo capaz de disparar.

E sentou-se com bastante calma no divã e serviu chá para si, com a mão um pouco atremer. Kiríllov pousou o revólver em cima da mesa e pôs-se a andar para a frente e paratrás.

— Não escrevo que matei Chátov e agora... não escrevo nada. Papel nenhum!

— Não?

— Não.

— Que ignomínia e que estupidez! — Piotr Stepánovitch ficou verde de raiva. — Aliás, já desconfiava. Fique sabendo que não me apanha desprevenido. De resto, como queira. Se pudesse obrigá-lo à força, obrigava. O senhor, aliás, é um canalha. — Piotr Stepánovitch ia perdendo a paciência a olhos vistos. — Naquela altura, o senhor pediu-nos dinheiro e prometeu mundos e fundos... De qualquer maneira, não saio daqui sem um resultado qualquer, ao menos quero ver como o senhor vai rebentar com a cabeça.

— Sais agora mesmo, o que eu quero. — Kiríllov, firme, parou em frente dele.

— Não, assim não. — E Piotr Stepánovitch voltou a agarrar no revólver. — O senhor, agora, é capaz de adiar tudo para amanhã, por raiva e covardia, e amanhã é capaz de ir fazer uma denúncia para arranjar mais uma vez uns dinheirinhos: porque eles, lá, pagam por isso. Raios, gentalha como o senhor é capaz de tudo! Mas descanse, eu previ tudo: não me vou embora sem lhe rebentar o crânio com este revólver, como fiz ao pulha do Chátov, se o senhor, raios o partam, se acovardar e adiar a sua intenção!

— Ver meu sangue, queres também, obrigatoriamente?

— Não é por maldade, tente compreender, até porque me é indiferente. É só para ficar descansado no que diz respeito à nossa causa. O senhor mesmo está vendo: é impossível confiar-se nas pessoas. Não compreendo que fantasia é essa de se querer matar, não fui eu que inventei isso em sua intenção, mas sim o senhor mesmo quem o declarou, e não a mim, mas aos membros do estrangeiro. E note que não foi nenhum deles a obrigá-lo a confessar isso, foi o senhor mesmo quem o alardeou, por sentimentalismo. O que se pode agora fazer se foi com base nisso, com o seu consentimento e por proposta sua (repare: proposta!), que se delineou determinado plano, para aqui, que neste momento já não pode ser alterado? A situação criada coloca-o na posição de quem já sabe demais. Se roer a corda e amanhã nos for denunciar, isso será desvantajoso para nós, não acha? Não; o senhor assumiu esta obrigação, deu a sua palavra, recebeu o dinheiro. Não pode negá-lo de maneira alguma...

Piotr Stepánovitch exaltara-se muito, mas Kiríllov já não o ouvia. Começou de novo a calcorrear o quarto, pensativo.

— Tenho pena do Chátov — disse, parando em frente de Piotr Stepánovitch.

— Também eu tenha talvez pena dele, mas será que...

— Cala-te, canalha! — rugiu Kiríllov, num movimento assustador e inequívoco. — Mato-te!

— Pronto, pronto, pronto, menti, de acordo, não tenho qualquer pena dele, mas basta, basta! — agitou-se temerosamente Piotr Stepánovitch, estendendo a mão para a frente.

Kiríllov, de repente, estacou e, depois, voltou a andar.

— Adiar não, quero matar-me, agora: todos canalhas!

— Ora aí está uma ideia correta: é claro que são todos uns canalhas, e como, neste mundo, isso é repugnante para uma pessoa decente, então...

— Imbecil, eu o mesmo canalha que tu, não decente, como todos. Decentes, não há.

— Até que enfim percebeu. Será que o Kiríllov, com o seu intelecto, ainda não tinha percebido até hoje que não há pessoas melhores nem piores, que há apenas as mais espertas e as mais estúpidas, e que, se toda a gente é canalha (um absurdo, aliás!), não pode existir o não canalha?

— Ah! Não estás então a brincar? — Kiríllov olhou para ele com um certo espanto.— Simples e forte, é como falas... Sujeitos como tu, possível ter convicções?

— Kiríllov, eu nunca consegui perceber por que se quer matar. Sei apenas que é por convicção... por uma convicção firme. Mas se, por assim dizer, tiver necessidade de desabafar, estou às suas ordens... É apenas de ter em conta a pressa...

— Que horas são?

— Oh, já são duas em ponto. — Piotr Stepánovitch olhou para o relógio e acendeu um cigarro.

“Parece que ainda é possível chegar a acordo”, pensou.

— Não tenho nada para te dizer — murmurou Kirílov.

— Lembro-me de que há aí qualquer coisa relativa a Deus... O senhor falou disso uma ocasião, ou até duas. Se se matar a tiro, torna-se Deus, é isso?

— Sim, torno-me Deus.

Piotr Stepánovitch nem sequer sorriu, ficando à espera. Kirílov olhou para ele com sagacidade.

— Vigarista, intriguista político, o senhor. Quer de mim raciocínios políticos, entusiasmo, depois eu já sem cólera faço pazes, por fim o senhor consegue confissão de que matei Chátov.

Piotr Stepánovitch respondeu com uma ingenuidade quase natural:

— Está bem, sou um canalha, mas, nos seus últimos instantes, que diferença lhe faz, Kirílov? Diga-me, por favor: por que havemos de nos zangar? O senhor é assim, eu sou assado, e depois? Ainda por cima, somos ambos...

— Canalhas.

— Sim, talvez canalhas. O senhor bem sabe que isso não são mais do que palavras.

— Durante toda a vida, não quis que fosse apenas palavras. Mantive a vida precisamente porque não queria. Hoje ainda, não quero sejam apenas palavras.

— Bem, cada qual procura o melhor. O peixe... ou seja, cada qual procura uma espécie de conforto, apenas. Há muito tempo que se sabe isso.

— Conforto, dizes tu?

— Não vale a pena discutirmos por causa de uma palavra.

— Não, disseste bem: conforto. Deus é necessário, por isso tem de existir.

— Ótimo.

— Mas sei que não existe nem pode existir.

— É ainda mais certo.

— Um homem com estas duas ideias juntas não pode continuar viver, não percebes?

— E então tem de dar um tiro na cabeça, não é?

— Apenas por isso é possível matar-se, não percebes? Não percebes que pode haver um homem, entre um milhar de milhões dos vossos, um só, que não quer suportar e não suporta?

— Percebo apenas que o senhor, ao que parece, está hesitante... Isso é muito mau.

— Stavróguin também foi devorado pela ideia. — Kiríllov, passeando sombriamente pelo quarto, não prestou atenção à última observação de Verkhovênski.

— Como? — Piotr Stepánovitch ficou alerta. — Qual ideia? Foi ele quem lhe falou nisso?

— Não, descobri por mim: Stavróguin, se tem fé, não acredita que tem. Se não tem, não acredita que não tem.

— Bem, o Stavróguin tem outras coisas mais inteligentes do que isso... — murmurou Piotr Stepánovitch, irritado, seguindo com preocupação o desenvolvimento da conversa e os movimentos do pálido Kiríllov.

“Raios, não se vai matar”, pensava ele, “sempre desconfiei: aquilo é um desvario do cérebro, mais nada; que gente sem préstimo!”.

— És o último a estar comigo: não gostava de me despedir mal de ti — disse Kiríllov, inesperadamente.

Piotr Stepánovitch não respondeu de imediato. “C’um raio, o que é isto agora?”, pensou.

— Acredite, Kiríllov, que, pessoalmente, não tenho nada contra o senhor e sempre...

— Canalha e mente falsa, tu. Mas eu o mesmo que tu e vou matar-me, e tu ficas vivo.

— Quer o senhor dizer que eu sou tão baixo que quero continuar vivo.

No momento, ainda não conseguira decidir se era vantajoso continuar a conversa neste rumo e, por isso, resolveu “entregar-se à força das circunstâncias”. Porém, o tom de aberta superioridade e de desprezo habituais em Kiríllov quando lidava com ele, e que já antes o irritava, irritou-o agora ainda mais. Talvez porque Kiríllov, que ia morrer dali a uma hora (Piotr Stepánovitch não deixava de ter constantemente esta circunstância em conta), lhe parecia já uma espécie de meio homem, uma coisa a que não se podia permitir a altivez.

— Parece que o senhor se vangloria do fato de se ir matar?

— Sempre me espantou os outros continuarem a viver — disse Kiríllov sem ouvir a observação dele.

— Humm, digamos que é uma ideia, mas...

— Macaco, apoias para me dominar. Cala-te, não entendes nada. Se Deus não existe, sou Deus.

— Nunca cheguei a perceber esse ponto: é Deus por quê?

— Se Deus existe, toda vontade é d’Ele, não posso contrariar. Se não existe, toda vontade é minha, e tenho obrigação de declarar toda minha vontade.

— Sua? E tem obrigação por quê?

— Porque toda vontade ficou minha. Será que ninguém em todo planeta, se acabasse com Deus e ganhasse fé na sua própria vontade, não se atreveria a declará-lo em plena medida? Como pobre que recebesse herança e se assustasse e não se atrevesse a aproximar do saco, por achar que era demasiado fraco para o ter. Quero declarar minha vontade. Seja sozinho, mas faço-o.

— Então faça.

— A obrigação de me matar porque a mais plena medida da minha vontade é matar-me com minhas próprias mãos.

— Mas o senhor não é o único a matar-se; há muitos suicidas.

— Com motivo. Sem motivo, por própria vontade, só eu.

“Não se vai matar”, passou de novo pela cabeça de Piotr Stepánovitch.

— Sabe uma coisa? — observou com irritação. — No seu lugar, para manifestar a vontade, mataria outra pessoa qualquer, e não a mim mesmo. Poderia ser útil. Indico-lhe alguém, se não se assustar. Nesse caso, talvez já não seja preciso matar-se. Podemos fazer um acordo.

— Matar outra pessoa, a medida mais baixa de minha vontade; mesmo próprio de ti. Não sou como tu: quero bitola superior e vou matar-me.

“Percebeu sozinho”, resmungou Piotr Stepánovitch raivosamente, para si mesmo.

— Tenho obrigação de declarar minha descrença... — Kiríllov passeava pelo quarto. — Para mim, não há ideia mais elevada que inexistência de Deus. A meu favor está a história da humanidade. O homem tem passado a vida a inventar Deus, para viver e não se matar; toda história universal é isso, toda história universal até hoje. Eu sozinho em toda história universal não quis inventar Deus. Que fiquem saber de uma vez para sempre.

“Já não se vai matar”, preocupava-se Piotr Stepánovitch.

— Quem vai saber isso? — instigou-o. — Só estamos aqui eu e o senhor; talvez Lipútin saiba.

— Todos, todos vão saber. Não há segredo que não se descubra. Disse-o Ele.

E Kiríllov, com um entusiasmo febril, apontou para o ícone do Salvador, diante do qual ardia uma lamparina. Piotr Stepánovitch enraiveceu-se por completo.

— Portanto, ainda tem fé n’Ele e acendeu-lhe uma lamparina: não será “para o que der e vier”?

O outro não respondeu.

— Sabe uma coisa? A meu ver, o senhor é mais crente do que um pope.

— Creio em quem? N’Ele? Ouve — Kiríllov estacou, olhando loucamente em frente. — Ouve a grande ideia: houve na Terra um dia, e no meio da Terra erguiam-se três cruzeiras. Um crucificado tinha tanta fé que disse ao outro: “Hoje, estarás comigo no Paraíso”. Acabou-se o dia, morreram ambos, foram e não acharam Paraíso nem ressurreição. O dito não se cumpriu. Ouve: este homem era superior em toda a Terra, constituía aquilo para que a Terra tinha de viver. Todo o planeta, com tudo o que contém, sem este homem, é apenas loucura. Não havia antes nem depois, nunca, um homem assim, o que é milagre. Milagre é

precisamente não haver antes nem ir haver um homem igual nunca. Sendo assim, se leis da natureza não pouparam mesmo este, não pouparam mesmo seu próprio milagre, mas obrigaram também ele viver no meio da mentira e morrer pela mentira, então todo planeta é mentira e assenta na mentira e no gozo estúpido. Então, próprias leis do planeta são mentira e *vaudeville* do Diabo. Então, para que viver, responde, se sou homem?

— É outro lado da questão. Parece que o senhor mistura duas razões diferentes; por isso é muito suspeito. Mas, desculpe, e se o senhor for Deus? Se a mentira acabou, e o senhor percebeu que toda a mentira provém da fé anterior em Deus?

— Até que enfim percebeste! — gritou Kiríllov, enlevado. — Então, é possível perceber, se uma pessoa como tu percebeu! Compreendes agora que a salvação para todos é provar a todos esta ideia? Quem vai prová-la? Eu! Não compreendo como um ateu, sabendo que Deus não existe, não foi capaz de se matar de imediato. Ter consciência de que não existe Deus e não compreender logo a seguir que ele próprio se tornou Deus é um absurdo, de outro modo a pessoa mata-se sem falta. Se compreender torna-se czar já não se mata, mas vai viver uma maior glória. Mas um homem, aquele o primeiro, tem de matar-se sem falta senão quem começará e provará? Sou eu, eu mato-me sem falta para começar e provar. Sou ainda Deus sem querer e sou infeliz porque *tenho obrigação* de declarar minha vontade. Toda a gente é infeliz porque tem medo de declarar sua vontade. O homem é desgraçado e pobre até hoje porque tem medo de declarar mais importante ponto de sua vontade e manifesta vontade às escondidas como um rapaz da escola. Eu, terrivelmente infeliz porque tenho muito medo. Medo é maldição do homem... Mas vou declarar minha vontade, tenho obrigação de ganhar fé em não ter fé. Começo e acabo, abro a porta. E salvo. Somente isso vai salvar toda a gente, regenerar, mesmo próxima geração, fisicamente; porque no aspecto físico atual (pensei muito nisso), homem não pode passar de maneira alguma sem Deus anterior. Três anos procurei atributo da minha divindade e encontrei: o atributo da minha divindade é a minha Vontade. É apenas

isso com que posso, no ponto principal, manifestar desobediência e minha nova e terrível liberdade. Porque é terrível. Mato-me para manifestar desobediência e minha nova e terrível liberdade.

Era agora pouco natural a palidez de Kirílov, o seu olhar era insuportavelmente grave. Como se fosse presa das febres. Piotr Stepánovitch, por um momento, pensou que o homem ia cair.

— Dá cá a pena! — gritou inesperadamente Kirílov, numa grande inspiração. — Dita, assino tudo. E que matei Chátov também. Dita, enquanto me parece divertido. Não tenho medo do que pensam os escravos arrogantes! Tudo o que é segredo será revelado, vais ver! E tu serás esmagado... Tenho fé, tenho fé!

Piotr Stepánovitch atarefou-se e, num instante, chegou-lhe o tinteiro e o papel e começou a ditar-lhe, aproveitando o momento e temendo pelo êxito da empresa.

“Eu, Aleksei Kirílov, declaro...”.

— Para! Não quero! Declaro a quem?

Kirílov, como se ardesse em febre, tremia. A declaração e uma qualquer ideia especial com ela relacionada pareciam tê-lo possuído por completo, como uma saída para onde dirigia vertiginosamente o espírito extenuado, um instante que fosse.

— Declaro a quem? Quero saber! A quem?

— A ninguém e a todos, ao primeiro que o ler. Para que é preciso defini-lo? A todo o mundo!

— A todo o mundo? Bravo! E que não haja arrependimento. Não quero arrependimento; e não quero que seja para as autoridades!

— Não, não é preciso, para o diabo as autoridades! Escreva lá, ande, se isto é a sério!... — gritou-lhe histericamente Piotr Stepánovitch.

— Espera! Em cima quero careta mostrando a língua.

— Eh, disparate! — enraiveceu-se Piotr Stepánovitch. — Pode exprimir-se tudoisso sem desenho, só pelo tom.

— Pelo tom? Está bem. Sim, pelo tom, pelo tom! Dita o tom.

— “Eu, Aleksei Kiríllov” — ditava Piotr Stepánovitch com firmeza e autoridade, inclinando-se por cima do ombro de Kiríllov e seguindo cada linha que este rabiscavam com a mão tremente de emoção —, “eu, Kiríllov, declaro que hoje, em tantos do tal do mês de outubro, ao fim da tarde, cerca das oito, matei no parque o estudante Chátov, por motivo da sua traição e da denúncia sobre os panfletos e sobre Fedka, que morou e pernitoiu durante dez dias nas nossas casas, no prédio de Filíppov. Mato-me hoje a tiro de revólver, mas não porque me arrependa e tenha medo, e sim porque ainda no estrangeiro eu tinha a intenção de acabar com a minha vida”.

— Só isso? — exclamou Kiríllov com espanto e indignação.

— E nem uma palavra mais! — Piotr Stepánovitch agitou a mão, tentando arrancar-lhe o documento.

— Espera! — Kiríllov pousou a mão com firmeza em cima do papel. — Espera, assim não! Quero escrever com quem o matei. Por que o Fedka? E o incêndio? Quero tudo, e ainda quero insultar, pelo tom, pelo tom!

— Chega, Kiríllov, asseguro-lhe que chega! — quase implorava Piotr Stepánovitch, temendo que o outro rasgasse o papel. — Para acreditarem, é preciso escrever do modo mais obscuro possível, precisamente assim, apenas com insinuações. Mostra-se apenas uma pontinha de verdade, apenas o bastante para os excitar. Eles hão de sempre mentir para si mesmos mais do que nós e vão acreditar em si mesmos mais do que em nós, e isso é sempre melhor, é o melhor! Dê-mo, já está ótimo. Dê-mo cá. Dê-mo cá!

E tentava arrancar-lhe o papel. Kiríllov ouvia, esbugalhando os olhos, como se tentasse perceber, mas pelos vistos já deixara de compreender fosse o que fosse.

— Eh, raios partam isto! — enraiveceu-se de súbito Piotr Stepánovitch. — Ainda não assinou! Por que esbugalha os olhos? Assine!

— Quero insultar... — murmurou Kiríllov; mas lá pegou na pena e assinou. — Quero insultar...

— Escreva: *Vive la république*,³⁰⁵ e chega.

— Bravo! — Kiríllov quase rugiu de entusiasmo. — *Vive la république démocratique sociale et universelle ou... la mort!*...³⁰⁶ Não, assim não. *Liberté, égalité, fraternité ou la mort!*³⁰⁷ É melhor, é melhor — escreveu ele logo a seguir à assinatura, deliciado.

— Chega, chega — repetia Piotr Stepánovitch.

— Espera, só mais um pouco... Sabes, quero outra assinatura, em francês: “de Kiriloff, gentilhomme russe et citoyen du monde”. Ah, ah, ah! — desatou às gargalhadas. — Não, não, não, espera, achei melhor, *eureka: gentilhomme-séminariste russe et citoyen du monde civilisé!*...³⁰⁸ é melhor do que quaisquer... — Kiríllov saltou do divã e, de repente, num gesto rápido, apanhou o revólver do peitoril da janela, correu com ele para o quarto contíguo e fechou bem a porta. Piotr Stepánovitch ficou por um momento pensativo, a olhar para a porta.

“Se for já, talvez dispare, mas se começar a pensar, não vai acontecer nada”.

Entretanto, pegou no papel, sentou-se e releu-o. A redação da declaração agradou-lhe.

“Por enquanto, o que é preciso? Por enquanto é preciso confundi-los e desviar as atenções. O parque? Na cidade não há parque, portanto chegarão sozinhos à conclusão de que foi em Skvoréchniki. Enquanto pensam e não pensam, vai passar muito tempo; enquanto procuram e não procuram, vai passar mais tempo ainda e, quando encontrarem o cadáver, concluirão que o que está escrito neste papel é verdadeiro; portanto, para eles, o resto também será verdade; e, quanto ao Fedka, também. Ora, o que é Fedka? Fedka é o incêndio, os Lebiádkin; portanto, tudo provinha daqui, do prédio de Filíppov, e eles que não viam nada, que deixaram tudo sem vigilância... e vão ficar completamente baralhados com isso! Nem lhes passará pela cabeça a ligação com os nossos; o Chátov mais o Kiríllov, mais o Fedka, mais o Lebiádkin... mas por que raio se mataram uns aos outros? Mais um enigma para eles. Oh, diabo, não se ouve o tiro!...”

Embora estivesse lendo e deleitando-se com a redação, não deixava de apurar o ouvido, com uma preocupação torturante. De repente, foi tomado de cólera. Olhou, inquieto, para o relógio: era bastante tarde, talvez já tivessem passado dez minutos após a saída de Kiríllov... Pegou na vela e dirigiu-se para a porta do quarto onde se fechara Kiríllov. Em frente da porta, passou-lhe pela cabeça que também a vela estava extinguindo-se, dentro de vinte minutos acabaria, e não havia outra. Deitou a mão à maçaneta da porta e pôs-se a escutar com atenção: nenhum som. Abriu a porta bruscamente e ergueu a vela ao alto. Alguém rugiu e se atirou a ele. Recuou, fechou a porta com toda a força e encostou-se a ela com todo o corpo, mas já o silêncio caía — o silêncio dos mortos.

Ficou muito tempo parado com a vela na mão. No instante em que abria a porta, pouca coisa tinha conseguido distinguir, apenas lhe relanceara pelos olhos o rosto de Kiríllov que estava ao fundo do quarto junto à janela e a fúria animalesca com que este se atirara a ele. Piotr Stepánovitch estremeceu, pousou rapidamente a vela em cimada mesa, preparou o revólver e, nas pontas dos pés, saltou para o canto contrário: se Kiríllov abrisse a porta e se precipitasse com o revólver

até à mesa, ainda teria tempo de apontar e de premir o gatilho antes de Kirílov.

Piotr Stepánovitch já não acreditava em suicídio! “Estava parado no meio do quarto e refletia”, passava vertiginosamente pela cabeça de Piotr Stepánovitch. “Além disso, um quarto escuro, assustador... Rugiu e atirou-se a mim... Aqui há duas possibilidades: ou o atrapei no instante fatal em que ele já premia o gatilho, ou... ou estava pensando como havia de me matar... Sim, com certeza estava pensando nisso... Sabe que não me vou embora sem o ver morto, e que, se se acovardar... logo, tem de me matar para que eu não o mate... E lá dentro, outra vez o silêncio, outra vez! Até mete medo: e se ele abrir a porta de repente... No meio disto tudo, a maior porcaria é que ele acredita em Deus mais do que um pope... Não se vai matar, isto é certo!... Hoje em dia há desses, que ‘chegaram às ideias pela sua própria cabeça’, há desses aos montes. Canalha! Irra, diabo para isto, a vela, a vela! Daqui a um quarto de hora gasta-se a vela, de certeza... É preciso resolver isto, custe o que custar, é preciso acabar com isto... Bem, agora já posso matá-lo... Com este papel, nunca vão pensar que fui eu. Posso deitá-lo no chão e pôr-lhe o revólver descarregado na mão, de tal forma que eles vão pensar obrigatoriamente que foi ele próprio... Ah, raios, mas como é que o mato? Abro a porta, mas ele volta a atirar-se a mim e dispara primeiro. Eh, pr’o diabo, com certeza falha o tiro!”

Assim se atormentava Piotr Stepánovitch, tremendo porque era inevitável que cumprisse a sua intenção e porque, apesar disso, hesitava. Por fim, pegou na vela e voltou a aproximar-se da porta, com o revólver preparado, em riste; com a mão esquerda (a mão com que pegava na vela) empurrou a maçaneta. Mas o gesto saiu-lhe desajeitado: a maçaneta deu um estalido, fez barulho, rangeu. “Vai disparar”, cintilou na cabeça de Piotr Stepánovitch. Com toda a força, empurrou a porta com um pontapé, ergueu a vela e esticou o braço armado; mas não houve tiro nem grito... Não estava ninguém no quarto.

Verkhovênski estremeceu. Não se tratava de um quarto de passagem, mas de um quarto do fundo, não havia para onde fugir. Levantou a vela ainda mais alto e espreitou com atenção: não havia ninguém. Chamou Kiríllov a meia-voz, depois mais alto: ninguém lhe respondeu.

“Fugiria pela janela?”

Efetivamente, o postigo estava aberto. “Disparate, não cabia no postigo”. Piotr Stepánovitch atravessou o quarto até à janela: “Não podia, de forma alguma”. De repente, voltou-se com brusquidão e ficou abalado com o que viu.

Junto à parede frontal à janela, à direita da porta, havia um armário. Do lado direito do armário, no recanto formado pelo armário e pela parede, estava Kiríllov, de pé, e numa pose muito estranha: imóvel, todo retesado, na posição de sentido, com a cabeça levantada e a nuca muito encostada contra a parede; estava tão enfiado no canto que mais parecia querer fundir-se nele e desaparecer nele por completo. Por todos os indícios, escondia-se, mas isso era quase inacreditável. Piotr Stepánovitch estava um pouco de viés em relação àquele canto e podia enxergar apenas as partes da figura que sobressaíam. Não se atrevia a deslocar-se para a esquerda para ver todo o Kiríllov e desvendar o enigma. Começou a bater-lhe com força o coração... De repente, apossou-se dele uma fúria descontrolada: arrancou do lugar onde estava, gritou e, batendo o pés, precipitou-se para o esconderijo terrível.

Porém, quando já estava juntinho, voltou a parar petrificado, ainda mais aterrorizado. Impressionou-se principalmente por a figura, apesar do seu grito e do seu ataque furioso, nem sequer se mexer, não mover a ponta de um dedo — como se fosse de pedra, ou de cera. A palidez do rosto de Kiríllov era antinatural, os olhos negros absolutamente imóveis, fitando um ponto perdido no vazio. Piotr Stepánovitch passou a vela de cima para baixo, depois de baixo para cima, alumando-lhe a cara de todos os ângulos, examinando-a bem.

Notou de súbito que Kirílov, embora parecesse olhar em frente, o via de soslaio e até estivesse talvez a observá-lo. Nisto, passou-lhe pela cabeça chegar a chama da vela bem perto da cara “do canalha”, queimá-lo e ver como ele reagia. De repente, pareceu-lhe que o queixo de Kirílov se mexeu e lhe aflorou um sorriso irônico aos lábios — como se Kirílov adivinhasse o seu pensamento. Piotr Stepánovitch tremeu e, fora de si, agarrou com força Kirílov pelo ombro.

A seguir, aconteceu uma coisa de tal modo monstruosa e rápida, que Piotr Stepánovitch, mais tarde, não conseguiria ordená-la dentro das suas recordações. Mal tocou em Kirílov, este sacudiu a cabeça e, com a sacudidela, fez-lhe saltar a vela da mão; o castiçal caiu, tilintante, e a vela apagou-se. No mesmo momento, sentiu uma dor terrível no mindinho da mão esquerda. Soltou um grito e só se lembrou de, com toda a força, bater com o revólver na cabeça de Kirílov, agarrado a ele e mordendo-lhe o dedo. Por fim, conseguiu libertar o dedo e, procurando a saída na escuridão, fugiu a sete pés daquela casa. Nas suas costas, soavam os gritos terríveis chegados do quarto:

— Agora, agora, agora, agora...

Assim umas dez vezes, talvez. Piotr Stepánovitch, no entanto, continuava correndo, e já entrava no vestíbulo quando ouviu um tiro estrondoso. Então, parou no meio do escuro e ficou refletindo uns cinco minutos; por fim, voltou aos quartos. Era preciso arranjar uma vela. Bastava procurar no chão o castiçal que Kirílov lhe derrubara da mão, à direita do armário, mas com que acenderia o coto? Cintilou-lhe de súbito na cabeça uma recordação vaga: lembrou-se de que, no dia anterior, quando descera à cozinha para descompor o Fedka, pareceu-lhe ver de relance, em cima de uma prateleira, uma grande caixa vermelha de fósforos. Às apalpadelas, meteu à esquerda, até à porta da cozinha, encontrou-a, passou um pequeno corredor e desceu a escada. Na prateleira, precisamente no lugar que recordava, apalpou na escuridão uma caixa de fósforos ainda intacta. Sem acender nenhum, apressou-se a voltar para cima e apenas junto do armário, no lugar onde batera com o revólver em Kirílov que o mordida, se lembrou de

repente do seu dedo mordido e, no mesmo instante, sentiu nele uma dor quase insuportável. Cerrando os dentes, conseguiu acender o coto e pô-lo de novo no castiçal. Olhou em volta: junto à janela, com o postigo aberto, jazia no chão o cadáver de Kirílov, com os pés apontando para o canto direito do quarto. Dera o tiro na têmpora direita, e a bala saíra por cima, do lado esquerdo, atravessando o crânio. Viam-se salpicos de sangue e de miolos. O revólver permanecia na mão, caída no chão, do suicida. A morte fora por certo imediata. Depois de examinar tudo com minúcia, Piotr Stepánovitch levantou-se, saiu na ponta dos pés, fechou a porta, pôs a vela em cima da mesa do primeiro quarto, pensou um pouco e decidiu deixá-la acesa, verificando que não havia possibilidade de provocar um incêndio. Olhando mais uma vez para o documento em cima da mesa, sorriu maquinalmente e, sempre na ponta dos pés, foi para a saída. Passou de novo pelo buraco do Fedka e voltou a tapá-lo com todo o cuidado.

III

De manhã, às seis menos dez, Piotr Stepánovitch e Erkel passeavam na plataforma da estação da estrada de ferro, ao longo de uma fila bastante comprida de carruagens. O primeiro estava de partida, o segundo despedia-se dele. A bagagem tinha sido entregue e o saco levado para o lugar marcado da segunda classe. Já soara o primeiro sinal, esperavam pelo segundo. Piotr Stepánovitch olhava abertamente à volta, observando os passageiros que entravam no trem. Não havia qualquer conhecido muito íntimo e apenas duas vezes lhe aconteceu acenar com a cabeça: a um comerciante que conhecia apenas havia pouco e, depois, a um jovem padre de aldeia que ia para a sua paróquia, duas estações adiante. Naqueles últimos minutos, o que apetecia a Erkel, sem dúvida, era falar de algumas coisas importantes — embora ele próprio não soubesse exatamente do quê. Mas não se atrevia a encetar a conversa. Tinha a sensação constante de que a sua presença incomodava Piotr Stepánovitch e que este esperava com impaciência os últimos apitos do sinal de partida.

— O senhor olha para todos de maneira tão aberta — observou com alguma timidez, como que tentando avisar.

— Por que não? Ainda não me posso esconder, é cedo para isso. Não se preocupe. O meu medo é apenas que o Diabo mande cá o Lipútin, que ele saiba e venha.

— Piotr Stepánovitch, eles não são seguros — afirmou Erkel com decisão.

— Lipútin?

— Todos, Piotr Stepánovitch.

— Disparate. Com aquilo de ontem, ficaram todos comprometidos. Nenhum deles trairá. Só quem enlouquecesse é que se atiraria para uma perdição certa.

— Piotr Stepánovitch, eles vão com certeza enlouquecer.

Esta ideia, pelos vistos, já tinha passado pela cabeça também de Piotr Stepánovitch e foi por isso que a observação de Erkel o irritou ainda mais.

— Será que também o senhor está com medo? Confio mais no senhor do que em qualquer deles. Agora já vi o que vale cada um deles. Fale com eles hoje mesmo, o senhor fica encarregado de todos. Passe pela casa deles ainda de manhã. Quanto às minhas instruções por escrito, leia-lhas amanhã ou depois de amanhã, quando estiverem capazes de as ouvir... mas acredite que amanhã já estarão no ponto e tão amedrontados, que se poderão moldar como cera... Em primeiro lugar, o senhor mesmo não desanime.

— Ah, Piotr Stepánovitch, seria melhor que não partisse!

— Mas só vou por alguns dias, volto rapidamente.

— Piotr Stepánovitch — disse Erkel com cuidado, mas firme —, nem que fosse para Petersburgo. Compreendo muito bem que o senhor está apenas fazendo o necessário pela causa comum.

— Não esperava menos de si, Erkel. Se o senhor adivinhou que eu ia a Petersburgo, deve compreender que, ontem, não poderia dizer-lhes que ia até tão longe, porque era capaz de os assustar. Mas o senhor compreende que eu vou lá em serviço da causa, da causa principal e mais importante, a causa comum, e não porque quero escapulir-me, como supõe um qualquer Lipútin.

— Piotr Stepánovitch, nem que seja para o estrangeiro, eu compreendo. Compreendo que tem de proteger a sua pessoa, porque o senhor é tudo, e nós não somos nada. Compreendo, Piotr Stepánovitch.

Ao coitado do rapaz até tremia a voz.

— Obrigado, Erkel... Ah, tocou no meu dedo machucado — (Erkel tinha-lhe apertado desajeitadamente a mão; o dedo ferido estava elegantemente envolto em tafetá preto). — Mas repito-lhe afirmativamente que vou a Petersburgo apenas para farejar como vão as coisas e que vou, inclusive, talvez apenas por um dia, e volto logo paracá. Quando voltar, instalo-me na aldeia, em casa de Gagánov. Se eles acharem que há algum perigo, serei o primeiro a assumir o comando e a partilhá-lo. Mas, se tiver de demorar mais em Petersburgo, dou-lhe imediatamente a saber... por aquele meio, e o senhor transmite-o a eles.

Soou o segundo sinal.

— Hã, hã, faltam só cinco minutos para a partida. A propósito, não gostaria de que a célula local se dissolvesse. Não tenho medo de nada, não se preocupe comigo; tenho bastantes células da rede geral e não tinha nada que dar grande valor a este grupo;mas sei que cada célula é importante. Aliás, fico descansado quanto ao senhor, embora esteja deixando-o sozinho com esse bando de degenerados. Não se preocupe,

não vão denunciar ninguém, não se atrevem... Olá, o senhor também vai de viagem? — gritou de repente, numa voz muito diferente, alegre, a um senhor muito jovem que, animado, se aproximava dele para o cumprimentar. — Não sabia que o senhor também vinha apanhar o trem especial. Para onde vai, à mãezinha?

A mãezinha do jovem era uma riquíssima proprietária rural da província vizinha; o jovem era parente afastado de Iúlia Mikháilovna e passara cerca de duas semanas na nossa cidade.

— Não, vou mais longe, até R... Tenho de passar no trem cerca de oito horas. Vai a Petersburgo? — riu-se o jovem.

— Por que acha que vou para a própria Petersburgo? — riu-se com um ar ainda mais franco Piotr Stepánovitch.

O jovem ameaçou-o com o dedinho enluvado.

— Pois é, o senhor adivinhou — cochichou-lhe Piotr Stepánovitch com ar enigmático —, levo umas cartas de Iúlia Mikháilovna e tenho de correr as casas de certas pessoas, o senhor sabe, não? Se quer que lhe diga, para o raio que as parta. Um encargo maldito!

— Mas por que é que ela se acovarda tanto? — cochichou por sua vez o jovem. — Ontem recusou receber-me, até a mim. Na minha opinião, ela não tem nada que recear pelo marido; pelo contrário, no incêndio, ele caiu de modo tão espetacular, sacrificando, por assim dizer, a própria vida...

— Pois bem, veja lá que ela — riu-se Piotr Stepánovitch — tem medo, está vendo, que já tenham escrito daqui... ou seja, uns certos senhores... Enfim, neste caso, o principal diz respeito a Stavróguin; ou antes, o Príncipe K... Oh, há aqui toda uma história, se quiser conto-lhe algumas coisas pelo caminho... aliás, nos limites permitidos pelos princípios da honra... Apresento-lhe o meu parente, alferes Erkel, do distrito.

O jovem, que olhava de soslaio para Erkel, aflorou o chapéu com os dedos; Erkel respondeu com uma vênia.

— Ouça, Verkhovênski, oito horas de trem é um fadário terrível. Na primeira classe vai conosco o Bérestov, um coronel engraçadíssimo, nosso vizinho no campo; está casado com a Gárina (*née Garine*) e, sabe, é um homem decente. E até com certas ideias. Passou cá dois dias. É um terrível amante do jogo; não quer fazer uma partida? Já descobri aqui o quarto elemento: é Pripúkhlov, o nosso comerciante de T..., barbudo e milionário, mas um verdadeiro milionário, acredite em mim... Apresento-lho; é um saco de dinheiro curiosíssimo, vamos rir às gargalhadas.

— Jogaria cartas com todo o prazer, e até gosto muito disso no trem, mas vou emsegunda classe.

— Ah, deixe-se disso, nem pense! Junte-se a nós. Vou já mandar transferi-lo para a primeira classe. O chefe do trem cumpre as minhas ordens. O que tem lá, um saco? Uma manta de viagem?

— Ótimo, então vamos!

Piotr Stepánovitch foi buscar o seu saco, a manta, o livro, e logo a seguir, com grande prontidão, passou para a primeira classe. Erkel ajudava. Soou o terceiro sinal.

— Pronto, Erkel... — E Piotr Stepánovitch, com ar ocupado e de pressa, estendeu-lhe a mão pela última vez, já da janela da carruagem. — Vou sentar-me a jogar comeles.

— Não precisa de explicar nada, Piotr Stepánovitch, eu compreendo, eu compreendo tudo, Piotr Stepánovitch!

— Então, até à próxima. — E Piotr Stepánovitch virou-lhe bruscamente as costas, respondendo ao jovem senhor que o chamava para o apresentar aos parceiros. E Erkel nunca mais veria o seu Piotr Stepánovitch!

Voltou para casa muito triste. Não que o assustasse o abandono tão rápido de Piotr Stepánovitch mas... Piotr Stepánovitch virara-lhe as costas tão depressa quando aquele jovem peralta o chamou e... poderia ter-lhe dito qualquer outra coisa, e não “até à próxima”, ou... ou, pelo menos, apertar-lhe a mão com mais força.

Este último ponto era o principal. Qualquer coisa começava a arranhar o seu coração pobrezinho, qualquer coisa que ele ainda não compreendia, qualquer coisa ligada com a noite da véspera.

7 - A última viagem de Stepan Trofímovitch

I

Estou certo de que Stepan Trofímovitch, ao sentir aproximar-se o momento da sua louca empresa, estava com muito medo. Estou convencido de que sofria muito com o medo, sobretudo na noite da véspera, aquela noite terrível. Nastássia viria depois a dizer que ele se deitou muito tarde e que dormiu alguma coisa. Mas isso não prova nada: também os condenados à morte, segundo dizem, dormem muito bem na véspera da execução. Embora saísse de casa já à luz do dia, hora em que o homem nervoso se anima sempre um pouco (a este propósito, o major, parente de Virguínski, até perdia a fé, mal a noite findava), tenho a certeza de que nunca antes Stepan Trofímovitch se pudera imaginar, sem ficar horrorizado, sozinho na estrada e em semelhante situação. É certo que algo de arrojado nos seus pensamentos lhe suavizou, nos primeiros momentos, todo o horror daquele sentimento de brusca solidão em que se achou de repente ao abandonar *Stasie* e o seu ninho aquecido durante vinte anos. Mesmo assim, com a mais clara consciência dos horrores que o esperavam, não deixaria de sair para a estrada e de caminhar por ela! Havia nisso alguma coisa de orgulho e entusiasmo, apesar de tudo. Oh, teria podido aceitar as luxuosas condições de Varvara Petrovna e permanecer nas graças dela “comme un simple comensal”! Mas não aceitou favores e não ficou. Então, ei-lo que a abandona por iniciativa própria e que ergue “a bandeira da grande ideia” e vai morrer por ela na estrada! Era assim, precisamente, que ele devia senti-lo; era assim, precisamente, que ele devia imaginar o seu procedimento.

Surge-me também, e muitas vezes, mais uma pergunta: por que fugiu Stepan Trofímovitch, por que meteu pés ao caminho, no sentido literal, e não partiu simplesmente de carruagem? De início, explicava isso para mim mesmo pela sua falta de sentido prático de cinquenta anos e pelo desvio fantasista nas suas ideias provocado por um fortíssimo sentimentalismo. Parecia-me que a ideia da guia de viagem e dos cavalos (nem que fossem com guizos) devia afigurar-se-lhe demasiado simples e prosaica e que, pelo contrário, uma peregrinação pedestre, embora com guarda-chuva, seria muito mais bonita e vingativamente amorosa. Hoje, porém, quando já tudo acabou, suponho que se passou tudo de maneira muito mais simples: em primeiro lugar, teve medo de tomar um coche de aluguel porque Varvara Petrovna era capaz de vir a sabê-lo e de o deter à força, o que seria o mesmo que submetê-lo à sua vontade... e então, ó grande ideia, adeus para sempre. Em segundo lugar, para obter uma guia de viagem, era necessário saber, pelo menos, para onde queria viajar. Entretanto, naquele instante, o seu maior sofrimento consistia em desconhecer o destino da sua viagem: era incapaz, absolutamente, de definir o seu lugar de destino. É que, se apontasse para alguma cidade, o seu empreendimento tornar-se-ia num instante, aos seus próprios olhos, absurdo e impossível; pressentia-o com muita força. O que iria ele fazer à cidade tal, e não a outra qualquer? Procurar *ce marchand*?³⁰⁹ Mas que *marchand*? Então, vinha de novo à tona a segunda e mais terrível questão. No fundo, nada havia de mais assustador para ele do que *ce marchand*, a quem louca e repentinamente começara a procurar e a quem, como é óbvio, tinha mais medo de encontrar de fato do que a qualquer outra coisa no mundo. Não, era melhor a estrada singela, tomá-la e calcorreá-la, simplesmente, e não pensar em nada, enquanto lhe fosse possível não pensar. A estrada é uma coisa longa, muito longa, que não tem fim — como uma vida humana, como um sonho humano. Na estrada, reside uma ideia; ora, na guia de viagem que ideia reside? A guia de viagem é tão só o fim da ideia... *Vive la grande route*³¹⁰ e, depois, o que Deus trazer.

Depois do súbito e inesperado encontro com Lisa, que já descrevi, continuou a andar num arrebatamento ainda maior. A estrada passava a meia versta de Skvoréchniki e — coisa estranha — no início nem deu conta de entrar nela. Naquele momento, pensar a sério ou, pelo menos, ter uma consciência clara das coisas, era para ele insuportável. O chuvisco ora parava, ora recomeçava, mas ele nem sentia a chuva. Também não reparou que lançara o saco para trás das costas e que assim lhe era mais fácil andar. Deve ter caminhado assim uma versta ou uma versta e meia, até que parou de supetão e se pôs a olhar em volta. O caminho velho, negro e sulcado estendia-se à frente dele como um infundável fio, ladeado de salgueiros; à direita, o espaço vazio, os campos havia muito ceifados; à esquerda, os arbustos e, por detrás deles, um bosquedo. E, ao longe, a linha quase indistinta da estrada de ferro esgueirando-se obliquamente e, num certo ponto, o fuminho de um trem, mas já não se lhe podiam ouvir os sons. Stepan Trofímovitch deixou-se intimidar um pouco, mas só por um instante. Suspirou, por nada, pousou o saco ao pé de um salgueiro e sentou-se para descansar. Quando se sentava, sentiu um arrepio e agasalhou-se com a manta; notou também que chovia e abriu o guarda-chuva. Ficou assim bastante tempo, mexendo os lábios em silêncio e apertando com força o cabo do guarda-chuva. Numa fila sem fim, passavam-lhe imagens pela cabeça, substituindo-se rapidamente umas às outras. “*Lise, Lise*”, pensava, “e com ela *ce Maurice*... Gente estranha... Mas que incêndio estranho foi aquele e do que falavam eles, que mortos eram aqueles?... A *Stasie* ainda não deve saber de nada e ainda está à espera que eu tome café... Às cartas? Será que eu perdi pessoas às cartas? Hum... aqui na Rússia, durante a chamada servidão da gleba... Ah, meu Deus, eo Fedka?”

Estremeceu-lhe o corpo todo e, assustado, olhou à volta: “O que aconteceria se de trás daquela moita saísse o Fedka? Dizem que ele tem um bando que sai à estrada... Oh, meu Deus, então, eu... Então, digolhe com toda a verdade que sou culpado... e que sofri por ele dez anos, mais tempo do que ele esteve lá no exército e... entrego-lhe o portamoedas. Hum, *j'ai en tout quarante roubles; il prendra les roubles et il me tuera tout de même*”.³¹¹

Cheio de medo, fechou o guarda-chuva, sabe-se lá por quê, e pô-lo a seu lado. Vinda da cidade, surgia ao longe uma carroça; Stepan Trofímovitch, preocupado, pôs-se à espreita:

“*Grâce à Dieu*³¹² é uma carroça e... anda devagar; não pode ser nada perigoso. É puxada por aqueles cavalicoques mirrados daqui... Eu falava sempre da raça... Aliás, foi Piotr Iliitch quem falou da raça no clube e eu, na altura deixei-o *à la remise, et puis...*³¹³ mas o que está atrás... parece que vem uma campônia na carroça. Uma campônia e um mujique... *cela commence à être rassurant*. A campônia atrás e o mujique à frente... *c'est très rassurant*. Atrás da carroça têm uma vaca atada pelos cornos, *c'est rassurant au plus haut degré*”.³¹⁴

A carroça aproximava-se, uma razoável carroça camponesa bastante sólida. A campônia vinha sentada num saco bem cheio, e o mujique na boleia, com as pernas penduradas para o lado onde estava Stepan Trofímovitch. Atrás, de fato, arrastava-se uma vaca ruiva atada pelos cornos à carroça. O mujique e a mulher esbugalharam os olhos à vista de Stepan Trofímovitch, que olhava para eles da mesmíssima maneira, mas quando eleso ultrapassaram uns vinte passos, levantou-se apressadamente e foi apanhá-los. Andar perto da carroça pareceu-lhe, naturalmente, mais seguro, mas quando chegou ao pé dela voltou a esquecer tudo e a mergulhar nos seus pensamentos e imagens fragmentados. Caminhava e, obviamente, não suspeitava que, para o mujique e para a campônia, constituía naquele momento o mais enigmático e curioso objeto que seria possível encontrar na estrada.

— Vossa mercê será de que gente, permita que pergunte sem ofensa?
— acabou por não aguentar a mulherzinha, quando Stepan Trofímovitch, de repente e por distração, olhou para ela. A mulher teria os seus vinte e sete anos, era forte, de sobrolho negro e faces coradas, com uns lábios vermelhos que sorriam carinhosamente, mostrando uns dentes brancos, regulares e brilhantes.

— Está... está dirigindo-se a mim? — murmurou Stepan Trofímovitch com espantopesaroso.

— Dos comerciantes, é bom de ver — disse o mujique, seguro de si. Era um quarentão alto, com uma cara larga e nada estúpida, a barba arruivada e espessa.

— Não, não sou propriamente comerciante, eu... eu... *moi c'est autre chose*³¹⁵ — respondeu Stepan Trofímovitch, titubeando e, para o que desse e viesse, deixou-se atrasar um pouquinho, até à traseira da carroça, pelo que passou a andar ao lado davaca.

— Dos fidalgos, é bom de ver — concluiu o mujique ao ouvir palavras não russas, epuxou a rédea.

— Pois, é isso, estamos vendo que o senhor parece que está de passeio, não? — denovo se mostrou curiosa a mulherzinha.

— Está... está perguntando a mim?

— Os estrangeiros de passeio, às vezes vêm pela linha do trem... Vossa mercê tem aí umas botas que não parecem daqui...

— Bota militar — introduziu o mujique significativamente, contente consigo mesmo.

— Não, não sou propriamente militar, eu...

“Que curiosa, esta mulherzinha”, pensava Stepan Trofímovitch com raiva, “é como eles me observam... *mais enfin*... Numa palavra, é estranho que me comporte como se fosse culpado para com eles, mas não tenho culpa de nada”.

A mulher cochichou com o mujique.

— Se não for ofensa para vossa mercê, podemos levá-lo na carroça, se gostar.

Stepan Trofímovitch caiu em si.

— Sim, sim, meus amigos, com grande prazer, porque estou muito cansado. Mas como vou subir?

“É espantoso”, pensou, “como caminhei tanto tempo ao lado desta vaca e não me passou pela cabeça pedir licença para me sentar lá em cima com eles... Esta ‘vida real’ contém pormenores muito característicos...”

O mujique, no entanto, não fazia ainda parar o cavalo.

— Mas aonde vai o senhor? — quis saber com certa desconfiança.

Stepan Trofímovitch não entendeu de imediato.

— Até Khátovo, é bom de ver?

— Visitar o Khátov? Não, não propriamente o Khátov... Não o conheço bem, embora já tivesse ouvido falar.

— A aldeia de Khátovo, aldeia, a nove verstas daqui.

— Aldeia? *C'est charmant*, já ouvi falar, sim...

Stepan Trofímovitch continuava a andar, nunca mais o deixavam sentar-se. Relanceou-lhe então na cabeça uma suposição genial.

— Talvez estejam pensando que eu... Tenho passaporte comigo, sou professor, ou seja, preceptor, mas principal. Sou preceptor principal. *Oui, c'est comme ça qu'on peut traduire.*³¹⁶ Gostaria muito de me sentar, e pagar-vos-ia... compro-vos meia garrafa de bebida.

— Cinquenta copeques, meu senhor, que o caminho é muito duro.

— De outra maneira seria prejudicial para nós — introduziu a mulherzinha.

— Cinquenta copeques? Está bem, cinquenta. *C'est encore mieux, j'ai en tout quarante roubles, mais...*³¹⁷

O mujique parou e, com o esforço de ambos, lá conseguiram fazer Stepan Trofímovitch trepar para cima da carroça e sentar-se ao lado da campônia, em cima do saco. O turbilhão de ideias não o abandonava. Por vezes, ele próprio sentia que estava terrivelmente distraído e que não pensava naquilo que era necessário, e espantava-se com isso. Esta consciência da fraqueza doentia da sua mente tornava-se-lhe por momentos muito penosa e, mesmo, ofensiva.

— Por que... por que é que a vaca vai atrás? — perguntou de repente à mulherzinha.

— Nossa Senhora, parece que nunca viu uma vaca — riu-se a mulher.

— Compramo-la na cidade — intrometeu-se o mujique. — As nossas, pois bem, morreram todas ainda na primavera, deu-lhes o andaço. Na nossa terra morreu tudo, nem metade do gado vingou, um castigo.

E voltou a fustigar o rocim atolado na lama.

— Sim, isso acontece na nossa Rússia... de uma forma geral, nós, os russos... sim, acontece... — Stepan Trofímovitch não conseguiu rematar a ideia.

— Se o fidalgo é professor, então que vai fazer a Khátovo? Ou irá mais longe?

— Eu... isto é, não vou propriamente mais longe... *C'est-à-dire*,³¹⁸ vou para a casa de um comerciante.

— Para Spásov, talvez?

— Sim, sim, precisamente para Spásov. Aliás, tanto faz.

— Se for para Spásov, a pé, com as suas botas tem para uma semana — riu-se amulherzinha.

— Sim, sim, mas tanto faz, *mes amis*, tanto faz — interrompeu-a Stepan Trofímovitch com impaciência.

“É uma gente terrivelmente curiosa. A mulher, a propósito, fala melhor do que ele, e vejo que desde o 19 de fevereiro³¹⁹ o estilo deles mudou um pouco, e... o que lhe interessa que eu vá para Spásov ou não? Aliás, se lhes pago, por que não param de me incomodar?”

— Para Spásov, só de vapor — não se calava o mujique.

— É verdade — introduziu a mulherzinha com vivacidade —, porque, se for decavalos pela margem, o desvio é de trinta verstas.

— Quarenta.

— Amanhã às duas de certeza que apanha o vapor em Ústievo — rematou a mulherzinha. Porém, Stepan Trofímovitch decidiu ficar definitivamente calado. Os perguntadores também se calaram. O mujique manejava as rédeas; a mulher, de vez em quando, trocava observações com ele. Stepan Trofímovitch mergulhou em modorra. Surpreendeu-se muito quando a campônia, a rir-se, o acordou aos empurrões e ele viu que estavam numa aldeia bastante grande, à porta de uma isbá de três janelas.

— Cochilou, meu senhor?

— O que é isto? Onde estou? Ah, pois! Bem... tanto faz — suspirou Stepan Trofímovitch e apeou-se da carroça.

Olhou em volta com tristeza; por qualquer razão, a paisagem aldeã pareceu-lhe estranha e, por qualquer razão, muito alheia a ele.

— Cinquenta copeques, já me esquecia! — dirigiu-se ao mujique com um gestodesmedidamente apressado; pelos vistos, já estava com medo

de se despedir deles.

— Paga lá dentro, faça o favor de entrar — convidou-o o mujique.

— Está-se bem aqui — animava-o a mulherzinha.

Stepan Trofímovitch avançou com o pé para os precários degraus de entrada.

“Mas como é possível?”, sussurrou de si para si com profunda e assustada perplexidade, mas entrou na isbá. “Elle l’a voulu”,³²⁰ e qualquer coisa lhe mexeu no coração; mas logo voltou a esquecer-se de tudo, mesmo do fato de ter entrado na isbá.

Era uma isbá camponesa com muita luz, bastante asseada, de três janelas e duas assoalhadas. Não era propriamente uma estalagem, antes uma casa para os viajantes, em que, por velho hábito, se hospedavam as pessoas conhecidas dos donos da casa. Stepan Trofímovitch, nada atrapalhado, passou para o canto de honra,³²¹ esqueceu-se de cumprimentar, sentou-se e mergulhou nas suas reflexões. Entretanto, depois de três horas de umidade na estrada, invadiu-lhe o corpo uma sensação muito agradável de calor. Os próprios arrepios que, rápida e entrecortadamente, lhe percorriam as costas, como acontece no estado febril às pessoas muito nervosas, com a passagem brusca do frio para o calor, tornaram-se muito agradáveis. Levantou a cabeça, e o cheiro delicioso dos crepes quentes, com que se atarefava a dona da casa junto ao fogão, excitou-lhe o olfato. Esboçando um sorriso infantil, esticou-se na direção da dona da casa e balbuciou:

— Isso é o quê? Crepes? *Mais... c’est charmant.*

— Deseja crepes, meu senhor? — ofereceu logo a dona da casa, educadamente.

— Queria muito, precisamente, e... pediria também chá — animou-se Stepan Trofímovitch.

— Quer que ponha o samovar a aquecer? Com todo o gosto.

Num prato grande, com grosseiros ornamentos azuis, apareceram os crepes — os famosos crepes camponeses, finos, de farinha de mistura, trigo e outra, banhados em manteiga fresca e quente, uns crepes saborosíssimos. Stepan Trofímovitch, deliciado, provou-os.

— Que gordurinha saborosa! Se for possível, desejaria *un doigt d'eau de vie*.³²²

— Não será uma vodcazinha que o senhor deseja?

— Exatamente, um pouquinho, *un tout petit rien*.³²³

— A dose de cinco copeques, portanto?

— De cinco, de cinco, de cinco, *un tout petit rien* — confirmou Stepan Trofímovitch com um sorriso deliciado.

Peçam a um homem do povo que lhes faça alguma coisa, e ele, se puder e quiser, servi-los-á com empenho e hospitalidade; mas, se lhe pedir que lhe vá buscar vodca, a hospitalidade normal e calma transforma-se logo num obséquio apressado e alegre, em cuidados tais como se de um parente se tratasse. A pessoa que vai buscar a vodca— embora não seja ela a bebê-la, mas os senhores — sente, na mesma, como que umaparte da futura satisfação do bebedor... Não mais do que três ou quatro minutos depois (a taberna era a dois passos) apareceu em cima da mesa, diante de Stepan Trofímovitch, uma garrafinha de meio quartilho e um grande cálice verde.

— Isto é tudo para mim? — surpreendeu-se muito. — Sempre tive vodca em casa, mas nunca pensei que fosse tanta por cinco copeques.

Encheu o cálice, levantou-se e, com alguma solenidade, atravessou a sala na direção do outro canto, onde se instalara em cima do saco a sua companheira de viagem, a mulherzinha de sobrolho negro que tanto o incomodara com perguntas durante o percurso. A mulherzinha

envergonhou-se e começou por recusar mas, depois de ter dito todas as palavras que a boa educação prescrevia, acabou por se levantar e por beber respeitosamente, em três goles, como fazem as mulheres; e, depois de esboçar um extremosofrimento na cara, devolveu a Stepan Trofímovitch o cálice vazio e fez-lhe uma vênia. Este retribuiu inclinando-se com um ar importante e voltou para a mesa com um ar, até, orgulhoso.

Fez isto por uma qualquer inspiração: ainda um segundo antes, ele próprio não sabia que iria regalar a mulherzinha.

“Sei tratar com o povo na perfeição, na perfeição, e sempre lhes disse isto”, pensava ele, contente consigo, enchendo o seu cálice com a restante vodca; embora o cálice não ficasse cheio, o álcool aqueceu-o, deu-lhe vida e até lhe subiu um pouco à cabeça.

“Je suis malade tout à fait, mais ce n'est pas trop mauvais d'être malade”.³²⁴

— O senhor deseja comprar? — ouviu a seu lado uma suave voz feminina.

Stepan Trofímovitch ergueu os olhos e, surpreendido, viu à sua frente uma senhora— *une dame et elle en avait l'air*³²⁵ de já ter passado dos trinta, com um ar muito modesto, vestida à maneira urbana e com um grande xale cinzento sobre os ombros. Havia no seu rosto uma simpatia que agradou de imediato a Stepan Trofímovitch. A senhora acabara de voltar à isbá, onde já estavam as coisas dela, em cima de um banco, ao lado do lugar de Stepan Trofímovitch — as coisas dela, a propósito, eram uma pasta, para que Stepan Trofímovitch, ao entrar, tinha olhado com curiosidade (lembrava-se disso) e um saco axadrezado de tamanho médio. Foi deste saco que a senhora tirou dois livros lindamente encadernados, com cruces estampadas nas capas, e os estendeu a Stepan Trofímovitch.

— Eh... *mais je crois que c'est l'Évangile*;³²⁶ mas com enormíssimo prazer... Hã, hã, agora vejo... *Vous êtes ce qu'on appelle*³²⁷ uma vendedora de livros; li muitas vezes sobre isso... Cinquenta copeques?

— Trinta e cinco copeques — respondeu a vendedora.

— Com enormíssimo prazer. *Je n'ai rien contre l'Évangile*,³²⁸ e... Há muito que quero relê-lo...

Passou-lhe pela memória que não lia o Evangelho havia pelo menos trinta anos, tirando o que lhe lembrara dele, sete anos atrás, a leitura de *Vie de Jésus* de Renan.³²⁹ Como não tinha trocos, tirou as suas quatro notas de dez — tudo o que tinha. A dona da casa encarregou-se de as trocar, e só então Stepan Trofímovitch reparou que a isbá estava cheia de gente e não sabia que todos, havia muito, o observavam e, ao que parecia, falavam dele. Falavam também do incêndio na cidade, sobretudo o dono da carroça e da vaca, porque acabava de voltar da cidade. Falavam do fogo posto, dos operários da fábrica dos Chpigúlin.

“Olha que ele, enquanto me trouxe na carroça, falou de tudo menos do incêndio”, relampejou, por qualquer razão, na cabeça de Stepan Trofímovitch.

— Stepan Trofímovitch, paizinho, será ao senhor que os meus olhos veem? Não esperava!... Não me reconhece? — exclamou um homem idoso que, pelo aspecto, se assemelhava a um antigo servo doméstico, com a cabeça rapada e envergando um capote com a comprida gola aberta. Stepan Trofímovitch assustou-se ao ouvir pronunciar o seu nome.

— Desculpe — murmurou —, não consigo lembrar-me do senhor...

— Esqueceu-se! Sou o Aníssim, Aníssim Ivanov. Estava ao serviço do falecido Senhor Gagánov e vi muitas vezes o senhor, na companhia de Varvara Petrovna, quando ia de visita à defunta Avdótia Serguéevna.

Eu ia levar livros a sua casa da parte dela, e também, por duas vezes, confeitos de Petersburgo...

— Ah, sim, lembro-me de ti, Aníssim — sorriu Stepan Trofímovitch.
— É aqui mesmo que vives?

— Perto de Spássov e do Mosteiro de V..., nos arrabaldes, em casa de Marfa Serguéevna, irmãzinha de Avdótia Serguéevna, se calhar o senhor lembra-se dela, a senhora que uma vez quebrou uma perna ao saltar da caleche quando ia ao baile. Agora a senhora mora perto do mosteiro, e eu em casa dela. Ora bem, agora vou à cidade, visitar a família.

— Pois, pois.

— Fico contente em vê-lo, o senhor era generoso comigo — sorria Aníssim, maravilhado. — Mas, meu senhor, aonde vai assim sozinho, ao que parece?... O senhor, ao que parece, nunca viajava sozinho, pois não?

Stepan Trofímovitch lançou-lhe um olhar assustado.

— Não vai para a nossa Spássov?

— Sim, vou para Spássov. *Il me semble que tout le monde va à Spássov...*³³⁰

— Não irá de visita a Fiódor Matvéevitch? Ele vai ficar muito contente. Antigamente, tinha um grande respeito pelo senhor, e ainda hoje se lembra do senhor muitas vezes...

— Sim, sim, visito também Fiódor Matvéevitch.

— Pois é, pois é. Ora, aqui os nossos mujiques estão espantados, porque parece que encontraram o senhor na estrada a andar a pé. Gentinha estúpida.

— Eu... eu, pois... Sabes, Aníssim, foi uma aposta, como fazem os ingleses, apostei que havia de chegar a pé, e então...

Perlava-se-lhe a testa e as têmporas de suor.

— Pois é, pois é... — escutava-o Aníssim, com uma curiosidade implacável. Stepan Trofímovitch, porém, não aguentou mais. Ficou tão confuso que só queria levantar-se e sair da isbá. Mas, entretanto, trouxeram o samovar e, no mesmo instante, voltou a vendedora, que tinha saído para qualquer lado. Com um gesto de pessoa à procura de salvação, Stepan Trofímovitch voltou-se para ela e ofereceu-lhe um chá. Aníssim desistiu e afastou-se.

Efetivamente, crescia a perplexidade entre os mujiques.

“Que homem será este? Encontraram-no a pé na estrada, diz que é professor, veste-se como um estrangeiro, mas tem a cabeça de uma criança, responde sem tino, parece que fugiu de alguém, e tem dinheiro!”. Começava ali a nascer a ideia de avisar as autoridades — “já que na cidade, de momento, nem tudo está calmo”. Aníssim, porém, resolveu tudo no mesmo instante. Ao sair para o vestíbulo, anunciou a quem o quis ouvir que Stepan Trofímovitch não era propriamente um mestre-escola mas “um grande sábio que trabalhava em grandes ciências e, além disso, um senhor proprietário rural da região que já vivia em casa da Generala Stavróguina havia já vinte e dois anos na qualidade de homem mais importante da casa, e que era um senhor honrado respeitadíssimo por toda a cidade. No clube dos nobres, chegava a perder numa noite uma boa nota de cinquenta ou cem e pela graduação era conselheiro, a mesma coisa que tenente-coronel militar, ou seja, só um grau mais abaixo do que o coronel completo. Quanto ao dinheiro, tinha-o às carradas, graças à Generala Stavróguina”, etc., etc.

“Mais c'est une dame, et très comme il faut”,³³¹ sossegava Stepan Trofímovitch, depois do assalto de Aníssim, observando com agradável curiosidade a sua vizinha vendedora de livros que, por seu

lado, tomava o chá vertendo-o no pires e mordendo o açúcar. “*Ce petit morceau de sucre ce n'est rien...*”³³² Há nela qualquer coisa de nobre e independente, e ao mesmo tempo de sereno. *Le comme il faut tout pur*,³³³ mas um pouco de outro gênero”.

Não tardou a ouvir da boca dela que se chamava Sófia Matvéevna Ulítina, que morava em K... e que tinha lá uma irmã, de sua condição popular; que era viúva, que o marido, vagomestre e depois promovido a segundo-tenente, tinha sido morto em Sevastópol.³³⁴

— Mas a senhora é ainda tão jovem, *vous n'avez pas trente ans*.³³⁵

— Trinta e quatro, meu senhor — sorriu Sófia Matvéevna.

— O quê? Também compreende o francês?

— Um pouco; quando enviuei, vivi quatro anos numa casa nobre e aprendi lá com as crianças.

Contou que, morrendo-lhe o marido quando ela tinha apenas dezoito anos, ficara algum tempo em Sevastópol como enfermeira, passando a viver depois em vários outros lugares; agora andava vendendo Evangelhos.

— *Mais mon Dieu*, não foi com a senhora que aconteceu na nossa cidade uma história estranha, muito estranha?

Ela corou; sim, tinha sido com ela.

— *Ces vauriens, ces malheureux!*...³³⁶ — começou Stepan Trofímovitch com a voz a tremer de indignação; ecoou-lhe no coração, torturante, uma lembrança doída, odiosa. Por instantes, esqueceu-se do momento real.

“Ora, ela voltou a sair”, caiu em si ao reparar que a vendedora já não estava lá. “Sai muitas vezes do lugar, deve ir ocupar-se de qualquer

coisa; vejo que ela está inquieta... *Bah, je deviens égoïste...*³³⁷

Ergueu os olhos e voltou a ver Aníssim e, desta vez, num ambiente bastante ameaçador. A isbá estava cheia de mujiques, por certo trazidos por Aníssim. Estavam na sala: o dono da casa, o mujique proprietário da vaca, mais dois mujiques quaisquer (veio a saber-se que eram cocheiros), e ainda um homenzinho meio bêbado, vestido à mujique mas com a cara rapada, parecido com um artesão alcoolizado e que falava mais do que os outros. E todos eles conversavam sobre ele, Stepan Trofímovitch. O mujique da vaca insistia em que, pela margem, haveria quarenta verstas de desvio e que o senhor deveria ir sem dúvida de vapor. O artesão meio bêbado e o dono da casa discordavam arduamente:

— Porque, meu amigo, é claro que seria mais perto para Sua Excelência ir de vapor, pelo lago, lá isso é verdade; só que nesta altura o vapor, é bom de ver, não há.

— Há, ainda vai andar mais uma semana — exaltava-se Aníssim, mais do que todos.

— Pois, pois, mas vai chegar atrasado, é nesta altura do ano que se chega a estar três dias parado em Ústievo à espera dele.

— Vai chegar amanhã, sem falta, às duas horas está lá. Antes do anoitecer já o senhor há de estar em Spásov, não falha — excedia-se Aníssim.

— *Mais qu'est-ce qu'il a cet homme*³³⁸ — tremia Stepan Trofímovitch, esperando com medo o seu destino.

Avançaram também os cocheiros, propondo os seus serviços: pediam três rublos até Ústievo. Os outros gritavam que era um preço justo, que era esse mesmo o preço e que, dali até Ústievo, se transportavam os passageiros por esse preço durante todo o verão.

— Mas... aqui também estou bem... E não quero... — balbuciou Stepan Trofímovitch.

— Pronto, meu senhor, é verdade o que diz, está-se agora muito bem em Spássov, e Fiódor Matvéevitch vai estimar muito vê-lo.

— *Mon Dieu, mes amis*, tudo isto é tão inesperado para mim.

Finalmente, voltou Sófia Matvéevna. Mas foi triste e desfeita que se sentou no banco.

— Não me calha ir a Spássov! — disse à dona da casa.

— Como? A senhora também vai para Spássov? — agitou-se Stepan Trofímovitch.

Acontecia o seguinte: uma proprietária rural, Nadejda Egórovna Svetlítsina, mandara dizer a Sófia Matvéevna, ainda na véspera, que a esperasse em Khátovo e prometera que a levaria até Spássov. Mas não aparecera.

— O que faço agora? — repetia Sófia Matvéevna.

— *Mais, ma chère et nouvelle amie*,³³⁹ não há só essa senhora, também eu a posso levar até àquela, como é?, àquela aldeia, alugo um coche até lá, e amanhã... amanhã vamos juntos para Spássov.

— O senhor também vai para Spássov?

— *Mais quoi faire, et je suis enchanté!*³⁴⁰ Levo-a com grande prazer; estes homens já se ofereceram, e eu já contratei... Qual de vós eu contratei? — Stepan Trofímovitch, de repente, ficara com grande vontade de ir a Spássov.

Um quarto de hora depois já se sentavam numa *britchka*³⁴¹ fechada: ele, muito animado e alegre; ela, com o seu saco e um sorriso grato, ao lado dele. Quem os ajudou a instalar-se foi Aníssim.

— Boa viagem, meu senhor — atarefava-se Aníssim em volta da *britchka*. — Tanto gosto que eu tive em vê-lo, meu senhor!

— Adeus, meu amigo, adeus.

— Vá ver o Fiódor Matvéevitch, meu senhor...

— Sim, meu amigo, sim... Fiódor Petróvitch... Pois bem, adeus.

II

— **P**ois é, minha amiga. Dá-me licença que a trate por minha amiga, *n'est-ce pas?* — começou atabalhoadamente Stepan Trofímovitch, mal a *britchka* arrancou. — Está vendo, eu... *J'aime le peuple, c'est indispensable, mais il me semble que je ne l'avais jamais vu de près. Stasie... cela va sans dire qu'elle est aussi du peuple... mais le vrai peuple,*³⁴² ou seja, o verdadeiro, na estrada, na minha opinião apenas quer saber sem falta aonde eu vou... Mas deixemo-nos de ressentimentos. Acho que estou falando sem nexo, mas isto, pelos vistos, é porque estou acelerando demais.

— Parece-me que o senhor está adoentado. — A perscrutadora Sófia Matvéevna observava-o, mas com respeito.

— Não, não, basta agasalhar-me, porque, de uma maneira geral, o vento é fresco, até demasiado fresco, mas esquecemo-nos disso. Antes de mais, queria dizer outra coisa. *Chère et incomparable amie,*³⁴³ parece-me que sou quase feliz, e a culpada disso é a senhora. A felicidade é desvantajosa para mim porque me ponho logo a perdoar a todos os meus inimigos...

— Por que não? Isso é muito bom, meu senhor...

— Nem sempre, *chère innocente. L'Évangile... Voyez-vous, désormais nous prêcherons ensemble,*³⁴⁴ e eu irei, com grande prazer, vender os seus belos livros. Pois, sinto que é uma boa ideia, *quelque*

*chose de très nouveau dans ce genre.*³⁴⁵ O povo é religioso, *c'est admis,*³⁴⁶ mas ainda não conheço Evangelho. Vou recontar-lho... Numa exposição verbal, é possível emendar os erros deste notável livro, um livro em relação ao qual eu, evidentemente, estou pronto a ter todo o respeito. Serei útil também na estrada. Eu sempre fui útil e sempre o disse a *elese* *à cette chère ingrate...*³⁴⁷ Oh, perdoemos, perdoemos, antes de mais perdoemos a todos e perdoemos sempre... Esperemos que também nos perdoem. Sim, porque todos e cada qual temos culpa em relação uns aos outros. Todos têm culpa!

— É verdade, o senhor falou muito bem.

— Sim, sim... Sinto que estou falando muito bem. Também vou falar para eles muito bem, mas... mas o que tinha eu para dizer, o principal? Confundo-me e esqueço-me... A senhora permite que eu não me separe de si? Sinto que o seu olhar... e admiro até as suas maneiras: é ingênua, o seu estilo é servil, entorna a xícara para cima do pires... com aquele pedacinho de açúcar monstruoso; mas há em si qualquer coisa de encantador, vejo-o pelos seus traços... Oh, não core nem tenha medo de mim como homem. *Chère et incomparable, pour moi une femme c'est tout.*³⁴⁸ Não posso deixar de viver ao lado de uma mulher, mas apenas ao lado... Estou confuso, terrível, terrivelmente confuso... Nunca mais consigo lembrar-me do que queria dizer. Oh, bem-aventurado aquele a quem Deus manda sempre uma mulher e... e penso mesmo que, de certo modo, me encontro num certo enleio. Também na estrada existe a ideia superior! É isto, é isto mesmo que eu lhe queria dizer... sobre a ideia, agora lembrei-me, é que nunca mais acertava. Por que nos levaram eles mais longe? Lá também estava bem, mas aqui... *cela devient trop froid. À propos, j'ai en tout quarante roubles et voilà cet argent,*³⁴⁹ tome, tome-o, porque eu não sei, ainda o perco ou tiram-mo e... Parece que estou com sono, está tudo a girar dentro da minha cabeça. Gira, gira e gira. Oh, que bondosa, com que é que me está agasalhando?

— O senhor, pelos vistos, está com as febres, e eu cobri-o com o meu cobertor, só que, quanto ao dinheiro, eu...

— Oh, por amor de Deus, *n'en parlons plus, parce que cela me fait mal*,³⁵⁰ oh, que bondosa é a senhora!

Interrompeu subitamente o seu discurso e logo mergulhou num sono febril, com calafrios percorrendo-lhe o corpo. O caminho vicinal, por onde andaram aquelas dezessete verstas, não era dos mais lisos, e a carruagem executava uns solavancos cruéis. Stepan Trofímovitch acordava muitas vezes, soerguia-se bruscamente da pequena almofada que Sófia Matvéevna lhe metera debaixo da cabeça, agarrava a mão dela e perguntava: “Está aqui?”, como se tivesse medo que ela o abandonasse. Dizia-lhe também que sonhava com uma mandíbula com dentes e que isso lhe dava muita repugnância. Sófia Matvéevna preocupava-se muito com ele.

Os cocheiros levaram-nos até uma isbá grande, de quatro janelas e com anexos para habitação no terreiro. Stepan Trofímovitch, já desperto, apressou-se a entrar e passou para o segundo quarto, o mais espaçoso e o melhor da casa. O seu rosto ensonado ganhava agora uma expressão azafamada. Explicou de imediato à dona da casa, mulher alta e corpulenta, de cabelo muito negro e esboço de bigode, que queria o quarto todo só para si, e “que fechassem o quarto e não deixassem entrar ninguém, parce que *nous avons à parler. Oui, j'ai beaucoup à vous dire, chère amie*.”³⁵¹ Eu pago, eu pago!”, disse à dona da casa, abanando as mãos.

Embora quisesse falar depressa, mexia a língua com dificuldade. A dona da casa ouviu-o com antipatia mas calou-se, em sinal de consentimento, atitude em que, aliás, se pressentia qualquer coisa de ameaçador. Stepan Trofímovitch não deu conta de nada disso e, apressadamente (afobava-se muito), exigiu que a mulher saísse e servisse o almoço o mais depressa possível, “sem demora”.

Nisto, a campônia bigoduda não aguentou mais.

— Isto aqui não é uma estalagem, meu senhor, não servimos almoços aos viajantes. Cozer uns lagostins ou aquecer o samovar, isso sim, mas não temos mais nada. O peixe fresco só chega amanhã.

Porém, Stepan Trofímovitch abanou as mãos, repetindo com uma impaciência colérica: “Pago-lhe, mas faça isso depressa, depressa”. Chegaram a acordo: a mulher serviria uma sopa de peixe e frango assado, depois de afirmar que era impossível arranjar um frango em toda a aldeia, aceitando contudo ir procurá-lo, mas com ar de quem estava fazendo um grande favor.

Mal a mulher saiu, Stepan Trofímovitch sentou-se no divã e fez sentar a seu lado Sófia Matvéevna. No quarto, havia um divã e poltronas, tudo horroroso. O quarto, em si, era bastante espaçoso (com uma divisória por trás da qual havia um compartimento com uma cama), tinha as paredes forradas com um papel amarelo, muito velho e rasgado, com horrendas litografias mitológicas, uma longa fileira de ícones e ainda ícones de dobradiça no canto de “honra”. Com os seus estranhos móveis heterogêneos, o quarto constituía uma mistura sem graça de estilo citadino e estilo autenticamente camponês. Stepan Trofímovitch, porém, nem sequer atentou em tudo isso nem na janela, que dava para um lago enorme a dez braças da isbá.

— Até que enfim estamos sós! Não vamos deixar entrar ninguém! Quero contar-lhe tudo, tudo desde o princípio.

Sófia Matvéevna, muito preocupada, obrigou-o a parar:

— O Stepan Trofímovitch talvez não saiba...

— *Comment, vous savez déjà mon nom?*³⁵² — sorriu de contente.

— Ouvi Aníssim Ivánovitch chamá-lo pelo nome, quando o senhor estava falando com ele. Ora, por meu lado, queria eu dizer-lhe uma coisa...

E, numa voz sussurrada, lançando o rabo do olho para a porta fechada com receio de que alguém escutasse, pôs-se a contar que ali, naquela aldeia, as coisas não eram famosas. Que todos os mujiques locais, embora fossem pescadores, ganhavam dinheiro hospedando viajantes e cobrando o que lhes apetecia. Que a aldeia não era de trânsito, mas terminal, e que as pessoas só paravam nela porque era o lugar onde atracava e donde partia o vapor. Ora, quando o vapor não vinha — porque, mal o tempo piorava, o vapor deixava de navegar — acumulava-se tanta gente na aldeia, por vários dias, que todas as isbás se enchiam de hóspedes, e era isso que queriam os donos das casas, porque levavam o triplo do preço por cada coisa. Quanto ao dono da casa onde estavam, era orgulhoso e arrogante por ser muito rico para o lugar; só uma rede de pesca que ele tinha valia mil rublos.

Stepan Trofímovitch olhava para o rosto nervoso de Sófia Matvéevna quase com censura e, por várias vezes tentou fazê-la calar com um gesto. Mas ela insistiu e disse tudo o que tinha a dizer até ao fim: segundo as palavras dela, já uma vez tinha passado pela aldeia num verão, com “uma senhora muito nobre” da cidade, pernoitando ali duas vezes, à espera do vapor, mas as desgraças tinham sido tantas que até tinha medo de se lembrar. “Ora, o Stepan Trofímovitch quis este quarto só para si... Só queria avisar... Ali, no outro quarto, já há hóspedes, um senhor idoso e um jovem, mais uma senhora com filhos; e, amanhã, a isbá vai ficar cheia até às duas horas, porque o vapor, como já está com dois dias de atraso, chega amanhã de certeza. Então, como o senhor quis um quarto particular e também lhes pediu o almoço, e porque os outros viajantes ficam prejudicados, vão cobrar-lhe tanto como cobram nas capitais...”

Com esta conversa, Stepan Trofímovitch sofria, sofria de verdade.

— *Assez, mon enfant, imploro-lhe. Nous avons notre argent, et après... et après le bon Dieu.* Até me surpreende que a senhora, com as suas ideias elevadas... *Assez, assez, vous me tourmentez*³⁵³ — disse ele histericamente. — Temos o futuro à nossa frente, e a senhora... a senhora a assustar-me com o futuro...

E começou de imediato a expor-lhe toda a sua história, com tal velocidade que, no princípio, era difícil segui-lo. Foi uma longa narrativa. Serviram a sopa de peixe, serviram o frango, trouxeram no fim o samovar, e ele sem parar de falar... O seu discurso era, de certa forma, estranho e doentio, até porque ele estava de fato doente. Era uma súbita tensão das suas forças mentais que teria de repercutir-se logo a seguir — e Sófía Matvéevna previu-o ao longo de toda a narrativa — numa extrema queda das forças do seu organismo já desarranjado. Partiu quase da infância, quando “corria pelos campos com o peito fresco”; só uma hora depois chegou aos seus dois casamentos e à sua vida em Berlim. De resto, não me atrevo a rir-me dele. Para ele, havia naquele desabafo algo de sublime e, utilizando uma linguagem moderna, havia quase a luta pela existência. Via à sua frente aquela que já escolhera para o seu futuro caminho e tinha pressa em, por assim dizer, a iniciar. A sua genialidade não deveria manter-se em segredo para aquela mulher... Talvez exagerasse muito na sua opinião sobre Sófía Matvéevna, mas já a escolhera. Não podia passar sem uma mulher. Ele próprio via claramente pela cara de Sófía Matvéevna que ela quase não o compreendia, nem sequer as coisas mais capitais.

“*Ce n'est rien, nous attendrons,*³⁵⁴ por ora ela pode compreender porinstinto...”

— Minha amiga, preciso apenas do seu coração! — exclamou, interrompendo a sua narração. — E também deste olhar querido, fascinante que me está dirigindo. Oh, não core! Já lhe disse que...

O mais nebuloso para a pobre e alvejada Sófía Matvéevna foi sobretudo quando a história se transformou quase numa dissertação sobre o tema: Stepan Trofímovitch, o sempre incompreendido por todos, e de como “perciam na Rússia os talentos”. Era tudo “inteligente demais”, viria ela a contar mais tarde, com tristeza. Ouvia-o com um sofrimento visível, esbugalhando um pouco os olhos. Ora, quando Stepan Trofímovitch entrou no humorismo e nas afiadíssimas farpas aos nossos “vanguardistas dominantes”, aí, a coitada, por

desespero, tentou por duas vezes esboçar um sorriso de resposta aos risos dele, mas isso resultou pior do que lágrimas, pelo que Stepan Trofímovitch acabou por se embaraçar também e, em consequência, atacou com um ímpeto e uma raiva ainda maiores os niilistas e a “nova gente”. Com isso, assustou-a de verdade, e Sófia Matvéevna apenas sossegou um pouco, de modo muito enganador, aliás, quando começou o romance propriamente dito. A mulher é sempre mulher, nem que seja uma freira. Sófia Matvéevna sorria, abanava a cabeça e, logo a seguir, corava muito e baixava os olhos, o que levava Stepan Trofímovitch a uma enorme admiração e inspiração, a ponto, inclusivamente, de mentir bastante. Varvara Petrovna, pelas palavras dele, foi transformada numa morena encantadora (“que fascinara Petersburgo e muitas capitais da Europa”), e o seu marido morreria “derrubado por uma bala em Sevastópol” unicamente porque se sentia indigno do amor dela e a cedeu ao rival, ou seja, a Stepan Trofímovitch... “Não se envergonhe, minha serena, minha cristã!”, exclamava ele, dirigindo-se a Sófia Matvéevna, quase acreditando ele próprio no que contava. “Foi uma coisa sublime, uma coisa tão delicada que nós dois nem sequer esclarecemos as nossas relações durante toda a nossa vida”. A causa da situação atual, na continuação da história, tinha sido desta feita uma loira (se não era Dária Pávlovna, não sei quem teria em mente Stepan Trofímovitch). Esta loira era em tudo devedora da morena e cresceu em casa desta na qualidade de parente afastada. A morena, tendo descoberto finalmente o amor da loira por Stepan Trofímovitch, ficou ensimesmada. A loira, por sua parte, tendo descoberto o amor da morena por Stepan Trofímovitch, também ficou ensimesmada. Então, todo o triângulo, sucumbindo à magnanimidade mútua, ficou calado durante vinte anos, assim ensimesmado. “Oh, que paixão aquela, que paixão!”, exclamava ele, soluçando no mais sincero enlevo. “Eu via o mais pleno florescimento da beleza dela (da morena), via ‘com uma chaga no coração’, todos os dias, como ela passava a meu lado como que envergonhada com a sua própria beleza”. (Uma vez disse: “envergonhada por ser obesa”). Por fim, ele fugiu abandonando todo este sonho febril de vinte anos. *Vingt ans!* E agora ali estava ele, na estrada... Depois, num estado de inflamação cerebral, pôs-se a explicar a Sófia Matvéevna o que deveria

significar o seu atual “encontro tão casual e ao mesmo tempo tão fatal, para todo o sempre”. Sófia Matvéevna, muitíssimo embaraçada, acabou por se levantar do divã; Stepan Trofímovitch chegou mesmo a fazer uma tentativa de se ajoelhar diante dela, pelo que Sófia Matvéevna desatou a chorar. Caía o crepúsculo e já ambos haviam passado várias horas fechados naquele quarto...

— Não, é melhor que o senhor me deixe ir para outro quarto — balbuciava ela —, porque as pessoas podem pensar sabe-se lá o quê.

Libertou-se finalmente dele; Stepan Trofímovitch deixou-a ir, tendo-lhe dado a sua palavra de honra de que se deitaria imediatamente. À despedida, queixou-se de fortes dores de cabeça. Sófia Matvéevna, logo que entrara na isbá, deixara já o saco e as suascoisas no primeiro quarto, na intenção de dormir ao lado dos donos da casa; porém, nãoconseguiria descansar.

•

De noite, Stepan Trofímovitch teve um ataque de colerina, que eu e os amigos dele tão bem conhecíamos — o desfecho habitual das suas tensões nervosas e comoções morais. A pobre da Sófia Matvéevna não dormiu toda a noite. Como ela, para tratar do doente, se via obrigada, com bastante frequência, a entrar e a sair da isbá, atravessando o quarto dos donos da casa, os hóspedes e a dona da casa que lá estavam dormindo resmungavam e, por fim, já praguejavam quando ela, de madrugada, se lembrou de pôr o samovar a ferver. Stepan Trofímovitch, durante o ataque, esteve sempre meio inconsciente; por vezes, tinha a vaga sensação de que estavam aquecendo o samovar, de que lhe davam alguma coisa para beber (framboesa), de que lhe aqueciam o ventre e o peito com alguma coisa. Mas sentia a cada instante que *ela* estava ali, junto dele; que era ela quem entrava e saía, o tirava da cama, o voltava a deitar. Cerca das três da manhã sentiu-se melhor; soergueu-se, atirou as pernas pela borda da cama e, sem pensar em nada, tombou diante dela no chão. Não se ajoelhou, como antes, caiu-lhe aos pés, literalmente, e beijou-lhe a bainha do vestido...

— Deixe isso, não mereço — balbuciava Sófia Matvéevna, tentando erguê-lo paracima da cama.

— Minha salvadora — dizia ele de mãos erguidas em adoração. — *Vous êtes noble comme une marquise!*³⁵⁵ Eu... sou um canalha! Oh, toda a vida fui desonesto...

— Acalme-se — tentava convencê-lo Sófia Matvéevna.

— Há pouco menti-lhe em toda a linha... por vaidade, para embelezar as coisas, por ociosidade... tudo mentira, tudo, até à última palavra, oh, que canalha, que canalha!

Assim, a colerina cedeu lugar a outro ataque — o da autocrítica histérica. Já tinha mencionado estes ataques quando falei das suas cartas a Varvara Petrovna. Stepan Trofímovitch recordou bruscamente Lisa, o seu encontro com ela na véspera de manhã: “Foi tão terrível e... houve alguma desgraça, mas não perguntei, fiquei sem saber nada! Só pensava em mim! Oh, como estará ela? A senhora não sabe como ela está?”, implorava a Sófia Matvéevna.

Depois, jurava que “não trairia”, que voltaria para *ela* (para Varvara Petrovna). “Aproximamo-nos da porta dela” (ou seja, ele e Sófia Matvéevna) “todos os dias quando ela entra no coche para o seu passeio matinal, e ficamos olhando para ela, às escondidas... Oh, quero que ela me dê uma bofetada na outra face, este desejo é um deleite para mim! Ofereço-lhe a minha outra face *comme dans votre livre!*³⁵⁶ Só agora, só agora entendi o que significa oferecer a outra... ‘face’. Nunca o tinha percebido antes!”

Foram dois dias terríveis na vida de Sófia Matvéevna; ainda hoje os recorda tremendo. Stepan Trofímovitch adoeceu tão gravemente que não pôde apanhar o vapor que, dessa vez, atracara às duas horas da tarde em ponto. Ela, incapaz de o deixar sozinho, também não foi a Spásov. De acordo com as suas palavras, Stepan Trofímovitch ficou muito contente quando o vapor partiu.

— Ainda bem, ótimo — murmurou, deitado na cama —, tinha muito medo de partirmos. Está-se muito bem aqui, aqui é melhor... A senhora não me vai abandonar? Oh, a senhora não me abandonou!

No entanto, “aqui” não se estava nada bem. Stepan Trofímovitch não queria saber nada das dificuldades de Sófia Matvéevna. Tinha a cabeça cheia só de fantasias. Quanto à doença, considerava-a passageira, uma ninharia, e nem pensava nela, pensava tão só em como eles se meteriam ao caminho e venderiam “os livrinhos”. Pedia que ela lhe lesse os Evangelhos.

— Há muito que não os leio... no original. Alguém me pode perguntar, e eu falho; seja como for, tenho de me preparar.

Sófia Matvéevna sentou-se ao pé dele e abriu o livro.

— A senhora lê excelentemente — interrompeu-a logo à primeira linha. — Estou vendo, estou vendo que não me enganei! — acrescentou, indefinida mas exaltadamente. De resto, encontrava-se sempre num estado de exaltação.

Sófia Matvéevna leu-lhe o Sermão da Montanha.

— *Assez, assez, mon enfant*,³⁵⁷ chega... Acha que isso não chega?

E fechou os olhos, extenuado. Estava muito fraco, mas ainda não desmaiava. Sófia Matvéevna levantou-se, supondo que ele queria dormir. Mas Stepan Trofímovitch deteve-a:

— Minha amiga, eu menti durante toda a vida. Mesmo quando dizia a verdade. Nunca falava pela verdade, mas apenas por mim próprio, sempre o soube, mas só agora o vejo claramente... Oh, onde estão os amigos a quem eu insultei com a minha amizade durante toda a vida? E a todos, a todos! *Savez-vous*, se calhar estou mentindo também agora, por certo estou mentindo. O pior é que eu próprio acredito nas minhas mentiras. O mais difícil na vida é viver e não mentir... e... e

não acreditar na nossa própria mentira, sim, sim, exatamente! Mas, espere, isso tudo depois... Agora estamos juntos, juntos!

— Stepan Trofímovitch — perguntou timidamente Sófia Matvéevna —, não será melhor mandar chamar um doutor da cidade?

Stepan Trofímovitch ficou pasmado.

— Para quê? *Est-ce que je suis si malade? Mais rien de sérieux.*³⁵⁸ E para que precisamos cá de estranhos? Ficam sabendo... e o que acontecerá então? Não, não, estranhos não, vamos ficar juntos, juntos!

— Sabe uma coisa? — disse depois de uma pausa. — Leia-me mais alguma coisa, à sua escolha, tanto faz, a primeira que calhar.

Sófia Matvéevna abriu o livro e começou a ler.

— “E, ao anjo da igreja que está em Laodiceia, escreve...”

— O que é, o quê? Onde?

— Do Apocalipse.

— *Oh, je m'en souviens, oui, l'Apocalypse. Lisez, lisez,*³⁵⁹ estou lendo a sina para conhecer o nosso futuro, quero saber o que saiu; leia a partir do anjo, do anjo...

— “E, ao anjo da igreja que está em Laodiceia, escreve: Isto diz o Ámen, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus: Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente; oxalá foras frio ou quente! Assim, porque és morno e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Como dizes: Rico sou e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, enu”³⁶⁰

— Isto... isto está no seu livro! — exclamou Stepan Trofímovitch, com os olhos brilhantes e soerguendo-se na cama. — Não conhecia

este grande fragmento! Ouça: antes frio, antes frio do que morno, do que *apenas* morno. Oh, vou provar. Só que não me deixe sozinho! Provaremos, provaremos!

— Não o deixarei, Stepan Trofímovitch, nunca deixarei o senhor! — Agarrou nas mãos dele e apertou-as com força, levando-as ao coração e olhando para ele com as lágrimas nos olhos. “Fiquei com muita pena dele naquele momento”, viria a contar mais tarde. Os lábios de Stepan Trofímovitch tremeram convulsamente. — Mas ouça, Stepan Trofímovitch, como vamos fazer agora? Não quer informar alguém seu conhecido, ou os seus parentes, talvez?

Aqui, Stepan Trofímovitch assustou-se de tal maneira, que ela se arrependeu de ter falado nisso. Tremendo, cheio de medo, ele suplicou-lhe que não chamasse

ninguém, que não fizesse nada; pediu-lhe a palavra de honra, insistiu: “Ninguém, ninguém! Sozinhos, sozinhos, *nous partirons ensemble*”.³⁶¹

Também era péssimo que os donos da casa comessem a preocupar-se, a resmungar e a incomodar Sófia Matvéevna. Esta pagou-lhes e mostrou-lhes o dinheiro, o que os abrandou por algum tempo; mas o dono da casa exigiu o “visto” de Stepan Trofímovitch. O doente, com um ar altivo, apontou para o seu pequeno saco; dentro, Sófia Matvéevna encontrou a declaração de reforma de Stepan Trofímovitch, ou qualquer coisa do gênero, documento que durante toda a vida lhe servira de identificação. O dono da casa não se acalmou e disse que era preciso levá-lo “fosse para onde fosse, porque isto aqui não é nenhum hospital, e se o senhor morrer haverá problemas, será uma desgraça”. Sófia Matvéevna tentou falar com ele sobre o doutor, mas, como disse o homem, se fossem buscar um médico à cidade sairia tão caro que nem valia a pena pensar nisso. Sófia Matvéevna, amargurada, voltou para junto do seu doente. Stepan Trofímovitch ia ficando cada vez mais fraco.

— Agora leia-me mais uma passagem... aquela dos porcos — pediu de repente.

— O quê? — Sófia Matvéevna assustou-se muito.

— Sobre os porcos... é também aí... *ces cochons*... lembro-me de que os demônios entraram nos porcos e afogaram-se todos. Leia-me isso, sem falta; depois digo-lhe por quê. Quero recordar isso letra a letra. Preciso que seja letra a letra.

Sófia Matvéevna conhecia bem os Evangelhos e, num instante, encontrou em São Lucas a passagem que serve de epígrafe à minha crônica. Volto a citá-la também aqui:

E andava ali pastando no monte uma vara de muitos porcos; e rogaram-Lhe que lhes concedesse entrar neles; e concedeu-lho. E, tendo saído os demônios do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se de um despenhadeiro no lago, e afogou-se. E aqueles que os guardavam, vendo o que acontecera, fugiram, e foram anunciá-lo na cidade e nos campos. E saíram a ver o que tinha acontecido, e vieram tercom Jesus. Acharam então o homem, de quem haviam saído os demônios, vestido, e em seu juízo, assentado aos pés de Jesus; e temeram. E os que tinham visto contaram-lhes, também, como fora salvo aquele endemoninhado.

— Minha amiga — proferiu Stepan Trofímovitch com grande emoção —, *savez-vous*, esta passagem divina e... invulgar tem sido para mim, toda a vida, um tropeço... *dans ce livre*...³⁶² por isso não o esqueci desde a infância. Mas agora surgiu-me uma ideia, *une comparaison*.³⁶³ Surgem-me agora muitíssimas ideias: isso, está vendo, é tal qual a nossa Rússia. Estes demônios que saem do doente e entram nos porcos são chagas, miasmas, imundícies, todos os demônios e diabretes que se acumularam no nosso grande e querido doente, a nossa Rússia, durante séculos e séculos! *Oui, cette Russie, que j'aimais toujours*.³⁶⁴ Porém, a grande ideia e a grande vontade iluminá-la-ão de cima, como àquele possesso louco, e sairão todos esses demônios, toda

essa imundície, toda essa porcaria que supura à superfície... e irão pedir, eles mesmos, para entrarem nos porcos. Talvez já tivessem entrado! Somos nós, nós e aqueles, e Petrucha... *et les autres avec lui*,³⁶⁵ e talvez eu próprio, o primeiro, à frente, e, loucos e desvairados, atirar-nos-emos do despenhadeiro para o mar, e afogar-nos-emos todos, e será bem-feito porque não seremos capazes de fazer mais do que isso. Mas o doente curar-se-á e “sentar-se-á aos pés de Jesus”... e toda a gente vai olhar com espanto... Querida, *vous comprendrez après*,³⁶⁶ mas agora isso emociona-me muito... *Vous comprendrez après... Nous comprendrons ensemble*.³⁶⁷

Entrou em delírio e, finalmente, perdeu a consciência. Assim continuou durante todo o dia seguinte. Sófia Matvéevna, sentada a seu lado, chorava, já ia na terceira noite que não dormia quase nada e evitava os donos da casa que, como pressentia, já andavam a tramar alguma. A salvação chegou apenas ao terceiro dia. De manhã, Stepan Trofímovitch recuperou a consciência, reconheceu-a e estendeu-lhe a mão. Sófia Matvéevna benzeu-se com esperança. Apeteceu ao doente olhar pela janela: “*Tiens, un lac*”,³⁶⁸ disse, “ah, meu Deus, ainda não o tinha visto...”. Neste momento, à entrada da isbá estrondeou uma carruagem e levantou-se dentro de casa grande azáfama.

III

Era Varvara Petrovna em pessoa que chegava, acompanhada por Dária Pávlovna, num coche de quatro lugares, atrelado a quatro cavalos, com dois criados. O milagre era simples: Aníssim, que morria de curiosidade, chegara à cidade, passara pela casa de Varvara Petrovna e contara à criadagem que tinha encontrado Stepan Trofímovitch na aldeia, sozinho, que os mujiques o tinham visto na estrada fazendo o caminho a pé e que Stepan Trofímovitch partira para Spássov, via Ústievo, na companhia de Sófia Matvéevna. Como Varvara Petrovna, por seu lado, já andava muito preocupada e procurava como podia o seu fugitivo amigo, foram contar-lhe de imediato o que dissera Aníssim. Quando tal ouviu, sobretudo os

pormenores da partida dele para Ústievo na companhia, na mesma *britchka*, de uma Sófia Matvéevna qualquer, Varvara Petrovna preparou-se num ápice e, seguindo o rastro fresco, chegou a Ústievo. Ainda não sabia nada da doença dele.

Ouviu-se a sua voz autoritária, que assustou os próprios donos da casa. Varvara Petrovna parara ali apenas para se informar, fazer perguntas, porque pensava que Stepan Trofímovitch havia muito que estava em Spássov; quando soube que ele estava ali, e que estava doente, entrou com emoção na isbá.

— Então, onde está ele? Hã, hã, és tu! — gritou ao ver Sófia Matvéevna que, naquele exato momento, aparecia à porta do segundo quarto. — Adivinhei pela tua cara desavergonhada que eras tu. Fora daqui, velhaca! Que ela desapareça desta casa, já!Correr com ela... senão, mãezinha, meto-te atrás das grades. Metam-na noutra casa, por enquanto, e vigiem-na. Já estive uma vez na cadeia da cidade, pode voltar para lámais uma vez. E tu, patrão, peço-te, não te atrevas a deixar entrar ninguém enquanto eu cá estiver. Sou a Generala Stavróguina e reservo a casa toda para mim. E tu, pombinha, vais fazer-me um relatório completo.

Os sons familiares abalaram Stepan Trofímovitch. Estremeceu. Mas Varvara Petrovna já entrava para trás da divisória. Com os olhos faiscantes, empurrou a cadeira com o pé, sentou-se e, encostando-se ao espaldar, gritou a Dacha:

— Sai daqui por enquanto, fica com os donos da casa. Que curiosidade é esta? E fecha bem a porta quando saíres.

Durante algum tempo, perscrutou, com um olhar predador, o rosto dele.

— Então, passou bem, Stepan Trofímovitch? Que tal o passeio? — escapou-lhe com uma ironia furiosa.

— *Chère* — pôs-se a balbuciar Stepan Trofímovitch, perdido de susto —, conheci a verdadeira vida russa... *Et je prêcherai l'Évangile...*³⁶⁹

— Oh, que homem desavergonhado e ignóbil! — vociferou ela bruscamente, erguendo as mãos. — Não lhe bastava envergonhar-me, ainda por cima meteu-se com... Oh, seu libertino velho e desavergonhado!

— *Chère...*

Cortou-se-lhe a voz e não conseguiu articular mais nada, limitando-se a olhar para Varvara Petrovna com os olhos esbugalhados de terror.

— Quem é ela?

— *C'est un ange... C'était plus qu'un ange pour moi,*³⁷⁰ durante toda a noite ela... Oh, não grite, não a assuste, *chère, chère...*

Varvara Petrovna, de rompante, saltou com estrondo da cadeira e ouviu-se-lhe o grito assustado: “Água, água!”. Embora Stepan Trofímovitch já tivesse voltado a si do desmaio, ela ainda tremia de medo e, pálida, olhava para o rosto desfigurado do homem: só então, pela primeira vez, Varvara Petrovna tomou consciência da gravidade da sua doença.

— Dária — sussurrou a Dária Pávlovna —, manda imediatamente buscar o doutor, o Salzfish. Diz ao Egóritch que vá já, que alugue cavalos aqui e na cidade pegue noutra coche. Que volte antes do anoitecer.

Dacha correu a cumprir a ordem. Stepan Trofímovitch estava com os mesmos olhos assustados e muito abertos, os lábios muito brancos tremiam-lhe.

— Espera, Stepan Trofímovitch, espera, espera meu queridinho! — convenciona-o Varvara Petrovna, como a uma criança. — Espera um

pouco, por favor, a Dária já volta, e então... Ah, meu Deus! Patroa, patroa, chega aqui ao menos tu, mãezinha!

Impaciente, ela própria correu à procura da dona da casa.

— Trazê-la aqui, já, *àquela!* Que volte cá!

Felizmente, Sófia Matvéevna ainda não tivera tempo de abandonar a casa, estava apenas saindo do portão com o saco e a trouxa. Fizeram-na voltar. Estava tão assustada que lhe tremiam as mãos e as pernas. Varvara Petrovna agarrou-a pela mão, como um gavião a um pintainho, e arrastou-a com brusquidão até Stepan Trofímovitch.

— Tome-a, aqui a tem. Não a devorei. O senhor é que pensou que eu a devoreiviva.

Stepan Trofímovitch pegou na mão de Varvara Petrovna, levou-a aos olhos e desfez-se em lágrimas, soluçando num ataque doentio.

— Vá lá, acalma-te, meu querido, acalma-te, paizinho! Ah, meu Deus, a-cal-me-se!— gritou com fúria. — Oh, carrasco, carrasco, meu eterno carrasco!

— Querida — balbuciou finalmente Stepan Trofímovitch, dirigindo-se a Sófia Matvéevna —, espere um pouquinho lá fora, querida, quero dizer algumas coisas aqui...

Sófia Matvéevna apressou-se a sair.

— *Chérie, chérie...* — resfolegava ele.

— Espere, não fale, Stepan Trofímovitch, espere um pouco, descanse primeiro. Beba água. Mas es-pe-re, credo!

Voltou a sentar-se na cadeira. Stepan Trofímovitch agarrava-lhe a mão com força. Varvara Petrovna, durante muito tempo, não o deixou

falar. Stepan Trofímovitch levou a mão dela aos lábios e pôs-se a beijá-la. Varvara Petrovna cerrou os dentes, olhando para um canto.

— *Je vous aimais!*³⁷¹ — disse ele finalmente. Nunca Varvara Petrovna ouvira dele tais palavras, pronunciadas de tal modo.

— Hum! — emitiu em resposta.

— *Je vous aimais toute ma vie... vingt ans!*³⁷²

Ela continuava calada — dois minutos, três minutos.

— Mas quando se preparava para a Dacha, borrifou-se de perfume... — disse num sibilo assustador. Stepan Trofímovitch ficou aturdido. — Pôs uma gravata nova...

De novo um silêncio de dois minutos.

— Lembra-se do charuto?

— Minha amiga — ciciou ele, aterrorizado.

— O charuto, à noite, à janela... a Lua brilhava... depois do pavilhão... em Skvoréchniki? Lembras-te, lembras-te? — Varvara Petrovna saltou do lugar, agarrando a almofada dele por dois cantos, sacudindo-a, ao mesmo tempo que sacudia também a cabeça. — Lembras-te, homem inútil, inútil, inglório, pusilânime, eternamente inútil?! — sibilava no seu sussurro furioso, mal contendo o grito. Por fim, largou-o e deixou-se cair na cadeira, tapando a cara com as mãos. — Chega! — atalhou, endireitando-se. — Vinte anos passaram, não se recuperam; também sou parva.

— *Je vous aimais* — juntou ele as mãos.

— Mas para com esses *aimais* e mais *aimais*! Basta! — voltou a saltar da cadeira. — E se não adormece imediatamente, eu... Precisa de descansar, dormir, dormir imediatamente, feche os olhos. Ah, meu

Deus, talvez queira tomar o café da manhã! O que come o senhor? O que é que ele come? Ah, meu Deus, onde está aquela?

Começou a agitar-se numa azáfama. Porém, Stepan Trofímovitch balbuciou em voz fraca que gostaria efetivamente de dormir *une heure*,³⁷³ e depois tomaria então *un bouillon, un thé... enfin, il est si heureux*.³⁷⁴ Acomodou-se e parecia realmente ter adormecido (pelos vistos, fingia). Varvara Petrovna aguardou um pouco e saiu na ponta dos pés de trás da divisória.

Sentou-se no quarto dos donos da casa, a quem expulsou, e mandou que Dacha lhe trouxesse *aquela*. Começou o severo interrogatório.

— Conta-me lá, mãezinha, conta tudo em pormenor; senta-te aqui ao meu lado, assim mesmo. Então?

— Encontrei-me com Stepan Trofímovitch...

— Espera, cala-te. Aviso-te: se me mentires ou me esconderes alguma coisa, apanho-te depois, nem que seja debaixo da terra. Então?

— ...com Stepan Trofímovitch... logo que cheguei a Khátovo... — quase sufocava Sófia Matvéevna.

— Para, cala-te, espera, por que falas como uma metralha? Em primeiro lugar, que raio de coisa és tu?

Sófia Matvéevna falou mais ou menos de si mesma, o mais resumidamente possível, aliás, desde os tempos de Sevastópol. Varvara Petrovna ouvia-a em silêncio, muito direita na sua cadeira, olhando severa e fixamente a narradora nos olhos.

— Por que estás tão intimidada, com os olhos cravados no chão? Gosto das pessoas que olham as outras na cara e discutem comigo. Continua.

Sófia Matvéevna acabou de contar a sua história — sobre o encontro, os livros, como Stepan Trofímovitch serviu vodca à campônia...

— Pois, pois, pois, não te esqueças de nenhum pormenor — animava-a Varvara Petrovna. Depois, Sófia Matvéevna falou de como partiram os dois e de como Stepan Trofímovitch, “já muito doente”, não parava de falar, e de como, naquela mesma isbá, ele lhe contou toda a sua vida, desde o princípio, durante várias horas.

— Conta o que ele disse da vida dele.

Sófia Matvéevna atrapalhou-se e entrou num impasse.

— Sobre isso não sei dizer nada — disse, quase chorando —, não entendi quasenada.

— Mentira... alguma coisa tinhas de entender.

— Falou muito de uma senhora nobre de cabelo preto — corou terrivelmente ao reparar no cabelo loiro de Varvara Petrovna e na sua falta de parecença com a “morena”.

— De cabelo preto?... E disse o quê, nomeadamente? Diz lá!

— Que a tal senhora nobre estava muito apaixonada por ele, durante toda a vida, vinte anos; mas nunca mais se atrevia a declarar-se, envergonhava-se, porque era demasiado corpulenta...

— Parvo! — atalhou Varvara Petrovna pensativamente, mas com decisão.

Sófia Matvéevna já chorava de verdade.

— Não sei contar bem nada disso, porque eu própria estava com muito medo, por causa dele, e além disso o senhor é tão sábio e inteligente...

— Não te cabe julgar a inteligência dele, sua gralha. Pediu-te em casamento?

A narradora tremeu.

— Apaixonou-se por ti? Fala! Pediu-te em casamento? — gritou Varvara Petrovna.

— Foi quase isso — soluçou Sófia Matvéevna —, só que não o levei a sério, por causa da doença dele — acrescentou com firmeza, erguendo os olhos.

— Como te chamas, nome e patronímico?

— Sófia Matvéevna, minha senhora.

— Fica então a saber, Sófia Matvéevna, que ele é o mais imprestável, o mais inútil dos homenzinhos... Meu Deus, meu Deus! Consideras-me uma velhaca?

A outra esbugalhou os olhos.

— Uma velhaca, uma tirana?... Que lhe estraguei a vida?

— Como é isso possível se a senhora está chorando?

Varvara Petrovna, efetivamente, tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Senta-te, senta-te, não te assustes... Olha-me nos olhos mais uma vez, frontalmente. Por que estás chorando? Dacha, anda cá, olha para ela: o que achas, tem um coração puro?...

E para espanto, e ainda maior susto, de Sófia Matvéevna, deu-lhe de repente umas palmadinhas carinhosas na bochecha.

— Só é pena que seja parva... Para a idade que tem. Está bem, minha cara, ainda vou tratar de ti. Vejo que isso tudo não tem importância.

Fica por enquanto aqui perto, alugo-te uma casa, com mesa e o resto por minha conta... até que te chame.

Sófia Matvéevna tentou argumentar, assustada, que tinha pressa.

— Não tens pressa nenhuma... Compro os teus livros todos, ficas aqui. Cala-te, não inventes desculpas. Porque, de qualquer maneira, se eu não viesse não o abandonavas, pois não?

— Nunca o abandonaria — disse Sófia Matvéevna baixinho, mas com firmeza, limpando os olhos.

Só à noite chegou o Doutor Salzfish. Era um velhinho muito respeitável e um médico prático bastante experiente que, em consequência de um conflito de ambições com os chefes, perdera o seu serviço oficial na cidade. Varvara Petrovna encarregara-se imediatamente de lhe “dar proteção”. O doutor examinou o doente com atenção, fez muitas perguntas e explicou a Varvara Petrovna, cautelosamente, que o estado do paciente era muito duvidoso, em consequência das complicações que sobrevieram à sua doença, e que era de esperar “o pior”. Varvara Petrovna, que em vinte anos se desabituara até de imaginar qualquer coisa de sério e decisivo vindo de Stepan Trofímovitch, ficou profundamente abalada, chegou mesmo a empalidecer:

— Então não há esperança?

— É impossível não haver sempre uma esperança, mas...

Varvara Petrovna não se deitou toda a noite, esperando com impaciência a manhã. Mal o doente abriu os olhos e recuperou a memória (estava ainda consciente, mas enfraquecia a cada hora que passava), abordou-o com um ar muito decidido:

— Stepan Trofímovitch, temos de prevenir tudo... Mande buscar o padre. O senhor tem obrigação de cumprir o seu dever...

Conhecendo as convicções dele, temia muito uma recusa.

— Disparate, disparate! — berrou ela, pensando que o homem já estava recusando-se. — Não é hora para asneiras. Chega de palhaçadas.

— Mas... estou assim tão mal?

Stepan Trofímovitch, pensativo, aceitou. Mais tarde, com grande espanto, vim a saber por Varvara Petrovna que a morte não o assustou nada. Ou talvez, pura e simplesmente, não acreditasse nela e continuasse a achar que a sua doença era uma ninharia.

Confessou-se e comungou com muita vontade. Todos, inclusive Sófia Matvéevna e os criados, compareceram para as felicitações no momento da santa comunhão. É claro, todos choravam à socapa, olhando para o seu rosto mirrado e extenuado, para os seus lábios brancos e trementes.

— *Oui, mes amis,*³⁷⁵ apenas me surpreende... esta vossa azáfama. Amanhã, por certo, já me levanto e... partiremos. *Toute cette cérémonie...*³⁷⁶ a que... obviamente, faço justiça... terá sido...

— Peço-lhe, senhor padre, que fique com o doente. — Varvara Petrovna deteve o padre, que já despia os paramentos. — Quando servirem o chá, peço que lhe fale de imediato sobre o divino, para lhe reforçar a fé.

O padre começou a falar à frente de toda a gente, sentada ou de pé, que estava à volta da cama do doente.

— Nos nossos tempos pecaminosos — começou o padre com fluência, com a xícara de chá na mão —, a fé no Todo-Poderoso é o único refúgio do gênero humano para todas as amarguras e provações da vida, assim como a fé na esperança da bem-aventurança eterna, prometida aos justos...

Stepan Trofímovitch parecia animar-se; um sorriso fino aflorou-lhe aos lábios.

— *Mon père, je vous remercie, et vous êtes bien bon, mais...*³⁷⁷

— Qual *mais*, nem *mais* nem meio *mais*! — exclamou Varvara Petrovna, levantando-se de rompante. — Padre — dirigiu-se ao sacerdote —, ele é um homem de tal calibre que... daqui a uma hora vai precisar da confissão outra vez! É assim este homem!

Stepan Trofímovitch sorriu reservadamente.

— Meus amigos — disse —, Deus é-me necessário, até porque é a única criatura que podemos amar eternamente...

Fosse porque a fé efetivamente o bafejara, fosse porque a majestosa cerimônia o abalou e lhe despertou a sensibilidade artística própria da sua natureza, o certo é que proferiu palavras com firmeza e, como viriam a contar, com grande sentimento, palavras que estavam em frontal oposição a muitas das suas antigas convicções...

— A minha imortalidade é necessária, até pelo fato de Deus não querer cometer injustiça apagando o fogo do amor que se ateou no meu coração. O que é mais precioso do que o amor? Se o amor é superior à existência, se a existência é coroada pelo amor, como é possível que a existência lhe seja insubmissa? Se ganhei amor por Ele e fiquei feliz com o meu amor, será possível que Ele me apague, tanto a mim quanto à minha felicidade, e nos transforme em zero? *Voilà ma profession de foi.*³⁷⁸

— Deus existe, Stepan Trofímovitch, garanto-lhe que existe — dizia Varvara Petrovna numa súplica —, desista, deixe-se de todas as suas asneiras pelo menos uma vez na vida! — (Pelos vistos, não tinha compreendido bem a *profession de foi* dele).

— Minha amiga — dizia Stepan Trofímovitch, cada vez mais animado, embora a voz se lhe entrecortasse a cada passo —, minha

amiga, quando compreendi... esta face oferecida, eu... compreendi ao mesmo tempo mais coisas... *J'ai menti toutema vie*, toda, toda a minha vida! Gostaria de... aliás, amanhã... Amanhã partimos todos.

Varvara Petrovna chorava, Stepan Trofímovitch procurava alguém com os olhos.

— Está aqui, está aqui! — Varvara Petrovna pegou na mão de Sófia Matvéevna e aproximou-a dele. Stepan Trofímovitch sorriu, enternecido.

— Oh, gostaria muito de viver outra vez! — exclamou ele, num fluxo de energia. — Cada minuto, cada instante da vida têm de ser uma bem-aventurança para o homem... têm de o ser, necessariamente! É obrigação do próprio homem organizar as coisas assim, é a lei por que se deve reger... uma lei oculta, mas que existe de certeza... Oh, gostaria de ver o Petrucha... e a todos eles, e o Chátov!

Devo referir que, naquela altura, nem Dária Pávlovna nem Varvara Petrovna sabiam ainda do que se passara com Chátov, nem sequer Salzfish, o último a chegar da cidade.

Stepan Trofímovitch cada vez se comovia mais, até ao doentio, até além das suas forças.

— A eterna ideia de que existe alguma coisa incomensuravelmente mais justa e feliz do que eu, só por si, já me enche de ternura e... de glória... seja eu quem for, tenha eu feito o que fizesse! Para o homem, é muito mais necessário do que a sua felicidade própria saber e acreditar a cada instante que já existe algures uma felicidade perfeita e serena, para todos e para tudo... Toda a lei da existência humana consiste exclusivamente em o homem sempre se ter podido inclinar perante o incomensuravelmente grande. Se as pessoas forem privadas do incomensuravelmente grande, não quererão viver e morrerão em desespero. O incomensurável, o infinito, é tão necessário para o homem como o minúsculo planeta em que habita... Meus amigos, todos, todos: viva a Grande Ideia! A eterna, a incomensurável Ideia!

Qualquer pessoa, seja ela quem for, precisa de se inclinar diante da Grande Ideia. Mesmo o mais estúpido dos homens precisa, pelo menos, de um pouco de grandeza. Petrucha... Oh, como eu queria voltar a vê-los a todos! Eles não sabem, não sabem que também neles reside a Grande Ideia eterna!

O Doutor Salzfish não estivera presente na cerimônia. Quando entrou, sem o esperarem, ficou horrorizado e dispersou a reunião, insistindo em que não emocionassem o doente.

Stepan Trofímovitch faleceu três dias depois, no estado de inconsciência total. Apagou-se calmamente, como uma vela no fim. Varvara Petrovna, depois da missa de corpo presente no local, levou o corpo do seu amigo para Skvoréchniki. O túmulo dele é no recinto da igreja e já tem uma laje de mármore. A inscrição e o gradeamento serão feitos na primavera.

Varvara Petrovna esteve fora da cidade cerca de oito dias. Também Sófia Matvéevna foi para a cidade com ela, no mesmo coche, e ficou em sua casa, ao que parece para sempre. Note-se que, mal Stepan Trofímovitch perdeu a consciência (na mesma manhã), Varvara Petrovna voltou a expulsar Sófia Matvéevna da isbá e passou a tratar do doente sozinha, até ao fim; logo que Stepan Trofímovitch faleceu, mandou chamar Sófia Matvéevna de imediato. Não quis ouvir quaisquer objeções da parte desta, terrivelmente assustada com a proposta de se instalar para sempre em Skvoréchniki.

— Disparates! Eu própria vou contigo vender Evangelhos. Agora já não tenho ninguém no mundo!

— Tem o seu filho — observou-lhe Salzfish.

— Não tenho filho! — atalhou Varvara Petrovna e... foi como se profetizasse.

8 - Conclusão

Todos os desmandos e crimes foram deslindados muito depressa, muito mais depressa do que supunha Piotr Stepánovitch. Tudo começou porque a desgraçada Mária Ignátievna, na noite em que lhe assassinaram o marido, acordou de madrugada, não o encontrou a seu lado e entrou numa comoção indescritível. Dormia lá em casa a criada que Arina Prokhorovna arranjava. A criada não conseguia acalmá-la e, mal rompeu a manhã, correu em busca de Arina Prokhorovna, garantindo primeiro à doente que a parteira sabia onde estava o marido e quando voltava. Entretanto, Arina Prokhorovna, de certo modo, também estava preocupada: já sabia, pelo marido, da façanha noturna em Skvoréchniki. Este voltara a casa já depois das dez da noite, num estado e com um aspecto horríveis; torcendo as mãos, atirou-se de bruços para cima da cama, repetindo constantemente, entre soluços convulsos: “Não está certo, não, isto não está nada certo!”. Como é óbvio, acabou por confessar tudo a Arina Prokhorovna, até porque esta não parava de lhe fazer perguntas insistentes — aliás, contou apenas a ela, a mais ninguém lá em casa. Esta deixou-o na cama, recomendando-lhe severamente que “se lhe apetecesse choramingar, choramingasse, mas com a almofada abafando, para ninguém ouvir, e que, se se mostrasse comprometido de manhã, seria um grande parvo”. No entanto, não deixou de ficar preocupada e começou logo a pôr tudo em ordem, para o que desse e viesse: os papéis, os livros, até os panfletos, ou seja teve tempo de esconder ou de destruir tudo. Chegou também à conclusão de que, no fundo, ela, a irmã, a tia, a estudante, e mesmo o irmão orelhudo não tinham nada a temer. Quando, de manhãzinha, a criada lhe apareceu à frente, não pensou duas vezes e foi ver Mária Ignátievna. Aliás, tinha grande vontade de confirmar o mais depressa possível se era verdade o que o marido lhe tinha confidenciado, como se delirasse, num sussurro desvairado de medo, sobre as maquinações de Piotr Stepánovitch relativamente a Kiríllov, com vista aos interesses da causa comum.

Porém, chegou tarde demais à casa de Mária Ignátievna. Esta, ao ficar sozinha depois de ter mandado a criada, não suportou a espera, levantou-se da cama, enfiando a primeira roupa que lhe calhou apanhar, ao que parece muito leve para a época do ano, e foi ao anexo de Kiríllov, pensando que ele poderia ter uma informação mais certa sobre o marido. É fácil imaginar-se que choque apanhou a jovem mãe com o que lá viu. É curioso que não tivesse lido a última carta de Kiríllov, que estava em cima da mesa, à vista, de tal maneira o medo a impediu de reparar nela. Depois, voltou a correr para o seu cubículo, pegou no bebê e saiu com ele para a rua. A manhã era de nevoeiro, úmida, na rua deserta não passava ninguém. Ofegante, desatou a correr, chapinhando na lama fria, e, às tantas, começou a bater às portas. Numa casa não lhe abriram, noutra demoravam a abrir; impaciente, bateu a uma terceira porta. Era a casa do comerciante Titov. Aqui, ela fez grande alarido, gritando que lhe tinham “matado o marido”. Em casa de Titov conhecia-se um pouco o Chátov e a sua história, por isso abalou-os, horrorizou-os verem Mária Ignátievna, parturiente de um dia apenas, como ela contou, a correr assim vestida pelas ruas, com aquele frio, com o bebê nos braços mal agasalhado. A princípio, pensaram que era apenas um desvario, até porque, ainda por cima, não conseguiam compreender quem tinha sido morto: Kiríllov ou o marido dela? Mária Ignátievna, ao ver que não acreditavam nela, deitou a correr dali, mas foi agarrada à força e dizem que se debatia e

gritava como uma doida. Foram ao prédio de Filíppov e, passadas duas horas, o suicídio e a carta de Kiríllov já eram conhecidos em toda a cidade. A polícia interrogou a jovem mãe, ainda consciente, e concluiu que ela não lera o bilhete de Kiríllov; mas não conseguiram arrancar-lhe o motivo pelo qual afirmava que o marido tinha sido morto. Só gritava que “se o outro foi morto, o meu marido também: estavam juntos!”. Por volta do meio-dia, perdeu a consciência, estado donde já não regressaria mais, falecendo ao cabo de três dias. O bebê, vítima de hipotermia, morreu ainda antes dela. Arina Prokhorovna, ao não encontrar Mária Ignátievna nem o bebê em casa, percebeu que a situação estava feia, e o seu primeiro impulso foi o de correr de volta para sua casa, mas ainda parou ao portão e mandou a criada “fazer umas perguntas no anexo, ao senhor, para tentar saber se Mária Ignátievna estava lá ou se ele sabia alguma coisa dela”. Amensageira voltou, gritando como uma louca. Arina Prokhorovna, depois de convencer a mulher a parar com a gritaria e a não dizer nada a ninguém do que vira, recorrendo ao famoso argumento do “ainda vais parar à prisão”, fugiu daquelas bandas.

É natural que naquela manhã a tenham incomodado, uma vez que tinha sido ela a fazer o parto de Mária Ignátievna; mas não tiraram muito dela: contou com muita sensatez e sangue-frio tudo o que vira e ouvira em casa de Chátov, mas, relativamente ao incidente, declarou que não sabia nada nem percebia nada.

É fácil imaginar que agitação se criou na cidade. Mais uma “história”, mais um assassínio! Mas desta vez a coisa era outra: ficava claro, realmente claro, que existia uma organização secreta de assassinos, de incendiários revolucionários, de rebeldes. A morte terrível de Lisa, o assassínio da mulher de Stavróguin, o próprio Stavróguin, o fogo posto, o baile a favor das preceptoras, a depravação à volta de Iúlia Mikháilovna...

No próprio desaparecimento de Stepan Trofímovitch, as pessoas queriam, a toda a força, ver um enigma. Cochichava-se muito sobre Nikolai Vsevolodovitch. Para o fim da tarde, soube-se também da ausência de Piotr Stepánovitch e, coisa estranha, falou-se menos dele do que de tudo o resto. Entretanto, nesse dia, o centro das conversas era “o senador”. Junto ao prédio de Filíppov, durante quase toda a manhã, juntou-se uma multidão. De fato, as autoridades foram induzidas em erro pela carta de Kiríllov. Acreditaram tanto no assassínio de Chátov por Kiríllov quanto no suicídio do “assassino”. Ou antes, não foi que as autoridades tivessem sido confundidas por completo. Por exemplo, a palavra “parque”, surgida de modo tão indefinido na carta de Kiríllov, não atrapalhou ninguém, contra os cálculos de Piotr Stepánovitch. A polícia deslocou-se de imediato a Skvoréchniki, não só porque havia lá um parque, coisa que não havia em mais lado nenhum na nossa terra, mas também por um qualquer instinto, porque todos os horrores dos últimos dias estavam direta ou parcialmente ligados a Skvoréchniki. São estas, pelo menos, as minhas suposições. (Reparem que Varvara Petrovna, de manhã cedo e sem saber de nada, partira da cidade para encontrar Stepan Trofímovitch). Pois bem, o corpo foi encontrado no lago no próprio dia, ao fim da tarde, em virtude de alguns indícios: no local do crime foi encontrado o boné de Chátov, que os assassinos, por grande leviandade, esqueceram. A observação e o exame médico-legal do cadáver, e também algumas suposições, provocaram logo a suspeita de que Kiríllov não poderia ter agido sem cúmplices. Foi descoberta a existência de uma organização secreta, a que pertenciam Chátov e Kiríllov, ligada com os panfletos. Mas quem seriam os cúmplices? Naquele dia ainda nem sequer se pensava nos *noossos*. Ficou sabendo-se que Kiríllov vivia como um eremita, tão sozinho que, segundo rezava a sua própria carta, foi possível a um homem como Fedka, procurado por toda a parte, viver em casa dele durante muitos dias... O que inquietava muito

toda a gente era o fato de, no meio de tal confusão, ser impossível extrair-se alguma coisa de geral e de lógico. É difícil imaginar-se quais seriam as conclusões e a confusão de ideias a que chegaria a nossa sociedade assustada até ao pânico se, de repente, não se tivesse esclarecido tudo, de uma vez, logo no dia seguinte, graças a Liámchin.

Liámchin não aguentou. Aconteceu com ele, afinal, o que Piotr Stepánovitch pressentira. Deixado aos cuidados de Tolkatchenko e, depois, aos de Erkel, ficou na cama todo o dia seguinte ao acontecimento, pelos vistos queado e calado, de cara virada contra a parede, mal respondendo às perguntas que lhe faziam. Assim, não soube nada do que estava acontecendo na cidade. Entretanto, quem já sabia perfeitamente o que se passavaera Tolkatchenko que, ao princípio da noite, decidiu abandonar o papel que lhe confiara Piotr Stepánovitch e sair da cidade ou, mais simplesmente, fugir: era bem verdade que todos tinham perdido o juízo, como profetizara Erkel. Note-se, a propósito, que também Lipútin desapareceu da cidade no mesmo dia, ainda antes do meio-dia. As autoridades, porém, só souberam do desaparecimento deste último no dia seguinte, ao fim da tarde, quando abordaram a família dele, assustada com a sua ausência, mas calada por medo. Pois bem, continuo agora a contar do Liámchin. Mal se viu sozinho (Erkel, confiando em Tolkatchenko, tinha ido antes para casa), Liámchin correu para a rua e, é claro, não tardou a informar-se sobre o estado das coisas. Sem passar por casa sequer, deitou pés ao caminho sem sequer o ver. Mas a noite estava tão escura e a empresa tão assustadora e difícil que, percorridas duas ou três ruas, voltou para casa e fechou-se por toda a noite. Parece que de manhã tentou o suicídio, mas não foi capaz de ir até ao fim. Deixou-se ainda ficar aferrolhado até quase ao meio-dia e... num impulso foi ter com as autoridades. Dizem que rastejava, de joelhos, que chorava e guinchava, que beijava o chão gritando que não era digno de beijar sequer as botas dos senhores dignitários que estavam diante dele. Acalmaram-no, até o acarinharam. Ao que dizem, o interrogatório durou três horas. Contou tudo, tudo, em todos os pormenores, tudo o que sabia, minuciosamente. Adiantava-se nas confissões, pressuroso, apressado, dizendo até coisas inúteis e que não lhe eram pedidas. Verificou-se que sabia bastante e expôs a situação com certa clareza. Assim, a tragédia de Chátov e Kirillov, o incêndio, a morte dos Lebiádkin, etc. passaram para segundo plano. Ao primeiro plano ascenderam Piotr Stepánovitch, a organização secreta, a rede. À pergunta: por que razão foram feitos tantos assassinios, escândalos e infâmias? — respondeu com uma prontidão ardorosa que foi “para abalar sistematicamente os alicerces, para decompor sistematicamente a sociedade e minar todas as suas bases; para deixar toda a gente desorientada e criar uma confusão total, e depois, de um golpe, tomar em mãos a sociedade abalada, doente e esmorecida, cínica e descrente, mas com a ânsia infinita de uma ideia diretriz e de autoconservação; apoderar-se dela, levantando a bandeira da rebelião e apoiando-se em toda uma rede de células de cinco elementos que, naquele momento, agiam, recrutavam militantes e procuravam praticamente todos os métodos e todos os pontos fracos a que era possível agarrarem-se”. Em conclusão disse que, na nossa cidade, fora organizada por Piotr Stepánovitch apenas a primeira experiência desta desordem sistemática, por assim dizer, um programa para a atividade ulterior e, até, como modelo para todos os grupos de cinco — o que, no fundo, era a escapatória dele (Liámchin), pois disse àqueles senhores que “não deviam esquecer, mas antes fixar sem falta que ele esclarecera o caso com muita sinceridade e lealdade, pelo que poderia ser ainda muito útil no futuro para prestar serviços às autoridades”. À pergunta direta: havia muitos grupos de cinco? — respondeu que eram infindáveis, que toda a Rússia estava coberta pela rede... E, embora não apresentasse provas do que dizia, quer-me parecer que Liámchin estava sendo sincero. Apresentou apenas o programa da organização impresso no estrangeiro e um projeto de desenvolvimento das ações futuras (embora em

rascunho) escrito pelo punho de Piotr Stepánovitch. Descobriu-se que, relativamente ao “abalos alicerces”, Liámchin limitava-se a citar o papelucho, sem esquecer sequer os pontos e as vírgulas, embora se vangloriasse de que eram considerações da sua lavra. Quanto a Iúlia Mikháilovna, disse de forma bastante cômica, antecipando-se e sem lhe ter sido perguntado nada nesse sentido, que “era inocente e apenas tinha sido enganada”. O curioso foi ter ilibado totalmente Nikolai Stavróguin de qualquer participação na organização secreta e de qualquer ligação com Piotr Stepánovitch. (Sobre as almejadas e muito ridículas esperanças que Piotr Stepánovitch alimentava em relação a Stavróguin, Liámchin não fazia a mínima ideia). A morte dos Lebiádkin, nas palavras dele, tinha sido organizada exclusivamente por Piotr Stepánovitch, sem qualquer participação de Nikolai Vsevolodovitch, com a manhosa finalidade de envolver este no crime e, assim, ficar refém de Piotr Stepánovitch; porém, em vez da gratidão que, sem dúvida e levianamente, Piotr Stepánovitch pretendia do honrado Nikolai Vsevolodovitch, apenas levou este à completa indignação e até ao “desespero”. Concluiu o seu depoimento sobre Stavróguin, também adiantando-se e sem ser rogado, com a insinuação, claramente deliberada, de que este era uma personalidade extremamente importante, mas que isso estava envolto nalgum segredo; que vivia na nossa cidade incógnito, por assim dizer, que estava encarregado de missões e que, por certo, voltaria de Petersburgo à nossa cidade (Liámchin tinha a certeza de que Stavróguin estava em Petersburgo), só que dessa feita numa situação totalmente diferente, talvez fazendo parte da comitiva de certas pessoas que, em breve, seriam conhecidas também na nossa cidade, e que tudo isso ele (Liámchin) o ouvira da boca de Piotr Stepánovitch, “inimigo secreto de Nikolai Vsevolodovitch”.

Nota bene: decorridos dois meses, Liámchin viria a confessar que tinha defendido Stavróguin deliberadamente, com a esperança de que este viesse a protegê-lo e de que, em Petersburgo, conseguisse atenuar-lhe a pena em dois escalões e lhe desse dinheiro e cartas de recomendação para levar para a deportação. Tal confissão deixa claro que Liámchin, na verdade, tinha uma ideia muito exagerada da importância de Nikolai Stavróguin.

No mesmo dia, é claro, detiveram também o Virguínski e, em seguida, toda a família dele. (Arina Prokhorovna, a irmã desta e a tia, e mesmo a estudante, há muito que estão em liberdade; diz-se que vão soltar também o Chigalióv, e muito em breve, uma vez que não cabe em nenhuma das categorias da acusação; tudo isto, porém, não passa por enquanto de rumores). Virguínski confessou tudo, e de imediato: estava doente, com febre, quando foi preso. Dizem que se mostrou quase satisfeito: “Aliviou-se-me o coração”, teria ele dito. Consta que, agora, está fazendo uns depoimentos muito sinceros e com certa dignidade, e que não desiste de nenhuma das suas “esperanças luminosas”, amaldiçoando ao mesmo tempo o caminho político (em oposição ao social) em que tinha sido envolvido sem querer e levianamente “pelo turbilhão das circunstâncias coincidentes”. O seu comportamento durante a perpetração do assassinio é interpretado como circunstância atenuante, pelo que também ele poderá contar com algum abrandamento na decisão do seu destino. Pelo menos, é assim que se pensa entre nós.

Já quanto a Erkel, é pouco provável que o rigor do seu destino seja atenuado. Este, desde a sua detenção que permanece em silêncio ou faz os possíveis por deturpar a verdade. Ninguém ouviu da sua boca uma palavra de arrependimento. No entanto, mesmo entre os juizes mais severos, ele ganhou alguma simpatia — pela sua juventude indefesa, indício evidente de que é apenas uma vítima fanática de um sedutor político; mas, antes de mais, pela maneira como se porta com a mãe, a quem mandava sempre metade do seu modesto vencimento. A mãe dele

está agora na nossa cidade. É uma senhora fraca e doente, precocemente envelhecida; só chora e, literalmente, roja-se aos pés das pessoas pedindo pelo filho. Sabe-se lá como irão passar-se as coisas, mas entre nós há muita gente que tem pena de Erkel.

Lipútin foi preso já em Petersburgo, onde viveu duas semanas inteiras. O que se passou com ele é quase inacreditável, difícil de explicar. Dizem que tinha um passaporte com nome falso e toda a possibilidade de fugir para o estrangeiro, e também bastante dinheiro; no entanto, deixou-se ficar em Petersburgo, não foi para lado algum. Durante algum tempo andou à procura de Piotr Stepánovitch e de Stavróguin, mas, inesperadamente, entrou numa bebedeira e depravação desmedidas, como pessoa que perdeu todo o senso comum e toda a consciência da sua situação. Foi preso, algures em Petersburgo, precisamente num prostíbulo, embriagado. Porém, correm rumores de que, agora, não perde o ânimo, mente nos seus depoimentos e se prepara para o julgamento com certa solenidade e esperança. Tem mesmo a intenção de discursar no tribunal. Quanto a Tolkatchenko, preso algures no distrito dez dias após a sua fuga, porta-se de forma muito mais delicada, não mente, não se esquiva, diz tudo o que sabe, não se justifica, confessa tudo com modéstia, mas também tem tendência para a loquacidade: falamuito e com à vontade e, quando se aflora o tema do conhecimento do povo e dos seus elementos revolucionários, torna-se mesmo teatral e anseia por fazer efeito. Segundo dizem, tenciona também discursar em tribunal. De uma maneira geral, ele e Lipútin não estão muito assustados, o que chega a ser estranho.

Repito, este caso ainda não foi concluído. Agora, três meses decorridos, a nossa sociedade sossegou, recompôs-se, recuperou as forças, tem opinião própria, opinião que chega ao ponto de haver quem considere Piotr Stepánovitch um gênio ou, pelo menos, “com capacidades geniais”. “Organização, nada a dizer!” dizem no clube, erguendo o dedo. De resto, tudo isto é muito inocente, e a gente que fala assim é pouca. Outros, pelo contrário, embora não lhe neguem as finas capacidades, veem-no como um completo ignorante da realidade, com um espírito terrível de diversão, um desenvolvimento deformado, estúpido e unilateral, e de uma extrema leviandade proveniente disso tudo. Quanto às características morais de Piotr Stepánovitch, toda a gente está de acordo, ninguém discute.

Francamente, não sei quem mais mencionar, para não esquecer ninguém. Mavríki Nikoláevitch foi-se embora, sabe-se lá para onde. A velha Drozdova caiu no infantilismo... Aliás, falta-me contar ainda uma história, bastante soturna. Limito-me aos fatos.

Varvara Petrovna, quando regressou, instalou-se na sua casa urbana. Caíram-lhe em cima todas as notícias juntas, abalando-a terrivelmente. Fechou-se sozinha nos seus aposentos. Era no princípio da noite, toda a gente estava cansada e se deitou cedo.

De manhã, a criada de quarto, com ar enigmático, entregou uma carta a Dária Pávlovna. A carta, segundo ela, chegara já na véspera, mas tarde, quando já estavam todos a dormir, por isso não se atrevera a acordá-la. Não chegara pelo correio, mas trouxera-a um desconhecido, que a entregou a Aleksei Egórovitch. Este entregara-lha de imediato e, logo a seguir, voltou para Skvoréchniki.

Dária Pávlovna, com o coração palpitante, olhava longamente para a carta e não se atrevia a deslacrá-la. Sabia de quem era: de Nikolai Stavróguin. Leu a indicação nosobrescrito: “Ao cuidado de Aleksei Egórovitch, para ser entregue a Dária Pávlovna, emsegredo”.

Aqui vai a carta, letra por letra, sem a mínima correção ao estilo do fidalgo russo que não aprendera bem a gramática russa apesar de toda a sua cultura europeia:

Querida Dária Pávlovna:

Outrora, a menina desejou ser minha “enfermeira” e levou-me a fazer a promessa de mandar buscá-la quando fosse preciso. Vou partir dentro de dois dias e não volto mais. Quer ir comigo?

No ano passado inscrevi-me, tal como o fizera Herzen, como cidadão do cantão de Uri e ninguém está ao corrente disso. Já comprei, lá, uma pequena casa. Ainda tenho doze mil rublos; vamos para lá e ficamos lá a viver para sempre. Nunca mais quero sair de lá para lado nenhum.

O lugar não tem grande graça, é um desfiladeiro; as montanhas limitam a vista e o pensamento. Muito sombrio. É só porque estava lá uma casa pequena à venda. Se a menina não gostar, vendo-a e compro outra noutro lugar.

Não estou bem, mas espero livrar-me das alucinações com aquele ar. Fisicamente; quanto ao lado moral, a menina sabe tudo; aliás, mesmo tudo?

Contei-lhe muita coisa da minha vida. Mas não tudo. Mesmo a si não contei tudo! A propósito, confirmo que moralmente tenho culpa da morte da minha mulher. Não vi a menina depois disso, por isso quero confirmá-lo. Também sou culpado para com Lisaveta Nikoláevna, mas, quanto a isso, a menina está a par de tudo; neste aspecto, vaticinou quase tudo.

É melhor que não venha. O estar eu a chamá-la é uma grande baixeza. Também, para que vai sepultar a sua vida comigo? Simpatizo consigo e, na minha tristeza, senti-me bem a seu lado: só na sua presença podia falar de mim em voz alta. Mas tal não significa nada. A menina mesmo se predestinou para ser “enfermeira” — esta expressão é sua. Para que tanto sacrifício? Tente compreender também que não tenho pena de si porque a chamo e não a respeito porque a espero. No entanto, chamo e espero. De qualquer maneira, preciso da sua resposta porque tenho de partir muito em breve. Caso contrário, vou sozinho.

Não deposito quaisquer esperanças em Uri: vou para lá, simplesmente. Não escolhi um lugar sombrio propositalmente. À Rússia nada me liga — nela, como por todo o lado, tudo me é estrangeiro. Também é verdade que não gostava de viver na Rússia mais do que em qualquer outra parte; porém, mesmo nela, não consegui ganhar ódio a nada!

Experimentei por todo o lado a minha força. A menina aconselhava-me para “me conhecer a mim mesmo”. Nas minhas experiências, para mim e para me exibir aos outros, tal como em toda a minha vida passada, a minha força mostrava ser infinita. A seus olhos, suportei a bofetada do seu irmão; reconheci publicamente o meu casamento. Porém, qual a finalidade de aplicar esta força — isso nunca eu vi e continuo a não ver, apesar da sua aprovação na Suíça, em que acreditei. Do mesmo modo que antes e sempre, posso desejar fazer uma boa ação e sinto prazer com isso; paralelamente, desejo o mal e também experimento prazer com ele. Entretanto, ambas as sensações são sempre insignificantes, como antes, nunca são grandes. Os meus desejos são fracos demais, não podem mandar em mim. Em cima de um tronco é possível atravessar-se o rio, numa lasca não. Digo-lho para que a menina não pense que vou para Uri com quaisquer esperanças.

Como antes, não culpo ninguém. Experimentei uma grande depravação e extingui nela as minhas forças; mas não gosto da depravação e nunca a desejei. Nos últimos tempos, a menina observava-me. Sabe que eu até para os niilistas olhava com raiva, porque invejava as esperanças deles? No entanto, a menina não tinha que preocupar-se: eu não podia ser companheiro deles porque não partilhava nada daquilo. Ora, por palhaçada e por raiva também não podia sê-lo, e não porque tenha medo de ser ridículo — o ridículo não pode assustar-me —, mas porque, seja como for, tenho hábitos de homem decente e aquilo metia-me nojo. Aliás, se tivesse mais raiva e inveja deles, talvez me juntasse a eles. Agora julgue por si se era fácil para mim e as indecisões que me dilaceravam!

Querida amiga, terna e generosa criatura que eu descobri! Talvez sonhe em dar-me tanto amor e derramar sobre mim tanta beleza da sua alma que espera, com isso, que eu fixe finalmente para mim um objetivo? Não, é melhor ser mais prudente: o meu amor será tão insignificante como eu próprio, e a menina será infeliz. O seu irmão dizia-me que quem perdesse a ligação com a sua terra perdia também os seus deuses, ou seja, todos os seus objetivos. É possível discutir infundavelmente, mas de mim apenas se verteu a negação, sem qualquer generosidade nem força. Nem sequer a negação se verteu. Tudo é sempre insignificante e mole. O magnânimo Kirillov não aguentou a ideia e matou-se a tiro; mas vejo claramente que era magnânimo porque não estava em seu perfeito juízo. Sou incapaz de perder alguma vez o juízo ou de acreditar numa ideia como ele. Não posso sequer dedicar-me a uma ideia até esse ponto. Não poderei, nunca, matar-me a tiro!

Sei que deveria matar-me, varrer-me da face da Terra como um reles inseto; mas tenho medo do suicídio porque tenho medo de manifestar magnanimidade. Sei que seria mais uma mentira — a última numa infinita fila de mentiras. Que sentido tem enganar-me a mim próprio, apenas para fingir magnanimidade? Não pode haver em mim indignação e vergonha; portanto, desespere também não.

Perdoe-me se lhe escrevo tão longamente. Agora, que cá em mim, digo-lhe que foi sem querer. Assim, cem páginas não chegam, e dez linhas são quanto basta. Bastam dez linhas para convidar uma pessoa a ser “enfermeira”.

Desde que saí da cidade, moro na sexta estação, em casa do chefe da mesma. Conheci-o numa pândega, cinco anos atrás, em Petersburgo. Ninguém sabe que estou cá. Escreva em nome dele. Aqui lhe mando o endereço.

Nikolai Stavróguin.

Dária Pávlovna foi imediatamente mostrar a carta a Varvara Petrovna. Esta leu-a e pediu a Dacha que saísse, para ela a poder ler sozinha; mas voltou logo a chamá-la.

— Vais? — perguntou quase com timidez.

— Vou — respondeu Dacha.

— Prepara-te! Vamos juntas!

Dacha olhou-a interrogativamente.

— O que achas que eu iria fazer aqui agora? Qual é a diferença? Também me inscrevo em Uri e viverei no desfiladeiro... Não te preocupes, não vou incomodar.

Começaram rapidamente a fazer as malas para apanharem o trem do meio-dia. Porém, não tinha passado ainda meia hora quando, vindo de Skvoréchniki, chegou Aleksei Egórovitch. Disse que Nikolai Vsevolodovitch chegara lá “de repente”, no primeiro comboio da manhã, e estava agora em Skvoréchniki, “mas num estado tal, que não respondia às perguntas, correu as salas todas e fechou-se à chave nos seus aposentos...”.

— Decidi vir cá informar sem ordem dele — acrescentou Aleksei Egórovitch comum ar muito compenetrado.

Varvara Petrovna lançou-lhe um olhar perscrutador e não lhe fez perguntas. Atrelaram o coche num instante. Varvara Petrovna levou Dacha consigo. Segundo dizem, não parou de se benzer pelo caminho.

Nos aposentos de Nikolai Vsevolodovitch, depararam com todas as portas abertas e não o encontraram em lado nenhum.

— Não estará no mezanino? — perguntou Fómuchka com cautela.

É curioso que, atrás de Varvara Petrovna, vários criados entraram nos aposentos de Nikolai Vsevolodovitch; outros ficaram na sala à espera. Nunca antes eles tomariam a liberdade de violar desta maneira a etiqueta. Varvara Petrovna viu e calou.

Subiram ao mezanino. Havia três salas, não o encontraram em nenhuma.

— Talvez fosse para lá? — apontou alguém para a porta das águas-furtadas. Efetivamente, a porta das águas-furtadas, sempre fechada, desta vez estava aberta de par em par. Era preciso

subir quase até ao telhado pela escada de madeira comprida, muito estreita e abrupta. Havia lá em cima um cubículo.

— Não vou lá. Por que raio é que ele havia de ir para lá? — Varvara Petrovna empalideceu terrivelmente, virando a cabeça para os criados. Estes olhavam para ela e calavam-se. Dacha tremia.

Varvara Petrovna precipitou-se pela escada acima, Dacha foi atrás dela; mal entrou nas águas-furtadas, soltou um grito e caiu desmaiada.

O cidadão do cantão de Uri pendia do teto, por trás da porta. Em cima da mesinha havia uma tira de papel com umas palavras escritas a lápis: “Não acusar ninguém, fui eu mesmo”. Também em cima da mesa, ao lado do bilhete, estavam um martelo, um pedaço de sabão e um prego grande, trazido por providência. O sólido cordão de seda em que se enforcou Nikolai Vsevolodovitch, por certo escolhido e preparado de antemão, estava abundantemente coberto de sabão. Tudo indicava premeditação e uma consciência clara até ao último momento.

Os nossos médicos, ao fazerem a autópsia, rejeitaram categoricamente a hipótese deloucura.

FIM



APÊNDICE

Nota prévia

O capítulo “Com Tíkhon” que apresentamos aqui ao leitor foi excluído do texto do romance por insistência dos editores da revista *Rússki Véstnik* (*Mensageiro Russo*), revista em que *Demônios* foi publicado pela primeira vez, entre 1871 e 1872. O capítulo, inicialmente, deveria ser o nono da segunda parte; mais tarde, o primeiro da terceira parte. Dostoiévski acabou por ser obrigado a aceitar as exigências da revista e a desistir das suas tentativas de salvar o capítulo, e mais tarde, quando o romance estava em vias de sair em livro, já nem sequer fez mais tentativas para o recuperar, considerando que seria impossível nas condições de censura daquela época. No entanto, Dostoiévski tinha em alto apreço este texto, pois achava que ele continha elementos imprescindíveis para a caracterização de uma das personagens centrais, Nikolai Stavróguin. Como escreveu nas suas memórias Anna Dostoiévskaja, mulher do escritor, “ele achava que devia atribuir ao herói do romance algum crime que o cobrisse de opróbrio”. Como acontece noutros livros de Dostoiévski, surge aqui o tema da criança abusada pelo homem depravado, cruel e impiedoso para com a suavítima. Ora, não é o crime em si que constitui o momento central deste fragmento. Nas palavras do próprio autor, o cerne da questão era criar

um tipo social [...], *nosso*, russo, o tipo de um homem desocupado, não por desejar sê-lo, mas por ter perdido quaisquer ligações com tudo o que é pertença a uma pátria e, sobretudo, por ter perdido a fé; um homem depravado *por tédio*, mas capaz de arrependimento e que faz esforços convulsos e dolorosos para se renovar e voltar a ter fé. Ao lado dos niilistas, é um fenómeno muito sério. Juro que existe na realidade.

Com Tíkhon

I

Nikolai Vsevolodovitch não dormiu nessa noite, ficando o tempo todo sentado no divã, fitando muitas vezes o olhar imóvel no canto onde estava a cômoda. O candeeiro esteve toda a noite aceso no seu quarto. Pelas sete da manhã, adormeceu sentado e, quando Aleksei Egórovitch, por imutável hábito de sempre, entrou no quarto às nove e meia com a xícara de café matinal, acordando-o com a sua entrada, ele abriu os olhos e pareceu ficar desagradavelmente surpreendido por ter dormido tanto e já ser tão tarde. Tomou o café à pressa, vestiu-se à pressa e foi à pressa que saiu de casa. À pergunta cautelosa de Aleksei Egórovitch: “Não dará as suas ordens?”, nada respondeu. Caminhava pela rua de olhos postos no chão, profundamente absorto e apenas por instantes levantando a cabeça, isto quando o invadia de súbito uma qualquer inquietação, indefinida mas forte. Não estava ainda longe de casa quando, num cruzamento, se lhe atravessou no caminho uma chusma de mujiques, cinquenta ou mais; marchavam solenemente, quase em silêncio, numa ordem deliberada. Ao lado de uma venda, onde teve de aguardar cerca de um minuto, alguém lhe disse que eram os “operários de Chpigúlin”. Stavróguin quase não lhes deu atenção. Por fim, cerca das dez e meia, chegou ao portão do nosso Mosteiro Bogoródski, na extrema da cidade, junto ao rio. Só aqui, como se se tivesse lembrado repentinamente de alguma coisa, parou, apalpou o bolso lateral, rápido e preocupado, e... sorriu. Franqueou o portão e perguntou ao primeiro acólito que lhe apareceu como poderia encontrar o prelado Tíkhon, que vivia retirado no mosteiro. O acólito desatou às vênias diante dele e lá o levou. À soleira, no cabo de um edifício comprido de dois pisos, um monge gordo e de cabelo grisalho subtraiu-o rápida e autoritariamente ao acólito e continuou a guiar

Nikolai Vsevolodovitch, desta feita por um corredor comprido e estreito, sempre às vênias também (embora, por obeso, não pudesse inclinar-se muito, limitando-se a sacudir com frequência a cabeça, entrecortadamente), não parando de lhe fazer o gesto de entrar, embora Stavróguin já estivesse dentro com ele. O monge não parava de fazer perguntas e de falar do arquiandrita; ora, como não recebia respostas, ia-se tornando cada vez mais respeitoso. Stavróguin reparou que era ali conhecido, apesar de que, tanto quanto se lembrava, só tivesse visitado o mosteiro na infância. Chegados a uma porta ao fundo do corredor, o monge entreabriu-a com uma mão que se pretendia autoritária, perguntou com familiaridade ao noviço que logo se aproximara se podiam entrar e, sem esperar pela resposta, escancarou a porta, inclinando-se, deixou passar à frente o “caro visitante”; ao ser-lhe dito “obrigado”, desapareceu tão depressa como se fugisse. Nikolai Vsevolodovitch entrou num pequeno vestíbulo e, quase no mesmo instante, materializou-se à porta que dava para a sala contígua um homem alto e magro, dos seus cinquenta e cinco anos, com uma sotaina simples de andar por casa e com um aspecto adoentado, um sorriso indefinido e um olhar estranho, como que tímido. Era Tíkhon, de quem Nikolai Vsevolodovitch ouvira falar pela primeira vez em conversa com Chátov e de quem, desde então, conseguira juntar algumas informações.

Informações variadas e contraditórias, diga-se, mas donde ressaltava um ponto comum, tanto das pessoas que gostavam dele quanto das que não gostavam (também as havia): todos calavam qualquer coisa relativa a ele — os que não o apreciavam por menosprezo, talvez, e os que o apreciavam, e até fervorosamente, como se quisessem, por modéstia, esconder alguma coisa, uma fraqueza dele, talvez uma maluqueira. Nikolai Vsevolodovitch soubera que Tíkhon vivia no mosteiro havia já seis anos e que era visitado tanto pelas pessoas simples do povo como pelas mais nobres; que mesmo na longínqua Petersburgo ele tinha admiradores ardentes, sobretudo admiradoras. Ao mesmo tempo, ouviu da boca de um dos nossos solenes velhotes do clube, um velhote, a propósito, muito religioso, que “este Tíkhon era quase maluco ou, pelo menos, uma criatura perfeitamente

mediocre e que, sem dúvida alguma, se metia na bebida”. Farei uma observação da minha lavra, antecipando-me, para frisar que este último atributo era falso, uma mentira absoluta, e o que se passava era que ele sofria de uma doença crônica nas pernas, reumática e, de quando em quando, entrava em convulsões nervosas. Nikolai Vsevolodovitch soube também que o clérigo retirado, fosse por fraqueza de caráter, fosse por “distração, imperdoável e inadequada à sua dignidade”, não soubera impor no mosteiro o devido respeito pela sua pessoa. Dizia-se que o padre arquimandrita em funções, um homem severo e rigoroso no que respeitava às suas obrigações abadengas e, além disso, homem de muita erudição, supostamente alimentava por ele um sentimento hostil e censurava-lhe (pelas costas) o descuido na vida e a quase heresia. Os irmãos monges, por seu lado, tinham para com o clérigo doente uma atitude não tanto irreverente mas, por assim dizer, familiar. As duas salas que constituíam a “cela” de Tíkhon estavam arranjadas também de forma um tanto esquisita. Lado a lado com móveis antigos bastante toscos forrados a couro havia três ou quatro objetos elegantes: uma riquíssima e muito confortável poltrona, uma secretária grande excelentemente trabalhada, um elegante armário, também trabalhado, para livros, algumas mesinhas, estantes — tudo oferecido. Havia ainda um tapete caro de Bucara e, ao lado, esteiras. Havia gravuras de temas “laicos” e mitológicos, mas logo ao lado, a um canto, um grande sacrário com ícones brilhando de ouro e prata, um dos quais era antiquíssimo e tinha relíquias. A sua biblioteca, ao que diziam, também era variada e contraditória demais: ao lado das obras dos grandes Pais da Igreja e dos santos cristãos, estavam obras teatrais, ou mesmo outras “ainda piores”.

Depois dos primeiros cumprimentos, desajeitados, com notória e mesmo incompreensível pressa e pouco à vontade, de ambas as partes, Tíkhon levou o visitante para o seu gabinete e fê-lo sentar à mesa, no divã, acomodando-se ele a seu lado, num cadeirão de vime. Nikolai Vsevolodovitch, presa de uma emoção qualquer que o oprimia, mostrava-se ainda muito alheado. Era como se se tivesse decidido, finalmente, a fazer alguma coisa de extraordinário e incontestável mas, ao mesmo tempo, quase impossível para ele. Por um momento,

percorreu com os olhos todo o gabinete, mas era como se olhasse sem ver; pensava, era visível, nem ele sabia em quê. Acordou-o o silêncio e pareceu-lhe de súbito que Tíkhon baixava os olhos envergonhados e esboçava um sorriso, tão cômico e inconveniente que provocou repulsa em Nikolai Vsevolodovitch e lhe deu vontade de se levantar e sair; além disso, deu-lhe a sensação de que Tíkhon estariacompletamente embriagado. Porém, Tíkhon ergueu bruscamente os olhos e lançou-lhe um olhar tão firme e cheio de pensamento, com uma expressão ao mesmo tempo tão inesperada e enigmática, que Stavróguin por pouco não estremeceu. Por qualquer razão, pareceu-lhe que Tíkhon já sabia por que estava ele ali, que já tinha sido avisado (embora ninguém no mundo pudesse saber qual o motivo da sua visita) e que só não era o primeiro a encetar a conversa porque o poupava, com receio de o humilhar.

— O senhor conhece-me? — perguntou Stavróguin bruscamente. — Apresentei-me ou não, quando entrei? É que estou muito distraído...

— Não se apresentou, mas tive o prazer de o ver uma vez, vai para quatro anos, aqui no mosteiro... por acaso.

Tíkhon falava muito devagar e numa voz suave, regular, articulando as palavrascom nitidez.

— Há quatro anos eu não podia estar neste mosteiro — objetou Nikolai Vsevolodovitch de modo pouco educado —, apenas vim aqui em criança, e nessa altura o senhor ainda não estava cá.

— Se calhar esqueceu-se, não? — observou Tíkhon com cautela e sem insistir.

— Não, não me esqueci, até seria ridículo se me tivesse esquecido — teimou Stavróguin com algum exagero. — Pode dar-se o caso de o senhor ter ouvido falar de mim e ter formado uma opinião a meu respeito, por isso pensa que me viu.

Tíkhon não respondeu. Então, Nikolai Vsevolodovitch notou que passava de vez em quando pela cara de Tíkhon um tremor nervoso, sinal de doença nervosa prolongada.

— Vejo que o senhor está indisposto hoje — disse. — Acho que é melhor ir-meembora.

Fez menção, até, de se levantar.

— Sim, hoje, e ainda ontem, tenho estado com umas dores muito fortes nas pernas, e dormi pouco esta noite...

Tíkhon calou-se. O visitante voltou a mergulhar no seu indefinido estado absorto. A pausa foi longa, durou uns dois minutos.

— O senhor está observando-me? — perguntou bruscamente, alarmado e desconfiado.

— Estou olhando para si e a recordar os traços do rosto da sua mãe. Apesar da falta de semelhança exterior, há muita parecença interior, espiritual.

— Não há semelhança nenhuma, muito menos espiritual. Ab-so-lu-ta-men-te nenhuma! — voltou a alar-mar-se Nikolai Vsevolodovitch, sem ele mesmo saber por quê, de uma forma desmedida e pouco razoável. — Fala assim... por compaixão pela minha situação, isso é um disparate — cortou de repente. — Irra! Será que a minha mãe o visita?

— Sim, visita.

— Não sabia. Nunca a ouvi falar disso. Muitas vezes?

— Quase todos os meses, ou ainda com mais frequência.

— Nunca, nunca a ouvi falar disso. O senhor, é claro, tem-na ouvido a dizer que eusou louco — acrescentou, brusco.

— Não, ela não diz propriamente que o senhor é louco. Aliás, já ouvi essa opinião,mas da boca de outras pessoas.

— Significa que o senhor tem muito boa memória, já que se lembra dessas insignificâncias. Também ouviu falar da bofetada?

— Ouvi qualquer coisa.

— Ou seja, ouviu tudo. Tem muitíssimo tempo livre. Sobre o duelo, também ouviu qualquer coisa?

— Também.

— Então, chegou-lhe aqui muita coisa. Aqui não precisam de jornais com certeza. O Chátov avisou-o sobre mim? Avisou?

— Não. Conheço o Senhor Chátov, mas há muito tempo que não o vejo.

— Hum... Que mapa é aquele ali? Mas é o mapa da última guerra! Para que precisa um homem como o senhor de um mapa destes?

— Tive de o consultar por causa de um texto. Uma descrição interessantíssima.

— Mostre lá. Sim, não é um mau relato. Mas para si, aliás, é que é uma estranhaleitura.

Pegou no livro e folheou-o rapidamente. Era uma descrição volumosa das circunstâncias que envolveram a última guerra, uma obra de talento, não tanto no aspecto militar quanto no puramente literário. Depois largou o livro com brusquidão e impaciência.

— Não sei, absolutamente, por que razão vim aqui — disse num tom enojado, olhando Tíkhon nos olhos, como se esperasse dele uma resposta.

— O senhor também parece adoentado, não?

— Sim, adoentado.

E Stavróguin contou, de resto em muito breves e entrecortadas palavras, a ponto de não se fazer compreender nalgumas coisas, que sofria de uma espécie de alucinações, sobretudo de noite, que às vezes via ou sentia ao pé de si uma criatura maldosa, irônica e “inteligente”, “com várias fisionomias e vários caracteres, mas sempre a mesma, e eu enraiveço-me sempre...”.

Eram umas loucas e confusas revelações que, efetivamente, pareciam ser feitas por um louco. Ao mesmo tempo, Nikolai Vsevolodovitch falava com uma sinceridade tão estranha, tão inédita nele, com uma ingenuidade tão pouco característica dele que parecia ter desaparecido o homem que ele era antes. Não teve vergonha alguma em revelar o medo que tinha do seu fantasma. Porém, tudo isso foi momentâneo e desapareceu tão depressa como tinha aparecido.

— Isto é tudo um disparate — disse muito depressa e com um desgosto desajeitado, caindo em si. — Vou consultar o médico...

— Vá, é claro — apoiou-o Tíkhon.

— Diz isso tão afirmativamente... Já viu pessoas como eu, com estas visões?

— Já calhou, mas raramente. Lembro-me apenas de um parecido, um militar, oficial, a seguir a ter perdido a esposa, esposa e amiga insubstituível da vida dele. E de outro ainda, mas desse apenas ouvi falar. Ambos foram curados no estrangeiro... Há muito que o senhor tem essas visões?

— Há cerca de um ano, mas não tem importância. Vou ver o doutor. Isto é tudo um disparate, um disparate pegado. Trata-se apenas de mim próprio, nos meus vários aspectos, mais nada. Como acrescentei agora esta... frase, o senhor deve estar pensando que ainda tenho dúvidas, que não tenho a certeza de ser eu próprio e não o Demônio?

Tíkhon olhou-o com interrogação.

— E... e o senhor vê-o de fato? — perguntou, afastando assim, com esta pergunta, qualquer dúvida de que se tratasse de uma alucinação enganadora e doentia. — Vê realmente alguma imagem?

— É estranho que o senhor continue a insistir nisso, apesar de eu já lhe ter dito que sim, que vejo. — Stavróguin voltou a irritar-se, e cada vez mais a cada palavra que pronunciava. — É evidente que vejo, tão claramente como estou vendo agora o senhor... mas às vezes vejo e não tenho a certeza do que vejo, não sei se é verdade: sou eu ou ele?... e tudo isto é um disparate. Então, o senhor não consegue supor que é realmente o Demônio? — acrescentou, rindo-se e passando, com exagerada brusquidão, para o tom irônico. — Pois é, mas não estaria mais de acordo com a sua profissão?

— O mais provável é que seja doença, apesar de que...

— Apesar de que o quê?

— Apesar de que os demônios existem, indubitavelmente, mas a noção que se tem deles é que pode ser diversa.

— O senhor voltou a baixar os olhos — disse Stavróguin com uma ironia irritada— porque sentiu vergonha por mim, porque eu acredito no Demônio e, fingindo que não acredito, lhe faço uma pergunta manhosa: ele existe ou não, na realidade?

Tíkhon sorriu vagamente.

— E saiba que não lhe fica nada bem baixar os olhos: não é natural, é ridículo, é afetado, mas agora, para o compensar pela minha grosseria, vou dizer-lhe com seriedade e descaro: acredito no Demônio, tenho uma fé canônica nele, no Demônio em pessoa, e não numa alegoria qualquer, e não preciso de perguntar nada a ninguém sobre o assunto, fique sabendo. O senhor está com certeza muito contente...

Riu-se, nervosa e artificialmente. Tíkhon olhava para ele com curiosidade, mas com os olhos meigos e um tanto tímidos.

— Tem fé em Deus? — disparou de repente Stavróguin.

— Tenho fé.

— É que foi dito que, se tivermos fé e mandarmos que a montanha se mova, ela mover-se-á... Um disparate, aliás. Mesmo assim, quero perguntar-lhe: fará mover a montanha ou não?

— Se Deus mandar, farei — disse Tíkhon, baixinho e com reserva, começando denovo a baixar os olhos.

— Mas, assim, é como se for o próprio Deus a fazê-lo. Não, o senhor, o senhor, como recompensa da sua fé em Deus!

— Talvez não consiga.

— “Talvez”? Não está mal. Por que duvida?

— Não tenho uma fé perfeita.

— Como? Não tem uma fé perfeita, *o senhor*? Uma fé incompleta?

— Pois... talvez não seja perfeita.

— Está bem! Ao menos sempre tem fé, e tanta que fará mover a montanha, pelo menos com a ajuda de Deus, e isso já não é mau. De qualquer modo, é sempre mais do que o *très peu*³⁷⁹ de outro prelado qualquer, embora sob a ameaça do sabre. O senhor, evidentemente, é também cristão?

— Que eu não me envergonhe, Senhor, da tua Cruz — recitou Tíkhon quase num sussurro, num tom de paixão e inclinando ainda mais a cabeça. As comissuras dos seus lábios moviam-se rápida e nervosamente.

— Mas é possível ter-se fé no Diabo sem se ter qualquer fé em Deus?
— riu-se Stavróguin.

— Oh, é muito possível, e acontece muito. — Tíkhon ergueu os olhos e também sorriu.

— Em todo o caso, tenho a certeza de que o senhor considera semelhante fé mais respeitável do que a descrença completa... Ah, seu pope! — E Stavróguin desatou às gargalhadas. Tíkhon sorriu-lhe mais uma vez.

— Pelo contrário, o ateísmo completo é mais respeitável do que a indiferença da alta sociedade mundana — acrescentou alegre e ingenuamente.

— Oh, oh, com que então o senhor é assim!

— Um ateu completo está no degrau imediatamente inferior ao da fé completíssima (dê ou não o passo para ela), mas o indiferente já não tem qualquer fé, apenas um medo reles.

— Mas o senhor... leu o Apocalipse?

— Li.

— Lembra-se de "... ao anjo da igreja que está em Laodiceia, escreve..."?

— Lembro-me. Palavras encantadoras.

— Encantadoras? Estranha expressão para um prelado... aliás, alvitaria que o senhor é um esquisitão... Onde tem o livro? — apressou-se a perguntar Stavróguin, estranhamente inquieto, procurando com os olhos o livro em cima da mesa. — Gostaria de lhe ler uma coisa... Tem uma tradução russa?

— Eu conheço, eu conheço esta passagem, lembro-me bem dela — disse Tíkhon.

— Sabe-a de cor? Diga!...

Stavróguin baixou rapidamente os olhos, apoiou as mãos nos joelhos e preparou-se com impaciência para ouvir. Tíkhon, recordando o texto, recitou, palavra por palavra:

E, ao anjo da igreja que está em Laodiceia, escreve: Isto diz o Ámen, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus: Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente; oxalá foras frio ou quente! Assim, porque és morno e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Como dizes: Rico sou e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu...

— Chega — interrompeu-o Stavróguin —, é para os medíocres, para os indiferentes, não é? Sabe uma coisa? Gosto muito do senhor.

— Eu também gosto do senhor — respondeu Tíkhon a meia-voz.

Stavróguin calou-se e, bruscamente, voltou a mergulhar no seu estado absorto. Aquilo acontecia-lhe já pela terceira vez, como se de ataques de uma doença se tratasse. Também dissera aquele “gosto do senhor” a Tíkhon quase num ataque, tão inesperado tinha sido para si mesmo. Transcorreu mais de um minuto.

— Não te zangues — sussurrou-lhe Tíkhon, tocando-lhe no cotovelo ao de leve, com timidez. Stavróguin estremeceu e carregou o sobrolho, irado.

— Como soube que eu me zangava? — perguntou Nikolai Vsevolodovitch com rapidez. Tíkhon já ia responder qualquer coisa, mas o outro interrompeu-o, inexplicavelmente alarmado:

— Por que supôs o senhor que eu deveria necessariamente ficar zangado? Sim, fiquei raivoso, tem razão, e foi precisamente por lhe ter dito: “gosto do senhor”. Tem razão, mas o senhor é um cínico grosseiro, com pensamentos humilhantes para a natureza humana. A raiva poderia não entrar nisto se se tratasse de outra pessoa, e não de mim... E não se trata de outro, mas de mim. De qualquer maneira, o senhor é uma pessoa esquisita e um tolinho religioso...

Irritava-se cada vez mais e, coisa estranha, não usava de escrúpulos nas palavras:

— Ouça, não gosto de espias nem de psicólogos, pelo menos daqueles que se metem com a minha alma. Não convido ninguém a entrar na minha alma, não preciso de ninguém, sei desenvolver-me sozinho. Acha que tenho medo do senhor? — levantou a voz e ergueu a cara num desafio. — Está perfeitamente convencido de que eu vim aqui revelar-lhe um segredo “terrível” e está à espera dele com toda a curiosidade monástica de que é capaz, não é? Engana-se, fique sabendo que não vou revelar-lhe segredo nenhum, porque não tenho qualquer necessidade de si.

Tíkhon dirigiu-lhe um olhar firme:

— O senhor ficou impressionado porque o Cordeiro prefere o frio ao apenas morno— disse. — O senhor não quer ser *apenas* morno. Pressinto que se apodera de si uma intenção extraordinária, talvez terrível. Se for verdade, imploro-lhe, não se atormente e diga por que veio cá.

— O senhor tem a certeza de que eu vim aqui com alguma coisa?

— Eu... adivinhei pela sua cara — sussurrou Tíkhon, baixando os olhos.

Nikolai Vsevolodovitch estava um pouco pálido, tremiam-lhe um pouco as mãos. Ficou olhando para Tíkhon durante uns segundos, fixa e silenciosamente, como que tomando uma resolução definitiva. Por

fim, tirou do bolso lateral da sua sobrecasaca umas folhas impressas e pô-las em cima da mesa.

— Estas folhas destinam-se a divulgação — disse, numa voz um tanto sufocada.— Se forem lidas pelo menos por uma pessoa, saiba que deixarei de as esconder e que toda a gente as lerá. Decidi. Não preciso do senhor porque já decidi tudo. Mas leia... Enquanto estiver lendo, não faça comentários, mas quando acabar diga tudo...

— Tenho que ler? — perguntou Tíkhon, indeciso.

— Leia; há muito que estou tranquilo.

— Não, não vejo sem óculos, a impressão é muito fina, estrangeira.

— Ponha os óculos. — E Stavróguin chegou-lhe os óculos que estavam em cima da mesa, encostando-se depois ao espaldar do divã. Tíkhon embrenhou-se na leitura.

II

A impressão era efetivamente estrangeira — três folhas, no pequeno formato postal, impressas e brochadas. Tinham sido impressas, por certo secretamente, nalguma tipografia russa no estrangeiro, e as folhas, à primeira vista, tinham grandes semelhanças com os panfletos. O título era: “De Stavróguin”.

Introduzo fielmente este documento nas minhas crônicas, letra por letra. É de supor que já seja do conhecimento de muita gente. Apenas tomei a liberdade de emendar os erros ortográficos, bastante numerosos, o que até me espantou um pouco, porque, fosse como fosse, o seu autor era um homem culto e mesmo de muitas leituras (relativamente, é claro). Quanto ao estilo, não fiz quaisquer alterações, apesar das incorreções e mesmo de passagens pouco compreensíveis. Seja como for, o mais evidente é que o seu autor, antes de mais, não é um literato.

DE STAVRÓGUIN.

Eu, Nikolai Stavróguin, oficial da reserva, vivia no ano de 186... em Petersburgo, entregando-me à depravação, na qual não encontrava prazer. Durante um certo período, tive três casas. Numa, vivia eu mesmo (quartos mobiliados, mesa ecriadagem, onde morava também Mária Lebiádkina, atualmente minha esposa legítima). Quanto aos outros dois apartamentos, arrendei-os por um mês com vista a uma intriga: num deles recebia uma senhora apaixonada por mim, noutra a criada de quarto dessa senhora, e durante algum tempo andei muito entusiasmado com a intenção de lhes organizar um encontro de maneira que tal acontecesse em minha casa na presença dos meus companheiros e do marido da senhora. Conhecendo o feitio de ambas, esperava tirar grande prazer desta brincadeira estúpida.

Enquanto preparava, passo a passo, este encontro, tinha de frequentar mais vezes um desses dois apartamentos, na Rua Gorókhovaia, porque era lá que ia a tal criada. Era um só quarto, no terceiro andar, subarrendado a uma família de populares russos. Essa família vivia no quarto ao lado, mais apertado do que o meu, de maneira que a porta entre os quartos estava sempre aberta, o que me convinha. O marido trabalhava num escritório qualquer e estava fora de casa de manhã à noite. A mulher, dos seus quarenta anos, desmanchava roupa velha e fazia dela roupa nova, e também, não raro, saía de casa para entregar o trabalho feito. Eu ficava sozinho com a filha deles, que tinha catorze anos, acho eu, e um aspecto ainda muito infantil. Chamava-se Matriocha. A mãe gostava dela mas batia-lhe muitas vezes e, por hábito de família, berrava-lhe terrivelmente, como fazem as campônias. A menina servia-me e arrumava o meu quarto, atrás dos biombos. Declaro que me esqueci do número do prédio. Agora, querendo informar-me, vim a saber que o prédio foi demolido, vendido o terreno e, no lugar de dois ou três prédios velhos, há agora um novo, muito grande. Esqueci-me também do sobrenome dessa família (ou talvez nem naquela altura o soubesse). Lembro-me de que a mulher se chamava Stepanida, talvez Mikháilovna de patronímico. Dele não me lembro. Que gente era aquela, donde provinha e para

onde foi depois — disso não faço a mínima ideia. Suponho que, se alguém se puser a procurá-los com persistência e pedir informações à polícia de Petersburgo, poderá encontrar-lhes o rastro. O apartamento era de esquina, com entrada pelo pátio. Aconteceu tudo em junho. O prédio estava pintado de azul-claro.

Uma vez desapareceu da minha mesa um canivete, de que eu não precisava para nada, era uma inutilidade que estava ali. Disse-o à senhora, sem me passar pela cabeça sequer que ela iria açoitar a filha. A mulher tinha, precisamente, acabado de ralhar com a menina (eu vivia ali com toda a simplicidade, não se faziam cerimônias comigo), culpando-a pelo desaparecimento de um trapo qualquer, desconfiada de que ela o tivesse roubado, e chegou mesmo a puxar-lhe os cabelos. Ora, quando o trapo foi encontrado debaixo da toalha, a moça não quis censurar a mãe e limitou-se a olhar para ela, calada. Reparei nisso e também, pela primeira vez, na sua carinha de criança — até então olhava sem atenção para ela. A menina era loira e sardenta, o rosto era banal, mas havia nele uma expressão muito infantil e serena, muito serena. A mãe não gostou que a filha a não criticasse pelo castigo injusto e ameaçou-a com o punho, mas não lhe bateu. Foi então a vez de o meu canivete desaparecer. De fato, além de nós três não havia mais ninguém em casa, e apenas a menina entrava atrás dos biombos. A mulher, enfurecida, como da primeira vez acusara a filha injustamente, desta feita correu a buscar a vassoura de bétula, tirou alguns ramos e açoitou a criança até lhe fazer marcas, à frente dos meus olhos. Matriocha não gritava, apenas soluçava de maneira estranha a cada golpe. Depois continuou a soluçar durante uma hora inteira.

Porém, ainda antes, acontecera o seguinte: no momento em que a minha senhoria correu à procura da vassoura para fazer dela uma vergasta, encontrei o canivete em cima da minha cama, onde caíra de cima da mesa, não sei como. A primeira coisa que me passou pela cabeça foi calar-me, para que a menina fosse açoitada. Decidi fazer isso num instante: em momentos destes corta-se-me a respiração.

Bem, quero contar tudo da maneira mais fidedigna possível, para que não fique nada na sombra.

Qualquer situação vergonhosa desmedidamente humilhante, ignóbil e, sobretudo, ridícula, em que aconteceu eu me achar na minha vida, sempre incitou em mim, além de uma enorme fúria, um prazer extraordinário. O mesmo me acontecia nos momentos de crime e de perigo de vida. Se roubasse alguma coisa, por exemplo, sentiria no momento do roubo um enlevo da consciência por causa da profundidade da minha ignomínia. Não era da ignomínia que eu gostava (neste sentido a minha razão estava em ordem), mas do enlevo provocado pela torturante consciência da ignomínia. Do mesmo modo, de cada vez que eu, junto da barreira do duelo, esperava pelo tiro do meu adversário, tinha a mesma sensação vergonhosa e desenfreada, e uma vez foi fortíssima. Confesso que, muitas vezes, eu próprio a procurava porque, para mim, é a mais forte de todas as sensações. Quando levava bofetadas (levei duas na minha vida), também experimentava essa sensação, apesar da fúria terrível. Entretanto, se conseguisse conter a fúria, o prazer ultrapassaria tudo o que é possível imaginar. Nunca o disse a ninguém, nem por insinuação, escondendo-o como uma vergonha. Porém, quando uma vez me espancaram cruelmente numa taberna de Petersburgo e me puxaram o cabelo, não tive esta sensação, mas tão só uma raiva incrível; não estava bêbado, e limitei-me a responder ao murro. No entanto, se tivesse sido aquele francês que me deu uma bofetada, o visconde, a agarrar-me pelo cabelo e a dobrar-me, e a quem, por causa disso, destruí a mandíbula a tiro, sentiria por certo o tal enlevo e não sentiria raiva. Assim me pareceu naquele momento.

Digo tudo isto para que todos saibam que este sentimento nunca me dominou por completo e que sempre mantive uma consciência plena das coisas (aliás, tudo assentava na consciência!). Embora tal sentimento se apossasse de mim até ao desvario, nunca me fazia perder a consciência das coisas. Chegava a atear-se até um verdadeiro fogo, mas era capaz de o superar e mesmo de o parar no ponto mais alto; mas nunca quis fazê-lo parar. Tenho a certeza de que seria capaz

de viver toda a minha vida como um monge, apesar da volúpia animalésca de que sou possuído e que sempre provoqueei. Entregando-me com grande intemperança, até aos dezesseis anos, àquele vício de que se confessara Jean-Jacques Rousseau, parei no instante em que decidi parar, aos dezessete anos. Sou sempre senhor de mim, basta querer. Portanto, que fique assente que não procuro ser ilibado dos meus crimes alegando o ambiente social ou as doenças.

Terminado o castigo, meti o canivete no bolso do colete e, ao sair, deitei-o fora na rua, para que ninguém viesse alguma vez a saber que o tinha. Depois aguardei dois dias. A moça, deixando de chorar, tornou-se ainda mais taciturna; a mim, tenho a certeza, não guardava rancor. De resto, tinha até vergonha de eu a ter visto naquele preparo ao ser castigada na minha presença; não gritava, apenas soluçava sob as vergastadas porque eu estava ali vendo tudo. Porém, como qualquer criança, até dessa vergonha ela se acusava a si mesma. Até àquele dia, ela talvez apenas tivesse medo de mim, não pessoalmente, mas como do inquilino, homem alheio que eu era; parece também que era muito tímida.

Foi naqueles dois dias que fiz a mim mesmo a pergunta: poderia eu desistir e abandonar a minha intenção? Senti de imediato que sim, que podia, em qualquer altura, no mesmo momento, se quisesse. Naqueles dias, quis matar-me por causa da doença da indiferença; aliás, nem sei por quê. Ora, nesses dois ou três dias (porque era preciso, obrigatoriamente, esperar até que a menina se esquecesse de tudo) cometi um roubo nos quartos mobiliados — pelos vistos para me distrair do meu sonho permanente ou, então, simplesmente por brincadeira. Foi o único roubo que fiz em toda a minha vida.

Naqueles quartos alojava-se muita gente. Entre os locatários, havia um funcionário e a respectiva família, todos metidos em dois quartos pequenos; o funcionário teria os seus quarenta anos, não era nada estúpido e tinha um aspecto decente, mas era pobre. Eu não travara amizade com ele, e o homem tinha medo da chusma que me rodeava ali. Tinha acabado de receber o vencimento, trinta e cinco rublos. O

que mais me incitou foi o fato de, naquele momento, eu necessitar realmente de dinheiro (embora fosse receber pelos correios dali a quatro dias), por isso roubei, como que por necessidade, não por brincadeira. O roubo foi feito aberta e atrevidamente: entrei simplesmente no quarto dele, quando almoçava com a mulher e os filhos noutra cubículo. Ali, na cadeira mesmo ao lado da porta, estava a farda dele, dobrada. Ao passar pelo corredor, relampejou-me a ideia na cabeça. Meti a mão no bolso da farda e tirei o porta-moedas. Porém, o funcionário ouviu um rumorzinho e espreitou do outro cubículo. Parece-me mesmo que ele ainda viu qualquer coisa, mas, como não viu tudo, naturalmente não quis acreditar nos seus olhos. Disse-lhe que ia a passar no corredor e entrei para ver as horas no seu relógio de parede. “Está parado”, respondeu, e eu saí.

Naquela altura, eu bebia muito, e na minha parte de casa, havia sempre uma chusma de pândegos, incluindo Lebiádkin. Deitei fora o porta-moedas com os trocos, fiquei com as notas. Havia trinta e dois rublos: três notas de dez e duas de um rublo. Troquei de imediato uma de dez mandando comprar champanhe; depois mandei trocar outra, depois a outra. Já passava das quatro horas, começava a escurecer, e o funcionário esperava por mim no corredor.

— Nikolai Vsevolodovitch, o senhor, quando passou hoje por minha casa, não derrubou da cadeira... que estava ao pé da porta, sem querer, a minha farda?

— Não, que eu saiba, não. A farda estava lá?

— Sim, estava.

— No chão?

— Em cima da cadeira, depois é que foi parar ao chão.

— E apanhou-a?

— Apanhei.

— Nesse caso, o que mais quer?

— Sendo assim, nada...

Não se atreveu a acabar e também não se atreveu a dizer nada a nenhum dos locatários — a tal ponto aquele tipo de pessoas são tímidas. Aliás, naqueles quartos toda a gente me tinha muito medo e respeito. Depois, passava pelo homem no corredor e gostava de o olhar nos olhos. Fiz isso por duas vezes, depois fartei-me.

Transcorridos três dias voltei à Rua Gorókhovaia. A mãe preparava-se para sair para qualquer lado com a trouxa; o pai, evidentemente, não estava em casa. Ficamossozinhos, eu e Matriocha. As janelas estavam abertas. No prédio, moravam muitos artesãos e durante todo o dia, de todos os andares, chegavam as cantigas e as pancadas dos martelos. Estávamos ali, a sós, havia já uma hora. Matriocha estava sentada no seu cubículo, num banquinho, de costas para mim, toda atarefada com a agulha da costura. Por fim, começou a cantar baixinho, muito baixinho: às vezes cantava assim. Tirei o relógio e consultei-o: duas horas. Começou a palpitar-me o coração. Então, voltei a perguntar a mim mesmo: poderei parar? E de imediato me respondi que sim. Levantei-me e comecei a aproximar-me dela devagarinho. Nos peitoris das janelas havia muitos gerânios, o Sol brilhava muito. Sentei-me no chão junto dela, em silêncio. Matriocha estremeceu, no primeiro momento, assustou-se muito, dando um salto do lugar. Peguei-lhe na mão e beijei-lha com cuidado, puxei-a para baixo, voltei a sentá-la no banco e pus-me a olhá-la nos olhos. O ter-lhe beijado a mão fê-la rir como a um bebê, mas apenas por um instante, porque saltou de novo do lugar, tão assustada que uma convulsão lhe percorreu o rosto. Olhava para mim com os olhos terrivelmente imóveis, com os lábios trementes de quem vai chorar, mas mesmo assim não gritou. Sentando-a nos meus joelhos, voltei a beijar-lhe as mãos, a cara, as pernas. Quando lhe beijei as pernas, afastou-se bruscamente e sorriu, como que envergonhada, um sorriso torto. A cara ardia-lhe de vergonha. E eu sempre a sussurrar-lhe qualquer coisa. Por fim, aconteceu uma coisa tão estranha que nunca

mais a esquecerei e que me encheu de espanto: a menina envolveu-me o pescoço com as mãos e começou por sua vez a beijar-me muito. O seu rosto exprimia a completa admiração. Por pouco não me levantei e não me fui embora, tão desagradável me parecia aquilo numa criança tão pequena, e por pena dela. Mas superei aquele sentimento repentino de medo e fiquei.

Quando terminou tudo, ela estava confusa. Não tentei consolá-la, já não a acariciava. Ela olhava para mim, sorrindo com timidez. A cara dela, de repente, pareceu-me estúpida. A cada minuto que passava, a cara enchia-se-lhe cada vez mais de vergonha. Por fim, virou-se para um canto e ficou assim, imóvel, tapando a cara com as mãos. Eu estava com medo de que ela voltasse a assustar-se, como havia pouco, e saí de casa sem dizer nada.

Suponho que tudo o que lhe aconteceu devia afigurar-se-lhe como uma coisa infinitamente monstruosa, enchendo-a de um medo mortal. Apesar dos palavrões russos que tinha de ouvir desde o berço e de todo o gênero de conversas estranhas, estou plenamente convencido que ainda não compreendia nada. Deve ter pensado, por fim, que cometera um crime hediondo e que a sua culpa era mortal: “matara Deus”.

Foi naquela mesma noite que entrei numa rixa na taberna, que já mencionei de passagem. De manhã, acordei na minha parte de casa mobiliada, levado para lá por Lebiádkin. O primeiro pensamento que me acometeu foi: a menina contou-o a alguém ou não? Foi um minuto de verdadeiro medo, embora não muito forte ainda. Eu estavamuito animado naquela manhã e muito bondoso com toda a gente, pelo que toda a turma estava contente comigo. Porém, abandonei-os e fui à casa da Gorókhovaia. Encontrei-a moça ainda embaixo, no vestíbulo. Voltava da loja, aonde fora mandada comprar chicória. Ao ver-me, deitou a correr pelas escadas acima, cheia de medo. Quando entrei, já a mãe tivera tempo de lhe dar duas bofetadas por ter irrompido em casa “como uma maluca”, o que encobriu a verdadeira causa do seu susto. Portanto, estava tudo calmo, de momento. A menina meteu-se

em qualquer canto e não se mostrou enquanto eu não saí de lá. Deixei passar uma hora e saí.

Ao cair da noite voltei a sentir medo, um medo incomparavelmente maior. É claro que poderia negar tudo com êxito, mas também era possível que me desmascarassem. O cenário dos trabalhos forçados assediava-me a imaginação. Nunca antes sentira medo e, tirando este caso, nunca nada me meteu medo, nem antes nem depois. Ainda menos a Sibéria, embora pudesse ter sido deportado por mais de uma vez. Mas, naquela ocasião, eu estava assustado de verdade, pela primeira vez na minha vida — uma sensação de fato torturante. Além disso, à noite, no meu quarto mobiliado, ganhei tanto ódio à moça que decidi matá-la. O principal do meu ódio prendia-se com a recordação do sorriso dela. Ia nascendo em mim um desprezo misturado com um nojo enorme, porque, depois daquilo, ela se atirara para um canto e tapara a cara com as mãos; apoderou-se de mim uma fúria indizível, à fúria seguiram-se os calafrios. Quando, ao amanhecer, começaram as febres, voltou a dominar-me o medo, mas tão forte que nunca antes eu experimentara tormento maior. Porém, já não odiava a moça. Concluí que um medo forte expulsa por completo o ódio e o desejo de vingança.

Acordei por volta do meio-dia, já de saúde restabelecida, admirando-me mesmo por algumas das sensações que tivera. Entretanto, estava também mal-humorado e senti-me obrigado a ir mais uma vez à Rua Gorókhovaia, apesar de toda a minha repugnância. Lembro-me de que, naquele momento, apetecia-me muito zangar-me com alguém, mas a sério. Ao chegar à Gorókhovaia, encontrei no meu quarto Nina Savéliévna, a tal criada, que estava ali havia uma hora à minha espera. Eu não gostava daquela mulher, por isso ela estava com receio de que eu me zangasse por causa daquela visita não solicitada. Mas, de repente, fiquei muito contente por ela ali estar. Não era nada feia, era modesta e tinha maneiras de que o vulgo gosta muito, a ponto de a minha senhoria, nas conversas comigo, lhe tecer louvores havia muito tempo. Encontrei-as tomando café juntas, deliciando-se a senhoria com a afável conversa. A um canto do quartinho, vi a Matriocha.

Estava de pé e olhava para a mãe e para a visita com os olhos parados. Quando entrei, não se escondeu nem fugiu, como fizera antes. Apenas me pareceu que a moça tinha emagrecido muito e estava com febre. Acariciei Nina e fechei a porta do quarto dos senhorios, o que havia muito não fazia; por isso, a Nina saiu dali muito contente. Sai com ela e estive dois dias sem voltar a Gorókhovaia. Já estava farto.

Decidi acabar com tudo, largar a casa e sair de Petersburgo. Porém, quando fui lá para desistir do arrendamento, encontrei a senhoria preocupada e triste: ia já noterceiro dia que Matriocha estava doente, com febre todas as noites, e a delirar. Perguntei-lhe, evidentemente, que dizia ela no delírio (falávamos em sussurro no meu quarto). A senhoria sussurrou-me que os delírios da moça eram “horrores”: “Matei Deus”, dizia ela. Propus-lhe chamar o médico, por minha conta, mas a mulher não quis. “Se Deus quiser aquilo passa por si, até porque ela nem sempre fica deitada, de dia sai, acabou de ir à venda”. Resolvi apanhar Matriocha sozinha e, como a senhoria dissera que, por volta das cinco, tinha de ir ao Bairro Petersbúrgskaia, planejei que voltaria lá da parte datarde.

Almocei num restaurante. Às cinco e um quarto voltei lá a casa. Abria sempre a porta com a minha chave. Além de Matriocha, não havia mais ninguém em casa. Estava deitada no cubículo, atrás dos biombos, na cama da mãe, e vi-a espreitando. Fingi não reparar nisso. Todas as janelas estavam abertas. O ar estava abafado, muito quente. Passei um pouco pelo quarto e sentei-me no divã. Lembro-me de tudo até ao último instante. Dava-me um verdadeiro prazer não encetar a conversa com Matriocha. Fiquei à espera, uma hora inteira e, de repente, foi ela quem saltou de trás do biombo. Ouvi o barulho dos pés dela a assentarem no chão quando saltou da cama, depois os seus passos bastante rápidos, e ei-la à entrada do meu quarto. Olhava para mim em silêncio. Durante aqueles quatro ou cinco dias que não a tinha visto de perto, emagrecera realmente muito. Parecia que a cara se lhe tinha ressequido, e a cabeça devia estar-lhe a arder. Os seus olhos tinham ficado maiores e olhavam fixamente, como numa curiosidade lorpa, segundo me pareceu a princípio. Eu estava sentado num canto

do divã, olhava para ela e não me mexia. Então, de rompante, voltou a invadir-me o ódio. Reparei, no entanto, que ela não estava com medo nenhum de mim, ou talvez estivesse em delírio. Mas nem era isso. De súbito, pôs-se a apontar para mim com a cabeça, repetidamente, como se faz para exprimir grande censura, e de repente levantou o punhozinho e pôs-se a ameaçar-me com ele. No primeiro momento, este gesto pareceu-me cômico, mas depois já não podia suportá-lo: levantei-me e avancei para ela. No seu rosto, havia aquele desespero que, numa criança, é insuportável de ver. Não parava de brandir o punho com ameaça e de abanar a cabeça com censura. Aproximei-me muito dela e comecei a falar-lhe com cuidado, mas soube de imediato que ela não compreenderia as minhas palavras. Depois, súbita e rapidamente, tapou o rosto com as mãos, como daquela vez, afastou-se e pôs-se à janela, de costas para mim. Voltei para o meu quarto, deixando-a sozinha, e sentei-me também à janela. Não consigo perceber por que não me fui embora dali e resolvi ficar, como que à espera de alguma coisa. De repente, voltei a ouvir-lhe os passos velozes vi que saía pela porta para a galeria de madeira, donde havia uma saída para baixo pela escada. Corri de imediato para a minha porta, entreabri-a e tive tempo de ver que Matriocha entrou numa arrecadação minúscula, parecida com um galinheiro, ao lado doutro compartimentozinho. Passou-me pela cabeça uma ideia estranha. Fechei a porta e fui para a janela. Evidentemente, ainda não podia fazer fé em semelhante ideia, no entanto... (Lembro-me de tudo).

Um minuto depois olhei para o relógio e fixei a hora. Era quase o pôr do Sol. Por cima de mim zumbia uma mosca, que insistia em pousar-me na cara. Apanhei-a, segurei-a um pouco entre os dedos e deixei-a voar pela janela. Embaixo, entrou no pátio com grande barulho uma carroça. A uma janela, à esquina do pátio, cantava muito alto (e havia muito tempo) um artesão. Devia estar sentado com a sua obra, porque eu não conseguia vê-lo. Passou-me pela cabeça que, como ninguém me vira quando entreipelo portão e subi a escada, também não valeria a pena, quando estava para descer, ser visto por ninguém; por isso arredei a cadeira da janela. Depois, peguei num livro, mas larguei-o e pus-me a olhar para uma pequenina aranha vermelha em cima de uma

folha do gerânio, e caí em modorra. Lembro-me de tudo até ao último instante.

Tirei o relógio do bolso. Tinham-se passado vinte minutos desde que ela saíra. A minha suposição ganhava a forma de probabilidade. Mas decidi esperar mais um quarto de hora. Passou-me também pela cabeça que ela poderia ter voltado mas que eu não a ouvira; mas era impossível: era o silêncio dos mortos, podia ouvir o zumbido de uma mosca. De súbito, começou a bater-me com mais força o coração. Tirei o relógio: faltavam três minutos; aguentei-os sentado, embora o coração me batesse até doer. Então levantei-me de chofre, cobri-me com o chapéu, abotoei o sobretudo e olhei em volta, a ver se estava tudo nos lugares e não deixava marcas de ter estado lá. Aproximei a cadeira da janela, tal como estava antes. Por fim, abri devagarinho a porta, saí, fechei-a com a minha chave e dirigi-me para a arrecadação. A porta estava fechada, mas não à chave. Sabia que nem sequer havia ali fechadura, mas não quis abrir a porta, apenas me ergui nas pontas dos pés e espreitei por uma greta. No mesmo instante, enquanto me levantava na ponta dos pés, recordei que, quando estava sentado à janela a olhar para a aranhazinha vermelha, em modorra, pensava precisamente em como me ergueria nas pontas dos pés e chegaria com os olhos à altura da greta. Ao introduzir aqui este pormenor, quero provar iniludivelmente até que ponto eu estava no meu perfeito juízo. Demorei-me a espreitar pela fenda, porque lá dentro estava escuro, embora não completamente. Por fim, enxerguei o que era preciso... queria muito verificá-lo para ter a certeza.

Finalmente, decidi que podia ir-me embora e desci a escada. Não encontrei ninguém. Três horas depois, todos nós, sem as sobrecasacas, tomávamos chá nos quartos mobiliados, jogávamos cartas (umas cartas velhas), e o Lebiádkin recitava poesias. Contavam-se muitas histórias e, nem de propósito, era tudo interessante e engraçado, diferentemente da estupidez do costume. Estava também o Kiríllov. Ninguém bebia, embora houvesse uma garrafa de rum, apenas Lebiádkin bebericava de vez em quando. Prókhor Malov fez a observação de que “quando Nikolai Vsevolodovitch estava contente e

sem o seu ar entediado, todos os nossos ficavam animados e falavam com inteligência”. Isso gravou-se-me na memória.

Entretanto, cerca das onze, chegou correndo a filha do guarda-portão, mandada pela minha senhoria da Rua Gorókhovaia, com a notícia de que Matriocha se tinha enforcado. Fui com a moça e verifiquei que a senhoria nem sabia por que me mandara chamar. Vociferava, debatia-se, era um alarido, muita gente, a polícia. Deixei-me ficar um pouco no vestibulo e fui-me embora.

A mim, quase não me incomodaram. Perguntaram-me, aliás, o que tinha de ser perguntado, mas eu, além de dizer que a menina estava doente e que, nos últimos dias, delirava de febre, tendo eu sugerido que se chamasse o médico, por minha conta, nada mais podia acrescentar ao meu depoimento. Perguntaram-me também sobre o canivete e eu respondi que a mãe a tinha açoitado por causa disso, mas que tal não podia ter importância para o caso. Ninguém soube que eu tinha ido lá naquele fim de tarde. Sobre os resultados do exame médico não ouvi nada.

Passou-se uma semana sem eu lá ir, passando por lá, para entregar a casa, quando ela já tinha sido enterrada havia muito. A senhoria ainda chorava, embora já se atarefasse, como antes, com os seus farrapos e a sua costura. “Foi porque a ofendi por causa do seu canivete”, disse-me ela, mas sem grande censura. Rescindi o aluguel com o pretexto de que não podia continuar numa casa como aquela para receber Nina Savélievna. A mulher, à despedida, voltou a tecer louvores a Nina Savélievna. Ofereci-lhe cinco rublos acima da renda que paguei.

De uma maneira geral, naquele tempo, a vida, para mim, era muito enfadonha, até à loucura. O acontecimento da Gorókhovaia, quando passou o perigo, esqueci-o por completo, tal como tudo o resto daqueles tempos; apenas me vinha ainda à memória, com raiva, a maneira como eu me acovardara. Descarregava a minha raiva em quem calhava. Naquela mesma altura, sem qualquer motivo, começou a germinar na minha cabeça a ideia de estragar a minha própria vida, e

da maneira mais abominável que houvesse. Havia já um ano que eu sonhava em dar um tiro na cabeça, mas calhou-me uma coisa melhor. Uma vez, olhando eu para a coxa Mária Timoféevna Lebiádkina, que fazia alguns serviços nos quartos subarrendados, Mária Timoféevna que naquela altura ainda não tinha enlouquecido mas era simplesmente uma idiota exaltada, secreta e loucamente apaixonada por mim (o que foi descoberto pela minha turma), resolvi de repente casar-me com ela. A ideia do casamento de um Stavróguin com aquela misérrima criatura excitava-me os nervos. Era impossível imaginar coisa mais monstruosa. No entanto, não sei dizer se aquela minha decisão era motivada, mesmo inconscientemente (é evidente que tinha de ser inconscientemente!), pela raiva que se apoderara de mim devido à minha covardia ignóbil depois do caso da Matriocha. Francamente, acho que não. Em todo o caso, não me casei apenas em resultado de “uma aposta em bebidas no culminar de um almoço de bebedeira”. As testemunhas de casamento foram Kiríllov e Piotr Verkhovênski (este último, naquela ocasião, estava em Petersburgo); e também Lebiádkin e Prókhor Malov (já falecido). Mas a notícia do casamento nunca foi espalhada por ninguém: todos os referidos deram a sua palavra de honra de que guardariam segredo. Aquele silêncio sempre me pareceu uma ignomínia, mas até hoje não foi violado, embora a minha intenção fosse tornar pública a verdade; pois bem, faça-o também aqui.

Depois do casamento parti para a província, para a casa de minha mãe. Fui para me distrair, porque era insuportável. Na nossa cidade, criei então a imagem de que era louco — uma ideia que, até à presente data, não foi ainda desarraigada e que, indubitavelmente, me é prejudicial, o que explicarei mais adiante. Depois, parti para o estrangeiro, onde passei quatro anos.

Viajei pelo Oriente, em Atos aguentei de pé os ofícios noturnos de oito horas, visitei o Egito, vivi na Suíça, passei até pela Islândia; fiz um curso de um ano completo em Göttingen. No último ano, travei grande amizade com uma família russa de nobres em Paris e com duas meninas russas na Suíça. Há cerca de dois anos, em Frankfurt, ao

passar por uma papelaria, reparei, entre as ilustrações à venda, numa pequena fotografia de uma menina vestindo um elegante terno infantil, muito parecida com Matriocha. Comprei de imediato a fotografia e, chegado ao hotel, pu-la no console da lareira. Ficou lá durante uma semana sem eu lhe tocar ou a olhar uma única vez e, quando parti de Frankfurt, esqueci-me de a levar.

Aponto este fato precisamente para provar até que ponto era senhor das minhas recordações e até que ponto me tornei insensível em relação a elas. Rejeitava-as a todas, de vez, fazia-as desaparecer obedientemente de cada vez que o desejava. Sempre foi para mim um aborrecimento lembrar o passado e, ao contrário de quase toda a gente, nunca fui capaz de falar do passado. A prova é de que até da fotografia da Matriocha eu me esquecia em cima da lareira.

Há um ano, na primavera, quando viajava de trem pela Alemanha, deixei passar por distração uma estação onde deveria fazer o transbordo e segui por outra linha. Obrigaram-me a sair na estação seguinte. Passava das duas da tarde, estava um dia de Sol. Era uma minúscula cidadezinha alemã. Indicaram-me um hotel. Era preciso aguardar: o trem seguinte passaria às onze da noite. Até fiquei contente com a aventura, porque não tinha pressa nenhuma. O hotel, afinal, não prestava e era pequeno, mas rodeado de verdura e, por todo o lado, de canteiros de flores. Deram-me um quatinho pequeno. Comi bem e, como viajara toda a noite anterior, adormeci logo após o almoço, cerca das quatro da tarde.

Tive um sonho absolutamente inesperado, pois nunca tinha sonhado com nada semelhante. Em Dresden, na Galeria, existe um quadro de Claude Lorrain chamado, salvo erro, Ácis e Galateia segundo o catálogo; quanto a mim, sempre lhe chamei Século de Ouro, não sei bem por quê. Já o vira antes e, da última vez, três dias atrás, tinha-lhe dado, de passagem, alguma atenção. Pois foi esse o quadro com que sonhei, não enquanto quadro, mas enquanto cena real.

Era um recanto do arquipélago grego: ternas ondas azuis, ilhas e rochedos, costa florida, ao longe um milagroso panorama, o pôr do Sol magnético... é impossível transmiti-lo em palavras. Estava ali a memória do berço dos europeus, estavam ali as primeiras cenas da mitologia, o paraíso na Terra da humanidade... Oh, que belas pessoas viviam ali! Adormeciam e acordavam felizes e inocentes; as florestas enchiam-se das suas canções alegres; grande abundância de forças alimentava o amor e uma alegria ingênua. O Sol banhava estas ilhas de calor e luz, rejubilando por ter uns filhos tão belos... Sonho milagroso, sublime ilusão! Um sonho, o mais inverossímil de todos os sonhos, a que toda a humanidade, durante toda a sua existência, entregou todas as suas forças, em prol do qual sacrificou tudo, pelo qual morreram crucificados e assassinados os profetas, sem o qual os povos não querem viver e não podem sequer morrer. E toda esta sensação parecia ser vivida por mim no sonho; não sei com que sonhava exatamente, mas as rochas e o mar, os raios oblíquos do ocaso... parecia que eu continuava a vertido isso quando acordei e abri os olhos, úmidos de lágrimas, pela primeira vez na vida. Uma sensação de felicidade até então desconhecida atravessou-me o coração, quase dolorosamente. Era ao fim da tarde; pela janela do meu quartinho, através do verde das plantas no peitoril, irrompia o feixe oblíquo do último Sol, banhando-me de luz. Apressei-me a fechar de novo os olhos, como que ansiando voltar ao sonho terminado, mas de repente, no meio da luz muito forte, pareceu-me ver um ponto pequenino. O ponto tornava-se imagem e, de repente, vi, bem nítida, uma minúscula aranha vermelha. Lembrei-me logo dela, na folha do gerânio, quando se vertiam da mesma maneira os raios oblíquos do ocaso. Qualquer coisa me atravessou, soergui-me e sentei-me na cama... (Foi assim que aconteceu!).

Vi diante de mim (oh, não, não era real, quem me dera que fosse!), vi diante de mim Matriocha, emagrecida e com os olhos febris, tal qual estava naquele dia parada à entrada do meu quarto e, abanando a cabeça, levantava o punho pequenino contra mim. Nunca me apareceu nada de modo tão torturante! O mísero desespero de uma indefesa criatura de dez anos com uma mente ainda não

completamente formada, queme ameaçava (com quê? O que poderia fazer-me?) e que sem dúvida se acusava apenas a si mesma! Nunca me acontecera ainda nada de semelhante. Fiquei sentado até à noite, sem me mexer, esquecido das horas. Será a isso que se chama remorso, arrependimento? Não sei, ainda hoje não sei. Talvez, até hoje, a recordação do crime não me repugne. Talvez uma tal recordação continue dotada de algum agrado para as minhas paixões. Não — para mim apenas é insuportável esta imagem dela à porta, precisamente à porta, com o punhozinho erguido, apenas o ar dela naquele momento, apenas aquele abanar de cabeça. É isso que não consigo suportar porque, desde então, o imagino quase todos os dias. Não aparece por si, eu que faço surgir a imagem e não posso deixar de fazê-lo, embora também não possa viver com isso. Oh, quem me dera vê-la viva, nem que fosse numa alucinação!

Tenho outras recordações antigas, talvez mais fortes do que esta. Tratei uma mulher ainda pior, e morreu por causa disso. Em duelos, pus termo à vida de dois homens que não eram culpados de nada. Uma vez, fui mortalmente insultado e não me vinguei do ofensor. Tenho na consciência um envenenamento, premeditado e bem-sucedido, e de que ninguém tem conhecimento. (Se for necessário, revelo tudo).

Ora, por que razão nenhuma destas recordações me provoca nada de semelhante? Apenas ódio, e mesmo este provocado pela minha atual situação, quando outrora esquecia e afastava as recordações com sangue-frio.

Depois, vagueei durante quase todo o último ano, tentando distrair-me. Sei que, mesmo agora, poderia afastar de mim a mocinha quando quisesse. Como antes, domino perfeitamente a minha vontade. Mas o problema consiste em eu nunca ter querido fazê-lo, não o querer agora e nunca haver de o querer; não duvido disso. Será assim até enlouquecer.

Na Suíça, decorridos dois meses, consegui apaixonar-me por uma menina, ou melhor, consegui ter um daqueles ataques de paixão, um dos mesmos impulsos irrefreáveis que só outrora tinha, no princípio da vida. Senti a terrível tentação de cometer mais um crime, ou seja, cometer bigamia (porque já sou casado); mas fugi, a conselho de outra moça, a quem confessei quase tudo. Além disso, de modo nenhum o novo crime me livraria de Matriocha.

Foi assim que resolvi imprimir estas folhas e trazê-las para a Rússia em número de trezentos exemplares. Quando chegar a altura, envio-as para a polícia e para as autoridades locais; ao mesmo tempo, mando-as para as redações de todos os jornais com o pedido de divulgação, e para numerosas pessoas de Petersburgo, e, um pouco por toda a Rússia, que me conheçam. Simultaneamente, aparecerão traduzidas no estrangeiro. Sei que, juridicamente, talvez eu não seja incomodado, pelo menos em grande medida: sou eu mesmo a depor contra mim, ninguém apresentou queixa, não tenho acusadores; além disso, não existem provas do que confesso, ou são pouquíssimas. Além disso, existe a opinião enraizada sobre o desconcerto do meu juízo; finalmente, os meus familiares aproveitar-se-ão desta opinião generalizada e eliminarão toda e qualquer perseguição jurídica perigosa para mim. Declaro isto, a propósito, para provar que estou no meu perfeito juízo e consciente da minha situação. Porém, haverá os que vão saber tudo e olhar para mim, e eu para eles. E quantos mais forem, melhor. Se isso irá ser ou não um alívio para mim — não sei. Recorro a isto como a um derradeiro remédio.

Mais uma vez: se procurarem bem, dirigindo-se à polícia de Petersburgo, talvez encontrem alguma coisa. Aqueles populares talvez ainda estejam em Petersburgo. Lembrar-se-ão do prédio, de certeza. Era azul-claro. Quanto a mim, não saio daqui e, durante mais um ano ou dois ainda, estarei sempre em Skvoréchniki, herdade da minha mãe. Se me chamarem, compareço logo.

Nikolai Stavróguin.

•

A leitura durou perto de uma hora. Tíkhon lia devagar e talvez relesse mesmo algumas passagens. Durante todo este tempo, Stavróguin permaneceu sentado, imóvel e taciturno. Era estranho que aquele toque de impaciência, alheamento e como que delírio, que não lhe saíra da cara durante toda a manhã, quase tivesse desaparecido, cedendo lugar a uma serenidade e a uma espécie de sinceridade, o que lhe dava um ar quase digno. Tíkhon tirou os óculos e falou, com alguma cautela:

— Não será possível fazer neste documento algumas emendas?

— Por quê? Escrevi com toda a sinceridade — respondeu Stavróguin.

— Emendar um pouco o estilo.

— Esqueci-me de avisar o senhor que quaisquer palavras suas seriam inúteis; não vou adiar a minha intenção; não se dê ao trabalho de tentar dissuadir-me.

— Não se esqueceu, avisou-me ainda antes da leitura.

— Não interessa, repito-o agora: por mais fortes que sejam as suas objeções, não vou desistir da minha intenção. Repare que com esta frase manhosa ou nada manhosa (pense o que quiser) eu não quero insinuar que o senhor objete seja o que for e tente convencer-me — acrescentou, caindo por um instante no tom anterior; porém, logo a seguir, sorriu tristemente das suas próprias palavras.

— Eu nem sequer poderia objetar e, muito menos, pedir-lhe que desistisse da sua intenção. Esta sua ideia é uma grande ideia, uma ideia cristã não poderia exprimir-se de forma mais plena. Uma contrição não poderia ir mais longe do que aquilo que o senhor faz aqui, mas apenas se...

— Mas apenas o quê?

— Apenas se fosse uma verdadeira contrição e uma verdadeira ideia cristã.

— Isso, ao que me parece, são sutilezas. Que diferença faz? Escrevi com sinceridade.

— O senhor parece querer apresentar-se, de propósito, mais grosseiro do que desejaria o seu coração... — Tíkhon cada vez ousava mais. O “documento” deve tê-lo impressionado muito.

— “Apresentar-me”? Repito: não pretendia “apresentar-me” e, sobretudo, “exibir-me”.

Tíkhon baixou rapidamente os olhos.

— O documento provém mesmo do coração, mortalmente ferido... entendi bem?— continuou ele com uma premência e um ardor invulgares. — Sim, é uma contrição e uma necessidade natural do coração que levou de vencida sobre o senhor e o fez entrar num grande caminho, um caminho inédito. Porém, parece odiar à partida toda a gente que irá ler o que aqui vem escrito e desafiá-la para uma batalha. Se não tem vergonha de confessar o crime, por que se envergonha da contrição? Olhem para mim, diz o senhor; pois bem, mas como vai o senhor olhar para eles? Algumas passagens da sua narrativa são reforçadas pelo estilo: o senhor parece admirar a sua psicologia e agarra-se a todos os pormenores, apenas para espantar o leitor com uma insensibilidade que não tem. O que será isso senão um desafio orgulhoso lançado pelo réu ao juiz?

— Onde está o desafio? Eliminei todos os raciocínios diretamente ligados à minhapessoa.

Tíkhon não respondeu. Uma vermelhidão cobriu-lhe as faces pálidas.

— Deixemos lá isso — interrompeu Stavróguin bruscamente. — Permita que, por meu lado, lhe faça uma pergunta: há já cinco minutos que estamos falando disto— (apontou com o queixo para as folhas) —,

e não noto no senhor qualquer sinal de repulsa ou de vergonha... Parece que o senhor não é muito enojado!...

Não acabou e sorriu.

— Ou seja, o senhor gostaria que eu lhe exprimisse com a maior prontidão possível o meu desprezo. — Assim completou Tíkhon, com firmeza, a ideia. — Não lhe vou esconder nada: essa grande força ociosa, consumida pela nojeira, aterrorizou-me. Quanto ao crime em si, muita gente comete os mesmos pecados, mas vive em paz e sossego com a sua consciência, considerando-os mesmo erros inevitáveis da juventude. Há também os velhos que pecam da mesma forma, e até com divertimento e jocosidade. O mundo está todo cheio desses horrores. Ora, o senhor sentiu toda a profundidade do mal, o que raramente acontece com esta envergadura.

— Não me diga que começou a ter respeito por mim depois de ler estas folhas! — Stavróguin esboçou um sorriso torcido.

— Não lhe darei uma resposta direta. Só lhe direi que não há nem pode haver crime maior e mais terrível do que o seu contra aquela mocinha.

— Deixemos de medir as coisas aos palmos. Espanta-me a sua observação relativamente às outras pessoas e ao caráter vulgar de semelhante crime. Se calhar não sofro tanto como pretendo ao escrevê-lo aqui e, se calhar, realmente caluniei-me em demasia— acrescentou inesperadamente.

Tíkhon voltou a não responder. Stavróguin nem sequer pensou em ir-se embora, pelo contrário, caiu de novo, por instantes, naquele seu estado absorto.

— Ora, aquela menina — recomeçou Tíkhon com muita timidez —, com quem o senhor rompeu as relações na Suíça, onde... permita-me a pergunta... se encontra neste momento?

— Aqui.

De novo o silêncio.

— Talvez eu me tenha caluniado demais — repetiu Stavróguin. — Aliás, e uma vez que o senhor já reparou que se trata de um desafio da minha parte, que importa que os desafie com a grosseria da minha confissão? Obrigá-los-ei a odiarem-me ainda mais, só isso. Mas, para mim, é apenas um alívio.

— Ou seja, o ódio deles provocará o seu e, odiando, o senhor sentir-se-á mais aliviado do que se receber deles a compaixão?

— Tem razão. Sabe uma coisa? — Stavróguin riu-se de repente. — Ah, ah, ah, talvez me vão chamar jesuíta beato e hipócrita, não? Não é?

— É claro, haverá também essa opinião. Está para breve o cumprimento da sua intenção?

— Para hoje, para amanhã, para depois de amanhã, sei lá! Mas é para muito breve. Tem razão: acho que vem a calhar divulgar tudo de chofre e, precisamente, num momento de vingança, de muito ódio, quando os odiar sobremaneira.

— Responda, por favor, mas com franqueza, só a mim, apenas a mim: se alguém lhe perdoar por isto — (Tíkhon apontou para as folhas) —, não uma pessoa que o senhor respeite ou de quem tenha medo, mas um desconhecido, uma pessoa que o senhor nunca há de conhecer, uma pessoa que leia em silêncio, só para si, a sua terrível confissão... sentir-se-á aliviado com tal pensamento, ou ser-lhe-á indiferente?

— Aliviado — respondeu Stavróguin a meia-voz, baixando os olhos. — Se o senhor me perdoasse, sentir-me-ia muito aliviado — acrescentou inesperadamente e quase num sussurro.

— Com a condição de que o senhor me perdoa também — disse Tíkhon em tom compenetrado.

— Por quê? O que me fez o senhor? Ah, pois, trata-se de uma fórmula monástica, não é?

— Pelos meus pecados voluntários e involuntários. Ao pecar, cada homem peca contra todos os homens, e cada um tem pelo menos alguma culpa pelo pecado alheio. Não existe o pecado isolado. Ora, eu sou um grande pecador, talvez maior do que o Senhor Stavróguin.

— Vou dizer-lhe toda a verdade: desejo que o senhor me perdoe e, juntamente com o senhor, mais um, e mais outro... mas, que todos me perdoem, não... é melhor que todos me odeiem. Mas o meu desejo é para poder suportar isto com resignação...

— Mas não poderia suportar a compaixão de todos com a mesma resignação?

— Se calhar não poderia. O senhor apanha as ideias de uma maneira muito sutil. Mas... por que o faz?

— Sinto a grandeza da sua sinceridade e, é claro, sinto-me culpado por não saber achar o trato mais adequado para com as pessoas. Sempre senti que este é o meu maior defeito — disse Tíkhon com franqueza e sentimento, olhando Stavróguin nos olhos. — Falo assim porque temo por si — acrescentou. — O senhor tem diante de si um abismo quase intransponível.

— Tem medo de que eu não aguento? Que não suporte com resignação o ódio deles?

— Não só o ódio.

— O que mais?

— O riso — escapou a Tíkhon, como que involuntariamente, num meio sussurro.

Stavróguin embaraçou-se, cravou-se-lhe no rosto uma preocupação.

— Já o pressentia — disse. — Então, ao ler o meu “documento”, apesar de tão trágico, pareci-lhe uma pessoa muito cômica? Não se preocupe, não se acanhe... eu próprio o pressentia.

— Vai provocar o terror geral e, evidentemente, mais falso do que sincero. As pessoas apenas são medrosas diante daquilo que ameaça diretamente os interesses delas. Não falo das almas puras, essas ficarão aterrorizadas e acusar-se-ão a si mesmas, mas não estarão à vista. Ora, quanto ao riso, será geral.

— Acrescente a isso a observação de um pensador segundo a qual na desgraçalheia há sempre algum prazer para nós.

— É uma ideia certa.

— Entretanto, o senhor... o senhor mesmo... Surpreende-me como fala mal das pessoas, a repugnância com que se lhes refere — disse Stavróguin com certa raiva na voz.

— Acredite que falei mais de mim do que dos outros! — exclamou Tíkhon.

— É verdade? Será que a sua alma se alegra alguma coisa com a minha desgraça?

— Quem sabe? Talvez! Talvez!

— Chega. Indique-me em que, precisamente, sou ridículo no meu manuscrito. Eu sei em quê, mas queria que o senhor o apontasse com o seu próprio dedo. E diga-o o mais cinicamente possível, diga-o com toda a franqueza de que seja capaz. Quanto a mim, repito também que o senhor é um ser esquisito.

— Na própria forma desta grande contrição reside qualquer coisa de ridículo. Oh, não acredite que não vencerá! — exclamou de repente, quase com entusiasmo. — Mesmo esta forma vencerá — (apontou para as folhas) —, se aceitar sinceramente as bofetadas e as cuspidelas.

Afinal de contas, a cruz mais vergonhosa sempre se tem tornado numa grande glória e numa grande força quando a resignação do feito é sincera. Talvez o senhor até venha a ser consolado mesmo em vida!...

— Portanto, encontra o ridículo apenas na forma, no estilo? — insistia Stavróguin.

— Também no conteúdo. A fealdade matará — sussurrou Tíkhon, baixando os olhos.

— O quê? A fealdade? Que fealdade?

— Do crime. Há crimes verdadeiramente feios. Nos crimes, sejam eles quais forem, quanto mais sangue, quanto mais terror houver, tanto mais imponentes e, por assim dizer, rebuscados, eles são; mas há crimes vergonhosos, autêntico opróbrio, mas sem qualquer terror, por assim dizer demasiado deselegantes...

Tíkhon não acabou.

— Ou seja — continuou Stavróguin com emoção —, o senhor acha demasiado ridícula a minha figura beijando as pernas de uma garota suja... e tudo o que eu disse sobre o meu temperamento e... todo o resto... compreendo. Compreendo-o perfeitamente. E o senhor desespera por mim porque isso é feio, nojento, não, não propriamente nojento, mas vergonhoso, ridículo... e o senhor pensa que é isso, antes de mais, que eu não suportarei?

Tíkhon calava-se.

— Sim, o senhor conhece as pessoas, ou seja, sabe que eu, precisamente eu, não suportarei... Compreendo por que me perguntou sobre a menina da Suíça, por que perguntou se ela estava cá.

— Não está preparado, não está temperado — sussurrou timidamente Tíkhon, baixando os olhos.

— Ouça, Padre Tíkhon: quero perdoar a mim próprio, é este o meu objetivo principal, todo o meu objetivo! — disse de repente Stavróguin com uma admiração sombria nos olhos. — Sei que só neste caso a visão desaparecerá. É por isso que procuro um sofrimento desmedido, eu próprio o procuro. Não me assuste, por favor.

— Se tiver fé que poderá perdoar a si mesmo e conseguir esse perdão neste mundo, então terá fé em tudo! — exclamou Tíkhon com entusiasmo. — Como pode ter dito que não acreditava em Deus?

Stavróguin não respondeu.

— Deus perdoar-lhe-á a sua descrença porque o senhor venera o Espírito Santo semo conhecer.

— A propósito, Cristo não perdoará, pois não? — perguntou Stavróguin, e no tom da pergunta sentia-se um pequeno toque de ironia. — Porque foi dito no livro: “Mas qualquer que seduzir um destes pequeninos”... lembra-se? Segundo o Evangelho, não há nem pode haver maior crime. Neste livro aqui!

Apontou para o Evangelho.

— A este respeito, vou dar-lhe uma boa nova — disse Tíkhon com ar enternecido—: também Cristo perdoará se o senhor conseguir perdoar a si mesmo... Oh, não, não acredite, acabo de dizer uma blasfêmia: mesmo que não alcance a conciliação consigo mesmo e o perdão de si mesmo, Ele perdoará por causa da intenção e dos seus grandes sofrimentos... porque não há palavras nem ideias na língua humana para exprimir todos os caminhos e motivos do Cordeiro “até que os caminhos d’Ele não nos forem abertos”. Quem o abraçará, ao inabarcável, quem o compreenderá *todo*, ao infinito?

As comissuras dos seus lábios tremeram, como havia pouco, uma convulsão quase imperceptível percorreu-lhe o rosto. Aguentando durante uns momentos, não pôde mais e baixou os olhos.

Stavróguin pegou no chapéu de cima do divã.

— Virei mais uma vez, um dia — disse ele com um ar extremamente cansado. — Eu e o senhor... dou um alto valor ao prazer de conversar consigo e à honra... e aos seus sentimentos. Creia-me, compreendo que haja quem o aprecie tanto. Peço-lhe que reze por mim Àquele que o senhor ama tanto...

— Já se vai embora? — Tíkhon soergueu-se rapidamente, como se não esperasse pela despedida tão cedo. — Ora, eu... — parecia embaraçado —, queria fazer-lhe um pedido, mas... não sei como... e agora tenho receio.

— Ah, faça o favor. — Stavróguin sentou-se de imediato, com o chapéu na mão. Tíkhon olhou para o chapéu, para aquela pose, a pose do homem que de repente se tornara num homem de sociedade, mas também num homem em comoção e meio louco, com o ar de quem lhe dava mais cinco minutos para terminar o assunto, e embaraçou-se ainda mais.

— O meu pedido consiste simplesmente... é que o senhor... é que o Nikolai Vsevolodovitch (creio que é assim que se chama, não é?) tem de reconhecer que, se divulgar as suas folhas, vai estragar a sua vida... no sentido da carreira, por exemplo, e... de todo o resto.

— Da carreira? — Nikolai Vsevolodovitch franziu a cara com desgosto.

— Para que precisa de estragá-la? Não percebo por que é tão inexorável — concluiu Tíkhon quase numa súplica e com a consciência clara de estar sendo inconveniente. Na cara de Nikolai Vsevolodovitch refletiu-se uma impressão dolorosa.

— Já lhe pedi, e volto a dizer-lhe: todas as suas palavras serão inúteis... Aliás, de uma maneira geral, a nossa conversa começa a ficar insuportável.

Virou-se ostensivamente na poltrona.

— O senhor não está entendendo. Ouça-me e não se irrite. Conhece a minha opinião: o seu ato, se proviesse da resignação, seria o maior dos feitos cristãos, caso o senhor aguentasse. Mesmo que não aguentasse, o Senhor recompensá-lo-ia pelo sacrifício inicial. Tudo será recompensado: nenhuma palavra, nenhum movimento da alma, nenhum meio pensamento serão em vão. Mas quero sugerir-lhe, em vez deste ato, um diferente, ainda mais grandioso, uma coisa indubitavelmente grande...

Nikolai Vsevolodovitch esperava calado.

— Domina-o o desejo do martírio e do autossacrifício; supere também esse desejo, desista das folhas e da sua intenção... então, vencerá realmente tudo. Cobrirá de opróbrio todo o seu orgulho e o seu demônio! Sairá vencedor, alcançará a liberdade...

Os olhos dele como que se acenderam, ergueu as mãos numa súplica.

— O senhor, pura e simplesmente, não quer que haja escândalo, por isso arma-me uma cilada, meu bom Padre Tíkhon — murmurou Stavróguin com desgosto e desprezo, preparando-se para se levantar. — Em resumo, o senhor quer que eu ganhe juízo, talvez que me case e acabe a vida como membro do clube fino local, visitando o vosso mosteiro por altura de todas as festas. Muito bem, um epitímio! De resto, sendo o senhor um perito dos corações, talvez pressinta que será assim mesmo que a coisa se vai passar e, agora, só lhe resta pedir-me muito, por conveniência, porque é isso mesmo que eu quero ouvir, não é verdade?

E riu-se ostensivamente.

— Não, não é esse o epitímio, preparo-lhe outro! — continuou Tíkhon com ardor, sem prestar atenção aos risos e à observação de Stavróguin. — Conheço um *starets*,³⁸⁰ mas não é daqui, é de longe, eremita e asceta, e possuidor de tanta sabedoria cristã que nem eu nem

o senhor podemos imaginar. Eu dir-lhe-ei tudo sobre o senhor e ele atenderá aos meus pedidos. Junte-se a ele, em penitência e obediência, por uns cinco ou sete anos, ou tantos quantos o senhor achar necessários depois desses. Faça uma promessa a si mesmo, e pague com este grande sacrifício tudo o que anseia e, até, o que não espera alcançar, porque agora é incapaz de compreender o que obterá!

Stavróguin ouviu, muito sério, esta proposta de Tíkhon.

— O senhor, pura e simplesmente, sugere que eu tome hábito nesse mosteiro? Por mais respeito que tenha por si, devia prever uma coisa dessas. Devo confessar-lhe que, nos meus momentos de fraqueza, essa ideia já me tem passado pela cabeça: divulgar estas folhas e esconder-me das pessoas num mosteiro, pelo menos por algum tempo. A ideia é de tal baixeza que logo me fazia corar. Mas esta, de me tornar monge... é que nunca me passou pela cabeça, nem sequer nos momentos de medo mais pusilânime.

— Não precisa de entrar para o mosteiro nem de tomar hábito, seja apenas um noviço secreto, escondido, pode-se fazê-lo continuando, inclusivamente, a viver na sociedade...

— Deixe-se disso, Padre Tíkhon — interrompeu-o com asco Stavróguin e levantou-se da cadeira. Tíkhon também.

— O que tem? — exclamou de repente Stavróguin, quase assustado. Este, de pé diante dele, juntava as mãos numa súplica, e uma convulsão doentia, como se tivesse sido acometido por um grande susto, percorreu-lhe a cara.

— O que é isso? O que tem? — repetia Stavróguin, precipitando-se para o amparar. Pareceu-lhe que Tíkhon ia cair.

— Estou vendo... estou vendo como se fosse ao vivo — exclamou Tíkhon com uma voz de trespassar a alma e uma expressão de extrema amargura — que nunca, ó meu pobre rapaz perdido, que nunca estive tão perto do mais terrível crime do que neste momento!

— Acalme-se! — repetia Stavróguin, muito preocupado por ele. — Talvez eu ainda adie... tem razão, sou capaz de não aguentar e de cometer um novo crime, por raiva... é verdade... tem razão, vou adiar.

— Não, ainda antes de divulgar as folhas, e não depois, um dia antes, talvez, ou uma hora antes do grande passo, o senhor há de cometer um novo crime, à laia de remédio para *evitar* a divulgação das folhas!

Stavróguin até tremeu de raiva e quase de susto.

— Maldito psicólogo! — atalhou bruscamente, em fúria e, sem olhar para trás, saiu da cela.

Lista de personagens

Via de regra, os nomes russos são compostos de nome pessoal, patronímico³⁸¹ e sobrenome. O uso formal requer o nome seguido do patronímico (por exemplo, Aleksei Egórovitch); diminutivos são comumente usados entre familiares e amigos íntimos (como Dacha ou Dáchenka para Dária); uma forma abreviada do patronímico, usada apenas na fala, também sugere uma certa familiaridade (como Egóritch em vez de Egórovitch). Entre a aristocracia, que falava francês tão prontamente quanto o russo, as formas francesas de nomes eram usadas com muita frequência, preferindo-se assim *Julie* em vez de Iúlia. Para facilitar a leitura, inserimos aqui a lista dos principais personagens do romance seguida de uma breve descrição, pondo os apelidos, diminutivos ou nomes afrancesados entre colchetes. A lista está ordenada pelo sobrenome ou pelo nome (quando, no romance, o personagem é indicado apenas pelo nome e/ ou patronímico).

Agáfia [Agáfiuchka]: criada dos Lipútin, “uma mulherzinha desembaraçada, ágil e corada, dos seus trinta anos”.

Agacha: criada de quartos preferida de Varvara Petrovna.

Aleksei Egórovitch [Egóritch]: velho lacônico e pedante, criado de Stavróguin.

Aliona Frólovna:³⁸² ama de Praskóvia que criou Lisa.

Aliocha Teliátnikov: homem educado, funcionário aposentado e protegido do governador.

Andréev [*Andrejeff*]: comerciante local, “um grande esquisitão, arqueólogo autodidata, colecionador apaixonado de antiguidades

russas”. Do círculo.

Aníssim Ivanov: antigo servo de Gagánov.

Chátov,³⁸³ Ivan Pávlovitch [Chátuchka]: filho de Pável Fiódorov, mudou “radicalmente algumas das suas convicções socialistas [...] para o extremo oposto” no estrangeiro. É idealista russo, pobre, vive de pequenos trabalhos. Casou e separou com três semanas. É do círculo, mas dissidente da sociedade.

Chátov, Pável Fiódorov: falecido criado de Varvara, pai de Ivan Chátov e de Dacha.

Chátova, Dária Pávlovna: [Dacha, Dáchenka]: irmã de Chátov e protegida de Varvara, na casa de quem mora. Moça de bom coração e apaixonada por Nikolai.

Chátova, Mária Ignátievna [*Marie*]: mulher de Chátov, com quem ficou casada por apenas três semanas.

Chigaliov: cunhado de Virguínski, irmão da Senhora Virguínskaia e de “expressão tão sombria, carrancuda e sorumbática” e “orelhas longas”. Desenvolveu um sistema próprio de organização social muito admirado por Verkhovênski. Da sociedade.

Conde K...: amigo e protetor de Nikolai, personalidade muito influente em Petersburgo. Tem três filhas.

Drozdov, Ivan Ivánovitch: general amigo do velho Stavróguin, pai de Lisa. Falecido.

Drozdova, Praskóvia Ivánovna [Drozdeca, “mulher do decano”]: generala, amiga de infância de Varvara, mãe de Lisa. Drozdova pelo segundo casamento; Túchina pelo primeiro. Esclerosada.

Drozdov, Mavríki Nikoláevitch [*Maurice*]: capitão de artilharia, trinta anos, acompanhante e pretendente a Lisa e sobrinho do general.

Erkel: alferes muito jovem e fanaticamente devoto a Verkhovênski.

Fiódor Fiodorovitch [Fedka ou “Fedka Grilheta”]: criminoso fugitivo da Sibéria e antigo servo de Stepan.

Filíppov: senhorio de Chátov, Kirílov e do Capitão Lebiádkin.

Flibustiérov, Vassíli Ivánovitch: comissário da primeira esquadra, famoso pelo “seu zelo incomensurável, pelo seu ímpeto em tudo o que se referisse à atividade executiva e pelo seu estado de embriaguez inato”.

Fómuchka: criado.

Gagánov, Artémi Pávlovitch: filho de Pável, senhor de terras (Dúkhovo), amigo de Mavríki e homem orgulhoso, irritadiço e arrogante.

Gagánov, Pável Pávlovitch: decano ofendido por Nikolai. Do círculo.

G...v, Anton Lavrêntievitch: narrador da trama, servidor e muito próximo a Stepan. Do círculo.

Ivan Ossipovitch: velho governador da província e parente de Varvara.

Iliá Iliitch: chefe de polícia.

Karmazínov, Semion Egórovitch: famoso escritor, maduro, parente da governadora Vom Lembke.

Kartúzov: capitão e membro do clube.

Kapiton Maksímovitch: major, velho solteiro e agregado à sociedade.

Kirílov, Aleksei Nílitch: engenheiro, ateu, solitário e suicida de vinte e sete anos.

Lebiádkin, Ignat Timoféevitch: capitão do exército aposentado, irmão de Mária Timoféevna, “cunhado” de Stavróguin, admirador apaixonado de Lisaveta, amante de Madame Virguínskaia.

Lebiádkina, Mária Timoféevna [“Maria Desconhecida”, “A desconhecida”]: Irmã de Ignat, aleijada e louca que se casou secretamente com Stavróguin em Petersburgo.

Lipútin, Serguei Egórovitch [Vassílitch]: “Funcionário provincial, homem já de certa idade, grande liberal”, ateu, extremamente avarento, mexeriqueiro notório, casado com mulher muito mais nova. Do círculo e da sociedade.

Liámchin: judeu, pianista, pequeno funcionário dos correios. Do círculo e da sociedade.

Mária: criada.

Matriocha: menina de catorze anos, filha de populares russos, principal vítima de Stavróguin.

Nastássia [*Stasie*]: criada de Varvara e infinitamente dedicada a Stepan, cuidando dele como uma criança.

Pável: padre arcipreste.

Rózanov: médico militar e obstetra.

Semion Iakovlevitch: beato, profeta, misterioso, imprevisível.

Sloncewski: padre católico polaco, frequentador ocasional do clube

Stavróguin,³⁸⁴ **Nikolai Vsevolodovitch** [*Nicolas*]: filho de Varvara, libertino, ateu, duelista, “príncipe Harry”. Foi aluno de Stepan.

Stavróguina, Varvara Petrovna: viúva desde 1858 de um tenente-general de que estava separada. Aristocrática, rica, “livre pensadora”, é

protetora de Stepan e de Dária e financiadora dos encontros do círculo.

Tíkhon: ex-bispo ortodoxo, retirado no mosteiro de Bogoródski.

Tolkatchenko (sem nome ou patronímico): Maduro, estudioso do “povo”.Da sociedade.

Túchina, Lisaveta Nikoláevna [Lisa, *Lise*]: filha única de Ivan e Praskóvia, moça de vinte e dois anos, muito bonita e rica que foi aluna de Stepan.

Ulítina, Sófia Matvéevna: vendedora ambulante de livros.

Verkhovênski,³⁸⁵ **Stepan Trofímovitch** [“O velho”]: intelectual decadente chefe do círculo, preceptor de Nikolai e viúvo de doiscasamentos que é sustentado por Varvara.

Verkhovênski, Piotr Stepánovitch [Petrucha, *Pierre*]: filho de Stepan, mas criado por tias. É líder do grupo revolucionário e tem vinte e sete anos.

Virguínski: funcionário local, trinta anos, pobre, casado, “humanista”,membro do clube e da sociedade.

Virguínskaia [“a menina Virguínskaia”]: irmã de Virguínski e sobrinha de Kapiton Maksímovitch. Jovem, niilista e feminista.

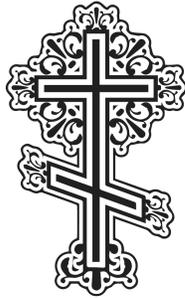
Virguínskaia, Arina Prokhorovna [Madame Virguínskaia]: mulher de Virguínski, amante de Lebiádkin.

Von Blum, Stepan Vissótski: funcionário do gabinete do governador.

Von Blum, Andrei Antónovitch: oficial, parente distante, homônimo completo e assistente mais próximo do governador Andrei Antónovitch von Lembke que “pertencia à estranha categoria dos alemães ‘desgraçados’”.

Von Lembke, Andrei Antónovitch [Lembka]: novo governador da província.

Von Lembke, Iúlia Mikháilovna [*Julie*]: mulher do governador, cinco anos mais velha que ele. Parente de Praskóvia. Adepta de “novas ideias”.



NOTAS DE RODAPÉ

[1](#) Data de acordo com o arcaico calendário juliano, vigente na Rússia antes da revolução comunista de 1917 e até hoje utilizado nas práticas religiosas da Igreja Ortodoxa Russa. Segundo o moderno calendário gregoriano, a data seria 11 de novembro.

[2](#) Do lado paterno, a família Dostoiévski pertencera à nobreza lituana. O nome de família vinha de uma pequena aldeia (*Dostoievo*, no distrito de Pinsk) concedida a um antepassado no século XVI. Em tempos difíceis, porém, a família ortodoxa caiu para a classe humilde do clero não monástico.

[3](#) A mais temida das prisões políticas do Império Russo.

[4](#) Segundo moderno calendário gregoriano, 9 de fevereiro.

[5](#) Segundo Joseph Frankl, biógrafo de Dostoiévski, a ideia central do título é a seguinte: “[...] somente quando o egoísmo da personalidade se expande ao máximo, somente quando alguém se torna de fato ‘um grande pecador’, que se pode apresentar com mais eficiência a sublimidade total da *imitatio Christi* — a grandeza do sacrifício voluntário da personalidade por amor. Esse sacrificar-se a si mesmo, na opinião de Dostoiévski, uniria a lei da personalidade à lei do ‘humanismo’”. In *Dostoiévski: Um escritor em seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed., 2018, cap. 29.

[6](#) *Ibid.*, prefácio.

[7](#) Henri Troyat, *Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Editora Americana, II, p. 98.

[8](#) Apud Joseph Frank, *Dostoiévski: Um escritor em seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed., 2018, cap. 42.

[9](#) *Ibid.*, cap. 45.

[10](#) Título dado ao filho do Czar que é o herdeiro do trono.

[11](#) Parte da metafísica que se ocupa da alma e de Deus — NT.

[12](#) “Coincidência entre os opostos”, teoria filosófica originada na escola pitagórica — NT.

[13](#) Nikolai Mikhailóvski (1842–1904), crítico literário, sociólogo e um dos principais teóricos do chamado partido dos *narodniki* no movimento oposicionista da Rússia — NE.

[14](#) Dmitri Merejkovski (1865–1941), escritor, poeta e crítico literário russo — NE.

[15](#) Apollon Nikolaievitch Máikov (1821–1897), poeta russo — NE.

[16](#) Fiódor Ivanovitch Tiútchev (1803–1873), poeta clássico, diplomata e publicista russo — NE.

[17](#) Konstantin Nikolaievitch Leontiev (1831–1891), diplomata, filósofo, escritor e crítico literário russo — NE.

[18](#) Oswald Arnold Gottfried Spengler (1880–1936), historiador e filósofo alemão conhecido sobretudo por sua obra *O declínio do Ocidente* (1918) — NE.

[19](#) Do russo “черносотенство”, transliterado “tchernosotenstvo”. Movimento político e paramilitar contrarrevolucionário e apoiador do regime czarista contra as revoluções que tentaram derrubá-lo — NT.

[20](#) Piotr Tchaadáev (1794–1856), pensador e publicista russo — NE.

[21](#) Mikhail Lermontov (1814-1841), poeta, escritor, dramaturgo e pintor russo — NE.

[22](#) Emprego aqui a palavra “humanismo” no sentido da auto-afirmação do homem, que não reconhece nada que lhe seja superior (1944).

[23](#) Em francês no original russo: romance que se propõe a ilustrar determinada tese, política ou filosófica — NT.

[24](#) Piotr Tchaadáev (1794–1856), pensador e publicista russo. Vissarion Belínski (1811–1848), crítico literário e publicista russo, lutador contra a servidão da gleba, pelo desenvolvimento da consciência social e, na literatura, adepto do realismo. Timofei Granóvski (1813–1855), historiador russo, representante da esquerda na corrente política liberal. Aleksandr Herzen (1812–1870), escritor, filósofo, publicista e revolucionário russo; emigrou em 1847 — NT.

[25](#) Charles Fourier (1772–1837), filósofo e sociólogo francês, chefe da escola falansteriana (vida em grupos — falanstérios —, trabalho livre, etc.) — NT.

[26](#) Do poema “Caça ao urso” de Nikolai Nekrássov (1821–1877) — NT.

[27](#) “Almas” eram servos da gleba do sexo masculino, pertencentes, com as respectivas famílias, a determinado senhor da terra — NT.

[28](#) Nestor Vasílievitch Kúkolnik (1809–1868), escritor, poeta e tradutor russo, autor de várias canções populares — NE.

[29](#) Alexis de Tocqueville (1805–1859), sociólogo, historiador e político francês, autor dos livros *Sobre a democracia na América*, *A velha ordem e a revolução*, etc. — NT.

[30](#) Paul de Kock (1793–1871), escritor francês; o seu nome tornou-se no protótipo para designar a literatura frívola — NT.

[31](#) Aleksandr Radíchev (1749–1802), escritor, filósofo e revolucionário russo — NT.

[32](#) Letra que, na ortografia antiga, era colocada no fim dos substantivos depois de consoante — NT.

[33](#) Passage de Steinbock na Petersburgo dos anos de 1860 era um local de reuniões da juventude progressista — NT.

[34](#) Alusão à polêmica mantida por Dmítri Píssarev (1840–1868), publicista, crítico literário, materialista e democrata revolucionário, contra a arte pela arte, a que opunha nos seus artigos avaliações anti-históricas e estritamente utilitárias da arte (“as botas são superiores a Púchkin”) — NT.

[35](#) “Trataram-me como a um velho barrete de algodão!” (francês) — NT.

[36](#) *Vek* [Século], revista mensal de Petersburgo, publicada entre 1861 e 1862. Lev Kambek, jornalista russo, editor de duas outras revistas — NT.

[37](#) “[...] pode cortar a minha vida ao meio” (fr.) — NT.

[38](#) Medida itinerária correspondente a 1.067 metros — NE.

[39](#) “Em qualquer país” (fr.) — NT.

[40](#) “No país de Makar e seus vitelos” (fr.). É aqui parafraseada uma expressão popular russa, “aonde Makar levava os seus vitelos”, ou seja, muito longe — NT.

[41](#) “Sou um [...] e nada mais! Mas n-n-nada mais!” (fr.) — NT.

[42](#) Naqueles seminaristas (fr.) — NT.

[43](#) Em 19 de fevereiro de 1861 o Czar Alexandre II assinou em Petersburgo o “manifesto” da abolição da servidão da gleba — NT.

[44](#) Nome dado ao camponês russo, antes da Revolução de 1917 — ne.

[45](#) “Komárinski”, ou “mujiue komárinski”, ou ainda “komárinskaia”, é uma cantiga e uma dança populares — NT.

[46](#) Elise Rachel Félix (1821–1858), atriz trágica francesa — NT.

[47](#) Aroma da imperatriz (fr.). Alusão a um perfume — NT.

[48](#) *Anton, o Infortunado* — livro de D. Grigoróvitch (1822–1899) que chamou a atenção da sociedade para a vida dura dos camponeses russos — NT.

[49](#) Um dos líderes da revolta camponesa provocada pelo descontentamento com a distribuição injusta das terras no momento da reforma de 1861. Foi preso e fuzilado — NT.

[50](#) Escola de São Pedro, fundada em Petersburgo ainda no século XVIII. Era uma instituição para rapazes que ministrava o ensino secundário alemão — NT.

[51](#) Para a nossa santa Rússia (fr.) — NT.

[52](#) Ígor (século X) foi grão-príncipe de Kíev e, durante o seu principado, dominou as tribos dos eslavos orientais — NT.

[53](#) Mas distingamos [façamos uma ressalva] (fr.) — NT.

[54](#) Trata-se de uma carta que Belínski escreveu a N. Gógol (1809–1852) por causa das ideias reacionárias que este exprimira na sua obra *Fragments escolhidos da correspondência com amigos* — NT.

[55](#) Seja dito entre nós (fr.) — NT.

[56](#) Ivan Krilov (1769–1844), poeta e fabulista russo — NT.

[57](#) Chátov faz uma alusão aos pregadores franceses do socialismo utópico — NT.

[58](#) Personagens da crônica *Henry IV*. Nesta peça de Shakespeare, o Príncipe Harry é filho do Rei Henry IV e futuro Rei Henry V, que, na juventude, leva uma vida leviana e divertida, mas na maturidade ficará à altura do cumprimento das suas obrigações de Estado — NT.

[59](#) *A Voz* — NT.

[60](#) Victor Considérant (1808–1893), socialista utópico francês — NT.

[61](#) O fourierismo era o sistema de Charles Fourier (1772–1837), filósofo e sociólogo francês — NT.

[62](#) Estimadíssima amiga (fr.) — NT.

[63](#) Estas intermináveis palavras russas! (fr.) — NT.

[64](#) Sabe, entre nós... Numa palavra (fr.) — NT.

[65](#) Para lhe mostrar o seu poder (fr.) — NT.

[66](#) Mas é muito curioso (fr.) — NT.

[67](#) As senhoras encantadoras (fr.) — NT.

[68](#) Sabe, os cantos e o livro de Jó (fr.) — NT.

[69](#) E mostrou o seu poder (fr.) — NT.

[70](#) Que ideia vermelha [estranha]! (fr.) — NT.

[71](#) Sabe... (fr.) — NT.

[72](#) E com uma arrogância... (fr.) — NT.

[73](#) A sério? (fr.) — NT.

[74](#) Minha boa amiga (fr.) — NT.

[75](#) Adorável criança! (fr.) — NT.

[76](#) E mais, como se encontram sempre mais monges do que razão (fr.) — NT.

[77](#) Palavra de honra, querida... (fr.) — NT.

[78](#) Irascível, mas bom (fr.) — NT.

[79](#) Oh, é uma história muito estúpida! Estava à sua espera, minha boa amiga, para lhe contar... (fr.) — NT.

[80](#) Todos os homens dotados e progressistas da Rússia foram, são e serão sempre uns [...] e uns [...] que bebem em *zapói* [*zapói* = bebedeira intensa, prolongada, que se repete sistematicamente]... (fr.) — NT.

[81](#) Meu caro, sou um (fr.) — NT.

[82](#) Mas é uma criança (fr.) — NT.

[83](#) Sim, tomei uma palavra por outra. Mas... é o mesmo (fr.) — NT.

[84](#) Sim, sim, sou incapaz (fr.) — NT.

[85](#) Este querido menino (fr.) — NT.

[86](#) Este querido filho (fr.) — NT.

[87](#) Tem uma cabeça tão frouxa (fr.) — NT.

[88](#) Mesmo assim é um pobre diabo (fr.) — NT.

[89](#) E, enfim, o ridículo... (fr.) — NT.

[90](#) Sou um forçado, um Badinguet, um [...] (fr.). Badinguet era um pedreiro francês, com a roupa do qual o futuro Imperador Napoleão III fugiu, em 25 de maio de 1846, da fortaleza em que fora metido pelo governo do Rei Luís Filipe. Em sentido figurado, pessoa fictícia, um testa de ferro — NT.

[91](#) David Teniers (1610–1690), célebre pintor flamengo — NT.

[92](#) Não quero saber! (fr.) — NT.

[93](#) Não quero saber e proclamo a minha liberdade. Para o diabo o Karmazínov! Para o diabo a Lembke! (fr.) — NT.

[94](#) O senhor vai apoiar-me, não é?, como amigo e testemunha (fr.) — NT.

[95](#) É o termo (fr.) — NT.

[96](#) Qualquer coisa do gênero (fr.) — NT.

[97](#) Lembro-me disso. Enfim (fr.) — NT.

[98](#) Era como um idiotazinho (fr.) — NT.

[99](#) Como! (fr.) — NT.

[100](#) Deste pobre amigo (fr.) — NT.

[101](#) O nosso irascível amigo (fr.) — NT.

[102](#) Trata-se do congresso da Liga da Paz e da Liberdade que decorreu em Genebra em 1867, com a participação de J. Garibaldi, V. Hugo, A. Herzen e M. Bakúnin. Depois de assistir a uma das reuniões do congresso, Dostoiévski escreveu uma carta, referindo-se pelos vistos ao discurso anarquista de Bakúnin: “Para começar, declararam que a instalação da paz na Terra exigia a destruição da fé cristã; a liquidação dos Estados grandes e a criação de pequenos; a liquidação de todos os capitais para que tudo fique propriedade comum, de acordo com as ordens, etc. O principal é o fogo e a espada, e quando tudo for destruído, instalar-se-á, na opinião deles, a paz” — NT.

[103](#) Mas isso passa (fr.) — NT.

[104](#) Chocado (fr.) — NT.

[105](#) Petchórin é a personagem central do livro *Herói dos nossos tempos* de Mikhail Lérmontov (1814–1841) — NT.

[106](#) ...do acidente. O senhor vai acompanhar-me, não é verdade? (fr.) — NT.

[107](#) Oh, Deus, que é tão grande e tão bom! (fr.) — NT.

[108](#) E começo a acreditar (fr.) — NT.

[109](#) Em Deus? Em Deus, que está no Céu e que é tão grande e tão bom? (fr.) — NT.

[110](#) Ele faz tudo o que eu quero... (fr.) — NT.

[111](#) Deus! Deus! [...] Por fim, um momento de felicidade! (fr.) — NT.

[112](#) A senhora e a felicidade chegam ao mesmo tempo (fr.) — NT.

[113](#) Povo de tipo mongólico das estepes contíguas ao mar Cáspio — NE.

[114](#) Eu estava tão nervoso e doente, e depois... (fr.) — NT.

[115](#) É um sonhador daqui. É o melhor e o mais irascível homem do mundo (fr.) — NT.

[116](#) E fará um favor... (fr.) — NT.

[117](#) Típica habitação camponesa russa, inteiramente construídas com tábuas e troncos de árvores —NE.

[118](#) Pão de trigo fino em forma de cadeado — NT.

[119](#) Aqui, palmo como antiga unidade de comprimento, equivalente a 0,225 m — NT.

[120](#) Enfim, é ridículo (fr.) — NT.

[121](#) Esse Maurice [...] um homem de bem, mesmo assim [...] esta pobre amiga... Enfim [...] esta querida amiga (fr.) — NT.

[122](#) Personagem de *Almas mortas*: uma proprietária rural inculta, desconfiada como uma camponesa, ridícula, mas ingênua — NT.

[123](#) Jogo de palavras. *Koróbotchka* significa caixinha; caixinha aumentada dá uma arca — NT.

[124](#) Este Lipútín, o que eu não compreendo (fr.) — NT.

[125](#) Sou um ingrato (fr.) — NT.

[126](#) Está tudo dito (fr.) — NT.

[127](#) É um anjo (fr.) — NT.

[128](#) Palavra de honra (fr.) — NT.

[129](#) Vinte anos (fr.) — NT.

[130](#) É um monstro; e afinal [...] (fr.) — NT.

[131](#) Tais pessoas supõem a natureza e a sociedade humana diferentes das que Deus fez e da maneira que elas não são na realidade (fr.) — NT.

[132](#) Mas falemos de outra coisa (fr.) — NT.

[133](#) Na Suíça (fr.) — NT.

[134](#) É estúpido, mas que fazer, foi tudo dito (fr.) — NT.

[135](#) Enfim, está tudo dito (fr.) — NT.

[136](#) Se o milagre existe? (fr.) — NT.

[137](#) [...] e que tudo seja dito (fr.) — NT.

[138](#) O que se chama o (fr.) — NT.

[139](#) Deixe-me, meu amigo (fr.) — NT.

[140](#) Bem vê (fr.) — NT.

[141](#) Referência a uma expressão do crítico Vissarion Belínski, ao caracterizar a obra de Nikolai Gógol: “Riso visível através das lágrimas invisíveis para o mundo” — NT.

[142](#) Braça e côvado são antigas unidades de medida que, respectivamente, equivalem a 1,82 m e 0,66 m — NE.

[143](#) Deturpação de uma poesia do poeta russo Afanássi Fet (1820–1892) — NT.

[144](#) Mas o que é que tem, Lisa? (fr.) — NT.

[145](#) Querida prima (fr.) — NT.

[146](#) Mas, minha querida e excelente amiga, em que inquietação... (fr.) — NT.

[147](#) Tique doloroso (fr.) — NT.

[148](#) Dachka é uma forma pejorativa do diminutivo Dacha — NT.

[149](#) Enfim, é um homem perdido e algo como um forçado evadido... (fr.) — NT.

[150](#) É um homem desonesto e creio até que é um forçado evadido ou qualquer coisa do gênero (fr.) — NT.

[151](#) Aleksei Ermólov (1772–1861), herói da Guerra Pátria de 1812 contra Napoleão; durante vários anos, foi comandante-em-chefe das tropas russas no Cáucaso — NT.

[152](#) Ivan Krilov (1769–1844), escritor, autor de fábulas e jornalista — NT.

[153](#) Denis Davídov (1784–1839), tenente-general, herói da guerra de 1812, escritor e poeta — NT.

[154](#) Piotr, meu filho (fr.) — NT.

[155](#) Grandes galerias comerciais de Petersburgo — NT.

[156](#) E tem razão (fr.) — NT.

[157](#) Os dezembristas eram revolucionários russos de origem fidalga que, em dezembro de 1825, se amotinaram contra a monarquia absolutista e a servidão da gleba. Foram implacavelmente reprimidos, sendo condenados à morte os seus cinco principais mentores e, quanto a todos os outros, foram deportados para a Sibéria, condenados a trabalhar nas minas — NT.

[158](#) Mikhail Lérmontov (1814–1841), poeta russo, oficial do exército. Foi morto num duelo — NT.

[159](#) [Meu] caro (fr.) — NT.

[160](#) Filho, filho querido (fr.) — NT.

[161](#) Ele ri (fr.) — NT.

[162](#) Adiante (fr.) — NT.

[163](#) Ivan Turguénev (1818–1883), escritor russo. É aqui mencionado o herói (Bazárov) do seu romance *Pais e filhos*, representante da “nova geração” de materialistas e niilistas — NT.

[164](#) Nozdriov é uma das personagens grotescas (proprietário provinciano burlão, jogador, amigo de festas e bebedeiras) do livro *Almas mortas* de Nikolai Gógol (1809–1852) — NT.

[165](#) É o termo (fr.) — NT.

[166](#) Fazer barulho à volta do seu nome (fr.) — NT.

[167](#) Ele ri. Ele ri muito, ele ri demasiado (fr.) — NT.

[168](#) Está sempre rindo (fr.) — NT.

[169](#) Tanto melhor. Adiante (fr.) — NT.

[170](#) Eu queria fazê-lo mudar de ideia (fr.) — NT.

[171](#) Essa pobre [...] que belas coisas ela vai ouvir (fr.) — NT.

[172](#) Há no meio disto tudo qualquer coisa de cego e de suspeito! (fr.) — NT.

[173](#) Eles, simplesmente, são todos uns mandriões (fr.) — NT.

[174](#) Sois uns mandriões! A vossa bandeira é um farrapo, uma impotência (fr.) — NT.

[175](#) Famoso quadro de Rafael Sanzio (1483–1520) — NE.

[176](#) Uma estupidez deste gênero (fr.) — NT.

[177](#) Ditos espirituosos (fr.) — NT.

[178](#) Não compreende. Adiante (fr.) — NT.

[179](#) *Keepsake* (inglês), é uma edição de luxo ilustrada — NT.

[180](#) *Skoptsi* (singular *skopets*, em russo, eunuco). Trata-se de membros de uma seita. Neste caso, trata-se de membros de uma seita religiosa, surgida na Rússia em finais do século XVIII, que procuravam a “salvação da alma” na mortificação do corpo. Dedicavam-se muito ao ofício de cambistas — NT.

[181](#) Associação Internacional dos Trabalhadores, primeira organização operária de alcance transnacional que atuou em Londres de 1864 a 1876 — ne.

[182](#) Heeckeren era embaixador holandês na Rússia entre 1826 e 1837; participou da intriga que levou A. Púchkin ao duelo e à morte — NT.

[183](#) Personagem burlesca do livro *Almas mortas* de Nikolai Gógol (1809– 1852) — NT.

[184](#) Stepan Rázin (1630–1671), líder de motins e de uma guerra camponesa. Foi executado em Moscou — NT.

[185](#) Literalmente, “não nobres”. Os “nobres” eram o primeiro estrato social (a fidalguia). Os “não nobres” (“populares” na nossa tradução) incluíam os artífices das cidades, os pequenoburgueses, etc.; abaixo deles, só os mujiques (camponeses) — NT.

[186](#) No seu livro *Cadernos da casa morta* (1860–1861), Fiódor Dostoiévski dá a explicação deste “termo técnico”: “Não se pode dizer que o fugitivo tencione libertar-se definitivamente — sabe que isso é quase impossível —, mas tem em vista ir parar a outra instituição, ou a um colonato, ou ser julgado de novo, por outro crime, cometido já na vagabundagem; em resumo, quer ir para qualquer lado menos para a prisão anterior, de que já está farto” — nt.

[187](#) Lebiádkin refere-se ao eremita Zossima, fundador do Mosteiro de Solovki (século xv) — NT.

[188](#) Citação incorreta de uma poesia do poeta Piotr Viázemski — NT.

[189](#) Nikolai Gógol menciona este conto na sua obra *Extratos da correspondência com os amigos*. Contudo, este conto, pelos vistos, nunca foi escrito — NT.

[190](#) Gavrila Derjávín (1743–1816), poeta russo. Aqui, é feita alusão a um verso da sua ode “Deus”: “Sou czar — sou escravo, sou verme — sou Deus!...” — NT.

[191](#) Grigóri Otrépiev (inícios do século xvii), usurpador que se fazia passar pelo filho Dmítri do Czar Ivan, o Terrível — NT.

[192](#) Fedka utiliza uma linguagem metafórica (mostrando a sua “erudição” prisional). Os objetos que roubou: o “abanador” é o turíbulo; a “solicitadora” é a Bíblia; o “ventrilho do diácono” é o *orarion*, estola comprida que passa pelo ombro esquerdo; a “barbela” é a *tsata*, em forma de crescente invertido, que faz parte do *oklad* (caixilho metálico do ícone) e cobre o queixo da imagem. (Fonte: Fiódor Dostoiévski, *Caderno Siberiano* N76) — NT.

[193](#) Romance de Nikolai Tchernichévski (1828–1889), revolucionário, filósofo e economista russo. Neste romance, descreve o autor a vida da “nova gente”, sendo o livro uma síntese de ideias político-sociais, filosóficas e éticas deste escritor, uma espécie de programa de ação da “juventude progressista”. As opiniões de Stepan Trofímovitch, em relação a isso, refletiriam pelos vistos a atitude dos círculos liberais em relação ao romance de Tchernichévski — NT.

[194](#) Ópera cômica do compositor francês D.-F. Auber (1782–1871) — NT.

[195](#) Ponte sobre o Rio Fontanka, em Petersburgo — NT.

[196](#) Igreja (alemão) — NT.

[197](#) Assim eram conhecidos os adeptos dos dois partidos principais da Inglaterra dos séculos xviii e xix, o conservador e o liberal — NT.

[198](#) Atividade tempestuosa (fr.) — NT.

[199](#) [...] grosseirão benfazejo (fr.) — NT.

[200](#) Referência ao livro *História de uma cidade*, de Mikhail Saltikov-Chedrin (1826–1889), sátira mordaz à vida da sociedade russa. “Glúpov” significa em russo “de parvos” — NT.

[201](#) Que um sangue impuro dessedente os nossos campos! (fr.) — NT.

- [202](#) Nem uma polegada da nossa terra, nem uma pedra das nossas fortalezas! (fr.) — NT.
- [203](#) Sim, pode permitir-se a comparação. Era como um pequeno cossaco do Don, que saltava sobre o seu próprio túmulo (fr.) — NT.
- [204](#) Capefigue, M. (1802–1872), literato francês, autor de obras históricas superficiais, sem valor científico — NT.
- [205](#) Esqueci-me (fr.) — NT.
- [206](#) A versta corresponde a 1060 metros. Aqui em sentido figurado — NT.
- [207](#) Está dito. A sorte foi lançada! (latim) — NT.
- [208](#) Da poesia “Era uma vez um cavaleiro pobre”, de Aleksandr Púchkin (1799–1837) — NT.
- [209](#) Citação da poesia “Herói” de Aleksandr Púchkin (1799–1837), onde se diz: “É-nos sagrada aquela frente / sobre a qual se acendeu aquela chama”. Nas palavras que se seguem, sobre a coifa, está contida uma alusão irônica às linhas iniciais da mesma poesia: “Mas a glória é caprichosa. / Como uma chama voa / pelas cabeças eleitas”.
- [210](#) Karl Vogt (1817–1895), naturalista e filósofo materialista alemão. Jacob Moleschott (1822–1893), fisiólogo e filósofo materialista alemão. Ludwig Büchner (1824– 1899), médico, naturalista e filósofo materialista alemão — NT.
- [211](#) Aleksandr Herzen (1812–1870), num dos fragmentos do seu livro *O passado e as reflexões*, conta que, em 1858, em Londres, tinha ido à casa dele “um jovem com aspecto de cadete” que lhe declarara que partiria para o Arquipélago das Marquesas para aí fundar uma colônia segundo os princípios socialistas — NT.
- [212](#) Falta de maneiras (fr.) — NT.
- [213](#) Sem que pareça isso (fr.) — NT.
- [214](#) Aleksandr Herzen (1812–1870), revolucionário, escritor, filósofo e publicista russo. Emigrou em 1847. Desde 1857, editou em Londres o primeiro jornal revolucionário russo, *Kólokol* (Sino) — NT.
- [215](#) Esclarecimento ao leitor (fr.) — NT.
- [216](#) Órgão da polícia política e da instrução de processos políticos na Rússia. Foi criado pelo Imperador Nicolau I em 1826 — NT.
- [217](#) Kondráti Riléev (1795–1826), poeta russo, um dos líderes do motim de 14 de dezembro de 1825. Foi executado — NT.
- [218](#) Um dos títulos eméritos na corte real — NT.
- [219](#) Antiga moeda alemã de prata — NE.
- [220](#) Sacerdote da igreja ortodoxa — NE.

[221](#) Eufemismo para se referir à gravidez — NE.

[222](#) Costume popular nos batizados russos — NT.

[223](#) Émile Littré (1801–1881), filósofo e filólogo francês — NT.

[224](#) Uma das lendas da seita dos *skoptsy* reza que o ascendente deles virá do Oriente para a Rússia, se instalará em Moscou, encabeçando vários povos e tribos de *skoptsy*, e começará a divulgar a sua doutrina inclusive no Ocidente, por todas as “terras francesas”. Eram próprias desta doutrina messiânica a apoteose profética, a ideia da possibilidade de encarnação do “espírito santo” em pessoas concretas que se tornavam “Cristo”, “Deus Sabaoth”, “Virgem” — NT.

[225](#) Finalmente, um amigo! (fr.) — NT.

[226](#) Compreende? (fr.) — NT.

[227](#) Desculpe, esqueci-me do nome dele. Ele não é da terra, [...] algo de estúpido e alemão na fisionomia. Chama-se Rosenthal (fr.) — NT.

[228](#) Conhece-o? Qualquer coisa de muito estupidificado e de muito contente de si na fisionomia, e no entanto de muito severo, rígido e sério. [...] disso percebo eu (fr.) — NT.

[229](#) [...] sim, lembro-me, ele empregou esta palavra (fr.) — NT.

[230](#) Ele mantinha-se à distância [...] enfim, tinha o ar de acreditar que eu me atiraria a ele e começaria a bater-lhe com violência. Todas estas pessoas de baixa extração são assim (fr.) — NT.

[231](#) Há vinte anos que me preparo para isto (fr.) — NT.

[232](#) Eu estava digno e calmo (fr.) — NT.

[233](#) [...] tudo isso, enfim (fr.) — NT.

[234](#) [...] e alguns dos meus esboços históricos, críticos e políticos (fr.) — NT.

[235](#) [...] sim, é isso (fr.) — NT.

[236](#) Ele estava sozinho, perfeitamente sozinho, [...] no vestíbulo, sim, lembro-me disso, e depois... (fr.) — NT.

[237](#) Eu estava sobre-estimado, bem vê. Ele falava, falava, montes de coisas (fr.) — NT.

[238](#) Eu estava sobre-estimado, mas digno, garanto-lhe (fr.) — NT.

[239](#) Sabe, ele pronunciou o nome de Teliátnikov (fr.) — NT.

[240](#) [...] que me deve ainda quinze rublos [...] diga-se de passagem. Enfim, não compreendi muito bem (fr.) — NT.

[241](#) [...] o que acha? Por fim ele concordou (fr.) — NT.

[242](#) [...] entre amigos, estou plenamente satisfeito (fr.) — NT.

[243](#) [...] os meus inimigos... e depois para que serve este procurador, este porco do nosso procurador, que já por duas vezes me faltou ao respeito e que no ano passado foi sovado a bel-prazer em casa da encantadora e bela [...], quando ele se escondeu no seu toucador. E depois, meu amigo (fr.) — NT.

[244](#) [...] quando temos coisas destas no quarto e nos vêm prender (fr.) — NT.

[245](#) Afaste-a (fr.) — NT.

[246](#) [...] e depois isso incomoda-me (fr.) — NT.

[247](#) É preciso estar preparado, bem vê [...], de um momento para o outro... (fr.) — NT.

[248](#) Isso data de Petersburgo (fr.) — NT.

[249](#) No original, *kibítka*: carroça comprida e de rodas altas, geralmente coberta com um toldo — NE.

[250](#) Néstor Kúkolnik (1809–1868), escritor russo, com ideias monárquicas e em conformidade com o patriotismo oficial. Varvara Petrovna, apaixonada na adolescência pelo retrato deste poeta, inventou para o seu amigo Stepan Trofímovitch um traje parecido com o do poeta no retrato (ver “Parte I”) — NT.

[251](#) O senhor está igualando-me a essa gente! (fr.) — NT.

[252](#) [...] com esses espíritos fortes da covardia! (fr.) — NT.

[253](#) Sabe [...] farei lá um escândalo qualquer (fr.) — NT.

[254](#) A minha carreira acabou hoje, sinto-o (fr.) — NT.

[255](#) O que sabe o senhor (fr.) — NT.

[256](#) Cidade do norte da Rússia, porto fluvial (Rio Dviná do Norte) e marítimo (Mar Branco). Lugar de deportação — NT.

[257](#) [...] que dirá ela (fr.) — NT.

[258](#) Ela suspeitará de mim toda a sua vida (fr.) — NT.

[259](#) É inverossímil... E depois as mulheres (fr.) — NT.

[260](#) É preciso ser digno e calmo com Lembke (fr.) — NT.

[261](#) Oh, creia-me, serei calmo! [...] à altura de tudo o que há de mais sagrado... (fr.) — NT.

[262](#) Vamos! (fr.) — NT.

[263](#) Carruagem ou grande trenó russo, puxado por três cavalos — NE.

- [264](#) “Tudo corre pelo melhor no melhor dos mundos possíveis” (fr.) — NT.
- [265](#) Ver nota 91, p. 415 — NE.
- [266](#) [...] soou a minha hora (fr.) — NT.
- [267](#) Forma oficial e antiga do patronímico (aqui, em vez de “Trofímovitch”) — NT.
- [268](#) Só faz asneiras (fr.) — NT.
- [269](#) Excelente amigo (fr.) — NT.
- [270](#) Este homem querido (fr.) — NT.
- [271](#) Graça, chalaça (al.) — NT.
- [272](#) [...] e como se encontra por todo o lado mais monges do que razão (fr.) — NT.
- [273](#) Encantador, [esta dos] monges (fr.) — NT.
- [274](#) [...] e fiquemo-nos por aqui, meu caro (fr.) — NT.
- [275](#) Tentétnikov é uma das personagens de *Almas mortas* de Nikolai Gógol (1809–1852), um idealista sentimental, passivo e com falta de força de vontade — NT.
- [276](#) Aleksandr Radíchev (1749–1802), escritor, filósofo e revolucionário russo — NT.
- [277](#) [...] literalmente (fr.) — NT.
- [278](#) O quarto rei lendário de Roma — NT.
- [279](#) Herói do romance *Um herói dos nossos tempos*, de Mikhail Lérmontov — NT.
- [280](#) [...] é a estupidez na sua essência mais pura, algo como um simples elemento químico (fr.) — NT.
- [281](#) Agente provocador! (fr.) — NT.
- [282](#) [...] Deus lhe perdoe, meu amigo, e Deus o guarde (fr.) — NT.
- [283](#) [...] com o tempo (fr.) — NT.
- [284](#) [...] quanto a mim (fr.) — NT.
- [285](#) [...] esta gente pobre, às vezes, tem expressões encantadoras e cheias de filosofia (fr.) — NT.
- [286](#) Oh, são uns pobres pequenos biltres e nada mais, uns pequenos [...], é o termo (fr.) — NT.
- [287](#) Oh, ele ontem estava com tanto espírito (fr.) — NT.

[288](#) [...] que vergonha (fr.) — NT.

[289](#) *Góloss* (A Voz) (1863–1884) e *Birjevíe Vedomosti* (Notícias da Bolsa) (1861–1879) eram dois jornais russos centrais — NT.

[290](#) Vai perdoar-me, encantadora senhora, não é verdade? (fr.) — NT.

[291](#) [...] às crianças (fr.) — NT.

[292](#) [...] pobre mãe (fr.) — NT.

[293](#) Uma personagem do livro *Almas mortas* de Nikolai Gógol; é inculta e estupidamente desconfiada — NT.

[294](#) Citação da comédia *A desgraça de ser inteligente*, de Aleksandr Griboiédov (1795–1829) — NT.

[295](#) Voz do povo, voz de Deus (lat.) — NT.

[296](#) *Pólinka Sax* (1847), novela do escritor Aleksandr Drujínin (1824–1864), uma das primeiras obras das letras russas a tratar do direito das mulheres à liberdade de sentimentos — NT.

[297](#) É infeliz, não é? (fr.) — NT.

[298](#) Somos todos infelizes, mas é preciso perdoar a todos. Perdoemos (fr.) — NT.

[299](#) [...] vinte e dois anos (fr.) — NT.

[300](#) [...] em casa desse comerciante, se no entanto existe um tal comerciante (fr.) — NT.

[301](#) Mas sabe que horas são? (fr.) — NT.

[302](#) [...] e existe, a Rússia? Ah, é o senhor, caro capitão! (fr.) — NT.

[303](#) Duas etnias da região do Volga, consideradas na época como pouco civilizadas — NE.

[304](#) Fedka deturpa assim o nome Erkel — NT.

[305](#) Viva a república (fr.) — NT.

[306](#) Viva a república democrática social e universal ou... a morte! (fr.) — NT.

[307](#) Liberdade, igualdade, fraternidade ou a morte! (fr.) — NT.

[308](#) “De Kiríllov, fidalgo russo e cidadão do mundo” [...] fidalgo-seminarista russo e cidadão do mundo civilizado! — NT.

[309](#) [...] esse comerciante (fr.) — NT.

[310](#) Viva a estrada grande (fr.) — NT.

[311](#) [...] tenho ao todo quarenta rublos; ele pegará os rublos e, de qualquer maneira, matar-me-á (fr.) — NT.

[312](#) Graças a Deus (fr.) — NT.

[313](#) Da expressão francesa *laisser à la remise*, que significa desprezar, dar ao desprezo. Portanto: “Dei-o ao desprezo, e depois...” (fr.) — NT.

[314](#) [...] isso começa a ser tranquilizador. [...] é muito tranquilizador. [...] é tranquilizador no mais alto grau (fr.) — NT.

[315](#) [...] sou outra coisa (fr.) — NT.

[316](#) Sim, é assim que pode traduzir-se (fr.) — NT.

[317](#) É ainda melhor, tenho ao todo quarenta rublos, mas... (fr.) — NT.

[318](#) Isto é (fr.) — NT.

[319](#) 19 de fevereiro de 1861: dia em que o Czar Alexandre II assinou o manifesto da abolição da servidão da gleba — NT.

[320](#) Ela é que quis (fr.) — NT.

[321](#) Na isbá tradicional russa, é o canto onde estão os ícones — NT.

[322](#) [...] um dedal de aguardente (fr.) — NT.

[323](#) [...] um bocadinho de nada (fr.) — NT.

[324](#) Estou completamente doente, mas não é muito mau estar doente (fr.) — NT.

[325](#) [...] uma senhora e tinha o aspecto disso (fr.) — NT.

[326](#) [...] mas creio que é o Evangelho (fr.) — NT.

[327](#) A senhora é o que se chama (fr.) — NT.

[328](#) Não tenho nada contra o Evangelho (fr.) — NT.

[329](#) Ernest Joseph Renan (1823–1892), historiador de religião francês, acadêmico, filólogo — NT.

[330](#) Parece-me que toda a gente vai para Spássov... (fr.) — NT.

[331](#) Mas é uma senhora, e muito como deve ser (fr.) — NT.

[332](#) O torrãozinho de açúcar não quer dizer nada (fr.) — NT.

[333](#) O puro como deve ser (fr.) — NT.

[334](#) Ou seja, durante a defesa de Sevastópol na Guerra da Crimeia (1853–1856) — NT.

- [335](#) [...] ainda não tem trinta anos (fr.) — NT.
- [336](#) Esses velhacos, esses desgraçados!... (fr.) — NT.
- [337](#) Ora, estou sendo egoísta (fr.) — NT.
- [338](#) Mas o que é que este homem tem [quer] (fr.) — NT.
- [339](#) Mas, minha querida e nova amiga (fr.) — NT.
- [340](#) Mas que fazer, e estou encantado! (fr.) — NT.
- [341](#) Do polaco *bryczka*: carruagem ligeira, do tipo da caleche, com molas ou sem molas, aberta ou fechada — NT.
- [342](#) Gosto do povo, é indispensável, mas parece-me que nunca o tinha visto de perto. Stasie... escusado será dizer que também pertence ao povo... mas o verdadeiro povo (fr.) — NT.
- [343](#) Querida e incomparável amiga (fr.) — NT.
- [344](#) [...] querida inocente. O Evangelho... Veja, doravante vamos pregá-lo juntos (fr.) — NT.
- [345](#) [...] qualquer coisa de muito novo neste gênero (fr.) — NT.
- [346](#) [...] está comprovado (fr.) — NT.
- [347](#) [...] e àquela querida ingrata... (fr.) — NT.
- [348](#) Querida e incomparável, para mim uma mulher é tudo (fr.) — NT.
- [349](#) [...] isso torna-se demasiado frio. A propósito, tenho ao todo quarenta rublos e aqui está ele, este dinheiro (fr.) — NT.
- [350](#) [...] não falemos mais disso, porque isso me dói (fr.) — NT.
- [351](#) [...] porque temos muito que falar. Sim, tenho muito para lhe dizer, querida amiga (fr.) — NT.
- [352](#) Como, já sabe o meu nome? (fr.) — NT.
- [353](#) Basta, basta, minha filha [...] temos o nosso dinheiro, e depois... e depois o bom Deus. [...] Basta, basta, está atormentando-me (fr.) — NT.
- [354](#) Não faz mal, vamos esperar (fr.) — NT.
- [355](#) A senhora é nobre como uma marquesa (fr.) — NT.
- [356](#) [...] como no seu livro (fr.) — NT.
- [357](#) Basta, basta, minha filha (fr.) — NT.
- [358](#) Estou assim tão doente? Mas não é nada de sério (fr.) — NT.

- [359](#) Oh, lembro-me, sim, o Apocalipse. Leia, leia (fr.) — NT.
- [360](#) Apocalipse do Apóstolo São João 3, 14–17. O Ámen é Cristo — NT.
- [361](#) [...] partiremos juntos (fr.) — NT.
- [362](#) [...] neste livro (fr.) — NT.
- [363](#) [...] uma comparação (fr.) — NT.
- [364](#) Sim, esta Rússia que eu sempre amei (fr.) — NT.
- [365](#) [...] e os outros com ele (fr.) — NT.
- [366](#) [...] compreenderá depois (fr.) — NT.
- [367](#) Compreenderá depois... Compreenderemos juntos (fr.) — NT.
- [368](#) Olha, um lago (fr.) — NT.
- [369](#) E pregarei o Evangelho (fr.) — NT.
- [370](#) É um anjo... Tem sido mais do que um anjo para mim (fr.) — NT.
- [371](#) Eu amava-a (fr.) — NT.
- [372](#) Amei-a toda a minha vida... vinte anos (fr.) — NT.
- [373](#) [...] uma hora (fr.) — NT.
- [374](#) [...] um caldo, um chá... ele está finalmente tão feliz (fr.) — NT.
- [375](#) Sim, meus amigos (fr.) — NT.
- [376](#) Toda esta cerimônia (fr.) — NT.
- [377](#) Padre, agradeço-lhe, e o senhor é muito bom, mas (fr.) — NT.
- [378](#) Eis a minha profissão de fé (fr.) — NT.
- [379](#) [...] muito pouco (fr.) — NT.

[380](#) O primeiro sentido da palavra é “ancião”. Aqui, é um monge-eremita com um estatuto especial (explicações mais pormenorizadas poderão ser encontradas pelo leitor no romance *Os irmãos Karamázov* de Fiódor Dostoiévski, Editorial Presença, 2021) — NT.

[381](#) A cultura russa é uma das poucas que manteve viva a tradição do patronímico, ou nome do meio, para se indicar a ascendência paterna. Em russo, flexiona-se tanto o patronímico quanto o sobrenome no masculino e feminino, terminando o patronímico em “-ович” (–*ovitch*) ou “-ич” (–*itch*) para os homens e em “-овна” (–*ovna*) para as mulheres. Assim, sendo Pável Fiódorov Chátov o nome do pai de Ivan e Dária, pode-se deduzir o patronímico e a flexão do sobrenome de seus filhos: Ivan Pávlovitch Chátov e Dária Pávlovna Chátova. Outro

exemplo: Fiódor [nome] Mikháilovitch [filho de Mikháil] Dostoiévski [sobrenome — o nome de casada de sua esposa ficou Anna Dostoievskaiia].

[382](#) Fato curioso é que esta personagem recebeu o nome de uma pessoa real, o da babá da família Dostoiévski.

[383](#) Chátov vem do verbo russo шататься (*shatat'sya*) que significa afrouxar, tornar-se instável, oscilar e, por extensão, cambalear e vacilar.

[384](#) O nome vem da palavra grega *staurós*, “cruz”.

[385](#) Verkhovênski sugere mais coisas em russo: *verkh* significa topo, cabeça, altura; *verkhovny* significa chefe, supremo; *verkhovenstvo* significa comando, liderança.